ENCICLOPÉDIA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

— A —

ABOMINAÇÃO DA DESOLAÇÃO. Designação enigmática encontrada em Mat. 24:15, emprestada de Daniel (11:31; 12:11), onde a frase correspondente aparece como “abominação desoladora”. Daniel predisse uma grande profanação do templo por um poder estrangeiro, em uma tentativa de substituir o verdadeiro sistema de culto por um falso. O gr. *bdelugma tes eremoseos*, “abominação da desolação”, em Mat. 24:15 é idêntico à tradução da LXX, (MS, 88) do heb. *shiqqûs shômem* em Dan. 12:11. Em Dan. 11:31 *shiqqûs meshômem* é traduzido como *bdelugma ton eremoseon.* (Compare *bdelugma ton eremoseon*, “Abominações assoladoras”, em Daniel 9:27; e *hamartia eremoseos*, “transgressão assoladora”, no cap. 8:13, ambas as expressões, sem dúvida, devem ser identificadas com *bdelugma tes eremoseos*, dos caps. 11:31 e 12:11). O heb. *shiqqûs* é um termo comum no A.T. que designa uma “deidade idolátrica” (e.g., Deut. 29:17; II Reis 23:24; II Crôn. 15:8; Ez. 37:23). Dizia-se que tais “abominações” colocadas no templo aviltavam e poluíam o recinto sagrado nos tempos do A.T. (Jer. 7:30; Ez. 5:11). O heb. *shamem*, a forma pela qual é traduzida “desolação”, (mais literalmente, “alguma coisa que torna desolado”) significa devastação causada por um exército invasor (Jer. 12:11), uma cena que cria um senso de horror na pessoa que a observa (Jer. 18:16). O heb. *pesha*, transgressão”, na expressão paralela “transgressão assoladora”, em Dan. 8:13 é usado para atos de *Apostasia e rebelião contra *Deus (Veja Amós 2:4, 6; Miq. 1:5).

Interpretação. Cerca de 100 a.C., o escritor de I Macabeus (Veja I Mac. 1:54, 59; cf. 6:7) identificou a “abominação desoladora” (*bdelugma eremoseos*) como um *Altar idolátrico erigido por Antíoco Epifânio, sobre o altar de ofertas queimadas no templo de Jerusalém em

168 a.C.. Cerca de 70 a.C., Josefo aplicou igualmente a profecia de Daniel a um “altar idolátrico”, construído sobre o “altar de Deus” (Josefo, *Antigüidades*, X. 11.7 [Loeb, 272-276]; XII 5 [Loeb, 253]. Em Mat. 24:15 (cf. Luc. 21:20-22), Cristo aplicou-a aos romanos, que, 40 anos mais tarde, em 70 A.D., invadiram Jerusalém e queimaram o templo, e no ano 130 A.D. ordenaram a construção de um templo a Júpiter Capitolino em seu lugar (*Cambridge Ancient History*, vol. XI, p. 313). Comentaristas judeus da Idade Média, tais como Ibn Ezra, de modo semelhante, aplicaram-na à obra dos romanos no primeiro século A.D. (L. E. Froom, *Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 2, pp. 210, 213). Irineus, Orígenes e outros escritores cristãos dos primeiros séculos aplicaram-na a um futuro *Anticristo (*ibid.*, vol. 1, pp. 247, 320, 366), como fizeram escritores católicos medievais posteriormente, tais como Villanova e Olivi (*ibid.*, pp. 752-754, 773). Pseudo Joaquim aplicou-a aos Papas de seus dias (*ibid.*, p. 728), Wyclif (*ibid.*, vol. 2, p. 58), Huss (*ibid.*, p.118), Lutero (*ibid.*, pp. 272, 277, 280) e vários comentaristas protestantes identificaram-na com o Papado ou com as práticas e doutrinas da igreja papal. *Guilherme Miller e provavelmente a maioria dos pregadores Mileritas fizeram o mesmo. A maioria dos comentaristas protestantes modernos aplicam a “abominação desoladora” ao culto idolátrico instituído por Antíoco Epifânio, enquanto que os comentaristas fundamentalistas consideram Antíoco Epifânio como um protótipo do homem do pecado que viria no futuro.

Interpretação ASD. *Urias Smith, comentarista pioneiro ASD, aplicou a disseminação das “abominações” de Dan. 9:27 aos eventos do ano 70 A.D., sob o domínio de Roma pagã, e a “abominação da desolação” ao Papado. (*RH*, 28 de fevereiro, 1871) Especificamente identificando “*O Contínuo” (diário) de Dan. 8:11; 11:31; 12:11 com o “paganismo” do Império Romano, e a “abominação da desolação” com o Papado, Smith aplicou a “remoção do contínuo” e a introdução da “abominação desoladora” em seu lugar ao estabelecimento da

supremacia papal sobre a dissolução do Império Romano, um processo que ele considerou completo por volta de 538 A.D. e um estado de eventos contínuos por 1.260 anos até a prisão do Papa Pio VI em 1798 (com base em Dan. 7:25 e 12:7). Smith identificou a *Ponta Pequena de Daniel 8 com Roma em suas duas fases, pagã e papal (*Daniel and Revelation*, 1882, ed., p. 202).

Comentaristas ASD contemporâneos semelhantemente identificam a "abominação da desolação" com os ensinamentos e práticas Papais não fundamentados nas Escrituras, tais como sacrifício da missa, confissão, veneração da virgem Maria, celibato sacerdotal e estrutura hierárquica da igreja — porém, enquanto alguns defendem a interpretação de Smith do "contínuo", outros compreendem que "o contínuo", substituído por essas práticas extrabíblicas, refere-se, na aplicação da profecia de Daniel na Era Cristã, ao ministério de Cristo como nosso grande Sumo Sacerdote no *Santuário Celestial. Eles igualam a "ponta pequena" ou "um rei de feroz catadura" (Dan. 8:9-14, 23), que estabeleceu a "transgressão desoladora", e o "rei do Norte" dos caps. 11 e 12, que estabeleceu a "abominação da desolação", com o "*Homem do Pecado", "mistério da iniqüidade" ou o "iníquo" de II Tess. 2:2-12; com o "anticristo" de I João 2:18; com a *Besta semelhante a um leopardo de Apoc. 13; com "mistério, *Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações da terra" de Apoc. 17. A "abominação" introduzida pelo poder apóstata, que consiste em práticas e ensinos não-bíblicos, é causadora de sua "queda" (literalmente, "apostasia") da verdade revelada nas Escrituras (II Tess. 2:3, 9-12), de suas "blasfêmias" (Apoc. 13:1, 5, 6); e do "vinho" de Babilônia (Apoc. 17:2). Na tradição histórica protestante, os ASD consideram que a Igreja de Roma e seus ensinos não fundamentados na *Bíblia são o cumprimento histórico dessas profecias.

ACADEMIA ADVENTISTA DE ARTE (ACARTE). Localiza-se na Estrada de Itapecerica, 22901, Km 23, São Paulo, SP, junto ao *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Segundo as instruções bíblicas dadas às escolas dos profetas, o IAE inclui, desde a sua fundação a música em seu currículo. O Prof. Paulo Hennig, primeiro docente da instituição, além de dar aulas de canto, formou um coral de 20 componentes. Havia então, na escola, apenas 3 harmônios.

Em 1918, a Profª. Margarida Steen veio reforçar o departamento, e trouxe o primeiro piano ao campus, sendo a primeira professora do instrumento.

Em 1919, a aluna *Isolina Avelino (Waldvogel) escreveu a letra para o primeiro hino da escola — *Minha Escola* — com a música do hino de uma escola americana. O objetivo principal do ensino de música era ensinar os hinos para serem cantados com capricho e exatidão, auxiliando o trabalho de evangelismo.

Em 1923, a família Steen retornou aos Estados Unidos e a direção do departamento de Música, bem como as aulas de piano ficaram sob a responsabilidade da Sra. Arabela Moors. Em 1933, o Prof. Flávio Monteiro introduziu o ensino do violino e, neste mesmo ano, organizou-se o primeiro conjunto de cordas.

Em 1939, com vinda do Prof. Walter Wheeler, o departamento teve novo impulso para o progresso. Com a música do Colégio Adventista de Illinois e letra da Profª. Ruth Oberg Guimarães, foi instituído o hino oficial do colégio — *Meu IAE* — mais tarde revisado pela Profª. Ruth e pelo Prof. Siegfried J. Schwantes. Em 1945, começaram a surgir os quartetos masculinos e conjuntos femininos. O primeiro quarteto do IAE foi chamado “Quarteto Harmonia”, formado por Rubens Dias, Cláudio Belz, José A. Torres e Rodolfo Gorski. Em 1948, o Prof. Wheeler retornou à sua pátria deixando com o departamento de música farto

repertório do coral e um hinário com músicas especiais — “Coros Celestes”.

Até o ano de 1953, ainda não havia um lugar fixo para o departamento de música. Os alunos estudavam na capela, no refeitório ou em casa de professores que possuíam piano. Ao vagar uma residência, resolveram instalar o departamento de música ali. Em 1956, com a doação da família Schwantes, o departamento passou a ter sede própria. A inauguração do prédio, que passou a ser o Conservatório Musical Adventista, CMA, deu-se em 3 de abril de 1956, às 13:15h. Neste ano o CMA já contava 126 alunos.

Em 1963, o CMA adquiriu um órgão eletrônico, um passo bastante significativo. A cerimônia de inauguração contou com a presença do grande maestro e organista Ângelo Camim que em 1973 comemorou o 10º aniversário do conservatório com um magnífico recital oferecido ao público Iaense.

Em 1967, o CMA foi agraciado com a doação de instrumentos de iniciação musical — “Carl Orff” — e, posteriormente com os tímpanos doados pela República Federal Alemã — recebendo no ato da entrega a honrosa visita do cônsul que recebeu a gratidão da escola, ouvindo, em alemão, o hino de sua pátria.

O ano de 1966 foi um marco histórico para o CMA pois os cursos de música foram oficializados. Em 1968, formou-se a primeira turma de músicos: Ana Maria F. Santos Nascimento (piano), Dilza Ferraz A. Garcia e Eunice M. Garcia (canto). Em 1973, formou-se a orquestra chamada Pedagógica, formada quase exclusivamente de flautas doces sob regência do Prof. Gérson Gorski Damaceno.

Em 1980, o CMA passou a se chamar *Academia Adventista de Arte* (ACARTE). Atualmente a ACARTE oferece cursos de piano, violino, viola, violoncelo, clarineta, trompa, trombone, trompete, sax, flauta, marimba, percussão e musicalização infantil. Há também corais para as diversas faixas etárias: “Pequenos Cantores da Colina” para alunos de 1ª

a 4ª série do 1º Grau, "Coral Juvenil" para os alunos de 5ª a 8ª série do 1º Grau; "Coral Jovem" para alunos do 2º Grau e "*Coral Carlos Gomes" para alunos das faculdades, além da orquestra e da banda que sempre abrilhantaram as programações cívicas, sociais e, principalmente as religiosas.

O Colégio sempre teve departamento de Música, mesmo sem ter um prédio exclusivo para isso.

Paulo Hennig - Canto (1915-1920); Sra. Margarida M. Steen - Órgão (1919-1927); Sra. Gladys Taylor - Piano (1919); Alma Meyer Bergold - Piano e Órgão (1922-1931); Anna Mascarenhas - Piano (1924); Sra. Arabella Moor - Piano (1928-1934); Antonieta Grandmaison - Piano (1935); Theone Wheeler - Piano (1941); Maria de Falco de Brito (1942-1943); Werner Weber - Violino (1942-1944); Alice Schwantes (1944-1945); Walton Brown - Música (1945); Nair Villela Lima - Piano (1946-1947); Charles Pierce - Piano e Canto (1952-1955).

Diretores: Dean Friedrich (1956-1957); *Walter Nelson (1958); Flávio Araújo Garcia (1959-1974); Tércio Simon (1975-1976); Williams Costa Júnior (1977-1978); Orly Ferreira Pinto (1979-1983); Renato Gross (1984); Jaime Daniel (1985-   ).

ADECEANO, O. Periódico trimestral. Órgão Oficial da *Associação dos Diplomados pelo Colégio Adventista Brasileiro (ADCA), com sede no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), em São Paulo, SP.

Jornal-revista impresso, com um número variável de páginas, construída por editorial, artigos do redator, crônicas, reportagens, notas sociais, notícias sobre adeceanos, relatórios da entidades, etc.

Seus colaboradores são os adeceanos, membros associados do ADCA.

Foi criado em 1950 e alguns dos seus redatores foram: Miguel J. Malty (1950-1951); *Guilherme Frederico Denz (1952-   ); Josino

Campos (1957-); José Nunes Siqueira (1959-); Gideon de Oliveira (1960-).

Veja **Associação dos Diplomados pelo Colégio Adventista Brasileiro (A.D.C.A.).**

ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA. Veja **Igreja Local.**

ADOÇÃO. [gr. *huitheosia*, "adoção", "adoção como filhos", "colocação como filho".] Termo usado no N.T. para descrever o processo pelo qual o crentes em Cristo entra na condição de filhos do Pai (Rom. 8:15, 23; Gál. 4:5; Ef. 1:5). A figura foi certamente extraída da lei romana, de acordo com a qual um filho adotivo participava dos plenos privilégios gozados por um filho legítimo. O termo enfatiza o desejo de Deus de estender Seu terno amor sobre Seus filhos. Em Rom. 9:4, o chamado especial de Deus à nação judaica como Seu representante e filhos pela fé é chamada "adoção". Em Rom. 8:23, a palavra descreve "a redenção de nosso corpo" do pecado, dor e morte no *Segundo Advento de Cristo. Embora a palavra não se encontre no A.T., a prática da adoção era conhecida. Por exemplo, Moisés foi adotado pela filha de Faraó (Êx. 2:8-10) e Ester por Mardoqueu (Est. 2:7).

ADORNOS. Veja **Vestuário.**

ADULTÉRIO. As palavras hebraica e grega assim traduzidas descrevem especificamente o intercurso sexual de uma pessoa casada com alguém que não é um cônjuge legal. Sob a lei levítica, tal ato era punido pela morte (Lev. 20:10). Porém, o sétimo mandamento (Êx. 20:14) parece abranger a impureza sexual de qualquer espécie, seja por ato seja por palavra. Acréscimos tradicionais ao mandamento obscureceram a idéia de pureza moral imaculada e criam brechas para

padrões de conduta insinceros e culposos, mas em Seu sermão da montanha Jesus esclareceu a intenção do mandamento (Mat. 5:27, 28, 32).

O termo "adultério" é freqüentemente usado de modo figurado. Embora a fidelidade conjugal simbolize lealdade incondicional ao Criador, o adultério é o símbolo da transgressão humana do concerto com Deus, mediante idolatria ou outras formas de apostasia (Jer. 3:8, 9; Eze. 23:37; Os. 2:2; Mat. 12:39; Apoc. 2:22).

ADVENTISTA. (a) Original e corretamente, um membro do *Movimento Adventista (ou *Milerita) ou de qualquer das cinco corporações da Igreja Adventista que dele se originaram; (b) na linguagem dos Adventistas do Sétimo Dia (ASD), é um termo abreviado para "*Adventista do Sétimo Dia"; (c) em alguns dicionários, qualquer crente no "Adventismo", que eles definem vagamente como a doutrina da proximidade do *Segundo Advento e fim do mundo ou dos séculos. Os termos *Adventista* e *Adventismo* foram criados pelos Mileritas (Veja **Movimento Milerita**). Por conseguinte, esses termos são mais corretamente empregados na estrutura da escatologia Milerita, que inclui não apenas o ensinamento do próximo Advento pessoal de Cristo, mas também um corpo distintivo de doutrinas com os eventos ligados a ela. Compreendido deste modo, o Adventismo era e é distinto e não deve ser confundido com outras concepções sobre o Segundo Advento.

Definido no sentido impreciso da crença na proximidade do Segundo Advento o "Adventismo" não se originou nos Estados Unidos da América nem com o Movimento Milerita. Nos primórdios do século dezenove, nas ilhas e no continente britânico, houve grande reavivamento e interesse no breve retorno de Cristo em contraste com o ensino então dominante de que Cristo viria apenas após um futuro *Milênio. Os Mileritas, na América, eram parte distintiva do "*Despertamento do Advento" geral e consideravam a todos os que

defendiam a “proximidade do Advento” como irmãos, apesar das diferenças em outras áreas da doutrina. (Veja **Pré-milenismo**). Mais tarde, quando representantes do grupo de adventistas guardadores do *Sábado, na América, foram para o exterior, primeiro à Europa, encontraram outros esperando pelo Segundo Advento. Em muitas línguas, a expressão “Adventista” passou a ser usada por aqueles que não conhecem a origem da palavra, significando especificamente a igreja que ensina tanto a observância do sábado do sétimo dia como a preparação para o advento do Senhor, a saber, a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Nome descritivo adotado como nome denominacional em 1860 por uma ramificação dos Adventistas — os que especificamente, guardam o *Sábado. (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**, para saber das circunstâncias da adoção). As pessoas que primeiramente receberam o nome em 1860 foram já os Adventistas, não somente no amplo sentido da crença na proximidade da vinda de Cristo — pois muitos, nos idos de 1840 em todas as partes do mundo, criam nisto — mas também no sentido restrito de ter-se desenvolvido do *Movimento Milerita, que se tinha autodenominado *Adventista. Adotando o nome de *Adventistas Guardadores do Sábado*, distinguiam-se de outros dissidentes do Movimento Milerita.

Deste modo, a explicação popular de que o nome era reservado a alguém que crê no *Segundo Advento e observa o sétimo dia é superficial demais. Primeiro, há não-adventistas que observam o sétimo dia — os Batistas do Sétimo Dia. Segundo, o termo Adventista não inclui todos os que crêem no Segundo Advento (por exemplo, o Credo dos Apóstolos professa crença no Segundo Advento) assim como o termo *Presbiteriano* não designa só os que são dirigidos por presbíteros

ou o termo *Batista* aqueles que limitam o *Batismo à imersão dos crentes (que seriam ambos aplicados aos ASD).

O título todo “Adventista do Sétimo Dia” (ou o equivalente em várias línguas) é o nome oficial de uma denominação Cristã com um corpo específico de doutrinas, das quais sábado e o Segundo Advento são parte. Não aplica aos que (mais em pequenos grupos) guardam o sétimo dia e defendem a proximidade do Advento mas que diferem em outras doutrinas, e por isso não são parte da denominação. Por outro lado, não é negado aos que tenham a mesma fé mas que estejam separados por circunstâncias de uma ligação organizacional com o corpo dos ASD.

ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, IGREJA. Corporação cristã conservadora, mundial em extensão, evangélica em doutrina, não professando nenhum credo além da *Bíblia. Caracterizada por forte ênfase no *Segundo Advento, que ela crê estar próximo e observa o *Sábado bíblico, o sétimo dia da semana. Esses dois pontos distintivos são incorporados com o nome *Adventista do Sétimo Dia. A Igreja é administrada por uma organização democrática, desde Igreja local (Veja **Igreja Local**), Associações (Veja **Associação Local**) e Uniões (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**) até a *Associação Geral da IASD (AG), com suas 13 Divisões (Veja **Divisões**) em várias partes do mundo.

O total de membros em todo o mundo (7.498.653 em 1992) é distribuído aproximadamente como se segue: um quarto na América Latina; um quinto na África; um quinto na América do Norte; um décimo na Europa; um vinte avos na Austrália.

Doutrinas e Padrões. A IASD rejeitou firmemente adotar um credo ou confissão, preferindo basear todas as suas crenças na Bíblia. Porém, várias declarações de crenças gerais têm sido publicadas. (Veja **Declarações Doutrinárias da IASD;** e também os nomes das doutrinas). Ser *Membro da Igreja, por voto da *Congregação local,

envolve *Conversão e *Batismo por imersão, seguindo a instrução e aceitação das doutrinas da Igreja e padrões de comportamento, inclusive total abstinência de bebidas alcoólicas e fumo.

A mensagem ASD distintiva pode ser resumida como “o Evangelho eterno” — a mensagem cristã básica de *Salvação mediante a fé em Cristo — no conjunto das *Três Mensagens Angélicas de Apoc. 14:6-12 — o chamado para adorar o Criador, “pois é chegada a hora do seu *Juízo” e para tomar uma posição para *Deus na crise. Essa mensagem é resumida na frase, “os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (v. 12). Veja **Igreja Remanescente.**

Política e Organização. A administração da Igreja local é parcialmente de modelo Presbiteriano, embora os ministros não sejam escolhidos pela *Congregação, mas sejam escolhidos pelas Associações (ou missões, ou seções), compostas de várias igrejas. As atividades departamentais são supervisionadas por representantes da Associações. Várias Associações formam Uniões, e essas constituem a Associação Geral da IASD, a corporação administrativa mundial. O Comitê Executivo da Associação Geral funciona não somente mediante divisões administrativas geográficas mas também através de departamentos de orientação, comitês e comissões. Veja **Constituição da Associação Geral**.

A organização da Igreja representa sua composição internacional. O Comitê Executivo da *AG* inclui membros de todas as divisões (exceto a da China que é interrompida pelas condições mundiais e é completamente autônoma do restante da Igreja). Cada Divisão tem seu presidente (que é também vice-presidente da *AG*), seus oficiais e seu comitê executivo e representantes que pertencem ao Comitê Executivo da *AG*, servindo como uma espécie como um subcomitê que opera em sua própria seção do globo. A IASD opera em 204 países e ilhas, empregando 687 línguas.

Estatísticas. As estatísticas para 1992 são: igrejas: 36.032; membros: 7.498.653; colégios e universidades: 1.018; instituições de saúde: 461; fábricas de alimento: 33; ministros ordenados: 11.915; obreiros ativos: 128.725; professores: 15.576 (total).

História. *Precursores.* Os ASD são, em termos de doutrina, herdeiros do *Movimento Adventista ou *Milerita dos anos de 1840; mas são herdeiros também de um despertamento geral anterior, em muitos países, de interesse no *Segundo Advento, do qual o movimento Milerita era uma parte (Veja **Pré-milenismo).**

Desenvolvimento da Denominação. O nome da denominação e a organização básica foram adotados entre 1860 e 1863. Porém o grupo que chegou então ao ponto da organização, tinha por alguns anos — desde 1844 — formado um corpo bem definido de indivíduos, grupos e igrejas locais, que estavam desenvolvendo e ensinando doutrinas que os distinguiam claramente dos outros.

Por volta de 1850, a fusão dos grupos dispersos de Adventistas guardadores do sábado na Nova Inglaterra e Nova Iorque foi assegurado por uma série de Associações (Veja **Congressos Sabáticos**) sob a liderança do casal *Tiago e *Ellen G. White e de *José Bates. Durante o período de 1848 até 1850, as diferenças foram resolvidas e o esboço principal das doutrinas em comum foi estabelecido. Assim formou-se o núcleo da IASD, anos antes de existir o nome da organização.

Em 1848, Tiago White, incentivado por sua esposa, começou a publicar o *Present Truth*, em Middletown, Connecticut; no ano seguinte, a *Advent Review* ("Revista Adventista"), em Auburn, Nova Iorque, e mais tarde em 1850 a **Review and Herald*, em Paris, Maine — mais tarde em Rochester, Nova Iorque, onde estabeleceu-se uma pequena casa publicadora. A *Review and Herald* tornou-se o órgão oficial da denominação. Em tudo isso, os conselhos de Ellen G. White deram

inspiração e Tiago White, a liderança, a maioria dos sermões, as publicações e a promoção.

A publicadora, operada primeiramente em Rochester, Nova Iorque, foi mudada para Battle Creek, Michigan, em 1855. Battle Creek logo se tornou a sede da denominação.

Durante a década de 1850, a elaboração das doutrinas se desenvolveu, em sua maior parte por artigos que tratavam de vários assuntos bíblicos, freqüentemente citados como respostas a opositores. *John N. Andrews, um jovem em seus vinte anos com tendência ao intelectualismo, escreveu inúmeros artigos sobre o *Sábado, o *Santuário, as Bestas de Apoc. 13 (Veja **Marca da Besta**), e outros assuntos proféticos. Seus artigos, bem formulados e bem escritos, formaram a base para folhetos posteriores e livros sobre esses assuntos. *Urias Smith, mais tarde conhecido por seus estudos em Daniel e Apocalipse, começou a escrever sobre as profecias.

Em uma reunião geral em Battle Creek em 1860, adotou-se o nome denominacional e foi formado um comitê para incorporar a publicadora. A publicadora ASD tornou-se uma corporação em 1861. Em 1861, as igrejas também de Michigan foram organizadas em uma "associação" (no sentido Metodista da palavra); mais tarde, outras associações foram formadas. Em 1863, realizou-se uma *Conferência Geral e estruturou-se uma constituição. Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da,** seções I e II.

Numerosas instituições foram estabelecidas na sede de Battle Creek — em 1866, o Instituto Ocidental de Reforma de Saúde, que em 1877 tornou-se o Sanatório Cirúrgico e mais tarde o Sanatório de Battle Creek; em 1874, o Colégio de Battle Creek; e em 1895, o Colégio Médico-Missionário Americano.

Em 1868, os evangelistas foram para o Oeste e iniciaram uma obra próspera na Costa do Pacífico. Na Nova Inglaterra, o evangelismo leigo foi promovido através de sociedades missionárias e de folhetos, iniciado

no fim da década de 1860 e organizado em uma base denominacional em 1874. Publicações em diferentes línguas eram impressas para o uso entre os estrangeiros nos Estados Unidos e a influência desse evangelismo espalhou-se (Veja **Publicações, Obra de**). No fim da década de 1860, os ensinos Adventistas foram levados para a Europa (Itália e Suíça) por um missionário não enviado pela denominação (Veja **Czechowski, Michael Belina)**, e grupos dos que aceitavam as doutrinas foram formados sem contato com o grupo original.

Em 1874, a *AG* enviou John Nevins Andrews para a Europa. Esse foi o início de uma expansão mundial. Ao os ASD entrarem em outras terras, eles encontraram pessoas que já esperavam o retorno de Cristo, e alguns que observavam o sábado, que se uniram ao movimento — Alemanha, Rússia, Argentina, Brasil e em outras partes.

No fim da década de 1870, foi iniciada a venda da literatura ASD de casa-em-casa, que levou as publicações ASD ao público em geral. Essa inovação foi tão bem sucedida que se tornou um dos métodos padrão de evangelismo (Veja **Colportor; King, George Albert**).

Na década de 1880, havia ASD espalhados das Ilhas Britânicas até a Rússia e da Escandinávia até a Itália, sendo a Itália o centro. Havia até mesmo um pequeno número na Turquia. Do lado oposto do mundo, Austrália e Nova Zelândia foram alcançadas, também a ilha de Pitcairn no médio Pacífico. Sentiu-se um início na África do Sul.

Nos anos oitentas (1880), o evangelismo alcançou a América Central (Honduras) e partes da América do Sul (Guiana Inglesa). Na década dos noventas, o navio missionário, *Pitcairn* iniciou contatos com várias Ilhas do Pacífico e alcançou-se a Índia e o Japão. Embora um missionário de sustento próprio tenha trabalhado em Hong Kong, a China não foi alcançada até a virada do século.

No anos iniciais do século vinte, a igreja estava em todo o mundo e também voltou suas atenções para a administração a fim de facilitar a obra nas áreas onde ela já tinha se estabelecido. As Associações Locais

foram unidas em uma área mais ampla, as Uniões (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**) durante o período de 1894 a 1901; em 1913, as Divisões (Veja **Divisão**) foram formadas em uma base continental.

Em 1901, o planejamento e controle sobre as várias fases da obra da Igreja tornaram-se mais centralizadas com a formação dos departamentos da Associação Geral no lugar de várias organizações independentes e um Comitê Executivo melhor representado assumiu a função de liderança. Em 1903, a sede foi mudada para Washington, D.C.

Em anos posteriores, como todas as partes do globo estavam determinadas às várias Divisões, novos territórios foram alcançados e tornaram-se bases para maiores expansões ao se desenvolver a liderança indígena. A Igreja se tornou verdadeiramente mundial em expansão, embora sempre desafiada por regiões posteriormente alcançadas. Seu crescimento é mostrado em uma tabela anterior de estatísticas históricas.

ADVENTISTA, REVISTA. Veja **Revista Adventista**.

ADVENTISTAS DAVIDIANOS E MOVIMENTO VARA DO PASTOR. Um ramo fundado por Victor T. Houteff, membro de uma Igreja ASD de Los Angeles, Califórnia, em 1929, popularmente chamada de "Vara do Pastor", segundo o título de sua primeira publicação. Sua organização tomou o nome de "Adventista do Sétimo Dia Davidianos" em 1942. Houteff, que se considerava divinamente inspirado e mensageiro de Deus, estabeleceu o assunto primário de seus ensinos em sua primeira publicação como segue:

> Esta publicação contém apenas um único assunto com uma lição dupla; isto é, os *Cento e Quarenta e Quatro Mil (Apoc. 7:4-9; 14:1) e um chamado para reforma (*A Vara do Pastor*, 1ª ed. 1930, vol. 1, p. 11).

Em maio de 1935, Houteff e 11 seguidores (inclusive crianças), migraram para Waco, Texas, e estabeleceram uma colônia em uma fazenda próxima a que se referiam como Centro do Monte Carmelo. Este centro deveria ser um quartel temporário para a reunião dos “144.000 selados”, preparatório para sua transferência para a Palestina como o reino restabelecido de Davi sob um regime teocrático, para dirigir o trabalho final do Evangelho sobre a terra antes do *Segundo Advento de Cristo.

Antes de sua morte em 5 de fevereiro de 1955, Houteff apontou sua esposa para que dirigisse seu rebanho até que o Senhor escolhesse outro profeta para que tomasse a responsabilidade. O *Tribune-Herald* de 27 de fevereiro de 1955, noticiou, pouco depois da morte de Houteff, que, por vezes, havia 125 pessoas vivendo no Monte Carmelo, incluindo crianças e alguns inválidos no lar de repouso.

Imediatamente após a morte de Houteff, a Vara do Pastor começou a se esfacelar em pequenos grupos. O principal, sob a liderança de Houteff, anunciou ao público, através da imprensa, que o período profético de 1.260 dias preditos em Apoc. 11 terminariam no dia 22 de abril de 1959; e que, naquela data, *Deus interviria de uma maneira notável na Palestina para expulsar judeus e árabes para o estabelecimento do reino Davidiano naquele país. Respondendo a um chamado oficial para se reunirem em Waco nos dias 16-22 de abril de 1959, em prontidão para se mudarem para a Palestina tão logo a Providência indicasse, muitas centenas de pessoas se reuniram no Centro do Monte Carmelo para esperar o cumprimento da predição. Quando a data passou normalmente, a maioria das pessoas — desapontadas, confusas, e embaraçadas — espalharam-se vagarosamente de Waco para recomeçar vida nova em outro lugar, à medida do possível. Alguns retornaram à Igreja ASD, alguns perderam totalmente a fé na *Bíblia e voltaram para o mundo, alguns se uniram a grupos pequenos, tais como “o Ramo” (que realmente enviou alguns

colonizadores para Israel em uma missão que terminou em fracasso). Alguns ficaram com os líderes de Waco para enfrentarem o futuro.

A Sra. Houteff e seus líderes associados publicamente reconheceram, em uma edição de 12 de dezembro de 1961 e 16 de janeiro de 1962, que o grupo da Vara do Pastor e seus ensinos particulares não eram sadios. Finalmente, em 11 de março de 1962, eles renunciaram, declararam a Associação Davidiana dissolvida, fecharam seu Centro do Monte Carmelo, e colocaram a propriedade à venda. Uns poucos dissidentes da Vara do Pastor, opostos entre si, ainda lutam para sobreviver.

Tragédia em Waco. O maior grupo do Ramo dos Davidianos se encontrava no Rancho Apocalipse no Monte Carmelo pertencente à seita, em Waco, Texas, EUA. Era liderado por David Koresh (Vernon Howell), 33 anos. Ele cresceu na IASD, demonstrando-se muito inteligente nas coisas da Igreja. Seus problemas começaram quando ele começou a ir para a escola, abandonando-a alguns anos depois. Apenas estudava a Bíblia e tocava violão.

Aos 18 anos, usando cabelos compridos e roupas muito informais, começou a freqüentar novamente a Igreja em Chandler, Texas. Mudou-se algum tempo para Waco e uniu-se ao Ramo Davidiano. Quando chegou, a seita era liderada por Lois Roden, uma senhora impopular entre os seguidores por afirmar que o Espírito Santo é do sexo feminino. Seu filho, George Roden aspirava à liderança do grupo, mas era também impopular. Howell logo conseguiu a simpatia do grupo por seu carisma e conhecimento da Bíblia. Em breve a liderança dos Davidianos foi posta em suas mãos. Isso se deu devido às novas pretensas “revelações” de Howell: ele era o sétimo anjo do Apocalipse destinado por Deus a trazer o fim do mundo. O fim do mundo viria quando Israel começasse a converter os judeus. A conversão causaria uma excitação mundial culminando com a invasão da Terra Santa pelas forças armadas dos EUA, ocorrendo o *Armagedom. Então Howell seria transformado em

um anjo guerreiro que limparia a terra, preparando-a para a Nova Jerusalém.

Ele realmente foi para Israel em 1980. Mas, como seus planos falharam, ele pôs em ação o Plano B: em 1990, mudou seu nome para David Koresh. Koresh é a forma hebraica de Ciro, o rei babilônico que libertou Israel. Abandonando a teoria do Apocalipse em Israel, começou a predizer que o fim seria no Texas. Os fiéis esperariam no Monte Camelo até o momento em que o exército americano traria o fim do mundo. Koresh levava o estigma de imoralidade sexual, mantendo relações sexuais com adolescentes, rebelião contra o governo e uso de bebidas durante os cultos. As condições higiênicas também eram das piores. Foi nesse ambiente que ocorreu o fim da seita.

O "Armagedom" teve início em 28 de fevereiro de 1993, quando agentes do Departamentos de Álcool, Tabaco e Armas dos EUA, foram informados de que os davidianos estocavam armas e munições. Além disso, Koresh foi acusado também de poligamia com as esposas e filhas dos fiéis, ingestão de cerveja durante os cultos e abuso sexual de crianças. Nesse dia, tentaram prender Koresh, porém, sem sucesso. Havia no local 120 homens, mulheres e crianças. O cerco se alongou por 51 dias de negociações com Koresh e Steve Schneider com o FBI, e os fiéis falavam em suicídio coletivo.

Na madrugada de 19 de abril de 1993, o FBI invadiu o rancho dos Davidianos. Porém, ao meio dia do dia 20 de abril, começou um incêndio que carbonizou 86 fiéis, entre eles crianças e o líder, David Koresh. Apenas 9 sobreviveram ao incêndio. Não se sabe se foi Koresh e seus seguidores que atearam fogo no rancho, ou se lanternas derrubadas pelo FBI provocaram o incêndio, como afirmaram os sobreviventes. O movimento ainda sobrevive em aproximadamente 10 grupos de 40 membros cada. Eles esperam alcançar o número 144.000 para irem a Jerusalém, e expulsarem os judeus e árabes para se estabelecerem definitivamente ali.

ADVENTO. Veja **Segundo Advento**.

ADVOGADO. [gr. *parakletos*, pessoa chamada para estar ao lado de alguém a fim de dar assistência ou conselho, “ajudador”, “intercessor”, “conselheiro”.] Termo que aparece uma vez na Bíblia, usada para Cristo em Seu ministério em favor de pecadores arrependidos (I João 2:1). *Parakletos* em suas outras ocorrências no N.T. (João 14:16, 26; 15:26; 16:7) refere-se ao *Espírito Santo e é traduzido como “Consolador” (ARA). Designação do Espírito Santo como “outro Consolador” em João 14:16 infere que Cristo tinha estado a servir Seus discípulos na mesma função — a de um “Consolador.” É difícil achar uma só palavra portuguesa que substitua perfeitamente os vários usos sugeridos por *parakletos*. Em I João 2:1, as funções de “intercessor”, “mediador”, “ajudador”, estavam provavelmente na mente do autor.

AGÊNCIA ADVENTISTA DE ASSISTÊNCIA E DESENVOLVIMENTO (ADRA) (Adventist Development Relief Agency). Envolve filantropia e projetos de desenvolvimento. Organizada com o objetivo de prestar ajuda com roupas, alimentos, medicamentos, abrigos e outros socorros às vítimas das grandes catástrofes, como: terremotos, furacões, enchentes, guerras, secas, fome, etc., em qualquer parte do mundo.

Conta com a participação de empresas, banqueiros e industriais, cujo objetivo é dar apoio e suporte às instituições adventistas regionais.

Ralph S. Watts Jr. é o líder mundial do Departamento de Assistência Social Adventista (ADRA) da *Associação Geral da IASD, nos EUA. Na *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) é dirigida pelo Pr. Haroldo Morán. (1994).

Uma atividade inédita da ADRA com recursos alimentícios da Europa na DSA, foi a realizada no município de Codó, no Estado do Maranhão, que é uma região de mais altos índices de população em pobreza

absoluta. Distante 300 Km. da capital, Codó é alvo do projeto da Comunidade Econômica Européia que, através da ADRA, levou esperança a 50 mil pessoas.

A ADRA da Alemanha é a mantenedora e responsável pelo projeto, e esta designou como diretor do mesmo, o Sr. Paulo Seidl e o Pr. João Cláudio do Nascimento como diretor executivo.

Foi organizada a distribuição de todos os alimentos. Também foi oferecido um treinamento que lhes permita alternativa de trabalho.

Seu início efetivo no Brasil foi em 1931, com o lançamento da lancha assistencial Luzeiro I, com o Pr. *Leo Blair Halliwell e sua esposa *Jessie Halliwell, nas águas dos Rio Amazonas. A partir daí várias pessoas tem recebido atendimento médico e alimentar em todo o país. Depois de 1960 o comandante da Luzeiro do Sul, realizou uma exposição de uma pintura da lancha Baía de Paranaguá, em Curitiba, PR.

Em 1966, foi repetida a exposição com a lancha com fatos e fotos da obra assistencial, a fim de levantar donativos para este trabalho. Neste mesmo ano a *Obra Filantrópica e de Assistência Social Adventista (OFASA) teve uma sede em Belo Horizonte, MG, onde foi instalada também uma clínica médica chamada Luminar.

Em 1967, a *União Norte-Brasileira da IASD recebeu a doação de uma avião anfíbio para as atividades assistenciais realizada pelas lanchas. O hidroavião foi batizado com o nome de *Leo Halliwell*. Muitos outros centros assistenciais foram inaugurados, os quais organizavam cursos de alfabetização de adultos, formação profissional, arte culinária, corte e costura, pintura em tecido e bordados artísticos, socorristas voluntários e outros. A Assistência Social Adventista (ASA) administrou os ambulatórios circulantes na transamazônica em convênio com o Funrural.

Em 1973, a *Missão Costa-Norte da IASD, vendeu o avião *Leo Halliwell* e comprou outros de mais capacidade. A ASA no Brasil, a OFASA nos países latino-americanos de fala espanhola e o *Seventh Day*

Adventist World Service (SAWS), nos EUA - Serviço Social Adventista Mundial. (Até 1972 recebia o nome de *Seventh-day Adventist Welfare Service* - Serviço Beneficente Adventista do 7º Dia), todos tem o mesmo propósito: prestar auxílio onde houver necessidade.

Em 1977, foi um ano de preparação. Estocaram roupas e medicamentos. Pela primeira vez as três Uniões Brasileiras participaram em convênio com o SAWS e em colaboração com a Superintendência Nacional de Abastecimento APD e Diaconia. A *União Sul-Brasileira da IASD foi a primeira a possuir o seu Centro Assistencial próprio.

No dia 23 de junho de 1981 a IASD comemorou o cinqüentenário do lançamento da lancha assistencial Luzeiro I, em 1931. Foi feito um carimbo comemorativo do jubileu da ASA no Brasil, solicitado à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos.

Em 1983, a Associação Geral organizou um novo departamento de Assistência Social, que passou a englobar o SAWS e o Setor de Projetos Especiais: a ADRA, patrocinando assim o serviço social adventista em todo mundo.

Com a ajuda de doadores norte-americanos, a ADRA construiu 26 igrejas em 1993 na região amazônica. São estruturas simples, sem sofisticação, desenhadas para conter entre 200 a 300 pessoas cada uma.

Nos dias 25 a 27 de agosto de 1994, foi realizado o I Encontro de Líderes da ADRA da *Associação Paulista Central da IASD sob coordenação do Pr. Daniel Pereira dos Santos, líder do setor. Ali partilharam idéias, experiências do trabalho e receberam instruções quanto à dinâmica das atividades.

AGREMIAÇÃO DOS OBREIROS ADVENTISTAS DE HORTOLÂNDIA (AJAH). A sede da sociedade localiza-se à Rua Schiaveto, 310, nas proximidades do *Instituto Adventista São Paulo (IASP). É uma Associação formada por obreiros jubilados adventistas residentes em Hortolândia, SP.

O objetivo da AJAH é desenvolver um melhor relacionamento entre os membros mediante a promoção de atividades religiosas, sociais, físicas, bem como imaginar meios que lhes possibilitem bem-estar e condições mais favoráveis.

Atualmente, a AJAH, tem sua sede própria em terreno da Obra ASD, doado gentilmente pela Prefeitura de Sumaré, SP.

As instalações da sede compreendem dois pavilhões de 7,5 metros de largura por 26 metros de comprimento, cada um. Segundo Moisés Nigri, essa é a primeira agremiação de obreiros jubilados que possui sede própria no mundo adventista. O pavilhão principal tem um salão de 7 x 18 metros, para reuniões regulares, mensais, a cada segundo sábado do mês, quando há um período de orações, palestras de médicos que dão orientações quanto à medicina preventiva, alimentação, exercícios físicos adequados para a terceira idade. Anexas, há ainda uma cozinha equipada com geladeira, fogão, etc. e ainda uma sala para secretaria e tesouraria. O outro pavilhão destina-se exclusivamente ao exercício físico dos idosos. Ali joga-se também malha e bocha. A agremiação promove também almoços de confraternização, excursões a instituições adventistas, parques, zoológicos e águas termais. Realiza-se programas juntos às igrejas, aos sábados, desde a *Escola Sabatina até o Programa JA — relatando experiências de como *Deus tem operado maravilhosamente através dos anos.

É notório que os jubilados que aprenderam a divina arte de envelhecer, ou seja, “viver vida longa, feliz e com saúde”, participando dos programas espirituais, sociais e recreativos, são os que seguem uma vida ativa junto às igrejas onde atuam, não confiando apenas na experiência do passado.

Os associados da AJAH seguem a filosofia contida em um dos pensamentos do *Espírito de Profecia que diz:

"Não vos jacteis pelo que fizestes no passado, mas mostrai o de que sois capazes agora. ... Mantende jovem vosso coração e espírito, mediante exercício contínuo". (II*ME*, p. 222.)

Em meados de 1979, já havia em Hortolândia cerca de 30 obreiros adventistas jubilados. Surgiu a idéia de fundar-se uma associação dos obreiros aposentados que residiam naquela região. A primeira reunião foi convocada para a efetivação do plano, no livro da secretaria da entidade:

> "Aos 4 dia do mês de agosto de 1979, às 20 horas, sob a presidência do Pr. Oscar Luiz dos Reis, indicado pela Assembléia, teve lugar na residência do Pr. *Paulo Marquardt, uma reunião das pessoas interessadas na criação de uma entidade que congregasse obreiros jubilados da *Igreja Adventista do 7º Dia, nesta região de Hortolândia".

Decidida a criação da referida entidade, ficou definido que a associação teria o nome de *Associação dos Jubilados Adventistas de Hortolândia — AJAH*, passando em 1985 para *Agremiação dos Obreiros Jubilados Adventistas*.

Uma vez definido o nome, passou-se à aprovação dos regulamentos que deveriam reger a entidade. O regulamento interno, foi aprovado por unanimidade e, em seguida, a assembléia procedeu a votação da diretoria para o ano de 1979 — o primeiro ano da sociedade. Foram indicados os seguintes nomes: Presidente: Oscar L. dos Reis; Vice-Presidente: Carlos Trezza; Vice-Presidente: Sesóstris C. Souza; Diretor Financeiro: Willy Baranski; Vice-Diretor Financeiro: Paulo Marquardt; Diretor Capelão: Honório Perdomo; Diretor Promocional: Lapim Nunes; Secretária: Lúcia Trezza; Vice Secretária: Zuleica Queiroz.

ALBUQUERQUE, JOÃO (1921-1978). Impressor da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu no dia 04 de setembro de 1921, em Bebedouro, SP. Em maio de 1943, casou-se com Ester Apolinário de Albuquerque, cerimônia realizada pelo Pr. *Luiz Waldvogel. Dessa união nasceram 3 filhas: Evani, Nanci e Dulci.

Em 08 de dezembro de 1937, foi admitido na CPB onde trabalhou 41 anos em vários setores da editora, sendo considerado um dos impressores do mais alto nível técnico. Faleceu no dia 7 de novembro de 1978, em São Paulo, aos 57 anos de idade.

ALELUIA. [gr. *alleluoia*, transliteração do heb. *halelû-yah*, “louvai a Jah”.] Uma interjeição piedosa que significando “louvai a Jah” ou “louvai ao Senhor” (Apoc. 19:1, 3, 4, 6). O termo é uma transliteração de uma forma imperativa do heb. *halal*, “louvar”, à qual é acrescentada a forma heb. *Yahweh*, o nome pessoal de Deus. A frase hebraica encontra-se várias vezes no A.T. hebraico, principalmente no “*hallel*”, isto é, nos salmos de “louvor”, mas é sempre traduzida como “Louvai ao Senhor”. Em muitos desses salmos, a exclamação aparece no início e no fim (Sal. 106; 113; 146-150), em outros apenas no início (Sal. 111; 112), e em outros no final (Sal. 104; 105). Essas expressões de louvor em tais salmos podem ter servido para alguns propósitos litúrgicos ou podem simplesmente ter sido usadas como expressões de profundo louvor e gratidão a Deus. Sendo que a expressão tem uma referência ao nome de Deus, seu uso comum ou irreverente seria proibido pelo terceiro mandamento.

ALFA E O ÔMEGA. [gr. A (*alpha*) e Ω (*omega*), a primeira e a última letras do alfabeto grego.] Título para Deus o Pai e para Cristo. Ocorre 4 vezes no livro de Apocalipse (1:8; 11; 21:6; 22:13) e na ARA apenas 3, omitindo a do verso 11 devido a fortes evidências textuais. Como o próprio João a explica, a expressão significa “o início e o fim”

(1:8). Ela infere que Deus é eterno — Ele sempre foi, Ele sempre será. Nos caps. 1:8 (cf. v. 4); 21:6 (cf. 20:11; 21:3, 5) o título é provavelmente descritivo de Deus o Pai, embora no capítulo 22:13 (cf. v. 6) refira-se claramente a Cristo.

ALIMENTOS. Veja **Dieta; Saúde, Princípios de.**

ALLEN, ALVIN NATHAN (1880-1945). *Pastor, Missionário na América Latina, professor e administrador. Nasceu em lar adventista e recebeu educação nos colégios de Battle Creek e Union em 1900 e 1901. Casou-se com Luella Emilu Goodrich em 1901. De seu casamento com Luella, nasceram: Winifred, casada com George Floodman; Ana, falecida em 1918; Ester, casada com Carlos Rentfro; Tadlock e Victor, falecido em 1915. Foram para Bay Islands e Honduras onde Luella e seus pais já atuavam como missionários. Juntos colportaram, lecionaram e pregaram. Em Honduras, Allen fez um curso de Odontologia. Em 1907, obteve uma licença e estudou no Washington Missionary College. Ali fez cursos rápidos de medicina. Em 1908, foi ordenado e enviado ao Peru como superintendente, médico, missionário e dentista. Sentiu o desejo de trabalhar entre os indígenas e seguiu para as regiões inóspitas do Peru, a fim de conhecer aquele povo tão sacrificado que habitavam uma região de 8.000 Km^2. Havia corredores íngremes distantes, muitos quilômetros uns dos outros, e por entre as montanhas. Os antigos possuíam objetos valiosos feitos de ouro e prata. Havia abundância de minérios preciosos na região o que despertou cobiça nos espanhóis que vieram explorar a terra e escravizar aquele povo que habitava as alturas da Cordilheira dos Andes. Organizou-se um trabalho educacional entre os índios, com o total apoio de Manuel Camacho, seu chefe. O governo apreciou o trabalho realizado pela Obra Adventista, que apoiou o início de uma escola em nível superior, que mais tarde tornou-se a Universidade União Incaica.

Entre os anos de 1914 e 1917, Allen dirigiu a Missão Cubana e depois foi presidente da Associação Carolina do Sul. Em 1917 assumiu a responsabilidade pelas relações de serviços de guerra, na União Sul (Estados Unidos) e pregou no Tennessee e Kentucky. Em 1920 foi para o México, onde trabalhou entre os índios de Techuantepec e entre os Sapotecos. Ao voltar aos Estados Unidos, organizou e dirigiu interinamente a Spanish-American Training School (Escola de Treinamento Hispano-Americana), escola de treinamento para falantes de língua castelhana, em Phoenix, Arizona.

Em 1926, veio para o Brasil e lecionou Bíblia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Foi chamado para trabalhar entre os *Índios Carajás, Javaés, Tapirapés, Xavantes, no Rio Araguaia, Ilha do Bananal e Rio Tapirapés.

Em 1938, Allen adoeceu e retornou aos Estados Unidos. Continuou trabalhando e pregando na Flórida, Kentucky, Tennessee e Califórnia, até poucas semanas antes de sua morte.

Faleceu em 1945 e foi sepultado em Redland, entre Los Angeles e São Francisco, no Estado da Califórnia, EUA.

ALMA. Os termos gregos e hebraicos traduzidos como "alma" têm muitas variações de significados. A primeira ocorrência da palavra hebraica *nephesh* é a de Gên. 2:7: "E formou o Senhor *Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida e o homem passou a ser alma vivente (*nephesh*)." "Alma" é a tradução mais comum do hebraico *nephesh* (de *nephash*, "respirar") e do grego *psyche*. Sendo que o fôlego é a mais notável evidência da vida, *nephesh* designa basicamente o homem como um ser vivente, uma pessoa. Neste sentido, o homem é uma alma, por exemplo, em Núm. 19:18, onde o plural de *nephesh* é traduzido como "pessoas".

Freqüentemente *nephesh* significa "vida" (I Sam. 20:1; 22:23; I Reis 3:11; etc.) é assim traduzida na KJV 119 vezes. Geralmente *nephesh* é

usada no lugar de um pronome pessoal, significando “eu”, “você”, “ele”, “ela” etc. (I Reis 20:32, “mim”; e em Jer. 17:21, “vocês”, etc.). *Nephesh* é também aplicado a animais (Gên. 1:20, 21, 24, traduzido como “criatura”, etc.). No N.T., a palavra grega *psyche,* “alma”, tem um significado semelhante, embora freqüentemente enfatize o consciente ou a personalidade.

Nem *nephesh* nem *psyche* conotam uma entidade imaterial ou imortal ou parte de um homem capaz de consciência independente de um corpo. Na morte, o homem pára de ser uma “alma vivente”. Seu espírito (Heb. *rûach)* retorna a Deus que o deu (Ecl. 12:7; Veja **Espírito**). “Neste mesmo dia perecem todos os seus desígnios” (Sal. 146:4). A existência consciente cessa na *Morte, pois “os mortos não sabem coisa alguma” (Ecl. 9:5).

O conceito de uma alma imortal no momento da morte, como um espírito sensitivo e inteligente com existência separada do *Corpo, entrou no pensamento judaico durante o período intertestamentário através da influência da filosofia grega. Durante os três primeiros séculos depois de Cristo, teólogos cristãos adotaram a idéia da mesma fonte, especialmente de Platão. De acordo com o historiador grego Heródoto, os gregos emprestaram este conceito dos egípcios (*History of The Persian Wars,* ii. 123*).* Esse conceito totalmente pagão eventualmente substituiu o significado Bíblico original de *nephesh* e *psyche* tão completamente que impregnou estes termos com uma significação totalmente estranha àquela estabelecida na *Bíblia por seus escritores. Este conceito popular é a base para várias doutrinas não-bíblicas, tais como a idéia de que ao morrer o homem vai para o céu, purgatório ou *Inferno e que os ímpios devem ser enviados para um inferno de fogo. As Escrituras ensinam que Deus “somente tem a imortalidade” (I Tim. 6:16), que o homem pode obtê-la somente em Cristo (João 3:16; II Tim. 1:10), que o homem pode receber o mérito deste dom quando aceita a Cristo (I João 5:10-12), e que a imortalidade

será concedida a todos os salvos simultaneamente na *Ressurreição e na *Segunda Vinda de Cristo (Rom. 2:7, 8; I Cor. 15:20-26, 51-54).

Desde o início, os ASD têm rejeitado o conceito pagão da imortalidade natural da alma, juntamente com as doutrinas derivadas dele e baseadas nele. Veja **Espírito; Imortalidade; Morte; Ressurreição; Vida Eterna.**

ALTAR. Veja **Santa Ceia**.

ALTO CLAMOR. A proclamação da mensagem de Apoc. 18:1-4, representada como sendo proclamada pelo *Anjo que vinha “do céu, que tinha grande autoridade”, e com sua glória “a terra se iluminou”. A frase reflete a declaração de que este anjo “exclamou com potente voz”. A mensagem proclamada pelo anjo é o chamado final de *Deus àqueles dentre Seu povo que ainda estão na *Babilônia para que saiam dela a fim de evitar serem participantes de seus pecados e de suas pragas. Essa mensagem é evidentemente dada antes do fechamento da *Porta da Graça, tendo em vista que ainda haja bastante tempo e oportunidade para o povo achar salvação fugindo de Babilônia. É também o apelo final do Céu para o homem, última mensagem relatada na *Bíblia, pois precede imediatamente as cenas terríveis da retribuição divina que marcam a transição dos reinos deste mundo para o reino de *Jesus Cristo.

Os ASD entendem que o anjo de Apoc. 18 une sua voz à do terceiro anjo do capítulo 14:9-11, em vista do fato de que a mensagem proclamada pelo último, em seu contexto, é também a última mensagem de Deus ao homem e precede imediatamente a vinda de Cristo e o julgamento final de Deus sobre a Terra. Este anjo, de igual modo, falava “com uma potente voz”. Conseqüentemente, os ASD, às vezes, misturam as duas em uma só mensagem à qual se referem como “o alto clamor do terceiro anjo”. O primeiro anjo de Apocalipse 14 anuncia a hora do

julgamento divino; o segundo anjo, a queda espiritual de Babilônia. O terceiro anjo adverte contra o Evangelho forjado de Babilônia.

A obra deste anjo vem, no tempo devido, unir-se à última grande obra da mensagem do terceiro anjo, ao tomar esta o volume de um alto clamor. (*PE*, 277).

Estes anúncios (Apoc. 18:1-4), unindo-se com a terceira mensagem angélica (cap. 14:9-11), constituem uma advertência final a ser dada aos habitantes da terra (*GC*, 610).

É uma mensagem do Céu pronunciando uma advertência final contra a Cristandade corrupta e apostatada, e que vai com tanto poder que a terra toda se ilumina com a sua glória (*Tiago White, **Review and Herald*, 15/01/1880). A terceira mensagem é para amadurecer a colheita da terra (Tiago White, *ibid.*, 11/06/1861).

Quanto à aplicação literal desta profecia simbólica, *Urias Smith escreveu:

O anjo não é literal, e não devemos supor que devamos ouvir uma voz literal soando pela terra, advertindo e proclamando essa mensagem. É simplesmente a verdade tomando seu rumo para todas as partes do mundo (*ibid.*, 31 de janeiro de 1878).

Este futuro desenvolvimento, *Ellen G. White descreveu em mais detalhes como segue:

Servos de Deus, com o rosto iluminado e a resplandecer de santa consagração, apressar-se-ão de um lugar para outro para proclamar a mensagem do Céu. Por milhares de vozes em toda a extensão da terra, será dada a advertência. ... Assim os habitantes da terra serão levados decidir-se. (GC, 617).

Os homens de todas as partes virão das igrejas apóstatas que compõem a Babilônia mística e se unirão ao remanescente de Deus (*PE*, 33). Todos os que "não haviam ouvido e rejeitado as três mensagens, obedeceram à chamada e deixaram as igrejas caídas." (*PE*, 278).

Sobre as crises nas quais o alto clamor culmina, a Sra. White escreveu posteriormente:

> Terrível é a crise para a qual caminha o mundo. Os poderes da Terra unindo-se para combater os mandamentos de Deus, decretarão que todos, "os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os servos" (Apoc. 13:16), se conformem aos costumes da igreja, pela observância do falso *Sábado. Todos os que se recusarem a conformar-se serão castigados pelas leis civis, e declarar-se-á finalmente serem merecedores de *Morte. Por outro lado, a lei de Deus que ordena o dia de descanso do Criador, exige obediência, e ameaça com ira divina todos os que transgridem os seu preceitos. Esclarecido o assunto, quem quer que pise a lei de Deus para obedecer a uma ordenança humana, recebe o sinal da *Besta; aceita o sinal de submissão ao poder a que prefere obedecer em vez de Deus (*GC*, 610).

Compare Apoc. 13:13-17. "Quando essa última trombeta do Evangelho soar" escreveu M. E. Cornell, "o tempo da graça acabará, e o eterno decreto sairá (Apoc. 22:11, citado). O destino de todos será então irrevogavelmente fixado" (*RH*, 10 de outubro1854). A porta da graça se fecha e as *Sete Últimas Pragas caem.

Veja também **Chuva Serôdia; Três Mensagens Angélicas**.

AMADON, MARTHA D. (BYINGTON) (1834-1937). A filha mais velha de *John Byington, a primeira professora de uma escola estabelecida em Buck's Bridge, Nova Iorque, com seu pai em 1853, que

é a primeira escola organizada para crianças ASD. Em 1860, ela se casou com George W. Amadon. Foi também a primeira diretora da Sociedade Beneficente Dorcas (Veja **Dorcas, Sociedade Beneficente**), e realizou muitas reuniões em sua casa em Battle Creek, onde costurava roupas para os carentes.

AMARAL, OSCAR FERRAZ DO (1908-1990). Ex-padre convertido ao Adventismo. Nasceu no dia 18 de abril de 1908 em Piracicaba, SP. Cursou Teologia no Seminário do Ipiranga, SP. Posteriormente, seguiu para a Itália onde estudou Filosofia. Retornando ao Brasil exerceu o sacerdócio católico em diversas cidades paulistas.

Em 1962 teve os primeiros contatos com a IASD, sendo batizado em 31 de janeiro de 1965.

Casou-se com Nadir Dentello no dia 26 de dezembro de 1965. Atuou como obreiro por cerca de 12 anos visitando igrejas e famílias através do Brasil. O Padre Oscar, como era conhecido, faleceu no dia 13 de setembro de 1990 aos 82 anos de idade, em São Paulo, SP.

AMÉM. [heb. *'amen*, "certamente", "sem dúvida", "verdadeiramente", de *'aman*, "ser fiel", "ser firmemente estabelecido"; gr. *amen*, transliteração do hebraico.] No A.T., "amém" aparece como um afirmação de assentimento de uma proclamação (como em Deut. 27:15-26), e como uma resposta, talvez de uma congregação, aos salmos cantados no serviço do Templo (Sal. 41:13). Em Is. 65:16, *'amen* é traduzido como "verdade", literalmente, "Deus do Amém", enfatizando a fidelidade e confiabilidade de Deus. No N.T., "Amém" comumente segue uma doxologia, ou atribuição de louvor a Deus, seja longo (como em I Tim. 1:17) seja curto (Rom. 11:36). É também usado como a palavra final na maioria das epístolas (como em Judas 25), embora em alguns casos, a evidência dos manuscritos seja divergente quanto a ter realmente ocorrido a palavra nos autógrafos originais (veja Fil. 4:23).

Em alguns casos, o *amen* grego é traduzido como “verdadeiramente”, em vez de ser transliterado. Esse é o caso quando *amen* prefixa as afirmações mais solenes da verdade por nosso Senhor, como em Mat. 5:18. No *Evangelho de João (cap. 1:51) o termo é duplicado, sem dúvida, por motivos de ênfase.

AMIGOS. Veja **Desbravadores, Clube de.**

AMILENISMO. Veja **Pré-milenismo.**

AMOR. Muitos termos gregos e hebraicos são traduzidos como “amor” na Bíblia, tendo várias nuanças de significado. A palavra do A.T. geralmente traduzida como “amor” é *“ahabah* e o verbo amar é *‘ahad*. Esses termos compreendem amor em sua esfera mais ampla, o amor de Deus para com o justo (Sal. 146:8), o amor do homem para com Deus (Deut. 11:1; Sal. 116:1) e pelas coisas de Deus (Sal. 119:97), o amor de um homem para com sua família e amigos (Gên. 22;1, 24:67; Lev. 19:18) ao amor ilegítimo nascido da paixão (II Sam. 13:1; I Reis 11:1). O N.T. tem duas palavras para amor, *agape*, e seu respectivo verbo *agapao*, “amar”, e o verbo *phileo*, “gostar”, “ter afeição”, “amar”. O substantivo associado *philia* “amizade”, “amor”, não aparece no N.T.. Os gregos têm uma terceira palavra para amor: *eros*, “amor”, mais para a paixão sexual e está associada ao verbo *erao*, “amar apaixonadamente”, mas essas palavras não aparecem no N.T..

Agape era antigamente um termo distintamente cristão, pois não se achou nenhum exemplo dele em fontes gregas seculares. Agora, porém, têm sido achados vários exemplos inquestionáveis de seu uso fora da literatura cristã. Porém, a escassez de tais exemplos, e a freqüência de *agape* na literatura cristã mostram que os cristãos adotaram especialmente esse termo para descrever o conceito mais alto de amor revelado no evangelho. Deus é *agape* (Rom. 5:8; Ef. 2:4; I João 3:1).

Agape também descreve a relação entre Deus e Cristo (João 15:10; 17:26). É usado para o amor humano (João 3:35; Rom. 12:9) e é citado como um fruto do Espírito, sendo o primeiro fruto mencionado (Gál. 5:22). A definição clássica de *agape* encontra-se em I Cor. 13. Após listar vários dons especiais e consecuções (cap. 12), o apóstolo nota que o amor é "um caminho mais excelente" (v. 31). Das qualidades inerentes da fé, esperança e amor, ele lista o amor como a maior (cap. 13:13). Nessa e em várias outras passagens, a ARA traduz *agape* como caridade.

Phileo, "amar", "gostar", "beijar", ocorre muito menos freqüentemente do que *agapao*. O amor representado por *phileo* é o amor por afeição ou sentimental, baseado mais em sentimentos e emoções do que o amor representado por *agapao*. Exemplos de tal uso são Mat. 6:5; 10:37; 23:6; João 11:3, 36. Esse amor nunca é ordenado na Bíblia, pois é menos espontâneo, como é o amor do pai para com o filho e o amor de um filho para com seu pai (Mat. 10:37); mas o amor representado por *agapao* (Mat. 5:44; Ef. 5:25). Isso é possível porque *agape* é um princípio, e pode ser descrito como amor respeitoso e estima, um amor que traz em cena os mais altos poderes da mente a inteligência. É a espécie de amor que o cristão deve ter para com seus inimigos (Mat. 5:44). Isto é, ele deve tratar seus inimigos com o devido respeito, mas ele não é ordenado a ter uma afeição emocional para com eles, tal como seria exigido se tratasse do amor *phileo*.

ANÁTEMA. [gr. *anathema*, literalmente, "algo colocado", "algo estabelecido", "algo separado," como algo devotado no templo, "algo amaldiçoado". Na LXX, *anathema* comumente traduz o heb. *cherem*, "(uma coisa) devotada", "(uma coisa) amaldiçoada."] Termo usado na ARA de I Cor. 16:22 para pronunciar uma maldição sobre o que deliberadamente repele o amor de Cristo. Mais comumente, *anathema* é

traduzido como “amaldiçoado” (Rom. 9:3; I Cor. 12:3; Gál. 1:8). Essa é também a tradução de *anathema* em I Cor. 16:22.

ANCIÃO DA IGREJA. Oficial mais alto na *Igreja (Organização Local), subordinado apenas ao *Pastor. Ele é eleito pela Igreja por um ano, e pode ser reeleito. Após sua eleição inicial, ele deve ser ordenado ao cargo por um ministro ordenado (Veja **Ordenação**). Ele não tem que ser reordenado ao aceitar o mesmo cargo em outra Igreja. Pode também trabalhar como *Diácono sem ordenação àquele cargo.

Na ausência do Pastor, o *Ancião da Igreja é responsável pelos cultos, seja para programá-los ou conduzi-los. Ele também conduz a *Santa Ceia. Enquanto o Pastor é geralmente o presidente da Comissão da Igreja, o ancião local pode agir como secretário se parecer aconselhável (Veja **Manual da Igreja*, pp. 68, 79, 99, 163).

O trabalho de um ancião local está limitado à Igreja que o elegeu. Por arranjo especial com o presidente da Associação, o ancião pode conduzir um serviço de batismo quando um ministro ordenado não estiver disponível. Ele não está autorizado a dirigir uma cerimônia de casamento (Veja **Associação Local**).

É o ancião da Igreja que promove todas a atividades da Igreja, e deve cooperar com a Associação, para garantir que todos os oficiais cumpram suas responsabilidades, e que os delegados sejam eleitos para as sessões da Associação. Ele mesmo não é delegado *ex officio* nas sessões.

As primeiras Igrejas Adventistas não elegiam delegados; o *Diácono parece ter sido o único oficial da Igreja. Mas já em 1854, *José Bates em um artigo “Ordem da Igreja” falou das duas espécies de anciãos da Igreja do *Novo Testamento: aqueles que dirigem e aqueles que pregam a Palavra (*RH*, 29 de agosto de 1854). No seguinte ano, J. B. Frisbie, um ministro pioneiro em Michigan, escreveu, em um artigo de duas partes sob o mesmo título, de

(1) anciãos que tinham a supervisão de todas as Igrejas — os “anciãos viajantes” — e

(2) os anciãos locais que tinham o cuidado pastoral de uma Igreja. Estes, ele distinguiu dos diáconos que deviam cuidar dos negócios temporais da Igreja (*ibid.*, 9 de janeiro de 1855). Na edição de 23 de janeiro (p. 164), em resposta a uma questão de *John Byington se os anciãos ou diáconos deveriam ser apontados em cada Igreja, *Tiago White frisou que a ordem da igreja do *Novo Testamento deveria ser adotada e que em “cada Igreja onde os números, os talentos e graças de indivíduos seriam suficientes”, os oficiais da Igreja deveriam ser apontados. Artigos posteriores sobre a “ordem da Igreja” de Frisbie, apareceram em junho e julho de 1856. Na edição de 15 de outubro de 1861 da **Review and Herald*, uma abordagem sobre organização da Igreja de *J. N. Loughborough, Moses Hull e M. E. Cornell aparece. Eles declaram na introdução:

> O assunto de organização que foi referido a nós pela última *Conferência Geral da IASD, com pedido de que tenhamos uma classe Bíblica depois disso, e levemos até você através da *Review*, já concordamos em considerar e investigar o assunto e submeter os seguintes pensamentos para sua consideração.

Na referência, a eleição e *Ordenação de anciões bem como de diáconos nas Igrejas são claramente prescritas (*ibid.*, pp. 156, 157).

Uma série de artigos em 1874 por G. I. Butler, intitulado “*Reflexões Sobre a Direção de Igreja*”, mais tarde definiu o ofício do Ancião da Igreja. Enquanto o trabalho de ancião era reconhecido como o principal na igreja, seus poderes eram considerados meramente como conselheiro, sendo que o corpo da Igreja era a autoridade decisiva (*Review and Herald*, 18 de agosto de 1874). Porém, o trabalho de “corrigir, admoestar, e supervisionar a Igreja” pertencia a ele mais do que a

qualquer outro (*ibid.*, 8 de setembro de 1874), e o ministro e os membros deviam apoiá-lo contra boatos e reclamações negligentes (*ibid.*, 15 de setembro de 1874).

Em um artigo posterior de H. A. St. John, os deveres principais dos anciãos da Igreja foram novamente delineados (*ibid.*, 25 de novembro 1875). Eles deveriam visitar os membros e buscar os transviados, batizar e conduzir as ordenações na ausência do evangelista, e marcar reuniões de negócios antes da sessão da Associação, no final do ano, e em outras ocasiões quando necessário. Se a Igreja não tinha nenhum diácono, o ancião devia agir em seu lugar, auxiliar a *Escola Sabatina e assistir a todas as reuniões possíveis. Ele deveria manter os registros de seu trabalho e das reuniões.

Em 1885, o trabalho do ancião da Igreja estava definido como o é atualmente. Por exemplo, no relatório dos procedimentos da Associação Geral começando em 18 de novembro de 1885, em Battle Creek (**Yearbook*, Anuário ASD, 1886, p. 47), a regra foi estabelecida que se um ancião local fosse reeleito, ou se eleito, propriamente, como ancião de outra Igreja, não precisaria ser reordenado. Aparentemente, essa regra não foi imediatamente seguida universalmente, porque já em 1886 a seguinte questão e sua resposta apareceram na *Review and Herald*. “Se um ancião local se muda para outra Igreja e há outro ancião escolhido, ele precisa ser reordenado?” “Sim; pensamos que ele deveria ser ordenado novamente, porque as ordenações são locais” (*Review and Herald*, 25/02/1896.)

ANDREWS, JOHN NEVINS. (1829-1883). Primeiro missionário ASD enviado à Europa. Nasceu em Portland, Maine. Em 1856, casou-se com Angeline Stevens; seus filhos eram Charles (nascido em 1857), Mary (nascida em 1861) e dois que morreram na infância. Poucos detalhes a respeito de sua infância e juventude são conhecidos. Aos 13 anos “encontrou o Salvador”. Apreciava muito mais “estudo sério do

que atividades físicas”. Em anos posteriores poderia ler a *Bíblia em sete línguas e afirmava possuir a habilidade de reproduzir o *Novo Testamento de memória. Aos 17 anos começou a guardar o *Sábado. Começou seu trabalho como ministro aos 21 anos, em 1850, e foi ordenado em 1853.

Durante aqueles três anos, liderou encontros envangelísticos em 20 localidades diferentes no Maine, New Hampshire, Vermont, Nova York, Ohio, Michigan e Leste do Canadá e publicou 35 artigos totalizando mais de 170.000 palavras. Como resultado desse intenso programa de escrever e ministério público, em 5 anos encontrava-se quase totalmente prostrado; sua voz falhou e sua visão foi prejudicada. Para recobrar sua saúde, dirigiu-se a Waukon, Iowa, em 1855 e trabalhou na fazenda de seus pais. Em 1859 retornou ao trabalho ministerial e dirigiu várias conferências públicas durante muitos anos em Michigan, Massachusetts, Minnesota e Nova York.

Em 1864, tornou-se membro do comitê da Associação de Nova York e no ano seguinte, membro do Comitê Executivo da *Associação Geral da IASD (AG). Em 1867, tornou-se o terceiro presidente da Associação Geral, posição que ocupou por dois anos. Foi editor da *Review and Herald* (maio/ 1869-março/1870). Dia 15 de setembro, em companhia de seus filhos, Charles e Mary (sua esposa havia falecido em 18 de março de 1871) tomou um navio de Boston para Liverpool, Inglaterra, em rota para a Suíça. Seu primeiro trabalho na Suíça foi visitar e organizar os conversos já existentes ali e fazer trabalho pessoal com interessados. Assim, escreveu folhetos e traçou planos para a publicação de um impresso. Em abril de 1876, a Associação Geral votou a concessão de US$10.000,00 para uma Casa Publicadora (Veja **Editoras ASD**) na Europa. Em julho de 1876, foi impresso o primeiro número de *Les Signes dos Temps* (Sinais dos Tempos), uma publicação mensal abrangendo vários assuntos tais como eventos mundiais, profecias, doutrinas bíblicas, saúde e *Temperança e contendo artigos de jornais e

revistas americanos. A absorção do tempo na publicação desse periódico, levaram os líderes da Associação Geral a expressar apreensão no sentido em que Andrews, negligenciando o trabalho pessoal e ministério público a que Andrews respondeu que nunca havia planejado trancar-se em um escritório de publicações e que, no futuro, planejaria um programa mais equilibrado, mas como ele era escritor de coração e sua saúde não era muito promissora, estava fazendo o melhor sob as circunstâncias vigentes. Nove anos depois, morreu na Basiléia, aos 54 anos de idade.

Como teólogo, Andrews deu contribuições significativas ao desenvolvimento de várias doutrinas da denominação adventista do Sétimo dia.

ANEL. Veja **Vestuário.**

ANIMAIS IMPUROS. Veja **Dieta.**

ANJO. [heb. *mal'ak,* "mensageiro"; gr. *angelos*, "mensageiro".] Um ser sobrenatural, criado por *Deus, superior ao homem, que age como representante ou mensageiro de Deus. Há passagens bíblicas onde *mal'ak* e *angelos* não se referem a seres sobrenaturais, mas a profetas e outros que cumprem a função de "mensageiro" (II Sam. 3:14; Ez. 23:16; Ag. 1:13; Mat. 11:10; Luc. 7:24). Há outras passagens onde os termos parecem aplicar-se ao próprio Cristo (Êx. 23:20; Mal. 3:1; Atos 7:35). As referências específicas em qualquer caso devem ser encontradas através de um estudo do contexto.

Talvez o texto mais definitivo a respeito dos anjos seja Heb. 1:14. Do ponto de vista humano, o ministério dos anjos é significativo. A eternidade revelará a amplitude das funções desses seres em relação ao Universo. O homem será então "iguais aos anjos" (Luc. 20:36; Mat. 22:30). A relação entre os anjos e os homens no plano da redenção

indica a possibilidade de um único relacionamento por toda a eternidade.

ANJO DO SENHOR. Essa e outra expressão “anjo de Deus” são expressões comuns no A.T. como no N.T., descrevendo um ser sobrenatural enviado por Deus aos homens para aconselhar, advertir, confortar, dirigir e auxiliá-los. Os termos grego e hebraico traduzidos como “anjo” (*mal’ak* e *angelos*) significam simplesmente “mensageiro” e são aplicados aos homens bem como aos anjos. Um “anjo do Senhor” é um mensageiro do Senhor não somente no sentido de pertencer ao Senhor e ser fiel a Ele, mas mais particularmente no sentido de vir como um mensageiro enviado por Deus, com uma mensagem de Deus. Parece que Cristo é às vezes referido como “o anjo do Senhor” (Êx. 3:2, 4; Zac. 3:1, 2; Gên. 32:24, 30; Êx. 23:20, 21; 32:34; 33:14; Jos. 5:13-15; I Cor. 10:4).

ANIQUILAÇÃO. Veja **Inferno**.

ANNIEHS, ARNOLDO OSCAR (1915-1993). *Pastor, evangelista. Nasceu no dia 26 de fevereiro de 1915, em Curitiba, PR. Era filho de Martha Seeling e Alberto Anniehs. Casou-se com Sarah Maluf em 28 de dezembro de 1944. Da união, nasceram dois filhos: Aroldo Valter Anniehs e Marisa Esther Anniehs Blahovich.

Desde a infância, auxiliou em campanhas evangelísticas distribuindo convites. Nos anos da juventude ajudava a montar tendas e dar estudos bíblicos. Em 1928, concluiu os estudos elementares. Em 1932, terminou o curso complementar no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), SP. Formou-se em Teologia no ano de 1944. Foi ordenado ao ministério em 1955.

Atuou como tesoureiro da *União Este-Brasileira da IASD, de 1938 a 1940; *Colportor de 1941 a 1944; evangelista e professor na

*Associação Paranaense da IASD, em 1945; professor e administrados no *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), de 1946 a 1961; Pastor e evangelista na *Associação Espírito-Santense da IASD, de 1951 a 1959 e evangelista na *Associação Paulista da IASD, de 1959 a 1980.

Durante a vida, participou de mais de 50 séries evangelísticas na Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná e São Paulo. Seis meses antes de sua *Morte, participou com entusiasmo de uma série de conferências na cidade de Cosmópolis, SP. Viveu seus últimos anos na cidade de Artur Nogueira, SP, onde sempre foi um forte apoio à obra evangelística e missionária. Faleceu em 22 de março de 1993 e foi sepultado em Artur Nogueira.

ANO SABÁTICO. Todo o sétimo ano, durante o qual ordenava-se aos hebreus que deixassem a terra descansar (Lev. 25:1-7). Nem mesmo o que crescesse sozinho deveria ser colhido. Esse era um equivalente antigo da prática moderna de rotação de culturas, a fim de evitar o esgotamento do solo. O sétimo ano era também chamado de “o ano do descanso” (Deut. 31:10; 15:1-3), no qual as dívidas dos hebreus mais pobres eram apagadas. Embora a Bíblia não mencione nenhuma real observância de um ano sabático específico, os judeus evidentemente observavam o costume no tempo de Alexandre o Grande e de Júlio César, que isentavam-nos dos impostos nos anos sabáticos (Jos. *Ant.* xi. 8. 6; xiv. 10.6). Sete “semanas” de anos culminavam no Jubileu.

Os anos sabáticos evidentemente ocorriam de Tishri a Tishri, pois (1) eram anos agrícolas, e o ano agrícola se iniciava com a aragem no outono, após a estação chuvosa iniciar; e (2) eles ocorriam em série com os anos de jubileu, que começavam no dia 10 de Tishri.

O termo “ano sabático” não ocorre na Bíblia, mas a instituição é referida em frases tais como “o sábado da terra” (Lev. 25:6) “então a terra guardará um sábado ao Senhor” (v. 2).

ANTICRISTO. Palavra que aparece somente em contextos cristãos, e no N.T. somente em I João 2:18, 22; 4:3; II João 7; provavelmente criada pelo apóstolo destas epístolas. Nessas passagens, o termo tem uma aplicação histórica a falsos mestres, especialmente Gnósticos (cf. I João 4:2, 3), nas igrejas da Ásia Menor na última parte do primeiro século, que parecem ter ensinado a doutrina Docetista de que Cristo era somente uma aparência e não realmente humano. Porém, o tema de um anticristo é muito mais amplo e o termo foi usado para se referir a poderes que se opõem ao plano da salvação (cf. *Ellen G. White, *SDABC*). A figura do grande antagonista de *Deus aparece em outro lugar, por exemplo, em II Tess. 2:1-4 e nas profecias do Apocalipse. Repetidamente, Cristo é retratado como vitorioso sobre este poder em Sua *Segunda Vinda (II Tess. 2:8; Apoc. 17:14; 19:19-20).

O conceito de um antagonista, sobrenatural e primitivo de *Yahweh é encontrado nas figuras do A.T. tais como o Leviatã, Raabe e no dragão de muitas cabeças (como em Is. 27:1). Este antagonista é tanto primitivo quanto escatológico, e é simbólico de Satanás. Figuras semelhantes são apresentadas no apocalíptico judaico; desta forma, nos manuscritos do Mar Morto, duas personalidades aparecem dirigidas contra Deus — o Sacerdote do Mal e o Homem do Engano (antiga evidência talvez em 4QTest). Possivelmente essas sejam paralelas, negativamente, às duas figuras messiânicas também encontradas naquela literatura, os messias de Aarão e Israel, e desta forma podem ter sido uma espécie de "antimessias" ou "anticristo."

Na história cristã, o epíteto "anticristo" foi aplicado a uma variedade de personagens históricos e instituições como por exemplo, a Nero, a vários Papas e imperadores, e às figuras vagas esperadas para se levantarem no Oriente. Freqüentemente ele foi antecipado como um judeu da tribo de Dã. A identificação com o Papado remonta, a no mínimo, ao Arcebispo Eberhard II de Salzburgo (1200-1246), durante a

controvérsia entre Frederico II e Gregório IX. Um posição similar era popular entre os Franciscanos espirituais, influenciados pela interpretação profética de Joaquim de Floris (que esperava que o Anticristo fosse uma Papa falso, herético). John Wycliffe e John Huss adotaram essa interpretação, que aparece também entre os Valdenses. Com a Reforma, a idéia de que o Papado era o Anticristo tornou-se um dogma Protestante. Lutero escreveu esse conceito nos Artigos de Schmalkald (1537), que permaneceu um artigo característico da interpretação profética do século dezesseis até o século dezenove.

Os ASD têm, semelhantemente, aplicado o termo "anticristo" ao Papado (por exemplo, *John N. Andrews em **Signs of the Times*, 13 de novembro de 1881). Chamam de "*Espiritismo" a "manifestação do Anticristo" (*PP*, 686). Eles consideram a Satanás, o autor da rebelião no *Céu, como o anticristo por excelência (9*T*, 229, 230), e identificam-no como o "mistério da iniqüidade" (*TM*, 365; cf. II Tess. 2:7), que afirmará ser Deus e enganará o homem com seus *Milagres (5*T*, 698; 6*T*, 14, 8*T*, 27, 28; 9*T*, 16; *TM*, 62, 364, 365; *GC*, 624; *SDABC* 7:975).

ANTIGO TESTAMENTO. Coleção de 39 escritos religiosos que constituem a primeira e mais longa das 2 divisões gerais em que a Bíblia cristã está naturalmente dividida. O nome "Testamento" vem do Latim *testamentum*, e representa o gr. *diatheke*, que é usado na Septuaginta (LXX) como uma versão para o heb. *berith* "concerto", "acordo". O A.T. era a Bíblia dos hebreus e ainda é a Bíblia dos judeus atuais. O número de livros da Bíblia hebraica, de acordo com o cômputo hebraico, porém, era 24, e o A.T. era dividido em 3 seções: a Lei (*Tôrah*, o nosso Pentateuco), os Profetas (*Nebi'hîm*, Josué, Juízes, Samuel, Reis e os profetas incluindo Daniel), e os Escritos (*Kethubîm*, o restante dos livros). A disposição dos livros em nossa Bíblia é uma adaptação da Vulgata Latina, que por sua vez estava baseada, pelo menos em parte, na Septuaginta (LXX). Em nossa Bíblia Almeida Revista e Atualizada, os

39 livros são classificados como históricos (17), poéticos (5) e proféticos (17).

O período de produção desses livros abrange aproximadamente 1.000 anos, e talvez 30 autores tenham sido envolvidos. Esses livros contêm a narrativa dos atos de Deus na história na redenção do homem. Eles cobrem o período da história sagrada, desde a Criação até a restauração dos judeus após o cativeiro Babilônico. Eles não são um mero catálogo de eventos, mas uma interpretação desses eventos à luz da revelação que Deus faz de Si mesmo à humanidade.

O A.T. era a Bíblia de Jesus e de Seus apóstolos, que se valeram dele para ensinar a religião cristã (João 5:39, 45-47; Atos 9:22; 18:24, 25, 28; 24:14; 26:22, 23; 28:23; etc.). Ele não foi suplantado pelo Novo. O N.T. é somente o avanço e o desdobramento do Antigo. O N.T. assume a teologia do Antigo, e declara serem esses escritos como de valor para os cristãos (Rom. 15:4; II Tim. 3:16, 17; I Cor. 10:11; II Ped. 3:1, 2).

O A.T. foi escrito em sua maior parte em hebraico. Duas seções de Esdras (Esd. 4:8 a 6:18 e cap. 7:12-26), uma parte substancial de Daniel (Dan. 2:4 a 7:28), e um único verso de Jeremias (Jer. 10:11) foram escritos em aramaico, uma língua semítica relacionada ao hebraico, assim como o espanhol e o italiano. O aramaico era uma língua internacional amplamente usada no Oriente Próximo, do 6º ao 3º século a.C. Tornou-se, de fato, a língua oficial do Império Persa, e era o meio das comunicações governamentais, culturais e comerciais. Homens estudados tais como Esdras e Daniel eram versados em hebraico e em aramaico.

A Bíblia hebraica atual é impressa nos caracteres quadrados desenvolvidos pelos Arameus. Aproximadamente todos os manuscritos hebraicos e fragmentos de manuscritos do A.T. existentes atualmente estão escritos nos caracteres quadrados. Isso inclui as antigas cópias de Isaías e outros manuscritos do A.T. entre os rolos do Mar Morto e o Papiro de Nash. Alguns desses são datados do 3º século a.C. Os bem-

conhecidos papiros de Elefantina e outros documentos aramaicos do 5º século a.C. também estão escritos nesses caracteres quadrados. O que Jesus disse sobre a Lei (Mat. 5:18) pressupõe um alfabeto no qual o *Yod* é a menor letra, e isso é verdadeiro somente em relação aos escritos Aramaicos com seus caracteres quadrados.

Originalmente, os primeiros livros do A.T. parecem ter sido escritos no alfabeto da escrita Proto-Semítica (ou Sinaítica), que tinha a forma semi-hieroglífica, consistindo em 27 letras. Inscrições nessa escrita encontradas no Sinai e na Palestina datam do 12º e 19º séculos a.C. Livros do A.T. escritos durante o período dos reis hebreus devem ter sido escritos no alfabeto Fenício, ou hebraico pré-exílico, que é conhecido por inscrições do 10º e do 11º séculos a.C. Alguns dos monumentos que exibem essa escrita são os sarcófagos de Airão, em Byblos, *c.* 1.000 a.C., o calendário de Gezer da Palestina, *c.* 950 a.C., a Pedra Moabita de Dibon (Mesha), *c.* 850 a.C., os óstracos de Samaria, do palácio de Acabe, *c.* 775 a.C., a inscrição de Siloé do túnel de Ezequias em Jerusalém, *c.* 700 a.C., e alguns manuscritos bíblicos encontrados entre os rolos do Mar Morto, notavelmente contendo livros do Pentateuco. Os livros pós-exílicos do A.T. provavelmente foram escritos na escrita aramaica quadrada discutida no parágrafo anterior.

O texto atual da Bíblia hebraica é conhecido como o texto Massorético, ou tradicional (do heb. *Massorah*, “tradição”). Esse texto foi padronizado e preservado por um grupo de eruditos textuais judeus, conhecidos como os Massoretas, cujo principal período de atividade se estendeu aproximadamente do 6º e 7º séculos A.D. até a primeira parte do 10º século A.D. Esses Massoretas projetaram um elaborado sistema de proteção e salvaguarda do texto, tais como contar os versos, as palavras e até as letras dos livros. Eruditos judeus também inventaram sistemas de sinais vogais (conhecidos como pontos) e acentos para indicar a vocalização própria de acordo com a pronúncia tradicional. Conhecem-se no mínimo 3 métodos de pontuação vogal: o sistema

Babilônico e o Palestino com seus sinais vogais supralineares e o Tiberiano escrito encima, dentro, mas na sua maioria embaixo das consoantes. Eventualmente, o sistema Tiberiano prevaleceu e é usado nas Bíblias hebraicas da atualidade.

Após o Exílio, o Pentateuco (*Tôrah*) foi dividido em seções para a leitura na sinagoga (cf. At. 13:15; 15:21). Dois arranjos foram feitos:

(1) o sistema Palestino, de acordo com o qual o Torá foi dividido em 152 seções semanais, chamadas de *Sedarîm* (ordens, arranjos), que exigiam 3 anos para leitura do Pentateuco na adoração;

(2) o Babilônico, segundo o qual o texto foi dividido em 52 ou 54 seções mais longas, conhecidas como *Parashîm*, permitindo assim que todo o Pentateuco fosse lido durante um ano. O sistema Babilônico finalmente prevalece, e desde o 13º século, os judeus têm como uma prática universal ler todo o Torá durante um ano em seus serviços de culto. Isso significa que uma porção considerável das Escrituras deve ser lida a cada semana. A primeira perícope, por exemplo, abrange Gên. 1:1 a 6:8; a 2º, os caps. 6:9 a 11:32; e a 3º, dos caps. 12:1 a 17:27. Essas longas perícopes foram por sua vez divididas em seções menores ou parágrafos, conhecidos tecnicamente como "abertos" ou "fechados."

A divisão em versos do A.T. remonta ao tempo dos Massoretas, embora a numeração dos versos seja encontrada somente a partir do 16º século A.D. ou posteriormente. Os Massoretas usavam os dois pontos (:), conhecidos como *Sôph-pasûq*, para marcar o fim dos versos. Os eruditos crêem que a divisão em versos começou com as porções poéticas do A.T.

A atual divisão em capítulos foi tirada da Vulgata Latina e creditada a Lefranc, Estevão Langton e Hugo a Santa Caro. Eruditos judeus adotaram essas divisões como referências, sendo usadas nos manuscritos do 13º século A.D. em diante, embora a primeira Bíblia hebraica a dividir o texto em capítulos e usar a atual numeração tenha sido a do

texto hebraico Ário Montano, com uma tradução latina interlinear em 1571.

A maioria dos manuscritos existentes da Bíblia hebraica são recentes. Antes da descoberta dos manuscritos do Mar Morto em 1947 e posteriormente, os manuscritos mais antigos de grandes porções da Bíblia hebraica não eram anteriores ao fim do 9º século A.D. Isto sem dúvida deve-se em parte à devastação das guerras e perseguições e aos deliberados esforços dos inimigos dos judeus de exterminarem com as Escrituras. Jerusalém foi destruída pelos Babilônicos em 586 a.C. e pelos Romanos em 70 A.D. Entre esses eventos (*c.* 167 a.C.) Antíoco Epifânio ordenou a destruição das Escrituras (I Mac. 1:56, 57). Em acréscimo, o extremo atraso dos manuscritos hebraicos deve-se em parte à prática judaica de dispor de manuscritos gastos, apagados ou danificados. Os tais eram postos em um *genizah*, uma sala ligada à sinagoga e então, quando o armário estava cheio, eram enterrados numa elaborada cerimônia.

Nossa evidência mais antiga pode ser classificada sob 3 títulos: (1) os manuscritos do Mar Morto; (2) manuscritos do Genizah do Cairo; e (3) manuscritos da era Massorética.

1. *Os Manuscritos do Mar Morto.* Todos os livros da Bíblia, exceto Ester, estão representados entre as descobertas feitas em *Qûnram* e no *Wâdi Murabba'ât.* A maior parte desse material está em fragmentos, mas um livro existe em uma cópia completa e de outras porções maiores de livros estão preservadas. Eles datam do 3º século a.C. até o 2º século A.D., e em sua maioria manuscritos vindos do 1º século A.D. Do Pentateuco (*Tôrah*), o livro de Deuteronômio está representado por fragmentos de mais de 10 cópias e outros livros por fragmentos maiores. A maioria deles está de acordo com o texto Massorético, embora uma cópia de Êxodo, Números e Deuteronômio esteja relacionada ao texto hebraico usado na LXX. Dos primeiros profetas, uma cópia quase completa de I e II Samuel foi reconstruída a partir de muitos fragmentos.

Essa cópia é bem próxima à LXX. Os últimos profetas estão também representados, especialmente Isaías. Dos Escritos, o livro de Salmos está presente em muitas cópias fragmentadas, mas uma da Caverna 11 de Qunram está quase completa. O livro de Daniel está representado pelos manuscritos fragmentários que seguem o texto Massorético.

2. *Manuscritos do Genizah do Cairo.* No 19º século, um genizah esquecido foi descoberto na Sinagoga Caraíta do Cairo, do qual um grande número de manuscritos bíblicos e extra-bíblicos foram levados a várias instituições na Europa e na América, principalmente para a Universidade de Cambridge, a Biblioteca Bodleian em Oxford e a Biblioteca de Leningrado. Entre os manuscritos bíblicos, estão fragmentos da era pré-massorética que remontam ao 6º século A.D. Há um importante documento de Daniel (Dan. 9:24 a 12:13) do 7º século A.D. Outros documentos mais antigos contêm as seguintes passagens: Sal. 69:28 a 71:2; Isa. 53:4 a 58:8; Jer. 26:19 a 29:31; Ez. 13:11 a 16:31. Textos que ilustram os vários desenvolvimentos da pontuação Massorética lançam luz sobre a obra dos Massoretas.

3. *Manuscritos da Era Massorética.* O manuscrito mais primitivo desse período, exceto os do Genizah do Cairo, é um que contém os primeiros e os últimos profetas, pertencente a uma comunidade Caraíta do Cairo. Foi escrito, segundo P. Kahle, por Moisés Ben Asher, em 895 A.D. Um manuscrito também tão importante é o do Pentateuco do Museu Britânico, escrito por Aarão Ben Moisés Ben Asher, no início do 10º século A.D. Do mesmo erudito judeu vem um manuscrito completo do A.T., originalmente pertencente à uma comunidade judaica de Aleppo, agora em Israel. Uma cópia desses manuscritos está agora em Leningrado e foi feita por Samuel Ben Jacob, no Cairo, em 1009 A.D. O manuscrito hebraico mais antigo precisamente datado é um dos últimos profetas, em Leningrado (Ms. Heb. B3), datado do que é equivalente ao ano 916 A.D.

O atraso geral dos manuscritos existentes, porém, não precisa perturbar nossa confiança na exatidão do texto sagrado. Os escribas exerciam extremo cuidado ao copiar os manuscritos, resultando em pouca variação entre manuscritos antigos ou mais recentes. Esse fato é demonstrado pelos manuscritos do Mar Morto, que lançam luz sobre a Bíblia hebraica de 1.000 anos atrás, e, no geral, confirmam o texto Massorético.

O primeiro livro do A.T. impresso foi um saltério publicado em 1477. Em 1487, todos os livros do A.T. hebraico estavam disponíveis de forma impressa e, em 1488, todo o A.T. em hebraico foi publicado em Soncino, um pequeno lugar perto de Milão, Itália. Mais duas edições apareceram antes de 1500, uma em Nápoles, outra em Brescia. Portanto, o A.T. hebraico está representado entre os *incunabula* (livros impressos antes de 1500 A.D.), embora o N.T. grego não tenha-se tornado disponível de forma impressa até a edição do N.T. de Erasmo, que foi publicada em 1516.

ANTINOMISMO. De *anti*, “contra,” e *nomos*, “lei,” significando uma atitude de hostilidade para com a *Lei, especificamente, dos cristãos para com a Lei, incluindo o Decálogo. Traços do antinomismo eram evidentes entre os Maniqueus Gnósticos do terceiro século, e por toda a Idade Média. Originou-se como um fenômeno teológico distinto, com Johannes Agrícola (1492-1566), na Alemanha, cujas idéias foram condenadas pela Fórmula de Concord, em 1577. Durante o século dezesseis e dezessete, apareceu na Inglaterra, onde seus defensores eram conhecidos como “Os Ranters” É encontrado atualmente em certas formas de *Dispensacionalismo.

A antítese do antinomismo é o nomismo, que se manifesta como *Legalismo, isto é, a idéia de que a *Salvação pode ser obtida por estrita obediência aos requisitos legais em vez de pela fé em Cristo. Os ASD crêem que o legalismo e o antinomismo são igualmente contrários ao

espírito do Evangelho. Eles vêem a Lei dos *Dez Mandamentos dum lado, não mutuamente exclusivos, mas complementários (Rom. 1:17; 3:31; 5:1; 7:12). Para os ASD, a salvação vem somente pela fé, mas a obediência a toda a vontade revelada de Deus, inclusive ao Decálogo, é o fruto da fé (Veja *DTN*, 126). A função do Decálogo é convencer do *Pecado, mas a lei não tem poder para perdoar. O perdão vem exclusivamente pela justificação mediante a fé em Cristo (*RH*, 10/06/1852). Veja **Lei; Lei e Graça; Justificação Pela Fé.**

APÓCRIFOS. (Livros Apócrifos da *Bíblia). Termo usado pelos protestantes, com relação a um grupo de escritos encontrados na Septuaginta e na Vulgata (com poucas diferenças) que não aparecem no cânon hebraico das Escrituras. Os católicos designaram, pelo menos, 12 desses livros como "deuterocanônicos", e usam o termo "apócrifo" ao se referirem aos escritos religiosos judeus-cristãos entre 200 A.C. e 200 A.D. que os protestantes, geralmente, chamam de "pseudo-epígrafos".

Originalmente os Apócrifos apareceram na *Versão King James* e em algumas edições católicas da Bíblia, todavia, no século dezenove, as sociedades bíblicas insistiram em remover esses livros da Bíblia que imprimiam e tornou-se comum omiti-los da maior parte das edições dessa versão.

Embora os ASD reconheçam algum valor histórico e literário dos Apócrifos, concordam geralmente com os protestantes em negar que sejam fonte de doutrina inspirada e autorizada.

APOSTASIA. Veja **Disciplina**.

ARAÚJO, GILSEMBERG PEREIRA (1965-1994). Missionário, Evangelista. Nasceu no dia 19 de abril de 1965 no Rio de Janeiro, RJ. Formou-se em Teologia e Educação e fez um curso de Saúde Pública.

Serviu como *Pastor no Brasil, estudante missionário nas Ilhas de Cabo Verde e foi diretor dos Ministérios da Igreja e Evangelista em Benin, África Ocidental.

Durante o tempo em que atuou como Missionário na África, o Pr. Gilsemberg Araújo empreendeu um importante trabalho evangelístico e dada a sua personalidade dinâmica e comunicativa, não somente ganhou pessoas para Cristo, mas também o carinho delas.

Dia 05 de janeiro de 1994, ao voltar para casa, em Lomé, dirigindo-se ao Bairro onde residia, foi atingido por um disparo vindo de armas de terroristas e agitadores políticos, vindo a falecer.

Como um tributo à sua pessoa, a Divisão Afro-Oceano-Índico, decidiu estabelecer um Fundo Memorial com dois objetivos: Construir uma igreja em Benin, que receberá seu nome e estabelecer um fundo para bolsas de estudo, a fim de ajudar homens e mulheres a melhor se preparar para servir a Jesus nos campos de fala portuguesa daquela *Divisão.

ARAÚJO, MALAQUÊ NIGRI (1916-1958). Professora pioneira. Nasceu no dia 8 de setembro de 1916, no Rio de Janeiro, RJ e graduou-se no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Casou-se com Jairo Araújo. Logo após o casamento foram trabalhar no IRAN atual *Educandário Nordestino Adventista (ENA) em Pernambuco, terra Natal de seu marido.

Por ser o IRAN uma instituição apenas iniciante, afastada dos centros urbanos e sem conforto como água e luz, com um burrinho e dois jacás, aos domingos, saía para comprar alimentos necessários para o colégio. Serviu nesta escola como tesoureira e professora.

Mais tarde foram chamados em outra instituição: O ITA, em Petrópolis. Trabalhou na fábrica de *Produtos Alimentícios Superbom Indústria e Comércio Ltda., no CAB; enquanto o marido foi aperfeiçoar

seus estudos nos EUA. Retornou para seu Estado, Rio de Janeiro, para se dedicar ao programa *Voz da Profecia, em Niterói.

Foi transferida para a *Divisão Sul-Americana da IASD, na época em Montevidéu, a fim de atuar como secretária. Trabalhou também em vários *Departamentos da igreja, dedicando-se ao evangelismo infantil.

Faleceu em 26 de dezembro de 1958, aos 42 anos de idade em São Paulo. Foi sepultada no cemitério de Campo Grande, em Santo Amaro, SP.

ARAÚJO, RAUL CORDEIRO DE (-1973). *Colportor-evangelista. Casou-se com Laura Cordeiro e da união nasceram 4 filhos: Diná, Dinorah, Dirce e Dirceu.

Raul Cordeiro Araújo iniciou sua carreira na Obra Adventista através da *Colportagem. Colportou durante 8 anos e meio no Rio de Janeiro. A seguir dirigiu-se para a *Associação Espírito-Santense da IASD, onde atuou durante 11 anos; e, por 6 anos, serviu na *Missão Nordeste da IASD.

Posteriormente foi ordenado *Pastor na *Associação Rio de Janeiro da IASD, onde desempenhou as funções ministeriais por 11 anos e meio.

Finalizou seu trabalho na *Associação Mineira da IASD, onde atuou como Pastor por 3 anos. Aposentado, ajudou a construir uma Igreja em Matias Barbosa, Rio de Janeiro, onde freqüentava.

Faleceu no dia 22 de novembro de 1973 em Juiz de Fora, MG.

ARCANJO, MIGUEL. Veja **Miguel, O Arcanjo**

ARCAS. Veja **Santuário e Dilúvio**.

ÁREA FEMININA DA ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL (AFAM). *Objetivos*:

- Fazer com que a esposa do *Pastor se sinta parte integrante do Ministério Adventista;
- Conscientizá-la de seus valores e desenvolver seus talentos;
- Produzir uma aproximação entre as esposas de Pastores por meio de boletins, assembléias, cartas, visitas;
- Desenvolver cursos de Educação contínua para esposas de pastores;
- Promover um ministério de equipe mediante a participação da esposa do ministro nos programas de evangelização.

Vasti S. Viana é a atual diretora da AFAM e dos *Ministérios da Mulher da *Divisão Sul-Americana da IASD (1995). O Ano de 1995 foi escolhido como o *Ano Internacional da Mulher*.

A DSA elaborou um curso de Educação Ministerial Feminino. São 12 matérias, totalmente grátis, com duração de 2 anos. A diretora da AFAM do seminário vai dirigi-lo e cada matéria terá no mínimo 10 horas de aulas, que são ministradas por professores da instituição ou convidados especiais.

O seminário oferecerá 4 matérias do currículo do *Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT), uma por semestre, para as esposas dos teologandos. Elas devem ter 2º Grau completo.

Surgiu com a necessidade sentida por algumas mulheres, de apoiar as esposas de pastores mais novas. As reuniões da AFAM iniciaram-se por: Mariza Fuckner, Lígia Fonseca, Doroty Walter, Jeanine Freitas, Amélia Tavares de Araújo, nos diferentes lugares com as esposas de obreiros.

Sharon Cress foi indicada como líder mundial das esposas de pastores - AFAM - em novembro de 1992.

As primeiras atividades foram sobre Evangelismo Infantil, Arte Culinária e Artes Manuais.

Lígia Fonseca realizou uma série de conferências batizando 18 pessoas.

Na *União Norte-Brasileira da IASD, Leah Ribeiro organizou uma diretoria composta de esposas dos Pastores da União e das esposas dos obreiros do *Hospital Adventista de Belém (HAB). Fizeram um boletim e reuniões sobre saúde.

Nos anos de 1972 a 1978, no Estado de Goiás, *Mailene Moróz organizou reuniões sobre educação dos filhos e Ética da esposa do Pastor. Tinham um Boletim Informativo. Em 1978, Mailene começou a mesma atividade no Paraná, com a publicação do Boletim Informativo ELO, que o campo mantém até hoje. Em junho de 1978 o Pr. Arlindo Guedes, então Ministerial da *Associação Sul-Riograndense da IASD, reuniu todas as esposas dos Departamentais e Distritais de Porto Alegre, RS, a fim de formar uma diretoria com o objetivo de ajudar as esposas dos Pastores. Essa diretoria estaria vinculada ao Departamento Ministerial.

A Diretoria era composta de: Coordenadora: Meibel Mello Guedes; Vice-Coordenadora: Mariza Fuckner; Tesoureira: Iolanda Morsh Reis; Conselheira: Erni Köhler. Formaram-se então os Departamentos: Espiritual, Artes, Música, Evangelismo Infantil, Comunicação, Cultural, Temperança e Social.

O primeiro Boletim Informativo foi editado em 1981, com o nome de *Associação Ministerial Área Feminina (AMAR). Muitos campos tinham sua diretoria ativa.

Em julho de 1982, numa reunião da Mesa Administrativa, realizada no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), foi tomado o voto da formação da Associação Ministerial Feminina em nível de *União Sul-Brasileira da IASD (atual, *União Central-Brasileira da IASD), a fim de oficializar a atividade, ficando ligada ao Departamento Ministerial.

Nesta ocasião, foram escolhidas Neide P. Campolongo e Onélia Borba, respectivas esposas do secretário da Associação Ministerial e do Presidente da União, para serem as conselheiras dessa área do Ministério Adventista no campo. Sonila Ferraz foi eleita como associada. A sigla

AMAF foi adotada. Neide P. Campolongo promoveu o 1º Encontro de Coordenadoras no IAE/SP, nos dias 11 e 12 de julho de 1982.

Mailene Moróz liderou na União Sul-Brasileria da IASD de 1986 a 1989, sendo substituída por Ana Maria Caldioni Kafler. Depois de algum tempo foi mudada a sigla de AMAF para AFAM.

A União Este-Brasileira da IASD, em 1989, escolheu a 1ª Coordenadora da AFAM, Dinalva Pessoa Carvalho.

A Divisão Sul-Americana da IASD, é a primeira Divisão a ter a AFAM em 100% das Uniões e em 4 colégios superiores.

ARIANISMO. Veja **Cristologia**.

ARMAGEDOM. (Da transliteração grega de uma frase hebraica geralmente considerada como sendo *Har-megiddo*, "Monte de Megido.") O termo "Armagedom" ocorre na *Bíblia somente em Apoc. 16:16, com o nome hebraico para "lugar" no qual os "espíritos imundos" (v. 13) "reúnem os reis da terra" para a "batalha do grande dia do Senhor Todo-Poderoso" (v. 14) — a designação de João para o que é popularmente chamado de batalha do Armagedom.

O ajuntamento para o Armagedom é o principal aspecto da sexta praga (vv. 12-16). O sexto anjo derrama sua "taça" sobre o "grande rio Eufrates," cuja "água secou-se, para preparar o caminho para os reis do Oriente." Então três "espíritos de demônios", semelhantes a rãs, saem da boca do "dragão," a "*Besta," e o "*Falso Profeta" aos "reis da terra" para os ajuntar para a batalha no grande dia do Senhor Todo-Poderoso" (vv. 13-16 RSV) Veja **Dragão do Apocalipse**. A sexta praga se fecha com as nações da terra reunidas para o conflito, e o contexto infere que o conflito segue-se quando o sétimo *Anjo derrama o flagelo da sétima praga.

No uso popular, "Armagedom" significa qualquer conflito militar de grandes proporções envolvendo muitas nações, embora geralmente sem

referência ao significado bíblico do termo. O Armagedom não recebeu ênfase específica pelos intérpretes Protestantes dos primórdios, mas, nas primeiras quatro décadas do século dezenove, a crescente ênfase sobre a iminência do fim de vários períodos proféticos das profecias de Daniel e Apocalipse levaram ao crescente interesse no assunto do Armagedom. Um grande grupo de expositores ensinaram que os eventos preditos em Apoc. 16:12-16 eram paralelos aos de Dan. 11:44 e 45 desde que, em ambos os exemplos, o estabelecimento do reino eterno de Cristo segue-se quase imediatamente. Posteriormente, ressaltou-se que "o rei do norte" de Dan. 11:40-45, a quem muitos identificaram como o Império Otomano, ocuparam a área drenada pelo rio Eufrates, que é mencionada em Apoc. 16:12. Sua crença em que os Turcos eram referidos como o "grande rio Eufrates" sob a sexta trombeta (Apoc. 9:14) reforçaram a convicção de que o Eufrates, mencionado sob a sexta praga, deva referir-se ao mesmo poder. O fato de que, através de todo o século dezenove, o território do Império Otomano *foi* progressivamente sendo diminuído — ou "seco" — juntamente com a crença na iminência do evento predito, tendiam a confirmar esta interpretação. Politicamente e na imprensa, o Império Turco era referido como "um homem doente do Oriente," e seu falecimento estava iminente. Eventos contemporâneos eram construídos como parte do processo de secagem ao qual Apoc. 16:12 se referia. A "questão do Oriente" atraiu a atenção dos homens de Estado através dos séculos bem como a dos intérpretes da profecia bíblica.

História da Interpretação ASD. Intérpretes Mileritas tinham variadas posições sobre o Armagedom. Por exemplo, *Guilherme Miller ensinava que a sexta praga era uma diminuição ou retirada "do poder turco" na época (1836) em processo de cumprimento, "de forma que o caminho parece estar preparado para que os reis venham para conflito do grande dia" (*Evidence ... of the Second Coming of Christ*, 1836, p. 185).

*Josias Litch, que situava as pragas "no futuro, e após o *Segundo Advento" (*Prophetic Exposition*, vol. 1, 1842, p. 175), cria que —

> *"o grande rio Eufrates"* secará literalmente para abrir caminho para os reis do Oriente virem a Jerusalém e à Palestina para a grande batalha, como o foi para Ciro, quando entrou e tomou a cidade de *Babilônia; ou como o Mar Vermelho e o Rio Jordão secaram para abrir caminho para Israel em seu leito. Os efeitos do sexto flagelo serão, *primeiro*, a secagem das águas do rio, para abrir caminho; e *segundo*, enviar os espíritos dos demônios para enganar, por *Milagres, os reis de toda a terra e seus exércitos, e os ajuntar (*ibid.*, p. 183).

Publicações ASD contêm pouco sobre o assunto do Armagedom até a década de 1850. Em um artigo em 1852, na **Review and Herald*, G. W. Holt argumentou que as pragas eram "reais e literais" como foram as pragas do Egito. Após citar Apoc. 16:12, Holt declarou: "Esta indubitavelmente será literal, e melhor entendida aproximadamente no tempo de seu cumprimento" (23/03/1852). Se por esta declaração ele quis meramente afirmar que a sexta praga, assim como as outras, seria literal, ou se pelo termo "literal" ele queria dizer que os símbolos proféticos nesta deviam ser literalmente entendidos (por exemplo, que o Rio Eufrates seria literalmente seco, como Litch defendia), não está claro. Interpretando os versos 13 e 14, ele comenta:

> Esta obra de engano provavelmente aumentará até que a grande maioria esteja cativa, e tão enganados por ela a ponto de se arregimentar na grande batalha contra o Cordeiro e seus humildes seguidores. Por este instrumento, são levados a resistir à verdade, e pelejar contra os que guardam os mandamentos de *Deus e têm a fé em Jesus. Semelhantemente

> Faraó e seus exércitos foram enganados pelos mágicos e avançaram até serem tragados pelas águas do Mar Vermelho (*ibid.*, p. 106).

Uma idéia semelhante foi expressa por *R. F. Cotrell na *Review and Herald*, em 1853:

> Mas a última obra dos espíritos será ajuntar as nações para a batalha do grande dia do Deus Todo-Poderoso (Apoc. 16:14). Estão agora preparando o caminho, e ganhando influência sobre reis e subordinados, e quando o sexto flagelo da ira de Deus for derramado, ajuntar-se-ão para a batalha. ... No entanto, homens estão clamando paz e segurança, enquanto repentina destruição paira sobre suas cabeças; e os espíritos de demônios estão sendo arregimentados contra Deus e Sua verdade; não obstante, a verdade triunfará (22 de novembro de 1853).

Um hinário ASD do tempo dos pioneiros incluía um hino intitulado "Armagedom." Com a fraseologia baseada em Apoc. 14:14-20 e 19:11-21, o hino enfatizava a participação de Cristo e Seus anjos na batalha do Armagedom, vencendo os poderes da Terra e libertando o povo de Deus, ameaçado imediatamente antes da *Ressurreição e do aparecimento de Cristo nas nuvens do *Céu. (*Hymns for Second Advent Believers Who Observe the Sabbath of the Lord*, 1852, pp. 23, 24).

Na Guerra Civil certos indivíduos, obviamente não os líderes responsáveis da Igreja, declararam que o grande dia do Senhor estava começando. *Tiago White, como editor da *Review and Herald*, ressaltou, na edição de 21/01/1862, que o "preparo para aquele conflito não se iniciaria até o tempo do derramamento da sexta praga," e que a batalha se segue somente quando o Filho de Deus acompanhado pelos exércitos de anjos do céu, desce à Terra. "A grande batalha não ocorre

entre nações,” escreveu ele, “mas entre a terra e o céu,” entre Cristo e Satanás.

A primeira exegese formal de Apoc. 16:12-16 na literatura ASD apareceu durante o curso e uma série de artigos intitulados “*Thoughts on Revelation*” (Reflexões Sobre o Apocalipse) de *Urias Smith, que foram publicados na *Review*, esporadicamente de 3 de junho de 1862 a 3 de fevereiro de 1863. Na edição de 2/12/1862, Smith identificou a secagem simbólica do rio Eufrates como “a extinção do império Turco,” cujo poder, dizia ele, cessaria de existir juntamente com o derramamento da sexta praga. Ele considerou a dissolução do Império Otomano como um prelúdio necessário para a batalha do Armagedom, visto que o conflito, afirmava ele, seria travado em Jerusalém e esta estava então nas mãos dos Turcos. A dissolução do Império Turco, dizia, prepararia o caminho para “os reis do Oriente” — pelos quais ele entendia as nações do Oriente da Palestina — para lutar na batalha em Jerusalém. Ele identificou os “três espíritos imundos” que reúnem as nações para o Armagedom como “Paganismo, Catolicismo e Protestantismo.” Estes, as grandes organizações religiosas do mundo, ajuntariam as nações para um “conflito desigual ... contra o Senhor e Seus exércitos.” O ajuntamento das nações seria específico da sexta praga, e a batalha propriamente dita, que ele identifica com o julgamento de Babilônia nos vv. 17-19, específica à sétima. Esta exposição foi conservada quando a série de artigos apareceu na forma de um livro em 1867 e tornou-se o padrão ASD de interpretação pelos 75 anos seguintes. Aproximadamente nesta época, Smith começou a identificar o rei do norte (Dan. 11:40-45) com a Turquia. Anteriormente ele tinha identificado este rei com o Papado (*Review and Herald*, 13 de maio de 1862).

A situação internacional que culminou na Guerra Russo-Turca (1877-1878) levou à expectação do iminente fim do Império Otomano, com o

Armagedom seguindo-se imediatamente. Na *Review and Herald* de 28 de março de 1871, Urias Smith escreveu:

> Todos os olhos estão agora voltados com interesse em direção à Turquia; e a opinião unânime dos homens de Estado é que os Turcos estão destinados a serem logo extirpados da Europa. ... O tempo logo decidirá a questão; e poderá ser em poucos meses.

Mas Tiago White nunca concordou com esta posição. Embora admitisse haver "um acordo geral para com a questão, e que todos os olhos estivessem voltados para a guerra agora em progresso na Turquia e na Rússia como o cumprimento da referida profecia que dará confirmação à fé no breve *Clamor da Meia-Noite e o encerramento de nossa mensagem", ele concluiu: "Qual será o resultado desta positividade em profecias não-cumpridas, *não viessem as coisas tão certas como esperadas, é uma inquietante questão" (Review and Herald,* 29 de novembro de 1877; itálico acrescentado).

A corrida armamentista que levou à Primeira Guerra Mundial reavivou o interesse no Armagedom," W. A. Spicer escreveu sobre os espíritos de Apoc. 16:13, 14 instigando as nações para a guerra, e reunindo todo o mundo para o Armagedom. Ele disse:

> Homens que conhecem o pulso dos negócios internacionais vêem perante nossos olhos um conflito mundial, que descrevem como o Armagedom das nações. ... A segura palavra da profecia diz que é o ajuntamento para a batalha do grande dia. ... Com expressa velocidade, o mundo voa para o Armagedom. ... Perante nossos olhos cumpre-se a profecia. Homens do mundo testificam-no. O descanso finalmente virá, e o tempo está no fim (22/10/1903).

No exemplar de 6 de fevereiro de 1913 da *Review and Herald*, W. H. Branson comentou:

> É aterrador notar como a idéia do Armagedom está tomando conta do pensamento de pessoas de cada país, e como o mundo espera com temor e tremor a grande crise que afigura-se como o Armagedom, e que virá segura e brevemente.

Na edição de 25 de dezembro do mesmo ano, F. M. Wilcox perguntou, “Qual será o fim de toda esta preparação para a guerra?” e respondeu: “O fim será o predito pelo *Profeta, o fim procurado por estadistas de visão — a batalha do Armagedom, o último grande conflito da terra que precederá a vinda do Senhor.”

Seis anos antes da deflagração da Primeira Guerra Mundial, *Stephen Nelson Haskell escreveu:

> Até mesmo os Turcos esperam pelo tempo quando terão que remover sua capital de Constantinopla para Jerusalém. ... Todos sabem que quando os turcos saírem de Constantinopla, haverá uma fratura na Europa. Eles poderão não chamar o conflito impendente como Armagedom, mas Deus certamente assim o chamou (*The Story of Daniel the Prophet*, pp. 282, 283).

Poucas semanas depois do início da Primeira Guerra Mundial, F. M. Wilcox comentou:

> As Escrituras indicam que eventualmente o lugar do governo será removido para a gloriosa e santa montanha entre os mares, referindo-se a Jerusalém. ... O rio Eufrates, representando o governo Otomano, está rapidamente sendo secado para que o caminho dos reis do Oriente possa ser

> preparado para tomarem parte na grande batalha do Armagedom (*RH*, 19 de outubro de 1914).

Na edição de 17 de setembro, C. M. Snow sugeriu que se a Turquia entrasse na guerra —

> então esta [Primeira Guerra Mundial] seria o primeiro estágio para o conflito do Armagedom. Mas isso está para ser decidido. O resultado da batalha não podemos predizer. Sua relação com o Armagedom depende do alinhamento e arregimentação das nações. Irá isso secar de tal modo o poder designado como o Eufrates que o caminho será preparado para as forças do paganismo e Maometanismo subirem ao campo de guerra mundial? O tempo irá dizer. Mas se tal guerra não o fizer, seguir-se-á outra que o fará.

Quando a Turquia declarou guerra, seis semanas depois, G. B. Starr escreveu:

> "O Império Otomano na Europa logo estará apenas na memória." ... Por quase quarenta anos o escritor tem observado com o mais profundo interesse os movimentos no Oriente Próximo com referência ao cumprimento das predições relativas à Questão Oriental, e se regozija com as claras evidências de que o último passo, o último ato do drama, está às portas (*RH*, 26 de novembro de 1914).

A deflagração das hostilidades em 1914 inspiraram cautelosas admoestações para que não se considerasse que a guerra era o Armagedom da Bíblia. A. O. Tait aconselhou:

A furiosa maneira em que a guerra na Europa explodiu, e a rapidez com que está se espalhando de uma a outra nação, está fazendo com que muitas pessoas questionem, "É este o início do Armagedom?"

> A esta questão podemos claramente dizer: Não, o Armagedom não começou; pois será observado na profecia já citada que a guerra do Armagedom ocorre sob o derramamento das *Sete Últimas Pragas, as quais ainda não começaram a cair, como todos sabem (*Signs of the Times*, 18 de julho de 1914).

Disse C. M. Snow:

> "O conflito que agora se trava na Europa não é o Armagedom, mas é inteiramente possível que possa levar a tal." (*Review and Herald,* 1º de outubro de 1914).

W. W. Prescott escreveu:

> "Esta grande guerra não é o Armagedom. Não é de se admirar que esta palavra apareça nos jornais, mas não é o Armagedom. Esta guerra não é o fim" (*Review and Herald*, 1º de outubro de 1914).

A corrida armamentista que culminou com a Primeira Guerra Mundial era paralela a outros desenvolvimentos que introduziram as nações do Oriente Próximo na foto do Armagedom. O despertamento do Japão sob a esclarecida legislação do grande Imperador Meiji (1852-1912), a Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), a Revolução Boxer na China (1900), uma brilhante vitória Japonesa na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), e a Revolução Chinesa (1911) deram origem à idéia de que o Armagedom seria essencialmente uma batalha entre as nações do

Oriente (os “reis do Oriente”) e do Ocidente. Diz-se que o rei da Suécia declarou em 1896:

> “O Ocidente será conquistado pelo Oriente” (R. C. Porter, “*The World’s Armageddon Battle in Prophecy*,” *Review and Herald*, 7 de agosto de 1913).

A Rebelião Boxer levou à criação do termo “perigo amarelo” (*London Daily News*, 21 de julho de 1900), citado em *Oxford English Dictionary*, art. “Yellow”). Uma série de quatro artigos de R. C. Porter na *RH* durante julho e agosto de 1913, foi baseada na idéia de que o Armagedom era essencialmente uma batalha entre Oriente e Ocidente. No artigo de 7/08, Porter escreveu do grande problema racial mundial como um desafio à supremacia do homem branco, e da “batalha do Armagedom provavelmente como resultado das presentes condições do Oriente.” Ele citou Archibald R. Colquhoun, F.G.R.S., por sua declaração em *Mail Yearbook* (1908); “Não há dúvida de que a vitória do Japão sobre a Rússia [em 1905] levantou a questão das relações entre brancos e amarelos em uma forma totalmente nova, e além disso que um espírito de renascimento está em operação na Ásia, que é *destinado a desafiar a jactanciosa supremacia dos brancos”* (ênfase dele). Seguindo a Primeira Guerra Mundial, Lothrop Stoddard popularizou frases tais como o “perigo amarelo” e “a maré alta da cor” em uma série de livros incluindo um intitulado *The Rising Tide of Color* (A Maré Alta da Cor) em 1920. C. B. Haynes usou ambas as expressões em seu livro *On the Eve of Armageddon* (“Às Vésperas do Armagedom”) em 1946, p. 54.

Decrescente ênfase sobre a participação da Turquia no Armagedom, entre a Primeira e a Segunda Guerra, foi paralela à aumentada ênfase sobre a participação do Japão e outras nações Orientais. Mas com a decisiva derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, tal ênfase desapareceu. Sob o título “Japão e os Reis do Oriente” (*Ministry*, junho

de 1946) Andrew N. Nelson negou enfaticamente que o Japão tenha tido qualquer relação com os “reis do Oriente.” Ao os desenvolvimentos mundiais tornarem a aplicação de Dan. 11:45 e Apoc. 16:12 à Turquia progressivamente improváveis após a Primeira Guerra Mundial, e da mesma forma de Apoc. 16:12 ao Japão após o fim da Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se na exegese ASD uma tendência de desconsiderar a Turquia e o Japão em conexão com estas profecias e de retornar à posição mais geral dos pioneiros. Conseqüentemente, há muitos atualmente que defendem que o conflito do Armagedom é o conflito entre as forças do bem e as forças do mal que culminarão na destruição dos ímpios na *Segunda Vinda de Cristo. Outros, porém, defendem que a batalha será de caráter militar, travada entre as nações da terra, e que esta batalha militar será encerrada na vinda de Cristo.

O termo “Armagedom” raramente aparece nos escritos de *Ellen G. White. Veja, por exemplo, *Testimonies*, vol. 6, p. 406 e outras passagens no *SDABC*, vol. 7, pp. 982, 983.

ARMINIANISMO. Posição teológica a respeito da *Salvação criada por Jacobus Arminius (Hermansz) (1560-1609), professor na Universidade de Leiden, nos Países Baixos. Focalizando este ataque principalmente sobre a posição Calvinista de que *Deus predestinou alguns homens à salvação e outros à condenação, Arminius declarou que a salvação é teoricamente possível para todos. Ao se desenvolver a doutrina de Arminius entre seus seguidores (conhecidos na Holanda como Protestantes), esses negavam que qualquer criança seja culpada antes da idade de responsabilidade e que por não ser o homem completamente depravado, ele pode cooperar com Deus. De modo oposto, ele pode também perder a *Graça. Provavelmente o dogma teológico mais significativo do Arminianismo é que a eleição é baseada no pré-conhecimento de Deus a respeito da escolha do homem, mais do que sobre a soberania do decreto de Deus, como ensinada por Calvino.

Neste ponto, objetou-se que a muita ênfase sobre a posição de Arminius oferece o risco de tornar a salvação uma questão primariamente de decisão humana e desta forma subestimando a soberania de Deus, como manifesta na eleição de *Jesus Cristo. Embora condenado pelos Calvinistas no Sínodo de Dort em 1619, o Arminianismo sobreviveu. Em algumas áreas ele se desenvolveu muito além da doutrina original de Arminius. A forma evangélica básica do Arminianismo mais tarde se tornou a posição soteriológica de Wesley e da Igreja Metodista. Embora os ASD formalmente não se identifiquem como Arminianos, a posição Arminiana geral veio a caracterizar sua doutrina.

AROUCA, MORENCY (1930-1989). Engenheiro mecânico e eletricista. Professor Universitário, conferencista, pesquisador, membro emérito da IASD. Nasceu no dia 4 de junho de 1930, em Ribeirão Preto, SP. Casou-se com Lucila Schwantes Arouca, de cuja união nasceram quatro filhos: Ricardo, casado com Liane Odete Oberg Arouca; Elaine, casada com Marcos Miceli Domeniconi; Gladys, casada com Jonas Pinho de Souza; e Reinaldo, casado com Lídia Soares Arouca.

Formou-se Engenheiro Mecânico e Eletricista pela Escola Politécnica da Universidade em São Carlos e São José dos Campos — SP, e a convite de universidades estrangeiras fez palestras em vários países, principalmente na França e Estados Unidos.

Além dos trabalhos de engenharia que acompanhou ao longo de sua carreira, publicou inúmeros artigos e apostilas como resultado de suas pesquisas.

O Dr. Morency Arouca foi *Ancião de Igreja por muitos anos: São José dos Campos (1954-1957); São Carlos (1957-1975); e Campinas (1975-1989). Em virtude de sua vasta experiência, cultura, e, acima de tudo, seu equilíbrio na defesa da verdade, apresentou uma larga folha de serviços à igreja na condição de Mesário (*União Central-Brasileira da IASD, *Associação Paulista da IASD e *Instituto Adventista de Ensino

[IAE/SP]). Destacada também foi sua participação em congressos universitários, durante os quais fez palestras em defesa do Criacionismo e das normas cristãs.

Faleceu dia 2 de abril de 1989, aos 58 anos, às 9:30 h, em Campinas, SP, vitimado por hemorragia cerebral.

AROUCA, WANDYR (1908-1973). *Pastor, professor e evangelista. Nasceu em Ribeirão Preto, SP. Casou-se com Elvira Toddai Arouca. Clinicou em sua cidade natal como dentista de 1929 a 1934. Cursou o ginasial no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) e formou-se em Odontologia em 1929. Decidiu cursar Teologia, graduou-se pela *Faculdade Adventista de Teologia (FAT) em 1925. Lecionou no CAB em 1935 as seguintes disciplinas: Ciências, Geografia, Fisiologia e Higiene. Por 11 anos exerceu o ministério pastoral, destacando-se como evangelista tanto na *Associação Paulista da IASD, como na *Associação Sul Rio-Grandense da IASD. Iniciou o trabalho Adventista em várias cidades como Caxias do Sul, Santa Maria, Cruz Alta, Bagé (RS) e São José do Rio Preto, Catanduva, Mirassol (SP) bem como na capital paulista nos bairros de Ipiranga, Pinheiros, Lapa e Arthur Alvin.

Faleceu no *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), no dia 22 de agosto de 1973, aos 65 anos de idade.

ARQUEOLOGIA BÍBLICA. O estudo científico de resíduos materiais da vida humana que se relacionam com a *Bíblia ou com os tempos bíblicos.

História e Propósitos. O propósito da Arqueologia Bíblica é a recuperação da história, cultura e religião dos povos antigos de todas as terras bíblicas, da Pérsia no Oriente até a Itália no Ocidente, com especial interesse na Palestina e na região do Egito, Síria, e Mesopotâmia que tiveram parte importante na história bíblica. A exploração bíblica do Egito começou em 1798 quando 120 artistas e

cientistas acompanharam Napoleão em sua campanha no Egito para estudar e relatar os resíduos antigos do Egito. A exploração na Assíria começou em 1842 com a escavação de Nínive pelo cônsul francês E. Botta; e a da Palestina, com explorações topográficas conduzidas pelo erudito americano Edward Robinson, em 1838.

De mãos dadas com o trabalho de escavação esteve a recuperação das línguas mortas, tais como a decifração da inscrição egípcia por J. François Champollion em 1822, e da escrita cuneiforme aproximadamente da metade do século dezenove. Desde aquele tempo várias outras escritas antigas têm sido descobertas. Desta forma, um tesouro de literatura antiga tem-se tornado disponível para o estudo, inclusive relatos históricos e anais, textos mitológicos religiosos, hinos, orações, leis e documentos de caráter judicial, econômico e científico.

Escavações realizadas em centenas de sítios, virtualmente toda a área das antigas terras bíblicas, têm descoberto cidades, templos, palácios, túmulos sepulturas, e trouxeram à luz objetos de uso diário tais como armas e ferramentas, instrumentos musicais, e obras de arte, bem como milhares de textos escritos. Muitas cidades Bíblicas por exemplo Babilônia, Jerusalém, Nínive, Susã, Siquém e Betel têm sido diligentemente exploradas. Tudo isto — o trabalho do arqueólogo e do estudioso que decifra e publica textos antigos — tem propiciado um legítimo tesouro de informação sobre os tempos bíblicos e dessa forma sobre a própria Bíblia. Este estudo tem aclarado numerosas passagens antigas das Escrituras, aumentado a informação oferecida pela Bíblia, e tem confirmado muitas declarações históricas. A arqueologia bíblica tem então propósito e valor triplos para os estudantes da Bíblia:

(1) Provê ilustrações contemporâneas de costumes e práticas mencionadas na Bíblia e esclarece declarações obscuras;
(2) Fornece bastante material suplementar, especialmente às porções históricas;
(3) Corrobora a precisão do relato bíblico.

Interesse ASD na Arqueologia Bíblica. Por mais de um século os adventistas têm tomado nota de descobertas arqueológicas que tendem a confirmar a credibilidade das Escrituras. Começando com o volume 10 (1857), a * *Review and Herald* ocasionalmente publicou artigos, notas e notícias arqueológicas, a maioria delas extraídas de jornais e portanto sempre e totalmente confiáveis. Às vezes, artigos escritos por eminentes eruditos eram republicados. Destes, o primeiro apareceu na edição de 29 de abril de 1884 (pp. 257-277). Foi escrito pelo assiriologista William Hayes Ward para o *Sunday School Times*, do qual foi republicado. Mais tarde, quando o material arqueológico tornou-se mais abundante, séries de artigos, às vezes ilustrados com fotos, apareceram em jornais ASD. Um foi a série de sete artigos de M. E. Kern sobre "A Bíblia e Monumentos Antigos," que estiveram na *Review and Herald* durante agosto e setembro de 1905, e descobertas arqueológicas no Egito, Babilônia, Assíria e Palestina.

Escritores de livros ASD também fizeram uso de conhecimento histórico atual obtido através de descobertas arqueológicas. Por exemplo, nas primeiras edições de *Thoughts on the Book of Daniel*, *Urias Smith se referiu ao Rei Belsazar de Dan. 5 como neto de Nabucodonosor. Em resposta à pergunta de um leitor, ele explicou na *Review and Herald* de 11 de março de 1873, que ele tinha seguido Prideaux ao igualar Belsazar com Nabonido, conhecido de fontes antigas como o antigo rei de Babilônia. Em 1888, porém, ele publicou um artigo na *Review and Herald* de 4 de dezembro daquele ano no qual ele se referiu a textos encontrados em Tell el-Muqaiyar (Ur) indicando que Belsazar era o filho primogênito de Nabonido. Ele portanto aceitou a co-regência para Nabonido e Belsazar durante os últimos anos da história de Babilônia. Edições posteriores da obra de Smith sobre Daniel preservaram esta informação.

Livros de história antiga e sobre o cumprimento da profecia tais como os de A. T. Jones, que desfrutaram de grande popularidade entre os ASD

pela virada do século, também utilizaram novos conhecimentos históricos de maneira limitada, mas eram baseados principalmente em fontes gregas e romanas.

O primeiro livro de natureza puramente arqueológica escrito por um ASD foi *The Spade and the Bible* (A Pá e a Bíblia) de W. W. Prescott (Revell, 1933), um livro de 216 páginas. Por muitos anos, educador e posteriormente editor da *Review and Herald*, o autor fez uso de grande quantidade de material arqueológico que trouxe luz sobre várias fases da história do *Antigo Testamento. Sendo que o autor não era nem arqueólogo profissional nem lingüista, e não tinha nenhuma confiança em informações de segunda mão, não é surpresa encontrar material em seu livro não muito fidedigno; e, obviamente, um tanto desatualizado. O mesmo pode ser dito com respeito a outros livros, geralmente pequenos, sobre arqueologia publicados por editoras ASD, tais como *The Spade and the Book* (A Pá e o Livro) (1947). Não diretamente sobre o assunto da arqueologia mas utilizando documentos arqueológicos, foi publicado um livro sobre a *Cronologia de Judá e Israel, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (1951; revisado em 1965), escrito pelo Dr. Edwin R. Thiele, do Emmanuel Missionary College (atual Andrews University), e publicado pela Universidade de Chicago. Diferente dos livros mencionados acima, que foram escritos em nível popular, este era uma abordagem erudita (baseada em sua tese doutoral) harmonizando os números bíblicos para os reinados com as cronologias Assíria e Babilônica, a publicação granjeou reconhecimento entre eruditos em A.T. e contribuíram para o crescente respeito pela exatidão dos historiadores Hebreus.

Arqueologia e o Seminário Teológico ASD. O Seminário Teológico ASD, fundado em 1934 como “A Escola Avançada da Bíblia,” lista o Dr. Lynn H. Wood pela primeira vez em seu catálogo de 1937, como “Professor de Antigüidade e Arqueologia.” Durante os sete anos seguintes vários cursos de arqueologia foram oferecidos continuamente,

mas em 1944 um departamento de arqueologia e História da Antigüidade foi organizado tendo Wood como presidente. Isto capacitou os estudantes a obter seu Mestrado neste campo de estudos. Em 1951, o Dr. Siegfried Horn tornou-se o presidente deste departamento, e em 1952 Wood se aposentou do ensino ativo. Quando o Seminário foi reorganizado em 1955, Horn se tornou presidente do Departamento de Estudos em A.T., mas permaneceu como professor de Arqueologia e História de Antigüidade e continuou a dedicar a maior parte de seu tempo a dar cursos na área. O primeiro Mestrado com especialização em Arqueologia e História da Antigüidade foi conferido em 1947; em 1967, um total de 43 diplomas foram conferidos. Começando em 1966, o Mestrado em Artes e Religião com concentração em arqueologia foi assumido pela Escola de Estudos Superiores da Universidade Andrews. Vários estudantes obtiveram diplomas na área desde então.

Arqueólogos ASD. *Lynn H. Wood*. Recebeu seu treinamento em Engenharia Arquitetônica pela Universidade de Michigan e então lecionou Ciências em várias instituições ASD de 1909 a 1918. Durante os 16 anos seguintes, ele serviu como presidente do Southern Junior College (1919-1922); Australasian Missionary College, na Austrália (1923-1928); Stanborough College, na Inglaterra (1928-1930); e Emmanuel Missionary College (1930-1934). Em 1934 ele iniciou o ensino avançado e obteve seu Ph.D. em junho de 1937, com uma tese sobre “A Evolução dos Sistemas de Defesa na Palestina.” Durante os anos de 1936-1937 foi *Jastrow Fellow* na Escola Americana de Pesquisa Oriental em Jerusalém e durante o qual tomou parte na escavação do *Khirbet Tannur* em *Tell el-Kheleifeh* (Ezion-Geber) na Transjordânia, sob a direção do Dr. Nelson Glueck, diretor da escola. Beneficiando-se dos estudos arquitetônicos, Wood foi o topógrafo da expedição. De 1937 a 1952 ele serviu Seminário Teológico ASD como professor de Arqueologia e História da Antigüidade, e de 1944-1951 como diretor do Departamento de Arqueologia. Durante estes anos Wood trabalhou

especificamente em problemas cronológicos. Um dos resultados de seu trabalho foi o estabelecimento do início da décima segunda Dinastia do Egito em 1991 a.C.. Um relatório do trabalho foi publicado no *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* em outubro de 1945. Outro fruto de seus estudos foi a descoberta de evidências de que os judeus usavam um calendário de outono a outono após o Exílio, corroborando conclusões tiradas de passagens bíblicas como Neem. 1:1 e 2:1. Os resultados desta obra foram publicados em conjunto com Siegfried Horn no *Journal of Near Eastern Studies* em janeiro de 1954 e ampliado como monografia, *The Chronology of Ezra 7,* em 1953 (revisada em 1970).

Siegfried Horn. (1908-1993). Natural da Alemanha, Horn estudou na Alemanha, Inglaterra (onde aprendeu de Lynn H. Wood), e Walla Walla College. Então serviu como ministro na Holanda (1930-1932), e como missionário em Java e Sumatra (1932-1940). Durante a II Guerra Mundial ele ficou preso por seis anos e meio, durante os quais estudou as línguas antigas, bem como as bíblicas, temas de história, arqueologia nos quais interessava-se especialmente. Após a guerra ele finalizou os estudos superiores no Seminário Teológico ASD sob a tutela de Wood, e na Universidade John Hopkins, com W. F. Albright como professor. Transferindo-se para a Universidade de Chicago, recebeu seu Ph.D. em Egiptologia em março de 1951, com uma tese sobre a “Relação Entre o Egito e a Ásia durante o Reino Médio Egípcio.” No mesmo ano, tornou-se presidente do Departamento de Arqueologia e História da Antigüidade no Seminário Teológico ASD, e continuou a servir como professor de Arqueologia. Horn também lecionou cursos de Arqueologia em Escolas de Extensão no México, França e nas Filipinas, Alemanha, Japão, Austrália e Áustria, repetidamente passou períodos de estudo no Oriente Próximo, conduziu três viagens para ministros e professores de Bíblia pelas terras bíblicas (1957, 1959 e 1966), e em 1960 tornou-se membro da equipe de Expedições Arqueológicas Drew-McCormick,

que, sob a direção do Dr. Ernest Wright, da Universidade de Harvard, escavou a Siquém bíblica na Jordânia. Horn serviu como supervisor da expedição durante os três estágios (1960, 1962 e 1964), e preparou alguns dos materiais de Siquém para publicação. O fruto deste trabalho foi a publicação do *Journal of Near East Studies*, janeiro de 1962; janeiro de 1966, e julho de 1973, de todos os escaravelhos encontrados em Siquém até 1968.

Escavações realizadas pela Andrews de 1968-1974 trouxeram à luz resíduos da antiga cidade de Hesbon do 12º século a.C. até o 14º século A.D. Entre eles estavam partes das antigas fortificações da cidade; um grande reservatório de água, provavelmente um dos tanques mencionados em Cantares 7:4; os resíduos de um centro de culto Romano consistindo de uma *via sacra*, uma escadaria monumental que levava ao templo no cume do monte de terra e as fundações do templo; ruínas da Igreja Cristã dos primeiros séculos quando Hesbon era o centro do sacerdócio; e resíduos de estruturas posteriores, inclusive o único tanque de Mamluk encontrado na Jordânia.

Várias tumbas Romanas e Bizantinas, algumas com ricos conteúdos, também descobertas e escavadas, entre elas duas tumbas familiares do primeiro século A.D., cada uma fechada com uma pedra roliça. As escavações não têm trazido à luz nenhum resíduo anterior ao 14º século a.C., o que leva à conclusão de que a Hesbon do rei Sion dos Amoritas, conquistado pelos Israelitas, liderados por Moisés, deve ter-se localizado em outro sítio, do qual foi transferida após a conquista do local pelos Israelitas ao sítio que pelos 3.000 anos passados levou o nome de Hesbon (*Esbus* em Grego e Latim, e *Hesbân* em Árabe).

Em 1970, um Museu Arqueológico foi aberto no campus da Andrews University. Temporariamente na Biblioteca James White, contém 7.000 artefatos de arte e utilidade do Antigo Oriente Próximo. Muitos objetos como moedas, cerâmica, tabletes cuneiformes, esculturas, ferramentas, armas, estatuetas, jóias, selos e vasos de vidro têm vindo à coleção

mediante a compra ou doações. Aproximadamente 2.000 artefatos foram obtidos durante as expedições arqueológicas a Hesbon. Os objetos servem como auxílio visual para uma melhor compreensão de certas passagens bíblicas de natureza histórica, cultural e religiosa. O Museu abriga também o "Seminário da Fundação Hartfold de Coleção de Tabletes Cuneiformes", que consiste de 3.000 tabletes antigos de argila variando entre o período Sumeriano até os tempos Neo-Babilônicos. Estão sendo estudados com o objetivo de eventualmente publicar seus conteúdos.

ARREBATAMENTO SECRETO. Veja **Arrebatamento; Segundo Advento.**

ARREBATAMENTO. Termo não usado pelos ASD, mas comum entre outros pré-milenistas, significando literalmente a "retirada" usada com um sentido religioso de santos sendo levados para encontrar a Cristo nos ares, como mencionado em I Tess. 4:17. Tornou-se (especialmente na frase "*Arrebatamento Secreto") um termo um tanto técnico da forma pré-tribulacionista-dispensacionalista de pré-milenismo, usado para denotar uma suposta remoção da igreja para o *Céu e que deixa os judeus e as "nações" sobre a terra para passar pela grande tribulação final.

A idéia de um "arrebatamento secreto" não ocorre na *Bíblia. É um conceito teológico imposto sobre algumas passagens no N.T. (Mat. 24:40,41; I Tess. 4:17). Cristo e os escritores do N.T. afirmam explicitamente que a retirada dos santos ocorre ao tempo da vinda pessoal, visível e gloriosa de Cristo nas nuvens dos céus. A vinda do *Anticristo e a grande tribulação precedem, não se seguem, ao arrebatamento (Mat. 24:21-31; II Tess. 2:1-3). Veja **Segundo Advento.**

ASCENSÃO. Um termo técnico para a ascensão de nosso Senhor, que ocorreu 40 dias após Sua *Ressurreição. Mediante a contagem inclusiva, 40 dias desde o domingo terminariam em uma quinta-feira, que por séculos os cristãos têm tomado como o dia da ascensão (Atos 1:3-11). O lugar do qual Jesus ascendeu era o Monte das Oliveiras (v. 12), um lugar nas proximidades de Betânia (Luc. 24:50). O evento foi testemunhado pelos Onze (Atos 1:12-13) e possivelmente por outros. A ascensão marca o encerramento do ministério terrestre do Senhor e o início de Seu ministério no céu em nosso favor (Heb. 4:14-16; 9:24). Como um evento histórico, a ascensão permanece como uma segurança de que Cristo retornará para nos receber (Atos 1:11; João 14:1-3).

ASD COMO CIDADÃO. Veja **Igreja e o Estado; Não-combatência; Liberdade Religiosa.**

ASD EM GUERRA CIVIL. Veja **Não-combatência**.

ASSISTÊNCIA SOCIAL ADVENTISTA (ASA). Veja **Agência Adventista de Assistência e Desenvolvimento (ADRA).**

ASSOCIAÇÃO BAHIA DA IASD. Localiza-se na Rua do Carro, 58, Salvador, BA. Pertence e é administrada pela *União Este-Brasileira da IASD. Seu território compreende o Estado da Bahia. A Associação Bahia administra 500 igrejas e grupos num total de 47.500 membros (1994) para uma população de 12.720.500 habitantes.

Atualmente (1994) há 50 pastores distritais; 45 escolas de 1º e 2º Graus com um número de 9.400 alunos.

O *Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS) conta 3 lojas e 160 colportores.

A Associação Bahia conta 185 *Clubes de Desbravadores; um *Centro de Treinamento dos Jovens Adventistas (CTJA); uma gráfica

off-set; uma clínica de Saúde Natural e duas emissoras de rádio (Salvador e Ilhéus). A Novo Tempo de Salvador foi adquirida em julho de 1994; o Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE); *Colégio Adventista de Salvador (CAS) 1º e 2º Graus.

Os primeiros missionários a levar a mensagem Adventista ao território baiano foram *John Lipke e *Camilo Pereira (1911). Na época o Pr. Lipke era o presidente da Missão Este-Brasileira da IASD, cujo território abrangia os Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco.

Em 1915, realizou-se a primeira Assembléia Geral da IASD presidida por F. R. Kümpel, em Serra Pelada, ES.

Em 1919 ocorreu a chegada do primeiro diretor de colportagem, na Bahia, Ayres Pereira Paes; do obreiro Manuel Pereira da Silva e do Pr. Franck Chollar, incumbidos de criar a *Missão Baiana da IASD, sendo então oficialmente estabelecida.

Foi então organizada a primeira igreja, em Itabuna, além de congregações em Pontal de Ilhéus e no subúrbio de Plataforma, em Salvador.

A Missão foi organizada em 1921, com a chegada dos Prs. *Leo Blair Halliwell e *Gustavo Storch.

No ano seguinte, uma campanha evangelística deu origem à Igreja de Itapagipe, na capital.

A depressão mundial forçou a junção da Missão Baiana com a Pernambucana, surgindo a *Missão Nordeste, presidida pelo Pr. Gustavo Storch, no início dos anos 30.

Na Bahia ficaram apenas dois Prs: *José Rodrigues dos Passos, em Salvador e Theóphilo Berger, em Itabuna.

Em 05 de março de 1937 os Prs. *Germano Streithorst, Oscar Castellani, Saturnino de Oliveira e Otto Groeschell, oficializaram a criação da Missão Bahia-Sergipe.

Em 1980, a Missão Bahia-Sergipe foi dividida. Com o Estado de Sergipe integrado à Missão Nordeste, surgiu a Missão Bahia.

Em 1986 o Campo passou a ser Associação Bahia.

Presidentes: Z. M. Rodrigues (1919); F. S. Chollar (1920); ? (1921-1922); *Leo Blair Halliwell (1923-1927); Secretário: U. Wissner (1928) ; L. G. Jorgensen (1929); Juan Meier (1930-1931); ? (1932-1936); Germano Streithorst (1937-1939); Secretário: M. Groeschel (1949); A. C. Harder (1941); G. F. Ebinger (1942-1947); M. Ost (1948-1952); N. Schwantes (1953-1954); Ary Raffo (1955-1957); M. Marques (1958); M. M. Oliveira (1959-1960); G. M. Kretschmar (1961-1968); D. F. Porto (1969-1970); José Bellesi (1971-1973); Robert L. Heisler (1974-1975); J. I. Costa (1976-1977); Alfredo O. Holtz (1978-1979); Wandyr M. Oliveira (1980-1981); Germano Boell (1982-1984); Secretário: Luiz Henrique Perestrelo (1985-1988); Helder Roger Cavalcanti da Silva (1989-).

ASSOCIAÇÃO BRASIL-CENTRAL DA IASD. Localiza-se na Av. Caiapó, 800, Santa Genoveva, Goiânia, GO. Seu território abrange o Estado de Goiás com exceção do Distrito Federal, com um total de ? igrejas e ? membros batizados para uma população de ? habitantes (1994). Pertence e é administrada pela *Corporação da União Central-Brasileira da IASD.

Esta entidade administra 10 escolas de 1º Grau e o *Instituto Adventista Brasil-Central (IABC); possui um acampamento JA de 3 alqueires com 13 cabanas, 1 refeitório e administração; e 1 Centro Recreativo Adventista (CRA), no município de Aparecida de Goiânia.

O Estado de Goiás desde 1910 passou a pertencer à Missão Norte Brasileira. Os primeiros conversos em Goiás foram Jaulino Marques e Eudóxio Mamede, batizados em 29 de novembro de 1924 em Pires do Rio, como fruto da leitura de **O Atalaia*.

O Dr. *Carlos Heinrich, médico missionário, veio ao Brasil em 1926, e estabeleceu um grupo em Vianóplis, GO, indo depois para Niquelândia (antiga São José do Tocantins) onde organizou um trabalho

evangelístico. Em 1927, realizou o primeiro batismo, onde 25 pessoas foram batizadas pelo Pr. *Alvin Nathan Allen. Junto à igreja, foi estabelecida uma escola cuja professora foi a Sra. Maria Reichert Hertich, esposa do pioneiro.

Em 1927, organizou-se a Missão Central Brasileira. Em 1928 o Estado de Goiás passou a pertencer à *União Sul-Brasileira da IASD (USB), então uma União-Missão. O primeiro presidente foi o Pr Alvin. N. Allen (1927-1938).

O Dr. Carlos Heinrich dirigiu-se ao Rio Araguaia, pois queria trabalhar com os *Índios Carajás. Fundou a igreja da Fazenda Riachão. Como resultado de uma dispersão pela região do Araguaia, o presidente da *União Sul-Brasileira da IASD, Pr. *N. P. Nielsen, fundou em 1928 a Missão Indígena do Araguaia, com sede em Fazenda Piedade, próximo a São Miguel do Araguaia. A Missão abrangia todo o Estado de Goiás.

Com o desenvolvimento da obra em Goiás, a USB fundou a Missão Goiano-Mineira no ano de 1939, cujo primeiro presidente foi o missionário americano Alex J. Reisig, e o secretário foi Silvestre Today. O escritório da Missão foi montado em sua casa, num bairro de Goiânia, nova capital do Estado. Seu primeiro território abrangia o Estado e Goiás e o Triângulo Mineiro. Mais tarde com o desmembramento do Triângulo Mineiro que passou para a Missão Mineira, a Missão Goiana passou a chamar-se Missão Brasil-Central (1960), abrangendo o Distrito Federal com a criação de Brasília. O Dr. Carlos faleceu em 1961, na cidade de Uruaçu e foi sepultado na fazenda Riachão, a seu pedido.

Em Assembléia Trienal, realizada em 30 de junho e 1º de julho de 1982, a Missão Brasil-Central foi oficialmente declarada Associação, continuando com os mesmos líderes: Pr. Luiz Fuckner, presidente e Alcy Oliveira, tesoureiro.

A nova sede da Associação Brasil-Central foi inaugurada no dia 24 de junho de 1984 pelo presidente mundial da IASD, Pr. Neal Wilson. O governador do Estado de Goiás, Íris Rezende Machado, enviou seu

representante, o deputado estadual Ildefonso Avelar de Carvalho para a inauguração.

Na Assembléia Trienal realizada, nos dias 14 a 17 de dezembro de 1994, no *Instituto Adventista Brasil-Central (IABC), a Associação Brasil-Central que compreendia o Estado de Goiás, Tocantins e o Distrito Federal, foi dividida, criando-se a *Associação Planalto Central da IASD, com sede em Brasília, ficando responsável pelo Estado de Tocantins e Distrito Federal.

Até aqui a Associação Brasil-Central da IASD chegou a um total de 338 igrejas e grupos; 30.345 membros batizados para uma população de 7.451.933 habitantes; 24 escolas com 5.329 alunos: um internato (IABC); 203 colportores; 4.053 desbravadores distribuídos em 80 clubes.

Presidentes:: Alvin N. Allen (1927); N. P. Nielsen (1928-1929); (1930); E. H. Wilcox (1931-1937); Alex J. Reisig (1939-1940); Quirino Dau (1940-1941); Nelson Schwantes (1941-1942); Manoel Margarido (1943-1946); Arnoldo Rutz (1947-1955); Paulo S. Seidl (1955-1959); Moisés Nigri (1959); Lourival Ferreira (1960-1962); Wilson Sarli (1964-1969); D. M. Borba (1969-1972); David Moróz (1973-1978); Rodolpho Gorski (1978-1981); Luís L. Fuckner (1981-1985); Osmundo G. Santos (1986-1987); Homero L. dos Reis (1987-1992); Manoel X. de Lima (1993-1994); Dimas Pereira Artiaga (1995-   ).

ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DA IASD. Localiza-se na Rua Gisela, 900, São José, Florianópolis, SC. Pertence e é administrada pela *União Sul-Brasileira da IASD e sua jurisdição compreende o Estado de Santa Catarina.

Atualmente, (1994) a Associação possui 75 igrejas e 85 grupos com 14.145 membros batizados para uma população de 4.634.638 habitantes. Possui também ainda 24 escolas de 1º Grau e 2º Graus, com 76

professores para 3.677 alunos, incluindo 1 terreno para o Internato em Massaranduba (IAC) e 1 terreno para a Clínica Médica e hospital em Florianópolis.

A Associação Catarinense mantém 27 pastores ordenados. Em seu campo tem 3 clínicas de Saúde; 52 *Clubes de Desbravadores com 1.040 membros; 70 colportores efetivos e 105 estudantes (dados de fev. de 1995).

A III Assembléia da Associação Catarinense, realizada na cidade de Caçador, nos dia 8 a 10 de dezembro, votou a nova direção para 1995.

Há também em seu território algumas entidades como o *Centro Adventista de Treinamento e Recreação (CATRE), em Itapema com um terreno de 7.458 m²; no Bom Retiro com 5.000m²; Maanain em Guabiruba com 132.167 m² e o Acampamento de Ubatuba em São Francisco do Sul com 7.210 m².

Teve sua fundação em 1º de janeiro de 1957, com o nome de *Missão Catarinense da IASD, por iniciativa dos leigos existentes no Campo. Compreendia o mesmo território atual porém, era sediada na Rua Durval de Souza, 05, Centro, Florianópolis, SC. Ao iniciar seus trabalhos em 1957, possuía aproximadamente 12 igrejas e 30 grupos totalizando 2.068 membros batizados. Havia 6 escolas paroquiais, contando 9 pastores ordenados e 3 obreiros não-ordenados.

Alguns acontecimentos que marcaram a história da Associação foram:

1. Mais de 1.200 batismos em 1980;
2. Inauguração da nova sede em 11.06.84 com a presença do Pr. Neal Wilson (presidente da *Associação Geral da IASD) e, Pr. João Wolff (presidente da *Divisão Sul-Americana da IASD);
3. A mudança do nome da entidade de Missão Catarinense da IASD para Associação Catarinense das IASD.

Sua primeira administração era composta por: Presidente: Pr. Siegfried Hoffmann; Secretário-tesoureiro: Pr. Jorge Frederico Walting.

Presidentes: A. Rockel (1916-1918); F. R. Kümpel (1919-1923); Germano Streithorst (1924-1926); Missão Paraná - Santa Catarina (Organizada: 1927; Reorganizada: 1940); Germano Streithorst (1927-1930); H. G. Stoehr (1931-1934); A. L. Westphal (1935-1937); Germano Ritter (1938-1940); Quirino Dau (1941-1943); José R. Passos (1944-1949); Moisés S. Nigri (1950-1951); Orlando G. Pinho (1952-1953); J. N. Siqueira (1954-1956); Siegfried Hoffmann (1957-1962); João Wolff (1963); Arnoldo Rutz (1964-1968); Ardoval Schevani (1969); Henrique Berg (1970-1972); Alberto Ribeiro Souza (1977-1980); Osório Feliciano dos Santos (1981-1985); Wilson Sarli (1986-1988); Samuel G. F. Zukowski (1989-1993); Élbio Menezes (1994-).

ASSOCIAÇÃO CORAL ADVENTISTA DE SÃO PAULO (ACASP). Conta com mais de 70 participantes, e seu maestro é o Pr. Flávio Araújo Garcia, ex-regente do *Coral Carlos Gomes, do IAE, de 1949 a 1974.

Além de seu amplo repertório sacro e secular, reúne uma bagagem de oratórios, cantatas e peças célebres. Tem colaborado com a Secretaria da Ciência, Cultura e Tecnologia do Estado de São Paulo e, com às Prefeituras da Capital e interior, cantando em praças, hospitais, galerias de metrô, teatros e salas de concertos e na liturgia da IASD.

Foi fundada em 27 de abril de 1973. Desde sua fundação a ACASP tem-se apresentado para diversos tipos de auditórios, em programas denominacionais e eventos especiais.

ASSOCIAÇÃO DE LIBERDADE RELIGIOSA. Nome popular para várias organizações formadas pelos ASD para promover liberdade religiosa, tais como *National Religious Liberty Association* (1889-1893), *International Religious Liberty Association* (1893-1901, 1946-), *Religious Liberty Association of America* (1964-). É também o nome da organização que patrocinou a revista *Liberty* de 1909 a 1955.

ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMADOS PELO COLÉGIO ADVENTISTA BRASILEIRO (A.D.C.A.). Sua sede era no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), em Santo Amaro, SP.

Objetivos.

- Desenvolver a solidariedade entre os associados, estreitando as suas relações de confraternidade e promovendo um intercâmbio espiritual, social, intelectual e recreativo;
- Auxiliar na medida do possível a estudantes pobres do Curso Superior do CAB;
- Promover quaisquer campanhas em favor da Educação Cristã e em benefício da Juventude;
- Manter um fundo de Assistência à Viuvez, regulamentado no Plano de Assistência à Viuvez.

Em 1925, os primeiros ex-alunos do CAB idealizaram formar uma Associação de Diplomados. Tendo tomado forma este ideal, foi fundada a A.D.C.A. em 21 de setembro de 1930. Em 10 de dezembro de 1950, foi definitivamente inaugurada a sede da A.D.C.A. no CAB.

A A.D.C.A. foi organizada pelo diplomados pelos cursos superiores do CAB. Usava divisa, hino, iniciais, cores, flâmula, distintivo e compromissos próprios.

Divisa: “Por Cristo e a Mocidade”.

Iniciais: A.D.C.A.

Cores: Verde e amarelo

Flâmula: Forma de um triângulo isósceles verde. Ao centro terá outro triângulo amarelo, cuja medida seja igual a 3,5 de flâmula, tendo ao centro as inicias da Associação em verde.

Símbolo: Flor Amor-perfeito.

Distintivo. Semelhante à flâmula com a dimensão de 2,5 cm de comprimento.

Compromisso: “Ao ingressar na A.D.C.A., comprometo-me a trabalhar para a consecução dos seus ideais, a observar e fazer observar os seus estatutos e a envidar todos os esforços para o seu progresso, vivendo a sua alta norma de vida e, pelo poder de Deus, honrar o Seu nome aqui na terra, nos dias que a Sua graça ainda me conceder.”

É composta de uma diretoria que apresenta os interesses da Associação, como Delegados, nas diversas Associações e Missões do território brasileiro.

Há um Estatuto criado pela A.D.C.A.. De acordo com os Estatuto a função dos Delegados é representar a A.D.C.A. no seu campo. Em cada Associação e Missão era constituído um delegado a fim de representar a A.D.C.A. Cada novo associado escrevia seu nome no “Livro de Ouro”.

A Diretoria da Associação era composta por: Presidente; Vice-Presidente; 1º Secretário; 2º Secretário; Tesoureiro; Vice-tesoureiro e dois conselheiros.

Diretores: Rodolfo Belz (1930); Luiz Waldvogel (1931); Rodolfo Belz (1932); Jerônimo Granero Garcia (1933-1935); Jorge Pereira Lobo (1936); Arno Schwantes (1937); João Linhares (1938); Renato Emir Oberg (1939); Egon Mário Hermanson (1940-1941); Renato Emir Oberg (1942-1944); Siegfried Kümpel (1945); Durval Stockler de Lima (1946); Moisés S. Nigri (1947); Renato Emir Oberg (1948); Arno Schwantes (1949); Dr. Gideon de Oliveira (1950-1952); Dr. Romeu Ritter dos Reis (1953); Dr. Gideon de Oliveira (1954); Renato Emir Oberg (1955-1956); Roberto R. Azevedo (1957-1958); Dr. Gideon de Oliveira (1959-1960).

Veja também **Adeceano, O.**

ASSOCIAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS ASD DO RIO DE JANEIRO (AFE-RIO). O objetivo principal é a maior participação dos empresários na missão de evangelizar, não só com a parte financeira, mas também, com a atuação pessoal na Missão da Igreja.

O Conselho da Nova Agremiação é composto de 33 nomes (1995).

Foi inaugurada no dia 24 de outubro de 1992. O evento ocorreu no Auditório do *Hospital Adventista Silvestre, RJ, com a presença de 50 empresários, executivos e profissionais liberais.

Presidente: Martinho Moura (1992-   ).

ASSOCIAÇÃO ESPÍRITO-SANTENSE DA IASD. Localiza-se na Av. Carlos Moreira Lima, 1110, Bairro Bento Ferreira, na cidade de Vitória, ES. Compreende o Estado do Espírito Santo. Pertence e é administrada pela *União Este-Brasileira da IASD. Em seu território há 190 igrejas e 160 grupos com 26.498 batizados para uma população de 2.664.382 habitantes (1994).

São 42 pastores ordenados trabalhando nesta Associação.

Instituições: 21 escolas de 1º Grau; *Educandário Espírito-Santense Adventista (EDESSA), num total de 3.377 alunos e 119 professores; *Rádio Novo Tempo - Afonso Cláudio; *Hospital Adventista de Vitória, ES; uma Clínica Móvel para Assistência Social. Os *Clubes de Desbravadores são 46, contando com a participação de 1.257 membros; 72 colportores efetivos e 32 estudantes. (Dados de dez/1994).

Em 1907, o Estado do Espírito Santo pertencia à Missão Rio-Minas. Em 8 de junho de 1908, foi realizada a primeira Conferência em Serra Pelada, ES, contando com a participação de Emílio Hoelzle e Pr. Wetsphal.

Nos dias 9 a 18 de dezembro de 1910, foi criada a Missão Espírito-Santense. Houve uma *Conferência Geral no Estado do Rio Grande do Sul dos delegados da IASD da América do Sul, realizada na cidade de Santa Cruz, onde dividiram em Missões todo o Norte do Brasil.

De 4 a 9 de novembro de 1913, realizou-se em Serra Pelada a primeira Assembléia Geral da IASD no Espírito Santo.

*Guilherme Denz Jr. trabalhou em 1922 na Missão Espírito-Santense como evangelista. *John Boehm foi presidente desta Missão e um dos pioneiros do Evangelismo em Vitória.

O 1º Congresso Bienal desta Missão foi realizado de 8 a 12 de fevereiro de 1945, contando com a presença de mais de 300 delegados. Nesta época o Presidente da Missão era o Pr. *Abraham Classen Harder.

Em 1955, houve a reorganização e em 1980 passou a ser denominada Associação Espírito-Santense da IASD.

Presidentes: *J. H. Boehm (1920-1924); Secretário: H. G. Stoehr (1925); C. C. Schneider (1926-1928); H. G. Stoehr (1929-1931); Germano Streithorst (1932-1937); Secretário: M. Fuhrmann (1938); H. F. K. Tulaszewski (1939-1942); A. C. Harder (1943-1948); E. Roth (1949-1954); Manoel Ost (1955-1958); Ernesto Roth (1959-1963); Palmer Harder (1964-1968) J. F. Oliveira (1969); P. S. Seidel (1970-1972); ? (1973-1981); Alfredo O. Holtz (1982-1983); ? (1984); Alcy Tarcísio de Almeida (1985-   ).

ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD (AG). Organização de governo central da Igreja ASD, composta de Uniões, Missões, Associações Locais e Divisões. Foi organizada em 21 de maio de 1863, em Battle Creek, Michigan, onde a sede permaneceu até 1903. O endereço atual da sede é 12501, Old Columbia Pike, Silver Spring, Maryland 20904-6600.

A *AG* conduz a obra mundial através de seções chamadas Divisões (Veja **Divisão**), cada uma operando dentro de um território especificado determinado pela *AG*. As Divisões são:

1) Afro-Oceano-Índico,
2) África Oriental,
3) Euro-Africana,
4) Extremo-Oriente,
5) Inter-americana,
6) Norte-Americana,

7) Sul-Americana,
8) Sul do Pacífico,
9) Sul-Asiática,
10) Trans-Européia,
11) Associação Leste-Asiático,
12) União Oriente-Médio,
13) União Sul-Africana,
14) China.

As Divisões são operadas pela Constituição, Estatutos e Praxes da *AG*. Assim a IASD é organizada, não como uma série de Igrejas locais ou regionais separadas mas como uma Igreja mundial, unificada, usando o **Manual da Igreja* e operando por uma política geral. Esse conceito é executado em cada Divisão cujo presidente, é também um vice-presidente da Associação Geral. (Na China a obra é liderada pelos irmãos, devido ao comunismo).

Os oficiais da *AG* são: o presidente, seis vice-presidentes gerais e um presidente de cada Divisão, o secretário, vice-secretário, cinco secretários associados, o tesoureiro, vice-tesoureiro e 5 tesoureiros associados. Há também quatro secretários de campo, um auditor e oito auditores associados. O número de associados e assistentes acima é variável, de acordo com as condições e necessidades. Há 9 departamentos, escritórios e associações na *AG*, que promovem as várias fases do trabalho da Igreja na União e departamentos da *Associação Local. São eles: Ministérios da Igreja, Comunicação, Educação, Saúde e Temperança, Associação Ministerial, Ministérios da Mulher (departamento criado em 1990), Assuntos Públicos e *Liberdade Religiosa e Publicações. Cada um desses tem um secretário ou diretor com um ou mais associados e alguns em acréscimo têm assistentes.

Vários serviços são operados pela *AG* em favor da organização da sede e das organizações subsidiárias, inclusive um departamento de transporte, um serviço de seguros para os interesses e instituições

denominacionais, Serviços Institucionais e a *Agência Adventista de Assistência e Desenvolvimento (ADRA).

A constituição autoriza a AG a organizar corporações como o desenvolvimento da obra requeira. A função dessas organizações é manter a propriedade e atender a outras responsabilidades fiscais como possam ser requeridas para conduzir a obra da *AG* sendo que ela não é uma corporação legal.

Na IASD, sendo que a Igreja não tem nenhuma comissão de missão, os missionários são escolhidos, enviados e pagos pela própria *AG*. Em 1889, uma Comissão de Missões Estrangeiras foi organizada e operada como uma agência da Igreja até a Conferência Geral de 1903 que sua função, “a supervisão das operações missionárias da denominação,” fossem assumidas pelo Comitê Executivo da *AG* (*Boletim da AG*, 14 de abril de 1903, p. 165), embora tenha continuado por algum tempo como uma entidade legal para transações de negócios.

Importante para a operação da *AG* é a função do Comitê Executivo, que é formado de uma grande proporção de membros *ex-officio*, juntamente com 40 membros eleitos que são escolhidos nas Conferências Gerais (*CG*) ou pelo Comitê Executivo. Os membros *ex-officio* do Comitê incluem todos os obreiros da *AG* que são eleitos nas *CG*. O Comitê Executivo tem plena autoridade administrativa durante os intervalos entre as sessões da *CG*, tendo autoridade para conceder credenciais e licenças a seus obreiros, preencher vagas que possam ocorrer por morte, renúncia ou de outra forma, em seus departamentos, comissões e agências; e também retirar credenciais e licenças por voto de 2/3 dos membros presentes em qualquer reunião regular. Sendo que a *AG* é uma organização mundial, o Comitê Executivo é internacional. Seu total de membros em 1992 era aproximadamente 300.

A *AG* é aceita por todas as organizações subsidiárias como a mais elevada autoridade na Igreja, que exerce sua plenitude na Conferência Geral.

A Associação Geral não é algo separado das igrejas, Associações ou Uniões, mas é a soma de todas essas, a união de todas partes para unidade e cooperação ao realizar a obra que Cristo imbuiu Sua Igreja. (*Praxe da AG*, "Administrative Relationships." 1962. Veja *Manual da Igreja*, cap. 4).

Presidentes: John Byington (1863-1865); Tiago White (1865-1867; 1869-1871, 1874-1880); John Nevins Andrews (1867-1869); George I. Butler (1871-1874; 1880-1888); Ole A. Olsen (1888-1897); George A. Irwin (1897-1901); Arthur G. Daniells (1901-1922); William Spicer (1922-1930); Charles H. Watson (1930-1936); J. L. McElhany (1936-1950); William H. Branson (1950-1954); Ruben Figuhr (1954-1966); Robert R. Pierson (1966-1979); Neal Wilson (1979-1990); Robert Folkenberg (1990-).

ASSOCIAÇÃO JOVENS AMIGOS DO COQUEIRO - BELÉM, PA. Localiza-se na Rodovia Transcoqueiro, esquina com a Rodovia dos Trabalhadores, s/n, na cidade de Belém, PA, com sede própria. Pertence e é administrada pela *Missão Baixo-Amazonas da IASD.

Desempenha atividades recreativas e sociais: Festivais Musicais, *Camporees*, Congressos J. A., Atividades Esportivas. O início das atividades ocorreu em 1960, sob a liderança do Pr. Aldo Carvalho, tendo a participação de todos os distritais do Campo. Recebeu o nome de Associação dos Jovens Adventistas do Pará.

Sua primeira administração foi composta por: *Presidente*: Alfredo Santos; *Diretor*: Ozéias Cardoso dos Santos; *Secretário*: Carlos Franco; *Tesoureiro*: Rosinaldo Pureza. Somente em 1993 ocorreu sua organização oficial.

ASSOCIAÇÃO LOCAL. Unidade da organização da IASD composta das igrejas locais dentro de uma certa área, tal como um Estado. Com outras Associações locais tal unidade é membro

constituinte de uma União. Os oficiais da Associação são o presidente e o secretário-tesoureiro. Os oficiais, junto com o comitê executivo da Associação, formam o corpo administrativo.

Administração. O presidente da Associação é um ministro ordenado (Veja **Ordenação**) de experiência e reputação, e é o oficial maior na Associação e em qualquer das igrejas dentro de sua Associação onde possa estar presente. Ele está em posição superior aos ministros da Associação e aconselha em todas as suas atividades. Tem acesso a todas as igrejas, seus cultos e reuniões de negócios, e pode presidir sobre qualquer das reuniões das Igrejas quando é considerado necessário. Embora não possa demitir oficiais eleitos de uma igreja, eles devem reconhecê-lo como o oficial superior em uma Associação. Ele é o presidente do comitê executivo da Associação e de vários outros comitês e associações, incluindo comissões de instituições da Associação. Ele é também membro do comitê executivo da união e das comissões das instituições da União.

O Secretário-tesoureiro é responsável por manter os registros de negócios da Associação, receber e planejar onde os fundos da Associação serão usados, em harmonia com a política da Associação ou decisão da comissão. Ele realiza *Auditoria nos livros dos tesoureiros das igrejas que estão em sua Associação, a menos que um auditor regular seja indicado para aquele trabalho.

Cada Associação tem uma entidade legal ou corporativa para levar a cabo as transações financeiras da Associação e manter o título de propriedade. Edifícios de igreja e escolas são mantidos no nome desta entidade legal e não em nome da igreja local.

O comitê executivo (comumente referido como comitê da Associação) é composto de 5-9 membros, e é eleito a cada sessão regular da Associação. O presidente é um membro do comitê e é seu presidente. O ministro e os leigos da Associação também são geralmente representados no comitê.

A Associação concede credenciais, licenças e certificados aos vários tipos de funcionários da Associação. Ela também dirige as atividades dos vários departamentos. Seus oficiais também são oficiais da igreja da Associação. Ela opera instituições da Associação, tais como escolas secundárias, sanatórios e hospitais e subsidia projetos de escolas e igrejas. Paga salário dos evangelistas e pastores locais (apontados para suas igrejas pela comissão da Associação), e instrutores bíblicos. Em cooperação com a comissão da escola da igreja, ela nomeia professores para estas escolas. (A maioria das Associações recebem o custo avaliado pelas igrejas e pagam os professores).

Departamentos. A Associação sustenta várias linhas de trabalho denominacional entre as igrejas através dos departamentos, na direção dos quais estão secretários, eleitos para o seu serviço na bienal da Associação e que trabalham sob a direção da comissão da Associação. (A maioria dos secretários têm responsabilidades por dois anos ou mais departamentos relacionados). Esses secretários não têm autoridade administrativa; sua relação para com o campo é aconselhar sobre questões que afetem seus próprios departamentos, a menos que, de outro modo, seja requerido pelo presidente da Associação. Enquanto os secretários dos departamentos estão sob a direção do presidente do comitê executivo, eles também cooperam com os departamentos da União, que, em seguida, sustém uma relação similar com os departamentos da *Associação Geral da IASD.

O departamento de educação está integrado às escolas da Igreja e a Associação inspeciona as escolas, aconselha em itens como procedimentos didáticos, e treinamento do professor. Desde que a maioria dos professores de escolas locais são agora pagos diretamente pelas associações, está também envolvido nas finanças da escola e na nomeação de professores.

Os departamentos de atividades leigas auxilia as Igrejas em seus esforços missionários leigos, provendo material, literatura e programas.

Os departamentos de saúde mantém práticas de saúde entre os membros, na população e em instituições. O departamento de publicações dirige o trabalho de colportagem na Associação. O departamento de comunicações aconselha sobre evangelismo através do rádio e da televisão, particularmente o conduzido pelos ministros no campo. O departamento de liberdade religiosa, relacionado com a intromissão na *Liberdade Religiosa na Igreja e de seus membros, promove o melhor entendimento dos princípios de liberdade religiosa entre os membros da igreja, e também entre a população e os legisladores. O departamento de *Escola Sabatina promove todas as atividades da Escola Sabatina, escolas sabatinas filiais, treinamento de professores de Escola Sabatina, e auxiliares, ofertas e Escolas Bíblicas de Férias. O departamento de temperança auxilia na educação sobre os efeitos deletérios do álcool, tabaco, e drogas nocivas Seus esforços são extensivamente direcionados para escolas e encontros públicos. O departamento de jovens estimula todos os ramos de trabalho jovem, tais como reuniões da Sociedade de Jovens, atividades e acampamentos.

Sessões. A Associação se reúne em sessão a cada dois anos, com delegados de várias igrejas representadas. Tal sessão elege oficiais e o comitê executivo da Associação; recebe novas igrejas; ouve relatórios sobre o trabalho da Associação durante o período que passou do presidente, secretário-tesoureiro e dirigentes dos departamentos da Associação; aponta os comitê permanente para as sessões; e faz recomendações destes comitês.

O comitê nas nomeações, tendo o presidente da União (ou alguém que tenha sido indicado por ele) como presidente da comissão e uma reunião representativa, da Associação Geral junto com ela, recomenda nomes para oficiais, secretários de departamentos, comitês executivo e comissões institucionais para o próximo período bienal. O comitê faz recomendações sobre credenciais e licenças e suas renovações para os obreiros da Associação. O comitê sugere mudanças na constituição e

regulamentos. O comitê de planejamento estuda e planeja para a promoção do trabalho da Associação durante o período seguinte.

Em adição, relatórios são apresentados para os delegados dos oficiais e secretários de departamentos a respeito de seu trabalho sob sua responsabilidade.

Os delegados para a sessão da Associação são eleitos pelas igrejas à razão de um delegado para cada igreja e um delegado adicional para um número específico de membros, como previsto na constituição. Não há delegados apontados ou extras.

Os delegados são escolhidos para representar não apenas sua igreja, mas a Associação inteira; por isso não é permitido aos delegados tentar organizar blocos de votação.

Sob o atual sistema, é organizada uma Associação pela União, com a sanção da Divisão. Para conhecer a história do desenvolvimento da Associação local na denominação ASD, veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da.** Veja também **Distritos.**

ASSOCIAÇÃO MINEIRA-CENTRAL DA IASD. Localiza-se na Rua Portugal, 931, Bairro Santa Amélia, Belo Horizonte, MG. Pertence e é administrada pela *União Este-Brasileira da IASD.

Seu território compreende as regiões Norte, Oeste e Central do Estado de Minas Gerais. Possui: 112 Igrejas e 171 Grupos com 32.407 membros batizados para uma população de 12.973.320 habitantes; possui 4 Escolas de 1º Grau incompleto; um acampamento no Uirapuru de 100.000 m^2 em Divinópolis (1994).

Em dezembro de 1982, a Missão Mineira foi dividida em duas partes: *Missão Mineira do Sul da IASD e Missão Mineira Central da IASD. Em 12 de março de 1989, foi inaugurada a nova sede, onde permanece até hoje.

Em 20 de fevereiro de 1991, o status da Missão Mineira Central da IASD foi mudado para Associação passando a se chamar Associação Mineira Central da IASD.

Presidentes: Paulo Stabenow (1983); Darcy dos Reis (1984-1990); Kleber Pereira Reis (1991-1992); Izéas dos Santos Cardoso (1993 -).

Veja também **Missão Mineira da IASD.**

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL - ÁREA FEMININA (AMAR), RS. Surgiu no Estado do Rio Grande do Sul, com a visita de Neide P. Campolongo que fora convidada a proferir palestras às esposas de obreiros e senhoras que se encontravam na Campal. Incentivou a todas a organizarem um Grêmio Feminino.

O Pr. Arlindo Guedes convocou um encontro de todas as esposas de obreiros em junho de 1979. Ali traçaram planos para a formação deste Grêmio Feminino.

Foi escolhida a direção e os departamentos que deviam existir: Temperança, Espiritual, Social, Artes, Comunicação, Evangelismo Infantil, Cultural, Música, Diaconisa, Assistência Social. Nasceu com o nome de Grêmio Ministerial Feminino e passou em 1980 a Associação Ministerial Feminina, em um encontro realizado em Taquara, no IACS, por sugestão do Pr. Alcides Campolongo.

Meibel Guedes foi a primeira presidente da Associação Ministerial Feminina na Associação Sul-Riograndense.

ASSOCIAÇÃO NORTE-PARANAENSE DA IASD (ANP). Localiza-se na Praça Napoleão Moreira da Silva, 469, zona 4, Maringá, PR. Compreende as regiões norte e noroeste do Paraná. Pertence e é administrada pela *Corporação da União Sul-Brasileira da IASD.

Em seu território há 93 igrejas e 106 grupos, totalizando 20.184 membros batizados para uma população de 4.361.580 habitantes. A

Associação administra 8 escolas de 1º Grau completo, 10 de 1º Grau incompleto (1994); *Lar Adventista "Paul Harris", em Apucarana, PR; Sede de Acampamentos da Juventude Adventista em Foz do Iguaçu na Rodovia das Cataratas, Km 6 e o *Instituto Adventista Paranaense (IAP).

A Associação organizou-se por ocasião da Assembléia Extraordinária da Corporação da União Sul-Brasileira da IASD, nos dias 7 a 10 de setembro de 1988.Sua sede anterior era na Praça Manoel Ribas, 367, Maringá, PR.

Presidente: Ivanaudo B. de Oliveira (1988-).

Veja também **Associação Paranaense da IASD.**

ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DA IASD. A partir de 8 setembro de 1988, esta Associação foi dividida em *Associação Norte-Paranaense da IASD, sediada em Maringá, PR, e presidida pelo Pr. Ivanaudo B. de Oliveira e *Associação Sul-Paranaense da IASD sediada em Curitiba, PR, e presidida pelo Pr. Luis Lindolfo Fuckner.

Foi estabelecida em 1906 como Missão Paraná, tendo como primeiro presidente R. Süssmann. Em março de 1927, foi organizada por iniciativa da *União Sul-Brasileira da IASD, recebendo o nome de Missão Paraná-Santa Catarina, por compreender estes dois Estados. Foi reorganizada em 1940 e 1957.

Alguns eventos que marcaram a história foram:

1940 - Fundação do Colégio de Butiá, PR;

1947 - Transferência deste colégio para Curitiba, com o nome de *Ginásio Adventista Paranaense (GAP);

1957 - Separação da Missão Catarinense;

1975 - Transferência do *Instituto Adventista Paranaense para sua atual sede, no município de Ivatuva, próximo a Maringá;

1988 - Divisão da Associação Paranaense em duas partes; Norte-Paranaense e Sul-Paranaense.

Presidentes: R. Süssmann (1916); Germano Conrad (1917-1918); S. M. de Oliveira (1919); Germano Streithorst (1920-1923); N. P. Nielsen (1924); F. V. Moore (1925); Ennis V. Moore (1926); Germano Streithorst (1927-1930); H. G. Westphal (1935-1937); Germano G. Ritter (1938-1940); Quirino Dau (1941-1943); José R. Passos (1944-1949); Moisés Sanches Nigri (1950-1951); Orlando G. Pinho (1952-1953); José Nunes Siqueira (1954-1957); Arnoldo Rutz (1958-1962); Itanel Ferraz (1964-1966); João Wolff (1966-1968); Floriano Xavier Santos (1969-1971); Walter Boger (1972-1977); Henrique Berg (1977-1978); David Moróz (1978-1985); Luis Fernando Fuckner (1986-1988).

ASSOCIAÇÃO PAULISTA CENTRAL DA IASD (APC). Localiza-se na Rua Espanha, 260, Bairro Bonfim, Campinas, SP. Pertence e é administrada pela *União-Central Brasileira da IASD (UCB). Compreende o território de Mococa ao Norte até Ribeira ao Sul, de Analândia a Oeste até Socorro a Leste, Jundiaí a Charqueadas. Possui 96 igrejas e 78 grupos; 19.173 membros batizados para uma população de 5.604.524 habitantes. O território é distribuído em 35 distritos pastorais. Em seu território há 13 escolas de 1º Grau e 1 internato com um total de 30.202 alunos (dados de 1994).

Possui 8 escolas de 1º Grau completo e 5 de 1º Grau incompleto.

Organizações e Instituições: *Instituto Adventista São Paulo (IASP); *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct); *Casa Publicadora Brasileira (CPB); União Central-Brasileira da IASD (UCB); *Clínica Adventista de Campinas, SP; *Lar Infantil Neanderthal; *Lar Infantil Vovó Josefina; Centro Adventista de Desenvolvimento Comunitário (CADEC); *Sociedade Bartimeu de Apoio ao Cegos; Acampamento JA de Analândia e Ipê Clube JA.

O nº de *Clubes de Desbravadores é 71, com 2.870 membros; 19 Clubes de aventureiros com 412 membros (1994).

A APC foi organizada em junho de 1989 como resultado da divisão da *Associação Paulista Oeste. Seu 1º presidente foi o Pr. Tércio Sarli (29/06/1989 a 10/12/1993); Secretário: Pr. Edelzir Dutra Amorim e Tesoureiro: Pr. Edmar Ribeiro Martins.

Eventos Importantes: Campal de Bauru em 1991 (reuniu 10 mil pessoas); *Camporee* da Associação em 1993; *Reuniões Evangelísticas de Inspiração Vida e Esperança (REVIVE) em 1993; Encontro de Empresários em 1991 e 1992; Compra da *Rádio Liberal AM 830 kHz.

Presidentes: Tércio Sarli (1989-1993); Wilson Sarli (dez/1993-).

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DA IASD (AP). Atualmente (1995) a Associação Paulista está dividida em: *Associação Paulista Leste da IASD; *Associação Paulista Oeste da IASD; *Associação Paulista Sul da IASD; *Associação Paulista Central da IASD e *Associação Paulistana da ISD. Em 1906 foi organizada a União Sul-Americana de 14 a 25 de março. O território foi dividido em quatro partes: Associação do Rio Grande do Sul e Associação Santa Catarina - Paraná, e duas Missões: a de São Paulo e Norte Brasileira.

O único ministro ordenado da *Missão Paulista era *Emílio Hoelzle, redator da *Revista Trimestral* (atual *Revista Adventista), nomeado então Presidente da Missão Paulista. A sede da Missão era na cidade de Rio Claro, SP.

No final de 1906, a Missão conta com uma igreja organizada (23 membros) em Rio Claro, e em 1908 é organizada outra em São Bernardo e Itararé. Em 1910 o Pr. *Jacob G. Kroeker assumiu a presidência da Missão Paulista. Em 1918 a Missão Paulista possuía um total de 323 membros. No final de 1922 a Missão possuía 22 igrejas e grupos com 750 membros batizados, passando então para a categoria de Associação Paulista da IASD. Em 1922 a Associação alcança a soma 42.525. Em 1977, quando o campo alcançou a soma de 54.221 membros, o campo foi dividido em duas Associações:

1. Associação Paulista Leste, com sede no Brooklin - SP, presidida por Osmundo G. dos Santos.

2. Associação Paulista Oeste, com sede em Campinas - SP, presidida por Ítalo Manzolli.

Em 1982, a Associação Paulista Leste contava aproximadamente 50.000 membros batizados, havendo então necessidade de uma nova divisão ficando assim estabelecida:

1. Associação Paulista Sul, com sede no Brooklin - SP, presidida por Rodolpho Gorski.

2. Associação Paulista Leste, com sede em Vila Matilde - SP, presidida por Arno H. Kohler.

Em 1989 a Associação Paulista Oeste se dividiu em:

1. Associação Paulista Central, com sede em Campinas - SP, presidida por Tércio Sarli.

2. Associação Paulista Oeste, com sede em São José do Rio Preto - SP, presidida por Edelzir Dutra Amorim.

Em 1991 a Associação Paulista Sul foi dividida em:

1. Associação Paulistana, com sede no Brooklin - SP, presidida por Wandyr Mendes de Oliveira.

2. Associação Paulista Sul, com sede no Capão Redondo - SP, presidida por Osmar D. dos Reis.

A Associação Paulista é a Associação-mãe de todas as outras. Desde 1906 a Associação Paulista tem crescido muitíssimo.

Presidentes: Jacob G. Kroeker (1910); John Lipke (1917); R. Süssmann (1918-1920); H. B. Wescott (1921-dez./1927); Ennis V. Moore (jan./1928 - ago./1934); A. E. Hagen (ago. 1934-dez/1937); Rodolfo Belz (jan./1938 - jan./1941); Germano G. Ritter (jan./1941-fev./1950); João Linhares (mar./1950-jan./1958); Osvaldo R. de Azevedo (jan./1958-out./1962); Siegfried Genski (out./1962-dez/1968); Wilson Sarli (jan./1969-dez./1976); Floriano Xavier dos Santos (dez./1976-jun./1979).

ASSOCIAÇÃO PAULISTA LESTE DA IASD (APL). Localiza-se na Rua Cel. Bento José de Carvalho, 340, Vila Matilde, São Paulo, SP. Compreende a Região Leste, a partir do Oeste e Vale do Paraíba no Interior do Estado de São Paulo. Pertence e é administrada pela *União Central-Brasileira da IASD.

Pertencem a este território 42 distritos, 129 igrejas, 81 grupos com 33.859 membros batizados para uma população de 9.769.658 habitantes. Dentre pastores, obreiros, colportores, professores e funcionários em geral, a APL conta 614 pessoas a seu serviço.

Com um total de 16 escolas, ela reúne 5.407 alunos (1994).

No ano de 1994 (até outubro) haviam sido batizadas 2.422 pessoas. A APL foi criada com a divisão da *Associação Paulista da IASD em 1978, ficando assim dividida:

- Associação Paulista Leste da IASD com sede no Brooklin, SP, presidida por Osmundo G. dos Santos e;
- Associação Paulista Oeste da IASD, com sede em Campinas, SP, presidida por Ítalo Manzolli.

Em 17 de novembro de 1982 foi organizada por iniciativa da *União Sul-Brasileira da IASD, atual União Central-Brasileira da IASD, sendo então dividida novamente em:

- Associação Paulista Leste, com sede em Vila Matilde, São Paulo, SP, presidida por Arno H. Kohler.
- Associação Paulista Sul da IASD com sede no Brooklin, São Paulo, SP, presidida por Rodopho Gorski.

Nesta época a APL tinha 63 igrejas e 75 grupos. Em 1985, ocorreu a I Assembléia Ordinária da APL e em 1988 a I Assembléia Ordinária da FPL. Em 1986 foi adquirida a 1ª parte de um terreno e em 1988 a 2ª parte, para a construção da nova sede administrativa da APL. No mesmo ano foi lançada a pedra fundamental.

Em março de 1990 teve início a construção e no dia 04 de setembro de 1994 foi inaugurada, construída com 3 pisos, salas bem equipadas, capela, sala de reuniões. As dependências ocupam 1.739, 85 m^2.

A sede do *Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS), dista 500 m da sede administrativa e também foi inaugurada neste mesmo dia. Foi construído um prédio de 4 pisos, onde funcionam os escritórios do Departamento do SELS, loja, depósito e dois apartamentos: para o gerente e para o diretor de *Colportagem.

Na época de sua inauguração contava com 208 colportores efetivos.

Em 1991, houve a II Assembléia da FPL, quando havia 192 igrejas e grupos, com 33.375 membros batizados. Com a divisão da Federação Paulista Sul em Paulista Sul e Paulistana, a Paulista Leste perde 3 distritos para a Paulistana.

Em 1993, foram criados os Ministérios da Mulher na FPL.

Nos dias 2 a 4 de setembro de 1994, foi realizado o I Acampamento de Aventureiros da FPL no Clube de Oficiais da Polícia Militar em Suzano. O *Camporee* da FPL de 1994, reuniu 41 clubes e 1400 desbravadores.

O Departamento de Educação, implantou o 2º Grau noturno para atender aos jovens da igreja. É o único Externato Adventista Noturno no Brasil (Colégio Adventista de Tucuruvi).

Foi criado o *Centro de Estudos Teológicos (CET) sob a supervisão do *Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT), onde os alunos e membros da igreja podem se aprofundar em matérias teológicas para servirem melhor à igreja local. Em 1994, formou-se a 1ª turma. (Dados de 1994).

Presidentes: Osmundo G. dos Santos (1978-1984); Arno H. Köhler (1984-1991); Paulo Stabenow (1992-).

ASSOCIAÇÃO PAULISTA OESTE DA IASD (APO). Localiza-se na Rua Jamil Kauan, 19, São José do Rio Preto, SP. Pertence e é

administrada pela *União Central-Brasileira da IASD. Seu território compreende toda Região Oeste do Estado de São Paulo tendo jurisdição sobre 224 cidades. No território da APO há 83 igrejas, 15.785 membros batizados para uma população de 6.729.800 (de 1994).

Recentemente foi adquirida uma emissora de rádio AM Independência - Novo Tempo, na cidade de São José do Rio Preto.

Em 18 de agosto de 1977, de acordo com o voto 77-186 da *União Sul-Brasileira da IASD, organizou-se a Associação Paulista Oeste para propiciar um atendimento mais assíduo da Administração à Igreja, com jurisdição sobre todo o território do interior do Estado de São Paulo, com exceção do Vale do Ribeira e Vale do Paraíba.

No início de sua administração havia cerca de 13.245 membros batizados, distribuídos em 66 igrejas e 62 grupos, contando com a assistência de 34 pastores ordenados e 173 obreiros não-ordenados.

A reorganização ocorreu nos dias 29 e 30 de abril de 1989, pela Assembléia Geral Extraordinária e começou a funcionar a partir de 1º de julho do mesmo ano.

Sua primeira administração foi composta por: Presidente: Ítalo Manzolli e Secretário-tesoureiro: Sérgio Octaviano.

Presidentes: Ítalo Manzolli (1978-1982); Tércio Sarli (1983-1988); Edelzir Dutra Amorim (1989-1992); Neumoel Stina (1993-).

ASSOCIAÇÃO PAULISTA SUL DA IASD (APS). Localiza-se na Rua Felipe Carrillo Puerto, 96, Jardim IAE, São Paulo, SP. Em seu território há 77 igrejas, 105 grupos, totalizando 35.031 membros batizados para uma população de 4.260.450 habitantes. Possui e administra 22 escolas de 1º Grau Completo; 4 escolas de 1º Grau incompleto (1995).

Pertence-lhe o Centro de *Assistência Social Adventista (ASA); *Centro de Treinamento de Cotia; Retiro de Peruíbe e o Acampamento de Itaipava, localizado na Estrada da Caverna do Diabo, Km 3,

adquirido em dezembro de 1970, contendo 45 alqueires, 9 casas, 1 administração, 1 refeitório, 2 alojamentos, 2 depósitos, piscina, quadra de esportes, 2 lagos, 2 casas para caseiros, área gramada e mata.

Em 1982 a *Associação Paulista Leste da IASD contava aproximadamente 50.000 membros batizados, havendo então necessidade de uma nova divisão ficando assim estabelecida:

1 - Associação Paulista Sul da IASD, com sede no Brooklin, SP, presidida por Rodolpho Gorski e

2 - Associação Paulista Leste da IASD, com sede em Vila Matilde, SP, presidida por Arno H. Köhler.

Em 1991 a Associação Paulista Sul foi dividida em:

1 - Associação Paulistana da IASD, com sede no Brooklin, SP, presidida por Wandyr Mendes de Oliveira e :

2 - Associação Paulista Sul da IASD, com sede em Capão Redondo, SP, presidida por Osmar D. dos Santos.

Presidentes: Rodolpho Gorski (1982-1985); Jorge Lucien Burlandy (1985-1988); Osmar D. dos Reis (1989-   ).

ASSOCIAÇÃO PAULISTANA DA IASD. Localiza-se na Rua Gabriele D'Annunzio, 246, Brooklin Paulista, São Paulo, SP. Pertence e é administrada pela *União Central-Brasileira da IASD. Seu território compreende a capital de SP, cidades da região Oeste, Baixada Santista e região do ABCD.

É responsável por 107 igrejas e 77 grupos, 24.394 membros batizados para uma população de 8.379.719 habitantes.

São 51 o número de pastores ordenados. Esta Associação conta 16 escolas de 1º Grau e 1 escola de 2º Grau em Santo Amaro, totalizando 4.484 alunos e 217 professores. Os *Clubes de Desbravadores são atuantes contando 116 e 7.100 membros. Pertencem a esta Associação a *Clínica Adventista de São Roque e o *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), (dados de 31 de dezembro de 1994).

A Associação Paulistana teve sua origem com a divisão da *Associação Paulista Sul da IASD em 1991, ficando assim dividida:

1. Associação Paulistana, com sede no Brooklin, SP, presidida por Wandyr Mendes de Oliveira (cargo que ocupa até hoje - 1995).

2. Associação Paulista Sul, com sede no Capão Redondo, SP, presidida por Osmar D. Dos Reis.

Presidentes: Wandyr M. de Oliveira (1992-).

Veja também **Associação Paulista da IASD.**

ASSOCIAÇÃO PLANALTO CENTRAL DA IASD. Localiza-se em Brasília. Seu território abrange o Distrito Federal e o Estado de Tocantins. Pertence e é administrada pela *Corporação da União Central Brasileira da IASD.

Sua diretoria ficou composta por: Presidente e Secretário Ministerial: Manoel Xavier de Lima; Secretário: Tesoureiro e Diretor de Expansão Patrimonial: Josias Fragoso.

Nos dias 14 a 17 de dezembro de 1994 foi realizada a Assembléia Trienal da *Associação Brasil Central da IASD, no *Instituto Adventista Brasil Central (IABC), quando foi dividida e criado um novo campo: Associação Planalto Central da IASD.

ASSOCIAÇÃO RETIRO DE RECUPERAÇÃO DA SAÚDE. Localiza-se em Itapecerica da Serra, SP. Possui 27 apartamentos, sala, terraço, capela, departamento de banhos, massagem e fisioterapia, num total de 2.160 m² de área construída. A Associação Retiro de Recuperação de Saúde surgiu em dezembro de 1968, como iniciativa particular do Prof. Hellmut Wolff e Catharina Walzberg.

Com o interesse de ter um lugar de relaxamento e repouso, como parte de um desenvolvimento físico, mental e espiritual, convidou diversas pessoas para associar-se a ele na realização deste plano. Adquiriram uma chácara de 7.000 m² no bairro do Valo Velho, em Itapecerica da Serra,

SP. Com a ajuda de amigos, fornecedores da região, adventistas, o Retiro começou a funcionar e receber hóspedes nos 3 quartos disponíveis, depois de algumas reformas.

O Dr. Manfred Krusche, médico do *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), dedicou muitas de suas horas de lazer à Clínica. As consultas eram feitas nos próprios quartos dos clientes. Os tratamentos de hidroterapia realizados num amplo banheiro.

Em 1970, Gerhard e Charlotte Bruck, israelitas, conheceram a instituição e ofereceram um financiamento para a construção do departamento de hidroterapia. Em 1971 outra doação foi feita por uma senhora beneficiada em sua saúde pela Clínica. Uma soma significativa de dinheiro foi emprestada para a construção de outros apartamentos, sala de estar e de ginástica, terraço e ampliação da cozinha.

Em 1º de janeiro de 1981, a Instituição foi registrada como Associação Filantrópica. Em 02 de setembro de 1990 foi fundada uma filial na Av. das Jaqueiras, 13 a 22, Jardim Campestre, Jarinu, localizada a 80 km de São Paulo, para pacientes que desejam desfrutar de mais tranqüilidade.

Várias pessoas têm conhecido a Deus e o poder de Seus remédios naturais por intermédio da Clínica.

ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE PROFISSIONAIS ADVENTISTAS (ARPA). Reúne todos os médicos, dentistas, advogados, empresários, estudantes universitários e demais profissionais liberais da Igreja Adventista do 7º Dia. Todos os Pastores da *Associação Sul-Rio-grandense da IASD são membros da ARPA.

A Associação tem como objetivo levar a mensagem do Evangelho aos que ocupam lugar de destaque na sociedade. No dia 15 de setembro de 1979, em Porto Alegre, RS, foi eleita a Diretoria da ARPA.

Sua primeira diretoria era composta por: *Presidente*: Dr. Elias Morsch; *Vice-Presidente*: Dr. Osvaldo Mendes Quadros e Dr. César W.

Thober; *Secretário*: Dr. Agostinho Casarin; *Tesoureiro*: Dr. Samuel Dias de Souza; *Relações Públicas*: Dr. Edson Pereira Neves; *Conselheiro*: Pr. Amilton Seidl.

ASSOCIAÇÃO RIO DE JANEIRO DA IASD. Localiza-se na Rua do Matoso, 97, Praça da Bandeira, Rio de Janeiro, RJ. Pertence e é administrada pela *União Este-Brasileira da IASD.

Até março de 1995 o número de membros batizados era 36.206, com 352 congregações (sendo 151 igrejas organizadas, 161 grupos organizados e 31 grupos não organizados). Contava 166 obreiros (ministros, missionários e professores) e 346 funcionários não-obreiros.

O número de Colportores efetivos foi 59.

O número total de escolas até março de 1995 era 14; um centro de desenvolvimento e Assistência Social (C.A.D.A.); uma *Sede de Acampamentos Adventista (Satulina) e outra em Tinguá; conta 3 emissoras de rádio.

Primeiramente foi conhecida como *Missão Rio-Minas da IASD. Era formada por 25 igrejas e grupos. Foi organizada em 1931.

O escritório funcionou à Rua Maia de Lacerda, 46, no bairro do Estácio, até 1927, onde funcionava também a IASD Central.

Fazia parte do território da Missão o Distrito Federal; o Estado do Rio de Janeiro, com exceção das regiões Norte, Noroeste e Região dos lagos, que era atendidas pela *Missão Espírito-Santense da IASD; e as pastas Sul e Central do Estado de Minas Gerais inclusive a capital.

No dia 10 de junho de 1931 foi realizado o concílio com os 13 obreiros da missão e dos dias 7 a 10 de janeiro de 1932 ocorreu a primeira reunião com os oficiais das igrejas do campo. O primeiro curso de colportagem deu-se na data de 29 de janeiro a 6 de fevereiro do mesmo ano, sendo que o primeiro congresso de jovens ocorreu em 2 de fevereiro de 1935.

Até o ano de 1944 a União Este indicava os administradores da missão e a Mesa do Campo chamava os secretários departamentais; não havia assembléias gerais da Missão. Mas em janeiro de 1955, atendendo as recomendações das organizações superiores, realizou-se a 1ª Assembléia Bienal da Missão Rio-Minas, sob a presidência do Pr. John Boehm. Naquela ocasião o campo contava 2.420 membros, atendidos por 7 distritos pastorais. Em 17 de janeiro de 1951 quando a Missão contava 3738 membros, havendo batizado no ano anterior 241 pessoas, contando com um total de 60 obreiros (entre pastores, professores e funcionários), o campo foi levado à condição de Associação, realizando a sua 1ª Assembléia como tal.

Em 1955 a Associação Rio Minas cedeu parte de seu território a parte central do Estado de Minas Gerais para a formação da Missão Mineira, como sede em Belo Horizonte.

Igrejas Mais Antigas da Associação. As seguintes igrejas e grupos no território do Estado do Rio de Janeiro faziam parte da Missão Rio-Minas quando o campo foi organizado em Janeiro de 1931.

- *IASD do Meier*. Foi a 1ª igreja organizada, em 1922.
- *IASD Central do Rio de Janeiro*. Formada por membros da IASD Meier a partir de 1922, sendo organizado como igreja em 1924.
- *IASD de Niterói*. Surgiu como grupo de crentes adventistas em 1913, sendo organizada como igreja no final da década de 20.
- *IASD de Olaria*. Surgiu como grupo em 1924 e foi organizada no final da década de 20.

Grupos. Os seguintes grupos surgiram na década de 1920 a 1930 e se tornaram igrejas organizada após a criação da Missão Rio-Minas.

- *Nilópolis*. Organizada como igreja em 1932.
- *Petrópolis*. Organizada como igreja em 1940.

- *Barra Mansa* . Organizada como igreja em 1964.
- *Pedro do Rio*. Organizada como igreja em 1964.
- *Itaboraí*. Organizada como igreja em1966.
- *Rio Bonito* Organizada como igreja em 1966.

Quatro outros grupos de crentes adventista, que existiam naquela época e depois se extinguiram; Arrozal do Piraí, Barra do Piraí, Mendes e Passa Três.

Faziam ainda parte da Missão Rio-Minas quando esta foi organizada as seguintes igrejas e grupos no território do Estado de Minas Gerais:

Bananal, Barbacena, Barreira de baixa, Belo Horizonte, Betel, Campo Belo, Ipiranga, juiz de Fora, Lafayete, Pedro Carlos e Yuparanã.

Sedes do Escritório da Associação. Desde a criação da Missão Rio-Minas, o escritório administrativo do campo funcionou nos seguintes locais.

- Janeiro/31 a julho/33 - Rua Maia Lacerda, 46
- Julho/33 a dezembro/36 - Rua Paraíba, 58
- Dezembro/ 36 a junho/56 - Rua do Matoso, 161
- Março /56 a março/62 - Rua Jaceguai, 27
- Março/62 a março/77 Rua do Bispo, 281
- Março/77 - atual - Rua do Matoso, 97

Em 19 de fevereiro de 1989 foi inaugurada a sede atual da Associação, construída no terreno onde funcionava anteriormente desde 1977.

A partir de 1980, com a reestruturação territorial dos campos da União Este-Brasleira, a Associação passou a abranger apenas o Estado do Rio de Janeiro, com 68 municípios somente (cedendo o sul de Minas Gerais regiões Norte, Noroeste e lagos do Estado do Rio de Janeiro e ao

todo 176 municípios deixaram de pertencer a Associação Rio Minas), denominando-se a partir daí Associação Rio de Janeiro da IASD.

Presidentes. Elli M. Davis (jan/1931-1935); Gustavo S. Storch (14/01/36-1939); John Boehm (29/12/39-1947); Roger A. Wilcox (20/11/47-1948); John Baerg (23/01/49-1950); Emmnuel Zorub (20/06/1950-1956); Rodolfo Belz (25/01/1957-1958); Roberto Mendes Rabelo (18/06/1958-1960); Rubens Segre Ferreira (25/01/1961-1968); Djacy Barbosa (28/04/1969-1973); Josino dias Campos (27/07/1973-1975); José Belesi Filho (20/04/1976-1977); João Izidio da Costa (12/09/1977-1983); Helmuth Ari Gomes (01/07/1983-1992); Gustavo Roberto Schumann (17/12/1992-).

ASSOCIAÇÃO RIO-MINAS DA IASD. Veja **Associação Rio de Janeiro da IASD.**

ASSOCIAÇÃO SUL-PARANAENSE DA IASD. Localiza-se na Rua Brigadeiro Franco, 1275, Centro, Curitiba, PR. Seu território compreende a região Sul do Estado do Paraná, incluindo o sudoeste Litoral e os Campos Gerais. Pertence e é administrada pela *União Sul-Brasileira da IASD.

Atualmente (1994) possui 114 igrejas com 19.961 membros batizados para uma população de 4.239.682 habitantes.

Instituições pertencente ao seu campo: União Sul-Brasileira da IASD; Estúdio de Produções do "*Programa Encontro Com a Vida*" um terreno com futuras instalações para a sede de acampamento para jovens, no município de São Luiz do Purunã com 25.000 m^2 e um centro de recreação social da *Juventude Adventista Curitibana (JAC).

Esta Associação organizou-se por ocasião da Assembléia Extraordinária da *Corporação da União Sul-Brasileira da IASD em 08 de setembro de 1988, quando houve a divisão da *Associação

Paranaense em duas partes; *Associação Norte-Paranaense da IASD e Associação Sul-Paranaense da IASD.

Presidentes: Luis Lindolfo Fuckner (1988-1993); Samuel G. F. Zukowski (1993-).

Veja também **Associação Paranaense da IASD**.

ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DA IASD. Localiza-se na Rua Caí, 82, Cristal, Porto Alegre, RS. Pertence e é administrada pela *União Sul-Brasileira da IASD (USB).

O território de sua jurisdição compreende todo o Estado do Rio Grande do Sul e administra 119 igrejas e 212 grupos, num total de 35.866 membros batizados para uma população de 9.135.479 habitantes. Também administra 28 escolas de 1º Grau, 5 de 2º Grau, sendo uma delas o *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

Conta com total de 401 professores para 10.483 alunos.

As atividades dos 90 Clubes de Desbravadores são variadas, estando distribuídos entre eles 3.000 desbravadores.

Existem 3 clínicas adventistas na Associação Sul-Riograndense.

No ano de 1995 alcançou u número de 191 colportores efetivos e 170 estudantes nas férias de janeiro. (Dados de fevereiro de 1995).

A entidade possui três sedes de acampamentos JA: Sede de Acampamentos de Campestre, localizado no município de Santo Antônio da Patrulha, com uma área de 18.000 m²; Sede de Acampamentos de Santa Bárbara do Sul, localizado na BR 285, km 264, Parada Sá, 15.000 m² e Sede de Acampamentos de Cachoeira do Sul, localizado na BR 153, km 355- Bosque, distrito de Três Vendas, 6.111 m².

A Associação Sul-Riograndense da IASD foi fundada em 1939 com o nome de Sociedade Escola dos Adventista do 7º Dia e sua sede funcionava na cidade de Taquari - RS.

Recebeu também outros nomes: em 1933, Associação dos Adventistas do 7º Dia no Rio Grande do Sul; e em 1915 Associação Sul-Rio-Grandense da Igreja Adventista do 7º Dia.

Presidentes: *Henry Meyer (1916-1918); *John Lipke (1919-1920); Ricardo Süssmann (1921); *F. W. Spies (1922); *Abraham Calvin Harder (1923-1931); *John Boehm (1932-1939); A. L. Westphal (1940-1941); *Germano Streithorst (1942-1943); *Jerônimo Granero Garcia (1944-1947); Domingos P. da Silva (1948-1949); Renato Emir Oberg (1950-1951); Frederico C. Welster (1952-1953); *José Rodrigues dos Passos (1954-1957); Donald Robert Christmann (1958-1961); *Emanuel Zorub (1962-1963); Oscar Luiz dos Reis (1964-1967); Benito Raymundo (1968-1972); Floriano X. dos Santos (1973-1978); Arno H. Köhler (1979-1982); Wandyr Mendes de Oliveira (1983-1984); Alberto Ribeiro de Souza (1985-1986); Ivanaudo Barbosa de Oliveira (1987-1989); David Moróz (1989-).

ATALAIA, O. Veja **Revista "O Atalaia"; Revista Decisão.**

ASTRONOMIA. Desde seu início, os ASD têm tido interesse em certos elementos da astronomia ao se relacionarem a certos aspectos de seus ensinos: (1) **Cronologia*. Os ASD herdaram sua cronologia dos 2.300 dias proféticos dos Mileritas, que citaram para ela o cânon do antigo astrônomo Ptolomeu bem como o calendário lunisolar. (2) **O Sábado.* A defesa do sábado freqüentemente exige a explicação de certos problemas, tais como o fenômeno do início do dia na linha das datas e que corre ao redor do globo; da contagem do pôr-do-sol do sábado nas regiões polares, que está ligado à inclinação do eixo da terra; da continuidade da *Semana (Veja **Sábado; Semana).**

Ciclos astronômicos não podem identificar o primeiro sábado (ou o ano da *Criação ou o dia da crucifixão); mas há certas datas na história do AT que foram fixadas por cômputos astronômicos (por exemplo, no

reinado de Nabucodonosor, Veja *SDA Bible Dictionary "Chronology*") Por outro lado, a própria essência de qualquer base astronômica para um ciclo de sete dias é citada pelos ASD como reforçando o caso para a contagem Mosaica da origem da semana (Veja *Encyclopædia Britânica*, 11ª ed., vol. 4, p. 988). (3) *Conceito Cosmoteológico.* Começando com as primeiras referências de *Ellen G. White a outros planetas (II *SG*, 83: *PE*, 39, 40, que influenciou o líder pioneiro *José Bates, os ASD desenvolveram uma espécie de conceito cosmoteológico da Terra como um planeta - sem dúvida, um planeta revoltado — entre outros mundos em um Universo em ordem e sustido pelo Criador. Eles vêem a história do mundo como uma demonstração cósmica dos resultados do pecado em um mundo rebelde e o poder redentor do amor de Deus; e prevêem a recriação deste mundo como o Paraíso restaurado (Veja **Lar dos Remidos**).

Além disso, evangelista têm freqüentemente empregado descrições popularizadas dos corpos celestes como exemplos de obediência dos cosmos à lei de Deus, e como evidência de Seu poder criador e mantenedor.

ATIVIDADES LEIGAS. Veja **Evangelismo Leigo**.

AUDITORIAS. Na organização ASD, uma auditoria sistemática é realizada nos registros financeiros de todas as organizações da *Igreja local à Associação Geral da IASD (AG).

Um auditor eleito e auditores associados trabalham sob o Comitê Executivo da AG e relatam anualmente ao Comitê Executivo sobre a contabilidade da AG e suas corporações legais; e para cada período qüinqüenal, à AG em suas sessões regulares. Os auditores da AG são responsáveis pela auditoria da contabilidade das Divisões, das instituições da AG, das Uniões e Associações.

A responsabilidade pela auditoria das contas do *Tesoureiro da Igreja local está com o tesoureiro da *Associação local. A contabilidade da Associação Local ou de suas instituições locais são auditadas pelo auditor da associação. A contabilidade da associação ou da divisão ou de suas instituições são auditadas pelo auditor da divisão.

Desde o tempo em que a AG foi organizada em 1863, foi feita provisão pelo Comitê Executivo da AG para que os auditores fizessem a auditoria uma vez por ano. A Constituição de 1890 proveu, na seção 9, que a cada sessão regular da associação o presidente deveria apontar seis delegados que, juntamente com o Comitê Executivo, deveriam constituir um "comitê auditando e estabelecendo todas as contas da Associação."

AURELIANO, SÔNIA MARIA STELLA (1949-1992). Educadora, fundadora da *Colégio Adventista de Vila Galvão, SP. Nasceu no dia 30 de junho de 1949, em Guarulhos, SP. Filha do casal Roberto Stella e Esther Rocha Stella. Concluiu os estudos em 1968 formando-se professora pelo Colégio Liceu. Casou-se em 02 de julho de 1970 com Nilton Carlos Aureliano com quem teve dois filhos: Nilson Carlos e Wanderlei Aureliano.

A Profª. Sônia Aureliano começou sua carreira na pequena escola paroquial que, na época, chamava-se Escola Adventista Júlio Verne, localizada ao lado da igreja na Praça de Vila Galvão. Havia apenas uma única sala. Em 1972, a igreja foi desapropriada e a escola fechada. Em 1973, uma nova igreja foi construída na Rua da Estação, 143 e, em 1974, surge uma nova escola, com apenas uma sala de aula, nos fundos da igreja e 28 alunos.

Com muito empenho, promoveu campanhas para a aquisição de um terreno no mesmo local. Ali foram construídas três salas de aula e a escola foi inaugurada com o nome de *Escola Adventista Jardim das Oliveiras, oferecendo cursos de pré a 4ª série do 1º Grau.

Em 1977, mais uma sala foi construída. A escola prosperou e o nº de alunos cresceu significativamente. Em 1979, a Profª. Sônia afastou-se por motivos de saúde, vindo a falecer em 15 de novembro de 1992, aos 43 anos, de choque anestésico. A cerimônia fúnebre foi oficializada pelos Prs.: Edgar de Oliveira, Sesóstris César e Cláudio Vilela. Foi sepultada no Cemitério Saudade em Sumaré, SP.

AYUPE, RAFAEL MÁRIO (1944-1993). *Pastor. Nasceu na Bolívia. Casou-se com Léa Nogueira Ayupe. Formou-se em Teologia no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) e exerceu o ministério no *Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT), em 1984.

Após um período nos EUA, retornou ao Brasil gravemente enfermo.

Faleceu no dia 4 de dezembro de 1993 em Belo Horizonte, MG, aos 49 anos de idade.

AZAZEL. Ver **Bode Emissário.**

AZEVEDO, ALCINDO REIS (1907-1986). Professor e administrador. Nasceu no dia 29 de novembro de 1907 em Santo Antônio da Patrulha, RS. Filho de Arthur R. de Azevedo e Cândida Mendes de Azevedo que já eram adventistas. Esteve entre os seis primeiros alunos da Escola Primária de Rolante, cujo terreno para construção da escola foi doado pelo seu pai.

Em 23 de dezembro de 1930, casou-se com Dorvina Prates dos Reis, nascendo dessa união quatro filhos: Elias Reis Azevedo, Oswaldo Reis Azevedo, Iria da Cruz e Eliete Gorski Damaceno.

Após o término de seus estudos elementares em Rolante, dirigiu-se ao *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), onde permaneceu até 1931. Dedicou-se também à música estudando violino e violão, com o professor Roberto Mendes Rabello.

Em 1939 e 1940, lecionou no Curso de Admissão ao ginásio no antigo Ginásio Adventista de Taquara, atual *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Entre 1944 e 1948 atuou como preceptor, gerente da fazenda, tesoureiro e vice-diretor do *Colégio de Butiá no Paraná. Foi o primeiro professor do Instituto Adventista Paranaense, dirigindo também as obras da construção da escola e a fazenda. Posteriormente, voltou a Rolante, onde exerceu atividades na igreja local. Faleceu em 09 de Janeiro de 1986 em Santo Antônio da Patrulha, RS, aos 79 anos de idade.

AZEVEDO, EMÍLIO RODRIGUES DE (1906-1981). Pastor, professor e administrador. Nasceu no dia 1º de maio em Santo Antônio da Patrulha, RS. Era filho de Arthur Rodrigues de Azevedo e Cândida Mendes Azevedo, família tradicional adventista. Foi criado na cidade de Rolante, RS, onde concluiu seus primeiros anos escolares.

Em 1924, Emílio veio para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Estudou até 1927, pois em 1928, foi convidado para servir o exército, onde permaneceu até 1930. Em 1931 e 1932, Emílio regressou ao CAB a fim de concluir o restante dos seus estudos e em 1932 formou-se em Teologia. Logo após sua formatura, em 1933, casou-se com Dorina, que fora convertida ao adventismo pela sua família enquanto estudava no CAB. Desta união nasceram: Dário, Miriam, Álvaro e Neusa.

Iniciou seu trabalho em Curitiba, PR, onde atuou por oito meses como diretor de Colportagem. Em 1934 foi transferido para a cidade de Siqueira Campos, no Paraná, onde iniciou a formação de um grupo de adventistas.

Realizou uma série de conferências em 1938, em Londrina, dando origem assim à atual *IASD Central de Londrina, PR.

Em 1939 transferiu-se para Jacarezinho, ainda no Paraná. Em outubro desse mesmo ano, retornou a Curitiba tornando-se Pastor distrital e um dos pioneiros a erigir o templo atual da Igreja Central.

De 1942 a 1945 administrou o e *Colégio de Butiá e também lecionou nele, atual *Instituto Adventista Paranaense (IAP), agora em Curitiba. Enquanto sua esposa Dorina era professora de Química, Física e Matemática. Depois foi chamado para ser o presidente da *Missão Mato-Grossense da IASD. Em 1949 veio para a cidade de Bauru, SP, como *Pastor nas cidades próximas, entre elas: Pederneira, Jaú, Dois Córregos, São Lucas.

No período de 1956-1960, permaneceu na cidade de Jacareí no Estado de São Paulo. Desde 1954 sofria de intensas dores. Gradativamente a paralisia progredia em seu corpo. Em 1962, mudaram-se para Hortolândia, SP, onde trabalhou até 1965. Faleceu em 8 de agosto de 1981, em Hortolândia, aos 75 anos de idade.

AZEVEDO, OSWALDO RODRIGUES DE (1913-1990). *Pastor, professor e administrador. Nasceu no dia 8 de fevereiro de 1913, em Rolante, RS. Casou-se com a Profª. Yolanda Waldvogel Maluf em 28 de dezembro de 1934, de cuja união nasceram três filhos: Elda, Leni e Haroldo.

Finalizou seu curso teológico no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), no ano de 1936. Foi distrital em várias cidades do interior paulista, e pastor das igrejas: *IASD Central de Porto Alegre, RS e *IASD Central Paulistana, SP. Foi departamental na *Associação Sul-Rio-Grandense e professor no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

Foi diretor do *Instituto Adventista São Paulo (IASP) durante 7 anos, (1951 a 1958). Como naquela época o colégio dispunha de poucos obreiros, o Pr. Oswaldo assumiu as funções de diretor, pastor, administrador da fazenda, professor de *Bíblia e História Geral e regente do Coral da igreja. De 1958 a 1963 exerceu a função de Pastor Geral da *Associação Paulista da IASD e em seguida foi presidente da *União Sul-Brasileira da IASD por 12 anos. Em seus dois últimos anos

de trabalho atuou como secretário de Campo da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA). O Pr. Oswaldo R. de Azevedo dedicou 40 anos na causa Adventista, que ele tanto amava. Sua atenção e especial carinho era para com os jovens, nos quais via o futuro da igreja, e foi para eles uma inspiração.

Faleceu no dia 28 de março de 1990, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP); SP, vitimado por pneumonia.

AZEVEDO, ROBERTO RODRIGUES DE (1916-1980). *Pastor pioneiro. Nasceu no dia 3 de março de 1916 em Santo Antônio da Patrulha, RS, fez seus estudos no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), formando-se em 1940.

Casou-se com a Professora Flora Azevedo em 10 de fevereiro de 1941, logo após concluir seus estudos teológicos. Desta união que durou 39 anos, nasceram cinco filhos: Júlio César, Paulo, Roberto Eglon e Sérgio.

Iniciou suas atividades na Obra Adventista em 1941, tendo atuado como Pastor distrital na *Associação Sul-Rio-Grandense da IASD e *Associação Paulista da IASD. Posteriormente tornou-se Departamental de Relações Públicas na Associação Paulista da IASD, *União Sul-Brasileira da IASD e, ultimamente na *Associação Paulista Leste da IASD. Na década de 50 estudou Jornalismo na Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero, onde melhor se preparou para a incansável atividade de comunicador do Evangelho através do texto, da imagem e do som, que se tornou sua paixão. Neste propósito, percorreu os vários Estados brasileiros, fotografando e filmando sempre acompanhado de seu amigo Pr. Kiotaka Shirai. Mantinha contato com autoridades e com a imprensa a fim de falar sobre quem são, o que fazem e o que pensam os adventistas do 7º dia. Grande parte do material fotográfico que obteve através de suas andanças foi utilizado nos informativos da *Recolta.

Faleceu vitimado por deficiência cardíaca no dia 11 de maio de 1981, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), em São Paulo, SP.

BABILÔNIA. Veja **Babilônia Simbólica**.

BABILÔNIA SIMBÓLICA. Uma designação misteriosa no Apocalipse (Cap. 14:8; 16:19; 17:5; 18: 2,10, 21) para as organizações religiosas apóstatas em oposição a Cristo e a Seu povo na Terra, especialmente durante a fase final do longo conflito entre o bem e o mal. *Babilônia é variadamente identificada como a “grande cidade”, que governa sobre os reis da Terra; como a “grande meretriz” e “mãe das prostitutas” (cap. 16; 17:1, 5 e 18). *Adultério é uma metáfora usual do *Antigo Testamento para religião apóstata (por exemplo, Eze 16:15 pp.; 23:2, 3 pp.; Os. 4:15). O revelador declara que “Babilônia caiu” (Apoc. 14:8; 18:2), seduziu os “reis da terra” que com ela cometeram fornicação (cap. 17:2); incitou os habitantes da terra a se “embebedarem com o vinho de sua prostituição” (cap. 17:2; 19:2) iludiu as nações com sua “feitiçarias” (cap. 18:23). Veja **Feiticeiros**. Ele a representa como “embriagada com o sangue dos santos, e com o sangue dos mártires de Jesus” (cap. 17:5, 6; 18:24; 19:2). Seus pecados consistem de orgulho e arrogância (cap. 17:4; 18:7, 16), desafio a *Deus e *Perseguição a seu povo na Terra (cf. cap. 16:19; 17:6; 18:24) e aliança ilícita com os poderes políticos da Terra (cap. 17:2, 3; 18:9). Ele nota que “seus pecados” eventualmente se acumularam até o *Céu e chegou o tempo de Deus julgá-la (cap. 16:19; 18:5, 6; 19:2). Por esse motivo, Deus chama seu povo para sair de Babilônia, a fim de evitar a cumplicidade em seus “pecados” e as “pragas”. Ele está prestes a visitá-la (cap. 18:4). Desiludidos, os reis da Terra voltam-se contra ela e a destroem (cap. 17:14, 16, 17; cf. 18:19, 21; 19:3). Desse modo, Deus vinga Seu povo com relação à Babilônia (cap. 18:20; 19:2).

Babilônia é “um nome de mistério” (cap. 17:5), isto é, um título enigmático ou figurativo; por conseguinte, a designação “Babilônia mística”, é usada com freqüência. Esse nome simbólico conota o fato histórico de que nos tempos do Antigo Testamento a Babilônia literal era o arquiinimigo do povo do *Concerto de Deus. A Babilônia mística

deve ser compreendida nos termos do papel desempenhado por seu contraponto histórico nos tempos do Antigo Testamento (Veja *SDABC*, 7:866, 869). O nome babilônio *Bâb-ilu* (Babel ou Babilônia) significava "portão de ouro". Nos tempos antigos, o portão da cidade era o lugar onde visitantes oficiais conduziam negócios públicos. O nome *Bâb-ilu* refletia a crença de que a Babilônia era o lugar escolhido pelos deuses para se encontrarem com os homens e os reis babilônicos afirmam que os deuses os haviam comissionado para governar o mundo. Em hebraico, a palavra *Bâb-ilu* estava depreciativamente associada ao termo "balal", "confusão" — uma lembrança de que Deus havia confundido o discurso dos construtores de Babel (Gên. 11:9).

Do tempo de sua fundação por Ninrode (Gên. 10:9,10; 11:1-9), Babilônia caracterizava-se por sua descrença no verdadeiro Deus e desafio à Sua vontade. Sua torre era um monumento à *Apostasia, e a cidadela de rebelião contra Ele. Isaías identifica Lúcifer como o rei de Babilônia (Is. 14:4, 12-14) e sugere que Satanás tornou Babilônia o centro e agente de seu plano principal para assegurar o controle da raça humana, assim como Deus se propôs a trabalhar através de Jerusalém para realizar Seu plano para esse mundo. Através dos tempos do Antigo Testamento, as duas cidades tipificavam as forças do bem e do mal em ação no mundo. No Apocalipse, a Babilônia mística apresenta-se em contraste com a Nova Jerusalém, "a noiva de Cristo, vestida com linho fino, branco e puro: ... justiça dos santos, em contraste com o vestido sensual e brilhante de Babilônia (cap. 19:8; cf. 17:4; 18:7, 16). Nabucodonosor II fez de Babilônia uma das maravilhas do mundo antigo, intencionando que seu reino fosse universal e eterno (Dan. 3:1, 4-30) através dos séculos. Após sua destruição por Xerxes, a cidade, gradualmente, perdeu seu brilho e importância, e no tempo em que João escreveu o Apocalipse, era virtualmente uma ruína desolada e, desse modo, uma ilustração gráfica do destino impendente da Babilônia mística.

Nos primórdios do primeiro século A.D., os cristãos referiam-se a Roma através do título misterioso de Babilônia (Veja I Ped. 5:13). Os judeus estavam sofrendo sob o governo de Roma tal qual haviam sofrido previamente sob Babilônia, e os cristãos estavam sofrendo perseguições esporádicas também. Para evitar retaliação, judeus e cristãos começaram a usar "Babilônia" como um nome secreto para Roma imperial (Veja *Sibyllines Oracles* — Oráculos Sibilinos) 5:155-161; II Baruque 11:1; *Jewish Midrash Rabbah on Canticles* 1:6) ("Eles chamavam Roma de Babilônia"), Soncino ed., p. 60.

Os pais da Igreja dos primeiros séculos, como por exemplo Tertuliano (*Against Marcion* iii, 13) e Irineu (*Adversus Heresus* [Contra Heresias], v. 26. 1), aplicaram o termo "Babilônia", no Apocalipse, à cidade de Roma ou ao império. Joaquim de Floris (d.1202) esteve entre os primeiros a incluir a Igreja de Roma no termo "Babilônia" (L. E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 1, p. 708). Outros da alta Idade Média que também agiram do mesmo modo foram: Pierre Jean dÓlivi, um religioso francês (d.1298) (*ibid.*, pp. 764, 765; Michel de Cesena (*ibid.*, vol. 2, p. 20); os Lolardos (*ibid.*, pp. 78 e 79; João Huss (*ibid.*, p.116); e Savonarola *(ibid.*, p. 152). Esta identificação divulgou-se entre os protestantes.

*Guilherme Miller identificava a Babilônia mística com "Roma sob o poder papal" (Josué Himes, *Views of the Prophecies and Prophetic Chronology* (Teorias das Profecias e Cronologia Profética, de Guilherme Miller 1842, p. 200). Sylvester Bliss, editor *Milerita, defendia que a Babilônia é "tudo neste mundo que se desarmoniza e se opõe ao Espírito de Cristo", ou seja, o "reino de Satanás" e que ao império romano dividir-se, "a pontal papal sucederia a supremacia, como a inteligência do poder de Satanás, e tornar-se-ia a Babilônia do mundo" (*The Advent Shield and Review*, 1844, pp. 112, 113, 115, 116). Quando as igrejas protestantes rejeitaram a mensagem da breve vinda de Cristo, os adventistas começaram a incluí-los no termo "Babilônia", junto com

Roma papal, e interpretavam a queda de Babilônia como sendo a rejeição das mensagens por essas igrejas. Por exemplo, *José Bates marcou a queda de Babilônia para 1843-1844 e a atribuiu à total rejeição da doutrina da vinda do Senhor dessas igrejas.

> Quando esse assunto começou a ser introduzido em 1843, a maioria das igrejas nominais fecharam suas portas para a doutrina do *Segundo Advento e começaram a tratar a mensagem com desprezo e contumácia. ...
>
> *Babilônia Mistério.* ... representa as igrejas organizadas de todos os tipos, divididas em partes, Apoc. 16:19 a saber: Romana, grega e protestante. ...
>
> Nosso negócio então é com a igreja protestante, pois será admitido por todos que as igrejas grega e romana são corruptas e anticristãs (José Bates, em *Advent Review*, novembro, 1850).

Em 1851, *Tiago White escreveu: "A mulher, que é a grande cidade, chamada Babilônia, simboliza as igrejas apóstatas caídas" (*Review and Herald*, 5 de agosto de 1851). *John Nevins Andrews semelhantemente definiu Babilônia como sendo "todas as corporações religiosas corruptas que já existiram ou existem no tempo presente, unidas ao mundo, e mantidas pelo poder civil incluindo a "Igreja judaica corrompida", as "Igrejas papal e Grega corrompidas" e a "grande corporação das igrejas protestantes" que "imita a igreja romana" (*ibid.*, 21 de fev. 1854).

*Urias Smith, clássico comentarista Adventista sobre Daniel e Apocalipse, compreendeu que "esse símbolo (Babilônia) significa a grande massa do cristianismo confuso e corrompido, "e acrescentou que

> sua queda foi uma queda moral causada pela rejeição das verdades vivificantes da primeira mensagem, ou a

> grande proclamação do *Advento. Por vinho da fúria de sua prostituição compreendemos suas falsas doutrinas e erros perniciosos que ela deu a beber a todas as nações (*Thoughts on the Revelation* 1865 (i.e. 1867), ed. p. 233.

Ele identificou as partes componentes da moderna Babilônia como “Paganismo, Catolicismo e Protestantismo”, e a prostituta do capítulo 17 como a Igreja Romana. “Outras organizações religiosas independentes” são suas filhas, escreveu ele, “e todas pertencem à mesma grande família”. O segmento Romano de Babilônia, escreveu ele, “chega ao fim no capítulo 17 e as filhas protestantes no capítulo 18. Ele citou comentaristas protestantes contemporâneos para o efeito de que as igrejas populares protestantes haviam se tornado Babilônia (*ibid.,* 1867 ed. pp. 233-275).

A interpretação ASD da atualidade é essencialmente a mesma de Urias Smith e outros comentaristas ASD pioneiros. Entende-se por Babilônia moderna todas as igrejas cristãs que se separaram do “Evangelho eterno” como é considerado nas Escrituras, incluindo tanto a grande apostasia romana dos primeiros séculos do cristianismo e a mais recente separação do protestantismo da Palavra de Deus, começando, em particular, com a rejeição da mensagem de 1844. Compreende-se que a queda deve ser progressiva; ainda não é completa, mas será, quando as principais igrejas protestantes colaborarem com a Igreja de Roma numa tentativa de coagir a consciência (Apoc. 13). A *Segunda Mensagem angélica de Apoc. 14:8 é um aviso de que a Babilônia caiu, e o cap. 18:1-4 é um chamado para o povo de Deus sair dela para evitar cumplicidade em seus crimes e receber suas “pragas”.

**BACHMEYER, ALBERT. ***Colportor pioneiro. Imigrante alemão, que se tornou cristão em Liverpool, Inglaterra, meses antes de chegar ao Brasil. *Snyder o persuadiu a aceitar a fé Adventista e logo após o instruiu na arte de vender livros.

Embora ainda não batizado, Bachmeyer começou a colportar em várias cidades do Estado de São Paulo, entre elas, Indaiatuba, Rio Claro e Piracicaba, onde os livros e impressos foram bem aceitos principalmente em alemão. Como resultado dessas publicações vendidas *Guilherme Stein III e sua família converteram-se ao adventismo.

Em 1894, Bachmeyer se dirigiu para o Sul do Brasil, estabelecendo-se em Santa Catarina. Vendeu algumas literaturas e descobriu que havia observadores do *Sábado em Brusque e Gaspar Alto. Assim comunicou ao Pr. F. H. Westphal que se familiarizou muito com o progresso do trabalho naquele campo. Em junho de 1895, na cidade de Piracicaba, São Paulo, o Pr. Westphal realizou uma cerimônia batismal, ocasião que Bachmeyer batizou-se entre outros.

BARACAT, JOSÉ (-1959). *Pastor e administrador. Foi obreiro na Obra Adventista por 31 anos. No decorrer desse tempo serviu nas Igrejas da *União Este-Brasileira da IASD e entre elas, a Igreja Central de Belo Horizonte e a Igreja de Salvador. Por alguns anos foi presidente da Missão Nordeste, e o seu último cargo foi na *Igreja Central do Rio de Janeiro, RJ.

Faleceu em 27 de outubro de 1959, vitimado de hepatite.

BARANSKI, WILLI.

BARRETO, ORLANDO SILVEIRA. (1916-1968). *Pastor, evangelista, colportor e administrador. Nasceu na cidade de Alcântara, MA, em 18 de junho de 1916. Filho de Pedro Barreto e Rosina Silveira Barreto. Casou-se como Maria Magdalena Lima Barreto, no dia 18 de abril de 1936. Desta união nasceram 6 filhos: Orlando, Maria de Jesus, José Carlos, Madeleine, Nathan, Misael (obreiro na *União Central Brasileira da IASD).

Conheceu o Evangelho em 1940 através da leitura da série de folhetos “Vida Nova” e dos livros: “A Barra do Tribunal Divino”, “O Conflito dos Séculos” e “O Raiar de um Novo Dia”.

Em 1942 assistiu a uma série de conferências públicas realizadas pelo Pr. *Gustavo Storch, de quem se tornou, mais tarde, conferencista assistente. Batizou-se em 1946.

Iniciou seu trabalho na Obra da Colportagem, como *colportor-evangelista na *Missão Costa-Norte da IASD em 27 de abril de 1946, progredindo gradativamente até ser ordenado Pastor em 1958, dedicando-se a esta Missão até 1959.

Em 1951 realizou sua 1ª série de conferências na IASD Central de Fortaleza, CE, Caxias, MA, Icoarari, PA e Castanhal, PA.

Em 1954 passou a trabalhar como ministro do Evangelho. Foi ordenado ao Ministério em 5 de abril de 1958, ato oficiado pelo Pr. *Walter Streithorst, então presidente da *União Norte Brasileira (UNB).

Em 1960 foi transferido para a *Missão Baixo-Amazonas da IASD, onde permaneceu até 1968. Foi ministro do Evangelho até 1962. Em 1963 foi evangelista e em 1966 presidente da Missão.

Foi presidente da *Missão Baixo-Amazonas da IASD, por aproximadamente três anos Durante uma visita a Castanhal, PA, ocorreu um acidente, ao estar atravessando o rio, causando a sua morte.

Faleceu no dia 20 de outubro de 1968 no Amazonas, aos 52 anos de idade, enquanto exercia a função de presidente do campo.

BASSI, ERMANO (1917-1988). *Pastor e evangelista. Nasceu no dia 27 de setembro de 1917 em Caxias do Sul, RS. Sua família era proveniente da Itália e, primeiramente, estabeleceu-se no Sul do país. Obteve educação católica, expressando desejo de tornar-se padre.

Em Santa Catarina, sua família conheceu a mensagem adventista, contudo, somente Ermano e sua mãe converteram-se. Posteriormente, mudaram-se para o Paraná e ele partiu para o *Colégio Adventista

Brasileiro (CAB), a fim de completar o curso ginasial. Ao findar o curso secundário, decidiu dedicar-se ao trabalho de Deus.

Em 1939, ingressou na *Faculdade Adventista de Teologia (FAT). No mesmo ano casou-se com Vicentina Pingenturo Bassi, de cuja união nasceram Semíramis e Ermano Bassi Filho. Formou-se em 1943.

Exerceu seu ministério somente no Estado de São Paulo, onde atuou como evangelista e pastor distrital em Itararé, Ribeirão Preto, Itapetininga e na região do ABC. Na capital, trabalhou na Lapa, Pinheiros, Mirandópolis e *IASD Central Paulistana, SP.

Aposentou-se após 35 anos de trabalho devido à uma enfermidade. Seus últimos anos foram dedicados a escrever sermões que imprimia com seus próprios recursos e enviava a pastores e anciãos de todas as igrejas adventistas do Brasil. Continuou a escrever até poucos dias antes de sua *Morte. E antes de falecer expressou preocupação quanto à conclusão de seu trabalho.

Ermano Bassi destacou-se por sua postura ortodoxa em defesa dos princípios que regem a fé Adventista. Faleceu em 26 de abril de 1988, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), aos 71 anos de idade, vítima de câncer.

BATES, JOSÉ (1792-1872). Marinheiro, reformador, pregador adventista, um dos fundadores da IASD. Nasceu no dia 8 de julho de 1792, em Rochester, Massachusetts, perto de New Bedford. Com a idade de 15 anos, partiu de seu lar para seguir o mar. Experimentou naufrágios, prisão, serviços forçados na Marinha Britânica, e foi por dois anos e meio prisioneiro de guerra na Inglaterra, sendo liberto em 1815. Após ter sido restaurado a seu lar e família, continuou sua carreira como mercador marinho, tornando-se capitão em 1820.

Em 1818, casou-se com Prudence Nye, uma amiga de infância. “Prudy” provou ser uma esposa excepcionalmente paciente e leal, e uma boa influência sobre seu esposo e sobre sua família. Nasceram-lhe cinco

filhos. Um morreu na infância; outro, morreu no mar com a idade de 35 anos, e três filhas que sobreviveram até a maturidade.

Em 1821, Bates abandonou o uso de bebidas alcoólicas. No ano seguinte, ele decidiu não beber mais vinho e logo depois parou de mascar fumo e fumar e parou de usar linguagem torpe. Antes de 1838, abandonara o uso do chá e do café, e em 1843, abandonou o uso da carne. Anteriormente, tinha parado de usar manteiga, gordura, bolos muito açucarados, queijo e condimentos. Assim, antes de os ASD se organizarem em um grupo religioso, José Bates era um entusiasta advogado dos princípios de saúde que a Igreja veio a abraçar.

Após a *Conversão de Bates ao Cristianismo em meados da década de 1820, ele comandou um navio de *Temperança no qual não permitia intoxicantes, juramentos, e nenhum lavar ou cerzir de roupas no *Domingo. Ele dirigia o culto matutino e vespertino, mas, a despeito dessas rígidas regras, a rude tripulação adaptou-se muito bem a este estrito regime. Em 1824, um *Novo Testamento que sua esposa pusera em seu baú estimulou o início de um despertamento espiritual. Abatido pela *Morte de um tripulante, ele entregou sua vida a Cristo e começou a orar e a estudar diariamente a *Bíblia. Ao chegar em casa, foi batizado e assistia a reuniões religiosas. E em 1827 uniu-se à Igreja Cristã de Fairhaven, à qual pertencia sua esposa. Foi nesse ano que ele iniciou sua viagem de temperança, que durou quase um ano, com a qual encerrou sua vida de marinheiro.

Bates agora se estabeleceu em Fairhaven, bem financeiramente com o que se chamava de "subsistência" de onze mil dólares. Pelos próximos 12 anos, até que o Movimento Milerita atraísse sua atenção e participação, José Bates tratou de assuntos locais tais como a propriedade de seu pai, assuntos civis e uma variedade de reformas das quais o ar estava cheio naquele período específico da história Americana. Isso incluía temperança, anti escravatura, distribuição de

folhetos, educação vocacional e o nível da moralidade entre os marujos em geral.

Em 1839, Bates aceitou as idéias de *Guilherme Miller sobre o *Segundo Advento e desse tempo em diante dedicou sua total atenção ao *Movimento Milerita, eventualmente dando todos os seus bens para essa causa. No ano seguinte, serviu na comissão que emitiu o chamado para a primeira *Conferência Geral sobre o Segundo Advento, em Boston. Ele se tornou um excepcionalmente ativo e bem sucedido ministro milerita e, em maio de 1842, serviu como presidente de uma das mais bem sucedidas conferências desse movimento. Em 1844 vendeu sua casa e a maioria de seus bens, pagou todas as suas dívidas e se preparou para ir aonde fosse necessário para pregar a *Segunda Vinda de Cristo. Acompanhado por H. S. Gurney, ferreiro e cantor evangelista, foi a Maryland e pregou em Kent Island, na Baía de Chesapeake, onde outrora tivera um naufrágio. Enfrentou oposição, particularmente por suas idéias abolicionistas, mas permaneceu corajosamente face aos que o ameaçavam de ofensas físicas.

Bates experimentou o *Desapontamento de 22 de outubro de 1844 sem perder sua fé. Após ler o artigo de Thomas M. Preble sobre o *Sábado do sétimo dia, publicado em *The Hope of Israel*, em fevereiro de 1845, e checando na Bíblia a evidência com sua costumeira exatidão, ele decidiu observar o sábado do sétimo dia. Algum tempo depois, ao encontrar-se com James Madison Monroe Hall, seu vizinho, na ponte entre New Bedford e Fairhaven e ser por ele abordado com a pergunta: “Quais são as novas, Capitão Bates?” Teve como resposta: “As novas são que o sétimo dia é o sábado.” Cinco anos depois, Prudence uniu-se a ele na observância.

Os anos entre 1846 e 1850 foram difíceis para os crentes adventistas pioneiros. Foi um tempo de confusão e recapitulação, de olhar para trás e para frente, de tentar retratar como os eventos e as profecias poderiam se encaixar para dar um idéia clara do que havia

acontecido e para onde os eventos estavam levando. Bates era notavelmente indicado para realizar esta obra. Ele era um cuidadoso estudante das Escrituras, tendo passado muito tempo em suas longas viagens marítimas com sua Bíblia.

Em 1846, Bates publicou um folheto tratando do sábado. Neste folheto de 48 páginas intitulado: "*The Seventh-day Sabbath, a Perpetual Sign*," apresentou o caso do sábado quase exclusivamente baseado nos *Dez Mandamentos como guia moral para toda a humanidade, inclusive os cristãos. Abordou apenas brevemente na mudança profetizada em Daniel 7.

Na segunda edição do folheto, no ano seguinte, Bates enfatizou o lugar da mensagem do terceiro anjo no movimento sabático. Baseado na identificação protestante há muito aceita de que a *Besta é o Papado, ele defendia que a mudança do dia semanal de adoração do sábado para o domingo era o distintivo do poder papal. Para explicar isso, ele publicou seu folheto sobre "*O Selo do Deus Vivo,*" que estabeleceu o sábado como um selo.

Em 1847, Bates publicou o mais longo de seus folhetos, intitulado "*Sinais do Segundo Advento ou uma Visão Conjunta do Cumprimento da Profecia pelo Povo Peculiar de Deus de 1840 a 1847*." No folheto ele deu uma visão geral da mensagem do advento para esse período, dando aos leitores uma idéia da viagem à Terra Prometida e uma pesquisa das coisas pelas quais passaram e das coisas que ainda viriam.

Esses folhetos, seis ao todo nesse período, deram evidência do sincero desejo de conhecer a verdade que Bates possuía, e de sua vontade por buscá-la diligentemente. Sua interpretação da profecia, proposta experimentalmente, indicava uma disposição de mudar de acordo com a nova luz vindoura, mas em pontos cardeais do ensino bíblico, ele era inflexível e não estava disposto a fazer concessões.

Bates teve uma parte importante nos “*Congressos Sabáticos” que se iniciaram em 1848 e pretendiam esclarecer o ensino do sábado e trazê-lo em harmonia com os outros conceitos básicos da doutrina.

Em 1849, o espírito pioneiro de Bates levou-o ao Oeste, até Michigan, onde, com o tempo, reuniu um grupo de conversos em Jackson. Em 1852, ele foi até Battle Creek e conduziu a Obra ASD nessa cidade, que deveria ser por muitas décadas o centro e sede da denominação adventista. Seu primeiro converso lá, o presbiteriano David Hewitt, por sua imediata e entusiástica aceitação das verdades adventistas, levou Bates e outros líderes adventistas, em 1852, a abandonarem a crença da Doutrina da “Porta Fechada” (Veja **Porta Aberta e Fechada**), que tinha sido aceita após o Grande Desapontamento de 1844.

Durante a década de 1850, Bates passou uma grande quantidade de seu tempo em Michigan e na fronteira dos Estados Unidos com o Canadá. Em 1858, mudou-se permanentemente de Fairhaven e se estabeleceu pelo resto de seus dias em Monterey, no Oeste de Michigan.

Uma impressionante característica das atividades de Bates das duas últimas décadas de sua vida eram suas constantes viagens, primeiramente à Nova Inglaterra e mais tarde em Michigan e os Estados adjacentes. Uma boa parte de sua vida passou em movimento, primeiramente no mar e mais tarde em terra, sendo um compulsivo viajante. Estes itinerários, principalmente em 1845, revelam que depois de ele ter concedido sua modesta fortuna ao *Movimento Adventista, estava totalmente dependente financeiramente de amigos e daqueles a quem ele ministrava.

Ao a Igreja se mover rumo à organização formal que se efetivou em maio de 1863, Bates era regularmente chamado para assumir a presidência das conferências dos líderes das igrejas. Ele presidiu na conferência de Battle Creek quando o nome *Adventista do Sétimo Dia

foi adotado para designar o corpo de guardadores do sábado que esperavam pela vinda de Cristo.

Após a visão de *Ellen G. White, em junho de 1863, tratando da reforma da saúde, Bates sentiu o ímpeto de advogar mais aberta e agressivamente os princípios de saúde que ele tinha praticado durante muito tempo. Em 1865, quando praticamente todos os líderes da Igreja estavam incapacitados por causa de sérias doenças, e quando por quase um ano não foi possível reunir quorum para fazer as transações comerciais da Igreja, Bates prosseguiu com ótima saúde, animando outros e deixando um exemplo de viver saudável.

Na primeira reunião campal, realizada em Wright, Michigan, em 1868, Bates, então com 76 anos de idade, foi um dos oradores. Sua companheira de jornada, "Prudy," descansou em 1870, mas Bates continuou seu ministério, embora em passo mais reduzido. Em 1871, ano anterior à sua morte, ele realizou no mínimo 100 campais, além das realizadas em sua igreja local em Monterey e as associações que ele fielmente assistia. Morreu no *Instituto de Saúde de Battle Creek* no dia 19 de março de 1872. Foi sepultado ao lado de sua esposa no cemitério Popular Hill em Monterey, onde aproximadamente 100 de seus irmãos adventistas também aguardam o chamado do Doador da vida.

A contribuição de Bates — como a do triunvirato com *Tiago e Ellen G. White, que fundaram a IASD — foi extensa e variada. Ele ganhou muitos para o Senhor por seus esforços pessoais e contribuiu significativamente à formação do corpo de doutrinas e ensinos adventistas.

BATISMO. (Gr. *baptisma,* de *baptizo,* "afundar", "imergir"). Cerimônia cristã de iniciação, tradicionalmente por *Imersão, derramamento ou aspersão. Os ASD crêem "que o batismo é uma ordenança da Igreja Cristã, sendo a forma própria a imersão," e que tipifica a *Morte, sepultamento e ressurreição de Cristo, e expressa

abertamente fé em Sua graça salvadora e a renúncia ao pecado e ao mundo, e é reconhecido como a condição de entrada como membro da Igreja” (*Manual da Igreja*). O batismo é ministrado somente aos que alcançaram um estágio de responsabilidade. “É geralmente ministrado por um *Pastor ordenado; mas em sua ausência, o primeiro ancião local pode oficiá-lo,” somente, porém, com a aprovação do presidente da Associação, e se o batizando deve se unir à igreja do ancião (*Manual Para Ministros,* p. 64). Pessoas que se unem à IASD e que se batizaram por imersão em outras comunidades religiosas são aceitas sem rebatismo, a menos que queiram ser rebatizados; “porém, reconhece-se em todos os casos que o rebatismo seria desejável” (*Manual da Igreja,* 64).

Quando membros apostataram, o *Manual da Igreja* recomenda o rebatismo:

> Quando os membros tenham caído em apostasia, e vivido de maneira tal que a fé e os princípios da Igreja tenham sido publicamente violados, devem, no caso de converterem-se e pedirem para ser membros da Igreja, nela como ao princípio, isto é, por meio do batismo. (p. 65).

Os ASD crêem que os candidatos para o batismo deveriam ser plenamente da fé cristã, a fim de que possam dar inteligentemente tal passo e com propósito resoluto. Para esse fim, classes especiais são conduzidas nas quais é dada instrução sobre os principais artigos da fé e sobre o viver cristão. Em terras não-cristãs os candidatos podem permanecer em classes batismais até dois anos, até terem demonstrado um entendimento teórico e prático da fé. Imediatamente antes do batismo, pede-se aos candidatos que afirmem publicamente, perante a igreja, seu assentimento para com os ensinos da Igreja, e sua intenção a fim de ordenar sua vida com suas crenças.

Origem e Desenvolvimento da Doutrina ASD. A questão do batismo naturalmente surgiu cedo entre os ASD, aparecendo por serem seus membros oriundos de outras igrejas. Em 1857, J. H. Waggoner declarou que um homem deveria ser rebatizado quando chega a ter uma compreensão correta da lei de Deus, pois não pode ter sido batizado até ter morrido para o pecado; no batismo "ele põe sobre Cristo, . . . e toma Seu nome," mas "não podemos viver para Deus e andar em novidade de vida, enquanto continuamos a transgredir a lei," independente de ter pecado em ignorância (*Review and Herald*, 2 de abril de 1857). A questão do batismo foi posteriormente discutida por *Tiago White em 1867, que listou várias condições que exigem o rebatismo: não ter verdadeiramente morrido para o pecado; ter sido batizado por um ministro não consagrado ou alguém que se opunha "à pureza bíblica" ou aos dons espirituais, ou à obra dos ASD; tendo sido batizado antes de aceitar "a verdade"; tendo apostatado e retornado à iniqüidade (*ibid.*, 6 de agosto de 1867, p. 114). Embora haja evidência que a questão do caráter do ministro fosse uma questão dos primórdios, isto não caracterizou a doutrina ASD. A questão de se o rebatismo de conversos é necessário, porém, continuou até a Conferência de 1886, quando a praxe como é atualmente foi formalmente adotada (*PE*, 99, *Sketches From the Life of Paul*, p. 133, *Ev*. 375; *Yearbook*, 1887, p. 45).

Enquanto as dimensões teológicas do batismo desenvolviam-se em uma série de artigos de Waggoner em 1878, seguida de mais quatro artigos de *John Nevins Andrews em 1880 (*Review and Herald*, 14 de fevereiro a 6 de junho de 1878; janeiro, fevereiro de 1880). Punha-se ênfase sobre a relação do batismo com a lei: o batismo é o ato externo significando que o pecador morreu com Cristo, i. e., uniu-se a Ele em Sua morte expiatória; ele morre para a transgressão da lei e desta forma é perdoado dos pecados passados; ele surge para uma nova vida de obediência à vontade de Deus, uma vida de consagração. Em uma série posterior aparece uma nova ênfase da importância da fé e da obra do

Espírito, particularmente em conexão com o batismo como símbolo da ressurreição: O. Davis escreve em 1893 que no batismo "Deus . . . o ressuscita como ressuscitou Jesus como uma nova criatura, se temos fé nas obras de Deus." "Somos reputados como novas criaturas, nascidas do Espírito" (*ibid.*, 3 de outubro de 1893). *Ellen G. White retrata o batismo como um pacto de obediência da parte do batizando (*Ev.* 307) e o representa como tendo recebido "uma garantia do . . . Pai, do Filho e do Espírito Santo" (*SDABC*, 1900). "Se somos fiéis a nossos votos [batismais], há para nós uma porta aberta de comunicação com o céu — uma porta que mão humana nenhuma ou agente satânico pode fechar" (*ibid.*, 17 de maio de 1906). Em anos mais recentes, C. B. Haynes escreveu:

> Quando o crente . . . ressurge das águas batismais, ele testifica que sua única esperança de uma vida que lhe dará vitória sobre sua velha natureza é um Senhor ressurreto e a nova vida espiritual e a ressurreição que somente seu Senhor pode conferir (*These Times*, setembro de 1958).

Fundamentos Históricos do Batismo. O fundamento do batismo do A.T. deve ser encontrado na purificação cerimonial com a água especificada para os antigos rituais Hebraicos. Incluía a aspersão e o banho do corpo inteiro (Lev. 14:8, 9: 16:4; Zac. 13:1). Compare também com Sal. 51:7); nos antigos serviços da purificação, o hissopo era mergulhado e usado para aspergir sobre o povo (Lev. 14:6, 7; Núm. 19:17-19).

No antigo Judaísmo, no mínimo três desenvolvimentos são relevantes para uma base para o batismo:

1. De acordo com o Talmude (*Tractate Mikwaoth)*, virtualmente todas as purificações prescritas nos rituais do Santuário deviam ser realizadas pela completa imersão em uma cavidade com água (um

Mikweh). Isto torna compreensível a variante de Mar. 1:4, onde até mesmo camas são batizadas, cerimônia provida pelo Talmude (*lo*c. *cit.*).

2. Há evidência no Talmude (*Yebamoth* 46-a-b) que desde o fim do primeiro século da Era Cristã pelo menos, o batismo junto com a circuncisão e com o sacrifício era requerido para a admissão de um prosélito ao Judaísmo. Enquanto alguns questionaram que isto era praticado no já tempo de João e de Jesus, é agora geralmente admitido pelos eruditos que deve ter sido.

3. Josefo menciona rituais diários de purificação dos Essênios (*Guerra* ii. 19. 5, 10), e há referências repetidas nos manuscritos do Mar Morto a algum tipo de purificação ritual (IQS, III, 4-6, 8-10; IV, 18-21). Em adição, várias cisternas têm sido encontradas no mosteiro de Qunram, pelo menos uma das quais é bem adequada para o batismo. (W. H. Brownlee, "John the Baptist in the Light of Ancient Scrolls," *The Scrolls and the New Testament*, editado por Krister Stendahl, 1957, pp. 38, 39).

Um desenvolvimento pode ser observado no batismo judaico, Joanino e cristão: o judaico era grandemente uma purificação de mácula e, no mínimo em Qunram, era também relacionado com retidão de vida e a concessão de um "santo espírito" por Deus. (IQS, III, 6-10; IV, 18-20).

João Batista parece pôr ênfase sobre o arrependimento e também refere-se a uma conexão entre o batismo e o "espírito." Com João, a ênfase parece estar mais diretamente sobre uma purificação espiritual e ética, enquanto que em Qunram há uma orientação ritual sobre a purificação da "carne."

Particularmente significativo é o fato de que enquanto em Qunram o ritual era altamente exclusivo, limitado somente a membros da comunidade — os "eleitos" — o batismo de João era aberto a todos os que se arrependessem.

Como contrastado com o de João, o batismo cristão é “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Veja At. 19:1-6). Também em contraste com Qunram, o *Espírito Santo no N.T. é divino e não simplesmente “um santo espírito” concedido por Deus a um indivíduo. Posteriormente, o batismo cristão está ligado à morte, sepultamento e ressurreição de Cristo (Rom. 6:1-11).

Batismo Infantil. Os ASD rejeitam o batismo infantil, assegurando que não há nenhuma garantia nas Escrituras para tal prática. Crêem que a fé ativa da parte do participante é um pré-requisito para o batismo, e sendo que as crianças não podem exercer tal espécie de fé, seu batismo seria inteiramente sem significado.

Historicamente, clara evidência do batismo infantil aparece primeiramente na Igreja Cristã durante a segunda metade do segundo século. Se primeiramente surgiu no Oriente ou no Ocidente, não está claro. Porém, nosso mais antigo testemunho a ele está no Ocidente, e dois grandes fatores que parecem ter contribuído a seu aparecimento são primeiramente atestados lá: uma identificação do batismo como “circuncisão espiritual” (Justino, o Mártir *Diálogos com Tripho*, 43, in *ANF*, vol. 1, p. 216); e a crença de que o batismo purificava do pecado original.

O batismo de crianças é provavelmente referido por Irineus (*Adversus Heresus*, ii, 22, 4, em *ANF*, vol., p. 391), e é testificado desde o início do terceiro século por Tertuliano (*Sobre o Batismo*, 18, em *ANF*, vol. 3, p. 678). O fato de que no Oriente o batismo de crianças aparentemente era praticado antes da doutrina do pecado original ser introduzida, sugere que o último pode ter sido introduzido em explicação, pelo menos parcialmente, à prática do batismo infantil. Desta forma, Orígenes (m. *c.* 254) apoiava o batismo infantil como uma tradição apostólica e o usou como evidência para a doutrina do pecado original, que ele fortemente defendia (*Commentaria in Epistolam ad Romanos*, v. 9, em *PG*, vol. 13, p. 1835; *In Leviticum Homilia*, xiv, em

PG, vol. 12, p. 496). Porém, a doutrina do pecado original nunca mais foi tão arraigada no Oriente como é no Ocidente.

Modo de Batismo. Desde o início, os ASD têm praticado o batismo por imersão. Embora não seja seguro tornar o significado da palavra *baptizo* um argumento final para o modo do batismo, não parece claro que como era usado na literatura antiga, no mínimo 100 A.D, *baptizo* nunca se separa do significado básico de “mergulhar,” “encobrir.” Ao mesmo tempo não pode ser provado acima de toda a dúvida que *baptizo* nunca se refira ao rito realizado pela aspersão ou pelo derramar da água, em vista da ampla variedade de usos figurativos em que a palavra é usada. O mais forte argumento para o batismo por imersão é o teológico — o simbolismo de Paulo do batismo como representando morte, sepultamento e ressurreição, que não teria tido nenhum significado se a Igreja Apostólica não tivesse praticado um tipo de batismo além da imersão.

Significado do Batismo. Desde o início, os ASD, em comum com sua herança protestante, têm rejeitado qualquer concepção do batismo como *opus operatum*, isto é, como um ato que, em e de si mesmo, confere graça a efetua a salvação. Historicamente, o início de tal concepção do batismo — a idéia de que a purificação ritual tinha qualquer poder sobrenatural — são muito claras e podem bem ser parte da herança cristã primitiva do judaísmo. Isto parece ser sugerido em *Hermas,* livro 3, Semelhança 9, 16. Tertuliano é o primeiro escritor a se referir ao batismo como um *sacramentum*. Porém, isso não pode ser tomado como prova de que ele considerava o batismo um sacramento no sentido de *opus operatum*, pois ele expressa desaprovação pela crença de alguns que esperavam do batismo uma purificação mágica do pecado sem o arrependimento. Isto em si mesmo testifica da amplidão a que o batismo, em algumas mentes, chegava a ser considerado *opus operatum* no início do terceiro século (Tertuliano, *Sobre Arrependimento*, 6).

Porém, em outro tratado ele chega bem perto da idéia de que a água do batismo tem um poder especial após a invocação do nome de Deus sobre ela *(Sobre o Batismo*, 4). Mais tarde, no quarto século a controvérsia Donatista foi estabelecida em favor do batismo como *opus operatum* contra um *opus operatum*. A vitória de Agostinho sobre Pelágio do lado da doutrina do pecado original muito fez para aumentar a concepção sacramentalista do batismo.

BEIJO. Forma comum de saudação usada nas terras Orientais desde os tempos primitivos (Gên. 27:26, 27). Era praticado entre os membros de uma família, entre parentes e amigos (Gên. 29:11; 33:4; 45:14; 15; 48:8-10; 50:1; Êx. 4:27; 18:7; Rute 1:9, 14; I Sam. 20:41, 42; II Sam. 19:39; Luc. 15:20; Atos 20:37) como um sinal de respeito e homenagem (Sal. 2:12; Luc. 7:37, 38, 45) e como uma expressão de amor (Cant. 1:2; 8:1). Os ídolos eram beijados por seus adoradores como sinal de devoção (I Reis 19:18; Os.13:2). Por serem os corpos celestes inacessíveis, os que os adoravam, beijavam as mãos (Jó 31:26, 27). O beijo tem sido usado traiçoeiramente para desarmar ou enganar (cf. Prov. 27:6). Por exemplo, Absalão beijou os que vinham a ele para buscar conselho a fim de tirá-los de seu pai, o Rei Davi (II Sam. 15:3-6); ao beijar Amasa, Joabe tirou-lhe a guarda e facilmente o matou (20:9, 10); e Judas usou um beijo traiçoeiro para trair Jesus e entregá-lo a seus inimigos (Mat. 26:48, 49; Mar. 14:44, 45; Luc. 22:47, 48).

Paulo e Pedro exortaram os crentes cristãos a saudarem-se com "ósculo santo" (Rom. 16:16; I Cor. 16:20; II Cor.13:12; I Tess. 5:26; I Ped. 5:14), referindo a um beijo de afeição cristã. Este costume aparentemente era praticado somente entre homens e homens e entre mulheres e mulheres (*Constituições Apostólicas*, 2:57; 8:11). De acordo com a convenção palestina, o beijo era dado sobre a barba, na face, fronte, mãos e pés e possivelmente também sobre os lábios (Prov. 24:26). Em Sal. 85, a revelação da salvação de Deus é descrita como

reconciliando a justiça e a paz e são descritas figuradamente como se beijando (v. 10).

BELZ, ALICE CHAGAS (1900-1981). Instrutora bíblica pioneira. Nasceu em um lar de pioneiros adventistas. Seu pai foi um dos que proveu fundos para aquisição de terras do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Casou-se em 17 de dezembro de 1922 com *Rodolfo Belz, evangelista, administrador e escritor. De seu casamento nasceram quatro filhos: Cláudio, Fábio, Cleide e Otávio. Trabalhou ao lado do Pr. *José Amador dos Reis em uma das primeiras séries de conferências que resultaram em Igrejas Adventistas tradicionais no Rio de Janeiro e São Paulo. Alice Belz faleceu dia 26 de julho aos 81 anos de idade em São Paulo. Foi sepultada no Cemitério da Paz, SP.

BELZ, FRANCISCO (1867-1949). Professor pioneiro e evangelista. Nasceu no dia 26 de outubro de 1867, na Alemanha. Emigrou com sua família para o Brasil. Seu pai foi um dos primeiros adventistas no país, convertido pela leitura do livro “Daniel e Apocalipse”.

Recebeu sua educação na IASD de Brusque e na Escola de Treinamento Missionário em Gaspar Alto, SC, sob a direção do Dr. *John Lipke.

Em 20 de maio de 1892, casou-se com Gertrudes Wagner, na cidade de Blumenau, SC, e desta união nasceram três filhos.

Em 1899 foi batizado e em 1901, entrou para o trabalho denominacional, como professor de uma escola primária.

Em 1908 passou a ser obreiro bíblico e mais tarde, missionário licenciado.

Trabalhou nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo.

Faleceu no dia 29 de agosto de 1949, aos 82 anos de idade, em SP.

BELZ, RODOLFO (1898-1978). *Pastor, administrador e escritor. Nasceu no dia 27 de julho de 1898, no distrito de Gaspar Alto, Brusque, SC. Filho de *Francisco Belz e Gertrudes Waggoner Belz. Em 1905 iniciou o curso primário na Escola Adventista do Brasil, em Gaspar Alto; porém, concluiu os estudos elementares em 1909 na Escola Pública São José Florianópolis, em SC.

Em 1911 foi batizado pelo *Pr. Frederico Robert Kümpel em São José Florianópolis. Logo cedo começou a trabalhar como alfaiate, sendo que em 1912 promoveram-no a primeiro oficial de alfaiate em Brusque. Em seguida sua família mudou-se para Rio Claro, onde terminou o Curso Ginasial.

Em 17 de dezembro de 1922, formou-se na primeira turma de Teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), cujo lema era *Rumo ao Mar* e também na Escola Superior de Filosofia em São Paulo. No dia 10 de dezembro de 1922, casou-se com *Alice Chagas Belz, cerimônia realizada pelo Pr. A. B. Westcott. Dessa união nasceram quatro filhos: Cláudio, Fábio, Claide e Otávio Belz (atualmente Pr. da IASD).

Inicialmente, em 1923, trabalhou como evangelista em Ribeirão Preto e Pinhal, em São Paulo. Atuou como Pastor da Igreja de Vitória, ES, e *IASD Central do Meier, RJ, entrando a seguir na linha da administração onde se destacou como: Evangelista da Associação Paulista; Evangelista da Associação Leste; Departamental dos Missionários Voluntários da Associação Paulista; Presidente da Associação Paulista entre 1936-1940; Presidente da *União Sul-Brasileira da IASD 1940-1952; Secretário de Campo da *Divisão Sul-Americana da IASD para o Brasil em 1953; Diretor Geral do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), de 1953 a 1957; Professor de História, Geografia, Inglês, Filosofia, no Colégio Adventista Brasileiro e preceptor de 1929 a 1933. Presidente da *Associação Rio-Minas da

IASD no ano de 1957 e 1958; Presidente da *União Este-Brasileira da IASD de 1958 a 1970. Secretário de Campo da *Divisão Sul-Americana da IASD de 1970 a 1972, aposentando-se em 1973.

Embora aposentado, trabalhou como pastor da igreja do Brooklin, SP, e Vila Isabel, RJ. Foi também produtor e organizador do Programa "Ouve, oh, Israel". Escreveu os seguintes livros: *A Vida e Seus Problemas*, *Focalizando Nossa Época*, *E Então Virá o Fim*, *Quando Tudo Falha*, *Gratos Por quê?*, e outros editado após sua morte, além de inúmeros artigos.

Faleceu no dia 12 de janeiro de 1978, aos 79 anos de idade, em São Paulo, SP.

Em 15 de maio de 1979, a família Belz foi congratulada com a medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo em virtude dos serviços prestados por Rodolfo Belz como Pastor e educador.

BELZ, WILHELM (GUILHERME) (-1895). Primeiro Adventista do 7º Dia do Brasil. Considerado o primeiro Adventista do Brasil. Quando criança, na Pomerânia, aprendeu que o 7º dia é o Sábado de acordo com os ensinamentos bíblicos. Muitos anos mais tarde, depois que sua família mudou-se para o Brasil, encontrou na casa de seu irmão mais velho uma cópia de *Gedanken Über das Buch Daniel* ("*Reflexões Sobre o Livro de Daniel*") da autoria de *Urias Smith. Nessa obra, ele leu que o Papado havia mudado o verdadeiro dia de repouso — o sábado. Começou a investigar, leu e releu a Bíblia e, finalmente, chegou à conclusão de que a autoridade divina não havia efetuado a mudança e que o sétimo dia — o sábado — ainda era indicado por Deus para adoração de seu Autor. Depois de um tempo, tomou a decisão de guardar o sábado, e, embora não soubesse, outros cristãos estavam fazendo o mesmo. Sua influência levou muitos outros vizinhos a guardarem o sábado, alguns anos antes de os missionários da Igreja

Adventista chegarem a Brusque, perto de Gaspar Alto, Santa Catarina, onde residia. Uniu-se à Igreja Adventista por volta de 1895 e foi eleito “bibliotecário da Sociedade de Publicações (folhetos) de Brusque”.

Faleceu no dia

BEM-AVENTURANÇAS. Esse termo, embora não esteja na *Bíblia, é comumente usado para designar a porção introdutória do Sermão da Montanha (Mat. 5:3-12; Luc. 6:20-23). O termo português “beatitude”, sinônimo de bem-aventurança, deriva do Latim *beatitudo*, “ventura”. Na Vulgata, Mat. 5:3-11 começa com *beati*, “benditos”, palavra derivada da mesma raiz de *beatitudo*. A palavra grega para “bendito” é *makarios*, significando “feliz”, “afortunado”. As Bem-aventuranças, como dadas em Mateus, pronunciam uma bênção sobre:

(1) os que reconhecem sua pobreza espiritual;
(2) os que choram;
(3) os que são humildes;
(4) os tem fome e sede de justiça;
(5) os misericordiosos;
(6) os que são “puros de coração”, cujos pensamentos e motivos são celestiais;
(7) os que promovem a paz; e
(8) os que, por causa de Cristo, são perseguidos e difamados.

Lucas lista apenas o primeiro, o quarto, o segundo e o oitavo, nessa ordem. Nas Bem-aventuranças, Cristo anunciou que os objetivos de Seu ministério e de Seu reino deviam trazer felicidade à humanidade. Os princípios que Ele enumerou chocam-se com o conceito de que a felicidade deve ser encontrada no nível carnal ou material.

BÊNÇÃO. [heb. *berakah*; gr. *eulogia*.] Vantagem ou benefício, geralmente conferido por *Deus ou *Jesus Cristo (Gên. 39:5; Deut. 28:8). Muitas das bênçãos de Deus são condicionadas pela obediência e

cooperação do homem (Êx. 15:26; Deut. 28:1-14). *Berakah* é usado para um bem concedido pelo homem como sinal de afeição ou boa vontade, um presente (Gên. 33:11; II Reis 5:15). Este é provavelmente o significado de *eulogia* em II Cor. 9:5 ("generosidade"). A palavra "bênção" é usada também para o ato de pronunciar benefícios a vir sobre uma pessoa ou povo (Tia. 3:10).

BENEVOLÊNCIA SISTEMÁTICA. Prática de fazer contribuições regulares à Igreja de acordo com um plano pré-determinado. Em seu sentido geral, ela representa o princípio do financiamento denominacional seguido desde os anos 1850 até o presente. Como um termo específico, ele aplicava-se especificamente ao método de patrocinar a obra evangelística denominacional até os anos de 1870, quando o atual sistema de dízimos (Veja **Dízimo**) e ofertas foi recomendado e adotado de modo geral.

Financiando a Obra Pioneira. Os primeiros pregadores das doutrinas ASD eram em grande parte de sustento próprio. Eles dirigiam sua obra pela fé, sem qualquer base financeira, exceto as de seus próprios recursos ou de ofertas ocasionais de simpatizantes e membros da Igreja. José Bates usou suas próprias economias na obra de propagar o conhecimento das doutrinas Mileritas. *Tiago White trabalhou arduamente na construção uma estrada de ferro, em campos de feno e em outros lugares a fim de conseguir meios para viajar em favor da mensagem.

As ofertas para o trabalho eram irregulares e proporcionais mais à generosidade do que ao salário do doador. Alguns que poderiam dar muito, davam pouco, enquanto alguns outros que tinham pouco, sacrificavam-se pela obra. Matilda Erickson Andross relatou, entre outros incidentes, que uma viúva vendeu sua cabana para que a mensagem Adventista pudesse ser pregada para outros (*Story of the*

Advent Message, p. 209). Vários adeptos vendiam suas fazendas a fim de dar mais dinheiro para a Obra ASD.

Ao o trabalho alcançar novas áreas, especialmente em 1854, quando as tendas foram utilizadas pela primeira vez para reuniões evangelísticas e atraíam grandes audiências, mais e mais ministros foram chamados e um meio regular de sustento para obreiros de tempo integral tornou-se necessário. Além disso, após uma explosão de doações, aproximadamente ao tempo em que o trabalho do ministro foi definitivamente reconhecido e as credenciais foram concedidas a ministros no campo, as contribuições diminuíram acentuadamente em 1856-1857. Em 1856, ministros influentes como *John N. Loughborough e *John Nevins Andrews estavam engajados na carpintaria e outras espécies de empreendimentos seculares para obter o sustento.

Introduzido o Princípio da Benevolência Sistemática. A falta de recursos para o evangelismo levou à formação em abril de 1858 de uma classe bíblica dirigida por John Andrews em Battle Creek para estudar os princípios bíblicos de sustento do ministério. O grupo chegou à conclusão de que a doação regular e proporcional era o método ordenado pela Bíblia. Eles recomendaram um plano de “ ‘Benevolência Sistemática’ sobre o princípio do dízimo.”

O plano recebeu entusiástico apoio e em janeiro de 1859, foi adotado pela Igreja de Battle Creek:

> A Igreja de Battle Creek reuniu-se em 16 de janeiro, à noite, para considerar o assunto de uma Benevolência Sistemática que levaria todos a fazer algo para suster a causa da verdade presente, sustentando assim completamente a causa e ao mesmo tempo aliviar alguns que têm contribuído além de sua capacidade (*RH*, 3/02/1859).

No mesmo encontro, a Igreja votou editar um convite a outras igrejas a participarem no plano. Ela recomendou quantidades específicas a serem solicitadas a cada semana, de acordo com as possibilidades do doador, para todos os membros de 18 a 60 anos de idade, 5 a 20 centavos de dólar para os homens; 2 a 10 cents para as mulheres; e para aqueles que possuíam propriedade, de 1 a 5 centavos para cada $100,00 dólares do valor da propriedade.

Esse plano foi modificado em alguma coisa na sessão da *Conferência Geral da IASD de junho daquele ano, que sugeriu diferentes quantidades para as doações, entre 2 a 25 centavos de dólar para os homens e entre 1 e 10 centavos para as mulheres, além das contribuições proporcionais à propriedade.

A décima parte não foi mencionada no plano de 1859 como a quota sugerida para contribuição, mas apareceu no fim de 1860. Porém, naquele tempo, ela se aplicava somente à entrada da propriedade. Na quinta edição de um periódico que promovia a ‘Benevolência Sistemática, nosso dever para com os pobres’ e que durou pouco tempo, *O Bom Samaritano*, fez-se a sugestão: “Propomos que os amigos dêem o *Dízimo, ou um décimo de suas entradas, estimando suas entradas na décimo parte do que possuem” (citado em uma pergunta na *Review and Herald*, 09 de abril de 1861; 10% eram os juros das economias). Isso foi explicado por Tiago White dessa maneira:

> Propomos justamente o que as igrejas estão adotando em Michigan; isto é, Elas consideram o uso de sua propriedade de tanto valor quanto o dinheiro na base de dez por cento. Esses dez por cento, elas consideram como aumento de sua propriedade. Um dízimo disso seria um por cento, e aproximadamente 2 centavos por semana de cada 100 dólares, que nossos irmãos, por conveniência, são unânimes em dar (*ibid.*)

Em acréscimo, Tiago White sugeriu que os que possuíam nenhuma propriedade fizessem “doações pessoais”. Não está claro se isso também foi mencionado no *Bom Samaritano*. Em 17 de janeiro de 1861, este plano foi proposto para a Igreja de Battle Creek, e White esperava que todos “provavelmente alcançarão as propostas sugeridas nesse encontro (*ibid.*, 22 de janeiro de 1861).

O plano da Benevolência Sistemática foi endossado por Ellen G. White, que por volta desse tempo repetidamente instou com os membros para que fizessem um maior sacrifício e liberalidade para com a causa. Ela escreveu em 1857:

> O mínimo que foi exigido dos cristãos nos dias passados é possuírem um espírito de liberalidade e consagrarem ao Senhor uma porção de tudo o que se lhes era aumentado. Todo verdadeiro cristão tem considerado isso um privilégio. ... Mas dos cristãos que vivem nos últimos dias e que esperam por seu Senhor, exige-se que façam mais do que isso. Deus requer sacrifício deles (I*T*, 170).

E em 1859, ela continuou:

> Minha atenção foi chamada para os dias dos apóstolos e vi que Deus estabeleceu o plano mediante a descida do Espírito Santo, e que pelo dom de profecia, Ele aconselhou Seu povo a respeito de um sistema de benevolência. Todos deveriam tomar parte nessa obra de partilhar suas coisas terrenas com aqueles que ministram pelas coisas espirituais (I*T*, 190).

Em 1863, sugeriu-se na *Review and Herald* um dízimo com contribuição *mínima*. O escritor, possivelmente Tiago White, disse:

> Dos filhos de Israel, exigiu-se que dessem um dízimo de todas as suas entradas . . . [referências do A.T.]. E não se pode supor que o Senhor exija menos de Seu povo quando o tempo é decididamente curto, e uma grande obra deve ser realizada no uso de seus meios ao dar a última mensagem de misericórdia ao mundo (*Review and Herald*, 6 de janeiro de 1863).

Durante a década de 1860 e na de 1870, a idéia do dízimo das entradas como base da benevolência apareceu mais e mais freqüentemente. Já em 1875, esse princípio estava se tornando evidente aos membros da Igreja, como se vê pela seguinte carta que apareceu na *Review and Herald*:

> Por gentileza, poderia o Sr. me dizer o que realmente significa a Benevolência Sistemática ? Por exemplo, se eu recebo $1,00 por dia, 10 centavos pertence a Deus. Esses dez centavos pertencem à Benevolência Sistemática ou eu posso dar 5 centavos para a Benevolência Sistemática e o resto para a causa que eu achar melhor? (20 de janeiro de 1876).

A explicação dada por *Urias Smith ainda não confirmou como sendo dízimo os 10% de todas as entradas. Ele defendeu o outro método de doação sistemática. Mas apenas algumas semanas mais tarde, em fevereiro de 1876, Dudley Canright escreveu com segurança sobre o plano da Benevolência Sistemática: “Deus requer que um dízimo, ou um décimo de todas as entradas de Seu povo seja dado para sustentar Seus servos em seus labores,” e “esses dez por cento são do Senhor” (*ibid.*, 17/02/1876). Somente os indigentes e os que não têm entradas estavam livres para contribuir ou não com uma quantidade de sua escolha.

Na primeira sessão especial da Conferência Geral, realizada em março de 1876, a posição de que um décimo de todas as entradas deveria

ser dedicado à obra do evangelho prevaleceu e as seguintes decisões foram unanimemente adotadas:

> *Decidido,* Que cremos ser o dever de todos os nossos irmãos e irmãs, ligados a alguma igreja ou não, sob circunstâncias normais, dediquem um décimo de todas as suas entradas de qualquer fonte para a causa de Deus. E
>
> *Decidido,* Que chamamos a atenção de todos os nossos ministros ao seu dever de apresentar plena e fielmente essa importante questão perante os irmãos e instar com eles para que estejam à altura das exigências do Senhor nesse assunto (*ibid.,* 6 de abril de 1876).

A sessão regular da Conferência Geral daquele ano afirmou os princípios de um décimo das entradas (*ibid.,* 5 de outubro 1876). Porém, o plano não foi aceito imediatamente.

Dois anos mais tarde, na Conferência Geral de outubro de 1878, recomendou-se que o sistema de solicitar uma quantidade fixa semanalmente fosse substituído pela solicitação de um décimo de todas as entradas e que cada conferência e instituição pagasse um décimo de suas entradas à Associação Geral (*ibid.,* 12 de dezembro 1878). Foi apontada uma comissão para preparar um novo folheto sobre “o plano escriturístico da Benevolência Sistemática,” e foi anunciado como pronto no mesmo mês sob o título *Benevolência Sistemática*, com 72 páginas. Baseava-se em grande parte, com acréscimos, em um artigo na *Review and Herald* (30 de novembro de 1876), que era uma revisão do artigo anterior de Canright de 17 de fevereiro e 2 de março de 1876.

Em dezembro de 1878, o Comitê da *AG* recomendou que a partir da primeira semana de 1879, os membros em todo o mundo assinassem o seguinte pedido:

> Nós, subscritos, crendo que as Escrituras Sagradas pedem que cada pessoa dê para o sustento do ministério um décimo de tudo o que o Senhor conceder a ele ou ela, comprometemo-nos solenemente à vista de Deus e na presença uns dos outros, a separar cada semana um décimo de tudo o que o Senhor nos conceder, sendo esse décimo pago ao tesoureiro da Benevolência Sistemática no mínimo uma vez por trimestre (*ibid.*,12 de dezembro de 1878).

Na sessão especial da Conferência Geral na primavera de 1879, notou-se que muitos adiavam o pagamento do dízimo até o fim do trimestre e tinham dificuldade em devolvê-lo. Portanto, passou-se a seguinte decisão: "*Decidido*, Que todos os nossos irmãos e irmãs deveriam considerar seu dever devolver o dízimo de suas entradas no momento em que a receberem" (*ibid.*, 24 de abril de 1879).

Esse dízimo foi considerado uma entrega ao Senhor de Sua propriedade, pois "as dízimas . . . são do Senhor" (Lev. 27:30), e a frase "dízimos e ofertas" incluindo ofertas voluntárias sobre e além do dízimo. Para sustentar as despesas das igrejas locais e para projetos especiais — tais ofertas adicionais como "um terço" (isto é, da Benevolência Sistemática) foram sugeridas em 1876 para a sociedade missionária. Mais tarde, surgiu a oferta da Escola Sabatina para as missões e outras ofertas (Veja **Calendário da Igreja**).

Administração e Distribuição da Benevolência Sistemática. Estabeleceu-se desde o início uma administração completa do plano da Benevolência Sistemática . As igrejas elegiam os tesoureiros cuja tarefa eram registrar todas os pactos no "livro da Benevolência Sistemática " coletá-los no final do trimestre. Antes de serem organizadas as Associações (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**), os membros eram aconselhados a enviarem seus

pactos à Associação Geral para serem aplicadas para as despesas gerais da Obra ASD.

A princípio, as igrejas tinham total controle sobre a disposição dos fundos da Benevolência Sistemática. Porém, em 1861, foi claramente declarado na *RH* de junho de 1861 que os fundos eram para o sustento do ministério.

Quando a recém-organizada *Associação Geral da IASD preparou um modelo de constituição para as associações estaduais, em 1863, parece que tomou-se como certo que os avanços da Benevolência Sistemática seriam a base das finanças das Associações e assim foi declarado no Artigo III.

Em 1864, as igrejas de Wisconsin e Illinois votaram enviar todos os fundos da Benevolência Sistemática para o tesoureiro da Associação, se assim fosse possível. Em 1876, Canright escreveu:

> Legitimamente, cada centavo da Benevolência Sistemática deveria ser usado para o sustento do ministério; mas todas as nossas igrejas caíram no hábito de reservar uma pequena parte de sua Benevolência Sistemática para pagar o zelador, comprar óleo, etc. (*ibid.*, 2/03/1876).

Veja também **Dízimo.**

BERGER, ALBERTO (1851-1943). *Colportor pioneiro. Nasceu na Suíça. Emigrou para os Estados Unidos da América. Da América do Norte foi enviado ao Brasil entre 6 a 20 de agosto de 1895. Foi um dos primeiros colportores da Obra Adventista com o seu irmão J. Frederico. Em 1895, casou-se com *Leslie Klauss, natural de Teófilo Otoni, MG. Da união nasceram oito filhos.

Trabalhou no Estado de Minas Gerais e seu irmão J. Frederico dirigiu-se para o Espírito Santo prosseguindo na Obra de *Colportagem.

Posteriormente, dirigiu-se ao Rio Grande do Sul e fixou residência na cidade Ijuí, onde permaneceu até sua morte em 1943, aos 92 anos.

BERGER, EDITH SCHWANTES (1901-1994). Pioneira adventista. Casou-se com o Pr. *Theophilo Berger e desta união nasceram 4 filhos: Eunice Michiles, Milton, Delvi e Edgar Berger.

Trabalhou durante muitos anos no *Colégio Adventista Brasileiro(CAB) como educador.

Faleceu aos 93 anos de idade, no Rio de Janeiro, RJ.

BERGER, LESLIE KLAUSS (1870-1953). Adventista pioneira. Nasceu no dia 27 de maio de 1870 em Teófilo Otoni, MG.

Casou-se em 1895 com *Alberto Berger, que no dia 6 de agosto de 1895 veio dos EUA, como um dos primeiros colportores adventistas no Brasil. Da união conjugal nasceram 8 filhos e 27 netos.

O casal começou o trabalho em Minas Gerais. Posteriormente, fixaram residência em, Ijuí, RS. Seu esposo morreu em 1943 em Ijuí, RS.

Faleceu no dia 22 de julho de 1953, aos 83 anos de idade em Ijuí, RS,. Foi sepultada ao lado do esposo, no cemitério a Linha Cinco, também em Ijuí.

BERGER, THEÓPHILO (1900-1939). *Pastor pioneiro e *Colportor-evangelista. Teófilo Berger ingressou na *Colportagem aos 17 anos de idade, onde trabalhou com êxito de 1917 a 1919, em Santa Catarina, seu Estado natal. De 1920 a 1924 estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), em São Paulo.

Em 17 de dezembro de 1924, casou-se com *Edith Schwantes Berger e desta união nasceram 4 filhos: Eunice Michiles, Milton, Delvi e Edgar Berger. Neste ínterim, dedicou-se novamente à colportagem, sendo um exímio vendedor, alcançando todos os recordes de vendas.

Voltando a estudar no CAB em 1927, diplomou-se em 1930, em uma turma de 10 formandos. Escolheu-se como lema de formatura "*A Cruz e a Obra*". Após a formatura, entrou para a obra evangélica na Missão Nordeste, em Pernambuco. Trabalhou no Sul da Bahia entre 1933 e 1939, onde experimentou-se grande desenvolvimento para a Obra ASD.

Atuou como pioneiro em muitas cidades e lugarejos fundando ali muitas congregações.

Faleceu no dia 07 de setembro de 1939, aos 39 anos de idade, no Estado da Bahia.

BERGOLD, ALMA (-1994). Pioneira adventista. Trabalhou como professora durante muitos anos. Viúva da *Adolfho Bergold e era a única sobrevivente da 1ª turma de formandos do antigo *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), em 1922.

Faleceu no dia 1º de novembro de 1994, aos 92 anos de idade, em Loma Linda, Califórnia, EUA.

BERGOLD, ERNESTO ALBERTO (1907-1981). Professor entre os *Índios Carajás, *Pastor e pioneiro dos *Produtos Alimentícios Superbom Ind. e Com. LTDA.. Nasceu no dia 26 de abril de 1907, em Indaial, SC. Filho de *Ernest Bergold e Ida Fenning Bergold. Possuía 14 irmãos, sendo ele o 12º filho.

Em 1924, começou seus estudos no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), onde ficou até 1929, quando foi enviado como missionário entre os índios Carajás, no Rio Araguaia (Veja **Missão dos Índios do Araguaia**). Após um ano de trabalho, retornou ao CAB a fim de se restabelecer de um acidente com arma de fogo. Reiniciou seus estudos, mas antes de completar o semestre foi convidado a voltar ao Araguaia. Reassumiu o trabalho em maio de 1931, recém-casado com Alma

Partwing. O casal em Piedade - Estado de Goiás, fundou uma escola para brancos e índios, que funcionou até 1935, quando voltaram para São Paulo, com sérios problemas de saúde.

No CAB, Ernesto participou dos trabalhos da agricultura e do estabelecimento da Superbom, nos seus primórdios. Para tanto, cuidou do início da construção do prédio da fábrica, onde ela se encontra atualmente; projetou e produziu equipamento para a mesma. Instalada a indústria no novo local, entre 1947, o casal visitou instituições e indústrias de alimentos nos Estados Unidos e Canadá. Ao voltar, em 1948, Ernesto foi nomeado chefe da agricultura, cargo que ocupou até a sua jubilação em 1969. No ano seguinte o casal mudou-se para as proximidades de Goiânia, GO, onde ele faleceu no dia 8 de outubro de 1981, aos 74 anos de idade.

BERGOLD, GUSTAVO REINOLD (1916-1962). Médico Adventista. Nasceu no dia 30 de janeiro de 1916. Estudou no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) e posteriormente fez o curso de Medicina em Porto Alegre, RS.

Casou-se com Lídia Lina Kraemer, em 1942. Da união nasceram duas filhas. Ocupou vários cargos na Organização Adventista, onde sempre foi obreiro. Em seus últimos dias dedicou-se mais a sua clínica particular em Porto Alegre e a divulgar o Laboratório Kraemer.

Faleceu no dia 1º de fevereiro de 1962, aos 56 anos de idade.

BERGOLD, OTTO (1892-1973). Pioneiro no Rio Grande do Sul. Foi um dos pioneiros na Obra Adventista em Taquara, RS. Colaborou na fundação e manutenção do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

Faleceu em 12 de agosto de 1973, aos 81 anos de idade, em Taquara, RS.

BESTA DE DOIS CHIFRES. Veja **Interpretação do Apocalipse**.

BESTA. Veja **Interpretação do Apocalipse**.

BEYER, ELFRIEDE BELZ (1879-1961). Adventista Pioneira. Foi batizada no segundo *Batismo em Gaspar Alto, pelo Pr. *Huldreich F. Graf, entre os anos de 1895 e 1900. Faleceu no dia 14 de novembro de 1961, aos 82 anos de idade.

BEZERRA, RUBEM RUFINO (1946-1994).*Pastor. Casou-se com Olinda Renata e desta união nasceu o filho Robson. Trabalhou por 16 anos como pastor distrital e departamental nas *Associações Paulista, Catarinense e Brasil-Central da IASD. Seu último trabalho foi como pastor da *IASD de Riacho Grande, SP, quando afastou-se para atender assuntos empresariais da família.

Estava atuando com ancião da Igreja de Blumenau, SC.

Faleceu no dia 26 de setembro de 1994, aos 48 anos de idade em São Paulo, SP. Foi sepultado em Blumenau.

BÍBLIA. Coleção de escritos sagrados aceitos pelos cristãos conservadores como sendo de origem divina e, portanto, possuindo autoria divina. O A.T. consiste de 39 livros escritos antes da primeira vinda de Cristo, enquanto o N.T., escrito desde o tempo de Cristo, consiste de 27 livros. (Os ASD, em comum com os Protestantes em geral, defendem que os *Apócrifos não são parte do cânon das Escrituras).

A Bíblia na IASD. Os ASD crêem que “as Santas Escrituras do Antigo e Novo Testamento foram dadas pela inspiração de Deus” e que elas “contêm uma revelação todo-suficiente de Sua vontade para o homem e são a única regra de fé e prática infalível (dos cristãos)”

(*Manual da Igreja*). Todas as crenças teológicas devem ser medidas por elas; qualquer ensino contrário a elas deve ser rejeitado.

Os pioneiros ASD afirmam que a Bíblia é a única fonte de sua crença. Cada assunto devia ser decidido pela Bíblia, pois que era o teste de sua fé. Em 1847, *Tiago White declarou: "A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática" (*A Word to the Little Flock*, p. 13).

Em 1849, ele reafirmou sua posição: "A Bíblia é nosso mapa-guia. É nossa única regra de fé e prática, à qual aderimos criteriosamente" *(Present Truth*, dez. de 1849). Nesta posição, ele era apoiado por sua esposa que disse: "A Bíblia e a Bíblia só deve ser nossa regra de fé" (*Ellen G. White em *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, 10/1886*)*.

Quando em 1889, os ASD, pela primeira vez, incluíram no *Yearbook* uma lista dos "Princípios Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia", eles prefaciaram a lista com a declaração "Adventista do Sétimo Dia" não tem Credo além da Bíblia. Sua declaração sobre a Bíblia diz o seguinte, "Que as Santas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos foram dadas por inspiração de Deus, contêm uma revelação plena de Sua vontade para o homem e são a única regra infalível de fé e prática" (pp. 147, 1448).

Estimulado o Estudo Bíblico. Numa grande variedade de maneiras, os ASD estimulam a leitura e estudo da Bíblia, seja entre membros ou não membros. A Bíblia é o centro focal do treinamento do jovem ministro. Cursos bíblicos são requeridos em cada Universidade e Colégio dirigidos pela denominação, graduandos ou não graduandos e em cada ano dos níveis elementares. Na *Escola Sabatina semanal, que é assistida não somente por crianças mas por adultos de todas as idades, a lição é dedicada exclusivamente ao estudo da Bíblia, e todos os membros são estimulados a assistirem regularmente à Escola Sabatina e a estudarem a lição todos os dias. Adolescentes, jovens e membros são aconselhados a ler a Bíblia.

Por causa da ênfase que os ASD têm dado ao estudo individual da Bíblia, têm permanecido em altas discussões envolvendo conhecimento bíblico. Por exemplo, no Segundo Concurso Bíblico Internacional (1961) patrocinado pela sociedade Bíblica de Israel e realizado em Jerusalém, Israel, a Sra. Yolanda Anversa da Silva, professora e dona-de-casa no Brasil, chegou tão perto do primeiro lugar que os juízes reconsideraram e decidiram recompensá-la com uma medalha de ouro pelo primeiro lugar. Em 1964, em um Terceiro Concurso Bíblico Internacional; Graham Mitchell, Contador da Companhia de Alimentos da Austrália, levou o primeiro lugar. Muitos outros ASD de outros países também alcançaram boa colocação no mesmo concurso. (Veja **Concursos Bíblicos**)

As *Casas Publicadoras ASD de todo o mundo produzem milhões de dólares em literatura a cada ano, grande parte da qual está de algum modo relacionada com a Bíblia. Em adição a periódicos evangelísticos e impressos, há muitos livros relacionados com a Bíblia, inclusive o *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, um comentário de sete volumes e 8000 páginas sobre toda a Bíblia.

Evangelismo Bíblico. O evangelismo público consiste essencialmente na exposição da Bíblia. Em alguns casos, Bíblias de boa qualidade são distribuídas às centenas e milhares que assistem a um número específico de reuniões, nas quais a audiência marca os textos usados pelo evangelista. Assistentes evangelísticos em tempo integral chamados de Instrutores Bíblicos (em sua maioria mulheres) dirigem estudos Bíblicos a grupos ou indivíduos. Cursos de treinamento e institutos são dirigidos regularmente a fim de instruir leigos a ensinar a Bíblia a outros através de estudos bíblicos.

De tempos em tempos, conferências são realizadas nas quais o jovem participa em discutir tópicos selecionados das Escrituras. Programas de rádio e televisão realçam a Bíblia e um número de escolas bíblicas locais, regionais ou nacionais matriculam milhares.

Os ASD também cooperam com as sociedades bíblicas com contribuições, participando em projetos de tradução e auxiliando na circulação da Bíblia.

Veja **Bíblia, Interpretação da; Inspiração das Escrituras**.

BÍBLIA, INSPIRAÇÃO DA. Veja **Inspiração da Escrituras.**

BITTENCOURT, LINO TEIXEIRA (-1969). Construtor pioneiro. Nasceu em Paraibuna. Uniu-se à *Igreja Adventista do Sétimo Dia, aproximadamente em 1912, em Rio Grande.

No Capão Redondo, onde residiu até o final de sua vida, cooperou muito com a Obra ASD, trabalhando como oleiro na construção dos prédios do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de São Paulo (IAE/SP).

Faleceu em 17 de janeiro de 1969, no Capão Redondo, em São Paulo, SP.

BLANCO, ARNALDO MACHADO (1945-1993) Administrador. Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1945. Casou-se com Zila Fonseca Blanco. Desta união nasceu a única filha do casal: Aline Fonseca Blanco.

Em 16 de outubro de 1980, iniciou seu trabalho no *Hospital Adventista Silvestre, RJ, como chefe de compras, até 31 de março de 1985. De 1º de Abril de 1985 a 28 de fevereiro de 1986 atuou como Diretor Administrativo do Hospital São Lucas.

De 1º de Março de 1986 a 31 de maio de 1987, atuou como diretor financeiro no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), quando então, passou à Direção Administrativa e Financeira, até 28 de fevereiro de 1990.

De 1º de março de 1990 a 31 de março de 1992, atuou como Diretor Financeiro novamente, e por fim de 1º de abril de 1992 a 21 de janeiro de 1993 foi gerente da Garantia de Saúde do HASP.

Faleceu no dia 21 de janeiro de 1993, aos 47 anos de idade, no Hospital Adventista de São Paulo, em São Paulo, SP.

BLANK, GUILHERME (1893-1966). Adventista pioneiro em Campos dos Quevedos, RS. Nasceu em 1893 e foi um dos fundadores da primeira *IASD de Campos dos Quevedos, RS. Batizou-se em 6 de setembro de 1914 e desde então, ocupou vários cargos na igreja como diácono, diretor do trabalho missionário e *Recolta, entre outros.

Faleceu no dia 28 de novembro de 1966, aos 73 anos de idade.

BLECK, ALFREDO (1899-1956). Impressor na *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu na Alemanha. Em 1913, aos 14 anos de idade, chegou ao Brasil. Estudou por algum tempo no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), vindo depois trabalhar na CPB.

Em 1924 casou-se com *Augusta Belz Bleck, neta de Guilherme Belz, e desta união nasceram quatro filhos: Werner, Günther, Elizabeth e Edla. Foi obreiro na CPB, trabalhando como impressor por quase 29 anos. Atacado então pela doença de Parkinson, teve que aposentar-se.

Faleceu em 30 de junho de 1956, aos 57 anos de idade, em Santo André, SP.

BLECK, AUGUSTA BELZ (1900-1980). Pioneira adventista. Filha de Reinhold Belz. Nasceu no dia 23 de junho de 1900 e fez parte da primeira geração nascida em lar Adventista no Brasil.

Em 1920 foi convidada a trabalhar na *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Em 1924, casou-se com *Alfredo Bleck, de cuja união nasceram quatro filhos: Werner, Günter, Elizabeth e Edla.

Foi contemporânea dos pioneiros da mensagem adventista no Brasil, mantendo contato com todos eles e participou das primeira séries de conferências realizadas no país. Durante toda a sua vida Augusta Bleck ocupou-se especialmente em animar os fracos na fé, transmitindo-lhes coragem e apoio espiritual. Nem a idade, tampouco algumas enfermidades de que sofria, fizeram com que interrompesse seu intenso trabalho em prol dos semelhantes, sendo que manteve suas atividades até a véspera de seu falecimento.

Faleceu em 1980, aos 80 anos de idade.

BLECK, GÜNTHER HAROLDO. (1934-1981). Professor. Bisneto do primeiro Adventista do Brasil, *Guilherme W. Belz e filho de *Alfredo Bleck e *Augusta Belz Bleck.

Fez parte da primeira turma de formandos do *Ginásio Adventista Paranaense (GAP), atual *Instituto Adventista Paranaense (IAP), tendo sido o autor do hino oficial da escola.

Casou-se com Elizabeth e desta união nasceram 3 filhas.

Foi professor no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) durante alguns anos. Participou como obreiro voluntário da construção da IASD de Cidade Ademar, local onde pregou seu último sermão.

Faleceu em 13 de junho de 1981, em São Paulo, vítima de derrame cerebral.

BODE EMISSÁRIO. Termo da ARA para o bode enviado ao deserto no *Dia da Expiação. O termo derivou da Vulgata *caper emissarius*, “bode mandado embora.” Em Lev. 16:8, a margem da KJV traz para bode emissário “*Azazel,” uma transliteração do hebraico. O verso pode ser traduzido literalmente como na *Revised Standard Version*: “E Arão lançará sortes sobre os bodes; uma sorte para o Senhor e outra para Azazel.”

Entre os estudiosos cristãos têm havido e ainda há grandes variações de opinião quanto ao significado do bode emissário em sua relação aos serviços do Dia da Expiação, no tipo e no antítipo. Uma idéia, entre muitas outras, advoga que o bode emissário era um tipo de Cristo. Outra idéia oposta é a de que o bode emissário é um tipo de Satanás. Embora os adventistas em 1844 pregassem muito sobre o Dia da Expiação, eles aparentemente deram pouca atenção a tais detalhes como significado do bode emissário.

Ao os ASD estudarem posteriormente o *Santuário, deram mais completa consideração aos detalhes do ritual do Dia da Expiação pelo qual o antigo Santuário era purificado. A conclusão unânime dos estudiosos ASD tem sido de que o bode emissário, ou Azazel, representava Satanás.

As muitas razões para essa conclusão são discutidas exaustivamente pelos escritores ASD pioneiros. Veja *Urias Smith, *The Sanctuary* (Battle Creek, Michigan, 1877), p. 308; J. H. Waggoner, *The Atonement* (Oakland Califórnia, 1884), p. 232. Sendo que a expiação para o Santuário já tinha sido completada antes que os pecados confessados fossem transferidos, em figura, para o bode emissário (Lev. 16:20, 21), eles concluíram que Cristo deveria ter então completado a obra de expiação antes que Satanás — o bode emissário antitípico — pudesse sofrer o destino reservado para ele como descrito em Apoc. 20:9, 10.

A identificação do bode emissário também envolvia o significado da palavra “Azazel” (*ibid.*, pp. 234-237). Sobre esse ponto, muitos estudiosos não-adventistas, tais como Jenks, Spencer, Charles Beecher e Mathew Henry eram citados extensamente. Salientou-se, posteriormente, que o uso da preposição “para,” no hebraico de Lev. 16:8, implica que as sortes eram lançadas para uma *pessoa* — uma *para* Jeová e uma *para* Azazel. Isto rejeitaria a idéia de Azazel ser um nome impessoal para Satanás. Igualmente, salientou-se que os Targuns tratavam Azazel como

um nome próprio e que a Septuaginta traduziu-o como *apopompaios*, palavra grega aplicada a uma deidade maligna. Esta era também a posição dos Pais da Igreja Primitiva. Orígenes disse: “O que é chamado na Septuaginta de *apopompaios*, e no hebraico de Azazel, não é outro senão o diabo.”

Uma breve nota na *Review and Herald* (julho de 1886) cita Irineus (*c.* 185 A.D.): “aquele divino ancião,” que o caracterizou como “aquele caído, mas ainda poderoso anjo” (*Contra Heresias* 1.15).

Antigos escritores judeus consistentemente lançaram Azazel na função de um espírito do mal. O pseudepígrafo *Livro de Enoque*, por exemplo, comenta: “Azazel . . . tinha ensinado toda a injustiça sobre a terra” (cap. 9:6). “Toda a terra tinha sido corrompida através das obras que foram ensinadas por Azazel: a ele todo pecado é imputado.” (cap. 10:8).

A primeira discussão sobre o bode emissário em publicações ASD foi uma reimpressão do tratado de *Owen Russel Loomis Crosier sobre o *Santuário (*Day-Star* Extra, fev. de 1846, reeditado em *Advent Review*, set. de 1850). Provavelmente a primeira discussão por um escritor ASD foi um editorial de *Tiago White, dando essencialmente a mesma explicação, identificando o bode emissário como Satanás.

Na *Review Herald* de julho de 1863, Urias Smith desenvolve o assunto em extensão considerável, listando razões para considerar Azazel como Satanás:

Tendo o bode emissário sido escolhido, ele nunca mais realizava qualquer função envolvendo dignidade ou honra, ou chamado para qualquer coisa que simbolizasse a perfeição da vida e caráter. ... A expiação é completamente feita, os pecados são remetidos, os registros das más obras do povo de Deus são apagados e são para sempre libertos deles, e estes pecados são tirados do santuário, antes que Satanás seja chamado para julgamento. Deus então simplesmente o usa como veículo pelo qual se faça uma disposição desses pecados no lago de fogo.

Assim, tanto quanto esteja em questão a obra de expiação, o plano e operação da misericórdia pela qual o povo de Deus é perdoado de seus pecados, Satanás não tem parte a realizar.

Anos mais tarde, Alonzo T. Jones enfatizou o fato de que Azazel deve ser considerado um ser espiritual pessoal, que permanece em oposição ao Senhor e, portanto, é Satanás. Ele baseia isso no fato de que as sortes eram lançadas para dois bodes, um "para o Senhor" e um "para Azazel," que deve, portanto, ser uma personalidade tão real quanto o Senhor. Jones cita várias fontes contemporâneas para essa idéia (18/06/1899).

A crença ASD (note a declaração de Smith acima) de que o bode representa Satanás de nenhuma forma o envolve na expiação de pecados. A expiação de Cristo foi plena e completa para todos, e somente Ele levou os pecados dos justos e os expiou. Até mesmo teólogos que omitem Satanás da cena do *Dia da Expiação e restringem, dessa forma, o simbolismo dos bodes a Cristo, concordam que a expiação era efetuada pelo sangue do primeiro bode e que a cerimônia com o outro bode aparece com um mero acréscimo feito por razões especiais, uma espécie de complemento à extirpação dos pecados que já tinha sido efetuada por meio do sacrifício.

Em resumo, os ASD crêem que o bode emissário, ou Azazel, é um tipo de Satanás. Como, antigamente, os pecados dos Israelitas arrependidos eram postos sobre a cabeça do bode emissário antes de ele ser lançado no deserto, assim —

> quando a obra de expiação no *Santuário Celestial estiver completa, então na presença de Deus e dos anjos celestes, e a hoste dos remidos, os pecados do povo de Deus forem postos sobre Satanás, ele será declarado culpado de todo o mal que ele os fez cometer. E, como o bode emissário era mandado embora para uma terra desabitada,

assim Satanás será banido para a terra desolada, um deserto desabitado e árido (*GC*, 658).

Veja também **Santuário; Juízo Investigativo**.

BOEHM, AUGUSTA (1888-1967). Co-fundadora do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), professora e preceptora. Nasceu numa fazenda em Kansas, EUA em 1828. Filha mais velha do Sr. Schneider, era dedicada ao trabalho, ao estudo da Bíblia e a Deus.

Ainda jovem, ingressou no Union College, Nebraska, onde ficou interna até o término de seu curso de Pedagogia. Formou-se em 1908 nesta faculdade e concluiu a Faculdade de Enfermagem em Loma Linda em meados de 1912. Após sua formatura em 1908, lecionou na escola primária de sua igreja em Kansas. Antes de ingressar para o internato, conheceu *John Boehm que trabalhava na fazenda auxiliando seu pai. Casaram-se em agosto de 1909 e da união nasceram-lhes 2 filhos: Oliver que faleceu logo após o parto e Harley Boehm em julho de 1924 na Califórnia.

O maior desejo de Augusta era ser missionária em campos brasileiros e no dia 1º de março de 1913, o casal chegou em São Paulo após serem aceitos como missionários da Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil. No início da Obra Educacional em 1915, Augusta também auxiliou na fundação do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Enquanto John construía, ela ficava nas barracas como enfermeira, conselheira, preceptora e orientadora no preparo dos alimentos.

John foi convidado para visitar o Paraná em junho de 1918, e Augusta permaneceu até o dia 21 de outubro de 1919 no Colégio. No final de 1923, ela enfrentou alguns problemas com malária e John com insuficiência cardíaca. Seguiram então, para o Hospital Adventista de Washington, Califórnia, EUA.

Em 1930, voltaram para o Brasil e aproximadamente na década de 1940. Serviu novamente como preceptora e também auxiliou na área de música como pianista no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

Em 1954, regressaram aos Estados Unidos para La Sierra, Califórnia, EUA, para estarem mais próximos dos parentes. Mesmo aposentados, ainda serviam ao Senhor e Augusta auxiliava o Departamento de Dorcas.

Faleceu no dia 14 de abril de 1967, aos 79 anos de idade, no Hospital para Convalescentes em Loma Linda, Califórnia.

BOEHM, JOHN HENRIQUE (1884-1975). Pastor, missionário pioneiro na América do Sul, co-fundador do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Filho de família alemã que emigrou para as gélidas terras russas, na região da Ucrânia por volta de 1880. O nascimento de Boehm deu-se em Kutter, Saratov, nas Planícies do Rio Volga, Rússia, no dia 1º de fevereiro de 1884. Ali passou sua infância e parte da juventude.

Desde cedo, acostumou-se a um esquema rígido de trabalho, não tendo tampo para usufruir a infância. Cursou apenas o primário e quando chegou a adolescência, problemas políticos e econômicos fizeram a família Boehm emigrar para os Estados Unidos da América.

A família Boehm estabeleceu-se na América na primeira década do século. Afeito à árduos trabalhos, Boehm conseguiu emprego na fazenda dos Schneiders, como domador de cavalos e burros selvagens. Seus empregadores eram Adventistas do 7º dia e faziam o culto matutino antes de começar os trabalhos diários. Por aquele ato de fé, John impressionou-se a ponto de abraçar a mensagem Adventista e tornar-se fervoroso crente. Naquela fazenda trabalhava também Augusta, com a qual casou-se e tiveram 2 filhos: Oliver, falecido após o nascimento e Harley.

Boehm foi para um de nossos colégios e preparou-se para ser um Pastor missionário. Sua dedicada esposa também preparou-se e pouco depois de formado recebeu um chamado para ser missionário na América do Sul.

O casal chegou ao Brasil em 1913, e recebeu como primeiro campo missionário o Estado de São Paulo. Foi-lhe designada a colônia alemã de Campos Sales e Cosmópolis, onde fixou residência. O Pastor Boehm percorreu várias cidades do interior paulista tais como: Piracicaba, Campinas e Limeira. O percurso era feito de trem ou quando não havia, andava em lombo de animais ou mesmo a pé. Em certa viagem, Boehm levou 5 meses para percorrer todos os lugares onde havia pessoas que aguardavam a mensagem adventista.

Em Nova Europa, conheceu a família Hoffmann, e ali, em companhia do irmão Hoffmann e com a sua ajuda em traduções para o português, pregou a mensagem à vizinhança. O Sr. Hoffmann possuía três filhos jovens e ao travar contato com eles, teve a idéia de construir uma escola onde jovens adventistas pudessem receber a devida educação cristã. Logo após, o Pr. Boehm foi para a capital paulista com o firme pensamento de construir uma escola.

Em 1915, comprou uma grande propriedade de 300 acres de terra na região de Santo Amaro, do Sr. *Pantaleão Teizen, recém-convertido ao adventismo.

Com o terreno comprado, Boehm e sua esposa tomaram a frente da construção e iniciaram o tão sonhado lar educacional para os jovens adventistas. O desafio era grande pois tudo era mata, havia muitos carrapatos e pernilongos no local. Boehm e alguns rapazes que vieram estudar no então *Seminário Adventista (Veja **Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia** SALT), começaram a desmatar e a construir as primeiras obras da escola.

Passaram quase um ano morando em barracas ao lado de um córrego donde tiravam água para cozinhar e beber. Construíram o

moinho. O açude e a casa, onde, mais tarde, colocaram o gerador para terem luz à noite. O Pr. Boehm trabalhava o dia todo com os alunos, era preceptor e professor, no início. A vida era dura, mas os alunos conseguiram encontrar um lar onde o casal Boehm eram seus pais.

Um de seus alunos daquela época, *Luiz Waldvogel, fez a seguinte declaração:

"O Pr. Boehm trabalhava junto conosco, comia junto conosco, e depois contava histórias para nós; era mais um pai do que um diretor. Se não tínhamos sapatos, tirava de seu bolso para nós comprarmos e se não tivesse esse dinheiro, dava os seus próprios sapatos para que pudéssemos nos sentir bem".

O Pr. Boehm não possuía nenhum título, por isso não podia ficar como diretor, ou professor do Seminário, assim, depois de fundado o colégio e estar em funcionamento, partiu para outro campo com o ideal realizado.

No final de 1917, foi para o Espírito Santo e iniciou o trabalho como missionário entre os alemães, levando a mensagem de Cristo por todo o interior do Estado.

Em 1920, assumiu a direção da *Missão Espírito-Santense da IASD. Ali desenvolveu a obra missionária e incentivou a obra médica. Trabalhou muitos anos auxiliando na decisão de muitas pessoas.

Em 1932, assumiu a direção da *Associação Sul-Riograndense da IASD. Ali permaneceu de 1932 a 1939. Empreendeu grandes obras e ajudou a terminar a construção do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

O Pr. Boehm trabalhou também na *Missão Rio-Minas da IASD, onde prestou grande auxílio naquele campo. Durante sua gestão, passou por suas mãos o projeto do início do *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), e na área média, surgiu o *Hospital Adventista Silvestre, RJ, um dos mais bem equipados da América Latina atualmente.

Jubilou-se em 1963, após 46 anos de dedicação ao campo brasileiro. Em 1954 voltou aos Estados Unidos, mas preocupou-se com a criação de um fundo educacional para ajudar os alunos carentes. Este fundo foi criado e reativado em 1985 com a finalidade de fazer empréstimos a alunos sem recursos para que concluam os seus estudos. Recebeu o nome de *Fundo Educacional John Boehm, em homenagem a seu idealizador.

John H. Boehm faleceu no dia 25 de janeiro de 1975 em Loma Linda, Estados Unidos da América do Norte, aos 91 anos de idade.

BOGER, ESTER SCHWANTES (1905-1968). Professora pioneira. Filha de Arthur e Clementina Schwantes. Estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) e foi professora do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

Em 1934, casou-se com Herberto Boger, de cuja união nasceram: Walter Boger, León, Nelson, Milton e Albina. Exerceu, logo após seu casamento, o magistério na cidade de Ijuí, onde lecionou no Colégio Evangélico Augusto Pestana. Também desempenhou cargos na igreja sendo diaconisa e diretora de *Dorcas, Sociedade Beneficente.

Faleceu no dia 29 de outubro de 1969, em Ijuí, RS.

BÖKENKAMP, ANA M. (1895-1987). Professora pioneira. Nasceu em Bielefeld, Alemanha, onde aceitou a mensagem adventista. Em 1924, decidiu juntamente com seu esposo Walter Bökenkamp vir para o Brasil.

Do porto de Santos foram para Nova Europa, onde o casal Bökenkamp fez parte do primeiro núcleo de Adventistas em São Paulo. Após alguns anos, foram para Santa Catarina, na cidade de Ibirama, onde nasceu Geraldo Bökenkamp, filho único do casal. Mais tarde, foi convidada para lecionar em Escolas Adventistas.

Em 1940, foi transferida para o Educandário Adventista de Butiá no Paraná, onde trabalhou por cinco anos no preceptorado do colégio bem como na cozinha. Após algum tempo chefiou a cozinha da *Casa da Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo, (HASP), onde trabalhou até sua jubilação.

Faleceu em 9 de dezembro de 1987 aos 92 anos de idade, em Brasília, DF.

BOLSA DE ESTUDO PARA COLPORTOR-ESTUDANTE. Plano que torna possível aos alunos de 1º, 2º e 3º Graus, conseguirem dinheiro para suas mensalidades, despesas de matrícula, música etc., vendendo livros e revistas denominacionais.

O plano de bolsa de estudo foi oferecido primeiramente no Union College, Lincoln, Nebraska, em 5 de junho de 1906. Dos 19 estudantes que saíram para trabalhar naquele verão, 16 conseguiram suas bolsas integralmente. Um jovem vendeu o suficiente para pagar 3 estipêndios. Alguns estudantes também trabalharam por seus estipêndios no Southwestern Union e em alguns lugares na Costa Oeste durante o mesmo verão.

Em vista do sucesso que muitos dos jovens obtiveram na experiência do Union College, E. R. Palmer, naquele tempo diretor do Departamento de Publicações da Associação Geral da IASD (AG), recomendou à comissão da AG em 9/12/1907, que deveria haver um procedimento de bolsa de estudo para toda a Divisão Norte-Americana. Sua recomendação foi adotada.

Desde 1907, a comissão da AG fez muitas emendas ao plano original, mas o básico ainda é o mesmo. O *Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS) e a Escola ou Colégio se unem ao conceder bolsas aos estudantes que alcançarem os alvos. Isto representa apenas uma porcentagem das vendas do colportor.

Um estudante pode também conseguir seu estipêndio para estudar em um colégio não ASD se fizer os devidos acertos com o tesoureiro do SELS. Quando alcançar o valor, receberá a mesma porcentagem das organizações ASD.

Através dos anos, milhares de jovens adventistas têm sido capazes de conseguir seus estipêndios mediante a venda de publicação denominacional e também receber treinamento. Desenvolvem, deste modo, traços positivos de personalidade e aprendem a orar com as pessoas e a dar estudos bíblicos. Este tipo de ministério, que é considerado como sendo atividade missionária da mais alta ordem, ajuda a desenvolver obreiros e missionários para a Igreja. Em algumas associações, recomenda-se que quem queira trabalhar no campo tenha colportado para pagar seus estudos, sendo isso quase uma carta de recomendação de alto valor.

BONFIM, ELDA RODRIGUES DE AZEVEDO (1939-1979). Educadora. Nasceu no dia 18 de fevereiro de 1939, na cidade de Ibitinga, SP. Filha do Pr. *Oswaldo Rodrigues de Azevedo e da Profª. Yolanda Maluf de Azevedo.

Foi batizada na Igreja Adventista do 7º dia aos 12 anos de idade. Terminou o curso primário na Escola da *IASD Central Paulistana, SP. Em 1951 iniciou o curso ginasial no Ginasial Adventista Campineiro, em Hortolândia, SP, atual *Instituto Adventista São Paulo (IASP), formando-se em 1954.

Em seguida, dirigiu-se ao *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), em Santo Amaro, São Paulo, onde cursou o Normal (atual Magistério) concluindo-o em 1957. Iniciou seu trabalho em 1958 como profesora primária no IASP, lecionando, em seguida, por vários anos na Escola Adventista de Santo Amaro.

Em 1964, ingressou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), diplomando-se em Pedagogia após 4 anos. Posteriormente fez pós-graduação em Orientação Educacional.

Em 1968 passou a lecionar no IAE para o Normal (Magistério) e, mais tarde nas Faculdades de Enfermagem, Pedagogia e Sociologia. Em seus últimos anos de trabalho, no IAE, atuou como Orientadora Educacional.

Elda era também diplomada em piano pelo Conservatório Dramático e Musical de São Paulo.

Em 28 de janeiro de 1973, casou-se com o Pr. Antenor Bonfim de cuja união nasceram Fábio e Cássio Azevedo Bonfim.

Acompanhou os trabalhos de seu esposo nas igrejas de Rolândia; PR, Goiânia, GO; e Taubaté, SP.

Faleceu no dia 12 de novembro de 1979, aos   anos de idade, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), sendo sepultada na cidade de Sumaré, SP.

BONFOEY, CLARISSA M. (1821-1856). Governanta da casa de *Ellen G. White. Por ocasião da morte de seus pais em1849, ela propôs-se a repartir com os Whites os móveis que tinha herdado e morar com eles, ajudando nos trabalhos de casa. Por oito anos ela trabalhou dedicadamente, às vezes viajando com eles e cuidando das crianças enquanto os Whites estavam fora. Ellen G. White escreveu as mais apreciativas palavras sobre ela. (*LS*, 123, 2*SG*, 113).

BORDA, CARLOS MAGALHÃES (1938-1995). *Pastor, diretor e administrador. Nasceu no dia 25 de abril de 1938, em Pelotas, RS. Era filho de Carlos dos Santos Borda e Conceição Magalhães Borda. Aos 17 anos de idade batizou-se na IASD.

Fez os cursos Ginasial e Comercial em Pelotas, RS, a Faculdade de Teologia no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), durante os nos de

1961 e 1964, a Faculdade de Pedagogia pela OSEC/SP (1970-1973) e Administração de Empresas, na Universidade Fluminense (1975-1979).

Ingressou na Organização Adventista em 1º de fevereiro de 1965. Ocupou os seguintes cargos:

— Pastor distrital, durante 2 anos e 4 meses, no Rio Grande do Sul.

— Tesoureiro do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), em Taquara, RS, 1 ano e meio.

— Diretor Geral do IACS, RS, 2 anos.

— Diretor Administrativo do IAE/SP, 2 anos e 9 meses.

— Secretário Ecônomo da *União Este-Brasileira da IASD (UEB), 7 anos e 3 meses.

— Secretário da UEB, 2 anos.

— Presidente da *União Norte-Brasileira da IASD (UNB), 2 anos.

— Diretor Geral da *Casa Publicadora Brasileira (CPB), 10 anos.

Ordenado ao Ministério Adventista no dia 1º de fevereiro de 1969, trabalhou 30 anos para a *Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), tendo demonstrado profundo amor pela Causa do Evangelho. Era filiado à Ordem dos Ministros Evangélicos do Brasil e ao Conselho Regional de Administração.

Em janeiro de 1985, foi eleito Diretor Geral da CPB, exatamente na fase de transferência da editora, de Santo André, para Tatuí, SP. Sob sua administração, a editora enfrentou os desafios e dificuldades econômicas por que nosso País passou, mas sem perder sua missão e seu ideal de expandir-se. Novos equipamentos foram adquiridos, todos os setores foram informatizados e, foi aberta a venda direta da literatura para a Igreja, além dos canais já existentes. O aumento das vendas mostra o acerto dessa decisão. Ele deixa a editora consolidada no município de Tatuí, com as sua finanças em dia.

A “Casa Aberta” tornou-se a “menina dos olhos” para o Pr. Borda. Na última vez em que o evento foi realizados (setembro/1994), mais de 23 mil pessoas compareceram à editora. Via-se, em seu rosto, expressiva

alegria em virtude do interesse dos membros e líderes da Igreja pela obra realizada pela CPB.

Em 1993, foi acometido de insidiosa enfermidade, porém não perdeu o ideal de servir, nem se deixou levar pelo desânimo. Realizou algumas viagens ao Exterior, a serviço da editora, participou de numerosos eventos da Área de Publicações e estava feliz com os efeitos benéficos do Plano Real no desempenho da produção e das vendas. Mesmo enfermo, passava ânimo aos que o visitavam. Uma de suas frases favoritas era: "*Não deixe que a sua emoção traia a sua razão*".

Casou-se com Gilda Zehetmeyer, e desta união nasceram os 2 filhos do casal: Jairo Zehetmeyer (Chefe de Informática do *Hospital Adventista Silvestre, RJ) casado com a Dra. Marta Lombardo Borda; e Gilson Zehetmeyer (Administrador na *Golden Cross Assistência Internacional de Saúde) casado com Cláudia Lessa Borda.

O Pr. Borda estava tão identificado com a CPB que, mesmo na fase terminal da doença, se preocupava com o andamento dos trabalhos. Na véspera de seu falecimento (dia 10 de abril de 1995), ainda conversou com o redator-chefe sobre a impressão do novo Hinário Adventista (Veja **Hinários Adventistas**). Ele perguntou:

— "Quantos modelos serão lançados?" E, ao ouvir que o Hinário poderá estar à disposição da Igreja na Casa Aberta do ano corrente, disse, sorrindo:

— "Será um festa."

Antes da oração, para encerrar aquele curto diálogo, ele ajudou a repetir o verso 1 do Salmo 103: "*Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o Seu Santo nome*". Após a prece, ele pediu:

—"Agradeça aos obreiros da CPB as orações. Um abraço a todos".

Faleceu no dia 11 de abril de 1995, aos 57 anos de idade, no *Hospital Adventista de Ensino (HASP) e foi sepultado em Tatuí, SP. A cerimônia fúnebre foi realizada na capela da CPB, no dia 12 de abril,

oficializada pelo Pr. João Wolff, presidente da Divisão Sul-Americana da IASD.

BORDEAU, DANIEL T. (1835-1905). Evangelista e missionário, irmão de A. C. Bordeau. Ministro ASD ordenado em 1858, ele e seu irmão passaram muitos anos evangelizando na Nova Inglaterra e Canadá. Até quanto se saiba, os dois irmãos foram os primeiros descendentes franceses a aceitar a fé ASD.

Em 1868, juntamente com *John N. Loughborough, ele respondeu a um chamado de um grupo ASD na Califórnia, dirigido por M. G. Kellogg, a fim de iniciar a obra ASD naquele Estado. Quando retornou ao Oeste em 1870, reassumiu o trabalho entre as pessoas de fala francesa e organizou igrejas em Wisconsin e Illinois (1873).

Em 1876, foi a Europa para passar um ano em trabalho evangelístico na Suíça, França e Itália, associando-se a *John Nevins Andrews na tarefa editorial. Novamente em 1882, juntamente com seu irmão, ele assumiu a obra evangelística na Europa, trabalhando na França, Suíça. Córsega, Itália e Alsácia-Lorena. Ao todo, ele passou sete anos em terras estrangeiras. Retornando para a América (1888), continuou trabalhando como ministro, escritor, atuando primeiramente entre as pessoas de fala francesa e então em inglês.

BORK, JOÃO (1911-1988). Administrador e bibliotecário. Nasceu na Alemanha, em 28 de outubro de 1911. Casou-se com Rosa Butzloff em 1936. Mestre em Educação pela Andrews University (Estados Unidos), cursou o 2º Grau, Teologia e Educação no antigo *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Foi diretor do *Instituto de Teologia Adventista (ITA), atual Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), do *Educandário Nordestino Adventista (ENA) e do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Depois de aposentar-se, em 1972, continuou

trabalhando no IAE como chefe de Biblioteca. Segundo conhecidos seus, amava os livros e lia muito. Em sua gestão, houve um crescimento considerável no volume de livros da Biblioteca do Colégio.

No ENA, durante muito tempo, foi considerado como um dos melhores diretores que a escola teve. Ali construiu casas para professores, e investiu no saneamento básico, além de levar adiante outras obras.

Faleceu no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), no dia 3 de abril de 1988, sendo levado para o IAE e lá então velado, onde fora administrador cuidadoso e zeloso. O sermão fúnebre foi proferido pelo Prof. Orlando Ritter.

BOYD, MAUD (SISLEY). (1851-1937). Instrutora bíblica pioneira, colportora e a primeira missionária ASD enviada à Europa. Ela nasceu na Inglaterra, mas emigrou para os Estados Unidos aos 11 anos de idade, onde encontrou seu irmão mais velho guardando o *Sábado. Logo sua família inteira se tornou ASD. Quando, com os conselhos do casal *Tiago e *Ellen G. White ela se mudou para Battle Creek, Maud, com quinze anos de idade, conseguiu emprego numa sala de composição da *Review and Herald* e freqüentou as classes pioneiras de inglês dadas por G. H. Bell aos empregados da *Review*. Com um grupo de jovens da *Review and Herald*, ela assistiu à primeira campal ASD (em Wright, Michigan, setembro de 1868). Quando os ASD começaram a aceitar o plano do dízimo, Maud Sisley encontrou-se entre os primeiros dizimistas de Battle Creek. Ela se tornou membro registrado da Sociedade de Folhetos de Battle Creek, organizada por *Stephen Haskell. Era tão entusiástica quanto a novas oportunidades que pediu férias de seis meses a fim de se unir a Elsie Gates em um trabalho missionário voluntário em Ohio.

Em 1877, a AG enviou Maud Sisley para ajudar o missionário *John Nevins Andrews em sua obra de publicações na Suíça. Lá, em

verdadeiro espírito pioneiro, ela datilografou o primeiro folheto ASD em italiano, mesmo não conhecendo a língua. Em 1879, *John N. Loughborough chamou-a a fim de trabalhar em Southampton, Inglaterra, como instrutora bíblica e colportora. Pouco tempo depois, ao retornar para a América, ela se tornou a segunda esposa de Charles Boyd, presidente da Associação do Nebraska.

Em 1877, os Boyds foram enviados pela AG como os primeiros missionários para a África. Permaneceram na África até 1891, quando a saúde de Charles forçou-os a retornarem para a América em 1898. A Sra. Boyd continuou seu serviço cristão na Austrália, com professora em Avondale por nove anos e então por três anos com o instrutora bíblica em Gales do Sul e Victoria. Então, até 1927, ela trabalhou como instrutora bíblica nos sanatórios de Loma Linda e Glendale, na Califórnia.

BRACK, AUGUSTO (1871-1957). Colportor pioneiro. Foi um dos primeiros colportores no Brasil, tendo como objetivo principal disseminar a mensagem do advento.

Em 1898, chegou, ao Brasil proveniente da Alemanha. Em 1902 foi trabalhar no Sul do país como os irmãos *Berger, que estavam entre os primeiros colportores no Brasil, em Santa Maria e Taquara, RS.

Faleceu no dia 02 de outubro de 1957, aos 86 anos de idade, em Itaqui, RS.

BRAGA, REGINA AUGUSTA MENESES (1876-1970). Instrutora bíblica pioneira. Foi batizada em 1910. Foi a primeira instrutora bíblica no Rio de Janeiro, quando havia apenas 25 membros batizados na Associação. Aceitou a mensagem adventista através do colportor *Antônio Leôncio da Penha. O Pastor *Ricardo Wilfart deu-lhe os primeiros estudos bíblicos.

Faleceu no dia 03 de agosto de 1970, aos 94 anos de idade.

BRANCHART, HANS MAYER (1907-). Missionário na Amazônia. Nasceu em 1907 em Ulm Am Der Donnau, numa pequena cidade da Alemanha. Dotado de um espírito missionário, chegou ao Brasil em março de 1924, aportando no Rio de Janeiro, aos 17 anos de idade. Foi encaminhado em 1925 para o Estado do Espírito Santo a fim de engajar-se na Obra da *Colportagem e através desse trabalho aprendeu a língua portuguesa bem como aprimorou suas relações humanas.

Casou-se com Johanna L. Mayer de Bräuer e tiveram 4 filhos: Karl Kurt Konrad, Mercedes Marion Mauis, Werner Walther Waldemar e Ruth Naomi.

Dirigiu-se, então, para São Paulo, matriculando-se no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), onde permaneceu por três anos. Ao término do Curso, sentiu ser a Amazônia a região mais necessitada do Brasil. No final de 1927, Mayer chegou na cidade de Belém, no Estado do Pará.

Nessa região, Hans Mayer desenvolveu um trabalho entre os pobres e necessitados, na companhia de seu amigo *André Gedrath.

Em 1928, construiu a primeira lancha missionária Adventista do Brasil a *"Ulm Am Der Donnau"*. Deu-lhe este nome em homenagem a sua cidade natal, o qual significa "Às margens do Danúbio", com a qual pôde prosseguir com seus trabalhos evangelísticos.

Depois da 1ª lancha, surgiu a 2ª chamada "Mensageira" e depois a "Luzeiro I" e outras mais que foram construídas ao longo do tempo.

Hans Mayer dedicou sete anos de sua vida ao Norte do Brasil, participando das atividades missionárias de Maués, Pauntis, Mucajá, e Centenário, onde preparou o 1º grupo de batizados. Em 1929, Hans recepcionou no porto, a chegada de *Leo Blair Halliwell.

Em outubro de 1934, deixou o Brasil, indo trabalhar no Chile.

BRAUN, LUIZ (1878-1949). *Pastor e evangelista. Nasceu em 1878, em Düsseldorf, Alemanha. Iniciou sua carreira pastoral no Brasil em 1915 sendo um dos veteranos da obra no país. Foi sempre bem sucedido como Pastor e evangelista . Sob sua direção trabalhavam diversos obreiros. Era considerado um conselheiro, estimulador e pai para todos os que o cercavam.

Trabalhou nos Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo na *Associação Paulista da IASD, deixando, em cada lugar por onde passava a mensagem do Evangelho.

Durante toda a sua vida, testemunhou de Cristo através de um viver abnegado, hospitaleiro e edificante, possuindo fé inabalável, até seus últimos dias.

Faleceu no dia 14 de agosto de 1949, aos 71 anos de idade, na *Casa de Saúde Liberdade atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

BREVE TEMPO DE ANGÚSTIA. Um tempo relativamente breve de adversidade e perseguição antes do *Fechamento da Porta da Graça. A expressão "breve tempo de angústia" está baseada em uma declaração explicativa no suplemento de 1854 ao primeiro livro de *Ellen G. White, *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen White* (Esboço da Experiência Cristã e Visões de Ellen G. White), publicado em 1851. Ela escrevera: (p.17): "No início do tempo de angústia, fomos enchidos do *Espírito Santo ao sairmos para proclamar o *Sábado mais intensamente." Identificando este "tempo de angústia" com o mencionado em conexão com o erguimento de Miguel em Dan. 12:1 (considerado como o erguimento de Cristo no fim do fechamento da *Porta da Graça), alguns ressaltaram a futilidade de sair para proclamar o sábado depois de a porta da graça ter-se fechado.

No suplemento, Ellen G. White explicou que o “tempo de angústia “ao qual ela se havia referido seria imediatamente anterior ao fechamento da porta da Graça. Ela escreveu:

O “início do tempo de angústia” ali mencionado, não se refere ao tempo em que as pragas começarão a ser derramadas, mas a um breve período, pouco antes, enquanto Cristo está no *Santuário (*PE,* 85).

Este “curto período”, conseqüentemente, veio a ser conhecido como o breve “tempo de angústia”, em contraste com o “grande tempo de angústia” referido por Daniel. A Sra. White escreveu mais tarde:

> Nesse tempo, enquanto a obra de *Salvação está-se encerrando, tribulações virão sobre a Terra, e as nações ficarão iradas . . . a *Chuva Serôdia, . . . virá para dar poder à grande voz do terceiro anjo e preparar os santos para estarem em pé no período em que as *Sete Últimas Pragas serão derramadas. (*ibid.*)

Para os que permanecerem leais aos expressos propósitos do *Céu, o breve tempo de angústia será desta maneira um tempo de intenso esforço evangelístico.

Veja **Chuva Serôdia; Alto Clamor; Porta da Graça; Três Mensagens Angélicas; Tempo de Angústia.**

BRITO, RAYMUNDO DA COSTA (? -1960). Pregador. Nasceu na cidade de Acajutiba, BA, onde passou sua infância; e na adolescência, veio para São Paulo. Na Capital Paulista, decidiu então estudar, concluindo breve curso como Rádio Navegador, proporcionando-lhe uma posição social bastante elevada.

Conheceu o Evangelho com o Dr. Ruy M. Reis e Carlos Schwantes. Estudou a Bíblia, e tão logo terminou seus estudos, resolveu batizar-se. Logo após o *Batismo, tomou a decisão de formar um grupo

missionário, ou seja, pregar o Evangelho ao ar livre. Assim, em janeiro de 1956, *Raymundo Brito da Costa foi quem pregou pela 1ª vez na Praça Patriarca, em São Paulo, onde converteu mais de 150 pessoas.

Acometido por hepatite aguda, foi conduzido para o Hospital São Paulo e de lá para a *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), onde faleceu em 1960.

BRONZE, ANTÔNIO DE ASSIS (1897-1977). Professor e obreiro. Nasceu na Fazenda Serra de São José B. Vista, Estado de São Paulo. Na época que iniciou seus estudos, as condições das escolas eram precárias; isto porém não o impediu de seguir a carreira estudantil. Cursou o primário e concluiu o Ginásio, aperfeiçoando seus estudos em línguas.

Em 1926, tornou-se adventista e neste mesmo ano, contraiu núpcias com Aurora Pinto, de cujo matrimônio nasceu Jesus de Nazaré Bronze, o único Filho. Em 1931, fixou residência em Presidente Prudente, SP, onde fundou uma escola chamada "Príncipe da Paz", que alcançou uma matrícula de 160 alunos.

Ocupou dupla função: professor e obreiro. Lecionou vários anos em Marília, Garça, Mogi das Cruzes, perfazendo um total de 38 anos de magistério.

Faleceu em 12 de novembro de 1977, aos 70 anos de idade.

BROWN, JOHN LEWIS (1888-1972) Missionário pioneiro na região da Amazônia, *Pastor e *Colportor. Nasceu dia 7 de setembro de 1888 em Pasadena, Califórnia, EUA. Foi o primogênito em um família de 8 irmãos. Aos 8 anos de idade começou a trabalhar na fazenda de seu pai arando a terra. Aos 10 anos, um cavalo caiu sobre ele, dando-lhe certeza de morte imediata.

Em seu desespero, ele clamou: "*Querido Senhor, ouça-me, estou morrendo, se o Senhor me salvar, eu O servirei por toda a minha vida*".

O Senhor o salvou e John cumpriu o que prometera. Aceitou a Cristo e tornou-se membro da Igreja Menonita.

Em 1904, seu pai ouviu sobre a verdade do *Sábado pela primeira vez por intermédio de Peter Nightingale. Alguns meses mais tarde, durante o primeiro semestre de 1905, seu pai o levou a uma *Reunião Campal em Los Angeles. Ali ele ouvira a Sra. *Ellen G. White e ao final do encontro, batizou-se juntamente com 38 pessoas, na Igreja Adventista do 7º dia da Rua Carr.

Recebeu educação na Fernando Academy e para conseguir recursos para os estudos dedicou-se ao trabalho da *Colportagem. Ainda auxiliou financeiramente suas irmãs Kate e Sue para que elas também pudessem receber uma educação cristã.

Por volta de 1908, respondeu a um apelo para trabalhar com literatura evangelística no México, juntamente com 3 outros jovens. Em 1909, já sabia dominar bem o idioma espanhol e obteve o recorde de vendas na colportagem.

Em 1910, conheceu Esther Alma Janlowiski que, no futuro seria sua esposa. Esther era filha adotiva do casal de missionários Lulu e *Abel Landers Gregory.

Em 1911-1912, foi chamado para a Espanha a fim de ali organizar o trabalho de colportagem. Trabalhou em Barcelona, Saragossa, Vigo, Palma e Maiorca, Sevilha e outros lugares. Casou-se com Esther Alma em 08 de agosto de 1912 em Berna, Suíça. Da união nasceu-lhes um filho, Walton J. Brown, que por muitos anos serviu como secretário do Departamento de Educação da *Associação Geral da IASD.

A Primeira Guerra Mundial veio e a pequena família de John teve que deixar a Espanha. Dirigiram-se para El Salvador onde ele iniciou um trabalho pioneiro organizando a primeira Igreja Adventista naquele país. Ali passaram privações e doenças. Os recursos eram parcos e John contraiu malária perniciosa.

Em 1916, foi ordenado ao ministério. Na sessão da Conferência Geral de 1918 foi-lhe pedido que fosse ao Chile para ali trabalhar. Nesse país atuou como Pastor de igreja de 1919 a 1921, residindo na parte baixa da cidade de Valparaíso. Os recursos eram tão escassos que quando compravam uma banana, davam metade para o pequeno Walton e a outra metade era dividida entre o casal.

Do Chile, foram enviados ao Brasil a fim de que Esther pudesse recuperar a saúde, pois ela se encontrava muito debilitada devido ao clima tropical. Apesar das dificuldades, o casal não desejou abandonar o trabalho na América do Sul. No Brasil foram para Juiz de Fora, Minas Gerais, onde John assumiu o cargo de superintendente da Missão.

Em 1920, a *Sociedade dos Missionários Voluntários levantaram fundos para enviar missionários à região Baixo-Amazonas e o casal Brown aceitou o desafio, juntamente com *André Gedrath, *Hans Mayer e sua esposa Joana.

O governador apreciou de tal modo o trabalho que ofereceu uma concessão de milhões de acres de terra e privilégios de importação e exportação por 10 anos. aos adventistas do 7º dia.

O Pr. Brown foi o precursor do Pr. *Leo Halliwell na Amazônia, tendo iniciado o trabalho que ora se desenvolve progressivamente na Região Norte.

Durante 11 anos, o Pr. Brown serviu no Brasil como presidente da *União Sul e *União Este Brasileira da IASD e como missionário pioneiro na região inóspita da Amazônia, perfazendo um total de 25 anos de trabalho na América do Sul.

Faleceu no dia 8 de agosto de 1972, no Hospital Santa Helena, Califórnia, EUA.

BUTLER, RAFAEL DE AZAMBUJA (1895-1968). Redator, *Colportor. Exerceu por longos anos, na *Casa Publicadora Brasileira (CPB), o cargo de redator de muitos periódicos dedicando-se

especialmente à Revista “Vida e Saúde”. Foi também tradutor de muitos de nossos livros.

Iniciou suas atividades na Redação da CPB em 20 de março de 1934. Em julho de 1947, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se dedicou à *Colportagem, sendo depois de algum tempo convidado para o trabalho relacionado com *A Voz da Profecia.

Em junho de 1952, foi confiado a prestar serviços na CPB, novamente como redator responsável da *Vida e Saúde, *Lições da Escola Sabatina, tradutor de livros de grande responsabilidade, como “*Novo Tratado da Família*” e muitos outros. Ocupou ainda cargos relevantes na Sociedade Bíblica do Brasil.

Faleceu no dia 22 de julho de 1968, aos 73 anos de idade, em São Paulo.

BYINGTON, JOHN (1798-1887). Ministro pioneiro e primeiro presidente da *Associação Geral da IASD. Seu pai, Justus, foi soldado na Guerra Revolucionária, pregador Metodista Episcopal itinerante, e mais tarde um dos fundadores da Igreja Metodista Protestante, tornando-se o presidente da Associação de Vermont. Aos sete anos de idade, John chegou à certeza do pecado e aos 18 anos (1816), converteu-se. Sendo sua mãe uma mulher de grande timidez, ele dirigia o culto quando seu pai estava ausente. Tornou-se ativo no trabalho leigo da Igreja Metodista, mas aos 21 anos sua saúde falhou e por três anos sofreu de depressão. Porém, animado pela oração, retornou a seu trabalho, dividindo o tempo entre cuidar da fazenda e pregar.

Sendo totalmente contrário à escravidão por convicção, e à liderança da Igreja Metodista Episcopal opunha-se a atividades anti escravatura, separou-se daquela denominação e uniu-se à nova Convicção Metodista Wesleyana, ajudando assim a construir uma igreja e uma residência paroquial que ainda persistem em Nova Iorque, na cidade de Morley. Foi como delegado leigo à reunião organizacional da

Associação Geral Wesleyana em Cleveland, Ohio, em 1844; e mais tarde se tornou um ministro Wesleyano, pastoreando a igreja de Lisbon, Nova Iorque. Ele regularmente recebia Índios e negros em sua casa, e diz-se ter mantido uma estação da Estrada de Ferro Underground, em Buck's Bridge, Nova Iorque, onde morava em uma fazenda.

Em 1844, ouviu um sermão *Milerita em Cleveland, Ohio, mas não foi impressionado muito profundamente. Em 1852, lendo uma cópia da *Review and Herald*, começou a guardar o sábado contra amarga oposição dos amigos. Pouco depois *Tiago e *Ellen G. White visitaram-no, em sua casa, em Buck's Bridge. Por três anos dirigiu reuniões sabáticas em sua casa, então construiu uma igreja em sua propriedade. Esta pode ter sido a primeira igreja ASD construída, terminada antes da Igreja de Battle Creek, edificada no mesmo ano. Em uma casa próxima, sua filha Martha (mais tarde esposa de G. W. Amadon), lecionou no que tem sido lembrada como a primeira escola ASD (1853). Uma das primeira Escolas Sabatinas foi também dirigida na casa de Byington.

A pedido de *Tiago White, Byington mudou-se para Michigan em 1858 e passou 15 anos em um trabalho de sustento próprio por todo o Estado. Esteve intimamente associado com Tiago White e *John Nevins Andrews em planos ousados para o crescimento da igreja. Em 1863, na organização inicial da Associação Geral da IASD em Battle Creek, Michigan, tornou-se o primeiro presidente e trabalhou ali por dois mandatos de um ano cada. Tiago White, o primeiro a ser eleito, declinou do cargo.

De 1852 até sua morte (1887), Byington serviu à causa que amava, contribuindo generosamente com seus bens para ela. Sendo mais velho em anos do que seus colegas ministros, tornou-se afetivamente conhecido como "Pai Byington".

C

CAB. Veja **Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).**

CALENDÁRIO DA IGREJA. Dias especiais designados anualmente pela *Associação Geral da IASD (AG) para serem observados pela Igreja para o estudo ou promoção do trabalho dos vários departamentos da igreja, e para o recebimento de ofertas para propósitos específicos. (Os ASD não seguem o calendário da igreja, ou o ano cristão, usado pelas igrejas litúrgicas e cada vez mais por outras denominações).

Na preparação do calendário, ordinariamente os departamentos da AG fazem suas recomendações para o Concílio de Outono, e se houver problemas específicos envolvidos, uma comissão da AG estuda as recomendações antes de apresentá-las ao Concílio. Após serem passadas pelo Concílio, a lista é publicada de tempos em tempos nos vários folhetos da Igreja e anualmente no **Yearbook Anuário ASD*.

O plano remonta a no mínimo, 14 de novembro de 1918 quando a comissão da AG, sob a recomendação dos tesoureiros e dos secretários departamentais da AG, votaram 11 ofertas especiais a serem recebidas naquele ano para treino intensivo, donativos para a Europa (durante o pós-guerra), escolas rurais, *Liberdade Religiosa, trabalho com os negros, ofertas anuais, e de Médio verão (para as missões) e quatro ofertas de décimo terceiro sábado. Cinco dias especiais foram separados para o Departamento Médico, reuniões de *Escola Sabatina e Departamento de Educação (duas). Muito antes disso, o quarto (agora o primeiro) sábado de cada mês foi designado para a promoção do trabalho missionário local e o segundo sábado para a promoção das missões mundiais.

Lá pelo ano de 1923, houve 23 dias especiais, semanas de ofertas especiais designadas pelo calendário, e no dia 25 de abril de 1935, notificou-se pela AG que o calendário estava sendo sobrecarregado e o plano foi reestudado. Porém, o calendário para 1963 tinha apenas 39 dias especiais, semanas de ofertas, em adição às ofertas do décimo terceiro sábado tiradas na Escola Sabatina.

CALENDÁRIO, REFORMA DO. Mudança existente em um calendário. O calendário correntemente em uso na maioria das nações, o Gregoriano, é o resultado de uma reforma no calendário em 1582, que corrigiu duas suposições errôneas do calendário Juliano, que tinha estado em uso desde 45 a.C. — isto é, o ano que contém exatamente 365 ¼ dias e que 235 meses lunares são equivalentes a 19 anos solares. Esta revisão corrigiu um erro acumulado de dez dias e evitou que o calendário saísse mais da linha das estações.

Este verbete está preocupado somente com as tentativas de reformar o calendário que ocorreram durante a história da IASD e que, se adotada, teriam interrompido o ciclo histórico da semana. A reforma do calendário que deixaria intacto o ciclo da semana não é preocupação para os ASD. A posição da igreja foi definida em uma carta da Comissão da *Associação Geral da IASD ao Secretário do Estado John Foster Dulles, em 1955:

> Não nos opomos à reforma do calendário em si, e sim, a qualquer mudança que contribuiria à desunidade nacional ou internacional, perplexidade económica ou confusão religiosa e embaraço.

Nem o calendário Juliano nem o Gregoriano interferiram no ciclo semanal. A respeito da reforma do Calendário Juliano pelo Papa Gregório XIII em 1582, declara-se: “Desta forma, fez-se toda proposição imaginável, somente uma idéia nunca foi mencionada, a saber, o abandono da semana de sete dias”. *The Catholic Encyclopædia*, vol. 9, p. 251, art. *“Lilius”*. “Deve ser ressaltado que no período cristão, a ordem dos dias da semana nunca foi interrompida. Dessa maneira, quando Gregório XIII reformou o calendário, em 1582, 4 de outubro, quinta-feira, foi seguido por uma sexta-feira 15 de outubro. Portanto, na Inglaterra, em 1752, 2 de setembro, uma quarta-feira, foi seguida por

uma quinta-feira, 14 de setembro” *The Catholic Encyclopædia*, vol. 3, p. 740 art. *“Chronology”*.

Entre as centenas de propostas feitas para melhorar o calendário Gregoriano, somente umas poucas têm recebido atenção. Entre essas, estão o Calendário Perpétuo de Edwards, delineado por Lt. Com. Williard E. Edwards, da Marinha dos Estados Unidos, e o Calendário Mundial. Ambos têm 12 meses, divididos em quatro trimestres de 91 dias de três meses cada um, contendo 30-30-31 no calendário Mundial. Os 12 meses contêm 364 dias, deixando um “dia vago” (dois em anos bissextos) fora do cômputo dos meses e das semanas. Uma proposta mais anterior, dos idos da década de 1920 e 1930, foi o plano de Moses B. Cotsworth, que, por causa de forte apoio financeiro de George Eastman, fabricante da milionária Kodak, veio a ser conhecido como o Calendário Eastman. Este calendário tinha 13 meses, cada um começando do domingo e contendo exatamente quatro semanas (28 dias), fazendo 13 meses conter 364 dias.

As vantagens pretendidas pelos patrocinadores desses calendários são comerciais, econômicas, estatísticas e mais recentemente, religiosas. A adoção do Calendário Mundial, que é um dos mais fortemente promovidos atualmente, irá, assim se diz:

(1) Determinar perpetuamente o ano;
(2) Preservar e amplamente igualar os 12 meses;
(3) Preservar e igualar os meios-anos;
(4) Preservar e igualar os quartos de anos;
(5) Agrupar os meses uniformemente dentro dos trimestres;
(6) Prover 13 semanas completas dentro de cada trimestre e agrupar uniformemente essas semanas;
(7) Reduzir a desigualdade entre os meses de três dias para um só dia, e estabelecer um mês útil;
(8) Estabelecer as datas da Páscoa, Natal e outros feriados religiosos.

Opositores ao Calendário Mundial, entre os quais estão os ASD, dizem que ele:

(1) Preocupará costumes e hábitos religiosos estabelecidos;
(2) Substituirá a semana histórica por um ciclo semanal artificial e espúrio;
(3) Criará novas controvérsias religiosas;
(4) Exaltará o materialismo às expensas da consciência e da religião;
(5) Criará dificuldades trabalhísticas para milhões de conscientes observadores do *Sábado e do *Domingo que seriam forçados a observar seus dias de descanso em dias de trabalho da semana durante a maioria dos períodos de sete anos;
(6) Causaria problemas educacionais para milhões de estudantes e professores que não assistiriam às aulas no sétimo dia ou no primeiro dia da semana histórica.

Dois outros calendários que têm algum apoio obteriam a maioria dos objetivos das propostas citadas acima sem interromper um ciclo semanal. Um deles, chamado calendário do Jubileu foi proposto por Cecil L. Woods, preceptor do Pacific Union College (1948-1954), cômputo conveniente do ano de 364 dias, e inseriria 71 semanas intercaladas no calendário dentro de um período de 400 dias de acordo com a seguinte regra: uma semana é intercalada entre a última de dezembro e a primeira de janeiro no início dos anos divisíveis por 5, exceto os que terminassem em 25 ou 75, ou divisíveis por 400. Esta semana teria um nome especial — Semana do Jubileu, e poderia ser considerada a primeira semana do Ano Jubileu, mas não como uma parte de qualquer mês ou trimestre. Os registros para a semana seriam mantidos separadamente, tornando o resto do ano comparável com todos os outros anos de 364 dias. Outro Calendário do Jubileu foi proposto por grande número de corporações judaicas. Ele difere da

proposta de Woods em sua intercalação das 71 semanas nos 400 anos em intervalos de cinco ou seis anos em seqüências regulares.

O plano de Woods foi submetido à Associação Mundial de Calendários pelo Dr. Alvin S. Johnson, secretário da Associação de *Liberdade Religiosa, em 8/01/1951, como um plano de compromisso que poderia assegurar o apoio dos ASD e dos judeus e das organizações guardadoras do domingo a quem a observância de um dia particular é importante. O princípio de avaliação de 15 páginas do Calendário do Jubileu foi enviada a Johnson e Woods em março de 1951. O relatório citava Dr. Smith Leiper, secretário associado geral do Conselho Mundial de Igrejas:

> Será o Calendário Mundial, que estabelece nossos dias de acordo com linhas matemáticas e científicas, negado ao mundo por causa de grupos minoritários? Devem todos os *nossos dias* continuar a vaguear pelo calendário a fim de prevenir *um dia* vagueando pela oposição de uma minoria por causa de sua religião particular?

"É difícil conceber," dizia o relatório, "que o Deus Todo-Poderoso escolheria um dia como de mais valor e importância do que outro."

História. A reforma do calendário no século XX recebeu seu impulso de um estatístico, Moses B. Cotswoth (1859-1943). Desafiado pela distribuição desigual do tempo nos meses do calendário Gregoriano, ele estabeleceu que criaria um calendário que se prestaria a análises estatísticas comparativas mais exatas. Seu novo calendário, descrito acima, recebeu seu primeiro endosso em 1909 da Sociedade Real Canadense. Encorajado, Cotsworth organizou a Aliança Fixa do Calendário Internacional e em 1923 ou 1924 assegurou o apoio financeiro de George Eastman.

Enquanto isso, outros indivíduos e organizações começaram a estudar o assunto. Notáveis entre estes estavam a União Astronômica Internacional, que em 1922, decidiu que alguma revisão do calendário seria desejável, embora não tenha aprovado um plano específico de revisão. Aproximadamente ao mesmo tempo, a Câmara Internacional de Comércio aprovou uma reforma no calendário e requereu que a Aliança das Nações apontasse uma comissão especial para estudar o problema.

Quando foi criada tal comissão em 1923, reformadores do calendário começaram a mandar seus planos. Dos mais ou menos 185 (algumas fontes dão 187) planos estudados, somente três foram considerados dignos de atenção. Um destes era o plano de Cotsworth. Determinando que o próximo passo em direção da reforma do calendário seria o surgimento de interesse público generalizado na questão, a comissão remendou em 1926 que as nações membros da Aliança apontassem comissões para considerar a revisão do calendário, cada nação tendo que relatar mediante esta comissão a uma associação internacional na qual a forma final do calendário mundial poderia ser adotada. A comissão concordou unanimemente "que nenhuma reforma pode ser efetuada sem o consentimento de todos, ou de quase todas as corporações importantes interessadas, entre as quais 'grupos religiosos' foram colocados por primeiro".

Em 1928, a União Pan-americana, reunindo-se em Havana, recomendou não somente que as nações membros apontassem comissões nacionais para a simplificação do calendário mas que também realizassem uma conferência internacional. Conseqüentemente, em dezembro de 1928, foi apresentada uma resolução no congresso dos Estados Unidos autorizando o Presidente a convocar tal conferência internacional ou a aceitar em favor dos Estados Unidos um convite de outras nações para assistir a tal conferência. Esta circular — conhecida como Resolução da Junta 334 — apresentou a questão da revisão essencialmente em termos do plano Cotsworth.

Quando audiências públicas sobre a circular foram realizadas perante a Câmara da Comissão dos Interesses Comuns, líderes ASD uniram-se com outros grupos para se oporem ao endosso de uma proposta que preocuparia o ciclo semanal. Protestos contra o aspecto do “dia vago” do plano foram tão eficientes que resoluções semelhantes apresentadas à Câmara de Representantes em 15 de março e 20 de março de 1929, omitiram o preâmbulo favorecendo o estratagema do “dia vago”. Nenhuma dessas resoluções passou. Nunca mais tal resolução recebeu consideração pública nem pelo Congresso nem por qualquer de suas comissões.

Em julho de 1928, uma Comissão de Calendário foi trazida à existência, tendo George Eastman como presidente. Por não serem os Estados Unidos membros da Aliança das Nações, esta comissão não teve *status* oficial. Em outubro de 1931, a questão da reforma do calendário foi submetida à Quarta Conferência Geral da Comissão de Comunicações e Trânsito em Genebra. Estavam presentes 111 delegados de 42 países. Onze líderes ASD estavam presentes para se oporem ao plano: Charles Longacre, secretário da Associação Internacional de Liberdade Religiosa; Jean Nussbaum, França; Arthur Maxwell, Associação Geral; L. L. Caviness e S. Rasmussen; do Sul da Europa; R. A. Anderson, Austrália; A. Vollmer, Alemanha; G. E. Nord e P. G. Nelson, países Escandinavos; T. T. Babienco, Estados Bálticos, e J. I. Robison, Divisão da África do Sul. A comissão não tomou nenhuma decisão, dadas três razões: o estado conturbado do mundo, oposição religiosa pronunciada, e falta de acordo entre as revisões do calendário.

A reforma do calendário de 1930 a 1960 foi, em grande parte a história, de uma mulher americana, Elisabeth Achelis, e a organização fundada por ela em 1930, a Associação do Calendário Mundial dos Estados Unidos. Precursora ardorosa do “plano de doze meses e trimestres iguais”, que ela renomeou de Calendário Mundial, que dizia

ter ouvido uma voz lhe dizer: “Você deve trabalhar por este plano”, investiu sua vasta fortuna e talentos na causa da reforma do calendário.

Durante 1930, a Associação Mundial do Calendário arrolou entre 2.000 e 3.000 membros, e começou a publicar um trimestral *Jornal da Reforma do Calendário.* Esta foi a primeira tentativa de promover um estudo contínuo do calendário na mais ampla base internacional Em 1956, a associação tinha 10.000 membros. Organizações subsidiárias tinham sido estabelecidas na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, México, Panamá, Uruguai, Peru, Colômbia, Bélgica, Inglaterra, Alemanha, França, Dinamarca, Hungria, Irlanda, Itália, Espanha, Suíça, Turquia e mais outras partes.

A Sra. Achelis deixou o cargo de presidente em abril de 1956, apenas para dedicar seu tempo integral em persuadir as autoridades americanas a apoiarem o Calendário Mundial perante as Nações Unidas. Naquele ano, o quartel general também foi transferido de Nova Iorque para Ottawa, Canadá, e a organização foi renomeada como Associação Internacional do Calendário Mundial. O presidente é Arthur J. Hills.

Derrotas notáveis foram sofridas pelos partidários da reforma do Calendário, como a derrota de duas circulares na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos durante os últimos anos da década de 1940. A circular H. R. 1.242, apresentada em 23 de janeiro de 1947, por José R. Farrington, Delegado do Hawai, pediu ao congresso que aprovasse a adoção do “Calendário Perpétuo de Edwards” para uso nos Estados Unidos e em todo o seu território, começando em 1 de janeiro de 1950. A H. R. 1.345, apresentada à Câmara de Representantes em 27 de janeiro de 1950 de 1947, pelo delegado John Kee, do quinto distrito de Virgínia, pediu ao congresso que aprovasse a adoção do “Calendário Mundial”. Ambos pediram para que o presidente pusesse seus projetos perante as Nações Unidas, com a recomendação de que fosse aprovado pela Assembléia Geral para uso no mundo inteiro na mesma data, 1 de janeiro de 1950.

Reveses mais ferinos foram sofridos em 1950, 1954, 1956 diante das Nações Unidas. Em 1950, o Comitê dos Quinze das Nações Unidas recusaram considerar o plano do Calendário Mundial. Trabalhando com os delegados estavam os seguintes líderes ASD: Jean Nussbaum, do Sul da Europa, Países Baixos, Polônia e Haiti, Arthur Maxwell pelo Reino Unido; G. Arthur Keough pelo Oriente Médio; C. P. Sorensen, pelo Extremo Oriente; B F. Perez pelo México, América Central e América do Sul; H. L. Rudy pelo Canadá; L. G. Mookerjee pelo Sul da Ásia; Frank H. Yost pelos Estados Unidos.

Em 1954, o Conselho Econômico e Social das Nações Unidas considerou uma proposta para a revisão do Calendário (O Calendário Mundial) pela Índia e pela Iugoslávia. O Conselho, em uma resolução de compromisso, referiu a questão ao governo representado nas Nações Unidas, para "estudar o problema e fornecer seus pontos de vista antes de 1955". As posições dos governos deveriam então ser consideradas na sessão de 1955. Dos 41 governantes que responderam ao questionário, somente cinco foram favoráveis ao plano. Esta decisão estabeleceu as bases para uma enfática recusa da proposta do Calendário Mundial.

Três dias antes do Conselho Econômico e Social iniciar sua vigésima primeira sessão em Nova Iorque no dia 17 de abril de 1956, a Associação do Calendário Mundial escreveu ao presidente do Conselho pedindo que o item do calendário fosse retirado da agenda. Por causa da falta de interesse ou desaprovação nas respostas recebidas das nações aos questionários enviados pelo Secretário das Nações Unidas, a Associação pensou ser aconselhável postergar a discussão da questão.

O conselho por 15 votos contra 3 abstenções (Checoslováquia, Canadá e URSS), adiou por tempo indeterminado, sem consideração, o plano para a reforma do Calendário Gregoriano. A proposta para o adiamento foi feita pelos representantes dos Países Baixos, que diziam ter havido até o presente insuficiente apoio em todo o mundo para justificar a adoção de um novo calendário mundial. Das 33 nações que

responderam, três aprovaram: Mônaco (se universal), Nepal, e Tailândia. Dois, Iugoslávia e Irã, recomendaram estudo posterior. Cinco — Chile, Colômbia, Costa Rica, Irlanda Paraguai — sentiram que nenhum estudo deveria ser realizado ou ser aprovada nenhuma proposta sem conformidade com a Igreja Católica Romana. Vinte e duas nações se opuseram: Nova Zelândia, União da África do Sul, Austrália, Burma, Finlândia, Israel, Itália, Japão, Suíça, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Países Baixos, Paquistão, Filipinas, Portugal, Canadá, China, França, Noruega, Suécia, Bélgica, Dinamarca, Líbano, México e Síria.

No dia 21 de março de 1956, os Estados Unidos apresentaram sua posição através da seguinte publicação do Departamento do Estado:

> O governo dos Estados Unidos não favorece qualquer ação pelas Nações Unidas de revisão do Calendário atual. Este governo não pode, de maneira alguma, promover uma mudança de tal natureza, que afetaria intimamente cada habitante deste país a menos que tal reforma fosse favorecida por uma maioria substancial dos cidadãos dos Estados Unidos decidido através de seus representantes no Congresso dos Estados Unidos. Não há nos Estados Unidos evidência de apoio para tal reforma. Um grande número de cidadãos Norte-americanos se opõe ao plano para a reforma do calendário que agora está diante do Conselho Econômico e Social. Sua oposição está baseada em razões religiosas, sendo que a introdução de um “dia vago” no fim de cada ano romperia o ciclo do sétimo dia sabático.
>
> Além disso, este Governo defende que não seria apropriado para os Estados Unidos, que representa muitas crenças religiosas e sociais de todo o mundo, patrocinar qualquer revisão do calendário existente que conflitaria como os princípios de importantes crenças religiosas.

> Este Governo, recomenda que nenhum estudo posterior do assunto deveria ser realizado. Tal estudo requereria o uso de força humana e fundos que poderiam ser mais úteis se dedicados a tarefas vitais e urgentes.

A Associação Internacional do Calendário Mundial agora parece cônscia de que qualquer reforma do calendário deve ter forte apoio religioso e alterou suas táticas para enfatizar benefícios religiosos mais do que os benefícios comerciais e estatísticos do Calendário Mundial.

Votou-se incluir a reforma do calendário na agenda do Concílio do Vaticano II (Aberto em 1962).

O objetivo dos reformadores do calendário dentro do Vaticano parece, basicamente, ser estabelecer a data da *Páscoa e desta maneira aumentar a chance de união, inicialmente entre o Papado e as igrejas Cristãs Ortodoxas orientais — cuja observância da Páscoa em data diferente da observada em Roma é uma pedra de tropeço para a unidade — e eventualmente com o restante da Cristandade. A reforma do conselho do Cardeal Amleto Cicognani, presidente da Comissão Preparatória das Igrejas Orientais, é essencialmente o plano do Calendário Mundial. O Calendário sugerido incorpora os dias familiares vagos, o dia extra de cada ano sendo referido como um “Feriado Mundial”, e o dia extra dos anos bissextos como “Dia Bissexto”.

A segunda sessão do concílio, por votação de 2.058 a 9 (1 em branco), fez estas recomendações na forma da emenda ao quinto capítulo do esquema do concílio sobre a liturgia, aqui traduzido do texto Latino.

Uma Declaração do Segundo Concílio Ecumênico do Vaticano sobre a Revisão do Calendário. O Segundo Sagrado Concílio Ecumênico do Vaticano, reconhecendo a importância dos desejos expressos por muitos concernentes à determinação da Festa da Páscoa a um domingo fixo e a respeito de um calendário imutável, tendo

considerado cuidadosamente os efeitos que poderiam resultar de uma introdução de um novo calendário, declara o seguinte:

1. O sagrado Concílio não objetaria se a festa da Páscoa fosse determinada a um domingo específico do calendário Gregoriano, salvo que aos que possa interessar, especialmente os irmãos que não estejam em comunhão com a Diocese Apostólica, dêem sua aprovação.

2. O Sagrado Concílio de igual modo declara que não se opõe aos esforços despendidos para introduzir um calendário perpétuo na sociedade civil.

Mas entre os vários sistemas que estão sendo sugeridos para estabelecer um calendário perpétuo na vida civil, a Igreja não tem objeções somente no caso de esses sistemas, que preservam e salvaguardam uma semana de sete dias com o domingo, sem a introdução de quaisquer dias além da semana, para que a sucessão de razões possa ser deixada intacta, a menos que haja uma questão de razões mais sérias. A respeito desta a Diocese Apostólica julgará.

A reforma do calendário continua a ser estudada no Vaticano depois da decisão do Concílio do Vaticano II apoiando o ciclo atual da semana. *L'Osservatore Romano* (Nº 95, p. 3., 24 de março de 1964), advoga um dia intercalado. O escritor Serafino M. Sarb, defende dias intercalados no passado. *La Civilta Cattolica (*Anno 115, 20/06/1964) sugere que o Dia de Natal seja um dia "vago", fora da semana, assegurando a observância religiosa de um dia extra. Desta maneira, pensava-se que a interrupção do ciclo semanal não seria objetável às autoridades religiosas cristãs. Outro artigo em *L'Osservatore Romano* (nº 155, 8 de julho de 1964, p. 7) revisa o problema do calendário e as várias sugestões sem advogar qualquer plano particular embora não declarando nenhuma objeção séria ao dia vago. O objetivo principal da Igreja Católica Romana é obter uma data fixa para a Páscoa.

Um livro, *La Misura do Tempo* (1969), do Prof. G. Imbrighi, erudito do Vaticano, escreveu uma história do calendário e sugeriu que um dia “vago” resolveria os problemas do presente calendário Gregoriano.

Teoria dos Cinqüenta Dias. Esta hipótese declara que havia sete dias “vagos”: no calendário Judaico anterior ao reinado de Salomão. Proposto pelo Prof. Julius Lewy e sua esposa, Dra. Hildegard Lewy, esta teoria recebeu ampla circulação pelo Rabi Julian Morgenstern, antigo presidente do Hebrew Union College, em Cincinnati, EUA. O Dr. Morgenstern incluiu essa conjectura em um material para o *The Interpreter’s Dictionary of The Bible* (vol. 4, artigos “Sábado” e “Semana”). A teoria, baseada em Lev. 23:15, 16, postula 7 períodos de 50 dias mais 2 semanas de festivais em cada ano judaico. Cada um dos períodos compreendem sete semanas de 49 dias tendo o 50º dia fora do ciclo semanal. A Associação do Calendário Mundial deu a essa suposição ampla circulação.

Propostas Congressionais. Desde 1965, têm sido introduzidas propostas para uma mudança em cada sessão do Congresso dos Estados Unidos. Uma explicação detalhada do calendário inventada pelo Padre Evarist Kleszcz, foi impressa no *Congressional Record* de 26/01/1965. Este calendário não interrompe o ciclo semanal mas requer uma “semana bissexta” a cada 5 ou 6 anos. Circulares apoiando o Calendário Perpétuo de Edwards cessaram no comitê nos Congressos de número 85, 90, 91 e 93.

Circulares para o Calendário Gregoriano Ajustado, inventado por A. F. Beine, cessaram nos comitês 91 e 92 do Congresso. Em 1974, o Congressista Gilbert Gude (R-Md) propôs (H. R 14.092) que o 93º Congresso destinasse $100.000 para o estudo do melhoramento do calendário. A circular não foi agendada por falta de interesse público.

Dias da Semana Renumerados. Em 1971, a Organização Internacional para Padronização (ISO) de Genebra, Suíça, recomendou (Resolução R 2.015) "para o propósito da renumeração da semana, o primeiro dia da semana será a segunda-feira". Este plano não altera o calendário Gregoriano e mantém a seqüência do ciclo semanal sem interrupção. Porém, ele interrompe a numeração do calendário dos dias da semana designando a segunda-feira como o primeiro dia da semana, e domingo como o sétimo dia. No *Novo Testamento, o domingo é consistentemente referido como "o primeiro dia da semana". A Finlândia adotou oficialmente este método do calendário para numerar os dias da semana.

Feriados de Segunda-Feira. O presidente Lyndon Johnson assinou o "Feriado de Segunda-Feira" Act. 28 de junho de 1968. Desde 1º de janeiro de 1971, quatro feriados sempre caem na segunda-feira. São eles: o dia do Presidente (3ª segunda-feira de fevereiro), *Memorial Day* (última segunda-feira de maio), *Columbus Day* (2ª segunda-feira de outubro), e o dia dos *Veteranos* (4ª segunda-feira de outubro).

Psicologia. Os ASD sentem que adulterar o calendário poderia preparar a mente dos homens para futura mudança. Embora nem a designação do domingo como o sétimo dia interfira no ciclo semanal, essas mudanças poderiam condicionar a mente para alterações mais substanciosas. Homens que se acostumaram à mudança, poderiam ser inclinados a aceitar até o dia "vago" sem uma mente crítica.

CÂMARA, DAVI DE ANDRADE. (1898-1983). *Colportor pioneiro. Nasceu em 1898. Em 1906, tornou-se Adventista e em 1918 ingressou na *Colportagem, servindo na região de Ibicará, BA, sendo, portanto, um dos pioneiros do local.

Estudou em 1919 no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), sendo quase formando na primeira turma de 1922.

Casou-se com Joaquina Chagas Câmara de cuja união nasceram: Ruy Câmara e Milca Câmara.

Faleceu no dia 1º de novembro de 1983, aos 85 anos de idade.

CAMPANHA NACIONAL DE EVANGELISMO (NACIONAL 89). Campanha Evangelística realizada no território nacional em l989, patrocinada pela *Divisão Sul-Americana da IASD, Uniões e Associações (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**), com o objetivo de alcançar os não alcançados através do Testemunho na Nacional 89.

Duas fases foram propostas: Evangelismo da Semana Santa e Evangelismo da Primavera, realizado por Pastores, obreiros voluntários, famílias, escolas paroquiais, desbravadores, jovens e a igreja, juntamente com seus departamentos.

O material básico utilizado foi o seminário “As Revelações do Apocalipse”. Outros: Lição da *Escola Sabatina, *slides*, selos para Bíblia, distintivos e adesivos para veículos da Nacional, cartazes, revista especial, videocassetes e convites.

Cursos por correspondência também foram oferecidos como: Encontro com a Vida, Família Feliz e o Mundo do Amanhã e os *Estudos Bíblicos: Jesus em breve virá, Nas pegadas do Salvador e Pesquisa de Verdade.

Folhetos: Urgente, *Centro Educacional Ilustrado (CEI), Verdades Bíblicas e porções Bíblicas da Sociedade Bíblica do Brasil.

O calendário para o 1º semestre de 1989 consistiu de:

1. Treinamento com cursos em audiovisual com *slides*, minicassetes e videocassetes.

2. Cursos de Oratória com o objetivo de aperfeiçoar técnicas de comunicação.
3. Curso de Treinamento através do testemunho por Cristo.
4. Festival da Nacional com encontros regionais e gratidão a Deus. Hinos: “Grande Alegria”, “Nacional”, “Graças”.
5. Culto de pôr-de-sol do Ano Novo.
6. Cultos devocionais familiares com os temas da sacudidura, chuva serôdia, tempo de angústia, etc.
7. Dia Nacional do jejum - 18/02/1989.
8. Nacional da Vigília - 25/02/1989.
9. Retiros especiais de carnaval.
10. Proclamação da Campanha Nacional - 04/03/1989.
11. Dia Nacional do Louvor - 12/08/1989.
12. Plano da Semana Santa - 18 a 26/03. Foi planejado com Escolas Cristãs de Férias e folhetos para o preparo das classes bíblicas, dos batismos mensais, o grande batismo de 05 de agosto e o batismo da primavera em 23 de setembro.

A segunda fase iniciou-se em 26 de agosto. A grande meta desta fase foi o estabelecimento de uma nova congregação por distrito, fortalecimento das congregações já existentes e atingir cada lar através do evangelismo voluntário e o envolvimento familiar.

Este intenso trabalho foi financiado e apoiado pela *Divisão Sul-Americana da IASD, *União Central Brasileira da IASD, *Associação Paulista Sul da IASD, e membros da IASD.

CAMPOS, AMADOR ALVES DE (1891-1982). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 22 de novembro de 1891, em São Luís do Paraitinga, SP. Conheceu a mensagem Adventista através da *Colportagem em 1908, batizando-se em 1915.

Foi colportor e, através de seu trabalho, converteu Joaquim Gnutzmann. Faleceu em 9 de setembro de 1983 aos 91 anos de idade, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

CANETTIERI, DOMINGOS (1886-1973). Pioneiro adventista em São Paulo. Nasceu na Itália. Foi um dos primeiros adventistas em São Paulo. Casou-se com Clara Peggal Canettieri, natural de Gaspar Alto, SC; prima de Pr. *Rodolfo Belz.

Faleceu no dia 24 de maio de 1973, aos 87 anos de idade.

CANRIGHT, DUDLEY MARVIN (1840-1919). Antigo ministro ASD e escritor que renunciou sua afiliação à IASD e granjeou preeminência como o “campeão” da oposição teológica aos ensinos ASD. Ordenado ao ministério ASD em 1865, ele se tornou um eloqüente pregador e escritor apologético de considerável habilidade. Ele tomou parte importante na administração da Igreja e por dois anos, foi membro do Comitê da *Associação Geral da IASD. Capaz e bem sucedido, tornou-se intolerante para com a opinião de outros e irritava-se sob o controle administrativo de seus colegas ministros e a estrita orientação de *Ellen G. White. Ele também demostrou instabilidade de temperamento, resfriando seu coração e perdendo a fé quando experiências desagradáveis lhe ocorriam. Diversas vezes antes de sua separação da Igreja, deixava o ministério e então retornava e o realizava com grande ânimo. Uma visão de maior aquisição em trabalhar para uma causa mais popular do que a dos ASD finalmente o levou a abandonar e a separar-se da Igreja em fevereiro de 1887. Em abril daquele ano ele foi ordenado ministro da Igreja Batista de Otsego, Michigan, seu lar. Dois anos mais tarde, ele rejeitou o cargo e começou a dedicar seu tempo escrevendo contra os ASD. Em 1889, publicou um livro intitulado *Seventh-Day Adventism Renounced* (“O Adventismo do Sétimo Dia

Renunciado”). No livro, ele expôs argumentos contra a doutrina de um iminente retorno de Cristo, negou a natureza vigente dos *Dez Mandamentos, rejeitou o ministério de Ellen G. White, ridicularizou os líderes da Igreja e predisse o breve colapso do movimento ASD. As idéias de Canright são revisadas, analisadas e refutadas no livro de William H. Branson *Em Defesa da Fé* (*Review and Herald*, 1933).

Devido a um acidente, teve uma perna amputada e sua saúde deteriorou-se. Rejeitado pelos Batistas, viveu solitário seus últimos dias. Canright faleceu no dia 12 de maio de 1919, após dias de aflição e desenganos. Poucas pessoas assistiram a seu funeral. As palavras de Ellen G. White: “ . . . vosso sol se porá em obscuridade” (II*ME*, 163) se cumpriram com assombrosa precisão.

CARNE. Veja **Dieta.**

CARTA DA IGREJA. Veja **Igreja Local**.

CARVALHAES, IZAURA AZEVEDO LÖHRS (1906-1982). Primeira Secretária da *União Este-Brasileira da IASD, onde, trabalhou por 31 anos. Aposentou-se em 1962 por motivos de saúde.

Faleceu no dia 19 de fevereiro de 1982, aos 76 anos de idade, em Niterói, RJ.

CARVALHO, JOSÉ DARCI (1908-1979). Professor. Formou-se na Faculdade de Teologia sendo de 1940 a 1945 professor no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Casou-se com Maria de Carvalho e ambos aceitaram o chamado para trabalhar como obreiros em Mato Grosso.

Em 1946, José Darci Carvalho foi para o Paraná, a fim de dirigir o *Instituto Adventista Paranaense (IAP), quando este ainda funcionava

em Butiá, Curitiba, PR. Em 1948, foi transferido para o distrito de Arapongas, PR, e em 1951, por motivos de saúde, veio a aposentar-se.

Faleceu no dia 10 de junho de 1979, aos 71 anos de idade, em Maringá, PR.

CARVALHO, MANASSÉS ALVES DE (1917-1994). Pioneiro adventista e *Colportor. Foi colportor durante 12 anos e por seu trabalho surgiram a IASD de Irajá e os primeiros adventistas da cidade Três Rios, RJ.

Faleceu em 1994, aos 77 anos de idade, no Rio de Janeiro.

CASA DE SAÚDE LIBERDADE. Veja **Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.**

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA (CPB). Localiza-se na Rodovia SP 127, Km 106, em Tatuí, São Paulo, para onde mudou em 1987. É a maior publicadora Adventista da América Latina. Está construída num terreno de 534.094 m², aproximadamente 22 alqueires. É administrada pela *União Central-Brasileira da IASD.

O trabalho de publicações no Brasil começou no Rio de Janeiro, em 1900, com a publicação de *O Arauto da Verdade* que continha 16 páginas e foi impresso na impressora particular *Typographia e Lythographia*, da firma *Almeida Marques e CIA*, sob a liderança de *W. H. Thurston. Sob a editoria de *Guilherme Stein, surgindo *O Arauto da Verdade* em julho de 1900. Assim iniciou a Impressora Adventista no Brasil.

A redação de “O Arauto” era na residência de Thurston que chegara ao Brasil em 1894 com 2 caixas de livros e revistas produzidos pela *Review and Herald Publishing Association* e pela *Pacific Press*. A literatura era escrita em alemão, inglês e pouquíssima coisa em

espanhol. Foi assim que se criou a 1ª Sociedade de Tratados no Brasil, embrião da CPB.

Em 1903, *John Lipke, *Huldreich F. Graf e *F. W. Spies debateram a necessidade de ter uma topografia própria para se publicar literatura adventista em língua portuguesa.

Em 1904, foi impressa na tipografia de Gundlach S. Becker, de Porto Alegre, uma série de 5 folhetos, posteriormente englobados num livro intitulado "Instrução Bíblica". Neste mesmo ano a Conferência Brasileira, com sede no Rio Grande do Sul, adquiriu em Taquari uma chácara onde seria estabelecida uma escola e a futura tipografia. Ainda em 1904, John Lipke retornou aos EUA a fim de obter recursos para a página impressa. Assim, além de conseguir 1500 dólares, ele conseguiu uma prensa manual, resgatada do incêndio de Battle Creek, em 1903 e que foi doada pelo Colégio Missionário Emmanuel.

*Jorge Sabeff, impressor e tipógrafo adventista vindo dos EUA, era quem operava a prensa manual. A gráfica começou a funcionar portanto, com um prelo doado, nas 3 salas emprestadas pela escola primária.

Foi fundada em 1904, em Taquari, RS.

Em 1905, *Augusto Preuss, tipógrafo, seu irmão *Leopoldo Preuss, aprendiz, juntamente com Jorge Sabeff começaram o trabalho e em 10 de maio desse ano, completou-se a impressão de 2000 exemplares de *O Arauto*, de 6 páginas, que mais tarde mudou o título para "Sinais dos Tempos", depois **Revista O Atalaia* e finalmente **Revista Decisão*. Nessa época cada exemplar avulso era vendido a 500 réis e 400 réis a assinatura anual.

No dia dois de novembro de 1905 chega ao Brasil *Augusto Pages, a fim de dirigir a Editora Brasileira quando estava sendo instalada em Taquari junto ao edifício da Escola Missionária, com 96 páginas, intitulado *A Vinda Gloriosa de Cristo*. Sua 2ª edição, publicada

em 1909 em São Bernardo, saiu com o título de "A Gloriosa Aparição de Cristo".

Em janeiro de 1906, surgiu o primeiro número da "Revista Trimestral", atualmente "*Revista Adventista", órgão oficial da Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil.

Em quinze de fevereiro de 1907, numa conferência do RS, foi difícil mudar a tipografia mais para o centro do Brasil. Durante essa mesma assembléia, levantou-se uma oferta que rendeu 600 mil réis para ajudar nas despesas dessa mudança e nesse mesmo ano foi adquirida uma chácara perto da Estação São Bernardo.

A mudança ocorreu rapidamente, sendo o último *Arauto* impresso em Taquari em 1907. Neste mesmo ano mudou-se para a Estação São Bernardo (atualmente Santo André).

Em 1908, já na nova instalação, saiu do prelo o livro *Vereda de Cristo* (Caminho a Cristo) e em 1914, anunciou-se a publicação de uma revista de 16 páginas, sobre saúde e higiene, intitulada **Revista Vida e Saúde*.

Em 1917, começou a funcionar a tipografia-máquina de compor, precursora de Linotipo.

Em abril de 1920, a *Sociedade Internacional de Tratados do Brasil* passou a denominar-se *Casa Publicadora Brasileira*, com 27 obreiros formando o corpo de funcionários.

Com a chegada da primeira linotipo em 1921, é lançada a primeira edição do livro *O Grande Conflito*.

Em 1925, no *Seminário Adventista (Veja **Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia SALT**), realizou-se a primeira convenção do Departamento de Publicações no Brasil, na Grande Exposição de SP, comemorativa do IV Centenário de São Vicente em 1933 e na Exposição Farroupilha em Porto Alegre em 1935, A CPB teve premiados vários de seus livros.

De 1940 a 1949, 43 obras saíram do prelo da CPB. Em julho de 1953, foram lançadas: **Revista Nosso Amiguinho* e em 1958, a **Revista Mocidade*.

Na década de 1960, 111 obras de literatura foram publicadas. Novas instalações foram construídas e surgiu o Departamento de Arte, dirigido por Henrique Kaercher.

Já na década de 70, valiosas máquinas foram adquiridas, novos métodos jornalísticos na redação foram introduzidos e os primeiros passos para a mudança da CPB foram projetados. Em 1979, realizou-se na CPB, em Santo André, a primeira Casa Aberta, quando todos os seus departamentos foram abertos para visitação e também ofereceu-se literatura denominacional com descontos.

Mudança da CPB Para Tatuí. O fato mais marcante ocorrido na década de 80 foi a mudança da CPB para Tatuí. A decisão foi tomada em janeiro de 1981, por ocasião da XVI ASSEMBLÉIA QUADRIENAL. Em novembro de 1983, a pedra fundamental foi lançada e no alvorecer de 1984, as primeiras estacas marcaram o início das obras da Nova Casa Publicadora.

Com a venda do imóvel em Santo André para a Casa Anglo-Brasileira S.A. Mappin, em 1985, pôde-se continuar mais rapidamente as obras de construção iniciadas em Tatuí em 1984.

O ato inaugural da Nova CPB ocorreu em janeiro de 1987, com a presença do Pr. Neal Wilson, presidente mundial da IASD, o Pr. Enoch de Oliveira, vice-presidente mundial da IASD, o Pr. João Wolff, presidente da *Divisão Sul Americana da IASD e também o presidente da mesa administrativa da CPB e o Sr. Joaquim Quevedo, prefeito municipal de Tatuí, além de autoridades civis, eclesiásticas e militares e representantes de todos os segmentos administrativos da IASD, num público total de 2.000 pessoas.

Hoje na atual sede de Tatuí há 16.743 metros quadrados de área construída, tem-se o dobro da área industrial vendida em Santo André e

4 residências. Novos equipamentos foram adquiridos como máquinas importadas tais como a Offset Heidelberg Speedmaster em 4 cores, uma costuradeira semi-automática Neotype, e uma Smith, modelo Freccia 120, uma prensa de cópia metal Halóido, uma empilhadeira Loyota, um terminal de Vídeo SID, dobradeiras automáticas, Impressora 160 CPS, Copiadora Nashua MD 3.020, dois Micros AD-500, um Micro M-200, Coleiro Lateral para máquina Pony, Grampeador Lateral Completo Müller Martini; Conjunto Alimentadores Müller Martini modelo 888 para grampeadeira, máquina rotativa Harris Graphics modelo V 15-H, com 5 unidades de cores e capacidade para produzir 23 a 25 mil ???? páginas por hora, Máquina automática para encadernar livros, Müller Martini, modelo Monostar 3006 -18/21.

O setor de fotocomposição tem recebido também grandes contribuições. Até meados de 1987, a CPB possuía 2 fotocomponedoras Compugraphic e desde de setembro de 1988, já trabalha também com uma nova fotocomposição ZCompugraphic. Assim, a CPB está utilizando todos os recursos modernos disponíveis na informática para o avanço da literatura adventista no Brasil. contando atualmente com cerca de 70.000 programas sendo utilizados. Foi adquirida RISC/UNIX para controle dos bancos de dados administrativos e de assinatura de revistas e periódicos.

*Alguns Eventos***.** Em 1988, a Turma do Noguinho, criada em 1972, passou da representação gráfica para a apresentação ao vivo. Heber Pintos foi o desenhista que criou a imagem gráfica das personagens.

A CPB teve notória participação na X Bienal Internacional do Livro, fazendo parte de um dos 913 expositores, aberta ao público de vinte e seis de agosto de 1988 a quatro de setembro de 1988, recebendo 804 mil visitantes. Assim, ao mesmo tempo, a CASA divulgou sua literatura e apresentou ao vivo a Turma do Noguinho e personagens.

Em onze de setembro de 1988, foi realizada a I Casa Aberta em Tatuí, pois em anos anteriores não havia condições suficientes. Esse evento teve a participação de 10 mil pessoas.

Dentre as atividades espirituais, realizaram-se na CPB 6 semanas de Oração, oficializadas por diversos pastores. Há também um grupo vocal chamado Novo Canto que é formado por funcionários e obreiros da editora, com a finalidade de divulgar a mensagem adventista por todos os lugares.

Literatura. Uma comparação entre janeiro/1994 e janeiro /1995 mostra o crescimento na venda de literatura: 477% para livros encadernados; 140% para brochuras; 139% para as revistas de colportagem e 87% para a literatura denominacional. Segundo o Pr. Pedro Machado, gerente de vendas, o mês de novembro de 1994 registrou a maior venda mensal em toda a história da editora.

A CPB tem publicado livros sobre diversos temas tanto para crianças, como para adultos, jovens, juvenis e adolescentes.

Em relação ao *Espírito de Profecia, o Brasil ocupa o 1º lugar no mundo em número de livros do Espírito de Profecia em outra língua além do inglês. Possui traduzidos em português 50 livros e 12 meditações matinais do Espírito de Profecia que somados totalizam 62 obras.

Os livros didáticos também têm tido grande divulgação e aceitação. Seu principal objetivo é atender às recomendações e advertências do Espírito de Profecia quanto ao dever de proteger os alunos da influência de livros que não se harmonizam com os princípios adventistas. Eles também são oferecidos às escolas públicas e particulares.

Em outubro de 1987, a CPB recebeu o maior pedido de livros registrados: 122.960 livros escolares da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), sendo distribuídos para algumas escolas do país. Em

agosto de 1988, a FAE fez outro pedido superior ao primeiro: 125.374 livros, o maior da história da CASA.

Os livros didáticos adventistas abalam a estrutura evolucionista, abrem portas ao evangelismo, educam integralmente e colocam Deus acima de todas as coisas.

De 1984 a 1988, cerca de 80 livros diferentes foram publicados; no entanto, os impressos missionários são o tipo de literatura que tem as maiores tiragens, devido às grandes quantidades utilizadas pela igreja.

De 1979 a 1989, foram publicados 13.395.300 livros, entre livros de colportagem, denominacionais e didáticos e 46.355.050 folhetos.

A editora possui atualmente (1995) cerca de 320 funcionários e 56 máquinas distribuídas respectivamente: 11 no Setor de Impressão; 23 no Setor de Acabamento; 07 no Setor de Fotocomposição; 06 no Setor de manutenção; 06 no Setor de Fotomecânica e 03 no Setor de Expedição de Livros e Periódicos.

A Casa Publicadora Brasileira ocupa atualmente o 2º lugar no mundo entre as publicadoras adventistas.

Gerentes: Augusto Pages (1905-1921); R. C. Gray (05/1922); M. V. Tucker (1922-1926); C. E. Schofield (alguns meses de 1926); *Frederico Weber Spies (1927-1932); *John Berger Johnson (1933-1937); *H. B. Fisher (poucos meses de 1937); Emílio Doenhert (1938-1949); *Domingos Peixoto da Silva (1949-1951); *Bernardo E. Schuenemann (1951-1976); Wilson Sarli (1977-1984); *Carlos M. Borda (1985- abril/1995); (abril/1995-).

CASTELANI, OSCAR MARTINS (1898-1961). *Pastor e administrador. Nasceu no dia 03 de setembro de 1898, em Araraquara, SP. Foi batizado em Nova Odessa, interior deste Estado, em 1927, pelo Pr. *José Amador dos Reis, seguindo para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), a fim de preparar-se para ser um ministro.

Graduou-se em 1930 e recebeu um chamado para o Nordeste, onde trabalhou como Pastor e evangelista. Foi presidente da Missão Nordeste, com sede em Recife. Contribuiu para a fundação do *Educandário Nordestino Adventista (ENA). Nesta época manifestou-se sua enfermidade.

Foi transferido pela organização devido ao seu estado de saúde ter-se agravado. Veio para São Paulo e estabeleceu-se na Cidade de Nova Odessa. Entretanto, ainda aceitou o convite da *Associação Paulista da IASD para exercer o cargo de gerente e capelão da *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP).

Faleceu no dia 10 de abril de 1961, aos 63 anos de idade, em São Paulo, SP.

CASTILHO, JOÃO MOREIRA DE (-1961). *Pastor pioneiro. Batizou-se em 1915 no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), onde estudava. Em 1917, formou-se, e logo foi ordenado como ministro. Aproximadamente em 1921, casou-se com Tereza Castilho e desta união nasceram 7 filhos, dentre eles o Pr. Elias Moreira. Trabalhou como ministro até 1927. Durante seu ministério, fundou a igreja de Paranaguá, PR. Alguns motivos o levaram a deixar o ministério, dedicando-se a outros afazeres, porém permaneceu fiel à fé Adventista. Trabalhou mais de 10 anos na fábrica de *Produtos Alimentícios Superbom Ind. e Com. Ltda. Faleceu no dia 15 de junho de 1961.

CATRE. Veja **Centro Adventista de Recreação e Treinamento.**

CAULING, JOÃO. (1862-1935). *Colportor pioneiro. Morava em Mãe Luzia, SC, onde reunia-se o primeiro grupo de crentes da localidade.

Por longo tempo, desde sua mocidade, dedicou-se ao trabalho da *Colportagem e à pregação do Evangelho.

Faleceu no dia 17 de agosto de 1935, aos 73 anos de idade, em Mãe Luzia, SC.

CENTO E QUARENTA E QUATRO MIL. O grupo especial dos santos "selados", mencionado em Apoc. 7:4 e 14:1, descrito como consistindo de 12.000 de cada tribo das 12 tribos de Israel. São identificados como as primícias a *Deus e ao *Cordeiro, "redimidos dentre todos os homens." O selamento dos 144.000 é descrito após a descrição dos eventos sob o "sexto selo" (Apoc. 6:12-17, cap. 8:1), que incluem a *Segunda Vinda de Cristo e o grande dia da Sua ira. João viu "quatro anjos . . . segurando os quatro ventos da terra para que nenhum vento soprasse sobre a terra nem sobre o mar nem sobre nenhuma árvore" até que os "servos" de Deus tenham sido selados . . . em suas frontes" (cap. 7:1-3). No contexto do sexto selo, os ventos representariam contendas, confusão e calamidades naturais que, no Apocalipse, estão associados ao grande dia da ira de Deus e particularmente com as *Sete Últimas Pragas (cap. 15:1). Conseqüentemente, a obra de selamento aqui apresentado ocorre no fim da era presente mas antes das grandes cenas do clímax que precede o *Segundo Advento de Cristo.

Em Apoc. 7:3, os 144.000 são selados em suas "frontes", enquanto no cap. 14:1, eles têm o nome do Pai escrito em suas "frontes", fatos que atestam a aprovação divina, aceitação e propriedade. Eles não "se contaminaram com mulheres" mas são "virgens" (v. 4) - recusaram os falsos ensinos da "grande Babilônia, a mãe das meretrizes e das abominações da terra" (cap. 17:5;12:17; 14:8;12). Em sua boca "não há mácula", isto é, são o que parecem ser; apresentam-se sem "mácula perante o trono de Deus". (Apoc. 14:5).

Os 144.000 cantam “um novo cântico” perante o trono” (Apoc. 14:3), que somente eles aprenderam. Em uma situação semelhante no cap. 15:1-3, João escuta o que parece ser o mesmo grupo de pessoas “em pé sobre o mar de vidro,” que “está perante o trono de Deus” (cap. 4:6, cap. 14:3; 15:2) cantando o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o “cântico do Cordeiro”. O cântico de Moisés é um cântico de libertação divina de inimigos prestes a destruir o povo Deus no Mar Vermelho (Êx. 15:1-19; Deut. 31:30 e 32:1-43). Os inimigos sobre os quais a vitória foi conquistada são designados em Apoc. 15:2 como “a *Besta” e sua “imagem”.

Significativamente, a passagem de Apoc. 14:1-5 sobre os 144.000 segue imediatamente a seqüência do número da imagem da besta do capítulo 13, significando que este grupo se recusa a obedecer ao mandamento do capítulo 13:15-16 para adorar a besta e a sua imagem e receber a marca ou número de seu nome. Em vez disso, eles recebem o selo e o nome de Deus.

Posteriormente, a mensagem dos três anjos (cap. 14:6-12), seguindo imediatamente os vv. 1-5, focalizam o culto ao verdadeiro Deus (vv. 6-7) em contraste com o da besta e de sua imagem (vv. 9-11), que constitui uma religião apóstata (v. 8).

Conseqüentemente, os “santos” que aceitam as três mensagens e que são caracterizados no verso 12 como os “que guardam os mandamentos de Deus” em vez de adorar a besta e a sua imagem e que têm a fé em Jesus”, são os santos dos versos 1-5.

De acordo com *John N. Loughborough (*Review and Herald*, 14 de junho de 1906), o interesse ASD na mensagem do selamento e dos 144.000 começou em 1848, quando alguns adventistas não guardadores do sábado saudaram a epidemia de revoluções na Europa como a fase de abertura da batalha do grande dia de Deus e as batidas misteriosas em Hydesville, New York — também em 1848 — com a chegada dos espíritos predita em Apoc. 16:13-14, que deveriam sair e reunir as

nações para o *Armagedom. Os ASD negaram isto e afirmaram que os 144.000 devem ser selados primeiro:

> Há uma mensagem por vir que tem o selo, e descobrimos esta mensagem no sétimo capítulo de Apocalipse e estamos saindo para dar esta mensagem.

O *Sábado foi identificado com a mensagem do selamento de Apoc. 7, e, como resultado, o sábado veio a ser visto como o *Selo de Deus. “A posição de nosso povo então”, disse Loughborough, “foi a de que a obra de selamento naquele tempo estava sendo efetuada e que alguns dos 144.000 estavam, então, sendo selados”. Durante os anos seguintes, *Ellen G. White repetidamente falou da obra de selamento atualmente em processo. (*PE*, pp. 36-38, etc.)

Conseqüente à crença de que todos os que aceitaram a mensagem e o sábado estavam sendo selados, havia a crença de que qualquer que morresse, não iria, naquele dia, participar junto com os 144.000, mas ressurgiria em uma ressurreição especial para se unir a seus irmãos que permaneceram vivos até a vinda do Senhor (I Tim. 4:13, 16). Loughborough seguiu explicando que os que aceitaram —

> a fé original sobre o assunto dos 144.000 afirmava que alguns estavam, então, sendo selados e que deveriam estar entre os ressurretos no tempo de angústia, e estariam entre os 144.000. ... A fé dos guardadores do sábado daquele tempo até algumas modernas “luzes” que vieram em (1906), era de que os que morreram na fé estavam entre os selados, e faziam parte dos 144.000.

Loughborough então prosseguiu em reconciliar a aparente discrepância entre a idéia de que os 144.000 são todos santos vivos (veja abaixo) e a crença de que todos os que morreram na fé, na mensagem do terceiro anjo, também serão numerados entre aquele grupo privilegiado. Ele explicou isto baseado em que, seguindo a

terceira mensagem de Apoc. 14:9-11, uma bênção especial é pronunciada sobre aqueles (v. 13) que aceitam a mensagem (como aliada ao sábado), e identificou esta bênção como privilégio do ressurgimento em uma ressurreição especial no início da sétima praga, ou "grande tribulação", e estarão, de fato, entre os santos vivos no tempo da ressurreição geral dos justos.

Dois artigos sobre o assunto foram escritos por *Tiago White (*Review and Herald*, 9 de maio de 1854) e por *Urias Smith (*Review and Herald*, 3 de julho de 1856). Smith argumentava que a obra de selamento precede as sete últimas pragas porque elas estão incluídas nos "ventos" que os quatro anjos retêm. Na edição de 30 de julho de 1861, ele identificou os 144.000 como "os que seriam transladados (sem provar a morte) na vinda de Cristo. "White localizou o tempo de selamento pela localização contextual da mensagem entre o sexto e o sétimo selos. Ele descartou o argumento de que os 144.000 são judeus literais com base em que, se assim o fosse, os nomes das 12 tribos que estão nos portões da cidade torná-la-iam, logicamente, uma cidade estritamente de judeus.

Smith (*Thoughts on Revelation*, 1865, pp. 131-134) identifica os 144.00 como a última geração de cristãos, os cristãos de nossos dias, e o Sábado como o selo de Deus. Ele explica que os 144.000 são designados como pertencendo às "12 tribos de Israel" com base em que no N.T. os que creram em Cristo constituem "a semente de Abraão" (Gál. 3: 28, 29), ou o *Israel Espiritual (Rom. 2:28,29).

Quanto a quem constitui os 144.000, White explicou que —

> Os que morrem sob a terceira mensagem angélica são parte dos 144.000; não 144.000 em acréscimo a estes, mas estes ajudam a formar o número. Eles são ressuscitados à vida mortal pouco antes de Cristo vir, e . . . mudados para a

imortalidade quando Cristo aparecer. (Tiago White, *Review and Herald*, 23 de setembro de 1880).

Quanto ao número 144.000, Smith escreveu mais tarde:

> O número 144.000 deve significar um número definido, composto do mesmo número de indivíduos. Não pode ser um número maior e indefinido pois no verso 9, outra companhia é introduzida que é indefinida em suas proporções e por isso é referida como "uma grande multidão, que nenhum homem pode contar".

Todavia, ele pensava que o cômputo real pudesse ser ainda maior do que este:

> Os 144.000 podem incluir somente os homens adultos ligados ao grande movimento do Advento, enquanto as mulheres e crianças associadas com o mesmo movimento seriam suficientes para serem salvas naquele dia. A plausibilidade desta idéia está no fato de que os hebreus tinham esta numeração quando saíram do Egito e da escravidão, que era um figura de libertação do remanescente do verdadeiro Israel do Egito deste mundo na vinda do Senhor. (*Ibid.*, p. 505).

Baseado nisto, ele sugeriu que poderia realmente haver mais de 700.000 pessoas no grupo, inclusive mulheres e crianças. Mas ele não vê onde tão grande grupo pode ser encontrado para ser qualificado. Quanto a se os que morreram na fé na mensagem do terceiro anjo devem ser ressuscitados para se unirem aos 144.000, ele escreve:

> Representam os 144.000 somente aqueles que nunca experimentaram a morte? — Não, absolutamente. As condições da profecia tornam necessário que muitos que

> agora estão em suas sepulturas devam ser incluídos nos 144.000.

É aparente que Smith defendia que muitos dos que morrem no Senhor dever ser contados com eles. O selo de Deus é o sábado, e os que o aceitam devem portanto ser incluídos nos 144.000. Ele conclui:

> Desta forma, a evidência parece clara e conclusiva de que os 144.000 são reunidos da última geração antes que Cristo venha; que eles são trazidos para fora pela mensagem do terceiro anjo; que até mesmo dentre eles que morrem na mensagem são abençoados, sendo restaurados ao número por uma ressurreição antes que Cristo apareça (*Ibid*., p. 506; veja também, 7 de setembro de 1897).

Os 144.000 afiguram-se notavelmente na descrição, de Ellen White, do grande clímax que precede a Segunda Vinda de Cristo. No *Grande Conflito*, p. 649, seu cântico é dito ser "fruto de sua experiência" ao passar "pelo tempo de angústia como nunca houve" e "a angústia de Jacó"; também porque passaram pelas sete últimas pragas. De acordo com sua primeira descrição sobre o fim de 1844 (*PE,* 15, 16), "os santos vivos" são os "144.000" em número no tempo em que a voz de Deus é ouvida anunciando "o dia e a hora da volta de Jesus". Como "os santos vivos" e, em contraste com os santos que são ressuscitados na vinda de Cristo (cf. I Tim. 4:16-17), eles reconhecem "seus amigos que lhes foram ceifados pela morte. "No céu, somente eles têm o direito de entrar no santo templo. Seus nomes estão gravados em ouro, em tábuas de pedra (v. 19). Eles triunfam sobre o decreto de morte aos santos (Apoc. 13:15) que precipita o *Tempo de Angústia de Jacó.

Em resumo, os ASD crêem que os 144.000 são os santos que, pela providência de Deus, vivem os eventos do clímax final que precedem o retorno de Cristo. Os ASD não encontram qualquer clara

indicação se exatamente 144.000 indivíduos estão envolvidos ou se o número é figurativo.

Alguns pensam que a evidência tende a favorecer um número literal, baseados na descrição de Ellen G. White deles como os “santos vivos”. Outros, apontando para a natureza simbólica das profecias do Apocalipse, ressaltam que se o número de selados de cada tribo deva ser considerado de judeus literais, e a *Nova Jerusalém, sobre cujos portais aparecem os nomes das tribos, deve ser estritamente uma cidade de judeus, construída somente para judeus literais. Eles declaram também que precisamente 12.000 de cada tribo sugeriria uma seleção arbitrária da parte de Deus, e que em outra parte do *Novo Testamento cristãos gentios são comumente citados como constituindo “Israel”.

CENTRO ADVENTISTA DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS (Lar Adventista da Velhice). Localiza-se na Rua Celavisa 18, Jardim Alvorada, SP, próximo ao *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Pertence e é mantido pelo Departamento de Assistência Social da *Associação Paulista Sul da IASD.

Atualmente possui 12 quartos, 6 banheiros, prédio térreo, despensa, lavanderia, rouparia, depósito e capela, e 3 casas para casais idosos e 1 para o administrador. Abriga ainda 24 idosos internos e possui um corpo de 10 funcionários.

O Lar Adventista da Velhice, como era antigamente chamado, foi idealizado em 1948 por *Germano Conrad e esposa. Com a participação de várias *Sociedades Beneficentes de Dorcas, da região de São Paulo, ergueram-se fundos e em 1950, o lar foi aberto, com a capacidade para 25 pessoas, sob a liderança do Pr. João Linhares, Leandro de Vicenzo e Laurinda de Vicenzo.

Em 1987, a *Golden Cross Assistência Intencional de Saúde, financiou recursos para a ampliação geral.

Em 1989, houve a mudança no nome da Instituição de Lar Adventista da Velhice para Centro de Assistência de Convivência para Idosos.

São desenvolvidas por eles algumas atividades: as senhoras que podem, fazem trabalhos manuais e os senhores regam as plantas e desempenhos pequenos cuidados com o jardim. Eles comemoram todos os aniversários, Dia do Ancião e Dia do Vovô e Vovó.

Um dos fatos que marcou a história do Centro foi o Ano Internacional do Idoso, com o casamento de Roberto Bekendorf e Elvira Perebone.

Diretores: Germano Conrado (1950-1955); Fernando Garcia (1956); Odorino Souza (1967); Benedito Lisboa (1959-1960); Benoni Teixeira (1961); Antônio Torres (1962-1963); Frida Lopes (1964-1971); Romualdo Ferreira da Silva (1971-1974); Antônio Torres (1974-1976); Evaldo Krähenbühl (1976-1982); José Mendes (1982-1985); Alvino Xavier de Campos (1985-1986); Keila Mara Torres Pereira (1987-).

CENTRO ADVENTISTA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE CAXIAS DO SUL, RS (CADEC). O Centro Adventista de Desenvolvimento Comunitário, (CADEC) de Caixas do Sul, foi o primeiro a ser implantado no Estado do Rio Grande do Sul.

O Pr. Jorimilson A. Mendes (distrital) e o Pr. Hugo Farias Urzúa (Departamental da ADRA na *Associação Sul-Riograndense, decidiram dar utilidade às 13 salas e 2 salões da Igreja Central, que ficavam ociosas durante a semana. Surgiu então a idéia de um Centro Comunitário. Sua inauguração se deu no dia 09 de outubro de 1992.

A *Agência Adventista de Assistência e Desenvolvimento (ADRA) Internacional doou, através da *União Sul Brasileira da IASD, um equipamento dentário. Atualmente há um gabinete médico e odontológico, com atendimento gratuito à população carente. O

programa mais recente é o fornecimento de uma refeição semanal, aos sábados, para os meninos de rua da cidade.

Cada semana, uma Unidade de Ação é responsável pelo preparo antecipado da refeição, que é servida às 13h. Também são oferecidos cursos de arte culinária, primeiros socorros, cozinha alternativa.

CENTRO ADVENTISTA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO DE FLORIANÓPOLIS, SC (CADEC). Localiza-se na Rua Pio X, l06; Coqueiros; Florianópolis, SC. Pertence e é administrado pela *Associação Catarinense da IASD.

A CADEC não possui sede própria, porém as atividades que desempenha são gratuitas, tais como: consultas médicas, curativos, depósitos de materiais e distribuições de materiais.

A instituição teve seu início em 1983 liderada por Walter Z. Mazur com a participação de Nelson Wolff, Osório F. Santos e Lezi Saito.

Na ocasião, recebeu o nome de Consultório Ambulatorial e foi definitivamente organizada em 23 de maio de l985 com sede no mesmo endereço sendo administrada pelo Dpto. ASA e Administração do campo.

Sua primeira administração era composta por: Diretor: Dr. Irazê Metzker; Secretário: Lezi Saito

CENTRO ADVENTISTA DE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO - OLÍMPIA, SP. Localiza-se na Rua Albano de Almeida Camargo, 414, no Bairro São José Olímpia, SP, com sede própria. Pertence e é administrado pela *Associação Paulista Oeste da IASD.

Esta instituição oferece pré-escola com 2 classes, totalizando 52 alunos e um curso de alfabetização para adultos, ambos em convênio com o Mobral e a Prefeitura.

Além disso oferece assistência social aos pobres no bairro; congrega-se ali um grupo de adventistas. Há um projeto de instalar um consultório dentário em breve.

Primeiramente foi doada pela Prefeitura de Olímpia, SP, uma área de 44 m^2, localizada à Rua Tiradentes, 15, tendo a escritura lavrada pelo então Prefeito Ercilei Parolin, em 15 de dezembro de 1982.

Mais tarde, Álvaro Cassiano Ayusso ofereceu 3 lotes, medindo 23 x 23 m, numa área mais própria para construção do prédio, na Rua Albano de Almeida Camargo, nº 404.

A área de lazer do Centro, recebeu o nome de José Ayusso.

No terreno doado pela Prefeitura, foi instalado uma hora comunitária.

O Centro Adventista de Desenvolvimento Comunitário teve início em 04 de agosto de 1985 sob a liderança do Pr. José N. Rabaneda, com a participação de João Carlos Nazareth, Santo Antônio de Souza, João Carlos Tozo, Paulo Marcelino e outros.

Por ocasião de sua fundação recebeu o nome de Centro de Assistência Social Adventista (CASA).

Sua primeira administração foi composta por:

Diretor: João Carlos Nazareth; Secretário: João Carlos Tozo; Tesoureiro: Odilon Watanabe.

Diretores atuais (1994): Antônio João de Oliveira, José Carlos Barcellos Pereira e Odilon Watanabe.

CENTRO ADVENTISTA DE RECREAÇÃO (CAR). Localiza-se em Cotia, SP. Pertence e é administrado pela *Associação Paulistana da IASD. Está construído em uma área de 16.200 m^2.

Contém quadras esportivas, vestuário, casa do zelador e área para piqueniques e recreação.

O CAR foi adquirido dia 06 de março de 1967 através da escritura assinada pelo Pr. S. Genski, Presidente da Associação Paulistana, na época. O CAR é um centro de lazer e recreação, destinado a servir a juventude de São Paulo (região Sul).

CENTRO ADVENTISTA DE RECREAÇÃO E TREINAMENTO (CATRE). Localiza-se no município de Itapema, SC, há 500m da Estrada Federal Florianópolis, Curitiba.

O CATRE tem servido para a realização de cursos de *Colportagem, treinamento de instrutores de obreiros leigos, cursos para professores, administradores e Pastores.

Em 14 de maio de 1963, a *Missão Catarinense da IASD, comprou uma propriedade para estabelecer uma Sede Adventista de Acampamento. O presidente da Missão Catarinense na época era o Pr. João Wolff. Não tendo recursos, a Missão convocou jovens para a construção, juntamente com a ajuda financeira da *Divisão Sul-Americana da IASD, e da Sociedade M.V.

O primeiro acampamento M.V. foi realizado entre os dias 29 de dezembro a 4 de janeiro de 1964.

Foi construído um refeitório, cozinha e chalés de alojamento, com capacidade para 90 pessoas.

Foi realizada uma série de conferências no refeitório para os moradores dos arredores, com a freqüência de 150 a 200 pessoas todas as noites. Não havendo nenhum Adventista na região, a instalação da sede, propiciou a oportunidade de evangelizar a cidade, existindo atualmente, uma igreja local.

CENTRO ADVENTISTA DE SAÚDE DE PORTO ALEGRE, RS. Localiza-se na Rua José Lins, 581, Três Figueiras, na cidade de Porto Alegre, RS.

Pertence e é administrado pela *Federação Sul-Riograndense da IASD. Seu principal objetivo é atender pacientes ambulatoriais e divulgar a obra de saúde da IASD.

Está construído em uma área de 1200 m², possui 5 consultórios e 2 leitos para observação.

Na área clínica e cirúrgica, o Centro de Saúde oferece as seguintes especialidades: Ortopedia, Neurologia, Neurocirurgia, Gastroenterologia, Dermatologia e Pneumologia.

A equipe compõem-se de 11 médicos, 1 técnico em enfermagem e 5 funcionários.

O principal objetivo do Centro Adventista de Saúde de Porto Alegre é atender pacientes ambulatoriais e divulgar a obra de saúde da IASD.

A Clínica foi inaugurada em 2 de março de 1989, dando início ao atendimento em 6 de março de 1989, por iniciativa da *União Sul-Brasileira da IASD e da *Federação Sul Riograndense da IASD.

Foi inaugurado no dia 03 de março de 1994 o Centro de Vida Saudável (CVS), contribuindo para a divulgação de um estilo de vida mais saudável. Oferece os benefícios da hidromassagem, ginástica, musculação, fisioterapia, sauna seca e úmida, piscina aquecida, palestras, audiovisuais e almoço vegetariano.

Administradores: Dr. João Kiefer Filho (1989); Ivan Batista de Souza (março a julho de 1989); Waldomiro Klu (julho de 1989).

CENTRO DE ESTUDOS TEOLÓGICOS (CET). Localiza-se no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), Engenheiro Coelho, SP. Funciona na *Associação Paulista Leste da IASD (APL), como iniciativa do departamento de Educação, desde fevereiro de 1993. Tem

como objetivos ampliar a esfera de ação da escola junto à comunidade Adventista, conscientizar e capacitar um povo para o cumprimento da *Missão Global e prover a Igreja de membros habilitados para sua administração e expansão do Evangelho.

É um complemento teológico em nível de 2º Grau que é estendido a líderes e membros da Igreja.

O CET é supervisionado pelo *Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT), e tem a duração de 8 bimestres com aulas 2 dias por semana, à noite. O próprio SALT emite o certificado final do curso.

No primeiro período de funcionamento, o CET ofereceu cursos de Homilética e os Evangelhos a 108 participantes, nas dependências da *Escola Adventista de Vila Galvão, SP.

CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE (CPEGW). O Centro de Pesquisas *Ellen G. White do Brasil localiza-se atualmente no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), no município de Engenheiro Coelho, SP. É uma instituição ligada diretamente à sede do Patrimônio Literário de Ellen G. White, sediado na *Associação Geral da IASD (AG), em Washington D.C.. Foi inaugurado inicialmente no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), no dia 20 de setembro de 1979, não como um centro oficial mas como um centro de estudos sobre o *Espírito de Profecia. Funcionava em uma sala do *Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT). O diretor era o Pr. Joel Sarli e as secretárias-tradutoras, Margarida Sarli e Rosângela Rocha Lira. Posteriormente iniciaram-se as negociações entre a direção do IAE/SP e o *Ellen G. White Estate para a implantação de um Centro de Pesquisas oficial. Isso foi possível somente 8 anos depois. A inauguração ocorreu no dia 06 de dezembro de 1987.

O CPEGW foi transferido para sua presente sede em janeiro de 1992, onde recebeu salas mais amplas. É uma propriedade do Ellen G.

White Estate, sendo vinculado à *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA).

Metas. Ele mantém as resoluções e objetivos que o originaram: divulgar os escritos do Espírito de Profecia; traduzir e preparar materiais, responder cartas; estimular o estudo e a pesquisa dos escritos de Ellen G. White e da história denominacional; bem como reconstruir a história da Igreja Adventista no Brasil.

Esse objetivo tem sido cumprido especialmente na obra de tradução, compilação e publicação de materiais alusivos ao *Dom de Profecia e também pelo serviço à Igreja Adventista no Brasil através de esclarecimentos e respostas a correspondências.

O CPEGW promove também programas em várias igrejas adjacentes ao IAE/Ct sobre temas de interesse atual.

Publicações do Centro de Pesquisas E. G. White.

- *101 Questões Sobre o Santuário e Sobre Ellen G. White*
- *20 Princípios Básicos Para o Estudo e a Utilização do Espírito de Profecia*
- *A Humanidade de Cristo*
- *Assuntos Contemporâneos em Orientação Profética*
- *Casamento, Divórcio e Novo Casamento*
- *Conselhos Sobre a Música*
- *Ellen G. White e o Uso de Fontes Literárias*
- *Jantar em Elmshaven*
- *Justificação Pela Fé*
- *Liderança Cristã*
- *Notas e Manuscritos E.G.W.*
- *O Juízo Investigativo*
- *O Movimento Adventista e a Justificação Pela Fé*
- *O Sábado nas Escrituras*
- *Um dom de Luz.*

Seu acervo consta de: arquivo de documentos da história da Igreja; arquivo de perguntas e respostas a indagações feitas ao White Estate; 2.350 livros; 6.000 artigos; 5.100 microfichas com 2 máquinas leitoras, 60 microfilmes de livros raros do Movimento Milerita com 2 máquinas leitoras de microfilmes, sendo que uma é copiadora também; cópia de 50 mil páginas de cartas e manuscritos; 3 manuscritos originais (2 cartas e uma página do livro "*O Grande Conflito*"); concordância de disco-laser, reproduções de documentos, fotos e primeiras publicações da IASD.

São realizadas palestras e programações especiais sobre o Espírito de Profecia por este departamento, nas igrejas, campais e encontros.

Histórico: Conforme vontade expressa no testamento histórico de Ellen G. White foi criado em 1915 uma organização denominada Ellen G. White Estate, Incorporated — Patrimônio Ellen G. White. Cinco homens foram designados como depositários para assegurar a tradução em outras línguas, elaborar e publicar compilações e zelar pelas cartas e manuscritos. O número de depositários cresceu para 7, alguns anos depois devido ao crescimento e necessidade da Igreja.

*William Clarence White, filho da Sra. White, serviu como secretário, fazendo parte do grupo original. Após sua morte, assumiu seu filho Arthur White.

Arthur White teve a idéia de criar centros de pesquisas em várias partes do mundo a fim de promover a divulgação dos livros do Espírito de Profecia e a s*ua tradução em outras línguas*. Atualmente existem 13 Centros de Pesquisas, em todo o mundo, sendo que há um em cada uma das Divisões da IASD.

Diretor: Alberto R. Timm (1987-).

Secretária: Sônia M. M. Gazeta (1988-1995).

CENTRO DE TREINAMENTO DOS JOVENS ADVENTISTAS (C.T.J.A). Localiza-se na Rua Encontro das Árvores, lotes 1 a 5, Itapoã, Salvador, BA, com sede própria. Conta com uma equipe de 12 funcionários.

É desenvolvido neste Centro, lazer, treinamento de Pastores e professores. Foi inaugurado em 27 de outubro de 1980, sob a liderança de Nilton Guimarães, recebendo nesta ocasião o nome de Centro Cultural Adventista. Os Prs. Helder Roger e Carlos Alberto Rosa Oliveira, da *Associação Bahia da IASD, participaram desse projeto.

CENTRO EDUCACIONAL ITARARÉ, SP. Foi inaugurado no dia 18 de junho de 1989. O edifício tem 6 salas de aulas, ampla capela, salas de diretoria, secretaria, professores, monitoria, orientação pedagógica e recepção. São 1.200 m² de área construída.

O Centro Educacional oferece cursos desde o pré-escolar até a 4ª série. A maioria dos alunos são não-adventistas.

O projeto de construção é de autoria do Dr. Adolfo dos Reis Filho.

CENTRO EDUCACIONAL ADVENTISTA DE UBERLÂNDIA, MG. Localiza-se na Rua Jorge Martins Pinto, 739, Santa Mônica, Uberlândia, MG. Sua área é de 2.160 m². Pertence e é administrado pela *Associação Mineira Central da IASD.

Possui 10 salas de aula, uma sala de Religião, um laboratório, uma biblioteca, 4 salas de administração, uma quadra de esportes e uma sala de professores.

Funciona em regime de externato, oferecendo curso de 1º Grau completo. Trabalham nesta instituição 18 professores e 5 funcionários.

Foi fundado em 29 de outubro de 1978, por iniciativa da Igreja Central de Uberlândia.

Sua primeira sede localizava-se na Rua Duque de Caxias, 50. Foi dirigida inicialmente pela Sra. Divina Barcelos de Menezes.

Sua inauguração ocorreu no dia 22 de dezembro de 1991.

Diretores: Divina B. Menezes (1978); Nadege Pereira Cunha (1979); Antônia Márcia Chaves de Souza (1980-1981); Elza Dias de Souza (1982); Leny Ferreira de Menezes (1983-1985); Olga Fernandes dos Reis (1986-1987); Elias Fraga Germanovicz (1989); Maria D. Kentle Serrão (1990-1993); Olga Fernandes dos Reis (1994-).

CENTRO EDUCACIONAL ADVENTISTA DO RIO DE JANEIRO -(CEARJ). Localiza-se na Trav. Dr. Araújo, 215, Praça da Bandeira, RJ. A área do terreno é de 2.754,00 m^2, tendo uma área construída de 2.470,80 m^2, com uma área livre de 1.265,00 m^2, com 3 pavimentos.

Os dados de novembro de 1994 são: nº de alunos: 583, sendo 478 do 1º Grau e 105 do 2º Grau; nº de professores: 42; Pessoal da Administração: 18.

Teve seu início em 1930, tendo como primeiros professores: Lilica Salse Cardoso, Silas Ferreira Lima, Lourdes Machado e Martha Ferreira Rocco. A Escola sofreu mudanças de endereço e de nome no decorrer de sua história:

1930-1937. “Escola Adventista” Rua Maia Lacerda, 46 Estácio;

1937-1967 “Escola Adventista” Rua do Matoso, 161 Praça da Bandeira;

1968-1976 “Instituto Adventista da Guanabara”(IAG) Rua do Matoso, 161 Praça da Bandeira;

1976-1987 “Instituto Adventista da Guanabara”(AG) Trav. Dr. Araújo, 115 Praça da Bandeira;

1988 - Atualmente “Centro Educacional Adventista do RJ”(CEARJ) Trav. Dr. Araújo, 215 Praça da Bandeira; 1988 - hoje

"Centro Educacional Adventista do RJ" (CEARJ) Trav. Dr. Araújo, 215 Praça da Bandeira.

O 1º Grau foi implantado a partir de 1971 e o 2º Grau iniciou em 1990. O prédio atual da Escola foi inaugurado em 18 de dezembro de 1988. Foi projetado e construído pelo Dr. Ebenezer Luduvice, tendo a capacidade de acomodar cerca de 1.200 alunos em 2 turnos.

Diretores: "Escola Adventista"; Rua Maia Lacerda, 46; desconhecidos;

"Escola Adventista"; Rua do Matoso, 161; Martha Ferreira Rocco

(1938-1944); Gília Nóbrega Schwantes (1945-1948); Francisco Nunes Siqueira (1949-1952); Maria Vieira Araújo (1953-1956); Jacyra Gomes de Oliveira (1957-1960); Adelaide Duarte Mello (1961-1967);

"Instituto Adventista de Guanabara" (IAG); Rua do Matoso, 161; Daleth Pedrosa de Oliveira (1968-1970) Maria Rosa Tirado Luduvice (1971-1973); Miriam Mariana Barbosa de Oliveira (1974); Alice Patto Cavaliere (1974-1975); Adeilde Duarte Mello (1976)

"Instituto Adventista da Guanabara" (IAG); Travessa Doutor Araújo, 115; Adeilde Duarte Mello (1976); Daniel Bahia (1977-1978); Joaquim José da Silva (1979-1983); Jurandir Gomes de Lima (1983-1987)

"Centro Educacional Adventista do Rio de Janeiro" (CEARJ) Travessa Doutro Araújo, 215; Zeferino Stabenow (1988-1989); Celso Adolfo Kern (1990); Eli F. de Menezes Reis (1991); Magdiel Gector C. Gonzales (1992-1993); Gilberto Cândido Alves (1994).

CENTRO EDUCACIONAL ADVENTISTA PR. IVO SOUZA (CEAPS).

CENTRO EDUCACIONAL ILUSTRADO (CEI). Localiza-se na Rua Celavisa, 80, Jardim Alvorada, Capão Redondo, São Paulo, SP.

Foi criado devido à carência de material audiovisual no Brasil, para servir a Igreja Adventista do 7º Dia. Pertence e é administrado pela *Associação Paulista Sul da IASD.

O Centro Educacional Ilustrado (CEI), foi fundado em 1968.

A primeira série preparada pelo Centro Educacional Ilustrado foi *A Bíblia Fala*, de 15 estudos. Depois vieram as séries *Esgota-se o Tempo*, *Tesouros da Fé*, *Encontro Com a Vida* e *Revelações do Apocalipse*.

As séries de 21 histórias bíblicas e 36 histórias infantis têm sido de grande valor para o evangelismo infantil. As séries *Programa de Saúde e Higiene*, *Fontes de Saúde* e *Família Feliz* são baseadas em orientações encontradas nos livros do Espírito de Profecia.

No Setor Educacional, foram produzidas as séries com 250 *slides* cada: Ciências e Português, para o 1º Grau; Física, Química e Biologia, para o 2º Grau; História Antiga e História do Brasil.

O Centro Educacional Ilustrado tem uma grande quantidade de *slides* diferentes e vários cassetes.

CENTRO INFANTIL, SP. Localiza-se na Rua Profª. Eunice Bechara de Oliveira, 862; Capão Redondo, São Paulo, SP. Pertence e é administrado pela *Associação Paulista Sul da IASD.

A Instituição iniciou-se em 1982 através de Percília Torres e Iris Spisoto com o objetivo principal de Educação Escolar.

Não é uma escola propriamente dita e também não possui sede própria; mas à partir da sua inauguração em junho de 1982. Desempenha reforço escolar, alimentação, higiene, saúde, passeios, comemorações e palestras educativas para os menores e pais. A faixa etária é de 7 a 14 anos de idade.

Eventos importantes que marcam a história do Centro a cada ano são as comemorações da Semana da Pátria, Dia da Criança e Natal.

Sua primeira administração foi composta por suas fundadoras.

CENTRO NACIONAL DA MEMÓRIA ADVENTISTA (CNMA). Localiza-se junto ao *Centro de Pesquisas Ellen G. White (CPEGW) no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), no município de Engenheiro Coelho, SP.

Seu objetivo é reconstruir e preservar o maior número possível de dados e informações sobre a Igreja Adventista do 7º Dia em nosso país.

Atualmente está sendo montado um acervo de fotos históricas, Bíblias de pioneiros, livros antigos de colportagem, livros de relatórios e atas, bem como de cartas, documentos e objetivos de valor histórico para a igreja.

Os próprios alunos das classes de História da IASD, do *Seminário Adventista Latino-Americano de teologia (SALT), do IAE/Ct, contribuíram neste projeto através de pesquisas e da preparação de monografias sobre igrejas, instituições, biografias de pioneiros e outros assuntos relacionados com a história da igreja no Brasil. O atual projeto do CNMA é a publicação da primeira Enciclopédia Adventista do Brasil (1995).

Publicações:

- *John Boehm - Educador Pioneiro*
- *Memorial do IACS*
- *Origem e Desenvolvimento da Igreja Adventista no Espírito Santo*
- *Professor Toda Vida*

Obs. Acrescentar uma lista com os materiais importantes que o CNMA possui.

CENTRO NIPÔNICO ADVENTISTA DE BELÉM (CNA). Localiza-se na Trav. Angustura, 3285, Belém PA.

Possui uma Escola Adventista de língua japonesa. Até 1986 totalizava l23 alunos, sendo só 16 de origem brasileira; um dormitório para os estudantes de ambos os sexos. Dali já saíram vários líderes da Igreja na área Ministerial, magistério e de saúde. O CNA possui também uma escola primária de língua portuguesa — iniciada em 1982 com 14 alunos e 2 professores. Atualmente conta mais de 80 alunos, 6 professoras e 2 funcionários, tendo sido implantado um curso de saúde.

Durante 14 anos a Associação Geral solicitou à Igreja do Japão um missionário para a região amazônica, pois ali havia uma grande colônia japonesa sem conhecer o Evangelho.

Em outubro de 1972, o Pr. Kojiro Matsunami, foi chamado para a *União Norte Brasileira da IASD para o trabalho pioneiro em Belém, PA. Natural de Osaka, o Pr. Kojiro nasceu no dia 4 de fevereiro de 1939. Batizou-se em 17 de julho de 1960, e graduou-se em Teologia em 1965, no “Japan Missionary College”.

Vindo ao Brasil, um japonês pediu-lhe que educasse seus três filhos em Belém - PA. Com os anos, sua casa tornou-se um internato, necessitando assim, de construírem outra casa no quintal, sendo o dormitório das moças.

Iniciou-se então, a Escola Japonesa e Internato. As atividades religiosas eram realizadas num prédio que era o depósito da Assistência Social Adventista da União Norte.

Em 1979 foi inaugurada uma nova Igreja com a nave no piso superior e 4 salas de aula no térreo. As doações foram feitas pela União Norte Brasileira, União do Japão e irmãos da Igreja Japonesa da América do Norte. Em 1980 o Pr. Yozaburo bando assumiu esta igreja e o Centro Nipônico Adventista.

O CNA foi fundado em Belém no ano de 1979, tendo como responsável o Pr. Kojiro Matsunami e mantido pela União Norte Brasileira. Tem sua atenção voltada para jovens japoneses da região,

atuando nas áreas acadêmicas e espirituais. A Igreja Japonesa até 1986, era composta de 58 membros batizados.

CERIMÔNIA DA HUMILDADE. Veja **Lava-Pés**.

CÉU. Veja **Lar dos Remidos.**

CHÁ. Os ASD advogam a abstinência de chás que contenham cafeína ou outros estimulantes. Veja **Dieta; Saúde, Princípios de.**

CHAGAS, FRANCISCO LOPES

CHRISTIANINI, ARNALDO BENEDITO (1915-1984). *Pastor, jornalista, e escritor. Nasceu no dia 2 de março de 1915, em Bariri, SP. Filho de José e Clara Christianini. Casou-se com Inah, de cuja união nasceram Paulo Roberto e Vera Helena. Foi batizado na Igreja em 1952, pelo Pr. Itanel Ferraz.

Dentro da Organização Adventista, Arnaldo Christianini exerceu as funções de: Tesoureiro do *Educandário Nordestino Adventista (ENA), tesoureiro da *Missão Mineira da IASD e redator-chefe da *Casa Publicadora Brasileira (CPB), entre os anos de 1973 e 1975. Redigiu algumas revistas como: *O Ministério Adventista, *Nosso Amiguinho, *Mocidade e *Revista Adventista.*

Exerceu outras atividades como professor de Inglês, História e Contabilidade. Fundador proprietário do "Jornal Correio de Piraju" e fundador do "Jornal Hoje". Escreveu alguns livros, entre eles: *Subtilezas do Erro, Radiografia do Jeovismo, O Ídolo da 4ª feira, Rosa de Sarom* (poesias) *e Migalhas*. Traduziu alguns livros do *Espírito de Profecia também.

Era dotado de muitos outros talentos: poeta, músico, pintor, poliglota, caricaturista e contador, porém o que mais marcou sua vida foi a arte de escrever.

Em 1975, *Jubilou-se por motivos de saúde. Calcula-se que em suas carreira jornalística, iniciada em 1933 tenha produzido mais de 8.000 textos em jornais e revistas.

Faleceu em 17 de setembro de 1984, em Campinas, SP, vítima de enfarte, aos 69 anos de idade.

CHUVA SERÔDIA. Literalmente, as chuvas que caíam no fim de uma estação na Palestina e que amadurecia os grãos do inverno para a colheita (Deut. 11:14), em contraste com a "temporã", que precedia o outono (Joel 2:23; Jer. 5:24; Tiago 5:7) e que germinava a semente e iniciava a seara antes do começo do inverno; teologicamente em um sentido metafórico, o derramamento de um Espírito divino sobre o povo de Deus a fim de prepará-los para a colheita figurativa do mundo no final dos tempos (Os. 6:3).

A respeito da comissão do Evangelho que Cristo confiou à Sua Igreja sobre a Terra (Mat. 28:19, 20; At. 1:8), os ASD se referem à experiência do Pentecostes como a "temporã" ou "primeira" chuva e ao favor divino que acompanhará os esforços dos crentes consagrados sob a direção do Espírito Santo no fim dos tempos como a "chuva serôdia" — em outras palavras, à semeadura e colheita do Evangelho:

> O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi o começo da primeira chuva, ou temporã. ... Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a Igreja para a vinda do Filho do Homem (*AA*, 54, 55).

> O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes foi a chuva temporã; porém a chuva serôdia será mais copiosa (*PJ*, 121).

A relação entre as duas é assim apresentada:

> Assim como a "chuva temporã" foi dada, no derramamento do Espírito Santo no início do Evangelho, para efetuar a germinação da preciosa semente, a "chuva serôdia" será dada em seu final para o amadurecimento da seara. ... A grande obra do Evangelho não se deverá encerrar com menos manifestação do poder de Deus do que a assinalou o seu início. As profecias que se cumpriram no derramamento da chuva temporã no início do Evangelho, devem novamente cumpri-se na chuva serôdia, no final do mesmo. Eis aí "os tempos do refrigério" que o apóstolo São Pedro esperava quando disse: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor, e envie Ele a Jesus Cristo." At. 3:19,20

A chuva temporã também é aplicada a uma experiência preparatória pessoal que é o pré-requisito para o recebimento da chuva serôdia. Como um resultado da experiência da chuva temporã para o indivíduo, o coração é "esvaziado de toda mancha, purificado para a habitação do Espírito" (*TM*, 507). A chuva serôdia, por sua vez, qualifica a igreja para levar o testemunho no *Alto Clamor e para ficar firme durante o último *Tempo de Angústia:

> O amadurecimento do grão representa a terminação do trabalho da graça de Deus na alma. Pelo poder do Espírito Santo deve a imagem moral de Deus ser

> aperfeiçoada no caráter. Devemos ser completamente transformados à semelhança de Cristo.

> A chuva serôdia, amadurecendo a seara da Terra, representa a graça espiritual que prepara a Igreja para vinda do Filho do Homem. Mas a menos que a chuva temporã haja caído, não haverá vida; a ramagem verde não brotará. Se a chuva temporã não fizer seu trabalho, a serôdia não desenvolverá a semente até a perfeição. (*TM*, 506).

A chuva serôdia "revifica e fortalece" o povo de Deus "para passar pelo tempo de angústia" e o prepara para a transladação (I*T*, 353; 2*SG*, 226).

> A chuva serôdia vem — o refrigério da presença do Senhor. Os que estiverem preparados, na igreja já reunida pela terceira mensagem angélica (Veja **Três Mensagens Angélicas**) vão recebê-la; e os sinceros que estiverem fora, sob sua influência, logo serão reunidos dentro dela (Roswell F. Cotrell, na *Review and Herald*, 14 de abril de 1868).

CHUVA TEMPORÃ. Veja **Chuva Serôdia.**

CIDADE DE REFÚGIO. Uma das seis cidades designadas em Canaã, 3 em cada lado do Jordão, onde alguém culpado de assassinato não-intencional tinha o direito de encontrar refúgio (Núm. 35:9-34). As seis cidades — Bezer, Ramote-Gileade, e Golã a Leste do Jordão (Deut. 4:41-43), e Hebrom (Quiriate-Arba), Siquém, e Quedes em Naftali, a Oeste (Jos. 20:7) — foram escolhidas para facilitar a fuga de uma pessoa perseguida em seus esforços por alcançar um lugar de segurança. Onde

quer que morasse, ninguém precisaria correr mais de 48 quilômetros a fim de alcançar uma cidade de refúgio. Geralmente, a distância seria consideravelmente menor. As seis eram cidades Levitas, isto é, cidades designadas aos Levitas, responsáveis pela ministração da justiça.

Em uma sociedade comparativamente primitiva, onde a lei de "olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe" (Ex. 21:24, 25) prevalecia, onde o processo de justiça não tinha sido desenvolvido e tornado acessível por toda a parte, quem tivesse inadvertidamente ou acidentalmente tirado a vida humana estaria sob a misericórdia dos parentes da vítima que, no calor da paixão, poderiam não discernir entre um assassinato acidental de um proposital. A pretensa lei do vingador exigia que o parente homem mais velho da vítima vingasse sua morte. Um fugitivo buscando a proteção de uma das cidades de refúgio tinha direito a um julgamento e, se fosse inocente, deveria permanecer ali até a morte do Sumo Sacerdote. Aparentemente, a ascensão de um novo Sumo Sacerdote inaugurava uma nova era que apagava qualquer processo legal da era anterior (Núm. 35:28) — uma provisão sábia que evitaria hostilidades familiares de uma geração para outra.

CIDADE DO VATICANO. Estado diminuto e soberano (área 44 Km^2) dentro da cidade de Roma, monarquia regida pelo Papa como soberano absoluto. É também o quartel general da Igreja Católica Romana. O Estado da Cidade do Vaticano foi criado em 11 de fevereiro de 1929, pelo Tratado de Latrão entre o Governo Italiano e a Diocese, cumprindo a profecia da cura da ferida mortal de Apoc. 13:3.

Em 1870, quando a última das possessões do Papado fora tomada pelo novo estado unificado da Itália (embora um pagamento anual e o direito de extraterritorialidade do Vaticano e dos palácios Papais fosse oferecido), os Papas recusaram qualquer acordo com o Governo Italiano, e se consideraram "prisioneiros" do Vaticano. Somente em

1929 foi curada esta ferida, e os tratados concluíram, tornando o Papa soberano sobre a cidade do Vaticano, que abrange principalmente a área do Vaticano (a residência oficial do Papa) a Basílica de São Pedro, o pátio e os edifícios adjacentes. A população é de aproximadamente 700 habitantes; destes, todos adultos e homens são clérigos ou pessoas empregadas pela Igreja Católica ou seus ministros. Conseqüentemente, não há no Vaticano nenhum membro de qualquer outra igreja a não ser da Católica Romana. Os embaixadores de outros estados residem na cidade de Roma.

CIDADE SANTA

CIÊNCIA E RELIGIÃO. Define-se ciência como o conhecimento sistematizado, como qualquer ramo de questionamento preocupado com a observação e classificação de fatos e estabelecimento de leis gerais verificáveis. Religião é um sistema de fé e louvor, ou a profissão e prática de crenças religiosas. Se por ciência se entende o conhecimento organizado sobre o Originador e Criador do Universo, sobre Sua vontade a respeito dos relacionamentos dos seres morais entre si e com Seu Criador, e a prática destes princípios, não há razão para conflitos entre ciência e religião. Verdade, seja científica seja espiritual, mensurável ou além do âmbito da direta observação humana e experiência, é consistente consigo mesma em todas as suas manifestações. Os ASD se referem freqüentemente a estes conceitos como “ciência verdadeira” e “religião verdadeira.”

Os ASD reconhecem a validade dos dados e princípios científicos comprovados, e crêem que um entendimento do mundo natural contribui, por sua vez, para um melhor entendimento do Criador e de Sua vontade para o homem. Consideram que a natureza, em seu perfeito estado, é uma expressão do caráter divino, de Sua mente e vontade e

que o mundo natural, corretamente entendido, está em completa harmonia com a revelação do caráter, mente e vontade divina estabelecidas nas Escrituras. A ciência comprovável e a verdade escriturística estão sempre em perfeito acordo. As seguintes citações são típicas:

> A verdadeira ciência e a verdadeira religião têm origem comum (Dr. James Cumming, citado na *Review and Herald*, 24 de 02 de 1859).

> A genuína Geologia é tão verdadeira quanto a Bíblia, e não contradiz a Bíblia; pois verdade não pode contradizer verdade (D. T. Bordeau, *Review and Herald*, 5 de fevereiro de 1867).

> Não nos opomos à ciência, de modo algum, pois cremos que seus princípios estão em perfeita harmonia com a Bíblia, (J. O. Corliss, *Review and Herald*, 19 de fevereiro de 1880).

> A ciência abre maravilhas à nossa visão; ela sobe alto e explora as profundezas impenetradas; mas nada traz de suas pesquisas que contradiga a revelação divina. ... O livro da natureza e a palavra escrita lançam luz uma sobre a outra (*PP*, 115).

> Conhecimento de ciência de todos os tipos é poder, e é propósito de Deus que a ciência avançada seja ensinada em nossas escolas (E. G. White, *Review and Herald*, 1º de dezembro de 1891).

A interação entre as disciplinas da ciência e religião nem sempre tem sido harmoniosa e complementar. Uma consideração deste conflito

exige uma definição mais ampla de ciência e religião. Ciência não é simplesmente observação e fato, mas a busca humana pela verdade, e como tal, sujeita às limitações humanas. A grande falácia do século é a idéia prevalecente, entre os não iniciados na ciência, que esta é "um tipo de máquina intelectual", completamente impessoal e empírica em sua busca pela verdade suprema; que seu raciocínio é "inerrante e exclusivamente lógico no mais formidável sentido; e sua linguagem, expressamente precisa e sem ambigüidades" (Harold K. Shilling, *Ciência*, 6 de julho de 1958).

Muito freqüentemente, nenhuma distinção é feita entre uma teoria e um fato, quando na verdade, de uma hipótese preliminar para uma teoria básica ou lei há um contínuo na variação dos graus de confirmação. "A mais alta presunção em qualquer campo — científico, religioso, ou em outra área — é a suposição de que não há suposições" (Walter E. Stuermann, *Logic and Faith*, p. 62). Todo conhecimento científico é somente mais ou menos provável, dependendo da precisão dos dados sobre que é baseada. Um conhecimento da realidade suprema, a física fundamental, química ou biologia não existem na mente do homem. Como o filósofo ressaltaria, o homem "conhece" somente o que ele percebe, e não os objetos que ocasionam estas percepções.

A ciência não pode proceder de outra forma senão hipoteticamente, com base em inferências que, após avaliação e experiência, são retidas, modificadas ou substituídas. O melhor que pode se esperar é uma alta porcentagem de conhecimento verificável. Verificável quanto à sua utilidade, senão quanto a verdade última. Este método resultou em progresso material fenomenal. O sucesso espetacular, como é obtido pela ciência, tende a suscitar; em leigos, confiança sem garantia até mesmo nas mais tênues teorias propostas em nome da ciência.

O estudo da religião é de igual modo sujeito a certas limitações humanas. Por causa destas limitações, o estudo da Palavra escrita está

repleto de possibilidades de erros comparáveis com aqueles encontrados em um estudo do mundo natural. O infeliz conflito que surgiu em tempos recentes entre o estudo da ciência e da religião não é o resultado de uma inerente irreconciliabilidade entre a verdade revelada e a verdade científica. O apóstolo Paulo disse, "Agora vemos por espelho, obscuramente, então veremos face a face, agora conheço em parte" (I Cor. 13:12). Não é surpresa então, que sendo que as limitações humanas estão presentes no estudo de ciência e religião, má compreensão e conflito deveriam às vezes existir (Veja *PP,* 114).

Questões sobre o conflito entre a ciência e religião estão profundamente enraizadas na situação histórica em que a controvérsia se desenvolveu. O período formativo da IASD coincidiu com a propagação de uma onda de reação intelectual contra o autoritarismo rígido e cego da igreja da Idade Média. A rígida regra de dogmatismo que dominava a mente medieval e freqüentemente impôs sanções restritivas contra a investigação científica, sofreu um severo golpe como resultado da perseguição de homens tais como Copérnico, Bruno e Galileu. Foram as concepções dogmáticas de teólogos baseadas em sua cega confiança no sistema filosófico Aristoteliano, em especulações escolásticas medievais, em sua má compreensão do significado das Escrituras, que os levaram a investigações científicas opostas. Quando um pêndulo perde o embalo, nunca pára na metade do primeiro balanço.

A oposição às descobertas científicas por parte de católicos e protestantes naturalmente tendeu a forçar a ciência para fora da igreja, resultando no desenvolvimento de premissas em grande escala não-cristãs. A oposição eclesiástica, em bases bíblicas imaginárias, a coisas como a rotação e esfericidade da terra, ao uso de pára-raios em igrejas ("como tentativa de aplacar a artilharia do céu"), ao uso de anestésicos no parto e em cirurgias, à inoculação de vacina, à química ("arte demoníaca"), todas tendiam a minar a confiança na igreja e em seu livro sagrado, as Santas Escrituras.

A prática medieval de invocar uma explicação miraculosa para qualquer fenômeno não prontamente explicável estabeleceu o alicerce para o abandono da idéia de um Deus miraculoso, ao serem estes fenômenos demonstrados como tendo uma explicação racional à base de leis naturais conhecidas (Veja **Milagres**). Na segunda metade do século dezenove, a ciência ganhou uma posição de considerável respeito, e o pensamento livre lhe chegou ao poder. Mas a reação ao dogmatismo eclesiástico freqüentemente levou a posições extremas. Às vezes o teólogo dogmático encontrava seu correspondente em um dogmático materialista.

Embora hesitando em endossar os princípios estabelecidos da ciência e o valor da verdade científica, os escritores ASD sempre têm-se oposto a qualquer hipótese que pareça estar em variação em relação à verdade revelada das Escrituras. Suas atitudes têm sido de precaução, seja na aceitação de novas interpretações de descobertas científicas que poderiam a princípio parecer contraditórias aos princípios estabelecidos na Bíblia, seja no abandono de interpretações anteriores da Bíblia à luz de verdades científicas claramente estabelecidas.

Em campos tão complexos e amplos como as ciências de um lado e teologia do outro, seria muito esperar que no diálogo entre as disciplinas não houvesse premissas errôneas em ambos os lados. Um teólogo se esforçando para responder alegações de que os "fatos da ciência" descomprovam as Escrituras pode plenamente discriminar entre fatos verificáveis e conclusões especulativas tiradas delas, e pode, às vezes, opor-se a ambos. Às vezes, também, surgiram conflitos de interpretações das Escrituras que se mostraram inválidos (por exemplo, a fixidade imutável das espécies *versus* mudanças limitadas dentro de grupos básicos).

Desde o princípio, autores ASD têm-se oposto a todas as teorias que reputam os dias da Criação como longas eras geológicas, e também teorias que presumem explicar os altamente complexos organismos pela

evolução de simples ancestrais, que, por sua vez, originaram-se supostamente de geração espontânea. Eles, baseados nas Escrituras, opuseram-se ativamente às especulações do panteísmo, que reduzem Deus a uma essência que permeia a natureza. O deísmo, que procura separar a Deus de uma preocupação ativa pelos eventos da Terra, era semelhantemente confrontada.

Escritores ASD freqüentemente enfatizaram as limitações da ciência, os prejuízos em aceitar hipóteses baseadas em observações não críticas como oráculos, e generalizações científicas apressadas ainda em estado embrionário (*Review and Herald*, 16 de dezembro de 1858). O princípio de que a verdade, como revelada na Palavra de Deus, deveria ser considerada quando se avaliam dados científicos e se formulam explicações para os fenômenos naturais, tem sido repetidamente apresentado.

Não obstante, reconhecendo que o conhecimento é progressivo, os ASD desejam investigar evidências aparentemente conflitantes. Escrevendo sobre o princípio geral de investigação de novas idéias, Ellen G. White declarou:

> Não podemos defender que uma posição tomada, uma idéia advogada, não deve, sob quaisquer circunstâncias ser renunciada. Só há Um infalível. ... Se os pilares de nossa fé não subsistirem aos teste da investigação, é tempo de o sabermos (*OE*, 125-131).

Os ASD e outros escritores têm aplicado este mesmo princípio especificamente à ciência e a religião (H. W. Clark, *Ministry*, 31 de dezembro de 1946).

A ordem é aparente no mundo natural, e os ASD crêem que Deus como Criador, é o autor do mundo natural bem como da lei moral. “Deus não anula suas leis, ou opera contrariamente a elas; mas está continuamente usando-as como suas instrumentalidades” (*PP*, 102).

Embora Deus tenha criado o mundo e o tenha estabelecido para que siga as leis, “não é por poder inerente que . . . a terra continua sua marcha ao redor do sol,” pois Ele ainda mantém todas as coisas pela palavra do seu poder” (A. W. Peterson, *Review and Herald*, 4 de outubro de 1928).

A acusação sempre repetida de que aceitar a Deus e ao sobrenatural ridiculariza a pesquisa científica não é sem razão, a menos que alguém defenda o conceito medieval de que Deus é um deus de fantasia. É tão significativo e desafiante investigar os mistérios das leis pelas quais o Criador opera quanto seria estudar leis supostamente auto-existentes.

Em harmonia com os profetas dos tempos antigos, os ASD têm ensinado que há relação positiva entre a ciência e a religião e que através do livro da natureza bem como através da revelação divina, os olhos da fé podem observar a infinita sabedoria do Criador.

> Levantai ao alto os vossos olhos e vede. Quem criou estas coisas? (Is. 40:26)

> Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anunciam as obras de suas mãos (Sal. 19:1)

> Porque os atributos de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade . . . sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas (Rom. 1:20)

Os ASD consideram a evidência do desígnio e propósito no mundo inanimado e animado como sendo “claras e incontestáveis provas de um Divino Arquiteto e de um conselho e sabedoria pela qual Ele rege e dirige o universo” (Stackhouse, citado na *Review and Herald*, 7 de junho de 1864).

As provisões no ambiente desta terra, que, coletivamente, tornam a vida possível, são muito numerosas para ser explicadas pelo acaso. O sistema periódico dos elementos, a estrutura da matéria do átomo ao universo, a complexidade notável dos sistemas vivos, todos apontam para uma Mente infinita, um Arquiteto de incompreensível habilidade e poder (G. M. Price, *Review and Herald*, 22 de outubro de 1931). Ao considerar as implicações do corpo humano, G. K. Abbott concluiu que —

> se é preciso inteligência pessoal para descobrir os propósitos nestas estruturas, não há como escapar da conclusão de que se necessita de maior inteligência para ideá-los (*ibid.*, 10 de janeiro de 1929).

De acordo com a segunda lei da termodinâmica, o universo é como um grande relógio que, deixado por si mesmo, iria eventualmente entrar em caos e tornar-se-ia uniformemente frio, de tal modo que nenhuma vida poderia existir. Os muitos processos ainda ativos e únicos na natureza pelos quais a energia é transformada em formas menos disponíveis, a existência de sóis e estrelas que ainda estão quentes, e de elementos radioativos que ainda não se desintegraram completamente, são todos fortes evidências, não só de idade infinita mas de uma fonte de energia cuja origem transcende as conhecidas leis da natureza. Requer-se mais fé para *não* crer em um Criador do que crer que a precisão, ordem, interdependência e variedade infinita observável no mundo natural testifica de uma Causa infinita, sobrenatural e suprema. Um Criador que parece ser a solução mais razoável (G. M. Price, 6 de dezembro de 1920).

A ciência só não poder explicar as forças espirituais que operam na terra, a natureza do homem, seu sentido de valores mais elevados. “Forças impessoais não amam. Energia cega não tem coração” (G. K. Abbott, *ibid.*, 10 de janeiro de 1929).

Estas são somente algumas evidências da ciência (Veja também **Criação; Evolução; Dilúvio**) que fortaleceram a confiança ASD na positiva relação entre a ciência e a religião. Mas a ciência somente não é suficiente. Embora muitos fatos da natureza apontem para uma Inteligência Suprema no Universo, o verdadeiro Deus não pode ser completamente conhecido pela ciência. Ninguém poder "penetrar na perfeição do Todo-poderoso" (Jó 11:7; *Ed*. 133, 134). A revelação registrada nas Santas Escrituras e vista na pessoa e vida de Jesus Cristo é necessária a fim de conhecer a pessoa de Deus na Escrituras (*John N. Loughborough, *Review and Herald*, 5 de novembro de 1861). A revelação contida na Palavra de Deus é necessária para o significado e perspectiva da ciência. A revelação no mundo da ciência dá significado adicional à religião.

"CLAMOR DA MEIA-NOITE". Frase que os *Mileritas usavam repetidamente para descrever sua mensagem para o mundo, adaptada das palavras de Cristo na parábola das dez virgens que dormiam enquanto esperavam pelo noivo que viria para o casamento. "Mas à meia-noite, ouviu-se um clamor: Eis o noivo! Saí ao seu encontro". (Mat. 25:1-13). As sábias, com suas lâmpadas acesas, entraram com o noivo no casamento; as néscias, que saíram para comprar óleo, retornaram muito tarde e foram deixadas para fora.

O "verdadeiro clamor da meia-noite" era a frase usada em 1844 no "*Movimento do Sétimo Mês", que enfatizava a data específica de 22 de outubro para o *Advento de Cristo. Esta mensagem estava baseada no seguinte raciocínio: O desapontamento viera na primavera de 1844; e depois disto, na linguagem da parábola, as dez virgens estavam dormindo enquanto o "noivo tardou". Sendo que, em profecia simbólica, um dia de 24 horas simboliza um ano, uma noite simbolizaria meio ano. A meia-noite seria a metade deste período de seis meses entre o desapontamento da primavera e a data esperada de outubro. Foi

naquele verão que o “verdadeiro clamor da meia-noite”, “Eis o noivo!”, começou a ser apregoado.

Em escritos posteriores dos ASD, a frase “clamor da meia noite”, às vezes, denota especificamente o “verdadeiro” clamor da meia-noite, a mensagem dos 2.300 dias que finalizariam em 22 de outubro de 1844; às vezes, em um sentido indefinido, aplica-se também à mensagem anterior como incluindo e atingindo o clímax no movimento de 1844.

CLÍNICA ADVENTISTA “O BOM SAMARITANO”, RS. Localiza-se no andar inferior da Igreja da Vila dos Farrapos à Rua Irmã Maria José Trevisan, s/n; Vila dos Farrapos; Porto Alegre, RS. Pertence e é administrada pela *Associação Sul-Riograndense da IASD.

A equipe da clínica compõe-se de 1 consultório médico, 1 médico, 1 auxiliar e 1 funcionário.

A entidade foi fundada em dezembro de 1944 por iniciativa da Associação Sul-Riograndense. Localizava-se nos fundos da *IASD Central de Porto Alegre e na ocasião recebeu o mesmo nome.

Seu primeiro médico foi o Dr. Siegfried Hoffmann e sua esposa, a primeira enfermeira.

A mesa administrativa era dirigida pelo Campo da época tendo como presidente da Associação, o Pr. *Jerônimo Granero Garcia.

Na década de 50 e 60 desenvolveu tratamentos hidroterápicos com alguma fisioterapia. Na época, não havia na cidade este tipo de tratamento o que significou um evento marcante para a história da entidade.

Não há registro de período de mandato, porém os médicos que ficaram mais tempo atendendo na Clínicas foram Dr. Siegfried Hoffmann, Dr. *Galdino Nunes Vieira e Dr. Elias Morsch.

Seu atual médio é o Dr. João Kiefer Filho (1988-).

CLÍNICA ADVENTISTA DE CAMPINAS, SP. Localiza-se na Rua Joaquim Novias, 128, Cambuí, Campinas, distante 100 Km de São Paulo. Foi inaugurada no dia 06 de outubro de 1985. O edifício da clínica compreende uma construção de 400 m^2 divididos em: sala de espera e recepção, uma sala para arquivo e serviço contábil, 3 consultórios completos, um apartamento para observação e recuperação, uma sala para pequenas cirurgias, 1 sala para pronto atendimento, um posto de enfermagem, sanitários e serviços locais completos.

O corpo clínico é constituído por médicos cristãos distribuídos nas várias especialidades médico-cirúrgicas: Clínica Geral, Pediatria, Ortopedia, Cirurgia Geral, Ginecologia, Obstetrícia, Gastroenterologia, Reumatologia, Neurologia e Oftalmologia. Conta ainda com um conceituado Laboratório de Análises e Pesquisas Clínicas, um Instituto de Radiologia, uma ambulância e um Hospital Geral para a internação de pacientes graves.

A Unidade Clínica Adventista de Campinas faz parte das 405 unidades hospitalares ao redor do mundo.

Crescia, porém, a necessidade da aquisição de um prédio próprio. Com o apoio da União Central, foi comprado um prédio no bairro Bonfim, o qual tendo sido reformado, tornou-se a nova Clínica Adventista de Campinas, inaugurada em outubro de 1988.

Atualmente são quase 8 mil pacientes cadastrados. Sua equipe de 13 médicos, quase todos adventistas, é liderada pelo Dr. Elmer Lima, Diretor Clínico. Esta clínica está também equipada para a realização de cirurgias ambulatoriais.

CLÍNICA ADVENTISTA DE CURITIBA, PR. Localiza-se na Alameda Júlia da Costa, 1447, Bairro Pigorrilho, Curitiba, PR. Pertence e é administrada pela *Federação Sul-Paranaense da IASD. É liderada pelo Dr. Daniel de Faria e uma equipe de profissionais.

Em 1993 foi comprado um imóvel pela Federação Sul-Paranaense e feitas algumas reformas. Em 1994 já possuía 4 consultórios, sala de endoscopia e sala de administração, na parte superior. No pavimento térreo, há uma sala de coleta de materiais e um auditório com 42 lugares.

CLÍNICA ADVENTISTA DE MANAUS, AM.

CLÍNICA ADVENTISTA DE SÃO ROQUE, SP. Clínica especializada em tratamentos naturais, adquirida em 1980, localiza-se em uma área de 62.000 m^2, localiza-se a 62 Km do centro de São Paulo, no município de São Roque, à altura do Km 59,5 na Rodovia que liga Ibiúna à capital São Paulo.

A propriedade foi adquirida da Dra. Dorotéia Hansen, médica fisioterapeuta, e já possuía 2.200 m^2 de área construída, com o objetivo de ser um hotel em estilo europeu, onde os clientes receberiam tratamentos naturais. Ao todo, a construção compreende 19 apartamentos com capacidade para 2 clientes cada, refeitório, cozinha, salas de hidroterapia, salas para consulta, residências e quartos para funcionários. Camas, colchões, sofás, cadeiras e praticamente todo o equipamento necessário para o funcionamento da clínica também já haviam sido adquiridos. Quando faltava apenas o equipamento hospitalar, o Dr. Henrique Hansen, esposo da Dra. Dorotéia veio a falecer. A viúva colocou a propriedade à venda. Escreveu cartas a várias instituições e uma dessas cartas foi recebida pela antiga União Sul (atual *União Central-Brasileira da IASD), como resposta imediata de Deus, pois era plano da organização atender a essa área médica tão carente no Brasil.

Na terra fértil da propriedade há inúmeras benfeitorias. A presença do verde inunda a visão da propriedade sob qualquer ângulo.

Há cerca de 500 macieiras, 300 pés de nectarina, 100 nogueiras, 20 castanheiras portuguesas, 20 caquizeiros. Ao todo são mais de 1.000 pés de árvores frutíferas produzindo em abundância. A propriedade possui boa corrente de águas. Há dois poços que abastecem o grande reservatório de 50 mil litros e também a piscina.

A propriedade custou 10 milhões de cruzeiros e boa parte do dinheiro foi arrecadado através da oferta especial "Aventura de Fé".

Diretores:

CLÍNICA DE REPOUSO "WHITE", RJ. Precursora do *Hospital Adventista Silvestre, RJ. A Clínica de Repouso "White" é a pioneira no Rio de Janeiro. Ocupou uma antiga mansão na Rua Almirante Alexandrino, 31, no bairro Santa Tereza, Rio de Janeiro, RJ.

A inauguração ocorreu em 22 de novembro de 1942. Pertencia e era administrada pela *União Este-Brasileira da IASD e mantida pela Obra Filantrópica da IASD.

As instalações consistiam de arejados dormitórios, salas de repouso e refeições, consultório equipado e departamentos especializados em eletroterapia, hidroterapia, massagens e de dietética.

Havia salas de leitura, varandas amplas. O regime alimentar era lácteo, de frutas e vegetariano, com tratamento especial para o aparelho digestivo.

Os diretores foram: J. Lewis Brown - Presidente; Dr. Clarence Schneider - Diretor Médico; Sr. Júlio Minão - Gerente.

CLUBE DA "HORA TRANQÜILA". Em fevereiro de 1978, a *Revista Adventista publicou um artigo do Pr. Tércio Sarli convidando os leitores a experimentarem a prática da *"Hora Tranqüila"*. Depois disso, a redação recebeu cartas de jovens e adultos constando os resultados obtidos dessa comunhão diária com Deus.

A *Hora Tranqüila* é um encontro a sós com Deus, a fim de renovar as forças espirituais, através da oração, meditação das coisas eternas.

Através dessa experiência formou-se um Clube, do qual fazem parte os que participam individualmente, repartem suas experiências uns com os outros, através de um espaço cedido para esse propósito na *Revista Adventista.

Localiza-se em Campinas, SP, Cx. postal 572, CEP 13100.

COELHO, ANTÔNIO. (1875-1959). Pioneiro adventista em Volta Redonda, RJ. Nasceu no dia 10 de julho de 1875, em Volta Redonda, RJ, quando apenas existiam umas seis casas no local.

Em 1937, conheceu a mensagem adventista pela família Godofredo Santos e em 1939 foi batizado pelo Pr. *John Boehm. Foi o primeiro membro da IASD em Volta Redonda.

COLÉGIO ADVENTISTA DE ESTEIO (CAE). Localiza-se na Rua Santo Amaro, 196, Esteio, RS. Pertence e é administrado pela *Associação Sul-Rio-Grandense da IASD. É uma escola em regime de externato de Pré-primário, 1º e 2º Graus Científico.

Em 1995 o número de matrículas foram 1024 alunos para um total de 34 professores 20 funcionários.

Possui uma área de 2.500 m^2, onde está construído um edifício de 4 pisos, com 17 salas de aulas, dependências administrativas, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de Ciências, sala de audiovisual, quadra poliesportiva, conservatório e um auditório para 450 pessoas. Tem uma fanfarra com 30 instrumentos. O número de alunos atual (1994) é 820.

Em 1929 a Associação Sul-Rio-Grandense recebeu uma doação de dois terrenos por parte da Companhia Dohne & Conceição, onde foi

construída a escola, sendo a primeira na região. Por iniciativa dos membros da IASD de Esteio, começaram a construção. Recebeu inicialmente o nome de Escola Adventista de 1º Grau Dom Pedro II.

Em 1966 foi ampliada, dando lugar ao prédio que atualmente é o Conservatório Musical.

Em 1991, começou uma grande construção para abrigar o número crescente de alunos.

Em 1993 recebeu o nome de Centro Educacional Adventista de Esteio e em 1994 de Colégio Adventista de Esteio.

Nos dias 24 e 26 de junho de 1994 foi a inauguração do novo prédio escolar.

Também em 1994 foi implantado o 2º Grau.

Diretores: (1929-1934); Frida Schuck e Marta Frantz (1935); Lídia Azevedo (1941); Wilma Köehler (1942-1943); Astrogildo da Silva (1944); Lucy Scheffel (1945-1947); Ana Rheinlaender (1948-1949); Ataliba Huff (1950-1952); Rui Barreto (1953); José Reis (1954-1955); Waldemar e Irene Leipnitz (1956-1957); Pedro Gonzales (1958); Nelson Amador dos Reis e Yolanda Morsch dos Reis (1959-1961); Paulo Dutra e Maria P. Dutra (1962-1963); Maria Pacífica Dutra, Aracy Dutra, Irene K. Rocha (1964); Maria Pacífica Dutra, Helena Costa, Aracy Rocha (1965); Maria Pacífica Dutra, Ivone Gomes, Helena Vergara (1966); Dilse T. de Oliveira, Helena Costa, Wilma Araújo (1967); Ione Dornelles (1968); Helena Costa, Dilse C. Munhóz (1969-1975); Rubem Chaves (1976); Ofélia Zielack (1977); Gilberto Azevedo Preuss (1978); Erna K. Gonzales (1979-1984); Isaac Rosa dos Santos (1985-1987); Dirceu Lopes dos Santos (1987-1988); Paulo Ocimar Ribeiro de Borba (1989-1990); Moisés Manir Sarquiz (1991); Eliseu Pates dos Reis (1992-1994); Heber Ferreira de Oliveira (1995-).

COLÉGIO ADVENTISTA DE SALVADOR (CAS). Localiza-se na Rua Frei Henrique, 21, Nazaré, Salvador, BA. Pertence e é administrado pela *Associação Bahia da IASD.

É um colégio a nível de externato, com 46 turmas nos turnos matutino e vespertino, com um total de 1732 alunos, com os cursos de pré-escola, 1º e 2º Graus e pré-vestibular (1994).

Funcionam os cursos livres com 1.515 alunos abrangendo as áreas de: Inglês, natação, conservatório, informática e o Instituto Bíblico com aulas Teológica, história da Igreja, Doutrinas, etc.

Eventos importantes em 1994. Formou-se o Coral do CAS; inauguração da piscina semi-olímpica; implantação do conservatório musical, ampliação da biblioteca; instalação dos laboratórios de Informática, Biologia e Química; inauguração do ginásio coberto, com capacidade para 2.500 pessoas; informatização de todos os departamentos e ampliação da área de estacionamento.

O CAS mantém um ativo serviço de capelania, liderado pelo Pr. Mérlinton Pastor de Oliveira (1995). No próprio colégio funciona uma igreja, sede distrital, muito ativa, cujos membros se reúnem num moderno templo.

A instituição oferece também um Clube de Desbravadores, Banda Marcial além de projetos missionários como: unidade de funcionamento da Escola Rádio-Postal da *Voz da Profecia; unidade do Programa Está Escrito e projetos socioculturais e recreativos permanentes.

Há um significativo número de batismos anualmente entre alunos, familiares e amigos da escola.

A Associação Bahia deu início em 1987 à construção do Colégio Adventista de Salvador (CAS), sob a administração do Pr. Luís Henrique Perestrello, presidente local da época. Foi então que em 28 de fevereiro de 1988 foi inaugurado o prédio, com aproximadamente 850 alunos de pré-escola à 2º Grau. A primeira diretora foi a Prof.ª. Edite Fontes da Silva e o atual (1993) é o Pr. Samuel Küster.

A Prof.ª. Solange de Oliveira Silva é a administradora geral da instituição desde 1989.

Em 28 de fevereiro de 1988 foi inaugurado o novo prédio, com aproximadamente 850 alunos de pré-escola a 2º Grau. A primeira diretora foi a Profª. Edite Fontes da Silva.

É um colégio a nível de externato, pertencente à União Este-Brasileira.

Em 1990, houve a primeira turma de formandos do 2º Grau - Curso Colegial Integrado-Intensivo Pré-Vestibular.

Atualmente o CAS conta com 46 turmas nos turnos matutino e vespertino, com um total de 1.753 alunos.

A Instituição oferece escola de Música, Corais, Clube de Desbravadores, Banda Marcial, além de projetos missionários como: unidade de funcionamento da escola Rádio-Postal da Voz da Profecia; unidade do programa Está Escrito e projetos socioculturais e recreativos permanentes.

Há um significativo número de batismos anualmente entre alunos, familiares e amigos.

COLÉGIO ADVENTISTA DE SANTO AMARO, SP. Localiza-se na Rua Prof. Delegado de Carvalho nº 118, Santo Amaro, São Paulo, SP. Pertence e é administrado pela *Associação Paulista Sul da IASD.

Nesse colégio são oferecidos os cursos de Pré à 8ª série do 1º e 2º Graus, em regime de externato.

A Instituição possui uma área de 1.759 m² e as seguintes instalações e departamentos: Diretoria, Vice-Diretoria, Tesouraria, Secretaria, Sala dos Professores, Biblioteca, Laboratório, Monitoria, Cantina, Ambulatório, Auditório, Orientação Educacional, Orientação Pedagógica, Almoxarifado e 12 salas de aula.

Cerca de 25 professores e 12 funcionários trabalham na escola e em 1989 chegou a 789 o número de matrículas no 1º Grau.

Há também na Instituição um coral misto e são desenvolvidas atividades agrícolas, mas apenas com os alunos do pré-escolar.

A escola foi fundada em fevereiro de 1932 por iniciativa do Pr. *Germano Ritter, e, como na ocasião havia apenas o curso primário, recebeu o nome de Escola Primária Adventista. Localizava-se na antiga Rua Herculano de Freitas nº 364, em Santo Amaro, SP. A primeira professora da Instituição foi Otília Fritsh da Silva e Maria Urizzi foi a primeira professora do pré escolar em 1970.

Os primeiros alunos foram: Orlando R. Ritter, Mário Ritter, Rute Luz, Amaro Recumback, Benedito, Fortunato e Israel Zorub.

A primeira administração da escola foi formada pela professora Otília Fritsh da Silva que, além de Diretora foi Tesoureira e também Secretária.

Alguns eventos importantes marcaram a história da escola tais como: aquisição de um terreno maior em 1978; mudança da escola para o novo terreno em 1984; implantação do 2º Grau em 1990.

O colégio recebeu os seguintes: Escola Primária Adventista, Escola Adventista de 1º Grau José Bonifácio e o atual, Colégio Adventista de Santo Amaro.

Diretores: Profª. Otília Fritsh da Silva (1932-1937); Profª. Maria Rodrigues (1938); Profª. Maria Zorub (1956-1970); Profª. Edméia Oliveira Barreto (1971); Prof. Ezequiel Ribeiro (1972-1973); Prof. Elizeu Camilo (1974); Profª. Eny Garcia Sarli (1975); Prof. Elias Pereira Mendes (1976-1978); Prof. Valter Aniceto de Souza (1979); Prof. Narciso Liedke de Filho (1980); Profª. Amélia Carolina Torres (1981); Profª. Edméia Oliveira Barreto (1982-1986); Prof. Rodolfo Bende (1º semestre de 1987); Prof. Adiel Pinto (2º semestre de 1987).

COLÉGIO ADVENTISTA DE 1º E 2º GRAUS DE VILA GALVÃO. Localiza-se na Rua Vicente Melro, 143, em Vila Galvão, Guarulhos, SP. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista Leste da IASD.

Foi fundada em 10 de janeiro de 1974, estando localizada ao lado da Igreja, à Rua da Estação, 143, na Vila Galvão. A primeira diretora e professora foi *Sônia Maria Stella Aureliano.

Em sua fundação recebeu o nome de "*Escola Adventista de 1º Grau e Educação Infantil Jardim das Oliveiras*". Depois mudou o nome para "*Escola Adventista Júlio Verne"* e mais tarde para "*Colégio Adventista de 1º e 2º Graus de Vila Galvão"* nome que permanece até hoje (1995).

Muitas campanhas e programas foram feitos com o firme propósito de formarem esta escola. E foi então em abril de 1974 comprado um terreno e em fevereiro de 1975 foi dado início à construção.

A primeira turma contava com 28 alunos em apenas uma sala ao lado da IASD de Vila Galvão.

Logo passaram a ter classes de pré-primário, jardim da infância e 2 classes de 1ª série.

O Pr. Sabino Arco estava sempre ao lado desses empreendimentos dando sua colaboração.

Em 1979 a Profª. Sônia adoeceu e com isso a Profª. Neusa Carlos Aureliano assumiu a direção.

Em 1982 iniciou-se a construção da parte superior do prédio e em 1983 o prédio estava pronto e a 5ª série em funcionamento.

Em 1984 a Profª. Miriam Goulart assumiu a direção desta Instituição.

Atualmente, o Colégio de Vila Galvão oferece o 1º e 2º Graus e possui quase 900 alunos matriculados.

COLÉGIO DE BUTIÁ, PR. Veja **Instituto Adventista Paranaense (IAP), PR.**

COLÉGIO INTERNACIONAL DE CURITIBA. Veja **Colégio Curitiba Adventista (CCA).**

COLPORTAGEM. Veja **Colportor; King, George Albert.**

COLPORTAGEM NO BRASIL. Método de venda de literatura Adventista de casa em casa, realizada por pessoas especializadas, voluntários e estudantes, com o objetivo de evangelizar.

Em maio de 1893, *Albert Stauffer e *Elwin Winthop Snyder chegaram ao Rio de Janeiro, enviados pela *Associação Geral, a fim de iniciar a obra da Colporgem no Brasil.

Enquanto Snyder permaneceu no Rio de Janeiro, Stauffer partiu para São Paulo. Snyder conheceu *Alberto Bachmeier, jovem marinheiro alemão que veio a converter-se e ser o primeiro recruta da colportagem evangelística no Brasil.

Alberto Stauffer, E. W. Snyder e Bachmeier iniciaram o trabalho nas colônias alemãs de São Paulo, em Indaiatuba, Rio Claro e Piracicaba.

Em 1893 e 1894, surgiram os primeiros conversos do trabalho de Bachmeier, pela leitura do livro *O Conflito dos Séculos,* de Ellen G. White.

Foram eles: *Guilherme Stein Júnior, que veio a ser o primeiro Adventista converso no Brasil; Guilherme Meyer e sua esposa Paulina Meyer em Rio Claro; *Guilherme Stein III e sua esposa, Ana Bárbara Stein e os filhos Simão, Júlio, Pedro e Reinaldo em Indaiatuva.

Em 1894, chegou a Brasil o segundo missionário Adventista, também colportor, *William Henry Thurston, vindo dos Estados

Unidos, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Trabalhou por 7 anos no Brasil. Fundou a Sociedade de Tratados do Brasil, o primeiro departamento dos adventistas estabelecido em território nacional, denominado em 1920 *Casa Publicadora Brasileira (CAB).

Em 1894, o colportor Bachmeier iniciou o trabalho em Santa Catarina, nas colônias alemãs, onde vendeu 103 livros “Conflito dos Séculos”. Descobriu observadores do sábado em Gaspar Alto e em Brusque.

Em 1895, Thurston solicitou a presença do Pr. F. H. Westphal da Argentina, que veio ao Brasil a fim de batizar os conversos de Piracicaba, Rio Claro, Indaiatuba, resultado do trabalho dos colportores.

Neste mesmo ano, *Alberto e Frederico Berger, colportores, vieram dos Estados Unidos iniciar o trabalho sistemático de venda de publicação Adventista nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Mais tarde, foram para as comunidades alemãs de Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo.

Em 1896, foi construída a primeira igreja organizada e estabelecida no Brasil, em Gaspar Alto, SC.

Os primeiros livros vendidos no Brasil vinham de nossa editora em Battle Creek, em alemão e inglês.

Em 1897, Johannes Rudolf Berthold Lipke — conhecido como *John Lipke — foi o principal participante da origem da imprensa Adventista.

Em 1900, foi editado o primeiro número do primeiro periódico Adventista no Brasil *O Arauto da Verdade”, cujo tradutor e redator foi Guilherme Stein Júnior e a primeira revisora Maria K. Stein. Este periódico mudou de nome várias vezes: *Sinais dos Tempos, *O Atalaia* e finalmente **Decisão*.

Assim, as revistas foram as pioneiras na publicação de nossa mensagem em português. Em 1901, surgiu em Blumenau, SC, um

periódico Adventista em alemão: *"Der Missions Arbeiter"* (O obreiro da Missão), editado por John Lipke.

John Lipke foi aos Estados Unidos e conseguiu uma doação de US$ 1.200 e ainda um prelo da Gráfica Berrien Springs do Emmanuel Missionary College, para o Colégio de Taquari, RS.

O Brasil foi o primeiro na América Latina a possuir uma Imprensa Adventista do 7º Dia e a primeira editora em português.

Em 1907, foi impresso o primeiro livro *A Gloriosa Vinda*, com 96 páginas.

Do colégio de Taquari e do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), surgiram colportores-estudantes. Os livros eram carregados em burros e cavalos.

Pioneiros da colportagem: *André Gedrath — começou em 1912 e continuou durante 30 anos, "colportor da lancha"; *Luiz Caleb Rodrigues — trabalhou no Nordeste, pioneiro das selvas brasileiras; *Saturnino Mendes de Oliveira — começou em 1910; Henrique Tonges, *Germano Conrad, *Hans Mayer, *Hermínio Sarli, *José Garcia Negrão, *João Melander, Pedro Camacho, *Pedro Cunha Linhares, Domingos César da Silva.

O primeiro curso de colportagem foi realizado em Santo André, SP, em 1909. O Brasil foi dividido em três divisões para atender as necessidades cos colportores: Divisão Sul, Este e Norte.

Métodos. Em 1925, em Mogi das Cruzes, SP, foram feitas, pela primeira vez, vendas sob encomenda pelos Pastores C. L. Bainer e *Manuel Margarido, diretores da colportagem da *União Sul-Brasileira e *Associação Paulista da IASD, respectivamente. Em 1945 e 1946, começou o trabalho de vendas a prazo, nos quartéis.

Por volta de 1952, foi criado pela União Sul-Brasileira o Serviço Educacional Lar e Saúde. Cada colportor recebe, atualmente uma carteira deste "serviço".

De todos os colégios saem centenas de estudantes que mantém seus estudos através da colportagem.

A página impressa foi a cunha por excelência para a penetração da mensagem Adventista no Brasil, ocupando a colportagem a esse respeito, um lugar de destaque.

Em 1993, foi comemorado o centenário da Obra de Publicações no Brasil.

COLPORTOR. Membro da Igreja que regularmente vende livros denominacionais ao público de casa-em-casa. Ele é considerado um obreiro evangélico cujos esforços são coordenados com os do evangelista. Sua obra sagrada e participa da obra do ministro, professor e vendedor. Indo diretamente aos lares de todas as classes de pessoas, ele mostra aos seus clientes o caminho da salvação e ora com eles, esperando que Deus impressione para que leiam e estudem os livros que são deixados em seus lares. Muitos são, dessa forma, levados a um entendimento mais completo, convicção espiritual e então à Igreja mediante a influência da imprensa. Milhares de pessoas que se interessaram nos ensinos ASD primeiramente por esse caminho assistem a reuniões evangelísticas ou mesmo à Igreja ASD e se tornam membros.

O colportor recebe uma comissão pela venda e também alguns auxílios financeiros se alcançar os alvos propostos estabelecidos na praxe denominacional.

História da Obra do Colportor. Provavelmente o primeiro livro vendido pelos colportores tenha sido na Europa durante a década de 1860. Esses homens, Jean David Geymet, Sigismond Hahnhardt, Tiago Erzberger e *Michael B. Czechowski, embora não estivessem sob o patrocínio da Associação Geral em Battle Creek, proclamaram a mensagem Adventista, inclusive o *Sábado. Seu ministério cobriu porções da Itália, Suíça e França.

Em 1879, Ellen G. White começou a estimular as publicadoras (Central Seventh-day Adventist Publishing Association e a Pacific Seventh-day Adventist Publishing Association) a vender livros doutrinários ao público mediante vendedores de casa-em-casa. Em 1880, o Dr. John H. Kellogg escreveu um grande tratado sobre saúde, *Home Handbook,* (“Livro do Lar”) com 1.600 páginas, que ele vendia por esse método antes da publicação. Um dos homens que vendia esse livro era o canadense George King, que já tinha colportado por muitos anos, vendendo tratados, livros pequenos e assinaturas de revistas tais como *Good Health* (“Boa Saúde”). O sucesso de King, que já tinha trabalhado com os livros de Kellogg pode ter acendido nele o desejo de um livro que mostrasse as crenças ASD, publicado de forma atrativa para o público em geral.

King certa vez quis tornar-se um pregador. Tiago White, que desacreditava as habilidades de King, pediu a Richard Godsmark para que levasse King para uma fazenda perto de Battle Creek, Michigan e o deixasse praticar a pregação e então relatasse a Tiago. Como conta a história, freqüentemente ouvia-se King orando pela manhã. Em outras vezes, ele colocava seus diagramas proféticos na sala e pregava para as cadeiras vazias. Um dia, após uma Escola Sabatina realizada na casa de Godsmark, ele pregou seu sermão-teste e fracassou terrivelmente. Godsmark disse-lhe que ele nunca seria um ministro, mas animou-o a tentar vender publicações ASD para as pessoas em suas casas e se ofereceu para fornecer-lhe folhetos. King saiu e os vendeu, provando assim que poderia vender literatura ASD. Esse incidente deve ter ocorrido algum tempo antes de 1878, pois em 1878, King tinha colportado com assinaturas e livros em Ontario (*Review and Herald,* 13 de fevereiro de 1879).

Em 1881, ele veio para Battle Creek novamente, dessa vez não pedindo para pregar, mas pedindo para pôr em operação sistemática o plano da Sra. White de evangelização através da venda de livros.

Descobrindo que poderia vender os dois pequenos livros de Urias Smith sobre Daniel e Apocalipse, ele instou a Review and Herald a publicar os dois livros como uma edição em tamanho maior para encomendas. A publicadora finalmente concordou em publicar 5.000 cópias do livro *Reflexões Sobre Daniel e Apocalipse*, em um formato melhorado, se King assumisse a responsabilidade por mil cópias. Primeiramente, fizeram cópias reunindo seções dos dois livros. Depois de King e os outros terem sucesso na venda, os dois livros foram reimpressos em conjuntamente, com paginação contínua, em tamanho maior e com ilustrações. No dia 3 de abril de 1882, George King vendeu seu primeiro livro, o novo *Daniel e Apocalipse*, a D. W. Reavis, por $2,50 dólares.

A história do início da IASD em muitas partes do mundo é a história da obra dos colportores preparando o caminho para o pregador.

Em todos os países sul-americanos, exceto o Peru, a obra ASD através de publicações sendo enviadas e através de colportores. O primeiro colportor ASD no solo sul-americano foi George King, que em 1887, colportou por vários meses na Guiana Inglesa e vendeu 400 livros.

Em 1891, a Associação Geral enviou três colportores, Elwin W. Snyder, C. A. Nowlen e A. B. Stauffer para iniciar a obra na América do Sul. Seu plano original deveria se iniciar em Montevidéu, Uruguai, mas após "uma visão geral", eles decidiram ir a Buenos Aires, Argentina (*The Home Missionary*, fevereiro de 1892). Stauffer foi para a parte Norte da Argentina e trabalhou entre os alemães e seu dois companheiros começaram o trabalho em Buenos Aires. Após quatro meses, tinham vendido 200 livros e feito vários conversos, entre eles, Lionel Brooking, um imigrante da Inglaterra. Em julho de 1892, Brooking vendeu livros em Gran Chaco, Paraguai (*Boletim da AG*, março de 1895). Naquele tempo, era extremamente difícil vender livros lá. Em 1893, Stauffer e Snyder retornaram ao Uruguai para vender as publicações ASD. Stauffer vendeu *O Grande Conflito* e outros livros e

deu estudos bíblicos em colônias suíças, enquanto Snyder trabalhou em Montevidéu. Em1896, F. H. Westphal batizou 18 interessados e organizou a primeira igreja no Uruguai (*Review and Herald*, 9 de fevereiro e 10 de agosto de 1897).

O primeiro ASD a entrar no Equador foi o colportor evangelista Thomas Davis, que juntamente com F. W. Bishop tinha anteriormente (1894) auxiliado o trabalho no Chile. A despeito de muitas dificuldades, grande oposição e a morte de sua esposa, Davis colportou por quatro anos (1904-1908), trabalhando entre as cidades e vilas pela extensão da estrada de ferro que vai de Guayaquil a Iquitos. Um ano após sua chegada, em 1905, o primeiro pregador ASD chegou ao Equador.

R. A. Caldwell foi o pioneiro no trabalho de vendas nas Filipinas, bem como na Malásia e China. Ele permaneceu nas Filipinas por vários anos, unindo-se a ele vários colportores, o primeiro dos quais foi Floyd Ashbaugh.

A província chinesa de Shensi foi alcançada em 1915. Essa província, às margens do Rio Amarelo, é o lugar mais antigo da cultura e civilização chinesas e aqui, Sianfu, foi a primeira capital da China. Um colportor achou ali uma cidade chamada Vila do Evangelho, que tinha sido construída 30 anos antes por um grupo de cristãos que emigraram de Shantung. Aqui, sua literatura foi gratamente recebida e a fé ASD teve um firme progresso.

No início da obra ASD na Austrália e Nova Zelândia, o líder das forças era Stephen Haskell, um forte promotor da distribuição da literatura. Em sua companhia estava William Arnold, um dos primeiros e mais bem sucedidos colportores ASD que, enfrentando dificuldades no início, levou o trabalho a um alicerce promissor ali.

O Departamento de Publicações da Associação Geral, organizado em 1902, estabeleceu planos para a construção de Publicadoras em áreas estratégicas em todo o mundo, bem como o trabalho em outras línguas; garantir liderança própria e recrutar colportores. Atualmente, mais de

16.000 colportores vão de porta-em-porta vendendo os produtos de 57 publicadoras. O valor de suas vendas em 1992 foi de U$ 83.303.505,00 de dólares.

Mas a obra do colportor é evangelística. Por exemplo, em 1992 foram distribuídos milhões de folhetos e milhares de lares receberam suas orações. A cada ano, milhares são batizados em conseqüência desse trabalho.

Treinamento de Colportores. Em toda a história da IASD, o treinamento de colportores recebeu muita atenção e muitas instituições educacionais iniciam treinando colportores e instrutores bíblicos.

O programa atual para o treinamento de colportores inclui pequenas sessões de ensino de doutrina. Mediante palestras, filmes e a leitura de materiais, o candidato é introduzido aos elementos da produção dos livros, os propósitos e métodos da distribuição da literatura ASD e os princípios da venda eficaz da literatura de saúde e religiosa. Isso é geralmente seguido por um período de prática por um líder de colportagem ou um assistente.

No campo, o colportor mantém contato com os desenvolvimentos em sua linha de trabalho mediante periódicos informativos que a União local publica. Uma parte importante no treinamento dos colportores é realizada nos colégios, onde existem os departamentos de colportagem liderados pelos alunos que colportam. As classes especiais para treinamento de colportores são planejadas e realizadas pelos diretores de colportagem antes de os estudantes saírem para as férias de colportagem. Alguns desses estudantes mais tarde se tornam colportores efetivos ou diretores do trabalho da colportagem. Esse tipo de atividade tem-se concentrado principalmente em nossos internatos aqui no Brasil.

O Brasil é um dos países mais bem sucedidos na área da colportagem e um dos únicos que ainda mantém o trabalho de casa-em-casa.

COMISSÃO DE ESCOLA PAROQUIAL (Junta Escolar). Corpo administrativo de uma escola de 1º Grau operada pela *Igreja local ou grupo de Igrejas. Este corpo poder ser a comissão da Igreja ou uma comissão da escola da Igreja apontada pela comissão da Igreja. Onde duas ou mais igrejas se unem para dirigir uma escola, há uma comissão de *Escola da Igreja da união. Veja **Escolas ASD.**

COMISSÃO DA IGREJA. Veja **Igreja Local, II, 3**.

COMISSÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA.

COMUNIDADE ADVENTISTA DE SANTA CATARINA - SERTÃO DO VALONGO. O Sertão do Valongo ou de Santa Luzia, pertence ao município de Porto Belo, 60 km da Capital. Saindo da BR 101-SC, andando 13 quilômetros vive uma comunidade negra, formada por 60 descendentes de escravos. Vivendo isolados, conservam o mesmo estilo de vida de seus ancestrais. Todos são Adventistas do 7º dia.

Na década de 1920 a 1930, Domingos Costa, um fiel colportor informado de que ali habitava uma pequena comunidade negra, resolveu enfrentar a difícil estrada. Os livros que ali ofertou foi *Vida de Jesus*, e o *Grande Conflito* para Marcelino Caetano. Depois de muito tempo, Marinho Caetano (filho de Marcelino Caetano) interessou-se pelos livros, leu-os e passou a assistir reuniões Adventistas em casas particulares, em Terra Nova.

Marinho Caetano e sua filha batizaram-se em 1929. Juntamente com Manuel Gregório Faial, foram grandes missionários para a região do Vale do Rio Tijucas e Porto Belo. Foram os primeiros a levar a

mensagem Adventista para Zimbros, Trombudo, Tijucas, Praia Vermelha e Praia Triste.

Durante 35 anos, as reuniões foram realizadas na casa de Marinho Caetano. Em 1962, membros da Igreja Adventista e a *Missão Catarinense da IASD, reuniram-se para construir o prédio que abriga a Igreja. A construção foi concluída no dia 28 de setembro de 1962, sendo capaz de abrigar 70 membros. Foi inaugurada no dia 23 de novembro.

Com o incentivo do Pr. Edgar Delgode e da Profª. Eliza da Silva, a primeira Escola do Sertão do Valongo teve a sua origem. Escola primária, funcionou por vários anos, vindo a fechar depois.

O índice de analfabetismo é de mais de 80% nesta comunidade. Os 60 membros são todos parentes entre si, de cor negra e o interessante é que muitos deles tem olhos verdes.

Vivem pela fé, pois dependem apenas da terra para o seu sustento, trocando frutas e verduras com outras vilas.

A eletricidade chegou somente em 1989.

O *CATRE Acampamento Adventista de Itapema, SC, realiza cursos de aperfeiçoamento e sempre tem um representante dessa vila.

CONCEITO HISTORICISTA DA PROFECIA

CONCERTO. Nas Escrituras, termo geralmente referente aos vários acordos que Deus tem, de tempos em tempos, feito com os homens — Noé, Abraão e Israel, por exemplo. Jeremias e o Paulo em Hebreus também falam de um "novo concerto" que Deus prometeu fazer com Seu povo (Jer. 31:31-33; Heb. 8:8-13).

Um concerto humano pode ser tanto um acordo mútuo entre iguais que concordam em formular seus termos ou um acordo imposto por um superior sobre um inferior. As partes de um concerto divino-humano não são iguais. O propósito e condições de tal concerto são

determinadas por Deus e voluntariamente aceitas pelo homem. Todos os concertos entre Deus e o homem são baseados no princípio de que obediência à vontade de Deus significa vida; desobediência traz morte. Isto foi verdade antes de entrar o pecado; e é verdade agora. Por ter sua natureza caída herdada de Adão, o homem não pode render perfeita obediência à vontade de Deus por seu próprio poder. Os concertos feitos com o homem desde a Queda têm o desígnio de encontrar o homem em sua condição caída de molde a capacitá-lo a alcançar a obediência requerida dele mediante fé em Cristo. O objetivo e termos são basicamente os mesmos em cada concerto divino com o homem, mas a forma da declaração e o modo de operação podem variar de acordo com as circunstâncias históricas. Do ponto de vista de Deus, só houve até agora um acordo — o "concerto eterno". Mas do ponto de vista do homem, parece ter havido um grande número de concertos. Isto por causa da dessemelhança das formas exteriores.

O concerto de Deus com Abraão ao tempo da migração para Palestina incluía a promessa de que sua posteridade se tornaria uma grande nação, e apontava ao profeta um aliado Celeste na tarefa o conhecimento da Salvação a todos os homens (Gên. 12:1-3). Este concerto foi formalizado alguns anos depois, como relatado em Gên. 15. No monte Sinai, os descendentes de Abraão voluntariamente aceitaram a Deus como seu Legislador e sua responsabilidade como povo escolhido (Êx. 19:5-8; 24:5-8; *PP*, 370-373). O objetivo imediato do concerto do Sinai foi o estabelecimento da nação hebraica na Palestina, e o último, a evangelização do mundo (Deut. 7:7-14; Is. 49:3,6,8). Sob o concerto, Israel tornou-se o povo escolhido de Deus e Ele tornou-Se seu reconhecido Legislador. O concerto era a base de todo Seu trato com eles. Sua forma de governo sob a relação do concerto era a Teocracia. Seu lugar de culto era a tenda do concerto. Suas Sagradas Escrituras eram o livro do concerto.

O concerto eterno entre Cristo e o Pai para a Salvação do homem foi formulado na eternidade passada (Ef. 1:4; Heb. 6:18). Tornou-se efetivo no momento em que o pecado entrou, e foi formalmente ratificado pela morte de Cristo na cruz. Como Moisés mediava o concerto antigo, Cristo tornou-se o mediador do novo concerto (Heb. 9:15-17). É um "concerto melhor" estabelecido na eterna promessa feita pelo próprio Cristo de morrer pelos pecadores, em vez de basear-se nas volúveis promessas do povo, como no velho concerto Heb. 8:6). Embora sob o concerto feito no Calvário deve ser escrito com letras vivas no coração, ou mente, de todos que aceitam a salvação oferecida pelo sangue do "concerto eterno" (Heb. 13:20).

O primeiro comentário ASD sobre os concertos surgiu da relação dos Dez Mandamentos — e desta maneira do Sétimo Dia — ao antigo concerto. Em 1857, Roswell F. Cotrell, anteriormente um ministro Batista do Sétimo Dia, ressaltou que, longe de abolir a Lei de Deus, o novo concerto exigia que ela fosse inscrita no coração dos homens (Heb. 8:10,11; *Review and Herald*, 19/02/1857). D. M. Canright respondeu às discussões dos críticos de que o antigo concerto era um concerto de obras e o novo concerto de fé, desta maneira:

> Pensamos que a ligação entre fé e obras nunca foi a mesma em ambos os concerto. A fé em Cristo era tão necessária à salvação nos dias de Noé, ou Adão, como o é hoje (*Review and Herald*, 24 de abril de 1866).

O fato de Abraão ter sido justificado pela fé, não o isentou de obedecer aos mandamentos de Deus.

A primeira grande exposição dos dois concertos foi uma série de artigos de J. O. Corliss, na *Review and Herald*, entre março e maio de 1883. Ele explicou que o antigo concerto era um *acordo* feito *referente* aos Dez Mandamentos mas que os dois são separados e distintos (Deut. 10:2; cf. 31:26). Em contraste, o Decálogo era um concerto *ordenado*

(Deut. 4:13; *ibid.*, 27 de março de 1883). O antigo concerto foi ratificado pelo derramamento de sangue *antes* de os Dez Mandamentos serem gravados nas tábuas de pedra. O novo concerto, como o antigo, era feito com *Israel.* (Heb. 8:10; *ibid.*, 60:213, 3/04/1883). N. J. Bowers alistou razões bíblicas contra o argumento que identifica os Dez Mandamentos com o antigo concerto, que foi desfeito na cruz. O Decálogo existia muito antes de o antigo concerto se tornar efetivo no Monte Sinai. O concerto foi feito com *relação* ao Decálogo, não idêntico a ele. O antigo concerto foi feito *com* o povo, embora este fosse *ordenado* a guardar os Dez Mandamentos. O antigo concerto consistia de promessas divinas e humanas, não de ordens (Êx. 24:7; cf. Heb. 8:6). As promessas humanas eram falhas, conquanto os Dez Mandamentos fossem perfeitos (Heb. 8:7; cf. Rom. 7:12, 14). Sob o novo concerto, a lei é escrita na mente do crente (Heb. 8:10). O antigo concerto findou na cruz, mas os Dez Mandamentos não (Mat. 5:17-20). Ele também chamou a atenção para o fato de que Paulo se refere ao concerto e à lei como entidades distintas (Rom. 9:24; *ibid.*, 15 de setembro de 1885).

Urias Smith discutiu o antigo e novo concertos extensamente em uma série de oito editoriais de setembro a novembro de 1887. Ele referiu-se a eles como duas edições do eterno concerto de Deus com o homem (*ibid.*, 13 de setembro de 1887). Não há nada na natureza do acordo mútuo nos Dez Mandamentos; eles foram *ordenados* (*ibid.*, 20 de setembro de 1887). De acordo com Deut. 5:3, "Não foi com os nossos pais que o Senhor fez esta aliança, mas conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos. "Se Moisés se refere aqui ao Decálogo, seus princípios não estavam vigorando para o homem antes do Sinai; eram livres para violar seus preceitos à vontade — uma situação impossível (*ibid.*, 4 de outubro de 1887). O novo concerto, como o antigo, foi feito com Israel (o povo de Deus), não com gentios, mas os últimos poderiam ser incluídos nele, tornando-se filhos espirituais de Abraão (Gál. 3:29; *ibid.*, 11 de outubro de 1887). Por sua vez, os judeus devem crer em

Cristo a fim de desfrutar de Suas bênçãos (Rom. 2:28,29; Gál. 3:29; *ibid.*, 18 de outubro de 1887). A lei de Deus é a base de ambos os concertos (*ibid.*, 1º de novembro de 1887).

Veja também **Sábado**, I, 2.

CONCÍLIOS.

CONCURSO DE TEMPERANÇA. É um concurso de oratória, promovido anualmente pelo Departamento de Temperança da IASD. Inscrevem-se, geralmente, alunos de 2º Grau e Cursos Superiores.

No dia 07 de novembro de 1960 houve um Concurso de Temperança pela *União Sul-Brasileira da IASD em São Paulo e em outros Estados ou Regiões. Mas foi só em 1962 que houve o I Concurso de Temperança em nível nacional, organizado pela *Divisão Sul-Americana da IASD.

Para a finalíssima ficaram: o *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), RS; Ginásio Adventista Paranaense (GAP), PR; *Instituto Adventista de Ensino (IAE), SP; Ginásio Adventista Campineiro, SP; *Instituto Petropolitano de Ensino (IPAE), RJ e o *Educandário Nordestino Adventista (ENA), PE.

Foi realizado no dia 21 de outubro de 1962, no auditório da Voz da Profecia, RJ.

Os vencedores foram:

1º lugar - Agenor Pimenta, IAE/SP
2º lugar - Ari Gomes, IACS
3º lugar - Raimundo Lima, ENA/PE

O Pr. Alcides Campolongo dirigiu muitos cursos e concursos de temperança na época em que era Secretário de Temperança da *Associação Paulista da IASD.

Em 1971 realizou-se o II concurso de Temperança da *União Sul Brasileira da IASD (USB)., tendo como vencedora Marilda Krzyzanowski.

Em outubro de 1976 em outro concurso de oratória da U.S.B., destacou-se o jovem Aldovandro Araújo, de São Paulo.

CONCURSOS BÍBLICOS. O Estado de Israel, por ocasião do 10º aniversário da organização da Pátria, em 1958, promoveu concursos bíblicos sobre o Antigo Testamento em nível mundial. A primeira vencedora no Brasil a participar foi a Profª. primária Irene Santos.

Em 1959, Yolanda Anversa da Silva venceu o II Concurso Eternidade da Bíblia, tendo sido a primeira classificada no mundo.

Em fevereiro de 1966, venceu o Concurso Bíblico Nacional a Profª. Mariazinha de Almeida e em 31 de agosto de 1970, a Profª. Gerda de Burgo, paranaense, venceu novamente o Concurso Nacional.

Em 15 de julho de 1981, Francisco Alves de Pontes (conhecido como "Chico Bíblia") foi o vencedor do V Concurso Nacional da Bíblia no Rio de Janeiro. Foi a Jerusalém em 02 de setembro e classificou-se em 2º lugar no Concurso Mundial.

Todos os concursos bíblicos realizados no Brasil foram ganhos por adventistas. Em 1981 ocorreu o último Concurso Bíblico Internacional, onde participaram 31 países e dentre eles estava o Brasil. Eram 300 candidatos, sendo 12 os selecionados na 1ª prova. Destes, 6 eram adventistas do 7º Dia. Na 2ª prova, o número reduziu para 32 Pastores e um leigo, Francisco Alves de Pontes, sendo ele o vencedor do 5º Concurso Bíblico Internacional.

1º 1958 - Irene Santos - 3º lugar, Adventista.

2º 1961 - Iolanda Anversa da Silva - 1º lugar, Adventista.
3º 1964 - José Ribamar de Menezes - 5º lugar.
4º 1967 - Um Adventista australiano - 1º lugar.
5º 1981 - Francisco Alves Pontes - 1º lugar, Adventista.

CONFERÊNCIA. Entre os ASD pioneiros, a palavra era usada aleatoriamente para descrever "reuniões gerais" (freqüentemente nos finais de semanas) de grupos locais de Igrejas ou de membros individuais, dirigida por um ou mais ministros com o propósito de fortalecer às Igrejas, alcançar conversos, ou estudar qualquer problema de interesse comum (como, por exemplo, os "*Congressos Sabáticos", iniciados em 1848). Eles até usavam o termo "Conferência Geral" para as sessões daquela natureza antes que houvesse qualquer instituição denominancional; por exemplo, aquelas realizadas nos anos 1850 em Battle Creek, Michigan, para as quais eram feitos convites gerais e para as quais poucos que não fossem do Estado vinham.

Nota do tradutor: Atualmente, esta palavra descreve séries de reuniões evangelísticas realizadas com o propósito de pregar a mensagem do Evangelho. Levadas a efeito geralmente pelos evangelistas de cada campo em cidades onde se sinta maior necessidade, são também realizadas pelos alunos nossas faculdades de Teologia (Seminário Adventista Latino Americano de Teologia (SALT) - Instituto Adventista de Ensino (IAE Ct) e Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE), que saem para diferentes campos dentro do país cumprindo requisitos acadêmicos e evangelísticos.

CONFERÊNCIA GERAL, SESSÃO DA. Reunião qüinqüenal de delegados representando a Igreja mundial.

A primeira sessão, na qual a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia foi organizada em Battle Creek, Michigan, em 20 de

maio de 1863. Vinte delegados estavam presentes — quatro do Estado de Nova Iorque, dois de Ohio, dez de Michigan (oito ministros e dois leigos), um de Wisconsin, dois de Iowa e um de Minnesota. Das Associações então existentes, somente a Associação de Vermont não estava representada. Apontaram-se comitês sobre constituição, credenciais e nomeações, e a constituição da Associação Geral foi adotada. Ela consistia em nove artigos estabelecendo os aspectos comuns da organização de provia a organização de representação das Associações nas sessões anuais. Os oficiais da Associação (presidente, secretário e tesoureiro) foram eleitos para o próximo termo de um ano. Em 1889, a constituição foi emendada para se realizarem sessões bienais. Desde de 1905 a constituição provê para as sessões qüinqüenais.

A importância da sessão qüinqüenal no governo ASD é evidente. É quando a mais alta organização na administração da obra mundial se reúne para expressar o pensamento coletivo e estabelecerem-se os planos para a Igreja. A autoridade final deste corpo é aceita por todas as organizações subordinadas e interesses nas várias seções do mundo. Em uma só palavra, a Conferência Geral qüinqüenal sintetiza e implementa a organização em escala mundial.

Essa forma de governo da Igreja reconhece que a autoridade está com os membros, que delegam a responsabilidade executiva para as corporações representativas e os oficiais para a direção da Igreja e a promoção dos interesses da Igreja. Esses princípios básicos de autoridade e representação caracterizam os quatro degraus na organização ASD, indo do membro individual até a igreja mundial. Dentro da estrutura da responsabilidade e organização locais, os membros se reúnem pessoalmente ou mediante representação pessoal para assegurar um corpo unido e uma ação unida. No nível da Associação ou Campo local, o corpo de igrejas de um Estado, cidade ou território organiza e dirige o trabalho. Os campos locais se afiliam

dentro de um território maior para formar Uniões. A União de igual modo dirige o trabalho em seu território. Então finalmente, essas Uniões se unem à Associação Geral como um corpo abrangendo a igreja em todas as partes do mundo.

A sessão qüinqüenal opera, assim como a primeira em Battle Creek, na base de delegados devidamente credenciados. Esses delegados e eleitores são designados:

(*a*) delegados *ex-officio*;

(*b*) delegados regulares.

Os delegados gerais incluem todos os membros do Comitê Executivo da Associação Geral, e os outros delegados tais como recomendados por ela para participarem da sessão, representando as instituições gerais; o número desses outros não deve exceder 25% do número total do número de delegados participantes, a menos que para isso se façam arranjos.

Os delegados *ex-officio* representarão a Associação Geral, suas Divisões e serão nomeados na seguinte base:

a) Todos os membros da Comissão Diretiva.

b) Quatro delegados para cada divisão, independente do número de membros e um delegado adicional para cada 100.000 ou fração, dos membros da Divisão. Tais delegados serão nomeados pela Comissão Diretiva da Divisão e suas credenciais serão ratificadas pela Associação Geral.

c) Representantes das instituições e outras entidades gerais da Igreja e das Divisões, os obreiros em geral, secretários conselheiros, leigos e pastores que forem escolhidos pelas Comissões Diretivas da Associação Geral e suas Divisões, devendo tais credenciais ser ratificadas pela Associação Geral em assembléia. O número desses delegados não deverá exceder a 20% do número total dos delegados regulares e outros delegados *ex-officio* aqui previsto.

Os delegados regulares representarão as Uniões-Associações, Uniões-Missões, as Associações/Missões de Igrejas membros da Associação Geral e serão nomeados com o objetivo de que ao menos 25% sejam delegados leigos na seguinte base:

a) Os delegados que representam as Uniões-Associações serão nomeados pelas respectivas Uniões.
b) Os delegados que representam as Uniões-Associações e Uniões de igrejas, ligadas a uma Divisão serão nomeados pelas respectivas Comissões Diretivas da Divisão em consulta com as organizações correspondentes.
c) Os delegados que representam Associações/Missões dependentes de uma Divisão serão nomeados pela respectiva comissão diretiva da Divisão em consulta com as organizações correspondentes.
d) Os delegados que representam as Uniões-Associações, Uniões-Missões, e as Associações/Missões e Uniões de Igreja dependentes da Associação Geral, serão nomeados pela Comissão Diretiva em consulta com as organizações correspondentes.

Os delegados regulares serão distribuídos na seguinte base:

a) Cada União-Associação e União-Missão terá o direito a um delegado além de seu presidente (que é delegado *ex-officio*, e um delegado adicional para cada Associação/Missão em seu território, sem tomar em conta o número de membros.
b) Cada União de igrejas terá o direito a um delegado, sem tomar em conta o número de membros.
c) Cada Associação/Missão que dependa diretamente de uma Divisão ou da Associação Geral, terá o direito a um delegado sem tomar em conta o número de membros.

Cada União-Associação, União-Missão, união de Igrejas e Associação/Missão dependentes, terão o direito a delegados adicionais com base na proporção do número de membros da igreja mundial. O total de delegados sob esta provisão não excederá a 1.200.

Os delegados podem trazer aos oficiais qualquer assunto que sintam merecer atenção. A assembléia estabelece um número de comissões permanentes (Constituição e Estatutos, Credenciais e Licenças, Finanças, Nomeações e Planos) para preparar os negócios regulares da Conferências e processar os itens ou sugestões que devem ser tratados perante a assembléia. Grupos especiais podem ser apontados para tratar de assuntos especiais. Durante o qüinqüênio, comitês técnicos preparam materiais sobre certos aspectos da operação da Associação Geral. O trabalho desses comitês chega até a conferência através dos meios regulares. Faz-se provisão especial nos estatutos para o número e escolha dos membros que constituem o comitê de nomeações.

As Conferências Gerais são realizadas de cinco em cinco anos no tempo e lugar determinados pelo Comitê Executivo da Associação Geral, embora possam ser adiados até dois anos durante condições mundiais impróprias. Esse comitê pode realizar sessões especiais em tempo e lugar que achar melhor anunciando como nas conferências normais e as transações para de tais sessões especiais têm o mesmo peso como as sessões regulares. A eleição de oficiais e a votação sobre todos os assuntos que cheguem à sessão são feitos por *viva voce*, voto ou como determinado pelo presidente, a menos que sejam de outra forma exigidos por uma maioria de delegados presentes. Atualmente, o número de delegados *ex-officio* e delegados regulares em uma sessão qüinqüenal é de aproximadamente 2.000.

As informações acima determinam a parte essencial das sessões da Associação Geral na Administração da IASD. Esta função é ainda mais aumentada pelo fato de que a sessão da Associação Geral simboliza, nas fileiras ASD, a importância da organização na obra de

Deus. A igreja crê que a organização é divina e é baseada em princípios divinos. A organização da Associação Geral e da Conferência Geral pretendem exemplificar esses princípios e a ordem que deveria prevalecer na igreja de Deus.

SESSÕES DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Sessão	Delegados	Data de Início	Lugar
1	20	20 de maio de 1863	Battle Creek, Michigan
2	20	18 de maio de 1864	Battle Creek, Michigan
3	21	17 de maio de 1865	Battle Creek, Michigan
4	19	16 de maio de 1866	Battle Creek, Michigan
5	18	14 de maio de 1867	Battle Creek, Michigan
6	15	12 de maio de 1868	Battle Creek, Michigan
7	16	18 de maio de 1869	Battle Creek, Michigan
8	22	15 de março de 1870	Battle Creek, Michigan
9	17	07 de fev. de 1871	Battle Creek, Michigan
10	14	29 de dez. de 1871	Battle Creek, Michigan
11	18	11 de março de 1873	Battle Creek, Michigan
12	21	14 de nov. de 1873	Battle Creek, Michigan
13	19	10 de ago. de 1874	Battle Creek, Michigan
14	18	15 de ago. de 1875	Battle Creek, Michigan
*	15	31 de março de 1876	Battle Creek, Michigan
15	16	19 de set. de 1876	Lansing, Michigan
*	16	12 de nov. de 1876	Battle Creek, Michigan
16	20	20 de set. de 1877	Lansing, Michigan
*	22	01 de março de 1878	Battle Creek, Michigan

17	39	04 de out. de 1878	Battle Creek, Michigan
*	29	17 de abril de 1879	Battle Creek, Michigan
18	39	07 de nov. de 1879	Battle Creek, Michigan
*	28	11 de março de 1880	Battle Creek, Michigan
19	38	06 de out. de 1880	Battle Creek, Michigan
20	41	01 de dez. de 1881	Battle Creek, Michigan
21	47	07 de dez. de 1882	Rome, Nova Iorque
22	65	08 de nov. de 1883	Battle Creek, Michigan
23	67	30 de out. de 1884	Battle Creek, Michigan
24	70	18 de nov. de 1885	Battle Creek, Michigan
25	71	18 de nov. de 1886	Battle Creek, Michigan
26	70	13 de nov. de 1887	Oakland, Califórnia
27	91	17 de out. de 1888	Minneapolis, Minn.
28	109	18 de out. de 1889	Battle Creek, Michigan
29	125	05 de março de 1891	Battle Creek, Michigan
30	130	17 de fev. de 1893	Battle Creek, Michigan
31	150	15 de fev. de 1895	Battle Creek, Michigan
32	140	19 de fev. de 1897	College View, Nebr.
33	149	15 de fev. de 1899	South Lancaster, Mass.
34	268	02 de abril de 1901	Battle Creek, Michigan
35	139	27 de março de 1903	Oakland, Califórnia
36	197	11 de maio de 1905	Washington, D.C.
37	328	13 de maio de 1909	Washington, D.C.
38	372	15 de maio de 1913	Washington, D.C.
39	443	29 de março de 1918	São Francisco, Calif.
40	581	11 de maio de 1922	São Francisco, Calif.
41	577	27 de maio de 1926	Milwaukee, Wisconsin
42	577	28 de maio de 1930	São Francisco, Calif.
43	671	26 de maio de 1936	São Francisco, Calif.
44	619	26 de maio de 1941	São Francisco, Calif.
45	828	05 de junho de 1946	Washington, D.C.

46	943	10 de julho de 1950	São Francisco, Calif.
47	1.109	24 de maio de 1954	São Francisco, Calif.
48	1.160	19 de junho de 1958	Cleveland, Ohio
49	1.314	26 de julho de 1962	São Francisco, Calif.
50	1.495	16 de junho de 1966	Detroit, Michigan
51	1.782	11 de junho de 1970	Atlantic City, N. J.
52	1.756	10 de julho de 1975	Viena, Áustria
53	1.696	17 de abril de 1980	Dallas, Texas
54	1.853	27 de junho de 1985	New Orleans, Louisiana
55	1.943	05 de julho de 1990	Indianapolis, Indiana
56	2.352	29 de junho de 1995	Utrecht, Holanda

*Sessões especiais

CONFERÊNCIA GERAL DE 1888. Veja **Justificação Pela Fé.**

CONFERÊNCIA GERAL DE 1901. Veja **Organização, IV.**

CONFISSÃO. De modo geral, reconhecimento de fé em Deus e de Sua superioridade e autoridade, ou uma admissão do pecado, de acordo com as circunstâncias, pode ser público ou particular, a Deus ou aos homens. A confissão do poder e supremacia de Deus pode ser sincera ou insincera (I Reis 8:33, 35; Is. 48:1), voluntária ou involuntariamente (Rom. 14:11; Fil. 2:11), como pode ser também a confissão do pecado. Na confissão individual, deve haver um reconhecimento específico do pecado ou dos pecados envolvidos (Lev. 5:5), acompanhado de arrependimento (Mat. 3:2, 6, 8; Atos 2:38; Sal. 38:18), restituição, se necessária e possível (Lev. 6:4; Luc. 19:8; Núm. 5:7, 8), e reforma (I Reis 8:35; Prov. 28:13; Is. 55:7; Atos 19:18, 19). Sendo cumpridas as exigências, o perdão é garantido (I João 1:9). Todos

os pecados devem ser confessados a Deus e aos que foram ofendidos também (Mat. 5:23, 24; Luc. 17:4; Tia. 5:16).

A palavra "confissão" é, às vezes, usada para descrever uma declaração de fé em Cristo (Luc. 12:8; Rom. 10:9; I João 4:15); um reconhecimento aberto ou profissão de crença (Atos 23:8; Rom. 10:10); ou uma concessão ou afirmação de uma crença ou fato (João 1:20; Atos 24:14). A palavra também é encontrada descrevendo o reconhecimento de Cristo em favor de Seu povo perante o Pai (Mat. 10:32; Apoc. 3:5).

Não há base bíblica para o estabelecimento de um confessionário eclesiástico, onde a absolvição do pecado se torna uma função sacerdotal.

CONGREGAÇÃO. Literalmente, uma reunião; no uso protestante comum *(a)* um grupo de pessoas reunidas para o louvor e para a instrução religiosa, o grupo de pessoas que habitualmente se reúnem; *(b)* em alguns países a unidade local organizada de qualquer denominação que não a(s) igreja(s) do Estado.

Em certo sentido, *(a)* uma *congregação* é referida em contraste com uma *audiência* secular: um ministro se dirige a sua congregação em um serviço de culto em sua igreja, mas fala a uma audiência em uma palestra pública, ou possivelmente a uma audiência mista em uma tenda evangelística. Em outro sentido *(b)* congregação é uma organização do tipo "seita", em contraste com uma "igreja"; por exemplo, na Alemanha ou na Escandinávia alguém assiste ou se une a uma Igreja Católica ou Luterana, mas uma congregação Batista, Metodista ou ASD.

CONGRESSOS SABÁTICOS. Às vezes referidos como conferências de 1848 porque se iniciaram em abril de 1848. Série de reuniões dos "amigos do sábado" realizada na Nova Inglaterra e Nova Iorque durante o período formativo da Igreja, quando Tiago e Ellen

White, José Bates e outros começaram a obra de "unir os irmãos nas grandes verdades relacionadas à mensagem do terceiro anjo" (Tiago White na *Review and Herald*, 6/05/1852).

Em linguagem mais atual, A. W. Spalding fala dos "congressos sabáticos que começaram a reunir e unir os crentes na verdade do sábado" (A. W. Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists*, vol. 1, p. 191.)

Os "congressos" daqueles dias de pioneirismo eram reuniões de crentes e pessoas interessadas que vinham de várias distâncias para um final de semana, às vezes para a sexta-feira e sábado, freqüentemente de quinta-feira a segunda-feira. Eram a princípio marcados por carta, posteriormente (de 1849 em diante) anunciados pelos periódicos.

O primeiro, realizado em Rocky Hill, Connecticut, é descrito por Tiago White em uma carta:

> Chegamos neste lugar aproximadamente às quatro horas da tarde. Em poucos minutos chegaram os irmãos Bates e Gurney. Tivemos uma reunião naquela noite com aproximadamente quinze pessoas ao todo. Na sexta-feira de manhã, chegaram os irmãos até que completou-se o número de 50. Ainda não estavam todos completamente firmes na verdade. Nossa reunião naquela noite foi muito interessante. O irmão Bates apresentou os mandamentos em uma luz muito clara e sua importância foi avivada através de poderosos testemunhos. A palavra teve o efeito de firmar os que já estavam na verdade e de despertar os que não estavam completamente decididos (citado em 2*SG*, 93).

O congresso seguinte foi em Volney, Nova Iorque. Tiago White trabalhou cortando grama para conseguir dinheiro para assisti-lo. "Havia aproximadamente 35 presentes, todos os que podiam ser reunidos daquela parte do Estado" (2*SG*, 97).

Houve seis congressos em 1848; Rocky Hill, Connecticut, em abril; Volney e Port Gibson, Nova Iorque, em agosto; Rocky Hill novamente em setembro; Topsham, Maine, em outubro; Dorchester, Massachusetts, em novembro. Em 1849, houve também seis congressos, três com a presença dos Whites: Paris, Maine em setembro e Oswego e Centerport, Nova Iorque, em novembro. Em 1850, houve dez congressos, oito dos quais assistidos pelos Whites.

Durante alguns desses congressos, os líderes — Tiago White, José Bates, Stephen Pierce, Hiram Edson e outros — aproveitaram a oportunidade para estudar a Bíblia juntos a fim de definir as questões sobre vários pontos da doutrina. Falando sobre a maneira na qual "o fundamento da nossa fé foi lançado," Ellen G. White escreveu como eles —

> buscaram a verdade como a tesouros escondidos. Reunia-me com eles, e estudávamos e orávamos fervorosamente. Muitas vezes ficávamos reunidos até alta noite e às vezes a noite toda, pedindo luz e estudando a Palavra. Repetidas vezes esses irmãos se reuniram para estudar a Bíblia a fim de que conhecessem seu sentido e estivessem preparados para ensinar com poder (I *ME*, 206)

Esse estudo em conjunto ocorreu em "importantes reuniões" (Ellen G. White, *Ms 135*, novembro de 1903, 4 de novembro de 1903) nos dias iniciais — provavelmente os congressos que se iniciaram na primavera de 1848. Desde então, congressos do mesmo tipo foram realizados durante muitos anos. A duração desse período de estudo deduz-se do relato da S^{ra}. White:

> Durante todo o tempo eu não podia compreender o raciocínio dos irmãos. Minha mente estava por assim dizer fechada, não podia compreender o sentido das passagens que estudávamos. Esta foi uma das maiores tristezas de

> minha vida. Fiquei neste estado de espírito até que fossem tornados claros todos os pontos principais de nossa fé, em harmonia com a Palavra de Deus. Os irmãos sabiam que, quando não em visão, eu não compreendia esses assuntos, e aceitaram como luz direta do Céu as revelações dadas. (1*ME*, 207).

Essa condição mental continuou até o tempo em que ela e seu esposo visitaram a casa de Andrews no Maine, ocasião em que o "Pai" Andrews foi curado pela fé. Aquele evento pode ser datado por duas cartas de Ellen G. White, a primeira escrita a Samuel Rhodes (Ellen G. White, carta 6, 1850) pouco após o congresso de Paris, Maine, em 23-24 de novembro de 1850 e a segunda escrita a Lovelands (Ellen G. White, carta 30, 1850), datada de 13 de dezembro de 1850. Dessa forma, o período de "dois ou três anos" mencionados pela Sra. White concorda com os dois anos e oito meses entre abril de 1848 e dezembro de 1850, período em que as já mencionadas "importantes reuniões" ocorreram e durante o qual provavelmente tenham sido estudados os principais pontos de fé.

CONRAD, GERMANO JOÃO FREDERICO (1887-1960). Pioneiro da colportagem e obreiro em outros setores. Nasceu em Campos dos Quevedos, município de São Lourenço do Sul, RS, em 09 de abril de 1887, filho de imigrantes alemães. Aceitou a mensagem Adventista e foi batizado em 05 de agosto de 1905. Expulso da casa dos pais por causa de sua nova fé, ingressou na colportagem, viajando em lombo de jumento durante cerca de 7 anos, pelos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, e Minas Gerais, onde foi o primeiro colportor a trabalhar.

Em 22 de maio de 1912, casou-se com Emília Bescow, filha de um comerciante do município de Pelotas, RS. Nesse mesmo ano foi

nomeado diretor de colportagem da Missão Paulista, cargo que ocupou até 1915, quando ingressou na obra ministerial. Durante os dois anos (1918-1919) que foi administrador do então *Seminário Adventista, atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), cursou algumas matérias do seminário que ajudariam em suas atividades evangelísticas. Embora não chegasse a ser ordenado ao ministério, trabalhou como missionário em Curitiba, Juiz de Fora, Varginha, Mogi da Cruzes, Butiá, Rio Negro, Itajaí, Asilo dos Velhos e outros lugares.

Mesmo tendo de ser aposentado cedo, por motivos de saúde, continuou visitando grupos isolados no interior, dirigindo semanas de oração, construindo igrejas e capelas e preparando pessoas para o batismo.

Faleceu no dia 22 de novembro de 1960, e foi sepultado no cemitério da cidade da Penha, SC, onde havia passado os últimos anos de sua vida, e onde existe atualmente uma rua que leva seu nome.

CONRAD, ROBERTO (1915-1973). *Colportor e professor. Nasceu no dia 21 de setembro de 1915 em Campos dos Quevedos, RS. Filho de Augusto e Mathilde Fehberg Conrad.

Casou-se com Elisa Renck Conrad e desta união nasceram 5 filhos: Carlos, Eduardo, Renato, Augusto Neto e Roberto Conrad Filho.

Estudou na *Escola Adventista de Campos dos Quevedos e no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), não conseguindo formar-se no Colegial, pelo falecimento de seu pai, pois precisou cuidar de sua mãe e irmã.

Interrompendo seus estudos em 1939, começou a colportar na *Associação Sul-Riograndense da IASD em 1940. Trabalhou também como professor primário.

Faleceu no dia 23 de dezembro de 1973, na cidade de Taquara, RS, com a idade de 58 anos.

CONRADO, EDMUNDO

CONSCIÊNCIA. [gr. *syneidesis*, “consciência moral, “consciência.”]. Faculdade interior de consciência que realiza julgamento sobre pensamentos, palavras e ações corretas, independentemente dos desejos ou inclinações do indivíduo. Todos os homens são dotados por Deus com uma consciência, mas nem todas as consciências são igualmente iluminadas (Veja Rom. 2:14-20).

A Bíblia descreve diferentes espécies de consciências. Paulo menciona uma “consciência boa” (I Tim. 1:5). Ele mesmo sempre foi cuidadoso em manter sua consciência limpa diante de Deus (Atos 24:16). Ele ensinou que uma boa consciência pode permanecer assim tanto tempo quanto a fé e a integridade sejam mantidas (Veja I Tim. 1:19, 20). Iluminada pelo Espírito Santo, a consciência de Paulo poderia testemunhar por sua integridade quando ele expressou seu fardo por seus irmãos judeus (Rom. 9:1). Ele estava tão certo de sua conduta impecável, que poderia apelar para a consciência de outros como testemunhas disso (II Cor. 4:2; II Tim. 1:3; Heb. 13:18). Os diáconos, instruiu ele, devem ter uma consciência clara na fé (I Tim. 3:9). Ao discutir com os crentes Coríntios sobre as implicações morais de se comer carne oferecida a ídolos, ele sugeriu que tal prática poderia não ser um pecado em si mesma; porém, se a consciência de alguém era perturbada por esse assunto, ou se a indulgência se tornasse uma pedra de tropeço a um irmão com uma consciência fraca, então a prática deveria ser evitada (I Cor. 8; 10:19-33). O apóstolo escreveu sobre uma “consciência cauterizada” (I Tim. 4:2), e uma “consciência corrompida” (Tito 1:15), referindo-se talvez à uma consciência que se tornou insensível à culpa por causa de algum pecado procrastinado (Is. 5:20; Miq. 3:2). O autor de Hebreus ressalta que os vários sacrifícios da dispensação Mosaica “no tocante à consciência” não poderia

“aperfeiçoar aquele que presta culto” somente uma aceitação do sacrifício de Cristo poderia fazer isso (Heb. 9:9-14). Pedro admoestou os crentes da Ásia Menor (I Ped. 1:1) a manterem sua consciência limpa mediante um reto viver, para que ímpios não achassem nada para acusá-los (cap. 3:16).

CONSTITUIÇÃO E ESTATUTOS DA ASSOCIAÇÃO GERAL. Revisada na 55ª assembléia da *Associação Geral (AG), realizada em Indianápolis, Estados Unidos, de 5 a 14 de julho de 1990.

ARTIGO I — NOME

Esta organização será conhecida como Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia.

ARTIGO II — PROPÓSITO

O propósito da AG é ensinar a todas as nações o Evangelho eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e os mandamentos de Deus.

ARTIGO II — MEMBROS

Parágrafo 1. Os membros da Associação Geral são:

a. Todas as Uniões-Associações e Uniões-Missões, que tenham sido ou serão devidamente organizadas e aceitas por voto da Associação Geral em assembléia;
b. Todas as Associações, Missões e Uniões de Igrejas diretamente dependentes da Associação Geral, e de todas as Associações, Missões e Uniões de Igrejas diretamente dependentes de uma divisão, que tenham sido ou serão devidamente organizadas e aceitas por voto da AG.

ARTIGO IV — ASSEMBLÉIAS DA AG

Parágrafo 1. A AG realizará reuniões qüinqüenais na data e lugar que a Comissão Diretiva designar e publicará a convocação em três números consecutivos da *Adventist Review*, pelo menos quatro meses antes da data da abertura da assembléia. Caso condições especiais do mundo requeiram que se adie a convocação da assembléia, a Comissão Diretiva, em um concílio regular ou especial, terá autoridade para fazer tal adiamento, não excedendo a dois anos, devendo-se notificar as organizações que a integram.

Parágrafo 2. A Comissão Diretiva poderá convocar assembléias extraordinárias da AG para o tempo e lugar que considerar convenientes, notificando-os conforme o previsto no parágrafo 1. As decisões de tais assembléias terão a mesma validade que as das assembléias regulares.

Parágrafo 3. A escolha de administradores e a votação de todos os assuntos tratados serão feitas de *viva voz* ou como o indique o presidente, a menos que a maioria dos delegados presentes determine de outra forma.

Parágrafo 4. Os delegados de uma Conferência Geral serão:
(*a*) delegados *ex-officio*;
(*b*) delegados regulares.
Os delegados gerais incluem todos os membros do Comitê Executivo da Associação Geral, e os outros delegados tais como recomendados por ela para participarem da sessão, representando as instituições gerais; o número desses outros não deve exceder 25% do número total do número de delegados participantes, a menos que para isso se façam arranjos.

Parágrafo 5. Os delegados regulares representarão as Uniões-Associações, Uniões-Missões, as Associações/Missões de Igrejas

membros da Associação Geral e serão nomeados com o objetivo de que ao menos 25% sejam delegados leigos na seguinte base:

a. Os delegados que representam as Uniões-Associações serão nomeados pelas respectivas Uniões.
b. Os delegados que representam as Uniões-Associações e Uniões de igrejas, ligadas a uma Divisão serão nomeados pelas respectivas Comissões Diretivas da Divisão em consulta com as organizações correspondentes.
c. Os delegados que representam Associações/Missões dependentes de uma Divisão serão nomeados pela respectiva comissão diretiva da Divisão em consulta com as organizações correspondentes.
d. Os delegados que representam as Uniões-Associações, Uniões-Missões, e as Associações/Missões e Uniões de Igreja dependentes da Associação Geral, serão nomeados pela Comissão Diretiva em consulta com as organizações correspondentes.

Parágrafo 6. Os delegados regulares serão distribuídos na seguinte base:

a. Cada União-Associação e União-Missão terá o direito a um delegado além de seu presidente (que é delegado *ex-officio*, e um delegado adicional para cada Associação/Missão em seu território, sem tomar em conta o número de membros.
b. Cada União de igrejas terá o direito a um delegado, sem tomar em conta o número de membros.
c. Cada Associação/Missão que dependa diretamente de uma Divisão ou da Associação Geral, terá o direito a um delegado sem tomar em conta o número de membros.
d. Cada União-Associação, União-Missão, união de Igrejas e Associação/Missão dependentes, terão o direito a delegados adicionais com base na proporção do número de membros da

igreja mundial. O total de delegados sob esta provisão não excederá a 1.200.

Parágrafo 7. Os delegados *ex-officio* representarão a Associação Geral, suas Divisões e serão nomeados na seguinte base:

a. Todos os membros da Comissão Diretiva.

b. Quatro delegados para cada divisão, independente do número de membros e um delegado adicional para cada 100.000 ou fração, dos membros da Divisão. Tais delegados serão nomeados pela Comissão Diretiva da Divisão e suas credenciais serão ratificadas pela Associação Geral.

c. Representantes das instituições e outras entidades gerais da Igreja e das Divisões, os obreiros em geral, secretários conselheiros, leigos e pastores que forem escolhidos pelas comissões Diretivas da Associação Geral e suas Divisões, devendo tais credenciais ser ratificadas pela Associação Geral em assembléia. O número desses delegados não deverá exceder a 20% do número total dos delegados regulares e outros delegados *ex-officio* aqui previsto.

Parágrafo 8. As credenciais para as assembléias serão concedidas pela AG àqueles que forem nomeados de acordo com as provisões deste artigo.

Parágrafo 9. Os cálculos para todas as distribuições de delegados previstas neste artigo serão baseados no número de membros em 31 de dezembro do segundo ano anterior à Assembléia. (Veja **Conferência Geral, Sessões da**).

ARTIGO V — ELEIÇÕES

Parágrafo 1. Serão eleitos, em cada assembléia da AG, os seguintes:

a. Um presidente, vice-presidentes, um secretário, um subsecretário, secretários associados, secretários de divisão, um tesoureiro, um subtesoureiro, tesoureiros associados, tesoureiros de divisão, secretários e conselheiros gerais, secretários conselheiros de divisão, um diretor e diretores associados do Serviço de Auditoria da Associação Geral, diretores do Serviço de Auditoria das divisões, um secretário e secretários associados da Associação Ministerial, um diretor e diretores associados de cada departamento devidamente organizado da Associação Geral, isto é: Ministérios da Igreja, Comunicação, Educação, Saúde e Temperança, Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa, Publicações, um diretor de Arquivos e Estatísticas, um diretor do Ministério de Capelania Adventista, um diretor e diretores associados do Serviço de Testamentos e Legados, secretários da Associação Ministerial das divisões, diretores de departamento da Divisão, diretores do Serviço de Testamentos e Legados da Divisão, e para as Divisões cujas circunstâncias o requeiram, qualquer outro departamental ou diretores de serviço, por solicitação da Comissão Diretiva da Divisão e a aprovação da Comissão Diretiva da Associação Geral.
b. Outras pessoas que não excedam a 80 em número, serão nomeadas como membros da Comissão Diretiva, um terço dos quais serão leigos representantes das Divisões Mundiais.

ARTIGO VI — COMISSÃO DIRETIVA

Parágrafo 1. A Comissão Diretiva da AG estará constituída por:

a. Todos os eleitos de acordo com o Artigo V, exceto o diretor e diretores associados do Serviço de Auditoria da AG.

b. Presidentes de Uniões-Associações, presidentes de Uniões-Missões, ex-presidentes da AG portadores de credenciais da AG, o gerente da Rádio Mundial Adventista - Ásia, o presidente da Andrews University, o diretor e os diretores associados do Biblical Research Institute, o presidente do Christian Record Services, o diretor executivo do *General Conference Risk Management Service*, o diretor do *Geoscience Research Institute*, o presidente de *Loma Linda University* e várias outras pessoas.

ARTIGO VII — OS ADMINISTRADORES E SEUS DEVERES

Parágrafo 1. Os oficiais da AG serão: um presidente, vice-presidentes, um secretário, um subsecretário, secretários associados, um tesoureiro, um subtesoureiro e tesoureiros assistentes.

Parágrafo 2. Presidente. O presidente ou a pessoa designada presidirá as assembléias da AG, atuará como presidente da Comissão Diretiva e trabalhará pelos interesses gerais da mesma, segundo o conselho da Comissão Diretiva e desempenhará outros deveres inerentes ao seu cargo.

Parágrafo 3. Vice-presidentes. Cada vice-presidente auxiliará o presidente na obra administrativa da AG ou presidirá sobre um território de uma divisão.

Parágrafo 4. Secretário, subsecretário e secretários associados. Será dever do secretário lavrar as atas das assembléias da Associação Geral e das reuniões da Comissão Diretiva, manter correspondência com as organizações de Igreja e cumprir outros deveres inerentes ao seu cargo. O subsecretário e os secretários associados auxiliarão o secretário nesse trabalho.

Parágrafo 5. Tesoureiro, subtesoureiro e tesoureiros associados. Será dever do tesoureiro receber todos os fundos sa AG e desembolsá-los de acordo com as decisões da Comissão Diretiva, e apresentar periodicamente relatórios financeiros, segundo o requeira o presidenta da Comissão Diretiva e cumprir outros deveres inerentes ao seu cargo. O subtesoureiro e os tesoureiros associados ajudarão ao tesoureiro nesse trabalho.

"CONTÍNUO, O". Usado na profecia de Daniel, é um termo obscuro para designar o que foi tirado por um poder descrito como "a ponta pequena, que engrandeceu-se" na visão de Daniel 8 e como o "rei do norte" capítulo 11. Em cada exemplo uma forma apóstata de culto, variadamente designada como "transgressão assoladora" (cap. 8:13) ou "a *Abominação da Desolação" (caps. 11:31, 12:11) é posta em seu lugar. A palavra hebraica "contínuo" é *tamîd.* Além de suas cinco ocorrências em Daniel, aparece também 100 vezes no A.T., geralmente como um advérbio, mas freqüentemente como um adjetivo, significando "contínuo (mente)", "perpétuo (mente)", "regular (mente)". Em Daniel *tamîd* é um adjetivo usado como substantivo; isto é, aparece sem o substantivo. Os leitores são deixados inseguros quanto ao substantivo que deveria ser posto para completar o sentido. Mas *tamîd* é uma palavra chave nas visões do cap. 8, 11 e 12, e também um entendimento correto dela é relevante à interpretação destas passagens proféticas. Os tradutores da KJV aplicaram a palavra inglesa *"sacrifice"* (sacrifício): por exemplo, o "sacrifício contínuo foi tirado" (cap. 8:11). Os tradutores da RSV assim traduzem a passagem: "*A oferta queimada* contínua foi tirada" (cap. 8:11). As traduções da KJV e da RSV são idênticas em significado, defendendo os tradutores que em Daniel *tamîd* se referia a um "sacrifício diário" e "contínuo" oferecido no templo judaico de manhã e à tarde.

História da Interpretação. 1. *Interpretação Simbólica e Literal.* Através dos séculos, muito antes do movimento do advento (Veja **Movimento Milerita**) da década de 1840, houve duas classes de interpretação do termo "contínuo" ou "costumado" (ARC). O ponto de vista *literal* via o contínuo como significando os sacrifícios judaicos no Templo, e a retirada do "contínuo", como sua interrupção por Antíoco (2º século a.C.), ou pelos Romanos (70 A.D.), ou pelo anticristo dos últimos dias. Nesta maneira de ver, as "duas mil e trezentas tardes e manhãs" (Dan. 8:14,) são 2.300 (ou 1150) dias literais e os 1290 dias (cap. 12:11) também dias literais. O ponto de vista simbólico, também amplamente aceito, via os períodos como dias simbólicos, isto é, dias literais, estendendo-se pela Era Cristã; e o "contínuo" como um símbolo de culto verdadeiro ou sã doutrina na Igreja, tirado, seja pelo Papado, seja pela conquista Muçulmana (ou na concepção católica, como o sacrifício da missa abolido pelos protestantes, ou pelo futuro anticristo).

2. *Duas Interpretações entre os ASD.* Escritores Adventistas deram duas interpretações para o "contínuo": (1) a pretensa antiga crença, herdada do movimento Milerita, a saber, de que o "contínuo" significa o antigo paganismo Romano; e (2) também a pretensa nova visão, também advogada por pelo menos um escritor Milerita anônimo, mas não adotada pelos outros, de que o "contínuo" representa a mediação sacerdotal de Cristo, no Santuário Celestial. Ambos os conceitos concordam em que a ponta pequena desoladora descrita como tirando o "contínuo" e esmagando os Santuário e o povo de Deus representa o Papado. De acordo com a primeira visão, o "contínuo" que foi tirado é o *primeiro período* do poder opressivo da ponta pequena (o paganismo, substituído pela fase papal na função de esmagar o Santuário de Deus e Seu povo); mas, de acordo com a segunda visão, o "contínuo" é o *objeto,* em vez de ser o agente, dos ataques da ponta pequena (a mediação verdadeira de Cristo, nosso Sumo Sacerdote, substituído pela falsa mediação sacerdotal humana).

3. *Origem da "Antiga" Concepção.* A identificação do "contínuo" como paganismo originado com *Guilherme Miller. Buscando o significado do termo como é encontrado em Daniel, ele pesquisou, com a ajuda da Concordância de Cruden e da Versão King James, para encontrar outras ocorrências da palavra "contínuo". Ele descreveu sua pesquisa como segue:

> Eu li e não achei nenhum outro caso em que tenha sido encontrado, além de Daniel. Então tomei aquelas palavras que tinham relação com ela *"tirado"*. Ele *tirará* o "contínuo, "no tempo em que o contínuo *"será tirado"*. Continuei lendo, e pensei que não encontraria luz no texto; finalmente cheguei em II Tess. 2:7, 8. "Pois o mistério da iniqüidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então será de fato revelado o iníquo". E então, ao chegar a este versículo, ó, quão clara e gloriosa apareceu a verdade! Aí está! este é "contínuo!" Bem, agora, o que Paulo quer dizer com "o que agora o detém"? O Papado é referido como "iníquo". Bem, o que impede que o Papado seja revelado? Ora, ele é Paganismo; bem, então "o contínuo" deve significar o Paganismo" (Guilherme Miller, citado em Apollo's Hale, *Manual of the Second Advent*, p. 66).

Os protestantes anteriores a Miller tinham aplicado esse texto de 2 Tessalonicenses à substituição do paganismo Romano pela Cristandade Apóstata; agora, ele o aplicou desta maneira: o "contínuo" (paganismo romano) foi tirado e o lugar de seu Santuário pagão (Roma) foi derrubado, ou profanado; e em seu lugar a abominação (o sistema papal) foi estabelecido na igreja. Então o Santuário de Deus, que havia sido pisado primeiramente pelo paganismo e então pelo Papado, deveria ser purificado. Primeiramente ele identificou este como "o templo de

Jerusalém e seus adoradores"; mais tarde com "a Terra e a Igreja." (Veja sua pregação em *Miller's Lectures: Evidence . . . on the Second Coming*, 1838 ed., pp. 36-38; *Letter . . . on the Cleansing of the Sanctuary*, 1842, p. 8).

Miller deu a data de 508 A.D. como o tempo em que o "contínuo" seria tirado (explicado como o triunfo da igreja Romana sobre o paganismo Romano) e os 1.290 dias (Dan. 12:11), contados como anos, começariam. De acordo com sua contagem, a data de 508 A.D. também marcou o fim de um período de 666 anos (concluídos por sua aplicação do número 666, mencionados em Apoc. 13:18), durante o qual o paganismo Romano dominaria o povo de Deus, primeiro os judeus e, mais tarde, os cristãos. (*Evidence*, p. 81).

4. *Oposição à Interpretação de Miller*. A explicação de Miller para o "contínuo" logo suscitou fogo de seus oponentes em dois pontos: (1) sua cronologia e (2) sua identificação. Sua cronologia foi refutada em base histórica e suas identificações do "contínuo" em base exegética — a última especialmente daqueles que defendiam a visão literal de que o "contínuo", e os períodos de tempo (1.290 e 2.300 dias) significavam sacrifícios literais e dias literais.

5. *Mudança na Posição Milerita*. Os colegas de Miller geralmente aceitavam sua identificação do "contínuo", mas discordavam de sua aplicação do número 666. O cartaz Milerita mais amplamente usado (desenhado por Charles Fitch em 1842) omitiu qualquer explicação do 666 ou identificação do "contínuo". Em 1843, um ponto de vista diferente do de Miller apareceu no *Midnight Cry* (4/10/1843). Esta opinião, que foi desaprovada em um editorial, identificou o "contínuo" como a "mediação contínua de Jesus Cristo" tirada pela ponta pequena do Papado, que "deitou abaixo o lugar de seu *Santuário" quando "deitou abaixo os sacramentos e a verdade evangélica" e "a doutrina verdadeira da cruz de Cristo".

Ainda, a despeito das diferenças de opinião na interpretação detalhista de Miller, os Mileritas permaneceram unidos contra os oponentes que contendiam pela interpretação literal mais do que pela simbólica. Repetidas vezes os escritores Mileritas insistiram na idéia de que a palavra “sacrifício” não estava no original hebraico mas foi suprida pelos tradutores; que portanto o “contínuo” não significava os sacrifícios literais judaicos tirados por Antíoco, e que os 2.300 dias não eram literais mas eram anos, a ser datados por 457 a.C.. Foi assim até o período de confusão e divisão seguinte ao desapontamento de 1844, quando um grupo apareceu (o grupo *A Era Vindoura*) defendendo a antiga visão literalista, antevendo sacrifícios literais no futuro em Jerusalém; esse ponto de vista foi repudiado pela maioria daqueles que ficaram com Miller e Himes, e também pelo pequeno grupo que se tornou os ASD.

6. *Precursor das Idéias ASD.* Quando os Adventistas Sabatarianos se movimentaram, após 1844, a fim de desenvolver sua nova doutrina do Santuário Celestial, deixaram para trás a identificação de Miller do Santuário de Dan. 8:14, das duas bestas de Apoc. 13 e do número 666 como pertencentes ao “contínuo”, mas mantiveram a idéia de Miller de que o “contínuo” e a “transgressão desoladora” eram duas fases sucessivas do poder Romano, pagão e papal.

Porém, no início, uma sugestão foi feita em uma nova direção, quando O. R. L. Crosier, após estudar junto com Hiram Edson e F. B. Hahn, escreveu a primeira exposição da doutrina do Santuário. O primeiro artigo, que alguns eruditos pensam ter aparecido do *Day-Dawn* em alguma ocasião de 1845, não existe mais. (Uma reedição na *Review and Herald*, 5 de maio de 1851, anteriormente citado assim, é de 19 de março de 1847 e precedentes). Em artigo na *Day-Star Extra* de 7 de fevereiro de 1846, que alguns eruditos sentem ter sido a primeira apresentação do resultado do estudo em conjunto em Edson e Hahn, expressamente declarou que as várias referências de Daniel ao

Santuário sendo esmagado (Dan. 8:11), profanado (11:31), pisado (8:13) e purificado aplicado ao Santuário Celestial do novo concerto. Este, ele disse, pode ser pisado figuradamente, da mesma maneira como o Filho de Deus o foi.

> Esta besta "político-religiosa" profanou o Santuário, (Apo*c.* 13:6) e derrubou de seu lugar no céu, (Sal. 102:19; Jer. 17:12; Heb. 8:1,2) quando chamaram Roma de santa cidade (Apo*c.* 21) e instalaram o Papa ali com os títulos "Senhor Deus o Papa", "Santo Pai", "Cabeça da Igreja", e ali, em contrafação ao "templo de Deus" ele professa fazer o que Jesus realmente faz em seu Santuário; II Tess. 2:1-8. O Santuário foi pisado (Dan. 8:13), da mesma forma em que o Filho de Deus o foi; Heb. 10:29 (*Day-Star Extra*, 7 de fevereiro de 1846, p. 38).

Este foi um passo definitivo para longe dos *dois* Santuários de Miller, o de Dan. 11:31 como um Santuário pagão pertencente ao contínuo, e o de Dan. 8:13, 14 como o templo de Deus. Ele não define o contínuo de Daniel. Ele diz (*ibid.*, p.39, Col. 3) sim, "O serviço diário descrito era uma espécie de intercessão contínua", mas o contexto desta declaração mostra que ele está claramente falando dos sacrifícios levíticos realizados diariamente por todo o ano em contraste com o serviço *anual* do Dia da Expiação. Crosier descreve estes serviços como um tipo do sacerdócio celestial de Cristo, que dura de Sua ascensão até o fim dos 2.300 anos; não como o "contínuo" de Daniel, tirado quando o Papado foi estabelecido.

Mas em 1847, Crosier claramente rejeitou a equação de Miller de que o "contínuo iguala-se ao paganismo" por uma nova definição. Ele leu em Dan. 8:11: "*dele* (Cristo) o contínuo" foi tirado. Ele definiu o "contínuo" como a doutrina de "que Cristo FOI CRUCIFICADO POR NÓS" (cf. "verdadeira doutrina da Cruz" Col. 1., seç. 5), substituída pelo

Papado, “com seu mérito humano, intercessões e instituições no lugar das de Cristo” (*Day-Dawn*, 9 de março de 1847). Esta foi quase a última “nova idéia” ASD.

7. *Desenvolvimento do “Antigo” Conceito ASD.* Crosier identificou o Santuário de Dan. 8:11, 13, 14 e 11:31 como o Santuário Celestial. Os escritores ASD mais tarde concordaram em que o Santuário descrito em Dan. 8:14, aquele a ser purificado após os 2.300 dias, significava o Santuário Celestial. Em outras três passagens, os escritores ASD em geral seguiram Crosier também (talvez com a única exceção de David Arnold) ao aplicar o Santuário descrito em Dan. 8:13, o que foi pisado a pés, para o Santuário Celestial, mesmo embora continuassem a defender, como Miller, que o “contínuo” era o paganismo o que o Santuário referido em Dan. 8:11 e 11:31 (derrubado e profanado) pertenceu ao “contínuo” como paganismo em 1846 *(The Opening Heavens*, p. 31*)* e assim fez John Nevins Andrews em 1853 *(Review and Herald*, 3 de fevereiro de 1853*)*, e mais tarde Urias Smith e Tiago White (*The Time, in his Sermons on the Coming and Kingdom of . . . Christ.* ed. de 1870, pp. 116, 117; cf. pp. 108, 122-125). Em um artigo anterior (*Review and Herald*, jan. de 1851) Tiago White seguiu Crosier ao argumentar que o Santuário pisado era o celestial, mas não definiu o “contínuo” neste artigo. Quando mais tarde definiu, enfaticamente descreveu “o contínuo”, a transgressão desoladora” como dois poderes desoladores; primeiro o paganismo, então o Papado” (*Sermons*, p. 116).

Outros escritores ASD posteriormente seguiram esta interpretação, e Smith deu uma exposição mais detalhada em *Thoughts on Daniel and Revelation*.

8. *Um Conceito Variável e Seus Resultados.* Estranhamente, porém, uma isolada e típica interpretação apareceu em março de 1850, num artigo mais anterior sobre Dan. 8. em muitos periódicos ASD —

um artigo de David Arnold (*Present Truth)*. Era significativo em relação a uma das várias tentativas entre grandes grupos de Adventistas não Sabatarianos — aqueles que abandonaram a data de 1844 — para achar uma contagem nova de tempo para os 2.300 dias. Poucos deles, esperando o fim do período em 1850, estavam advogando que os crentes deviam ir a Jerusalém (entre os que foram estava a Sra. Clorinda S. Minor).

Arnold se opôs à expectação de 1850 mas pareceu repetir algo do entusiasmo da Terra Santa. Explicando o "contínuo" como significando os sacrifícios literais em Jerusalém que foram tirados em 70 A.D., ele igualou o ato de pisar no exército com a opressão aos judeus através dos séculos, e viu a purificação do Santuário como envolvendo sua libertação.

Foi a expectação de 1850, e seu efeito em alguns poucos Adventistas Sabatarianos, ocasionou uma declaração de Ellen White naquele ano mencionando o "contínuo". Ela disse que a palavra sacrifício não está no original e que os Mileritas tinham defendido o "conceito correto sobre isso". (Os Mileritas, como já foi notificado, repetidamente enfatizaram esse conceito da palavra "sacrifício", isto é, que a palavra tinha sido adicionada; eles insistiam que o "contínuo" ou diário, não significava nenhum sacrifício real dos judeus.) A Sra. White também advertiu contra estabelecer outra data qualquer após 1844 e contra esperar por um ajuntamento de crentes em Jerusalém antes do Segundo Advento (*Present Truth*, nov. de 1850, reeditado em *PE*, 74, 75).

9. *Ellen White e o "Contínuo"*. Muitos anos após a declaração de Ellen White sobre 1850 — após seu estabelecimento, e os erros específicos nos quais foi objetivado, estavam esquecidos — foi citada (de *PE*, 74,75) em conflito como um endosso da *identificação* Milerita prevalecente do "contínuo", isto é, como paganismo. Quando questionada, porém, sobre o significado do "contínuo, a Sra. White

"geralmente disse que não tinha clara luz sobre o assunto, e que nossos irmãos teriam que estudar o assunto por si mesmos" (W. C. White, Carta a J. E. White, 1º de junho de 1910, nos arquivos White, Ellen G. White Estate, Inc.). De acordo com um relatório de A. G. Daniells de uma entrevista com ela a respeito do "contínuo", ela deixou bem claro que sua declaração de 1850 não pretendia estabelecer a identidade do "contínuo", que ela não professou conhecer, mas declarar que os Mileritas não tinham o conceito correto do "contínuo" como aquele período de tempo (2.300 dias); que ela tinha escrito referindo-se aos erros correntes naquele tempo, especialmente as tentativas de revisar a datação dos 2.300 dias (declaração de A. G. Daniells, 25/09/1931, nos arquivos White). O tempo era o ponto da questão — como fora entre os Mileritas e seus oponentes que tornaram o "contínuo" sacrifícios judaicos literais — não a identidade do contínuo.

Em 1910 a Sra. White repreendeu os que diferiam sobre "o verdadeiro significado do 'contínuo', dizendo que era "um assunto de menor importância", e que "ela não tinha instrução sobre o ponto de discussão. Sua advertência foi: "Enquanto a presente diferença de opiniões a respeito desse assunto existir, não a façais manifesta" (1*ME*, 164-168).

10. *O "Novo" Conceito.* Sentindo a necessidade de uma base histórica e lingüística mais acurada para a interpretação do "contínuo", um crescente número de líderes Adventistas estabeleceu o que veio a ser chamado — um tanto acuradamente — de o "novo conceito". Duas falhas no argumento para o paganismo como "o contínuo" foram apontadas (Veja, por exemplo, W. W. Prescott, *The Daily*, pp. 9-11): apontados (Veja primeiro que os eventos históricos citados para a retirada do "contínuo" — a vitória de Clóvis, rei Católico dos Francos, sobre os Visigodos Arianos — realmente consistiu na vitória sobre o Arianismo, não paganismo; e segundo, que o sucesso de Clóvis não ocorreu em 508.

Por volta de 1900, L. R. Conradi, que logo depois se tornou a cabeça da obra ASD na Europa, escreveu a Ellen White na Austrália pedindo que ela lhe desse alguma luz que tivesse sobre o assunto, e se não tivesse, ele prosseguiria em publicar o que ele e seus associados tinham descoberto. Sendo que ela não tinha luz, ele publicou seu trabalho sobre o livro de Daniel, em alemão (Veja carta de W. C. White a J. E. White, 1º de junho de 1910, nos arquivos White). O trabalho de Conradi, o primeiro livro ASD a oferecer um substituto para a interpretação "contínuo = paganismo", intitulava-se *"Die Weissagung Daniels"* (A Profecia de Daniel), que mais tarde foi traduzido para várias línguas européias e foi recomendado em 1905 para circular na América entre os leitores estrangeiros.

Em uma carta à Sra. White, em 17/04/1906, Conradi relembrou como ele chegou às conclusões de que:

1. A palavra "Santuário " significava "o Santuário de Deus como tipo terrestre e como antítipo no Céu";
2. O "contínuo" era o verdadeiro serviço de culto;
3. A retirada do "contínuo" era a destituição papal do "serviço do Santuário por seu próprio serviço humano", a missa, deixando "de lado o verdadeiro Sumo Sacerdote colocando o Papa em seu lugar";
4. A profecia da purificação do Santuário, afirmou Daniel, no tempo em que o templo de Jerusalém estava em ruínas, "que não somente seria restaurado o Santuário terrestre e seu culto, mas haveria um verdadeiro serviço no céu que deveria permanecer até o fim. "Ele declarou mais tarde que surpreendeu-se ao descobrir que alguns dos escritores da Reforma pensavam ser "a missa idolátrica a abominação predita em Daniel 8"; e deste modo ele juntou sua "nova" concepção com uma interpretação muito mais "antiga" do que a de Miller.

Conradi discutiu sua interpretação com A. G. Daniells (que em 1900 estava passando pela Europa em direção à sessão de 1901 da Conferência Geral), H. P. Holser, W. W. Prescott, e W. A. Spicer. Daniells mais tarde relatou ouvir dela, então de Conradi e posteriormente de Prescott. Na América, mais tarde, Prescott e outros, especialmente Daniells, advogaram esta interpretação.

Embora, por algum tempo, tenha havido considerável controvérsia em círculos ministeriais, o conselho da Sra. White — para evitar discussão divisória sobre um ponto sem importância — geralmente prevalecia. Os debates sobre o assunto cessaram há muito.

CONVERSÃO. Transformação sobrenatural da mente, afeições e da vida, que restaura a liberdade, domínio próprio e união espiritual com Deus que se perderam como resultado do pecado.

A conversão envolve contrição e confissão, isto é, reconhecimento do indivíduo como pecador necessitando de perdão. Ela também envolve uma decisão incondicional de reorientar a vontade, os objetivos e a vida para que se conforme com a vontade de Deus, um esforço correspondente para esse alvo e uma dependência espontânea de Deus para a completa restauração de tudo o que se perdeu como resultado do pecado.

Uma experiência pessoal de conversão é essencial para a salvação. A Bíblia descreve essa experiência por uma variedade de expressões figuradas que chamam a atenção para os vários aspectos do que é, de fato, uma experiência complexa e subjetiva (interna), acompanhada por importantes efeitos objetivos (externos). É descrita, de um lado, como algo que a pessoa faz: um *retorno* de um estilo de vida para outro (Mat. 18:3; At. 3:19; 11:21; 14:15; 26:18), um *arrependimento*, ou mudança de mente (At. 2:38; 3:19; II Cor. 7:9, 10). Mas também é descrita como algo realizado para a pessoa um *renascimento* (João 1:12-13; 3:3-7; I Ped. 1:3, 23; 2:2; I João 5:18), uma *criação* (Gál. 6:15; Ef. 2:10; 4:24),

uma *ressurreição* da morte espiritual (Ef. 2:1, 5, 6; cf. Col. 2:12-13), uma *lavagem* ou *purificação* do pecado (Tito 3:5; II Ped. 1:9), um *implante* de um novo sistema de valores (Eze. 36:26; Jer. 31:33; He. 8:10). É uma experiência da mente, ou "coração"; um *vir a conhecer a Deus* ou a verdade religiosa (João 8:32; 17:3; Col. 3:10), uma *renovação da mente* (Ef. 4:23; cf. Rom. 12:2). Produz uma nova natureza (Ef. 4:24; Col. 3:10), e é o marco do início de uma nova vida *em Cristo* (II Cor. 5:17).

A forma precisa de conversão pode variar de um indivíduo para outro, sendo determinada por fatores tais como temperamento, maturidade psicológica, capacidade intelectual, circunstâncias externas, nível de variação no comportamento e o pano de fundo cultural. Por conseguinte, não se pode considerar normativo nenhum padrão particular de experiência, seja quanto à duração ou profundidade do envolvimento emocional.

A conversão pressupõe, no mínimo, consciência da (1) existência de Deus e Seu envolvimento nos assuntos humanos, (2) da distinção entre o correto e o errado moralmente e (3) da necessidade de ajuda externa. Não pode haver entrega do eu onde não há senso de necessidade e dependência. Treinamento religioso anterior e contato direto com a Palavra revelada e com testemunhas humanas não são necessariamente essenciais à conversão, pois ela tomou lugar quando nada disso havia acontecido; enquanto a mente estiver livre para exercer genuína vontade, os fatores ambientais não podem impedir a conversão. A função desses fatores externos deve estimular a resposta humana ao chamado do Espírito de Deus. A missão da Igreja é aumentar o número, freqüência e intensidade desses fatores auxiliares.

A conversão marca o início de uma contínua operação do Espírito Santo em um processo de crescimento espiritual. Esse crescimento consiste em um entendimento sempre crescente e melhor da vontade de Deus e da eliminação gradual das tendências para o pecado.

A evidência da genuína conversão é tanto subjetiva quanto objetiva. A evidência subjetiva de que houve conversão inclui a consciência de amor por Deus e confiança nEle, consciência da suprema importância dos valores religiosos e espirituais e prazer na leitura da Bíblia, oração, e adoração. A ausência da evidência objetiva — contínuo crescimento em direção à perfeição em Jesus Cristo — é uma prova conclusiva de que não ocorreu a genuína conversão.

A conversão consiste essencialmente em uma transformação da mente, na atitude da pessoa, e através da mente, na vida inteira.

> O fermento oculto na farinha atua invisivelmente para submeter toda a massa a seu processo levedante; assim o fermento da verdade opera secreta, silente e persistentemente para transformar a alma. As inclinações naturais são abrandadas e subjugadas. São implantadas novas idéias, novos sentimentos, novos motivos. Uma nova forma de caráter é proposta — a vida de Cristo. A mente é mudada; as faculdades são estimuladas à ação em novas esferas. O homem não é dotado de faculdades novas, mas as faculdades que possui são santificadas. A consciência é despertada. Somos dotados de traços de caráter que nos habilitam a prestar serviço a Deus.

A conversão se inicia com uma reorientação da mente à vontade de Cristo e inicia o homem no caminho que conduz à completa restauração, mediante a graça de Cristo, ao caráter divino, que foi perdido quando Adão pecou.

Veja **Justificação; Novo Nascimento; Pecado.**

CORAL CARLOS GOMES. Coral misto do *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Desde sua fundação, em 1915, o IAE/SP procura incentivar a música, principalmente, a vocal. A

princípio, nos primeiros anos, o Prof. *Paulo Hennig lecionou e formou-se um pequeno coral de 20 vozes.

Em 1920, a Sra. *Margarete Steen assumiu a direção do departamento de Música e incentivou os alunos a participarem do coral, que acolheu 70 componentes — quase a escola toda. Por esta ocasião, o coral recebeu o nome de "Coro Miriam". Porém, só foi possível a apresentação de um programa completo em 1923. O entusiasmo foi contagiante e em 1925 apresentou-se a Cantata "Ester, a Bela Rainha" — vestidos caracteristicamente. A rainha Ester foi apresentada por Ana Araújo.

Em 1930, sob a direção do Prof. *Walter Wheeler, o Coral recebeu um grande impulso. Confeccionou-se o primeiro uniforme (preto com gola branca). Em 1940, realizou-se a primeira excursão ao Estado do Rio de Janeiro com muito êxito. Por ocasião da excursão, o nome do coral foi alterado para "Coral Paulistano". Em 1941, por sugestão do Pr. *Jorge Pereira Lobo, o coral recebeu o nome de "Coral Carlos Gomes".

O ano de 1944 destacou-se, pois o Coral gravou o seu primeiro disco: "Nascimento de um Rei". Nesse mesmo ano, participou da homenagem aos presidentes do Brasil e Uruguai no Hotel Quitandinha, Rio de Janeiro.

Em 1956, inaugurou-se o *Conservatório Musical Adventista (CMA) e no mesmo ano, o Coral adotou as cores azul e branco para o seu uniforme. Em 1959, as vozes femininas apresentaram-se no Teatro Musical de São Paulo, acompanhadas por 10 harpas, sob a regência do Maestro Mário Ferraro, interpretando a "Cantata de Natal", de Briten.

Em 1960, mudou-se a cor de seu uniforme para verde-escuro, com jabô branco. Em 1961, o 2º LP é gravado: "Hinos Favoritos", de Briten. Em 1964, participou do 1º Concurso de Corais do Estado de São Paulo, alcançando o 2º lugar com menção honrosa.

Para acompanhar o anuário de formatura de 1965, o Coral gravou um LP. Nesse ano, ocorreu também a primeira apresentação do Coral com orquestra, apresentando a “Missa de Coroação” de Mozart e “Glória” de Vivaldi.

Em 1966, obteve o primeiro lugar no concurso de Corais em São Paulo e foi ao Rio de Janeiro representar o Estado de São Paulo. Em 1967, várias autoridades foram homenageadas em Brasília. O 4º uniforme do coral tinha a cor vermelha.

São Paulo vinha eliminando de suas avenidas o trem e em 1968, o Coral Carlos Gomes foi convidado a participar da despedida dos bondes da última linha que faziam o percurso Centro → Santo Amaro.

Em 1969, o Coral Carlos Gomes gravou o seu 3º disco — “Hinos Religiosos”. Em 1970, foi agraciado com o 1º lugar no Festival Nacional de Corais, no Rio Grande do Sul. Após a vitória, representou o Brasil no Concurso Pan-Americano de Corais, sendo classificado em 4º lugar.

O ano de 1972 foi marcante para o Coral Carlos Gomes pela participação no Congresso de Jovens em Manaus e excursionou por várias capitais brasileiras do Norte e Nordeste. No mesmo ano, foram apresentados recitais em várias capitais, por ocasião da recepção dos restos mortais de D. Pedro I antes de serem depositados no mausoléu do Museu do Ipiranga. O Coral participou juntamente com outros corais, num total de 400 vozes, duas orquestras e 4 bandas, assistido por muitas autoridades, inclusive pelo então Presidente da República, Garrastazu Médici e o 1º Ministro de Portugal. Ainda nesse ano, foi gravado um LP com hinos pátrios e algumas músicas seculares.

No Concurso de Hinos Pátrios promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, o Coral obteve o 1º lugar. Em 1980, participou do Movimento Coral do Estado.

Em 1982, o Coral Carlos Gomes gravou o LP “Com o Som de Trombeta” e continua participando de programas cívicos e religiosos.

Regentes: Walter R. Wheeler (1939-1944); Frederico Gerling Jr. (1945); Walter R. Wheeler (1946-1948); Flávio Araújo Garcia (1949); Gérson Maia de Martos (1950); Flávio Araújo Garcia (1951-1955); Dean Friedrich (1956-1957); Flávio Araújo Garcia (1958-1974); Raimundo Martins (1975 - 1 semestre) em 1976 não houve coral; Williams Costa Jr. (1977 e 1978); Turíbio José de Burgo (1979-).

CORAL HOMENS DO REI. Um dos primeiros corais masculinos da IASD do Brasil. O Coral Homens do Rei foi fundado em 1958 por Elias Reis de Azevedo, contando com 23 vozes incluindo professores e alunos do *Instituto Adventista de Ensino (IAE). Os primeiros ensaios eram realizados na garagem da *Gravadora Boa Música Som e Imagem Ltda. (GBM). O coral realizou várias apresentações culturais e evangelísticas na Bahia e por todo o Sul do país. Uma de suas notáveis apresentações ocorreu na TV de Porto Alegre em horário nobre.

Com o passar do tempo, as esposas dos coristas e outros elementos foram se agregando aos cantores formando o *Coral Vozes do Rei. Em 1980, Elias Reis de Azevedo lançou o jornal *MicroNews*, órgão de divulgação e interação dos coristas, editado bimestralmente, com uma tiragem de 1.000 exemplares.

Em 1983, o coral contava com 216 cantores. Como parte das programações especiais, um concerto anual foi oferecido à comunidade do IAE. Foram gravados 12 LPs e o primeiro pianista foi Gilberto Azevedo Preuss.

Os corais *Homens do Rei* e *Vozes do Rei* sempre se destacaram pelo bom gosto no repertório e apresentações impecáveis sob a batuta de seu regente e fundador Elias Reis de Azevedo.

CORAL VOZES DO REI. Veja **Coral Homens do Rei.**

CORDEIRO DE DEUS. Título pelo qual João Batista apresentou Jesus a Israel como o Messias, o Filho de Deus (João 1:29-36). Essa designação para Cristo não ocorre no A.T., mas a expressão provavelmente se baseava nas palavras de Is. 53:7, “como cordeiro foi levado ao matadouro”. O título cordeiro de Deus apresenta Jesus como o Messias sofredor e subentendia que os sacrifícios do A.T. tipificavam-No como o sacrifício apontado por Deus pelo pecado. Através dos tempos antigos, um cordeiro — ou um cordeirinho (Gên. 22:7; Êx. 12:3) — era uma das principais ofertas sacrificais. A oferta queimada diária, um cordeiro sem defeito (Êx. 29:39-42), apropriadamente tipificava o ministério eterno de Cristo em favor dos pecadores. O apóstolo Paulo refere-se a Cristo como “nossa páscoa” (I Cor. 5:7), Pedro, como “cordeiro sem defeito e sem mácula” (I Ped. 1:19) e João, “como o cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Apoc. 13:8). No Apocalipse, João descreve Cristo como o “Cordeiro” 28 vezes.

COROA. Ornamento para a cabeça, usada como símbolo de autoridade e honra. Várias palavras gregas e hebraicas são usadas na Bíblia sem diferenças significativas em seu sentido.

1. *Coroa Real.* Nem evidência arqueológica nem literária nos informam sobre o formato das coroas usadas pelos reis hebreus. Elas eram provavelmente feitas de ouro (Sal. 21:3), e eram possivelmente decoradas com pedras preciosas (II Sam. 12:30; Zac. 9:16). Sabemos mais sobre as coroas de outras nações da antigüidade. Os reis egípcios do Alto Egito nos dias primordiais usavam um chapéu grande e branco, afunilando-se em direção da ponta; os reis do Baixo Egito usavam um chapéu vermelho e achatado que se erguia para cima na parte de trás, com um fio espiralado preso a ele. Quando o Egito foi unificado, as duas coroas foram combinadas em uma que mantinha os aspectos das

duas coroas. Às vezes os reis egípcios usavam uma fita de ouro com uma *uraeus* (serpente sagrada) na frente, símbolo de poder real e terror. Essa simples coroa pode ser chamada de diadema. Além desses, havia outros ornamentos para a cabeça usados pelos reis egípcios em ocasiões formais ou informais. Os reis assírios usavam coroas que eram semelhantes em forma a um barrete moderno, exceto por serem às vezes longos ou curtos, encimados por uma saliência cuniforme ou espinho. Os reis persas usavam coroas feitas na forma de gorros arranjados com uma fita branca e azul. A fita azul, o "diadema", era o sinal de realeza. Os reis hititas parecem ter usado gorros de várias formas como coroas.

2. *A coroa do Sumo Sacerdote.* Emblema da função sacerdotal que consistia em uma placa de ouro inscrita com as palavras "Santo a Jeová." Veja Êx. 29:6; 28:36, 37; Lev. 8:9).

3. *Coroa de casamento.* Provavelmente uma grinalda de flores, vestida pela noiva e pelo noivo (Eze. 16:12), costume ainda observado em algumas partes do Oriente, como, por exemplo, na Turquia.

4. *Coroa de vitória.* Um espiral de folhas naturais, talvez de oliveira, ou de folhas de metal dadas ao vencedores atletas ou militares (II Tim. 2:5; 4:8; Heb. 2:9).

5. Na linguagem metafórica, coroa pode ser a parte superior da cabeça, como a parte do corpo sobre a qual a coroa é geralmente usada (Jó 2:7); também qualquer coisa que seja uma recompensa ou motivo para orgulho (Prov. 12:4; 16:31; 17:6; Is. 28:5; Fil. 4:1; Tia. 1:12; Apoc. 2:10).

CORPO. O corpo humano foi originalmente moldado por Deus a partir do solo (Gên. 2:7). O plano de Deus era que o corpo humano nunca se deteriorasse, mas o homem deveria viver infinitamente com todas as suas faculdades na máxima perfeição (1:26, 31; 2:22-24). Mas o pecado trouxe uma mudança na condição do homem. Após a expulsão

do Éden, Adão e Eva gradualmente perderam seu vigor físico até que ele foi totalmente dissipado, exaurido, e a morte os reclamou. Os séculos seguintes trouxeram maior degeneração (cap. 11:12, 13, 18, 19, 32; Ecl. 12:1-7), até que finalmente a idade do homem raramente excedia os 70 anos (Sal. 90:10). Na *Morte, o corpo retorna ao pó (Gên. 3:19; Ecl. 12:7).

Na *Ressurreição, os justos receberão novos corpos, restaurados (I Cor. 15:35-50; II Cor. 5:1-4), à semelhança do corpo glorificado de Cristo (Fil. 3:20, 21). Esses corpos glorificados serão libertos de toda fraqueza e incapacidade.

Paulo comparou a Igreja a um corpo, tendo Cristo como cabeça (Ef. 1:22; 4:15; Col. 1:18). Assim como o corpo possui muitos órgãos, cada um designado para uma função particular, nenhum invadindo as funções do outro, mas todos desempenhando-as em perfeita harmonia, assim deveriam todos os membros da Igreja, tendo dons e funções diferentes, trabalhar eficientemente e harmoniosamente rumo a um fim supremo (Rom. 12:4, 5; I Cor. 12:12-31).

O corpo do servo de Deus é considerado como o templo do Espírito Santo (I Cor. 6:19; II Cor. 6:16). Paulo apelou aos crentes para que dedicassem seus corpos, isto é, cada membro e faculdade, a Deus (Rom. 12:1).

Um corpo foi preparado para que Cristo pudesse habitar entre os homens (Heb. 10:5). Nesse corpo, Ele assumiu vicariamente os pecados do homem (I Ped. 2:24). Cristo referiu-Se ao Seu corpo como um pão para o crente, falando simbolicamente da assimilação de Seu caráter por parte de Seus seguidores mediante uma apropriação da Palavra de Deus (Mat. 26:26; Mar. 14:22; Luc. 22:19; João 6:35, 48-58). O pão apontado para ser comido na *Santa Ceia representa o corpo de Cristo quebrado, e a participação do crente representa sua apropriação pela fé da vida imaculada de Cristo, Sua justiça, morte e ressurreição (Rom. 4:24, 25; 8:10; I Cor. 1:30; 10:17; 11:24; 15:3, 4; Fil. 3:9).

CORPORAÇÃO DA UNIÃO SUL-BRASILEIRA DA IASD. Localiza-se na Rua João Carlos de Souza Castro, 480, Bairro Guabirotuba em Curitiba, PR. Compreende os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul.

Possui em seu território: 441 igrejas e 560 grupos;99.216 pessoas batizadas para uma população de 24.380.000 habitantes; 53 escolas e 1º Grau completo e 52 de 1º Grau incompleto.

A corporação da União Sul-Brasileira é administrada atualmente por: Presidente: Pr. Rodolpho Gorski; Secretário: Pr. Davi Moróz; Tesoureiro: Pr. Adolpho dos Reis.

Em seu território estão as seguintes instituições: *Instituto Adventista Paranaense, *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS); *Hospital Adventista do Pênfigo; Centro Adventista de Saúde de Porto Alegre.

Existem 5 sedes de acampamentos

*CATRE: Itapema, SC

*ANP: Foz do Iguaçu, PR.

Campo Grande, MS

Campestre, RS

Guaciara, Paraná Sul

Foi organizada no dia 05 de setembro de 1986 por iniciativa da Assembléia Geral Extraordinária de Cisão e Desmembramento da *União Sul-Brasil, recebendo o nome de Corporação da União Sul-Brasileira da IASD.

Em 08 de Setembro de 1988 houve a divisão do campo paranaense em duas associações: *Associação Sul-Paranaense da IASD e *Associação Norte-Paranaense da IASD.

CORPORAÇÕES ADVENTISTAS (não ASD)**.** Denominações derivadas do Movimento Milerita de 1840 nos Estados Unidos que

foram arroladas no censo de Corporações Religiosas dos Estados Unidos de 1936. São elas:

(1) *Adventistas Evangélicos:* organizados por volta de 1858 sob o nome de Associação Milenista Americana. Originalmente, a corporação principal dos mais antigos Mileritas. Por volta de 1858, constituíam-se daqueles que defendiam a concepção de que a morte é consciente e de que os perdidos sofrerão eternamente, como distintos do grupo.

(2) Seu órgão de divulgação era o periódico chamado *Advent Herald* e, mais tarde, *Messiah's Herald* (originalmente "*Signs of the Times*").

(3) *Cristãos Adventistas.* Separaram-se da corporação principal após o fracasso da expectativa do Segundo Advento, por volta de 1854 e grande parte de seu adeptos defendia a imortalidade condicional da doutrina principal. O grupo foi organizado em 1860. Seu órgão de divulgação era *The World's Crisis*.

(4) *Adventista do Sétimo Dia*. Separaram-se dos dois grupos previamente mencionados em 1845, e organizaram-se como denominação em 1860 e 1863. Distinguem-se principalmente por sua observância do sábado do sétimo dia. Compartilham com os cristãos adventistas a doutrina da imortalidade condicional, porém defendem uma concepção distintiva da purificação do *Santuário e do *Milênio.

(5) *Igreja de Deus (Adventista).* Organizada em 1866, um ramo da Igreja ASD, conservando o sábado do sétimo dia, mas diferindo em outras concepções.

(6) *Igreja de Deus* (Adventista). Congregações independentes.

(7) *União do Advento e Vida.* Originou-se de um grupo dirigido por John T. Walsh e George Storrs. Diferencia-se dos outros

condicionalistas pela crença de que os que não se salvarem, jamais ressuscitarão e por defenderem que o milênio é passado.

(8) *Igrejas de Deus em Cristo Jesus.* Algumas vezes chamadas "Adventistas da Era por Vir", diferenciadas das outras corporações devido à expectativa do *Segundo Advento a ser proclamado em uma era de "restituição" na terra, e um reino milenista com a "nação israelita", restaurada em posição mais favorável, a ser gradualmente estendida de Jerusalém para abarcar todas as nações.

Os Adventistas Evangélicos diminuindo para 481 membros por volta de 1906, logo desapareceu como grupo organizado. O *Yearbook of American Churches* (Anuário de Igrejas Americanas) de 1975 relaciona apenas: Igreja Adventista Cristã, 30.713 membros; Igreja de Deus (Fé Abraâmica), 4.500 membros (as igrejas de Deus em Cristo Jesus mais antigas); Igreja Cristã Adventista Primitiva, 551 membros; ASD, 464.276 (nos Estados Unidos, 1975). Não fazem parte das "Corporações Adventistas" a Igreja de Deus (sétimo dia", Salem, West Virginia, 2.000 membros e Igreja de Deus (sétimo dia), Denver, Colorado (antigamente Stanberry, Missouri), 5.500 membros, as duas sucessoras da Igreja de Deus (Adventista), número 4, acima.

CORRÊA, HENRIQUE JOSÉ (1896-1970). *Colportor pioneiro no Estado do Maranhão. Nasceu no dia 11 de fevereiro de 1896. Foi designado pela administração da União Este-Brasileira para colportar no Maranhão. Trabalhou no interior do Estado, dirigindo-se, por último, a São Luiz, a Capital.

Colportava durante o dia e à noite pregava em pequenas reuniões em casa de família. Organizou uma série de conferências em São Luiz e ali, cerca de 20 pessoas batizaram-se. O batismo foi efetuado pelo Pr.

Rentfro, e organizou-se um grupo com mais de 30 pessoas em 22 de abril de 1922.

O transporte dos livros vendidos nas colportagem era feito em caixas de madeira ou em sacos postos no lombo de animais, se o colportor tinha condições de possuir um animal de carga; caso contrário os livros eram postos nas costas, como era o caso de Henrique.

A princípio, os livros eram vendidos à vista e só mais tarde, o plano de vendas por encomenda foi idealizado e Henrique utilizou amplamente esse plano de encomendas.

Henrique José Correa colportou também no Piauí, onde Deus enviou um bando de papagaios para dar-lhe alimento visto que já não conseguia mais caminhar pela fraqueza provocada pela fome. Na Paraíba sofreu muitos ataques e ameaça de morte. Em Pernambuco foi preso e prepararam uma fogueira para queimá-lo e mais uma vez Deus o livrou. Em Alagoas passou no meio do bando de Lampião que estava preparado para assaltá-lo. O Senhor fechou os olhos dos cangaceiros que não o viram passar.

Colportou durante 11 anos e ao contrair malária, por orientação médica, deixou o trabalho, fixando residência no Rio de Janeiro onde completou sua família de 11 filhos.

Sua descendência é composta de 11 filhos, 5 genros e 6 noras com 41 netos, 14 cônjuges e 36 bisnetos. Deste total de 113 descendentes, 107 permanecem firmes na Igreja Adventista do 7º Dia.

Faleceu no dia 19 de abril de 1970 aos   anos de idade.

CORRETORA DE SEGUROS UNIBRÁS

COSMÉTICOS. Veja **Vestuário.**

COSTA, CELSO CAMELO (1882-1914). *Colportor pioneiro no Nordeste. Nasceu no dia 28 de maio de 1882, em Alagoas. Converteu-se por volta de 1910 em seu Estado natal.

Celso Costa era funcionário em uma fábrica de açúcar na função de auxiliar químico e, após conhecer a Igreja Adventista pediu ao patrão o sábado livre. Sendo seu pedido recusado, ele pediu demissão. A seguir foi chamado para trabalhar como colportor nos Estados da Bahia e Alagoas, onde trabalhou por um ano com sucesso. Posteriormente foi chamado para exercer o cargo de Diretor de Colportagem no Estado de Pernambuco.

Em dezembro de 1913, foi chamado para São Paulo, pelo Executivo da União, a fim de melhor preparar-se para o trabalho. Em fim de abril, de 1913, Celso foi acometido de tifo. Depois de duas semanas achou-se melhor, recaiu, porém, e todos os esforços para salvá-lo foram inúteis.

Faleceu no dia 27 de maio de 1914, aos 32 anos de idade, na Vila de Santo Amaro, SP, e no dia de seu aniversário, 28, foi sepultado no cemitério de Santo Amaro.

COTRELL, ROSWELL F. (1814-1892). Um dos primeiros escritores, poetas e ministros ASD. Era descendente dos Huguenotes e nasceu em uma família Batista do Sétimo Dia no Estado de Nova Iorque. Ao ler a *Review and Herald* por volta de 1851 e comparar sua mensagem com as Escrituras, foi levado a se unir ao grupo de ASD que estava se desenvolvendo e imediatamente começou a contribuir com seus talentos como escritor e poeta à propagação da fé que tinha aceitado. Escreveu uma das primeiras séries (1854) de lições bíblicas para os jovens que foi publicada no *Youth's Instructor*. Em 1855, essas lições foram reunidas em um livro que serviu como guia bíblico para as igrejas por vários anos. Após o escritório da *Review and Herald* mudar-se para Battle Creek em 1855, trabalhou como membro do comitê

editorial. Como ministro, ele trabalhou com *J. N. Loughborough e W. S. Ingraham em Nova Iorque e Pensilvânia. Ao tempo da organização da denominação, ele estava entre os que se opuseram a uma estrutura formal e expressou suas idéias através de várias mensagens, escritas com palavras inofensivas e publicadas na *Review and Herald* que provocaram inflamadas réplicas por parte de Tiago White. Por fim, ele aceitou a organização e continuou, quase até a sua morte, trabalhando pela Igreja. Muitos de seus poemas foram musicados e aparecem no *Church Hymnal* americano.

CRECHE MÃEZINHA. Creche beneficente da Assistência Social Adventista, organizada em 9 de dezembro de 1970 por Laura Salgado e Nilce Woerle, localiza-se na Rua Comendador Antunes dos Santos, 193; Jardim São Judas Tadeu, Capão Redondo, SP.

Tem capacidade para acomodar 120 crianças de 0 a 6 anos, com a finalidade de auxiliar famílias carentes cujos pais necessitam trabalhar durante o dia todo.

O edifício possui instalações confortáveis, práticas higiênicas com as seguintes comodidades: lactário, berçário, enfermaria, sala de repouso, área de lazer, recepção solar, pátio com areia e *playground* dispostos nos três andares do edifício.

As atividades desempenhadas são o ensino cultural, social e religiosos reforço da educação no lar, desenvolvimento do trabalho de educação de base junto à família e orientá-la no conhecimento e uso dos recursos da comunidade; integração dos pais, filhos e Entidade e comemorações natalícias, Semana da Pátria e Dia das Crianças.

As primeiras instalações da sede localizam-se nas proximidades da Igreja do Valo Velho, na residência de uma senhora Adventista. Atualmente, a entidade possui sede própria e sua equipe compõe-se de 18 funcionários; 1 coordenadora, 2 professoras, 1 Ass. Social, 8 pajens,

1 atendente de Enfermagem, 1 lavanderia, 3 faxineiros e 1 Médico voluntário.

CREDENCIAIS. Certificados impressos para as várias classes de obreiros denominacionais por uma *Missão, *Associação, *União, *Divisão ou a *Associação Geral. Elas consistem no seguinte:

Obreiros Ministeriais: (a) credenciais ministeriais para ministros ordenados; (b) licenças para ministros não-ordenados

Obreiros Não-ministeriais: (a) credenciais para instrutores bíblicos (licenças para instrutores bíblicos são concedidas a principiantes ou assistentes temporários); (b) credenciais para missionários e para obreiros de experiência não-ordenados; (c) licenças para missionários do campo médico, educacional e obreiros de escritórios, instituições e indústrias que estiveram na obra denominacional por mais de cinco anos, que não estão qualificados para credenciais de missionários.

Professores: (a) investidura a professor aspirante após completar o curso profissionalizante; (b) investidura a professores com pelo menos dois anos de experiência; (c) professor credenciado, após dois anos de trabalho licenciado.

Colportores-Evangelistas: (a) credenciais para colportores efetivos; e (b) licenças para colportores principiantes com três meses de experiência.

Credenciais Honorárias: concedidas a pastores jubilados.

Todas as credenciais e licenças são concedidas para um período específico e podem ser retiradas em harmonia com as provisões constitucionais da respectiva organização.

Antes do desenvolvimento da organização formal da IASD, cartões assinados pelos “irmãos líderes” eram concedidos aos ministros

da Igreja. Quando a primeira Associação (Michigan) foi organizada, em 1861, ela votou conceder aos seus ministros certificados de ordenação e "credenciais anuais a serem assinadas pelo secretário da Associação" (*Review and Herald*, 8 de outubro de 1861). Quando um homem desejava pregar, ele recebia, após um exame completo, uma licença para pregar e, após um ano ou mais de ministério aceitável, era ordenado. Uma clara distinção era feita nos artigos do "Manual da Igreja" de 1883 entre as credenciais ministeriais e licenças, sendo que somente os que eram ordenados recebiam credenciais.

CREDO. Declaração formal e oficial de crenças doutrinárias, como por exemplo, o credo dos Apóstolos da Confissão de Westminster. Os ASD não têm credo formal, embora possa ser encontrada uma declaração de crenças no *Yearbook* e no *Manual da Igreja* (Veja **Declarações Doutrinárias**). Os ASD consideram a Bíblia inteira como seu credo:

> As Santas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos foram dadas por inspiração de Deus, contêm uma revelação todo suficiente de Sua vontade para o homem e são a única regra infalível de fé e prática (*Manual da Igreja*, p. 29).

Isso está em harmonia com o que Tiago White declarou em 1847: "A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática" (*A Word the Little Flock*, p. 13). O periódico pioneiro da IASD, o *Present Truth* fez uma declaração semelhante:

> A Bíblia é nosso mapa, nosso guia. É nossa única regra de fé e prática, à qual deveríamos intimamente aderir (*Present Truth*, dez. de 1849).

O concerto assinado por aqueles que se organizavam como igreja continha uma declaração simples —

tomando o nome de Adventistas do Sétimo Dia, pactuando guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus Cristo (*Review and Herald*, 8 de outubro de 1861).

CRIAÇÃO. Os ASD crêem que o Universo inteiro veio à existência através dos atos criativos de Deus (Is. 40:26; Sal. 19:1; 33:6), mas que a narrativa focaliza primariamente esta terra e a vida nela. Consideram a Criação como sendo um evento direto, sobrenatural por mandado de Deus, em que ambos o Pai e o Filho participaram, sendo o Filho o agente ativo (Gên. 1:26; Col. 1:16,17). O Espírito Santo também é mencionado em ligação com o relato da Criação (Gên. 1:2).

Desde seus primórdios, os ASD têm defendido a doutrina de uma Criação literal em uma semana e têm usado a crença para apoiar a doutrina do *Sábado (*Review and Herald*, nov. de 1850). Eles consideram o sábado como uma instituição inseparável da Criação, "uma salvaguarda contra o Ateísmo e Idolatria, um memorial semanal do Deus vivo," que criou todas as coisas em seis dias (*ibid.*, 18 de abril de 1854).

Os ASD sempre afirmaram crença na Criação *ex nihilo* — que Deus não estava limitado à matéria preexistente quando trouxe a terra à existência. Os ASD geralmente têm considerado como certo que foi no primeiro dia da Criação que Ele criou a matéria que compunha a Terra e que prosseguiu imediatamente com a obra dos seis dias. Porém, quase desde o princípio, alguns ASD têm permitido que o relato do Gênesis seja entendido como se Deus tivesse criado a matéria existente da terra algum tempo antes dos eventos dos seis dias literais da Criação. Por exemplo, em 1860, a *Review and Herald* republicou uma seleção de *The Bible True (A Bíblia Verdadeira),* em que apareceu a declaração de que não há —

> nada na revelação que nos proíba de crer que a substância da Terra foi formada muito tempo antes de receber sua presente organização (*Review and Herald*, 3 de julho de 1860).

Por outro lado, John Nevins Andrews declarou em 1861:

> No primeiro dia da semana Deus criou os céus e a Terra. A Terra, desse modo criada, era sem forma e vazia (*ibid.*, 3 de dezembro de 1861).

Poucos anos depois, D. T. Bordeau escreveu:

> A Bíblia diz que Deus fez o céu e a Terra bem como tudo o que neles está, em seis dias. É no início do primeiro dia, portanto, que Deus criou o céu e Terra, como descrito em Gên. 1:1 (*ibid.*, 05 de fevereiro de 1867).

Representando a outra escola de pensamento, J. P. Handerson escreveu em 1887:

> A Criação da substância material do céu e da Terra pode ter sido eras antes dos seis dias em que foi preparada para a habitação do homem, e ainda não deturpa uma única declaração bíblica (*ibid.*, 5 de julho de 1887).

Sete anos mais tarde, J. G. Matteson, líder da obra ASD na Escandinávia, fez a seguinte observação:

> Em seis dias Deus criou o céu e a Terra e tudo que está neles. (Êx. 20:11). Ele criou o céu e a Terra no princípio. João 1:1. O sistema solar ao qual pertencemos, e o planeta em que vivemos foram conseqüentemente feitos no primeiro dia da semana. Antes daquele tempo não havia nada nesta parte do grande Universo de Deus. Mas o

Senhor falou, e se fez; Ele ordenou e tudo se formou. Sal. 33:9 (*ibid.*, 20 de novembro de 1894).

Embora não neguem os fatos, os ASD têm rejeitado os argumentos da geologia usados para apoiar a teoria de que os dias da Criação foram na realidade longos períodos geológicos (Veja **Ciência e Religião**). Eles ressaltam que a integridade da semana da Criação foi confirmada quando a lei foi dada no Sinai (Êx. 20:8-11), e que não há outra explicação satisfatória para a origem do ciclo semanal. Sendo um absurdo supor que matéria e energia possam surgir espontaneamente do nada, a única solução razoável é aceitar um Criador. Os ASD têm considerado o propósito aparente, o intrincado desenho e ordem da natureza como evidências de um Criador de sabedoria infinita e poder ilimitado.

Os ASD consideram a doutrina de uma Criação divina como o fundamento indispensável para a teologia cristã e Bíblica. Este fato é enfaticamente confirmado do Gênesis ao Apocalipse. A posição de Deus como Criador é freqüentemente ressaltada como distinguindo-o dos falsos deuses (I Crôn. 16:24-27; Sal. 96:5-6). O Deus da Criação é o Deus da lei moral, em cujo coração (da lei) o sábado é dado como um sinal, símbolo e memorial de Seu poder criativo (Êx. 20:8-11; 31:13-17; Ez. 20:20).

O Deus da Criação é também o Deus da salvação e julgamento (Sal. 89:11-15; 146:6-10; Apoc. 14:7). O que tem poder de criar tem o poder de redimir, restaurar criar novamente céus e terra, criar dentro do homem um novo coração (Is. 44:21-28; 65:17-25; Sal. 51:10). Cristo está antes de tudo: Ele mantém todas as coisas pela palavra de Seu poder e por Ele todas as coisas se compõem (Col. 1:16-17; Heb. 1:1-3). Ele estava no princípio com Deus; Ele Se tornou carne e habitou entre nós com poder a fim de salvar (João 1:1-14). O grande fato da Criação é desta maneira essencial aos fatos fundamentais da fé Cristã.

Veja também **Evolução.**

CRISTOLOGIA. Ramo de estudo teológico que trata da pessoa, atributos e missão de Jesus Cristo. A palavra grega *Christos,* "Cristo", era originalmente um título, equivalente à palavra hebraica *Mashîach,* "Messias", mas veio a ser usada como um nome, ou sobrenome, de Jesus. Por isso enquanto se poderia esperar que Cristologia tratasse especificamente do aspecto Messiânico de Jesus, no uso literal inclui cada fase de Sua pessoa e trabalho. Os ASD defendem

> que Jesus Cristo é o próprio Deus, sendo da mesma natureza e essência do Pai eterno. Embora retendo Sua natureza divina, Ele tomou sobre Si a natureza da família humana, viveu na Terra como um homem (*Manual da Igreja*, 1986, p. 30.)

A função de Jesus Cristo é sugerida pelo título "Senhor", que é freqüentemente aplicado a Ele. Eruditos em N.T. comumente reconhecem que a simples declaração, "Jesus é Senhor", foi a mais antiga confissão da fé Cristã (At. 2:36; Rom. 10:9, 10; I Cor. 12:3; Fil. 2:11), feita, porém por cada converso ao batizar-se. Mas esta simples declaração de modo algum encerra uma Cristologia simples. Os judeus que falavam grego referiam-se a Deus como *Kyrios*, "Senhor". Na Septuaginta, *Kyrios* é não somente uma tradução do hebraico, *Adonai,* "Senhor", mas também do concerto de Deus com o nome de *Yahweh,* ou "Jeová". Portanto, para qualquer leitor da Septuaginta, *Kyrios,* "Senhor", era um título comum para o Deus do A.T., denotando Seu poder sobre o mundo e sobre os homens como Criador, Legislador, e Doador da vida. Designando Jesus como "Senhor", os cristãos atribuíam divindade a Ele, e imputavam a Ele autoridade e poder supremos.

É evidente no N.T. que Jesus era considerado como Deus e homem. Mas nenhuma tentativa foi feita para interrelacionar esses dois aspectos de Sua natureza., O N.T. enfatiza a missão e a obra de Jesus, e

não tenta explicar o ministério de Sua natureza. Mas o Cristo histórico é apresentado como plenamente Deus e plenamente homem.

Pelo segundo século, porém, a igreja sentiu-se compelida, por distorções unilaterais, a elaborar as implicações filosóficas da encarnação. Os heréticos Ebionitas, por exemplo, imaginavam a Cristo como o Messias meramente humano e negavam a realidade de Sua humanidade, pois criam ser a humanidade má. A igreja teve que enfrentar estas heresias.

As controvérsias Cristológicas dos quarto e quinto séculos centralizavam-se em dois problemas principais: a relação da natureza de Cristo com a natureza de Deus, e a relação entre a natureza divina e a humana na pessoa de Cristo. Ário (250-336) negou a eternidade e divindade absolutas de Cristo, e fê-Lo o mais elevado e a primícia dos seres criados. O Concílio de Nicéia (325 A.D.) adotou um credo declarando que Jesus era de uma substância (*homoousios*) com o Pai. Apolinário (m. *c.* de 390 A.D.), por outro lado, estando especificamente preocupado em manter a divindade de Cristo, negou a integridade de Sua natureza humana. Ele ensinava que na encarnação, o Logos divino foi unido com elementos puramente animais presentes na natureza humana, sem mente ou alma. Teodoro de Mopsuéstia (m. em 428 A.D.) e seu aluno Nestório (m. após 451 A.D.) separaram a divindade da humanidade de Cristo quase ao ponto de torná-lo em duas pessoas, doutrina esta condenada no Concílio de Éfeso em 431. Êutico (454 A.D.) defendia que embora antes da encarnação houvesse duas naturezas em Cristo, na encarnação foram misturadas em uma. O Concílio de Calcedônia em 451 A.D. formalmente definiu a posição da igreja, de que na pessoa de Cristo, houve uma união permanente de Divindade e humanidade sem que a integridade de uma ou de outra ficasse díspar: "um . . . Cristo . . . em duas naturezas, inconfundivelmente imutável, indivisível, inseparável."

Alguns dos ASD pioneiros — por exemplo, Tiago White e José Bates tinham anteriormente sido membros da “Conexão Cristã” (mais tarde parte de Igreja Congregacional Cristã, agora fundida na Igreja Cristã de Cristo), uma igreja que naquele tempo defendia uma forma de crença Ariana a respeito da natureza de Cristo. Essas pessoas não negavam que Cristo fosse divino, o Criador do Céu e da terra, Filho de Deus, Senhor e Salvador; eles em sua maioria argumentavam que os termos “Filho” e “Pai” indicavam que o Filho teve um início, embora num passado inconcebivelmente remoto. Ao tornarem-se ASD, mantiveram essa crença, que encontrava expressão em seus escritos. Mas nem todos os ASD defendiam esta idéia, e não era parte essencial da doutrina Adventista. Por quase meio século, persistiu diferença de opiniões sobre este ponto, mas evitou-se controvérsia aberta e o ponto de vista antitrindade morreu de morte natural. Os dois antitrinitarianos, Tiago White e Urias Smith, mudaram suas opiniões consideravelmente. Tiago White, por exemplo, tinha a princípio rejeitado a “antiga” idéia trinitariana de que “Jesus Cristo é o verdadeiro e eterno Deus” (*Review and Herald*, 5 de ago. de 1852). Embora cresse na divindade de Cristo (*ibid.*, e de set. de 1853), ele escreveu mais tarde que os ASD “defendem a divindade de Cristo tão próxima à posição trinitariana” que existia bem pouca diferença (*ibid.*, 12 de out. de 1876), e que o Filho “era tão igual ao Pai na Criação, na instituição da lei e no governo das inteligências” (*ibid.*, 16/07/1880). Urias Smith, na primeira edição de *Thoughts on Revelation* (Reflexões sobre o Apocalipse) de 1867, na pág. 59, chamou o Cristo preexistente de “o primeiro a ser criado”. Mas ele logo entrou mais em harmonia com seus irmãos, modificando sua declaração ao tempo em que a primeira edição combinada de *Thoughts on Daniel and Revelation* (Reflexões sobre Daniel e Apocalipse) foi publicada em 1882, na qual ele explicou (p. 488) que o Filho Unigênito de Deus dificilmente poderia ser “qualquer ser criado no sentido ordinário do termo”. Mais tarde falou contra o desprezar a Cristo à

posição de um ser criado (*Looking Unto Jesus*, 1898 ed., p.12). Outros líderes pioneiros da IASD que mostravam tendências arianas eram J. H. Waggoner, seu filho, E. J. Waggoner e W. W. Prescott, que em 1896 (*Review and Herald*, 14 de abril de 1896) falou de Cristo como tendo dois nascimentos — um na eternidade e um na carne.

Pioneiros ASD anti-trinitarianos se opunham ao conceito trinitariano baseado em que tal fé era contrária ao senso comum e às declarações do N.T. indicadoras da submissão de Cristo a Seu Pai, que era de origem pagã e que ela depreciava a personalidade de Cristo e a importância de sua morte vicária. Foi grandemente através dos escritos de Ellen White que a visão Trinitariana permaneceu finalmente. Embora nunca treinada nas complicações da teologia, ela cuidadosamente evitou, através dos anos, cair nas armadilhas das controvérsias Cristológicas das gerações passadas.

Ela aparentemente não achou necessário levantar questões com seus associados mais próximos sobre Cristologia, mas ela repetidamente declarou a igualdade de Cristo com Deus, em 1869 e crescentemente nos anos 1870's e 1880's (1869: 2*T*, 200; 1875: 3*T*, 566; 1880: 4*T*, 458; e muitas outras declarações). Ela descreveu Cristo como "a majestade do Céu, . . . igual com Deus" (1883: 1*ME*, 69): "Soberano do céu, um em poder e autoridade com o Pai" (1888: *GC*, 459): "de uma substância, possuindo os mesmos atributos com o Pai (*Signs of The Times*, 27/11/1893); "O Unigênito Filho de Deus, que estava com o Pai nas eras eternas" (1895: *FEC*, 382); "O Senhor Deus . . . revestido da humanidade" (1895: *FEC*, 379; "Infinito e onipotente"; "o eterno e auto existente Filho" (*Ev*, p. 615). Em sua obra-prima *O Desejado de Todas as Nações* (1898), ela escreveu: "Em Cristo está vida, original não emprestada, não derivada" (*DTN*, p. 530; também em um artigo do ano anterior, *Signs of The Times*, 8/04/1897). Mais tarde ela disse: "Ele não deixou de ser Deus quando se tornou homem. ... A Divindade ainda era Sua" (1903; Ellen G. White no *SDABC*, vol. 5:1129). Em 1906, ela

escreveu: “Cristo ainda era essencialmente Deus, e no mais alto sentido. Ele estava com Deus desde a eternidade, uma pessoa distinta, embora um com o Pai” (*Review and Herald,* 5/04/1906).

Com referência ao relacionamento entre as duas naturezas, ela declarou que Cristo —

> não deixou de ser Deus quando Se tornou Homem. O humano não tomou o lugar do divino nem o divino do humano. ... As duas expressões ... estavam em Cristo, íntima e inseparavelmente em uma só, e mesmo assim com individualidade distinta (*Signs of The Times*, maio de 1899).

A ênfase exagerada sobre a Divindade de Cristo é muitas vezes levada ao ponto de obscurecer Sua real humanidade, com o resultado de deixar Ele de ser um exemplo de como nós, em nossa humanidade podemos, através dEle, vencer como Ele venceu.

> Teria sido quase uma infinita humilhação para o Filho de Deus revestir-se da natureza humana mesmo quando Adão permanecia em seu estado de inocência, no Éden. Mas Jesus aceitou a humanidade quando a raça havia sido enfraquecida por quatro mil anos de pecado. Como qualquer filho de Adão, aceitou os resultados da operação da grande lei da hereditariedade. (*DTN*, 49).

> Mas nosso Salvador Se revestiu da humanidade com todas as contingências da mesma. Tomou a natureza do homem com a possibilidade de ceder à tentação. Não temos que suportar coisa nenhuma que Ele não tenha sofrido (*DTN*, 117).

Cristo foi tentado por Satanás como somos, mas “em nenhuma ocasião havia resposta as Suas diversas tentações” (Ellen G. White, em *SDABC*, vol. 5:1129).

> Ele tomou sobre Si a natureza humana, e foi tentado em todos os pontos em que a natureza humana é tentada. Ele poderia ter pecado; poderia ter caído, mas em nenhum momento houve nEle propensão para o mal (*ibid.*, 5:1128).

Ele foi tentado “como nós, mas sem pecado” (Heb. 4:15).

CRONOLOGIA. Os ASD têm sido interessados na cronologia bíblica, histórica e profética. Os fundadores tinham participado no *Movimento Milerita e tinham pertencido ao segmento que, após 1844, ainda defendia os 2.300 dias proféticos de Dan. 8:14 como tendo-se cumprido em 22 de outubro de 1844, embora tivessem abandonado o *Segundo Advento como o evento esperado para aquele dia. Os ASD crêem que nenhum tempo profético se estende além dos 2.300 dias; deste modo, não estabelecem datas para o Segundo Advento.

Sobre a cronologia bíblica e histórica, os eruditos ASD defendem que as declarações sobre o tempo na Bíblia são válidas mas não necessariamente inclusivas; que datas exatas antes de Cristo não podem ser determinadas, por exemplo, para a Criação ou para qualquer evento anterior aos últimos reis Hebreus (Veja *SDABC*, vol. 1:196). Antigamente, publicações ASD, como outras, citavam a cronologia do décimo-sétimo século de Ussher (como impressa nas margens das Bíblias em inglês a partir de 1701); este esquema fora uma vez útil, como uma aproximação para os períodos posteriores da história bíblica, mas agora é substituído por datas melhor determinadas na cronologia histórica como estabelecidas pela *Arqueologia e em alguns casos estabelecida pela *Astronomia. Livros denominacionais mais recentes utilizam essas descobertas mais exatas. Os ASD, porém não aceitam os

vastos períodos do tempo pré-histórico baseados na teoria da evolução (Veja **Evolução**).

Estudiosos ASD fizeram contribuições ao conhecimento no campo da cronologia bíblica e histórica — por exemplo, Edwin R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Chicago: University of Chicago Press, 1951), uma cronologia Judaico-Israelita; e Siegfried Horn e Lynn H. Wood, *The Chronology of Ezra 7* (Washington: *Review and Herald Publ. Ass*., 1953). Há vários sumários e discussões sobre cronologia histórica Bíblica nesta série de referências (Veja *SDABC* vol. 1:174-196; 2:36, 77, 124-164; 3:45, 85-110, 326-327; 4:17-24; 5:227-266; 6:97-107; também *SDADic*, *"Chronology"*). Para saber as interpretações de certas profecias cronológicas, veja **Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs; Princípio Dia-Ano.**

CROSIER, OWEN RUSSEL LOOMIS (1820-1913). Pregador e editor *Milerita de Cannandaigua, Nova Iorque, primeiro escritor do que viria ser a doutrina do *Santuário. Foi batizado no outono de 1843, por E. R. Pinney. Como um associado mais novo de Hiram Edson e F. B. Hahn, ele colaborou com eles, em Canandaigua, na publicação do *Day-Dawn*, pequena publicação Milerita. De acordo com Loughborough, ele esteve com Edson no milharal em Port Gibson na manhã após a triste vigília de 22 de outubro de 1844. Seja como for, ele aceitou a explicação de Edson e Hahn em intensivo estudo bíblico no inverno de 1844-1845 e escreveu suas descobertas em conjunto sobre o assunto do santuário e sua purificação. O artigo resultante pode ter sido publicado no *Day-Dawn* em 1845, ou como alguns estudiosos crêem, somente em 7 de fev. de 1846, no *Day-Dawn* Extra. A apresentação de Crosier sobre o assunto convenceu José Bates, Tiago White e outros Adventistas na Nova Inglaterra. Bates, por sua vez, apresentou a doutrina do *Sábado ao grupo de Port Gibson em uma conferência na

casa de Edson. Em 1846 Crosier, com o endosso de Edson e Hahn, publicou uma maior exposição sobre o santuário em uma edição extra do *Day-Star*, publicado em Cincinnati (7/02/1846). Crosier guardou o sábado por algum tempo e defendeu-o no *Day-Dawn* de dezembro de 1846 (Veja *Review and Herald*, 6/05/1852), mas logo o rejeitou juntamente com sua primeira concepção sobre o santuário. Em 1847, ele antecipou a "nova posição" do *Contínuo. Crosier serviu na equipe de Joseph Marsh no *Advent Harbinger* ("O Precursor do Advento"). Ele colocava as *Três Mensagens Angélicas (e o sábado) após o Advento. Em 1850 ele, Marsh e outros ensinavam uma doutrina do *Milênio ("a era por vir") rejeitada pelos Adventistas em geral, uma concepção prenunciada parcialmente em uma seção de seu artigo do santuário em 1846. Em 1858, ele foi evangelista pela Associação da Igreja Adventista Cristã do Michigan.

CRUCIFICAR. Ato de fixar uma pessoa condenada a uma cruz, seja amarrando as mãos e pés a ela ou pregando-os nela. Como foi com Cristo, era comum açoitar as vítimas antes da crucifixão, e então exigir que levassem a cruz, ou uma parte dela, até o lugar da execução (João 19:1, 17). Veja **Cruz.**

CRUZ. [gr. *stauros*, "estaca", "pau", "cruz".] Uma estaca enfiada na terra na posição vertical, freqüentemente madeiras ligadas em ângulo reto em sua parte superior, formando um T ou uma cruz. A crucifixão era a maneira caracteristicamente romana de execução. Porém, os cidadãos romanos nunca eram crucificados, sendo essa forma de punição reservada para pessoas que estavam em expressa ignomínia, tais como escravos, os piores criminosos e os não-romanos. Submetendo-Se a essa forma de morte, Cristo humilhou-Se abertamente (Fil. 2:8). Supunha-se que pairava uma maldição sobre os que eram crucificados (Deut. 21:23;

Gál. 3:13). Esse tipo de execução é referido como tendo sido introduzido na Palestina por Antíoco Epifânio, aproximadamente em 165 a.C.. A morte demorada sobre a cruz era indubitavelmente horrível, pois as vítimas geralmente viviam por muitas horas, às vezes muitos dias. Entre os judeus, a morte por apedrejamento era a maneira mais comum de execução, se bem que houvesse providências para enforcamentos ou impalações de corpos em uma estaca ou árvore para os expor ao desprezo (Deut. 21:22, 23).

O Salvador falou da cruz como um símbolo de auto-sacrifício (Mat. 10:38; 16:24). Proclamado pelos apóstolos, o evangelho centralizava-se na crucifixão e ressurreição de nosso Senhor (I Cor. 2:2; etc.), e para Paulo, a cruz era o termo abrangente para a mensagem da salvação através de Cristo (I Cor. 1:18; Gál. 6:14; Fil. 3:18; Col. 1:20). “E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo.”(João 12:32).

Uma das primeiras cruzes cristãs ainda existentes está encrustada em gesso em uma casa em Herculano, e foi descoberta em 1939. Abaixo está uma pequena câmara que é tida como um lugar de oração ou altar. Outros exemplos foram encontrados desenhados em ossários cristãos (recipientes de ossos) em Jerusalém. Veja **Crucificar.**

CUNHA, CYRO PASSOS (1909-1989). Pioneiro. Cyro Passos Cunha casou-se com Maria Elisa Anversa Cunha e tiveram uma filha chamada Marilisa Cunha Mota.

Trabalhou na obra Adventista durante 35 anos, sendo que os últimos 22 anos prestou serviços à *Superbom.

Faleceu no *Hospital Adventista Silvestre, RJ, em 1989.

CURA PELA FÉ. A cura da doença através de meios sobrenaturais, mediante a fé no poder divino. A parte que a cura pela fé

tinha na Igreja cristã baseia-se em numerosos exemplos do A.T. — Naamã e Ezequias, por exemplo (II Reis 5:14; 20:5-7) — e no N.T., especialmente atos de cura realizados pelo nosso Senhor (Mar. 1:30-34, 40-42; 2:1-12; etc., João 9:1-7) e os apóstolos (A.T. 3:1-11; 9:32-41; 14:8-10). O poder de cura foi um dos dons especiais que o Espírito concedeu à Igreja (I Cor. 12:28-30; cf. Mar. 16:17, 18), e os doentes eram convidados a pedir orações especiais por cura através dos anciãos (Tia. 5:14, 15). É evidente, porém, que Deus viu não ser adequado em todos os casos conceder a cura, mesmo quando o suplicante era digno e tinha, presumivelmente, cumprido todas as condições.

Desde o início, os ASD têm reconhecido a cura pela fé como "uma doutrina que o Senhor ensinou" (*Review and Herald*, 4/10/1853) e ocasionalmente casos específicos de cura pela fé foram relatados na *Review and Herald* (14/05/1861; 24/10/1865; 22/05/1866). De tempos em tempos, houve artigos sobre os princípios bíblicos de cura pela fé e advertências contra as contrafações.

Sobre a importância de diferenciar entre o falso e o verdadeiro, G. C. Tenney escreveu em um editorial:

> Embora tenhamos plena fé no poder e disposição de Deus para ouvir a oração de fé e que Ele pode e freqüentemente restaura o doente como resposta à oração, ainda assim somos propensos a dizer que não temos dúvida de que uma grande quantidade do que passa como cura pela fé não seja o que pretende (*ibid.*, 9 de abril de 1895).

Ele adverte que Satanás é capaz de, em certas circunstâncias, realizar milagres de cura, e que em muitos casos de pretensa cura pela fé, a causa básica da enfermidade é um estado mental. É "enganoso", diz ele, creditar essas "curais mentais" ao poder divino. Ele advertiu contra perigo de o doente ser levado a "ignorar as medidas racionais de recuperação" (*ibid.*).

Vários escritores têm discutido os princípios sobre os quais a cura pela fé pode ocorrer. Em 1901, L. A. Smith enfatizou a importância de cooperar com as leis de saúde: Quando uma pessoa enferma "está violando essas leis, e pela transgressão sofre, tal pessoa não poderá esperar que o Senhor remova as conseqüências enquanto ela mesma não se abstém de suas causas." O homem que "recusa fazer o que pode por si mesmo e tenta resolver as coisas através da oração," está procurando o impossível. "Isto não é fé. ... Deus faz pelo homem o que este não pode fazer por si mesmo." (*ibid.*, 21 de junho de 1901).

Sobre a experiência prévia daqueles que oram pela cura de outros, escreveu E. Hilliard:

> A cura *divina* não ocorre para aqueles que vivem em aberta transgressão da lei moral. A restauração à saúde, por meio daqueles que conscientemente desconsideram as exigências do Céu, não vem de Deus (*ibid.* 5 de agosto de 1920).

Outros escritores ressaltam a importância de buscar conselho e auxílio médicos competentes, e o fato de ocorrer a resposta à oração pela cura pode vir por um processo gradual ou pela aplicação dos princípios de viver saudável e o uso de remédios naturais e freqüentemente mediante a habilidade de médicos responsáveis.

Os ASD crêem que o convite e a promessa de Tia. 5:14, 15 sejam válidos hoje e que casos verídicos ainda ocorram. Porém, os ASD também crêem no princípio conhecido como "a economia do milagre" — que, pelo menos sob circunstâncias normais, Deus não utiliza meios sobrenaturais para realizar o que o próprio homem pode conseguir pelos recursos naturais ao seu alcance. Esses recursos naturais incluem cooperação inteligente com os princípios do viver saudável, o uso de remédios naturais e conhecimento médico hoje disponíveis. Portanto, a oração especial deveria estar acompanhada por um uso inteligente dos

meios já mencionados. Isso de modo algum demonstra falta de fé, e pode até ser que Deus ordene que a cura ocorra na medida em que o esforço humano coopere com o poder divino. Além disso, em geral somente aqueles que tem o propósito de ordenar sua vida em todos os aspectos em harmonia com a vontade de Deus revelada podem esperar que Deus responda suas orações.

A extensa obra médica e de saúde dos ASD ao redor do mundo — hospitais, clínicas, escolas de medicina, odontologia, enfermagem e vários campos de tecnologia médica, educação para a saúde e publicações — dão testemunho da crença da Igreja na importância da saúde como um aspecto da mensagem do evangelho e do viver cristão, e também de sua preocupação prática pela saúde e cura.

Os ASD crêem que a oração especial pela cura deveria estar acompanhada pela sequiosa busca pela renovação da vida. Deveria haver não somente fé firme e completa na disposição e poder de Deus para curar, mas também uma completa resignação à vontade de Deus, bem como disposição para aceitar o que Sua infinita bondade e sabedoria acharem melhor. O milagre supremo — a restauração do pecador — sempre deveria ser esperado, mesmo que a recuperação do corpo não ocorra.

Nós ASD não cremos que as pretensões dos populares "curandeiros da fé" sejam válidas, ou que seus métodos sejam dignos do nome de cristão ou estejam em harmonia com os princípios de cura pela fé como exarados nas *Escrituras. Em vista da advertência escriturística contra os falsos milagres, especialmente nos últimos dias (II Tess. 2:9, 10; Apoc. 13:13, 14), é sempre bom atestar cuidadosamente os pretensos casos de cura valendo-se dos princípios de cura pela fé como especificados nas Escrituras.

CURSO "A BÍBLIA FALA". Curso de 20 lições que ensina as doutrinas fundamentais da IASD.

Em 1969, houve uma grande campanha missionária incentivando e despertando o evangelismo no Brasil. Além de cursos semanais houve distribuição de Bíblias gratuitas aos participantes. Todos adventistas no país colaboraram doando Bíblias e ajudando na realização do curso em suas igrejas.

Em 1969, em vários estados ocorreu a primeira formatura deste curso: Igreja Central de Porto Alegre, RS; Juazeiro, BA; Maceió, AL, do Meier, RJ.

A Missão Central Amazonas distribuiu cerca de 4.500 Bíblias em uma de suas campanhas.

CURSO "COMO DEIXAR DE FUMAR EM CINCO DIAS". Curso realizado em todo o país com o objetivo de prestar ajuda quanto ao abandono do vício do fumo.

Este curso é realizado em todas as partes do Brasil e do mundo, obtendo grande êxito em seu objetivo.

O combate contra o fumo iniciou-se por volta do séc. XVI, na Europa. Em alguns países caracterizou-se por intensa propaganda e tomada de decisões do próprio governo a fim de erradicá-lo.

A filosofia anti-fumo atingiu a América e os adventistas se tornaram aliados a este movimento. Pastores e médicos elaboraram um método para deixar de fumar em 5 dias.

Este curso foi lançado nos Estados Unidos (Califórnia) em junho de 1962. O Pr. Alcides Campolongo (Departamental de Relações Públicas, Temperança, Rádio-TV e Evangelismo da *Associação Paulista da IASD na época) estava presente, juntamente com Pastores de todo o mundo. Foi realizado um Seminário dando instruções de como dirigir o curso, como usar os materiais

Ao chegar ao Brasil, o Pr. Campolongo, selecionou e adaptou o material para o português. O Pr. Sesóstris César Souza, Departamental de Rel. Públicas, Temperança, Rádio-TV da *Associação Sul-

Riograndense na época, auxiliou-o no trabalho de estruturação e lançamento no Rio Grande do Sul.

O programa consta de duas partes: a primeira é informativa, sobre os efeitos do fumo, ocupando 20% do tempo do programa. A segunda parte é prática, quando ensina o ouvinte a deixar de fumar, chamada de terapia de grupo, ocupando os outros 80% do tempo.

Os médicos pioneiros deste curso, que muito ajudaram no projeto foram: Dr. Ajax César Silveira e Gideon de Oliveira. Dentre outros destacaram-se: Hilário Veiga de Carvalho, Carlos Schwantes, Benedito Mendes Reis, Augusto Paulino Filho, Geraldo Leitske e Rui Mendes Reis.

O primeiro curso foi realizado na escola normal Caetano de Campos, localiza-se na Praça da República, no centro da cidade de São Paulo. Iniciou-se no dia 8 de 1964, sob a direção do Pr. Alcides Campolongo e tendo como palestrantes: Dr. Hilário Veiga de Carvalho, Dr. Rui Mendes Reis, Dr. Gideon de Azevedo, Günter Bleck, Dr. Carlos Schwantes, Pr. Osvaldo de Azevedo e Dr. Augusto Paulino Filho.

O Pr. Kiotakca Shirai teve destacada atuação.

Pouco depois o Pr. Sesóstirs César Souza tomo iniciativa no Rio Grande do Sul.

O filme “Um em Vinte Mil” foi transmitido pela TV para toda população de São Paulo.

O segundo foi realizado no mesmo local, nos dias 20 a 24 de 19644. Teve 500 inscrições, sendo que 250 alcançaram êxito no abandono do vício.

Outro curso com muito sucesso foi dirigido pelo Pr. Arthur do Valle (Departamental de Temperança da *Associação Paranaense da IASD, no fim de 1964, em Curitiba, no Auditório da Biblioteca Pública do Paraná. O número de pessoas inscritas foi 214 sendo que 90% delas deixaram de fumar.

Vários cursos foram realizados posteriormente e com muito sucesso. Atualmente, o curso é realizado em séries de conferências como introdução ao evangelismo.

O Pr. Alcides Campolongo afirma que 11.500 pessoas foram batizadas em suas campanhas evangelísticas, que sempre foram precedidas pelo curso antitabágico. Ele admite que 40% dos participantes tem parado de fumar.

CURSO DE FORMAÇÃO DE SOCORRISTAS PADIOLEIROS (C.F.S.P.). Em 1953, através do Pr. *Domingos Peixoto da Silva, Coronel do Curso de Formação de Enfermeiros Padioleiros, o Dr. Getúlio D. Vargas, na época, Presidente da República, através do parecer nº 14.566, de 13 de junho de 1953, reconheceu pelas Forças Armadas, o Curso de Enfermeiro Padioleiro.

Este curso permite ao jovem Adventista incorporar-se no corpo de Tropa e ser incluído no Serviço Médico do Exército, Marinha e Aeronáutica. Deste modo são instruídos nos deveres cívicos para com a Pátria, sem violar seus princípios de consciência e fé.

O primeiro colégio a oferecer este curso foi o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/ SP), depois o *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), RS, no *Ginásio Adventista Paranaense (GAP), Ginásio Adventista Campineiro e no *Educandário Nordestino Adventista (ENA), PE.

O 1º Curso Nacional de Formação de Enfermeiros Padioleiros, foi realizado no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), nos dias 3 a 17 de janeiro de 1954, contanto com a participação de quase 40 jovens.

Em 21 de novembro de 1954, os alunos da primeira turma de padioleiros recebem seus certificados. Estes eram assinados pelo Secretário do *Departamento de Deveres Cívicos da IASD, Pr. *Domingos Peixoto da Silva.

Nos dias 18 de dezembro de 1955 a 08 de janeiro de 1956, houve um curso intensivo de 3 semanas. Foi o 3º Curso Nacional-Regional para jovens que não puderam fazê-lo durante o ano letivo em uma escola Adventista. Por isso as aulas foram dadas durante as férias no GAP, em Curitiba, PR.

Nos dias 19 de janeiro a 09 de fevereiro de 1969, foi realizado o 40º Curso de Padioleiros, sob a direção do Pr. Domingos Peixoto da Silva com o Departamento dos Missionários Voluntários (MV), da União Sul-Brasileira, realizado em Brasília, DF.

Foi o maior até então realizado no Brasil, contando com 86 formandos, entre eles, 09 moças que receberam o certificado de Primeiros Socorros.

A formatura foi realizada no encerramento do II Congresso M V Sul-Brasileiro.

Em julho de 1982, o Curso de Formação de Socorristas Padioleiros (CFSP), formou 40 jovens no *Instituto Adventista Paranaense (IAP). O curso teve a duração de 21 dias, e formou jovens dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul.

Com o passar do tempo, o curso recebeu vários nomes:

Curso de Aspirantes a Enfermeiros Padioleiros (CAEP), em harmonia com o Serviço de Saúde do Exército Brasileiro;

Curso de Formação de Socorrista Padioleiros (CFSP) a partir de julho de 1982.

Até 1982, mais de 1.000 jovens foram preparados pelo CFSP.

CZECHOWSKI, MICHAEL BELINA. (1818-1876). Sacerdote católico convertido que pela primeira vez levou a mensagem ASD para a Europa. Polonês por nascimento, foi educado para o sacerdócio em Cracow, mas foi forçado a fugir para sua terra natal. Após viajar consideravelmente pela Europa, ele se decepcionou com a Igreja

Católica, casou-se e foi para a América. Por algum tempo, ele assistiu a Missão Grand Ligne, uma escola Batista francesa, perto de Montreal, Canadá e então foi enviado como evangelista para trabalhar entre a população de fala francesa na fronteira com os Estados Unidos. Enfrentando reveses, ele deixou o campo e foi para o Oeste. Ele foi a uma campal ASD em Findlay, Ohio, e lá, uniu-se à Igreja ASD em 1857. (Seu nome então apareceu na Review and Herald como M. Belina Czechowski [pronúncia: *chahóvski*]). Logo após, ele trabalhou em Associação com D. T. Bordeau no Canadá, no Norte de Nova Iorque e em Vermont.

Czechowski possuía um grande desejo de ir para a Itália como missionário pela denominação, mas os líderes sentiam que a jovem organização ASD não estava pronta para tal empreendimento. Desapontado mas determinado a levar avante seus planos, ele buscou assistência de outra denominação Adventista. Assim, viajou para a Europa em 1864. Veio para Torre Pellice em um Vale Valdense no Piemonte, no Norte da Itália, onde ele formou um grupo de crentes a quem ensinou as doutrinas ASD, embora ele mesmo não estivesse mais associado com os ASD. Enfrentando muita oposição na Itália, ele deixou o país após 14 meses e foi para a Suíça, onde trabalhou por quatro anos com grande energia e perseverança, estabelecendo um periódico intitulado *L'Evangile Eternel* (O Evangelho Eterno), que foi publicado por quatro anos. Através da voz e da pena, ele proclamou o *Sábado e a *Segunda Vinda de Cristo, e como resultado de seus esforços, muitos grupos de crentes foram estabelecidos na Suíça, sendo o maior em Tramelan. O grupo em Tramelan mais tarde foi considerado como a primeira Igreja ASD a ser formada na Europa.

Da Suíça, foi para a Romênia, onde novamente pregou as doutrinas ASD e lançou os fundamentos para o futuro crescimento. Faleceu em Viena, em 1876.

Até 1975, sabia-se onde estava sepultado. Mas recebeu-se informação de que tinha sido removido para o Cemitério de Friedhof em Viena, 99 anos antes.

—— D ——

DANÇA. Veja **Recreação e Divertimentos.**

DANIEL, INTERPRETAÇÃO DE. Os vários intérpretes das profecias de Daniel podem ser divididos em três escolas básicas, de acordo com suas visões dos eventos referidos no livro.

1. *Eventos na História Antiga.* Em sua maioria, os expositores de uma escola determinam a descrição de Daniel sobre a grande tribulação e livramento a um episódio da história judaica dois mil anos atrás ou mais, com Antíoco Epifânio, um tirano que procurou abolir a religião judaica em 168 a.C.. Os que mantêm este ponto de vista vêem Antíoco como o "chifre pequeno" de Dan. 7 e 8 e interpretam os quatro reinos dos capítulos 2 e 7 como culminando com o Império Greco-Macedônio, que é considerado o quarto.

Muitos deste grupo de expositores rejeitam a validez do elemento preditivo em literatura profética, e atribuem o livro de Daniel a um escritor desconhecido que deve ter vivido por volta de 165 a.C., o profeta, a fim de instigar seus companheiros judeus em sua revolta

contra Antíoco Epifânio. Eles consideram as predições de Daniel como sendo *vaticinum post eventum*, "predições" feitas na realidade após os eventos "preditos" ocorrerem. A notável semelhança entre certos detalhes da profecia de Daniel e incidentes durante este episódio crítico na história dos judeus, ou mais tarde durante as guerras com Roma, dá a esta interpretação uma aparência de plausibilidade. Alguns que aceitam o livro de Daniel como profecia autenticamente preditiva de igual modo determinam seu clímax ao tempo de Antíoco ou ao Império Romano do primeiro século da Era Cristã.

Como na teoria de Antíoco, a despeito de certas semelhanças entre alguns dos aspectos das predições de Daniel e os eventos ligados com o episódio de Antíoco Epifânio, os ASD encontram razões que compelem a uma rejeição desta interpretação. Antíoco reinou mais ou menos no ponto médio dos reinos helenísticos que seguiram Alexandre, o Grande, não "no fim de seu reinado", como Daniel especifica (cap. 8:23). Sua opressão aos judeus foi algo temporário, e, sem imaginar muito, pode-se dizer que ele "prevalecia contra eles, e veio o tempo em que os santos possuíram o reino", como Daniel explicitamente declarou que o tirano faria. (cap. 7:21, 22). É um simples fato histórico que Deus não estabeleceu Seu reino eterno e justo sobre a terra há muito, quando os judeus ainda eram o povo escolhido. Antíoco não provou ser o imponente personagem requerida pelas profecias de Daniel, nem o seu reino foi em algum sentido um prelúdio para a Era Messiânica. Além disso, a *Ressurreição do capítulo 12:2, que deveria ocorrer imediatamente após a derrocada do reino tirano, não seguiu à expulsão de Antíoco da Judéia. Nenhum evento ligado à sua opressão aos judeus corresponde aos períodos de tempo de Daniel. De fato, a tentativa de identificar Antíoco Epifânio como o príncipe tirano de Daniel cai por terra em cada ponto importante. Como que para encerrar o assunto, dois séculos *após* Antíoco, Cristo categoricamente declarou que o príncipe tirano e a grande tribulação das profecias de Daniel ainda estavam no

futuro (Mat. 24:15-20). Desta maneira, aplicar a profecia de Daniel a Antíoco é rejeitar a própria interpretação de Cristo.

2. *Teoria da Lacuna (Eventos nos Tempos Antigos e no Fim).* Outra escola de expositores divide o livro de Daniel entre a história antiga e o futuro, encontrando Antíoco no chifre pequeno do capítulo 8 mas aplicando o chifre pequeno do capítulo 7 a um anticristo dos últimos dias (ligado de alguma forma a um quarto reino Romano). A maioria destes expositores são pré-milenistas da variedade conhecida como dispensacionalistas (Veja **Pré-milenismo**), que defendem que a profecia "está ligada apenas à história, à medida que afeta Israel e a Terra Santa" (Bíblia de Referência Scofield, nota sobre Dan. 11:35), passado e futuro. Afirmando que a rejeição dos judeus por parte de Deus na cruz foi apenas temporária, crêem que as predições de Daniel se cumpriram em ordem até o tempo de Cristo no fim da 69ª "semana" do capítulo 9:27, tempo em que, de acordo como entendimento deles, o relógio profético parou, para recomeçar apenas na vinda de Cristo ou no tempo precedente a ela. De acordo com esta teoria, toda a "Era da Igreja", fica "entre a 69ª semana, após o qual o Messias foi retirado, e a 70ª semana, dentro da qual o 'chifre pequeno' de Dan. 7, realizará sua terrível maldição", e no meio daquela futura "septuagésima semana", os judeus, restaurados como uma nação, à sua função como povo escolhido, sofrerá uma tribulação de 3 anos e meio, durante a qual os sacrifícios de seu Templo renovado serão levados embora (*ibid.*, nota de Dan. 9:24). Advogados desta teoria apontam o novo Estado de Israel e ao retorno de uns 2 milhões de judeus para a Palestina como os primeiros passos em direção ao cumprimento destas profecias e em direção à concessão do domínio mundial aos judeus em um reino mundial Messiânico de mil anos.

Em relação à teoria da lacuna, os ASD consideram que somente removendo as promessas do reino do A.T. completamente de seu contexto histórico, literário e de concerto podem elas ser aplicadas ao

Israel literal no presente ou no futuro. Tomada como se nos apresentam, as declarações dos escritores inspirados claramente prenunciam tal aplicação. (Veja *SDABC*, vol. 4:25-38). Os ASD vêem as promessas de restauração do A.T. para condição de concerto, e de domínio universal, como estritamente condicionais (Veja Jer. 18:6-10). Quando os judeus rejeitaram o Messias, nosso Senhor especificamente, rejeitou-os como povo escolhido (Veja Mat. 21:43; 23:38), mas só como indivíduos os judeus continuaram a ser recipientes de graça e poderiam ser salvos aceitando a Cristo. Além disso, as Escrituras, em nenhum lugar, apóiam ou dão margem para uma lacuna de uns mil anos postulados por esta teoria, entre a 69ª e a 70ª "semanas" de Dan. 9:27.

3. *Um Terceiro Conceito — Cumprimento Contínuo.* Uma terceira escola de expositores é a representada pelos intérpretes da igreja primitiva e pelos reformadores protestantes. Eles viam a profecia se cumprindo continuamente na história. Eles identificaram os quatro impérios de Dan. 2 e 7 como Babilônia, Pérsia, Grécia, e Roma; os dez chifres do capítulo 7 como as dez repartições do Império Romano seguido pelo *Anticristo. Os cristãos primitivos esperavam o anticristo para o futuro. Eles não criam em uma "lacuna" que faz com que as profecias pulem sobre o período da Igreja, mas em cumprimento contínuo, operando mesmo em seus dias.

Jerônimo (*c.* 400 A.D.), cuja interpretação de Daniel foi aceita como padrão durante a Idade Média, cria ser a divisão do Império Romano, então em progresso, o cumprimento da divisão do quarto império da profecia em dez. Ele alistou muitas divisões por nome. Ele esperava que a iminente subversão de Roma desse caminho ao chifre pequeno, o anticristo que reinaria na Igreja, oprimindo os santos por três anos e meio literais, após o que viria o julgamento e o *Segundo Advento. Agostinho, porém alguns anos depois, interpretou o reino da pedra — o *Reino de Deus — como a Igreja na era presente.

O final da Idade Média experimentou um reavivamento no interesse do cumprimento histórico das profecias, com o acréscimo de duas novas características — identificação do chifre pequeno do cap. 7 com o Papado (aparentemente introduzida pelo Arcebispo Eberhard II de Salzburg, Áustria, em 1240), e a aplicação do *Princípio Dia-Ano para períodos de tempo proféticos.(Veja **Profecia, Conceito Historicista da)**

Assim se desenvolveu a idéia do chifre pequeno — identificado com o anticristo do N.T. e o "iníquo" ligado à grande apostasia — como um poder político-religioso, sucessor do Império Romano, reforçando sua autoridade sobre o povo de Deus continuando até os últimos dias. Os 3½ tempos deste chifre foram computados como 1.260 anos (Veja **Princípio Dia-Ano**). Houve várias datas determinadas para este período de tempo, mas a captura e expulsão do Papa Pio VI, pela França, em 1798 e sua morte sem um sucessor imediato levou vários estudiosos a fixarem isto como o fim dos 1.260 dias-anos.

4. *Os 2.300 Dias e as 70 semanas.* Durante as décadas seguintes a 1798, houve crescente interesse em verificar quando os 2.300 dias de Dan. 8:14, contados como anos, terminariam, e para descobrir a relação das *70 semanas do capítulo 9 com os 2.300 dias (Veja **Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs**).

Tinham sido universalmente aceitas as 70 semanas como "semanas de anos", com a morte de Cristo geralmente localizada na 70ª semana. Um grande número de estudiosos que tiveram parte no Reavivamento do Advento no Velho Mundo das eras primitivas do século dezenove seguiram *Johann P. Petri (m. em 1792) ao usar as 70 semanas de Dan. 9 como a chave para entender os 2.300 "dias" de Dan. 8:14, começando ambos sincronicamente. Muitos deles fixaram em 457 a.C. ou meados como o início, e 33 A.D. a 34 como o final das 70 semanas, com a cruz seja no seio ou no final dos 2.300 anos em 1843, 1844 ou 1847. Identificando a *Ponta Pequena do cap. 8 como o Papado

ou como o Islamismo, eles diferiam sobre a natureza dos eventos que marcaram o fim dos 2.300 anos, interpretando a purificação do *Santuário de Dan. 8:14 variavelmente como o resgate da Palestina dos Muçulmanos, a queda do Papado, a purificação da Igreja, a restauração dos judeus, o início de um reino milenar, ou o Segundo Advento.

As características distintivas da mensagem de *Guilherme Miller eram sua identificação deste evento como a purificação da terra por fogo na *Segunda Vinda de Jesus, que ele antecipou "por volta de 1843"; e sua rejeição das duas interpretações populares do reino de Deus na Terra — (1) como uma era dourada precedendo a vinda de Jesus e (2) como um reino estabelecido após a Segunda Vinda, com os judeus restaurados em uma posição de liderança. Em vez disso, ele viu o Segundo Advento como o fechamento da *Porta da Graça e introduzindo o reino eterno de santos glorificados em uma terra recriada. Para saber das visões dos Mileritas, veja **Movimento Milerita.**

O elo entre a interpretação Milerita e a interpretação ASD da purificação do Santuário foi fornecida pela explicação de *Hiram Edson, seguindo o *Desapontamento Milerita de 1844 (escrita por *Owen Russell Loomis Crosier depois de estudar junto com Hiram Edson e Dr. F. B. Hahn), que o Santuário Celestial do livro de Hebreus é o referido em Dan. 8:14 (*Day Star* Extra, 7 de fevereiro 1846).

5. *Daniel 11.* Pelo tempo de Guilherme Miller, os intérpretes concordavam grandemente sobre a aplicação da parte inicial de Dan. 11 aos Ptolomeus e Selêucidas, mas diferiam sobre onde introduzir Roma. Miller explicava o rei voluntarioso de Dan. 11:36 como o Papado, mas tomava o rei do Norte no verso 40 como representando a Inglaterra, e nos vv. 40-45, como Napoleão. Houve divisão de opiniões entre reconhecer o Papado ou a Turquia na interpretação da última parte de Dan. 11 entre os ASD por quase um século. Alguns como *Tiago White, achavam que o Papado era representado, enquanto *Urias Smith identificou a Turquia como o poder. Sua clássica exposição, *Thoughts*

on Daniel (Reflexões Sobre Daniel), que foi publicado pela *Review and Herald Publishing Association* de janeiro de 1869 até julho de 1871, perpetuou seu ponto de vista por três quartos de século. Muitos ASD, hoje, seguem a posição mantida por Tiago White.

6. *Interpretação ASD.* Seguem uma interpretação histórica contínua. (Para conhecer a exposição clássica de Daniel, veja Urias Smith, *Thoughts on Daniel and Revelation;* para conhecer uma exposição temporária, veja *SDABC* sobre Daniel). Os ASD identificam as nações da estátua do cap. 2 como os impérios de Babilônia, Medo-Pérsia, Greco-Macedônia e Romano, e os dez dedos como os reinos bárbaros que sucederam Roma e cresceram como nações da Europa Moderna. A "pedra" que destrói a estátua é o reino eterno de Cristo, a "grande montanha" que enche a Terra. Esta mesma sucessão de poderes políticos é representada pelos quatro animais do capítulo 7, com os dez chifres como os reinos na área do velho Império Romano e a ponta pequena como o Papado. Os ASD entendem o grande chifre do carneiro Grego no cap. 8 como representando Alexandre o Grande (o próprio livro explica o carneiro e o bode do cap. 8 como o reino Persa e o Grego); e os quatro chifres os reinos, Helenísticos nos quais seu Império foi dividido, com a ponta pequena do cap. 8, que cresce excedentemente, representando Roma em ambas as fases papal e imperial, com ênfase na última. A purificação do Santuário do v. 14 é entendida como se referindo ao ato de apagar os pecados confessados e perdoados dos livros de registro no Santuário Celestial, começando no final das 2.300 "tardes e manhãs" em 1844 A.D. (simbolizadas no princípio dia-ano dos períodos proféticos de 457 a.C.). Veja **Juízo Investigativo.**

Os ASD entendem a explicação do anjo do cap. 9:24-27 como sendo a segunda parte da interpretação da visão iniciada no cap. 8, com ênfase sobre as "70 semanas", ou 490 anos, que deviam ser "desligadas" como a primeira porção dos 2.300 anos do cap. 8:14 e determinados sobre a nação judaica. Eles consideram que a execução, em 457 a.C., do

decreto de Artaxerxes autorizando a restauração completa da lei judaica e a administração de Jerusalém marcam o início das “setenta semanas”, ou 490 anos, e que este período profético terminou no ano 34 A.D., com a crucifixão de Cristo no ano 31 no meio da septuagésima semana da profecia (v. 27).

Os ASD entendem que o cap. 11 seja uma completa delineação da história começando com Daniel, com o rei do “Norte” e “Sul” como as dinastias Selêucidas e Ptolomaicas da Síria e Egito. Roma é geralmente interpretada como entrando em cena a partir do v. 14 em diante, e os vv. 36-39 são aplicados por alguns ao Papado e à sua perseguição ao povo por outros à França durante o “tempo do fim”, começando em 1798, no fim dos 3 tempos e meio, ou 1.260 dias, ou anos, da profecia de Daniel, embora outros defendam o ponto de vista de que estes versos se aplicam à Turquia. O ato de Cristo Se levantar no cap. 12:1 é entendido como determinando o término de Seu ministério no Santuário Celestial no fim do *Tempo de Angústia. A libertação por Cristo de Seu povo predita em Dan. 12:1 está correlata às profecias de Apocalipse.

Daniel foi instruído a “encerrar as palavras e selar o livro, até o tempo do fim” (Dan. 12:4), significando que ele não poderia ser entendido até aquele tempo, mas seria então, em termos de seu cumprimento real na história. Evidentemente nem tudo foi selado, pois a explicação do anjo aplicou certos símbolos a nações e pessoas específicas (caps. 8:20-22; 11:2). Os ASD crêem que as coisas reveladas a Daniel foram mais tarde complementadas na revelação feita a João e registradas no Apocalipse.

DAU, QUIRINO (1898-1964). *Pastor, administrador e professor. Nasceu em 1898, no Rio Grande do Sul. Estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IE/SP), nos anos de 1919-1923, preparando-se para ser um obreiro na

causa de Deus. Casou-se com Geny Dau, de cuja união nasceram os filhos Nivaldo, Joedy e Nair.

Concluídos os estudos, foi convidado para ser professor evangelista em Palmeira das Missões, RS. Dirigiu os departamentos de Missionários Voluntários (MV) e Educação da Associação Paraná — Santa Catarina e, mais tarde, os mesmos departamentos na *Associação Paulista da IASD.

Foi Pastor geral da *Missão Goiano-Mineira da IASD, voltando depois como obreiro da Associação Paulista da IASD, prosseguindo em suas atividades até o ano de 1947, quando se aposentou.

Faleceu no dia 24 de fevereiro de 1964, aos 86 anos de idade, em Curitiba, PR.

DAVIS, MARIAN. (1847-1904). Secretária de *Ellen G. White.

Antes de 1879, quando ela começou a trabalhar para Ellen G. White como assistente literária, lecionou em uma escola rural por algum tempo, e trabalhou como revisora de provas na gráfica da **Review and Herald* por muitos anos. Ela acompanhou a Sra. White em suas viagens na América, na Europa em 1885 e à Austrália em 1891. Retornou com a Sra. White para a Califórnia em 1900.

DAY-DAWN (1845-1847). Periódico adventista (não ASD), publicado esporadicamente em Canandaigua, Nova Iorque, por F. B. Hahn e editado por *Owen Russell Loomis Crosier.

Sua primeira publicação foi anunciada no **Day-Star*, 15 de abril de 1845. Alguns eruditos ASD crêem que o *Day-Star* publicou o primeiro artigo de Crosier sobre o *Santuário, baseado em um estudo conjunto com *Hiram Edson e Hahn. Edições posteriores do *Day-Dawn* publicaram a argumentação de Crosier em favor do *Sábado (extraído da *Review and Herald*, 6 de maio de 1852); algo mais sobre o Santuário

e notas sobre sua “nova concepção” sobre o *Contínuo, ambos em março de 1847.

DAY-STAR. (1843-1847). Periódico *Milerita iniciado em Cincinnati como o *The Western Midnight Cry*, tendo *Josué V. Himes como autor, primeiramente editado por *George Storrs, que foi sucedido em dezembro de 1843 por Enoque Jacobs. Após o desapontamento de 1844, Jacobs assumiu a publicação do livreto e renomeou-o de *Day-Star* iniciando-o em 18/02/1845. Sendo que o *Day-Star* divergia do *Advent Herald* de Himes em defender que o movimento de 1844 fora válido e que os 2.300 dias tinham finalizado em outubro de 1844, muitos dos que compartilhavam a concepção do *Day-Star*, inclusive *Tiago White e outros que se tornaram pioneiros do movimento ASD, leram o *Day-Star* e escreveram para seu editor. Em suas colunas apareceu a primeira declaração de *Ellen Harmon (White) e uma extensa exposição da doutrina do *Santuário escrita por *Owen Rossel Loomis Crosier (baseada no estudo em conjunto com *Hiram Edson e F. B. Hahn). Uma escola de pensamento entre os eruditos ASD mantém que a primeira apresentação de Crosier sobre o Santuário apareceu no *Day-Star Extra* de 07/02/1845.

Os pioneiros ASD, porém, encontram-se dividindo o lugar com o *Day-Star* depois de Jacobs, em 1846, ter-se voltado para os “Espiritualistas”, cuja doutrina ele anteriormente havia denunciado (Veja **Espiritualismo [**1]). Logo depois, uniu-se aos *Shakers*; e o folheto mudou para uma colônia *Shaker*, Union Village, perto de Lebanon, Ohio, e em maio de 1847, tornou-se uma publicação *Shaker*.

DECISÃO, **REVISTA**. Veja **Revista Decisão**.

DECLARAÇÕES DOUTRINÁRIAS DA IASD. Através de sua história, os ASD têm afirmado que "a Bíblia e a Bíblia só", deveria ser o credo cristão e que eles não têm nenhum credo além da *Bíblia. Porém, os ASD publicaram várias declarações de fé e gradualmente chegaram às 27 "Crenças Fundamentais" publicadas no **Yearbook* desde 1931. Entre elas estavam:

1. *Declaração Informal de White*. Em agosto de 1853, *Tiago White, como editor da **Review and Herald*, respondeu a um pedido de uma Batista do Sétimo Dia sobre o que provavelmente tenha sido a primeira declaração de fé dos ASD — meramente a generalizada frase escriturística, "os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" (Apoc. 14:12).

> Como um povo, somos fruto de decisões do corpo de adventistas (Mileritas), e de várias denominações, tendo diferentes concepções sobre alguns assuntos; ainda assim, graças a Deus, o sábado é uma plataforma poderosa onde todos podemos estar unidos. E enquanto estivermos aí, com apenas a Palavra de Deus como credo, e unidos pelos elos do amor — amor pela verdade, uns pelos outros e amor por um mundo que perece — "que é mais forte que a morte," todos os sentimentos de sectarismo se perdem. Estamos unidos nestes grandes assuntos; o advento imediato e pessoal de Cristo e a observância de todos os mandamentos de Deus, e a fé de Seu Filho, Jesus Cristo, como necessárias para uma preparação para Seu Advento (Tiago White, *Review and Herald*, 11 de agosto de 1853).

Em dezembro do mesmo ano White propôs uma "patente" para a ordem evangélica em uma série de quatro artigos. O segundo artigo, sobre doutrina explica a relação de uma ordem evangélica (Organização da igreja) com a unidade de crença. Este era evidentemente um assunto delicado, pois inúmeras reprovações pela "manufaturação de credos" era

base para a “pureza doutrinária” como essencial à ordem na igreja: “Deve a Igreja de Cristo” perguntou ele, “ser deixada sem uma regra de fé? Respondemos que ela está provida de um credo suficiente. Toda a escritura é dada por inspiração de Deus’“ (*ibid.*, 13 de dezembro de 1853).

2. “*Princípios Fundamentais”.* Em 1872, a tipografia em Battle Creek publicou um folheto contendo 25 proposições, sem assinatura. A Declaração introdutória diz parcialmente:

> Ao apresentar ao público este resumo de nossa fé, desejamos que seja distintamente entendido que não temos artigo de fé, credo ou disciplina, além da Bíblia. Não colocamos este como tendo autoridade sobre nosso povo, nem tem o objetivo de assegurar uniformidade entre eles, como um sistema de fé, mas é uma breve declaração do que foi e tem sido com grande unanimidade, defendido por eles (“Uma Declaração dos Princípios Fundamentais Ensinados e Praticados Pelos ASD”, p. 3).

Estes foram republicados no *Signs of the Times* (04/06/1874); então, no último artigo de uma série por *Urias Smith: “Os Adventistas do Sétimo Dia” na *Review and Herald* (24 de novembro de 1874); e novamente no **Signs of the Times* em 28 de janeiro de 1875; apareceu como panfleto e como “Princípios Fundamentais” e como parte de uma reedição dos quatro artigos em 1875 e mais tarde, como, em 1877-1878, 1884 e 1888 sob o mesmo título ou variados, e com introduções idênticas ou semelhantes, declarando que os ASD “Não têm credo senão a Bíblia, mas defendem alguns pontos específicos de fé dos quais se sentem preparados a dar razão” (reedição de 1875 do *Signs of the Times* e panfleto de 1877-1878 completo).

No **Yearbook (Anuário ASD)* de 1889, que foi maior do que comumente, contendo informações Gerais sobre a igreja e suas

atividades, estes “Princípios Fundamentais”, foram incluídos de uma forma revisada e aumentada em 28 Seções (pp. 147-151). Isto não foi realizado em edições posteriores, mas foi inserido na edição de 1905 e continuou aparecendo em 1914.

3. *Declaração de 1931*. Em 29 de Dezembro de 1930, a *Associação Geral da IASD votou que fosse preparada uma declaração de crenças por uma comissão de quatro, inclusive o presidente da Associação Geral e o diretor da **Review and Herald*. Esta foi impressa primeiramente em 1931, no *Yearbook* daquele ano e no ano seguinte do *Manual da Igreja. Na *Conferência Geral de 1843 votou-se que a declaração, bem como qualquer outra porção do manual fossem revisadas somente em uma Conferência Geral. Esta declaração intitulada “Doutrinas Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia” contendo 22 sessões está publicada com pequenas revisões nesses dois livros. Não é, porém, considerada um credo; ela professa apenas englobar “as características principais” da doutrina como “podem ser resumidas”. Esta declaração permaneceu até a Conferência Geral de 1980, quando foi aumentada de 22 doutrinas para um sumário mais amplo e abrangente de 27 parágrafos, publicado sob o título “Doutrinas Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia”. Estas doutrinas fundamentais estão inseridas no livro *Nisto Cremos*, preparado por um comitê de 194 pessoas de todas as Divisões (Veja **Divisão**). Essas pessoas examinavam cada capítulo, sugerindo revisões, adições e supressões. Um comitê menor de 27 líderes denominacionais, teólogos e pastores, reuniu-se regularmente com P. G. Damsteegt, responsável pela elaboração de cada capítulo das doutrinas e ofereceram supervisão adicional na preparação deste trabalho.

A seguir, estão as 27 declarações doutrinárias dos ASD:

1. As Escrituras Sagradas

As Escrituras Sagradas, o *Antigo e o *Novo Testamentos, são a Palavra de Deus escrita, dada por inspiração divina, por intermédio de santos homens de Deus que falaram e escreveram ao serem movidos pelo *Espírito Santo. Nesta Palavra, Deus transmitiu ao homem o conhecimento necessário para a *Salvação. As Escrituras Sagradas são a infalível revelação de Sua vontade. Constituem o padrão de caráter, a prova da experiência, o autorizado revelador de doutrinas e o registro fidedigno dos atos de Deus na História. (II Ped. 1:20, 21; II Tim. 3:16, 17; Sal. 119:105; Prov. 30:5, 6; Isa. 8:20; João 17:17; I Tess. 2:13; He. 4:12)

2. A Trindade

Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas co-eternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua auto-revelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a *Criação. (Deut. 6:4; Mat. 28:19; II Cor. 13:14; Efés. 4:4-6; I Ped. 1:2; I Tim. 1:17; Apoc. 14:7)

3. Deus Pai

Deus, O Eterno Pai, é o Criador, Originador, o Mantenedor e o Soberano de toda a criação. Ele é justo e santo, compassivo e clemente, tardio em irar-Se, e grande

em constante amor e fidelidade. As qualidades e os poderes manifestos no Filho e no Espírito Santo também constituem revelações do Pai. (Gên. 1:1; Apoc. 4:11; I Cor. 15:28; João 3:16; I João 4:8; I Tim. 1:17; Êxo. 34:6, 7; João 14:9).

4. Deus Filho

Deus, o Filho Eterno, encarnou-Se em *Jesus Cristo. Por meio dEle foram criadas todas as coisas, é revelado o caráter de Deus, efetuada a salvação da humanidade e julgado o mundo. Sendo para sempre verdadeiramente Deus, Ele Se tornou também verdadeiramente homem, Jesus, o Cristo. Foi concebido do Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. Viveu, e experimentou a tentação como ser humano, mas exemplificou perfeitamente a justiça e o amor de Deus. Por Seus *Milagres manifestou o poder de Deus e atestou que era o Messias prometido por Deus. Sofreu e morreu voluntariamente na *Cruz, por nossos pecados e em nosso lugar, foi ressuscitado dentre os mortos e ascendeu para ministrar no *Santuário Celestial em nosso favor. Virá outra vez, em glória, para o livramento final de Seu povo e a restauração de todas as coisas. (João 1:1-3, 14; Col. 1:15-19; João 10:10; 14:9; Rom. 6:23; II Cor. 5:17-19; João 5:22; Luc. 1:35; Fil. 2:5-11; Heb. 2:9-18; I Cor. 15:3, 4; Heb. 8:1, 2; João 14:1-3).

5. Deus Espírito Santo

Deus, o Espírito Santo, desempenhou uma parte ativa com o Pai e o Filho na Criação, *Encarnação e Redenção. Inspirou os escritores das Escrituras. Encheu de poder a vida de Cristo. Atrai e convence os seres humanos; e os que se mostram sensíveis são renovados e transformados por Ele, à imagem de Deus. Enviado pelo Pai e pelo Filho para estar sempre com os Seus Filhos. Ele concede *Dons Espirituais à igreja, habilita-a a dar testemunho de Cristo e, em harmonia com as Escrituras, guia-a em toda a verdade. (Gên. 1:1, 2; Luc. 1:35; 4:18; At. 10:38; II Ped. 1:21; II Cor. 3:18; Efés. 4:11, 12; At. 1:8; João 14:6-18, 26; 15:26, 27; 16:7-13).

6. A Criação

Deus é o Criador de todas as coisas, e revelou nas Escrituras o relato autêntico de sua atividade criadora. “Em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra” e tudo o que tem vida sobre a Terra, e descansou no sétimo dia dessa primeira *Semana. Assim Ele estabeleceu o *Sábado como perpétuo monumento comemorativo de Sua esmerada obra Criadora. O primeiro homem e a primeira mulher foram formados à imagem de Deus como obra-prima da Criação, foi-lhes dado o domínio sobre o mundo e atribuiu-se-lhes a responsabilidade de cuidar dele. Quando o mundo foi concluído, ele era “muito bom”, proclamando a glória de Deus. (Gên. 1; 2; Êxo. 20:8-11; Sal. 19:1-6; 33:6, 9; 104; Heb. 11:3).

7. A Natureza do Homem

O homem e a mulher foram formados à imagem de Deus com individualidade, o poder e a liberdade de pensar e agir. Conquanto tenham sido criados como seres livres, cada um é uma unidade indivisível de *Corpo, mente e *Alma, e dependente quanto à vida, respiração e tudo o mais. Quando nossos primeiros pais desobedeceram a Deus, negaram a sua dependência dEle e caíram de sua elevada posição abaixo de Deus. A imagem de Deus, neles, foi desfigurada, e tornaram-se sujeitos à *Morte. Seus descendentes partilham dessa natureza caída e de suas conseqüências. Nascem com fraquezas e tendências para o mal. Mas Deus, em Cristo, reconciliou consigo o mundo e por meio de Seu Espírito restaura nos mortais penitentes a imagem de Seu Criador. Criados para a glória de Deus, são chamados para amá-Lo e uns aos outros, e para cuidar de seu ambiente. (Gên. 1:26-28; 2:7; Sal. 8:4-8; At. 17:24-28; Gên. 3; Sal. 51:5; Rom. 5:12-17; II Cor. 5:19, 20; Sal. 51:10; I João 4:7, 8, 11, 20; Gên. 2:15).

8. O Grande Conflito

Toda a humanidade está agora envolvida num grande conflito entre Cristo e Satanás, quanto ao caráter de Deus, Sua *Lei e Sua soberania sobre o Universo. Esse conflito originou-se no *Céu quando um ser criado, dotado de liberdade de escolha, por exaltação própria, tornou-se Satanás, o adversário de Deus, e conduziu à rebelião uma parte dos *Anjos. Ele introduziu o Espírito de rebelião

neste mundo ao induzir Adão e Eva em pecado. Este pecado humano resultou na deformação da imagem de Deus na humanidade, no transtorno do mundo criado em sua conseqüente devastação por ocasião do dilúvio mundial. Observado por toda a criação, este mundo tornou-se o palco do conflito universal, dentro do qual será finalmente vindicado o Deus de amor. Para ajudar Seu povo neste conflito, Cristo envia o Espírito Santo e os leais anjos, para os guiar, proteger e amparar no caminho da salvação. (Apoc. 12:4-9; Isa. 14:12-14; Ezeq. 28:12-18; Gên. 3; Rom. 1:19-32; 5:12-21; 8:19-22; Gên. 6-8; II Ped. 3:6; I Cor. 4:9; Heb. 1:14).

9. Vida, Morte e Ressurreição de Cristo

Na vida de Cristo, de perfeita obediência à vontade de Deus, e em Seu sofrimento, *Morte e *Ressurreição, Deus proveu o único meio de *Expiação do *Pecado humano, de modo que os que aceitam essa expiação pela fé, possam ter vida eterna, e toda a criação compreenda melhor o infinito e santo amor do Criador. Esta expiação perfeita vindica a justiça da lei de Deus e a benignidade de Seu caráter; pois ela não somente condena o nosso pecado, mas também garante o nosso perdão. A morte de Cristo é substituinte e expiatória, reconciliadora e transformadora. A ressurreição de Cristo proclama a vitória de Deus sobre as forças do mal, e assegura a vitória final sobre o pecado e a morte para os que aceitam a expiação. Proclama a soberania de Jesus Cristo, diante do qual se dobrará todo joelho, no Céu e na Terra. (João 3:16; Is. 53; I Ped. 2:21,

22; I Cor. 15:3, 4, 20-22; II Cor. 5:14, 15, 19-21; Rom. 1:4; 3:25; 4:25; 8:3, 4; I João 2:2; 4:10; Col. 2:15; Fil. 2:6-11).

10. A Experiência da Salvação

Em infinito amor e misericórdia, Deus fez com que Cristo, que não conheceu pecado, Se tornasse pecado por nós, para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus. Guiados pelo Espírito Santo, sentimos nossa necessidade, reconhecemos nossa pecaminosidade, arrependemo-nos de nossas transgressões e temos fé em Jesus como Senhor e Cristo, como Substituto e Exemplo. Esta fé que aceita salvação, advém do divino poder da Palavra e é o dom da graça de Deus. Por meio de Cristo, somos justificados, adotados como filhos e filhas de Deus, e libertados do domínio do pecado. Por meio do Espírito, nascemos de novo e somos santificados; o Espírito renova nossa mente, escreve a lei de Deus, a lei de amor, em nosso coração e recebemos o poder para levar uma vida santa. Permanecendo nEle, tornamo-nos participantes da natureza divina e temos a certeza da salvação agora e no Juízo. (II Cor. 5:17-21; João 3:16; Gál. 1:4; 4:4-7; Tito 3:3-7; João 16:8; Gál. 3:13, 14; I Ped. 2:21, 22; Rom. 10:17; Luc. 17:5; Mar. 9:23, 24; Efés. 2:5-10; Rom. 3:21-26; Col. 1:13, 14; Rom. 12:2; Heb. 8:7-12; Ezeq. 36:25-27; II Ped. 1:3; Rom 8:1-4; 5:6-10).

11. A Igreja

A *Igreja é a comunidade de crentes que confessam a Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em continuidade do povo de Deus nos tempos do *Antigo Testamento, somos chamados para fora do mundo; e nos unimos para prestar culto, para a comunhão, para instrução na Palavra, para celebração da Ceia do Senhor, para o serviço a toda a humanidade e para a proclamação mundial do Evangelho.

A Igreja recebe sua autoridade de Cristo, o qual é a Palavra encarnada, e das Escrituras, que são a Palavra escrita, a Igreja é a família de Deus; adotados por Ele como filhos, seus membros vivem com base no *Novo Concerto. A Igreja é o corpo de Cristo, uma comunidade de fé, da qual o próprio Cristo é a cabeça. A Igreja é a Noiva pela qual Cristo morreu para que pudesse santificá-la e purificá-la. Em Sua volta triunfal, Ele a apresentará a Si mesmo Igreja gloriosa, os fiéis de todos os séculos, a aquisição de Seu sangue, sem mácula, nem ruga, porém santa e sem defeito. (Gên. 12:3; At. 7:38; Efés. 4:11-15; 3:8-11; Mat. 28:19, 10; 16:13-20; 18:18; Efés. 2:19-22, 23; 5:23-27; Col. 1:17, 18).

12. O Remanescente e Sua Missão

A Igreja universal se compõe de todos os que verdadeiramente crêem em Cristo; mas, nos últimos dias um tempo de ampla *Apostasia, um remanescente tem sido chamado para fora, a fim de guardar os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. Este remanescente anuncia a chegada da hora do *Juízo, proclama a salvação por meio de Cristo e prediz a aproximação de seu *Segundo Advento. Essa

proclamação é simbolizada pelos 3 anjos do Apocalipse 14; coincide com a obra de julgamento no Céu e resulta numa obra de arrependimento e reforma na Terra. Todo crente é convidado a ter uma parte pessoal neste testemunho mundial. (Apoc. 12:17; 14:6-12; 18:1-4; II Cor. 5:10; Judas 3, 14; I Ped. 1:16-19; II Ped. 3:10-14; Apoc. 21:1-14).

13. Unidade do Corpo de Cristo

A Igreja é um corpo com muitos membros, chamados de toda nação, tribo, língua e povo. Em Cristo somos uma nova criação; distinções de raça, cultura e nacionalidade, e diferenças entre altos e baixos, ricos e pobres, homens e mulheres, não devem ser motivos de dissenções entre nós. Todos somos iguais em Cristo, o qual por um só Espírito nos uniu numa comunhão com Ele e uns com os outros; devemos servir e ser servidos sem parcialidades ou restrições. Mediante a revelação de Jesus Cristo nas Escrituras, partilhamos a mesma fé e esperança e estendemos um só testemunho para todos. Essa unidade encontra sua fonte na unidade do Deus triúno, que nos adotou como Seus filhos. (Rom. 12:4, 5; I Cor. 12:12-14; Mat. 28:19, 20; Sal. 133:1, 2; II Cor. 5:16, 17; At. 17:26, 27; Gál. 3:27, 29; Col. 3:10-15; Efés. 4:14-16; 4:1-6; João 17:20-23).

14. O Batismo

Pelo *Batismo confessamos nossa fé na morte e na ressurreição de Jesus Cristo, e atestamos nossa morte para o pecado e nosso propósito em andar em novidade de vida. Assim reconhecemos a Cristo como Senhor e Salvador, tornamo-nos Seu povo e somos aceitos como membros por Sua Igreja. O batismo é um símbolo de nossa união com Cristo, do perdão de nossos pecados e do recebimento do Espírito Santo. É por imersão na água e depende de uma afirmação de fé em Jesus e de evidência de arrependimento do pecado. Segue-se à instrução nas Escrituras Sagradas e à aceitação de seus ensinos. (Rom. 6:1-6; Col. 2:12, 13; At. 16:30-33; 22:16; 2:38; Mat. 28:19, 20).

15. A Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor é uma participação nos emblemas do corpo e do sangue de Jesus, como expressão de fé nEle, nosso Senhor e Salvador. Nesta experiência de comunhão, Cristo está presente para encontrar-Se com Seu povo e fortalecê-lo. Participando da Ceia, proclamamos alegremente a morte do Senhor até que Ele volte. A preparação envolve o exame de consciência, o arrependimento e a *Confissão. O Mestre instituiu a cerimônia do *Lava-pés para representar renovada purificação, para expressar a disposição de servir um ao outro em humildade semelhante à de Cristo, e para unir nossos corações em amor. O serviço da comunhão é franqueado a todos os crentes cristãos. (I Cor. 10:16, 17; 11:23-30; Mat. 26:17-30; Apoc. 3:20; João 6:48-63; 13:1-17).

16. Dons e Ministérios Espirituais

Deus concede a todos os membros de Sua Igreja, em todas as épocas, dons espirituais que cada membro deve empregar em amoroso ministério para o bem comum da Igreja e da humanidade. Sendo outorgados pela atuação do Espírito Santo, o qual distribui a cada membro como Lhe apraz, os dons provêem todas as aptidões e ministérios de que a Igreja necessita para cumprir suas funções divinamente ordenadas. De acordo com as Escrituras, esses dons abrangem tais ministérios como a fé, cura, profecia, proclamação, ensino, administração, reconciliação, compaixão, e serviço abnegado e caridade para ajuda e animação das pessoas. Alguns membros são chamados por Deus e dotados pelo Espírito para funções reconhecidas pela Igreja em ministérios pastorais, evangelísticos, apostólicos e de ensino especialmente necessários para habilitar os membros para o serviço, edificar a Igreja, com vistas à maturidade espiritual e promover a unidade da fé e do conhecimento de Deus. Quando os membros utilizam esses dons espirituais como fiéis despenseiros da multiforme *Graça de Deus, a Igreja é protegida contra a influência demolidora das falsas doutrinas, tem um crescimento que provém de Deus e é edificada na fé e no amor. (Rom. 12:4-8; I Cor. 12:9-11, 27, 28; Efés. 4:8, 11-16; At. 6:1-7; I Tim. 3:1-13; I Ped. 4:10, 11).

17. O Dom de Profecia

Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Este dom é uma característica da Igreja *Remanescente e foi manifestado no ministério de *Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à Igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia é norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência. (Joel 2:28, 29; At. 2:14-21; Heb. 1:1-3; Apoc. 12:17; 19:10).

18. A Lei de Deus

Os grandes princípios da lei de Deus são incorporados nos *Dez Mandamentos e exemplificados na vida de Cristo. Expressam o amor, a vontade e os propósitos de Deus acerca da conduta e das relações humanas, e são vigentes a todas as pessoas, em todas as épocas. Esses preceitos constituem a base do *Concerto de Deus com Seu povo e a norma no julgamento de Deus. Por meio da atuação do Espírito Santo, eles apontam para o pecado e despertam o senso da necessidade de um Salvador. A salvação é inteiramente pela graça, e não pelas obras, mas seu fruto é a obediência aos mandamentos. Essa obediência desenvolve o caráter cristão e resulta numa sensação de bem-estar. É uma evidência de nosso amor ao Senhor e de nossa solicitude por nossos semelhantes. A obediência da fé demonstra o poder de Cristo para transformar vidas, e fortalece, portanto, o testemunho cristão. (Êxo. 20:1-17; Sal. 40:7, 8; Mat. 22:36-40; Deut.

28:1-14; Mat. 5:17-20; Heb. 8:8-10; João 15:7-10; Efés. 2:8-10; I João 5:3; Rom. 8:3, 4; Sal. 19:7-14).

19. O Sábado

O bondoso Criador, após os seis dias da Criação, descansou no sétimo dia e instituiu o sábado para todas as pessoas, como memorial da Criação. O quarto mandamento da imutável lei de Deus requer a observância deste sábado do sétimo dia como dia de descanso, adoração e ministério, em harmonia com o ensino e prática de Jesus, o Senhor do Sábado. O sábado é uma dia de deleitosa comunhão com Deus e uns com os outros. É um símbolo de nossa redenção em Cristo, um sinal de nossa *Santificação, uma prova de nossa lealdade e um antegozo de nosso futuro eterno no *Reino de Deus. O sábado é o sinal perpétuo do eterno concerto de Deus com Seu povo. A prazerosa observância deste tempo sagrado duma tarde a outra tarde, de pôr-do-sol a pôr-do-sol, é uma celebração dos atos criadores e redentores de Deus. (Gên. 2:1-3; Êxo. 20:8-11; Luc. 4:16; Isa. 56:5, 6; 58:13, 14; Mat. 12:1-12; Êxo. 31:13-17; Ezeq. 20:12, 20; Deut. 5:12-15; Heb. 4:1-11; Lev. 23:32; Mar. 1:32).

20. Mordomia Cristã

Somos despenseiros de Deus, responsáveis diante dEle pelo uso apropriado do tempo e das oportunidades, capacidades e posses, e das bênçãos da Terra e seus recursos, que Ele colocou sob o nosso cuidado.

Reconhecemos o direito de propriedade da parte de Deus por meio do fiel serviço a Ele e a nossos semelhantes, e devolvendo os dízimos e dando ofertas para a proclamação do Seu Evangelho e para a manutenção e o crescimento de Sua Igreja. A *Mordomia é um privilégio que Deus nos concede para desenvolvimento no amor e para vitória sobre o egoísmo e a cobiça. O mordomo se regozija nas bênçãos que advêm aos outros como resultado de sua fidelidade. (Gên. 1:26-28; 2:15; I Crôn. 29:14; Ag. 1:3-11; Mat. 3:8-12; I Cor. 9:9-14; Mat. 23:23; II Cor. 8:1-15; Rom. 15:26, 27).

21. Conduta Cristã

Somos chamados para ser um povo piedoso que pensa, sente e age de acordo com os princípios do Céu. Para que o Espírito recrie em nós o caráter de nosso Senhor, só nos envolvemos naquelas coisas que produzirão em nossa vida pureza, saúde e alegria semelhantes às de Cristo. Isso significa que nossas diversões e entretenimentos devem corresponder aos mais altos padrões do gosto e beleza cristãos. Embora reconheçamos diferenças culturais, nosso *Vestuário deve ser simples, modesto e de bom gosto, apropriado àqueles cuja verdadeira beleza não consiste no adorno exterior, mas no ornamento imperecível de um espírito manso e tranqüilo. Significa também que, sendo o nosso corpo o templo do Espírito Santo, devemos cuidar dele inteligentemente. Junto com adquado exercício e repouso, devemos adotar a alimentação mais saudável possível e abster-nos dos

alimentos imundos identificados nas Escrituras. Visto que as bebidas alcoólicas, o fumo e o uso irresponsável de medicamentos e narcóticos são prejudiciais a nosso corpo, também devemos abster-nos dessas coisas. Em vez disso, devemos empenhar-nos em tudo que submeta nossos pensamentos e nosso corpo à disciplina de Cristo, o qual deseja nossa integridade, alegria e bem-estar. (Rom. 12:1, 2; I João 2:6; Efés. 5:1-21; Fil. 4:8; II Cor. 10:5; 6:14-7:1; I Ped. 3:1-4; I Cor. 6:19, 20; 10:31; Lev. 11:1-47; III João 2).

22. Matrimônio e Família

O casamento foi divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus como união vitalícia entre um homem e uma mulher, em amoroso companheirismo. Para o cristão o compromisso matrimonial é com Deus bem como com o cônjuge, e só deve ser assumido entre parceiros que partilham a mesma fé. Mútuo amor, honra, respeito e responsabilidade constituem a estrutura dessa relação, a qual deve refletir o amor, a santidade, a intimidade e a constância da relação entre Cristo e Sua Igreja. No tocante ao *Divórcio, Jesus ensinou que a pessoa que se divorcia do cônjuge, a não ser por causa de fornicação, e se casa com outro, comete *Adultério. Conquanto algumas relações de família fiquem aquém do ideal, os consortes que se dedicam inteiramente um ao outro, em Cristo, podem alcançar amorosa unidade por meio da orientação do Espírito e a instrução da Igreja. Deus abençoa a família e tenciona que seus membros ajudem um ao outro a alcançar completa maturidade. Os pais devem educar os

seus filhos a amar o Senhor e obedecer-Lhe. Por seu exemplo e suas palavras, devem ensinar-lhes que Cristo é um disciplinador amoroso, sempre terno e solícito, desejando que eles se tornem membros do Seu corpo, a família de Deus. Crescente intimidade familiar é uma das características da mensagem final do Evangelho. (Gên. 2:18-25; Mat. 19:3-9; João 2:1-11; II Cor. 6:14; Efés. 5:21-33; Mat. 5:31, 32; Mar. 10:11, 12; Luc. 16:18; I Cor. 7:10, 11; Êxo. 20:12; Efés. 6:1-4; Deut. 6:5-9; Prov. 22:6; Mal. 4:5, 6).

23. O Ministério de Cristo no Santuário Celestial

Há um *Santuário no Céu, o verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Nele, Cristo ministra em nosso favor, tornando acessíveis aos crentes os benefícios de Seu sacrifício expiatório oferecido uma vez por todas, na cruz. Ele foi empossado como nosso grande Sumo Sacerdote e começou Seu ministério intercessório por ocasião de Sua *Ascensão. Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias. Ele iniciou a segunda e última etapa de Seu ministério expiatório. É uma obra de *Juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado, prefigurada pela purificação do antigo santuário hebraico, no Dia da Expiação. Nesse serviço típico, o santuário era purificado com o sangue de sacrifícios de animais, mas as coisas celestiais são purificadas com o perfeito sacrifício do sangue de Jesus. O juízo investigativo revela aos seres celestiais quem dentre os mortos dorme em Cristo, sendo, portanto, nEle, considerado digno de ter

parte na primeira ressurreição. Também torna manifesto quem dentre os vivos, permanece em Cristo, guardando os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, estando, portanto, nEle, preparado para a trasladação ao Seu reino eterno. Este julgamento vindica a justiça de Deus em salvar os que crêem em Jesus. Declara que os que permaneceram leais a Deus receberão o reino. A terminação do ministério de Cristo assinalará o fim do tempo da graça para os seres humanos, antes do Segundo Advento. (He. 8:1-5; 4:14-16; 9:11-28; 10:19-22; 1:3; 2:16, 17; Dan. 7:9-27; 8:13, 14; 9:24-27; Núm. 14:34; Ezeq. 4:6; Lev. 16; Apoc. 14:6, 7; 20:12; 14:12; 22:12).

24. A Segunda Vinda de Cristo

A segunda vinda de Cristo é a bendita esperança da Igreja, o grande ponto culminante do Evangelho. A vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e universal. Quando Ele voltar, os justos falecidos serão ressuscitados e, juntamente com os justos que estiverem vivos, serão glorificados e levados para o Céu, mas os ímpios irão morrer. O cumprimento quase completo da maioria dos aspectos da profecia, bem como a condição atual do mundo, indica que a vinda de Cristo é iminente. O tempo exato desse acontecimento não foi revelado, e somos portanto exortados a estar preparados em todo o tempo. (Tito 2:13; Heb. 9:28; João 14:1-3; At. 1:9-11; Mat. 24:14; Apoc. 1:7-10; Mat. 24:43, 44; I Tess. 4:13-18; I Cor. 15:51-54; II Tess. 1:7-10; 2:8; Apoc. 14:14-20; 19:11-21; Mat. 24: Mar. 13; Luc. 21; II Tim. 3:1-5; I Tess. 5:1-6).

25. Morte e Ressurreição

O salário do pecado é a *Morte. Mas Deus, o único que é imortal, concederá *Vida eterna a Seus remidos. Até aquele dia, a morte é um estado inconsciente para todas as pessoas. Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, os justos ressuscitados e os justos vivos serão glorificados e arrebatados para o encontro de seu Senhor. A segunda ressurreição, a ressurreição dos ímpios, ocorrerá mil anos mais tarde (Rom. 6:23; I Tim. 6:15, 16; Ecl. 9:5, 6; Sal. 146:3, 4; João 11:11-14; Col. 3:4; I Cor. 15:51-54; I Tess. 4:13-17; João 5:28, 29; Apoc. 20:1-10)

26. O Milênio e o Fim do Pecado

O *Milênio é o reinado de mil anos, de Cristo com Seus santos, no Céu, entre a primeira e a segunda ressurreições. Durante esse tempo, serão julgados os ímpios mortos; a Terra estará completamente desolada, sem habitantes humanos com vida, mas ocupada por Satanás e seus anjos. No fim desse período, Cristo com Seus Santos e a *Cidade Santa descerão do Céu à Terra. Os ímpios mortos serão então ressuscitados e, com Satanás e seus anjos, cercarão a cidade; mas fogo de Deus os consumirá e purificará a Terra. O Universo ficará assim eternamente livre do pecado e dos pecadores. (Apoc. 20; I Cor. 6:2, 3; Jer. 4:23-26; Apoc. 21:1-5; Mal. 4:1; Ezeq. 28:18; 19).

27. A Nova Terra

Na *Nova Terra, em que habita justiça, Deus proverá um lar eterno para os remidos e um ambiente perfeito para vida, amor, alegria e aprendizado eternos, em Sua presença. Pois aqui o próprio Deus habitará com Seu povo, e o sofrimento e a morte terão passado. O grande conflito estará terminado e não mais existirá pecado. Todas as coisas, animadas e inanimadas, declararão que Deus é amor; e Ele reinará para todo o sempre. Amém. (II Ped. 3:13; Isa. 35; 65:17-25; Mat. 5:5; Apoc. 21:1-7; 22:1-5; 11:15).

DECRETOS DIVINOS. Doutrina de que todos os eventos no reino natural e espiritual foram soberanamente determinados por Deus desde a eternidade. De acordo com os teólogos Reformadores, os decretos divinos são, de fato, parte de um plano que abrange todos os atos humanos, sejam bons ou sejam maus. Em relação ao mal, a operação de Deus é permissiva.

Sobre esse assunto, a posição ASD se aproxima da teologia Arminiana (Veja **Arminianismo)**, em contradição à teologia Calvinista. Os ASD crêem que Deus decretou uma vida santa e feliz para todas as Suas criaturas e que o pecado nunca fez parte de Seu eterno e soberano plano. A posição da Reforma, como John Wesley ressaltou, rotula Deus como responsável pela existência do pecado, e produz o antinomianismo. “A doutrina dos decretos divinos,” escreveu Ellen G. White, “que inalteravelmente fixam o caráter dos homens, havia conduzido muitos à rejeição virtual da lei de Deus.” (*GC*, 259).

Deus previu que alguns dos seres santos que ele planejara criar exerceriam seu *Livre Arbítrio, com os quais Ele os dotara, para o

pecado. "Desde o princípio, Deus e Cristo sabiam da apostasia de Satanás, e da queda do homem mediante o poder enganador do apóstata. Deus não ordenou a existência do pecado. Previu-a, porém, e tomou providências para enfrentar a terrível emergência." (*DTN*, pp.17,18).

Nas eras eternas antes da *Criação, com base na presciência de Deus, foi decretado que Cristo deveria pagar a penalidade pela transgressão humana. Conseqüentemente, Deus decretou eternamente a disponibilidade da graça salvífica a todos que deveriam aceitar a oferta do sacrifício e que todos os que o rejeitassem deveriam ser definitivamente aniquilados, juntamente com o pecado. A sabedoria infinita ideou um plano pelo qual o Universo se tornaria para sempre seguro; todos os que escolhessem cooperar com o propósito divino, viveriam para sempre, enquanto os que recusassem a assim fazer, cessariam de existir. Mas Deus dotou os seres criados com o poder de escolher, individualmente, o grupo ao qual se associariam. Os que escolhessem se associar ao grupo predestinado à destruição, teriam a morte eterna, enquanto todos os que escolhessem associar-se ao grupo destinado à vida eterna, viveriam para sempre.

DEDICAÇÃO DE CRIANÇAS. Costume de apresentar crianças ao Senhor em uma simples cerimônia de dedicação durante um serviço de culto normal na Igreja. A prática parece ter sido desenvolvida gradualmente entre os Pastores da Igreja, sem decisão oficial da IASD. O propósito é reconhecer, com gratidão, a bondade de Deus, que trouxe a criança ao lar cristão; ajudar os pais a reconhecerem sua séria responsabilidade de ensinar e treinar desde cedo a criança no serviço de Deus; reconhecer o direito que as crianças têm nas orações e serviços da Igreja.

Um típico cerimonial de dedicação poderia tomar a seguinte forma: ler textos apropriados, tais como Deut. 6:4-7; Mat. 18:10, 5, 14, são lidos enquanto os pais estão perante o púlpito com o(s) bebê(s) em

seus braços e o Pastor diz: “Apresentais agora esta criança (ou crianças) perante Deus em solene dedicação? Resolveis seriamente que, guiados pelo Espírito de Deus e buscando a graça de Cristo, educareis esta criança na educação e exortação do Senhor, e sempre tereis isso como vosso constante dever e Sagrada responsabilidade? Procurais ordenar de tal maneira vosso lar, vossas palavras, vossos atos que vosso filho estará em todos os momentos rodeado de puros pensamentos, viver santificado, e pelo exemplo de Cristo, e para que ele(a) chegue à confissão aberta ao lado de Cristo através do *Batismo em uma idade própria, e, deste modo, entrará na comunhão e no serviço da igreja de Jesus Cristo?” Os pais respondem pelas palavras de Jesus: “E em favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade” (João 17:19).

Então o Pastor ora para que as bênçãos de Deus estejam com os pais e com a criança. No encerramento do culto, alguns ministros apresentam um certificado de dedicação aos pais.

O nome da criança pode ser oficialmente registrado no final do livro da igreja, não como um membro e sim como pertencendo aos “domésticos na fé”.

DEFESA CIVIL. Veja **Não-combatência.**

DEMÔNIO. [gr. *daimonion*] Traduzido geralmente como demônio, exceto em Atos 17:18, que traduz como deus (“divindade”). Porém, a tradução diabo pode ser enganosa pois quando “diabo” se refere a Satanás, é a tradução do gr. *diabolos*, não *daimonion*; por isso “demônio” é uma tradução preferível de *daimonion*. Os gregos aplicaram o termo a divindades inferiores, no entanto, seres superiores aos homens. No N.T., o termo é aplicado a divindades uma vez (v. 18), mas em outras partes a seres maus, superiores aos homens, e capaz às

vezes de controlá-los. Eles são descritos como seres espirituais, os termos "espírito" ou "espírito imundo" são paralelos a "demônio" (Mat. 8:16; Luc. 9:42). Eles são considerados como os "anjos que pecaram" (II Ped. 2:4; cf. Judas 6), que caíram juntamente com Lúcifer, chamados de "seus anjos" (Mat. 25:41), sobre os quais ele é o "príncipe" (cap. 9:34).

Esses demônios são representados como possuidores de sabedoria sobre-humana, pois ao verem Jesus, imediatamente declararam ser Ele o Filho de Deus (Luc. 8:27, 28). Por terem esse conhecimento, Jesus ordenou que eles não falassem (Mar. 1:34).

De acordo com o quadro do N.T., esses demônios, quando se apossavam de alguém, traziam doenças, geralmente doenças mentais. A expulsão desses espíritos resultava na recuperação das vítimas. Durante Seu ministério, Jesus expulsou muitos demônios. Os evangelhos mencionam vários casos específicos de cura, além de ressaltar que Ele expulsou demônios de muitos (Mat. 8:16; Mar. 1:39). Ao enviar os Doze, Ele "deu-lhes autoridades sobre espíritos imundos para os expelir" (Mat. 10:1). Posteriormente Jesus enviou 70 com o mesmo poder, pois quando eles retornaram, regozijavam-se dizendo: "Senhor, os próprios demônios se nos submetem pelo teu nome" (Luc. 10:17).

Os endemoninhados manifestavam vários sintomas. Um que fora trazido a Jesus era mudo, mas quando o demônio foi-lhe expulso, o mudo falou (Mat. 9:32, 33). Outro, possuído por um espírito surdo-mudo, foi acossado por terríveis convulsões, freqüentemente caindo no fogo e na água, espumando e gritando em uma ocasião (Mat. 9:17-29). Outro ainda foi retirado do convívio com os homens e vivia nu entre as sepulturas. As tentativas de prendê-lo foram infrutíferas, pois ele quebrava todas as correntes e cordas com que amarravam-no. Esse endemoninhado em particular, foi possuído por muitos demônios. Quando repreendidos, os demônios entraram em uma manada de porcos, sendo estes impelidos para um lago (Luc. 8:26-33).

DENZ, CORDÉLIA BRANDÃO DE CARVALHO (1908-1990). Educadora. Casou-se com o Dr. *Guilherme Denz, vivendo juntos durante 46 anos.

Serviu a obra educacional no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS) e no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), durante 47 anos.

Após o falecimento do seu esposo, teve sua saúde abalada levando-a rapidamente à morte.

Faleceu no dia 07 de fevereiro de 1990 aos 82 anos de idade, em São Paulo, (SP).

DENZ, GUILHERME FREDERICO (1900-1986). Professor, advogado e *Pastor. Nasceu no ano de 1900, em Santa Maria, ES. Era filho de *Guilherme Denz, imigrante alemão, que veio a ser o primeiro adventista batizado no Espírito Santo e fundador do primeiro núcleo Adventista.

Guilherme passou os seus primeiros anos em sua terra natal, onde estudou por dois anos e meio o curso primário, na escola Adventista local. Seu pai mandou-o ao *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde concluiu seu 1º Grau estudantil. Logo depois cursou Teologia, sendo um dos integrantes da primeira turma de formandos em 1922.

Logo que Guilherme chegou ao Colégio, morou no quarto de *Jerônimo Granero Garcia. Os dois tiveram uma grande amizade.

Após terminar o curso teológico, trabalhou como obreiro em vários Estados: Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, e, por último, como professor no Rio Grande do Sul.

Como pregador, o Pr. Guilherme era bastante objetivo em seus sermões, costumava utilizar temas bem cristocêntricos em suas mensagens.

Após seu trabalho no Rio Grande do Sul, retornou a São Paulo, formando-se em Direito na faculdade de Direito no Largo de São Francisco. Passou o restante de seu ministério no IAE lecionando as seguintes matérias: História, Prática Jurídica, Direito, Filosofia e Economia, Jurídica de 1942 a 1965.

Casou-se em segundas núpcias com *Cordélia Denz, natural do Estado de Sergipe, de cuja união nasce Leilange, única filha. A professora Cordélia lecionou no IAE e foi diretora do antigo curso primário.

Foi testemunha ocular dos 70 anos de existência do IAE, escola que tanto amou e para qual deixou um valioso acervo de material histórico.

Faleceu no dia 21 de agosto de 1986, aos 86 anos de idade, em São Paulo.

DEPARTAMENTO DE DEVERES CÍVICOS E LIBERDADE RELIGIOSA DA IASD DO BRASIL. Localiza-se na sede da *Divisão Sul Americana da IASD (DSA), na Av. L. Sul - 3, Quadra 611, nº 75, 76, em Brasília, DF. O Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da IASD no Brasil pertence e é administrado pela DSA da IASD. Esse órgão foi fundado em 06/09/1936 por *Domingos Peixoto da Silva, Dr. Mauro da Silveira, Dr. Américo Coelho e o Pr. *Gustavo Storch.

A primeira sede funcionou no Rio de Janeiro com o nome de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa.

Uma das principais atividades desempenhada por esse Departamento é manter o relacionamento da Igreja com as Autoridades.

DEPARTAMENTO JURÍDICO DA CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IASD. Assessora juridicamente a IASD

e suas instituições no Brasil. É um departamento da *Confederação da Uniões Brasileiras da IASD. Sua supervisão é feita pela *Divisão Sul-Americana da IASD.

Localiza-se na Av. L-3 Quadra 611, Módulo 75, ASA SU 1, Brasília, DF.

O Departamento jurídico teve seu início em 1968, com a colaboração de R.A. Wilcox, Naor Klein e Holbert Schmidt, sob a liderança do assessor Erich Willy Olm (cargo que mantém até agora, 1995). Atualmente 2 funcionários trabalham neste departamento.

DEPARTAMENTOS. Subdivisões funcionais da obra denominacional em vários níveis administrativos. Em 1975, na *Associação Geral da IASD, havia 12 departamentos (e outros escritórios, comissões e serviços). Em seus respectivos territórios cada *Divisão, *União, *Associação, e *Missão tem departamentos nas mesmas ou similares categorias, trabalhando sob suas respectivas comissões, mas, com a ajuda e direção dos departamentos da Associação Geral.

Para saber sobre os departamentos e suas várias esferas de serviço, veja *Conferência Geral - Departamentos e, também, nomes de departamentos específicos.

DESAPONTAMENTO DE 22 DE OUTUBRO DE 1844. Veja **Movimento Milerita.**

DESBRAVADORES, CLUBE DE. O Clube de Desbravadores é um programa espiritual e recreativo, centralizado na IASD, destinado a juvenis, na faixa de dez a quinze anos, foi oficializado em nível mundial em 1950 pela AG.

Em 1919, na Califórnia, A.W. Spalding surgiu com a idéia da realização do trabalho com juvenis. Eles eram chamados de escoteiros missionários de Madison, e divulgaram a idéia para que pequenos clubes aparecessem. Isto ocorreu em 1911.

Foi criado um voto e um lema em 1920, pelo Departamento de Jovens da *Associação Geral da IASD que, em 1921, passou a ser conhecida como Sociedade dos Missionários Voluntários (MV).

O termo Desbravadores (*pathfinder*, em inglês) foi escolhido por John McKim, provavelmente após participar do primeiro acampamento conduzido pela Associação Sudeste da Califórnia, em 1928, onde um dos oficiais da Associação contou aos juvenis a história de John Fremont, um explorador americano ao qual se referia como desbravador (*pathfinder*). McKim passou a usar o termo Desbravadores para o seu Clube e mais tarde, em 1930, outro Clube, o do Dr. Theron Johnston também passou a usá-lo, ambos na mesma cidade, Santa Ana, Califórnia.

A Associação do Sudeste da Califórnia estabeleceu em Idyllwild, no ano de 1930, uma área de acampamento com o nome de Acampamento do Desbravador MV, evidentemente por causa do relação entre seu programa e o dos Clubes em Santa Ana.

O trabalho foi crescendo e tomando forma e, na década de 30, em Santa Ana, Califórnia, o termo Desbravadores foi usado em um programa de jovens pelo Dr. Theron Johnston.

Johnston organizou um Clube no andar térreo de sua casa, porém, a Igreja não habituada com este tipo de programa, ameaçou expulsá-los da Igreja.

No Brasil. Mesmo assim, o trabalho não parou e, finalmente na década de 50, ingressou no Brasil a idéia para a formação de um Clube.

José Turcílio foi quem liderou um pequeno grupo na cidade de Ribeirão Preto, SP, em novembro de 1950.

A partir desta data, ramificações foram surgindo e atualmente o Clube de Desbravadores atinge toda a América do Sul, do Norte e Central; África, Índia, Austrália, Extremo Oriente e Europa.

Em 1957, o Pr. Jairo Araújo da DSA, sediada no Uruguai na época, tratou de confeccionar o manual de como organizar um Clube de Desbravadores. Em 1959, o Pr. Wilson Sarli passou por Ribeirão Preto e então fundou oficialmente um Clube de Desbravadores e Edgar Turcílio foi eleito para ser o líder do Clube. Edgar foi o primeiro investido em 1958, juntamente com Enis Mian. A primeira investidura deu-se em resultado das Classes Progressivas que o grupo fornecia em 1958. Então o Pr. Jairo Araújo marcou datas de incentivo nas Igrejas a partir de 1960. No final deste ano, na cidade de Ribeirão Preto, o Pr. J. N. Bronze presidindo a comissão da igreja, votou o jovem Luiz Roberto Freitas para assumir o cargo de Diretor do Clube de Desbravadores da Igreja local. Não se sabia muito na época. Então foi feito um contato já no início de 1961 com o Pr. Wilson Sarli, departamental de Educação e de Jovens da Associação Paulista, pedindo orientações quanto à organização de um Clube.

O Pr. Sarli acabara de participar de um congresso em Córdoba, Argentina, e ali encontrou-se com o Pr. John B. Youngberg, missionário *oversea* que estava trabalhando no Chile e tinha, com sucesso, organizado um Clube de Desbravadores nesse país, levando-os para participar do congresso.

Motivado com a idéia de montar um Clube de Desbravadores aqui no Brasil, o Pr. Wilson Sarli prontamente, atendendo à solicitação, foi a Ribeirão Preto, oficializando assim o primeiro Clube de Desbravadores, ainda no início deste ano.

Em seguida, o Pr. Wilson Sarli oficializou novos Clubes em São Paulo e distribuiu materiais para que também em outros estados fossem abertos novos Clubes de Desbravadores.

Na antiga USB (que compreende hoje a União Sul e Central Brasileira), o departamental de jovens da época era o Pr. J. N. Siqueira. Esta união foi justamente o berço dos primeiros Clubes de Desbravadores do Brasil. Os pioneiros neste trabalho foram os departamentais - Wilson Sarli, Henry Feyerabend e Oscar Lindquist - das antigas Associação Paulista, Missão Catarinense e Missão Mato-Grossense.

*Filosofia***.** Presente em 130 países com quase 40.000 Clubes, o Clube de Desbravadores trabalha para que os juvenis compreendam que Deus os ama e tem cuidado por eles. Que percebam também que possuem seu próprio potencial de dons concedidos por esse mesmo Deus e que devem a Ele, e somente a Ele, expressar seu amor. Pensando assim, a salvação dos garotos passa a ser a prioridade do Clube de Desbravadores.

A meta visa incutir na vida dos juvenis uma apreciação saudável e amor pela criação de Deus, ensiná-los a desenvolver tarefas específicas e *hobbies* que trarão mais satisfação na vida e ocuparão seu tempo com atividades benéficas, como o adestramento do corpo, mente e alma para o serviço de Deus através de atividades físicas, lições diretas na natureza e preparo religioso entre outros.

O Clube de Desbravadores encoraja os seus participantes a conservar boa forma física e concede a oportunidade de desenvolver habilidades de liderança e promove o desenvolvimento harmonioso de todos os aspectos: físico, social, intelectual e espiritual. O Clube de Desbravadores adotou o voto e a lei criados em 1918 pelo Pr. Arthur Spalding.

Alguns objetivos do Clube são:

1. Promover um programa de recreação positiva e sadia;
2. Promover um programa de classe JA;
3. Orientar um bom crescimento físico, mental, social e espiritual;
4. Levá-los mais e mais aos pés de Cristo.

As normas impostas sobre os clubes são ganhar conservar e preparar. Os juvenis que participam estão na faixa etária entre 10 e 15 anos de idade.

Alguns fatores contribuem parta a formação de um Clube de Desbravadores, tais como: os líderes devem ser escolhidos e preparados para a tarefa designada e prover os programas, planos e realizações. A organização deve ter ainda: uniforme, bandeira, insígnias e cerimônias, significando não apenas união, como também um chamativo aos que estão ingressando na adolescência. Os materiais são comprados a partir de doações da recolta feita pelos Desbravadores.

Bases fundamentais do Clube:

Alvo. “A mensagem do advento a todo mundo nesta geração.”

Lema. “O amor de Cristo nos constrange.”

Voto. “Pela Graça de Deus serei puro, bondoso e leal, guardarei a Lei do JA serei um servo de Deus e um amigo de todos.”

Lei.: “A Lei do JA ordena-me:

Observar a meditação matinal;
Cumprir fielmente a parte que me corresponde;
Cuidar do meu corpo;
Manter a consciência limpa;
Ser cortês e obediente;
Andar em reverência na casa de Deus;
Ter sempre um cântico no coração;
Ir aonde Deus mandar.”

Objetivo: “Salvar do pecado, guiar no serviço.”

As reuniões são feitas semanalmente a cada domingo, visando quatro tarefas: amar, apressar, anunciar e aguardar a volta de Jesus.

O uniforme de cada clube é padronizado nacionalmente assim como os distintivos por ordem de grau: amigo, companheiro, pesquisador, pioneiro, guia e líder.

O Clube propriamente dito, possui um líder com seus auxiliares e é dividido em unidades. Cada clube e unidade possuem seus respectivos nomes escolhidos entre si.

Os desbravadores possuem ainda seu hino composto por Henry T. Bergh, que é cantado em todas as reuniões e solenidades. Procure-o no hinário *Louvor Jovem*.

Ser um Desbravador é ser: respeitoso e reverente, cônscio das necessidades dos outros, honesto e reto, alegre e gentil, corajoso e persistente, procurar amigos e não inimigos, responsável, atento e cortês.

Desbravadores mostram a fé em um Jesus que breve voltará.

Estrutura Organizacional. O diretor é o cargo máximo de um Clube, podendo ter ainda dois diretores associados: um para os meninos e uma para as meninas, no caso de um Clube grande. Os oficiais de sustentação do Clube são: secretário, tesoureiro e os instrutores. É composto também de unidades de seis a oito membros, tendo um capitão, um conselheiro e um secretário. As unidades normalmente participam em conjunto das atividades do Clube, embora permitam-se realizar atividades separadas.

Através de atividades planejadas, o desbravador desenvolve habilidades que lhe permitem trabalhar em equipe. As reuniões, geralmente semanais, são oportunidades que o juvenil tem de participar das atividades do Clube, bem como vestir seu uniforme de gala ou de atividades conforme autorizado pelo diretor.

O Clube de Desbravadores, na igreja, faz parte da Sociedade J.A. e está subordinado à comissão da igreja, tendo como supervisor o Coordenador Regional, e às organizações superiores: a Associação, União, Divisão e por último à AG.

Atividades. As atividades do Clube de Desbravadores são muito diversificadas: projetos comunitários, atividades missionárias, estudo da

natureza, trabalhos manuais, acampamentos, esportes, etc. A maioria dessas atividades estão divididas em cerca de 250 especialidades e contam também com as classes que visam desenvolver no juvenil habilidades diversas. Há seis classes, com seus respectivos nomes, começando com a idade de dez anos e concluindo com quinze anos. Cada classe é representada por uma cor devidamente escolhida, como segue: *Amigo*: 10 anos (azul); *Companheiro*: 11 anos (vermelho); *Pesquisador*: 12 anos (verde); *Pioneiro*: 13 anos (cinza); *Excursionista*: 14 anos (bordô); *Guia*: 15 anos (amarelo).

Ao completar os requerimentos da classe, o Desbravador recebe uma insígnia e uma fita colocada no bolso para distinção, correspondente à respectiva classe, e uma divisa na manga, concedidas num serviço especial de investidura. A atividade mais atraente para o desbravador é o acampamento, que geralmente é feito duas vezes por ano, tendo por objetivo colocar o desbravador em contato mais íntimo com a natureza. Ellen G. White declarou a respeito deste tipo de atividade:

> Tanto quanto possível, seja a criança, desde os tenros anos, colocada onde o este maravilhoso compêndio [o livro da Natureza] possa abrir-se diante dela. ... De nenhuma outra maneira poderá o fundamento de uma verdadeira educação ser lançado tão firmemente, tão seguramente. (*Ed.*, 100 e 101).

DESENVOLVIMENTO CRONOLÓGICO DA IASD.

1827 Nasceu *Ellen G. Harmon, em Portland, Maine.

1831 ***Guilherme Miller começa a pregar acerca da *Segunda Vinda de Cristo.

1842 ***Tiago White começa a pregar a verdade do Segundo Advento de Cristo.

1844 Em março desse ano, umas quarenta pessoas começaram a observar o *sábado em Washington, New Hampshire (veja **IASD de Washington, New Hampshire**). Ali, vários pastores adventistas conheceram a verdade do sábado nesse mesmo ano.

Um deles, T. M. Preble, foi o primeiro que comunicou esta grande verdade, por meio da imprensa, aos adventistas.

Em 22 outubro deste ano ocorre o Grande *Desapontamento.

Luz incide sobre *Hiram Edson no milharal quanto ao *Santuário.

*Raquel Oakes introduz a verdade do *Sábado.

1845 O artigo de Preble sobre o sábado, escrito em East Weare, New Hampshire, levava a data de 13 de fevereiro de 1845. Apareceu em *Hope of Israel* de 28 de fevereiro de 1845, em Portland, Maine. Esse artigo atraiu a atenção de *José Bates que juntamente com *J. N. Andrews, aceita a verdade do sábado.

1846 O primeiro documento publicado por uma pessoa relacionada com esta denominação, foi um folheto datado de 8 de abril de 1846 e se dirigia "ao remanescente disperso". Foi escrito por Ellen G. Harmon. Foram impressos 250 exemplares, custeados por Tiago White e H. S. Gurney. Com a data de 8 de maio de 1846, José Bates publicou o primeiro folheto intitulado "*The Opening Heavens*" (Os Céus se Abrem). Tinha 40 páginas. Em agosto de 1846, José Bates publicou um

folheto de 48 páginas, intitulado “*O Sábado, Sinal Perpétuo*”, acerca do qual Tiago White disse na *Review and Herald*, livro 2, pág. 61: “Confirmou-nos acerca do tema”.

“No outono de 1846, começamos a observar o sábado da Bíblia, assim como a ensiná-lo e entendê-lo” (Ellen G. White, *Testimonies For The Church*, livro 1, p.75)

1848 O primeiro dos “Congressos Sabáticos”, reuniões gerais dos observadores do sábado, nos dias 20 e 21 de abril, em Rocky Hill, a doze quilômetros de Middletown, Connecticut, com trinta pessoas presentes. Os Congressos lançaram as bases para as doutrinas do movimento Adventista.

1849 O primeiro periódico: *The Present Truth* (A Verdade Presente), posteriormente chamado *Review and Herald* (Revista e Arauto), fundado por Tiago White, editor e redator. Saiu em julho, em Middletown, Connecticut. Foram 11 números até novembro de 1850. No total, 88 páginas (de 10cm x 20cm). Foi impresso o primeiro hinário (sem música), de 48 páginas, com cinqüenta hinos.

1850 Em novembro, iniciou-se como periódico mensal a *Second Advent Review and Sabbath Herald*, em Paris, Maine: a comissão editora era composta de José Bates, S. W. Rhodes, J. N. Andrews e Tiago White; este último era o redator.

1851 A *Review and Herald* foi publicada por algum tempo em Saratoga Springs, Nova Iorque.

1852 É adquirido, graças às contribuições dos crentes do segundo advento, o primeiro prelo manual da denominação e a 6 de maio, o primeiro número do volume 3 da *Review and Herald* foi impresso em Rochester, Nova Iorque. O custo total do prelo e do material foi de U$ 652,93 dólares: a contribuição para este fim: U$655,84 dólares. Em agosto desse ano apareceu em Rochester, Nova Iorque, o 1º exemplar do *Youth's Instructor*, que continhas as primeiras lições da *Escola Sabatina.

1853-54 Fixou-se preço para a assinatura da revista *Review and Herald*, que passou a ser publicada semanalmente durante esse ano. Foram organizadas as primeiras Escolas Sabatinas regulares em Rochester e Buck's Bridge, Nova Iorque. Funciona a primeira escola paroquial. Professora: *Marta Amadon Byington.

1854 *J. N. Loughborough fez as primeiras vendas de publicações adventistas do sétimo dia em uma reunião de tenda, em Rochester, Michigan. O conjunto de publicações em venda custava então 35 centavos de dólar.

1855 Em um reunião celebrada em Battle Creek, Michigan, a 23 de setembro, resolveu-se mudar a sede da obra para Battle Creek. O primeiro número da *Review* publicado ali levava a data de 4 de dezembro.

1855 A editora Review and Herald muda-se para Battle Creek.

1859 Foi adotada a "doação sistemática baseada no dízimo", em uma reunião geral dos observadores do sábado celebrada de 3 a 6 de junho, em Battle Creek, Michigan.

1860 A 1º de outubro foi adotado o nome de “Adventistas do Sétimo Dia”, sugerido pelo irmão *David Hewitt, como nome da denominação. Até então a mensagem e a obra eram distinguidas pelas palavras: “do segundo advento”.

1861 A 3 de maio foi incorporada como Associação a Editorial Adventista do Sétimo Dia da *Review and Herald*.

Pela primeira vez foram nossas igrejas formalmente organizadas.

A Associação de Michigan, foi a primeira a ser organizada, a 5 de outubro de 1861.

1862 A Associação do Michigan foi a primeira a estabelecer um sistema regular de pagamento para os pastores, cujos salários eram fixados por uma comissão examinadora de contas.

1863 Organizou-se a Associação Geral dos Adventistas do Sétimo dia, a 21 de maio, com a presença de vinte delegados de seis associações. Foi nomeada uma junta executiva de três membros.

1864 O exército norte-americano reconhece os adventistas do sétimo dia como não-combatentes (veja **Não-Combatência**), e nos designa ao serviço dos hospitais durante a guerra civil.

1865 Aparece a primeira publicação sobre saúde *How to Live* (Como Viver), de Ellen G. White.

1866 Em 1º de agosto aparece o primeiro número de *Health Reformer* (Reformador da Saúde); seu redator foi o Dr. H. S. Lay. A 5 de setembro foi aberto o primeiro

sanatório, em Battle Creek, Michigan, soba a direção do Dr. H. S. Lay.

1868 Foi organizada a primeira sociedade missionária de publicações, em Lancaster do Sul, Massachusetts. J. N. Loughborough e *D. T. Bordeau iniciam a obra na Califórnia, a 13 de agosto.

1870 Em 6 de novembro é organizada a primeira sociedade missionária de publicações de uma associação, a de Nova Inglaterra.

1872 Os adventistas iniciam seu primeiro periódico em outro idioma além do inglês. Era o *Advent Tidende* (Revista Adventista) em dinamarquês-norueguês, editado pelo Pastor J. C. Matteson, nas dependências da *Review and Herald*, Battle Creek. A primeira escola da denominação foi aberta em Battle Creek, a 3 de junho, sob a responsabilidade da junta da Associação Geral dirigida pelo Prof. G. H. Bell.

1874 Incorpora-se a 11 de março a Sociedade Educacional Adventista do Sétimo Dia. Nesse ano é edificado o colégio de Battle Creek.

O primeiro número de *Signs of The Times* (*Sinais dos Tempos*) foi editado em Oakland, Califórnia, a 4 de junho.

O primeiro missionário enviado a um campo estrangeiro foi o Pastor J. N. Andrews, que saiu de Boston para a Europa, a 15 de dezembro.

1875 Em 4 de janeiro foi dedicado o colégio de Battle Creek e iniciou sua obra escolar com treze professores e 279

alunos matriculados. O custo total do edifício foi de U$ 53.341,95 dólares.

A 1º de abril foi incorporada em Oakland, Califórnia, a *Pacific Press Publishing Association*, com um capital subscrito de 2.900 dólares.

1877 É organizada na Califórnia a primeira Associação de Escolas Sabatinas, que abrange um Estado.

1878 É organizada a Associação Geral da Escola Sabatina, e são recebidas as primeiras contribuições da Escola Sabatina.

1879 É aberta a segunda instituição pró-saúde: na Rua Health Retreat, em Santa Helena, Califórnia.

Primeira Sociedade de Jovens local em Hazleton, Michigan.

1880 Oficia-se o primeiro batismo de adventistas na Inglaterra no dia 8 de fevereiro, quando J. N. Loughborough batizou seis pessoas em Southampton. O primeiro colportor regular adventista foi *George A. King; o primeiro livro de subscrição foi um livro sobre Daniel e o Apocalipse: o primeiro comprador, D. W. Reavis. Na Dinamarca é organizada a primeira Associação Adventista da Europa. É estabelecido um sanatório em Skodsborg, perto de Copenhague, sob a direção do Dr. J. C. Ottosen. Era patrocinado por membros da realeza e outros notáveis europeus. Chegou a ser um dos maiores da denominação.

1881 Começa a obra de *Colportagem* propriamente dita.

1882 Outras escolas abertas: o colégio de Healdsburg, na Califórnia, a 11 de abril (incorporado a 2 de outubro), e a escola de South Lancaster, Massachusetts, a 19 de abril (incorporada a 12 de dezembro de 1883).

1883 É publicado o primeiro Anuário da denominação adventista do sétimo dia.

1884 Inicia-se em Battle Creek, Michigan, o primeiro curso para enfermeiros entre os adventistas.

1885 Inicia-se na Europa a obra dos colportores remunerados por comissão.

Recolhe-se a primeira oferta das Escolas Sabatinas para as missões.

Inicia-se a obra na Austrália.

Ellen G. White viaja para a Europa.

1886 L. R. Conradi é enviado à Rússia, como o primeiro missionário adventista a um país não protestante.

1887 São enviados os primeiro missionários para África: D. A. Robinson, C. I. Boyd e outros.

1889 A 21 de julho é organizada a Associação Nacional de *Liberdade Religiosa, em Battle Creek. O nome é mudado mais tarde para torná-la internacional e em 1901 chega a ser um departamento da Associação Geral.

1890 O primeiro navio missionário *Pitcairn* é construído e lançado à água para levar a mensagem às ilhas do Pacífico do Sul. Saiu de São Francisco a 20 de outubro. Em julho é publicado o primeiro número de *Our Little Friend* (*Nosso Amiguinho).

Um alemão adventista de Kansas emigra para a Argentina a fim de propagar a verdade entre seus parentes.

O navio missionário *Pitcairn* é lançado ao mar.

1891 Três colportores adventistas iniciam a obra de vendas de publicações adventistas no Brasil, na Argentina e Uruguai.

Ellen G. White viaja para a Austrália (1891-1900).

1893 A primeira escola primária adventista argentina estabelecida em Buenos Aires

1894 É organizada a primeira União, a Australasiana. Inicia-se a obra em terras pagãs, em Matabelândia, África do Sul.

A primeira escola primária da Igreja inaugura-se em Gaspar Alto, Brasil.

Chegam ao Chile dois colportores adventistas.

F. H. Westphal vai como o primeiro pastor adventista para a América do Sul e se estabelece na Argentina.

1895 A Srta. Geórgia Burrus chega à Índia em janeiro para iniciar a obra em favor das mulheres.

1896 Ellen G. White põe a pedra fundamental do primeiro edifício escolar em Cooranbong, Austrália. Permaneceu nove anos nesse país. Chegam os primeiros missionário ao Japão, a 19 de novembro.

1899 Começa a funcionar a Christian Record Braille Foundation em Battle Creek, Michigan em janeiro de 1900 edita os primeiro 75 exemplares de publicações para cegos.

1901 Na Assembléia da Associação Geral desse ano, foram feitos planos para a organização de uniões em todo o mundo. Um plano baseado no sistema de orçamento, ou fusão dos recursos, foi adotado para a expansão das missões e para fortalecer a obra na associações mais fracas. Em Nashville, Tennessee, estabelece-se a Southern Publishing Association.

1902 A *Review and Herald Publishing House* é destruída pelo fogo.

1903 A sede da denominação dos adventistas do sétimo dia muda-se para Washington, D.C., no dia 10 de agosto.

Jasper Wayne inicia o programa da *Recolta*.

1905 Estabelece-se em Loma Linda um centro de educação médica, o Colégio de Médicos Evangelistas, que recebeu a aprovação oficial em 1909.

1907 Em Mount Vernon, Ohio, é organizado o Departamento de Jovens da Associação Geral.

É estabelecido o plano de bolsas escolares para estudantes.

1908 É publicado o primeiro Calendário da Devoção Matinal.A Associação Geral adotou o plano da Recolta Anual, com base nas experiências feitas desde 1903 por Jasper Wayne, em Iowa.

1909 É organizada a escola por correspondência para ajudar os estudantes isolados a obterem uma educação cristã.

1910 No fim desse ano foi adotado um fundo geral de jubilação para sustentar os obreiros incapacitados e

afastados, bem como as viúvas e filhos necessitados dos obreiros falecidos.

1913 Adota-se a organização por Divisões.

1915 Estabelecido em São Paulo o Colégio Adventista Brasileiro.

Ellen G. White falece aos 87 anos de idade.

1916 Organiza-se a Divisão Sul-Americana.

1917 Funda-se a Divisão do Extremo Oriente (reorganizada em 1931) e a Divisão Sul-Asiática.

1920 Organiza-se a Divisão Sul-Africana.

1922 Estabelece-se a Divisão Australasiana e a Interamericana.

1925 A Escola Sabatina adota o plano de inversão.

1928 Funda-se a Divisão Central Européia (reorganizada em 1948), A Divisão Norte Européia (reorganizada em 1951), e a Divisão Sul Européia.

1931 É lançada a primeira lancha a motor, a Luzeiro I, pilotada pelo Pastor L. B. Halliwell e sua esposa no Amazonas. Em 1956 o número de lanchas cresce para 9.

1934 Estabelece-se o Seminário Teológico Adventista, para estudos superiores.

1936 Inicia-se em Santo Amaro, São Paulo, a Fábrica de Produtos *Superbom.

1937 Estabelecido no Rio Grande do Sul o Ginásio Cruzeiro do Sul, o atual *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul.

1939 Funda-se o Instituto Teológico Adventista em Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro.

1942 A Voz da Profecia transmite seu primeiro programa através de 89 estações, com um orçamento de U$ 283.000,00, que abrange toda a América do Norte.

1943 Abre-se em Pernambuco o Educandário Nordestino Adventista, *ENA.

1947 Funda-se no Brasil o Ginásio Adventista Paranaense, o atual *Instituto Adventista Paranaense.

1948 Estabelecido o Hospital Silvestre no Rio de Janeiro.

1950 A 3 de dezembro inicia-se o programa de televisão: “Fé Para Hoje”.

Em Campinas, SP, é fundado o Ginásio Adventista Campineiro, o *Instituto Adventista de São Paulo.

Inicia-se o *Clube de Desbravadores* para jovens ASD, na América.

1951 Publica-se a primeira edição de *Life and Health* (*Vida e Saúde) para cegos. Em outubro ascrescenta-se uma escola de odontologia ao Colégio Médico de Loma Linda. Organização da Divisão do oriente Médio, com as missão do Levante e do Nilo.

1952 Centenário da Escola Sabatina.

1955 É criada a Divisão Chapel Records da Pacific Press para produzir discos e fitas magnéticas especialmente destinados à música religiosa.

A Escola Sabatina atinge cem milhões de dólares para as missões.

O número de adventistas ultrapassa o seu primeiro milhão.

1957 É criada a universidade Adventista de Potomac, em Takoma Park, Md. EUA., mudada parcialmente para Berrien Springs Michigan, em 1959. Atualmente se chama Universidade Andrews.

1959 Publicações Interamericanas se mudam de Brookfield, Illinois, para Mountain View, Califórnia.

1961 É criada a universidade de Loma Linda, em Loma Linda, Califórnia. Abrange o que o Colégio de Médicos Evangelistas e os cursos superiores do Colégio da La Sierra.

1970 A Igreja alcança 2 milhões de membros.

1971 A *Rádio Adventista Mundial* inicia sua operação em Portugal.

1978 Número de membros ultrapassa a casa dos 3 milhões.

1986 Número de membros ultrapassa a casa dos 5 milhões.

1987 A *Rádio Adventista Mundial* alcança metade do planeta.

1989 A Associação Geral muda-se para Silver Springs, Maryland.

O número de membros cresce para 6 milhões.

1990 Organizada a Divisão Euro-Asiática.

1991 Número de membros ultrapassa os 7 milhões.

DESPERTAMENTO DO ADVENTO. Veja **Segundo Advento; Wolff, José; Petri, Johann; Lacunza, Manuel de; Movimento Milerita; Miller, Guilherme.**

DEUS. A declaração a respeito da Divindade no sumário das crenças fundamentais dos ASD (Veja **Declarações Doutrinárias da IASD**) diz o seguinte:

> Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua auto revelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação.

"Deus é *Espírito; não obstante, Ele é um ser pessoal, visto que o homem foi feito à Sua imagem. Como um ser pessoal, Deus revelou-Se em Seu Filho" (*Ed.*, 132). Ele não é uma idéia abstrata que tem existência apenas na mente humana. Ele é realidade para quem a idéia e o ideal apontam.

Há muito tempo, Jó foi interrogado, "Podes alcançar os caminhos de Deus? Chegarás à perfeição do Todo-poderoso?" (Jó 11:7). A sabedoria finita e a ingenuidade humanas são inadequadas para se compreender um Deus infinito. Somente até onde Ele Se revela e Se autentifica podemos conhecê-lo. Mas podemos propriamente dizer que "conhecemos" a Ele no Cristo encarnado, pois "Deus estava em Cristo" (II Cor. 5:19), o Verbo Eterno feito carne.

Uma das características básicas de Deus é amor, no sentido básico da palavra grega *agape* no N.T., ou cuidado infinito e preocupação pela felicidade e bem estar das criaturas. A demonstração suprema deste amor é vista na missão de Deus Filho neste mundo (João 3:16). O amor de Deus não é estático, nem é de alguma forma influenciado pela reação dos seres criados por Ele. Quando Deus ama, está sendo Ele próprio, pois "Deus é amor" (1 João 4:8).

Deus é auto-existente. Toda vida é dEle, como um presente. Nenhuma criatura tem vida fora dEle. É nEle que “vivemos, nos movemos e existimos” (At. 17:28). Ele dá tudo, e não recebe nada que já não tenha dado.

Deus é imutável. Nunca muda, ou difere de Seu próprio Ser. Ele é perfeito. Não está sujeito a variações de ânimo ou atitudes. Sua afeição é constante. Seu amor é firme. Ele não é influenciado em Suas ações. “Eu, o Senhor, não mudo.” (Mal. 3:6).

Deus é onisciente. Seu conhecimento é completo e perfeito. É-lhe impossível adicionar conhecimento ao Seu, visto que todo o conhecimento se originou nEle. Ele sabe o que era, o que é e o que será.

Deus é onipresente. “Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons” (Prov. 15:3). Não há lugar para onde o homem possa fugir para escapar da presença de Deus. Deus está sempre perto. Veja Salmo 139.

Deus é onipotente. “O poder pertence a Deus” (Sal. 62:11). Ele é soberano sobre tudo. Seu poder é absoluto e infinito. No entanto, Deus concedeu a todas as criaturas o poder da escolha com respeito a seu próprio destino. Deus usa Seu poder infinito, sempre controlado por Seu infindo amor e sabedoria, mas nunca para propósitos egoístas. Seu poder está plenamente revelado na mudança que ocorre no coração e vida do homem, transformando-o de pecador para santo.

Deus é fiel. Deus não poder ser infiel, porque é imutável. “Saberás, portanto, que o Senhor teu Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia, até mil gerações aos que o amam” (Deut. 7:9). Ele não pode parar de ser o que é, e é sempre congruente consigo mesmo. O homem pode se tornar desleal como resultado de um desejo egoísta, medo, fraqueza ou perda de interesse, mas estas características são aliadas ao caráter divino.

Deus é santo. Ao ser santo, Ele não se conforma com um padrão pois Ele é o padrão. “Sede santos porque Eu Sou Santo” (I Pedro 1:16).

A santidade que Deus requer dos seres criados não a santidade absoluta da Divindade, que somente Deus possui. É uma santidade relativa que Ele espera impartir de Suas Criaturas em sua preparação para o *Céu. Somente Deus pode ser absolutamente santo, pois somente Ele tem uma compreensão infinita da absoluta perfeição de caráter. “Eu Sou Deus e não homem; o Santo no meio de ti” (Os. 11:9).

A santidade que Deus espera dos seres criados é mensurável com o que Ele revelou-lhes e com a capacidade que têm de compreender o que lhes foi revelado. Além disso, a graça divina provê que em Cristo o pecador sincero e arrependido pode ter acesso à perfeita santidade de Cristo e ao divino poder que o capacitará a vencer as imperfeições de caráter.

Veja **Cristologia; Espírito Santo.**

DEZ CHIFRES. Veja **Daniel, Interpretação de; Apocalipse, Interpretação do**.

DEZ MANDAMENTOS. Veja **Lei**.

DEZ REINOS. Veja **Daniel, Interpretação de.**

DEZ VIRGENS. Veja **“Clamor da Meia-Noite”; Porta Aberta e Fechada.**

DIACONISA. Mulher escolhida em uma *Igreja local para realizar funções análogas às do *Diácono. O termo “diaconisa” (grego *diakonos),* ocorre em Rom. 16:1 na RSV, em um contexto (compare v. 2) que sugere que o ofício de diaconisa pode ter sido estabelecido no tempo da Epístola aos Romanos, até o fim do sexto século da Era Cristã,

por não haver no N.T. nenhum relato de uma diaconisa sendo ordenada, elas não são ordenadas pela IASD. As diaconisas cooperam com os diáconos no cuidado pelos pobres, doentes e infortunados. Elas preparam o pão para a *Santa Ceia e arrumam a mesa para ela. Elas também cuidam das toalhas e bacias usadas na cerimônia de *Lava-pés. Ajudam as mulheres candidatas ao batismo e cuidam das roupas para os batismos. Em igrejas maiores, é formado um grupo de diaconisas, com uma e, às vezes, uma secretária. Em muitas Igrejas, a diaconisa ajuda em cultos regulares de *Sábado recepcionando as pessoas na Igreja, principalmente as visitas.

DIÁCONO. Oficial abaixo do *Ancião da Igreja. Os diáconos têm o cuidado dos assuntos temporais da Igreja, são responsáveis pelo cuidado da propriedade da Igreja (todas as despesas para manutenção são notificadas ao tesoureiro), auxiliam os anciãos na celebração da *Santa Ceia, recebendo o pão e o suco de uva do *Pastor ou ancião e servindo aos membros, ajuda a fazer arranjos para o serviço de comunicação e batismos, e têm uma responsabilidade particular pelos pobres, infortunados e carentes por causa de doenças.

O diácono é eleito para o serviço pela igreja pelo termo de um ano, e deve ser reeleito se for continuar no cargo. Deve ser ordenado (Veja **Ordenação**) por um ministro ordenado não precisa ser reordenado devendo manter-se como membro regular. Se alguém que foi ordenado como ancião é eleito diácono, não precisa ser ordenado como diácono, pois sua ordenação vale para ambos os cargos. Em uma igreja grande, uma comissão de diáconos é organizada e presidida por um diácono-chefe.

A primeira referência a diáconos na IASD é provavelmente a menção de uma comissão de sete escolhidos em Washington, N.H. em 1851 "para atender às necessidades dos pobres" (**Review and Herald*, 25 de novembro de 1851). Em 1853, a *Review and Herald* menciona

dois homens, um em Fairhaven, Massachusetts e outro em Dartmouth, Mass., que eram chamados de diáconos para administrar as ordenanças durante a ausência de um ministro. Estes foram aprovados por uma assembléia completa de Igrejas e separados por George Wheeler com uma oração e imposição de mãos (*RH*, 27/12/1853). Semelhantemente, no ano seguinte Charles Glover, foi escolhido e separado para o diaconato em Sylvan, Michigan e Cyrenius Smith em Jackson, Michigan. Aparentemente cada Igreja tinha apenas um oficial, o diácono.

Primeiramente, o cargo de diácono na IASD parece ter sido combinado com a função de diácono e ancião. Foi algum tempo depois que os anciãos foram apontados para levar responsabilidades designadas nas Escrituras, e os diáconos foram determinados especificamente aos assuntos temporais das igrejas.

Geralmente, pensa-se que o incidente mencionado em At. 6:1-6 é um relato do serviço original de um diácono na igreja cristã. Porém, os sete homens separados não são chamados de diáconos; todavia, seus deveres e responsabilidades correspondiam em muito às qualificações de Paulo em I Tim. 3:8-13. O N.T. mostra que o ofício de um diácono implicava mais do que cuidar das necessidades materiais da igrejas. Veja **Igreja Local**.

DIA DO SENHOR. [heb. *yôm Yahweh*; gr. *he hemera tou Kyriou*, "o dia do Senhor."] A identificação de Apoc. 1:10 do dia em que ele estava "no Espírito", isto é, viu uma visão registrada no cap. 1. Essa expressão, que nesta forma não ocorre em nenhuma outra parte das Escrituras, foi interpretada de várias formas como se referindo: (1) ao grande dia do juízo final; (2) a um aniversário imperial; (3) ao domingo; (4) o sábado do sétimo dia.

1. *Como o dia do juízo final.* No A.T. (Veja Joel 2:11, 31; Sof. 1:14; Mal. 4:5) e o A.T. (I Tess. 5:2; II Ped. 3:10) o "dia do Senhor" se refere ao tempo em que Deus destruirá o pecado e os pecadores e libertará Seu povo. Os defensores dessa teoria ressaltam o fato de que o Apocalipse focaliza a atenção no grande dia final do Senhor e os eventos que levam a ele. Eles traduziriam o gr. *en te kyriake hemera*, "no dia do Senhor", como "concernente ao dia do Senhor". Porém, a expressão grega traduzida "o dia do Senhor" é sempre *hemera* [*tou*] *kyriou* (I Cor. 5:5; II Cor. 1:14; I Tess. 5:2; II Ped. 3:10). Fosse a intenção de João declarar que suas visões a respeito do grande "dia do Senhor", esperar-se-ia que ele utilizasse a fraseologia comum que os escritores bíblicos para aquele evento. Porém, em Apoc. 1:1, ele já tinha anunciado o escopo das visões dadas a ele como alusivas às "coisas que em breve devem acontecer." No v. 9, ele se identifica, dá o lugar onde foram recebidas as visões e relata de sua presença ali. Em seqüência lógica, o v. 10 deveria prover informação adicional relacionada à forma de revelação da visão, e não ao seu conteúdo. Evidências contextuais, acrescentadas à analogia das Escrituras, parecem impossibilitar a aplicação de *kyriake hemera* ao grande dia do Senhor no final da era evangélica.

2. *Como um aniversário imperial.* A cerâmica imperial romana e inscrições datadas dos tempos do N.T. mostram que o adjetivo *kyriakos* era aplicado ao "tesouro imperial" e ao "serviço imperial", que pertenciam ao imperador como "senhor" do império. O imperador era comumente chamado de *Kyrios*, "senhor" em grego. Conseqüentemente, seu tesouro e serviço eram "o tesouro do senhor" e o "serviço do imperador". Portanto, alguns têm sugerido que *kyriake hemera* denota um dia imperial, talvez o aniversário do imperador ou de sua coroação. Porém, não achou-se tal uso de *kyriake hemera* até agora. Além disso, sabe-se que judeus (Veja Josefo *Guerras* vi. 10. 1) e cristãos do primeiro século, no mínimo do segundo século (Veja *Martírio de Policarpo* 8),

recusaram chamar a César de *Kyrios*, “senhor”. É, portanto, improvável que João tenha-se referido a um dia imperial como “o dia do Senhor”, especialmente numa época em que ele e seus irmãos na fé sofriam amarga perseguição por recusarem adorar o imperador como “senhor”.

3. *Como o domingo.* De acordo com essa interpretação, *kyriake hemera* é uma designação cristã para o primeiro dia da semana. Porém, é completamente escassa a evidência de que os cristãos nos tempos do N.T. tenham sequer usado *kyriake hemera* para identificar o domingo. Eruditos cristãos conservadores concordam que João, que escreveu o Apocalipse, também tenha escrito o quarto evangelho aproximadamente na mesma época. Em João 20:1, ele designa o domingo como “o primeiro dia da semana”, o título comum também usado por todos os outros escritores do N.T.. A analogia das Escrituras também é contrária à interpretação de *kyriake hemera* como o primeiro dia da semana. Um exame imparcial e contextual das passagens do N.T. citadas no esforço de favorecer essa interpretação antiescriturística mostra que elas não têm nenhuma influência sobre o assunto.

4. *Como o sábado do sétimo dia.* Em Mar. 2:27, 28, nosso Senhor especificamente declara-Se a Si mesmo como o “Senhor” do sábado do sétimo dia. No quarto mandamento (Êxo. 20:8-11), Deus especifica o sétimo dia da semana como Seu em um sentido especial: “o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus” (v. 10), e em Isa. 58:13, 14, Ele o chama de “meu santo dia”. A conclusão mais lógica é que pela expressão “dia do Senhor”, João estava identificando o sábado do sétimo dia como o dia no qual a visão descrita em Apoc. 1 foi-lhe dada.

Consistentemente no A.T. e no N.T., essa e expressões semelhantes denotam o tempo em que Deus intervém nos assuntos humanos a fim de executar juízo sobre os ímpios e livrar o Seu povo das mãos de seus opressores. O dia da visitação divina sobre o antigo Egito (Jer. 46:10) e a Babilônia (Isa. 13:6, 9) é referido como “o dia do

Senhor” sobre essas nações, mas é também um dia em que Deus promete restaurar Israel (Isa. 14:1-2, Jer. 46:27, 28). O “dia do Senhor” deveria ser também um dia de julgamento sobre Seu próprio povo por causa de suas iniqüidades (Joel 1:15; 2:1), o cativeiro Babilônico em particular sendo assim referido (Sof. 1:7, 14, 18; 2:2). A expressão também veio a referir o grande e final dia do Senhor, quando ele subjugará as nações pagãs e estabelecerá Seu próprio povo em seu justo domínio (Isa. 2:2, 12; 34:8; Joel 3:14; Ob. 15, 17; Zac. 14:1; Mal. 4:5). Como um dia de juízo sobre os ímpios, é chamado de “dia de escuridão” (Joel 2:1, 2; Amós 5:18-20), escuro por causa da ira divina (Ezeq. 7:19).

Os escritores do N.T. pintam o dia do Senhor como um dia de ira (Rom. 2:5, 6) e um “dia de juízo” (Mat. 10:15; II Ped. 3:7). Eles se referem a ele como “o dia do Senhor Jesus” (II Cor. 1:14, “o dia de Jesus Cristo” (Fil. 1:6), ou simplesmente como “dia de Cristo” (V. 10). Em vista do fato de que todos os negócios da terra chegarão a um fim naquele dia — seria o última dia da Terra —, é variavelmente chamado “o grande dia” (Judas 6), “aquele dia” (Mat. 7:22; I Tess. 5:4), ou simplesmente como “o dia” (I Cor. 3:13). “O dia do Senhor” é destacadamente o dia em que o Senhor Jesus Cristo aparecerá para chamar os justos de suas sepulturas (João 6:39), a fim de purificar a Terra com fogo (II Ped. 3:7-12), e estabelecer Seu reino eterno e Sua justiça (Mat. 25:31, 34; II Ped. 3:13, 14).

DIA ESCURO. Como definido no *Third International Dictionary* de Merriam-Webster (1950 e edições mais antigas): “Qualquer dia caracterizado por grandes trevas, sejam devidas a nebulosidade, fumaça, cinzas vulcânicas, ou similares; específico: 19 de maio de 1780, quando inexplicáveis trevas se estenderam sobre toda a Nova Inglaterra (possivelmente devidas a um fogo florestal). “Por causa de sua preeminência como a ocorrência mais notável deste natureza, inigualada em intensidade, extensão e duração — tão escuro que exigia o uso de

velas por algumas horas de sua ocorrência, o Dia Escuro de 19 de maio de 1780 foi citado pelos *Mileritas e pelos *Adventistas posteriores como cumprimento de certas profecias (Mat. 24:29; Apoc. 6:12).

DIETA. O assunto tem recebido forte ênfase por parte dos ASD. Tal deve-se à relação entre a nutrição e o bem-estar físico e mental do indivíduo, e, conseqüentemente, sua relação com sua habilidade de servir a Deus e aos homens e compreender as coisas espirituais. Os ASD têm base científica e bíblica para enfatizá-lo: (1) o ensino da ciência de que o que o homem come e bebe afeta não somente seu *Corpo, mas também seu cérebro, e (2) admoestações bíblicas aos cristãos para que glorifiquem a Deus em seu corpo (I Cor. 6:20), e em seu *Espírito, que são de Deus, e, "quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (I Cor. 10:31).

Sendo que os ASD, como criacionistas, aceitam o relato do Gênesis como história literal, crêem que a dieta descrita ali era a dieta original provida para o homem, e é, portanto, a melhor dieta possível. Esta dieta consistia inteiramente de produtos derivados de plantas — grãos, frutas, nozes e vegetais (Gên. 1:29, 30; 3:18). Uma modificação desta dieta permitindo o uso de carne como alimento, ocorreu após o dilúvio, quando todas as plantas foram destruídas (Gên. 9:1-4). Instrução específica foi dada posteriormente a Moisés a respeito das carnes impuras que deviam ser excluídas da dieta (Lev. 11, Deut. 14:3-20). Por não incluírem carnes de animais na dieta original, os ASD recomendam uma dieta ovolactovegetariana, consistindo essencialmente de vegetais adicionados do uso moderado de leite e ovos — alimentos naturais de origem animal. A recomendação deste tipo de dieta é somente parte de um amplo programa de saúde da Igreja. Veja **Saúde, Princípios de.**

Os ASD consideram a dieta própria e cuidado pela saúde como um dever cristão. Eles advogam a abstinência de alimentos prejudiciais e

bebidas não somente baseados em tabus religiosos, mas baseados na lei da causa e efeito. Crêem que a proibição aos hebreus da *Carne de certos animais, tal como o porco, para a alimentação era baseada na impureza da carne destes animais para servirem como alimento ao homem, e não somente uma restrição cerimonial. A abstinência de fumo e álcool é requerida pelos ASD por serem venenos. Por outro lado, o *Vegetarianismo, por exemplo, é advogado como uma prática saudável, mas não se tornou exigência para admissão no rol de membros. A doutrina ASD sobre a dieta é que a atenção à dieta é um dever cristão por causa de seus efeitos sobre a saúde.

Desenvolvimento do Ensino Adventista do Sétimo Dia Sobre a Saúde. Em meados do século dezenove, quando foi formada a Igreja ASD, a dieta americana era formada apenas de carne, gorduras, amidos, e doces, sendo que as frutas e vegetais eram freqüentemente limitados ao verão. Saúde enfraquecida e *Doença devido a dieta pobre eram prevalecentes. Em um tempo em que havia notável escassez do conceito da dieta saudável no mundo científico, os princípios básicos de tal dieta foram trazidos à Igreja através da pena de *Ellen G. White, começando em 1863.

Em tempos mais recentes, os princípios defendidos pela Sra. White foram plenamente substanciados e repetidamente enfatizados por pesquisas científicas de homens como Henry C. Sherman, Elmer V. McCollum, Clive McCay, Frederick Stare e muitos outros cujos estudos provaram que o uso livre de cereais, vegetais, frutas juntamente com nozes é o meio adequado de aumentar e melhorar a dieta.

Os conselhos da Sra. White para a Igreja apresentaram primeiramente os efeitos nocivos do álcool, tabaco, chá e café e, então, a inconveniência da carne, o uso liberal de açúcar, farinha refinada, gordura (especialmente a de animais), comidas muito temperadas, pimenta e condimentos, glutonaria, irregularidade no comer e combinações impróprias de alimentos.

Estes conselhos recomendaram uma dieta isenta de carne, consistindo de uma variedade de frutas, grãos, legumes, nozes e vegetais preparados de maneira simples e apetitosa, contendo alguns derivados do leite e ovos, com certa precaução em relação aos dois últimos a fim de evitar o risco de doença. A possível necessidade de uma eventual substituição dos derivados do leite e ovos por causa do aumento da doença entre os animais foi prevista. A necessidade de planos e inteligência a fim de tornar a dieta agradável e nutritiva foi reconhecida, e as donas de casa foram animadas a estudar e colocar em prática os princípios da cozinha saudável, baseada nos melhores dados científicos atualmente disponíveis.

Do grande cabedal de instrução da Sra. White sobre alimentos e práticas dietéticas para a Igreja, foram compiladas 498 páginas em um livro intitulado *Conselhos Sobre o Regime Alimentar.* A autora (p. 198) estabeleceu amplos princípios concernentes à saúde:

> Os que entendem as leis da saúde e são governados por princípios, fugirão dos extremos, tanto da condescendência como da restrição. Sua alimentação é escolhida, não meramente para agradar o apetite, mas para ao avigoramento do organismo. Procuram conservar todas as faculdades nas melhores condições para o mais elevado serviço de Deus e aos homens. O apetite acha-se sob o controle da razão e da consciência, e são recompensados com saúde física e mental. Conquanto não insistam de modo impertinente em seus pontos de vista para com os outros, seu exemplo é um testemunho em favor dos corretos princípios. Essas pessoas exercem vasta influência para o bem.

Adequação Nutricional da Dieta Vegetariana. Nos últimos 75 anos, muitos estudos científicos foram feitos sobre dietas vegetarianas.

Onde quer que estudos bem controlados tenham sido feitos, não obstruídos pela impossibilidade de obter uma variedade completa de alimento por costumes sociais que restringem a escolha adequada, os resultados mostraram a adequação de uma dieta sem carne.

Uma dieta ovolactovegetariana não difere muito da dieta Ocidental. A diferença principal é que ela substitui a carne por uma grande quantidade de vegetais, legumes e nozes, suplementadas por uma quantidade moderada de leite e ovos.

Os efeitos de tal dieta foram testados por vários métodos, inclusive estudos de tolerância, padrão de metabolismo, constituintes do sangue, crescimento e desenvolvimento dos jovens, adaptação para gravidez, e sustento dos adultos. A mais completa e ampla investigação já relatada foi feita por Mervyn G. Hardinge e Frederick J. Stare (1954), que realizaram um estudo comparativo de três tipos de dieta — a ovolactovegetariana, a puramente vegetariana (nenhum produto animal), e a não vegetariana (com carne). Estes cientistas estudaram grupos representativos de adultos, adolescentes e mulheres grávidas. Embora a quantidade de alimento tenha variado de indivíduo para indivíduo, a quantidade dos três grupos aproximou-se ou excedeu às recomendações do *National Research Council of the National Academy of Sciences*. Suas descobertas indicaram que uma dieta ovolactovegetariana é adequada como um programa vitalício sob condições normais ou de estresse. Hardinge e Hulda Crooks prepararam a revisão mais exaustiva sobre o assunto do vegetarianismo até hoje.

Dieta em Relação à Saúde. Em adição às doenças de nutrição que derivam de falta de vários constituintes alimentares, um número de doenças está relacionado em parte à supernutrição e um desequilíbrio de nutrientes. A possível relação entre dietas de alta caloria, gordura, gorduras saturadas e colesterol e a freqüência de doenças do coração e artérias coronárias foi o assunto de investigações de grande escala

durante a década de 60. O *Council on Foods and Nutrition of The American Medical Association* declara em uma ampla revisão:

> Muitos estudos sobre dietas em relação à mortalidade por doenças degenerativas do coração mostraram que populações que têm altos índices de doenças do coração . . . subsistem com dietas ricas em proteína animal, gordura e calorias (*Journal of The American Medicine Association*, 4 de agosto de 1962, p. 411).

Ancel Keys, investigadora famosa no campo das doenças das coronárias e nutrição observou que —

> a maioria das populações que parecem ter relativamente pouco índice de doenças do coração vivem de dietas que contêm alta quantidade de vegetais e frutas bem como pouco açúcar e carne e gorduras animais (*Eat Well and Stay Well*, pp. 24, 25).

Seleção de alimentos. Pesquisas nutricionais e a experiência humana mostraram que não há alimento indispensável e que uma boa dieta pode ser conseguida de muitas maneiras. Moderação nas calorias para manter o peso ideal do corpo e a seleção de uma variedade sadia de alimentos refinados sem ênfase indevida, ou restrição, a qualquer nutriente, permanecem como alvos nutricionais desejáveis à luz da instrução dada à Igreja e pelas atuais pesquisas científicas.

DILÚVIO. O Dilúvio universal descrito em Gênesis 6-9, no qual, exceto os ocupantes da arca, todos os animais de terra seca foram aniquilados. De acordo com o relato bíblico, “prevaleceram as águas excessivamente sobre a terra, e cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu. Quinze côvados acima deles prevaleceram as águas; e os montes foram cobertos” (Gên. 7:19, 20). Os ASD crêem que

o relato bíblico do Dilúvio é literal (G. W. Amadon, *Review and Herald*, 4 de setembro de 1860; *John Nevins Andrews, *ibid.*, 24 de julho de 1883; G. M. Price, *The New Geology*, 1923; H. W. Clark, *The New Diluvialism*, 1946, etc.). As Escrituras declaram que o propósito do Dilúvio era destruir pecadores empedernidos e permitir um novo início através do remanescente que sobreviveu. Os escritores bíblicos confirmam o relato bíblico do Gênesis (Isa. 54:9; II Pedro 2:5; 3:6; Heb. 11:7), como também o fez Nosso Senhor (Mat. 24:37; Luc. 17:26).

Desde os tempos medievais, os que aceitam o relato do Gênesis literalmente, têm atribuído os fósseis — que são os remanescentes dos animais e plantas preservados nas rochas — ao Dilúvio de Noé. Por vezes, uma fé mal-orientada levou a conclusões prematuras e apressadas por alguns que não se achavam qualificados a julgar a natureza dos resíduos fósseis. Por exemplo, pregadores e teólogos notáveis, tais como Agostinho e Cotton Mather, identificaram erroneamente dentes de mamutes fossilizados como sendo de uma raça de homens antediluvianos.

Das muitas características dos registros fósseis que foram tomadas como sugestivas de um Dilúvio que destruiu a terra, são típicas as seguintes: abundantes resíduos fósseis de animais marinhos nas rochas de muitas cadeias montanhosas de todos os continentes têm sido tomadas como evidências de uma larga extensão para o Dilúvio; evidências, em muitos casos de rápidas, e às vezes catastróficas, circunstâncias de soterramento de plantas e resíduos animais são tidos como sugestivas de um soterramento causado pelo Dilúvio; a existência de formas temperadas e tropicais em rochas de altas latitudes é considerada por muitos como sugerindo uma grande mudança climática em tempos pós-diluvianos.

O testemunho silencioso das rochas é freqüentemente obscuro e acessível a muitas opiniões e, como se poderia esperar, nunca houve unanimidade a respeito da interpretação de certas características

geológicas que possam estar relacionadas ao Dilúvio. O grau ao qual uma ordem definida ou seqüência existe nas camadas fossilizadas, a questão de certas características topográficas serem ou não um resultado do Dilúvio ou de eventos geológicos tais como vulcanismo ou glaciação, e a extensão de atividade geológica anterior e posterior ao Dilúvio são algumas das questões debatidas. (Veja *Comentario Adventista Del Séptimo Dia*, Tomo 1, pp. 9-140).

De 1860 em diante, apareceram artigos defendendo o relato do Gênesis na *Review and Herald*, a intervalos um tanto freqüentes. Uma dúzia de vezes ou mais nos 30 anos seguintes, foram mencionados o relato Babilônico cuneiforme sobre o Dilúvio, então recentemente descoberto, e a tradição universal de um grande Dilúvio como confirmando o relato bíblico daquele evento. Outros artigos apontam para os fósseis, especialmente os marinhos, no alto das montanhas como evidência de um Dilúvio de grande profundidade e extensão. Destacado entre os geólogos ASD no século XX estava George McCready Price, de cuja pena vieram nada menos do que 16 livros sobre os vários aspectos do Criacionismo, *Evolução e Dilúvio. Do ponto de vista biológico, os biólogos Harold W. Clark e Franck L. Marsh consideraram os resíduos fósseis como relacionados ao Dilúvio. O *Geo-Science Institute*, mantido pela Igreja em sociedade com a Andrews University em Berrien Springs, Michigan, é uma evidência do grande interesse e esforços denominacionais nesta área. Este Instituto é dedicado a um estudo científico dos vários ramos de paleontologia e à correlação de estudos científicos com a Bíblia. Uma fonte disponível para os ASD a respeito do ponto de vista geológico é o artigo *"Evidencias de un Dilúvio Universal*", no volume 1 do *SDABC* (pp. 64-97). Veja **Evolução; Ciência e Religião.**

DISCIPLINA. Veja **Disciplina da Igreja**.

DISCIPLINA NA IGREJA. A atitude da Igreja ao tratar com os membros errantes. Após todo esforço para recuperar um membro desviado, a disciplina torna-se necessária a fim de preservar a reputação da Igreja. Dois procedimentos são seguidos: um voto de censura ou voto de desligamento (para excluir o membro). Um voto de censura é considerado quando a ofensa é considerada séria suficientemente para garantir a desaprovação da Igreja, mas não tão séria para garantir *Exclusão. Pretende-se impressionar o membro com a necessidade de corrigir sua vida e conceder um tempo para assim fazer. Esta atitude pode ser tomada em qualquer reunião da Igreja e o membro ofensor pode estar presente. Um membro é colocado sob a censura por um período designado, durante o qual ele não pode ter nenhum cargo na Igreja, votar sobre assuntos eclesiásticos, ou ter parte pública em qualquer dos exercícios da Igreja, tais como ensinar em uma classe de *Escola Sabatina. Ele não pode transferir-se para outra Igreja enquanto estiver sob censura. Se no fim do período de censura, ele der evidência de conduta satisfatória, será considerado em boa situação; senão, seu caso deverá ser reconsiderado.

Entre as causas para exclusão estão: negação da fé nos fundamentos do Evangelho e nas doutrinas fundamentais da Igreja; fraude ou má representação proposital em negócios; conduta desordeira que traga reprovação sobre a Igreja; recusa persistente em aceitar a autoridade propriamente constituída da Igreja; o uso, manufatura, ou venda de bebidas alcoólicas; o uso de tabaco ou vício de drogas narcóticas; violação aberta da lei de Deus, tais como adorar a ídolos, assassinato, *Adultério, fornicação, roubo, profanidade, quebra da guarda do *Sábado, falsidade deliberada, e novo casamento de pessoas divorciadas, exceto a parte inocente em caso de adultério.

Nenhum ministro, Igreja ou *Associação tem o direito de aplicar testes para admissão em outras pessoas, senão aquelas que a Igreja

votou. A ação de exclusão pode ser tomada apenas em uma reunião apropriada da Igreja e por maioria de votos. A comissão da Igreja não pode excluir, e o membro tem o direito de ser ouvido em sua própria defesa. Os membros não podem ser excluídos por ausência aos cultos da Igreja, nem por falha em render apoio financeiro à Igreja.

Os membros são aconselhados a manifestar amizade e amor para com o membro excluído e esforçar-se para reintegrá-lo. Ele pode ser recebido mediante confissão, evidência de arrependimento e recuperação em sua vida, e após o rebatismo.

Aquele que foi excluído tem o direito de apelar à comissão da Associação a que a Igreja pertence. Se a Associação sente que foi cometida injustiça, ela pode recomendar uma nova consideração e aceitação. Se a Igreja se recusa em recebê-lo, a Associação pode então recomendá-lo como membro a outra Igreja.

A exclusão parece ter sido praticada desde o tempo em que as Igrejas eram organizadas. Na *Review and Herald* de 25 de novembro de 1851, *Tiago White relatou que os irmãos em Washington, New Hampshire, tinham excluído alguém por erro doutrinário. J. H. Waggoner em 1853 fez uma declaração oficial na *Review and Herald* a respeito de uma atitude tomada pela Igreja de Alden, Illinois, excluindo um certo William A. Raymond por tomar uma atitude não cristã e por acusar a Igreja de injustiça. Isto foi escrito em termos semilegais, e foi ordenado por e em favor da Igreja de Alden (13 de dezembro de 1853).

Mais tarde, W. H. Littlejohn declarou que não existe tal coisa como excluir nomes da IASD. Há três métodos pelos quais somente um nome é removido da lista da Igreja; morte, carta de transferência ou por “retirar da comunhão” (*Review and Herald*, 7 de julho de 1885).

DISCÍPULO. Alguém que, como estudante ou adepto, segue o ensino de outrem, especialmente de um orador público. No N.T.,

"discípulo" é a tradução do gr. *mathetes* (Mat. 5:1; Mar. 2:15; Luc. 5:30; Atos 6:1; etc.), que está relacionado à *manthano*, "aprender", significando, portanto, "aprendiz," "aluno," "adepto." A palavra é usada especialmente para os discípulos de Jesus: os Doze (Mat. 10:1; 11:1; etc.), e de Seus discípulos em todo o mundo (Luc. 6:17; etc.).

DISPENSAÇÃO. Um termo bíblico usado pelos ASD, e pelos cristãos em geral, alusivos a novas e velhas dispensações, correspondendo ao *Novo e *Antigo Testamentos, ou aos sistemas cristãos e judeus, que diferem, ainda que formem parte de um plano de *Salvação.

Mas as duas dispensações Bíblicas originais foram mais tarde expandidas por alguns teólogos. Por exemplo, houve algumas dispensações subdivididas e adicionadas pelos escritores eclesiásticos tais como Tertuliano e Orígenes, por Joaquim, na Idade Média, e por Cocceius, em tempos modernos, e ainda que não tenham sido tão abrangentes como o sistema de dispensações descrito no presente sistema "dispensacionalista" de interpretação. O dispensacionalismo moderno é o produto das elaborações de John N. Darby (fundador dos irmãos Plymouth), e aparece em sua forma mais conhecida nas notas de C. I. Scofield na *"Bíblia de Scofield".* Este sistema divide a história do mundo em sete Eras ou "dispensações" — períodos de tempo — em cada uma das quais Deus trata diferentemente com a humanidade. Nesse esquema, a "Era da Igreja" (Era Cristã) é considerada como um "parêntese", ou lacuna, na profecia; como uma era de graça pura entre uma dispensação judaica da Lei passada e futura em que os judeus novamente serão o povo de Deus e julgarão as nações sob uma restauração do código Mosaico. Este sistema de sete dispensações é considerado por seus adeptos como sinônimo ou básico para o *Pré-Milenismo, de modo que na mente pública ele é provavelmente

atribuído erroneamente às várias classes de pré-milenistas que não o defendem. Está em completo contraste ao tipo Adventista de pré-milenismo. Veja *SDABC*, pp. 623-631.

DISPENSACIONALISMO. Veja **Dispensação**.

DISPERSÃO. [gr. *diaspora*]. *Significado do termo.* Na LXX, a palavra *diaspora* é usada eufemisticamente para várias expressões hebraicas, tais como *za'awah* "(um objeto de) terror" (Deut. 28:25; Jer. 34:17), e *cherpah*, "repreensão"(Dan. 12:2). De outro lado, a LXX nunca traduz os termos técnicos hebraicos para "exílio" (*gôlah* e *galûth*) *diáspora* (Veja Amos 1:6-9: Jer. 52:31; 24:5; 28:4), mas *aichmalosia*, "cativeiro", *apoichia*, "partida", etc. Aquela versão realmente usa esse termo, porém, em Deut. 28:25; 30:4; Jer. 41:17 (34:17 em outras versões) para a dispersão dos judeus. Tem-se sugerido que os judeus helenistas preferiam o termo *diáspora*, pois ele evitava a conotação de que os judeus que viviam fora da Palestina, devido a várias deportações, ainda estavam lá por causa dos castigos. Para eles, a *diáspora* significava simplesmente os judeus que se encontravam em todo o mundo. Os judeus nos tempos do N.T. consideravam a presença de seus parentes em muitos países do mundo como uma bênção para a nação judaica e para o mundo em geral, sendo, assim, orgulhosos pela diáspora.

Extensão. Alguns hebreus podem ter migrado a outros países antes de seus cativeiros no século 8 e 6 a.C.. Há alguma evidência, por exemplo, de colônias judaicas no Egito antes do Exílio. Porém, quaisquer desses movimentos não teriam envolvido grandes multidões. A primeira deportação em massa ocorreu no séc. 8 a.C., quando os assírios levaram cativas as 10 tribos do Norte. A maioria dos deportados foram absorvidos pelas nações entre as quais foram forçados a viver,

perdendo suas peculiaridades e consciência nacional. Foi diferente com as 2 tribos de Judá e Benjamim (inclusive os Levitas) que foram deportados pelos babilônicos no 4º séc. a.C.. Tendo grandes líderes religiosos, tais como Ezequiel e Daniel, e o conforto das profecias escritas, eles mantiveram sua unidade étnica. Porém, quando os reis persas permitiram que retornassem a sua terra natal, somente uma minoria dos exilados respondeu à proposta. Os muitos que escolheram permanecer em Babilônia tornaram-se assim a primeira colônia judaica fora da Palestina e até tempos recentes, formando uma minoria significativa da população daquele país. Os muitos judeus que se mudaram para o Egito antes de Jerusalém ser destruída em 586 a.C. e depois (Jer. 43:7 a 44:30), construíram fortes colônias judaicas lá. A mais conhecida é a de Elefantina, devido à descoberta na ilha de grande quantidade de papiros judeus manuscritos em Aramaico. Após a conquista de Alexandre ter facilitado as viagens para países distantes, os judeus mudaram--se para muitas partes do mundo helenístico. Durante o período do Império Romano tais movimentos se aceleraram. Evidências literárias e inscrições comprovam a evidência de aproximadamente 150 colônias judaicas fora da Palestina no 1º século A.D. Encontraram-se judeus na Síria, nas várias partes da Ásia Menor, nas grandes cidades da Grécia, Itália, no Norte da África e Egito, na Pártia, área fora do Império Romano. Certos eruditos têm estimado que os judeus da Diáspora dentro do Império Romano no primeiro século A.D. chegavam ao número de 4,5 milhões em uma população de 55 milhões.

Influência. Os judeus da Dispersão fundaram sinagogas em muitas cidades, e devido ao alto valor moral de sua religião monoteísta, eles atraíram gentios pensadores aos seus cultos. Mediante sua associação com o mundo externo, eles obtiveram uma visão mais ampla sobre a vida de seus compatriotas da Palestina. Seu apoio financeiro ao Templo e aos seus irmãos que estavam na terra natal era um fator econômico significativo. Eles eram estimulados a visitar o Templo em Jerusalém tão

freqüentemente quanto possível, por ocasiões de grandes festas, e faziam esforços estarem lá no mínimo uma vez na vida. Isso justifica o tão grande número de judeus estrangeiros em Jerusalém quando o Espírito Santo foi derramado no dia de Pentecostes (Atos 2:5-11). Familiarizando o mundo com os ensinos do A.T. e tornando suas Sagradas Escrituras disponíveis em grego (a Septuaginta), os judeus da Dispersão prepararam o caminho para uma rápida expansão do evangelho cristão, que não poderia ter triunfado tão rapidamente se os judeus não tivesssem propagado sua religião.

DISSIDÊNCIAS. Veja **Movimentos Apóstatas**.

DISTRITO. Um termo usado na organização da IASD em vários sentidos:

(1) No passado (1889-1901), uma das seis (posteriormente oito) áreas denominadas distritos da Associação Geral, cada qual compreendendo várias *Associações/ou *Missões, sob a liderança de uma superintendência. Esses distritos eram designados por nome ou por número.

(2) Um grupo de igrejas vizinhas servidas por um *Ministro mas não consideradas como uma unidade.

(3) Uma unidade administrativa menor do que ou subordinada a uma missão, campo ou União sob um diretor, com quem se pode associar um grupo de outros ministros e/ou missionários. Tal distrito pode compreender a área de todo um país (como por exemplo o Distrito de Camboja sob a União Sudeste Asiático), ou uma ou mais subdivisões de um país (tal como o Distrito da Missão Douala, abrangendo vários departamentos em Camarão, que faz parte da União Missão Africana), ou uma unidade menor, uma das várias sob a organização local (tais

como o Distrito de Chimbu, dirigido por uma pessoa sob a Missão das Terras Altas Orientais, na Nova Guiné).

DIVISÃO. A maior unidade geográfica e administrativa depois da *Associação Geral, abrangendo um número de *Uniões, *Associações, seções, etc. Teoricamente, cada Divisão é uma seção da Associação Geral que opera nesta área; é portanto chamada na constituição uma seção da Divisão, embora no uso comum, somente a palavra Divisão seja suficiente. O presidente da Divisão é um vice presidente da Associação Geral. Veja **Igreja Adventista Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**. Atualmente temos: Divisão Afro-Oceano Índico, Divisão África Oriental, Divisão Euro-Asiática, Divisão Euro-Africana, Divisão do Extremo Oriente, Divisão Inter-Americana, Divisão do Oriente Médio, Divisão Norte-Americana, Divisão Sul Americana, Divisão África do Sul, Divisão Ásia do Sul, Divisão Trans-Européia.

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD (DSA). Localiza-se à Av. L-3, Quadra 811D, Módulo 75, Brasília DF. Seu território compreende: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai.

Em todo seu território tem:

Congregações: 6.500, sendo 4.352 Igrejas e 2.148 grupos com 1.295.008 membros batizados para uma população de 247.525.539 habitantes (1994).

Foram batizadas 78.210 pessoas, entre os meses de janeiro-setembro de 1994. Em 1991 (104.000) e 1992 (114.000) foi a Divisão que mais batizou no mundo.

No Brasil o atual índice é de um pastor para cada 900 membros (1994).

Os pastores são bem treinados através de um acessível programa de pós-graduação. O *Seminário Adventista Latino-Americano (SALT), formou até 1994, 350 estudantes com o grau de mestre.

Sob a atual direção do Dr. Wilson Endruveit, o SALT tem 150 alunos matriculados no programa de Mestrado em 3 dos 7 locais e 21 alunos no programa de doutorado que começou no final de 1993.

Conforme dados publicados no último World Report, a DSA passou a ocupar a 1ª posição mundial, considerando a matrícula em todos os níveis de ensino (dados de 1992). A DSA detinha 20,1% da matrícula adventista de todo o mundo. O nível elementar é o ponto forte.

Até abril de 1994 havia 837 escolas com 140.000 alunos, sendo que a escola está presente em 72% dos distritos pastorais.

O nível secundário ocupa a 5ª posição mundial com 20.000 alunos. Os cursos de nível superior, ocupa a 4ª posição mundial, com 4.600 estudantes.

As Universidades Adventistas já estão funcionando na Argentina, Chile, Peru e Bolívia.

No dia 1º de outubro de 1993, o International Board of Education da *Associação Geral da IASD, aprovou a implantação da Faculdade de medicina na Universidade Del Plata, Argentina. É a 3ª escola de medicina adventistas do mundo.

Na DSA há dois *Centros de Pesquisas Ellen G. White (CPEGW). O primeiro na Universidade Del Plata no Puygare, Argentina e o segundo no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), em Engenheiro Coelho, SP.

O 1º missionário Adventista que chegou na América do Sul foi Tomás H. Davis.

Em 09 de setembro de 1894, foi organizada em Crespo, Entre Rios, Argentina, a primeira IASD da América do Sul com 36 membros. A 1ª escola primária foi construída o lado da igreja. Mais tarde foi

comprado outro terreno em que se erigiu o 1º edifício do atual Colégio Adventista do Prata.

O Sanatório Adventista do Prata teve início pouco tempo depois.

Em 1895 o Brasil separou-se como missão autônoma. Em 1901, constituiu-se a União Sul-Americana, composta da Argentina, Brasil e Chile e neste ano o território argentino foi organizado com o nome de Associação do Rio da Prata, tendo como presidente o Presidente o Pr. N. Z. Town.

A **Review and Herald* publicou em 25 de maio de 1905, um arigo do Pr. José Westphal, mencionando 3 organizações dentro do território, que agora é a D.S.A.

a) Associação Brasileira com 783 membros e 4 ministros ordenados.

b) Associação Rio da Prata, atual União Austral, com 520 adventistas batizados e 5 pastores ordenados.

c) Missão da Costa Ocidental - Chile, Peru e Equador com 135 membros e 3 pastores ordenados.

No total havia 41 igrejas com 1.248 membros batizados e 9 grupos com 130 membros batizados. Estes, mais os que estavam isolados, totalizavam 1.698 adventistas do 7º Dia ao finalizar 1904.

No mês de março de 1906, realizou-se o 1º Congresso da União Sul-Americana, na cidade de Paraná, Argentina, com a presença do Pr. W. A. Spicer, representante da *Associação Geral da IASD. Ali foi decidido converter este campo em uma Associação-União (União autônoma) organizando-se a União Sul-Americana dos Adventistas do 7º Dia. Seu território abrangia Argentina, Brasil, Bolívia, Chile Equador, Paraguai, Uruguai, Peru e as Ilhas Malvinas, continuando como presidente dessa União, o Pr. Westphal, até 1916, data em que se organizou como Divisão.

Para a organização da Divisão Sul-Americana da IASD, reuniram-se 4 representantes da União Brasileira; 5 da União Incaica; 30 da União

Sul-Americana (União Austral), W. W. Prescott e N. Z. Town representaram a Associação Geral na inauguração, juntamente com 42 delegados, representando os 4.903 membros de todo território da Divisão. A inauguração ocorreu no dia 6 de fevereiro de 1916 na cidade de La Plata, Argentina.

Os dirigentes escolhidos para dirigirem a divisão foram:

Presidente: *O. Montgomery, W. H. Williams J. W. Westphal, *F. W. Spies, E. L. Maxwell, *H. Meyer e R. T. Baer.

O primeiro escritório da Divisão funcionou numa casa na cidade de Buenos Aires. O escritório ficava na frente da casa, enquanto os obreiros moravam nos fundos. Depois mudou-se para Montevidéu, Uruguai.

De 1894 a 1916 foram 22 anos, até a organização da Divisão com um número de 4.903 membros adventistas. A 1ª igreja do Brasil foi fundada em 23 de março de 1898 em Gaspar Alto, SC (Veja **IASD de Gaspar Alto**).

Em 1916 a venda dos colportores na América do Sul foi cerca de 5.000 dólares em 1964 foi de US$1.740.306,83 dólares. Em 1965 chegou 1.100 colportores com a venda de US$2.500.000 dólares.

Em 1965, a Divisão contava com 762 escolas primárias e 25 colégios secundários e superiores.

Em 1966, foi dividida em 5 Uniões:

União Norte-Brasileira - Belém, PA;

União Este-Brasileira - Niterói, RJ;

União Sul-Brasileira - São Paulo, SP;

União Austral - Buenos Aires, Argentina;

União Incaica - Lima, Peru.

O Pr. Enoch de Oliveira foi o presidente de 1975 a 1980.

A nova sede da Divisão foi inaugurada no dia 22 de junho de 1976, localizada em Brasília (endereço atual).

Possui 5 colégios de nível superior com curso de Teologia com 4 anos : Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct); *Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE); Colégio Adventista do Prata (Argentina); Colégio Adventista do Chile e Colégio União (Peru).

Dez Escolas Radiopostal da Voz da Profecia e Televisão evangelização em todo território Sul-Americano, com 50.000 alunos ativos. (A primeira Escola Radiopostal foi fundada em 1934).

No rios do Brasil navegam lanchas servindo áreas de difícil acesso. Foi feito num empreendimento usando avionetas missionárias para a pregação do evangelho nestas regiões. A primeira avioneta missionária lançada na DSA, e a 1ª no mundo, aprovada oficialmente pela Associação Geral, foi em Pucallpa, em plena selva peruana. Este avião foi batizado com o nome de "Fernando Stahl" pilotado por Clyde Peters, pioneiro no trabalho entre os incas.

Presidentes: F. S. Spies (1917-1921); O. Montgomery (1922-1923); P. E. Brodersen (1924-1926); C. B. Haynes (1927-1930); N. P. Neilsen (1931-1941); R. R. Figuhr (1942-1950); W. E. Murray (1951-1958); J. J. Aitken (1959-1966); R. A. Wilcox (1967-1974); Enoch de Oliveira (1975-1980); João Wolff (19781-).

DIVÓRCIO. Os onze pontos seguintes retirados do **Manual da Igreja* estabeleceram a posição da IASD sobre o assunto do divórcio e novas núpcias:

> 1."No Sermão do Monte, Jesus declarou plenamente que não podia haver dissolução do laço matrimonial, a não ser por infidelidade do voto conjugal."- *MDC*, p. 99. (Mat. 5:32; 19:9).
>
> E quando Ele disse, "Não o separe o homem", estabeleceu uma norma de procedimento para a *Igreja sob a dispensação da graça que devia sempre transcender a

todas as legislações civis que ultrapassassem a interpretação divina da lei de Deus que governa a relação matrimonial. Deus dá aí a Seus seguidores uma regra que devem seguir, quer o Estado ou o costume em voga permitam maiores liberdades, quer não.

2. Se bem que as Escrituras permitam o divórcio por “infidelidade ao voto matrimonial”, devem ser feitos esforços diligentes pelas pessoas envolvidas, para efetuar uma reconciliação, instando com o cônjuge inocente para perdoar o culpado e com este para emendar o seu procedimento de forma a manter-se a união matrimonial.

3. No caso de não se conseguir reconciliação o cônjuge inocente tem o direito bíblico de requerer o divórcio, bem como tornar a casar-se.

4. O cônjuge que a Igreja verificar ser culpado de *Adultério, estará sujeito à disciplina da Igreja, mesmo que o transgressor esteja genuinamente arrependido, ele (ou ela) será posto sob censura por um determinado período de tempo, a fim de expressar a repulsa da Igreja por este mal. O transgressor que não der provas de pleno e sincero arrependimento, será excluído da Igreja. No caso de a violação haver sido tão flagrante que haja causado opróbrio público para causa de Deus, a Igreja, a fim de manter suas altas normas e bom nome, excluirá o indivíduo, embora haja prova de arrependimento.

5. O cônjuge culpado, que se tenha divorciado, não tem o direito moral de casar-se com outra pessoa enquanto o cônjuge inocente ainda vive e permanece sem casar-se e

casto. Se ele (ou ela) casar-se sendo *Membro da igreja também será eliminado.

6. Quando qualquer dos cônjuges obtenha o divórcio, ou quando ambos de comum acordo obtêm o divórcio sob qualquer pretexto, que não o de “infidelidade ao voto matrimonial”, a parte ou as partes que obtenham o divórcio ficarão sob a mesma censura da Igreja, exceto na parte de que trata a seguir este parágrafo. No caso de qualquer dos cônjuges que é membro da Igreja tornar a casar-se a menos que nesse ínterim a outra parte se tenha casado novamente, adulterado ou morrido aquele que houver casado novamente, será excluído da Igreja. A pessoa com quem ele (ou ela) casar-se também será eliminada da Igreja. Reconhece-se porém que às vezes pode haver condições que tornem perigoso ou impossível que marido e mulher continuem a viver juntos. Em muitos desses casos, a guarda dos filhos, o ajuste dos direitos de propriedade, ou mesmo a proteção pessoal podem tornar necessária uma modificação do *status* matrimonial. Em casos tais, pode ser permissível obter o que em alguns países se chama de separação legal. Entretanto, em algumas jurisdições civis, essa separação só pode ser obtida por meio do divórcio, que sob essas circunstâncias não seria objetável. Mas essa separação ou divórcio em que não está envolvida a “infidelidade do voto matrimonial, não dá a nenhum dos cônjuges o direito bíblico de voltar a se casar, a menos que no ínterim a outra parte se tenha casado, haja cometido adultério ou tenha morrido. Se um membro da Igreja, que se tenha assim divorciado, tornar a casar-se, ele (ou ela), se for membro,

será excluído. E quem com ele (ou ela) se casar, será também eliminado da Igreja.

7. O cônjuge culpado, que tenha violado o seu voto matrimonial, se tenha-se divorciado, sido eliminado da igreja e se casado novamente, ou tenha-se divorciado por motivos outros que não os apresentados no parágrafo número 1 e tenha-se casado novamente e sido eliminado da Igreja, será considerado sujeito à desaprovação da Igreja e assim fica incapacitado para reingressar na Igreja, nos casos previstos à seguir.

8. A relação matrimonial não só é a mais sagrada, mas também infinitamente mais complexa do que outros acordos em seus possíveis envolvimentos; por exemplo, os filhos que tenham nascido. Portanto, no caso em que o esforço feito por um culpado genuinamente arrependido para harmonizar o seu estado matrimonial com o ideal divino, apresenta problemas aparentemente insolúveis, o pedido de readmissão que ele (ou ela) faça antes que seja objeto de decisão final, será submetido pelo pastor da Igreja ou dirigente distrital à Mesa Administrativa da *Associação para pedir conselhos e recomendações quanto a quaisquer possíveis passos que a pessoa ou as pessoas arrependidas devam dar para conseguir uma tal readmissão.

9. A readmissão na Igreja dos que tenham sido eliminados pelos motivos apresentados nos parágrafos precedentes sê-lo-á sob a condição de rebatismo.

10. Quando a pessoa que se tenha envolvido em processo de divórcio, for por fim readmitida na Igreja,

segundo estabelece o parágrafo 8, deve-se exercer todo o cuidado possível para salvaguardar a unidade e a harmonia da Igreja, não dando a esta pessoa a responsabilidade oficial da Igreja, especialmente em cargo para o qual seja exigido o rito da *Ordenação, a menos que seja cuidadosamente estudado o caso.

11. Nenhum pastor adventista tem o direito de oficiar em uma cerimônia de segundas núpcias da pessoa que, sob a estipulação dos parágrafos e precedentes, não tenha direito bíblico de tornar a casar-se.

DÍZIMO. Um décimo das entradas financeiras de uma pessoa, requerido por Deus, como um reconhecimento de Sua propriedade de todas as coisas, é um meio de exercer fiel *Mordomia. “Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, porque é Ele o que te dá força para adquirires riquezas” (Deut. 8:18). “Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda” (Prov. 3:9). O dízimo é do Senhor (Lev. 27:30).

É certo que, dos antigos israelitas, esperava-se pagarem muito mais de 10% de sua renda para o apoio à Obra de Deus, embora alguns detalhes sejam obscuros. O décimo mencionado em Lev. 27:30 tem às vezes sido chamado de ‘o primeiro dízimo’ e o seu uso para o sacerdócio e para o tabernáculo é explicado em Núm. 18:21. Um segundo dízimo (Veja Deut. 12:17, 18; 14:26, e 27) era usado para sustentar o povo em suas numerosas festas e festivais, que seriam para promover princípios religiosos e unidade nacional. Cada três anos, este dízimo era recolhido nas casas para ser usado entre os estrangeiros, órfãos, viúvas e os Levitas (Deut. 14:28-29; Veja *PP*, pp. 558, 559, 565).

Assim como o dízimo era dedicado à manutenção do sacerdócio e do *Santuário, assim também hoje entre os ASD, é dedicado à manutenção do *Ministro em propagar o Evangelho (Núm. 18:21; I Cor. 9:14; I Tim. 5:18). O primeiro exemplo do ato de dizimar é o patriarca Abraão (Gên. 14:17-21, Heb. 7:1,2). Jacó prometeu semelhantemente pagar o dízimo fielmente (Gên. 28:20-22). Os ASD adotaram plenamente o plano atual de dízimos em 1879, na crença de que o Nosso Senhor tornou o princípio do *Antigo Testamento, estabelecido em Lev. 27:30 e Mal. 3:8-11, aplicável aos cristãos:

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; *devíeis, porém, fazer* estas coisas, *sem omitir aquelas.* (Mat. 23:23). (Grifo acrescentado).

O dízimo ou 10%, é calculado da renda, referida na Bíblia como "produção". No caso de uma pessoa empregada o dízimo é pago do salário integral. No caso de uma pessoa autônoma ou na realização de um negócio, o dízimo é pago do lucro — a quantidade restante após a dedução das despesas do lucro. Ninguém é recebido como membro da Igreja ASD até que aceite pagar o dízimo como uma obrigação escriturística. Se um membro cessa de pagar o dízimo ele é animado pelo *Pastor ou pelos líderes da Igreja a recomeçar a ser fiel nesta obrigação, mas, não sendo o dízimo um teste de fé, o indivíduo pode continuar como um membro mesmo se permanecer faltoso. Ele não será, porém, considerado elegível para cargos da igreja.

Dízimo Distinto das Ofertas. Além do primeiro dízimo da renda individual, os ASD são instados a dar espontaneamente ofertas extraídas dos 90% restantes, que são destinadas para outros projetos, tais como: despesas locais, assistência social e várias outras atividades da igreja.

"Segundo Dízimo". Muitos ASD destinam um segundo dízimo, — quantidade igual ao dízimo — a fim de prover ofertas voluntárias à igreja. A frase "segundo dízimo" é assim usada para denotar uma quantidade do total das ofertas voluntárias.

Uso do Dízimo. Desde os primórdios, quando o "princípio do dízimo" era considerado pelos ASD, na década de 1850, o principal objetivo da "Benevolência Sistemática", como as ofertas no princípio proporcional era chamada então, era a manutenção do ministro. Até o dízimo atual, 10% ser adotado (1876-1879) havia outros usos permitidos para os fundos derivados da *Benevolência Sistemática.

Na época em que um modelo de constituição para as Associações foi preparado pela *Associação Geral da IASD (AG) em 1863, tinha-se tornado aparentemente bem estabelecido que a maior parte do fundo deveria ser usada para a manutenção de trabalho evangelístico, e desta maneira formaram as bases para as finanças das Associações (veja **Associação Local**). O trabalho da AG era, a princípio, financiado por apropriações irregulares das Associações; foi em 1878 que a Comissão da AG recomendou que as Associações pagassem o dízimo de suas rendas para as *Uniões, que por sua vez, pagavam o dízimo para a AG. Sob o sistema atual de distribuição do dízimo, as associações remetem à AG percentagens adicionais de seu dízimo.

A *Praxe* (veja **Praxes da DSA, Livro de**) de 1964 declara que:

> O dízimo deve ser considerado sagrado para a obra do ministério e para ensino da Bíblia, inclusive o avanço da administração das associações no cuidado das igrejas e de atividades em campos missionários. O dízimo não deve ser gasto em outras linhas de trabalho tais como pagamento de dívidas de igrejas ou instituições ou operações de construções.

Dízimo como a Base das Finanças Denominacionais. Por quase um século, o dízimo tem formado a base de todas da devoluções ASD, cujo total em todo o mundo chega agora a aproximadamente (dados de 1992) US$ 739.053.641. A obra missionária mundial da Igreja é financiada agora por um total de US$ 48.574.082. Isto é uma adição aos fundos levantados pelas igrejas locais para suas atividades e projetos. Um forte sistema financeiro torna possível distribuir fundos de acordo com a necessidade, e provê um apoio uniforme do trabalho da Igreja em todos os lugares.

Veja **Mordomia.**

DOENÇA. Tradução de vários termos gregos e hebraicos, denotando qualquer mau funcionamento do corpo e de seus órgãos, causando desconforto, incapacidade temporária ou permanente e morte.

Documentos antigos, especialmente do Egito e observações feitas sobre múmias e esqueletos, revelam que a maioria das doenças conhecidas da ciência médica moderna existiam no mundo antigo. Tal conclusão é também corroborada por um estudo da Bíblia, embora apenas poucas doenças sejam mencionadas por nome (lepra, cegueira, furúnculos, queimaduras graves). A maioria das enfermidades são mencionadas somente em termos vagos, o que torna extremamente difícil reconhecer seu caráter verdadeiro. Os antigos hebreus geralmente consideravam a doença, mental ou orgânica, como um castigo divino pelo pecado, pois eles tinham sido advertidos de que os infiéis seriam atacados de doenças (Lev. 26:16; Deut. 28:22). O livro de Jó, porém, revela que o verdadeiro autor da doença é Satanás. Cristo combateu a idéia de que as enfermidades são sempre os resultados diretos de pecados pessoais (João 9:1-3; 11:4). Deus concede recuperação e cura (Ex. 15:26; Jó 5:18; Sal. 6:3; 103:3; Os. 11:3), embora Ele nem sempre restabeleça (II Cor. 12:7-9).

O lugar do auxílio humano para a cura de doenças foi reconhecido, e menciona-se médicos (Isa. 3:7; Jer. 8:22; Mar. 5:26). Os remédios naturais mencionados na Bíblia, embora não necessariamente endossados, são: vinho e azeite (Isa. 1:6; Luc. 19:34; I Tim. 5:23), o bálsamo (Jer. 8:22; 46:11; 51:8), um assado de figos (II Reis 20:7), e a unção (Apoc. 3:18).

DOM DE PROFECIA. Veja **Espírito de Profecia.**

DOMINGO. O primeiro dia da semana, chamado assim em várias línguas por causa do sol, porque ele coincidia com o dia dedicado ao sol na semana astrológica popular no Império Romano. Esta semana planetária surgiu da prática helenística de determinar cada hora do dia a um dos sete deuses planetários (sendo os "planetas" os cinco visíveis a olho nu, e o sol e a lua) e de dar nome a cada dia pelo deus que supostamente presidia sobre a primeira hora do dia.

O sistema veio da astrologia Greco-Babilônica que se desenvolveu depois da conquista do Ocidente por Alexandre, o Grande. As *horas* eram determinadas aos planetas na seguinte ordem: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua. Assim, o Dia do Sol se encerrava, de acordo com esta seqüência, tendo suas vinte e quatro horas reguladas por Mercúrio; portanto, a primeira hora do dia seguinte era determinada pela lua. Por esse sistema, o Dia do Sol era seguido pelo Dia da Lua e assim por diante — através de Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno, que, traduzidos para os nomes dos deuses europeus equivalentes, tornam-se em *tues*day (*day* = dia), *wednes*day, *thurs*day, *fri*day e finalmente (de volta ao Latim novamente), *satur*day. De acordo com Dio Cassius, sabia-se já em 38 a.C., ao tempo de Herodes, o Grande, que os judeus descansavam "na véspera do dia que chamavam Saturno"; isto mostra o alinhamento da semana pagã e bíblica. Assim o

"primeiro dia da semana" bíblico era o que os pagãos chamavam de Dia do Sol.

É natural, como alguns sugeriram, que o culto ao sol em várias religiões pagãs antigas pode ter influenciado a preferência cristã pelo domingo durante os primeiros séculos, quando os pagãos se converteram ao cristianismo.

I. O "Primeiro Dia da Semana" no Novo Testamento. Jesus nunca mencionou especificamente o primeiro dia da semana, e nem Ele nem os escritores do N.T. jamais aludiram a ele como um dia que os cristãos observavam. Embora a palavra *domingo* não ocorra na Bíblia, a frase "primeiro dia da semana" aparece oito vezes no N.T. (Mat. 28:1; Mar. 16:2, 9; Luc. 24:1; João. 20:1, 19; At. 20:7; I Cor. 16:2), as primeiras seis referências ao dia da ressurreição do Senhor.

1. *A Ressurreição***.** Jesus morreu e foi sepultado no sexto dia da semana, que era "a preparação, isto é, o dia anterior ao *Sábado" (Mat. 15:42). Os cristãos que assistiram Seu sepultamento "prepararam aromas e bálsamos. E no sábado descansaram, segundo o mandamento" (Luc. 23:55, 56). "Passado o sábado, Maria Madalena, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem embalsamá-lo. E muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo." (Mar. 16:1, 2).

2. *O Encontro Com os Discípulos***.** Quando Maria Madalena e as outras mulheres contaram aos apóstolos que Cristo tinha ressuscitado, "tais palavras lhes pareciam um como delírio e não acreditaram nelas" (Luc. 24:8-11; Mar. 16:10, 11). Quando os dois discípulos que tinham-se encontrado com Jesus no caminho de Emaús retornaram a Jerusalém na noite daquele primeiro dia da semana, eles, da mesma maneira, encontraram-se com incredulidade. "Mas também a estes [aos discípulos em Jerusalém] não deram crédito." (Mar. 16: 12, 13; Luc. 24: 33, 35). "Ao cair da tarde daquele dia, o primeiro dia da semana, trancadas as

portas da casa onde estavam os discípulos, com medo dos judeus, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco! (João. 20:19). Note que "os discípulos estavam reunidos com medo dos judeus," e não para uma reunião religiosa. Nem era um reunião pública, pois as portas estavam "trancadas", isto é, trancadas com ferrolhos. Posteriormente, possivelmente perto do pôr-do-sol, quando, de acordo com o cômputo judaico, o primeiro dia da semana tinha-se encerrado e o segundo dia da semana já tinha iniciado (Luc. 24:33-35; Mar. 1:32). Além disso, Jesus "apareceu aos onze" (Mar. 16:14); isto é, eles estavam comendo sua refeição noturna. Em vez de se alegrarem quando O viram, "eles, surpresos e atemorizados, acreditavam estar vendo um *Espírito" (Luc. 24:36, 37). Foi somente com dificuldade que Jesus os convenceu; que era realmente Ele, e que Ele tinha ressuscitado. Esta não foi a reunião religiosa que supõe-se comumente.

"Passados oito dias, estavam outra vez ali reunidos os seus discípulos e Tomé com eles. Estando as portas trancadas, veio Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco!" (João. 20:24-26). Nesta reunião Tomé, que não tinha estado com os discípulos após a noite da *Ressurreição e que fora incrédulo por toda uma semana, reconheceu o Senhor ressurreto.

Esta segunda aparição ocorreu "passados oito dias," isto é, por uma contagem inclusiva comum, uma semana mais tarde, provavelmente significando que também ocorreu em um domingo à noite, após o segundo dia da semana — pela contagem judaica — ter-se iniciado. O fato de que as portas foram novamente fechadas sugere que não foi uma reunião pública.

O fato de que o Pentecostes e o derramamento do *Espírito Santo sobre os crentes em Jerusalém mais provavelmente caiu em um domingo (o dia da semana não é mencionado), é mera coincidência. O Pentecostess normalmente cairia em um domingo em um ano em que a *Páscoa, 14 de Nisã, caiu em uma sexta-feira (o quinto dia após o dia

das ofertas alçadas, 16 de Nisã). Tivesse o fato de que o Pentecostes caía no primeiro dia da semana sido significativo, como sem dúvida o teria sido, tivesse o Espírito Santo assim pretendido honrar o domingo como um novo dia de repouso no lugar do sábado judaico, esperaríamos encontrar menção de tal pretensa mudança no relato bíblico. Mas as Escrituras são inteiramente silentes a respeito de qualquer significado unido à coincidência.

3. *Uma Oferta Semanal Para os Necessitados***.** Escrevendo a uma igreja em Corinto no final da sua terceira viagem missionária, Paulo deu instruções da coleção de um fundo especial para o alívio dos crentes necessitados na Judéia (At. 11:27-30). Ele pediu que no primeiro dia de semana cada crente separasse uma certa quantia para o fundo, "para que não se façam coletas quando eu for" (I Cor. 16:2). Nenhuma menção é feita de um serviço religioso no primeiro dia da semana. Naquele dia, cada crente deveria pôr "a parte" — em casa.

4. *A Reunião em Trôade*. Poucos meses mais tarde, em sua viagem a Jerusalém, Paulo passou sete dias em Trôade.

> "No primeiro dia da semana, estando nós reunidos com o fim de partir o pão, Paulo que devia seguir de viagem no dia imediato, exortava-se e prolongou o discurso até à meia-noite. Havia muitas lâmpadas no cenáculo onde estávamos reunidos." (At. 20:7, 8).

Então, por volta da meia-noite, um jovem chamado Êutico, que tinha caído de uma janela no terceiro andar "durante o prolongado discurso de Paulo," caiu ao chão e foi levantado morto; e Paulo interrompeu a reunião para restaurar o rapaz (v. 9, 10). Quando Paulo "partiu o pão e comeu e ainda lhes falou largamente até o romper da alva" ele partiu para Jerusalém (At. 20:3-14).

Deveria ser lembrado que nos tempos bíblicos, os judeus contavam o dia solar de 24 horas de pôr-do-sol a pôr-do-sol. Pela contagem bíblica, o primeiro dia da semana começou no pôr-do-sol do sábado e se encerrou no pôr-do-sol de domingo. Se a reunião começou após o pôr-do-sol, ela teria sido realizada entre o pôr-do-sol de sábado e o amanhecer de domingo. (*The New English Bible* traz, por exemplo, "na noite de sábado.") Se Paulo pregou até a meia-noite, então partiu o pão com os crentes e falou-lhes até a alva da manhã de domingo e viajou a pé para Assôs, 28 km distante, ele deve ter passado a maior parte do domingo na estrada viajando. Obviamente, naquele caso, Paulo não observou o domingo, pelo menos, como dia de descanso. A reunião de despedida em Trôade ocorreu naquele dia porque Paulo pretendia tomar um navio em Assôs no dia seguinte.

Alguns têm insistido que o partir do pão em Trôade (v. 11) tenha sido uma cerimônia de *Santa Ceia e que a celebração da Ceia do Senhor entre o pôr-do-sol de sábado e o amanhecer de domingo constitui um reconhecimento do domingo como o sábado cristão. Em primeiro lugar, dever-se-ia notar que o Senhor e os apóstolos nunca especificaram quando, ou quão freqüentemente, esse rito deveria ser celebrado. Em segundo lugar, o partir do pão naquela longa reunião pode ter sido nada mais do que uma refeição comum. Mas, se a referência é à Ceia do Senhor, até ela não pode ser citada como evidência de honra especial sendo no primeiro dia da semana, pois a mesma expressão é usada em At. 2:47, onde é dito que os membros da Igreja apostólica partiram o pão juntos cada dia. Finalmente, se a celebração da Santa Ceia devesse ocorrer em um dia especial, e se tal celebração deve ser considerada como designando um dia assim honrado como um dia santo, dever-se-ia lembrar que nosso Senhor escolheu a quinta à noite como o tempo da instituição deste rito.

5. *A Evidência do Novo Testamento Avaliada***.** Um claro exame dos oito exemplos em que a frase "primeiro dia da semana" ocorre nas

Escrituras do N.T. mostra que nem Cristo nem Seus apóstolos deram o mandamento de guardar esse dia santo. Eles nunca instruíram os cristãos a observarem o domingo, seja como o sábado cristão ou como dia do Senhor. Sequer uma única vez referiram-se eles àquele dia como sagrado ou bendito, nem fizeram muito para internalizar o conceito de que qualquer obra realizada naquele dia fosse *Pecado. Não há nenhum exemplo de relato de o domingo ter sido guardado como um dia santo nos tempos do N.T. em comemoração da ressurreição de Cristo ou para qualquer outro propósito. O N.T. em nenhum lugar menciona a transferência de obrigações do quarto mandamento do Decálogo do sétimo para o primeiro dia da semana pelo Senhor ou por Seus discípulos.

Por ser o domingo mais tarde conhecido como o "*Dia do Senhor," alguns concluíram que Apoc. 1:10 refere-se ao domingo. O contexto não revela a que dia João se refere como "dia do Senhor," mas com base nas declarações no quarto mandamento do Decálogo de que "o sétimo dia é o sábado do Senhor" (Êxo. 20:10), e da declaração de "que o Filho do homem é senhor até do sábado" (Mar. 2:28), os ASD têm concluído que João se referia ao sétimo dia da semana. Sendo que a Bíblia não contém nenhum registro de qualquer substituição do sábado pelo domingo como o dia do Senhor, a conclusão de que João se refere aqui à observância do domingo não é garantida (Veja **Sábado, II, 3, c**).

II. Pais da Igreja Citados. 1. *Referências Espúrias ou Incertas***.** O texto grego da forma mais genuína da *Epístola aos Magnésios* (cap. 9), atribuiu a Inácio, um bispo de Antioquia no segundo século, contém a frase *kata kuriaken zoen zontes,* "vivendo de acordo com a vida do Senhor." O texto latino existente (tradução do décimo-terceiro século) não tem nenhuma palavra para "vida" (correspondendo ao gr. *zoen*). Mas, sendo que a leitura "vivendo de acordo com a (o) do Senhor" não faz sentido, alguns tradutores acrescentaram a palavra "dia," como entendida com o adjetivo "do Senhor," que a passagem é lida em

português “vivendo de acordo [ou em observância de] o dia do Senhor” (como traduzida em *ANF*, vol. 1. p. 62;) Porém, outros eruditos traduzem o grego “vivendo uma vida de acordo com o [dia] do Senhor,” concluindo-se que um uso posterior de *kuriake* como um substantivo significando “dia do Senhor” era válido já no tempo de Inácio. Outros defendem que a passagem inteira, oferecendo tantas alternativas a tornar possível saber o que Inácio pretendia dizer, é sem valor como evidência.

Outra referência freqüentemente citada para o domingo é um carta de Plínio, governador da Bitínia e Ponto, escrita em 112 A.D., mencionando que os cristãos se reuniam “em um certo dia fixado, antes da aurora” para a celebração de certos ritos. Mas isto não identifica o dia; a referência poderia ter sido ao sábado tanto quanto ao domingo.

A pretensa Epístola de Barnabé (cap. 15), pertencendo provavelmente ao primeiro século ou meados do segundo, referindo-se ao dia da ressurreição de Cristo, diz: “Também celebramos com satisfação o oitavo dia” (*The Apostolic Fathers*, Loeb. ed., vol. 1, p. 397).

Em uma de suas cartas (escrita ao bispo de Roma por volta de 170 A.D.) Dionísio, um bispo de Corinto, escreveu: “Hoje passamos o santo dia do Senhor, em que lemos tua epístola” (citado em Eusébio, *Ecclesiastical History*, liv. 4, cap. 23). O contexto não revela que dia é referido pela expressão “o santo dia do Senhor.”

O Didache, um tratado supostamente pertencente ao mesmo período, ordena (cap. 14) a realização de algo “de acordo com o do Senhor do Senhor” (***κατα κυριακην δε κυριου***), que não faz sentido. Obviamente o texto grego é defeituoso. Os tradutores têm geralmente interpretado isto como “o dia do Senhor do Senhor,” acrescentando a palavra “dia” na tradução com a suposição de que referência ao domingo é mera conjectura.

2. *Os Serviços Dominicais de Justino***.** O primeiro testemunho claro, autêntico, não intercalado, quanto à observância regular do

domingo entre os primeiros cristãos na *Primeira Apologia* de Justino Mártir, capítulo 67: "No dia chamado domingo, todos os que vivem em cidades ou no campo reúnem-se todos em um lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas são lidos ...O domingo é o dia em que todos realizamos nossas assembléias comuns." Essa *Apologia* é geralmente considerada como tendo sido escrita em Roma, no ano de 155; há, porém, alguma evidência de outros escritos de Justino e de Eusébio de que Justino pode ter observado o domingo quando vivia em Éfeso antes de vir a Roma, e, se assim for, em 135 ou antes.

Portanto, até aproximadamente a metade do segundo século, não há nenhuma menção correta do domingo como um dia santo semanal, mas após na *Apologia* de Justino (talvez em 155), há uma série de referências àquele dia por vários Pais da Igreja. Dever-se-ia notar, porém, que, embora possa haver evidência para a observância do domingo quase nos tempos apostólicos, esta primitiva observância do domingo resumia-se inteiramente à participação em serviços religiosos. O domingo não era confundido com o "sábado" e não era considerado um dia de repouso obrigatório até o sexto século ou mais tarde.

3. *"O dia do Senhor" Aplicado ao Domingo*. Um fragmento de um *Evangelho de Pedro* espúrio, datado talvez por volta de 155(?)-180, refere-se duas vezes ao dia da ressurreição de Cristo como o "dia do Senhor."

Em suas *Miscelâneas* (liv. 5, cap. 14), Clemente de Alexandria (aproximadamente no fim do segundo século declara que Platão, um filósofo grego pagão, tinha falado profeticamente do "dia do Senhor" no décimo livro de sua obra intitulado *A República*. (Na realidade, Platão fala das almas dos mortos, estabelecendo o "oitavo [dia]" após "sete dias terem expirado para cada grupo da pradaria" agora em sua viagem através dos céus planetários ao lugar onde pudessem escolher sua vida para a próxima reencarnação.) Em outro lugar, (*Miscelâneas*, liv. 7, cap. 12) Clemente diz que o cristão guarda "o dia do Senhor, quando ele

abandona uma má disposição, e assume o dia dos gnósticos, glorificando a ressurreição do Senhor em si mesmo."

O livro apócrifo *Atos de Paulo* (180-200), diz que Paulo orava no sábado ao estar vindo o dia do Senhor. O também apócrifo *Atos de Pedro*, escrito por volta de 200 A.D., fala de Pedro pregando no "dia do Senhor," o dia após o sábado.

Assim, o termo "dia do Senhor" parece ter estado em uso nos anos finais do segundo século, mesmo que provavelmente não plenamente estabelecido na linguagem comum naquele tempo. Estudiosos geralmente consideram essas referências ao domingo como "o dia do Senhor" como autênticas. Se assim for, elas são exemplos inquestionáveis de escritores cristãos.

4. *A Páscoa Empresta Prestígio ao Domingo*. Na primeira parte do segundo século, muitos cristãos comemoravam os sofrimentos e morte de Cristo mediante serviços especiais, particularmente a Ceia do Senhor, no dia da Páscoa, o décimo-quarto do primeiro mês lunar, de acordo com o calendário judaico corrente, em qualquer dia da semana que caísse a cada ano. Essa prática não tinha sido ordenada na Bíblia, mas não tinha sido expressamente proibida.

Talvez já no tempo de Sixto (Pastor de Roma, c.115- c.125), e certamente já no tempo de Aniceto (*c.* 155- *c.* 156), a igreja em Roma fez questão de estabelecer a celebração anual da ressurreição de Cristo na primavera em um domingo, costume que se tornou geralmente aceito exceto na província romana da Ásia. Vítor (*c.* 189- *c.* 198), bispo de Roma no fim do segundo século, excomungou o cristãos "Quartodécimos" na Ásia Menor porque eles celebravam no dia 14 de Nisã em vez de no domingo. Não há dúvida de que Roma, já muito cedo, revelava uma forte preferência pelo domingo.

5. *A Teoria de Qumrân***.** A. Jaubert e J. van Goudover têm proposto que a observância do domingo cristão derivou de uma antiga

prática sectária judaica, refletida na antiga literatura de Qumrân. O calendário religioso dado pelo *Livro dos Jubileus* determina todos os grandes festivais religiosos a quarta-feira, sexta-feira e domingo. Obviamente, para o povo de Qumrân, esses três dias eram de especial significado. Mas não há evidência de que o domingo tinha qualquer preeminência sobre a quarta-feira ou sobre a sexta-feira. No entanto, é possível que o favor mostrado para com o domingo pela seita de Qumrân possa ter contribuído indiretamente, de alguma forma, para a posterior observância cristã do domingo (Veja Earle Hilgert, "*Jubilees and the Origin of Sunday*," *Andrews University Studies*, 1963).

6. *Domingo No Paganismo*. Referindo-se ao primeiro dia da semana, Justino usou a frase "Dia do Sol". Este era o nome pagão para o primeiro dia da semana bíblico. Não era ainda oficial no calendário romano, mas tinha sido usado por dois séculos ou mais na astrologia. Veja o parágrafo introdutório deste artigo.

Ao as legiões de Roma estenderem suas conquistas profundamente no Oriente Médio, do primeiro século antes de Cristo em diante, o mitraísmo Persa tornou-se rapidamente popular entre os soldados e mercadores. O culto a Mitra, como seu invencível sol (*Sol Invictus*), expandindo-se em direção a Oeste até Costa do Atlântico, a Península Ibérica e as Ilhas Britânicas, tornou-se popular por todo o Império Romano. Na metade do segundo século A.D., o mitraísmo tinha-se tornado o mais famoso rival do cristianismo. Como os pagãos veneravam o domingo como o dia da semana, dedicado ao Invencível Sol, os cristãos tendiam a honrar o dia da comemoração da ressurreição de Cristo dos mortos. Os escritos dos Pais da Igreja revelam abundantemente uma crescente mistura dos costumes e da filosofia pagã com suas doutrinas e práticas religiosas do cristianismo. A filosofia cristã-gnóstica e sua alegorização da Bíblia facilitaram esta fusão do paganismo e do cristianismo. Esse sincretismo tornou-se tão pronunciado que no tempo de Tertuliano (180-220 A.D.) pagãos cultos

pensavam dos cristãos guardadores do domingo como adoradores do sol e, portanto, como “Persas,” ou adoradores de Mitra (Tertuliano, *Apologia*, cap. 16; *Ad Nationes*, livro. 1, cap. 13).

O imperador Aureliano (270-275 A.D.) fez a adoração do sol o culto imperial oficial. Ele construiu um templo novo em que colocou as estátuas do deus babilônico Bel e Helios (o sol) que ele tinha capturado de Palmyra. Assim, os deuses romanos antigos foram substituídos pelo panteísmo solar caldeu-grego do oriente.

O *Sol Invictus* tornou-se como *Sol Dominus Imperii Romani*, “o sol, o Senhor do Império Romano”. Permaneceu assim até que o imperador romano Constantino I (306-337 A.D.) tornou o cristianismo uma religião privilegiada. Educado como um devoto do *Invencível Sol*, Constantino permaneceu como Pontifex Maximus (Supremo Pontífice) do paganismo estadual até sua morte. A imagem do *Sol Invictus* foi estampada nas moedas durante o seu reinado, com inscrições declarando o Invencível Sol como sendo seu protetor e companheiro. Até mesmo em suas *Leis Dominicais, pelas quais ele procurou compelir a observância do primeiro dia da semana descansando do labor secular, Constantino referiu-se a ele somente como “o venerável dia do Sol,” e “dia do Sol, notado por sua veneração” (editor de março e julho, 321 A.D.) .

7. *Base Para a Observância do Domingo.* O quarto mandamento parece nunca ter sido citado nos primeiros séculos como se referindo ao domingo; pelo contrário, a ressurreição era a razão dada. A idéia de repousar não estava ligada a ela. Tertuliano (terceiro século) fez uma referência isolada ao tentar não trabalhar naquele dia; de outra maneira, até o fim do terceiro século, o domingo era geralmente considerado pelos cristãos meramente como um dia de alegria em que o jejum estava fora de lugar, os adoradores oravam em pé em vez de sentados e os serviços eram realizados para pregação e celebração da Ceia do Senhor.

No quarto século, ocorreu uma mudança no *status* do domingo, seguindo-se a suposta conversão de Constantino. A primeira lei dominical, o edito do domingo de Constantino em março de 321 A.D., a primeira lei dominical civil de que se há registro, proibía o trabalho no domingo nas cidades e vilas, mas isentava especificamente o trabalho no campo. O primeiro decreto da igreja, no Concílio de Laodicéia, mais tarde no mesmo século, concitava os cristãos a repousarem no domingo, se possível. Perto do fim do século, o notável João Crisóstomo instruiu sua congregação a ir para casa após o culto na igreja para meditar sobre o sermão antes de retomar aos afazeres ordinários (*Homilias sobre . . . Mateus*, no 5, sec. 1); ainda parece não ter sido uma obrigação geral de abstinência do trabalho. Um contemporâneo de Crisóstomo, Jerônimo, falou casualmente de a mulher assistir à igreja e então retornar à costura após o culto (Carta 108).

O código de Teodósio (metade do quinto século) indica que pelo tempo em que o domingo foi estabelecido no Império Romano Ocidental, quando o império ruiu, os invasores bárbaros, em sua maioria arianos, observavam o domingo. O primeiro imperador franco "cristão", Clóvis (481-511), guardou o domingo pelo que ele considerava um mandamento divino. Em 538 A.D., o clima da opinião na França, pelo menos, tinha de tal forma se desenvolvido em favor do domingo, que os fazendeiros, que tinham sido isentos da lei dominical de Constantino, foram proibidos por um concílio da Igreja, o terceiro sínodo de Orleans, a trabalhar no domingo. O Papa Gregório o Grande (590-604) menciona que alguns insistiram em uma estrita observância do domingo. Ele considerava o mandamento do sábado como sendo essencialmente espiritual, além de dizer que o domingo deveria ser observado por uma interrupção do trabalho terrestre (*Epístolas*, xiii. I).

A julgar das fontes existentes, a observância do domingo começou na metade do segundo século e expandiu-se gradualmente, como um dia para serviços religiosos voluntários e como um festival eclesiástico

comemorando a ressurreição de Cristo no primeiro dia da semana, mas não substituindo o sétimo dia do sábado; mas no sexto século, tornou-se, em alguns lugares, um dia de repouso forçado e assistência obrigatória à igreja. No oitavo século, Carlos Magno declarou que o repouso no domingo era ordenado pela lei de Deus, embora essa não fosse a doutrina católica oficial.

O sábado do sétimo dia era guardado por muitos cristãos em muitas terras, juntamente com o domingo; foi observado por séculos nas Igrejas Ortodoxas Orientais como um dia de adoração, também na Etiópia e em outros lugares (Veja **Sábado**, **IV**).

A Igreja Católica forçou o domingo, mas nunca o sábado. Ela ensinava que a observância do domingo, sobre a "nova lei", não é baseada sobre um preceito legal, mas na decisão da igreja.

III. Domingo e Protestantismo. 1. *O Período da Reforma e Após***.** Os reformadores do século dezesseis seguiram a prática católica da observância do domingo em contradição a sua pretensão de fazer a Bíblia sua única regra de fé e prática. Embora a maioria deles reconhecesse que a observância do domingo era uma instituição meramente eclesiástica que não tinha nenhum fundamento na Bíblia, eles acharam-no tão profundamente entrelaçado no costume religioso e na lei civil que resolveram deixá-lo assim do que tentar retornar à observância do sábado do sétimo dia.

Os reformadores defendiam que a observância do domingo não era *juris divini* (da lei divina), mas apenas *quasi juris divini* (da lei semidivina); além disso, objetavam contra a pretensão católica de que o domingo tinha sido apontado pela autoridade da igreja (*Confissão de Augsburgo de 1536*, parte 2, art. 7, "Do Poder Eclesiástico"). Karlstadt, o sacramentário e místico, não estava seguro — *"A Respeito do domingo, não estou certo de que os homens o tenham instituído"*. Ele não tomou uma posição positiva sobre o sábado.

O dialético católico Johann Eck, zombava dos protestantes com a jactância de que “a igreja mudou o sábado para o dia do Senhor por sua própria autoridade, a respeito da qual não tendes escritura” (Eck, *Enchiridion*, 1533). A Igreja Romana freqüentemente reconheceu ter feito a mudança, e, de fato, declara que a idéia da santidade do domingo é uma “marca” distintiva do catolicismo que reflete sobre os Protestantes.

No Concílio de Trento (1545-1563), a observância do dia do Senhor foi mantida como sendo um mandamento divino, mas o tempo da observância diz-se ter sido suscetível à mudança. O concílio conservou o clássico argumento de que o primeiro dia da semana é um memorial da ressurreição de nosso Senhor. A obrigação de ouvir a missa a cada domingo é um dos “mandamentos da Igreja.”

2. *“Sábado” Aplicado ao Domingo***.** A teoria de que o domingo é o sábado transplantado do quarto mandamento é de origem Puritana, datando do século dezesseis.

Os Puritanos ingleses e os Calvinistas escoceses guardavam o “sábado” (domingo) com extrema exatidão. A Confissão Puritana de Westminster de 1647 decretou o domingo como o “Sábado cristão” (cap. 23). Como conseqüência, em países de língua inglesa ainda há confusão entre os termos sábado e domingo.

IV. Os ASD e o Domingo. Ao advogar o sábado do sétimo dia, os ASD desde cedo têm dedicado considerável atenção à história do domingo, especialmente à evidência de que ele foi observado nos tempos do N.T., e que a mudança do sábado para o domingo veio gradualmente durante as eras cristãs primitivas, acompanhando a apostasia geral que alcançou seu clímax na formação da Igreja Católica Romana. Nas primeiras publicações, eles examinavam as poucas referências do N.T. ao primeiro dia da semana em considerável extensão e concluíram que carecem de evidência, seja para um mandamento

específico para observar o dia, seja para sua atual observância como um dia de repouso cristão (por exemplo **The Present Truth*, agosto de 1849) e discutiam o conceito de que o Papado é primariamente responsável pela adoração no domingo na igreja (*ibid.*, julho de 1849). A revista *The Present Truth* e as edições pioneiras da *Review and Herald* fizeram considerável uso de uma série de folhetos sobre o sábado publicados pelos Batistas do Sétimo Dia.

Eles também foram mais longe do que os Batistas do Sétimo Dia e relacionaram a idéia do domingo, como um falso sábado, com a terceira mensagem angélica de Apoc. 14:6-12 (Veja **Três Mensagens Angélicas**), e, dessa forma, olhavam em direção a um futuro reforço do domingo no lugar do sábado como um grande e final teste de obediência, pouco antes do Segundo Advento (Veja **Marca da Besta).** Veja também **Sábado; Semana.**

DONS DO ESPÍRITO. Veja **Dons Espirituais.**

DONS ESPIRITUAIS. Os dons do Espírito Santo mencionados em I Cor. 12:28 e Ef. 4:11. Como resumidos no último texto, são para apóstolos, profetas, evangelistas, Pastores e professores. Devem funcionar “para o aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho de seu serviço, para edificação do corpo de Cristo” (Efés. 4:12). A lista de Coríntios (omitindo Pastores) adiciona o seguinte: “*Milagres, depois dom de curar, socorros, governos, variedades de línguas”. Estes dons foram derramados sobre a igreja na *Ascensão de Cristo (Efés. 4:8, 11). Eram necessários na Igreja primitiva a fim de confirmar o testemunho dos primeiros apóstolos (Veja Heb. 2:4) e para prover direção e liderança nas congregações mais novas.

Ao discutir os dons espirituais, os ASD têm enfatizado o fato de que o *Espírito Santo continuará a operar na Igreja até o *Segundo

Advento, para que Ele possa usar qualquer dom a qualquer momento. Baseados em Apoc. 12:17 e Apoc. 19:10, os ASD têm defendido que o dom de profecia seria manifestado na *Igreja Remanescente.

Veja **Espírito de Profecia; Milagres.**

DORCAS, SOCIEDADE BENEFICENTE. Organização das mulheres ASD estabelecida para ministrar aos que estão enfermos e em necessidade. Sua obra e nome foram inspirados pela vida de Tabita, ou Dorcas (At. 9:36). A primeira sociedade (chamada "Dorcas e Associação Benevolente") foi formada em outubro de 1874, e desenvolveu-se de uma reunião de oração na casa da Sra. Henry Gardner em Battle Creek, Michigan. Oito mulheres tornaram-se membros registrados, e a Sra. Amadon (filha do primeiro presidente da Associação Geral, John Byington) foi a primeira presidente. Quando o Tabernáculo Dime (diga-se *dáim)* foi dedicado (1878), reuniões sociais eram realizadas na torre norte do Tabernáculo. As atividades incluíam: manufatura de roupa e provisão de alimento para famílias necessitadas, cuidado pelas viúvas, idosos e doentes. Este padrão foi seguido pelas outras igrejas na América e em outras terras. Com a organização do Departamento Missionário do Lar em 1913, a Sociedade de Dorcas submeteu-se à direção daquele departamento.

Todas as igrejas são estimuladas a organizar a Sociedade Beneficente Dorcas. Os oficiais locais incluem uma líder, que é membro da comissão da Igreja e trabalho missionário, e uma secretária-tesoureira. A participação é aberta a todas as idades e não está limitada somente a membros da Igreja.

*Objetivos e Serviços***.** O objetivo da Sociedade Beneficente Dorcas é ajudar as pessoas física e espiritualmente, no nome e no Espírito de Jesus. Sua preocupação é por cada caso de necessidade, sem levar em conta o credo, classe, nacionalidade ou origem étnica. A sociedade tenta suprir as necessidades urgentes não providas por outros meios. O reparo

e distribuição de boa roupa é uma especialidade; os excessos são enviados por navio através da ADRA (Assistência Social Adventista) para outros campos em necessidade. Em acréscimo aos serviços contínuos, ela realiza projetos ocasionais, tais como suprimento de calçados para crianças necessitadas e o envio de criança para a escola.

Cada Sociedade é encorajada a reservar pelo menos uma sala para ser usada como unidade de beneficência. Esta deveria prover espaço para trabalho e um lugar para depósito de suprimentos de emergência, inclusive a reserva de roupas, cobertores, alimento, etc., para o uso em um serviço em caso de desastres. Materiais e fundos são doados e o serviço é voluntário. Onde a igreja local opera um Centro Comunitário, a sociedade cumpre uma parte importante na força de execução. É um departamento mantido pela Igreja Adventista do 7º Dia.

Sociedade Dorcas no Brasil. Na residência da família Landon se reunia um grupo de senhoras que oravam pelos doentes e necessitados e faziam roupas para distribuir aos pobres. Mais tarde este trabalho chamou-se: **Dorcas**.

A família Landon veio dos Estados Unidos para o Brasil e, em 1930, foi organizada a Sociedade de Senhoras Adventistas na *IASD Central Paulistana, SP, sendo Maria Dias a primeira Diretora e *Rodolpho Belz o Pr. da Igreja.

Mais tarde o nome foi mudado para Sociedade Beneficente Adventista, depois para Sociedade Beneficente das Senhoras Adventistas.

Em 1951, foi organizada a Federação da Sociedade Beneficente Adventista “Dorcas”, em São Paulo, que é a integração de todas as Sociedades de Dorcas do Brasil. A primeira Diretora foi *Isolina Avelino Waldvogel e a Vice-Diretora Isaura Peixoto.

DOUTRINA DO HOMEM. O homem é a obra coroadora da *Criação, feito à imagem de *Deus na “aparência exterior e no caráter” (Gên. 1:26-27 *PP*, 28; *GC*, 650). Crendo na Criação, os ASD rejeitam a teoria de que o homem evoluiu em graus lentos de formas inferiores de vida. Defendem que a filosofia evolutiva, “inferioriza a grande obra do Criador ao nível das tacanhas concepções humanas” e que os evolucionistas “degradam ao homem e o defraudam da dignidade de sua nobre origem”. (*PP*, 28, 29).

Em seu estado original, o homem possuía a possibilidade de uma vida infinita e contínuo progresso. Sua tendência natural era viver em harmonia com a vontade do Criador e Seu propósito para ele. Mas o homem caiu de seu elevado estado e tornou-se mortal e pecador. Desde então, sua tendência natural é contrária à vontade e propósito de Deus para ele. Jesus Cristo veio para restaurar o que se tinha perdido como resultado do pecado (Luc. 19:10). Em Seu primeiro *Advento, Cristo proveu restauração do caráter do homem; e na Sua *Segunda Vinda, Ele derramará sobre aqueles cujo caráter foi transformado o do dom da imortalidade e o privilégio de mais uma vez viver na presença divina.

George Storrs, bem conhecido pregador *Milerita, advogava a doutrina da “Mortalidade do homem” entre os seus colegas Mileritas, embora não tenha-se tornado posição de importância entre eles depois de 1844. Cedo em sua história, os ASD adotaram a posição de que o homem, quando foi criado recebeu a oportunidade de viver para sempre, mas o pecado o tornou mortal (Veja **Morte**).

A edição de 26/09/1854 da **Review and Herald* publicou uma carta de *John Byington de Buck’s Bridge (perto de Postdam), Nova Iorque, que mais tarde se tornaria o primeiro presidente da *Associação Geral da IASD. Nela, ele descreveu uma conversação com um homem a respeito da questão do *Espiritismo, se era de Satanás ou não. Esta carta contém um bom resumo do que deveria se tornar a posição ASD sobre a *Natureza do Homem e de seu destino:

> Deus foi infinitamente santo e feliz e seria benevolente e bom de Sua parte, fazer um ser capaz de gozar esta bênção. Esta bondade foi manifesta ao criar o homem à Sua própria imagem, capaz de conhecer e manter comunhão com o Seu Deus. Mas sendo um ser criado e dependente, era razoável que ele devesse estar sob o governo de Seu Criador; portanto Ele lhe deu Sua *Lei que abrangia tudo concernente a Ele. A lei dada a um ser possuidor de liberdade e inteligência, contém poder para obedecer ou desobedecer. À sua existência, portanto, está ligado o encerramento da graça; e isto deduz um dia de acertos de conta, ou dia de juízo.

Aqui, Byington liga a imagem de Deus com o “ser capaz de conhecer e manter comunhão com Deus”, e afirma que o homem foi dotado de *Livre arbítrio para “obedecer ou desobedecer.” A carta termina com uma descrição típica do estado final e bendito que o homem deve gozar:

> O Diabo e todas as suas obras terão uma destruição completa. A maldição é agora removida da Terra, e Deus tem um Universo imaculado e uma raça de seres inteligentes que para sempre O glorificarão e O adorarão; o que nunca teria ocorrido caso não tivesse sido criado o homem (*ibid.*)

Os ASD crêem que o homem herdou uma natureza pecaminosa com propensão ao pecado, e seus escritos ou rejeitam ou deixam de enfatizar a idéia de que o homem herda a culpabilidade da transgressão de Adão.

O ASD ressaltam que o conceito de que o homem é uma combinação de corpo mortal e alma imortal surgiu de especulações de filósofos pagãos, e é contrário aos ensinos da Bíblia. Uma carta de R. F.

Cotrell ao *Sabbath Recorder* (Batista do Sétimo dia) citada na *Review and Herald* de 22 de novembro de 1853 declara:

> Os romanos tinham as doutrinas do purgatório e da imortalidade da alma, antes de terem sequer ouvido de religião. Os que duvidam disto, precisam somente consultar Virgílio e outros escritores antigos. ... Sabemos que os filósofos pagãos ensinavam, há muito tempo atrás, a imortalidade da alma. Não posso dizer positivamente, mas, provavelmente, era ensinada há tanto tempo, que remonta aos dias de Salomão (p. 157).

Os ASD rejeitam a opinião de que o homem é mera ou simplesmente um animal. Isto é mostrado por sua vigorosa oposição aos pontos de vista de Darwin sobre a descendência do homem que, como já declarado, degrada o homem que foi criado à imagem de Deus. Eles não crêem que o homem difira de animais por ter um corpo mais altamente organizado. Sobre a questão de ser o homem material ou espiritual, os ASD diriam que, em linguagem simples ele é ambas as coisas. Sua inteligência e consciência não são geralmente entendidas como funções materiais, e os ASD nunca ensinaram que fossem tão rotuladas. Estas funções são algumas vezes chamadas de espirituais e os ASD entendem e aceitam esse adjetivo nesse sentido. Os ASD não igualam os termos Bíblicos *Alma e *Espírito com o conceito metafísico de espírito, insistindo que este conceito técnico é estranho ao N.T. e ao A.T. e pertence ao âmbito da filosofia especulativa mais do que à Teologia Bíblica.

O desejo de impor a metafísica (forma material) Aristoteliana sobre declarações escriturísticas a respeito do homem não é compartilhada pelos ASD. Eles preferem manter o uso bíblico.

As palavras "espírito" e "alma" são usadas na Bíblia com diferentes significados e em muitos contextos escriturísticos diferentes.

Ao usarem termos Bíblicos, os ASD preferem limitar-se aos significados claramente pretendidos nestas passagens, nenhum dos quais sequer fala de "imortalidade" como sendo possessão natural do homem.

A controvérsia filosófica sobre mente-corpo e matéria-espírito, que ensina que o corpo ou a matéria são maus, e a mente e o espírito são bons é estranha ao ensino geral das Escrituras. De acordo com a Bíblia, Deus é o Criador de todas as coisas e Ele chamou a todas as coisas de "boas". Essas boas coisas podem ser usadas para maus propósitos, porém, porque o homem, que recebeu domínio sobre a criação, também recebeu o poder da escolha. Desta maneira, por sua própria escolha, o seu corpo material e seu intelecto espiritual ou consciência caíram sob o domínio do pecado.

DOUTRINAS ASD. Veja **Declarações Doutrinárias da IASD** e nomes de doutrinas específicas.

DRAGÃO DO APOCALIPSE. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

DUAS LEIS. Veja **Lei.**

DUAS MIL E TREZENTAS TARDES E MANHÃS. Representam 2.300 dias proféticos. Baseando-se no princípio dia-ano, estes 2.300 dias representam anos literais. De acordo com Dan. 8:9-14, este foi um período em cujo término o *Santuário deveria ser "purificado". Os ASD entendem que as 70 semanas (490 anos literais) de Dan. 9:24-27 deveriam se iniciar simultaneamente com a saída do decreto para a restauração de Jerusalém" (v. 25). Três destes decretos foram editados pelos reis Persas Ciro, Dario e Artaxerxes respectivamente (Esd. 6:14). Por terem sido os dois primeiros decretos parcialmente executados — como a necessidade para um segundo e um terceiro indica — o terceiro decreto, editado por Artaxerxes, é tomado como sendo aquele especificado em Dan. 9:25. Sendo 457 a.C. a data de início, os 2.300 dias se estendem a 1844 A.D. Foi esta data que muitos

estudiosos, inclusive *Guilherme Miller e mais tarde os ASD, apontaram como cumprimento do cap. 8:14.

Interpretação. O cômputo ASD dos 2.300 dias de Dan. 8:14 como 2.300 anos foi herdado diretamente do *Movimento Milerita e indiretamente de escritores anteriores da escola historicista de interpretação profética, que é caracterizada pelo uso do princípio dia-ano. Outras escolas de interpretação têm visto este período como 2.300 "tardes e manhãs" de profanação do templo Judaico, por Antíoco no passado ou por um anticristo pessoal no futuro.

Muitos escritores historicistas das profecias em vários países anteciparam Guilherme Miller no cômputo das 2.300 dias como anos, começando no ponto inicial das 70 semanas. Vários deles chegaram a aproximadamente à mesma data de Miller.

1. *Cronologia de Petri a Miller***.** Em 1768, Johann Petri, um Pastor Reformado da região de Frankfurt, Alemanha, escreveu que os 2.300 dias, ou anos, e as 70 semanas (490 anos) deveriam ser computados como se iniciando conjuntivamente. Ele computou os 2.300 anos desde 453 a.C. até 1847 A.D., e situou a crucifixão no meio da septuagésima semana (Dan. 9:27) e o *Segundo Advento no fim dos 2.300 anos, prolongando-se até o *Milênio. Meio século mais tarde, os expositores começaram a datar o período de modo similar, desde 457 a.C. a 1843 ou 1844 A.D., ou 453 a.C. até 1847 A.D.; outros usaram datas diferentes, algumas se encerrando em 1866 ou 1867. O número 1847 era em muitos (por exemplo, para Petri), virtualmente equivalente a 1843 por ser datado desde o nascimento de Cristo que ocorrera em 4 a.C. pela então popular cronologia de Ussher.

Em *Prophetic Faith of Our Fathers* (Fé Profética de Nossos Pais), volume 4, L. E. Froom lista mais ou menos 35 escritores entre 1810 e 1844 que encerraram o período em 1843 ou 1844, a maioria deles na Inglaterra, mas incluindo alguns da Escócia, Irlanda, Alemanha, e nos

Estados Unidos; aproximadamente 25 olhavam para 1847 (cinco deles usando um pretenso período de 2.400 anos), escrevendo na Inglaterra, Alemanha, Índia, Canadá, e México. Nem todos estes consideravam as 70 semanas dos que punham o final dos 2.300 anos em 1840 calculavam outros períodos proféticos, tais como 1.290 e 1.335 anos, além dos 2.300 anos a datas tais como 1877 e 1922. Porém, quanto aos 2.300 anos, houve uma grande epidemia por computar o período como se encerrando na década de 1840, e a maioria dos escritores chegaram à data computando as 70 semanas como se encerrando no tempo de Cristo.

Guilherme Miller chegou a essa expectativa do Segundo Advento em 1843, principalmente em seu cômputo dos 2.300 anos. Ele simplesmente aceitou, sem questionar, a data de 33 A.D. (data para a crucifixão dada na margem de sua Bíblia KJV) como o fim das 70 semanas, que ele considerou como os 490 primeiros anos do período de 2.300 anos. Então, raciocinou ele, o resto do período mais longo se prolongaria 1810 anos além daquele (2.300 - 490 = 1810), e 33 A.D. + 1810 = 1843.

Semelhantemente, contando-se para trás do ano 33 A.D. o fim das 70 semanas, ele calculou que este período de 490 começou em 457 a.C. (ele simplesmente subtraiu: 490 - 33 = 457).

Posteriormente, ele achou o número "457 a.C." na margem de Esd. 7 como a data para o retorno de Esdras a Jerusalém sob o decreto do sétimo ano de Artaxerxes, para restaurar a nação de Judá sob a legislação judaica. Este decreto, Miller igualou à "ordem para reconstruir Jerusalém" (Dan. 9:25) quando as 70 semanas deveriam se iniciar. Posteriormente, ele poderia ver que 457 anos antes de Cristo somados aos 1843 anos depois de Cristo totalizariam 2.300 anos.

Estas duas datas (457 a.C. e 33 A.D.) na margem das Bíblias inglesas, derivadas da cronologia do arcebispo Ussher que era geralmente aceita como autoridade pelos teólogos daqueles dias,

pareciam a Miller, como aos outros anteriores a ele, tornar o cômputo óbvio e incontestável.

A equação de Miller 457 + 1843 = 2.300, como a equação de Petri 453 + 1847 = 2.300, ignorava uma diferença de um ano ao computar datas de a.C. e A.D. Este erro deveria ser corrigido mais tarde por alguns dos colegas de Miller (Veja seção 3 abaixo).

2. *Eventos do Fim dos 2.300 anos***.** Houve relativamente pouca discussão sobre a data inicial, o decreto do sétimo ano de Artaxerxes, mas houve uma variedade de expectativas entre os expositores a respeito da purificação que deveria ocorrer no fim dos 2.300 anos. Este evento tinha sido interpretado variadamente pelos precursores de Miller como a purificação da Igreja, a libertação da Palestina da mão dos Muçulmanos, o fim do Papado ou do Islamismo, o início do milênio, a restauração do verdadeiro culto ou, em alguns casos, o retorno de Cristo para estabelecer um reino sobre a terra. (Petri, por exemplo, esperava o fim da abominação na igreja e a vinda de Cristo para estabelecer Seu reino e iniciar o milênio.) Miller defendia que a purificação do Santuário era a purificação do templo das pedras vivas — o povo de Deus — mediante a primeira ressurreição no Segundo Advento; mais tarde e incluiu a purificação da Palestina (o lugar do Santuário de Deus) e da terra toda nas chamas finais. Esta furiosa purificação, defendia ele, destruiria o último traço de pecado e purificaria a terra da introdução do reino de Deus, que duraria não meramente 1.000 anos, mas toda a eternidade.

A posição Milerita diferia de todo o resto ao igualar o fim dos 2.300 dias ao fechamento da porta da graça, o fim deste mundo com seus habitantes pecaminosos e mortais e a inauguração do reino eterno de santos glorificados e da terra renovada.

Veja **Movimento Milerita**, **III**.

3. *Revisão Milerita de 1843 a 1844***.** Miller chegou a definir seu “aproximadamente 1843” como o “ano judaico de 1843”, que ele achava

se estender de equinócio a equinócio, 21 de março de 1843 a 21 de março de 1844. Porém, iniciando-se em 1843, alguns de seus colegas, especialmente Hale, Bliss, Litch e outros começaram a computar o "ano judaico de 1843" pelo calendário judaico lunar. Eles o consideraram encerrado (de acordo com o cômputo originalmente usado pelos judeus Caraítas) um mês depois do calendário judaico moderno, com a lua nova de abril de 1844. Um editorial, possivelmente de Bliss (*Signs of The Times*, 21/06/1843), discute isto e também introduz a idéia de que o ano de 1843 de Miller é somente o 2.300º ano e 33 A.D., o 490º ano) desde 457 a.C., e que as 70 semanas e os 2.300 anos realmente se encerraram em 34 A.D. e 1844 A.D., respectivamente. Mas somente posteriormente que foi explicado porque o cômputo da simples subtração 2.300 - 457 = 1843 tinha um ano a menos.

Na primavera de 1843 vários artigos em jornais Mileritas ressaltavam que os 2.300 anos completos, começando em qualquer tempo em 457 a.C. se estenderia ao mesmo ponto em A.D. 1844 não em 1843. A explicação era que os 2.300 anos requereriam 457 anos completos antes de Cristo, mais 1843 completos anos depois de Cristo, que, se contados do início de 457 a.C., continuariam até o fim do ano 1843 A.D.; portanto, se o período se iniciou em qualquer época após o início em 457 a.C., este não acabaria até o mesmo ponto após o final de 1843, isto é, em 1844.

(A razão para isto é que a data histórica, o ano precedendo imediatamente 1 A.D. é chamado de 1 A.C., não há ano zero; Veja *SDABC*, vol. 1, 178).

Mas, já em fevereiro de 1844, Samuel Snow escreveu um artigo usando este cômputo de 2.300 anos completos desde 457 A.C. (desde o outono, de acordo com sua opinião). Portanto ele chegou à conclusão de que o Segundo Advento não deveria ser aguardado até o outono de 1844, e que a 69ª semana se encerrasse no outono de 27 A.D. (*The Midnight Cry*, 22/02/1844). Pouca atenção foi dada a essa nova

expectativa até o verão, em meados do qual ele expandiu sua explicação e chegou à data definida: 22 de outubro.

4. *Revisão das Setentas Semanas*. Miller considerou o fim das 70 semanas com a crucifixão em 33 A.D., mas já pelo ano de 1843, houve discussão sobre a idéia de que a cruz estava "no meio" da 70ª semana, e autores eram procurados pela citação da crucifixão da crucifixão no ano de 31 A.D. (Veja Bliss, *Signs of the Times*, 6/12/1843). Agora, em 1844, a correção do erro na subtração levou não somente ao final dos 2.300 dias em 1844 em vez de em 1843 mas também à adoção de várias novas posições sobre as 70 semanas:

(1) que as 70 semanas, ou 490 anos, encerraram-se em 34 A.D., não em 33 A.D.;

(2) que a crucifixão ocorreu não no final e sim no meio (Dan. 9:27) da 70ª semana, 3½ anos antes do fim — isto é, em 31 A.D. (data baseada em *New Analysis of Chronology*, de William Hales), e que a unção de Cristo (em Seu batismo) no fim da 69ª semana deixaria 3½ anos de Seu ministério antes do "meio" da semana;

(3) que a 70ª semana, terminando 3½ anos mais tarde do que a crucifixão, que ocorreu na primavera (na Páscoa), teria então terminado no outono de 34 A.D.

(4) que conseqüentemente os pontos principais da 70ª semana poderiam ser delineados em tempos específicos; 27 no outono (batismo de Cristo) 31 na primavera (a crucifixão após o ministério de 3½ anos), e 34 no outono (o fim do período de sete anos distribuídos "para confirmar o concerto" por Cristo e, depois dEle, pelos apóstolos).

Isto concedeu certeza à conclusão final de que os 2.300 anos iniciando-se simultaneamente também se encerrariam no fim de um tempo específico —

o outono de 1844. Desta forma, mesmo que o ano de Miller 1843/44 se tivesse encerrado na primavera, o fim ainda deveria ser esperado.

Este fim no outono veio a ser determinado ao décimo dia do sétimo mês judaico como o dia próprio para a purificação antitípica do Santuário e a data foi calculada em 22 de outubro, fixada de acordo com o calendário Caraíta. A pregação desta data resultou no "movimento do sétimo mês," que culminou na expectação do retorno de Cristo naquele dia, e no Grande Desapontamento (Veja **Movimento Milerita, II**). Mas Miller nunca marcou essa data específica, tendo-a aceitado somente algumas semanas antes de ele chegar.

5. *Interpretação ASD do Cumprimento Esperado.* Com a passagem de 22 de outubro, a maioria dos ASD concluiu que sua cronologia continha erros, e progressivamente durante os próximos anos, datas posteriores para o fim dos 2.300 dias foram propostas por outros grupos. Mas uma considerável minoria defendia que o erro não estava na contagem do período e sim na interpretação do evento final a ser esperado. Entre estes estava uma mais resumida minoria, os grupos que formaram o núcleo da futura organização Adventista do Sétimo Dia (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia**). Mantendo a cronologia Milerita dos 2.300 anos como revisados em 1844, isto é, computados do outono de 457 a.C. até o outono de 1844 A.D., eles explicavam a purificação do Santuário, em termos do dia antitípico da Expiação, representando a fase final na obra sacerdotal de Cristo "nos céus" como ministro do Santuário e o verdadeiro tabernáculo" (Heb. 8:1-2), fase que vieram a definir como o "*Juízo Investigativo."

EBINGER, ADELA MARTHA (1901-1983).

Nasceu em 1901, no Estado de Santa Catarina. Filha do casal Ida e *Ernesto Bergold.

Casou-se com o Pr. Guilherme Ebinger. Desta união nasceram os filhos: Arlindo e Ruth. Antes de casar-se foi professora e dentista. Após o casamento compartilhou das atividades do esposo durante 57 anos.

Faleceu no dia 02 de julho de 1983, aos 82 anos de idade, em Santa Maria, RS.

ECUMENISMO. Movimento que tem por objetivo unir as igrejas em uma ação unificada e eventualmente em uma união orgânica; do grego, *oikoumene*, "mundo habitado", "o mundo inteiro", "universal". *Oikoumene* ocorre 15 vezes no N.T., como por exemplo, em Lucas 2:1 sobre o extenso censo Romano mencionado em Mat. 24:14, a respeito da extensão mundial da pregação do Evangelho. Hoje, entre os Protestantes, o ecumenismo se refere à federação de denominações autônomas. Durante o século XIX, os esforços pelo ecumenismo protestante começaram a focalizar sobre o serviço social e as missões estrangeiras, através de organizações tais como a YMCA (Fundada em Londres em 1844), a Aliança Evangélica (formada em Londres em 1846), e o Concílio Federal de Igrejas (na América em 1900). A Associação Missionária Mundial em Edinburgh, Escócia, em 1910, é freqüentemente referida como o primeiro passo importante no movimento ecumênico. Também significativo foi o Concílio Missionário Mundial, realizado em Jerusalém em 1928, e em Madrasta em 1938. Desde aquele tempo, o ecumenismo focalizou o mesmo assunto. Uma de tais conferências, o Movimento de Fé e Ordem, realizou-se em Lausanne, Suíça, em 1927 e em Edinburgh, em 1937. Outro movimento, conhecido como Vida e Serviço, foi patrocinado desde 1920 por Nathan Söderblon, Arcebispo Luterano de Uppsala, Suécia. Conferências do movimento Vida e Serviço foram realizadas em Estocolmo, Suécia, em 1925, e em Oxford, Inglaterra, em 1937. A

cooperação ecumênica para a Juventude cristã foi considerada em Oslo (1947), que foi seguido por uma série de Conferências mundiais da Juventude Cristã e pelo Concílio Mundial para Educação Cristã.

A coluna central do esforço ecumênico formou-se com a criação do Concílio Mundial de Igrejas (CMI), em Amsterdã (1948). O CMI reuniu-se novamente em Evanston, Illinois, em 1954. O único requisito para a admissão no Concílio Mundial era a aceitação de "Nosso Senhor *Jesus Cristo como *Deus e Salvador".

Na reunião do Concílio em Nova Delhi, no ano de 1962, estavam delegados de 197 Igrejas, representando 300 milhões de cristãos em 90 países. A Igreja Ortodoxa Grega já era membro do Concílio, e a Igreja Ortodoxa Russa, com 50 milhões de membros, foi admitida no Concílio. O requisito original foi aumentado para o seguinte:

> O Concílio Mundial de Igrejas é uma comunidade de Igrejas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Santas Escrituras e, portanto, procuram cumprir juntamente seu chamado comum para a glória de um Deus, o Pai, Filho e *Espírito Santo.

Essa mudança foi necessária a fim de incorporar a Igreja Ortodoxa Russa. Muitas Igrejas protestantes não são membros do Concílio Mundial. A Igreja Católica apontou observadores para assistir a reunião de Nova Delhi, sendo esse o primeiro gesto ecumênico oficial da espécie da parte do Vaticano, embora observadores Católicos Romanos tenham assistido a maioria das reuniões ecumênicas desde a reunião de Edinburgh em 1937.

Muitos protestantes duvidam que a unidade orgânica seja possível sem a unidade teológica, e temem que a tentativa de apresentar uma mensagem unificada ao mundo sob tais circunstâncias seja contrária ao conceito Protestante da interpretação individual das Escrituras. O Ecumenismo não tem o apoio dos leigos, porém, o movimento

ecumênico está trazendo gradualmente as igrejas à união formal bem como em uma ação menos formal e mais unida através de tais organizações, como o Concílio Mundial e Nacional de Igrejas.

Antigamente, dissociada de assuntos ecumênicos, a Igreja Católica Romana começou a ter interesse ativo no movimento ecumênico em ligação com o Concílio do Vaticano II, sob a direção do Papa João XXIII, que apontou um secretariado para a Promoção da Unidade Cristã a fim de promover relações mais íntimas com as Igrejas não-católicas. Mediante este secretariado, foram feitos arranjos para que os observadores protestantes assistissem ao Concílio e para que expressassem suas opiniões sobre questões perante o concílio. Um decreto promulgado pela Sessão III do concílio intitulado: “Sobre Unidade Cristã”, delineou a abordagem católica ao problema. Em 1965, o Concílio Mundial das Igrejas apontou um grupo para entrar em um diálogo formal de interesse mútuo e preocupações, com um grupo similar para ser apontado pelo Secretariado para a Promoção da Unidade Cristã.

Porém, um porta-voz Católico importante tornou claro que as concessões católicas para facilitar a unidade não podem alterar o magistério (autoridade para ensinar da Igreja). Portanto, a aproximação eventual entre o Protestantismo e o Catolicismo envolverão a entrega do Protestantismo à doutrina e autoridade da Igreja Católica Romana. As muitas e abrangentes concessões que a Igreja Católica Romana está querendo fazer a fim de realizar a reunião da Cristandade afetarão apenas assuntos de procedimento, não fatores substantivos essenciais da Igreja Católica Romana.

Sobre a base da profecia Bíblica e dos escritos de *Ellen G. White (Veja **White, Ellen Gould Escritos de)**, os ASD antecipam o eventual sucesso do movimento ecumênico, eliminando as divisões do Protestantismo e reunindo a Cristandade, sobrepondo abismo que separa as comunidades não católicas de Roma. O movimento ecumênico se

tornará então um esforço concentrado para unir o mundo e assegurar a paz e segurança universal, reunindo o poder do governo civil em uma cruzada político-religiosa a fim de eliminar os dissidentes. Os ASD prevêem esta cruzada como a grande *Apostasia, à qual João, o Revelador, refere-se como "*Babilônia — a grande". Entendem, também, que a última mensagem de misericórdia de Deus para o mundo, antes do retorno de Cristo em poder e glória, consistirá em uma advertência contra este grande movimento apóstata, e um chamado a todos que escolherem permanecer leais a Ele para deixarem as Igrejas ligadas à ele. Veja Apoc. 13:15-17; 14:6-11; 16:12-14; 17:1-6; 18:1-4; *GC*, 443, 444, 445, 578, 579, 592, 593, 594, 620, 621.

F. D. Nichol, editor da *Review and Herald*, resumiu a decisão ASD em relação ao movimento ecumênico desta forma:

> Concordamos sinceramente com o Concílio Mundial e seus líderes de que as divisões infindáveis na Cristandade são uma tragédia. De igual modo, devemos concordar que seja louvável buscar remover estas divisões e desta maneira produzir unidade. Até aí podemos concordar com eles em suas considerações.
>
> Duvidamos da sabedoria do método que estão usando para assegurar a unidade. E discordamos da suposição que expresse seu pensamento; isto é, que se vários corpos religiosos ajustarem seu governo e doutrinas aqui e ali poderão ser adequados em conjunto harmoniosamente. Cremos que a verdadeira unidade é possível apenas nos termos da verdade bíblica, e que qualquer unidade abaixo disto é uma decepção. ... A verdadeira *Igreja de Deus no mundo deve distinguir-se primeiramente e sobretudo por

> sua devoção à vontade revelada de Deus como é encontrada nas Escrituras. (*RH*, 23/09/1954).

Em um editorial intitulado *"Porque Não Podemos Nos Unir"* (*ibid.*, 18 de março de 1965), Nichol explicou porque os ASD recusam participar em tais organizações como o Concílio Nacional de Igrejas:

> No coração do movimento ecumênico está a política de amenizar o que os participantes não podem harmonizar. De que maneira poderia tal movimento ganhar coesão ou progredir? No coração do *Movimento do Advento está a convicção de que deveríamos enfatizar nossas doutrinas distintivas. ... Na realidade, defendemos certas doutrinas cristãs básicas e primordiais em comum com todos os outros cristãos, mas nunca nos esqueçamos de que não são nossos pontos teológicos de concordância, mas nossos pontos de diferença, que justificam nossa existência como um povo separado. E é somente mantendo estes pontos de diferença claros que nos protegemos da queda das fronteiras do Adventismo em um mundo desordenado.

A atitude de uma pessoa para com o ecumenismo será determinada por seu conceito da natureza da Igreja. Os ASD crêem que todos os sinceros cristãos, de qualquer comunidade, constituem a igreja invisível. Mas crêem também que a IASD recebeu uma mensagem especial para o mundo nesta geração — a mensagem do Cristo vindouro de forma pessoal, visível, retornando à Terra, em poder e glória, para estabelecer Seu Reino Universal, justo, eterno; e a preparação para este evento — e que, eventualmente, os cristãos sinceros de todas as partes reconhecerão a validade desta mensagem e da IASD como sendo o remanescente de Deus. Os ASD recebem com agrado a fraternidade com outras igrejas, mas crêem que a mensagem da qual foram imbuídos é

para o mundo inteiro, e que a proclamação desta mensagem não é compatível com a participação no Concílio Mundial de Igrejas. Além disso, em vista de sua convicção de que a mensagem que têm a dar deve atingir todo o mundo, não poderiam aceitar a limitação de uma área para seu trabalho missionário. Lamentam que seu senso de missão mundial torna a participação no Concílio Mundial de Igrejas (ou Nacional) impraticável. Porém, os ASD buscam trabalhar em conjunto com outros cristãos com qualquer método que não envolva um comprometimento do que eles entendam ser sua missão como um povo.

EDIFÍCIOS DA IGREJA. Em sua história, os ASD erigiram vários tipos edifícios de Igreja. A primeira Igreja em que um grupo de Adventistas se tornaram guardadores do *Sábado, em 1844, foi construída em 1842 ou 1843 pelos irmãos cristãos de Washington, New Hampshire (Um grupo de 15 organizou a IASD lá em 1862, mas foi muitos anos antes que IASD tivesse total posse do edifício).

Esta Igreja tem uma estrutura simples e retangular de 9 x 12m, feita de madeira e com um teto de duas águas. Há duas entradas separadas na frente, que levam a um pequeno vestíbulo, do qual mais duas portas dirigem para a Igreja e uma estreita escada leva até uma pequena galeria. As paredes interiores são revestidas com gesso e há uma série de vidraças dos dois lados, uma das quais permite ver o cemitério da Igreja, a mais ou menos 22 metros de distância. A Igreja comporta 120 pessoas sentadas.

Este simples estilo de arquitetura é típico de muitos edifícios de Igrejas adventistas pioneiras. Até mesmo em Battle Creek, Michigan, onde os Adventistas estavam em maior número, os primeiros três edifícios da Igreja, construídos em 1855, 1857 e 1866, e o primeiro edifício da *Review and Herald* foram todos construídos no mesmo estilo arquitetônicos da *IASD de Washington, New Hampshire.

A grande Igreja Central de Battle Creek, chamada de *Tabernáculo Dime, construído em 1879, foi acabado exteriormente com tijolo embutido em uma estrutura de madeira. Havia uma alta torre, uma galeria e um porão. Partes móveis no auditório principal permitiam o fechamento de certas seções para salas de reuniões quando o edifício era usado para Sessões da Associação Geral. Havia quatro entradas, uma em cada canto. O edifício, 39m de comprimento por 31,5 m, continha 3.200 assentos. Pegou fogo em 1922, e foi substituído por um grande edifício de tijolos leves numa esquina, de desenho modesto, mas digno.

Os ASD nunca desenvolveram um estilo distintivo de arquitetura. De fato, a variedade no estilo e desenho está em voga nas Igrejas, edifícios educacionais, sanatórios, casas publicadoras e edifícios para Associações. Porém, os edifícios mais novos são muito mais funcionais do que seus protótipos anteriores. As Igrejas maiores são desenhadas para cuidar não somente do espiritual mas também pelas necessidades sociais e educacionais de seus membros. Tais edifícios são equipados com conveniências modernas tais como batistérios, com água aquecida; ar condicionado; sistemas acústicos para que todos ouçam o pregador; salas com separação de vidro e anti-ruído (berçários), para que mães com crianças pequenas possam ver e ouvir os cultos; salas separadas de *Escola Sabatina; escritórios para o *Pastor e para o tesoureiro; talvez bibliotecas e salas auxiliares com cozinhas para aulas e culinária ou ocasiões sociais; e, em alguns casos, salas para escolas elementares e *Sociedade Beneficente Dorcas para atividades sociais da Igreja.

O edifício pode ser feito de pedra, em estilo neo-gótico simplificado, com teto abobadado. Em vários países a arquitetura institucional é determinada grandemente por meios disponíveis, o clima e os métodos de construção de cada país, variando da mais simples forma de telhado e bambu, a tijolo queimado no sol, com estrutura ou só rebocada; e na Europa, tijolo ou pedra de padrão tradicional até o moderno, tendo a cruz como parte do desenho. As crenças da Igreja são

refletidas em certas características de seus edifícios, tais como ausência de altares e a presença de tanques batismais para a *Imersão.

EDITORAS ASD. Publicadoras oficiais da denominação, que produzem os vários livros, revistas, folhetos e outras formas de publicação usados pelas igrejas e vendidos pelos colportores. Uma cadeia de casas publicadoras ASD opera ao redor do mundo sob uma política geral, ainda que cada uma seja um corpo separado, dirigido por seu único comitê de diretores. As 57 casas publicadoras, em 1992 empregando 2.212 empregados publicando 295 periódicos, têm uma parte muito importante no avanço dos interesses da obra de publicações ao redor do mundo.

Estados Unidos Review and Herald Publishing Association, Washington, D. C. 1849
Estados Unidos Pacific Press Publishing Association, Boise, Idaho, Mountain View, California.....1875
Noruega Norsk Bokforlag, Oslo, Noruega...1879
França Maison d'Edition “Les Signes des Temps,” Dammarie-les-Lys, França 1885
Austrália Signs Publishing Company, Warburton, Victoria, Austrália...1886
Suécia Skandinavia Bökforlaget, Estocolmo, Suécia ...1886
Inglaterra Stanborough Press Limited Grant Ham, Lincolnshire, Inglaterra ... 1889
Alemanha Advent-Verlag GmbH, Hamburg, Alemanha...1889
Alemanha Saatkorn-Verlag GmbH, Hamburg, Alemanha...1895
Canadá Kingsway Publishing Association, Oshawa, Ontario, Canadá ... 1895
Argentina Casa Editora Sudamericana, Buenos Aires, Argentina 1897
Finlândia Kustannusliike Kirjatoimi, Tampere, Finlândia ...1897

Índia Oriental Watchman Publishing House, Poona, Índia...1898
Estados Unidos Christian Record Braille Foundation, Inc., Lincoln, Nebraska 1899
Estados Unidos Southern Publishing Association, Nashville, Tennessee 1901
Brasil Casa Publicadora Brasileira, São Paulo, Brasil...1905
Dinamarca Dansk Bokforlag, Copenhagen, Dinamarca...1903
Japão Fukuinsha, Yokohoma, Japão...1899
Coréia do Sul Shi Jo Sa, Seoul, Coréia do Sul...1909
Romênia Adventist Review Publishing House, Bucareste, Romênia 1910
Quênia Casa Publicadora da África Ocidental, Kendu Bay, Quênia 1913
Filipinas Casa Publicadora Filipina, Manila, Filipinas (Cidade de Caloocan) ... 1914
Espanha Editorial Española, Madrid, Espanha...1915
África do Sul Sentinel Publishing Association, Cidade do Cabo, África do Sul ... 1916
Singapura Malaysian Sign Press, Singapura...1917
Singapura Nangyang Shi-zhao Bao-guan, Singapura...1919
Polônia Chrzescijanski Instytut Wydawniczy Znaki Czasu, Varsóvia, Polônia 1921
África Ocidental Africa Herald Publishing House, Quênia, África Ocidental 1923
Portugal Publicadora Atlântico, S.A.R.L, Lisboa, Portugal...1924
Itália Casa Editrice “L'Araldo della Verita,” Florença, Itália ... 1926
Malawi Malamulo Publishing House, Makwasa, Malawi...1927
Suíça Advent-Verlag, Zurique, Suíça...1929
Indonésia Percetakan Advent Indonesia, Bandung, Java, Inodonésia 1929
Grécia Ekdotikos Oikos Pharos tis Ellados, Atenas, Grécia...1930
Madagascar Librairie-Imprimiere Adventiste, Tananarive, Madagascar 1930

Islândia Bokaforlag Adventista a Islandi, Reykjavik, Islândia...1932
Ghana Advent Presse, Accra, Ghana...1934
Angola Casa Publicadora Angolana, Nova Lisboa, Angola, África Portuguesa Ocidental...1937
Vietnã Thòi-Triêu Ãn-Quán, Saigon, Vietnã...1939
Países Baixos Boekenhuis “Vitgueverijs Veritas,” The Hague, Países Baixos ... 1940
Líbano Middle East Press, Beirute, Líbano e Nicósia, Chipre..1947
Áustria Wegweiser-Verlag, Gesellschaft, Viena, Áustria...1948
Burma Kinsaung Press, Rangoon, Burma....1949
Mianmar Kinsaung Publishing House, Yangon, Mianmar...1949
Espanha Editorial Safeliz, S.L., Madrid, Espanha....1952
Camarões Imprimiere Adventiste, Yaoundé, República Federativa de Camarões ... 1954
Alem. Oriental Associação Publicadora da União da República Democrática Berlim, Alemanha Ocidental...1954
Etiópia Ethiopian Adven Press, Addis Abeba, Etiópia...1955
Taiwan Shih Ch'ao Ch'u Pan She, Taipei, Taiwan...1956
Tailândia Thailand Publishing House, Bangcoc, Tailândia...1963
Moçambique Livraria do Lar, Lourenço Marques, Moçambique...1963
Bélgica Belgian-Flemish Publishing House, Bruxelas, Bélgica1966
Iugoslávia Adventisticka Knjira “Preporod” Belgrado, Iugoslávia1967
Tchecoslováquia Publikacni Oddeleni Cirkev Advenstistu, Praga, Tchecoslováquia...1968
Fiji Rarama Publishing House, Suva, Fiji...1969
Sri Lanka Lakpahana Press of the Seventh Day Adventists, Nunegoda, Sri Lanka...1970
Ceilão Casa Publicadora do Ceilão, Angola, Sri Lanka...1970

Paquistão Qasid Publishing House, Lahore, Paquistão...1971
Peru Asociación Casa Editora Sudamericana Filial de Peru, Lima, Peru ... 1972
Tanzânia Tanzania Adventist Press, Morogoro, Tanzânia...1974
Bangladesh Bangladesh Adventist Publishing House, Bangladesh..1977
Estados Unidos Asociación Publicadora Interamericana Miami, Flórida 1983
Rússia Casa Publicadora Adventista na Rússia, Zaokski, Tula, Rússia ... 1991

EDSON, HIRAM (1806-1882). Leigo (mais tarde ordenado) de Port Gibson, New York, pioneiro responsável pela introdução, entre os que se tornaram ASD, do mais completo entendimento do *Santuário e sua purificação. Edson era um respeitável líder Metodista em 1843, (ou 1844) quando aceitou a mensagem do iminente *Segundo Advento. Ao se aproximar o dia esperado pelos *Mileritas, ele realizou *Reuniões Campais em sua casa. No dia 22 de outubro, ele convidou as pessoas para que viessem para a última reunião, e deu adeus aos que haviam abandonado, esperando nunca mais os encontrar. A respeito desta reunião ele disse:

> Esperamos pela vinda do nosso Senhor até que o relógio tocou as doze badaladas da meia-noite, o dia passara e o nosso Desapontamento (Veja **Desapontamento de 22 de outubro de 1844**) tornou-se uma certeza. Nossas mais acariciadas esperanças e expectativas foram devastadas (Hiram Edson, fragmento de manuscrito, sobre sua vida "*Vida e Experiência*", 8v).

Mas Edson pensava consigo mesmo:

> Minha experiência para com o *Advento tem sido a mais rica e a mais brilhante de toda a minha experiência cristã. ... A *Bíblia se provou uma falha? Não há *Deus, nem *Céu, nem cidade de ouro, nem Paraíso? (*ibid.*, 8v, 9r).

Após esperar e chorar até de manhã, muitos dos crentes no Advento voltaram desolados para casa. Para alguns dos que ficaram Edson disse, "Vamos para o celeiro" (*ibid.*, 9r). Foram para o celeiro quase vazio e oraram até que chegaram à convicção de que suas orações foram ouvidas e atendidas e receberiam a luz e o desapontamento seria esclarecido.

Mais tarde, Edson disse a um de seus companheiros: "Vamos ver e animar alguns de nossos irmãos" (*ibid.*, 9v; de acordo com *John N. Loughborough, este segundo homem era *Owen Russel Loomis Crosier). Evitaram a estrada, talvez para evitar os zombadores, e cruzaram o milharal de Edson, onde o milho estava ainda nas espigas e as abóboras nos talos. Repentinamente Edson parou e, ao parar, uma convicção envolvente lhe sobreveio —

> que em vez de Nosso Sumo Sacerdote *sair* do *Santíssimo do *Santuário Celestial para vir à Terra no décimo dia do sétimo mês, no fim dos 2.300 dias, ele pela primeira vez, *entrou* no segundo compartimento e que ele tinha uma obra a realizar no Santíssimo antes de vir à Terra. Que Ele veio para as bodas naquele tempo [uma alusão à parábola do noivo de Mat. 25; veja "Clamor da Meia-Noite"]; em outras palavras, ao Ancião de dias, para receber o reino, domínio e glória; e devemos esperar o Seu retorno *das bodas* (*ibid.*, 9v).

A mente de Edson foi também dirigida a Apoc. 10, um capítulo do livro que apresenta o símbolo do livrinho doce e depois amargo. A experiência dos ASD tinha sem dúvida sido como mel em sua boca.

Agora, depois de tê-lo provado, tinha-se tornado subitamente como fel (Apoc. 10:9-10). Estes eram os principais pensamentos que passavam pela mente de Edson enquanto ele ficava parado ali em meditação.

Enquanto isso, seu companheiro — evidentemente Crosier — que tinha estado a acompanhá-lo, do mesmo modo em profundo estudo, repentinamente percebeu que Edson tinha parado. Chamou-o perguntando porque ele tinha parado. Edson respondeu: "O Senhor estava respondendo nossa oração matinal, dando a luz a respeito de nosso desapontamento" (*ibid.*, 10r).

Aquele conceito lançou um dilúvio de luz sobre o seu desapontamento. Cristo tinha sem dúvida, cumprido o que o tipo havia exigido. Pouco tempo passaria até que Ele completasse a purificação do Santuário e antes disso não viria como Rei.

Edson, Crosier, e o amigo deles o Dr. *Franklin Hahn, concordaram em se encontrarem como um grupo de estudo para pesquisar a Bíblia intensivamente sobre estes assuntos. Seu estudo continuou por alguns meses. Suas conclusões foram publicadas nos artigos de Crosier, possivelmente de forma embrionária, numa publicação chamada *The Day Dawn* (inexistente hoje) e mais tarde, em uma forma mais madura, no *Day-Star* Extra de 07 de fevereiro de 1846, publicado em Cincinnati, Ohio.

A apresentação de Crosier chegou às mãos de *José Bates, *Tiago White e de vários outros adventistas e muitos, prontamente, aceitaram a posição estabelecida. Desta forma foi aberta a correspondência entre o trio de New York e este grupo da Nova Inglaterra. Mais tarde, foi designado que Edson convocaria uma *Conferência, para os irmãos do leste. White esteve incapaz de se fazer presente, mas Bates, assistiu e converteu Edson e (Hahn) para o *Sábado do sétimo dia. Edson já havia tido alguns vislumbres do sábado em seu estudo do Santuário, da arca (Veja **Arcas**) e dos *Dez Mandamentos e ao ler certas linhas de T. M. Preble, mas ainda não tinha visto sua importância. Esta foi a primeira

ocasião pública em que as posições sobre o Sábado e o Santuário foram unidas, dois dogmas distintos pela fé característica do corpo de doutrinas ASD que lentamente se formava. Pouco tempo mais tarde, em 1848, uma de uma série de importantes conferências foi realizada no celeiro de Edson.

Edson não era somente um profundo estudante da Bíblia e um fervoroso evangelista, mas também um contribuidor que se sacrificava, aplicando suas posses na construção da Causa em crescimento e que ele tanto amava. Vendeu sua fazenda em 1850 para ajudar a custear despesas evangelísticas do infante movimento Sabatariano. Vendeu também sua outra fazenda em Port Byron, dois anos mais tarde e, do lucro, emprestou a Tiago White para que este comprasse seu prelo em Rochester.

Edson foi ordenado em 1855. Se essa ordenação era entendida nesse tempo como sendo um ministério local ou geral, não está claro. Em 1870, recebeu credenciais. Foi ele que introduziu J. N. Loughborough no ministério Adventista e viajou com ele pelo circuito de igrejas no ministério de Loughborough.

EDUCAÇÃO, FILOSOFIA ASD DE. Todas as filosofias de educação tendem a permanecer definitivamente sob o conceito da natureza do homem postulado pelos criadores do sistema educacional. Tem-se dito, com razão, que até que se saiba *como* o homem nasce e *para quê* ele nasce, não se pode planejar um sistema de educação que suprirá suas necessidades e o ajudará a alcançar o propósito para o qual está destinado, ou do que é capaz. Muitos filósofos da educação baseiam-se na premissa de que o homem nasce bom e que o propósito da educação é desenvolver o bem latente na criança. Esta premissa naturalmente leva a uma filosofia centralizada na criança ou no sujeito. Outros sistemas educacionais são estruturados na idéia de que a criança

nasce para servir ao Estado, e que, por isso, o sistema educacional é destinado a moldar o resultado para fins inteiramente governamentais.

Os ASD baseiam sua filosofia de educação na crença de que o último propósito do homem é amar e servir a *Deus e a seu próximo, e que toda a instrução e aprendizagem deve ser dirigida para ajudá-lo a alcançar esse fim.

A *Bíblia ensina claramente que desde a queda de Adão, todos os homens nascem com uma tendência para o mal; essa tendência tem aumentado com o passar dos séculos. Por terem esse conceito religioso, os ASD não põem fé na perfeição do homem através de meios naturais de instrução. Homens caídos não podem alcançar o propósito para o qual foram criados sem uma educação centralizada em Deus, que o ensina a abrir a mente ao poder invisível mas infinito do Espírito de Deus, o único agente que pode realizar o renascimento da natureza original e uma reforma permanente de hábitos de vida e perspectiva mental. *Ellen G. White, que foi a primeira e mais profícua escritora da denominação sobre a teoria educacional, declarou:

> Fazer com que o homem volte à harmonia com Deus, de maneira a elevar e enobrecer sua natureza moral a fim de que ele de novo possa refletir a imagem do Criador, é o grande propósito de toda educação e disciplina da vida. (*CPPE*, 44).

A mesma escritora estabeleceu a filosofia básica ASD como segue:

> A verdadeira educação significa mais do que a aquisição de um curso de estudos. Significa mais do que uma preparação para a vida presente. Visa o ser todo e todo o período da existência possível do homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, mentais e espirituais. Prepara o estudante para a alegria do serviço

> neste mundo e para aquela mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro (*Ed.,* 13*).*

Concordemente, um dos maiores objetivos do sistema escolar ASD é propiciar a *Salvação dos jovens mediante a aceitação da fé em Cristo Jesus como seu Salvador pessoal, e que, para ajudá-los a alcançar o crescimento em caráter para que sejam membros tementes a Deus, honestos, constantes e produtivos na sociedade. Os currículos das escolas ASD são destinados a instruir os estudantes na concepção bíblica da origem da vida, do dever do homem e de seu destino; e salvaguardá-lo de erros resultantes de idéias humanistas e materialistas.

A fim de que os jovens possam freqüentar a escola em uma atmosfera que conduza ao desenvolvimento espiritual, meditação e estudo, livre das distrações das cidades, têm sido feitos esforços para situar as escolas ASD, e especialmente os internatos, em áreas rurais, onde os estudantes possam ter numerosas oportunidades para o estudo da natureza. Espera-se que cedo reconheçam que o mundo físico ao redor do homem, com suas leis de ordem e processos, é obra das mãos do divino Criador e Mantenedor da vida. Onde for possível, realizam-se empreendimentos agrícolas em conexão com as escolas ASD, e os estudantes são estimulados a trabalhar nos mesmos. A filosofia implícita nisto é o valor de aprender os segredos da germinação e tornar-se consciente do fato de que terra é a fonte de onde vem toda a provisão humana, bem como o depósito de toda matéria-prima da qual ele forma os implementos e máquinas, constrói suas casas e fábricas e obtém os recursos do poder.

A fim de permitir o desenvolvimento físico adequado antes que as crianças se submetam aos deveres da sala de aula, que sobrecarregam os olhos e as emoções, a igreja insta aos pais que propiciem um bom ambiente no lar para crianças em crescimento e que não os enviem à escola até que alcancem uma idade mínima de sete anos.

Os ASD crêem que é o direito de todos filhos de Adventistas receber uma educação cristã, e que, embora uma porção de responsabilidade por providenciá-la esteja sobre os pais, a *Igreja Local também tem a responsabilidade de verificar se todas as crianças da Igreja recebem a medida de educação nas escolas ASD que o jovem deseje ou que venha a beneficiá-lo.

Em termos gerais, as escolas elementares ASD são dirigidas pelas igrejas locais em cooperação com a *Associação Local, as escolas de 2º Grau também pela Associação, as faculdades pelas Uniões, e as Universidades pela *Associação Geral da IASD.

Os ASD reconhecem o direito do governo de exigir que as crianças sejam educadas ao ponto que as capacite a cumprir seus deveres como cidadãos. Porém, sendo que Deus deu os filhos aos pais e não ao Estado, os pais têm o direito de determinar onde e como seus filhos devem ser educados. Os ASD apreciam e apoiam financeiramente as escolas públicas dos países em que moram. Eles crêem que as escolas estão realizando uma excelente obra, mas defendem que a instrução religiosa não deveria ser uma parte do currículo da escola pública (Veja **Igreja e Estado).** Por isso, embora o sistema mundial das escolas ASD seja dispendioso, os ASD gratamente o financiam, crendo que os resultados justificam o custo, seja qual for. Aconselha-se aos pais ASD que enviem seus filhos a escolas denominacionais onde possam ser dirigidas, mas nenhuma sanção religiosa é usada para forçá-los a isso.

A fim de implementar esta filosofia global, os Adventistas se esforçam por operar suas escolas de maneira que o currículo, as atividades extracurriculares e a experiência escolar contribuam para o alcance dos seguintes objetivos:

1. Manter em cada escola uma atmosfera espiritual em que a *Oração, o louvor e a vontade de Deus serão, aos olhos da maioria dos alunos, o padrão de vida ideal e aceito.

2. Tornar a Bíblia e a doutrina bíblica o centro de todo estudo e aprendizado.
3. Capacitar os alunos a alcançarem a filosofia cristã de vida e que tenham oportunidades de adquirir as atitudes, conhecimento e habilidade necessários para expressar sua filosofia em um caráter cristão.
4. Promover um alto nível de escolaridade, com ênfase no pensamento independente e na mais alta aquisição individual possível, concernentes à sua aplicação prática às necessidades do mundo.
5. Dar aos estudantes a oportunidade de aprender hábitos de viver saudável, para que o desenvolvimento físico seja aumentado, não tanto por um programa de jogos e esportes competitivos, como pela atividade em escolas industriais ou trabalho agrícola em que possam aprender uma habilidade ou profissão útil, obtenham um senso de realização, encontrem na atividade física relaxamento das tensões resultantes de um pesado programa de estudos, desenvolvam respeito pela dignidade do trabalho e valor do trabalho físico, obtenham uma concepção equilibrada que prevenirá o pedantismo intelectual, e, ao mesmo tempo, continuem o processo educacional desenvolvendo hábitos de indústria, prontidão, disponibilidade, exatidão, perfeição e autoconfiança.
6. Promover o crescimento social, cultural e emocional, resultando em cidadãos estáveis e equilibrados, que são um crédito para sua comunidade, que sejam ajustados para arcar com as responsabilidades da vida, e que desenvolveram introspecção e perspectivas que tornem a vida digna.
7. Dar instrução na ciência doméstica e nas habilidades necessárias para fazer e manter casamentos felizes.

8. Encorajar os estudantes a fazerem uma dedicação pessoal de suas capacidades e forças ao serviço a Deus, à humanidade e a sua Igreja, escolhendo profissões que os capacitam a servir a outros e a participar na promulgação da fé cristã.

EDUCANDÁRIO ESPÍRITO-SANTENSE ADVENTISTA (EDESSA). Localiza-se na BR 259 Km. 73, Colatina, ES. Pertence e é administrada pela *Associação Espírito-Santense da IASD.

Uma escola a nível de 1º e 2º Graus que funciona em regime de internato e externato. Possui uma área de 2.285.632 m^2.

A Instituição possui as seguintes instalações: prédio escolar, dormitórios masculino e feminino, cozinha e refeitório, padaria, lavanderias, auditórios, conservatório musical, quadras de esporte, marcenaria, oficina, graneleiro, estábulo, casas de professores, piscina e outros.

A escola oferece o 1º Grau Completo e o 2º Grau nas áreas de Contabilidade, Técnico em Agropecuária, Habilitação para o Magistério de 1ª a 4ª séries do 1º Grau e Auxiliar em Laboratório de Análises Químicas.

São cultivadas as seguintes culturas na escola: cacau, manga, noz macadâmia, milho, soja, arroz e cana-de-açúcar.

Há na escola também um Conservatório Musical, um Coral, Conjunto de Sinos, Conjuntos Instrumentais e Vocais.

O EDESSA foi fundado em vinte e cinco de julho de 1963, de acordo como o voto 235/63 da *Associação Leste, por iniciativa de membros da Igreja, com o nome de Educandário Espírito-Santense.

Sua primeira mesa administrativa foi composta por: Diretor: *Herbert Kurt Weber; Secretário: Valderez Raquel Weber. No início a escola oferecia apenas o curso ginasial e os primeiros professores foram: Herbert K. Weber, Palmer Harder e Ezequias.

A escola foi oficializada no dia três de outubro de 1963 e nesse mesmo ano começou a funcionar o 1º Grau, a título precário.

De 1963 a 1973, os prédios de paredes de tábuas envelheceram, a escola endividou-se e seria fechada pela Secretaria da Educação, mas o professor Dinah Corrêa, então vereador em Colatina, intercedeu pela escola impedindo o seu fechamento.

Diretores: Herbert Kurt Weber (1963-1968); Rolf Bels (1969); Axel R. Waegele (1970-1971); Aluísio Gabriel (1972-1973); Zizion Fonseca (1974-1990).

EDUCANDÁRIO NORDESTINO ADVENTISTA (ENA). Localiza-se numa área de 102 hectares, em um vale próximo a Catende, cerca de 175 Km ao sul de Recife, PE. Uma Instituição de 1º e 2º Graus, em regime de internato e externato.

Pertence e é administrada pela Missão Nordeste com o propósito de atender às necessidades educacionais principalmente da sua Missão que compreende os Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A Missão também auxilia estudantes financeiramente com a manutenção da escola.

A escola possui as seguintes instalações: prédio escolar, dormitórios masculino e feminino, igreja, biblioteca, panificadora, piscina, marcenaria, oficina, estábulo, conservatório, 12 casas de funcionários, 15 casas de professores, etc. São também desenvolvidos atividades agropecuárias: horta, agricultura e gado holandês.

Os cursos oferecidos são: 1º Grau completo, Contabilidade, Enfermagem, Científico, Magistério e Música.

O ENA foi fundado em 20 de abril de 1943 através da Missão Nordeste e *União Este-Brasileira da IASD. Recebeu o nome de Escola Adventista Belém de Maria e localizava-se no Município de Lagoa dos Gatos.

Em 1946, o nome da escola foi mudado para Instituto Rural Adventista do Nordeste (IRAN) e finalmente em 1950 mudou para o atual nome Educandário Nordestino Adventista (ENA).

Alguns fatos marcantes na história do ENA foram:

Em 24 de setembro de 1979, a instalação do telefone; em 25 de janeiro de 1986 concluída a estrada asfaltada - Rod. PE-123; 1986 aconteceu a mudança da Faculdade de Teologia do ENA para o *Instituto Adventista de Ensino do Nordeste (IAENE), na Bahia.

Diretores: *Arthur Leitzke (1943-1949); Ataliba de Abreu Neto; Jairo Tavares de Araújo; João Carvalho; *João Bork (1955-1960); Waldemar Groeschel (1960-1962); Robert Dean Davis (1962-1963); Renato Emir Oberg (1963); *Modesto Marques de Oliveira; Arthur Dassow (1973); Antônio Moisés de Almeida; Gerald D. Christiman; Emmanuel de Jesus Saraiva; Samuel Porchet; Elias Fraza Germanowicz (1994).

EHLERS, ANA PATZKOWSKY (-1960). Professora, instrutora bíblica, enfermeira. A família Patzkowsky emigrou da Rússia para os Estados Unidos por volta de 1876, fixando residência no Kansas, onde Ana passou a sua infância. Em 1901 iniciou os seus estudos no Union College, formando-se em 1904. Durante 4 anos trabalhou como professora e instrutora bíblica. Em 1908, casou-se com *Emanuel Christian Ehlers No mesmo ano, embarcou para o Brasil, onde ao lado do esposo, trabalhou durante 12 anos.

Em 1921, retornou aos Estados Unidos e continuou seus estudos, formando-se em Enfermagem em 1931.

Faleceu em 1960, em Loma Linda, Califórnia.

EHLERS, EMANUEL CHRISTIAN (1888-1976). *Pastor, professor e médico. Nasceu no dia 17 de março de 1888, em Hamburgo,

Alemanha. Emigrou para os Estados Unidos em 12 de junho de 1904. Estudou no Union College, Lincoln, Nebraska e trabalhou como *Colportor nas férias. Em setembro de 1908 casou-se com *Ana Patzkowsky Ehlers e, no mesmo ano, viajaram como missionários para o Brasil. Iniciou o trabalho em Itajaí, SC, e dali foi para o Rio Grande do Sul, onde trabalhou por 5 anos. Destacou-se por sua abnegação e capacidade em tarefas evangelísticas. Foi ordenado ao ministério em 1913 e, um ano mais tarde, foi transferido para o Rio de Janeiro onde trabalhou por 4 anos.

Em 1918, foi transferido para São Bernardo, São Paulo, onde exerceu por três anos a função de redator da *Revista *Sinais dos Tempos*, na *Casa Publicadora Brasileira (CPB) (1918-1921). Atuou também como professor de *Bíblia e outras matérias doutrinárias no *Seminário Adventista.

Depois de 12 anos de trabalho no Brasil, voltou com a família para os Estados Unidos onde iniciou os seus estudos em medicina, formando-se em Loma Linda em 1927. Desde então, serviu no Sta. do Sanatório e Hospital de Loma Linda, Califórnia. Em 1960 faleceu sua esposa. No ano seguinte casou-se com Helena Neumann, com quem desfrutou excelente companheirismo.

Faleceu no dia 28 de janeiro de 1976, aos 88 anos de idade.

EHLERS, GÜNTHER (1928-1984). Médico. Nasceu no dia 4 de fevereiro de 1928, em Joinville, SC. Filho de Emmanuel e Martha Ehlers Neto de *Waldemar e *Mary Ehlers, pioneiros da Obra Adventista no Brasil.

Entre 1953 a 1956, trabalhou no Brasil como vice-diretor do *Hospital Adventista de Belém e em 1962 e 1963 como radiologista do *Hospital Adventista Silvestre

Mudou-se para os Estados Unidos da América, onde atuou como diretor do Departamento de Radioterapia do Hospital Adventista em Kelting, Ohio, EUA.

Faleceu no dia 3 de dezembro de 1982, aos 56 anos de idade.

EHLERS, JOHANNES (1867-1953). Missionário brasileiro na África. Nasceu no Brasil, em 1867. Em 1903, decidiu ir para a África como missionário em companhia de sua esposa Enns, foram os pioneiros da Obra Adventista no distrito de Pare, África Oriental, ex-colônia alemã.

Devido à falta de recursos desta região, Johannes contraiu uma doença que o fez sofrer muito, permaneceu, porém, no trabalho, até que foi obrigado a voltar para o Brasil, a fim de recuperar-se.

Faleceu no dia 22 de novembro de 1953, aos 86 anos de idade, em São Paulo, SP.

EHLERS, MARY CREEPER (1879-1959). Secretária, tradutora, tesoureira de campo. Nasceu em 1879 em Bristol, Inglaterra. Trabalhou como secretária no escritório da Organização Adventista em Basiléia, Suíça; e mais tarde, como secretária de L. R. Conradi em Hamburgo, Alemanha. Traduziu diversos livros denominacionais do inglês para o alemão. Em 1899 seguiu para o Brasil onde se casou com *Waldemar Ehlers.

Quando a *Associação Catarinense da IASD foi organizada em 1906, Mary Ehlers foi eleita secretária-tesoureira, assim como secretária do Departamento da *Escola Sabatina do campo.

Mary Ehlers prestou relevantes serviços à organização Adventista quando a obra no Brasil estava apenas florescendo.

Faleceu em 1959, em Taquara, RS, onde também foi sepultada.

EHLERS, WALDEMAR (1879-1929). Um dos obreiros ASD pioneiros no Brasil. Nasceu no dia 17 de fevereiro de 1879, em Kihus, Schleswig Holsteins, Alemanha. Recebeu instrução em seu país natal.

Aceitou a mensagem adventista com a idade de 14 anos e entrou logo para o trabalho na Casa Publicadora de Hamburgo, onde esteve de 1894 a 1898. Neste ano veio para Curitiba, onde exerceu a função de professor, e em 1900, casou-se com *Mary Creeper Ehlers. Em 1901, foi convidado a entrar para a obra evangelística. Trabalhou neste ramo, no Paraná e Santa Catarina, até ser eleito presidente desta associação em 1906. Mais tarde exerceu o mesmo cargo na *Associação Sul Rio-grandense da IASD, até 1913. Neste ano teve que voltar para a Alemanha, devido a seu estado de saúde. Em Friedensau, aceitou o cargo de professor de Bíblia, que exerceu por um ano; e de 1914 a 1923, serviu como presidente de três associações na Alemanha, sendo que a última foi a de Berlim.

Em 1923, foi aposentado devido ao seu estado de saúde não lhe permitir mais trabalho ativo, e no mesmo ano, voltou para o Brasil.

Foi um dos pioneiros da obra no Brasil. Por muitos anos sofreu dos rins. Em 1921 foi operado pelo Dr. Conradi, e desde então viveu com apenas um rim.

Faleceu no dia 5 de fevereiro de 1929, vitimado por uremia. Foi sepultado em Jaraguá do Sul, SC.

ELEIÇÃO. Veja **Livre Arbítrio; Arminianismo; Predestinação; Salvação.**

ELLEN G. WHITE ESTATE. Organização formada em harmonia com encargo criado no último testamento de *Ellen G. White para agir como seu agente na custódia de seus escritos. Seu testamento, datado de 9 de fevereiro de 1912 designou cinco homens que por ocasião de sua

morte deveriam servir como um comitê de depositários, tomando conta de suas propriedades, “conduzindo os respectivos negócios,” e “assegurando a impressão de novas traduções e compilações de meus manuscritos”. Os nomeados foram Arthur G. Daniells, presidente da *AG*; William C. White, seu filho; Clarence C. Crisler, secretário; Charles H. Jones, administrador da Pacific Press; e Francis M. Wilcox, editor da **Review and Herald*. Eram homens que estavam no coração da obra da Igreja, sendo que quatro eram membros do Comitê Executivo da *AG*.

O compromisso era para a vida, e a Sra. White tomou providências para que “se ocorrer uma vaga por qualquer razão entre os depositários ou sucessores, a maioria dos depositários tem a autoridade e dirigidos para ocupar a vaga, apontando outra pessoa que esteja capacitada”; ou, se isso não acontecer, o Comitê Executivo da *AG* deverá apontar alguém para ocupá-la. O testamento dedicou a maior parte dos direitos autorais de seus livros para que os depositários financiam o trabalho.

Na ocasião da morte da Sra. White, no dia 16 de julho de 1915, essa comissão permanente começou a funcionar. Os imóveis, consistindo principalmente em Elmshaven, seu lar próximo a Santa Helena, Califórnia, foram logo vendidos. Assim, os depositários ficaram apenas com o contínuo encargo pelo seu legado literário. Sob os termos de seu testamento, tais responsabilidades residiam em três áreas:

(1) a possessão dos direitos autorais de seus escritos e a responsabilidade e promoção de seus livros para o inglês;

(2) a preparação de manuscritos e a promoção da tradução e publicação de seus escritos em outras línguas;

(3) e a custódia dos arquivos de manuscritos e outros arquivos, e a seleção de assuntos dos arquivos de Ellen G. White para a publicação.

Juntamente com essa, está uma função que tem-se desenvolvido naturalmente durante os anos — disseminar informação com o fim de familiarizar os ASD e outros com a Sra. White e sua obra.

Organização. Quando a comissão foi formada em 1915, A. G. Daniells trabalhou como presidente. Por alguns anos, ele dividiu a responsabilidades com F. M. Wilcox. O secretariado passou de C. C. Crisler para William C. White, o único membro da comissão que dedicava todo o seu tempo à obra dos depositários. Ele exerceu essa função até perto de sua morte em 1937. Até esse ano, o trabalho era realizado em Elmshaven em um escritórios alugado com uma caixa-forte que era usada para guardar o material de Ellen G. White.

William C. White foi substituído por seu filho, Arthur L. White, que por nove anos serviu como secretário e por quatro anos como secretário-assistente do White Estate e que retornou àquela função em eleições posteriores dos oficiais. Por vários anos após 1939, o trabalho do White Estate foi conduzido sob o título não-oficial de *Publicações de Ellen G. White*, tendo o White Estate como proprietário.

Organização Atual. Aumentando sensivelmente as tarefas devido ao crescimento da Igreja, em 1950 os depositários aumentaram o seu número de cinco para sete e em 1958, criaram o estatuto da corporação a fim de prover uma comissão de nove, sete deveriam ser vitalícios e dois por um período de quatro anos. Os oficiais da comissão são escolhidos em uma reunião quadrienal para as decisões para os 4 anos seguintes, como previstos na constituição de 1958.

Relação Com a AG. Através dos anos, obteve-se um relacionamento d íntima cooperação entre os Depositários de Ellen G. White e a Associaçã Geral. De fato, muitos depositários são membros do Comitê Executivo da *AG*

O Trabalho do White Estate. Rotina. Os funcionários pagos:

(1) Salvaguardar e manter os registros sob a custódia dos depositários e os seus respectivos índices a fim de servir à Igreja;

(2) Tratar dos direitos autorais das obras de Ellen G. White;

(3) Conduzir tantas pesquisas foram necessárias nestas obras e nos materiais históricos (cartas, etc.);
(4) Responder a questões que possam ser dirigidas ao White Estate em entrevistas pessoais e em correspondências mundiais;
(5) Publicar, quando forem autorizadas pelos depositários, compilações dos escritos de Ellen G. White;
(6) Estimular, em conjunto com o *Comitê do Espírito de Profecia, a publicação sempre crescente de seus escritos em várias línguas e esporadicamente realizar seleções ou condensações como exigidas e autorizadas;
(7) Realizar visitações através de seu pessoal em campos, instituições e a igrejas de acordo com as necessidades e melhores interesses do avanço da obra; e
(8) Preparar artigos, lições por correspondência e outros materiais mais profundos.
(9) Digna de nota é a publicação dos três volumes do *Comprehensive Index to the Writings of Ellen G. White* (Pacific Press) e os seis volumes fac-símiles dos artigos de Ellen G. White na revista **Present Truth* e *Review and Herald* e o desenvolvimento de um curso por correspondência a fim de fornecer informações sobre Ellen G. White e sua obra.

Subdivisões. O White Estate mantém várias subdivisões em todo o mundo

Uso e Disponibilização dos Materiais Manuscritos. Durante a última parte de sua vida, a Srª. White freqüentemente dependia de suas 60.000 páginas manuscritas na preparação de seus livros. Os depositários continuaram a extrair dali as compilações feitas após a sua morte. Esses manuscritos constituem um arquivo básico dos registros históricos e de conselho à Igreja de grande valor. Os direitos autorais

desses manuscritos pertence somente aos Depositários White. Devido à natureza, valor e dignidade desses materiais e por terem sido preservados pelo autor para o serviço da Igreja, certos importantes procedimentos foram estabelecidos para controlar o acesso a esses arquivos e a autorização para publicação de qualquer manuscrito.

O acesso a esses arquivos de manuscritos pode ser obtido somente com permissão dos depositários. Em conformidade com os termos do testamento de Ellen G. White, os materiais não-publicados de grande valor para os ASD, cujos desenvolvimentos dentro ou fora da igreja se tornem particularmente oportunos, são de tempos em tempos liberados para a publicação. Freqüentemente, essas liberações são feitas em resposta aos pedidos acumulados pelos líderes da Igreja em ocasiões de especial interesse.

Os procedimentos, de acordo com certas praxes aceitas unanimemente pelos Depositários de Ellen G. White e pelo Comitê Executivo da *Associação Geral da IASD, envolvem um cuidadoso exame de todo o material a ser divulgado, primeiramente pelos Depositários e depois pelo Comitê do Espírito de Profecia. Os materiais são finalmente liberados ao campo por uma ação conjunta dos dois.

O material divulgado é geralmente incorporado em um novo volume de conselhos de Ellen G. White ou em artigos em um dos principais periódicos da Igreja. O Comitê do Espírito de Profecia considera e aprova todas as propostas para novas publicações que compreendem os materiais de Ellen G. White, mas a responsabilidade pelo conteúdo e arranjos pertence ao White Estate.

ENCARNAÇÃO. Veja **Cristologia**.

ENCONTRO COM A VIDA NA TV. Localiza-se na Rua Isaías Bevilacqua, 900, no bairro Mercês, Rio de Janeiro, RJ. É um programa

transmitido pela TV Bandeirantes no Rio de Janeiro, com palestras espirituais de verdades bíblicas. São oferecidos cursos aos ouvintes gratuitamente, como *Encontro com a Vida* e *Família Feliz*. Atualmente, o apresentador do programa é o Pr. Ronaldo de Oliveira.

Tendo surgido um interesse de produzir um programa de televisão que apresentasse a mensagem de Deus pelo vídeo, foi autorizado, em 1980, um teste de candidatos a Diretor-Produtor. Estes testes foram feitos sob a orientação de Elon Garcia, *Artur Souza Valle, Assad Bechara, José Bellesi Filho e Roberto Conrad Filho.

No dia 18 de dezembro de 1980, a Mesa Administrativa da Igreja Adventista do 7º Dia votou o chamado para o Pr. José Irajá da Costa e Silva, da Associação Paulista.

Em 09 de julho de 1981 foi votado que o Departamento de TV seria em Curitiba. Foi firmado contrato de produção do programa de TV "Encontro com a Vida" — com a Quadricon (canal 4 - TV Iguaçu) de Curitiba, PR.

No dia 15 de novembro de 1981 às 8:55 h, A Voz da Profecia lançou seu primeiro programa *Encontro com a Vida* pela TV Bandeirantes no Rio de Janeiro.

Em 23 de junho de 1983, foi escolhido Roberto Conrad Filho como orador do programa.

O estúdio foi inaugurado no dia 20 de agosto de 1987, com condições de produzir programas tanto no sistema NTSC, como em PALM.

ENDEMONINHADO. Veja **Demônio**.

ESCOLA ADVENTISTA DE ALTO BENEDITO NOVO, SC. Esta escola funcionou até 1985. Atualmente permanece desativada.

Depois de Curitiba e Gaspar Alto, esta foi a 3ª escola ASD pioneira no Brasil.

A Escola Adventista de Alto Benedito Novo, SC, data quase juntamente com o surgimento da IASD no Brasil.

Por volta de 1890, o pioneiro *Guilherme Belz e sua família começaram a guardar o sábado em Gaspar Alto e Brusque, SC. Alguns se deslocaram para o vilarejo de Alto Benedito Novo. A língua falada por esse grupo era o alemão e, vendo a necessidade de seus filhos estudarem, iniciaram o primeiro grupo de alunos. A família do Sr. Samuel Grous, foi o núcleo principal para o surgimento da Escola Adventista de Alto Benedito Novo, dando início em sua própria casa.

Foi em 1898 que o professor *Ricardo Olm lecionou para a primeira classe de 6 alunos. Em 1900 foi construído o primeiro prédio escolar. Em 1920 esta escola teve que encerrar suas atividades por falta de professor, permanecendo assim durante 8 anos.

Em 1928, conseguiram um professor para dirigi-la: Willi Lubitz, que permaneceu até 1933, sendo substituído por Elsa Elhers, contando a escola com 35 alunos. Foi necessário, então, um segundo professor: Walter Preuss.

Esta escola chegou a 80 alunos de 1ª a 4ª séries, sob a direção de Ezequiel P. de Freitas, que se dedicou à instituição por mais de 10 anos.

Em 15 de março de 1959, foi inaugurada uma nova escola, com um prédio medindo 6 x 12 m.

Professores. Ricardo Olm, Gustav Jankowski, Eugênio Klein, José Lindermann, *Marta Olm, Franz Fritsch, Emílio Hein, Wilherm Lubitz, Elese Elhers, *Herbert Hoffmann, *Conrad Stoehr, Alma Weidle, Alaíde Neto, Lídia Duarte, Walter Preuss, *João Bork, *Paulo Marquart, Willy Kuntze, Enoc de Andrade, Irman Kuntze, Josino Tormes, Ezequiel de Freitas.

ESCOLA ADVENTISTA DE BRUSQUE, SC. Foi fundada com o objetivo de se tornarem úteis no campo missionário e pela grande necessidade de uma escola para a educação e cultura dos jovens.

Em 15 de outubro de 1897 houve uma reunião com alguns membros da Igreja Adventista de Brusque realizada na residência de August Olm com o objetivo de fundarem uma escola.

Fizeram parte da reunião: Algust Om (ancião); Reinold Belz (diácono); *Francisco Belz (secretário); *Guilherme Belz; Guilherme Belz Filho; *Ricardo Olm; Guilherme Wegner; Francisco Peggau; Bernardo Loeschner; Lodovico Log; Frederico Peggau; G. H. Graff (Sup. Campo Missionário Brasileiro); *A. L. Stauffer (missionário); *G. Stein (professor).

Foi acertado nesta reunião o projeto da escola e o objetivo de atender também outras cidades do Estado e cada membro receberia 1 ou 2 pessoas em sua casa.

Logo após, iniciaram-se as aulas numa casa vazia que Frederico Peggau comprara havia pouco tempo.

As aulas funcionavam de segunda a sexta-feira das 8:00 às 12:00h da manhã às. As aulas noturnas para os adultos funcionava 3 vezes por semana com duração de 2 horas.

Sua mesa administrativa era composta por: Reinold Belz; Federico Belz; Bernardo Loeschner; Frederico Peggau.

ESCOLA ADVENTISTA DE CAMPOS DOS QUEVEDOS, RS. Localiza-se no interior do município de São Lourenço do Sul, RS. Foi desativada em 1955 por razões financeiras. Foi uma das primeiras escolas paroquiais do Brasil. Tão logo a mensagem Adventista penetrou na região, uma escola foi implantada na residência de Geraldo Falk, tendo como primeiros professores o casal Carl e Ida Lehmann, que para lá se mudou a fim de estabelecer a obra educacional.

Ao ser inaugurado o primeiro templo da *Igreja de Campos dos Quevedos, em 08 de outubro de 1905, este passou a ser usado durante a semana como prédio escolar. Por vários anos, as aulas eram ministradas apenas em alemão, e só mais tarde foi introduzido o português. Os professores residiam junto ao prédio que servia como igreja e escola, e auxiliavam também nas atividades da igreja. Nos últimos anos de sua existência, a escola recebeu o nome de “Escola Adventista Pestalozzi”, continuando até 1955.

Principais Professores. Carl e Ida Lehmann (1905-1906); Henrique Mukunk (1906); *Ricardo Olm (1906); *Frederico Germano Taube (1906-1921); Reinhold Braüer e seus filhos (1925-1927); Charlotta Braüer (*c*. 1929 - *c*. 1932); *Emílio Keppke (1933-1935); Willy Wiedenhoeft (1936-1938); *Edmundo Conrado (1940); Júlia Rohmann (1940); Pedro Gonzales Filho (1941-1943); Francisca Palmeira (1945-1947); Manoel João Braff (1948-1949); Arnold Campos (1950-1952); Milton Braff (1953-1955).

ESCOLA ADVENTISTA DE CAPIM ROXO - CAPARAÓ, MG. (Veja **Escola Mineira Adventista, E. M. A.)**

ESCOLA ADVENTISTA DE 1º GRAU ROBERTO MENDES DE OLIVEIRA. Veja **Escola Adventista de Rolante, RS.**

ESCOLA ADVENTISTA DE ROLANTE, RS. Localiza-se na Estrada Fazenda Passos, em Rolante, RS. Pertence e é administrada pela *Associação Sul-Riograndense da IASD.

É uma extensão da *Escola Adventista de 1º Grau Pr. Ivo Souza.

Foi na Fazenda Passos, Rolante, RS, onde foi fundada a Escola Adventista de 1º Grau Pr. Ivo Souza em 1913.

Quase não havia estradas; o meio de transporte eram os animais. Ao ser fundada, havia 28 membros batizados na Igreja da localidade e 51 membros matriculados na Escola Sabatina. No início de 1913 havia 12 alunos. Esta foi a primeira Escola Adventista do Estado do Rio Grande do Sul.

A Escola iniciou-se na casa de Rodrigo Amador dos Reis. Este vendeu uma propriedade para a Conferência do Estado do RS, atual *Associação Sul-Riograndense da IASD, em 1911, com 12.100 m². Neste terreno foi construída a igreja e depois a escola, funcionando durante 14 anos.

Em 1924, a Escola primária de Rolante contava com uma assistência de mais de 30 alunos sob a regência do Prof. José Mendes Rabello. As matérias do 5º ano eram lecionada ali também e muitos alunos, após o final do curso, dirigiam-se para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), a fim de prosseguir os estudos.

Arthur Rodrigues de Azevedo doou uma área de 10.285 m² para a igreja e a escola em 1929. Em 1930, escola já funcionava no novo local, quando foi inaugurado o novo prédio, funcionando durante 44 anos. Este prédio foi tombado como patrimônio histórico pretendendo-se fazer um museu para contar sua história.

O primeiro professor, também diretor e secretário foi *Roberto Mendes de Oliveira com 23 anos idade, formado no Instituto de Educação - RS. Usava palmatória para pedir silêncio.

Lecionou na Escola de Rolante de 1913 a 1929. Dezesseis anos de dedicação naquela região.

Roberto Mendes de Oliveira faleceu em 26 de outubro de 1979, enterrado no cemitério da igreja, próximo a escola Adventista de Rolante.

Em 1930, João dos Passos, filho de Maria dos Passos (primeira mulher a aceitar a mensagem Adventista naquele lugar), substituiu o Prof. Roberto Mendes de Oliveira.

Até 1973, as aulas funcionaram até a 5ª série. Em outubro de 1973, foi lançada a pedra fundamental para a ampliação desse prédio e em dezembro iniciou-se a construção. Em 1974, iniciou a 6ª série. Mais cinco professores foram chamados.

Em 1977, funcionou o 1º Grau completo. A matrícula foi de 110 alunos. Neste ano houve a primeira formatura com 28 alunos, no dia 10 de dezembro.

Em 1980, pensou-se em criar uma extensão no centro da cidade, concretizando-se no ano de 1981. Hoje esta escola já á independente da escola mãe.

O Sr. Balduíno Batista fez uma doação para a conclusão do prédio da escola de extensão.

Em 1985, a escola tornou-se independente, funcionando o 1º Grau incompleto. As primeiras professoras da extensão foram Noemia Barbosa Sarquiz e Lucília Menezes Braff.

A extensão no centro da cidade de Rolante, em 1981, recebeu o nome do seu primeiro Professor: Escola Adventista Prof. Roberto Mendes de Oliveira.

A escola mãe era chamada de Escola Adventista de Rolante. Depois passou para Escola Adventista de Osvaldo Cruz, permanecendo até 1974.

Com a inauguração do prédio em 20 de outubro de 1984 a escola muda novamente o nome e passa a chamar-se Centro Educacional Adventista Pr. Ivo Souza (CEAPIS), que com a indenização de sua morte, construíram o novo prédio.

Esta escola forneceu muitos obreiros para todo o Brasil.

ESCOLA ADVENTISTA DE TAQUARI, RS.

ESCOLA ADVENTISTA DE VÁRZEA GRANDE, MT. Localiza-se na Rua Ten. Cipriano, 87, Várzea Grande, no Estado do Mato Grosso. Pertence e é administrada pela *Federação Missão Mato-Grossense da IASD.

A Escola Adventista de Várzea Grande teve seu início em 1982 como extensão da Escola Centro América de Cuiabá. A matrícula inicial foi de 60 alunos.

A iniciativa foi do Pr. Claudionor Jubanski, que, juntamente com a Igreja e a comunidade, construíram as três primeiras salas de aula. A primeira diretora foi Eraídes Lopes Jubanski.

O número de matrículas em 1983 foi de 130 alunos. No dia 08 de novembro de 1983, a Mesa Administrativa da *Missão Mato-Grossense da IASD, decidiu criar a "Escola Adventista de 1º Grau Várzea Grande", desvinculando-se da Escola Centro América.

Em 1984, o número de alunos foi para 135. Vendo o crescimento da escola, decidiram, em 21 de março de 1985, comprar um terreno para sua expansão, e em 1986 foi lançada a pedra fundamental.

Em 1989, foi construído o segundo piso do prédio escolar e realizada a primeira formatura da 8ª série. Neste ano, o número de matrículas já alcançava 648 alunos.

Em 26 de abril de 1992, ocorreu a inauguração da Escola Adventista de Várzea Grande, e em 1993 foi implantado o 2º Grau.

Relação dos diretores: Eraídes Lopes Jubanski - 1982; 1983 - Quitéria Porangaba de Lima; Berenice Aurelina de Souza Paes - 1984.

ESCOLA ADVENTISTA DE VILA GALVÃO, SP.

ESCOLA ADVENTISTA JARDIM DAS OLIVEIRAS. Veja **Colégio Adventista de 1º** e **2º Graus de Vila Galvão.**

ESCOLA ADVENTISTA JÚLIO VERNE, SP. Veja **Colégio Adventista de 1º e 2º Graus de Vila Galvão.**

ESCOLA BÍBLICA DE FÉRIAS. As Escolas Bíblicas de Férias são reuniões com objetivos evangelísticos, realizadas durante o período de férias escolares, em Igrejas ou *Escolas ASD. São destinadas à crianças e juvenis. As Escolas Bíblicas contam com a supervisão do Departamento de Evangelismo Infantil das Associações e Missões.

Durante as aulas das Escolas Cristãs de Férias, vários temas são abordados: histórias da natureza, histórias bíblicas, conhecimentos gerais, cânticos e trabalhos manuais.

A primeira Escola Bíblica de Férias no Brasil, foi realizada em janeiro de 1958, dirigida por Alida Nigri e Linda Oliveira, em São Paulo. Posteriormente, outras foram dirigidas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por esposas de Pastores e professoras.

De 18 a 24 de julho de 1965, realizou-se o primeiro Curso de Evangelismo Infantil da *Associação Sul-Riograndense da IASD, no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), onde uma Escola Cristã de Férias modelo, foi realizada.

A *Associação Paulista Central da IASD, tem-se destacado no trabalho de coordenação de Escolas Bíblicas de Férias, conhecidas com "Escolas Públicas de Férias", sob a orientação e direção da Profª. Neide Campolongo.

Milhares de crianças e juvenis têm-se beneficiado destas escolas. Além de proverem atividades úteis e saudáveis, ensinam também lições bíblicas para o desenvolvimento espiritual de seus alunos.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DO HOSPITAL ADVENTISTA SILVESTRE. Fundada em 1958, por Júlia Machado Estrela, a Escola já formou centenas de pessoas desde então.

Em 1959, formaram-se 42 turmas de auxiliares de Enfermagem com 11 alunos e a primeira turma de Técnica de Enfermagem com 126 alunos.

Em 1982, a Escola obteve registro no Conselho Estadual de Educação - RJ, para oferecer o curso Técnico de Enfermagem, além do registro para o curso de auxiliar de Enfermagem já existente desde 1980, pela nossa legislação educacional (Lei 5692/71).

O novo prédio foi inaugurado em 1988, quando completou 3 anos de funcionamento, estando agora pronto para oferecer outros cursos de formação profissional na área de saúde.

Diretores: Júlia Machado Estrela (1958-1961); Alice W. Peixoto d Silva (1962-1970); Enilice M. Menezes (1971-1973); Renato Emir Ober (1974-1978); Maria Angélica T. do Patrocínio (1979).

Coordenadores: Carolina de Oliveira (1974-1975); Wilma Will (1976); Maria de Almeida (1977); Elsa Storch Takathoi (1978); Francisca Fidelis da Silva (1979-1980); Janei Rabello de Souza (1981-1982); Dirce Bellezi Guilhen (1984-1985); Nina Aurora F. Melo (1986-1987); Janei Rabello de Souza (1988); Deise Conrad (1989).

ESCOLA DA IGREJA

ESCOLA DA IGREJA - AUXÍLIO FEDERAL E ESTADUAL. Veja **Igreja e Estado**.

ESCOLA DE RECUPERAÇÃO DE ALCOÓLATRAS E FUMANTES. Atualmente é um programa nacional da IASD, e em

várias igrejas do território nacional são oferecidos cursos, palestras e orientações de como abandonar o alcoolismo e o tabagismo, oferecendo atendimento físico, mental e espiritual aos dependentes.

O Departamento de *Temperança da Associação Paulista, através de seu secretário, na época, o Pr. Alcides Campolongo, incentivou, a partir de 1967, a abertura de Escola de Recuperação de Alcoólatras e Fumantes, em São Paulo. O Dr. Ajax Silveira, Diretor do Ambulatório para Recuperação de Alcoólatras, contribuiu na abertura dessas escolas.

A *IASD Central Paulistana, Itaim Bibi, Pinheiros, Santo Amaro, Capão Redondo, Maria Sampaio, Campo Limpo, Cidade Líder, Vila das Belezas e Moóca, foram as escolas de recuperação pioneiras em São Paulo.

Nos dias 5 a 8 de dezembro de 1976, houve um encontro dos diretores da Escola de Recuperação de Alcoólatras com o Dr. Ernest H. J. Steed, Diretor.

Executivo da Comissão Internacional para Prevenção do Alcoolismo e Dependência de Drogas e Diretor do Departamento de Temperança da Associação Geral da IASD, e do Pr. José Mascarenhas Viana, Diretor do Departamento de Temperança da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA), com sede em Brasília.

Em 1974, um grupo de estudantes da *Faculdade de Enfermagem (FAE) apresentando palestras, projeções de *slides* sobre o alcoolismo, ajudando os viciados na sua luta.

Em 1977, foi inaugurada a Escola de Recuperação de Alcoolismo e Fumantes em Hortolândia, SP. Adquiriram uma área de 1.000 m² e a Igreja construiu o prédio com 4 dependências para adultos e crianças.

Em 1977, os diretores de Escolas de Recuperação reuniram-se em Itaipava, juntamente com administradores e líderes de temperança.

A Escola de Recuperação hoje é uma programa nacional da IASD, e em várias igrejas do território nacional, são oferecidos cursos para dar atendimento físico, mental e espiritual aos dependentes.

ESCOLA INTERNACIONAL DE CURITIBA. Fundada em junho de 1896. A Escola Internacional de Curitiba foi a primeira instituição de ensino particular adventista. Nos primórdios do adventismo em Curitiba, PR, Paulo Krämer e Vicente Schimidt fundaram em junho de 1896 uma escola com o objetivo de educar crianças e jovens dentro dos princípios cristãos.

As aulas iniciaram em 1º de julho seguinte e o lema era: *"Sie Werden alle von Gott gelehrt sein"*. (E serão todos ensinados por Deus). Embora fosse um colégio fundado, mantido e administrado por membros da igreja, havia orientação direta do Pr. *Huldreich F. Graf.

*Guilherme Stein foi convidado pelo Pr. Graf para lecionar nessa instituição. Segundo informações do Dr. Renato E. Oberg, obreiro aposentado, e pesquisas realizadas por Renato Gross, professor de Psicologia do *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), em jornais de Curitiba dos últimos anos do século passado, o Colégio Internacional destacou-se entre várias outras escolas da época, recebendo como alunos os filhos da elite da cidade, exercendo sobre eles salutar influência religiosa.

A escola fechou em 1904, após haver atingido a matrícula de 400 alunos devido à mudança de Paulo Krämer para Porto Alegre, onde abriu um laboratório e radicou-se definitivamente.

ESCOLA MINEIRA ADVENTISTA (EMA). Localiza-se em Capim Roxo, Minas Gerais, nas imediações da Serra de Caparaó, vizinha do Pico da Bandeira. É uma escola em regime de internato. Pertence e é administrada pela *Missão Mineira da IASD.

A Escola Mineira Adventista foi extinta em 1966 e suas instalações foram usadas para acolher um lar de meninos órfãos, administrado, provisoriamente, por João Mendes Amorim. Anexa ao lar,

há uma escola primária onde são feitas plantações de árvores frutíferas e hortas.

Foi fundada em 1937, em uma área de 10 alqueires doada pelo Sr. José Mendes Amorim. Anexa ao lar, há uma escola primária onde são feitas plantações de árvores frutíferas e hortas.

Foi fundada em 1937, em uma área de 10 alqueires doada pelo Sr. José Garcia Filho. Nessa época, o diretor da *Missão Rio-Minas era o Pr. E. M. Davis e o diretor educacional da *União Este-Brasileira da IASD, *J. D. Hardt.

O primeiro professor desta instituição foi Ernesto Eclache, sendo substituído pelo Prof. Ervino L. Braun. Havia cursos noturnos para os adultos. As instalações compreendiam dois prédios: dormitório e refeitório e um edifício escolar.

Em 1946 houve a primeira *Semana de Oração da escola, dirigida pelo Prof. Francisco Siqueira, na época Diretor J. A. e de Educação da Missão Rio-Minas.

ESCOLA PAROQUIAL. Na educação ASD, uma escola dirigida por uma *Igreja (Organização Local) ou por um grupo de Igrejas (ocasionalmente por uma instituição denominacional) provendo treinamento cristão e educação elementar geral. O termo “escola paroquial” é geralmente usado sinonimamente como o termo “escola primária”, embora algumas igrejas dirijam uma escola de 1º Grau, que é chamada oficialmente uma escola intermediária, mas, em termos comuns, uma academia.

Veja **Escolas ASD.**

ESCOLA RADIOPOSTAL DA VOZ DA PROFECIA. Localiza-se no Rio de Janeiro, RJ, Cx. Postal 1189, CEP 20001-970. É

uma escola de correspondência evangelística, distribuindo lições de cursos bíblicos a todas as partes do país.

A primeira Escola Radiopostal surgiu juntamente com o Programa *A Voz da Profecia em 1943 pela rádio e televisão.

A Sra. *Ilka Reis Marmon secretariava o trabalho da Voz da Profecia, em Niterói e dava assistência a Escola Radiopostal.

Os primeiros cursos oferecidos foram: *Universal*, *Juvenil*, *Avançado*, e mais tarde: *Família Feliz*, *Mundo do Amanhã*, *Futuro Revelado*, **Encontro Com a Vida*, para adultos e jovens respectivamente. Milhares de pessoas foram inscritas e concluíram estes cursos.

Recentemente, os cursos oferecidos são: **Encontro com a Vida*, de 20 lições; *Família Feliz*, com 10 lições; *Curso Avançado* com base nas profecias bíblicas e no livro Conflito dos Séculos. Na conclusão dos cursos, o aluno recebe um certificado.

A Escola Radiopostal oferece cópias das palestras transmitidas pelo rádio para quem as solicitar. O curso Encontro com a Vida é oferecido aos que assistem o programa de TV denominado *Encontro com a Vida*, com 5 minutos de duração.

ESCOLA SABATINA. Equivalente ASD, em geral, à escola dominical de outras denominações, com certas características:

(1) uma parte regular do programa é estimular o interesse no trabalho das missões em muitas terras para cuja manutenção as ofertas são dedicadas;

(2) Escola Sabatina pretende ser não somente uma escola para crianças e jovens mas para toda a Igreja, inclusive para os adultos. Sendo que a Escola Sabatina é um dos agentes subordinados à Igreja, sendo seus oficiais eleitos pela Igreja.

Foi em 1852, oito anos após o primeiro grupo de Adventistas guardadores do *Sábado ser formado (em Washington, New

Hampshire), que o trabalho da Escola Sabatina se iniciou. Naquele ano, os grupos dispersos que estavam se desenvolvendo na IASD tinham um total de “1000 membros” no estado de Nova Iorque, “muitas centenas nos Estados do Oeste,” além de um “bom número” no Canadá (*Review and Herald*, 06 de maio1852).

Naquele tempo, os líderes focalizavam sua atenção no estabelecimento dos membros na fé, e deram pouca atenção à instrução sistemática às crianças além do que poderiam reter das campais.

Buscando trazer os membros à ação, *Tiago White, disse:

> Planejamos publicar um pequeno jornal mensal, contendo matéria para benefício dos jovens. ... As crianças deveriam ter uma revista própria, uma que lhes interesse e os instrua. ... Pretendemos dar quatro ou cinco lições, na forma de questões e respostas, em cada número, semanalmente, para as lições da Escola Sabatina (*Review and Herald*, 8 de junho de 1852).

Tiago escreveu estas primeiras dezenove lições da Escola Sabatina. Não pode haver dúvida de que muitas famílias iniciaram Escolas Sabatinas em seus lares quando receberam as lições. A primeira Escola Sabatina regular foi provavelmente a organizada em 1853, por Tiago White, em Rochester, Nova Iorque. Outra foi organizada por *John Byington em Buck's Bridge, Nova Iorque, 1854. Em 1855, após a remoção do escritório da Review and Herald Publishing Association para Battle Creek, Michigan, M. G. Kellogg organizou uma Escola Sabatina lá.

A primeira Escola Sabatina tinha somente uma série de lições, que apareceram no *Youth's Instructor* (Instrutor dos Jovens), e nenhuma auxiliar para ensino em diferentes níveis. Os programas das Escolas Sabatinas locais variavam, e enfatizava-se muito a memorização das Escrituras. Em 1863, Adelia Patten escreveu uma série de lições

adaptadas para crianças, e no mesmo ano, *Urias Smith escreveu uma série mais avançada na *Review and Herald* para adultos. Havia somente duas divisões, uma para crianças e outra para adultos (a última chamada Classe Bíblica). Havia pouca organização até G. H. Bell, professor pioneiro em Battle Creek, em 1869 tornou-se editor do *Instrutor dos Jovens*. Imediatamente ele introduziu duas séries de lições, uma para crianças e outra para jovens; publicou uma plano de organização provendo uma equipe de oficiais e relatórios regulares de assistência; e mais tarde introduziu artigos para professores e oficiais. O sucesso desse plano como demonstrado na Escola Sabatina de Battle Creek resultou em um crescente interesse em outros lugares, e Bell viajou a outros lugares organizando Escolas Sabatinas e aconselhando oficiais. Em 1877, a primeira Associação Estadual da Escola Sabatina foi organizada na Califórnia e em outubro de 1878, quando havia 12 de tais Associações, a nova Associação Geral da Escola Sabatina relatou, de somente 8 delas, um total de 177 escolas e 5.851 membros. Naquele ano, na Escola Sabatina de Battle Creek formou-se uma divisão para crianças pequenas, "o Ninho dos Pássaros," que em 1886 tornou-se a divisão do rol-do-berço. Em 1879 algumas Escolas Sabatinas estavam sendo usadas como meios evangelísticos.

Em 1885, foi publicado o livro *Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, a fim de dar instrução aos oficiais e professores. Neste tempo, algumas escolas tinham começado a dar uma quantia das ofertas da Escola Sabatina para as missões estrangeiras.

Na *Conferência Geral de 1901, foi reorganizada a Associação da Escola Sabatina da Associação Geral, e após isso, a Associação da Escola Sabatina foi extinta.

Em 1901, havia 2.675 Escolas Sabatinas, com 59.732 membros, que renderam $21.979,58 dólares para as missões. Houve quatro divisões da Escola Sabatina: jovens, adolescentes, primários e rol-do-berço. Dois novos objetivos;

(1) para ter cada ASD assistindo à Escola Sabatina a cada semana, e

(2) ter o estudo diário de cada membro — foram acrescidos aos três já promovidos: isto é, ter cada membro presente e pontualmente, para realizar o trabalho pessoal para cada aluno e dar ofertas liberais para as missões.

De 1916 até 1945, cartões e outras lembranças eram dados pela presença em todas as reuniões e pelo estudo diário de lição. Em 1946, com 598.683 membros e 707.428 da Escola Sabatina, mais de 180.000 cartões de honra e 13.000 marca-páginas foram impressos. Porém, por causa do volume de trabalho ligado à guarda dos registros e o embaraço às vezes envolvidos em relatórios individuais, decidiu naquele ano "alcançar-se os mais altos objetivos — estudo diário da lição e perfeita assistência — sem a ajuda artificial do plano de colocação competitiva.

Na década de 1930, crescente ênfase foi posta sobre o treinamento de professores e oficiais da Escola Sabatina. Vários livros foram produzidos para esse propósito.

Em 1937, o ano do Jubileu de Prata do Departamento da Escola Sabatina, havia 13.305 Escolas Sabatinas, com 554.408 membros. Em 1952, o centenário das primeiras lições da Escola Sabatina de Tiago White, havia 17.993 Escolas Sabatinas, com 1.120.998 membros. Um filme de 45 minutos, *"O Que Deus Tem Feito"*, foi produzido para a ocasião.

Doze anos mais tarde, em 1964, havia 25.610 Escolas Sabatinas, com 2.145.627 membros em 189 países (dos 223 reconhecidos pela ONU), estudando a lição da Escola Sabatina em aproximadamente 523 línguas e dialetos. A lição dos adultos era impressa em quase 100 línguas.

No final da década de 1960 e no início da de 1970, foram estabelecidos planos para se revisar o formato para as lições da Escola

Sabatina em todas as divisões. A lição dos adultos varia bastante em cada país. Aqui no Brasil, temos 3 tipos: de aluno, de professor e de jovens, sendo que a dos professores possui comentários mais profundos do assunto da lição do que a de aluno e a dos jovens, redigida por vários autores, geralmente universitários, é traduzida da lição norte-americana.

A Escola Sabatina hoje é categorizada por diferença de idade ou escolaridade — adultos (membros maduros), jovens (alunos de 2º Grau), adolescentes (de 12-14 anos), juvenis (de 10-12), primários (de 7-9 anos), infantis (de 4-7 anos) e o rol-do-berço (menos de 4 anos).

ESCOLAS ASD. A denominação Adventista do Sétimo Dia mantém um sistema de educação integrado à Igreja, abrangendo escolas de todos os níveis, desde o Jardim de Infância até a Universidade. Para conhecer os princípios sobre os quais seu currículo é baseado, veja **Educação, Filosofia ASD de.**

Esboço Histórico e Estatísticas. De 1853 a 1872, em várias partes dos Estados Unidos, escolas primárias ligadas à Igreja eram dirigidas por famílias individuais, grupos de famílias, ou Igrejas ASD locais (Veja **Igreja [Organização Local]**). A primeira escola oficial da Igreja (primário) foi estabelecida em Battle Creek, Michigan, em 1872; a primeira faculdade naquele lugar em 1874; e o primeiro colégio em Healdsburg, Califórnia (seguido de outro em South Lancaster, Massachusetts), em 1882.

O crescimento das facilidades educacionais era lento na década de 1890. Durante aquela década, 5 faculdades, muitos colégios e mais de 200 escolas primárias foram fundados nos Estados Unidos. Este mesmo período testemunhou novas escolas ASD no Canadá, Inglaterra, Austrália, Suíça, Suécia, Alemanha, África, Argentina, Dinamarca e Brasil.

Durante o presente século, o crescimento em número e em tamanho das escolas, o número de professores e a matrícula de estudantes foi rápida e contínua. Escolas de todos os níveis (1992): 5.551; número de professores: 40.356; matrícula: 777.874. Em 1992, o custo operacional era de aproximadamente US$200 milhões. O sistema ASD de escolas é o maior sistema educacional protestante internacional e o segundo nos Estados Unidos.

Educação Primária. (escolas primárias, escolas paroquiais). Escola primárias (de 1ª a 8ª séries) variam em tamanho, tendo somente um professo na escola e com poucos alunos, até 20 ou mais professores e matrículas de 50 alunos ou mais.

O currículo pretende educar integralmente a pessoa em seus vários aspectos — físico, mental e espiritual. Este varia de estado para estado e de país para país, mas inclui como básicas as seguintes matérias: Artes, Bíblia, Caligrafia, Saúde e Fisiologia, Linguagem, Matemática, Música, Educação Física, Artes Práticas ou Habilidades Manuais, Leitura, Ciências, Estudos Sociais, Dicção.

As escolas primárias são dirigidas por comissões escolhidas pela igreja local em cooperação com e sob a direção da *Associação local. Em muitas áreas, duas ou mais igrejas se unem para dirigir uma escola mais bem estabelecida, freqüentemente empregando um ônibus escolar para transportar os alunos. As escolas são geralmente financiadas por taxas e subsídios gerais da igreja ou das igrejas que a operam e da Associação em que estejam situadas. A supervisão profissional é responsabilidade do departamento de educação da Associação e seu Departamental e, em Associações maiores, um (a) supervisor (a) de educação primária. As praxes gerais de educação primária podem ser encontradas no **Livro de Praxes da Divisão Sul-Americana.*

Escolas Intermediárias. (Colégios de 1º e 2º Graus). As escolas intermediárias, que ensinam do 1º Grau até o fim do 2º Grau são consideradas extensões do Primário e são assim dirigidas.

Colégios. (Escolas de 2º Grau). Cursos de geralmente 3 anos (em alguns lugares 4 anos) dirigidos como internatos ou externatos. Estes são financiados por mensalidades, mas também de subsídios das igrejas e/ou Associações locais. Muitos têm indústrias que fornecem oportunidade de trabalho para os estudantes.

Educação Superior. (Faculdades, Universidades). A DSA opera no Brasil 28 colégios de 2º Grau, 17 Internatos e 3 colégios de nível superior. Há mais ou menos 80 colégios oferecendo cursos de 2º Grau e universidade em todo o mundo.

Veja também **Educação, Filosofia ASD de**.

Quase todas as escolas da Igreja que pertencem à denominação são listadas no **Yearbook, Anuário da IASD.*

Desenvolvimento da Obra Educacional no Brasil. No início do Adventismo no Brasil, mais precisamente em Curitiba, Paraná, os irmãos Paulo Kramer e Vicente Schmidt fundaram, em junho de 1896, a *Escola Internacional de Curitiba, cujas aulas se iniciaram no dia primeiro de julho seguinte. O lema era *"Sie werden alle von Gott gelehrt sein."* (E serão todos ensinados por Deus). Embora fosse um colégio fundado, mantido e administrado pelos membros da Igreja, havia orientação direta do Pr. *Huldreich Graf, um missionário alemão e pioneiro da obra no Brasil, que convidou *Guilherme Stein para trabalhar como professor na Escola Internacional. De acordo com minuciosas pesquisas em jornais do fim do século passado, a Escola Internacional de Curitiba sobressaiu-se entre várias outras instituições de ensino da época, recebendo como alunos os filhos da elite da cidade, sobre os quais exerceu salutar influência religiosa, levando alguns à conversão na fase adulta. Após haver atingido a matrícula de 400

alunos, fechou em 1904, devido à mudança de Paulo Kramer para Porto Alegre, onde abriu um laboratório farmacêutico e radicou-se definitivamente.

Spies e Lipke no Brasil. *Frederico Spies, obreiro do setor de publicações na Alemanha, veio para o Brasil em 1896 e fez um eficiente trabalho como *Pastor e administrador. Com a finalidade de cuidar da obra educacional, foi chamado *John Lipke, que chegou a Porto Alegre em 1897. Mantinha-se colportando e, nas horas disponíveis, lecionava em sua própria residência.

Primeira Escola Paroquial Adventista. Nossa primeira escola paroquial foi a de Gaspar Alto, então distrito de Brusque, Santa Catarina, fundada em 15 de outubro de 1897, conforme consta na ata de fundação, documento mais antigo existente. Seu objetivo era alfabetizar, inculcando nas crianças os princípios cristãos e, ao mesmo tempo, inspirando-as a trabalhar na Obra Adventista quando ficassem adultas. O primeiro professor e organizador foi Guilherme Stein, 1898, que arranjou tudo, inclusive uma classe noturna para alunos adultos. Sucede-o em 1889 a professora Brack, esposa do *Colportor *Augusto Brack.

Início de Nosso Colégio Superior. Aproveitando o substrato físico existente da escola paroquial de Gaspar Alto e construindo novas instalações, a direção da obra, segundo as possibilidades e exigências da época, em 1899, fundou o Colégio Superior cujas aulas iniciaram em 1900, tendo o Pastor Lipke como fundador, professor e diretor, cargo que ocupou até 1903, quando o referido Colégio foi transferido para Taquari, Rio Grande do Sul, subentendendo-se que a escola paroquial permaneceu em Gaspar Alto. O Colégio possuía dormitórios masculino e feminino, refeitório e material didático regular, inclusive um corpo humano desmontável para estudo de anatomia. Havia alunos também de outros estados e da Argentina. Como, porém, o educandário estava situado, segundo as declarações dos descendentes dos seus antigos

fundadores, confirmados pelo Pr. *J. L. Brown, num local de difícil acesso e decentralizado em relação ao resto do país, foi transferido para Taquari, Rio Grande do Sul, como já mencionamos.

Prepararam-se na escola de Gaspar Alto para trabalhar como obreiros, *Francisco Belz, *Ricardo Olm e a Srta. Rebling, que foi para o Rio de Janeiro como obreira bíblica sob a orientação de *W. H. Thurston. Ricardo Olm, depois de algum tempo, voltou às atividades seculares mas continuou como *Ancião da Igreja. Francisco Belz, porém, dedicou toda a vida ao ministério como pastor ordenado.

Colégio de Taquari. Houve um rápido progresso na colônia alemã do Rio Grande do Sul, cujos membros sentiam muita falta de uma escola para educação da juventude e preparo de obreiros para o campo nacional. Por outro lado havia a necessidade de transferir o Colégio Superior de Gaspar Alto para um local de mais fácil acesso. Diante disso, os administradores da obra votaram fundar um educandário em regime de internato e externato para moços e moças, sendo então comprada, em Taquari, uma chácara, possivelmente em 1902 ou início de 1903, onde havia uma grande casa com três amplas divisões. Depois das necessárias reformas e adaptações, as aulas começaram no dia 19 de agosto de 1903, tendo Emílio Schenk como diretor.

Em 1904, o Pr. Lipke assumiu a direção da escola de Taquari que passou a se debater com dois problemas: 1) Ficava, como a de Gaspar Alto em Santa Catarina, muito descentralizada em relação às outras partes do Brasil; 2) A obra Sul-Riograndense não tinha condições financeiras para mantê-la. Diante disso, em fevereiro de 1910, a Conferência do Rio Grande do Sul recomendou a transferência do educandário de Taquari para um ponto mais central do país. A escola foi fechada e a administração vendeu a propriedade em 1911 por onze contos de réis. Esta quantia foi remetida à Conferência União Brasileira para formar o grande fundo de educação com o qual a obra comprou a propriedade do atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

ESCRITURAS, INSPIRAÇÃO DAS. Em sua declaração de *Crenças Fundamentais, os ASD estabeleceram sua posição nas Escrituras como se segue:

> Que as Santas Escrituras do *Antigo e *Novo Testamentos foram dadas por inspiração de *Deus, contém uma *Revelação todo suficiente de Sua vontade para o homem, e são a única regra infalível de fé e prática (II Tim. 3:15-17).

Os ASD não crêem na inspiração verbal, de acordo com o significado comum do termo, mas no que possa propriamente ser chamada de inspiração *ideológica*. O ponto de vista ASD sobre esse assunto foi melhor explicado por *Ellen G. White:

> A *Bíblia foi escrita por homens inspirados, mas não é a maneira de pensar e exprimir-se de Deus. Esta é a forma de expressão da humanidade. Deus, como escritor, não Se acha representado. Os homens dirão muitas vezes que tal expressão não é própria de Deus. Ele, porém, não Se pôs à prova na Bíblia em palavras, em lógica, em retórica. Os escritores da Bíblia foram instrumentos de Deus, não Sua pena. Olhai os diversos escritores.
>
> Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que o foram. A inspiração não atua nas palavras do homem ou em suas expressões, mas no próprio homem que, sob a influência do *Espírito Santo, é possuído de pensamentos. As palavras, porém, recebem o cunho da mente individual. A mente divina é difusa. A mente divina, bem como Sua vontade, é combinada com a mente e a

vontade humanas; assim as declarações do homem são a Palavra de Deus. (I *ME*, p. 21).

A Escritura Sagrada, com suas divinas verdades, expressas em linguagem de homens, apresenta uma união do divino com o humano. União semelhante existiu na natureza de Cristo, que era o Filho de Deus e Filho do homem. Assim, é verdade com relação à Escritura, como o foi em relação a Cristo, que “o Verbo Se fez carne e habitou entre nós.” (João 1:14). (*GC*, p. 8).

Escrita em épocas diferentes, por homens que diferiam grandemente em posição e ocupação, e com dons mentais e espirituais, os livros da Bíblia apresentam um grande contraste em estilo vem como uma diversidade na natureza dos assuntos desenvolvidos. Diferentes formas de expressão são usadas por diferentes escritores; freqüentemente a mesma verdade é mais notavelmente apresentada por um do que por outro. Vários autores apresentam um mesmo assunto sob variados aspectos e relações, podendo parecer, ao leitor superficial, descuidado e preconceituoso, haver discrepância ou contradição onde o estudante reverente e profundo, com claras idéias, discerne a harmonia subjacente.

Como apresentada por diferentes indivíduos, a verdade é revelada em seus vários aspectos. Um escritor é mais impressionado com uma fase do assunto; ele aborda os pontos que se harmonizam com sua experiência ou com seu poder de percepção e apreciação; outro versa sobre uma diferente faceta; e cada um, sob direção do Espírito Santo, apresenta o que mais fortemente impressiona sua mente —

> um aspecto diferente da verdade em cada versão completa perfeita harmonia no todo. Todas as verdades reveladas desta maneira se unem para formar um conjunto perfeito, adaptado para suprir as necessidades dos homens em todas as circunstâncias e experiências da vida . (*GC*, p. 8-12).

Os autógrafos originais das Escrituras, é claro, foram já há muito tempo perdidos, e os documentos sagrados passaram pelas mãos de incontáveis copistas, redatores e tradutores. Naturalmente, houve certas modificações mas, quase sem exceção, estas foram relativamente de menos importância. A Bíblia foi transmitida a nós com exatidão e confiança vastamente maiores do que qualquer documento antigo similar. Sobre mudanças textuais como estas, Ellen G. White escreveu:

> Vi que Deus havia de uma maneira especial guardado a Bíblia, ainda quando da mesma existiam poucos exemplares; e homens doutos nalguns casos mudaram as palavras, achando que a estavam tornando mais compreensível, quando na realidade estavam mistificando aquilo que era claro, fazendo-a apoiar suas estabelecidas opiniões, que eram determinadas pela tradição. Vi, porém, que a Palavra de Deus, como um todo, é uma cadeia perfeita, prendendo-se uma parte à outra, e explicando-se mutuamente. Os verdadeiros inquiridores da verdade não devem errar (*PE*, 220, 221).
>
> Alguns nos olham seriamente e dizem, “Não acha que deve ter havido algum erro nos copistas ou da parte dos tradutores?” Tudo isso é provável, e a mente que for tão estreita que hesite e tropece nessa possibilidade ou probabilidade, estaria igualmente pronta a tropeçar sobre os mistérios da Palavra Inspirada, porque sua mente fraca não pode ver através do desígnios de Deus. ... Mesmo todos os

> erros não causarão dificuldade a uma *Alma, nem farão tropeçar os pés de alguém que não fabrique dificuldades da mais simples verdade revelada. (*MS* 16, 1888; *ME* 16).

Não deveríamos “lamentar que estas dificuldades existam, mas aceitá-las como permitidas pela sabedoria de Deus”. A Bíblia “é completa em cada ponto essencial à salvação da alma” (5*T*, p. 706).

A despeito das limitações finitas da linguagem humana, dos escritores e daqueles cujas mãos tocaram nos documentos sagrados, as Escrituras como as temos hoje são suficientes para exprimir conhecimento do infinito desígnio de Deus para o homem e levá-lo a ser salvo em *Jesus Cristo. A verdade essencial, talvez obscura em uma passagem, resplandece com transparente brilho em outro lugar. Em seu estado presente, e tomadas como um todo, as Escrituras são todo adequadas, para todos os propósitos práticos, para cumprir o objetivo pelo qual idealizadas por seu divino Autor.

ESPERANÇA. A tradução dos termos que significam “confiança”, “expectação”, “segurança”, “esperança”, “desejo expectante”. Na Bíblia, essas atitudes são freqüentemente expressas como dirigidas, ou estabelecidas a uma divindade ou coisa celeste. O salmista, meditando sobre a incerteza e vaidade da vida, voltava-se a Deus como o firme alicerce para sua esperança (Sal. 39:7; cf. Sal. 71:5; 146:5), e focalizava sua esperança de *Salvação em *Deus (Sal. 119:116).

A vinda de Jesus a este mundo deu nova substância e forma à esperança. O cristão é salvo pela “esperança” (Rom. 8:24), que é proveniente da *Graça (II Tess. 2:16). Fora de Cristo não há esperança (Efés. 2:12, 13), mas Cristo é para o crente a “esperança da glória” (Col. 1:27). A *Justificação pela Fé traz consigo a paz e a alegria “na esperança da glória de Deus” (Rom. 5:1, 2). Através do *Espírito, o

cristão espera "pela esperança da justiça pela fé" (Gál. 5:5). A segunda vinda de Cristo é para ele a bendita esperança (Tito 2:13).

A esperança é referida como a "âncora da alma" (Heb. 6:19). Baseada no santo fundamento da fé cristã, ela comunica coragem, entusiasmo, otimismo e alegria. É um antídoto para o desespero e desânimo. Ela estimula a atividade que tem um objetivo, principalmente o avanço do *Reino de Deus.

ESPIRITISMO [ESPIRITUALISMO]. Crença e prática de comunicação com espíritos, supostamente dos mortos; movimento moderno que começou com as irmãs Fox em 1848. A literatura dos pioneiros ASD acusam as "batidas de Rochester" ou "manifestações de espíritos", mas somente em 1850 eles se referem a este movimento como "o que é chamado de *Espiritualismo,* ou *Manifestações de Espíritos,* (*RH*, 28/08/1853). Os ASD estão eficientemente protegidos contra o *Espiritualismo por suas crenças na mortalidade natural do homem e em seu estado inconsciente na *Morte.

A *Lei de Moisés proibiu estritamente a tentativa de se comunicar com os mortos através de espíritos mediúnicos: "Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos, não os procurareis para serdes contaminados por eles" (Lev. 19:31), e Jeremias advertiu contra os enganos dos "encantadores" e "agoureiros" (Jer. 27:9-10). Os *Feiticeiros deveriam ser executados (Lev. 20:27).

A comunicação com os mortos é impossível, porque os "mortos não sabem coisa alguma" (Ecl. 9:5). Seus processos mentais cessam na morte (v. 6). Conseqüentemente, a comunicação, pretendendo vir dos mortos, é fraude. (Jer. 27:9-10). Os ASD esperam um reavivamento no interesse da comunicação com os espíritos nos últimos dias, com ênfase especial nos *Milagres (Apoc. 13:13-14; 16:13-14; II Tess. 2:9-10).

O espiritismo moderno teve seu início nas batidas misteriosas ouvidas em 1848, no lar de um fazendeiro chamado Fox, em Hydesville,

Nova Iorque. Já em 1849, os ASD advertiram que o poder manifestado era de Satanás (*PE*, 43, 86).

A **Review and Herald* de 28 de outubro de 1852 publicou uma carta de E. R. Seaman, de Rochester, Nova Iorque, que advertiu do perigo de consultar "espíritos familiares" que se apresentavam como os espíritos de amigos falecidos. Em sua opinião, esse assunto era de importância maior "do que muitos possam supor".

Alguns meses depois, David Arnold, ministro ASD declarou:

> O Espiritualismo tomou a personalidade de Satanás, e deu-lhe uma existência somente na forma de propensões carnais de homens caídos. (*ibid.*)

Mais adiante em seu artigo Arnold disse:

> Satanás com suas legiões de *Anjos caídos, ou espíritos de demônios, está operando através. ... das pretensas manifestações de espíritos, para "enganar o mundo inteiro" e se possível até os escolhidos (*ibid.*, p.36)

Na edição de 04 de agosto de 1853, na *Review and Herald*, *Tiago White disse crer que o "tempo chegara e que uma porção da *Review* deveria ser dedicada a uma exposição das profecias que se referem a estas manifestações espiritualistas. "Conseqüentemente uma série de artigos intitulados **Sinais dos Tempos*, "durante agosto e setembro" na *Review* de 1853 alistaram "manifestações espiritualistas" como um dos muitos sinais da iminência do retorno de Cristo (*ibid.*, 28 de agosto de 1853). Ele ressaltou que um pregador que cria na *Imortalidade natural do homem estaria em uma posição reprovável se objetasse serem as pretensões dos espíritos queridos já partidos.

*R. F. Cotrell, um ministro Batista do 7º Dia que se tornou ASD em 1851, escreveu em agosto de 1853:

> Os “espíritos” têm como um de seus objetivos primários “convencer cépticos da imortalidade da alma.”...
>
> Milhares de professos cristãos têm-se convencido, pelo testemunho da Bíblia, da doutrina contrária (a inconsciência do homem na morte), nos últimos dez anos (*ibid.* 22 de novembro de 1853).

De 06 de maio de 1852 até 30 de outubro de 1855, a *Review and Herald* era publicada em Rochester, Nova Iorque, e é provável que a proximidade geográfica desta cidade, que é comumente considerada o berço do espiritismo moderno, tenha sido um fator importante na forte ênfase dada pelos ASD sobre a inconsciência do homem na morte e de sua oposição vigorosa aos ensinos então crescentes do espiritismo.

Veja também **Imortalidade; Morte.**

ESPÍRITO. Tradução do termo hebraico. *rûach*, “espírito”, “vento”, “fôlego”, e do gr. *pneuma*, “vento”.

*Deus é declarado como sendo “Espírito” (João 4:24). O *Espírito Santo é a terceira pessoa da *Trindade. Os anjos são “espíritos ministradores” (Heb. 1:14). A respeito de seres humanos “espírito” é a força vital e animadora que caracteriza uma pessoa vivente. *Rûach* é às vezes traduzido como “fôlego” (Gên. 7:15; Jó 9:18; etc.), sendo fôlego uma evidência perceptível e conclusiva da presença da vida.

Na *Morte, a força invisível da vida deixa o *Corpo (Gên. 7:22; cf. Jó 27:3; Sal. 104:29). O Espírito retorna a Deus que o deu (Ecl. 12:7; cf. At. 7:59). Os ASD têm, às vezes, identificado o Espírito, que deixa o corpo na morte, com o fôlego simplesmente. Por exemplo, a expressão em Luc. 23:46, “ele entregou seu espírito” (gr. *exepneusen*) significa literalmente “ele expirou” (gr. *Exepneusen*), ou “cessou de respirar”.

Por outro lado, o espírito que retorna a Deus também tem sido identificado com o caráter:

> Nossa identidade pessoal é preservada na *Ressurreição, embora nem todas as mesmas partículas de substância material permaneçam como foram para a sepultura. As obras maravilhosas de Deus são um mistério para o homem. O Espírito, o caráter do homem, retorna a Deus, para ali ser preservado. Na ressurreição todo o homem terá seu próprio caráter (Ellen G. White *SDABC* 6:1093).

Porém, as Escrituras em nenhum lugar indicam que o "espírito" do homem existe como uma entidade *inteligente* separada do cérebro e do sistema nervoso. De fato, exatamente o contrário é repetida e enfaticamente confirmado (Sal. 146:3, 4; Ecles. 9:5, 6, 10; etc.). O conceito de o espírito ser capaz de ter existência independente, inteligente, consciente e pessoal separada do corpo, derivou da filosofia grega pagã e foi introduzido na Igreja Cristã nos séculos primordiais da Era Cristã, por teólogos da Igreja em Alexandria, Egito, que adotaram a filosofia Platônica e misturaram-na com a doutrina Cristã. Veja **Alma; Imortalidade; Morte; Ressurreição; Vida Eterna.**

ESPÍRITO DE PROFECIA. Expressão de Apoc. 19:10, usada pelos ASD com vários significados. O texto declara " . . . o *Testemunho de Jesus é o espírito de profecia". Isto significa que Jesus testifica à Igreja através da profecia. *Tiago White interpretou este verso em *Life Sketches* como segue:

> O *Espírito, a *Alma e a substância da profecia é o testemunho de *Jesus Cristo. Ou, a voz dos profetas, relativa ao plano e obra da Redenção humana, é a voz do Redentor. Cristo assumiu a obra da redenção; e quem deveria inspirar um livro sobre o assunto senão o próprio Redentor? (Ed. 1880; pp. 335, 336).

Aumentando o significado, G. I. Butler, presidente por muito tempo da *Associação Geral da IASD (AG), definiu o termo “Espírito de Profecia” como “aquele espírito que leva uma pessoa a profetizar”. “Este espírito”, escreveu, “vem sobre alguns. Eles falam como se fossem movidos por este Espírito. Eventos futuros ou coisas necessárias para o bem estar da Igreja são-lhe reveladas”. (**Review and Herald*, 2/06/1874).

Indo ainda mais longe, os ASD aplicam o termo “*espírito de profecia”* à operação do *Dom de Profecia, um dos “*Dons” do Espírito (Veja I Cor. 12:4; 7:11, 28; Efés. 4:11-13), e, desta maneira, às produções literárias de *Ellen G. White, co-fundadora da Igreja e a quem os ASD consideram como tendo sido o recipiente do dom de profecia, no sentido bíblico de um porta voz de Deus devidamente creditado e autorizado.

A definição de “testemunho de Jesus” como o “espírito de profecia” em Apoc. 19:10 caracteriza a possessão do dom como uma das marcas específicas para a identificação da *Igreja “remanescente”, referida no capítulo 12:17: “Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes de sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus”. “O dom de profecia, que veio de Ellen G. Harmon (mais tarde White), em 1844, confirmou a fé dos pioneiros ASD em seu movimento como o que figurava nesta profecia bíblica, como o remanescente, a semente da mulher nos últimos dias da história da Terra, uma igreja que guarda os mandamentos de Deus e na qual foi manifestado o testemunho de *Jesus Cristo, “ou o espírito de profecia” (Tiago White na *Review and Herald*, 28 de fevereiro de 1856). Os pioneiros ASD reconheceram semelhantemente a profecia de Joel 2:28-32, como sua referência aos últimos dias, ao “remanescente”, e a manifestação do dom de profecia como uma descrição propriamente inspirada de sua própria experiência (*R. F. Cotrell, *ibid.*, 25 de fevereiro de 1858).

The Spirit of Prophecy é o nome dos quatro volumes nos quais a Sra. White apresentou uma seqüência de biografias bíblicas (1870-1884). Este conjunto foi o originador de seus cinco volumes atuais da série *O Conflito dos Séculos* (Veja **White, Escritos de Ellen G.).**

*Relação para com as *Escrituras.* De acordo com a posição histórica protestante, os ASD aceitam a Bíblia, e a Bíblia somente, como a única regra de fé e prática para o cristão, e crêem ser ela, em sua inteireza, a confiável e autorizada Palavra de Deus, na linguagem do homem (Veja **Bíblia, Inspiração Das Escrituras**). Os ASD reconhecem o dom profético, separadamente do Cânon Sagrado, como tendo operado antes e durante a composição da Bíblia, mas afirmam que as Escrituras canônicas constituem a norma pela qual todas as outras mensagens proféticas devem ser testadas. Crêem que este dom nunca foi permanentemente retirado, mas foi manifestado agora e repetidamente na história, e pertence à Igreja hoje. O Cânon das Escrituras é a mensagem de Deus para todos os homens de todas as épocas; a revelação extracanônica pertence àqueles a que foi originalmente dirigida

Os ASD aceitam os escritos de Ellen G. White como representando a obra do dom profético, mas não como substitutos da Bíblia ou como uma adição à ela. Esta é a opinião que ela mesma manteve.

> O irmão J. confundiria a mente procurando fazer parecer que a luz que Deus deu através dos Testemunhos é uma adição à Palavra de Deus, assim, ele apresenta o assunto em uma falsa luz. Deus achou por bem trazer a mente de Seu povo para Sua Palavra desta maneira, a fim de dar-lhe um entendimento mais claro dela (4*T*, p. 246).

> A Palavra de Deus é suficiente para iluminar a mais anuviada mente e pode ser entendida por aqueles que

> tenham o desejo de entendê-la. ... A fim de deixar homens e mulheres sem desculpas, Deus dá testemunhos completos e específicos, trazendo-os de volta à palavra que têm negligenciado (2*T*, 454, 455).

> Os testemunhos escritos não pretendem dar nova luz, mas impressionar vividamente corações com as verdades da inspiração já revelada (*ibid.*, 605).

Ellen G. White referiu-se a seus conselhos como uma luz menor para levar homens e mulheres à luz maior" (*Review and Herald*, 20 de janeiro de 1903).

> O Espírito não foi dado — nem nunca o poderia ser — a fim de sobrepor-Se à Escritura; pois esta explicitamente declara ser ela mesma a norma pela qual todo ensino e experiência devem ser aferidos. (*GC*, p. 10).

No prefácio do volume 1 do livro *Spiritual Gifts* de Ellen G. White (1858), Roswell F. Cotrell declarou a substância do que tem desde então sido a posição denominacional a respeito do dom de profecia, como manifesto na Sra. White. Cotrell reconheceu a única posição da Bíblia como o critério pelo qual todas as reivindicações de profecia devem ser aferidos. Através de vários textos (Mar. 16:15-18; Mat. 28:19-20; I Cor. 12:28; 13:8-13; Efés. 4:11-13; I Tess. 5:19-21; Joel 2:28-32, Apoc. 12:17; 19:10; 22:9; I Cor. 1:4-7). Ele demonstrou que a Bíblia em si aponta para um canal divino-humano de comunicação e particularmente a um reavivamento dos dons do Espírito, precedendo o prometido retorno de Cristo a esta Terra.

ESPÍRITO DE PROFECIA, COMITÊ DO. Comitê que, sob a direção do *Comitê da Associação Geral da IASD, promove a circulação dos livros e publicações de *Ellen G. White e inicia os planos para

novas compilações quando necessário. É composto de 11 membros — 4 oficiais da Associação Geral (um dos quais é o presidente), 3 depositários do *Ellen G. White Estate, e 4 outros — e é apontado pelo Comitê da Associação Geral no início de cada quadriênio administrativo.

A Associação Geral reconhece sua responsabilidade em um programa de contínuo planejamento para que os escritos de Ellen G. White possam estar disponíveis para a circulação entre os ASD, membros de outras denominações e pessoas de pequena ou nenhuma profissão religiosa. Essas obras são publicadas atualmente em aproximadamente 60 livros em português bem como em diversas outras línguas e dialetos dos povos do mundo. Por exemplo, *Caminho a Cristo* foi traduzido em mais de 120 línguas; *O Grande Conflito* em mais de 40 línguas; *A Ciência do Bom Viver* em mais de 20 e *O Maior Discurso de Cristo* em mais de 20. Os conselhos, instruções e inspiração desses livros têm-se provado ser de significativa importância na fundação e administração das instituições educacionais, médicas e de publicação ao redor do mundo. A leitura e estudo da *Bíblia são grandemente auxiliados pelos comentários e conselhos desses escritos. O valor pessoal desses livros tem sido bem demonstrado no viver cristão pessoal e serviço de grande número de pessoas.

A promoção da circulação dos livros de Ellen G. White é continuamente levada avante através do ministério da Igreja em suas atividades pastorais e evangelísticas e pela visitação aos campos da parte dos líderes e representantes do Ellen G. White Estate. De tempos em tempos, são publicados artigos em periódicos denominacionais sobre os aspectos especiais desse assunto. Em acréscimo, são distribuídos folhetos para os novos membros e congregações a fim de informá-los sobre a relação e contribuição da obra e escritos de Ellen G. White para com a *Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Cada ano, prepara-se um programa ou semana do *Espírito de Profecia em todas as Igrejas, geralmente no início do ano.

O Comitê do Espírito de Profecia leva avante um programa contínuo de pesquisa e avaliação através dos meios administrativos. Esse trabalho de pesquisa visa tornar as obras de Ellen G. White disponíveis em quantas línguas for possível. A cada ano, reserva-se um fundo pela Associação Geral para a impressão dos escritos de Ellen G. White em novas línguas para diferentes áreas do mundo.

O comitê trabalha em íntima cooperação e coordenação com os depositários do Ellen G. White Estate, que é diretamente responsável por certas partes do programa, tais como preparar novas compilações, decidir sobre condensações (como *O Grande Conflito Condensado*), conduzir pesquisas em conexão com as compilações e condensações, obter e manter os direitos autorais e esclarecer o conteúdo dos materiais que serão publicados pela primeira vez.

O comitê executa suas várias atividades na sede da IASD, em Washington, D.C., como uma parte das atividades administrativas gerais.

ESPÍRITO SANTO. Os ASD crêem que o Espírito Santo é um ser pessoal, o terceiro membro da *Trindade (Veja *Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia*, **Manual da Igreja*, p. 29, 1992). O Espírito Santo esteve presente no *Batismo de Cristo (Mat. 3:16, 17). Ele está mencionado na Grande Comissão com o Pai e o Filho no batismo (Mat. 28:19; II Cor. 13:14), e de igual modo no Pentecostes, (At. 2:33). A relação entre as três pessoas da Trindade é mais clara nos ensinos de Cristo (João 14:16,26; 15:26; 16;13-15). Entre as características pessoais do Espírito Santo estão: conhecimento (I Cor. 2:11), vontade (I Cor. 12:11), mente (Rom. 8:27), *Amor (Rom 15:30), comunhão (II Cor. 13:14), mágoa (Efés. 4:30). Ele pode ser ofendido (Heb. 10:29) e pode-se mentir para ele (At. 5:3, 4).

O Espírito Santo convence o coração quanto à malignidade do *Pecado, da justiça e da certeza do *Juízo (João 16:8-11). Ele convence, conquista e ganha homens para Cristo. Sua missão é guiar à toda verdade, pois Ele é o "Espírito da Verdade" (João 16:13; 14:26). A *Bíblia foi escrita sob a direção e inspiração do Espírito Santo (II Pedro 1:20, 21). Enquanto Cristo estava na Terra, estava limitado ao lugar de sua presença. Mas, pela virtude de sua própria natureza, o Espírito Santo pode, e está em todos os lugares. O Espírito Santo é o substituto de Cristo na terra. Ele aplica aos indivíduos os benefícios do sacrifício remidor de Cristo no Calvário, efetuando *em* nós o que o Salvador fez *por* nós. Ele aplica a obra mediadora de Cristo em corações susceptíveis, regenerando, justificando, santificando e nos comunicando a vida verdadeira de nosso Senhor ressurreto enquanto esperamos pelo retorno pessoal de Cristo. Ele capacita o cristão a ter os "frutos do Espírito" em sua vida (Gál. 5:22, 23). Escolhe e adapta homens para o serviço e os qualifica com poder de testemunhar (At. 1:8; 13:2-4; 15:28). Concede aos escolhidos os vários *Dons do Espírito (I Cor. 12:7-11).

O credo dos Apóstolos e o credo Niceno fazem uma simples afirmação de fé no Espírito Santo como um membro da Trindade, sendo que o Niceno diz que Ele "procede do Pai" (Henry Bettenson, *Documents of the Christian Church*, p. 37). A heresia Ariana, por outro lado, negou a divindade do Espírito. Atanásio e outros afirmaram crer que o Espírito era da mesma substância como o Pai e o Filho (E. H. Klotsche, *The History of Christian Doctrine,* 1945, p. 70). A principal corrente do Cristianismo sempre aceitou a divindade e a personalidade absoluta do Espírito Santo.

Mais de um século atrás, durante o período formativo da doutrina ASD, houve diferenças de opinião sobre o Espírito Santo e sobre outros assuntos. Os pioneiros ASD daqueles anos eram dedicados cristãos que tinham vindo de muitas denominações e a diversidade de opiniões era esperada. Parece que muitos criam que o Espírito Santo era um "poder"

ou “influência” e não uma pessoa. J. H. Waggoner, por exemplo, se refere ao Espírito Santo como “aquele terrível e misterioso poder que procede do trono do Universo”. (*The Spirit of God: Its Offices and Manifestations*, p. 9). *Urias Smith semelhantemente, falou do Espírito como uma “misteriosa influência que emana do Pai e do Filho, o representante e o instrumento de Seu poder”. (*The Bible Institute*, 1878. p.184). Durante esses anos formativos a ênfase na pregação e nas publicações da Igreja estava nas características distintivas da mensagem Adventista, e havia certa tendência a considerar como corretos alguns dogmas fundamentais do Cristianismo. Além disso, não havia credo oficial e, sobre alguns assuntos, por muito tempo, persistiu a diferença de opiniões. A unidade de fé foi eventualmente conseguida, não por mandado eclesiástico, mas por estudo cooperativo e pela convicção do Espírito Santo, como testemunha confirmatória do *Espírito de Profecia. No final do Século XIX, havia grande unanimidade de opinião em favor da idéia de que o Espírito Santo é um ser pessoal, sendo o terceiro membro da Trindade. *Ellen G. White repetidamente se refere ao Espírito Santo como a “Terceira Pessoa da Trindade” (*DTN*, 644) e como “uma pessoa divina “ (*Ev*, 617).

Os ASD crêem que o Espírito Santo é uma pessoa tanto quanto são o Pai e o Filho pessoas de Trindade (L. E. Froom, *A Vinda do Consolador*, *Casa Publicadora Brasileira [CPB], 1988, p. 41, 42). Ele é o verdadeiro sucessor de Cristo na terra (*ibid*., p. 25). Ele é “outro Consolador” (isto é, em adição a Cristo; João 14:16, 26, 15:26; 16:7), a quem Cristo prometeu enviar em Seu lugar, e que veio no Pentecostes para tornar a redenção em Cristo pessoal e eficiente àqueles que aceitam a *Salvação.

O Espírito Santo é a presença divina, o instrutor divino, o convencedor divino, o Consolador divino dos cristãos, individualmente e como Igreja, repartindo a vida de Cristo e impregnando o receptor com o atributo de Cristo. O Espírito Santo influencia; Ele não é uma mera

influência; poder ou energia. Ele não é somente consolador mas também *Advogado, representante intercessor, consolador. Ele não é simplesmente uma “insuflação divina” (Urias Smith, *Looking Into Jesus*, p. 10) que emana do Pai, um princípio invisível de vida, mas uma pessoa divina — a terceira pessoa da trindade.

Além disso, os ASD crêem que o Espírito Santo é, depois de Cristo, o maior dom de *Deus ao homem. Sua vinda como sucessor de Cristo proveu todas as necessidades do crente. Ele convence, converte, guia, reprova, ensina, vigia, testemunha, capacita, conforta, ilumina, transforma, santifica, intercede, unifica e fortalece. Ele inculca graça e revela e imprime a verdade. Imparte a verdadeira vida de Cristo e restaura a imagem de Deus na *Alma. Ilumina a mente, concede crescimento espiritual, molda o caráter, dá energia à vida, ativa a consciência e impele ao serviço.

Uma obra atual dos ASD em português sobre o Espírito Santo é: L. E. Froom, *A Vinda do Consolador* (CPB, 1988).

ESPIRITUALISMO [1]. (Método de interpretação). Uma posição “espiritual”, ou não literal como um princípio de filosofia ou religião. O termo foi usado pela primeira vez pelos pioneiros ASD, no sentido de uma interpretação espiritualizada das *Escrituras e foi aplicado à doutrina de um *Segundo Advento “espiritual”, em vez de um literal, pessoal. Esta espécie de Espiritualismo “não tinha absolutamente nada a ver com o movimento que se iniciou alguns anos antes, com as batidas das irmãs Fox em Rochester, 1848, e que se tornou mais tarde, conhecido como Espiritismo (Veja **Espiritismo**).

Os termos *espiritualistas* e *espiritualizar* já tinham sido usados pelos Mileritas (Veja **Milerita**) e por outros *Pré-milenistas para descrever os *Pós-milenistas, que defendiam que o reino de Cristo no *Milênio deve ser um reino espiritual, um glorioso triunfo da Igreja, e

que o Segundo Advento ou é figurativo, ou adiado para o fim do milênio (Veja **Pré-milenismo**). Após 1844, estes termos passaram a ser aplicados a uma das dissensões do *Movimento Milerita.

Mileritas “Espiritualistas” Após l844. Parte da minoria que ainda mantinha a posição, contrária a *Guilherme Miller, *Josué Vaughan Himes e à maioria, de que o *Movimento de 1844 tinha sido válido, e que outubro de 1844 tinha marcado o fim da profecia, ficou conhecida como “Espiritualistas”. Esta era o mais extremo ramo ex-Milerita. Insistiam não somente que o *tempo* tinha sido correto e o *evento* esperado havia ocorrido, isto é que a *Segunda Vinda tinha acontecido. Cristo havia voltado, contendiam, não literal, pessoal e visivelmente, mas “espiritualmente”, na pessoa de Seus santos.

*José Bates, que escreveu seu primeiro livro *The Opening Heavens* (maio de 1846), “para corrigir, ou repreender as concepções espirituais ... a respeito do aparecimento e do reino de Cristo, falou em seu prefácio dos muitos “que tinham estado a esperar o aparecimento pessoal do Senhor Jesus nos Céus, neste últimos dias”, mas que em seu desapontamento, “abandonaram a única posição escriturística e estão agora ensinando que Ele veio em *Espírito, e isto é o que veremos dEle aqui.” Esses “espiritualistas” declaravam que já haviam entrado no reino, espiritualmente, é claro; e deviam executar o *Juízo. Alguns deles proclamavam estar sem *Pecado; alguns recusavam trabalhar; sendo que estavam no *Sábado do milênio; alguns abraçaram o celibato, enquanto outros proclamavam ter “mulheres espirituais”; vários deles logo partiram para o grupo dos *Shakers* (inclusive Enoch Jacobs editor do *The *Day Star*, que a princípio se opusera às teorias espiritualistas). Os espiritualistas nunca formaram um grupo coeso e permanente.

Aparentemente, eram alguns dos “espiritualistas fanáticos”, que estavam declarando que o Segundo Advento já tinha ocorrido, que *Ellen G. White encontrou na Nova Inglaterra e descreveu como segue:

> No período da decepção, depois da passagem do tempo em 1844, levantou-se o fanatismo em várias formas. Alguns sustentavam que a *Ressurreição dos mortos já tivera lugar. Foi-me mandado dar uma mensagem aos que acreditavam nisto, assim como estou hoje apresentando uma mensagem a vós. Eles declaravam que estavam perfeitos, que corpo, alma e espírito estavam santos. Tinham manifestações semelhantes às que há entre vós, e confundiam a própria mente e a dos outros com suas maravilhosas suposições. Todavia essas pessoas eram irmãos nossos amados, e anelávamos ajudá-los. Fui a suas reuniões. Havia excitação, com ruído e confusão. Não se podia distinguir uma coisa da outra. Alguns pareciam estar em visão, e caíam por terra. Outros pulavam, dançavam e gritavam. Declaravam que, como sua carne estivesse purificada achavam-se prontos para a *Trasladação. Isto repetiam e repetiam. Dei meu *Testemunho em nome do Senhor, manifestando Sua reprovação a essas manifestações. (II *ME*, p. 34).

Pioneiros ASD em oposição aos "Espiritualistas". Os fundadores da IASD pertenciam à minoria oposta dos ex-Mileritas que defendiam a validade de 1844; como os "espiritualistas" e diferente do corpo maior, diziam que sua interpretação profética tinha sido correta quanto à questão do *tempo*. Mas diferentes dos "espiritualistas", admitiam que estavam errados quanto ao evento esperado; que Cristo não tinha vindo à Terra em nenhum sentido. Em vez disso, defendiam que Cristo havia entrado em outra fase de Seu ministério celestial, tipificado pelo Dia da *Expiação, que seria seguido pelo Segundo Advento, um evento pessoal literal e visível. Defendendo esta posição média entre estes dois extremos, eles responsabilizavam os "adventistas nominais" — a

maioria — por abandonarem o movimento de 1844 e denunciaram os "espiritualistas" por seu fanatismo e por negarem o segundo Advento de Cristo como sendo literal e corpóreo.

Aqui achamos a base da carta de *Tiago White de 1846 insistindo na personalidade literal do Pai e do Filho e denunciando os "espiritualistas" e seu "espiritualismo moderno" (*The Day Star*, 24 de janeiro de 1846), e do protesto de José Bates contra "todos os espiritualismos" daquele dia em sua insistência em que "o Segundo Advento de Cristo será tão literal e real, como . . . o primeiro advento." (*The Opening Heavens*, p. 22).

Note a declaração de Ellen G. White de 1851, relativa ao "espiritualismo";

> Freqüentemente tenho sido falsamente acusada de ensinar pontos de vista peculiares ao *Espiritismo. Mas antes que o redator do *Day Star* (Enoch Jacobs em 1846) incorresse nesse engano, o Senhor me deu uma visão dos tristes e desoladores efeitos que se produziriam sobre o rebanho pelo fato de ele e outros ensinarem idéias espíritas. (*PE*, 77).

Seus acusadores, aparentemente do maior grupo, falharam em distinguir as divisões espiritualistas e não-espiritualistas da minoria e inclinavam-se a unirem-se aos que defendiam que o *Movimento do Sétimo Mês era, em algum sentido, o cumprimento da profecia. Defendiam que qualquer um que pregasse a validade do "tempo" deveria aceitar que o Advento esperado tinha ocorrido; conseqüentemente atribuíam aos Whites e ao grupo intermediário o fanatismo dos "espiritualistas" e da vinda "espiritual" de Cristo. (Veja B. C. Bancroft, carta, *The Day Star*, 6/12/1845). Ao passar esta controvérsia os "espiritualistas" desapareceram como grupo, e este sentido do termo foi

esquecido. Simultaneamente, a palavra se tornava familiar como significando espiritismo.

Veja também **Movimento Milerita.**

ESPIRITUALISMO [2]. Comunicação com espíritos. Veja **Espiritismo**.

"ESTÁ ESCRITO", PROGRAMA. Programa transmitido pela Rede Bandeirantes de telecomunicações, OM e Record de Televisão, e retransmitido por 75 emissoras afiliadas e mais duas emissoras afiliadas à Rede Record, podendo assim ser captado em todo território nacional, com exceção de Alagoas, Sergipe e Norte do Paraná; cobre 96% dos municípios brasileiros. Atualmente (1995), o programa é transmitido aos domingos pela manhã.

A principal mantenedora deste programa é a *Federação dos Empresários, Executivos e Liberais Adventistas do Brasil (FE). Os temas abordados neste programa são de âmbito moral, físico, social e espiritual. Tem a duração de 30 minutos. São oferecidos cursos bíblicos por correspondência.

Isaque Bar Davi é o dublador do Pr. George Vandeman no Brasil. O Pr. Erlo Braun é o diretor geral e produtor executivo do programa. (1994).

A equipe que produz o programa se compõe das seguintes pessoas: Erlo Braun: Diretor; Williams Costa Júnior: Produtor; Valdecir Simões Lima: Produtor Editorial; Urias P. Chagas: Produtor Visual e Gráfico; Nelma Di Masi Tormes: Assistente de Produção; Sonete Magalhães Costa: Secretária e Cantora.

O Programa "Está Escrito" surgiu em 1956, sempre dirigido pelo Pr. George Vandeman, nos Estados Unidos da América. Atualmente, o Pr. Alejandro Bullón também é orador do programa em português. No

Brasil, o programa começou a ser transmitido a partir de 03 de novembro de 1991.

O Programa “Está Escrito” ocupa o 1º lugar em audiência entre os programas religiosos no Estado de São Paulo. Foram recebidas mais de 18.000 cartas; 500 inscrições em cursos bíblicos e 250 pessoas estudando a *Bíblia ativamente. Dentre essas pessoas encontram-se alguns técnicos encarregados da tradução e dublagem dos programas.

No dia 13 de março de 1993, o Pr. George Vandeman, orador do programa, teve a oportunidade e privilégio de batizar Domingos da Silva Júnior, tradutor das palestras do “Está Escrito”. Destacado profissional da Comunicação no Brasil, Domingos trabalhou durante 20 anos na tradução de filmes para a empresa “Herbert Richards” para a televisão nacional.

A produção brasileira do “Está Escrito” lançou vários livros, entre eles um de 62 páginas e uma fita de vídeo intitulados *Você é Insubstituível*, contendo palestras do Pr. George Vandeman sobre relacionamento e família.

ESTADO DOS MORTOS. Veja **Morte.**

ESTADO INTERMEDIÁRIO. Veja **Morte.**

ESTADOS UNIDOS NA PROFECIA. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

ESTATÍSTICAS DA IASD.

Membros e Obreiros*

Total de Membros em junho de 1994 .... 8.173.662
Igrejas organizadas: 37.747

Ministros ativos ordenados: 12.144
Total de ministros: 136.539

Missões*
Países em que Igreja atua (1993): 209/236
Número de Divisões: 11
Número de Uniões: 92
Número de Associações, Missões e campos: 447
Missionários enviados: 714

Indústrias Alimentícias* 35

Ministério Médico*
Médicos ....
Enfermeiras 15.754
Pacientes 7.009.906
Valor das Instituições .... U$ 4.805.016.874,00

Programa Educacional*
Escolas operadas pela Igreja 5.530
Total de Matrículas 828.883
Escolas Primárias 4.492
Escolas Secundárias 953
Faculdades e Universidades 85

**Os dados são de 1993, exceto quando indicados. (Fonte: Yearbook 1995 (Anuário Adventista do Sétimo Para 1995).*

CRESCIMENTO
(Batismo e Profissão de Fé)

Divisão	**1991**	**1992**	**1993**	**Porcentagem Mundial**
África Oceano Índico	71.268	81.458	80.918	12,37 %
África Oriental	122.306	129.170	152.692	23,35 %
Euro-Africana	28.895	27.443	20.996	3,21 %
Euro-Asiática	11.340	28.2895	28.241	4,32 %
Extremo Oriente	55.259	52.314	51.574	7,89 %
Inter-Americana	101.713	105.117	110.265	16,86 %
Norte-Americana	35.663	35.379	33.272	5,09 %
Sul Americana	109.827	114.044	110.921	16,96 %
Sul do Pacífico	9.459	18.026	17.934	2,74 %
Sul da Ásia	9.161	11.076	13.378	2,05 %
Trans-Européia	2.885	3.336	3.039	0,46 %
Missão do Oriente Médio	234	401	2.040	0,31 %
União da África do Sul	3.043	3.047	3.471	0,53 %
China	40.077	16.770	25.314	3,87 %
Total	***601.190***	***6.260.176***	***654.055***	***100,00 %***

TOTAL DE MEMBROS POR DIVISÃO

Divisão	**1991**	**1992**	**1993**
África Oceano Índico	890.017	945.103	1.004.928
África Oriental	1.073.045	1.106.988	1.220.326
Euro-Africana	353.938	375.044	388.431

Euro-Asiática	46.623	71.873	95.885
Extremo Oriente	875.370	917.629	960.125
Inter-Americana	1.313.427	1.385.517	1.457.090
Norte-Americana	776.848	793.594	807.601
Sul Americana	1.092.184	1.176.026	1.246.776
Sul do Pacífico	248.067	261.313	273.087
Sul da Ásia	179.700	190.700	202.468
Trans-Européia	68.743	70.553	71.389
Missão do Oriente Médio	5.755	6.028	7.789
União da África do Sul	64.182	66.981	66.154
China	115.077	131.847	157.161
Total	***7.102.976***	***7.498.653***	***7.962.210****

**Veja número de membros do início do verbete.*

ORGANIZAÇÕES

Ano	Uniões	Associações	Igrejas	Escolas	Instituições	Total
1863	-	6	125	-	1	**132**
1870	-	11	179	-	2	**192**
1880	-	32	640	-	5	**677**
1890	-	42	1.016	-	15	**1.073**
1900	2	87	1.892	220	65	**2.266**
1910	23	193	2.769	594	188	**3.767**
1920	46	301	4.541	928	183	**5.999**
1930	71	430	6.741	1.977	399	**9.618**

1940	69	330	8.924	2.626	521	**12.470**
1950	80	370	10.237	4.155	521	**15.363**
1960	74	356	12.675	4.453	678	**18.536**
1970	76	376	16.505	4.045	927	**21.931**
1980	81	378	21.555	3.849	1.451	**27.312**
1990	93	445	31.654	4.267	1.632	**38.091**
1993	92	447	36.920	4.492	1.730	**43.681**

OBREIROS

Ano	**Obreiros Gerais**	**Obreiros de Instituições**	**Total de Obreiros Ativos**
1863	30	-	**30**
1870	72	-	**72**
1880	260	-	**260**
1890	411	-	**411**
1900	1.500	-	**1.500**
1910	5.104	3.160	**8.264**
1920	8.228	4.853	**13.081**
1930	13.545	7.916	**21.461**
1940	17.332	11.438	**28.770**
1950	24.067	14.860	**38.927**
1960	26.799	22.091	**48.890**
1970	30.065	35.892	**65.957**
1980	41.087	51.025	**92.912**
1990	49.606	75.294	**124.165**
1993	50.568	85.971	**136.539**

RESUMO DAS INSTITUIÇÕES

Ano	Escolas de 3º Grau	Indústrias Alimentícias	Hospitais e Clínicas	Retiros e Orfanatos	Centros de Mídia	Editoras e Filiais	Totais
1900	25	-	27	-	-	13	**66**
1920	97	-	33	-	-	45	**183**
1930	201	25	51	-	-	67	**399**
1940	251	29	90	-	-	83	**521**
1950	283	32	106	-	-	43	**521**
1960	270	26	108	30	-	42	**678**
1970	512	27	139	49	-	48	**927**
1980	882	20	153	80	-	50	**1.451**
1990	995	28	154	71	4	58	**1.632**
1993	1.038	35	148	92	7	56	**1.730**

DÍZIMOS E OFERTAS

(Dados em dólares)

Ano	Dízimo	Missões Mundiais e Fundos da GC	Total de Dízimos e Ofertas
1863	U$ 8.000,00	-	**U$ 8.000,00**
1870	U$ 21.882,00	U$ 3.552,00	**U$ 25.435,00**
1880	U$ 61.856,00	U$ 5.944,00	**U$ 67.801,00**
1890	U$ 225.434,00	U$ 61.430,00	**U$ 286.864,00**
1900	U$ 510.258,00	U$ 151.710,00	**U$ 661.968,00**
1910	U$ 1.338.689,00	U$ 458.944,00	**U$ 2.223.767,00**
1920	U$ 7.195.463,00	U$ 3.251.550,00	**U$ 11.854.404,00**
1930	U$ 6.230.463,00	U$ 4.020.398,00	**U$ 12.112.609,00**
1940	U$ 8.071.653,00	U$ 3.827.536,00	**U$ 14.226.329,00**
1950	U$ 27.728.250,00	U$ 9.998.658,00	**U$ 45.908.057,00**
1960	U$ 59.132.240,00	U$ 16.729.066,00	**U$ 99.902.354,00**
1970	U$ 124.046.447,00	U$ 27.222.200,00	**U$ 211.181.658,00**
1980	U$ 398.880.407,00	U$ 72.119.040,00	**U$ 642.444.216,00**
1990	U$ 659.924.400,00	U$ 78.048.177,00	**U$ 1.011.715.672,00**
1993	U$ 743.983.762,00	U$ 79.661.942,00	**U$ 1.122.302.148,00**
Total (131 anos)	***U$ 11.461.111.953,00***	***U$ 2.033.134.916***	***U$ 8.399.983.824,00***

Total per capita em 1993: U$ 164,23.

MINISTÉRIOS DA IGREJA

Ano	Sociedades de Jovens	Membro da Sociedade J.A.	Clubes de Desbravadores	Membros dos Desbravadores	Estudos Bíblicos Leigos
1880	-	-	-	-	-
1890	-	-	-	-	-
1900	-	-	-	-	-
1910	647	12.408	-	-	-
1920	2.030	41.916	-	-	-
1930	3.285	84.823	-	-	-
1940	6.622	148.698	-	-	-
1950	10.892	268.354	-	-	-
1960	14.064	449.996	-	-	-
1970	19.107	630.827	2.768	58.371	-
1980	25.100	1.044.947	7.203	161.402	9.184.988
1990	39.547	1.916.652	11.425	378.538	11.586.376
1993	54.403	2.237.975	23.268	737.403	12.653.941

MINISTÉRIOS DA IGREJA (Continuação)

Ano	Batismos	Literatura Distribuída	Serviços Comunitários	Recolta
1880	-	-	-	-
1890	-	-	-	-
1900	-	-	-	-
1910	-	-	-	U$ 96.964,00

1920	19.683	-	-	U$ 1.801.176,00
1930	28.536	-	-	U$ 1.298.035,00
1940	36.289	-	-	U$ 1.308.936,00
1950	68.510	-	-	U$ 4.070.821,00
1960	90.404	-	-	U$ 7.284.220,00
1970	157.766	-	-	U$ 10.598.152,00
1980	193.783	-	-	U$ 16.645.413,00
1990	215.407	32.271.391	32.271.391	U$ 13.834.173,00
1993	333.356	45.185.715	45.185.715	U$ 12.914.885,00

ESCOLA SABATINA

Ano	**Escolas Sabatinas**	**Membros da Escola Sabatina**	**Ofertas Para Investimento**	**Ofertas para as Missões**	**% das Ofertas/Dízimo**
1880	451	11.821	-	U$ 2.784	4,5
1890	1.414	33.783	-	U$ 28.642	12,71
1900	2.334	50.804	-	U$ 46.794	9,17
1910	4.151	101.804	-	U$ 138.037	10,31
1920	6.151	195.663	-	U$ 1.441.962	20,04
1930	9.966	382.743	U$ 67.367	U$ 1.870.343	30,02

1940	14.817	618.507	U$ 108.350	U$ 1.765.277	21,87
1950	16.694	952.229	U$ 401.419	U$ 4.828.090	17,41
1960	22.617	1.682.983	U$ 786.242	U$ 8.162.705	13,80
1970	30.601	2.607.713	U$ 2.255.554	U$ 14.420.871	11,63
1980	41.906	4.144.713	U$ 4.704.254	U$ 34.564.983	8,67
1990	76.323	8.011.268	U$ 4.640.765	U$ 40.388.328	6,12
1993	74.187	9.347.832	U$ 4.885.345	U$ 42.367.428	5,89

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Instituições de 3º Grau				Escolas Secundárias		
Ano	**Instituições**	**Professores**	**Matrículas**	**Escolas**	**Professores**	**Matrículas**
1880	1	20	490	*	*	*
1900	25	199	2.357	*	*	*
1920	97	1.020	14.614	*	*	*
1940	251	2.782	6.989	*	*	12.196
1960	42	1.305	16.513	328	2.616	43.041
1980	76	3.619	32.882	806	6.156	111.927
1990	76	3.407	42.562	919	10.662	153.453
1993	85	4.291	51.566	953	12.755	167.326

**Dados não disponíveis.*

Escolas Primárias					
Ano	**Escolas**	**Professores**	**Matrículas**	**Valor dos Edifícios e Equipamentos**	**Despesas de Operação**
1880	1	1	15	U$ 100,00	U$ 150,00
1900	220	250	5.000	U$ 50.000,00	U$ 40.000,00
1920	928	1.273	23.481	U$ 558.668,00	U$ 488.246,00
1940	2.626	3.753	91.594	U$ 1.390.038,00	U$ 814.821,00
1960	4.453	8.437	230.446	U$ 26.782.846,00	U$ 11.798.976,00
1980	3.849	16.079	331.894	U$ 250.534.184,00	U$ 99.439.396,00
1990	4.267	27.259	540.647	U$ 668.067.786,00	U$ 203.103.997,00
1993	4.492	26.158	609.941	U$ 692.322.686,00	U$ 201.711.814,00

PROPRIEDADES DA IGREJA

(Dados em dólares)

Ano	Propriedades	Valor Per Capita
1865	U$ 38.712,00	-
1875	U$ 282.179,00	-
1885	U$ 885.382,00	-
1895	U$ 2.858.725,00	-
1905	U$ 4.799.419,00	-
1910	U$ 10.086.461,00	U$ 99,93
1920	U$ 30.699.461,00	U$ 172,24
1930	U$ 54.115.482,00	U$ 180,65
1940	U$ 64.704.751,00	U$ 132,95
1950	U$ 188.083.824,00	U$ 262,49
1960	U$ 470.536.898,00	U$ 394,06
1970	U$ 1.311.417.548,00	U$ 723,40
1980	U$ 4.404.214.314,00	U$ 1.386,09
1990	U$ 12.594.024.522,00	U$ 1.890,58
1992	U$ 13.075.905.201,00	U$ 1.743,77

INSTITUIÇÕES DE SAÚDE

INSTITUIÇÕES				FUNCIONÁRIOS	
Ano	**Hospitais**	**Clínicas**	**Retiros, Orfanatos e Lares Infantis**	**Médicos, Dentistas e Funcionários**	**Total de Empregados**

1880	2	-	-	10	165
1920	33	8	-	80	2.225
1940	90	68	-	251	6.184
1960	108	102	30	358	13.429
1980	153	266	80	2.179	54.941
1990	154	302	71	1.536	57.411
1993	148	354	92	2.820	57.662

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES

Ano	**Editoras**	**Vendas**	**Periódicos**	**Funcionários**	**Colportores Credenciados**	**Estudantes**
1850	-	-	1	-	-	-
1880	4	U$ 40.000,00	10	128	-	-
1900	13	U$ 250.000,00	96	600	-	-
1920	45	U$ 5.682.972,00	144	1.125	2.332	-
1940	83	U$ 4.324.906,00	329	1.255	3.062	-
1950	43	U$ 12.602.589,00	317	1.668	3.793	-
1960	42	U$ 23.543.132,00	293	2.057	3.320	-
1970	48	U$ 46.882.359,00	279	2.379	3.973	-
1980	50	U$ 134.693.433,00	370	2.513	7.073	6.514
1990	58	U$ 91.564.544,00	582	2.293	7.730	4.253
1993	56	U$ 85.353.750,00	110	879	7.684	3.930

(*Fonte: Statistical Report - 1993*)

ESTRELLA, RAMIRO (1908-1985). *Pastor e professor, co-fundador do *Hospital Mato-grossense do Pênfigo, MS. Nasceu no dia 13 de fevereiro de 1908 em São Paulo. Filho de pais portugueses, viveu na capital paulista até os 11 anos de idade, quando, juntamente com sua família, mudou-se para Açores, Portugal.

De volta ao Brasil, iniciou-se no comércio, na cidade de Moji das Cruzes, São Paulo. Foi batizado na *Igreja Adventista do 7º dia na década de 30. Deixando o comércio, ingressou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), com a finalidade de preparar-se para melhor servir a causa de *Deus. Concluiu o curso teológico e iniciou suas atividades pastorais no Mato Grosso, onde tornou-se um dos pioneiros na Fundação do Hospital do Pênfigo. Posteriormente, foi chamado para o *Ginásio Adventista Paranaense (G.A.P.). Nessa instituição lecionou algumas matérias, principalmente, História Geral.

Em fevereiro de 1958, casou-se com Júlia Vieira Machado, em São Paulo. Em seguida foi trabalhar no *Hospital Adventista Silvestre, RJ. Ali foi ordenado ao ministério, exercendo o cargo de capelão no referido hospital. Lecionou religião na Escola de Enfermagem do Hospital Adventista do Silvestre, além de atender às igrejas do subúrbio, do mesmo Estado. Aposentou-se em 1975, aos 67 anos de idade.

Após aposentar-se fixou residência em Vila Prell, São Paulo, nas proximidades do IAE/SP. Atuou como ancião, durante vários anos, na Igreja da Vila das Belezas.

Faleceu no dia 17 de novembro de 1985, aos 77 anos de idade, vítima de isquemia cerebral.

ESTUDOS BÍBLICOS. Apresentações tópicas, geralmente em forma de perguntas (às vezes em forma de esboço) com respostas da *Bíblia — método de evangelismo bíblico vastamente utilizado na

IASD. Desde a década de 1880, o método tem sido sistematicamente usado por instrutores bíblicos, e também por membros leigos, em forma de visitação de casa-em-casa.

Um estudo bíblico pode ser completamente informal, dado em resposta a uma pergunta sobre um determinado assunto; ou pode ser, e freqüentemente é, uma das séries progressivas dos estudos planejados com o propósito de instrução sistemática em doutrinas bíblicas e viver cristão ou preparo para o batismo. Sendo que os Estudos Bíblicos são geralmente dados a um indivíduo ou a um grupo pequeno, eles podem ser formulados com referência a problemas e questões de um indivíduo, e variado em ordem e dificuldade de acordo com as circunstâncias e habilidade do instrutor. Por outro lado, há várias séries de Estudos Bíblicos, seja em forma impressa ou gravado em fitas, com as respostas bíblicas, que podem ser usadas com filmes e projetores portáteis. Estes auxílios, que capacitam até leigos inexperientes a apresentar Cursos Bíblicos padronizados, incluem filmes e fitas preparados geralmente pelo *Centro Educacional Ilustrado (CEI).

Foi em 1883 que o plano de conduzir Estudos Bíblicos foi apresentado aos ASD como um grande método de evangelismo, por *Stephen N. Haskell, o “pai das Sociedades Missionárias e de Folhetos,” que naquele tempo era o presidente da Associação da Califórnia. Como ele mesmo contou a história mais tarde, deu seu “primeiro Estudo Bíblico” durante uma campal no Sul da Califórnia realizada em Lemoore, em maio de 1883. Quando um temporal impediu que realizasse uma de suas reuniões regulares, ele reuniu um grupo ao seu redor no centro de uma tenda e começou a distribuir as passagens da Bíblia para serem lidas por várias pessoas em resposta a questões relacionadas ao assunto em discussão. Este método de comunicar ensinos bíblicos e a fé cristã foi recebido com entusiasmo e apoiado pelos membros da igreja e pelos líderes.

Dois meses mais tarde, também no Sul da Califórnia, dois ministros, E. A. Briggs e M. C. Israel, uniam-se a vários colportores cada manhã para classes bíblicas, treinando-se para usar este novo método, Haskell cita um destes homens como se segue:

> Temos tido treinamento em diferentes assuntos e cada pessoa tem uma forma breve de Estudos Bíblicos em sua Bíblia, de modo que, quando a questão do *Sábado surge ou qualquer assunto vem à tona, cada um faz questão de que a família visitada tenha uma Bíblia, e saiba claramente o assunto pelas Escrituras. Desta maneira, nunca se levantam divergências; mas as pessoas são em quase todos os casos convencidas de que a Bíblia ensina a doutrina. ... Não vejo por quê muitos de nossos irmãos e irmãs não possam ser educados desta maneira para se tornarem obreiros eficientes. Pela prática, poderiam logo chegar ao ponto de não precisarem mais olhar as questões. Poderiam ter a companhia dos vizinhos todos juntos, orando com eles e dando Estudos Bíblicos (*Review and Herald,* 31 de julho de 1883).

Haskell recomendou que cada família estudasse a Bíblia desta maneira, e assim se ensinasse crianças e adultos. Quando Haskell assistiu à Conferência de Michigan em setembro, e relatou o sucesso dos "Estudos Bíblicos" em Califórnia, Nebraska, e em outras partes, a Associação votou aprovar o plano para uso dos colportores e um Instituto de Estudos Bíblicos de dez dias foi anunciado para Battle Creek, iniciando-se em 30/10, precedendo a Conferência Geral. Haskell relatou:

> O assunto dos Estudos Bíblicos foi de interesse na Costa do Pacífico e foi considerado de tal importância que há um departamento especial naquele Colégio [Healdsburg

> College] dedicado a ele. Os que adotaram este método em seu trabalho de colportagem, falam dele nos mais altos termos, pois evita toda discussão, e simplesmente chama a atenção das pessoas para a Palavra de Deus (*RH*, 16 de outubro de 1883).

A este Instituto, Haskell convidou ministros e licenciados, colportores licenciados e oficiais da Igreja, pelo menos um de cada Igreja. Ele dirigiu os Estudos Bíblicos na seção da *Conferência Geral.

A Associação votou recomendar o método dos Estudos Bíblicos e propôs a publicação, por um "Departamento de Estudos Bíblicos," de um folheto semanal contendo uma ou mais lições para cada semana, a serem enviadas aos que pagassem um dólar por ano e enviassem um ou mais estudos originais cada mês; outros deviam pagar 5 dólares pela publicação. Esta *Bible-Reading Gazette* (Gazeta do Estudo Bíblico) foi publicada mensalmente durante o ano de 1884. Posteriormente foi reunida e vendida como um livro, e mais tarde substituída pelo maior livro já publicado, após muitas revisões *Bible Readings for the Home* (em português, *Estudos Bíblicos*).

Neste mesmo ano, 1883, a Associação Geral recomendou o estabelecimento de "Missões" nas principais cidades como centros de Evangelismo. Em 1880 um número destas foi aberto, contendo salas de leitura combinadas, rol de sermões, depósito da sociedade missionária e de folhetos, e sede de *Colportagem. Nestas missões o novo método de dar Estudos Bíblicos foi usado com excelentes resultados, e as missões tornaram-se centros de treinamento para obreiros, especialmente jovens mulheres. Referidas como "obreiras bíblicas", tornaram-se o que agora se chama de Instrutoras Bíblicas, assistentes de tempo integral de evangelistas e Pastores, realizando evangelismo pessoal principalmente através de Estudos Bíblicos com interessados. O treinamento de instrutores bíblicos veio a ser oferecido em colégios ASD, e o ensino de

Estudos Bíblicos por membros leigos têm sempre sido estimulado, e têm sido oferecidos nas igrejas cursos de treinamento para leigos.

EVANGELHO. [gr. *euangelion*, “boas novas.”] A mensagem do cristianismo, mensagem da *Salvação através de *Jesus Cristo. Esta “boa nova” foi revelada desde seu embrião, no início (Gên. 3:15; 12:3), mas foi desvendada mais plenamente por escritores bíblicos posteriores, especialmente Isaías, que é às vezes chamado de o *Profeta do evangelho (Veja Isa. 49; 60 a 62; *SDABC* 4;25-36, 278, 279). Jesus anunciou Seu ministério ao povo de Sua própria vila de Nazaré nas palavras de Isa. 61:2 (Luc. 4:18, 19). As boas novas descritas como o “ evangelho de Cristo” (Rom. 15:19; II Cor. 4:4, etc.), “o evangelho de *Deus” (Rom. 1:1), e o “evangelho da *Graça de Deus” (Atos 20:24). É chamado um “*Mistério” (Efés. 6:19). A frase “o evangelho do reino” (Mat. 9:35; Mar. 1:14; etc.) tem referência primeiramente ao evangelho do “reino do céu”, ou “*Reino de Deus” (Mat. 12:28; 13:24; Mar. 1:15; Luc. 17:20, 21). Cristo ordenou que Seus seguidores pregassem o evangelho a “toda criatura” (Mar. 16:15 e 16; Mat. 28:19; Atos 1:8). A pregação do “ evangelho do reino” a todo o mundo é dado como um sinal da vinda de Cristo (Mat. 24:14). Em visão, João viu um anjo com “o evangelho eterno” para pregar a cada “nação e tribo e língua e povo” (Apoc. 14:6 RSV).

O uso do termo “Evangelho” para se referir a qualquer dos 4 primeiros livros do N.T. é extrabíblico. Alguns vêem uma sugestão para tal uso em Mar. 1:1.

EVANGELHO DE JOÃO

EVANGELISMO JOVEM. Veja **Evangelismo Leigo.**

EVANGELISMO LEIGO. A comunhão da fé dos membros leigos com outros, individualmente ou em grupos, falando em público ou em *Testemunho particular, por palavra ou obra; especialmente a apresentação e comunicação das boas novas sobre *Jesus Cristo a seus companheiros abrindo-lhes a palavra de *Deus. A IASD, reconhecendo que muito do crescimento da Igreja foi devido ao evangelismo leigo, promove o evangelismo leigo por vários métodos, principalmente através do Departamento de Atividades Leigas.

Evangelismo Pessoal. Espera-se que cada ASD comissionado seja um *Evangelista leigo. Suas oportunidades para esforços missionários incluem tal ministério como o da visitação de casa-em-casa, conforto aos doentes e problemáticos, ajuda aos pobres e aflitos, falando de paz aos desconsolados e também dando estudos bíblicos nos lares. Ele é ensinado que é responsabilidade da igreja levar a Palavra de Deus a cada lar. Ele é alistado para esta obra e recebe treinamento na *Igreja (Organização Local). Ele aprende que há muitas oportunidades para evangelismo pessoal — de casa-em-casa, em hotéis e pensões, em prisões, ao leito do doente, em estacionamentos, viagens, em palestras públicas, em lugares públicos, em escritórios, em em reuniões sociais.

Para tornar a participação fácil para todas as idades, tem sido preparado auxílio audiovisual bem testado e materiais ilustrativos tais como o *Centro Educacional Ilustrado (CEI), e fitas cassete como *A Bíblia Sonora*.

*Evangelismo Público***.** Os leigos também aceitam o chamado da pregação leiga como um desafio. O evangelismo público é relizado geralmente em tendas móveis onde por 3 meses ou mais, realizam-se palestras sobre tabagismo e alcoolismo e a pregação da mensagem. O evangelismo público é acompanhado pelo evangelismo pessoal, através de estudos bíblicos com os interessados.

*Evangelismo Coordenado***.** Em anos recentes têm havido uma nova ênfase sobre o “evangelismo coordenado” — os esforços unidos de leigos e ministros conduzidos através da cooperação dos departamentos da Associação e da igreja local, e dos leigos e do *Pastor, com o objetivo comum de salvar almas para Cristo.

Desde 1958, várias uniões na América do Norte têm esboçado um programa de evangelismo coordenado e têm preparado folhetos apresentando os passos a serem tomados pelos *Departamentos, igrejas e membros.

*Congressos Leigos e Institutos***.** Desde seu início, a denominação ofereceu treinamento no evangelismo, abertos para os leigos bem como a obreiros, na forma de escolas bíblicas e institutos. No presente, o termo “instituto dos leigos” significa uma reunião que dura muitos dias, patrocinado por um grupo de igrejas em uma área com o propósito de inspirar e treinar obreiros leigos no evangelismo; a assistência é aberta a todos. Um congresso de leigos, realizado com os mesmos propósitos é dirigido em maior escala, principalmente para delegados enviados por igrejas locais em uma área maior — em uma associação, uma União ou uma Divisão.

O primeiro congresso leigo em nível de Divisão foi realizado em Grande Ledge, Michigan, no dia 29 de agosto de 1951, tendo delegados representando as igrejas na Divisão Norte Americana. No avanço unido dos leigos que seguiu este congresso, houve a abertura simultânea de 4.237 reuniões evangelísticas no domingo 11 de novembro de 1951.

Congressos leigos além-mar se seguiram de 1953 em diante, alguns dos maiores sendo realizados do Extremo Oriente em 1956 e na Nova Zelândia e na Austrália em 1959. Outros congressos leigos ofereceram também dispensário e classes no seguinte: auxílio audiovisual, grupos contemporâneos, liderança, pregação leiga, e Escolas Sabatinas filiais. Congressos leigos têm treinado milhares de

leigos em métodos evangelístico efetivos, têm dado ímpeto à atividade missionária e têm aumentado os resultados em termos de almas.

EVANGELISMO PÚBLICO. Os ASD crêem que o evangelismo — proclamação do *Evangelho — é o coração do Cristianismo. Desde os dias primordiais da IASD, o evangelismo público exerceu parte importante no crescimento e desenvolvimento da denominação. Começou com uns poucos pregadores dedicados, realizando encontros entre os pequenos grupos dos que haviam tido parte no *Movimento Milerita. Ao alargarem-se os conceitos, não demorou muito para que a Igreja compreendesse sua missão de levar as *Três Mensagens Angélicas (Apoc. 14:6-12) a toda nação, tribo, língua e povo (v. 6).

A princípio, não havia Pastores fixos nas igrejas. Congregações lideradas por leigos eram as únicas de que se esperava levar adiante o *Evangelismo Leigo com a ajuda ocasional dos Pastores. Hoje, os Pastores locais ainda são os que devem realizar reuniões evangelísticas de tempos em tempos.

Entre a primeira geração de evangelistas ASD, podem ser alistados *José Bates, *Tiago White, George Holt e Samuel Rhodes.

Como as congregações aumentavam, o evangelismo público continuou a ser uma parte importante do programa de ganhar almas da Igreja. *Ellen G. White estimulou estes esforços em seus artigos pessoais, testemunhos especiais, conselhos pessoais, e adereça-os através dos anos, que foram colecionados e publicados como um livro intitulado *Evangelismo.*

No presente, o evangelismo público é conduzido por evangelistas de tempo integral que vão de lugar a lugar dentro do campo da *Associação Local ou União; por Pastores Distritais, que realizam reuniões dentro de seus distritos e por evangelistas leigos.

Como mudaram-se os tempos, os métodos também mudaram e o evangelismo veio a incluir o rádio e programas de televisão, lições por correspondência e outros métodos.

Programas internacionais tais como *A Voz da Profecia, *Fé para Hoje e *Está Escrito*, são o ponto focal do evangelismo. *A Voz da Profecia* e *Fé para Hoje*, têm associações evangelísticas, tendo os evangelistas conduzido as reuniões por todo a América do Norte. O *Está Escrito* prepara os programas e, pagando às emissoras de televisão, transmitem-nos, dando assistência paralela aos telespectadores através de visitação pessoal e reuniões públicas.

Desde 1972, uma campanha evangelística coordenada foi adotada na América do Norte e em muitas Divisões Mundiais. Isto foi conhecido como Missão 72, Missão 73, etc. A partir da missão 75, um evangelismo integrado de saúde, conhecido como o *Instituto do Viver Melhor* do Século XXI, foi acrescentado à fase pública deste programa evangelístico. O envolvimento de cada membro no evangelismo caracteriza esta abordagem.

Veja também **Evangelismo Leigo; Igreja Remanescente; Ministro.**

EVANGELISTA. Tradução do gr. *eaungelistes* (Atos 21:8; Efés. 4:11; II Tim. 4:5), literalmente, "o que anuncia boas notícias." O dom do evangelismo foi um dos vários dons com os quais Cristo dotou a Sua igreja após Sua *Ascensão (Efés. 4:8, 11). Este dom, juntamente com outros, foi concedido para que a igreja esteja capacitada a levar adiante todas as fases de sua obra, e que seja aperfeiçoada em Cristo (vs. 11-16). Filipe, o *Diácono, foi chamado de evangelista (Atos 21:8; 6:5). O jovem Timóteo foi encorajado por Paulo a realizar seu trabalho de evangelista (II Tim. 4:5).

EVOLUÇÃO. *Evolução mecanística.* A teoria da Evolução orgânica defende que todas as formas vivas no mundo, plantas e animais, inclusive o homem, descendem de um ou mais organismos simples, que por sua vez surgiram por acaso de matéria morta. Defende-se que o presente nível de desenvolvimento foi alcançado pelo efeito cumulativo de pequenas mudanças de geração para geração em um período vasto de tempo, possivelmente dois bilhões de anos ou mais. Formas simples, primitivas, arcaicas, resultaram supostamente em uma variedade de tipos, que por contínuas divergências, produziriam um ramo mosaico de vida. A maioria do biólogos atuais defende que este processo de descendência com modificação, pelo qual novas espécies e tipos básicos pretensamente surgiram, ocorreu por um processo estrito de seleção ou chance, tendo a seleção natural como eliminadora dos menos adaptados. Este conceito é chamado de *Evolução mecanística* ou *materialismo.*

Evolução Teísta. Por causa da complexidade envolvente até mesmo das formas mais simples de vida e a improbabilidade de surgimento de vida espontânea da matéria inorgânica, alguns defendem que as formas originais podem ter sido especialmente criadas. Outros defendem que o inteiro processo evolutivo esteve sobre a liderança de um Ser Supremo de sabedoria infinita — que *Deus “criou” todas as coisas por este método. Uma idéia comum entre os cientistas e teólogos Católicos e Protestantes, inclusive alguns evangélicos, é que quando o homem alcançou um certo nível de Evolução — alguns milhares de anos atrás na “Semana da *Criação, o Criador dotou-o com certas características pelas quais ele se tornou um ser moral capaz de reconhecer a diferença entre o certo e o errado, capaz de pecar e com a capacidade de apreciar o estético, ético e valores espirituais. Estes conceitos são todos formas da *evolução teísta.*

Posição ASD. Teólogos e cientistas ASD rejeitam ambas as evoluções teístas e mecanísticas, com bases escriturísticas e científicas. Em 1864, *Ellen G. White ressaltou que —

> quando os homens deixam a palavra de Deus concernente à história da Criação, e buscam considerar os poderes criadores de Deus à base de princípios naturais, estão em um oceano infinito de incerteza. ... Suas obras criativas são tão incompreensíveis quanto o é Sua existência. (3*SG*, p. 93)
>
> A genealogia de nossa raça, conforme é dada pela inspiração, remonta sua origem não à uma linhagem de germes, moluscos e quadrúpedes a se desenvolverem, mas ao Grande Criador (*PP*, 45).

Alguns anos mais tarde L. A. Smith ressaltou que qualquer tentativa de explicar o Criador pela Evolução está envolta em “imensuráveis dificuldades” (*Review and Herald*, 15 de setembro de 1904).

Advogados da teoria da Evolução geralmente admitem que a *Bíblia obstrui a possibilidade de qualquer variação de espécies, e que as evidências de tais variações portanto contestam a Bíblia e confirmam a Evolução. A atitude típica é refletida em uma frase de Darwin em 1844 em uma carta a um amigo íntimo e eminente botânico, José Hooker: “estou quase convencido (diferentemente do que a princípio pensava) de que as espécies são imutáveis” (E. Nordenskiold, *The History of Biology*, pp. 463-464). Mas, embora as Escrituras mencionem uma grande variedade de animais complexos, diferentes e plantas como presentes ao fim da Criação, isto não indica que as variações não ocorreriam, especialmente após o *Pecado entrar no mundo. De fato, a maldição de Gên. 3:17,18 implica que variações favoráveis ocorreriam. Desde o princípio os escritores ASD têm reconhecido variações de espécies (G. W. Amadon, *Review and Herald*, 04 de setembro de 1860).

Mas isto, é claro, é muito diferente do tipo de variação exigida para o início de novas categorias mais superiores — as ordens, classes e espécies de animais e plantas.

Ellen G. White referiu-se em 1864 à quase “infindável variedade de espécie de animais” e isto indica que novas espécies foram formadas (3 *SG*, p.75). Em 1902, G. M. Price notificou que o ponto real de diferença entre o relato de Gênesis e a filosofia de Darwin não é suficiente para explicar a variação que ocorreu para —

> produzir praticamente novas e distintas espécies. Os fósseis nos mostram que as espécies têm variado suficientemente para produzir diferenças morfológicas e estruturais distintas . . . Mas a questão real é se a ocorrência geral dessas variações não foram todas em direção da degenerescência (*Outlines of Modern Science and Modern Christianity*, p. 199).

Poder-se-ia notar que muitas das evidentes variações na natureza — tais como parasitas com sistemas digestivos rudimentares, pássaros que não voam e besouros com asas fundidas — representam reduções ou perdas de estruturas, ou especializações.

Os argumentos fundamentais contra a Evolução (em anos recentes) por escritores ASD incluem:

(1) A improbabilidade de gerações espontâneas de vida a partir de matéria morta, visto os cientistas não saberem ainda o que é a vida;

(2) A falta de adaptação de mecanismos conhecidos de variação que transponham o abismo entre características estruturais e fisiológicas vastamente diferentes pelas quais a maioria dos grupos de organismos diferem entre si;

(3) A inadaptação para sobrevivência de estágios intermediários hipotéticos e insipientes entre muitos sistemas orgânicos delicadamente equilibrados;
(4) A tremenda preponderância de efeitos nocivos e letais em variações hereditárias, tais como mutações e aberrações cromossômicas;
(5) A total ausência de séries de transição de formas ligando grandes tipos diferentes entre si no registro fóssil da vida passada — categorias mais elevadas como classes, ordens e quase todas as famílias também (se as várias espécies e ordens surgiram por evolução, pelo menos algumas variações das seqüências transicionais, ou elos perdidos deveriam ter sido preservados, mas tais séries não são conhecidas);
(6) A presença nas camadas mais inferiores de rocha sedimentar nas quais o número apreciável de fósseis ocorre em abundância — o Cambriano — de uma vasta variedade de formas animais altamente complexas e completamente modernas em detalhes estruturais; e
(7) A existência de um desígnio e propósito evidentes na natureza, de características que exibem um grau de complexibilidade muito além de nossa habilidade de compreensão. A Criação divina parece ser a única solução razoável.

A análise torna perfeitamente óbvio que quase toda a evidência científica válida para a evolução é, de fato, evidência da variação de tipo que os ASD criacionistas aceitam como tendo certamente ocorrido desde a Criação como concebem que ela tenha ocorrido. É fraco, incerto e completamente inconclusivo apoiar as variações mais fundamentais requeridas pelas teoria da evolução. Nenhuma descoberta científica tem apresentado até o momento forte razão contra-criacionista para que se

duvide do relato bíblico da Criação — que é confiável. São as teorias, e não os fatos observados no mundo natural que estão em conflito com relato das Escrituras.

Veja **Ciência e Religião; Criação.**

EXCLUSÃO. Veja **Disciplina da Igreja**.

EXPIAÇÃO. Em hebraico, *Kippurîm*, de *Kaphar*, "fazer expiação". Basicamente, crê-se que a palavra tem o significado básico de "cobrir". O vocábulo grego *katallage*, "reconciliação" é traduzido por "expiação" uma vez (Rom. 5:11) na *Versão King James*. Teologicamente, expiação é o processo pelo qual um pecador é reconciliado com *Deus e trazido a um estado de aproximação com Ele. O sacrifício vicário de Cristo sobre a *Cruz é o ato central, decisivo e efetivo nesse processo e, sem ele, tudo mais seria insuficiente para expiar os pecados. A expiação ali provida foi perfeita e completa. Foi de "uma vez por todas", no sentido de que jamais se repetiria. Tendo feito a expiação na cruz, Cristo ascendeu ao Céu como nosso grande Sumo Sacerdote, para ali ser nosso intercessor e para ministrar em nosso favor os benefícios da expiação que se tornou válida na cruz (Heb. 7:27; 9:12; 26; 10:10). Desde Sua *Ascensão, Cristo tem vivido para interceder por nós e essa *Intercessão é parte da obra de reconciliação ou expiação em um sentido mais amplo (Heb. 7:25; 8:1, 2; 9:11, 12; 10:12-14, 21 e 22). Conseqüentemente, Ele nos convida a nos achegarmos ao trono de *Graça "confiadamente, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Heb. 4:16).

Alguns dentre os primeiros adventistas, baseando sua definição do termo no significado do *Antigo Testamento, com referência ao antigo ritual do *Santuário e crendo que os sacerdotes antigos ministravam "em figura e sombra das coisas celestes" (Heb. 8:5) enfatizaram esse aspecto

sumo sacerdotal do ministério expiatório de Cristo ao ponto de parecer negar que o Seu sacrifício na cruz poderia ser chamada corretamente de obra da expiação. *Guilherme Miller, por exemplo, escreveu que o derramamento de sangue de Cristo na Cruz do Calvário por um mundo pecaminoso foi “um sacrifício propiciatório a Deus” mas que a expiação “é feita por sua vida e intercessão no Céu”, (Heb. 7:25), “de modo que, através de Sua intercessão, possamos ser salvos por Sua vida. Rom 5:10; I João 5:11” (Carta de 22 de novembro de 1844, em *Western Midnight Cry*, 21 de dezembro de 1844).

A incompreensão que surgiu a partir da negação por Guilherme Miller e alguns escritores ASD pioneiros de que a expiação foi feita na cruz é uma questão de semântica. Nenhum dos que negaram isto, negaram o fato ou a eficácia do sacrifício de Cristo feito na cruz, nem criam que Ele tenha oferecido outro sacrifício no *Céu. Eles estavam simplesmente usando o termo “expiação”, em seu sentido bíblico original, em vez do sentido teológico popular. Salientavam que, no antigo Santuário, o serviço de expiação pelo pecado era feito não pela morte da oferta sacrifical, mas pelo ministério sacerdotal desempenhado dentro do Santuário após a oferta ter sido imolada:

> E porá (o penitente) a mão sobre a cabeça da oferta pelo *Pecado, e a imolará no lugar do holocausto.
>
> Então o sacerdote com o dedo tomará do *Sangue . . . O sacerdote a queimará sobre o *Altar (a gordura) como aroma agradável ao Senhor; e o sacerdote fará expiação pela pessoa, e lhe será perdoado. (Lev. 4:29-31; cf. v.27).

Eles argumentavam que o ministério expiatório de Cristo no *Santuário Celestial desde Sua ascensão — e não Seu sacrifício no Calvário — era o contraponto bíblico do ministério expiatório do sacerdote no Santuário terrestre após a vítima ter sido imolada (Heb.

9:11-15, 23-26; 10:11-14; cf. Lev. 4:27, 31, etc.). Assim, quando Miller e outros ASD pioneiros falavam da expiação como não sendo feita na cruz, mas por Cristo após Sua ascensão ao Céu, eles estavam tecnicamente corretos, no que diz respeito ao uso do termo “expiação” na *Lei Cerimonial. Entretanto, o uso contemporâneo teológico da palavra expiação não inclui sua aplicação bíblica à ministração sacerdotal do sangue de um sacrifício que já havia sido imolado. Esta é a razão por que a posição ASD sobre o Santuário, algumas vezes, tem sido incompreendida e mal representada. Em qualquer discussão da expiação é importante que essa distinção entre o uso teológico moderno e bíblico seja reconhecida.

A relação entre o sacrifício de Cristo na cruz e Seu ministério sacerdotal no Céu desde Sua ascensão é assim explicada por *Ellen G. White:

> A intercessão de Cristo no Santuário Celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi sua *Morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressurgir. (*GC*, p. 492). Ed. de 1981.

> O grande Sacrifício havia sido oferecido e aceito, e o *Espírito Santo, que desceu no dia do *Pentecostes, levou a mente dos discípulos do santuário terrestre para o celestial, onde Jesus havia entrado com o Seu próprio sangue, a fim de derramar sobre os discípulos os benefícios de Sua expiação (*PE*, p. 260; publicado primeiro em 1858 em 1*SG*, p. 170).

Todavia é evidente que esta posição de modo algum deprecia a expiação provida na cruz de acordo com seus comentários posteriores:

> O sacrifício de Cristo como expiação pelo pecado é a grande verdade ao redor da qual todas as outras verdades se agrupam (Ellen G. White, em *SDABC*, vol. 5:1137).

A cruz deve ocupar o lugar central porque ela é o meio para a expiação do homem e por causa da influência que ela exerce em cada parte do governo divino (6*T*, p. 236).

As palavras de Cristo na encosta na montanha (na Galiléia, após Sua ressurreição) eram o anúncio de que Seu sacrifício em favor do homem fora perfeito e completo. As condições da expiação haviam sido cumpridas; a obra pela qual Ele viera ao mundo havia sido realizada. (*Ms* 138, 1897).

Quando os ASD falam a respeito da obra expiatória de Cristo no Santuário, referem-se à aplicação para cada crente individualmente, de acordo com sua necessidade, dos benefícios da salvação providos a todos os homens no Calvário.

No Santuário antigo, os solenes serviços do Dia da Expiação anual encerravam o ciclo ritual anual (Lev. 16). A obra de expiação ou reconciliação, executada naquele dia completavam tudo o que o Santuário e os sacerdotes podiam fazer pelos pecadores arrependidos e purificavam o Santuário e o povo. Com base na analogia clara delineada pelo inspirado autor de Hebreus entre o Santuário terrestre e o celestial, os ASD reconhecem, na fase final do ministério celeste de Cristo, um correlativo do serviço do Dia da Expiação terrestre. Os ASD referem-se a essa fase conclusiva do ministério de reconciliação de Cristo como "o grande dia antitípico de expiação e o *Juízo Investigativo" (Veja também **Santuário**).

A necessidade de uma reconciliação, ou expiação, entre Deus e o homem deriva do fato de que quando Adão pecou, "entrou o pecado no mundo e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens porque todos pecaram" (Rom. 5:12; cf. 3:23). A desobediência separou o homem de seu Criador e a lei divina transgredida reclamava a

morte do transgressor. A justiça de Deus requeria que toda imperfeição fosse erradicada. Contudo, desde que o homem era geração de um Criador amoroso, o amor supremo planejou um modo de escape para aqueles que haviam caído na armadilha do pecado que Satanás idealizou.

A *Lei Moral é imutável, visto ser um reflexo do caráter de Deus. Nada há que o pecador possa fazer para recomendar-se a Deus ou reconciliar-se com Ele. Desse modo, Deus proveu a *Reconciliação com os pecadores quando foi preciso. O plano foi concebido antes da criação de Adão (I Ped. 1:20) e o homem tomou ciência dele antes de sua expulsão do Éden (Gên. 3:15). O plano consistia em que o *Filho de Deus depusesse Seu poder divino para revestir-se com um corpo humano, sujeitando-Se a tentações assim como o homem, embora sem pecado e morresse uma morte vicária em lugar do homem. Ele seria tratado como o pior dos pecadores e experimentaria a separação do *Amor e da presença do Pai, sofrendo por todos os pecadores. Ele pagou o preço do pecado e ofereceu ao homem Sua justiça.

João 3:16 sintetiza o plano da redenção: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a *Vida Eterna.” O amor de Deus é gratuito mas deve ser crido e aceito voluntariamente. Está disponível a todos os homens, porém nem todos os homens o aceitam. Não pode haver expiação para aqueles que negligenciam “tão grande *Salvação” e se recusam a “viver pela fé” (Heb. 2:3; Rom. 1:17). Uma expiação completa não deve apenas conceder perdão por pecados passados mas concede também ao homem poder para vencer a tentação. Por esta razão Cristo viveu entre os homens como seu exemplo e lhes oferece também o Espírito Santo para capacitá-los a viver uma vida sem pecado.

EXPIAÇÃO, DIA DA. Veja **Bode Emissário; Juízo Investigativo; Santuário.**

— F —

FACULDADE ADVENTISTA DE CIÊNCIAS (FAC).

FACULDADE ADVENTISTA DE EDUCAÇÃO (FAED). Abrange 3 cursos: Pedagogia, Letras e Ciências.

Em 1992, o curso de Pedagogia foi transferido do *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), para o *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), em Engenheiro Coelho, SP, e em 1994, o curso de Letras. O curso de Ciências ainda permanece em São Paulo.

A idéia de uma Faculdade Adventista de Educação surgiu com o Diretor Geral do IAE, SP, Nevil Gorski. Para organizá-la e dirigi-la, veio um missionário americano, Dr. Hampton Eugene Walker com sua esposa, nascida na Califórnia , USA.

A Faculdade de Educação funcionou durante 2 anos (1971 a 1972) ligada à Faculdade Adventista de Teologia, até que foi oficialmente transformada para FAED.

Os alunos que estudaram no período de 1971 e 1972, estudaram sem fazer o vestibular, mas os exames foram feitos no ano de 1973, para legalizar a matrícula e para efeito de fiscalização do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Os inscritos para o vestibular foram 32 alunos, sendo oferecidas 160 vagas, para o dia 21 de agosto de 1973. Foram aprovados 27, havendo uma segunda chamada para 4 alunos.

A FAED recebeu autorização para o funcionamento em agosto de 1973, sendo concedida licença para o curso de Pedagogia, nas

habilitações de Magistério das Matérias Pedagógicas do 2º Grau e Administração de 1º e 2º Graus.

A primeira reunião congregacional da FAED ocorreu no dia 20 de agosto de 1973, no prédio central do IAE/SP. De 1973 a 1978, a FAED foi dirigida pelo Dr. Walker.

A primeira formatura realizou-se no dia 26 de junho de 1977, recebendo o título de “Licenciados em Pedagogia”. O total dos formandos foram 10, tendo todos recebido chamado para o trabalho. O lema dos formandos foi “*Por Modelo do Grande Mestre*”.

De 19 de agosto de 1978, assumiu a direção o Prof. Orlando Ritter, natural de Porto Alegre, RS. Foi professor desta faculdade desde sua fundação.

No primeiro semestre de 1995, a matrícula total dos alunos de Pedagogia foi 304 alunos; Letras, 80; Ciências 125. A equipe é composta por 15 professores e 5 funcionários.

Atualmente sua direção é composta por: Coordenador - Pedagogia: Prof. Orlando Ritter; Coordenador - Letras: Prof. Afonso Ligório Cardoso; Coordenador - Ciências: Prof. Euler Bahia; Diretor da FAED - Dr. Admir Arrais Matos

A Faculdade de Educação funcionou durante 2 anos (1971 a 1972) ligada à *Faculdade Adventista de Teologia (FAT), até que oficialmente mudou a nomenclatura para FAED.

Diretores: Hampton Eugene Walker; Orlando Rubem Ritter (ago/1978-).

Secretária: Profª. Clarice Costa Araújo (1º de janeiro de 1974-).

FACULDADE ADVENTISTA DE ENFERMAGEM (FAE). Localiza-se no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Possui sede própria Localiza-se no prédio da FAE. Pertence e é administrada pela *União Central-Brasileira da IASD.

A FAE funciona em regime de internato, oferecendo os cursos para enfermeiros capacitados na execução de suas funções. O número de matrículas no 1º semestre de 1995 foi: 281 alunos.

A equipe é composta por aproximadamente 34 professores e 2 funcionários.

A FAE já graduou até dezembro de 1993, 1352 (mil trezentos e cinqüenta e dois) enfermeiros com habilitação em Enfermagem de Saúde Pública, Enfermagem Geral e Licenciatura em Enfermagem. Atualmente conta com 229 alunos matriculados nas 4 séries do curso.

Dentre as filosofias que regem a entidade, uma delas é a certeza de que o saber e o desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de *Deus.

Objetivos:

- Promover a formação de enfermeiros para servir a *Obra Médico-Missionária da Igreja Adventista do 7º Dia, bem como as Instituições de Saúde do nosso país.
- Ministrar cursos de graduação, especialização, aperfeiçoamento e extensão;
- Realizar e incentivar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem o objetivo do ensino de enfermagem;
- Colaborar com os poderes públicos e entidades particulares para o desenvolvimento da enfermagem e de outras atividades hospitalares, que visem a melhoria da assistência à saúde da população.

A FAE é reconhecida pelo governo e pelo mundo da saúde como uma das melhores do país e exterior, visando sempre o ensino dos princípios bíblicos e sobre as bases doutrinárias da Igreja Adventista do 7º Dia. Ao iniciar as atividades, é feito o culto devocional e oração até mesmo nos estágios em hospitais conveniados.

A iniciativa de fundar uma Escola de Enfermagem Adventista surgiu na década de 1960, com o então diretor Pr. Jairo Araújo.

Em 1965, a Profª. Maria Kudzliecz encerrou suas atividades no atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP) e veio para o IAE/SP, com o objetivo de fundar o mais rápido possível a Faculdade.

Com a ajuda da Profª. Ana de Luca Oliveira e o então secretário do colégio, o Sr. José Guimarães, em 30 de maio de 1968 a Faculdade foi autorizada para iniciar seu funcionamento, sendo reconhecida em 23 de janeiro de 1974.

O primeiro uniforme das alunas da FAE era jardineira azul, blusa e touca branca. Os estágios eram realizados no Hospital das Clínicas.

As primeiras aulas da Faculdade foram ministradas por Filomena Spera (diretora). Ana de Luca Oliveira e Maria Kudzliecz eram professoras-enfermeiras, formando assim, um corpo docente de 3 pessoas.

O ato da inauguração deu-se no auditório da *Academia Adventista de Artes (ACARTE) em fevereiro de 1969, pelo Deputado Federal, Ulisses Guimarães.

A primeira sede da Faculdade localizava-se numa sala do 1º Grau. A turma era pequena, portanto, as camas e os materiais necessários tinham lugar na mesma sala. A secretaria, bem como, a sala dos professores funcionavam numa outra sala do mesmo prédio.

Em 1970, um ano após a fundação, o prédio do 1º Grau já não podia abrigar as turmas do 1º e 2º ano. Instalaram-se no prédio do 2º Grau no período da tarde. Permaneceram neste local até 1973 quando transferiram para sua própria sede.

O atual prédio da Faculdade de Enfermagem iniciou sua construção em 1970 através de algumas verbas da Alemanha.

Em 1970 foi fundado o Diretório Acadêmico Maria Kudzielicz (DAMK), que recebeu este nome como homenagem à enfermeira fundadora da Faculdade.

O hino da escola foi composição poética e musical de William Soares Costa Jr., em 08 de maio de 1971.

> "Faculdade Adventista de Enfermagem.
> És meu mundo nesta fase do saber.
> Queira Deus que algum dia eu possa ser de algum valor;
> P'ra servir meu semelhante e
> Amenizar alguma dor!
> Que o mundo veja em mim
> Um Deus de amor, amor sem fim;
> E na vida de labuta eu seja u'a flor do Teu jardim.
> Minha FAE eu vou cantar.
> Teu hino de louvor
> E entoando eu vou dizer:
> FAE, eu amo você."

A primeira turma de formandos graduou-se no dia 07 de dezembro de 1971, no Salão Nobre do IAE/SP, onde 21 formandos receberam o título de Enfermeiros.

No dia 09 de maio de 1973 o novo prédio foi inaugurado. Em 09 de setembro de 1973 foi aprovado o aumento de 30 para 60 vagas, iniciando assim, em 1974, a 1ª turma de 60 alunos.

Os eventos que marcaram a história da Faculdade são as comemorações cívicas anuais, bem como a Semana da Enfermagem e trabalhos através de palestras e visitações à favelas.

Em 1985 houve alteração da duração do curso, que eram de 3 anos passando para 4 anos.

O curso de especialização foi aprovado pelo Ministério de Educação e Cultura e 10 de março de 1989.

O Currículo é oferecido em 8 semestres letivos (4 anos), com aulas teórico-práticas e estágios supervisionados em situação real de trabalho. Além da graduação, é oferecido habilitações nas áreas de Enfermagem Médico-Cirúrgica, Licenciatura em Enfermagem e

Especialização (*Lato Sensu*) em Saúde da Comunidade e Administração Aplicada à Enfermagem.

Desde a sua fundação, a Faculdade tem recebido visitantes ilustres do campo da saúde do Brasil, Estados Unidos da América do Norte, Japão, México, Austrália e outros países da América do Sul e Central. A FAE está filiada à Associação Brasileira de Enfermagem.

Em 25 de janeiro de 1993 foi realizada a cerimônia de formatura da 1ª Turma de especialização em Saúde da Comunidade. De 25 a 30 de janeiro de 1994 foi realizado o "*I Encontro Nacional Adventista de Enfermagem"* como parte das comemorações do Jubileu de Prata da Faculdade, com participação de enfermeiros da América do Norte, Europa e América do Sul. Dentre os representantes da América do Norte destacamos a Dra. Margaret Burn, enfermeira docente da Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA.

Diretoras. Filomena Spera (1969); Maria Kudzielicz (1970-1978); Liliana Felcher Daniel (jan/1978-1983); Francinete de L. Oliveira (1983).

FACULDADE ADVENTISTA DE TEOLOGIA (FAT). Veja **Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT).**

FALSO PROFETA, O. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

FARIA, SEBASTIÃO GUSMÃO DE (1908-1973). Pioneiro do *Hospital Adventista do Pênfigo (HAP), atual *Hospital Adventista de Campo Grande, MS. Foi um dos pioneiros que colaborou na fundação do HAP, em Campo Grande, MS. Dedicou-se ao trabalho em favor dos doentes do *Pênfigo Folíaco* (Fogo Selvagem).

Faleceu no dia 8 de novembro de 1973, aos 64 anos de idade, no HAP, em Campo Grande, MS,.

FARNSWORTH, CYRUS K. (*c.* 1822-1869). Irmão mais novo de *William Farnsworth; membro e possivelmente o líder leigo do primeiro grupo de ASD em Washington, New Hampshire (Veja **IASD de Washington, New Hampshire)**, em cuja casa muitas das primeiras reuniões ASD ocorreram. Ele se casou com Delight Oakes, filha de *Rachel Oakes (mais tarde Preston), que trouxe o conhecimento do *Sábado aos crentes Adventistas de Washington.

FARNSWORTH, WILLIAM. (1807-1888). Considerado o “primeiro Adventista do Sétimo Dia,” isto é, o primeiro dos Adventistas que guardou o *Sábado do sétimo dia. Ele aceitou a doutrina Adventista (*Milerita) em meados de 1840 e, em 1844, declarou-se guardador do sábado, o primeiro de um pequeno grupo da Igreja Cristã de Washington, New Hampshire, que se tornaram os primeiros adventistas a observar o sétimo dia como o sábado.

FÉ E OBRAS. No N.T., a confiança do crente em Cristo e a aceitação do que Ele fez para tornar possível a reconciliação com *Deus é chamada fé. Reciprocamente, o que o homem possa tentar fazer, mediante a requisitos ritualísticos ou por obras de caridade, a fim de merecer a *Salvação, é chamado obras. Neste sentido, fé e obras são vistas mutuamente exclusivas, como o são a luz e as trevas. A epístola de Paulo aos Gálatas é a clássica resposta do apóstolo à teoria de que os cristãos, que presumivelmente encontraram salvação pela fé em Cristo, podem melhorar sua situação perante Deus e se tornar mais elegíveis por Sua *Graça e por próprios esforços — especificamente, condescendendo com requerimentos ritualísticos do sistema religioso judaico. A censura categórica de Paulo à tentativa dos Gálatas de encontrar salvação adicionando as obras do ritual da lei judaica à fé em Cristo é aplicável a

todos em todas as idades que supõem poderem granjear mérito em termos de salvação pela submissão com qualquer requerimento legal, até mesmo os da *Lei Moral.

Em séculos posteriores, porém, a idéia de que a realização do ritual, penitências e obras de caridade eram suficientes para expiar os pecados de um homem e o habilitavam para a salvação, eclipsaram o conceito do N.T. da justificação somente pela fé. Esta grande verdade — de que o homem é inteiramente dependente da fé em Sua justiça — foi restaurada pela Reforma do décimo-sexto século, e constitui a própria essência da crença e prática ASD hoje.

Andando sobre a terra como um homem entre os homens, Jesus exemplificou perfeita justiça. Morrendo na *Cruz, Ele satisfez a exigência da *Lei, para que pela fé, o pecador arrependido pudesse chegar a ter um relacionamento correto com Cristo. Fora de Cristo, confiando em suas próprias obras, Ele seria confrontado com a plena exigência da lei como padrão pelo qual o caráter deve ser julgado, e estaria completamente incapaz de satisfazer Seus reclamos. Mesmo a completa condescendência com os requerimentos morais de Deus subseqüentes à *Conversão, se tal fosse possível, não poderia expiar sua vida passada de *Pecado; por esta razão a necessidade de fé do pecador em Cristo em sua expressa dependência em Sua morte vicária na cruz e seu poder habilitante para viver em harmonia com a vontade de Deus para ele. A justiça salvadora de Cristo é completa e suficiente, o homem nada pode acrescentar a ela.

Se os Gálatas tivessem abandonado as obras de justiça prescritas pela lei ritual e tivessem encontrado salvação pela fé em Cristo, diz Paulo, as obras do *Espírito seriam manifestas em suas vidas (Gál. 5:22-23; 6:2), não como meio de salvação, mas como resultado dela e, como Tiago explica, a fé desacompanhada por esta espécie de obras (Tiago 2:20; 3:13). Tais "boas obras" são o produto de genuína salvação pela fé" (Efés. 2:10; Heb. 8:10). São obras de fé, não da lei. Sem elas a fé de

um homem é expressamente vã. A fé opera por amor para produzir uma vida de obediência e frutos para a *Santificação. A fé resulta não somente de um relacionamento correto com Deus, mas também em cooperação com ele que torna possível a semelhança a Cristo no Espírito e na conduta. Onde existe a fé viva haverá sempre obras correspondentes. Boas obras da fé, manifestas na vida do crente, preparam-no para gozar de comunhão com os seres celestiais. Elas demonstram que ele escolhe andar em obediência por amor a Deus aqui e, deste modo, pode ser encaminhado ao mundo perfeito. (*Review and Herald*, 23 de setembro de 1915). Tal vida prova que sua profissão de fé em Cristo não é vã. A ausência de boas obras na vida de um cristão professo é evidência de que ele está sobre domínio do pecado, a despeito de sua profissão de fé em Cristo. A amorosa e obediente resposta de boas obras revela uma entrega completa e sincera a Deus e à sua *Vontade (*ibid.* 7 de outubro de 1890). O *Espírito Santo está responsável em escrever a lei moral divina no coração (Heb. 8:10).

O *Evangelho salva do pecado e para a justificação. O que quiser habitar com Deus e com os anjos, não amará as trevas, nem induzirá em obras más. As boas obras da fé são uma expressão amorosa da gratidão a Deus (João 14:15, 23). Nenhum homem pode dar evidência de uma fé viva se há ausência de boas obras, de vitória sobre o pecado (Mat. 7:16-20). Um cristão professo destituído de boas obras não dá nenhuma evidência de ter sido salvo por Cristo ou de estar unido a Ele.

Em nenhum aspecto o debate sobre a relação de fé e obras é um problema de semântica — de diferentes definições dos termos “obras” e “lei”, de negligência em assegurar do contexto das passagens da Escrituras citadas no sentido em que os termos são usados, e de falha de ambos em reconhecer estas diferenças. Freqüentemente, por exemplo, a falha em reconhecer que por “lei” os escritores bíblicos geralmente pretendiam significar a revelação da vontade do homem como relato das Escrituras, particularmente o Pentateuco (Sal. 119; Luc. 24:44), mas

também às vezes (como em Gál. 3:2-4) as cerimônias e ritos judaicos (que são parte integral da "lei" no sentido passado). Semelhantemente "obras" e "obras da lei", quando usadas no contexto do sistema religioso judaico, sempre se referem aos requerimentos destas leis " (Gál. 2:16; 3:2). Freqüentemente os que estão de um lado ou de outro lado do diálogo da graça da lei ou das obras da fé restringem o termo "lei" ao Decálogo. Este é o sentido em que os ASD geralmente falam da "lei". Discussão envolvendo "fé", "obras" e "lei" deveriam se iniciar com uma clara definição dos termos e como reconhecimento do sentido em que os vários escritores bíblicos o usam. Ao usar uma dessas palavras, os participantes deveriam tornar claro o sentido em que foram escritos.

Encontrando muitas passagens das Escrituras em que a "lei" é referida em sentido favorável, tais como "santa" "justa" "boa" e "perfeita" e como vigorando para sempre; (por exemplo, Sal. 34:7, Mat. 5:17,18; Rom. 7:12 e 14); os ASD geralmente imaginam obras como obediência voluntária à lei moral, ou Decálogo, da parte de alguém que encontrou salvação por fé em Jesus. Às vezes o antinomiano (contrário à lei) também usa no diálogo "lei" no sentido de Decálogo (Veja **Antinomismo**). Mas ao ler as declarações depreciativas de Paulo, em Gálatas, sobre "a lei" (o termo do apóstolo para o sistema religioso judaico), o antinomiano erroneamente conclui que a obediência aos mandamentos do Decálogo deve ser as "obras da lei", que Paulo tão veementemente censura (Gál. 2:16-21; 5:1-4). Em outras ocasiões, o antinomiano entende "lei" no mesmo sentido em que Paulo usa o termo, mas salta para a errônea conclusão que, por terem sido incorporados os princípios morais denunciados no Decálogo ao antigo sistema ritualístico do concerto no Sinai, o Decálogo deve ter caducado com aquele sistema ritualístico na *Cruz. Ele se esquece que estes princípios também estavam incorporados ao *Novo Concerto (Heb. 8:10-11). Os antinomianos (*nomos*, lei em grego) parecem estar cegos ao fato de que os princípios estabelecidos no Decálogo sempre tiveram existência

separada do sistema religioso judaico e nunca foram dependentes dele ou subordinados a ele. Esta existência independente, à parte do sistema religiosa judaico ou outro qualquer está baseada no fato de que os mandamentos de Deus no Decálogo, expressa Seu caráter infinito e justo e vontade em termos adaptados ao entendimento do homem em sua condição caída. Estes princípios não são relativos a nada mais, mas absolutos no mesmo sentido em que Deus é absoluto. Veja **Lei**.

Em Gálatas a idéia de "lei" ao sistema religioso judaico imerge imperceptivelmente no sistema da lei em um sentido abstrato a fim de significar *qualquer* lei, e "obras da lei" significando *Legalismo como meio de salvação. Quando "lei" é usada para significar o sistema religioso judaico com seus ritos e cerimônias, que se tornaram obsoletos na cruz, e "obras" para significar submissão a estes requerimentos, os ASD concordam que a fé e as obras (neste sentido, como Paulo o usa em Gálatas) são mutuamente exclusivas. O mesmo seria verdade se o princípio estabelecido na epístola aos Gálatas fosse aplicado aos *Dez Mandamentos, e "obras da lei" é construído para significar uma condescendência legalística com os princípios morais do Decálogo como um meio de salvação. Mas quando, como os ASD geralmente usam os termos, "lei" é um sinônimo para o Decálogo e "obras" não é entendido como significando submissão a seus princípios morais — não como meio de salvação mas como obediência voluntária, vinda de um filho agradecido, à expressa vontade de um Pai bondoso — então os dois termos são complementados, não contraditórios. Isto concorda com o ensino de Paulo em Gál 5:22, 23, 6:2. Foi neste sentido que C. M. Snow escreveu:

> Desta maneira, vemos que não há conflito entre a lei e o Evangelho (fé). Uma revela o pecado, a outra revela o remédio. Uma revela o caráter de Deus, a outra revela o único arranjo pelo qual podemos ter derramada sobre nós a

> semelhança deste caráter. Uma revela a regra do governo do céu, a outra revela o único arranjo que Deus fez para contrafazer o efeito da rebelião de Satanás contra Seu governo. Desse modo, as duas trabalham em conjunto e desta maneira continuarão a trabalhar juntas, até que o pecado e todos os seus resultados tenham sido erradicados do Universo. Então cessará o Evangelho, pois a salvação será finalizada (*Review and Herald*, 18 de outubro de 1906).

Veja também Justificação pela Fé; Legalismo; Lei; Lei e Graç Santificação.

FÉ PARA HOJE - PROGRAMA EVANGELÍSTICO. Programa religioso, evangelístico pioneiro no Brasil, transmitido pela televisão, visando alcançar o público em geral.

Atualmente (1995) é transmitido pela TV Gazeta de São Paulo, Canal 11, aos domingos no horário das 10:15 h. e pela Rádio Morada do Sol diariamente.

O programa também vai ao ar em Belém do Pará e em Maringá, PR.

O orador continua sendo o Pr. Alcides Campolongo e o produtor é o Prof. Jonatan da Conceição.

O programa *Fé para Hoje* mantém uma Escola-Radiopostal que recebe inúmeras cartas de ouvintes e telespectadores.

Fé para Hoje teve seu início no dia 25 de novembro de 1962, pela TV Tupi, Canal 4, em São Paulo, Capital. Posteriormente passou a ser apresentado nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília, Goiânia, Porto Alegre, Salvador, Curitiba, Belém e Londrina, PR.

A *Divisão Sul-Americana da IASD escolheu o Pr. Alcides Campolongo como orador e a Srª. Neide Campolongo, sua esposa, como

apresentadora. Ambos atuaram 17 anos na TV Tupi, Canal 4. O programa era apresentado uma vez por semana, aos domingos, às 9:45 h.

O *Quarteto *“Arautos do Rei”*, a Profª. Dilza Garcia, Helena Garcia e Samira Demétrio, foram os primeiros cantores de “Fé para Hoje” na TV. Também muito contribuíram: Mariazinha de Almeida e o quarteto masculino “Alvorada”.

Em maio de 1988, o programa foi reiniciado, passando a ser transmitido pela TV Bandeirantes de São Paulo, depois pela TV Record, Canal 7.

Milhares de pessoas têm recebido mensagens da *Bíblia e centenas têm-se convertido através deste programa

FECHAMENTO DA PORTA DA GRAÇA

FEDERAÇÃO ADVENTISTA DA MOCIDADE GAÚCHA (FAMG). Localiza-se na Rua Alberto Silva, 390 e Rua Guiné, 01, no Bairro Jardim Itati em Porto Alegre, RS. A FAMG é uma agremiação de jovens que ocupa uma área de 6.000 m^2, tendo 1.500 m^2 de área construída. O pavilhão de esportes ocupa 1.033 m^2.

O objetivo principal da FAMG é promover atividades físicas, espirituais e culturais. Seu lema é: “Conservar para Salvar”. A bandeira da Federação tem as cores verde, amarelo e vermelho, as mesmas cores da bandeira gaúcha.

A FAMG foi fundada em 04 de abril de 1959. Na época formou-se uma comissão para estudar a possibilidade de se fundar uma entidade para jovens da Igreja Adventista, participando as seguintes pessoas: Presidente - Sesóstris César Souza, na época, *Pastor da IASD Central de Porto Alegre; Membros: Dr. *Galdino Nunes Vieira, Elias Morsch, Tully Nagel e outros.

Oscar Ritter foi também um dos grandes incentivadores do projeto.

A Federação iniciou suas atividades com 35 sócios-fundadores e seu primeiro estatuto data de 29 de junho de 1960.

Os primeiros 4 anos foram praticamente inativos. Somente depois do 1º acampamento de jovens na praia de Rondinha, perto de Torres, RS, é que a FAMG tornou-se mais ativa.

Acampamentos e campanhas forneceram recursos para a aquisição de uma sede própria. Colaboraram para a construção do patrimônio: Família Menegusso, Jotaime Fernandes, Prs. Darci e Homero Reis, Jesuar Weber, Alípio Kruger, Alexandre Ostrowski, Frederico Kiefer.

A FAMG tem os seguintes projetos em andamento: construção de novo pavilhão de esportes com 750 m^2 tendo quadra polivalente, campo de bocha e mezanino para torcida; construção de quadra de tênis e de piscinas comunitárias.

O Hino Oficial foi escrito pelo Pr. Sesóstris César, que tem como título o próprio lema da FAMG: “Conservar para Salvar”. O seu ideal é “A Juventude Congregar”.

Presidentes: Elias Morsch, Tully Nagel, Oscar Ritter, Antônio Fernando Ferreira Preto, Luiz Waltric, Edson Pereira Neves, Flávio Reis, João Carlos Paris, Samuel de Souza, Silvonei da Silva, Anisalti de Oliveira, Eugênio de Almeida, Rainer Krusche, Marcos Conrado, Lionel Leitzke, Cezar Wagner de A. Thober.

FEDERAÇÃO BRASIL-CENTRAL DA IASD. Veja **Associação Brasil Central da IASD**.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DA IASD. Veja **Associação Catarinense da IASD.**

FEDERAÇÃO DA MOCIDADE ADVENTISTA REGIONAL (FEMAR). Localiza-se na cidade de Tatuí, SP. Promove atividades sociais, espirituais e evangelísticas com a finalidade de integrar a juventude do distrito de Tatuí.

Fundada em julho de 1991.

Administradores: Eliseu Lira (Presidente); Ivone Toth (Vice-Presidente).

FEDERAÇÃO DOS EMPRESÁRIOS, EXECUTIVOS E PROFISSIONAIS LIBERAIS ADVENTISTA DO BRASIL (F.E). É uma sociedade civil sem fins lucrativos, constituída sob as leis do país, com finalidades sociais, culturais e de assessoria à Igreja Adventista do 7º Dia.

A F.E. surgiu no I Encontro de empresários Adventista realizado em Serra Negra, SP, em março de 1991, inspirada em sua co-irmã, a A.S.I., que reúne empresários Adventistas nos Estados Unidos.

Estavam presentes neste Encontro o Pr. George Vandeman, orador do programa "*Está Escrito", o Secretário Geral da A.S.I., o Presidente do Media Center da IASD dos EUA. e o Pr. Henry Feyerabend.

Objetivos:

- Congregar empresários, executivos e profissionais liberais, filiados à Igreja Adventista do 7º Dia, com atuação em todo território nacional;
- Desenvolver uma estrutura de apoio e colaboração à missão evangélica pela ordem do Mestre Jesus e adotada pela Igreja Adventista;
- Oferecer assessoramento técnico-profissional através de intercâmbio de informações e experiências colhidas entre os sócios;
- Cooperar com órgãos civis e governamentais nos programas de assistência social e em casos de calamidades públicas.

Em acordo com os estatutos, poderão ser sócios efetivos os empresários, executivos, ou profissionais liberais em geral, filiados a Igreja Adventista.

(1995/1996) Eleita no V Encontro Nacional da FE, realizado em Águas de Lindóia, de 11 a 13 de novembro de 1994.

Participaram das reuniões da Diretoria os Presidentes das Uniões da IASD no Brasil.

Conselho: Milton Soldani Afonso (Presidente); *João Batista Cleiton Rossi (Substituto); Joel Pola, João Apolinário, Pacoal Grassiotto, Rui Barbosa Rodrigues, João Wolff.

Diretoria: José Luís de Santana (Presidente); Breno Henrique Marquart (Vice-Presidente); Edelcio Tirado Luduvice (Vice-Presidente); Izaías Andrade (Diretor- secretário); Holbert Schmidt (Diretor-tesoureiro); Williams Costa Jr. (Secretário Executivo).

FEDERAÇÃO MATO-GROSSENSE DA IASD. Localiza-se na Av. São Sebastião, 3682, Bairro Santa Helena, Cuiabá. Em seu território há 200 igrejas e 150 grupos, com 16.000 membros para uma população de 2.063.210 habitantes (1995).

É uma unidade da organização da IASD que compreende a Região Norte do Estado do Mato Grosso. Pertence e é administrada pela *União Central Brasileira da IASD.

Foi adquirida uma fazenda de 110 hectares, no município de Campo Verde, a 143 Km de Cuiabá, para a construção do internato de campo, que começa a nascer em 1995.

Por volta de 1920, no Estado do Mato Grosso, dois colportores visitaram Ponta Porã, onde encontraram um grupo de guardadores do sábado que conheceram a mensagem Adventista através de um membro da Argentina que havia mudado para aquele lugar.

Havia ali um adventista batizado por nome Ramão Antunes, *Colportor de êxito na região. Em novembro de 1920 Max Rohde, em

companhia de Antônio de Souza, chegou a Entre Rios, cidade próxima a Campo Grande. Enfrentaram muitas dificuldades no tempo das chuvas e por vezes, fora obrigado a atravessar os rios cheios, quase a ponto de se afogarem. Enfrentaram muitas dificuldades no tempo das chuvas e por vezes, fora obrigado a atravessar os rios cheios, quase a ponto de se afogarem.

No dia 1º dia maio de 1921, Max Rohde chegou a Ponta Porã. Ali hospedou-se em casa de Israel e Castorina Amaral, que havia aceitado a mensagem Adventista há seis anos na Argentina. Neste lar muitas reuniões foram realizadas com boa assistência.

A 6 km de Ponta Porã, um outro grupo de cinco famílias paraguaias aguardavam a chegada de um obreiro. Ali foram realizadas 5 Conferências Públicas tendo sempre a sala de visitas repletas de ouvintes.

No dia 29 de maio de 1921 deu-se o batismo de uma senhora, nas águas de um córrego local. Dízimos e ofertas foram entregues como símbolo de lealdade.

A Federação Mato-Grossense foi estabelecida em 1921 pelo Pr. Max Rohde. A primeira reunião geral neste Estado ocorreu de 18 a 22 de julho de 1934, contando com a presença de representantes de Três Barras, Santa Luzia, Cuiabá e Campo Grande. *Alfredo Meier, Presidente da Missão e E. M. Wilcox tiveram a parte principal das reuniões sob sua responsabilidade. Pelo pouco número de membros batizados nesta região, o Pr. *José Rodrigues dos Passos, o então presidente da *Missão Mato-Grossense da IASD, promoveu o ano de 1942 como o Ano do Evangelismo, e foi aí que novos grupos surgiram.

No final de 1947, o Pr. Alfredo Barbosa iniciou um pequeno ambulatório, visando atender especialmente, os doentes da doença do Pênfigo, popularmente conhecida como Fogo Selvagem. Nos dias 10 a 12 de julho de 1957, ocorreu a 5ª Bienal da Missão Mato-Grossense.

Entre 25 a 28 de setembro de 1964, pela 1ª vez o *Quarteto Arautos do Rei visitou o Estado do Mato Grosso.

Divisão do Estado. Em 3 de maio de 1977 o então Presidente da República, Gen. Ernesto Geisel, assinou um decreto dividindo o Estado do Mato Grosso do Sul com capital em Campo Grande. Em virtude desse desmembramento do Território, foi criada uma nova Missão.

Na Sessão Plenária da XVI Assembléia Geral da MMT, realizada em Cuiabá em novembro de 1979 e com a provação da *União Sul-Brasileira IASD, foi estabelecida a Missão Sul-Mato-Grossense da IASD.

Esta iniciou suas atividades em 1º de janeiro de 1980, tendo como presidente o Pr. Elias Lombardi.

Presidentes: Max Rohde (1921-1933); Alfredo L. Meier (1934-1939), *Nelson Schwantes (1940); José Rodrigues Passos (1941-1943); *Emílio R. Azevedo (1944-1948); Durval S. Lima (1949-1952); (1953-1954); Oscar L. Reis (1955-1957); Geraldo R. Marski (1958-1959); Oscar R. G. Lindqvist (1960-1962); Benito Raymundo (1963-1967); Athaliba Huf (1968-1974); Elias Lombardi (1975-1979); Antenor C. da Costa (1980-1985); Ênio dos Santos (1986); Arlindo Guedes (1987-1988); Manoel Xavier de Lima (1989-1992); Geovani S. de Queiróz (1993 -   ).

FEDERAÇÃO NORTE-PARANAENSE DA IASD. Ver **Associação Norte-Paranaense da IASD.**

FEDERAÇÃO PAULISTA CENTRAL DA IASD (FPC). Veja **Associação Paulista Central da IASD.**

FEDERAÇÃO PAULISTA LESTE DA IASD (FPL). Veja **Associação Paulista Leste da IASD.**

FEDERAÇÃO PAULISTA OESTE DA IASD (FPO). Veja **Associação Paulista Oeste da IASD.**

FEDERAÇÃO PAULISTA SUL DA IASD (FPS). Veja **Associação Paulista Sul da IASD**.

FEDERAÇÃO PAULISTANA DA IASD (FP). Veja **Associação Paulistana da IASD.**

FEDERAÇÃO SUL-MATOGROSSENSE DA IASD. Localiza-se na Rua Amando de Oliveira, 135, Bairro Amambaí, Campo Grande, MS. É uma unidade da organização da IASD que compreende no Estado do Mato Grosso do Sul. Pertence e é administrada pela *União Sul-Brasileira da IASD.

Em seu território há 48 igrejas, 11.381 membros batizados para uma população de 1.816.310 habitantes (1994).

Hospital Adventista do Pênfigo; Jaraguari, Sede de acampamento. Localiza-se à margem esquerda da rodovia BR-163, propriedade de 05 hectares, com casa do zelador; 02 dormitórios; 01 refeitório, 01 piscina; banheiros; FEMAC sede social para juventude, localiza-se em Campo Grande - MS; área com 01 hectare, cada do zelador; salão; quadra de Futebol de Salão; Campo de Futebol; Campo de Voleibol.

Divisão do Estado - Em 3 de maio de 1977, então Presidente da República, Gen. Ernesto Geisel, assinou um decreto dividindo o Estado do Mato Grosso com Capital em Cuiabá e o Estado do Mato Grosso do Sul, com capital em Campo Grande.

A divisão geográfica e político-administrativa foi feita em 1º de janeiro de 1979, sendo nomeado Dr. Harry Amorin Costa como o 1º Governador do recém-criado Estado.

Em virtude do desmembramento do território Mato-Grossense e a criação de um novo Estado, além das grandes distâncias entre as duas capitais e a dificuldade da administração em dar um bom atendimento julgou-se por bem criar uma nova missão.

Na Sessão Plenária da XVI Assembléia Geral, realizada em Cuiabá, nos dias 2 a 4 de novembro de 1979, com a aprovação da *União Sul-Brasileira da IASD, foi estabelecida a Missão Sul-Mato-Grossense da IASD.

Decidiu-se que a nova Missão iniciaria suas atividade a partir de 1º presidente o Pr. Elias Lombardi e como secretário-econômico Gumercindo Martins.

A Missão Sul Mato-Grossense surgiu com 7.212 membros, 19 igrejas e 70 grupos organizados, 7 pastores ordenados, 15 pastores licenciados e 15 colportores. Em seu território havia 8 escolas elementares (1ª a 4ª séries); 2 escolas de 1º Grau, com 1.114 alunos matriculados e 40 professores.

A partir de sua organização a entidade recebeu vários nomes: Missão Sul-Mato-Grossense da IASD, 1980; Federação Missão Sul-Mato-Grossense 1986; e a Federação Sul Mato-Grossense da IASD, 1989.

Presidentes: Elias Lombardi (1980-1981); Leonid Bogdanow (1982-1985); Osório F. dos Santos (1985-1988); Laércio Mazaro (1988-1990); Valdilho Quadrado (1991-   ).

FEDERAÇÃO SUL-PARANAENSE DA IASD. Veja **Associação Sul-Paranaense da IASD.**

FEDERAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DA IASD. Veja **Associaçã Sul-Rio-Grandense da IASD.**

FEHLBERG, ALBERTO (1854-1908) Pioneiro adventista de Campo dos Quevedos, RS. (Veja **IASD de Pelotas**). Primeiro a aceitar a mensagem adventista em Campos dos Quevedos. Sempre foi membro fiel e zeloso investigador da *Bíblia.

De seu casamento nasceram sete filhos e sete netos.

Faleceu no dia 1º de setembro de 1908, vítima de choque elétrico, em companhia de sua filha, Otília, de 16 anos. *Germano Taube realizou a cerimônia fúnebre.

FEITICEIROS. [heb. geralmente *chartummîm*; aramaico *chartummîn*. As palavras portuguesas "mágicos" e "*Magia" derivam do nome grego *magos*, dado a um membro de uma tribo da Média, chamada Magi ou Magians (*Herodes* i. 102), que exerciam funções sacerdotais entre os povos iranianos.] Os que, como profissionais ou amadores, praticam a magia. Tais pessoas são mencionadas na *Bíblia sob nomes diferentes, tais como encantadores, bruxas, adivinhos, etc. Os feiticeiros encontravam-se em grande número no Egito (Gên. 41:8; Êxo. 7:11) e na Mesopotâmia (Dan. 1:20; 2:2). No N.T., dois mágicos judeus são citados por nome Simão de Samaria (Atos 8:9) e Elimas de Pafos, na ilha de Chipre (13:6, 8). Veja **Magia.**

FERIDA MORTAL. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

FERRARI, IOLANDA SILVA (1931-1983). Educadora. Casou-se com o Pr. Roberto Ferrari, de cuja união nasceram dois filhos.

Formou-se em Magistério pelo *Colégio Adventista Brasileiro, (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), concluindo posteriormente os cursos de Letras e Pedagogia. Trabalhou como educadora durante 27 anos, período em que fundou várias escolas.

Faleceu no dia 22 de março de 1983, em Calandiva, SP.

FERREIRA, AURÉLIO FELIPE (1869-1930). Pioneiro adventista em Itaqui e Campo Largo da Piedade, PR. Nasceu em 1869 no Paraná. Professava a fé católica. Casou-se com *Katy Pugsley, e desta união nasceram: Macedônio Percy, Jorge Trajano, Arthur Modesto, Meneses Lauresto, Benjamim Gedião, Paulo Floresval, Mercedes Lúcia Camargo, Salatiel Gasparino e Salomão de Almeida.

O casal e seu primogênito Macedônio vieram de Castro, PR, residir em Itaqui, no ano de 1898, onde adquiriram uma pequena fazenda. Viviam da agropecuária e cerâmica (olaria).

A mensagem Adventista chegou até eles por intermédio de um *Colportor que se tornou muito amigo da família e hospedava-se na fazenda, em Itaqui, sempre que por ali passava.

Formou-se, então, um núcleo em Itaqui. A palavra de *Deus era pregada na casa dos Ferreira e, posteriormente, em sua nova residência, em Campo Largo da Piedade. As reuniões eram feitas diariamente ao pôr-de-sol e aos sábados pela manhã. Tomavam parte do culto toda a família, 11 filhos, noras, netos e alguns convidados das imediações. As pessoas vinham em carroças ou montadas a cavalo. As senhoras usavam em suas montadas os chamados selins.

A igreja de Campo Largo da Piedade foi fundada por Salatiel Gasparino Ferreira e sua esposa Durvina Ferreira. O terreno onde o templo foi construído foi doado pelo casal.

Os filhos e noras do casal Ferreira estão ligados à fundação das seguintes igrejas: Central de Curitiba, Campo Largo da Piedade, Boa Vista, Vila Nossa Senhora da Luz e Juvevê, em Curitiba.

Faleceu no dia 1º de outubro de 1930 e foi sepultado no cemitério de Campo Largo.

FERREIRA, ELIEZER SÉRVULO DE ATHAYDE (1953-1986). *Pastor e administrador. Nasceu no dia 24 de julho de 1953 em

Curuça, PA. Filho de Eustóquio Rodrigues Ferreira e Rosoleide de Athayde Ferreira. Foi batizado na Igreja Adventista do 7º Dia em 1965 em Belém, P.A.

Entre 1967 a 1970, cursou o ginasial no *Instituto Adventista Grão-Pará (IAGP), dirigindo-se em seguida ao *Educandário Nordestino Adventista (ENA), PE, onde cursou o 2º Grau e a Faculdade de Teologia, concluindo os estudos em 1978.

Casou-se em 1976 com Mirtes Ester Carvalho. Dessa união nasceram: Elmir Anderson e Eliezer Elesson.

Iniciou sua carreira ministerial em 1979, como distrital no Território Federal do Amapá, onde permaneceu até 1982, liderou o departamento de publicações da *Missão Baixo-Amazonas da IASD. Em 1984, passou a atuar como secretário dessa mesma missão devido ao agravamento de seu estado de saúde.

Faleceu no dia 15 de janeiro de 1986 aos 32 anos de idade.

FERREIRA, KATY PUGSLEY (1874-1965). Pioneira em Itaqui e Campo da Piedade, PR. Nasceu no dia 7 de dezembro de 1874 em Almirante Tamandaré, PR. Filha de imigrantes ingleses. Professava a fé anglicana.

Casou-se com *Aurélio Felipe Ferreira e desta união nasceram: Macedônio Percy, Jorge Trajano, Arthur Modesto, Meneses Lauresto, Benjamim Gedião, Paulo Floresval, Mercedes Lúcia, Salatiel Gasparino e Salomão de Almeida Ferreira.

Conheceu a mensagem adventista por intermédio de um *Colportor que hospedava-se em sua casa em Itaqui. Mais tarde formou-se um grupo de adventistas em sua casa. Mudaram-se para Campo Largo da Piedade e lá formaram outro grupo em sua nova residência.

A IASD de Campo Largo da Piedade foi fundada por Salatiel Gasparino Ferreira e sua esposa Durvina. O terreno onde foi construído o templo foi doado pelo casal.

Faleceu no dia 1º de maio de 1965, sendo sepultada no cemitério de Água Verde, em Curitiba, PR.

FILHO DE DEUS. Aplicado a *Jesus Cristo, um título Messiânico enfatizando Sua divindade, comparável a Seu título "Filho do homem," que enfatiza sua humanidade. Como muitos outros nomes e títulos registrados a Ele nas Escrituras, o título "Filho de Deus" se adapta à mente e entendimento humanos como um importante aspecto de Sua obra de salvação. Em vista da ampla gama de significados latentes na palavra "filho", como usada pelo povo hebreu e pelos escritores bíblicos, não é possível limitar arbitrariamente a expressão "Filho de Deus" dentro dos estreitos limites da palavra portuguesa "filho". Se esse título é ou não uma descrição correta da relação eterna e absoluta entre o Filho e o Pai, é uma questão sobre a qual a Bíblia silencia. Obviamente, o título não conota uma relação genérica em qualquer sentido comparável à relação normal de pai e filho e, conseqüentemente, é necessário entendê-lo em algum outro sentido do que o estritamente literal. Uma sugestão ao significado implícito pode ocorrer na expressão "filho unigênito" (gr. *monogenes*), que caracteriza Cristo como tendo um "único" relacionamento com o Pai (João 1:14). Propriamente entendido como a única posição de Cristo como *o* Filho de Deus, *monogenes* distingue-se entre Ele e todos os outros que, pela fé nEle recebem "poder para serem feitos filhos de Deus" (v. 12) e que são especificamente declarados "nascidos de Deus" (v. 1), e em virtude desse fato, recebemos o privilégio de *nos tornarmos* "filhos de Deus".

Um outro aspecto do significado implícito pelo termo "filho de Deus" é apresentado em Col. 1:15, onde diz-se que Ele é a "imagem do Deus invisível". Em Heb. 1:3, onde Ele é referido como "expressão exata de seu ser"; em Fil. 2:6, onde se lê que, antes da encarnação, Ele estava "na forma de Deus" e "igual a Deus". A expressão é assim uma afirmação da divindade absoluta de Jesus. Na enunciação, o anjo Gabriel

declarou à virgem Maria que, em virtude do envolvente poder do Espírito Santo, seu filho deveria ser “chamado filho de Deus” (Luc. 1:35). Aqui, o anjo plenamente atribui o título “Filho de Deus” à singular união da Divindade com a humanidade por ocasião da encarnação de nosso Senhor. Paulo declarou que Jesus era “filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos” (Rom. 1:4).

Os Evangelhos Sinóticos nunca citam Jesus aplicando o título de “Filho de Deus” a Si mesmo, se bem que quando os outros usaram-no, Ele aceitou-o de modo a reconhecê-lo (Mat. 4:3, 4; 14:33; 26:63, 64; 27:40, 43). Somente em João Jesus é referido como se valendo do título (João 5:25; 9:35; 10:36; 11:4). Em Seu nascimento (Luc. 1:35; Mat. 1:23), Seu batismo (Mat. 3:17), e novamente na Transfiguração, o Pai reconheceu Jesus como Seu Filho (Mat. 17:5). Essa relação de Pai e Filho é tanto explícita quanto implícita em nas declarações de nosso Senhor (Mat. 11:27; Luc. 10:21; João 5:18-23; 10:30; 14:28; etc). A declaração de Jesus de ser o filho de Deus incorreu no implacável ódio dos judeus, que protestavam que Ele, com isso, estava “fazendo-Se igual a Deus” (João 5:18) e, sem dúvida, fez-Se Deus (10:33). Eventualmente, Sua própria e clara reivindicação levou à Sua condenação e crucifixão (Mat. 26:63-66; Luc. 22:67-71).

Durante Seu ministério terrestre

FILHO DO HOMEM. No uso comum do A.T., expressão idiomática que significa “homem”, isto é, um ser humano. Nesse sentido, a expressão é usada aproximadamente 100 vezes no livro de Ezeq. (caps. 2:1, 3, 6, 8; 3:1; etc.) como uma forma de abordagem usada pelo Senhor quando falava a Ezequiel em visão. Em Dan. 7:13, 14, “Filho do homem” ocorre em uma descrição de um ser visto por Daniel em visão, a quem os teólogos conservadores geralmente identificam com o Messias. Aqui, como posteriormente nos Evangelhos, o Messias é

identificado como um ser humano. A expressão “um como o filho do homem” nesta passagem provavelmente deve ser entendida no sentido de “um que parecia um ser humano” ou “um em forma humana” ou “como um ser humano”. Na literatura apocalíptica judaica, “o filho do homem” é primariamente um ser celestial que apareceria no último dia como juiz.

“Filho do homem” era a designação preferida de nosso Senhor ao referir-Se a Si mesmo, e ocorre mais de 80 vezes nos Evangelhos. O título enfatiza a realidade de Sua natureza humana, até mesmo como o título afim, “Filho de Deus”, reafirma Sua divindade. Outras pessoas nunca se dirigiram a Jesus pelo título “Filho do homem”. Jesus era o “filho do homem”, não somente no sentido histórico restrito (cf. Luc. 1:31-35; Rom. 1:3, 4; Gál. 4:4), mas também em um sentido mais elevado. O título O descreve como o Cristo encarnado (Veja João 1:14; Fil. 2:6-8) e contém um testemunho silencioso do milagre pelo qual o Criador e a criatura se uniram em um ser divino-humano, sendo a divindade identificada com a humanidade a fim de que a humanidade pudesse retornar à imagem divina. Um título um pouco mais desafiador e provocante do que “Filho de Deus”, “Filho do homem” também tinha nuanças Messiânicas. Como usada pelo nosso Senhor, era sem dúvida uma reminiscência de Dan. 7:13, 14, “onde o Filho do homem” recebe Seu domínio eterno. Em pelo menos duas ocasiões (Mat. 24:30; 26:64), o uso que Ele fez do termo parece refletir claramente a cena retratada em Dan. 7, em parte, talvez, com o propósito de levar os homens a considerá-Lo como Aquele referido por Daniel, o profeta. Quando abordado pelo Sinédrio, Jesus declarou que tinha recebido autoridade para julgar, porque é o Filho do homem (João 5:27), associando assim o título à cena de juízo de Dan. 7. Posteriormente, Ele disse aos Seus discípulos que, como Filho do Homem, “vier na sua majestade, e todos os anjos com ele”, Ele Se assentará no trono de Sua glória” — em juízo, como evidenciam os versos seguintes (Mat. 25:31).

Em certo sentido, o título “Filho do homem”, ocultava Sua reivindicação de Messias, pois, de acordo com o uso hebraico, ele poderia ser interpretado como significando simplesmente “homem.” Mas, por outro lado, também revelava Sua reivindicação de Messias, em vista do uso do A.T. do termo já mencionado. A questão levantada na mente de Seus ouvintes por causa do título tornou-se evidente 4 dias antes da crucifixão, quando eles interrogaram diretamente “Quem é esse Filho do homem?” (João 12:34). Fica claro, pelo encontro na Cesaréia de Filipe, que os discípulos entendiam a relação entre os títulos “Filho do homem” e “Filho de Deus”, quando Jesus perguntou-lhes: “Quem diz o povo ser o Filho do homem? ... e Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mat. 16:13-16). O título “Filho do homem” garante que o Filho de Deus sem dúvida veio para viver na Terra como homem entre os homens, a fim de morrer como homem por Seus companheiros. “O Filho do homem veio não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mar. 10:45).

FILOSOFIA. [gr. *philosophia*, “filosofia”, “dedicação ao conhecimento”.] Termo que ocorre somente em Col. 2:8, onde o apóstolo Paulo adverte os crentes de Colosso: “Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofa e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo.” A filosofia é uma tentativa de chegar à verdade através do processo do raciocínio. A ciência procura realizar isso através da observação e experimento. A fé está em uma *Revelação sobrenatural e sobre seu efeito observado sobre os que ordenam sua vida de acordo com essa revelação. Todas as 3 avenidas para a verdade — filosofia, ciência e fé — são de origem divina, mas todas são pervertidas pelo *Pecado. *Deus criou a mente humana com uma capacidade para processos de pensamentos lógicos. Ele formou o mundo natural e deu-o ao *Homem para sua observação e estudo. Ele revelou Sua *Vontade a

Seus servos os profetas. A razão, a observação e a fé devem ser usadas com equilíbrio, pois nenhuma das três é adequada, em ou de si mesmas, como um caminho completo para a verdade. Quando os homens divorciam a revelação da filosofia e da ciência para excluir a Deus de seus pensamentos, ele se tornam “nulos em seus próprios raciocínios”, e seu coração é “obscurecido” (Rom. 1:21). Quando eles observam as coisas visíveis do mundo criado mas se recusam a reconhecer o Criador, a glorificá-Lo como Deus, e apreciar Sua bondade, seus processos de raciocínio se tornam indignos de confiança. Professando serem eles mesmos sábios, “tornaram-se loucos" (v. 22). É contra a confiança na “filosofia”, em detrimento da exclusão da verdade revelada, que Paulo escreve em Col. 2:8.

As filosofias da Grécia antiga se propunham a resolver os problemas da origem, natureza e destino do homem e o mundo natural pelos processos racionais, sendo assim de caráter semi-religioso. Atenas era o centro do pensamento filosófico grego. Os 3 grandes luminares da filosofia da Grécia antiga eram Sócrates, Platão e Aristóteles, que surgiram com sucesso nos 4º e 5º séculos a.C., dentro de um breve século entre a Era de Ouro de Atenas e o surgimento de Alexandre o Grande. Os sistemas de Platão e Aristóteles influenciaram grandemente o pensamento hebraico, particularmente em Alexandria, onde Filo Judeus, um contemporâneo de Cristo misturou os ensinos de Moisés e dos grandes filósofos num novo sistema, tentando desfazer as inconsistências entre os dois alegorizando as Escrituras. Tomando a razão como sua fonte de autoridade absoluta, Aristóteles, que serviu como tutor de Alexandre o Grande, desenvolveu um sistema de filosofia natural que mais tarde dominou o pensamento da Cristandade até perto da Reforma (séc. 16). Durante os primeiros séculos do cristianismo, professos cristãos tentaram explicar as verdades de sua religião nos termos do sistema platônico, lançando assim os alicerces da teologia medieval, que mais tarde se desenvolveu nas linhas Aristotelianas.

Durante a primeira parte do 3º século a.C., Epicuro e Zeno fundaram as duas escolas opostas de ética filosófica conhecidas como o Epicurismo e o Estoicismo. Ensinando que o conhecimento humano é insuficiente para se chegar à verdade com qualquer grau de certeza, os céticos defendiam que o homem consegue a felicidade quando compreende que não pode alcançar a verdade absoluta e cessa de buscá-la.

FISCHER, HAROLDO BEVERLY (1885-1963)**.** Impressor e administrador. Nasceu no dia 16 de junho de 1885. Em 1910, casou-se com Edna Elizabeth Paul, de cuja união nasceu Beverly Fischer. Exerceu a profissão de impressor na causa do *Advento por cerca de 45 anos. Trabalhou na *Review and Herald Publishing Association* em Michigan, e posteriormente, em Washington.

Em 1923, veio com a família para o Brasil, onde por 15 anos trabalhou na *Casa Publicadora Brasileira (CPB) como superintendente e depois, como gerente. Após sua volta aos Estados Unidos, trabalhou na *Southern Publishing Association*, no Tennessee, e, posteriormente, no departamento de **A Voz da Profecia*, em Glendale, Califórnia.

Harold B. Fischer era um trabalhador consciencioso; tarde da noite era encontrado junto ao prelo, e antecipava o raiar do sol a fim de manter em dia os trabalhos das oficinas.

Faleceu no dia 15 de dezembro de 1963, aos 78 anos de idade.

FISIOTERAPIA. O uso de agentes físicos no tratamento de doenças ou ferimentos. Os agentes mais comumente usados são:

(1) Hidroterapia: água aplicada em várias temperaturas e pressões;
(2) Exercícios;
(3) Repouso;
(4) Massagem;

(5) Fototerapia: luz do sol e radiação artificial, incluindo radiações infravermelhas e ultravioletas;
(6) Eletroterapia: correntes de baixa voltagem diretas e alternadas e correntes de alta freqüência inclusive diatermia de ondas curtas e microondas;
(7) Terapia ultra-sônica: ondas sonoras de alta freqüência. A terapia física é melhor administrada por terapeutas profissionais e fisioterapeutas. Pode também ser aplicada por enfermeiras que tenham treinamento nesta área.

Medicina Física. Quando a terapia física é administrada sob a prescriçã e supervisão de um médico treinado em medicina e reabilitação (psiquiatria), mais propriamente chamada de medicina física. A reabilitação é um program amplo e altamente disciplinador com o objetivo de restaurar os deficientes a máximo de seu potencial de recuperação. A fisioterapia é um aspecto essenci do programa de reabilitação.

Cedo na história do movimento, os ASD tornaram-se um povo consciente de sua saúde (Veja **Saúde, Princípios de).**

Em meados do século XIX, ao a Igreja ASD despontar e começar a se desenvolver, a ciência da farmacologia estava em sua infância.

Drogas fortes tais como mercúrio, estriquinina, e os ópios eram prescritos empiricamente em altas doses. (Atualmente, mercúrio, estriquinina estão ultrapassados como agentes terapêuticos para administração interna e os ópios são usados raramente). Contra este estado de coisas, desenvolveu-se um crescente interesse na abordagem fisiológica no tratamento por agentes “naturais” ou “físicos”.

Durante a primeira metade do século dezenove, o camponês austríaco, Priessnitz, popularizou a hidroterapia na Europa. A fisioterapia, embora não designada por tal termo na metade do século XIX, não era inteiramente nova. Vários procedimentos fisioterapêuticos têm sido usados intermitentemente desde o tempo de Hipócrates (460-357 a.C.). Em 1648, um médico Batista do Sétimo Dia, o Dr. Peter

Chamberlen (1601-1683), propôs uma sistema de hidroterapia em banheiras públicas na Inglaterra, mas foi repreendido pelo Colégio de Medicina. Alguns anos após o trabalho de Priessnitz, o professor Winternitz, de Viena estabeleceu a hidroterapia sobre uma base científica. Na mesma época, nos EUA, havia médicos interessados na reforma da prática médica existente. Um destes era Dr. J. C. Jackson, que dirigiu um Instituto médico em Danville, Nova Iorque. Outro foi Dr. R. T. Trall, que dirigiu a Faculdade de Higioterapia, em Florence Heights, Nova Jersey. Ambos influenciaram em algum grau o desenvolvimento do programa de tratamento das instituições médicas ASD.

Sob inspiração de *Ellen G. White, o Instituto Ocidental de Reforma da Saúde (*Western Health Reform Institute*), mais tarde conhecido como o Sanatório de Battle Creek, foi fundado no outono de 1866. No Instituto, não se receitavam drogas, mas os pacientes eram tratados com repouso, exercício, hidroterapia e dieta vegetariana. Em 1876, o Dr. John Harvey Kellogg tornou-se o superintendente médico do Instituto. Durante o longo período em que esteve na direção, ele desenvolveu um considerável número de estudos experimentais das práticas de fisioterapia. O Sanatório de Battle Creek tornou-se famoso em todo o mundo por causa de seu programa de fisioterapia e de sua dieta vegetariana.

Antes de o Sanatório de Battle Creek ser removido da direção dos ASD, mais ou menos em 1908, outros Sanatórios estavam sendo estabelecidos pela denominação, sob a liderança de Ellen G. White e do Dr. Kellogg, em outras partes dos Estados Unidos e em outros países, e em cada um deles, a fisioterapia tornou-se um aspecto preeminente do programa de tratamento. Uma das maiores instituições, o Sanatório de Skodborg, perto de Copenhague, Dinamarca, tem sido um centro de fisioterapia para os países Escandinavos, onde há vários sanatórios e numerosos outros estabelecimentos de tratamento menores, em que

excelente fisioterapia é oferecida. Atualmente, os Sanatórios e hospitais ASD circundam o globo, e na maioria deles, a fisioterapia tem uma parte importante no cuidado do paciente. Nas escolas de enfermagem dessas instituições, os estudantes recebem orientação sobre os princípios básicos da fisioterapia.

Desde sua fundação em 1909, a Escola de Enfermagem da Universidade de Loma Linda tem oferecido cursos completos sobre fisioterapia. Através dos anos, porém, houve muitas mudanças nos métodos de ensino. No presente, os princípios básicos da fisioterapia são ensinados incluindo-os na instrução das práticas de enfermagem. Na prática atual, a enfermagem fisioterápica consiste em simples hidroterapia e exercício no cuidado dos pacientes.

A escola de Medicina da Universidade de Loma Linda, desde sua fundação, em 1909 até 1964, lecionou cursos completos de fisioterapia. Em 1964, este cursos foram retirados do currículo. Como resultado, os estudantes de medicina obtêm apenas um contato incidental com a fisioterapia.

Em 1941, uma escola de fisioterapia foi estabelecida em conexão com a escola de medicina para o treinamento de terapeutas qualificados. Totalmente aprovada com o curso de graduação, a escola tem um dos maiores níveis de matrícula entre escolas autorizadas de fisioterapia nos Estados Unidos.

Em 1947, a Associação Médica Americana estabeleceu um Departamento de Medicina e Reabilitação para médicos que se especializam nesta área, o qual inclui fisioterapia. Alguns dos maiores Hospitais têm especialistas qualificados na área de fisioterapia e reabilitação, conhecidos como fisioterapeutas, que têm a responsabilidade desta área do tratamento. O restante das instituições médicas têm serviços simples de terapia sob a direção da equipe médica.

FITCH, CHARLES. (1805-1844). Ministro congregacionalista, mais tarde ministro Presbiteriano, líder *Milerita, o criador do “Diagrama Profético de 1843.” Em 1838. Fitch aceitou os ensinos de *Guilherme Miller, produzindo excitação com seus sermões. Mas seus associados ministeriais trataram a nova doutrina com tal ridículo e oposição que por algum tempo, ele perdeu a confiança neles e retornou às suas antigas idéias a respeito da conversão mundial.

Foi *Josias Litch, que conhecia a experiência de Charles Fitch, que o levou a finalmente aceitar a fé Adventista. Desde então, ele se tornou um dos mais corajosos, agressivos e bem sucedidos líderes Mileritas. Fitch, auxiliado por *Apollos Hale, criou o diagrama profético de “1843”, grandemente usado, pintado em tecido, que ele apresentou na Conferência Geral de Boston em maio de 1842.

No final de 1842, Fitch foi chamado a ir para Cleveland, Ohio, e proximidades. A despeito de oposição, um interesse definido na mensagem do *Advento se desenvolveu em Oberlin College, onde Fitch teve a oportunidade de realizar séries de sermões sobre o *Segundo Advento em setembro de 1843.

Em 1843, Fitch foi um dos mais destacados líderes Mileritas. Em janeiro daquele ano, ele começou a editar um jornal semanal chamado *Segundo Advento de Cristo.* Nele (26 de julho de 1843), ele publicou seu sermão sobre o poderoso *Anjo que bradava: “Caiu, caiu a grande *Babilônia,” e que foi seguido pela voz: “Sai dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos.” No sermão, Fitch pregava que o termo Babilônia não estava mais limitado à Igreja Católica Romana, mas incluía agora o grande corpo do Cristianismo Protestante. Ele defendia que as ramificações da Cristandade tinham, rejeitando a luz do Advento, caído do elevado estado do puro Cristianismo. Ele argumentava que o Protestantismo era frio em relação à doutrina do Advento e que o tinha espiritualizado. Tal

abordagem foi impressa como um folheto e mais tarde reimpressa em várias publicações Mileritas.

Em outubro de 1844, Fitch aceitou o ensino do “sétimo mês” e considerava 22 de outubro como o tempo para a Vinda de Cristo. Ele adoeceu em Buffalo na ocasião e faleceu em 14 de outubro, pouco antes do dia da grande expectação, vitimado por pneumonia, contraída após uma prolongada exposição à baixa temperatura enquanto batizava.

FOGO ETERNO. [gr. *pyr arbestos*, “fogo inextinguível”.] Expressão que denota o meio pelo qual virá a destruição final dos ímpios (Mat. 3:12; Mar. 9:43; Luc. 3:17). A expressão não denota fogo que nunca se extinguirá — por qualquer agente humano. As palavras usadas por João Batista em Mat. 3:12 parecem ser baseadas na predição de Mal. 3:1-3; 4:1. O fogo do cap. 4:1 desaparece quando completou sua obra de destruição (v. 3). Judas citou as antigas cidades de Sodoma e Gomorra como “exemplo do Fogo Eterno, sofrendo a punição” (Judas 1; II Ped. 2:6), embora o fogo que consumiu aquelas cidades ímpias, tendo cumprido sua obra, tenha-se apagado há muito tempo. Elas não estão ardendo hoje e não ardem já há mais de 3.500 anos, mas a *Bíblia as cita como ilustração de como será o fogo do grande e último dia. Longe de transmitir a idéia de um fogo que arde eternamente e no qual os ímpios são indefinidamente atormentados, as Escrituras enfatizam o fato de que os ímpios serão consumidos tão completamente que não restará nenhum sinal deles. Veja **Inferno; Morte**.

FONSECA, ORION GOMES DA (1905-1994). *Pastor e *Preceptor. Casou-se com Ilse e desta união nasceram 4 filhos. Foi preceptor no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP); tesoureiro da antiga *Casa de Saúde Liberdade atual *Hospital Adventista de São

Paulo (HASP); diretor de *Colportagem em Curitiba, Pr, e pastor distrital nos Estados do Mato Grosso, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 29 de setembro de 1994, aos 89 anos de idade, no Rio de Janeiro, RJ.

FORÇAS ARMADAS, ASD NAS. Veja **Não-Combatência**.

FOSS, HAZEN (-1893). Um jovem que experimentou *Visões no outono de 1844. Ele é descrito como um *Homem de aparência distinta, de modos agradáveis e bem educado. Morava em Poland, Maine, aproximadamente 45 quilômetros ao Norte de Poland.

*Milerita por convicção, Foss cria firmemente que a *Segunda Vinda de Cristo ocorreria no dia 22 de outubro de 1844. Em setembro ou em outubro daquele ano, ele teve uma visão na qual viu as peregrinações dos Adventistas para a cidade de *Deus e foi instruído a dar a eles algumas mensagens de advertência. Ele também viu as provações e *Perseguição que lhe sobreviriam como resultado de sua fidelidade em contar o que tinha visto. Porém, ele declinou da responsabilidade de contar a visão.

O *Desapontamento de 22 de outubro de 1844 deixou Foss com um sentimento de que ele tinha sido enganado. Em uma segunda visão ele foi advertido de que se recusasse relatá-la aos outros, a responsabilidade seria tirada dele e colocada sobre um dos mais fracos filhos de Deus. Ao contemplar sua responsabilidade, ele temia a reação se dissesse que tinha tido visões, pois os líderes Mileritas tinham tomado uma posição contrária a tais manifestações. Em uma ocasião, um grupo se reuniu para ouvi-lo contar o que ele tinha visto, mas ele recusou contar. Certo dia, sentimentos muito estranhos vieram-lhe e ele ouviu uma voz lhe falando: “Você contristou o Espírito do Senhor.”

De acordo com o relato de *Ellen G. White (Carta 37, 1890), quando ele ouviu a voz, ficou horrorizado por sua teimosia e rebelião e disse ao Senhor que contaria a visão. Marcando uma reunião, ele tentou contar a visão, mas sua mente não podia lembrá-la. Após várias tentativas, ele gritou em desespero: "Ela se foi; não posso dizer nada, o Espírito do Senhor me abandonou." A reunião foi descrita pelos presentes como "a mais terrível reunião da qual participaram."

Foi em dezembro de 1844, após essa experiência, que Ellen G. Harmon (mais tarde White) teve sua primeira visão. Na ocasião, Ellen Harmon nada sabia sobre a experiência de Hazen Foss, mas enquanto visitava Poland, Maine, em fevereiro de 1845, ela relatou em Macquire's Hill, durante duas horas, a primeira visão que tivera. Foss foi convidado mas recusara entrar. De fora, ele ouviu seu relato. No dia seguinte, Foss procurou-a na casa de sua irmã em Poland e contou sua experiência. Como ela relatou, ele disse:

> Ellen, . . . o Senhor deu-me uma mensagem para que eu pregasse a Seu povo. E eu recusei após ser informado sobre as conseqüências, eu permaneci orgulhoso; eu estava inconformado com o desapontamento. Eu murmurava contra Deus e preferia morrer. Então, um sentimento estranho me sobreveio. Serei de agora em diante como um morto para as coisas espirituais. Eu ouvi você falar na noite passada. Creio que as visões foram tiradas de mim e dadas a você. Não recuse obedecer a Deus, pois será perigoso para a sua alma. Sou um homem perdido. Você é a escolhida de Deus; seja fiel em sua obra, e a coroa que poderia ser minha, será sua. (Carta 37, 1890).

Foss viveu até 1893, mas desde o tempo que recusou contar suas visõe ele não teve mais nenhum interesse em assuntos religiosos.

FOY, WILLIAM ELLIS (1818-1893). Pregador *Milerita. Ele é de interesse para nós porque seu nome é citado entre os que em 1842 e 1844 tiveram *Visões relacionadas ao *Movimento do Advento. Ele foi descrito como um homem alto, de pele escura, e eloqüente pregador. Ele morava na Nova Inglaterra e quando jovem, entregou seu coração a Cristo em 1853. Algum tempo depois, ele se tornou membro da Igreja Batista do Livre Arbítrio. Porém, em 1842, ele estava se preparando para assumir os votos de um ministro episcopal. Foi nesse tempo que ele teve duas visões relacionadas ao breve Advento de Cristo e aos eventos do tempo do fim. Antes disso, embora fosse profundamente religioso, ele tinha sido, por seu próprio testemunho, “contrário à doutrina do breve retorno de Cristo,” mas após as visões, ele se uniu aos Mileritas como arauto da mensagem da expectação da vinda de Cristo.

O relato de duas visões iniciais de William Foy, juntamente com um breve esboço de sua experiência cristã, foi publicado em 1845 em forma de folheto em Portland, Maine. A primeira ocorreu em 18 de janeiro de 1842, enquanto ele estava em um culto em Boston, na Rua Southark. De acordo com testemunhas oculares, ele permaneceu em visão por duas horas e meia. O folheto inclui a declaração de um médico que o examinou durante a visão e testificou que ele não poderia achar nenhum sinal vital “exceto ao redor do coração”. Como Foy declarou, “Meu fôlego de vida me deixou.”

Na primeira visão, Foy viu a recompensa dos fiéis e a punição dos pecadores. Embora ele tenha sentido ser seu dever contar o que tinha visto, ele desculpou-se dizendo que não tinha sido instruído a contar a visão. Em aflição mental, ele publicou uma descrição da visão, mas foi um esboço muito imperfeito. Em uma segunda visão, no dia 4 de fevereiro de 1842, na qual ele viu multidões dos que não tinham morrido e os que tinham sido ressuscitados sendo reunidos para receber seu galardão. Ele ouviu a instrução de revelar o que ele tinha visto e advertir a todos que fugissem da ira que viria.

A indisposição de Foy em relatar aos outros o que ele tinha visto não provinha do preconceito dos Mileritas contra qualquer que dissesse ter revelações divinas mas também do “preconceito contra as pessoas de minha cor”. Ele questionava em sua mente, “Por que essas coisas têm que ser reveladas a mim para que as conte para o mundo?”

No dia 6 de fevereiro de 1842, o Pastor da igreja Rua Bloomfield em Boston, chamou Foy para relatar as visões num de seus cultos. Ele consentiu relutantemente, e na tarde seguinte, ele enfrentou uma grande congregação. Ao começar a falar, seu medo o deixou e ele relatou com grande liberdade as coisas que tinha visto.

Após isso, ele viajou por três meses pregando suas mensagens para grandes congregações de muitas denominações. Quando pregava, ele usava as vestes do clero episcopal. Como ele descreveu o mundo celestial, a Nova Jerusalém e o compassivo amor de Cristo, exortando os inconversos a buscarem a *Deus, muitos responderam aos seus apelos. Porém, por sua família precisar de sustento, Foy, após três meses, retirou-se do trabalho público para trabalhar. Três meses mais tarde, sentindo-se compelido a pregar sua mensagem, assumiu novamente sua obra pública, esperando ver logo a seu Salvador.

Ellen Harmon ouviu Foy pregando em Beethoven Hall, na cidade onde morava, Portland, Maine, quando ela era apenas uma garotinha. Segundo *John H. Loughborough, Foy teve uma terceira visão perto do tempo da expectação em 1844 na qual viu três plataformas, as quais ele não pôde entender à luz de sua crença no iminente retorno de Cristo. Em perplexidade, ele cessou seu trabalho público. Ele faleceu no dia 9 de novembro de 1893.

Alguns têm questionado a genuinidade da experiência de William Foy, mas outros têm sentido que as “visões traziam consigo clara evidência de serem genuínas manifestações do Espírito de Deus” (Loughborough, *The Great Second Advent Movement*, p. 146). *Ellen G. White, em um entrevista em 1912 (*DF*, 231), relatou que conversou com

ele uma vez em uma reunião onde ela estava relatando suas próprias visões e que ele declarou que aquilo era exatamente o que ele próprio tinha visto. Ela considerou sua experiência como genuína.

FREITAS, ARIMATEA FREITAS, ARIMATEA (1937-1994). Professora. Casou-se com o Pr. Lázaro Bueno de Freitas. Dedicou-se ao ministério e magistério durante mais de 30 anos, nos Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Faleceu no dia 12 de setembro de 1994, aos 57 anos de idade, em Volta Redonda, RJ.

FRIEDRICH, RUDOLPH (1883-1946). Pioneiro do adventismo no Brasil. Nasceu no dia 23 de fevereiro de 1883, na Alemanha, numa época em que a Europa passava por uma grande crise econômica.

Nesse clima, as famílias Friedrich e Holdorf imigraram para vários países e o último deles foi o Brasil, em Florianópolis. Logo receberam um chamado para Blumenau, onde se estabeleceram.

Em 1910, em Gaspar Alto, SC, casou-se com *Otília Holdorf Friedrich. Desta união, nasceram-lhes: Arnold, Erna e Inês.

Certa sexta-feira, Rudolph ao fazer compras, trouxe os produtos comprados, embrulhados em páginas de revista. Ao verificarem, notaram que eram páginas da Revista **Sinais dos Tempos*, crescendo o interesse do casal, principalmente porque Otília pertencia à Igreja Luterana.

O assunto contido nas páginas tratava do *Sábado e abstinência da carne de porco. Após a leitura, venderam a criação de suínos e guardaram seu primeiro sábado.

Logo Rudolph e Otília batizaram-se na *IASD de Gaspar Alto. Suas provações aumentaram. Uma delas foi a dura crítica dos irmãos de

Otília, que resultou na mudança de Rudolph e a família para a atual cidade de Corupá, SC.

Faleceu em 20 de dezembro de 1946, aos 63 anos de idade.

FRIEDRICH, OTÍLIA HOLDORF (1882-1955). Pioneira adventista. Nasceu no dia 26 de fevereiro de 1882. A família Holdorf imigrou para o Brasil devido a uma forte crise econômica na Europa.

Casou-se com *Rudolph Friedrich em 1910, em Gaspar Alto, SC. O casal teve três filhos: Arnold, Erna e Inês.

Otília pertencia à Igreja Luterana, porém certo dia seu esposo trouxe artigos comprados, embrulhados em páginas da revista. Ao verificarem, notaram ser da *Revista Sinais dos Tempos e assim começou a crescer o interesse do casal pelas mensagens adventistas. O assunto contido nestas páginas era sobre o *Sábado e carne de porco. Após essa leitura, eles venderam a sua criação de suínos e passaram a guardar o sábado.

O casal batizou-se na *IASD de Gaspar Alto. Sofreram muitas críticas, especialmente dos irmãos de Otília que resultou na mudança de Rudolph e a família para a atual cidade de Corupá, SC.

Faleceu no dia 21 de maio de 1955, aos 73 anos de idade.

FUCKNER, M. V. (-1957) Administrador. Foi gerente da *Casa Publicadora Brasileira (CPB) no período de 1922 a 1926, ocupando o mesmo cargo na Casa Editora Sudamericana, em Buenos Aires. Anos mais tarde gerenciou a *Southern Publishing Association*, em Tennessee, Estados Unidos da América. Foi também diretor de publicações da União Norte do Pacífico.

Faleceu no dia 23 de agosto de 1957, em Portland, EUA.

FUCKNER, OSVALDO LUDOVICO (1893-1974).

Casou-se com Cristina, e desta união nasceram 12 filhos.

No dia 10 de junho de 1974 o casal, completou 60 anos de vida matrimonial. Esta família patriarcal deu à Obra Adventista vários obreiros e membros atuantes na *Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Faleceu no dia 18 de dezembro de 1974, aos 81 anos de idade, em Lajeado de Baixo, SC em conseqüência de um ataque cardíaco.

FUNDAMENTALISMO. Ramo ultraconservador do protestantismo, especialmente como é representado pelas denominações que rejeitaram ou se opuseram ao movimento conhecido como modernismo. O nome deriva de uma série de livros intitulados *Os Fundamentos,* que foram escritos e publicados nos Estados Unidos em 1909, com o auxílio de dois leigos ricos da *Companhia Publicadora Testemunho,* e reeditado em 1917 pelo Instituto Bíblico de Los Angeles. O Fundamentalismo em si mesmo, porém, é anterior a esta série de livros. É caracterizado pela crença na inspiração verbal da *Bíblia, *Milagres, *Criação sobrenatural, *Nascimento Virginal, redenção substitutiva, *Ressurreição corporal e no retorno literal de Cristo. Para os fundamentalistas, a Bíblia é literalmente verdadeira, histórica e teologicamente inerrante em seus autógrafos originais. O *Homem é um pecador que pode ser "salvo" pelo novo nascimento, após o qual ele deve viver uma vida de sobriedade e justiça caracterizada por modéstia no vestir, diversão agradável, abstinência de bebidas alcoólicas e tabaco, oração regular, estudo da Bíblia e trabalho missionário militante. Evangelismo em massa, pregação pelo rádio e as *Missões entre os não-cristãos são fortemente enfatizados pelos grupos que advogam esta escola de pensamento.

Nos Estados Unidos, o Fundamentalismo é mais forte no Sul e entre os povos rurais. Os fundamentalistas fundaram muitos institutos bíblicos que se tornaram colégios de estudo bíblico. Um método de interpretação bíblica conhecido como *Dispensacionalismo (Veja **Pré-**

milenismo), tem tido considerável popularidade. As igrejas do ramo *Santidade encontram-se aqui. A Associação Nacional de Evangélicos e o Conselho das Igrejas Cristãs incluem em suas fileiras grupos fundamentalistas de diferentes nuanças. Os fundamentalistas também têm tido considerável influência em círculos de universidades Britânicas.

Teologicamente, os ASD têm vários pontos em comum com os fundamentalistas, mas, por várias razões, nunca se identificaram com o movimento. Genericamente falando, os fundamentalistas recusam reconhecer os ASD como cristãos ortodoxos, principalmente porque os ensinos ASD, com respeito à *Lei e ao *Sábado, o estado dos mortos e o destino dos ímpios, os 2.300 dias de Daniel 8:14 e o *Juízo Investigativo e o *Espírito de Profecia. Por sua vez, os ASD rejeitam como não-bíblicos um bom número de ensinos defendidos por muitos (embora nem todos) fundamentalistas, tais como *Antinomismo e dispensacionalismo, *Imortalidade natural da *Alma, *Arrebatamento secreto, a restauração dos judeus como povo escolhido de *Deus e um milênio temporal. Essas diferenças teológicas têm tornado a cooperação entre ASD e fundamentalistas em áreas de preocupação mútua, tais como *Criação & *Evolução, difícil, se não, impossível, principalmente pela má disposição dos fundamentalistas. Até um ponto considerável, têm ignorado ou rejeitado as descobertas válidas dos estudiosos da Bíblia, característica do movimento desprezada pelos seus bem informados líderes. Além disso, parece haver uma predisposição especialmente entre os grupos fundamentalistas mais radicais, de tomar uma posição obscurantista e irracional sobre vários assuntos. Talvez a maior voz de influência no Fundamentalismo nos Estados Unidos seja o folheto evangelístico *The Sword of The Lord* (A Espada do Senhor), publicado em Wheaton, Illinois.

Desde 1940, um grupo de eruditos fundamentalistas tem erguido a voz por uma posição mais esclarecida em relação à cultura moderna,

especialmente nas áreas de ciências e estudo bíblico mais aceitável. Os que são simpáticos a esta tendência chamam-se de Evangélicos. De modo geral, a Associação Nacional de Evangélicos, a Sociedade Teológica Evangélica e a Afiliação Científica Americana representam este ponto de vista, como também o faz o jornal *Christianity Today* (Cristandade Hoje), publicado em Washington, D.C., como uma revista quinzenal de convicção evangélica.

FUNDO EDUCACIONAL JOHN BOEHM. Sua finalidade é de fazer empréstimos a alunos sem recursos para que concluam os seus estudos.

Em 1954 houve um interesse por parte de John Bohem, em criar um *Fundo Educacional* para ajudar alunos carentes. Foi reativado em 1985.

Este fundo recebeu o nome de “Fundo Educacional John Bohem”, em homenagem a seu idealizador.

FUTURISMO. Veja **Conceito Historicista da Profecia; Interpretação Profética; Pré-milenismo.**

G

GARCIA, DARIO (1912-1967). Professor, administrador educacional, secretário, departamental. Nasceu no dia 29 de novembro de 1912, em Santa Maria. No ano de 1933, assistiu a algumas reuniões evangelísticas dirigidas pelo Pr. *Jerônimo Garcia, e como resultado, tornou-se membro da Igreja Adventista do 7º Dia.

Matriculou-se no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), em 1934. Casou-se no dia 2 de maio de 1937, com Ana Ida Braun. Neste mesmo ano o casal dirigiu-se aos Estados Unidos, para estudar no Pacific Union College, na Califórnia, permanecendo até 1941, onde diplomou-se em educação elementar. Neste ano ainda, regressou ao CAB e lecionou ali durante dois anos, até ser escolhido como diretor no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), em Taquara, RS. Trabalhou ali até 1945, quando foi chamado novamente para o CAB, como Departamental de Educação, e também foi eleito diretor do Colégio.

Por ocasião da Conferência Geral de 1950, foi eleito secretário dos Departamentos de Educação e MV da *Divisão Sul-Americana da IASD, e pouco depois recebeu a ordenação ao sagrado ministério.

Em 1955, o casal Garcia voltou ao Brasil, e o Pr. Dario labutou no *Ginásio Adventista Paranaense, em Curitiba, PR, e depois outra vez como diretor do CAB, até 1961, quando ele resolveu graduar-se na Andrews University, Michigan, EUA. Conseguiu fazê-lo no ano seguinte, e começou então a preparar-se para o doutorado. Trabalhou no Ministério de Relações Exteriores daquele país, como intérprete e guia. Pouco antes de falecer, fora escolhido para ser secretário do Departamento de Educação da *União Sul-Brasileira da IASD.

Faleceu no dia 28 de julho de 1967, aos anos de idade, perto de Washington, Estados Unidos.

GARCIA FILHO, JOSÉ (1890-1867). Pioneiro em Minas Gerais. Nasceu no dia 1890. Em 1932, converteu-se ao adventismo mediante a leitura de uma Bíblia católica.

Contraiu núpcias com Ana Vieira Garcia, nascida em 1897; desta união nasceram 8 filhos: José, Gil, Maira, Iná, Eny, Cir, Zel e Ila.

Possuidor de um espírito abnegado, principalmente para com os meninos órfãos. Por isso, decidiu doar a obra Adventista extensa área de terra, aproximadamente 10 alqueires, onde funcionou em 1937 a Escola Mineira Adventista (EMA), no bairro Capim Roxo, município de Espera Feliz. Neste local, instalou-se o orfanato Capim Roxo, que depois passou a chamar-se *"Lar dos Meninos".

Após seu falecimento, como homenagem póstuma ao seu doador e também por ser muitas vezes o mantenedor dessa instituição, votado pela mesa administrativa da *Missão Mineira, o orfanato obteve um novo nome: "Orfanato José Garcia filho".

Faleceu no dia 18 de maio de 1967, aos 77 anos de idade, em Presidente Soares, MG.

GARCIA, JERÔNIMO GRANERO (1903-1974). *Pastor, evangelista, professor e administrador. Nasceu no dia 30 de setembro de 1903, na Espanha. Naturalizou-se brasileiro. Em 1920 veio para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto adventista de Ensino (IAE/SP). Formou-se em dezembro de 1925, sendo presidente da turma.

Dia 23 de fevereiro de 1926 casou-se com Ana Klein de Araújo e da união nasceram 4 filhos: Anice, Flávio, Helena e Gilberto.

Seu trabalho caracterizou-se pela ação, dinamismo e pioneirismo. Em 1926, iniciou uma série de conferências públicas no bairro do Brás, em São Paulo, SP. Em 1927, empreendeu uma campanha evangelística na cidade de Moji Mirim. Em 1930 trabalhou em Campinas, auxiliado pela instrutora bíblica Iracema Zorub. Em 1931, dirigiu-se a Ribeirão Preto, onde ali também deu início ao trabalho de evangelização da cidade. Depois, dirigiu-se à capital paulista a fim de trabalhar em alguns departamentos da Associação Paulista. Em 1932, ao mesmo tempo em que cuidava dos departamentos, realizou uma série de conferências na cidade de Araraquara.

Em 1933, foi chamado para o Rio Grande do Sul onde atuou como Pastor-evangelista no município de Santa Maria. Em 1934 e 1935 trabalhou em Porto Alegre, capital gaúcha, onde dirigiu uma série de conferências no centro da cidade e outra no bairro de São João.

Em 1935, dirigiu-se ao Nordeste e ali atuou como presidente da Missão Nordeste da IASD. Em 1940, retornou a São Paulo para assumir o cargo de professor e vice-diretor do CAB.

Em 1944, retornou ao Rio Grande do Sul e assumiu a presidência da *Associação Sul Rio-Grandense da IASD. Nessa época, fundou a *Clínica Bom Samaritano.

De volta à *Associação Paulista da IASD, atuou como evangelista em 1947. Em 1949 foi chamado para dirigir o CAB onde permaneceu até 1953. Em 1954 foi diretor de *A Voz da Profecia e Relações Públicas da *Divisão Sul-Americana da IASD, com sede em Montevidéu. Em 1956, assumiu a direção de departamento da União Sul-Americana.

Em 1958, voltou ao IAE/SP como professor, ficando até 1966, quando *Jubilou-se. Após sua jubilação, realizou ainda uma série de conferências em Santa Catarina, na cidade de Rio do Sul.

Em 1972, aceita mais um chamado fora do Brasil. Desta vez é para o Peru, onde lecionou para o Curso Teológico. Partilhando suas

experiências de 1946, no campo de batalha, ele deu novo alento e despertou um nobre idealismo nos alunos que desejassem seguir o ministério.

Dedicado, culto, austero e corajoso, Jerônimo serviu como modelo para muitos alunos que seguiram seu exemplo de amor à causa do Evangelho.

Faleceu no dia 1º de julho de 1974, em São Paulo, SP.

GEDRATH, ANDRÉ (-1963) *Colportor-evangelista pioneiro. Foi um dos pioneiros da *Colportagem no Brasil. Trabalhou evangelizando no Estado de São Paulo, através da página impressa.

De 1920 a 1922, foi para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) onde gerenciou a fazenda do colégio. Após este período, voltou à colportagem. Percorreu vários Estados do Sul, porém, preferiu trabalhar no Norte. Na região do Amazonas e afluentes atuou como colportor-evangelista.

Conhecedor das artes mecânicas e apaixonado pelas máquinas, construiu uma lancha que utilizou na divulgação do Evangelho "sobre todas as águas".

Faleceu em 20 de Agosto de 1963, no *Hospital Belém, Estado do Pará.

GEGENBAUER, HUGO (1921-1965). Administrador. Nasceu no dia 1921, em Rio Negro, PR. Converteu-se aos 21 anos de idade. Sentindo desejo de preparar-se para a obra do Senhor, matriculou-se no *Educandário Adventista de Butiá, em Curitiba, onde foi batizado em novembro de 1942.

Quando estudante, já exercia a função de tesoureiro daquele Educandário. Em Curitiba, onde prosseguiu seus estudos, trabalhou como auxiliar de escritório da *Associação Paranaense d IASD. Em

1949, volta ao *Ginásio Adventista Paranaense, exercendo as funções de gerente e preceptor.

Casou-se em 09 de fevereiro de 1950 com Frida Noemy Souza de cuja união nasceram dois filhos: Sérgio e Lenita.

Em 1952, transferiu-se para a *Missão Mato-Grossense, onde exerceu os seguintes cargos: tesoureiro, departamental MV e Educação; como ancião, ocupou o pastorado da igreja de Goiânia.

Em 1957, foi chamado para tesoureiro da Associação Paranaense, onde foi ordenado ao santo ministério em 1960.

Em fevereiro de 1963, foi para o *Ginásio Adventista Campineiro (GAC) como tesoureiro. Este foi o seu último setor de trabalho.

Faleceu no dia 21 de janeiro de 1965.

GENSKE, SIEGFRIED (1922-1989). *Pastor e administrador. Nasceu no dia Indaial, Santa Catarina em 1922. Casou-se com Lydia Demétrio de cuja união nasceram Flávio e Daisy.

Formou-se em Teologia no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) em 1944. Começou a trabalhar na então *Associação Paraná - SC, como Diretor de Publicações. Em fins de 1946, foi transferido para a *Associação Paulista, onde foi ordenado, ao ministério em 1950. Trabalhou como distrital, departamental e Diretor da *Casa de Saúde Liberdade atual *Hospital Adventista, nessa Associação. Depois atuou dois anos como Pastor Departamental na Associação Paulista e logo foi eleito Presidente desse campo, que administrou por seis anos.

De 1969 a 1970, foi gerente da *Superbom. Após um período de licença para tratamento de saúde, foi nomeado Gerente da *Unibrás, entidade corretora de seguros pertencente à então *União Central Brasileira da IASD.

Faleceu no dia 22 de julho de 1989, aos 67 anos de idade, em Poços de Caldas.

GEOLOGIA. Veja **Ciência e Religião; Dilúvio**.

GEOSCIENCE RESEARCH INSTITUTE. Instituto fundado em 1957 por decisão do Concílio Anual com o propósito de tornar possível à IASD conselhos competentes a respeito da relação entre as ciências naturais e o testemunho inspirado. A pesquisa literária, os estudos de campo e as investigações laboratoriais são dirigidas pela equipe do instituto e apoiadas por pesquisas conjuntas. Os escritórios do instituto são afiliados à Universidade de Loma Linda. Seu endereço é Loma Linda University, Loma Linda; Califórnia 92350. Existem duas ramificações: no colégio de Collonges, na França e na Universidade del Plata, Argentina.

O primeiro diretor do instituto foi Frank Marsh. Em 1974, o instituto começou a publicar semestralmente o periódico *Origins* (Origens), dedicada a uma ampla abordagem das várias escolas de pensamento sobre a história do mundo natural. Ariel A. Roth é o editor desse periódico e também diretor do escritório de Loma Linda.

GERLING, FREDERICO (1898-1952). *Preceptor, professor, tesoureiro. Nasceu no dia 06 de dezembro de 1898, em Brokhagen, Alemanha. Casou-se em 1923, em sua pátria, imigrando no ano seguinte para o Brasil, onde em 1926, se converteu ao Evangelho. Logo depois de sua conversão, em 1927, sendo ele marceneiro, foi convidado para trabalhar como chefe das oficinas do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde exerceu depois as funções de preceptor, professor e tesoureiro. Mais tarde, foi também tesoureiro do CAB, *Associação Paraná - Santa Catarina, voltou a ser tesoureiro do CAB, depois gerente da *Superbom, tesoureiro do Ginásio de Taquara, RS, e, finalmente, desde 1948

chefiava a seção de expiação de periódicos na *Casa Publicadora Brasileira (CPB), com eficiência e dedicação.

Faleceu no dia 18 de dezembro de 1952, aos 54 anos de idade, em São Paulo.

GINÁSIO ADVENTISTA DE TAQUARA, RS. Veja **Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).**

GNUTZMANN, LUCINDA HERMANN (1900-1988) Professora e primeira Missionária no exterior. Nasceu em setembro de 1900, em Rolante, RS, então comarca de Santo Antônio da Patrulha. Foi fundadora e professora de uma escola naquele local. Em 1916 foi batizada e em 1922 começou seus estudos como bolsista no *Colégio Adventista Brasileiro (CPB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Em 1926, casou-se com o Pr. João Gnutzmann de cuja união nasceram os primeiros missionários adventistas enviados ao exterior. Em 1935, voltaram ao Brasil e serviram como missionários na Amazônia.

Faleceu no dia 16 de janeiro de 1988 aos 88 anos de idade, em Brasília.

GOGUE E MAGOGUE. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

GOLDEN CROSS ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE. Localiza-se à Rua Constante Ramos, 173, Copacabana, Rio de Janeiro. Sua principal atividade é a de administrar prestação de assistência hospitalar.

O atual presidente do Sistema Golden Cross é Paulo César Carvalho da Silva Afonso, (filho do fundador, Dr. Milton Saldani Afonso). Assumiu este cargo em 1991.

É a primeira instituição em Assistência Médica privada da América Latina e a quarta do mundo. Tem 2,5 milhões de clientes, 12 mil médicos e mais de mil hospitais conveniados.

A Golden Cross foi a primeira a oferecer este tipo de serviço no Brasil, e é líder absoluta do seu setor, detendo 20% do mercado. Ocupa o primeiro lugar no ranking das empresas de assistência em saúde do país, estando presente em mais de 70 cidades.

Tem um total de 17 mil funcionários em todas suas empresas. Mantém mais de 100 concessionárias e 700 representações regionais em todo país, que vendem, mensalmente, 40 mil planos individuais. São mais de 5 mil corretores em ação.

A Golden Cross cobre mensalmente, mais de 760 mil consultas, 850 exames de análises clínicas e 25 mil internações hospitalares. O atendimento de emergência é feito em 750 serviços de pronto-socorro, 1.200 hospitais, 2 clínicas e laboratórios.

A Golden Cross oferece vários planos de saúde: *DAME* (Divisão de Assistência Médica e Empresas); *VIP* (para pessoas físicas); *SPS* (Super Plano de Saúde); *AMEG* (Assistência Médica Global) e o *Plano de Assistência Integral*. Os associados do Plano de Assistência Integral são favorecidos por uma apólice de seguro da Golden Cross Seguradora S.A..

Ao longo da sua história a Golden Cross diversificou suas atividades. Com três diferentes planos individuais de saúde e um empresarial, trabalha ainda com seguro de vida (Golden Vida - 1990), seguro-saúde, refeição-convênio (Golden Ticket) e assistência odontológica (Goldental).

A Golden Cross é uma entidade muito dinâmica e participa de eventos esportivos e culturais, garantindo assistência médica para atletas

e público. Anualmente, a Golden Cross promove um Encontro de Vendas onde são premiados os que se destacam comercialmente.

A Golden Cross promove gratuitamente 130 mil atendimentos por ano graças a programas assistenciais em várias regiões do Brasil.

A Golden Cross foi organizada em 2 de junho de 1971 sob a liderança do Dr. Milton Saldani Afonso, a fim de suprir uma lacuna no atendimento médico brasileiro. Uma alternativa para o paciente dividido entre a precária rede pública de saúde e os altos custos da medicina privada.

O primeiro produto Golden Cross foi o Plano Internacional - PI. O primeiro escritório, com apenas 5 funcionários funcionava no 8º andar do imponente prédio 19 da Av. Graça Aranha, centro do Rio de Janeiro.

Sua primeira administração era composta pelo fundador Milton Saldani Afonso, sendo o Diretor de Marketing, Alberto Persson.

Em 1972, ocorreu a abertura das primeiras filiais: São Paulo e Porto Alegre. Em 1975, a empresa começou a descentralizar seu Departamento de Vendas, autorizando a abertura da primeira concessionária: Meridical Representações e Corretagem Ltda.

Em 1978, foi criado o Trailer Saúde, unidade móvel equipada com aparelhos médicos e odontológicos, onde profissionais tratam os moradores de uma comunidade. É um serviço de promoção social gratuito.

O Hospital São Lucas, no Rio de Janeiro, foi o primeiro a ser incorporado à rede de atendimento preferencial do Sistema Golden Cross.

Na década de 80 a Golden Cross, aperfeiçoou o atendimento ao associado, criando o Plantão Saúde, sendo a pioneira no sistema.

A Golden Cross possui ainda três postos de saúde no Rio de Janeiro, duas próteses cirúrgicas e proporciona à população carente diversos serviços necessários, como fisioterapia, fonoaudiologia e tomografia computadorizada.

A criação do primeiro lar da Golden Cross ocorreu em 1971, quando o Dr. Milton S. Afonso associou-se ao Sr. Hoyler para dar continuidade a um trabalho social pioneiro iniciado em Campinas, SP e que precisava de novos recursos.

Este primeiro lar abrigava 30 meninos, tendo o Pr. Sesóstris César Souza como administrador.

Atualmente existem 12 Lares Substitutos: 6 em São Paulo, 2 no Paraná, 1 em Minas Gerais, 1 na Bahia, 1 no rio Grande do sul e outro no Rio de Janeiro). Sete deles recebem manutenção total, sendo denominados de Lares Próprios e 5 recebem manutenção parcial, sendo denominados de Lares conveniados. Têm atualmente cerca de 300 internos. O número máximo de crianças por lar é de 42. Nestes lares, estas crianças encontram as condições necessárias para seu desenvolvimento físico e espiritual. Além de aprenderem a colaborar nas tarefas domésticas são encaminhadas a cursos de 2º e 3º Graus, uma proposta do Plano de Extensão de Benefícios aos Ex-Internos. Os lares são coordenados por assistentes que desempenham o papel de MÃE SOCIAL, auxiliada por adolescentes escolhidas dentro do Lar, para ajudarem na orientação das crianças menores ensinando e acompanhando na execução das tarefas domésticas, nos trabalhos escolares e nas atividades de lazer e trabalhos manuais.

Nos Lares, as crianças recebem: moradia em boas condições de conforto e lazer, alimentação planejada e balanceada, instrução com freqüência e boas escolas, manutenção básica de roupas, calçados, uniformes e materiais escolares, atendimento médico-hospitalar, atendimento odontológico, atendimento psicológico e fonoaudiológico, quando necessário, aulas de canto e piano, participação em atividades de lazer, sociais e religiosas.

Destacamos, dentro das atividades sociais desenvolvidas, as comemorações mensais dos aniversariantes, a festa da Páscoa, Dia da Criança e Natal. Os eventos são organizados antecipadamente, com o

planejamento da decoração, das atividades recreativas e distribuição de presentes, tendo a participação de toda a equipe e dos internos.

Sem uma idade limite para a entrada, a criança permanece no Lar até os 16 anos, quando irá fazer de um outro programa: o *PEB* (Plano de Extensão de Benefícios).

O *PEB* (Plano de Extensão de Benefícios) foi criado com o objetivo de proporcionar aos adolescentes dos Lares a oportunidade de darem continuidade a seus estudos, fornecendo-lhes melhores condições para ingressarem no mercado de trabalho.

A Golden Cross mantém contato freqüente (através de visitas, telefonemas e correspondências) com os internos, acompanhando seu aproveitamento escolar, atendemos solicitações especiais e os orientação quanto à dúvidas.

Ao completarem 16 anos, são encaminhados a Institutos onde ficam em regime de internato, recebendo bolsas de estudo doadas pela Golden Cross. Todos tem oportunidade de estudar até completar o 3º Grau, mas, de acordo com os objetivos pessoais, alguns saem ao término do 2º Grau.

Através do Programa Bolsas de Estudo, a Golden Cross promove cursos profissionalizantes para milhares de jovens carentes e mantém um convênio de apoio financeiro com algumas instituições.

A Golden Cross crê que o amor ainda é o melhor remédio.

GORSKI, VALÉRIA (1868-1953). Valéria Gorski foi uma das pioneiras da Obra Adventista em Itararé, SP.

Faleceu no dia 24 de dezembro de 1963, aos 85 anos de idade.

GOVERNO DA IGREJA. (ou política administrativa da Igreja). Um sistema para dirigir os assuntos da *Igreja de maneira ordenada. Somente uma forma primitiva de organização existiu na Igreja

Adventista nos seus primórdios, por óbvias razões a organização definitiva chegou apenas quando o seu crescimento o exigiu. Na igreja do *Novo Testamento, o elo de união era a fé comum dos crentes e a direção pessoal dos próprios apóstolos. Os judeus, que aceitaram Cristo, adoraram-nO primeiramente no templo (At. 2:46; 3:1) e se separaram do corpo do Judaísmo somente quando foram forçados a fazê-lo. Mas não foi muito antes de um sistema organizacional ser estabelecido.

A escolha de Matias para tomar o lugar de Judas poderia ser considerado o primeiro ato organizado da Igreja Cristã (At. 1:23-26). Outro ato de importância foi a escolha de sete diáconos para o ministério como distinto do ministério da Palavra (At. 6:1-8). O Concílio em Jerusalém (At. 15:6-29), às vezes é referido como a primeira *Sessão da Conferência Geral e representou um esforço significativo feito pela igreja.

A instrução de Paulo, a respeito do ofício dos anciãos (I Tim. 3:1-7) e a respeito do ofício dos diáconos (versos 8-13) revelaram uma organização em desenvolvimento. Duas palavras gregas descreviam os líderes escolhidos para supervisionar as Igreja do Novo Testamento: *presbyteros*, "ancião", referindo-se a uma posição de dignidade, e *episkopos*, "supervisor", referindo-se à responsabilidade de superintendente.

Havendo a igreja se expandido rapidamente no período pós-apostólico e Igrejas se unirem em certas áreas, os "supervisores", ou bispos, receberam poderes maiores, e no tempo em que os arcebispos apareceram, exerciam poderes ainda maiores. O sistema Papal de governo da igreja foi o resultado desse sistema. O bispo de Roma defendia que sua autoridade peculiar repousava em origem e sanção divinas. Este sistema também foi chamado *monárquico* ou *hierárquico*. Nele, o poder supremo está no Papa, que é o cabeça das várias ordens de sacerdotalismo.

Outros sistemas de governo da igreja desenvolvidos foram:

(1) *O sistema congregacional*, às vezes, chamado “independente”. Ele tem os maiores poderes residentes na congregação local. Nenhuma outra autoridade pode legislar por ela ou dirigir sua vida.

(2) *O sistema presbiteriano*. É governado por representantes eleitos, por anciãos, instrutores (ministros), e por anciãos dirigentes (leigos), funcionando tais corpos representativos como presbitérios, sínodos, e uma assembléia geral como o corpo supremo governante.

(3) *O sistema episcopal*. Centraliza-se nos bispos, que são os sucessores dos apóstolos e têm poder de governar a igreja.

A constituição da IASD contém elementos congregacionais bem como presbiterianos. Sua autoridade vem dos membros, cujos representantes governam através de uma organização dividida em cinco estágios — *Igreja local, Associação, União, Divisão, e a *Associação Geral da IASD. Além do nível da Igreja local, há representação leiga limitada nos corpos de governo, mas a Igreja local em que os membros votam, tem prerrogativas distintas e próprias. A constituição pode ser descrita com um sistema *representativo.* Veja **Igreja Adventista do Sétimo dia, Organização e Desenvolvimento da.**

GRABBI, CATHARINA (1902-1980). Instrutora de *A Voz da Profecia, obreira bíblica e preceptora. Natural da Estônia, continente Europeu. Nasceu no dia 7 de abril de 1902, chegando ao Brasil em 1921. Filha de um pastor batista, pertenceu no Rio de Janeiro, ao Exército da Salvação durante dez meses, ocasião em que tomou conhecimento da existência dos adventistas.

Mas tarde, em São Paulo, encontrou-se com uma senhora Adventista (ela identificava por CN), que outrora fora batista e amiga de seus pais na Estônia.

Através da influência dessa amiga, e depois de ser devidamente instruída pela irmã Iracema Zorub, Catharina aceitou a fé Adventista, tornando-se grande missionária.

Em 1929, foi admitida como obreira bíblica pela *Associação Paulista, permanecendo na função por cinco anos. Em 1934, foi chamada para a *Associação Sul Rio-Grandense da IASD, também para trabalhar na obra bíblica. Retornou a São Paulo em 1938, tornando-se preceptora do antigo CAB. Mas ela preferia trabalhar na linha de frente, por essa razão, um ano depois, voltou ao antigo trabalho, ingressando na *Missão-Minas, e posteriormente, na *Missão Espírito-Santense. Em 1945, foi convidada para trabalhar como Instrutora de *A Voz da Profecia, onde permaneceu por três anos.

Em virtude de sérios problemas de saúde, foi aposentada em 1947 não abandonando, todavia a obra bíblica. Mudou-se para Minas Gerais, onde permaneceu firme no posto do dever até a época de seu falecimento.

Sua dedicação foi tal que não se casou, preferindo consagrar seu tempo integralmente à causa da pregação do Evangelho. Não deixou bens materiais, contudo muitos são os seus filhos espirituais que sempre terão diante de si o exemplo de dedicação que ela lhes legou, exemplo digno de ser imitado.

Faleceu no dia 21 de maio de 1980, aos 78 anos de idade.

GRAÇA. Favor voluntário de *Deus, exercido para com os pecadores imerecedores. É inteiramente espontânea de Sua parte e não é condicionada por mérito humano (João 3:16; Efés. 1:3-11). É uma expressão da atitude redentora e amorosa de Deus. Ao aplicar esta graça, Deus dá, antes de requerer. A aplicação desta graça salvadora resulta em

perdão, justificação e santificação. Do ponto de vista humano, a qualidade mais notável de Deus é Sua infinita paciência e imutável amor pelos pecadores a despeito de sua infidelidade e rebelião (Ef. 2:8).

O homem é salvo totalmente pela graça, que lhe vem como um dom gratuito de Deus. A salvação é pela graça somente, com a inteira exclusão do mérito, poder ou sabedoria humanos. Graça é uma palavra muito usada em o N.T.. No A.T., não encontramos uma palavra equivalente à graça no sentido que temos em o N.T., embora encontremos a manifestação da graça de Deus em todo lugar no A.T. ao Deus lidar com os pecadores. Os homens no A.T. eram salvos pela graça tanto quanto nos tempos do N.T..

A graça redentora é possível somente através da obra de Cristo (Rom. 3:24; 5:20, 21). Deus não poderia perdoar pecadores fora da obra salvadora de Cristo. A expressão suprema da graça é o que Deus fez em Cristo e através dEle. A graça é ilimitada; ela abrange toda a humanidade e é para todos os homens (I Tim. 2:4; Tito 2:11; II S. Ped. 3:9). Todavia, o homem pode resistir à graça de Deus bem como à influência do Espírito Santo. Ser salvo pela graça é ser salvo totalmente do interior do coração de Deus.

“Graça é a mão de Deus estendida a pecadores miseráveis. A fé é a mão do pecador estendida para segurar na mão de Deus” (H. W. Lowe, *Review and Herald*, 3/09/1953).

“A graça de Deus estende misericórdia aos que não a merecem e Ele adota em Sua família os que não pertencem a ela por nascimento natural” (W. G. Murdoch, *ibid.*, 21 de abril de 1960).

GRAF, HULDREICH F. (1855-1946). Evangelista, missionário, *Pastor e professor. Nasceu no dia 08 de julho de 1855, na Posnância, Alemanha. Ainda moço, com 14 de anos de idade, emigrou para os Estados Unidos, onde conheceu a mensagem Adventista, sendo

batizado. Ocupou nos Estados Unidos diversos cargos como professor e Pastor.

Em 1895, chegando dia 20 de agosto, foi enviado ao Brasil pela *Associação Geral, onde se dedicou ao trabalho evangelístico (1895-1903) e serviu como presidente da Missão Brasileira (1902-1903). Foi o primeiro Pastor ordenado a trabalhar em terras brasileiras. Por ocasião da organização da *União Sul-Americana, em 1906, ele se tornou presidente da *Associação Sul Rio-Grandense da IASD. Durante 12 anos de permanência no Brasil, batizou mais de 1.400 conversos, milhares de estudos bíblicos e pregações, organizou muitas igrejas e escolas com movimentos para os quais contribuiu financeiramente no Sul do país. Com poucos recursos, ajudou a fundar várias escolas que convergiram para o desenvolvimento e estabelecimento de *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista da Ensino (IAE/SP). Ajudou também na fundação da primeira Casa Publicadora Adventista no Brasil. Foi responsável pela formação de muitos obreiros na causa de Deus.

Em 1907, retornou aos Estados Unidos e trabalhou em Minnesota, Ohio, Califórnia, por dois anos. Por volta de 1915, foi jubilado e retornou ao Brasil para ficar mais perto de seus filhos.

Faleceu em Taquari, com 91 anos, na noite de 04 de dezembro de 1946.

GRANDE DESAPONTAMENTO, O

GRANDMAISON, ANTONIETTE (1891-1978). Educadora. Nasceu na Bélgica em 1891. Casou-se em 1911 com Armaud Grandmaison, de cuja união nasceu Paul, o único filho do casal. Em 1912 tornou-se membro da Igreja Adventista do 7º dia.

Em 1932, veio para o Brasil, dirigindo-se para Taquara, RS, onde fixou residência. Começou a lecionar Francês no antigo *Ginásio Adventista de Taquara (GAT), atual *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), onde permaneceu até 1935, quando veio para São Paulo e iniciou atividades no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Educadora por excelência, sempre aliou o ensino de sua disciplina à formação espiritual de seus alunos. Trabalhou até 1957, desfrutando 20 anos de sua jubilação.

Faleceu no dia 14 de maio de 1978, aos 87 anos de idade.

GRAVADORA BOA MÚSICA SOM E IMAGEM LTDA (GBM). Gravadora pioneira na obra de divulgação de música sacra na Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil. Fundada em 1958, por Elias Reis de Azevedo, a gravadora surgiu de um sonho acalentado durante muitos anos, em uma época em que todo o patrimônio musical sacro era importado. A idéia de se gravar discos contendo músicas espirituais de nosso meio foi, aos poucos, sendo acatada por nossos irmãos. A revista *O Colegial* (anuário de todas as atividades do IAE) serviu como veículo divulgador das idéias de Elias Reis de Azevedo.

O primeiro disco, gravado no Estúdio Continental, foi lançado em 1958 e consistia de um compacto do Coral Carlos Gomes, interpretando as músicas mais cantadas na época.

Em 1962, surgiu o **Quarteto Arautos do Rei* e Elias empenhou-se no trabalho de lançamento dos discos de *A Voz da Profecia em sua fase inicial, gravando os seguintes LP's: *Hei de Estar na Alvorada* (1962), *Música Celeste* (1965), *Caminhando* (1966), *Pensando em Ti* (1970).

Apesar das dificuldades, a Gravadora Boa Música continuou a produzir gravações de ótimo nível e, uma de suas produções mais relevantes é, sem dúvida, a *Bíblia Sonora*, coleção audiovisual sobre histórias da Bíblia. A *Casa Publicadora Brasileira firmou um contrato

com a GBM para a divulgação deste material, através do trabalho de *Colportagem, durante quinze anos.

Outros materiais também foram produzidos pela GBM tais como os *Hinários *Louvores do Coração*, a coleção de *slides O Desabrochar do Mundo Novo*, postais e marca-páginas com pensamentos bíblicos, pioneiros no gênero, no Brasil.

Os discos da GBM têm sido exportados para o mundo todo. São tocados nas principais rádios evangélicas do mundo. Têm-se utilizado esses discos na Índia, Portugal, Estado Unidos, África, América do Sul, além de outros países.

Até 1988, a GBM já gravou 112 long-plays e 50 compactos. Os recursos financeiros da gravadora estão para a construção de um colégio agrícola independente a nível de 1º e 2º Graus em regime de internato e externato.

GREGORY, ABEL LANDERS (1867-1950). Médico missionário independente, pioneiro na América Latina. Uniu-se à Igreja Adventista na idade de 21 anos e pouco mais tarde, iniciou seus estudos no Hospital e Faculdade Hannemann na Califórnia. Dois anos após concluir o curso, ele e sua esposa, Lulu filha de J. O. Corliss, ofereceram-se voluntariamente para vir ao Brasil como missionários médicos independentes. Como missionário, trabalhou por sete anos (1902-1909) e, posteriormente, no Sanatório River Plate na Argentina por um breve período (1909-1910). Voltando aos Estados Unidos, assumiu a direção do Sanatório Graysville (1910-1911), porém logo foi para o México e assumiu o setor de tratamentos no Sanatório Guadalajara - (1912-1914). Em 1914 foi para a Flórida onde dirigiu o Sanatório Orlando por um ano e então trabalhou com um grupo evangelista na Flórida e na Califórnia (1919-1921), partiu para seu último posto de serviço missionário evangelista independente. Além de praticar medicina ajudou a fundar a Academia Industrial de Honduras.

GROESCHEL, CLARA DIAS. Obreira da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu em 1907 e casou-se em Rodolpho Groeschel, trabalhou mais de 20 anos na CPB.

Faleceu no dia 31 de janeiro, aos 72 anos de idade, em Santo André, SP.

GROESCHEL, MAX (1874-1955).

Nasceu no dia 04 de dezembro de 1874, em Pennig, Alemanha. Vindo para o Brasil em 1910, estabeleceu-se em Santa Catarina, depois de ter trabalhado alguns anos na Casa Publicadora de Hamburgo.

Em 1913, passou a trabalhar na *Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, atual *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nos longos anos que aí trabalhou, dirigiu a seção da “Composição”. Quem se lembra dos tempos em que a Casa não possuía ainda linotipos, tendo de ser feita a mão toda a composição, letra, saberá avaliar o trabalho que representa a feitura de um livro como por exemplo, entre outros, *O Lar e a Saúde da Família*, todos compostos por Max Groeschel.

Aposentado desde 1949, faleceu no dia 27 de maio de 1955, aos 81 anos de idade em Santo André, SP.

GROESCHEL, OTTO MAX (1896-1962). Missionário pioneiro. Nasceu no dia 12 de julho de 1896 em Leipzig, Alemanha.

Ainda menino veio com os pais para o Brasil, para trabalharem, pai e filho na *Sociedade Internacional de Tratados no Brasil”; hoje *Casa Publicadora Brasileira. Casou-se em 1920 com Ida Storch de cuja união nasceram 4 filhos: Waldemar, Hilda, Helena e Heloísa Wanda.

Trabalhou cerca de 50 anos na Organização Adventista. Prestou fiel e eficiente serviço nas seguintes instituições missionárias: Casa Publicadora Brasileira, *Conferência Rio-Grandense; *Missão Rio de

Janeiro; *Missão Este-Mineira e Sergipe; *Missão Nordeste e *Educandário Nordestino Adventista (ENA).

Faleceu no dia 27 de abril de 1962, aos   anos de idade, de infarto agudo em São Paulo, SP.

GRUPO DE EMPRESÁRIOS E PROFISSIONAIS LIBERAIS ADVENTISTAS (GEPLA). Foi criado com a finalidade de levar o *Evangelho às altas camadas da sociedade paulista.

No dia 7 de outubro de 1976, reuniram-se no Hilton Hotel, a fim de votarem os estatutos. Foi escolhida uma diretoria provisória, formada pelas seguintes pessoas:

Presidente: Dr. Wilson Rossi;

Vice-Presidente: Dr. Cordeiro;

Secretário: Prof. Josué Gouveia.

GRUPO DE TEIXEIRA SOARES, PR. Localiza-se na Rua Souza Neves s/n, no município de Teixeira Soares, PR. Composto de aproximadamente 30 membros batizados, pertencente ao Distrito de Ponta Grossa - Nova Rússia, e à *Associação Paranaense da IASD.

O grupo surgiu no ano de 1910 com a liderança do trabalho pelo Pr. Luíz Brown, sendo que as reuniões foram realizadas em um salão e também durante um ano na casa do Sr. Ciro Amâncio dos Santos e outro no lar da Srª. Palmira Santos Justus. No ano de 1982, foi iniciada a construção do templo utilizado atualmente.

A igreja recebeu a colaboração também dos seguintes Prs. distritais: Germano Streithorst, Artur Westphall, Roberto Rabello, Manoel Kümpel, Dermival Martins, Edson Michiles; Antenor Cruz; Tércio Duarte; José Rogério de Melo; Altair Jubanski; Valdir Tavares; Altair Godk; Samuel Ferreira; Mauro Bueno.

GUTZEIT, ELZA (1900-1982). Professora pioneira. Nasceu no dia 22 de fevereiro de 1900. Formou-se no curso Normal pelo Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Casou-se com Emílio Gutzeit de desta união nasceram três filhos: Ervino, Lindolpho e Ruth Will.

Logo após a formatura, o casal partiu para a ilha do Bananal (GO), onde abriram uma missão entre os índios Carajás, além de uma escola e um grupo Adventista.

Em 1929, retornaram ao CAB, onde trabalhou como preceptora. Seguiram depois para o Espírito Santo, permanecendo nesse Estado por onze anos, período em que ela lecionou em escolas adventistas. Foi também a primeira professora do *Educandário Espírito-Santense Adventista (EDESSA).

Em 1950, logo após a morte de seu esposo, mudou-se para a Transamazônica em companhia dos filhos que ali estabeleceram uma fazenda. Contribuiu diretamente para a fundação de uma escola da atual igreja da Medicilândia, Amazonas.

Em 1977, seus filhos: Ervino e Lindolpho tomaram a iniciativa de estabelecer o *Instituto Adventista da Transamazônica Agro-industrial (IATAI), em terras concedidas pelo governo. Com quase 80 anos, Elza passou a lecionar Inglês e História Sagrada no recém formado instituto.

Em 1980, aposentou-se, resolvendo morar em sua fazenda perto do IATAI.. Continuou dedicada à pregação do Evangelho, levando vinte e três vizinhos ao batismo. Nessa época traduziu a biografia de *Ellen G. White. Faleceu no dia 7 de junho de 1982, aos 82 anos de idade, no IATAI.

— H —

HAESBERT, ARTUR (-1966). Pioneiro no Rio Grande do Sul. Converteu-se em 1944 e desde então foi sempre um batalhador da mensagem do *Advento. Durante alguns anos, fez parte da Mesa Administrativa da *Associação Sul-Rio-Grandense da IASD.

Fundou diversos grupos e por muito tempo foi *Ancião da Igreja de Esteio. Ajudou também a cuidar das IASDs de São Leopoldo, Matias Velho e Estância Velha.

Faleceu em 1966, em Esteio, RS.

HAHN, FRANKLIN B. (-1853). Médico de Canandaigua, Nova Iorque, presidente da comunidade local e secretário da Sociedade Médica do Condado de Ontário e *Milerita. Como um bom estudante da Bíblia, ele se uniu a *O. R. L. Crosier e *Hiram Edson em intenso estudo da doutrina do *Santuário, durante o inverno de 1844-1845. Foi nessa casa que Crosier escreveu suas descobertas sobre o assunto.

Hahn publicou o *Day-Dawn* (que Crosier editou) e, juntamente com Edson, financiou o **Day-Star* Extra contendo o artigo de Crosier. Ele aceitou o sábado com Edson, mas em 1851, retornou à maioria que guardava o domingo.

HAHNFELD, ERNESTO (1889-1917). Missionário Pioneiro no RS. Nasceu no dia 03 de fevereiro em 1889 em Berlim, Alemanha. Recebeu educação adventista na casa dos pais e freqüentou, durante alguns anos, o Seminário Adventista de Friedensau.

Completando o curso de missionário, chegou ao Brasil em 1908, tomando parte ativa na pregação do *Evangelho no Estado do Rio Grande do Sul.

Casou-se em 1910 com Amélia Scheffel, e desta união nasceram dois filhos. De 1912 até 1917 atuou como diretor de um colégio elementar em Porto Alegre, RS.

Faleceu no dia 17 de janeiro de 1917, aos 28 anos de idade, em Porto Alegre, RS.

HALE, APOLLOS. Ministro Metodista, pregador e escritor *Milerita, editor associado do **Signs of The Times* e seu sucessor, o *Advent Herald*. Profundo pensador e escritor crítico e cauteloso, ele era notável por sua clareza e lógica. Ele auxiliou *Charles Fitch a preparar o “diagrama de 1843”, utilizado pelos pregadores Mileritas, e escreveu artigos, folhetos e um *Manual do *Segundo Advento.*

Juntamente com outros, Hale concluiu que o ano “judaico de 1843” de *Guilherme Miller deveria encerrar-se não no final do equinócio da primavera, mas na lua nova de abril, de acordo com o calendário judaico Caraíta. Ele também concluiu que o final dos 2.300 anos seria no ano judaico seguinte e esperava por seu término no décimo dia do sétimo mês judaico, no outono.

Por algum tempo após o *desapontamento de 22 de outubro, ele manteve a validade do “verdadeiro *Clamor da Meia-Noite” e uniu-se a Joseph Turner (co-editor do *The Hope of Israel*, em Portland, Maine) na edição do *The Advent Mirror* (início em 1º de janeiro de 1845), que apresentava a interpretação pessoal de ambos sobre a *Parábola das *Dez Virgens, isto é, a vinda do Noivo às bodas não significava, como eles pensavam, a vinda de Cristo como Rei, mas sim sua vinda até o Ancião de Dias para receber Seu reino antes de vir à Terra para os Seus santos, o que ocorreria no fim dos 2.300 dias.

> A vinda do Noivo apontaria alguma mudança de atividade ou função, da parte de nosso Senhor, no mundo invisível; e a entrada das [virgens] com Ele corresponderia

> a uma mudança da parte de Seu povo verdadeiro. Com Ele, acontece dentro do véu — onde Ele foi preparar um lugar para nós; com eles, ocorre fora do véu, onde eles esperam e se mantêm preparados até passarem para as bodas (p. 3)

Os adventistas, explicavam eles, tendo indo se encontrar com seu Senhor em 1843, cochilaram ao o Noivo demorar-Se, e então acenderam suas lâmpadas em resposta ao “verdadeiro clamor da meia-noite” da mensagem do sétimo mês. Desde 22 de outubro, eles tinham estado esperando pelo Noivo retornar das bodas ou tinham ido comprar azeite; o Noivo poderia ser esperado a qualquer momento.

Logo após, Hale escreveu um artigo no *Advent Herald* explicando essa idéia e acrescentando que a parábola não se encerra com os eventos que devem ocorrer na vinda de Cristo, pois quando Ele aparece, é para executar o *Juízo. “Não pareceria coincidir muito naturalmente com o *julgamento* legal que precede a execução, (o julgamento que se inicia pela casa de Deus)” (reimpresso na *Review and Herald*, 16 de setembro de 1851).

Após a primavera de 1845, Hale identificou-se com a maioria de Adventistas e parou de ensinar essas idéias divergentes.

HALLIWELL, JESSIE (1894-1962). Enfermeira e pioneira na Região Norte-Brasileira. Estudou enfermagem em Lincoln, Estados Unidos e se formou no dia 1º de outubro de 1916.

No dia 3 de outubro de 1916 Jessie Rowley casou-se com o engenheiro *Leo Blair Halliwell, de cuja união nasceram dois filhos, Jack (1918) e Marian (1922).

Em 15 de outubro de 1921, juntamente com o esposo e o filho Jack, embarcou para o Brasil, chegando ao seu destino quinze dias depois.

Trabalhou fiel e dedicadamente como enfermeira, curando e aliviando a dor de todos com que entrava em contato. A enfermagem era seu dom e, juntamente com o cuidado dispensado ao doente, dedicava-lhe muita atenção e carinho e infundia-lhes ânimo e fé em *Deus, tão necessários à recuperação.

Jessie influenciou muitos jovens a entrarem para os colégios adventistas e a estudarem a fim de trabalhar na obra do Senhor. Quando não alcançavam o suficiente para pagar os estudos ela os ajudava financeiramente, e, muitas vezes, recorria à sua terra natal para obter auxílio financeiro para os outros, quando ela mesma não dispunha dos meios.

Sua dedicação foi reconhecida pelo Governo Brasileiro, que a condecorou com uma comenda de ordem do Cruzeiro do Sul, outorgada pelo Presidente da República com a aprovação do congresso exclusivamente as estrangeiros que o Governo Brasileiro considera como tendo prestado grandes benefícios ao Brasil. Jessie foi a primeira mulher a ser condecorada com essa comenda no Brasil.

O casal Halliwell trabalhou em lanchas missionárias no vale do Amazonas, atendendo as populações carentes da região.

Em 04 de julho de 1931, Jessie batizou a primeira lancha Luzeiro I e nela trabalhou durante vários anos.

Durante 36 anos, atuou como missionária no Brasil. Em 1958, retornou aos Estados Unidos, não cessou sua atividade neste sentido.

Faleceu em outubro de 1962 aos 58 anos de idade e sobre a lápide de sua tumba está desenhada uma pequena lancha-missionária e abaixo lêem-se as seguintes palavras: *Ela cumpriu sua missão de amor*.

HALLIWELL, LEO BLAIR (1892-1967). Missionário da obra médica para o Brasil. Nasceu no dia 15 de outubro de 1892, em Odessa, Nebraska. Aceitou a mensagem do advento através dos esforços de O. O. Bernstein e tornou-se instrutor bíblico de Iowa. Durante esse tempo,

organizou uma *Escola Sabatina que se desenvolveu na igreja de Charles City.

No dia 03 de outubro de 1916, casou-se com Jessie Rowley e desta união nasceram 2 filhos: Jack e Marian.

Em 1921, ele e sua esposa, foram chamados para servir no Brasil, o lugar de seu trabalho por 38 anos.

Depois de 7 anos no Estado da Bahia, os Halliwell foram chamados para o Leste depois para o Norte do Brasil onde havia apenas 03 membros da igreja, na imensa área ao redor de Belém. Em uma viagem exploratória de barco e canoa ao longo do Rio Amazonas, o jovem missionário consternou-se ao descobrir a pobreza, a superstição e as doenças do povo daquela região.

Profundamente impressionado, Halliwell faz um apelo para conseguir uma lancha que alcançasse os 2 milhões de habitantes ao longo de 40 mil milhas de rios navegáveis formadores da Bacia Amazônica. Os fundos foram doados pelas sociedades MV da América do Norte e do América do Sul.

Após gastar parte do tempo de sua licença, em 1930, fazendo um curso sobre doenças tropicais, Halliwel retornou ao Brasil. Fez um projeto de um barco medindo 30 pés de comprimento por 10 de largura. De picareta na mão, ele mesmo saiu pelas matas da Amazônia para construir a estrutura do barco. Ele, também, instalou o motor e a fiação e começou a pilotar a sua clínica aquática por 30 anos, a *LUZEIRO*, subindo e descendo as mil milhas de rio entre Belém e Manaus, cobrindo mais de 12 mil milhas por ano. Leo e Jessie trataram mais de 50 mil brasileiros e índios, vítimas de doenças tropicais e outras, assim como espalharam a mensagem adventista entre grande número de pessoas.

A princípio, os nativos ribeirinhos assustaram-se diante da imensa "canoa", mas o som da música do fonógrafo logo os fez sair de seus esconderijos extasiados. Assombraram-se, também, com o efeito do quinino sobre a malária que dizimava suas aldeias.

A princípio Halliwell comprava medicamentos com os poucos recursos da missão. Mais tarde, recebeu suprimento dos médicos e farmácias dos EUA e dos departamentos de saúde pública dos Estados do Pará e Amazonas. Um de seus grandes serviços foi alertar o governo brasileiro para o fato de que seu povo é mais importante do que seus recursos naturais e a compreensão de que o estado de saúde desse povo poderia decidir para a futura prosperidade do país. Em reconhecimento aos serviços prestados por Halliwell, o governo brasileiro premiou-o com a distinta Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Em 1942, sem recursos disponíveis, Halliwell realizou um sonho há muito tempo acalentado quando abriu uma pequena clínica em Belém com apenas um médico brasileiro. Em 15 anos tornou-se num bem equipado hospital de 40 leitos.

Com idade de 65 anos, Leo Halliwell, aceitou um chamado para o Rio de Janeiro para supervisionar agora o bem desenvolvido trabalho de *Lanchas médicas adventistas na América do Sul.

Faleceu no dia 19 de abril de 1967, aos   anos de idade, na Califórnia, Estados Unidos.

HANS, GÜNTHER (1924-1991). Médico e administrador. Nasceu no dia 28 de dezembro de 1924, em Goslar, Alemanha. Veio para o Brasil com sua família em 1926.

Em 1942, ingressou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Em 1952 graduou-se em História Natural pela Universidade Federal do Paraná, também iniciando seus estudos de Medicina que concluiu em 1957.

Casou-se com Lygia Leoni Müller Hans no dia 05 de setembro de 1953, e desta união nasceram 3 filhos: Günter Filho, Paulo Roberto e Marcos Hans.

Em fins de 1959, aceitou o chamado como médico-missionário, tornando-se membro do Corpo Clínico da *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

De 1960 a 1973, exerceu a função de Diretor-Clinico e administrativo do *Hospital Adventista do Pênfigo, em Campo Grande, MS.

Em 1968, foi agraciado com o título de Cidadão Campo-Grandense pela Câmara Municipal.

Em 1974, foi trabalhar como médico e Diretor Clínico do Hospital São Julião, hospital para hansenianos, em Campo Grande, MS, onde permaneceu até 1986.

Pertenceu ao quadro docente pioneiro da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, responsável pela matéria de Dermatologia e Moléstias Infecto-contagiosas. Desenvolveu trabalho científico na área de Dermatologia, apresentados em vários simpósios nacionais e internacionais.

Foi aluno da Escola Superior de Guerra do Ministério do Exército; Presidente-fundador da Sociedade Brasileira de Dermatologia; Sócio-Fundador do Rotary Club - C. G. Norte e o título máximo de Sol 26º Quarteirão de Amigos.

Faleceu no dia 15 de dezembro de 1991 em São Paulo. O sepultamento foi realizado em Campo Grande, MS, onde residia. A cerimônia fúnebre foi realizada na Igreja Central de Campo Grande, MS.

HARDER, ABRAHAM CLASSEN (1889-1983). Pioneiro fundador do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Nasceu no dia 7 de março de 1889, em um lar Adventista, em Buhler, Kansas (EUA), num lar adventista. Obteve educação em escolas fundadas por seu pai. Em 1910 cursou o Seminário Teológico Alemão, no Missouri.

Em 27 de maio de 1911 casou-se com *Mary Voth Harder e desta união nasceram: Leon Mozart, Palmer Wilbert e Neander Calvin Harder.

Após o casamento, Abraham ingressou na obra evangelística, em uma série de conferências em Kansas. Após dois meses foi chamado ao Canadá. Por dois anos lecionou numa Escola Primária e nos nove anos seguintes atuou como professor em Tacombe, Alberta, Canadá.

Em outubro de 1922 aceitou um chamado para trabalhar no Brasil, onde deveria ser Presidente da *Associação Sul-Rio-Grandense da IASD.

Em 1929, o casal Harder mudou-se para Taquara, RS. Com a herança recebida de seus pais falecidos, Mary adquiriu terras para a nova escola educacional em projeto: “Colégio Cruzeiro do Sul”, hoje IACS. Por 10 anos, o casal trabalhou em favor do estabelecimento da escola. Abraham exercia cargos de administração e professorado e sua esposa atuava como preceptora, chefe de cozinha de lavanderia e costureira.

Abraham recebeu outro chamado para trabalhar no Campo da *União Este Brasileira da IASD, onde atuou por 8 anos.

Em 1948, regressou aos Estados Unidos. A Associação Central da Califórnia o chamou para trabalhar neste campo e em 1956, aposentou-se, após 45 anos de atuação na Obra Adventista.

Faleceu no dia 15 de maio de 1983, aos 94 anos de idade no Lar da Velhice.

HARDER, MARY VOTH (1890-1986) Pioneira, co-fundadora do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Nasceu no dia 07 de fevereiro de 1890 em Parker, Estado de South Dakota, nos Estados Unidos. Era filha de Abraham e Sarah Voth.

Obteve formação educacional no Seminário Adventista em Clinton, Missouri, Estados Unidos, onde também encontrou aquele que seria seu futuro esposo.

Em 27 de maio de 1911, casou-se com *Abraham Classen Harder e desta união nasceram: Leon Mozart, Palmer Wilbert e Neander Calvin Harder.

Após o casamento, iniciaram sua vida no evangelismo em Kansas, onde estava sendo realizada uma série de conferências. Depois de dois meses, receberam o chamado para o Canadá. Por dois anos ele lecionou numa Escola Primária e nos nove anos seguintes como professor do Colégio Adventista em Tacombe, Alberta Canadá. Durante 11 anos, Mary foi responsável pelas atividades da cozinha sem receber nenhuma remuneração.

Em outubro de 1922, eles aceitaram um chamado para trabalhar no Brasil, onde ele deveria ser o Presidente da *Associação Sul Rio-Grandense da IASD.

Em 1929, Abraham e Mary mudaram-se para Taquara, no RS. Com a herança recebida de seus pais falecidos, Mary comprou a terra para a nova escola educacional: “Colégio Cruzeiro do Sul”, hoje, *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul” (IACS). Por 10 anos o casal trabalhou para estabelecer essa instituição. Abraham exercia cargos de administração e professorado da escola, sua esposa como preceptora, como chefe de cozinha, da lavanderia, também costureira, para melhor servir aos alunos estudantes. Hoje, esse estabelecimento cresceu e tornou-se uma das maiores escolas secundárias da Obra Adventista no Sul do Brasil.

O casal Harder recebeu outro chamado a fim de trabalhar no campo da *União Este Brasileira da IASD, onde trabalhou por oito anos.

Em 1948, regressaram à sua terra natal, nos Estados Unidos. A Associação Central da Califórnia o chamou para trabalhar neste campo e em 1956, aposentou-se aos 45 anos de atuação na Obra Adventista.

Faleceu no dia 9 de janeiro de 1986, aos 96 anos de idade.

HARDT, JOHN DAVID (1898-1971) *Preceptor, professor e departamental. Nasceu no dia 06 de junho de 1898. Fundou o *Instituto Teológico Adventista (ITA), atual *Instituto Petropolitano de Ensino (IPAE).

Trabalhou por muitos anos como missionário na *Associação Sul-Rio-Grandense e na *Associação Paranaense (na época Associação Paraná - Santa Catarina) e no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde foi preceptor e professor.

Também atuou como departamental dos MV e Educação da *União Este-Brasileira da IASD. Em abril de 1941, regressou aos Estados Unidos.

Faleceu no dia 12 de janeiro de 1971 aos 72 anos de idade.

HARMON, ELLEN GOULD. Veja **White, Ellen Gould.**

HARTMAN, GEORGE ERNEST (1879-1951). Pioneiro tesoureiro. Nasceu a 21 de outubro de 1879, em Williamsporte, Pensilvânia.

Em 1897 iniciou o trabalho de estenógrafo da Associação de Publicações da *Associação Geral da IASD, em Battle Creek. Em 1908 assumiu a responsabilidade de guarda-livros da Associação de Pensilvânia e no ano seguinte partiu como missionário para Buenos Aires, Argentina.

Veio para a América do Sul em 1909 e trabalhou aqui durante 32 anos: primeiro na Argentina e depois no Brasil, onde foi por 15 anos tesoureiro da *União Sul-Brasileira da IASD. O último posto que ocupou foi o de tesoureiro da *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

A saúde debilitada obrigou-o a retirar-se do serviço ativo voltando para a Califórnia em 1941. Nos últimos 3 anos de sua vida viveu com a

família em College View. Apesar de sua idade avançada, aonde quer que fosse sempre participava ativamente nos trabalhos da igreja.

Faleceu no dia 10 de novembro de 1951, aos 72 anos de idade em Lincoln, Nebraska, Estados Unidos.

HARTWIG, LEOPOLDO (1906-1929). Missionário entre os índios. Nasceu no dia 16 de setembro de 1906 no Canadá, vindo com seus pais para o Brasil em 1928.

Um ano após sua chegada ao Brasil, foi convidado a trabalhar na *Missão dos Índios do Araguaia, como mecânico e encarregado dos transportes. Nesse cargo, prestou os mais satisfatórios serviços, apesar de ter sido por pouco tempo.

Possuía grande estima entre os índios, pois foi o primeiro missionário a dar a vida por este povo necessitado. A família missionária conservou a certeza de que ele terá parte na primeira *Ressurreição, visto que sua vida estava em harmonia perfeita com sua profissão.

Faleceu no Araguaia em 1929, aos 34 anos de idade.

HASKELL, STEPHEN NELSON (1833-1922). Evangelista, administrador. Ele começou a pregar para os Adventistas não-sabatarianos na Nova Inglaterra em 1853 e mais tarde no mesmo ano, ele começou a guardar o *Sábado. Em 1850, casou-se com Mary How, que em 1869, auxiliou na organização da primeira *Sociedade Missionária Vigilante*. Após trabalhar com seus próprios meios na Nova Inglaterra, em 1870 ele foi ordenado e tornou-se presidente da Nova Associação da Nova Inglaterra (1870-1876, 1877-1887). Em 1870, ele organizou a primeira Sociedade Missionária de Folhetos e posteriormente organizou sociedades semelhantes em várias partes do Leste dos Estados Unidos. Ele foi presidente da Associação da Califórnia (1879-1887) e também da

Associação do Maine (1884-1886) durante aquele período e parte daquele tempo esteve fora dos EUA.

Em 1885, ele era o líder de um grupo que foi enviado para iniciar a obra na Austrália. Sua pregação na Nova Zelândia teve seu clímax pela formação do primeiro grupo de ASD naquele país. Em 1887, juntamente com três instrutores bíblicos, ele iniciou o trabalho em Londres, Inglaterra, e organizou uma igreja lá. Ele fez uma viagem ao redor do mundo em favor da obra missionária em 1889-1890, visitando a Europa Ocidental, o Sul da África, Índia, China, Japão e Austrália. Em 1918, uns 28 anos mais tarde, em um relato à *AG*, ele contou que naquela *tournée*, ele batizou um indivíduo na China e outro no Japão, os primeiros membros nesses países (*Review and Herald*, 14 de dezembro de 1922). Nenhum outro registro desses batismos existe e nenhum historiador da história denominacional os mencionam. Ele foi novamente presidente da Associação da Califórnia de 1892-1894. Sua primeira esposa morreu em janeiro daquele ano. Novamente na Austrália (1896-1899), ele se dedicou à obra evangelística e ensinou religião na escola em Avondale. Enquanto esteve lá, casou-se com Hetty Hurd, em fevereiro de 1897. Outro dos “primeiros” de Haskell foi a organização da primeira igreja negra na cidade de Nova Iorque (1902). Após isso, ele realizou uma série de classes de treinamento bíblico e séries evangelísticas no Tennessee e Califórnia, e mais uma vez atuou como presidente da Associação da Califórnia (1908-1911).

Ele liderou a obra de *Temperança no Maine (1911), começou a publicar livros para os cegos (1912) e auxiliou no desenvolvimento do Hospital Memorial White (1916). Até próximo à data de sua morte, ele assistia às campais e promovia a obra da denominação. Seus livros incluem *A História de Daniel o Profeta*, *A História do Vidente de Patmos* e *A Cruz e Sua Sombra* (nenhum em português).

HEINRICH, CARLOS (1886-1963). Obreiro voluntário, médico, pioneiro da Mensagem Adventista no norte de Goiás. Nasceu no dia 2 de julho de 1886 em Hannover, Alemanha. Na sua cidade natal estudou medicina e em Friedensau cursou Teologia.

Veio para o Brasil em 1909 e em 1912 casou-se com Maria Richert, de cuja união nasceram 4 filhos: Elza, Helmuth, Reid e Carlos.

Algum tempo após seu casamento, penetrou no Norte goiano, onde entusiasticamente pregou o *Evangelho. No seu ardor evangelístico, fez longas e repetidas viagens a cavalo em companhia de sua esposa. Alcançou até margens do Araguaia. Foi fundador da maior igreja adventista do norte do estado de Goiás - Riachão, onde 25 pessoas foram batizadas no primeiro *Batismo. Em muitos lugares desta região, podemos encontrar frutos do trabalho deste pregador voluntário (ele não era assalariado).

Faleceu no dia 21 de agosto de 1962, aos 77 anos de idade. Foi sepultado em Riachão.

HENSCH, ERNESTO (1844-1933). *Colportor pioneiro. Nasceu em 1844. Foi batizado em 1900 e atuou como colportor pioneiro no Brasil.

Faleceu no dia 14 de fevereiro de 1933, aos 89 anos de idade, em Curitiba, PR.

HERESIA DA CARNE SANTA. Ensino que apareceu em Indiana em 1900, envolvendo o presidente da Associação e alguns outros obreiros. Afirmavam que, assim como Cristo adquiriu a “carne santa” no Getsêmani como a carne de Adão antes da Queda, de igual modo os crentes, quando revitalizados pelo *Espírito Santo, nunca pecariam novamente e nunca morreriam. Sua pregação era acompanhada por gritos e prostrações ao chão (II *ME*, p. 34). *Ellen G. White falou

vigorosamente contra tal movimento, o qual comparou a um fanatismo primordial em um seguimento dos Adventistas no fim de 1844 (*ibid.*, 31-35*; Boletim da *Associação Geral (AG),* 1901, p. 421*).* O movimento logo esmoreceu.

HERMANSON, MÁRIO (1911-1942). *Pastor e tesoureiro. Nasceu no dia 28 de fevereiro de 1911, em Ribeirão Preto, SP. Ainda bem jovem, matriculou-se no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Diplomou-se em Teologia, em 1930 e então casou-se com Alice Wilfart, filha do Pr. *Ricardo Wilfart.

Principiou suas atividades como auxiliar de escritório na *Associação Paulista da IASD. Em 1933 foi transferido para o Rio de Janeiro, ocupando o mesmo cargo naquela missão, onde mais tarde exerceu interinamente as funções de tesoureiro. Em 1937 foi transferido para Recife como tesoureiro efetivo, porém o clima do Nordeste afetou-lhe um pouco a saúde, no entanto, a fidelidade ao dever, sempre o levou a ir aonde fosse enviado.

Em 1939, chegou-lhe o chamado para assumir o cargo de tesoureiro neste campo, tendo como presidente o Pastor *Rodolfo Belz, no qual permaneceu até 1941, quando a direção do CAB, o convidou para o desempenho das funções de tesoureiro. Sua passagem pela tesouraria do colégio foi das mais brilhantes. A situação financeira do estabelecimento melhorou sensivelmente. O diretor, Prof. *Domingos Peixoto da Silva, sentiu-se honrado por ter ao seu lado um hábil administrador.

Entretanto, a saúde de Mário começou a fraquejar, devido aos pesados encargos que possuía. Quando a grave moléstia que o acometeu se manifestou, poucas semanas de vida restavam ao dedicado colega.

Faleceu no dia 03 de dezembro de 1942, aos 31 anos de idade, tendo uma confiança inabalável na *Ressurreição dos justos, quando Jesus voltar.

HEWITT, DAVID (1805-1878). Primeiro ASD em Battle Creek Michigan. Ele destaca-se na história ASD principalmente pela interessan história de seu primeiro encontro com os ASD. Sendo vendedor ambulante Presbiteriano ele foi indicado a José Bates como o homem mais honesto n cidade de Battle Creek. Aceitou as doturinas ASD, sendo um dos primeiro não-Mileritas a unir-se ao grupo. Foi batizado no mesmo ano juntamente co John Harvey Kellogg. Ele pregou ocasionalmente, como parece, ambora Bate o tenha chamado um dos "professores públicos assumidos" em Michigan. El escreveu várias cartas para a *Review and Herald* e contribuiu com artigo doutrinários curtos. Quando se discutia formalmente um nome para a Igreja, el foi o primeiro a propôr: "tomemos o nome Adventistas do Sétimo Dia," embor a proposta tenha sido mais tarde retirada e reformulada.

HIDROTERAPIA. Veja **Fisioterapia.**

HIMES, JOSUÉ VAUGHAN (1805-1895). Grande publicitário, promotor e organizador do *Movimento Milerita e, em vários sentidos, seu líder. Ele nasceu em Rhode Island, e foi para New Bedford, Massachusetts, a fim de aprender uma profissão. Em 1825, ele entrou no ministério na Associação Cristã de Massachusetts. Ele lutou intrepidamente contra o tráfico de bebidas alcoólicas e foi assistente de William Lloyd Garrison em uma batalha contra a escravidão. Sua Capela da Rua Chardon tornou-se a sede para todas as espécies de reuniões de reforma.

Em novembro de 1839, Himes convidou *Guilherme Miller para realizar uma série de reuniões em sua Igreja. Himes se convenceu dos

pontos gerais do ensino de Miller e sentiu como um fardo levar essa mensagem perante o povo. Ele perguntou a Miller porque ele não tinha ido para as grandes cidades. Miller respondeu que iria somente onde fosse convidado. Himes então lhe disse que se preparasse para uma grande campanha — que as portas seriam abertas em cada Estado da União a Leste do Mississippi.

Himes lançou o periódico *The *Signs of The Times* (Sinais dos Tempos) em 1840, sem patrocínio ou um único assinante sequer e com somente um dólar de capital. Ele publicou uma segunda e uma terceira edição dos *Sermões* de Miller, e ficou responsável pela publicação e distribuição da literatura Adventista. Ele publicou diagramas, folhetos, livros, tratados, hinários, páginas avulsas e boletins.

Na cidade de Nova Iorque, Himes lançou uma publicação diária, o *Midnight Cry* (*Clamor da Meia-Noite), em 1842, em conexão com uma grande série evangelística. Dez mil cópias foram impressas diariamente por várias semanas e distribuídas por garotos. Quando as reuniões se encerraram, a revista continuou a ser publicada semanalmente.

Himes esteve por trás do chamado publicado por um comitê, liderado por Guilherme Miller, para a primeira “*Conferência Geral da IASD Sobre a Segunda Vinda de Cristo” (1840). Ele liderou a abertura da série de reuniões campais e aceitou a tarefa de providenciar uma tenda gigante, grande o suficiente para acomodar milhares de pessoas, para ser usada nas cidades onde não havia Igrejas ou salas para os sermões Mileritas.

Ele não participou do *Movimento do “sétimo mês”, que esperava o Advento de Cristo em 22 de outubro de 1844, mas, como Miller, reconheceu sua validade pouco antes da data.

Após o *Desapontamento de outubro, Himes apegou-se à esperança Adventista mas repudiou o movimento do sétimo mês, ou “verdadeiro clamor da meia noite”, o que ele tinha sido relutante em aceitar.

Himes teve uma parte de liderança na Conferência de Albany, em 1845, na qual o principal corpo de Adventistas tentou formar uma organização permanente. Por alguns anos, após a morte de Miller, ele foi o líder do grupo chamado Associação Milenial Americana (mais tarde conhecida como Adventistas Evangélicos, mas já há muito tempo extintos). Em 1863, tendo abraçado a doutrina da *Imortalidade Condicional, uniu-se ao outro grupo principal, a Igreja Adventista Cristã, e editou uma publicação chamada *Advent Christian Times*. Porém, na década de 1870, ele se separou daquele corpo e entrou no ministério episcopal, no qual permaneceu até sua *Morte. Nesses últimos anos, ele manteve relações geralmente amigáveis com os ASD.

HINÁRIOS ADVENTISTAS. Volumes contendo hinos e cânticos para serem cantados junto com a *Congregação. Alguns hinários tem só a letra dos hinos, outros tem as notas musicais também.

O hinário *"Cantai ao Senhor"* é o hinário oficial da Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil. Atualmente (1995) está sendo reformado.

Em junho de 1918, recebeu um suplemento de 110 hinos.

Em setembro de 1923, foi impresso o novo hinário, dividido em 3 partes: a primeira com hinos extraídos do hinário norte-americano *Christ in Song* ou do hinário alemão *Zions Lieder*, a segunda compunha-se de vários hinos tradicionais e a terceira parte contém os hinos prediletos dos colportores. Um total de 320 hinos, com um índice dos assuntos e outro das primeiras linhas dos hinos.

Em outubro de 1933, foi editado o novo hinário com música, completo, com 333 hinos, distribuídos segundo o assunto em 24 seções. Para esta edição foi preparado um índice geral dos hinos, em ordem alfabética e um índice por assunto, em alemão e inglês.

Posteriormente, a Mesa Administrativa da *Casa Publicadora Brasileira (CPB) decidiu elaborar um hinário para a juventude. Em 1955

surgiu o *Melodias de Vitória*, adaptado aos jovens, com 225 hinos com música e em abril de 1956, foram editados *Louvores Infantis* contendo 250 hinos com música.

Em novembro de 1960, Elias Reis de Azevedo, editou um hinário intitulado *Louvores do Coração*, com 43 hinos, impresso pela CPB, contendo arranjos para solos, duetos, trios e quartetos.

Em 1964, foi publicado o *Louvores Infantis*, sem música, apenas a letra, em tamanho de bolso.

O Pr. Rodolfo Gorski, líder MV da *União Sul-Brasileira da IASD, na época, apresentou a idéia de se ter um novo hinário para os jovens. Foi então lançado em Gramado, RS, o hinário *Vamos Cantar*, vol. 1.

Em dezembro de 1977, no congresso Estadual de São Paulo, foi lançado o volume II do *Vamos Cantar*, com músicas inéditas, cerca de 60 corinhos de compositores adventistas.

A Mesa Administrativa da *Divisão Sul-Americana da IASD, votou em 1982, solicitou ao Departamento J.A. para reeditar o hinário *Melodias de Vitória*, devendo conter cânticos congregacionais, edição com e sem acompanhamento, com 200 cânticos. O editor musical foi o Prof. William Costa Júnior.

Em 1989, foram editados pela Academia Adventista de Arte, no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) dois hinários com músicas exclusivas e selecionadas: *Deus Sabe*, *Deus Ouve*, *Deus Vê* com 12 músicas (Música: Flávio Santos e Letra: Valdecir S. Lima) e *Não Há Outro Igual a Você*, com 15 músicas de arranjos e composições de Flávio Santos

Veja também **Hinologia ASD**.

HINOLOGIA ASD. A hinologia dos ASD pioneiros punha bastante ênfase nas doutrinas distintivas da igreja — o *Sábado e o

*Segundo Advento. A começar em 1849 com *Hymns for God's Peculiar People That Keep the Commandments of God and The Faith of Jesus*, *Tiago White editou cinco hinários e quatro suplementos para seus colegas crentes antes da organização da igreja em 1863. Em acréscimo, sua irmã, Anna White compilou o *Hymns for the Youth and Children*, em 1854.

Enquanto estes hinários pioneiros eram extraídos de hinários Protestantes, os próprios adventistas escreveram 5% dos hinos que publicaram durante este tempo. *Annie R. Smith e *Roswell F. Cottrell eram os mais prolíficos compositores Adventistas daquele período.

O primeiro hinário dos ASD contendo música foi o *Hymns for Those Who Keep the Commandments of God and the Faith of Jesus*, em 1855. A música nos hinários anteriores derivou de três fontes: *psalm-tunes*, Lowell Mason e sua escola e hinos populares ou *white spirituals*. Afim à última categoria estavam as melodias populares que os Adventistas substituíram por palavras religiosas. O hino de *Urias Smith "Land of Light," escrito pela melodia Stephen Foster "*Swanee River"*, apareceu em um suplemento de 1858.

A segunda geração de pioneiros Adventistas, notavelmente, Edson White (filho de *Ellen G. White) e seu primo Frank Belden, acrescentaram variedade, se não qualidade à hinologia Adventista. Edson White foi o primeiro a aprender como imprimir caracteres musicais para os hinários. Ele publicou um número de hinários de temperança e *Escola Sabatina à vezes colaborando com Belden. Ambos eram compositores, e vários hinos de Belden ainda permanecem na hinologia Adventista. Desde 1886 3 volumes dominaram a hinologia adventista. O primeiro foi *Hymns and Tunes*. Oficialmente intitulado *The Seventh-day Adventist Hymn and Tune Book for Use in Divine Worship* (O hinário ASD Para Uso no Culto Divino), a coleção foi compilada entre 1884 e 1886 por uma comissão especial da *Associação Geral da IASD.

Na virada do século, F. E. Belden publicou *Christ in Song*. Este hinário substituiu o *Hymns and Tunes*, e permaneceu como o mais popular entre os Adventistas até 1941, quando foi publicado o atual *Church Hymnal*.

Início no Brasil. A obra Adventista no Brasil começou com os alemães no final do século passado. Assim, na igreja em formação, os hinos eram cantados em alemão, do hinário *Zions Lieder* (Hinos de Sião), que já estava em sua segunda edição. Este hinário continha nada menos do que 1.050 hinos e cânticos. Ao crescer a igreja, surgiu o problema: O que cantarão nossos irmãos recém conversos que nada sabem do alemão? Pela falta de um hinário próprio, os novos adventistas se valiam de hinários de outras congregações evangélicas, tais como o *Cantor Cristão* e *Salmos e Hinos*. Havia até hinos que ensinavam a guarda do domingo e eram inadvertidamente cantados pelos nossos irmãos pioneiros.

Segundo o Dr. Gideon de Oliveira, o Pr. *Guilherme Stein foi o primeiro a traduzir alguns hinos para o português, aproximadamente 15 hinos, cuja lista forneceu ao Dr. Gideon antes de falecer.

Contam os pioneiros que houve uma coletânea (sem música) de 70 hinos, que nunca chegou aos nossos dias, mas que foi inclusive utilizada pelos primeiros alunos do IAE.

Quando o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) estava sendo fundado em 1915, viam-se missionários e futuros poetas. Mas foi em 1919 que a *Casa Publicadora Brasileira (CPB) lançou a primeira edição do antigo *Cantae ao Senhor — Psalmos e Hymnos para Cultos e Solenidades Religiosas*. Além de alguns cânticos extraídos de outros hinários evangélicos, pois já os havia no século passado, o *Cantae ao Senhor* era uma compilação de 321 poesias em português, para serem cantadas com músicas extraídas do *Zions Lieder* e do *Christ in Song*, fruto do trabalho de *Jacob Kroecher, Carlos Rentfro, Mabel C. Gross,

*Albertina Rodrigues Simon (pioneira que também teve importante contribuição em nosso atual *Cantai ao Senhor*, cinqüenta anos depois). Continha 3 partes: a primeira de 283 cânticos e a segunda, 283-307, diversos e a terceira, 308-321, com hinos para os colportores, contendo no final até mesmo o hino do Colégio e do Capão Redondo, onde estava o colégio. Houve uma 2ª edição em 1921.

Apesar dos esforços de nossos pioneiros, o hinário não agradou a todos. Havia reclamações de que nem todos os hinos eram cantados pelos adventistas, sua linguagem era inacessível, outros não tinham música adequada e outros possuíam uma fraseologia totalmente deficiente. Deveu-se isso à falta de habilidade em casar o verso poético à música, o que nem sempre é como fazer poesia.

Portanto, na 3ª e 4ª edições (1925 e 1928), o *Cantai ao Senhor* surgiu com 328 poesias, sendo que 38 das primeiras edições foram trocadas por outras e 8 foram modificadas. Segundo o Pr. *Siegfried Kümpel, as correções foram feitas pelo Prof. Flávio Monteiro, que lecionava português no CAB. As iniciais dos tradutores e compositores conhecidos foram omitidas. No prefácio, a comissão declara que “toda e qualquer modificação feita, tanto na eliminação quanto na substituição dos hinos fazemo-las conscienciosamente” e mais adiante ainda explica que “todas essas modificações só foram efetuadas com o fim de mais devidamente representar a alta vocação da importante mensagem cuja proclamação nos confiou o Senhor”. As modificações foram dificilmente sendo assimiladas.

Em 1930, a CPB editou o *Hinário Adventista*. No prefácio, encontramos o seguinte: “Não obstante a boa obra realizada pelo *Cantai ao Senhor*, muitos julgaram haver chegado o tempo para a publicação de um volume maior, com música, o que para nós constitui novidade.”

Nem todos estavam satisfeitos, visto que tinham de comprar o novo hinário e abandonar o *Cantai ao Senhor*. Outra razão que causou insatisfação foi o grande número de alterações. Da 1ª edição do *Cantai*

ao Senhor, somente 10 hinos foram publicados intactos para o *Hinário Adventista*, e da 4ª edição, apenas dois. Portanto, apenas 4% dos hinos eram os mesmos, enquanto 96% sofreram profundas modificações e o restante ou foram omitidos, ou sofreram leves alterações. O total de hinos era 333. Na década de 1940, vendeu-se um suplemento avulso, que aumentou o número para 350. Nas últimas edições, ele já estava incluído no fim do hinário. Apenas o hino nº 393 do atual *Cantai ao Senhor* permaneceu como herói, sem nenhuma alteração de 1919 até hoje.

Os tipos para impressão da música já pediam renovação, pois não suportariam mais uma edição. Editou-se, então, o hinário sem música. Por esta razão, fizeram-se planos para a criação de um novo hinário. Assim foi que, durante 7 anos, esteve em preparo o novo *Cantai ao Senhor*, sob a liderança de Dario Pires de Araújo, Flávio Garcia e Tércio Simon. O novo *Cantai ao Senhor* começou a ser usado em 1963 pela igreja do IAE e pela igreja de Santo André.

Está em preparo na CPB o novo hinário por uma comissão.

HIPNOTISMO. A prática de induzir um estado de hipersugestibilidade no qual pessoas susceptíveis podem ser levadas a aceitar e agir sem o senso crítico sob sugestões dadas por outros que desta forma os controlam. Um estado de transe é característico de em alguns níveis de hipnose mas podem ou não ser óbvios. Os tipos de procedimentos que são agora geralmente classificados sob o nome de hipnotismo foram conhecidos no século dezenove por um certo número de termos nebulosos tais como mesmerismo, Braidismo, cura pela mente e magnetismo animal.

Os líderes da IASD têm desde o princípio rejeitado o uso do hipnotismo como sendo antiético e tendencioso à influência de forças sinistras invisíveis. *Ellen G. White reconheceu o hipnotismo como uma ciência que “pode parecer . . . muito útil,” mediante a qual “temporário

descanso pode ser sentido”; mas falou dele como deixando o objeto do hipnotismo mais ou menos permanentemente enfraquecido (*MS* 112, 116), e referiu-se a ele como “a ciência pela qual operam agentes satânicos.” Ela também falou contra a prática em bases éticas de que “a nenhum indivíduo deveria ser permitido o ter controle sobre a mente de outrem” (*ibid.*, p. 115). O hipnotismo destitui o sujeito do livre uso de sua *Vontade e o leva deste mundo de realidade a um domínio de fantasia, no qual ele pode experimentar intensas imagens e sons, escritas automáticas, despersonalização, vários tipos de desorientação, e aceleração ou inibição de funções físicas (*Encyclopædia Britannica*, vol. 11, p. 996). Satanás ensina a ciência de tomar cativa a mente de outros, privando-os assim do privilégio de escolher aceitar a *Jesus Cristo (*MS*, 110).

O comitê da *Associação Geral, no concílio de 1955, embora tenha reconhecido o indispensável lugar da medicina psicossomática e a aplicação apropriada da psicologia e da psiquiatria, decidiu sobre o hipnotismo recomendando que “nós, como denominação reconhecemos o hipnotismo como procedimento perigoso, e advertimos os Adventistas do Sétimo dia contra o seu emprego ou procura” e que “tomamos uma posição contrária ao ensino ou prática do hipnotismo nas instituições Adventistas do Sétimo Dia.”

Os ASD têm estritamente seguido o conselho da Srª. White e a direção da igreja a este respeito e têm sentido que alguns dos mais recentes pronunciamentos de investigadores éticos sensíveis bem como a advertência feita por muitos psiquiatras tendem a confirmar a sabedoria desta posição.

HISTÓRIA BÍBLICA. A limitação de espaço nos permite somente u breve esboço dos primórdios da história do mundo e do povo de Deus com apresentados na Bíblia. Sendo que os autores bíblicos registraram a história d ponto de vista das relações de Deus com Seu povo, seus relatos provêe

apenas um quadro limitado do mundo antigo. Tomando como certo que o relat bíblico já é conhecido dos leitores, os períodos são delineados com base em breve informação bíblica e histórica.

I. O Período Proto-histórico: Da Criação a Abraão. A história mais primitiva deste mundo, compreendendo muitos séculos, está condensada nos primeiros 11 capítulos do A.T. Ela abrange a história da Criação deste planeta em 6 dias e a vida nele (Gên. 1; 2:7) e a saga de Abraão, no fim do período.

II. O Período Patriarcal: De Abraão ao Êxodo. Os 430 anos (*c.* 1875- *c.* 1445 a.C.; veja Êxo. 12:40; Gál. 3:17) do chamado de Abraão de Harã até o Êxodo são descritos nos últimos 39 capítulos de Gênesis e os primeiros capítulos de Êxodo. Com o chamado de Abraão, o centro da história bíblica se desloca da Mesopotâmia, onde sua família se originou, para a Palestina, o país indicado por Deus. A história de José ocorre quando o Egito era governado pelos *Hycsos*, tribo semítica. Parece que José foi aceito como governador do Egito por ser da mesma região dos Hycsos. Em *c.* 1570 a.C., os hycsos foram expulsos do Egito. Então um faraó "que não conhecera José" (Êxo. 1:8) demonstrou pouca simpatia pelos estrangeiros semitas e começou a oprimi-los. O período patriarcal termina com o Êxodo.

III. O Período Teocrático: Do Êxodo a Samuel. Este período de aproximadamente 400 anos (*c.* 1445 a *c.* 1050 a.C.) é descrito nos seguintes livros: Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes e I Samuel (poucas passagens). É o período dos juízes.

IV. A Monarquia. Prevendo a monarquia, Deus através de Moisés deu instruções a respeito do rei futuro. Até o fim do período de Samuel, a nação sentiu que um reinado por herança com continuidade era preferível à liderança teocrática esporádica que Israel tinha conhecido durante o período dos juízes. Ao pedirem um rei, Deus lhes concedeu um. O relato deste período de monarquia encontra-se em II

Samuel, I e II Reis e II Crônicas, com informações adicionais em alguns dos salmos e em livros proféticos tais como Isaías e Jeremias. O período se divide em três fases:

1. *O Reino Unido* (*c.* 1050 a *c.* 931 a.C.). Com exceção de um curto período após o reinado de Saul, as 12 tribos de Israel foram governadas por aproximadamente 120 anos. O impopular final de reinado de Salomão causou a ruptura do reino.

2. *O Reino do Norte de Israel* (*c.* 931-723/722 a.C.). O reino de Israel, que consistia das 10 tribos do Norte, experimentou muito derramamento de sangue e miséria durante 2 séculos de existência. Vinte reis, provenientes de 10 dinastias diferentes, ascenderam ao trono, muitos dos quais morreram violentamente. Samaria era a capital da nação. Devido à fraqueza espiritual e militar da nação, os Assírios invadiram Israel, pondo um fim ao reino de Israel, levando cativos a maioria de seus habitantes que foram absorvidos pelas nações entre as quais se estabeleceram.

3. *O Reino do Sul de Judá* (*c.* 931-586 a.C.). A estável dinastia de Davi continuou por 136 anos a mais do que o reino do Norte. Porém, após a queda de Samaria, Judá experimentou pelo menos duas invasões dos exércitos Assírios e conseqüentemente tornou-se uma nação vassala. Finalmente, Judá tornou-se vassala de Babilônia mas rebelou-se, o que resultou em várias invasões de exércitos Caldeus, a destruição de Jerusalém e a deportação da maior parte dos habitantes para a Babilônia, no ano de 586 a.C.

V. Exílio e Restauração. A última seção da história do A.T., que trata do exílio de Judá na Babilônia e a restauração da nação sob o domínio dos reis persas, abrange um período de aproximadamente 150 anos. Nenhum livro histórico trata diretamente sobre o exílio, mas as narrativas do livro de Daniel lançam alguma luz sobre o período (caps. 1 a 6), e certas fases do período de restauração são descritas com detalhes

em Esdras, Neemias e Ester. Quando Ciro da Pérsia conquistou a Babilônia em 539 a.C., demonstrou tolerância em relação às nações vassalas. Ele publicou um decreto permitindo que todos os que adoravam a Deus — o que incluía o povo de Israel — retornassem à sua terra natal e construíssem seu Templo e seus lares. A idolatria, causa do cativeiro, nunca mais foi praticada pelos judeus.

VI. O Período Intertestamentário. Há escritos apócrifos tratando dos 4 séculos entre o tempo de Neemias e Malaquias e o nascimento de Jesus Cristo, mas ninguém pode falar da história Bíblica durante este período. Omitir, porém, a história judaica desta época significaria interromper a continuidade histórica. Por 150 anos após Neemias, os judeus viveram sob a direção de governos Macedônicos, os Ptolomeus e Selêucidas, que herdaram o reino dividido de Alexandre. Eles eram liderados pelos seus próprios sacerdotes, tendo pouco contato com seus senhores, exceto pelo pagamento do tributo por intermédio do sacerdote-líder, até Antíoco IV Epifânio, que fez intensos esforços para fortalecer a Helenização da nação judaica. Ele proibiu a prática da religião judaica e profanou o templo com sacrifícios pagãos. O resultado foi a rebelião de Matatias e as guerras dos Macabeus, que se encerraram com a libertação do país e um reino independente sob os sacerdotes hasmoneanos. Em 63 a.C., os romanos, sob a liderança de Pompeu, conquistaram a Judéia, embora tenham deixado os chefes hasmoneanos como reis vassalos. Em 40 a.C., os romanos apontaram Herodes como rei dos judeus. Durante o reinado de Herodes, o Grande, Jesus Cristo nasceu e inicia-se aí a história do N.T.

VII. Cristo e Sua Igreja. Os quatro evangelhos são nossa principal fonte de história e ministério de Jesus Cristo, e o livro de Atos é nossa fonte principal para conhecermos a história da Igreja Cristã e a propagação da mensagem do Evangelho por todo o mundo. Alguma informação adicional pode ser obtida de outros livros do N.T. Todo este

período compreende aproximadamente 100 anos, de *c.* 5/4 a.C., o ano aproximado em que Cristo nasceu, até *c.* 95 A.D. 95, quando o último livro do N.T. foi escrito.

HISTORICISMO. Veja **Conceito Historicista da Profecia.**

HOFFMANN, ELSE (1906-1979). Professora pioneira. Nasceu na Alemanha, no dia 09 de novembro de 1906. Era filha do *Pr. Frederico R. Kümpel que veio ao Brasil como missionário em 1911.

Casou-se com o Pr. *Herbert Hoffmann. Trabalhou como professora de Economia Doméstica, Arte Culinária e Trabalhos Manuais no *IACD E *Instituto Petropolitano Adventista de (IPAE), onde seu marido também era professor.

Faleceu no dia 28 de maio de 1979, aos 72 anos de idade, em Curitiba, PR. Foi sepultada no Cemitério Santa Cândida em Curitiba, PR.

HOFFMANN, HERBERT (1909-1987). Professor, *Pastor, departamental. Nasceu no dia 16 de janeiro de 1909, em Mülheim, Alemanha. Era filho de Wilhelm e Emilie Hoffmann. Batizou-se em 1925 e no dia 17 de janeiro de 1933, casou-se com Esther Emile Els Kümpel. O casal não teve filhos.

Logo que chegaram ao Brasil, passaram a residir em Nova Europa, SP. Ele estudou no *Colégio Adventista Brasileiro, onde formou-se em Teologia em 1932. Em 18 de janeiro de 1941 foi ordenado ao ministério, em São Paulo.

Herbert Hoffmann desenvolveu o ministério de Pastor e professor em Curitiba, PR; Caxambu, MG; Benedito Novo, SC e Taquara, RS. Em Porto Alegre atuou como Departamental e no *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), trabalhou como Pastor e professor durante

21 anos. No *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), atuou como coordenador do *Instituto Adventista de Estudos por Correspondência (IAEC).

Jubilou-se no ano de 1973, passando a residir em Hortolândia, SP. No dia 28 de outubro de 1980, casou-se em segundas núpcias com a Srª. Augusta Waegele.

Faleceu no dia 22 de fevereiro de 1987, em Hortolândia, Sumaré, SP.

HOMEM. Veja **Doutrina do Homem**.

HOMEM DO PECADO. Veja **Anticristo.**

HORT, ADOLFO (1871-1944). Pioneiro em Santa Catarina e tesoureiro. Nasceu no dia 31 de agosto de 1871, em Brusque, Santa Catarina. Foi batizado na mesma cidade em 1986 pelo Pr. *Huldreich F. Graf, tornando-se um dos primeiros Adventistas no Brasil.

Foi através de seu porto, em Itajaí, SC, que a Mensagem do *Advento penetrou pela primeira vez em nosso país. Este fato aconteceu em 1884 em Brusque, no armazém do Sr. Hort, pai de Adolfo Hort. Em seu estabelecimento comercial foi aberto o primeiro pacote contendo exemplares de uma revista Adventista em alemão (*Stimme der Wahrheit* — Voz da Verdade).

Dotado de espírito missionário, iniciou vários trabalhos em seu Estado natal, participando de algumas conferências.

Na terceira sessão anual da Conferência de Santa Catarina e Paraná, realizada de 2 a 7 de fevereiro de 1909, ele foi eleito como membro da comissão executiva do campo. Em 1910, houve divisão da Associação Paraná - Santa Catarina. Na primeira reunião da Conferência

de Santa Catarina, realizada em 1911, ele fez parte da comissão de planos e resoluções, sendo nomeado tesoureiro do campo. Em 1912, participou também da Conferência *União Sul-Brasileira da IASD.

Faleceu no dia 09 de fevereiro de 1944, aos 72 anos de idade, em Jaraguá do Sul, SC.

HOSPITAIS. Veja **Obra Médica ASD**.

HOSPITAL ADVENTISTA DE BELÉM, PA. Localiza-se na Av. Almirante Barroso, 1758, em Belém, PA. Pertence e é administrado pela *União Norte-Brasileira da IASD. Contém 110 leitos, com mias de 100 médicos, 26 enfermeiras especializadas e um total de 700 funcionários. O Centro Cirúrgico, com modernas salas, tem capacidade para realizar seis cirurgias simultâneas.

O H.A.B. dispõe de equipamentos moderníssimos como o Breakstone 100, que destrói os cálculos renais sem precisar de cirurgia; e o Vitriófago MVX 20, para o tratamento oftalmológico.

Diagnóstico por imagem tomografia computadorizada, endoscopia, hemodinâmica e outros já foram incorporados no H.A.B.

O laboratório de Patologia Clínica funciona 24 horas por dia, com mais de 20 mil exames mensais.

Equipamentos como: Videoendoscopia em cores; Tomógrafo CT Sytec i; sistema Vitck para laboratório e o YAG LASER foram adquiridos.

Este foi o primeiro hospital do norte a criar um Centro de Controle da Infecção Hospitalar.

O Plano Garantia de Saúde, criado há mais de 25 anos, hoje assiste a mais de 36 mil pessoas no Pará. O Hospital é o único na região que possui um banco de sangue próprio.

O Serviço de Assistência Social do Hospital, com mais de 30.000 atendimentos anuais a carentes na área de saúde, presta relevantes serviços à comunidade.

O Hospital mantém a Escola de Auxiliares de Enfermagem, que, todos os anos, forma profissionais de alto padrão.

O Hospital Adventista de Belém é fruto do espírito missionário e empreendedor do casal *Leo e *Jessie Halliwell, que ao chegarem à cidade de Belém, sentiram a necessidade de abrir um hospital que pudesse servir de apoio ao trabalho missionário por eles desenvolvido nas *lanchas ao longo dos rios da Amazônia e que também cumprisse os objetivos da *Obra Médico-Missionária da IASD no Brasil.

Começaram uma pequena clínica, chamada de *“O Bom Samaritano”*, na Travessa Padre Eutiquio, num prédio alugado e próximo à Igreja estabelecida na cidade. O Dr. Antonio Miranda foi o primeiro diretor e o Dr. *Edgar Bentes Rodrigues o sucedeu. Os resultados foram tão bons que eles logo começaram a pensar em comprar um terreno para construir o futuro hospital.

O terreno adquirido, localiza-se no Bairro do Marco, ficava bem afastado do centro da cidade, foi delimitado em abril do ano de 1949. Em meados de 1950, com as obras quase concluídas, foi chamado o médico americano, Dr. Elmer Bottsford, uma vez que o Dr. Miranda havia sido transferido para o Estado de São Paulo. Juntamente com o Dr. *Günter Ehlers, o Dr. Elmer começou o trabalho no chamado Hospital Belém, sob a administração do irmão Leon Harder (1953-1956).

O Hospital foi inaugurado em 10 de Abril de 1953, com 27 leitos, um laboratório, farmácia e uma sala de *Raios X*. Quase todos os funcionários eram adventistas. Dava-se preferência aos métodos naturais de tratamento, inclusive a hidroterapia. Isto fez com que, estando afastando do perímetro urbano e gozando de aprazível localização, o Hospital Belém começasse a desfrutar do interesse e bom conceito da população de Belém.

O uso de drogas como medicamentos era parcimonioso. Observava-se estritamente o regime ovo-lacto-vegetariano, com boa aceitação por parte dos pacientes que eram previamente esclarecidos das razões desta conduta.

Apesar de não haver capelão, o evangelismo tinha um papel preponderante nesta instituição que nasceu para ser missionária e uma luz para a Amazônia. Através da realização dos cultos matutinos e vespertinos e do testemunho pessoal de todos, os pacientes ficavam conhecendo um pouco da mensagem adventista. O *Sábado, era um dia especial em que o trabalho se limitava ao essencial e os pacientes recebiam uma visita diferente com uma mensagem apropriada.

Os irmãos residentes no interior buscavam no Hospital o apoio médico e espiritual para suas dores. Os que possuíam recursos financeiros custeavam o seu tratamento e os que não podiam pagar, eram atendidos de igual maneira.

O Dr. Bottsford e o Dr. Ehlers foram de extrema dedicação e se desdobraram na direção como também no trabalho clínico e cirúrgico. Não havia médicos e enfermeiros adventistas suficientes. Muitos foram chamados dos Estados Unidos, mas, devido às exigências legais e dificuldades com o idioma, muitos não puderam exercer a profissão. Este foi um dos maiores problemas que o Hospital enfrentou nos seus primeiros anos.

Em 1956, o Dr. Bottsford (1953-1955) retornou aos Estados Unidos. O Dr. Ehlers trabalhou de (1955-1956), partindo para os EUA também. Ficou o Dr. Oséias Florêncio de Moura (1956) na direção e mais tarde, por um breve período de tempo, o Dr. Russel T. Smith (1956-1957).

Em 1962, o número de leitos foi elevado para 40, embora a capacidade do prédio continuasse a mesma. Foi estabelecido o serviço de Pronto Socorro e também o Banco de Sangue, mas a situação financeira era crítica, pois os poucos recursos obtidos eram todos

empregados no atendimento das pessoas carentes e também dentro do próprio hospital.

Os administradores tudo fizeram para melhorar as condições gerais da instituição.

Em 1962, o médico brasileiro formado na Argentina, Dr. Zildomar Deucher (1962-1972), aceitou o chamado para vir a Belém e no dia 03 de maio daquele ano, assumiu a direção tendo a seu lado como administrador o Dr. Nicanor Reuchembach (1963-1967). Implantou-se o plano *"Garantia de Saúde"* e novo impulso foi dado à instituição em todos os aspectos.

Este período foi marcado pela abertura de um plano de auxílio para jovens adventistas que desejavam estudar Medicina em Belém, e esta medida possibilitou a preparação de um grande número de profissionais e obreiros do setor médico e que serviram o HAB e hoje estão espalhados em nossas instituição no Brasil e no mundo.

O Hospital Adventista de Belém cresceu. Foi construído um novo prédio, com apartamentos confortáveis, que possibilitou a triplicação do número de leitos, novos consultórios e escritórios que receberam instalações mais adequadas. Foi inaugurado em 1970 e tornou-se assim mais prestigiado e conceituado devido a vinda de novos equipamentos, aparelhos modernos e sofisticados para cirurgia, laboratórios, Raios X, etc.

Em 1970, o Pr. Aldo Carvalho, foi chamado para ser o capelão, dedicando-se à assistência espiritual aos pacientes internados e funcionários. Com isso, demonstrou-se o reconhecimento da importância de um *Pastor dentro de uma instituição médica para proporcionar o melhor atendimento espiritual possível e pregar a mensagem adventista aos interessados.

Surgiu a Escola de Auxiliar de Enfermagem que foi fruto da união de esforços do Hospital Adventista de Belém com o *Instituto Adventista Grão Pará (IAGP), durante a direção do Dr. René Gross

(1974-1977) e que tem como diretora a Enfermeira Iracy Toledo, desde sua fundação. Esta escola passou a oferecer aos jovens uma oportunidade de se prepararem tecnicamente para o sagrado mister junto ao paciente bem como ao hospital a possibilidade de possuir profissionais mais capacitados e treinados.

O Pr. Milton Gressler ao lado do Dr. René continuou impulsionando o trabalho e dinamizando as atividades gerais do Hospital.

Com a chamada do Dr. Alaor José Toledo e do administrador, Pr. Irineu Stabenow logo enfrentaram uma fase financeira muito difícil e, em meio a esta grande crise, cortaram todos os convênios com o INAMPS, procuraram dinamizar mais o setor de *Garantia de Saúde*, firmaram alguns convênios com empresas e conseguiram os recursos necessários para que fossem ampliados o Pronto Socorro (Consultório e Recepção), e Maternidade (Centro Cirúrgico, Pré-Parto, Berçário), o Setor de Reabilitação, um prédio para abrigar os setores burocráticos, a implantação do sistema de informática, o Necrotério e também modernizaram a área externa com estacionamento, etc.

O Pr. Aldo Carvalho permaneceu na Capelania até 1977 quando se aposentou. Por aproximadamente um ano o Dr. Henrique Tavares, chefe do Departamento Pessoal ficou responsável pela realização dos cultos matutinos. Sentindo a necessidade de uma melhor assistência espiritual ao paciente e aos funcionários, foi chamado o Pr. Haroldo Júlio Seidl (1978-1980) que começou um novo serviço e organizou o Departamento Espiritual. Em 1979, com a chegada da Obreira Bíblica Heloísa Helena Guedes, formou-se a equipe para dar assistência interna e externa aos interessados.

Em 19 de maio de 1979, foi realizada a Primeira Cerimônia Batismal do HAB, com o *Batismo de nove ex-pacientes, familiares e uma funcionária. A partir daí sucederam-se muitas cerimônias e começou-se uma série de programações diversas, aquisição de materiais

e equipamentos. Com a saída do Pr. Haroldo J. Seidl estiveram à frente do Departamento Espiritual: Heloísa Helena Guedes (1981), o Pr. Paulo Emílio Marski (1978-1987) e o Pr. Arthur Modro Jr. (1988). De 1979 a 1988, o HAB levou ao batismo 378 pessoas sendo cumprido o propósito para o qual esta instituição foi estabelecida: levar o Evangelho aos doentes e sofredores.

O Dr. Merari Reinert ao lado do Pr. Irineu Stabenow, engajou-se no amplo trabalho de mudanças e renovações. Em 1989, quando 35 anos de existência são comemorados, foram construídos um novo Centro Cirúrgico com amplas e moderníssimas instalações, cinco salas de cirurgia e capacidade para seis cirurgias simultâneas e uma Central de Esterilização. Estão em fase de acabamento o Centro de Terapia Intensiva (CTI) com 10 leitos e mais 13 novos apartamentos. É hoje um hospital grande, moderno e bem equipado para servir a todos os que buscam o lenitivo para as dores físicas e espirituais.

Diretores Clínicos: Elmer Bottsford (1953-1955); Gunther Ehlers (1955-1956); Oséas Florêncio (1956); Russel T. Smith (1956-1957); Jetro Carvalho (1958-1961); Zildomar Deucher (1962-1972); Daniel J. dos Reis (1972-1973); René Gross (1974-1977); Alaor José de Toledo (1978-1985); Merari Reinert (maio/1985-).

Diretores Administrativos: Leon Harder (1953-1956); Benedito Kalbermatter (1956); Norman Meyer (1957-1959); Claudomiro Fonseca (1960-1961); Wilson A. Ávila (1962); Nicanor Reichenbach (1963-1967); Isaías Andrade (1967-1968); Paulo Stoehr(1969-1970) Jurandir R. de Oliveira (1971); Wolfgang Von Maack (1972-1973); Milton Gressler (1974-1977); Irineu Stabenow (1978-).

HOSPITAL ADVENTISTA DE CAMPO GRANDE, MS. Localiza-se na Av. Marechal Deodoro, 5885 distante 12 Km do centro de Campo Grande, MS. É administrado pela *União Sul-Brasileira da IASD. Anexado está o Hospital Adventista do Pênfigo, especializado no

tratamento do *Pemphigus Foliaceus*, uma doença de pele, endêmica, vulgarmente chamada de Fogo Selvagem. O Hospital tem capacidade para 72 leitos, numa propriedade de 39 hectares.

Em 1948, Alfredo Barbosa de Souza, Pastor Adventista cuja esposa havia sido curada do fogo selvagem através da descoberta de uma fórmula por Isidoro Jamar, começou a tratar as vítimas dessa doença em Campo Grande, MS. Logo, os pacientes começaram a aparecer em um número cada vez maior e a *Missão Mato-Grossense da IASD precisava fazer algo por eles. Nesta ocasião, o recém-convertido casal Bernardo e Ida Carvalho Baís Rodrigues, tomando conhecimento da necessidade, resolveu doar a área num local retirado da cidade, pois o Departamento de Vigilância Sanitária julgava ser doença contagiosa.

As primeiras instalações foram pequenas cabanas e em março de 1949, o Pr. Durval Stockler de Lima, então presidente da Missão, e sua esposa iniciaram um plano para a construção de um hospital para tratamento da doença. O primeiro prédio do hospital foi inaugurado em 9 de novembro de 1959 com o *Dr. Edgar Bentes Rodrigues servindo como primeiro diretor clínico, Pr. Durval Stockler de Lima como secretário e *Ismael P. de Loyola como tesoureiro. Na época de sua fundação, chamava-se Hospital Mato-grossense do Pênfigo.

De 1949 e 1959, 1.470 casos de pênfigo foram tratados. As aplicações eram feitas com o remédio chamado *Jamarsan*. Com a ajuda farmacêutica, o Dr. *Günter Hans reformulou o *Jamarsan* para *Neo-Jamarsan* em 1960. Desde então, a fórmula tem sido aperfeiçoada várias vezes.

Entre 1949 e 1962, mais de 600 pacientes portadores de doença foram tratados gratuitamente. Nos últimos anos são internados cerca de 400 pacientes e realizados 3.200 atendimentos ambulatoriais anualmente.

Em 18 de setembro de 1966 foi inaugurado o segundo prédio com melhores condições. O projeto iniciou-se em 1963, com a ajuda da

Agência de Desenvolvimento *Bonn Brot Für Die Welt-Stuttgart* e a colaboração do Conselho Mundial de Igrejas, Genebra, Comissão de Estudos de Projetos Especiais e Confederação Evangélica do Brasil.

Em 20 de maio de 1982, foi inaugurado um moderno prédio abrigando um hospital geral com capacidade para atender diferenciados pacientes. Recebeu o nome de Hospital Adventista de Campo Grande.

O Hospital que na época de sua fundação chamava-se Hospital Mato-grossense do Pênfigo, possui hoje especialização nas seguintes áreas: Alergia, Angiologia, Cardiologia, Clínica e Cirurgia de Coluna, Buco-Facial, Cirurgia Geral e Pediatria e Torácica de Vascular, Clínica Médica, Dermatologia, Endoscopia, Colo-Proctologia, Endocrinologia, Fonoaudiologia, Gastroenterologia, Geriatria, Ginecologia e Obstetrícia, Hematologia, Infectologia, Nefrologia, Neurologia, e Neurocirurgia, Odontologia, Oftalmologia, Ortopedia, Pediatria, Pneumologia, Psicologia, Radiologia, Tomografia, Ultra-sonografia e Urologia.

Além de todo equipamento moderno, o hospital mantém o Centro de Vida Saudável, com programas periódicos em grupos de 6 a 12 pessoas que desejam deixar de fumar, beber, com problemas de estresse, obesidade, etc.

Entre os eventos que marcaram, a história, está um de maior destaque: em setembro de 1982 a grande cura de Cecília Sunita Guria - 7 anos (Índia).

Há ainda na propriedade do hospital a leiteria, padaria, marcenaria, horta e residências para médicos e obreiros. Ainda dispõe de Garantia de Saúde juntamente com consultórios e escritórios no centro de Campo Grande para melhor atendimento.

Foram registrados em 41 anos de trabalho (1949-1990), 8.565 atendimentos internos e 40.890 atendimentos ambulatoriais.

É importante ressaltar que o Hospital também recebe doações do governo e o trabalho desempenhado tem despertado o interesse de cientistas e médicos nacionais e internacionais.

Diretores: Dr. Günter Hans (1960-1973); Dr. Alfredo Marquart Filho (1974-1977); Dr. Wilson Lessa (1977); Dr. René Gross (02/1978-10/1979); João Cristóvão Xavier (11/1979-09/1981); João Kiefer Filho (11/1981-12/1987); Hélnio Judson Nogueira (01/1988-).

HOSPITAL ADVENTISTA DE ENGENHEIRO COELHO, SP. Localiza-se na Estrada que interliga as Rodovias SP 332 (Km 160) e SP 147 (Km 82), zona rural, Fazenda Lagoa Bonita, no município de Engenheiro Coelho, SP.

Pertence e é administrado pela *União Central-Brasileira da IASD (UCB).

Em 1983, quando a Igreja comprou a Fazenda Lagoa Bonita para construir o *IAE - Ct, surgiu a idéia e necessidade da construção de um Hospital Adventista, próximo ao Colégio. Em 21 de julho de 1988 foi aprovado o projeto de sua construção.

A União Central Brasileira da IASD (UCB) recebeu a doação do terreno pelo *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), para a construção do hospital. A primeira doação foi de uma área de 60.000 metros quadrados. A segunda doação, o terreno chegou ao tamanho atual, de 105.000m².

Em 24 de julho de 1989, foi lançada a pedra fundamental do futuro Hospital Adventista de Engenheiro Coelho. Terá 30 apartamentos para medicina convencional e 30 para medicina natural. O projeto todo terá de 8.014,77m² de área construída.

HOSPITAL ADVENTISTA DE MANAUS, AM (HAM). Localiza-se na Rua Gov. Danilo Areosa, nº 139, Bairro Distrito Industrial, Manaus, AM. Pertence e é administrado pela *União Norte-Brasileira da IASD.

As especialidades oferecidas na área clínica e cirúrgica são: Cirurgia Geral; Clínica Geral; Pediatria; Ortopedia; Ginecológica/Obstetrícia; Traumatologia e Cardiologia.

São oferecidos os seguintes cursos: *Curso Como Deixar de Fumar em 5 Dias; Saúde Pública e *Temperança.

São 12 o número de consultórios de atendimento.

O hospital foi fundado em 25 de abril de 1976 por iniciativa do Dr. Raymond Ermshar. A princípio recebeu o nome de Clínica Adventista de Manaus e localizava-se na Rua Belém, nº 520. O HAM teve suas atuais instalações inauguradas em 16 de novembro de 1989. Em 1990 foram implantados cursos de medicina preventiva no hospital e em cidades do interior.

Em 1992 foi estruturada a implantação da Escola de Auxiliar de Enfermagem, tendo início em abril de 1993.

Em 1993 foram ampliados mais 2 consultórios e inaugurada uma nova ala e o Centro Obstetrício. Neste ano o quadro de pessoal era de 20 obreiros e 157 funcionários.

Em 1994, ocorreu a formatura da primeira turma da Escola de Auxiliar de Enfermagem, com 24 formandos. Foi inaugurado o Centro de Tratamento Intensivo (CTI).

Em seu território, que compreende 70.488 m², há 42 apartamentos com 84 leitos.

Diretores: Raymond Ermshar; Wanderley Granados; Wilson Soares; Silas Araújo Gomes (1989-1990); Tales Fonseca (1991-04/1992); Merari Reinert (05/1992-08/1992); Milton Reinert (09/1992 -).

Administrativo: Israel Barbosa; Elias Quadros Gabriel (1989-03/1990); Elcias Camargo (04/1990-).

HOSPITAL ADVENTISTA DE SÃO PAULO, SP (HASP). Localiza-se na Rua Rocha Pombo, 49, Liberdade, São Paulo, SP. Pertence e é administrado pela *Associação Paulistana da IASD.

É uma instituição médica com serviços gerais e clínicos gerais.

O precursor do hospital foi a Clínica Boa Vista, estabelecida em 1939 em São Paulo por Antônio Miranda, M.D.. Um ano ou dois antes, E. H. Wilcox, presidente da *União Sul-Brasileira da IASD, havia-lhe pedido que fizesse planos para o trabalho médico ASD no Brasil. Miranda se tornou o primeiro diretor médico da clínica; Bertha Lipke auxiliou-o como enfermeira e fisioterapeuta.

Em 1942, esta clínica foi fechada a fim de fortalecer o projeto de um hospital. Após uma vigorosa campanha para arrecadação de fundos, lançada por *Germano Ritter, presidente da Missão Paulista, foi adquirida uma propriedade, e os edifícios dela foram remodelados em um hospital, que começou a servir o público em 9 de março de 1942. *Galdino Nunes Vieira, M.D., serviu como seu diretor médico, Fernando Luz como administrador financeiro e Freda Trefz como enfermeira chefe. No fim do primeiro ano, o hospital teve lucro de U$ 1.500 dólares.

Uma classe de enfermagem foi organizada em 1942 sob a supervisão da Cruz Vermelha Brasileira a fim de satisfazer a necessidade de uma equipe ASD especializada. Em 1943, uma nova seção foi aberta para o tratamento exclusivo de muitos casos em uma epidemia de pólio na época. Logo esta seção foi posta sob a direção de Lillian Wentz, enfermeira dos Estados Unidos e que tinha recebido treinamento especializado no método Kenny. Em 1947, Gideon de Oliveira, M.D., foi chamado para inaugurar os serviços médicos na nova instituição.

O hospital possui 42 leitos ativos com capacidade para 53; 12 enfermeiras-padrão; 16 técnicos de enfermagem; 32 auxiliares de enfermagem e 16 atendentes de enfermagem.

Diretores: Galdino Nunes Vieira (1942-1949); Carlos F. Schwantes (1949-1953); Antônio Miranda (1953-1954); Ajax W. Silveira (1954-1955); *Geraldo Leitzke (1954-1963); Bruno O. Bergold (1963-1966); Oswaldo Teixeira (1967-1970); Arthur Oberg (1971-1972); Manfred Krusche (1972-1973); Natanael A. da Costa (1973-1977); Natanael A. da Costa (1986); René Gross (1986-1990); Manfred Krusche (1990-).

HOSPITAL ADVENTISTA DE VITÓRIA, ES. Localiza-se na Rua dos Expedicionários, 72, Vila Velha, ES. Pertence e é administrada pela *Associação Espírito-Santense da IASD.

Tem uma área de 900 m^2 construída, com 12 leitos. Os serviços oferecidos pelo H.A.V. são: Eletrocardiograma, Endoscopia digestiva, Fisioterapia, Laboratório de Análises Clínicas, Psicoterapia, Raio X, Ultra-sonografia; Pronto Socorro; tem convênio com outros 10 serviços de especialidades.

Possui 4 quartos e 3 apartamentos, cozinha, lavanderia, refeitório, capela, sala de esterilização, sala de parto, centro cirúrgico com 2 salas, berçário, posto de enfermagem, 3 consultórios, etc.

Em meados de 1973, a administração da *Associação Espírito-Santense começava a sentir o desejo de fazer com que a obra médico-missionária atuasse com mais segurança no Estado do Espírito Santo. Foi então que no dia 06 de fevereiro de 1974, a mesa que compõe a administração, toma o voto de cancelar um chamado de um obreiro profiissional a fim de atuar na Associação, e propõe o chamado de um médico. Começam os primeiros passos para a efetivação dos trabalhos. Promove-se por voto da *União Este-Brasileira da IASD uma oferta - "Aventura da Fé"- num plano de 50% destinados a construção. Só então em 1977, em meados de março é que se aprova a construção da clínica. São enviadas as plantas à União Este Brasileira da IASD, que no final do ano, em 15 de dezembro de 1977, efetua o chamado de quatro

obreiros para trabalharem na Clínica Adventista de Vitória: Dr. Valter Valdetanio, Pr. Reinaldo Seidler, Maurício Silva e Abel Barbosa de Oliveira.

Com todos os fundos levantados (cerca de Cr$ 3.000.000,00 na época) e a dedicação dos obreiros, no dia 4 de março de 1982, à rua dos Expedicionários, nº 72, no bairro do Soteco, cidade de Vila Velha, numa colina da capital, inaugura-se o Hospital Adventista de Vitória. Neste ambiente de paz e tranqüilidade, que facilita a recuperação do doente, surgiu com o objetivo de dar maior dignidade e carinho ao tratamento do paciente, onde o homem é olhado com dignidade.

Seu primeiro diretor foi o Dr. Daniel José dos Reis e administrador o Pr. Floriano Keller, que até aquela época trabalhavam no *Hospital Adventista de Belém (HAB). Sob seu trabalho e dedicação está a grande conquista evangelística do Hospital, a conversão de quatro médicos e 3 ex-*hippies*, que marcaram uma nova etapa em sua história, sendo um destes ex-*hippies*, João Vilas Boas. Ele criou um plano de colportagem médico missionária que contribuiu para o desenvolvimento da inscrição, até que abandonou o plano para cursar Teologia no *Educandário Nordestino Adventista (ENA) em janeiro de 1986.

Diretores Médicos: Dr. Daniel José dos Reis (01/04/1982 - 31/08/1987); Dr. Gilead dos Reis Bergamann (13/09/1987-).

Administradores: Floriano Keller (01/04/1982 - 31/05/1983); Gastão de Oliveira (01/07/1983 - 30/03/1985); Elias de Oliveira (11/05/1985 - 30/09/1986); Dourivan Dantas Dias (01/06/1988 - 30/11/1989); Joaquim de Oliveira (26/03/1990 -).

HOSPITAL ADVENTISTA DO PÊNFIGO, MS. Veja **Hospital Adventista de Campo Grande, MS.**

HOSPITAL ADVENTISTA SILVESTRE, RJ (HAS). Localiza-se na Ladeira dos Guararapes, 263, próximo ao centro do Rio de Janeiro, em uma propriedade de 30.000 m² de terra e abundante vegetação, circundado pelo Parque Nacional da Tijuca, uma das maiores florestas urbanas do mundo. Pertence e é administrado pela *União Este-Brasileira da IASD.

Hospital com capacidade para 140 leitos. Oferece serviços cirúrgicos e clínicos em geral. Possui Laboratório de Análises Clínicas Patológicas, serviço de Radiologia, Centro de Hemodinâmica, Serviço de Hemodiálise, Serviços de Endoscopia e, em fase de implantação para breve funcionamento, o Serviço de Tomografia e um novo equipamento para modernizar o Centro de Hemodinâmica.

A equipe atual consta de médicos autônomos e obreiros em várias especialidades, reconhecidos oficialmente para as áreas de Clínica Médica, Cirurgia Geral, Cirurgia Cardiovascular, Cardiologia, Nefrologia, Anestesiologia, Oftalmologia e Neuro-cirurgia. O número total de funcionários está em torno de 900 pessoas.

O Hospital mantém a *Escola de Enfermagem do Hospital Adventista Silvestre, oficialmente reconhecida que já graduou 475 auxiliares de enfermagem. Muitos deles permanecem no Hospital ou servem em outras Instituições Médicas do Brasil.

O Departamento de Garantia de Saúde provê atendimento a aproximadamente 33.000 pessoas. Além de pacientes contratantes e particulares, a Instituição efetua cirurgias cardíacas em convênio com sistema de saúde governamental.

Diretores Clínicos: *C. C. Schneider (1948-1949); *Galdino N. Vieira (1950); Edgard M. Berger (1956-1971); Zildomar Deucher (1972-1985); Gideon C. Marques (1986).

Diretores Administrativos: Max Fuhrmann (1948-1954); N. H. Meyer (1960-1964); Eda Bergold (1966-1971); Ruy H. Nagel (1972-

1980); Alípio B. Rosa (1980-1983); Siloé J. Almeida (1984-1986); Alípio B. Rosa (1986).

HOSPITAL MATO GROSSENSE DO PÊNFIGO, MS. Ve **Hospital Adventista de Campo Grande, MS**.

HOYLER, GEORGE (1902-1981). *Pastor pioneiro. Nasceu no dia 09 de dezembro de 1902, na cidade de Buchenbron, Alemanha. Foi batizado na IASD em 22 de setembro de 1923 e logo depois, iniciou o curso Teológico no Seminário de Marienhöhe, Alemanha.

Em maio de 1927, veio para o Brasil e aprendeu a língua portuguesa no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Casou-se com Martha Hoyler, filha do Pr. *Waldemar Ehlers, e desta união nasceram três filhos: Edith, Siegfried e Brunhilde.

Em janeiro de 1929 foi chamado pela *Missão Rio - Espírito Santo da IASD. Trabalhou em Aimorés e Campos, RJ; Vitória, ES; Ilhéus, BA; Presidente Prudente, Sorocaba, Campinas, Bauru, Taubaté, Piracicaba, Americana e Limeira, SP. Foi também Pastor da Igreja Alemã, na capital paulista, onde iniciou o programa *A *Voz da Profecia:* em língua alemã.

Foi consagrado ao ministério em dezembro de 1936 e jubilou-se em 1968, após 40 anos de trabalho.

— I —

IAREMCHUC, NICOLAU (1902-1961). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 6 de maio de 1902, na Ucrânia.

Em 1924 chegou ao Brasil e, em 1927, ingressou na *Colportagem, onde trabalhou por 15 anos, até que se achou impossibilitado de continuar.

Faleceu no dia 2 de julho de 1961, aos 59 anos de idade, em São Paulo, SP.

IASD CENTRAL DE BRASÍLIA, DF. Localiza-se na Avenida L-2 Sul, Quadra 611, Mód-75, no bairro Asa Sul em Brasília, DF. Pertence e é administrada pela *Associação Brasil-Central da IASD. Em 1957, a congregação reunia-se numa sala na residência do Sr. Walter Leão. Posteriormente, em um salão alugado no atual Núcleo Bandeirante, mudando em seguida para Taguatinga.

O trabalho de construção do templo atual foi iniciado em 1965, sendo concluído e inaugurado três anos depois e no dia 8 de dezembro de 1968 foi organizada.

Foi fundada em 1967 pela liderança do trabalho do Pr. Roberto Cornette. As reuniões eram realizadas em um salão atualmente utilizado pelo Departamento JA.

O primeiro *Batismo foi realizado no dia 13 de junho de 1969, pelo Pr. Roberto Cornette e três pessoas foram batizadas nesta data.

No dia 4 de março de 1970, o Dr. *Clayton Rossi fundou a *Escola Paroquial da IASD Central de Brasília.

Pastores: José Dias Campos (1956-1961); Lapim Nunes (1961-1965); Roberto Cornette (1966-1968); Itanel Ferraz (1968); José Dias Campos (1969); José Maria Barbosa Silva (1973-1976); Jorge Lucien Burlandy (1977-1979); Roberto Biagini e Anísio Chagas (1980-1982); Darci Trojan (1983-1988); Luiz Gonzaga Leite (1989-   ).

IASD CENTRAL DE CURITIBA, PR. Localiza-se na Rua Carlos de Carvalho, 400, Central; Curitiba, PR, desde 1961. Pertence e é administrada pela *Associação Sul Paranaense da IASD.

Teve sua fundação em 1910, sendo desde 1895 conhecida apenas como Grupo Adventista de Curitiba que se reunia na Rua Matheus Leme (casa dos obreiros *Otto).

Por haver membros de duas origens (portuguesa e alemã), a igreja foi dividida. As congregações reuniam-se em horários diferentes porém no mesmo local.

Oficiais para 1922: Igreja Portuguesa:

- *Diretor*: Guilherme Malzbenden;
- **Diácono*: Manoel Lopes de Araújo;
- *Tesoureiro*: Fridolin Tschurtschenthaler;
- *Secretário*: Paulo Anniehs;
- *Diaconisa*: Maria Tschurtschenthaler;
- *Diretor da Escola Sabatina*: Alberto Anniehs;
- *Vice-secretário* da **Escola Sabatina*: Martha Doehnert;
- *Diretor dos Jovens*: Emílio Doehnert;
- *Diretor da Sociedade Missionária*: Guilherme Malbenden;
- Secretário missionário: Alberto Doehnert;
- *Diretor da Liga Juvenil*: Paulo Doehnert;
- *Secretário da Liga Juvenil*: Alfredo Otto.

Igreja Alemã. Gustavo Tichter, Wilhem Schünemann, Olga Schünemann, Otto Weber, Maria Weber, Ernest Dreyer, Emma Dreyer, Charlotte Dreyer, Herman Streithorst, Maria Streithorst, Ernest Hensch, Emili Hensch, Martha Bekendorf, Anna Otto I, Anna Otto II, Bertha Bahr, Whitermina Urban, Augusta Hein, August Anniehs, Ida Anniehs, August Richter, Sophie Malzbenden, Frieda Perschke.

A Igreja estabeleceu-se em vários locais: de 1910 a 12 de dezembro de 1921 na Rua Pedro Ivo, 25; de 13 de dezembro de 1921 a 1935, na Rua Saldanha Marinho,169; de 1926 a 1961, na Rua Ermelino de Leão, 170.

Os batismos eram realizados no Rio Barigüi e em 10 de dezembro de 1921, a Igreja contava com 80 membros. Hoje é uma Igreja organizada com mais de 1.500 membros batizados.

Há também em seu território a Escola Adventista Primária, fundada em 1927. A sociedade recreativa para os jovens, *Juventude Adventista Curitibana (JAC), fundada em 1957.

IASD CENTRAL DE FLORIANÓPOLIS, SC. Localiza-se na Rua Visconde de Ouro Preto, Florianópolis, SC. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD.

A mensagem adventista em Florianópolis teve início com a vinda de alguns adventistas da cidade de São José. O grupo foi dirigido pelo Pr. Alfredo Süssmann (realizou uma série de conferências públicas, sendo auxiliado pelo Pr. Roberto Mendes Rabelo).

O Pr. Alfredo Süssmann teve como seu sucessor o Pr. Durval Stockler de Lima, sendo substituído depois pelo obreiro Silas Gianini, que realizou uma série de conferências no Estreito, para onde se mudou a sede do grupo adventista.

Mais tarde, o Pr. *Aracely Silveira Mello assumiu a direção do grupo. Realizou mais uma série de conferências, mudando a sede para Florianópolis.

Foi em 23 de maio de 1953 na Igreja Adventista, à Rua Visconde de Ouro Preto, nº 75, que o Grupo Adventista de Florianópolis reuniu-se com a presença do Pr. Orlando Pinho, presidente da Associação Paraná-Santa Catarina, do obreiro Rubens Segre Ferreira, secretário-tesoureiro e Pr. Wady Bechara, obreiro bíblico local, e foi declarada organizada a IASD de Florianópolis.

Em 11 de agosto de 1956, foi inaugurado o Templo. Atualmente há um Projeto de Reforma e Ampliação da Igreja.

Pastores: Alfredo Süssmann; Durval Stockler de Lima; Silas Gianini; Aracely Mello; *Boni Renck; Alfredo Barbosa de Souza; Wady Bechara (1953-1955); Orlando Gomes de Pinho (1958); (1959-1960); *Artur de Souza Vale (01/61-12/61); Edgard Ernest Bergold (1962/1965; Dorvalino Ribeiro de Souza (1966/1968); Romeu Pinto (02/69-12/71); Josino Miranda (1972/1973); Ezequiel Bueno de Morais (1974); João Varonil Kuntze (1975/1977); Gerson Souza Fragoso (09/78-01/81); José Maria da Costa e Silva (02/81-01/83); Walter Zolotujin Mazur (02/83-08/84); Jorge Omar Roura (09/84-12/85); Gilberto Rebello (02/86-01/90); José Alves de Araújo (02/91-05/91); Almiro Pimentel dos Passos (06/91-atual)

IASD CENTRAL DE JOÃO PESSOA, PB. Localiza-se na Praça Venâncio Neiva 94, no centro da cidade de João Pessoa, PB. É sede de Distrito Pastoral e pertence à *Missão Nordeste da IASD.

Foi fundada em 1930, como resultado de uma série de conferências realizada pelo Pr. *José dos Passos. As reuniões se realizavam na Rua Artur Aquiles, s/n.

Em 1930, foi realizado o primeiro *Batismo, no qual seis pessoas foram batizadas pelo Pr. José dos Passos.

A congregação se reuniu também nos seguintes locais: Rua Artur Aquiles s/n; na praça Rio Branco, Centro; na Rua da Areia e depois na Rua Índio Piragibe, em terreno próprio.

A igreja possui também uma Escola Paroquial, fundada pela Sra. Juanita Castelani. Em 1990, a Igreja era freqüentada por mais de 300 membros batizados.

Pastores: José dos Passos; Moisés S. Nigri; Cleosolo; João Carvalho; Ataliba de Abreu Neto; Aristides Leite; Benedito Coelho de Andrade; Ercison Micheles; Aluizio Gabriel; Severino Lira; Antônio Siqueira; José Passos de Oliveira; Jefté Espínola de Carvalho; Ronaldo Sales; Otoniel Tavarez; Dilson Bezerra; Mozaniel Viana de Oliveira.

IASD CENTRAL DE JOINVILE, SC. Localiza-se na Rua Rio do Sul, 256, Joinville, SC. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD.

Teve sua Origem no ano de 1945, com a liderança do trabalho feita por Reinaldo Milbratz.

No princípio, as reuniões eram realizadas em um salão, na Rua XV de Novembro, no centro, e, em 1946, foi oficiado o primeiro *Batismo pelo Pr. Geraldo Marski.

A IASD Central de Joinville foi organizada no dia seis de setembro de 1952, e no ano seguinte, foi iniciada a construção de um templo próprio, sendo inaugurado em outubro de 1964, localizando-se na Rua Rio do Sul, antiga Princesa Isabel.

Em 1985, foi iniciado o trabalho de reconstrução da Igreja e terminado no ano de 1988. Sua dedicação ocorreu em novembro do mesmo ano, contando hoje com a freqüência de mais de 600 membros batizados.

A igreja possui também uma Escola Paroquial, fundada pelo Pr. Germano Streithorst, que funcionava na sala aos fundos da antiga igreja, mas devido a um incêndio em 1977, foi reconstruída pelo Pr. W. Weber num terreno doado pelo Prefeito Luiz Henrique da Silveira, a pedido do Pr. Eloy Miranda, com o nome de Escola Básica Dom Pedro II. A escola possui hoje mais de 800 alunos matriculados. Em 1988, o Pr. Belmiro de

Morais abriu ao lado da IASD Central de Joinville uma escola de 1ª a 4ª série com Jardim e Pré-escola.

Pastores: Idílio Tschurstschenthaler (2 anos); Geraldo Marski (3 anos); Ricardo Zukowski (1 ano e seis meses); Orlando G. Pinho (3 anos); Germano Streithorst (4 anos); Athaliba Huff (3 anos); Arlindo Ebinger (4 anos); Werner Weber (5 anos); Eloy S. Miranda (3 anos); José Cavaliere (2 anos); Jairo Prego (2 anos); Júlio Melo Soares (2 anos); João F. de Andrade (2 anos); Belmiro de Morais (2 anos); Almiro Passos (fevereiro de 1989-1991); Armando Setembrino do Nascimento (1991 -1993); Alceu Nunes (1994).

IASD CENTRAL DE LONDRINA, PR. Localiza-se na Rua Natal, 42, Londrina, PR. Pertence e é administrada pela *Associação Norte-Paranaense da IASD.

O início do adventismo em Londrina deu-se em 25 de abril de1933, com a chegada do jovem pioneiro Geraldo Serpa, agricultor, vindo de Marília, interior de São Paulo, ainda não batizado.

Uniu-se ao casal Ana e Olímpio Câmara, formando então a 1ª Congregação Adventista do vilarejo, que pertencia ao município de Jataizinho.

O 1º missionário adventista a passar por Londrina foi o Pr. Emílio Azevedo em setembro de 1933. Desconhecendo o grupo já formado, não entrou em contato com eles.

Geraldo, Ana e Olímpio foram batizados em 15 de fevereiro de 1936 pelo Pr. *Westphal, nas águas do Ribeirão Cambézinho, onde hoje existe a ponte da Av. Higienópolis.

Passaram a reunir-se na residência da Sra. Madalena, na Rua Sergipe, juntamente com outras famílias.

Com o crescimento do grupo alugaram um salão na Rua Minas Gerais.

A Prefeitura Municipal doou dois terrenos na Rua Pio XII, onde construíram um templo de madeira.

No dia 3 de maio de 1941 foi organizada, passando de grupo para igreja.

Visto haver a grande necessidade de uma nova construção, foram arranjados meios para isso, e, no dia 25 de maio de 1951 foi inaugurado o novo templo.

Mais tarde foi necessário que mudassem para o Centro Educacional Adventista, onde reuniram-se durante 8 anos, por falta de espaço na igreja.

O lançamento da Pedra Fundamental ocorreu em 23 de outubro de 1984. O projeto foi dos arquitetos: Jorge Mendonça e Álvaro Cortêz.

O novo templo da IASD Central é uma construção moderna, confortável, de porte nobre e funcional, atendendo às necessidades básicas de seu membros. possui as seguintes características: Área construída: 2.600 m^2. Nave principal: capacidade para 1.000 lugares. Auditório jovem: capacidade para 250 lugares. Salas para Educação Religiosa: Rol do Berço, Jardim da Infância, Primários, Juvenis, Adolescentes, Jovens e Adultos. (Total 28). Salas para administração: secretaria, tesouraria, aconselhamento pastoral, ancionato, diaconato (5). Salas para ensaios de grupos musicais (3). Centro de Convivência: com cozinha e refeitório. Apartamento para moradia do zelador.

Nos dias 26 a 28 de novembro de 1992 comemorou-se os 60 anos da IASD de Londrina, inaugurando também o Templo na Rua Natal.

Pastores: Emílio Azevedo (evangelista itinerante); Bony Renck; Antônio Jimenes; Arnoldo Rutz; Osmar Lindquist; Antônio Jimenes; Werner Weber; Geraldo Marski; Honório Perdomo; José Turíbio de Burgo; Itanel Ferraz; Floriano Xavier dos Santos; Walter Boger; Enéias Simon; Victor Martinez; David Moróz; Téso Oliveira Duarte; Leonid Bogdanau; Sérgio Schaeffer; Edson Fernandes Paiva; Samuel W. da Fonseca; Itaniel da Silva

IASD CENTRAL DE MACAPÁ, AP. Localiza-se na Rua Desidério Antônio Coelho, 363, no Bairro Trem, Macapá, AP. Pertence e é administrada pela *Missão Baixo-Amazonas da IASD.

O *Evangelismo neste Estado teve seu início em 1952, sob a liderança de Hermínio Costa, sendo que as reuniões eram realizadas em sua própria casa.

O primeiro *Batismo foi realizado no dia 29 de junho de 1953, pelo Pr. *Leo Halliwell, com 6 pessoas. A organização da igreja ocorreu no dia 6 de agosto de 1953.

Pastores: Osvaldo Pereira (1953-1957); Manoel Nunes Pinto (1957-1961); Tércio de Oliveira (1961-1964); Eden Just da Rocha Pita (1964-1967); Edgard Pereira (1967-1969; Rubens da Silva Lessa (1969-1972); José Maria Costa e Silva (1972-1975); Aminadabe Moreira (1975-1976); José da Silva Lessa (1976-1977); Carlos Victor Book (1977-1980); Eliézer Sérvulo Ferreira (1980-1982); Ivo Jacinto de Menezes (1982-1986); Francisco dos Santos Araújo (1986-1987); Ilson Kapisch (1987-1991); José Carlos Correa Adegas (1991- ?).

IASD CENTRAL DE MANAUS, AM. (Início-1928). Localiza-se na Av. 7 de setembro, 1887; Centro, Manaus, AM. Pertence e é administrada pela *União Norte-Brasileira da IASD e *Missão Central-Amazonas da IASD.

A atual igreja resultou de uma série de conferências realizadas pelo obreiro Hans Mayr, aproximadamente em 1928. As reuniões foram feitas no Cine Alcazar, o cinema da cidade.

O primeiro *Batismo da Igreja deve-se ao trabalho do Pr. *Leo B. Halliwell, que oficializou a cerimônia, e do obreiro Sabino. Porfírio Bezerra foi um dos batizandos na ocasião, em junho de 1931.

Após o trabalho feito pelo Pr. Halliwell, o *Evangelho foi um pouco esquecido na cidade e somente em 1945 concretizou-se a

mensagem com uma grande conferência realizada no Ideal Clube pelo Pr. *Gustavo Storch.

Logo em seguida, iniciou-se a construção de um templo com o objetivo de oferecer melhores condições aos membros.

Em 22 de maio de 1946, a Pedra Fundamental foi lançada e em 12 de outubro do mesmo ano, a primeira IASD de Manaus foi inaugurada sob a administração do então presidente da União Norte-Brasileira da IASD, o Pr. Leo Halliwell e o então presidente da Missão Central-Amazonas da IASD, o Pr. Walter Streithorst.

Após 40 anos, em 1986, o templo ficou pequeno e necessitava de reforma. O Pr. Samuel de Souza Ramos propôs a demolição do velho prédio e a construção de um novo com melhores condições.

Em setembro de 1986, iniciou-se a construção do novo templo e em 28 de abril de 1989, ocorreu a reinauguração do atual templo. Na ocasião, estiveram presentes os Prs. Wandir Mendes de Oliveira (UNB), Eric Philip Mounir, Rui Linhares e Samuel de Souza Ramos; todos componentes da Mesa Administrativa.

A Igreja possui a *Escola Paroquial *Centro Educacional Adventista de Manaus (CEAM) fundada aproximadamente em 1944, pela Profª. Maria Pedrina da Silva.

Houve vários fatos que marcaram toda a história da Igreja porém merece destaque a construção do novo templo e os locais em que a Igreja se reuniu durante essa fase. Os cultos aos sábados eram feitos em órgãos do governo, o que significava uma peregrinação para os membros. Outro momento importante foi a primeira reunião no terreno da Igreja antes de sua inauguração em 1º de janeiro de 1987. Atualmente, a Igreja possui sede de distrito e é organizada.

Em meio às mudanças de locais a quais a Igreja se submeteu, os locais utilizados foram: em 1913 aproximadamente, na casa comercial de Américo Pinho, na Praça XV de Novembro; em 1931, na Sala dos Estudantes, na Rua da Instalação; em 1986 e 1987 no auditório Jorge

Humberto Furtado da Escola Técnica Federal do Amazonas, no Auditório da Eletronorte; na Sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Manaus e na quadra da Escola Paroquial da Igreja.

Pastores: Walter Streithorst; Walkírio de Souza Lima; Itanel Ferraz; Harley Boehm; Donald Manssel; Enoch Medrado; Marcos Eduardo Gutierrez; Eduardo Pereira; Odilon Graça e Lima; Itamar Sabino de Paiva; Rodolfo Hein; Alair Oliveira de Freitas; Nathan Tavares de Araújo; Mário Mattos; Sydney Souza Nazareth; Helmult Heiyer; Selso Adolfo Kern; Kleber Reis; Hugo Bustamante; Samuel de Souza Ramos; Naor Rossi.

IASD CENTRAL DE NATAL, RN. Localiza-se na Praça Almirante Tamandaré, 955, Baldo, Natal, RN. Pertence e é administrada pela *Missão Nordeste da IASD. Atualmente (1995) possui cerca de 430 membros batizados.

A mensagem Adventista chegou na cidade de Natal, RN, em 1921, através do *Colportor Luiz Calebe Rodrigues. Esse colportor teve oportunidade de vender o livro *A Vida de Jesus* para Virgulino Ferreira, o famoso “Lampião”, que aterrorizava a Região Nordeste do Brasil, com seu bem armado bando.

A IASD de Natal era formada, na sua maioria, por mulheres, sendo elas as oficiais da igreja. Era conhecida como “a igreja das mulheres”. Localizava-se na Rua Salgadeira (atual Rua da Misericórdia)

O primeiro *Batismo ocorreu em 1923 com 5 pessoas, nas margens do Rio Potengi, sendo o Pr. Tulachek o oficiante.

Em 1952, deu-se o início da construção do templo atual, sendo inaugurado no dia 17 de dezembro de 1954. O Pr. Aristides Leite era o pastor da igreja na época.

Pastores: José Soares Filho, Manoel Pereira da Silva; Oscar Castelani, Cleóbulo Carvalho, Manoel Pereira da Silva, João Carvalho, Benedito Andrade, João Méier, Aristides Leite (1951), Severino Tavares

de Lira, Edgar Gusmão, José Francisco Costa e Silva, Mozaniel Viana, Newton Pereira Gomes, Arandy Nabuco, Benedito José da Silva, Luiz Nunes (1975 a 1977), Cícero Herculano (1978 a 1980), Zirnaldo Rocha (1981), Clóvis Bunzen (1982 a 1985), Paulo César (1986 a 1988), Alexandre Duran (1989 a 1990), Valdiael Carlos de Melo (1991-1994).

IASD CENTRAL DE PELOTAS, RS. Localiza-se na Rua Santa Cruz, 1973, Pelotas, RS. Pertence e é administrada pela *Associação Sul Rio-Grandense da IASD.

O trabalho que resultou na atual IASD de Pelotas iniciou no começo do século, quando muitos europeus imigraram para o país da promessa, ao Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1904, dois pastores chegaram a Pelotas para evangelizar o local, porém, foram expulsos.

Aproximadamente em 1910, a família Bayendorf iniciou em seu lar reuniões aos sábados e cultos familiares. Após dois anos, as famílias Taube e Westphal decidiram-se unir à família e também à IASD.

Acredita-se que o primeiro *Batismo da IASD de Pelotas tenha ocorrido na década de 40 com a decisão de algumas famílias, após a primeira série de Conferências realizada pelo Pr. *Siegfried Kümpel, em 1941.

A igreja possui uma *Escola Paroquial fundada e inaugurada no dia 13 de março de 1948 pelo Pr. Luís Gianini e a 1ª professora foi Elmira Barreto. Possui ainda uma Escola Filial na Vila Santa Terezinha, fundada em 1954.

IASD CENTRAL DE PORTO ALEGRE, RS. Localiza-se na Av. Aureliano de Figueiredo Pinto, 915, Cidade Baixa; Porto Alegre, RS. Pertence e é administrada pela *Federação Sul-Rio-Grandense da IASD.

Em setembro de 1911, foi organizado o primeiro grupo de adventistas em Porto Alegre, RS. Um dos pontos de pregação foi no Caminho Novo, atualmente Rua Voluntários da Pátria.

Foi construído o primeiro Templo na Av. Bom Fim, hoje, Osvaldo Aranha. A inauguração aconteceu no dia 18 de fevereiro de 1913. Na década de 30, o Templo foi transferido para a Rua General Vitorino.

Em janeiro de 1936, foi dedicado o Templo, como um dos eventos de uma Assembléia Trienal da *Associação Sul-Rio-Grandense da IASD. O Pr. *Jerônimo Granero Garcia era o líder da igreja naquele período e logo após a dedicação, realizou uma série de conferências públicas.

Em 1976, foi vendido o prédio da igreja, gerando recursos para a compra de um terreno na Rua Barão do Gravataí, sendo o arquiteto Dalmo Klein responsável pela elaboração do projeto. O Pr. Vilmar Gonzales era o líder da IASD Central nesse período.

A Pedra Fundamental foi lançada no dia 04 de junho de 1978, e no dia 10 de junho de 1979, foi feita a mudança da parte térrea do prédio em construção. Em dezembro de 1979, foi utilizada a nave principal da Igreja.

Por causa da construção da Av. Perimetral, a frente da Igreja mudou-se para a Avenida.

Em fevereiro de 1980, o Pr. César Augusto da Costa concluiu a construção do Templo. Sua dedicação ocorreu em 10 de junho de 1984 com a presença do líder mundial da Igreja, Pr. Neal Wilson e a do Prefeito de Porto Alegre, Dr. João Antônio Dib.

Pastores: Pr. Jerônimo G. Garcia (1936); Pr. Vilmar Gonzales (1976); César Augusto da Costa (1980); Pr. Osmundo Graciliano Santos Jr. (1985); Pr. Emilson dos Reis (1986 a 1987); Pr. Eduardo Pereira (1988-1991); Pr. Jonas Arrais (1992-).

IASD CENTRAL DE SANTA MARIA, RS. Localiza-se na Rua Conde de Porto Alegre, 673, no centro da cidade de Santa Maria, RS. Pertence e é administrada pela *Federação Sul-Rio-Grandense da Igreja IASD. Possui mais de 400 membros batizados.

O trabalho que resultou no estabelecimento dessa igreja iniciou-se no ano de 1914 com a liderança do Pr. *Manoel Kümpel, juntamente com a Sra. Ambrozinha Celestino Alves, que foi a primeira pessoa que observou o *Sábado nessa região.

As primeiras reuniões tiveram lugar na Rua Ipiranga, esquina com a Rua Barão do Triunfo, e o *Batismo das três primeiras pessoas deu-se no ano de 1919, tendo como oficiante o Pr. *José Amador dos Reis.

A igreja foi organizada em 1924. Em 1934 foi fundada a *Escola Paroquial pelo Pr. *José Mendes Rabello e a 1ª professora foi Ester Oerson Faioke.

Ente 1964 e 1965 foi iniciada a construção do templo utilizado atualmente, sendo inaugurado em 27 de maio de 1971.

Pastores: José Amador dos Reis; *Domingos Peixoto da Silva; *Gustavo Storch; *Gerônimo G. Garcia; José Mendes Rabello; Siegrified Hoffmann; *Ricardo José Wilfart; José Guimarães; *Herber T. Hoffmann; *Aracely Melo; Kurte Ruhe; Silas Gianini; Luiz Gianini; Antônio Nogueira Júnior; Isaías Quadros Dorneles; Ataliba Huff; Floriano Xavier dos Santos; Walter Boger; Alfredo; Darci Reis; Ezequiel Bueno de Morais Filho; Stanislaw Bogdanow; Wilmar E. Gonzales; Edir K. Woff; Darci Santos; Natanel Bernardo de P. Morais; Roberto Biagini; Armando Setembrino do Nascimento.

IASD CENTRAL DE SÃO LUIZ, MA. Localiza-se na Rua Celso Magalhães, 124, Centro; São Luiz, MA. Pertence e é administrada pela *Missão Maranhense da IASD.

É uma igreja organizada como distrito pastoral. Primeiramente sua sede localizava-se no Bairro João Paulo (1929 a 1935), sendo transferida, em 1935, para Rua da Palma, Centro.

Em julho de 1942, iniciaram-se as conferências evangelísticas e o primeiro *Batismo da Igreja foi realizado no dia 15 de novembro de 1942. Vinte e uma pessoas foram batizadas na ocasião tendo como oficiante o Pr. Gustavo Storch. Também em novembro foi organizada a igreja sob a liderança do Pr. Gustavo Storch.

Após 7 anos, houve uma nova inauguração da Igreja no dia 23 de outubro de 1951 sendo esta a atual igreja Central de São Luiz.

A Igreja também possui em sua área uma *Escola Paroquial, fundada em 1952 pelo Pr. José C. Bessa.

Pastores: Walter Streithorst (1929-1930); Sesóstris César (1931-1933); Dorival de Souza Lima (1934-1936); Joam Osbony (1937-1º semestre); João Gnutzmann (1937-1938); José Bessa (1939-1944); *Orlando Barreto (1945-1947); Edson Lima (1948-1950); Natan Araújo (1951-1953); Eduardo Pereira (1954-1956); Luiz Fuckner (1957-1959); Tércio Sarli (1960-1962); Eduardo Schmidt (1963-1º semestre); Narciso Liedke (1963-2º semestre); Benedito Lisboa (1964-1966); Ronald (1967- 4 meses); Luiz Melo (1967-1969); Joanes Filho (1970-1974); Jesuino Gomes (1975-1980); José Martins (1981-1983); Paulo Penedo (1984-19860; Samuel D. Kettle (1987-).

IASD CENTRAL DE TERESINA, PI. Localiza-se na Rua Areolino de Abreu, 1510, Teresina, PI. Pertence e é administrada pela *Missão Costa-Norte da IASD.

O primeiro contato adventista nesta região foi com o trabalho da lancha Luzeiro, do Pr. Frederico Pritchard, enfermeiro e lancheiro.

De outubro a dezembro de 1949 foram realizadas as primeiras conferências públicas em Teresina, pelo Pr. *Gustavo S. Storch e pelo obreiro Emery Cohen. Foi escolhido o salão do ex-cinema Olympios.

Em 1950 passaram a reunir-se no salão da Rua Des. Freitas esquina com a Rua David Caldas.

O primeiro *Batismo ocorreu no dia 10 de dezembro de 1949, no Rio Parnaíba, com 9 pessoas batizadas. O segundo foi no dia 31 do mesmo mês, também com 9 batizadas.

Em 1950 a IASD Central foi organizada e teve início a contrução do templo.

Durante 30 anos o coral "Hosana ao Rei" atuou nesta igreja, sob a regência de Maria Luzia S. Castelo Branco.

Com o trabalho evangelístico da IASD Central, surgiram 12 novas igrejas: de Timon, do Aeroporto, do Parque Piauí, da Socopo, da Água Mineral, do bairro do São Pedro, do Monte Castelo, do Dirceu Arcoverde, de Regeneração, de Agricolândia, da Vila da Paz do Satélite.

Pastores. José Cândido Bessa Filho; Emery Cohen; José Natan Araújo; Osvaldo Pereyra Aureliano; José Gimenes; Sidney Sousa Nazareth (1968-1970); José Maria da Costa e Silva; Joel Gonsioroski da Silva; Afrânio Lopes Feitosa; Joanes Oliveira Sousa (1974-1976); Raimundo Barbosa; Rafael Luis Monteiro; José de Ribamar Bezerra Martins; José da Rocha Camões Neto; Washington Alves Ferreira; Antonio Gonçalves da Silva; Arlindo Brandão; Carlos Braga Reis (1992-).

IASD CENTRAL DE UNIÃO DA VITÓRIA, PR. Localiza-se na Rua Paraná, 319, União da Vitória, PR. Pertence e é administrada pela *Associação Sul-Paranaense da IASD.

O trabalho que resultou no estabelecimento da igreja teve início em 1905 sob a liderança de Teodoro Naima e das famílias Fischer e Gruber, no Bairro dos Tocos, Porto União. Na ocasião, batizaram-se 8 pessoas.

A partir de 1918, o grupo de União da Vitória passou a ser liderado pela família Moreira de Castilho, Laurina Ferreira, Jordão de Almeida e Nacle Nemes.

O grupo organizou-se como igreja em 1925. A construção do templo iniciou-se em 1976 e foi inaugurado em 18 de dezembro de 1988.

Antes de possuir sede própria, a *Congregação reuniu-se em um edifício cedido pela Igreja Metodista de Porto União. De 1976 até 1987, a igreja funcionava no prédio da Escola Adventista, fundada em 1940 por Eurico Avi.

Em 1990, a igreja possuía 136 membros batizados.

Pastores: Nilsom Schwantes; Dermival Martins; Turíbio de Burgo; Alfredo Barbosa; Paulo Jesile; *Werner Weber; Edgar Bergold; Nelson Wolff; L. Rodrigues dos Santos; Olímpio Anunciatto; João de Lima Lamarques.

IASD CENTRAL DO RIO DE JANEIRO, RJ. Localiza-se na Trav. Dr. Araújo, 115, Rio de Janeiro. Pertence e é administrada pela *União Este-Brasileira da IASD.

Teve sua origem na IASD do Meier, a qual surgiu de um grupo de adventistas que se reuniam em um prédio na Rua Piauí, em Todos os Santos.

Entre vários líderes que, a partir dos idos de 1894 teriam contribuído para o estabelecimento e desenvolvimento da IASD no Rio de Janeiro, está o colportor William Henry Thurston que chegou ao Brasil em 1894, com sua família, a fim de instalar no Rio de Janeiro um centro de distribuição de literatura denominacional.

Nos anos de 1922 a 1923 alguns membros que residiam mais ao centro da cidade resolveram formar um grupo mais próximo de sua residência.

Assim, com o apoio do então presidente da *União Este-Brasileira, Pr. Henry J. Meyer, o grupo passou a reunir-se num prédio na Rua Senador Furtado, permanecendo ali por 2 anos.

Adquirido um prédio na Rua Maia Lacerda, 46, hoje, 170, no bairro do Estácio, em 1924 o grupo transferiu-se para o novo local. A IASD Central permaneceu ali por 13 anos, chegando de 250 a 300 membros.

Com o apoio da Missão e da *União, foi comprado o terreno na Rua do Matoso, 161, onde foi construída a nova igreja, inaugurada no dia 27 de março de 1937.

Neste local a igreja permaneceu e cresceu, por 39 anos.

Em 1976 foi transferida para o endereçou atual, a qual foi inaugurada em 4 de julho de 1980, com capacidade para 1.000 pessoas.

O atual prédio foi projetado e construído pelo Dr. Dalmo Klein, sob a coordenação do Pr. Eduardo Pereira, então pastor da igreja.

A primeira *Escola Sabatina filial da IASD Central do RJ foi na Ilha do Governador, na residência de Ida Lopes, batizada em 1901.

Pastores: Ricardo Wilfart (1922-1931); *Rodolfo Belz (1931-1932); *Domingos Peixoto da Silva (1933-1935); Liderada pelos anciãos *John Lipke e Lima (1935-1937); Roberto M. Rabelo (1937-1939); Ricardo Wilfart (1940-1941); José Bacarat (1942-1942); K. Tulaschewsky (1944-1945); Waldemar Stoher (1946-1946); Orlando Pinho (1948-1950); Francisco Nunes Siqueira (1951-1952); Renato Emir Oberg (dez/1952 - jul/1954); Enoch de Oliveira (ago./1954 - nov./1955); Olinto Marques (abr./1956 - jun./1956); Emanuel Zorub (jun./1956 - set./1956); José Naves Jr. (out./1956 - nov./1957); Edson Vasconcellos (dez/1957 - ago./1958); Maximilian Fuhrman (set./1958 - dez./1958); José Bacarat (dez./1958 - mai./1959); Waldemar Ehlers (jan./1960 - abr./1962); Rubens Segre Ferreira (mai./1962 - jun./1962); José Maria de Almeida (jun./1962 - fev./1964); José Alfredo Torres Pereira (abr./1964 - ago/1966); Rubens Segre Ferreira (set./1966 -

out./1966); Jorge Lucien Burlandy (fev./1972 - dez/1974); Ronaldo F. Cardoso Cunha (jan./1975 - mar./1975); José Carlos Ramos (mar/1975 - abr./1975); Voltaire Cavaliere (abr./1975 - out./1976); Eduardo Pereira Nieves (out./1977 - ago./1980); Mário Mattos (nov./1980 - nov./1980); Hygino Monardes (fev./1981 - dez./1983); Otávio Almeida Fonseca (mar/1984 - dez./1987); Isiel Miranda (fev./1988 - fev./1989); Décio Borges (mai./1989 - dez./1992); Otoniel Tavares Carvalho (jan./1993 - ago./1994); Carlos Alberto Palma (set./1994-).

IASD CENTRAL JAPONESA DO CAPÃO REDONDO, SP. Localiza-se na Rua Carlos do Nascimento Oliveira, 505 Capão Redondo, SP. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista Sul da IASD.

Nas décadas de 1920 e 1930, surgiram os pioneiros do Adventismo entre os japoneses no Estado de São Paulo.

A primeira *Conversão da colônia deu-se em 1925, com Saburo Kitajima que estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Pode-se dizer que o CAB tenha sido o berço dos adventistas japoneses do Brasil.

Saburo Kitajima faleceu em 1930, sem ter tido muito tempo para anunciar a Verdade entre os seus.

Em 1931, veio para o Brasil, como imigrante, *Tossaku Kanada, com 19 anos de idade.

Em 1932, resolveu ir para o CAB, estudar, onde veio a batizar-se, tornando-se o segundo converso da colônia.

Em 1935, concluiu Teologia, tornando-se o primeiro pastor adventista japonês no Brasil. O terceiro batizado, também no CAB, foi Shichiro Takatoi.

Já em 1956, Shirai concluiu o curso Teológico e foi para os EUA para fazer o curso de Administração de Empresas.

Lá teve contato com o Pr. S. Assou que dirigia um programa evangelístico na rádio, em japonês, no Colorado. Ali adquiriu aparelhos e começou um programa de radiodifusão em São Paulo em 1959, no prédio da *Associação Paulista, emitindo até com 4 estações o programa **A Voz da Profecia* em japonês.

Este método de evangelismo deu muitos resultados, e foi marcante na história da Igreja Japonesa no Brasil.

Até o fim de 1959, o número de membros batizados era 17. Por iniciativa do Pr. Shirai além do programa *A Voz da Profecia*, reuniram-se grupos de japoneses espalhados nas igrejas brasileiras. A sala do grupo de alemão da *IASD Central Paulistana foi o local da primeira reunião do grupo japonês, à tarde, com apenas 7 pessoas, onde se realizou o Culto Divino e a *Escola Sabatina.

Crescendo o número de interessados, o grupo mudou-se para a IASD de Pinheiros, até 1965. Alguns coreanos congregavam-se junto com os japoneses.

Em fevereiro de 1965, o Pr. Kanada, após ir ao Japão aperfeiçoar-se em evangelismo japonês, organizou o Grupo Japonês no Salão dos Jovens da Igreja Central Paulistana, com 16 membros.

Este foi o primeiro grupo organizado no Brasil. De 1925 a 1965, houve só 25 conversões. O grupo da Igreja dissolveu-se mais tarde, vindo a reunir-se todos na Central.

Com a chegada dos Pastores Eida e Mori, o grupo cresceu rapidamente. Conseguiram um total de 42 membros na década de 1960.

No dia 19 de dezembro de 1970, o Grupo tornou-se Igreja organizada. A cerimônia da organização foi realizada pelo Pr. Shirai na Igreja Central Paulistana. Nesta ocasião havia 40 pessoas matriculadas na Escola Sabatina e 70 membros batizados.

Na década de 1970 havia 3 campos onde estava penetrando a comunidade japonesa: São Paulo, Paraná (Pr. Eida) e Belém (Pr. K. Matsunami).

Em 1973, nos dias 15 e 16 de dezembro, foi realizado o primeiro Congresso dos Adventistas Japoneses da América do Sul, no IAE/SP.

O Pr. Kanada continuou no ministério japonês até 1974. Sofrendo do mal de Parkinson, entregou o cargo ao Pr. K. Hosokawa, vindo a ser substituído pelo jovem Y. Bando. Em 1976, o Pr. Mori juntou-se ao Pr. Bando.

Em fevereiro de 1978, o Pr. Bando foi à Guatemala para estudar Medicina Natural, continuando o trabalho o Pr. Mori.

Receberam a doação de um terreno na Rua 2, Lote 18, Quadra 2, da Vila Monte, Capão Redondo, do irmão Ping Yiu Lam e sua esposa Massako F. Lam.

Os membros passaram a reunir-se da IASD Central para a Capela do Dormitório II no IAE/SP.

A pedra fundamental da construção do novo Templo, foi lançada no dia 4 de fevereiro de 1979, estando presentes o Pr. Floriano Xavier dos Santos, então Presidente da Associação Paulista e Kimio Doi, Presidente da Sociedade Japonesa do Capão Redondo.

Em 19 de setembro de 1981, houve a dedicação do Templo, com a presença do Pr. Darci M. Borba, Rodolfo Gorski, Adolfo dos Reis, Kojiro Matsunami, Osmundo G. dos Santos Jr., Hélio Pereira, Lauro M. Grellmann.

Atualmente há três Igrejas Japonesas no Brasil: *Centro Nipônico Adventista (CNA) em Belém, PA, fundada em 1979; um grupo no bairro da Liberdade em São Paulo, organizado em 1981; e a IASD Central Japonesa de Capão Redondo, SP, que é a primeira organizada no Brasil.

IASD CENTRAL PAULISTANA, SP. Localiza-se na Rua Taguá, 88, Liberdade, São Paulo, SP. Pertence e é administrada pela *Federação Paulista Sul da IASD.

São dirigidas classes de *Escola Sabatina em inglês, espanhol, russo, alemão e para deficientes auditivos. Há Escola Sabatina e culto dirigido separadamente: adultos, jovens e juvenis/adolescentes.

A *Escola de Recuperação de Alcoólatras e Fumantes coordenada por esta igreja, tem seu programa uma vez por semana. A Igreja conta atualmente (1995) mais de 1.000 membros batizados.

Teve início em 1911 numa sala do Brás, bairro localizado na zona leste da cidade de São Paulo, e o Pr. Ricardo Süssmann foi um dos primeiros a evangelizar a região, sendo que algumas reuniões foram realizadas em sua casa.

As primeiras pessoas a seguir as doutrinas adventistas como fruto desse trabalho foram o Sr. Mathias de Alencar e a esposa, o Sr. Clemente Ferreira e a Srª. Alice Lourenço de Oliveira, batizada logo no início da campanha evangelística.

Em novembro de 1911, organizou-se o grupo do Brás e, após as primeiras conferências, alugou-se uma sala na Rua Tamandaré, onde passaram a realizar os cultos.

Cerca de 7 anos depois a congregação passou a reunir-se numa outra sala à Travessa São João, 5, atual Pedro Américo, próximo à praça da República.

No dia dois de fevereiro de 1918, decidiu-se que a pequena *Congregação fosse constituída em igreja, pois era freqüentada por mais de 80 membros e o salão alugado da Travessa São João era pequeno para abrigar a todos.

A igreja possui também uma escola Paroquial inaugurada no dia vinte de março de 1923. Os primeiros professores foram: Filonilla dos Santos Assunção, Ana Klein Garcia, Elin Germanson e José Mendes Rabello.

No princípio de 1927, decidiu-se comprar um lote e fazer o projeto de construção. O terreno foi adquirido na Avenida Condessa de São Joaquim mas, devido à Prefeitura ter planejado uma Avenida neste

local, os planos mudaram para a rua Taguá, no mesmo bairro, e os membros, que já ultrapassavam o número de 250, começaram a arrecadar fundos para a construção do templo.

No dia dez de junho de 1928, às 10:00h da manhã, os membros se reuniram para fazer o lançamento da pedra fundamental, iniciando assim o trabalho de construção da IASD Central Paulistana.

O primeiro *Batismo foi realizado em 29 de dezembro de 1928, quando a igreja ainda estava inacabada, sendo que só o batistério estava em condições de uso. Foram batizadas 38 pessoas pelo Pr. José Amador dos Reis.

O templo foi inaugurado dia dezoito de maio de 1929, sendo *José Amador dos Reis o Pastor da Igreja. O sermão de inauguração foi feito pelo Pr. *N. P. Nielsen então Presidente da *União Sul Brasileira da IASD.

Pastores: José Amador dos Reis (1926-1928); *Rodolfo Belz (1929-1930); Alberto Hagen (06/35-/09/1936; Siegfred Hoffmann (29/01/1936-06/06/1937); João Stingelin Linhares (22/11/37-24/06/1939); *Nelson Schwantes (9/39-9/40); *Wandir Arouca (10/1940-8/1943); Moisés Salim Nigri (8/1943); *Oswaldo Rodrigues de Azevedo (03/1950-1/1951); Josino de Campos (3/1952-6/1955); Itanel Ferraz (06/07/1955-1/1960); Luiz de Freitas (01/1960-2/1962); Otto Schmidt Joas (9/1962-3/1964); Celestino Garcia Gonzales (20/8/1964-2/1967); *Ermano Alberto Bassi (04/03/1967-23/01/1971); Ewaldo Schlemper (1971-1974); Edgar de Oliveira (1974-1976); Sérgio Oscar Schaefer (1977-1980); José Maria Barbosa Silva (1981-1982); Valdino Batista Pereira (2/1983-11/1984); César Augusto (2/1985-).

IASD COREANA DO IPIRANGA - SÃO PAULO, SP. Localiza-se na Rua Lucas Obes, 386, São Paulo, SP. Pertence a *Federação Paulistana da IASD.

Atualmente (1995) possui 53 membros batizados. Em maio de 1964 os adventistas coreanos e descendentes reuniam-se na IASD de Pinheiros. De 1965 a 1969 passaram a reunir-se na *IASD Central Paulistana.

No dia 13 de setembro de 1969 a IASD Coreana foi organizada e inaugurada. todos os coreanos e descendentes residentes no país tiveram participação na iniciação deste trabalho.

Pastores: Byung Hoon Shin (02/1969-1980); Hyung Bok Choi (17/09/1981-09/06/1987); Jung Mo Koo (22/10/1987-15/02/1993); Kyng Soo Chôn (13/03/1995 a).

IASD DE ALTO BENEDITO NOVO, SC. Localiza-se na Rua Joinville s/n, no bairro de Alto Benedito Novo, em Benedito Novo, SC. Faz parte do distrito de Blumenau e pertence à *Associação Catarinense da IASD.

Foi fundada em 1895 pelo trabalho do Pr. *Huldreich F. Graff e o ancião Karl Lens e em 1900 a IASD de Alto Benedito Novo foi organizada.

O trabalho de construção do templo atual começou em 1934 e no dia 12 de outubro de 1935 foi realizada a cerimônia de sua inauguração.

Neste mesmo ano foi fundada a *Escola Paroquial por Ludwic Cross.

IASD DO ALTO DO CAPARAÓ, MG. Localiza-se na Rua Felipe Heiderich, s/n; no Bairro Alto Caparaó, MG. Pertence ao distrito pastoral de Caratinga. Pertence e é administrada pela *Missão Mineira do Sul da IASD.

O trabalho que resultou na Igreja iniciou-se em 1919, liderado por Arlindo Lopes de Oliveira e João Gomes de Oliveira.

As reuniões eram realizadas na fazenda de João G. Oliveira. Depois, passaram a reunir-se em uma casa velha num terreno.

O primeiro *Batismo ocorreu em 1933 com a decisão de 3 pessoas e como Pr. oficiante *Domingos Peixoto da Silva. Em 1953 a Igreja foi organizada com 37 membros batizados.

De 1945 a 1963, a Igreja funcionou na sede uma *Escola Paroquial organizada pelos Pastores Francisco Nunes Siqueira e Ernesto Roth. A construção do novo templo iniciou-se em 1980 e a inauguração ocorreu no dia 28 de fevereiro de 1987.

Pastores: Rafael Pereira; Tezenho Bahia; Lorival; Haroldo Soldane; Rubens Canchari Flores; Eduíno Reis; Ariel Barcelo; Renê Reis; Joel Carvalho; Gilberto; Enoc Barbosa; Marcos; Darcy Viana.

IASD DE BLUMENAU, SC. Localiza-se na Rua Alvin Schrader, 125; Bairro do Ribeirão Fresco, Blumenau, SC. Pertence e é administrada pela *Federação Catarinense da IASD.

Foi fundada em 1938 por Reinoldo Belz e o Pr. Arnold Rutz; porém, desde 1915, as reuniões eram realizadas em residências de conversos. Reuniam-se em casas sem ter lugar definido. Na maioria das vezes eram realizadas na casa de Reinoldo Belz.

O primeiro *Batismo da Igreja ocorreu em setembro de 1936 pelo Pr. *Germano Ritter. Na ocasião, sete pessoas foram batizadas.

Em 1973, foi inaugurada a *Escola Paroquial fundada pelo Pr. Arlindo Eurico Ebinger. A igreja foi organizada em 15 de setembro de 1951. Em 1958, foi iniciada a construção do atual templo e no dia 20 de fevereiro de 1960, foi inaugurado.

Pastores: Arnold Rutz (1938-1941); Edilo Tschurstentahler (1942-1944); - (1944-1949); *Conrad Stoehr (obreiro) (1949-1951); Eugênio Weidler (1952-1956); *Germano Streithorst (1956-1962); *Werner Weber (1963-1965); Harold Dieter Link (1966-1969); Josino Miranda (1969-1971); Arlindo Eurico Ebinger (1972-1974); Antônio de

Souza Paiva (1975-1977); Lilis Teixeira Nunes (1977-1978); Dalton Prates dos Reis (1979-1982); Eduardo Pereira Nieves (1982-1985); Almiro Pimentel dos Passos (1985-1989); Derli dos Reis (1989-).

IASD DE BOA VISTA DO GUILHERME, RS. Localiza-se no interior do município de Não-Me-Toque, RS, pertencendo ao distrito de Carazinho e à *Federação Sul-Rio-Grandense da IASD.

Seu nome é uma homenagem ao pioneiro *Guilherme Frederico Kümpel, que liderou o trabalho fundado em 1895, sendo que as primeiras reuniões aconteceram na casa de Guilherme Kümpel entre os anos 1895 e 1898.

No dia sete de outubro de 1897, pela primeira vez, cerca de 40 pessoas batizaram-se naquela região, tendo como oficiante o Pr. *Huldreich F. Graf. No mesmo ano, foi construída a primeira Igreja de Boa Vista do Guilherme.

Pastores: Huldreich F. Graf, *Henry J. Meyer (20/9/1914); *John Boehm (16/3//36-19/7/14); José dos Passos (20/7/40-7/2//42); *Germano Streithorst (10/10/41-7/2/42); *Herbert Hoffman (8/2/42-30/1/47); Hermino dos Reis (4/6/57-1959); Darci Borba (1964-1965); Darci de Oliveira (1960-1963); Ezequiel Morais (1966-1967); Nelson Reis (1968-1971); Levi Silveira (1972-1974); Arlingo Guedes (1975-1977); Jorge Bussmann (1978-1979); Waldemar Genske (1979-1980); Moisés de Olivera (1980-1982); Alci Raffo (1982-1985); Sílvio da Silva (1985-1987); Edílio Galinnetti (1987-1988); Valmir Silva (1989)

IASD DE BRILHANTE, SC. Localiza-se na Rua Brilhante II, s/n; Bairro Brilhante II, Itajaí, SC. É sede de distrito pastoral de Brusque. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD. Possui mais de 130 membros batizados.

Teve seu início através do *Colportor Domingos Costa em 1927 e as primeiras reuniões foram realizadas na casa de Marcelino Rodrigues.

O primeiro *Batismo foi realizado em maio de 1928 com a decisão de 5 pessoas tendo como oficiante o Pr. Roberto Kümpel.

O templo usado pela Igreja foi iniciado em 1958 e a 16 de novembro no mesmo ano foi inaugurado antes de sua construção, a Igreja reunia-se em alguns locais: 5 anos em Limeira, 15 anos na residência de Marcelino Rodrigues; 5 anos na casa de Ladislau Evangelística e 5 anos na residência de João Evangelista.

A Igreja não possui uma escola paroquial propriamente dita. As aulas são realizadas nos fundos da igreja onde a escola foi construída.

A IASD de brilhante é uma igreja organizada desde o dia 29 de novembro de 1975.

Pastores: *Conrad Stoehr, *Germano Streithorst; Orlando Pinho; Eugênio Weidle; *Werner Weber; Brizolar Jardim; Ilto Américo Vaz; Marenos Schmidt; José Maria Costa e Silva; Edilberto; José Paulo Martini; Ademar Paim.

IASD DE CAJATÍ, SP. Localiza-se na Rua Margarida R. Muniz, 100; no bairro Cajati; em Cajati, SP. Pertence ao distrito de Jacupiranga. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista-Sul da IASD. É uma igreja organizada com mais de 100 membros batizados.

A Igreja iniciou seu trabalho em 1922 liderado pelo *Pr. José Rodrigues dos Passos. As reuniões eram feitas em Pindauva.

O primeiro *Batismo da Igreja foi realizado pelo Pr. Alberto Xagen e na ocasião batizaram-se 17 pessoas.

A congregação reuniu-se em alguns lugares anteriores à sua atual sede, tais como em Pindauva e Guaraú.

O atual templo da Igreja foi construído à partir de 1963 e em 15 de janeiro de 1964 foi inaugurado. Foi organizada como igreja no dia 12 de dezembro de 1970.

Pastores: *José Rodrigues dos Passos; João Batista; *Arnoldo Aniehs; Vandir; Joaquim; Geraldo Vanisca; Antonio Xavier; Jair Ferrari; Antonio Fome; Telmo Ribas (1970-1972); Roberto Ferrari (1973-1975); Reginaldo Barreto Sales (1976-1977); Matias Moraes (1978-1981); Ernest Marquart (1982-1983); Raul Gimendes Cortez (1984-1985); Gelson de Almeida Jr. (1986-)

IASD DE CAMPOS DOS QUEVEDOS, RS. Localiza-se no interior do município de São Lourenço do Sul, RS, é uma das primeiras igrejas de alvenaria construídas no Brasil.

A mensagem adventista penetrou na região entre os anos de 1902 e 1903, através do *Colportor *Alberto J. Berger, que foi seguido entre 1903 e 1904 pelos colportores *Augusto Brack e *Arthur Schwantes. Apesar da forte tradição luterana que predominava naquelas colônias alemãs, um número expressivo de interessados começou a surgir.

Não muito depois, para lá se dirigiu *Emmanuel C. Ehlers, o primeiro *Pastor adventista a visitar a região, seguido logo após pelo Pr. *Huldreich F. Graf. Como resultados dos esforços, em 06 de março de 1905, foi realizado o primeiro *Batismo do qual participaram 23 pessoas, das famílias Falk, Geyer, Hünefelt, Köhler, Timm e Tuchtenhagem, quando foi também organizada a igreja.

Outros batismos foram realizados, com representantes das famílias Conrad, Fehlberg e Wetzel, e no final de 1905 já existia um total de 38 membros. Embora as reuniões já fossem realizadas anteriormente, a primeira ata da *Escola Sabatina é datada de 24 de junho de 1905, redigida pela secretária Ida Lehmann.

As reuniões eram, a princípio, realizadas na casa da família Falk, onde também teve início a *Escola Adventista de Campos dos Quevedos, o casal Augusto e Whilhermina Falk doou um terreno de 12 hectares, no qual foi inaugurado no dia 8 de outubro de 1905. A escola paroquial passou então a funcionar nas dependências da igreja. As aulas

eram inicialmente ministradas em alemão, e a escola permaneceu em atividade até 1955, quando foi delimitada uma área por razões financeiras.

Por volta de 1917, o templo precisou ser ampliado para comportar o número crescente de novos conversos. No começo da década de 1960, teve início uma reforma completa que durou aproximadamente 10 anos. Durante esse período, os membros reuniram-se no salão da casa do irmão Rubens Leitzke, até o templo ser reinaugurado em janeiro de 1972. Apesar de ser uma igreja rural, possui um número considerável de membros, e tem-se caracterizado nos últimos anos por um acentuado espírito missionário.

IASD DE CHAPECÓ, SC. Localiza-se na Rua Ruy Barbosa, 1441, Chapecó, SC. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD.

Foi fundada em 1954, pela liderança da Sra. Maria Conceição Ferreira, viúva que morava com o único filho casado, o Sr. Moisés Ferreira. As reuniões foram realizadas em sua própria casa.

O primeiro *Batismo deu-se no ano de 1955 pelo Pr. Idílio Schuchentaler, e três pessoas foram batizadas nesta ocasião.

A igreja foi organizada em dezembro de 1984 e sua construção iniciou-se em 1982 e sua inauguração em 30 de novembro de 1985.

Antes de haver uma sede definitiva para a igreja, a congregação reuniu-se na casa do Sr. Osvaldo Schmitz e na Capelinha à Rua Mato Grosso e Capela de Madeira no Bairro Passo dos Fortes.

No dia 30 de novembro de 1985 foi fundada a *Escola Paroquial da IASD de Chapecó.

Atualmente a igreja é freqüentada por 162 membros batizados.

Pastores: Manoel da Rocha Jardim; Arlindo Ebinger; Valdomiro Bueno de Freitas; Júlio Mello Soares; Jairo Prego; Walter Zolutiyin Massur; Daniel Felau; Luiz Elicto Arias Vasquez.

Obreiros: José Vargas; Haroldo Ditter Link; Fernando Geraldo dos Santos; Joel Bueno da Costa.

IASD DE CONCEIÇÃO DO MACABU, RJ. Localiza-se na Rua Melchíades Picanço, nº 1, Vila Nova; Conceição do Macabu, RJ. Pertence e é administrada pela *Associação Rio de Janeiro da IASD.

Teve seu início em 1926, liderado pelo Pr. Guilherme Dennes. A reuniões eram realizadas num salão junto a uma alfaiataria.

O Pr. *Germano Streithorst foi o oficiante do primeiro *Batismo da Igreja no dia 26 de novembro de 1927, com 13 pessoas batizadas na ocasião.

A organização da Igreja ocorreu em 1931 e a construção do templo em 1984.

A Igreja reuniu-se em alguns lugares tais como:

- De 1926 a 1931 num salão na residência do Sr. Manoel Soares Lavra, já falecido.
- De 1931 a 1943 no atual terreno numa grande casa.
- De 1942 a 1984 no local onde está sendo construída a Igreja.

Pastores: Guilherme Dennes; Germano Streithorst; Henrique Stoehr; Santiago Schimith; Schineider Shuart; George Hoyler; Davis Hardt; Júlio Minân; *Domingos Peixoto da Silva; Alfredo Meier; Lima de Souza; Geraldo Ivanisca; João Katwinkel; Manoel Ost; José Feire do Nascimento; Sebastião Silva; Aristides Apolinário Leite; Arlindo Ebinger; Davi Rocha; Joel Dias de Oliveira; Josias Pereira de Souza; Josué Barbosa de Oliveira, Edilton Cortes Real; Daniel de Maia Valença.

IASD DE GASPAR ALTO, SC. Localiza-se no município de Gaspar Alto, SC. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD.

Embora haja alguma dúvida quanto a ser esta a primeira Igreja Adventista do 7º Dia organizada no Brasil, sabe-se que foi o maior núcleo de membros batizados.

Em 1878 Burchard, jovem alemão, residente em Brusque, SC, fugitivo de justiça, entrou clandestinamente a bordo de um navio. Longe do Brasil foi descoberto e obrigado a trabalhar como tripulante. Conheceu então dois missionários adventistas os quais lhe deram alguns *Estudos Bíblicos.

Burchard forneceu o endereço de seu padrasto, Carlos Drefke, luterano, para que mandassem literatura gratuita. No período de 1878 a 1880 chegaram ao Brasil 10 exemplares do periódico em língua alemã Stimme der Warheit (Voz da Verdade), destinados a Carlos Drefke residente em Brusque.

Mais tarde Dressler passou a receber as revistas vendendo-as.

Em 1887, Guilherme Belz, emigrante alemão, residente na colônia alemã em Gaspar Alto, foi visitar seu irmão em Brusque e encontrou o "Comentário de Daniel e Apocalipse" de Urias Smith, vendido por Dressler. Lendo-o convenceu-se da verdade e em 1890 passou a guardar o *Sábado como dia de repouso, seguindo-o sua esposa, filhos e alguns outros.

Em maio de 1892, chega ao Brasil o *Colportor alemão, Albert B. Stauffer e em agosto de 1894 chega aos Estados Unidos, W. H. Thurston com sua esposa, estabelecendo um depósito de livros no Rio de Janeiro.

Neste mesmo ano o colportor Alberto Bachmeier, convertido mas não batizado, achou um grupo de cristãos em Brusque, comunicando isto ao Pr. Thurston o qual informa também ao Pr. F H. Westphal que estava trabalhando na Argentina. Este vem ao Brasil no dia 30 de maio de 1895 e no dia 08 de junho realiza o primeiro *Batismo do Estado de Santa Catarina, com 8 pessoas, no Rio Itajaí-Mirim. Constam no livro da igreja os seguintes nomes: Ludwig e Henriette Look e Carlos Look

Filho; o casal Karl e Hulda Thrun e os filhos Hermann, Gustavo e Theodor Thrun.

Dois dias após o primeiro batismo em Brusque, o Pr. Westphal batizou em Gaspar Alto outras 15 pessoas: Guilherme e Joana Belz, Franz Belz Filho; Gertrud Belz; Anna Wagner; Alberto Bachmeier; Argust e Joana Olm; Margarete Olm; Ricardo Olm e seus irmãos Hermann, Emil, Charlotte, Marta e Clara.

Em janeiro de 1896, o Pr. Huldreich F. Graf, organizou a IASD em Gaspar Alto, SC.

Em 1902, foi estabelecido o primeiro órgão adventista nacional com poder administrativo: Associação do Brasil, dirigida por H. f. Graf.

Em 1949 foi inaugurado o novo Templo, construído no mesmo local de outrora.

IASD DE ITATIBA, SP. Localiza-se na Rua João Rasmussem, 150; Vila Centenário, Itatiba, SP. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista-Oeste da IASD.

É uma Igreja organizada com 56 membros batizados e sua sede de distrito pastoral pertence à Jundiaí.

O trabalho que resultou na Igreja iniciou-se em 1926 através do *Colportor José di Batista com o livro *O Grande Conflito*. Esse trabalho foi interrompido pelos moradores opositores da mensagem adventista.

José abandonou a luta e aproximadamente 15 anos depois o Pr. *Arnoldo Oscar Anniehs, que na época era colportor-estudante, visitou o campo sem nenhum êxito. Entre 1953 e 1956 houve novas tentativas. Apenas em 1967 houve o primeiro *Batismo, no dia 30 de dezembro pelo Pr. Roberto Rabelo. Na ocasião, 1 pessoa foi batizada.

As primeiras reuniões foram realizadas em um prédio alugado na Vila Cruzeiro em 1970. Após algum tempo não determinado reuniram-se na residência da família Toledo; depois num salão alugado à Rua Camilo Pires e novamente na residência da família toledo à Rua Barão

de Itapema, 278 até 1982 quando foi iniciada a construção do novo e atual templo.

A inauguração da Igreja foi no dia 26 de março de 1983 e no dia 5 de outubro de 1985 foi organizada como igreja.

Pastores: Paulo Sarli (1980-1982); Sérgio Otaviano (1982-1986); Guerling (1987-).

IASD DE LAGEADO BAIXO, SC. Localiza-se na Rua dos Adventistas s/n, Guabiruba, SC, faz parte do distrito de Brusque. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD.

Entre 1865 e 1870, veio para o Brasil, a bordo de um navio que trazia imigrantes europeus, ainda garoto, Roberto Fuckner, natural de *Sehleswick*, Alemanha. Nesta mesma época, a bordo de outro navio, só que este vindo da Saxônia, veio uma garotinha cujo nome era Maria Schirmer. Essas duas famílias se estabeleceram no Vale de Itajaí.

Com o decorrer do tempo Roberto e Maria se conheceram, cresceram casaram-se, e tiveram vários filhos. E desta união surgiu em Lajeado Baixo, Guabiruba, a luz que cresceu, expandiu e levou a mensagem a todos os habitantes de Guabiruba e municípios vizinhos.

Ambas as famílias conheceram a mensagem através do Sr. *Guilherme Belz, que na época residia em Gaspar Alto e estava recebendo *Estudos Bíblicos, começando assim a guardar o *Sábado. Organizaram Escolas Sabatinas (Veja **Escola Sabatina**) na casa de Roberto Fuckner, sendo sua própria família os primeiros membros.

Através do trabalho missionário outras famílias como Pollheim, Label, Schirmer e outras, se converteram.

Em 1926, foi construído o 1º templo de madeira (6 x 8m), pois até esse ano, as reuniões eram feitas ainda na casa de Roberto Fuckner. Em 1937, foi construído o 2º templo com as medidas de (7 x 10m), pois havia mais pessoas e o primeiro estava pequeno para acomodar a todos.

O primeiro *Batismo de que se tem registro foi realizado no ano de 1939, quando então foram batizadas as filhas de Roberto e Maria Fuckner. Não se sabe quando Roberto Fuckner foi batizado, mas foi o Pr. Westfall que o batizou.

Em 1942, o grupo de Lajeado Baixo foi organizado em igreja.

No dia 23 de março de 1957, foi inaugurado o 3º templo medindo 10 x 15m e nesse mesmo ano, foi fundada, nos fundos da Igreja, uma escola primária.

Em 1985, foi construído o quarto e atual templo, medindo (10 x 20m).

IASD DE PINHAL, RS. Localiza-se em Bom Retiro do Sul, RS. Fa parte do distrito de Lajeado. Pertence e é administrado pela *Associação Su Rio-Grandense da IASD.

Foi fundada pelo trabalho do Sr. Paulo Weber, em 1900. O primeiro *Batismo foi realizado em 1906 pelo Pr. Groef, onde 2 pessoas foram batizadas.

As reuniões foram realizadas durante cerca de 57 anos na forma de revezamento, ou seja, um *Sábado na casa de uma família, outro sábado na casa de outra.

Em 1957, deu-se início à construção do templo, o mesmo usado atualmente. Em de abril do mesmo ano, foi a sua inauguração.

Sua organização ocorreu no dia 14 de outubro de 1961. Até o ano de 1987, havia cerca de 25 membros batizados.

Pastores e Obreiros: Pr. Groef (1906); *H. Meyer (1917); *J. R. B. Lipke (1918); Boni Renck (1968); Edson Gomes (1969); Manoel Abreu (1970-1972); Ernesto Marquardt (1973-1975); Arlindo Ebinger (1976-1978); Júlio Silva (obreiro) (1980); Jorge Luiz Bussmann (1980); Elias dos Reis (obreiro) (1981); Inácio da Rosa (1982-1984); Moacir P. Fonseca (1984-1985); Paulo G. W. Nascimento (1986-).

IASD DE PIRES DO RIO, GO. Localiza-se na Rua Manoel Cavalcanti Nogueira, 49, Centro, Pires do Rio, GO, desde sua fundação. Pertence e é administrada pela *Associação Brasil-Central da IASD.

É uma igreja organizada desde 1973 com sede de distrito pastoral e com um número de mais de 100 membros.

O trabalho resultante na atual igreja foi iniciado em 1924 por Jaulino Marques e Edóxio Mamede.

Em 29 de novembro de 1924 foi realizado o primeiro *Batismo pelo Pr. J. Berg Johnsen e na ocasião batizaram-se 2 pessoas.

A construção do novo templo foi iniciado em 1971 e após 3 anos, em 1974 a Igreja foi inaugurada.

O Pr. Ênio F. Melo foi fundador da *Escola Paroquial que a Igreja possui inaugurada em 1974.

Pastores: Ismael Pereira de Loiola (1961-1963); Otávio Costa (1963-1966); Dorvalino Ribeiro (1967-1970); Diomar Pereira dos Santos (1971-1974); Ênio F. Melo (1974-1978); Dimas Pereira Artiaga (1978-1979); Josino Miranda (1980-1982); Isiel Miranda (1982-1983); João Batista Macedo (1984-1985); Miguel de Oliveira Leão (1985-1986); Jaime da Silva Wolff (1986-1987); Joaquim Ferreira Rocha (1987-   ).

IASD DE RIACHO GRANDE, SP. Localiza-se nas proximidades de São Bernardo do Campo, SP. Houve uma comemoração de 10 anos de existência em 1989.

O templo foi inaugurado no dia 14 de abril de 1979 com a presença do Pr. Neal Wilson, então Presidente da *Associação Geral da IASD.

No dia 08 de dezembro de 1979 o Pr. Moisés Nigri realizou a cerimônia da dedicação.

IASD DE RIO NEGRO, PR. Localiza-se à Rua Joaquim Savóia, 79, Rio Negro, PR. Faz parte do distrito de Vila São Pedro. Pertence e é administrada pela *Federação Sul- Paranaense da IASD. A Igreja é freqüentada por mais de 90 membros batizados.

A Igreja surgiu em 1890 através do trabalho das famílias Liedke e Malekviski, na época, recém-convertidos.

As reuniões eram realizadas no bairro Campo do Gado, e o primeiro *Batismo foi realizado em 1890 pelo *Pr. Huldreich F. Graff, sendo batizadas as famílias Liedke e Malekviski.

A *Congregação se reuniu também em outros lugares que foram: 1890-1925 na casa do Sr. Siange no Bairro do Campo do Gado; 1926-1930 na casa do Sr. Emiliano Ramalho - próximo ao Hospital de Rio Negro; 1931-1936 mais para o centro; 1948-1959 numa casa alugada à Rua Getúlio Vargas - próximo ao Hospital de Rio Negro. Em 1956, deu-se início à construção do templo atual ocorrendo sua inauguração no ano de 1969.

Pastores: Pr. Graf (1948); *Germano Conrad; Belarmino Pereira (1948-1958); *Werner A. Weber e Androval Schevani (1959-1969); Saff (1970); Pedro M. Pereira (1971-1973); Paulo Leitão (1974-1975); Gerson Fragoso (1976-1977); Antônio Miranda (1978); Nelson Toldo (1980); Melchíades Soares (1981); Anastácio A. Papasogloa (1982-1983); Luiz A. Nadaline (1984-1985); Rui S. Wolski (12/85-12/86); Ezequiel B. M. Filho (12/86).

IASD DE ROLANTE, RS. Fundada em 1929 pela primeira comunidade adventista do Rio Grande do Sul. No dia 12 de maio de 1984, foi reinaugurado o antigo templo. Contou com a presença dos Prs. Wandyr Mendes de Oliveira, então Presidente da *Associação Sul Rio-Grandense da IASD e Moisés Gonçalves de Oliveira, pastor local.

Pioneiro adventista saído desta igreja: José Amador dos Reis.

IASD DE SANTA COLETA, RS. Localiza-se no interior do município de Pelotas, RS. Pertence e é administrada pela *Associação Sul Rio-Grandense da IASD.

Foi um dos primeiros núcleos adventistas no Rio Grande do Sul. Entre os anos de 1903 a 1904, os Prs. *Emmanuel Christian Ehlers e *Huldreich F. Graff chegaram à cidade de Pelotas, RS, para pregar a mensagem adventista. Como enfrentavam muitas barreiras, resolveram iniciar o trabalho entre os colonos alemães luteranos do interior do município. Expulsos dessa região, passaram para o interior do município vizinho de São Lourenço do Sul, RS, onde os colportores haviam deixado um número considerável de interessados.

Ainda em 1904, em meio às atividades que resultaram no estabelecimento da *IASD de Campos dos Quevedos, o Pr. Ehlers e o *Colportor *Augusto Brack decidiram voltar a pregar no interior de Pelotas. Chegando ao distrito de Santa Coleta, encontraram a Germano Wahl, presidente da comunidade luterana, que, interessando-se pela mensagem, cedeu o salão de sua residência para as reuniões. Como houve nova oposição, o próprio Sr. Wahl resolveu mudar-se para a colônia de Corrientes, hoje colônia São Joaquim, sendo novamente visitado pelo Pr. Ehlers e pelo colportor Brack. Como resultado, no final de 1905, foram batizados os primeiros conversos das famílias Wahl, Falk, Wetzel e Helwich.

Em 1912, o irmão Wahl comprou uma propriedade de 16 hectares para a igreja sobre a qual foi construído um pequeno templo de alvenaria, inaugurado em 1914. No mesmo prédio, foi estabelecida uma *Escola Paroquial, sob a direção da professora Hortência Wapp.

Alguns anos mais tarde, foram vendidos 7 dos 16 hectares sendo o seu valor destinado à construção do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), em Taquara, RS. Em 1939, o prédio com o restante da propriedade foi vendido pela Associação Sul Rio-Grandense da IASD, e

boa parte de seus membros mudou-se para a cidade de Pelotas, enquanto que os que lá permaneceram passaram a congregar-se em casas particulares, dentre as quais permanece o grupo do Cerrito Alegre.

O pequeno templo é hoje um velho galpão que ainda conserva sua arquitetura original.

IASD DE SANTA MARIA DO JETIBÁ, ES.

IASD DE SÃO FRANCISCO DO SUL, SC. Localiza-se na Rua Augusto Afonso Santos, 02; Centro; São Francisco do Sul, SC. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD.

É uma Igreja organizada como sede de distrito pastoral e conta com mais de 300 membros batizados (1995).

A Igreja teve seu início em 1927, por Emília Caldeira dos Santos, uma senhora que liderou o trabalho apenas com o estudo da *Bíblia.

A igreja reuniu-se em alguns lugares anteriores à sua atual sede. Durante 3 anos, reuniram-se no Morro Grande (a 9 Km da cidade); 2 anos em Rodeio Grande; 1 ano na Av. Neru Ramos-Centro e 2 anos na Rua Coronel Oliveira.

O primeiro *Batismo foi realizado pelo Pr. *Germano Streithorst, em 1928, quando 8 pessoas se batizaram na ocasião. Foi fundada em fevereiro de1935 uma *Escola Paroquial pelo obreiro Paulo Deucher.

No ano de 1936, a igreja foi organizada. Em 1961, foi iniciada a construção do atual templo, inaugurado em 1963.

Pastores: Arnold Schmidt, Elias Castilho, João Linhares, Ricardo Zukuski, Geraldo Marski, Arlindo Ebinger, Nelson Süancer, *Quirino Dau, Ataliba Huff, Eloy Miranda, Cavalieri, Fritz, Omar Hora, Vergílio Fonseca Paiva, Santos Opazo, *Paulo Marquart, Werner Weber, Eugênio Weidhe.

IASD DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP. Localiza-se na Rua Augusta Simões, 85, Parque das Nações, São João da Boa Vista, SP. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista-Oeste da IASD.

É uma igreja organizada com sede de distrito pastoral e com 100 membros batizados. A Igreja iniciou-se sob a liderança de *Domingos Peixoto da Silva, *Ricardo José Wilfart, *Manoel Margarido, *Luiz Braun e *Jerônimo G. Garcia, em 1923.

As primeiras reuniões foram realizadas na residência de Camila Teixeira e o primeiro *Batismo foi oficializado pelo Pr. Jerônimo G. Garcia após uma série de conferências.

Em 25 de maio de 1929, foi inaugurado o primeiro templo, à Rua São João, 142 num grande salão.

A Igreja foi organizada em agosto de 1973. O atual templo foi iniciado com a pedra fundamental no dia 20 de fevereiro de 1983 e em 27 de outubro de 1984 foi inaugurado.

A Igreja possui uma *Escola Paroquial, que foi inaugurada em fevereiro de 1984. Sob a liderança do primeiro *Ancião da Igreja Alzimar Gabriel da Silva e a Comissão da Igreja.

Pastores: Domingos Peixoto da Silva, Ricardo Wilfart, Manoel Margarido, Luiz Braun, Jerônimo G. Garcia, Rene Teixeira dos Reis, Ilho Burigato, Adelzir Amorim, Odorino de Souza (1973-1975), Carlos Nogueira (1976-1977), José B. Araújo (1977-1978), Narcizo R. Liedke (1979-1980), Edson Ribeiro (1981-1984), Elimar Pereira Zillo (1985-10 meses), Evaldo Krahenbühl (1986-).

IASD DE SAPUCAEIRA, BA. Localiza-se na Rua Sapucaeira, s/n; Ilhéus, BA. Pertence e é administrada pela *Associação Bahia da IASD.

É uma Igreja organizada que pertence à sede de distrito pastoral de Ilhéus. Em 1987, possuía 58 membros batizados.

Os trabalhos da Igreja iniciaram no ano de 1923 sob a liderança de Pedro França Batista, Lúcio França Batista e José Francisco Araújo. As reuniões eram feitas em Simiro, que é distrito de Ilhéus.

O primeiro *Batismo foi oficializado pelo *Leo Blair Halliwell, no dia 1º de janeiro de 1928 e na ocasião batizaram-se 3 pessoas.

A igreja reuniu-se em lugares anteriores à sua sede atual: de 1923 a 1928 em Simiro; de 1928 a 1930 em Itapoã; de 1930 até hoje em Sapucaeira.

A construção do novo templo iniciou-se em 1963 e foi inaugurado no dia 26 de dezembro de 1970. A *Escola Paroquial da Igreja foi inaugurada em 1979 por Adonesedek na França Batista.

A organização da Igreja ocorreu no dia 9 de dezembro de 1985.

Pastores: *Theófilo Berger (1931-1940), Ataliba de Abreu Neto (1952-1954), José Luduvice (1954-1960), José Naves (1967-1970), Manuel Porto (1970-1972), Camilo Brito (1972-1975), Daniel Aragão (1975-1978), Abgmar Dourado (1978-1982), Elion Paixão Matos (1982-).

IASD DE SERRA PELADA, ES. Localiza-se num sítio em Serra Pelada, na cidade de Afonso Cláudio, ES. Pertence ao distrito de Laranja da Terra. Pertence e é administrada pela *Associação Espírito-Santense da IASD. Atualmente (1995), possui 30 membros batizados.

A mensagem adventista teve início em 1894 em Serra Pelada, ES, sob a liderança do Pr. *Albert Stauffer. Reuniam-se primeiramente em Santa Maria do Jetibá.

O primeiro *Batismo foi realizado no dia 14 de dezembro de 1895, oficiado pelo Pr. *Huldreich F. Graf. Foram batizadas 23 pessoas, sendo neste dia oficialmente uma igreja organizada.

IASD DE SERTANÓPOLIS, PR. Localiza-se na Rua Senador Souza Neves, 274; Centro; Sertanópolis, PR. Pertence e é administrada pela *Associação Paranaense da IASD. A igreja é organizada, mas não possui sede distrito pastoral. Pertence à sede do Jardim do Sol-Londrina.

Em 1926, iniciou-se o trabalho que resultou na igreja de Sertanópolis, liderado por João Reichert e sua esposa Josefina. As reuniões eram feitas na casa do casal e logo após, em 1938, foi construído o primeiro templo da Igreja. Em 1943, o templo foi ampliado.

O oficiante do primeiro *Batismo da história da Igreja foi o Pr. Durval S. de Lima que na ocasião batizou 4 pessoas no ano de 1937.

Há na sede, uma *Escola Paroquial inaugurada em 1945 e fundada por João Reichert, juntamente com o apoio do Departamento e de *Romeu Ritter dos Reis.

A Igreja foi organizada no dia 26 de outubro de 1946. O novo templo foi iniciado em 1953 e no mesmo ano foi inaugurado.

Pastores: Manoel Guilhen, Naor Conrado, Isáias Quadro Dorneles, Albino Marks, David Moróz.

IASD DE SOCORRO, SP. Localiza-se na Rua Dr. Luiz Pizza, 310, Socorro, SP. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista-Leste da IASD. É atualmente uma Igreja organizada com sede de *Distrito.

A Igreja teve seu início aproximadamente em 1922 com o trabalho liderado por José Mendes de Oliveira, Francisco Faria e o missionário Matias de Alencar.

O primeiro *Batismo realizou-se na Rua Barão do Rio Branco em 1923. Oficializado pelo Pr. Westcot que batizou na ocasião 5 pessoas.

A IASD de Socorro reuniu-se em alguns lugares anteriores a sua sede: Bairro dos Farias, Saltinho e cidade.

A construção da atual sede da Igreja foi iniciada em 1929. Foi inaugurado em 1930 e em 1935 Igreja foi realmente organizada.

A *Escola Paroquial que havia foi fechada.

A Igreja era visitada e atendida através da *Associação Paulista da IASD que enviada alguns pastores. Foram eles: *Rodolfo Belz, *Jerônimo G. Garcia, *Domingos Peixoto da Silva e outros.

IASD DE TAQUARA, RS. Localiza-se na Rua Bento Gonçalves, 2379, Centro, Taquara, RS. Teve início com a *Conversão de Carlos Renck e mais 5 membros de sua família. No tempo de sua conversão, era proprietário da fazenda onde hoje está o *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS).

O Pr. Henrique Mayer realizou uma série de conferências em um pavilhão de lona. Houve muita oposição, mas converteu-se a família Ritter, da qual grandes frutos são os Pastores *Germano Guilherme Ritter e o filho, Orlando Ritter, atual diretor da *Faculdade Adventista de Educação (FAED). Da família Bergold, Adolfo foi formado na primeira turma do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), e seu irmão foi missionário no Araguaya e *Preceptor na mesma escola, o Pr. *Ernesto Alberto Bergold.

Em 1898, construiu-se a casa onde se estabeleceu o museu Abraham Classen Harder e ali também dava hospedagem para algum viajante. Em janeiro de 1902, apareceu inesperadamente o Pastor *Huldreich F. Graf e pediu hospedagem para ele e sua comitiva. Era quinta-feira e, no dia seguinte esperava, seguir para Campestre e Santo Antônio da Patrulha, onde havia interessados. No *Sábado, foi organizada a *Escola Sabatina, sendo o Sr. Renck, o secretário. No domingo a comitiva do Pr. Graf seguiu viagem e só regressou seis semanas mais tarde, em março de 1902. Ali então foi realizado o *Batismo de cinco pessoas daquela família. Carlos e Carolina Renck, Theobaldo, Amélia (mais tarde Kraemer) neta de Carlos, e sua filha Guilhermina, que veio a se tornar Faiock.

Este começo foi humilde e com poucos membros, mas eles eram unidos. Construíram a primeira igrejinha com muito sacrifício. Mais tarde, a atual igreja na Rua Bento Gonçalves, foi erigida e para lá transferiram a escola primária que já existia. Com o tempo, outras famílias se agregaram ao pequeno grupo e a família adventista foi crescendo.

De Santa Catarina veio a família Olm e em 1913, também veio a família Bergold.

Atualmente, o Vale dos Sinos está semeado de Igrejas, das quais a de Taquara foi a primeira, e abriga hoje o IACS, construído numa fazenda de Theobaldo Renck, em 1928.

IASD DE TEIXEIRA SOARES, PR. Localiza-se na Rua Souza Naves, s/n, Centro; Teixeira Soares, PR. Pertence e é administrada pela *Associação Paranaense da IASD.

A IASD de Teixeira Soares não é organizada e não possui sede de distrito pastoral. É um grupo contendo 27 membros batizados (dados de 1987) e pertence ao distrito de Ponta Grossa - Nova Rússia.

O trabalho que resultou na IASD de Teixeira Soares iniciou-se em 1910 pelo Pr. *Luís Brown. Na época, o grupo reunia-se em um salão. Logo após, estabeleceram-se um ano na casa de Ciro Amancio dos Santos e um ano na casa de Palmira Santos Justus. A construção do novo templo foi iniciada em 1982 e não há informação sobre a data da inauguração.

Houve uma escola paroquial fundada em 1937 por Carmelina Chagas dos Santos. Foi organizada pelo Pr. *Waldemar Ehlers e o primeiro professor foi Pedro Custódio Braga. Devido alguns problemas financeiros, a escola foi fechada.

Pastores: Germano Streithorst; Artur Westphal; Roberto Rabelo, Manoel Kümpel, Dermival Martins; Edson Michelis; Antenor Cruz;

Tércio Duarte; José Rogério de Melo; Altair Jubanski; Valdir Tavares; Altair Godk; Samoel Ferreira; Mauro Bueno.

IASD DE WASHINGTON, NEW HAMPSHIRE. Nas proximidades de Washington, a aproximadamente a cinco quilômetros do centro de Washington, encontra-se uma igreja de campo, um edifício branco, de madeira, que é freqüentemente referido como a "primeira igreja Adventista do Sétimo Dia". Mais precisamente, é a igreja em que se originou (aparentemente em 1844) o primeiro grupo de Adventistas Sabatarianos, um grupo que alguns anos mais tarde (1862) tornou-se uma Igreja inteiramente organizada e que logo depois, provavelmente, adquiriu o edifício da Igreja, que pertencia aos Irmãos Cristãos. Foi em 1844 que um ministro itinerante Metodista e vários membros leigos desta Igreja Cristã, que também tinham-se tornado Adventistas (Mileritas), começaram a observar o sétimo dia, tornando-se assim, em um sentido limitado, os Adventistas do Sétimo Dia.

A Igreja de Washington, New Hampshire, não foi a primeira Igreja ASD organizada e nem o primeiro lugar de adoração dos ASD, pois em 1862, havia outras igrejas ASD já completamente organizadas e no outono de 1855, havia um edifício de Igreja ASD em Buck's Bridge, Nova Iorque e um já pronto, ou em construção em Battle Creek, Michigan. Porém, a Igreja de Washington pode ser considerada o berço da congregação Adventista guardadora do sábado. Tiago White descreveu-a como "o lugar onde a observância do sábado foi pela primeira vez praticada entre os Adventistas".

IASD DE ZIMBROS, SC. Localiza-se na Rua Geral de Zimbros, s/n; Zimbros, Porto Belo, SC. Pertence e é administrada pela *Associação Catarinense da IASD. É sede distrito pastoral de Itajaí, SC.

A Igreja teve seu início em 1920 liderado por Estelito Cardoso realizado na Praia Triste.

O primeiro *Batismo da Igreja deu-se em 1936 como o Pr. oficiante *Germano Streithorst e na ocasião batizaram-se 5 pessoas.

O novo e atual templo da Igreja foi iniciado em 1967. Após um ano foi inaugurado e em 20 de outubro de 1984, a igreja foi organizada.

Em 1941 a igreja reunia-se na residência de Henrique Venâncio em 1941 e em 1960 na residência de Bento Limas que em 1967 doou o terreno para a construção da atual Igreja.

Pastores: Germano Streithorst (1936-1945); Boni Rench (1946-1953); Edgar Bergold (1954-1959); Dorvalino Ribeiro/Brizolar Jardim (1959-1968); Romeu Pinto (1969-1974); Ilton Vaz (1975-1977); José Maria Costa e Silva (1978-1980); Idelberto Novais (1983); Jairo Prego (1984-1987); (1988-).

IASD DO MEIER, RJ.

IASD JAPONESA LIBERDADE, SP.

IDADE ESCURA. Termo histórico padronizado, usado pelos historiadores para referir-se à estagnação cultural e declínio intelectual na Europa, estendendo-se da subversão do Império Romano pelos bárbaros (476 A.D.) até o reavivamento do conhecimento (A Renascença). Embora alguns tornem o termo equivalente à Idade Média como um todo (os mil anos de 500 a 1500), a maioria dos historiadores o igualam à *primitiva* Idade Média (rudemente, do século VI até o sétimo século). A "escuridão" começou a ser dispersada primeiramente na Renascença, e mais tarde na Reforma e era das pesquisas. No século dezesseis, alcançamos os inícios da história moderna. A terminologia é

muitas vezes usada de modo incorreto nas explicações do cumprimento histórico das profecias que envolvem tempo.

IDE, REVISTA. Veja **Revista Ide.**

IDOLATRIA. [heb. *teraphim, gillûlîm;* gr. *eidololatria*.] De acordo com o uso bíblico, idolatria inclui a adoração a falsos deuses em várias formas e a adoração de imagens com símbolos de Jeová. O N.T. amplia o conceito de idolatria incluindo práticas como glutonaria (Fil. 3:19), cobiça (Efés. 5:5). Isto está em harmonia com a ênfase espiritualizante do N.T..

A idolatria tem sido praticada desde os primórdios do homem. Os ancestrais imediatos de Abraão "serviam a outros deuses" (Jos. 24:2). Os patriarcas estavam comprometidos a uma adoração monoteísta a Jeová, mas os membros de suas casas eram às vezes influenciados pela idolatria (Gên. 31:30, 32-35; 35:1-4). A idolatria era um pecado freqüente de Israel (Deut. 32:16; II Reis 17:12; Sal. 106:38), e era mais do que uma preocupação passageira para a Igreja cristã primitiva (I Cor. 12:2). O paganismo cananeu era popular por causa de seus baixos padrões morais em contraste com os elevados padrões de certo e errado da religião dos hebreus, e a religião mais exigente era rejeitada em troca do culto mais fácil a Baal.

O problema da idolatria era tão agudo que o primeiro e o segundo mandamentos do Decálogo tratavam de maneira bem definida esta fase da vida religiosa (Êxo. 20:3-6). Durante o período do Êxodo, houve duas violações desses mandamentos dignas de nota. A primeira foi a adoração do bezerro de ouro (cap. 32), e o segundo, a apostasia em Sitim, durante a qual, Israel se envolveu nas práticas licenciosas da idolatria moabita (Núm. 25:1, 2).

Do tempo da conquista de Canaã até o cativeiro Babilônico, a idolatria foi uma influência persistente, minando a experiência de Israel. No período anterior, houve uma série de ciclos: Israel cairia na idolatria e seria vítima de agressão. Vez ou outra, um juiz se levantaria para restaurar a adoração à Jeová. Esse padrão foi repetido várias vezes (Veja Sal. 106). Essa flutuação entre o culto de Israel a Deus continuou durante o tempo dos reis e a idolatria foi freqüentemente fortalecida pelo intercurso e alianças políticas (I Reis 11:1-13, etc.). A batalha contra a idolatria nesses tempos foi deflagrada pelos profetas. Elias desafiou o idólatra Acabe (cap. 21:17-27); Amós advertiu sobre a idolatria, que seria o resultado da adoração aos ídolos (Amós 5:1, 26, 27). Oséias denunciou "o bezerro de Samaria" (Os. 8:4-6); Isaías ridicularizou a insensatez de adorar as obras das mãos de alguém (Isa. 44:9-20); Jeremias predisse a ira divina como um resultado da adoração de ídolos (Jer. 7:16-20, 20-34); Ezequiel predisse desolação por causa da idolatria (Ezeq. 6). A repetição dessas advertências é extremamente freqüente, indicando a seriedade do problema nos tempos do A.T..

Durante o cativeiro, os Israelitas aprenderam a lição quanto à idolatria. Sua repulsa pelas imagens tornou-se tão extrema e foi tão duradoura que séculos depois, os judeus consideravam até mesmo as insígnias do exército romano como profanas (Jos. *Guerras*. xvii. 9, 2, 3); eles chegaram ao ponto de destruir a águia dourada do Tempo de Herodes (Jos. *Ant.* xvii 6, 2, 3), e todos os esforços foram feitos para se isolarem de toda influência que pudesse levar à idolatria. O novo culto na sinagoga, que era comum nos tempos do N.T., era uma proteção eficaz contra a influência estrangeira. A tendência de fraternizar-se com as nações vizinhas deu lugar a um isolacionismo fanático (João 4:9; Atos 10:28) que tinha seus aspectos favoráveis.

Os conversos do paganismo nos tempos do N.T. estavam em constante perigo de se voltarem novamente à idolatria, por isso as freqüentes advertências do N.T.. (I Cor. 5:10, 11; 6:9; 10:7; Efés. 5:5;

Apoc. 21:8; 22:15, etc.). Um dos intrigantes problemas que se levantaram foi a propriedade de comer carnes sacrificadas a ídolos. Alguns conversos do paganismo não podiam, com a consciência livre, comer carnes que tinham sido assim oferecidas. Paulo instou para que esses cristãos fossem tratados com consideração, e suas consciências não deviam ser violadas pelos cristãos mais esclarecidos, para quem os ídolos não era nada e a comida sacrificada aos ídolos não era diferente da comida comum (I Cor. 8; Rom. 14).

O espírito do judaísmo e do cristianismo tem sido o monoteísmo ético. As crenças de que "Deus é um" e que "Deus está interessado no que as pessoas fazem" estão em marcante contraste com o politeísmo degradante dos séculos.

IGREJA. (Organização Territorial). Em algumas partes do mundo, este é um termo usado em frases tais como Igreja Brasileira, Igreja Espanhola, ou a IASD em Angola, designando as unidades da organização da IASD naquelas áreas específicas. Mais comumente, tais unidades organizacionais são designadas como Associação, Missão, Seção ou Campo.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA (Organização Local). A unidade básica organizacional da Igreja como um todo; um grupo de crentes batizados unidos por sua fé comum (Veja **Natureza da Igreja**), e também por uma organização baseada no padrão de *Governo da Igreja do *Novo Testamento. A Igreja Adventista local age através de seus anciãos, diáconos e outros oficiais, constituindo a *Comissão da Igreja, ou por voto de toda a *Congregação, em questões de administração local, a admissão e exclusão de membros, a manutenção de uma *Escola Paroquial e a eleição de seus oficiais. Ela trabalha em cooperação com o *Pastor, que dirige as atividades da Igreja e pertence

a um grupo de Igrejas organizadas em uma Associação, sob relações definidas na Constituição de regimentos da Associação. O livro para direção da Igreja local é o **Manual da Igreja.*

I. Membros. *Admissão.* Há três pré-requisitos para a admissão de membros na Igreja Adventista do Sétimo Dia:

(1) *Conversão;
(2) Aceitação dos princípios e *Doutrinas ASD;
(3) *Batismo por *Imersão.

Aqueles que concordam com esses pré-requisitos são aceitos como membros por voto dos membros já batizados. Para aqueles que requerem a admissão pelo batismo, o voto batismal dos membros pode ser tomado antes do batismo (isto é, “sujeito a batismo”) ou após o batismo. Aqueles que pedem para ser membros e que previamente foram batizados por imersão, podem ser recebidos por profissão de fé. Nessa categoria, estão aqueles que foram membros de outras denominações que praticam o batismo por imersão e que querem ser recebidos sem outro batismo. Os membros da IASD cujos registros não forem disponíveis também podem ser recebidos por profissão de fé. Em seu caso, um cuidadoso estudo das circunstâncias é feito, geralmente, com consulta ao presidente da *Associação. Se se descobre que a pessoa que almeja ser recebida por profissão de fé ainda é membro de outra Igreja na denominação, ela não pode ser recebida a menos que tenha uma *Carta da Igreja a que pertence (Veja seção 2, abaixo). Se a Igreja se recusa a dar tal carta e os membros consideram a recusa como injusta, ela pode apelar para a comissão da Associação. Então requer-se o rebatismo daqueles que foram desligados e querem ser reintegrados.

Sendo que ser *Membro da Igreja envolve um relacionamento espiritual com *Deus e com os homens, apenas aqueles que experimentaram regeneração deveriam ser aceitos na Igreja. O *Ministro é aconselhado a dar dupla ênfase a esse aspecto.

Os candidatos para o batismo são completamente instruídos nas crenças doutrinárias da Igreja e sobre os princípios de conduta que são resumidos no *Manual da Igreja* (ed. 1986, p. 50). Antes do batismo, o candidato, na presença da Igreja, ou, se isso não for praticável, ante a comissão da Igreja, faz o voto batismal como está no *Manual da Igreja,* p. 56.

2. *Transferência de Membros.* Quando um membro da Igreja se muda para uma nova localidade onde ele espera ficar mais de seis meses, espera-se que transfira-se para a outra Igreja que fica perto de sua localidade ou, se não houver Igreja por perto, para a Igreja da Associação. Ele faz seu requerimento por transferência para o *Secretário da Igreja a que ele deseja se unir; a secretaria então notifica ao secretário da Igreja onde ele era membro, que transmite a notificação através do Pastor ou do ancião, para a comissão da Igreja. Se a comissão julga que o membro está em situação boa e regular, o pedido por transferência é apresentado primeiramente à Igreja, no que é chamada de primeira leitura, isto é, a primeira apresentação do nome do membro em uma reunião da Igreja propriamente dita (geralmente num culto de *Sábado). Numa segunda leitura, mais ou menos uma semana mais tarde, é feita uma votação e, depois disso então, será enviada a carta de transferência. O intervalo permite alguma objeção, que geralmente é feita em particular ao Pastor ou aos anciãos.

A carta, se concedida, é enviada à secretaria da Igreja a que o membro propõe unir-se. Lá, o pedido dos membros é submetido através do Pastor ou do ancião à comissão daquela Igreja, e finalmente à Igreja, que vota a aceitação do pedido após uma segunda leitura, assim como no caso de a Igreja ter concedido a carta. Se o voto for afirmativo, a pessoa é registrada como membro e uma notificação é enviada para a secretaria da Igreja da qual o membro foi recebido. Até que o secretário da igreja que concede a transferência receba essa notificação de aceitação, o membro continua sendo membro normal daquela igreja. Se, devido a

comunicações interrompidas, for impossível receber a carta da Igreja anterior, a *Igreja local pode aceitá-lo por votação, sem carta, após tomar conselho com a *Associação local.

Se uma Igreja rejeita receber o membro por carta, a secretaria devolve a carta à Igreja que a enviou, com uma completa explicação pela recusa.

Cartas não são concedidas a membros que estejam sob *Disciplina da Igreja (declarações qualificantes estando fora de ordem). Em nenhuma circunstância pode uma carta ser dada ou aceita por uma Igreja sem o pedido dos membros envolvidos. Membros não podem ser acrescentados ou removidos (exceto em caso de morte) sem o voto da Igreja. Sobre a exclusão de membros, veja **Disciplina da Igreja**.

II. Administração da Igreja. Cada membro da Igreja tem voz ativa ao eleger os oficiais da Igreja local, que, com o Pastor, dirigem a Igreja em questões de administração.

1. *Pastor.* O Pastor é primeiramente o líder espiritual da Igreja, mas ele também é o líder e conselheiro dos *Oficiais, estando acima do ancião local, e é geralmente o presidente da comissão da Igreja. Mas ele não é um oficial eleito da Igreja; todos os Pastores e assistentes são apontados por uma comissão executiva da Associação a que a Igreja pertence. O ministro é responsável pelos cultos da Igreja e planeja todas as suas atividades, com a assistência dos anciões. Se o Pastor é um ministro licenciado mas não ordenado, o ancião local preside a *Santa Ceia e as reuniões de negócios, mas o ministro ordenado preside todas as reuniões a menos que aponte o ancião para que assim o faça na ocasião. O Pastor dirige e instrui os oficiais e os membros em atividades evangelísticas.

2. **Oficias da Igreja*. O *Ancião da Igreja e o(s) *Diácono(s) são os líderes em funções espirituais e práticas, respectivamente. Outros oficiais gerais são as diaconisas, secretária(o) da Igreja e o *Tesoureiro

da Igreja. Em algumas circunstâncias, uma Igreja muito pequena ou não organizada pode ter um líder em vez de um ancião. A *Escola Sabatina e outras organizações auxiliares e departamentos da Igreja têm seus próprios oficiais, mas todos são eleitos anualmente por voto da Igreja.

No sentido mais amplo, o termo "oficiais da Igreja" inclui todas as pessoas escolhidas na eleição anual da Igreja. Segundo a lista tradicional:

Ancião ou anciões
Diácono ou diáconos
Diaconisa ou diaconisas
Secretário(a)
Tesoureiro
Tesoureiro-assistente ou tesoureiros
Corista ou diretor da música
Organista ou pianista
Diretor das *Atividades Leigas
Secretária(o) das atividades leigas
Superintendente da Escola Sabatina
Secretário Assistente da Escola Sabatina
Secretário de extensão da Escola Sabatina
Líder das divisões da Escola Sabatina
Corista da Escola Sabatina ou líder de música
Organista ou pianista da Escola Sabatina
Líder da Associação do Lar e da Escola ou Conselho do Lar cristão
Líder Assistente da Associação do Lar e da Escola ou Conselho do Lar Cristão
Secretário da Associação do Lar e da Escola
Secretário Assistente da Associação do Lar e da Escola
Líder das *Dorcas ou sociedade Beneficente

Secretário-tesoureiro da Sociedade Beneficente Dorcas
Líder da Sociedade dos Jovens
Patrocinador da Sociedade de Jovens
Secretário-tesoureiro Assistente
Diretor de Música da Sociedade JA
Pianista da Sociedade JA
Diretor do *Clube de Desbravadores
Diretor Representante dos Desbravadores
Secretário de *Liberdade Religiosa
Secretário de *Temperança
Secretário de Relações com a Imprensa
Secretário de Rádio e Televisão
Comissão da Igreja
*Comissão da Escola Paroquial

Os oficiais são eleitos anualmente. Nomeações são feitas por uma comissão que é escolhida por uma comissão especial eleita por voto da Igreja. Essa comissão especial pode ser escolhida de uma das duas seguintes maneiras: Por nomeações de pessoas da comissão ou por voto para autorizar a comissão da Igreja, junto com cinco a sete pessoas nomeadas das pessoas da comissão, para recomendar o pessoal da comissão de nomeações. A comissão de nomeações prepara uma lista de nomes para submeter à Igreja para oficiais e assistentes. Qualquer membro da Igreja pode aparecer perante a comissão durante suas sessões para dar sugestões ou objeções. Quando a comissão de nomeações está pronta para liberar seu relatório, o relatório da comissão pode ser apresentado no culto de Sábado de manhã ou uma reunião especial da Igreja.

É direito de qualquer membro levantar uma objeção ao relatório da comissão de nomeações. Ele pode sugerir que o relatório seja reconsiderado. Se isso acontecer, o membro que fez a objeção ou

qualquer outro membro que deseje assim fazer, pode aparecer perante a comissão para objetar quanto a algum nome. Quando a comissão apresenta seu relatório final à Igreja, ela votará. A eleição é feita pela maioria de votos dos presentes e votantes.

Se um departamento da Igreja fica vago durante o ano, a comissão da Igreja nomeia um sucessor a fim de preencher a vaga e submete a nomeação à Igreja para eleição.

Para a formação de um corpo de oficiais de uma IASD local iniciante, veja **Ancião de Igreja; Diácono; Organização I, 2**.

3. *Comissão da Igreja.* O corpo representativo e administrativo da Igreja local é a comissão da Igreja, eleita anualmente. Ela costumeiramente inclui o ancião ou anciões, o diácono chefe, a diaconisa chefe, o tesoureiro, o secretário, o líder missionário, o secretário missionário da Igreja, o superintendente da Escola Sabatina, a líder da Sociedade de Dorcas, o líder JA e outros membros considerados importantes. O Pastor serve como presidente, embora ele possa fazer arranjos para que o ancião presida a reunião. O número que constituirá o *quorum* deveria ser determinado na reunião de negócios da comissão. Recomenda-se que as reuniões da comissão da Igreja ocorram pelo menos uma vez por mês.

A comissão da Igreja, sendo o corpo governante da Igreja, considera detalhes dos negócios da Igreja, está preocupada com qualquer coisa que diga respeito à vida espiritual dos membros, e é responsável pela coordenação das várias atividades da Igreja. Ela pode delegar autoridade a pessoas ou a comissões. Ela recebe pedidos por cartas ou transferências e faz recomendações à Igreja sobre nomes, mas não pode desligar membros, dar cartas de transferência e receber ou excluir membros; que deve ser feito com voto da Igreja.

4. *Reuniões de Negócios***.** As reuniões de negócios são feitas anualmente, ou podem ser convocadas mais freqüentemente, conforme a

necessidade. Elas são costumeiramente anunciadas com antecedência em culto normal de sábado. Qualquer assunto que diga respeito a negócios ou qualquer outra questão da Igreja são abordados e, em adição, na reunião anual, podem ser recebidos relatórios do secretário da Igreja, informando sobre membros e talvez sobre algumas decisões da comissão; da secretária missionária da Igreja, sobre atividades missionárias da Igreja; do tesoureiro, sobre os fundos recebidos e gastos pela Igreja; dos diáconos, sobre visitação e qualquer outro assunto que esteja sob seus cuidados; da secretária JA, sobre as atividades da Sociedade; do secretário da Escola Sabatina sobre os membros e outros itens; do diretor e dos professores, sobre qualquer desenvolvimento na escola da Igreja; e do líder da Associação de Lar e Escola, sobre as atividades e necessidades da Associação.

O Pastor geralmente preside as reuniões de negócios da Igreja, embora um ancião também possa fazê-lo. As operações de rotina da Igreja são dirigidas pela comissão da Igreja, mas itens maiores são levados às reuniões de negócios da Igreja, geralmente após ser estudado pela comissão.

III. Organização ou Dissolução de Igrejas. 1. *Procedimento de Organização.* A formação de uma nova Igreja é presidida por um ministro ordenado — ou pelo presidente da Associação ou por um ministro designado por ele. Se entre o grupo que deseja formar a Igreja houver membros da Associação ou de outras Igrejas da IASD, estes deveriam trazer consigo cartas de transferência de suas Igrejas para a reunião de Organização. Tais pessoas formam o núcleo de uma nova Igreja, e votam nos nomes das pessoas que se unem a Igreja pela primeira vez. Se não houver nenhum que já tenha sido membro, então sob a direção do ministro que preside a organização, três novos crentes batizados de boa reputação são escolhidos pelo ministro oficiante para formar o núcleo e eles votam nos nomes dos outros candidatos para

serem membros. Cada um desses, após serem votados, podem votar para a aceitação dos outros candidatos.

Quando todos forem recebidos como membros, uma comissão de nomeações é escolhida, com o ministro oficiante como secretário, para votar nos nomes para os vários departamentos a serem preenchidos. Após a eleição dos líderes de departamentos e ordenação do ancião e diácono (se já não foram ordenados), pode então ser tomada uma decisão pedindo à Associação (ou à sua equivalência) para que receba a nova Igreja em sua irmandade de Igrejas em suas sessões.

Em 1883, foi reconhecido (*RH*, 19 de junho de 1883) que, a fim de salvaguardar a unidade da Igreja, uma Igreja local deveria ser organizada somente com consulta da comissão da Associação. Antes que qualquer Associação existisse, somente um ministro ordenado era reconhecido como competente para realizar o trabalho de organização. Por alguns anos, um passo chave no procedimento de formar uma Igreja era a assinatura de um pacto pelos membros. Um procedimento pioneiro é o que está na **Review and Herald*, de 15 de outubro de 1861.

2. *A União de Duas Igrejas.* Às vezes uma nova Igreja é formada pela união de duas congregações existentes. Para tal passo, a aprovação da comissão da Associação deve ser primeiramente conseguida, e então uma reunião de cada Igreja é convocada, com o Pastor ou presidente dirigindo, para que cada Igreja possa votar sobre a proposta da União. Após um voto afirmativo por ambas as Igrejas, elas realizam uma reunião sob a direção de um presidente de Associação ou alguém apontado pela Associação. Um acordo escrito é feito, declarando as condições da União (tais como concessão de propriedade, obrigações financeiras, o nome da nova Igreja, etc.) provendo para a liberação de um departamento de todos os oficiais de ambas as Igrejas. Depois disso, uma comissão de nomeações menciona os nomes para os oficiais da Igreja unida, e uma cópia do acordo é documentada na Associação local.

Nenhum membro de ambas as Igrejas poderá ser excluído no momento da organização. A nova Igreja é então recebida na Associação como sua próxima sessão.

3. *Dissolução de uma Igreja*. Igrejas podem ser dispersas por perda de membros, por razões disciplinares ou por *Apostasia. Quando a perda de membros ameaça a existência da Igreja, a comissão da Associação costumeiramente age na dispersão da Igreja. Antes de tal passo ser tomado, os membros restantes recebem a oportunidade de transferir-se para outras Igrejas, seja por cartas votadas pela Igreja, se membros suficientes existem, seja com recomendação da comissão da Associação.

Raramente a Igreja é dispersa por razões disciplinares. A Associação estuda a proposta de dispersão e apresenta o caso à comissão da União; então o assunto é referido para a Igreja em questão. A decisão para a dispersão deveria ser um voto geral dos membros.

Em caso de apostasia da maioria dos membros de uma Igreja, ou sua recusa de se submeterem à ordem e disciplina, a comissão da Associação costumeiramente apresenta uma declaração do caso para uma sessão da Associação, que, por maioria de votos, pode excluir a Igreja ofensiva da irmandade de outras Igrejas. Se houver membros remanescente fiéis, eles podem estabelecer uma nova Igreja ou serem recomendados para outras Igrejas por voto da comissão da Associação.

IV. Relações Intra-denominacionais. A Igreja local ajuda o Pastor no *Evangelismo, e sob sua liderança e sob o conselho dos líderes departamentais da Associação e organizações maiores, ela leva adiante o evangelismo leigo e outras atividades locais; e é a Igreja local que recebe os novos conversos em sua comunhão e trabalho, que abrange velhos membros, membros novos e membros em perspectiva. Mas a Igreja local é uma parte integral de uma organização mundial.

Um grupo de Igrejas locais forma uma *Associação; e um grupo de Associações forma uma União. As Uniões agrupadas sob as Divisões, formam as organizações da *Associação Geral da IASD (AG).

A Igreja, sendo uma unidade constituinte de uma Associação, participa ao conduzir os interesses da Associação, mandando os seus delegados pagos para as sessões bienais a fim de ajudar a eleger os oficias da Associação e outros membros da comissão executiva da Associação e para transações de negócios. Nessa comissão estabelecida da Associação é investida a autoridade delegativa das Igrejas constituintes.

As Igrejas locais mandam seus dízimos e ofertas, exceto aqueles fundos dados para despesas locais, para a Associação, e esta envia os Pastores e evangelistas. A Associação mantém o poder de todas as propriedades da Igreja local, e a Associação e organizações mais altas podem contribuir para levantar fundos para a operação de uma *Escola Paroquial.

O presidente da Associação é o ancião chefe, ou supervisor de todas as Igrejas e cada uma delas tem acesso a seu conselho e ao conselho dos secretários da Associação. As Escolas das Igrejas locais estão sob a direção de um superintendente educacional da Associação. Os líderes das Uniões e da Associação Geral e o pessoal dos departamentos dão conselhos e promovem projetos para o trabalho da Igreja local. Assim, a unidade local tem suas responsabilidades, mas para cumpri-las, recebe ajuda do corpo da Igreja.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA. É essencial um sistema de governo ou política na *Igreja para dirigir os seus assuntos de maneira ordenada. A organização serve para preservar a identidade da sociedade de uma igreja, para manter a pureza da doutrina, disciplinar

os membros, dirigir esforços em conjunto, e cuidar da existência temporal e espiritual da Igreja.

A forma ASD de direção da Igreja veio a ter características de vários sistemas — particularmente o congregacional, com ênfase na autoridade local da igreja; o presbiteriano que concede o governo aos representantes eleitos; e em alguns pontos, o Metodista, pois possui associações e unidades organizacionais e porque a associação escolhe os ministros para as Igrejas locais. Essas características não eram imitações conscientes, mas cresceram de situações e necessidades dos grupos ASD que se desenvolviam.

I. Formação da Igreja ASD. 1. *Fatores Que Levaram À Organização***.** Houve considerável oposição à organização da igreja da parte de muitos dos pioneiros ASD, uma atitude que pode ser reconhecida por terem vindo do *Movimento Milerita. Esse movimento não tinha sido organizado como uma seita ou denominação, embora muitos dos ASD em 1844 tivessem sido forçados, pela consciência ou por *Exclusão, a separar-se das Igrejas que se opunham a eles. Os Mileritas tendiam a olhar com marcante desagrado a qualquer tipo de organização; o único laço de unidade entre os que esperavam a iminente vinda de Cristo deveria ser encontrado na fé comum. Mas, após o *Desapontamento de 22 de outubro de 1844, esse laço foi enfraquecido por idéias divergentes sobre o cumprimento profético e o sábado.

A princípio, foi a liderança de pioneiros como *Tiago White, *Ellen G. White e *José Bates que mantinham unidos os Adventistas guardadores do sábado dispersos. Porém, com o rápido crescimento no número de adeptos na década de 1850, muitos problemas se levantaram que trouxeram ao foco a necessidade de que a Igreja tivesse um nome e uma existência corporativa: os problemas legais de usurpar propriedades da Igreja (originalmente pertencentes a indivíduos); a crescente necessidade de selecionar, dirigir e manter um *Ministro; e a necessidade de controlar ambições pessoais, fanatismo e movimentos

dissidentes. A ordenação de ministros não era um problema imediato entre os ASD, porque os primeiros ministros já tinham sido ordenados; o que causava preocupação nos anos cinqüentas era o problema de pregadores "auto-escolhidos" que saíam com mais zelo do que habilidade e consagração e sem responsabilidade para com nenhuma igreja — pois os Adventistas guardadores do Sábado não tinham igrejas organizadas.

2. *Começos da Organização da *Igreja Local.* Já no outono de 1851, em reuniões na Nova Inglaterra, Tiago White e outros pregaram sobre a "ordem evangélica e perfeita união"; e nessas reuniões, tomaram-se decisões — excluir um membro, escolher diáconos. Já no mês de julho anterior, em um reunião semelhante realizada por G. W. Holt, o "Irmão Morse," provavelmente G. W. Morse, foi "separado pela imposição de mãos, para a administração das ordenanças da casa de Deus" (*ibid.*, 19 de agosto de 1851).

Um forte apelo pela "ordem evangélica" (isto é, organização da Igreja baseada dos modelos do N.T.) foi feito por Ellen G. White no outono de 1853 (publicado em 1854; veja *PE*, 97-101), após ela e seu esposo, Tiago White, auxiliar as Associações no Estado de Nova Iorque, onde encontraram contenda e desunião. Tiago White escreveu sobre o mesmo assunto em uma série de editoriais na **Review and Herald* durante dezembro de 1853. Ele declarou que embora "Deus tenha estado a tirar Seu povo de *Babilônia," havia muitos irmãos Adventistas que "têm estado em uma mais perfeita Babilônia do que nunca antes. A ordem evangélica têm sido passada por alto por eles" (*Review and Herald*, 6 de dezembro de 1853). Ele defendeu um ministério plenamente qualificado, homens ordenados pela imposição de mãos, o que, por si mesmo, requereria unidade e cooperação (*ibid.*, 20 de dezembro de 1853). Finalmente, os membros da igreja deveriam manter

esse ministério por suas orações e por seus meios (*ibid.*, 7 de dezembro de 1853).

Um dos passos iniciais em direção da organização foi a concessão de cartões de recomendação, assinados pelos “ministros dirigentes,” aos pregadores que tinham confirmado seu ministério e que estavam em harmonia com o programa da Igreja. O cartão, dado à *John N. Loughborough, em 1853 foi assinado “em favor da Igreja”, por Tiago White e José Bates.

Houvera uma rudimentar organização da igreja antes de haver em nível local. Já em 1851, o grupo de ASD de Washington, New Hampshire escolhera uma comissão de 7 . . . (Veja At. 5) para atender às necessidades dos pobres” (*ibid.,* 25 de novembro de 1851). Na mesma edição do editorial de Tiago White sobre a “ordem evangélica”, há um relatório da escolha de dois diáconos: um em Fairhaven e o outro em Dartmouth, Massachusetts (*ibid.,* 27 de dezembro de 1853). Na próxima edição, Cornell relata das Igrejas de Sylvan e Jackson em Michigan, cada uma tendo eleito um *Diácono (24 de janeiro de 1854).

Em edições posteriores, há vários relatórios de reuniões da Igreja ou associações locais em que indivíduos foram excluídos, escolheram-se diáconos e ministros ordenados. Tiago White ressaltou em maio de 1854 que “os irmãos em Michigan tinham considerado honestamente o assunto da ordem evangélica” (*ibid.,* 23 de maio de 1854).

Anciãos de Igreja parecem ter sido um desenvolvimento posterior. Em agosto de 1854, Bates escreveu um artigo intitulado “Ordem da Igreja” em que ele enfatizava o fato de que Paul instruiu Tito a “ordenar presbíteros em cada cidade” (Tito 1:5), e citou 1 Ti. 5:17 para ressaltar que havia duas espécies de presbíteros, os que presidem e os que “se afadigam na palavra e na doutrina.” Ele argumentava que “a ordem e a unidade da Igreja” existiram na Igreja Apostólica, que ela tinha sido “desordenada” pela grande *Apostasia, e que deveria ser restaurada pela igreja dos últimos dias (*ibid.*, 29 de agosto de 1854). Então, na segunda

declaração de um artigo de duas partes sobre a “Ordem Eclesiástica,” J. B. Frisbie, de Battle Creek, menciona anciãos locais como operantes na Igreja do *Novo Testamento. Duas semanas mais tarde, White respondeu afirmativamente a uma pergunta de *John Byington quanto a se os anciãos e diáconos deveriam ser eleitos em cada Igreja onde homens adequados fossem disponíveis. White falou de “espíritos de desordem” que zombam da “ordem na Igreja de Deus,” e os que “falam alto da vinda da Babilônia, que tem uma perfeita Babilônia de confusão” consigo. O que ele advogava não era “o mais fraco e imperfeito sistema de homens” mas o perfeito “sistema de ordem estabelecido no Novo Testamento” (*ibid.*, 23 de janeiro de 1855). Seu pedido por uma “livre expressão sobre o assunto” não levantou nenhuma discussão na *Review*. Aparentemente a idéia de obreiros oficiais da igreja sendo eleitos pelos membros não tinha firmado raízes.

O aumento de membros em meados de 1850 resultou em parte do uso de grandes tendas das reuniões evangelísticas levantou a questão da manutenção dos ministros. Em 1859 o sistema da “*Benevolência Sistemática” foi introduzido, que resultou em outro passo na organização da Igreja local - a eleição de tesoureiros.

3. *A Questão da Identidade Denominacional*. A prática de imprimir carteiras assinadas pelos “líderes irmãos” aos ministros não agradou a alguns que exigiam a liberdade para pregar quando, onde e o que escolhessem. Em 1854, iniciou-se a primeira desafeição organizada entre os ASD. Dois homens, H. S. Case e C. P. Russel, que tinha sido reprovados por Ellen G. White pela crítica, avareza e extravagância, amarguraram-se e uniram-se em 1855 a dois ministros de Wisconsin, J. M. Stephenson e D. P. Hall, que insistiram em pregar a doutrina da “Era Vindoura,” a que a maioria se opunha. Por seu “folheto caluniador” chamado *Mensageiro da Verdade*, eram conhecidos como *“O Grupo do Mensageiro.”* Embora esse movimento divisivo tenha praticamente perdido sua influência sobre os ASD em 1858, ele provavelmente trouxe

à baila o problema da identidade da Igreja como um todo — quem era e quem não era dela.

A ereção de edifícios da Igreja, iniciando-se em 1855, levantou o problema de propriedade da Igreja. Um grupo sem nome e sem corporação existente. A primeira Igreja ASD legalmente organizada parece ter sido em Parkville, Michigan, no dia 13 de maio de 1860. Esta congregação, a fim de "terem uma propriedade da maneira legal," organizaram-se antes de construir uma Igreja. Os "artigos de associação" diz o seguinte:

> Nós subscritos aqui nos associamos juntos como uma igreja com o nome de Igreja do Segundo Advento de Cristo de Parkville: tendo a *Bíblia como nossa regra de fé e disciplina.

Sobre o nome, Loughborough ressaltou:

> Talvez um nome mais apropriado será escolhido por nós como um povo; mas a Igreja em Parkville decidiu tomar este nome para o presente *(RH*, 29 de maio de 1860).

A propriedade da casa publicadora apresentou o problema específico que finalmente precipitou a decisão sobre a organização da denominação com um todo. Desde de julho de 1849, quando Tiago White começou a publicar o *Present Truth*, a planta de publicação e o negócio tinham sido legalmente seus, embora ele tenham considerado a obra como "departamento de publicações" da Igreja, porque tinha sido parcialmente financiada pelas contribuições dos membros. Em 1855 essa publicadora ficou sob o controle da Igreja não sendo, porém, sua propriedade, pois a Igreja não estava organizada para manter propriedades legalmente. Na *Review and Herald* de 23 de fevereiro de

1860, Tiago White incitou os membros a tornarem possível à Igreja possuir suas propriedades e que recebesse heranças.

*Roswell F. Cottrell expressou forte oposição à sugestão de White: De que “criarmos um nome para nós” e de ter uma organização legal seria tornar-se parte de Babilônia; a incorporação legal seria a união da Igreja com o Estado. A despeito da resposta de Tiago White, os artigos de Cottrell influenciaram a muitos leitores, até mesmo após ter mudado sua posição. Em maio, M. E. Cornell escreveu que não mais alimentava preconceitos contra a organização porque compreendeu a necessidade dela.

Tiago continuou a rogar aos membros a que extinguissem seus preconceitos e que se unissem em um plano executável. Em agosto, ele escreveu que deveria ser construído um novo escritório para a editora *Review and Herald*. Quem deveria conduzir? Na mesma edição (21 de agosto), *John Nevins Andrews sugeriu que nenhum passo deveria ser tomado até que se realizasse uma reunião com todas as partes do país.

4. *Primeira Organização ASD — A Publicadora.* Em resposta a um chamado para uma “Conferência Geral” assinado por John Nevins Andrews, *Urias Smith, J. H. Waggoner e Tiago White, ministros de cinco estados se encontraram em Battle Creek, de 18 de setembro a 1 de outubro de 1860. Essa foi uma das mais significativas reuniões ASD daquele tempo. Os delegados reuniram-se para tratar de questões administrativas logo após o sábado, 29 de setembro de 1860, e José Bates foi apontado como presidente. Um relatório completo da reunião apareceu *RH*, 9-23 de outubro de 1860.

Tiago White pediu pela formação de uma organização que pudesse legalmente possuir o escritório de publicação e as casas de reuniões. Ele foi fortemente apoiado por J. N. Loughborough, mas muitos dos delegados ainda estavam temerosos de se tornar “parte da Babilônia.” Após longos debates, uma comissão de três — John Nevins Andrews, J. H. Waggoner e T. J. Butler — foram apontados para

estruturarem um plano de organização. Esse comitê, aumentado em mais sete, delineou uma constituição para uma associação legal tal como havia sido proposta por J. N. Loughborough. O plano foi adotado. A princípio a delegação esta incapaz de concordar em um nome denominacional, mas era obviamente impossível conduzir os negócios com um organização sem nome. Butler e outros eram favoráveis a "*Igreja de Deus"; finalmente, com um só voto divergente, o nome Adventistas do Sétimo Dia, sugerido por *David Hewitt, foi adotado como representando melhor as crenças da Igreja. A respeito desse nome, Ellen G. White reiterou:

> Nenhum nome que possamos ter será apropriado a menos que concorde com nossa profissão e expresse nossa fé e que nos diferencie como um povo peculiar. O nome Adventistas do Sétimo Dia é uma repreensão aberta ao mundo Protestante (1T 223).

Uma comissão, um grupo de sete, liderado por Tiago White, foi apontado para formar a associação, que deveria ter o nome de *Advent Review Publishing Association (Publicadora Advent Review).* Na primavera seguinte, uma nova comissão de cinco foi formada e nome foi mudado para *Seventh-day Adventist Publishing Association (Publicadora Adventista do Sétimo Dia)*. A publicadora foi incorporada em 13 de maio de 1861, sob as leis do estado de Michigan. Em sua primeira reunião, em 23 de maio, elegeu Tiago White como presidente da associação bem como editor da *Review and Herald*.

II. Organização Denominacional. 1. *Recomendada Uma Organização de Três Níveis***.** Em uma pequena conferência convocada em Battle Creek, em 26-29 de abril de 1861, para fazer-se preparação para a incorporação da Publicadora, sentiu-se que chegara o tempo de considerar-se a organização denominacional mais controlada. Essa

conferência votou que os nove ministros presentes escreveriam um "comunicado" sobre o assunto. O resultado foi um "Comunicado da Associação" intitulado "Organização," assinado por J. H. Waggoner, José Bates, Tiago White, J. B. Frisbie, J. N. Loughborough, M. E. Cornell, E. W. Shortridge, Moses Hull e John Byington, e publicados na edição de 11 de junho. Estabeleceu os princípios básicos que guiaram a denominação desde então, e naquele tempo influenciaram consideravelmente o sentimento pela organização interna da Igreja. Os escritores propuseram

(1) uma organização mais completa das Igrejas locais;
(2) adequada organização das "Associações estaduais ou de distritos," que autorizaria ministros;
(3) a realização de "conferências gerais" que teriam "os direitos do nome" representando a vontade das Igrejas. Eles também recomendaram que todas as Igrejas mantenham registros escritos de todas as transações comerciais e listas de membros, e publiquem "cartas de membros" na transferência de membros.

A despeito de uma resposta parcial sobre o nível da Igreja local para recomendações definidas feitas em junho, ainda houve atraso e oposição à uma organização posterior. Em agosto, Tiago White escreveu um editorial em que mencionou Frederich Wheeler e Ingraham ocultando suas posições; bem como John Nevins Andrews (embora Andrews posteriormente tenha apresentado desculpas por não ter falado, indicou que era em favor de um "esforço em conjunto"). Ellen G. White acrescentou sua voz ao chamado pela organização na mesma edição (*Review and Herald*, 27 de agosto de 94).

2. *Plano de Michigan Para Uma Igreja Local.* Em uma conferência para o estado de Michigan, realizada em Battle Creek, 4-6

de outubro de 1861, com sete ministros presentes, J. N. Loughborough propôs que a organização de Igrejas fosse estudada e Tiago White apresentou a seguinte resolução ao grupo:

> *Resolvido*, Que esta Associação recomendou o seguinte acordo da Igreja; Nós abaixo-assinados, associamo-nos juntos pelo presente, como Igreja, tomando o nome de Adventistas do Sétimo Dia, pactuando guardar os mandamentos de Deus e a fé em *Jesus Cristo (*Ibid.*, 9 de outubro de 1861).

Passada essa, outra resolução referia-se à questão da "maneira própria de organizar as Igrejas" aos ministros presentes, com o pedido de que eles mantivessem uma classe bíblica sobre ela, e escrevam um endereço aos irmãos, a ser publicado na Review."

Essa referência permitiu à Associação que prosseguisse com outros negócios, inclusive a organização da Associação de Michigan. Então após o encerramento, os ministros fizeram suas recomendações sobre a organização da Igreja local. Esse segundo "Comunicado" de 1861, escrito por Loughborough, Hull e Cornell (ajudados por Smith, diz White), aparece no editorial da edição de 15 de outubro da *Review and Herald*. White pede sugestões dos ministros de outros Estados, e ressalta que as pessoas "têm estado à frente dos pregadores, e têm em alguns lugares se organizado sem a ajuda dos pregadores."

O comunicado discute o nome de líderes da Igreja no Novo Testamento. Apóstolos (aparentemente ministros ordenados) que têm a supervisão das Igrejas, e evangelistas, que saem e formam novas Igrejas, não são oficiais das Igrejas locais, como os anciãos e diáconos. Cada Igreja deveria eleger no mínimo um ancião (que deverá oficiar o *Batismo e a *Santa Ceia na ausência de qualquer oficial mais elevado na hierarquia). O diácono ou diáconos, se forem necessários, deveriam ser eleitos para cuidarem dos assuntos temporais da Igreja. Os registros

das transações da Igreja deveriam ser mantidos por um contabilista. Os primeiros membros devem formar uma Igreja assinando o pacto (já citado); novos membros são admitidos por voto unânime dos membros em situação regular; os membros devem ser transferidos mediante "cartas de recomendação." Para a prática presente, diferente disto em alguns pontos, veja Ancião da Igreja; Diácono. Veja também o corrente *Manual da Igreja.*

3. *Primeira Associação Organizada - Michigan.* Nessa mesma conferência de outubro de 1861, outra resolução de longo alcance foi votada:

> *Decidido*, Que recomendamos às Igrejas no Estado de Michigan que se una em uma só Associação, com o nome de Associação dos Adventistas do Sétimo Dia de Michigan (*Review and Herald*, 8 de outubro de 1861).

Mais tarde foi

> *Decidido*, Que a Associação seja composta de ministros e delegados das Igrejas (ibid.).

Os seguintes oficiais foram nomeados: José Bates, presidente; Urias Smith, secretário; comitê: J. N. Loughborough, Moses Hull e M. E. Cornell.

Outra resolução resolveu emitir credenciais anuais para os ministros da Associação bem como certificados de *Ordenação. Essas resoluções parecem ter sido adotadas com pouca discussão, sugerindo uma hierarquia de harmonia e unanimidade. Esta reunião deve ser considerada uma das mais significativas na história da Igreja. Embora continuasse a haver oposição à organização, o curso a ser tomado no futuro foi em grande parte estabelecido. Durante 1862, outras associações foram formadas: Sul de Iowa (16/03), Norte de Iowa

(10/05), Vermont (15/06), Illinois e Wisconsin (28/09), Minnesota (4/10), Nova Iorque (25/10). Outras se seguiram logo depois.

Em algumas áreas, a obra de organização pouco progrediu. Como resultado de seus persistentes apelos por progresso na *Review and Herald*, Tiago White começou a ver alguns resultados entre leigos bem como ministros. José Clarke, leigo de Ohio, expressou sua mágoa quanto ao lento progresso nessas palavras:

> Estão nossos oficiais agindo como um exército de oficiais na derrota Bull Run? Homens de Deus! Está sendo assim? Estão os soldados dispersos por falta de coragem em nossos oficiais? (*ibid*., 18 de novembro de 1862).

Na primeira sessão regular da Associação de Michigan, convocada em Monterey, Michigan, de 4 a 6 de outubro de 1862, um leigo, William S. Higley foi eleito presidente para o mandato seguinte, com Tiago White, J. N. Loughborough e John Byington como membros do comitê. Decidiu-se pagar um salário regular aos ministros, fixado por um comitê de auditoria, e requerer relatórios regulares dos obreiros. Devia haver uma confirmação anual dos ministros em acréscimo à ordenação. Outra decisão importante foi tomada:

> *Embora***,** Muitos Estados sejam dependentes dos obreiros da Associação de Michigan; e, *Embora os* que saem como obreiros em alguns casos têm estado sob muita ordem de irmãos inexperientes; portanto, *Resolvemos*, Que compete à Associação de Michigan dirigir quanto a como e onde tais missionário trabalharão (*ibid*., 14 de outubro de 1862)

Uma resolução ainda mais significativa foi adotada:

> *Resolvido*, Que convidamos as várias Associações Estaduais a se reunirem conosco em uma conferência geral, ou em nossa próxima Conferência anual *(ibid.,).*

Em certo sentido, esse não foi procedimento novo; desde 1855 uma série de “reuniões” gerais fora convocada em Battle Creek, com convites aos delegados de todas Igrejas. Dessa forma, todos os ASD acostumaram-se com o fato de uma conferência “geral” em Battle Creek, realizando transações que diziam respeito à Igreja como um todo, e resolvendo os problemas financeiros e administrativos da Publicadora. Essa série de conferências anuais lançou as bases em rumo à organização de uma corporação contínua.

O próximo passo dado nessa Conferência de Michigan em 1862 foi que ela chamou pela participação, não das igrejas locais, mas das recém-formadas *Associações* Estaduais mediante de seus delegados oficiais. Com a organização local e Estadual já funcionando, o passo posterior para uma organização em nível de igreja, *E. J. Waggoner propôs a Tiago White.

> que um comitê da AG seja eleito, com a qual as Associações Estaduais possam se corresponder, e através do qual elas apresentarão seus pedidos por obreiros (*ibid.*, 24 de julho de 1862)

4. *Organizada a *Associação Geral da IASD em 1863***.** Na próxima reunião anual da Associação de Michigan (originalmente marcada para Outubro) convocada para Battle Creek, de 20 a 23 de maio de 1863, sob a temporária presidência de J. N. Aldrich, com Urias Smith como secretário. Os delegados das associações de Nova Iorque, Ohio, Michigan, Wisconsin e Iowa estavam presentes.

Um comitê apontado para esquematizar uma constituição para a organização da AG trouxe seu relatório na sexta-feira, 21 de maio. Redigiram a primeira constituição, que continha 9 artigos.

Tiago White foi unanimemente eleito presidente, mas quando declinou com base em que seu zelo pela organização pudesse comprometer seu cargo, John Byington foi eleito em seu lugar e serviu por um período de dois anos. Urias Smith foi eleito secretário da AG, e E. S Walker tesoureiro. O comitê executivo era formado por Tiago White, John Byington e J. N. Loughborough a quem uniram-se John Nevins Andrews e G. W. Amadon.

A Associação então prosseguiu estruturando uma constituição de oito artigos a serem recomendados a todas as Associações Estaduais (*ibid.*, 26 de maio de 1863).

Urias Smith, o secretário da AG, relatou editorialmente na *Review and Herald* de 26 de maio de 1863, que "talvez nenhuma reunião anterior em que já tenhamos participado foi caracterizado por tal unidade de sentimento e harmonia. "Embora a oposição à organização tenha sido ouvida muitas vezes depois, a Igreja escolhera seu caminho, e a organização sistemática da Igreja nunca foi seriamente desafiada novamente.

O plano geral adotado em 1863 nunca foi alterado em suas características iniciais, embora tenha sido desenvolvido e ampliado.

5. *Funcionamento Inicial da Organização da AG.* Com um total de somente 3.500 membros em 1863, concentrados a Leste do Rio Missouri e ao Norte do Paralelo da fronteira sul do Missouri, e tendo apenas 30 ministros, foi possível para o presidente da AG olhar diretamente para muito do trabalho detalhado da Igreja. Ele poderia assistir pessoalmente a cada reunião importante e em acréscimo da atenção a muitos dos negócios ligados à obra de publicações. Por exemplo, em 1865 votou-se que o presidente da AG deveria assistir a sessões de todas as Associações Estaduais.

Porém, os anos restantes do século viram um rápido crescimento, e seguiu-se em rápida sucessão o estabelecimento de um número de instituições e organizações que se acrescentaram às complexidades da

*Administração da Igreja. A instituição de saúde de Battle Creek foi aberta em 5 de setembro de 1866, cujos artigos de incorporação foram assinados dia 9 de abril de 1867, como o *Instituto Ocidental da Reforma de Saúde* (mais tarde *Sanatório de Battle Creek*), sendo *John Harvey Kellogg o acionista principal. Em 1869, a primeira *Sociedade de Folhetos e Missionária* foi organizada em South Lancaster. Em 1874, John Nevins Andrews foi para a Suíça, sendo o primeiro representante ASD enviado além-mar; também no mesmo ano, o *Colégio de Battle Creek* foi fundado. Em 1878, a *Associação Americana de Saúde e Temperança* foi formada. Nesse ínterim as Associações Estaduais estavam rapidamente sendo formadas.

III. Passos Para a Divisão de Responsabilidade. Antes de 1871, Tiago White arrostou pessoalmente as mais pesadas responsabilidades da administração da Igreja. Em 1873, George I. Butler, presidente da AG, endossou a idéia de que era essencial um forte líder para a administração da Igreja, citando os exemplos bíblicos de Moisés, Josué e outros, para apoiar seu caso. Essa posição foi apoiada pela AG convocada em 14 de novembro de 1873.

Em 1874 (iniciando na edição de 28 de julho da *Review and Herald*) Butler escreveu uma série de artigos sobre direção da Igreja apoiando esta idéia.

Porém, Ellen G. White e outros aconselhavam uma divisão mais ampla das responsabilidades. Em 1875, a Srª. White escreveu sobre o perigo de uma só mente controlar outra, e lutava para que as cargas dos escritórios fossem mais amplamente distribuídas. Ela mais tarde escreveu semelhantemente a respeito da administração do Sanatório de Battle Creek, advertindo sobre deixar o Dr. J. H. Kellogg assumir poderes ditatoriais naquela instituição.

Novamente, em uma carta de 28 de outubro de 1885, a dois dos membros do Comitê da AG, ela advertiu: “Dai aos homens a

oportunidade de exercer seu julgamento individual" (*Special Testimonies for Ministers and Workers*, nº 6, p. 62).

1. *Responsabilidade Européia*. Uma indicação da vasta expansão geográfica da autoridade foi a escolha da AG em 1875 os seguintes para que atuasse como comitê executivo: Tiago White, de Battle Creek, Michigan, J. N. Loughborough, de Oakland, Califórnia, e John Nevins Andrews, da Suíça.

Outro passo para a descentralização ocorreu em 1882 quando em Basel, Suíça, as Associações e missões da Escandinávia, Grã-Bretanha, e Suíça formaram uma organização que chamaram de Associação Européia (o nome foi mudado, como sugestão da Conferência Geral de 1882 para Concílio Europeu das Missões ASD). Na reunião de 1884 em Basel, o Presidente da Associação Geral, George I. Butler, que assistiu, relatou "o aperfeiçoamento de um plano de organização, para que as responsabilidades deveriam repousar sobre todos os líderes de lá," pelo qual o comitê executivo de três foi acrescido por um comitê de três em cada uma das três missões.

2. *Distritos da AG na América do Norte. (1888-1889).* Na *Conferência Geral de 1888 em Minneapolis - "propôs-se que o território da AG nos Estados Unidos e no Canadá fossem divididos em várias porções," cada uma compreendendo "poucas conferências locais e missões," como o Concílio Europeu, que tinha trabalhado tão bem (C. C. Crisler, *Organization*, p. 135). Esta idéia não foi bem recebida, mas após o encerramento da sessão, em 18 de novembro de 1888, o Comitê da AG, como medida temporária, dividiu os Estados Unidos e o Canadá em quatro grandes distritos, tendo um membro do Comitê supervisionando cada uma.

Estes quatro distritos relataram sobre seus respectivos campos na Conferência Geral de 1889, e naquela sessão a área foi dividida em seis distritos, mais tarde nomeados

(1) Atlântico;

(2) Sul;

(3) Lago;

(4) Noroeste;

(5) Sudoeste;

(6) Pacífico, embora tenham sido comumente designados por número.

Após esta sessão, o Comitê da AG definiu deveres do superintendente geral de cada distrito, que era um membro do Comitê da AG: Ele deveria assistir à conferências Estaduais e outras reuniões em seu distrito, "deveria aconselhar, advertir e instruir" oficiais das Associações Estaduais e associações, e deveria mostrar especial interesse pelas associações mais fracas e campos missionários e "voltar a atenção do Comitê da AG para as condições e necessidades de tais campos" (*SDA *Yearbook*, 1891, p. 56). No relatório de estatísticas de 1891, foi alistado em 7º Distrito, incluindo toda a obra estrangeira, mas isto aparentemente não era oficial.

A organização do *Distrito foi mais tarde desenvolvida por ocasião da conferência Geral de 1893. O presidente, O. A. Olsen, recomendou que fossem formadas Associações Distritais das Associações Estaduais (inclusive as de outros países) que teriam organizações incorporadoras de propriedades e realizariam suas sessões entre as Conferências Gerais, que na época eram realizadas de dois em dois anos. A Associação não legalizou essas recomendações plenamente, mas recomendou reuniões bienais. A mesma Associação tornou a Austrália o sétimo distrito e a Europa o oitavo.

Após a Conferência Geral se encerrar, o Comitê Executivo da AG esboçou mais especificamente o plano para estas sessões distritais:

> 42. Que as Conferências Distritais sejam realizadas em cada distrito da AG, tanto quanto possível, os anos alternados das Conferências Gerais; que as representações

> de tais Conferências consistam de Comitês de Associações Gerais, Presidentes e Secretários das Sociedades de Folhetos, das Associações da *Escola Sabatina e do Departamento de Colportagem Estadual de cada território, no Distrito: que o Superintendente da Associação Distrital, sendo eleito um secretário na primeira reunião; que o objetivo das Conferências Distritais seja aconselhar a respeito dos interesses da causa no território da Associação, e para planejamento para a extensão da obra em todas as várias linhas, nenhuma decisão deverá ser tomada sobre assuntos que não sejam considerados princípios, pelo menos pela AG; e que práticas devocionais e reuniões para instrução da *Bíblia sejam realizadas cada dia da sessão (*SDA Yearbook*, 1894, p. 85).

Em submissão a essa recomendação, a primeira Conferência Distrital foi realizada em Battle Creek (Distrito 3) em outubro de 1893. Os delegados de cada uma das Associações estaduais estavam presentes, representando os vários departamentos da obra. Isto não formou uma União como é agora entendida, mas a realização de tais conferências pode ser considerada um passo em direção à formação de tais Associações.

3. *Associação Sul-Africana*. Outro avanço na organização já estava sendo obtido além-mar. Enquanto W. T. Robinson era o cabeça da obra na África do Sul, ele planejou organizar uma Associação centralizada naquele campo.

De acordo com sua lembrança dos eventos, como registrados em sua autobiografia com a idade de 96 anos, ele propôs ao Presidente da AG estabelecer secretários departamentais abaixo do presidente da Associação, plano esse similar a um que havia sido analisado em uma Conferência Geral anterior por um comitê em que ele havia servido, mas

não havia sido aprovado (e não foi registrado). Ele cria que as condições na África do Sul eram tão diferentes daquelas nos Estados Unidos que o resultado seria confusão por se seguir o padrão Americano.

Embora ainda esperando a aprovação da AG, ele adiantou-se e organizou a Associação de acordo com seu plano, somente para descobrir que não fora aprovada na sede, onde se sentia que envolveria muita centralização. Porém, o plano funcionou bem.

4. União Australasiana (1894) Enquanto os distritos realizavam sessões na América do Norte, o novo distrito 7, na Australásia, também realizou uma sessão na qual os líderes seguiram a recomendação da AG de 1893, com o conselho de O. A. Olsen, presidente da AG, que estava presente, e também tomaram um passo avançado — organizaram a União. Providenciaram um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e um comitê executivo, sendo o superintendente do Distrito 7 o presidente. Essa União Australasiana, a primeira da denominação, tornou-se mais tarde um modelo para a reorganização dos distritos da América do Norte em Uniões.

Em novembro de 1897, A. T. Robinson foi transferido da África do Sul para a Austrália como presidente da Associação de Vitória. Em sua autobiografia ele conta como explicou na próxima sessão da Associação ao Comitê de Planejamento sobre os planos departamentais que tinham funcionado com sucesso na África do Sul, e eles com isso recomendaram que a Associação fosse reorganizada sobre o mesmo padrão simplificado com todos os secretários departamentais. A recomendação foi aceita unanimemente. A. G. Daniells, então presidente da União Australasiana, e W. C. White opuseram-se fortemente, mas posteriormente visitaram a outras Associações na Austrália e as reorganizaram sob o modelo da Associação de Vitória.

5. Descentralização na Sede. Em agosto de 1896, Ellen G. White endereçou uma carta aos presidentes de Associação incitando algumas mudanças na administração.

> Não é sábio escolher um homem como presidente da Associação Geral. A obra da Associação Geral expandiu-se, e algumas coisas tornaram-se desnecessariamente complicadas. ...Deveria haver uma divisão do campo (Carta 24a, agosto de 1896).

Ela obviamente não queria dizer que o cargo deveria ser dispensado, e sim que os fardos deveriam ser compartilhados. Em uma carta posterior, ela instou:

> Quando o presidente da Associação Geral está abarrotado de trabalho, que alguns homens jovens, ou homens de idade e experiência, acheguem-se ao homem exausto e ergam os fardos, fortalecendo-o com palavras de encorajamento, pondo-se em seu lugar e realizando a obra que ele teria feito. ... Homens têm aprendido a fazer cada insignificante pedido a Battle Creek até que a elevada e santa obra passou por tantos elementos humanos que se contaminou (Carta 100, 27 de agosto de 1896).

Antes de 1897, o presidente da AG também tinha sido presidente da Comissão de Missões Estrangeiras, presidente da Associação da Conferência Geral (corporação legal da AG), presidente da Sociedade Internacional de Folhetos e presidente da Associação Publicadora Adventista do Sétimo Dia, além de ser membro de vários outros comitês. Votou-se na Conferência Geral de 1897:

> que o trabalho da presidência da Associação da AG, da presidência do Comitê das Missões e da presidência da

AG seja posto sobre três homens (General Conference Bulletin, 1897, p. 215).

Votou-se também que o território da AG fosse dividido em três seções: os Estados Unidos, a América do Norte Britânica e a União Australasiana, o restante estando sob os cuidados do Comitê das Missões. O Comitê das Missões deveria consistir de 9 membros e o Comitê da Associação Geral foi aumentado para 13 membros. Uniões deviam ser organizadas na Europa e na América tão logo fosse adequado.

IV. Reorganização da Associação Geral em 1901. 1**.** *Necessidade de Reorganização em Duas Direções.* Com a primeira organização viera a centralização e uma falha em suprir as exigências administrativas inerentes em um empreendimento que expandia-se rapidamente. Todas as questões em todo o mundo que não poderiam ser tratados na *Associação Local ou na Missão foram dirigidos ao Comitê da Associação Geral. Exceções recentes foram a Australásia, que já tinha sido organizada como uma União e em certo sentido a Europa.

Em 1901, a Igreja tinha crescido a tal ponto que muitos pedidos eram feitos ao presidente da Associação Geral, muita autoridade era centralizada sobre o presidente e sobre um pequeno grupo de homens. Novamente Ellen G. White escreveu fortemente sobre a “monarquia” e “centros de Jerusalém”. Ela instou para que houvesse uma futura descentralização:

Novas Associações devem ser formadas. Estava na ordem de Deus que a União fosse organizada na Australásia. O Senhor Deus de Israel nos unirá a todos. A organização de novas Associações não nos deve separar. Deve sim nos unir (General Conference Bulletin, 29 de abril de 1901, pp. 68, 69).

Por outro lado, ainda havia elementos divisivos. A Escola Sabatina, as Publicações e a *Obra Médica ASD operavam

independentemente e em grande escala. O Comitê das Missões, a AG e a Associação Médico-Missionária Benevolente enviaram missionários. A organização tinha mais empregados do que todas as agências da Igreja juntas. Muitos destes grupos semi-independentes estavam em sérias dificuldades financeiras, mas a AG tinha pouco controle sobre eles. Interesses pessoais estavam envolvidos, bem como idéias divergentes quanto a como decentralizar e unificar a organização da Igreja. A solução não seria fácil.

2. *Conferência Geral de 1901*. No dia 1º de abril de 1901, dia anterior da abertura formal da Associação Geral, a Srª. White falou a uma reunião especialmente convocada do Comitê da Associação Geral, dos presidentes das Associações Estaduais, administradores, editores, médicos e diretores de escolas e concitou-os a uma organização completa da administração denominacional. Ela propôs que o Comitê da AG representasse todas as fases do trabalho, que cada instituição tivesse um parecer, que o presente comitê executivo fosse aliviado porque pouco tinha realizado, que os líderes fossem aos campos para observar para que não houvesse "reis" no trabalho e que a obra do *Evangelho deveria estar unida ao trabalho médico-missionário.

A. G. Daniells, presidente da reunião preliminar, era também o presidente de um comitê de 75 pessoas (que veio a ser conhecido como o Comitê em Conselho), apontadas para recomendar planos para a Associação. A este comitê, ele explicou que a organização da União Australasiana, cujo mecanismo tinha sido simplificado e os ramos da obra, tais como o educacional e o de publicações, tinham-se tornado em departamentos da Associação.

Imediatamente após a abertura da Conferência no dia 2 de abril de 1901, a Srª. White dirigiu-se aos delegados, repetindo muito do que ela havia dito no dia anterior. Ele novamente aconselhou uma distribuição posterior da responsabilidade:

Deus não pôs nenhum poder real em nossas fileiras para que controle este ou aquele ramo da obra. Deve haver uma renovação, uma reorganização (General Conference Bulletin, 3 de abril de 1901, p. 26).

Deveria estar com outros o determinar como isso deveria ser realizado.

Seu conselho foi bem recebido e o resultado final foi a reorganização sob a nova constituição.

> Seis grandes mudanças foram mais tarde enumeradas por A. G. Daniells como postas em operação por essa Associação:
>
> 1. A organização das Uniões e das comissões das Uniões em todas as partes do mundo onde os membros ou a equipe de obreiros a tornem adequada.
>
> 2. A transferência da propriedade e administração de todas as instituições e empreendimentos da obra a organizações com as quais estejam relacionados por localização.
>
> 3. Fazer todas as linha diretivas, tais como Escola Sabatina, educação, médico-missionária, liberdade religiosa e obra de publicações, departamentos da AG, colocando os presidentes desses departamentos no Comitê da AG.
>
> 4. Aumentar e fortalecer todas as comissões de associação e missão colocando sobre eles homens especialmente qualificados para representar a obra

evangélica, a educacional, a médico-missionária e os interesses de publicação da causa.

5. Colocar a responsabilidade de assistir dos detalhes da obra em todas as partes do mundo, sobre os que estão localizados onde a obra deva ser feita.

6. Arranjar uma conexão orgânica ou uma união das partes de nossa organização e campo colocando os presidentes das Associações locais que são eleitos pelas Igrejas locais sobre os Comitês da Associação Geral; e posteriormente sobre o Comitê da AG os presidentes das Uniões, os superintendentes dos campos das Uniões e o presidente de todos os comitês dos departamentos. Dessa forma, cada departamento de trabalho, e cada instituição na denominação, é representado na União local também (A. G. Daniells, Review and Herald, 29 de março de 1906).

Antes de encerrar-se a conferência, os seis distritos originais da América do Norte foram organizados pelos delegados em Uniões modeladas um pouco após a já existente União Australasiana, com seu mecanismo simplificado em seus arranjos dos departamentos. Estas foram a União Oriental (pouco depois nomeada de Atlântica), União Sul, União do Lago, União Noroeste, União Sudeste e União do Pacífico. Além dessas estavam as Uniões Australasiana e a Européia.

3. *Comitê Executivo e Departamentos da AG*. As organizações líderes independentes dentro da denominação — educacional, médico-missionária, Escola Sabatina, liberdade religiosa, publicações — tornaram-se seções, ou departamentos da AG. O presidente — mais tarde chamado secretário — de cada departamento tornou-se um

membro do comitê executivo da AG, então acrescido de 25 membros. Embora maior autoridade era agora investida em um corpo central, esse era mais representativo e responsável do que anteriormente. Representava os diferentes departamentos da obra bem como de várias unidades geográficas da Igreja ao redor do mundo. O Comitê Executivo elegia seus próprios oficiais, apontava seu próprio presidente e mantinha o poder por um ano para evitar a presunção de um "poder real". Esse plano durou dois anos. A G. Daniells tornou-se o primeiro "presidente," mas iniciou realmente sua gestão como presidente da AG.

A obra de missão estrangeira esteve sob a supervisão do Comitê da Associação Geral, mas a eleição de comissões de administração, títulos de propriedade e obrigação por dívidas de instituições locais eram transferidas a Uniões.

Uma dificuldade foi encontrada ao se tentar dirigir o Comitê da Associação Internacional Médico-Missionária e Benevolente, a mais vigorosa de todas as organizações denominacionais, que, embora controladas pelos membros da Igreja, tinha recebido considerável apoio de não-adventistas. Como um compromisso, deu-se uma representação de seis membros do Comitê da Associação Geral e seu próprio comitê devia ser apontado igualmente pela AG e seus constituintes. (Porém, o Dr. John Harvey Kellogg, presidente da Associação, opôs-se vigorosamente a qualquer decisão que o (o Comitê) trouxesse sob o controle da AG. Em 1908, A Associação Médico-Missionária e Benevolente, juntamente com o Sanatório de Battle Creek, passaram inteiramente do controle denominacional).

A reorganização da AG em 1901 deixou muito a ser feito, mas ela adquiriu um grau de harmonia que assegurou o sucesso ao serem as decisões levadas à ação. O interesse próprio ainda era encontrado, mas nunca houve novamente sérias dúvidas quanto ao curso que a organização deveria tomar. As dificuldades que surgiram não estavam tanto em ajustar o mecanismo da administração ao novo padrão quanto

em lidar com a falta de perspectiva da parte de alguns que falhavam em acatar os conselhos da Srª. White contra a centralização em Battle Creek. Obra posterior deveria ser realizada na Conferência Geral de 1903.

Porém, em várias ocasiões subseqüentes, a Srª. White expressou seu reconhecimento quanto às reformas que tinham sido efetuadas na *Conferência Geral de 1901 e tornou claro, portanto, que muitas das críticas que ela havia feito sobre a liderança e a organização não eram mais aplicáveis.

Ela escreveu a um dos obreiros da Associação:

> Teu curso era o que deveria ser tomado se não tivesse havido das mudanças na AG. Mas uma mudança foi realizada em muitas mudanças mais serão feitas e grandes desenvolvimentos serão vistos. Nenhuma questão deve ser forçada ... Dói-me pensar que estás usando palavras que eu escrevi anteriormente na *Conferência. Desde então, grandes mudanças têm sido vistas (Carta 54, 1901).

4. *Constituição Revisada em 1903*. Certas deficiências na constituição de 1901 tornaram-se aparentes entre 1901 e 1903. Nenhum diretor oficial da denominação tinha sido eleito pela Associação, mas A. G. Daniells, o presidente do Comitê Executivo, decidiu, com o conselho dos outros, usar o título de presidente. Problemas financeiros prementes eram tratados com a transferência de bens e responsabilidades da AG para as Uniões e pela decisão de fazer negócios em base estritamente monetária. Entendeu-se que em 1901 que cada departamento devia ser representado no Comitê Executivo, mas em 1903 esta proposta foi acrescida à constituição.

A Associação Geral de 1903 estendeu seus princípios de organização iniciados em 1901. O Departamento de Escola Sabatina da AG devia dirigir a obra pelos jovens, a Associação Médico-Missionária

e Benevolente Internacional foi solicitada a tornar-se departamento da AG; foi adotado um plano para submeter as instituições totalmente ao controle denominacional; fez-se também provisão para o apoio de obreiros idosos e seus dependentes. Também concordou-se que a sede da AG e da Review and Herald deveriam mudar-se de Battle Creek.

Durante o período bienal de 1901-1903, houve organização de 12 Uniões, 3 Missões, e 20 Associações locais, sendo assim uma continuação da política aperfeiçoada na Conferência Geral de 1901. Nenhuma mudança organizacional drástica foi feita em 1903; recomendações feitas previamente foram postas em ação e se desenvolveram para suprir as necessidades de uma obra em expansão.

5. *Dois Vice-Presidentes*. Um passo significativo dado na Conferência de 1903 foi a eleição de dois vice-presidentes onde havia somente um anteriormente. A um (chamado o primeiro vice-presidente) foi especificamente determinada a supervisão da obra na Europa. O outro devia supervisionar a obra da América do Norte. Dessa forma, o rápido crescimento da Igreja na Europa e nas partes do mundo supridas e administradas pela direção Européia recebeu reconhecimento administrativo. A questão de uma posição coordenativa para a obra européia com a da América do Norte tinha sido agitada por muitos anos anteriores (Veja *General Conference Bulletin* 1903, p. 170). De fato, já em 1901, os líderes europeus organizaram as Uniões naquele campo formando a União Geral Européia (ou Associação Geral Européia).

V. Divisões da Associação Geral. 1. *Três Áreas do Campo Mundial*. Uma vez que a idéia da organização administrativa coordenada para partes maiores da obra mundial tinham criado raízes no pensamento denominacional, a idéia crescia e na sessão de 1901, um terceiro vice-presidente foi eleito, determinado para a "Divisão Asiática," embora não houvesse decisão foram estabelecendo tal unidade organizacional. Todos os três vice-presidentes podiam presidir em reuniões de membros

do Comitê Executivo da AG em suas respectivas áreas ou em concílios missionários ali. O *Yearbook* de 1901 pela primeira vez forneceu os títulos "Vice-Presidente da Divisão Européia," "Vice-Presidente da Divisão Norte Americana," e "Vice Presidente da Divisão Asiática."

Em 1912, os membros do Comitê da AG que tinham responsabilidade pela obra na Europa endereçaram um memorial ao Concílio de Outono do Comitê da AG, dando três razões para se formar uma unidade administrativa da divisão compreendendo todas as Uniões e Missões do campo Europeu e solicitando que a AG considerasse a questão em sua próxima sessão. Já em 1912, eles nomearam seu boletim informativo de *Relatório Trimestral da Divisão Européia da Associação Geral*.

A necessidade por algo dessa ordem tinha sido prevista já em 1893, quando O. A. Olsen recomendou a formação de distritos além-mar em vista do rápido crescimento nas áreas além-mar, mas a constituição de 1863 então em vigor, não tinha sido escrita na expectativa de uma organização mundial e não poderia ser emendada para suprir as novas necessidades.

2. *Divisões Organizadas*. No dia 21 de maio de 1913, 50 anos depois de ser organizada a Associação Geral, uma constituição de estatutos para a Divisão Européia foi submetidos aos delegados da AG e aceita no dia seguinte. A divisão era uma unidade administrativa intermediária ente a União e a AG, com as Uniões como suas colaboradoras e fonte de sua autoridade. O território da AG devia ser composto das Divisões Norte Americana e Européia, a Divisão e Missão Asiática e todas as outras uniões e Associações locais. No mesmo ano a Divisão Sul Americana foi autorizada.

3. *Estrutura Atual das Divisões*. Em 1918, as divisões foram abolidas, deixando as Associações e Uniões inteiramente responsáveis para com a AG. Em vez de oficiais eleitos no local (inclusive o

presidente) para as antigas divisões da obra, a AG nomeou vice-presidentes para supervisionar os campos mundiais e prescreveu sub-tesoureiros e secretários departamentais assistentes dentre os membros do Comitê Executivo para residir em cada um dos campos e conduzir o trabalho.

De acordo com a constituição de 1918 os membros do Comitê Executivo em cada divisão do território constituiu uma comissão executiva para aquela área, mas o controle sobre as atividades departamentais eram retidas pelo Comitê Executivo da AG.

As principais razões para esta mudança eram

(1) preservar a unidade estrutural;

(2) colocar sobre cada seção dos membros da Igreja a responsabilidade de suprir os fundos e pessoal para o mundo inteiro permaneceram essencialmente "seções" do Comitê Executivo da AG, tendo responsabilidades para seus respectivos territórios, mas receberam a medida da autoridade visto que receberam um completo grupo de oficiais e um comitê da divisão eleito pela AG em sessão. Este comitê, composto de delegados de Uniões, Associações, missões e campos independentes, tinha a permissão de agir sobre assuntos locais de acordo com as políticas gerais estabelecidas reuniões do Comitê Executivo. O nome "divisão" persistiu, mas o termo duplo "seção divisional" é raramente usado, embora pareça na constituição.

Organizações inter-união, compreendendo várias uniões, têm sido formadas às vezes. Até mesmo ao ser adotada a União para toda a Igreja (1901), o crescimento da Igreja a dimensões continentais na Europa, onde ela poderia ser unida como uma União única, levou à tentativa de encontrar alguma unidade intermediária entre a União e a Associação Geral. Isto resultou na formação da Associação Geral Européia, e eventualmente da Européia e outras divisões. Mas mais tarde surgiu lá, em dois casos, a necessidade por uma unidade organizacional entre a União e a Divisão. Na Alemanha, em um tempo em que a situação

requeria que a Igreja Alemã existisse como uma organização administrativa unida, enquanto a Divisão Européia incluía um número de países, a Associação Inter-Americana Alemã foi formada. A União Australiana, quando foi seccionada em várias Uniões em 1948, tornou-se a Inter-União Australasiana. Ambas essas organizações Inter-União são agora idênticas às divisões.

Desde 1922, novas divisões têm sido formadas e houve ajustes territoriais entre Divisões, Uniões, Associações e Missões em adaptar-se aos desenvolvimentos políticos e econômicos. A emergência de novas nações acelerou a transferência de certas autoridades administrativas de equipes estrangeiras, mas nenhuma mudança significativa tem sido feita desde aquele tempo na estrutura da organização da IASD.

IGREJA DE DEUS (ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA). Veja **Corporações Adventistas.**

IGREJA E O ESTADO. A denominação ASD desde seu início tem sido firme defensora da separação entre Igreja e Estado, ensinando que a distinção entre ambos é claramente tirada do *Novo Testamento: "Dai a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus" (Mat. 22:21). Por um lado, o governo civil é dirigido por Deus (Rom 13:1-4); portanto, seja a autoridade civil dirigida por um cristão, judeu, muçulmano ou pagão, ela tem a Deus como fonte; todos os cidadãos estão sob a proteção de Deus sujeitos ao poder civil. A preocupação com os governos civis relaciona-se a questões temporais; a *Bíblia diz que essa esfera é dirigida por Deus. Por outro lado, a *Igreja recebeu autoridade espiritual, e Cristo foi cuidadoso ao enfatizar que a autoridade da Igreja é distinta da autoridade temporal (Mat. 18:17, 18; João 18:36). Somente aqueles cidadãos que professam obediência a

Cristo podem ser contados como sujeitos ao reino Espiritual de Cristo. A Igreja se preocupa com a *Alma e com a consciência do indivíduo.

A história revela que freqüentemente o Estado usou a Igreja para conseguir seus objetivos e que reciprocamente, em outras ocasiões, a Igreja dominou o Estado. Em ambos os casos, *Perseguição foi o resultado. Portanto, os ASD crêem que os propósitos distintamente diferentes do reino de César e do reino de Cristo são melhor realizados quando nenhum dos dois é subserviente ao outro e nenhum se intromete na área que pertence ao outro.

O Concílio do Outono de 1948 da Comissão da *Associação Geral da IASD (AG) publicou as seguintes declarações a respeito da Igreja e de suas relações com o Estado:

> Cremos no governo civil como divinamente dirigido para proteger o homem no gozo de seus direitos naturais, e para legislar em coisas civis, e que nesse âmbito é habilitado a ter o respeito e obediência de todos...
>
> Cremos que toda legislação que une a Igreja e o Estado é subversiva aos direitos humanos, potencialmente perseguido no caráter, e oposta aos melhores interesses da Igreja e do Estado; que não está dentro do âmbito do governo humano para promulgar tal legislação.
>
> Cremos ser nosso dever usar todos os meios legais e honrosos para prevenir a promulgação de legislação que tenda a unir a Igreja e o Estado, e nos opormos a todo movimento em direção de tal união, para que todos possam desfrutar das inestimáveis bênçãos da *Liberdade Religiosa. ... (*Atas do Concílio de Outono da Associação Geral,* 1948, p. 13).

A comissão passou as seguintes resoluções:

Relações entre a Igreja e o Estado. EMBORA "A união da Igreja com o Estado, não importa quão fraca possa ser, conquanto pareça levar o mundo mais perto da igreja, não leva, em realidade, senão a igreja mais perto do mundo" (*GC*, p. 295) e

EMBORA, O Estado nunca deva invadir o âmbito distintivo da Igreja para afetar de qualquer modo a completa liberdade de consciência, ou o direito de professar, praticar e promulgar crenças religiosas; e a Igreja nunca deveria invadir o âmbito distintivo do Estado.

Recomendamos, 1. Que nós, os representantes dos Adventistas do Sétimo Dia reunidos no Concílio de Outono, reafirmemos nossa fé plena na doutrina histórica da separação entre Igreja e Estado, e nosso propósito resoluto como uma Igreja de manter essa doutrina vigente em nossas relações com todos os governos terrestres, lembrando sempre que a tendência para a União pode ser gradual e sutil. ...

Lealdade ao Governo: Embora os governos tenham sido estabelecidos entre os homens, abaixo de Deus, para regular as relações humanas (Rom. 13:1-3; I S. Ped. 2:13-17): e

EMBORA, o governo civil inclua o exercício de poderes políticos inerentes em soberania, para prevenir o que possa prejudicar a saúde, moral, segurança e bem estar geral da Sociedade:

> *Recomendamos*, Que reafirmemos nossa lealdade ao governo civil, prometendo nossa sincera obediência a suas leis, e orando pela paz do país e por todos os que estão no poder. Que reafirmemos, porém, ao mesmo tempo, nosso inalienável direito de louvar a Deus de acordo com os ditames de nossa própria *Consciência e promulgar nossas crenças religiosas entre todos os homens (At. 5:29; Mar. 16:15) (*ibid.*, pp. 14,15).

Para ler mais declarações da IASD sobre o assunto da Igreja e o Estado, veja **Liberdade Religiosa**.

Separação da Igreja e do Estado nos Estados Unidos. A constituição dos Estados Unidos erigiu salvaguardas para assegurar a separação da Igreja e do Estado — uma rara política entre os governos do século XVIII — e essa separação promoveu prosperidade e harmonia para ambas as Igrejas e os governos civis dos Estados Unidos.

A separação Igreja-Estado é mais provada quando o dinheiro está envolvido. A completa separação Igreja-Estado significa que o dinheiro do Estado, que é o dinheiro dos impostos, é dirigido para apoiar *Atividades Legais e reconhecidas que pertencem ao Estado. Isto significa que o dinheiro da Igreja, os dízimos e ofertas dos crentes, são dirigidos para apoiar as atividades religiosas da Igreja.

Nossas Escolas e o Estado. Talvez a maior área de preocupação nas relações Igreja-Estado nos EUA está na educação. Como o número de estudantes multiplicou, e o custo da educação aumentou, as instituições têm encontrado crescente dificuldade em manter suas escolas. Quando os fundos do governo se tornaram disponíveis, a tentação foi grande para que a Igreja os aceitasse.

O argumento contra o uso dos fundos do governo para uma escola dirigida por uma Igreja é dupla:

1. Esses fundos governamentais, recebidos através do poder dos impostos do Estado, seriam usados para ensinar doutrinas religiosas nas quais muitos pagadores de impostos não crêem.
2. O controle geralmente segue à subvenção. Se a *Escola Paroquial aceita o dinheiro do Estado, isso irá mais cedo ou mais tarde trazer um grau de controle fora de confiança da parte do governo.

Quando uma organização religiosa tenta infiltrar-se no tesouro público a fim de apoiar seu sistema escolar (isto é, ensinar suas crenças distintivas), isto convida o Estado a ultrapassar as áreas que pertencem a Deus e não a César. Os pais que recusam a educação das escolas públicas e são clientes de uma escola religiosa, pelo menos nos EUA, deveriam assumir a responsabilidade de financiar aquela educação orientada por princípios religiosos.

Portanto, a fim de proteger a liberdade religiosa, a IASD se opõe ao uso de fundos governamentais para ensinar religião. A decisão oficial da Associação Geral a respeito da ajuda do governo a escolas Adventistas diz:

> *Embora*, A Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos esteja de pleno acordo com os princípios de separação Igreja-Estado como estabelecidos na Constituição Federal, e tem, através dos anos apoiado esse princípio;
>
> *Recomendamos*, Que nos Estados Unidos a política denominacional para nossas escolas de todos os níveis seja abster-se de aceitar doações de dinheiro, terra, prédios ou equipamentos do governo; ou concessões dos impostos para os salários dos professores; ou manutenção, operação ou apoio dos serviços que a escola forneça.

> Isto não deve ser interpretado para prejudicar a aceitação das funções regulares do Departamento de Saúde Pública, tais como o trabalho de enfermeiras públicas, vacinas, inoculações ou tuberculose; nem proibirá a aquisição, por consideração, de um despojo de guerra (*ibid.* 1949 p. 26).

Instituições Médicas. Os mesmos princípios se aplicam às instituições médicas da Igreja. No processo oficial referente ao trabalho médico, uma cuidadosa distinção é feita entre o desenvolvimento do capital e despesas operacionais. A praxe diz:

> EMBORA, Nossas instituições médicas sejam uma parte integral de nosso programa denominacional:
>
> *Recomendamos.* 1. Que nos EUA nossas instituições médicas resguardem-se de aceitar qualquer ajuda para operar e manter essas instituições.
>
> 2. Visto que nossas instituições médicas prestem um serviço reconhecido às necessidades médicas das comunidades em que estão localizadas, as concessões do governo para desenvolvimento do capital podem ser aceitas. Porém, será entendido que uma concessão será recebida após cuidadoso estudo pela comissão operadora, e aprovação das comissões das Uniões e da Associação Geral (*ibid.*, pp. 26,27).

Uma situação complexa. As relações Igreja-Estado em anos recentes têm-se distinguido por uma complexidade sempre crescente de novos problemas para os quais não existem precedentes. Freqüentemente é difícil descobrir a linha entre envolvimento e separação, por exemplo, nas propostas de empréstimos governamentais

com interesse mínimo para as escolas paroquiais, isenção de impostos para pagamentos de despesas escolares para as escolas religiosas, a doação de equipamento do governo para laboratórios filiado à Igreja, subvenções governamentais para o ensino de certas matérias em escolas particulares e outros planos.

As áreas em que pode haver problemas entre Igreja-Estado são: ajuda pública a escolas; exercícios religiosos em escolas públicas; tempo disponível para instrução religiosa; censura; capelanias; *divórcio, controle de natalidade; *leis dominicais; embaixador no Vaticano, isenção de impostos para as propriedades da Igreja; ajuda governamental para a Igreja e para os clérigos; quotas de imigração e pedidos de naturalização; serviço militar; ajuda do Estado às organizações de caridade ou de bem-estar filiadas à igreja; e regularização de *Adoção.

Em muitos países do mundo, outras dificuldades na relação Igreja-Estado têm sido: assistência aos sábados às escolas públicas, cultos religiosos compulsórios nas forças armadas, restrições quanto à realização de cultos religiosos, trabalho evangelístico, venda de literatura religiosa, batismo de conversos e operações de instituições religiosas.

Princípios e Aplicação. A IASD apóia o princípio da separação Igreja-Estado, mesmo que na aplicação do princípio em questões complexas e condições de muitas culturas permitam diferentes práticas. Onde a separação Igreja-Estado não existe ou onde, como em muitos países, o governo depende em grande escala das instituições missionárias cristãs para prestar serviços públicos em áreas educacionais ou médicas, aceitam-se subvenções. Reconhece-se, porém, que a aceitação de ajuda envolve o risco de encontrar o controle governamental ou revés quando da perda da ajuda financeira. Em alguns países, os governos têm dado terrenos e propriedades para instituições, ou têm ajudado na operação de escolas, hospitais, ou clínicas onde tais

facilidades iriam de outra maneira faltar, ou onde a ajuda médica ou trabalho beneficente era grandemente necessitada para o benefício do povo local.

A respeito da aplicação do princípio de separação Igreja-Estado em outros países, a Comissão executiva da Associação Geral no Concílio de Outono de 1948 recomendou:

> Que reafirmemos nossa fé em que esse princípio fundamental de separação Igreja-Estado deveria ser mundial em sua aplicação; reconhecendo, porém que a aplicação de certos detalhes do princípio pode ser diferente em diferentes partes do mundo, devido às várias formas de governo.
>
> Que, haja vista essas considerações, deve-se, porém deixar para o critério das Comissões das Divisões determinar como esse princípio será aplicado em seus respectivos campos; mas mantendo que em qualquer sobreposição e atividades, o Estado não deveria entrar no domínio espiritual, nem a Igreja nos direitos civis do Estado (*Programa do Concílio de Outono da Comissão da Associação Geral*, 1948, p. 14).

Desta maneira, embora possa haver diferenças de aplicação, a posição da IASD é a mesma ao redor do globo. O *Membro da Igreja é um cidadão leal, prestando ao seu governo "o que é de César" e é igualmente um fiel seguidor de Cristo, prestando ao seu Criador "o que é de Deus". A Igreja pede liberdade religiosa para seus membros e para todos os outros. Ela considera ser sua missão chamar homens ao dever para com Deus e para com o homens e mulheres aos seus privilégios como filhos de Deus — não a fim de ganhar posição de preferência ou vantagens do material do Estado. Veja também **Leis Dominicais, Liberdade Religiosa.**

IGREJA REMANESCENTE. Na linguagem ASD, aqueles divinamente comissionados para proclamar ao mundo a última mensagem da graça de *Deus antes do fechamento da *Porta da Graça e do retorno de Cristo em poder e em glória em Seu *Segundo Advento. Os ASD entendem que as *Três Mensagens Angélicas de Apoc 14:6-12 em conjunto com a mensagem de Apoc. 18:1-4 constituem a última mensagem que intima todo homem de toda parte a adorar ao Criador pelo fato de a hora do julgamento divino estar próxima, e adverte contra sucumbir à grande apostasia dos últimos dias predita em Apoc. 13:11-17. Convencidos de que o tempo para dar essa mensagem chegou e pelo fato de que somente eles no corpo da Cristandade pregam tal mensagem, os ASD crêem que o termo "remanescente" seja uma designação apropriada de si mesmos em sua responsabilidade como testemunhas apontadas por Deus para última geração. Ao mesmo tempo defendem que Deus tem pessoas fiéis nas outras religiões cristãs também.

O termo "remanescente" de Apoc. 12:17 — do qual a expressão "Igreja remanescente" deriva — é baseado em seu uso no A.T., que descreve gerações sucessivas de Israelitas como estando na linha do povo escolhido de Deus através dos séculos. Esse fiel "remanescente" era herdeiro de promessas sagradas, privilégios e responsabilidades do concerto feito originalmente com Abraão e confirmado no Sinai. Consistia em Israelitas que tinham sobrevivido de calamidades tais como apostasias, guerra, cativeiro, pestilência e fome e foram poupados por misericórdia para continuar a ser o povo escolhido de Deus. Veja II Crôn. 30:6; Esd. 9:14; Is. 10:20; Ez. 6:8, 9; 7:16. Foi sempre um grupo relativamente pequeno que, tendo permanecido fiel ao verdadeiro Deus, aceitou novamente as responsabilidades e privilégios do concerto, e que saiu para testemunhar por Ele (II Reis 19: 30, 31; Is. 37:31, 32; 66:19).

As Igrejas Protestantes da Reforma podem ser consideradas o remanescente fiel de Deus depois de mais de um milênio de apostasia Papal. Os ASD defendem que os vários grupos Protestantes serviram como arautos da verdade apontados pelo Céu, restaurando o Evangelho ponto por ponto à sua pureza primitiva, mas também que cada um desses grupos se satisfizeram com seus conceitos parciais da verdade e falharam em avançar nisso. Deus suscitou outro instrumento escolhido para proclamar a Sua verdade aos habitantes da terra.

Finalmente, com a chegada do tempo "do fim" — tempo em que a última mensagem do Céu deveria ser proclamada ao mundo (Apoc. 14:6-12) — Deus chamou outro "remanescente", aquele designado no capítulo 12:17 como o remanescente da longa e digna linha de heróis da fé. Esse é o último remanescente de Deus, pois ele é o arauto de Seu apelo final para que o mundo aceite Seu dom gratuito da salvação. Desde o seu início, os ASD têm proclamado as três mensagens de Apoc. 14:6-12 como o último apelo divino para que pecadores aceitem a Cristo, e têm humildemente reconhecido seu movimento como sendo designado no cap. 12:17, "o remanescente". Os ASD defendem que nenhum outro corpo religioso esteja proclamando esta mensagem composta, e nenhum outro preenche as especificações dadas no cap. 12:17, e que os fiéis de Deus estão agora espalhados entre as outras igrejas da Cristandade, mas todos os que têm o propósito de ordenar sua vida em harmonia com toda a Sua vontade revelada são membros em potencial do remanescente mencionado cap. 12:17.

Um capítulo no primeiro folheto ASD, *A Word to the "Little Flock"* (1847), tinha o título, *"Ao Remanescente Espalhado por Todas as Partes."* Esta é a primeira vez conhecida do uso do termo por ASD. Na *Review and Herald*, de 28 de fevereiro de 1856, Urias Smith respondeu a uma pessoa que perguntou por que os ASD se denominavam "o remanescente", do que eram remanescentes e se consideravam-se como judeus. Smith explicou que os cristãos são

“herdeiros de acordo com a promessa” (Gál. 3:7, 29), citado em Apoc. 12:17 como aplicado a palavra além da era judaica para tempos cristãos. Posteriormente, ele disse que os ASD são os únicos que cumprem as condições especificadas em Apoc. 12:17 para o último remanescente de Deus, pois só eles guardam todos os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus. Citou Joel 2:28-32 também — “o remanescente a quem o Senhor chamará” — referindo-se à Igreja nos últimos dias e concluiu: “Denominamo-nos de remanescente porque temos suas características”. No ano seguinte, Tiago White fez uma defesa da propriedade do termo “remanescente” como é aplicado para os ASD. Concluiu que

(1) a guerra de Satanás contra o remanescente é o último elo da cadeia profética do Apoc. 12 (O contexto designa o remanescente do capítulo 12:17 a um período posterior aos 1.260 dias dos versos 6 e 14);
(2) “a palavra figurativa, remanescente, deve representar os últimos membros da Igreja de Jesus Cristo, vivendo pouco antes de Sua Segunda Vinda”; e
(3) como um povo que guarda os mandamentos, os ASD cumprem as especificações dadas em Apoc 12:17 (*ibid.*, 8 de janeiro de 1857).

Os adventistas pioneiros chamavam-se de “o remanescente” em virtude do fato de que eram, naquele tempo, um remanescente desorganizado e espalhado que aceitara a mensagem Adventista de 1844 e que ainda cria que Deus tinha sido e continuava sendo o líder do movimento. A palavra “remanescente” refletia a idéia de que era um pequeno grupo que havia permanecido fiel à esperança do Advento, sendo o último grupo do povo escolhido de Deus antes da volta de Cristo e que só eles cumpriam as condições dadas em Apoc. 12:17. Hoje, os ASD enfatizam a base escriturística e o uso do termo (Veja *SDABC*, nota adicional sobre Apoc. 12) como aplicável àqueles a quem

Deus escolhe para serem Suas testemunhas para a última geração terrestre.

ILHA DO CAJUEIRO - RIO SÃO FRANCISCO. Localiza-se no Rio São Francisco próximo dos Estados da Bahia e Pernambuco.

Os adventistas dali não recebem a visita de pastores constantemente, nem as lições da *Escola Sabatina. Poucos sabem ler.

Casemiro Maciel foi o fundador e diretor do primeiro grupo de adventistas na Ilha. Desde 1948 ele conhecia mensagem adventista. Leu o *Novo Testamento para ter alguns argumentos para contrariar alguém que estivesse explicando mal as *Escrituras e, lendo sobre o perdão, teve que perdoar seus 15 inimigos e mudou de vida.

Para a construção do alicerce da Igreja e da escola, foram retiradas as pedras do cemitério. Mais tarde adultos e crianças das ilhas vizinhas vinham pedir para estudar na Escola Adventista. O filho de Casemiro Maciel foi o primeiro professor da escola, sendo esta a única da região.

Em 1953, tiveram o conhecimento de um povo que também guardava o *Sábado como o grupo desta ilha. Conseguiram o endereço da Missão e o Pr. Nelson Schwantes mandou o Pr. Corino Pires que passou 8 dias ali.

Em 1954, o Pr. Plácido foi à ilha e batizou 27 pessoas. Daí em diante houve batismos todos os anos.

IMERSÃO. Veja **Batismo.**

IMORTALIDADE. Estado ou qualidade de não estar sujeito à morte; do grego *athanasia*, "imorredouro", e *aphtharsia*, "incorruptibilidade". Os *ASD crêem que o homem é mortal, ou seja, que está sujeito à morte, e que a morte é um estado de completa inconsciência (Veja **Morte**). O termo "imortalidade" aparece quatro

vezes na Almeida Revista e Atualizada. “Imortal” (do grego *aphthartos*) ocorre uma vez na ARA (I Tim 1:17). As Escrituras atribuem a imortalidade apenas a Deus (I Tim. 6:16). Declara-se que apenas Ele é imortal (Rom. 1:23; I Tim. 1:17) o cristão busca a imortalidade (Rom. 2:7), que Cristo trouxe à luz “através do Evangelho” (II Tim. 1:10) e que lhe será imputada ao “soar da última trombeta” (I Cor. 15:52-54). Em nenhum lugar as Escrituras descrevem a imortalidade como uma qualidade ou estado que o homem — ou sua “alma” ou “espírito” — possuem de modo inerente. Os termos atribuídos a “alma” e “espírito” (heb. *nephesh* e *ruach*; gr. *psyche* e *pneuma*) na Bíblia ocorrem mais de 1.600 vezes, mas nunca em associação às palavras “imortal” e “imortalidade”.

A doutrina de que a imortalidade depende da aceitação da salvação, pela fé em Cristo é chamada de imortalidade condicional, e a crença nessa doutrina é, algumas vezes, chamada de “condicionalismo”. Muitos cristãos através do séculos têm defendido esse conceito.

A idéia de que o homem tem uma alma imortal, ou espírito foi introduzida na igreja cristã pela filosofia pagã, especialmente a filosofia platônica. À medida que a filosofia grega se infiltrava na Igreja primitiva, a crença na imortalidade da alma tornou-se um ponto de vista predominante no cristianismo e continua como conceito predominante até hoje.

A grande maioria dos seguidores de *Guilherme Miller, defendiam a crença comum de que o homem tem, por natureza, alma imortal. Entretanto, através da influência de *George Storrs, notável pregador Milerita, uma minoria significativa aceitou o condicionalismo juntamente com a crença de que o homem permanece inconsciente no período que se estende de sua morte até a ressurreição. Essas crenças tornaram-se uma importante característica dos grupos adventistas após 1844. Muitos deles raciocinavam que se o homem recebesse sua

recompensa na morte, não haveria necessidade de uma *Segunda Vinda, *Ressurreição e *Juízo Final.

Veja **Morte; Vida Eterna.**

IMORTALIDADE CONDICIONAL. Veja **Imortalidade; Morte; Ressurreição; Vida Eterna.**

ÍMPIOS, DESTINO DOS. Veja **Inferno.**

IMPOSIÇÃO DE MÃOS. Ato realizado em várias circunstâncias e para vários propósitos:

(1) Apresentação de animais sacrificais. O ofertor freqüentemente colocava suas mãos sobre o animal designado para o sacrifício (Lev. 1:2-4; etc.) antes de matá-lo (cap. 3:1, 2), significando que o animal era apresentado como seu substituto. Em certas ocasiões, os sacerdotes colocavam suas mãos sobre o animal (Êxo. 29:9, 10, 19 cf. vv. 29, 30; Lev. 4:3, 4; 16:21; Veja **Expiação, Dia da; Azazel.**);

(2) Bênção. Jacó pôs suas mãos sobre a cabeça de Efraim e Manassés (Gên. 48:14, 20), e Cristo colocava suas mãos sobre as crianças e as abençoava (Mar. 10:16);

(3) Ferir ou punir. Deus disse que poria sua mão sobre o Egito para libertar Israel (Êxo. 7:4). Os líderes judeus procuravam “lançar mão” de Jesus, mas temiam o povo (Mat. 21:46; Luc. 20:19; 22:53).

(4) Cura. Cristo freqüentemente colocava Suas mãos sobre as pessoas que curava (Mar. 6:5; Luc. 4:40; 13:13), bem como os discípulos (Atos 9:17; Mar. 16:18).

(5) Ordenação ao serviço de Deus. A congregação de Israel era instruída a pôr suas mãos sobre os levitas para que a tribo

pudesse ser separada para o serviço divino. (Núm. 8:9-11). Paulo e Barnabé foram consagrados ao ministério pela imposição de mãos (Atos 13:2, 3), como também Timóteo (I Tim. 4:14; I Tim. 1:6). Paulo advertiu Timóteo a não impor as mãos sobre homem nenhum prematuramente (I Tim. 5:22). Heb. 6:2 lista a imposição de mãos entre as doutrinas elementares da Igreja Cristã;

(6) Derramamento do Espírito Santo (Atos 8:17; 9:17; 19:6).

INDÍOS CARAJÁS. Um grupo de índios adventistas que residia em Santa Isabel do Morro, na Ilha do Bananal, em Goiás, formou uma nova aldeia à 1,5 Km da anterior. Desde sua fundação, em 1991 essa comunidade tem sido dirigida por um adventista, o cacique Paulo Krumáre.

O novo núcleo indígena recebeu o nome de “Aldeia JK”, devido estar ao lado das ruínas de um hotel construído pelo Presidente Jucelino Kubitschek. São ao todo 23 índios.

Reúnem-se aos sábados com outros 50 índios na IASD da aldeia de Santa Isabel do Morro.

São assistidos pelo Pr. João Werreriá, também índio, da linhagem de caciques.

Na década de 30, os adventistas instalaram uma escola entre os índios Carajás da Aldeia de Fontoura, que funcionou por quase 50 anos. Simultaneamente, nos últimos 25 anos existiu o serviço de lanchas dando apoio médico-odontológico aos índios e ribeirinhos.

INFERNO. Lugar e estado de punição e destruição, pelo *Fogo Eterno na *Segunda Morte, daqueles que rejeitam a Deus e a oferta da salvação em *Jesus Cristo. O termo hebraico *she'ôl* e o grego *hades*, ambos traduzidos por “inferno”, referem-se ao mundo invisível, ou ao

mundo dos mortos. O grego *geena* denota inferno como castigo flamejante. O verbo grego *tartaroo*, “precipitar” no inferno, ocorre apenas uma vez (II S. Ped. 2:4). Visto que a palavra inferno é usada para conotar um lugar de castigo para os impenitentes e também o reino dos mortos (*geenna* assim como *she'ôl* e *hades*), sempre há confusão resultante dessas interpretações. Reconhecendo a diferença de significado, traduções modernas da Bíblia e a RSV optaram por transliterar o heb. *she'ôl* para Seol e *hades* para Hades. A palavra *hades* aparece em muito túmulos antigos da Ásia Menor referindo-se à tumba da pessoa ali enterrada.

O termo grego que denota um lugar de punição, *geenna*, é utilizado 12 vezes no N.T.. É derivado do heb. *Gê Hinnom*, ou “Vale de Hinom” um vale profundo localizado imediatamente ao Sul de Jerusalém. Pelas referências do A.T. (Jos. 15:8; II Reis 23:10; Jer. 7:31) e pelas descrições de sua posição em I Enoque 26:l-5, tem sido identificado com o atual *Wâdi er Rabâbeh*. Jeremias (cap. 2:23; 7:31 e 32) indicam que neste lugar praticavam-se ritos pagãos de queimar filhos a Moloque. Parece que o perverso rei Acaz instituiu essa pratica demoníaca (II Crôn. 28:3; cf. *PR*, 54, 55). Manassés, neto de Acaz, restaurou esse rito (II Crôn. 33:1 e 6; cf. Jer. 32:35). Anos mais tarde, o piedoso rei Josias destruiu os altos no Vale de Hinom (II Reis 23:10) fazendo cessar tal prática. Jeremias predisse que, devido às práticas perversas, o vale seria chamado de “vale da matança” porque os inimigos dos judeus matariam os habitantes fugitivos de Jerusalém e deixariam seus corpos insepultos (Jer. 7:32; 19:6 e 7).

No período pós-exílico, com o desenvolvimento de uma doutrina definida de escatologia, a idéia de um inferno ardente como lugar de punição para os pecadores tornou-se uma parte da crença popular judaica. *Gê Hinnom* era considerado primeiro como entrada no inferno, e então como um termo próprio para inferno. Veja também I Enoque 67:6; 90:26; 98:3. A tradição que torna o Vale de Geena um lugar onde

se queima lixo e, desse modo, um tipo do fogos do último dia, parece ter-se originado com o Rabi Kimshi, um judeu erudito dos séculos XII e XIII. A literatura judaica antiga nada conhece a respeito da idéia. Os rabis mais antigos citam Isa. 31:9 para conceituar *Geenna* como um tipo dos fogos do último dia.

Três vezes no Sermão da Montanha, Jesus referiu-se ao *geenna* (Mat. 5:22, 29 e 30). Ele também falou a respeito de Si. O que pode "fazer perecer a alma e o corpo no inferno (*geena*) (cap. 10:28), e advertiu os fariseus a respeito da "condenação do inferno (*geenna*)" (cap. 23:33). Ele declarou que é melhor ser maneta na vida e ganhar a vida eterna do que ir que ir com as duas mãos para o *geenna* (Mar. 9:43, 45 e 47). Lucas 12:5 indica claramente que a experiência do *geenna* está além da morte.

Em relação à natureza e ao efeito do fogo do inferno, o ensino bíblico é claro. Em Mat. 3:12, os pecadores são comparados à palha queimada "no fogo inextinguível" (cf. Mar. 9:43-48; Luc. 3:9). Em Mat. 25:41 os ímpios são representados como sendo destinados ao fogo eterno (*aionios*). E em Mat. 5:22 Jesus referiu-se ao juízo final dos ímpios como "o inferno de fogo". Todas as três passagens referem-se aos fogos do último dia que devorarão os ímpios e todas as suas obras. Esse fogo purificará a terra (II S. Ped. 3:10-12; Luc. 3:17). Ele se acenderá quando finalmente todos os ímpios ressuscitarem na *Segunda Ressurreição (Apoc. 20:5) e marcharem, sob o comando de Satanás, ao redor da *Nova Jerusalém (v. 9) para tomá-la. (Em outras palavras, ele não está queimando agora). O diabo, seus aliados malignos e todos os que foram por ele enganados serão atirados nesse *Lago de Fogo (vv. 10, 14 e 15).

Os ASD geralmente têm evitado o termo "aniquilamento" devido à conotação que alguns dão à ele, como, por exemplo, que os ímpios cessarão de existir para sempre, na primeira morte. O conceito dos ASD é de que "finalmente os impenitentes, inclusive Satanás, o autor do

pecado, serão reduzidos a um estado de inexistência pelo fogo do último dia (após o *Milênio, tornando-se como se nunca tivessem existido (**Manual da Igreja* p. 38). Esta é a *Segunda Morte, para a qual não haverá ressurreição. A palavra *aionios*, geralmente traduzida por “perpétua” ou “eterna” e uma vez “para sempre”, significa literalmente “perdurar por uma era”, no sentido de ser contínua e não sujeita a constantes mudanças. As palavras, “perpétua” e “eterna”, por outro lado, implicam duração *ilimitada*. A duração expressa por *aionios* deve ser determinada pela natureza da pessoa ou coisa que ela descreve. No N.T. *aionios* é usada para descrever tanto o destino dos ímpios como a recompensa dos justos. Seguindo o princípio acima exposto, descobrimos que é a vida que não terá fim, ao passo que a recompensa ou julgamento dos perversos é morte que não tem fim (cf. Rom. 6:23). Em João. 3:16, “vida eterna” contrasta com “perecer”.

O termo “inextinguível” pode ser compreendido de modo semelhante. Jeremias predisse que Deus acenderia um fogo em Jerusalém que “não se apagaria” (Jer. 17:27). Esta predição foi cumprida quando a cidade foi destruída por Nabucodonosor (II Crôn. 36:19-21). Obviamente aquele fogo não está queimando até hoje. Era inextinguível no sentido de que os judeus não foram capazes de apagá-lo; ele queimou até destruir a cidade e então se apagou.

Os ASD têm salientado a discrepância da doutrina do tormento eterno com o caráter de Deus conforme é revelado na Bíblia.

> Quão repugnante a todo sentimento de amor e misericórdia, e mesmo ao nosso senso de justiça, é a doutrina de que os ímpios mortos serão atormentados com fogo e enxofre num inferno eternamente a arder; que pelos pecados de uma breve vida terrestre sofrerão a tortura enquanto Deus existir! Contudo, esta doutrina tem sido largamente ensinada, e ainda se acha incorporada em muitos credos da cristandade. Disse ilustre doutor em teologia: “À

vista dos tormentos do inferno, exaltará para sempre a felicidade dos santos. Quando vêem outros que são da mesma natureza e nascidos sob as mesmas circunstâncias, mergulhados em tal desgraça, e eles distinguidos de tal maneira, isto os fará sentir quão felizes são.”

Onde, nas páginas sagradas da Palavra de Deus, se encontra tal ensino? Perderão os remidos no Céu todo sentimento de piedade e compaixão, e mesmo os sentimentos comuns de humanidade? Devem tais sentimentos ser trocados pela indiferença do estóico, ou pela crueldade do selvagem?...

Que ganharia Deus se admitíssemos que Ele Se deleita em testemunhar incessantes torturas; que se alegra com os gemidos, gritos e imprecações das sofredoras criaturas por Ele retidas nas chamas do inferno?

Está além do poder do espírito humano avaliar o mal que tem sido feito pela heresia do tormento eterno. A religião da Bíblia, repleta de amor e bondade, e abundante de misericórdia, é obscurecida pela superstição e revestida de terror. Ao considerarmos em que cores falsas Satanás esboçou o caráter de Deus, surpreender-nos-emos de que nosso misericordioso Criador seja receado, temido e mesmo odiado? As opiniões aterrorizadoras acerca de Deus, que pelos ensinos do púlpito são espalhadas pelo mundo, têm feito milhares, e mesmo milhões de cépticos e incrédulos. (*GC*, pp. *541*, 542).

Como a história do homem rico e Lázaro contada por Jesus é usada freqüentemente como prova de que a alma recebe sua recompensa na morte, os ASD crêem que se trata de uma parábola e que Jesus estava

utilizando um argumento *ad hominem*, baseado no conceito errôneo dos fariseus a respeito da condição do homem na morte.

Esse conceito é refletido no discurso de Josefo onde ele apresenta o Hades como um lugar para onde vão as almas — tanto dos justos como dos injustos — e ali são confinadas até o tempo próprio que Deus determinar, quando todos ressuscitarão da morte. O Hades é apresentado como um lugar subterrâneo, mergulhado em trevas. Nessa região, diz ele, um lugar foi reservado para um lago de fogo inextinguível, onde os ímpios serão eventualmente lançados. Ao portal dessa região posta-se um arcanjo, com um grupo de guardas. Ao passar pelo portal, os justos são conduzidos, à direita, por seus respectivos anjos, a um lugar de luz. Ali eles descansam em felicidade e júbilo, entre sorrisos de seus pais. Esse lugar imaginário é chamado "esconderijo de Abraão".

Josefo continua a explicar que quando os injustos chegam ao portal, os anjos arrastam para um lugar circunvizinho ao próprio inferno. Ali eles ouvem o barulho do inferno e sentem seu vapor quente, enquanto aguardam em temerosa expectativa de horror, o lago de fogo. Eles também podem olhar na direção oposta e ver os justos desfrutando a felicidade do esconderijo de Abraão. No entanto, entre os dois grupos, há um profundo abismo que não pode ser transposto nem pelos justos, nem pelos ímpios. ("Um Extrato do Discurso Sobre o Hades aos Gregos, da autoria de Josefo, em "*Obras*", Philadelphia, 1853, pp. 524-526).

INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA.

INSPIRAÇÃO JUVENIL. É um livro devocional publicado no Brasil pela *Casa Publicadora Brasileira (CPB) a partir de 1975, para estímulo na fé e consagração de crianças e adolescentes. São 365 tópicos de leitura diária para o culto matutino. Os primeiros escritores eram de outros países mas, ultimamente, tem-se escolhido escritores brasileiros.

Foram publicados até o presente (1995), os seguintes títulos:

Título	*Autores*	*Ano*
*Sem título em português	Dr. Adali Esteb	1975
*Sem título em português	James A. Tucker	1976
Pare, Olhe e Escute	Eileen e Jay Lantry	1977
Alguém Ama Você	Robert H. Pierson	1978
Contemplando a Refulgente Aurora	Jan S. Doward	1979
Subindo a Escada de Jacó	Larson e Mclin	1980
Da Minha Cada Para o Céu	Bobbie Van Dolson	1981
Luz Para Minha Vida	Desmond B. Hills	1982
Este é o Dia	Dorothy Eaton Watts	1983
Lições de Deus na Natureza	James e Priscila Tucker	1984
Em Contato Com o Pai	Noelene Johnsson	1985
A Natureza, O Criador e Você	Charles C. Case	1986
Começando com Deus	Eric B. Hare	1987
Meu Herói de Cada Dia	Dorothy Eaton Watts	1988
Pare e Espere por Jesus	Eillen E Jan H. Lantry	1989
De mãos Dadas com Jesus	Virgil E. Robinson	1990
Sonhando com a Vida	Colleen L. Reece	1991
Mistérios da Natureza	James e Priscilla Tucker	1992
Correndo para Vencer	Kay D. Rizzo	1993
Queremos ver Jesus	Charlotte F. Lessa	1994
Saudades do Lar	Ofélia Wichert Moróz	1995

INSTITUTO ADVENTISTA AGRO-INDUSTRIAL (IAAI). Localiza-se na Estrada Torquato Tapajós, Km. 74, primeira auto-estrada asfaltada do Estado — inaugurada em 1964. Dista 74 quilômetros de Manaus, AM (população de 100.000 habitantes). É uma propriedade de 2.500 hectares de floresta virgem doada pelo governo do Amazonas.

Uma escola mista em regime de internato e externato. Pertence e é administrada pela *União Norte-Brasileira da IASD.

Atualmente todos os prédios que compõe o complexo escolar são de alvenaria. O colégio possui dormitório masculino e feminino, refeitório, prédio escolar com 6 salas de aulas, biblioteca, laboratório, prédio administrativo, auditório para 350 pessoas (funciona também como capela) e 5 residências.

A Escola oferece os cursos Fundamental (8 séries do 1º Grau), Técnicas Agrícolas e Técnicas pedagógicas - magistério (a nível do 2º Grau).

O fundador, Robert H. Habenicht, na época secretário departamental da *Missão Central-Amazonas da IASD demarcou a área em janeiro de 1964. Em junho, uma estrada foi aberta em direção a parte industrial e alguns trabalhadores contratados e outros voluntários começaram a limpar a terra, plantar árvores e iniciar o cultivo de plantações. Construíram abrigos com cobertura de sapé, o dormitório masculino e a primeira casa para professores. Foi primeiramente conhecida como Escola Adventista Agrícola do Amazonas.

A primeira classe fundamental começou com uma professora e 12 meninos, em 1967, com a implantação do antigo curso primário. Ocupavam metade do dormitório, que também servia como igreja. O corpo de funcionários consistia de uma professora brasileira, Luíza Kettle: o diretor, Robert H. Habenicht, e sua família, o tesoureiro e agrônomo, Marvin Glantz e sua família. Todos alojados em uma casa.

Em 1968, uma pequena casa foi construída para servir de dormitório feminino e, em 1969, um novo refeitório, parte do qual era uma fábrica de farinha, substituiu o abrigo de sapé. Um gerador provia energia elétrica por três horas durante noite.

A construção de casa simples de madeira continuou à medida que aumentava o número de trabalhadores.

Um sistema simples de irrigação, que consistia de uma série de canos plásticos móveis, bombeava água de um pequeno rio que corre pela propriedade e irrigava a lavoura na estação seca. Uma pequena sementeira (12 x 4m) foi construída e logo substituída por outra duas vezes maior.

Em 1971, a primeira estufa com cobertura plástica foi erguida. Laboriosamente, quase tudo foi feito a mão, a selva foi recuando e plantações de soja, milho e amendoim, milho, batata doce foram aumentando. Fornos começaram a transformar as toras de madeira cortadas em carvão para serem vendidas a uma fábrica de aço. Em 1972 foi consolidado o curso completo de 1º Grau. O título de posse da terra foi doado oficialmente em novembro de 1973, tornando-se a partir desta data credenciada pelo governo do Estado.

Em 1984, as estufas foram atacadas por uma praga de “mucha bacteriana” que acabou com o cultivo de tomate deixando a escola em difícil situação financeira. A partir de 1986 foram plantados na propriedade: 2 mil pés de cupuaçú, 7 mil pés de maracujá, 1.500 pés de mamão havaí, soja para o consumo interno e venda do excedente, o aviário foi ampliado e há 28 cabeças de gado. A escola está assinando convênio com a SEMAB e a SEPROR para a produção de 50 mil mudas, sendo 20 mil de mamão e 20 mil de limão, 5 mil de cupuaçú e 5 mil de abacate, além da produção de 5 toneladas de feijão.

Em dezembro de 1994 formaram-se 37 alunos do 1º Grau e 22 do2º Grau contando 18 professores e 9 funcionários.

Diretores: R. H. Habenicht (1964-1973); Nelson Duarte (1974-1979); João Varonil Kuntze (1980-1982); Willi Cavalcante Prego (1983-1984); Orlando Gomes Ferreira (1985); Wilson Schenfeld (1986-1990); Selso Adolfo Kern (1991-1993); José Carlos Bezerra (1994-   ) .

INSTITUTO ADVENTISTA AGRO-INDUSTRIAL DA AMAZÔNIA OCIDENTAL (IAAMO). Localiza-se no Km 56 da

linha 81, Ouro Preto D'Oeste, RO, possuindo uma área de 280 alqueires. Pertence e é administrada pela *União Norte-Brasileira da IASD (UNB).Uma escola mista de 1º Grau que funciona em regime de internato e externato.

Possui as seguintes instalações: 1 prédio de aulas e administrativo, 1 dormitório masculino e feminino, cozinha e refeitório, lavanderia, marcenaria, capela de culto, máquina de arroz e granja.

Há também no Instituto um coral e um conjunto.

A escola desenvolveu e desenvolve as seguintes atividades agropecuárias: Cacau, Banana, Feijão, Arroz, Mandioca, Soja, Milho e produtos Hortifrutigranjeiros, como também criação de Gado.

A Instituição foi fundada no dia 8 de junho de 1981 por iniciativa dos Prs. Aníbal Antônio Pittau e Sandoval Linhares de acordo com o voto 80/114 da União Norte Brasileira da IASD (UNB), recebendo o nome de Instituição Adventista Agro-Industrial da Amazônia Ocidental, e no dia 4 de julho de 1983 deu-se sua oficialização.

No início, apenas era oferecido o curso Primário (1ª a 4ª série) e os primeiros professores foram Juracy Fernandes, Milca Morais e Carlos morais.

Eventos que marcaram a história do Instituto: Legalização das terras em outubro de 1988; autorização do CEE para funcionamento da escola em 9 de novembro de 1988 e a autorização da planta de construção definitiva do colégio.

Diretores: Jael Fernandes (1983-1985); Perci Alves da Silva (1986-1988); Manoel Messias Lula (1987); James Everett Craick (10/1988-10/1989).

INSTITUTO ADVENTISTA BRASIL CENTRAL (IABC). Localiza-se na Br 414 Km 30, Estrada de Anápolis em Corumbá, GO. Possui uma área de 142,6 hectares. É uma escola mista, em nível de 1º Grau completo e 2º Grau com as habilitações em Magistério,

Contabilidade e Colegial, e mais recentemente o curso técnico em Agropecuária. Pertence e é administrado pela *Associação Brasil-Central da IASD. Possui 2 dormitórios, 1 refeitório, 1 biblioteca, 1 prédio escolar, estábulo, lavanderia, marcenaria e 4 residências, conservatório, 3 quadras esportivas e telefônica.

A escola também desenvolve algumas atividades agropecuárias tais como: plantação de soja, arroz, feijão, milho, hortaliças e criação de bovinos.

A instituição foi fundada no dia 22 de novembro de 1981 pelo Pr. Luíz L. Fuckner. Teve como primeiro administrador o Prof. José Borges dos Santos, como primeira secretária Gercina Borges Pereira e primeiro tesoureiro Waldomiro Domingos dos Passos. Os professores pioneiros foram: Oswaldo José de Toledo, Silas Osmar Kanada, Lívia B. Passos, Geny Carvalho Toledo, Ruth Vaz Rodovalho, Daniel Fiuza e Esther N. Fiuza. Em julho de 1986 a escola foi oficializada.

Em 1995 havia 355 alunos internos e 241 externos, com 24 professores e 32 funcionários.

Diretores: José Borges dos Santos (1981-1988); Enoch Silva (1989-1991); José Borges dos Santos (1992-1993); José Roberto Machado dos Reis (1994-)..

INSTITUTO ADVENTISTA CRUZEIRO DO SUL (IACS). Localiza-se na Av. Sebastião Amoretti, 2130-A, numa área de 74 hectares, terras de ricas pastagens, dista cerca de 3,5 quilômetros da cidade de Taquara, RS. Pertencente à *Associação Sul-Riograndense da IASD e é administrada por uma comissão representativa dessa Associação.

O número de matrículas em 1989 foi cerca de 850 alunos, o corpo de professores e funcionários era de 63.

As instalações compõem-se de 29 prédios, incluindo Igreja, pavilhão esportivo, 2 dormitórios, prédio escolar, piscina com vestiários,

sede da agricultura e horta, marcenaria, manutenção, padaria, cozinha e refeitório, guarita, aviários, residências para professores e funcionários e cantina. A pecuária é composta por aproximadamente 150 cabeças de gado.

Originalmente a propriedade pertencia a *Ernesto Bergold, que mantinha uma pequena clínica ali, oferecendo tratamentos naturais e simples.

Em 1928, *Abraham C. Harder comprou a propriedade com o propósito de abrir uma escola com o nome de “Colégio Cruzeiro do Sul”. Harder investiu seu próprio dinheiro bem como o da herança de sua esposa e, não recebendo salário, atuou como diretor e professor. Foi auxiliado em seus esforços por José Mendes, outro abnegado professor. Em 1932, a escola possuía dois prédios e, em 1935 tornou-se propriedade da Associação Sul-Riograndense. Em 1937, a Associação convidou o Dr. *Octávio Espírito Santo, um engenheiro, com uma considerável experiência em ensino, para administrar a instituição. Sob sua direção, a escola foi aprovada pelo governo, em 04 de maio de 1939 através do Despacho Ministerial nº 01137, em nível ginasial (1º Grau) e recebeu o nome de **Ginásio Adventista de Taquara (GAP)*. Um curso comercial teve início em 1957, em conformidade com os padrões governamentais e, como resultado, o nome da escola mudou para *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul*, com o seu presente *status* acadêmico.

De 1942 a 1962 mais de 500 alunos completaram o curso comercial a nível de 2º Grau.

Uma escola mista a nível de 1º e 2º Graus com internato, e atualmente, a escola oferece além do ensino de 1º Grau completo os cursos de Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas, Magistério, Técnico em Contabilidade e Técnico em Enfermagem, a nível de 2º Grau.

Diretores: Dr. Octávio Espírito Santo (1937-1941); João Linhares (1942); Dario Garcia (1943-1946); José Alvarenga (1947-1948); Renato Emir Oberg (1948); Jacob Germano Streithorst (1949-1950); (1960); Siegfried Hoffmann (1951); Mário Rocque (1952-1954); João Rodrigues dos Passos (1955-1957-1959); Sesóstris César de Sousa (1956); João Bork (1960-1962); Henrique Marquart (1963-1965); Leonid Bogdanow (1965-1960); Darci M. Borba (1969-1970); Isaac Padilha Guimarães (1971); Corino Pires da Silva (1972-1974); Earle Pazinato Linhares (1975-1982); Moisés Lopes Sanches (1983-1984); Argemiro Fontoura (1985); José Olympio de Oliveira Paula (1986-1988); Lourival Batista Preuss.

INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO (IAE/CT). Localiza-se na Rod. SP 332, Km 160, em Engenheiro Coelho, SP. Pertence e é administrado pela *União Central Brasileira da IASD. Possui uma área de 350 alqueires com dormitórios masculino e feminino, prédio escolar de 1º e 2º Graus e outro de 2º Grau, cozinha e refeitório, leiteria, graneleiria, residências para professores e conservatório.

A escola funciona em regime de internato e externato oferecendo cursos de pré-escola, 1º Grau, 2º Grau (Colegial e Técnico em Processamento de Dados) e 2º Grau, com graduação em Teologia, Pedagogia e Letras; Pós-graduação em Teologia (Mestrado e Doutorado) e Latu-sensu em Administração Escolar, e Cursos de Extensão Cultural.

No ano de 1995 a escola apresenta o seguinte quadro:

1º Grau...706
2º Grau...316
Graduação - Letras 53
Graduação - Pedagogia 264
Graduação - *SALT (Teologia) ...351

Pós Graduação - SALT (Teologia) 70
Doutorado - SALT (Teologia) 11
Cursos de Extensão Cultural - Verão 395
Escola de Arte 140
Centro de Línguas 39

Os 2345 alunos são servidos por um corpo docente de 70 professores (1995).

O prédio do Centro de Comunicação está construído em uma área de 1.300 m^2, sendo que a biblioteca possui mais de 42 mil volumes (1995). Este prédio possui

- Um Centro de Pesquisas em Ciências Humanas;
- Um Centro de Pesquisas especializado nas áreas teológicas e denominacionais denominado *Centro de Pesquisas Ellen G. White (CPEGW) e o *Centro da Memória Adventista (CNA);
- Laboratório de Informática;
- Laboratório de Línguas e
- Imprensa Universitária.

Na fazenda do IAE há 120 mil pés de frutas cítricas, produzindo aproximadamente 180 mil caixas de laranjas. Há produção de banana, uvas, pêssego e manga.

Com um plantel de 430 cabeças de gado, diariamente são produzidos 5 mil litros de leite.

Essa instituição surgiu da preocupação de alguns líderes e professores, devido ao rápido crescimento da cidade de São Paulo e os inconvenientes de se manter uma escola deste porte tão próxima da grande cidade. Fundou-se então, no dia treze de setembro de 1983, o Novo Instituto Adventista de Ensino - Campus Central (IAE/Ct).

A escola teve início com as séries iniciais (1ª a 4ª, tendo começado as aulas em 28 de fevereiro de 1984, com a presenças de 12 alunos, os quais eram filhos dos funcionários da fazendas.

No final do havia 20 matriculados e 16 concluíram suas séries.

A primeira professora foi Raquel Modro Querubim de Barros.

Em 17 de junho de 1984, foi lançada a Pedra Fundamental, com a presença do Pr. Neal C. Wilson, então Presidente da *Associação Geral; João Wolff, Presidente da *Divisão Sul-Americana da IASD e Orestes Quércia, então Vice-Governador do Estado de São Paulo.

Em 1985, chegou o Prof. Elias Germanowics e sua esposa Profª Janete. Em 1986 iniciou-se a 5ª série e, em 1987 foi implantado até a 8ª série.

A primeira administração foi composta por Diretor: Walter Boger; Assistente de Diretoria: Edmir de Oliveira; Tesoureiro: Osmar Alberto; Chefe Agropecuário: Ricardo Leme.

Em 1988 o novo prédio da escola começou a ser usado e teve início o 2º Grau.

Em 1991, foi transferido o curso de Teologia do IAE/SP para IAE/Ct; em 1992 foi transferido o Curso de Pedagogia e em 1994 o curso de Letras.

No dia 19 de setembro de 1993, foi comemorado o 10º aniversário do IAE/Ct, reunindo 14.500 pessoas, vindas de diversas regiões do Brasil. Contou com a participação dos Arautos do Rei, The King’s Heralds, ACASP, Corais do IAE/SP e IAE/Ct. Foi realizado o lançamento da Pedra Fundamental da Igreja do Colégio, sob a direção do Pr. Jorge Mário de Oliveira (Pastor da igreja nesta época).

O curso do Mestrado teve início no IAE/SP, em janeiro de 1981, porém a primeira turma a forma-se no IAE/Ct foi em 1992, embora tenham iniciado em SP. A partir de 1992 o Mestrado foi transferido definitivamente para IAE/Ct. Em 1995 foram 65 o números dos mestrandos, sendo esta a 4ª turma de mestrado.

Em dezembro de 1993, teve início o Doutorado. Os cursos de Latu-sensu e Extensão Cultural foram transferidos em

Diretores: Walter Boger (1983); Edmir de Oliveira (1984); Arthur Dassow (1985-1986); Walter Boger (1987-).

INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO (IAE/SP). Localiza-se na Estrada de Itapecerica, 22901 (Km 23), Santo Amaro, SP. É um colégio misto que mantém o 1º, 2º e 3º Graus, em regime de internato e externato Pertence e .

O IAE oferece os seguintes cursos:

- Pré-escola,
- 1º Grau completo,
- 2º Grau (Magistério, Processamento de Dados, Contabilidade, Técnico em Enfermagem, Auxiliar de Enfermagem, Escatas, Ciências Humanas e Música),
- 3º Grau (Enfermagem, Ciências e Letras, sendo que a Faculdade de Letras foi transferida para o *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), em 1994 contando assim com 2 séries somente o 3º

A *Academia Adventista de Arte (ACARTE) oferece cursos na área de música e o Departamento de Extensão Cultural promove cursos livres em várias áreas, durante o ano letivo e também no período de férias em janeiro.

Matrícula:
1º Grau
2º Grau
3º Grau
Acarte
Total

A biblioteca do 3º Grau possui um acervo de 55.000O volumes.

Fundado em 1915 com o nome de Colégio Missionário da Conferência União Brasileira dos Adventistas do 7º Dia; em 1919,

Seminário Adventista; em 1923, Colégio Adventista; em 1942, Colégio Adventista Brasileiro e em 1961, Instituto Adventista de Ensino.

O *Prospecto*, de 1918, assim descreve a instituição:

> "O terreno é constituído de matas, pastagens e terras de cultura. O ambiente puro e oxigenado de suas colinas e florestas ativa sensivelmente os pulmões, purificando o sangue, favorecendo a digestão; numa palavra, dando saúde. A excelente água potável fornecida por três regatos cristalinos que banham essas terras deve ser considerada mais um fator de saúde e prevenção de doenças infecciosas. A bela perspectiva que daí se goza e a singular quietude da natureza exercem uma influência benéfica sobre o espírito que, aliado ao estudo da Palavra de Deus à contemplação das obras divinas, irresistivelmente é atraído para o seu Criador."

Precursores:

> A 1ª escola da missão Adventista no Brasil, conhecida como *Escola Adventista de Brusque, foi estabelecida em 1897, em Gaspar Alto, nas proximidades de Brusque, SC. O fundador foi *Guilherme Stein, um professor, que estava entre os primeiros conversos no Brasil (Review and Herald, 10 de março 1897). A 1ª turma dessa escola graduou-se em 1901. Logo tornou-se evidente a necessidade de mais terreno para a escola a fim de atender a suas necessidades (*Review and Herald*, 7 de julho de 1903).

No mesmo ano a Escola de Taquari, estabelecida nessa cidade (perto do Porto Alegre), RS, por *John Lipke, um professor missionário parece que substituiu a Escola Adventista de Brusque. Foi desativada e vendida em 1910 por onze contos de réis (*Revista Mensal*, janeiro de 1911, p. 6). Não houve nenhuma escola missionária até 1915 até que a

Sra. *Isadora Read Spies, esposa do Pr. *Frederico Weber Spies, apelou em um congresso de pastores para que se estabelecesse uma nova escola missionária. Na primavera de 1914 foi encontrado um local ideal em Santo Amaro, São Paulo, adquirido por

> "dádivas liberais por parte da Associação Geral (30 contos de réis - *Revista Mensal*, agosto, 1909, p. 2) e de um coobreiro, junto com um fundo de escola que tínhamos. *Revista Mensal*, junho de 1920, p. 3).

Esse fundo era proveniente da venda da Escola de Taquari.

Histórico. A primeira aula na nova escola foi realizada no dia 3 de julho de 1915 para apenas 12 alunos, tendo como diretor o Pr. John Lipke, John Boehm como administrador e Paulo Hennig como professor. A aula teve lugar na única casa que existia na fazenda do colégio. No dia 1º prédio (*Prospecto* de 1918, p. 4). As dificuldades financeiras eram muitas, mas a oferta do 13º sábado do 2º trimestre de 1916, cujo valor foi de U$4.318,90, veio facilitar a construção dos dormitórios e casas de professores, de modo que em 15 de abril de 1916, foi possível inaugurar a 1ª parte do edifício (*Prospecto* de 1918, p. 6).

De acordo com o *Prospecto* de 1918, o ano de 1916 foi considerado o primeiro ano escolar, contou com 17 alunos que gastavam metade do tempo cuidando da lavoura e das construções. Encerrou-se o primeiro ano escolar em 15 de novembro, tendo início imediatamente ao término das aulas um curso de *Colportagem, de onde saíram 11 colportores e 6 obreiros bíblicos: João Moreira Castilho, *Henrique Simon, Manoel Pereira, Augusto Gross, Willy Hein e Willy Oelke.

Em 1917, o número de estudantes quase dobrou; 35 jovens matricularam-se e a escola chegou ao final do ano com 55 alunos. Nesse ano, mais dois professores vieram colaborar e foi concluído o prédio escolar, o açude e instaladas algumas acomodações para o trabalho: serra circular para cortar madeira, serra-fita, moinho, para farinha de

milho e fabricação de carvão. Esses melhoramentos concretizaram-se devido à instalação do dínamo e

> na noite de 24 de agosto de 1917, acenderam-se as lâmpadas que iluminaram o Seminário pela primeira vez. A alegria emocionou a todos sobremaneira que, espontaneamente, reuniram-se na capela e entoaram hinos de louvor a Deus (*Revista Mensal*, abril de 1918, p. 1).

Foi em 1919 que se organizaram cursos completos de estudos e, em 1922, a primeira turma de formandos, 9 estudantes (4 moças e 5 rapazes) saíram com o propósito de evangelizar o mundo, tendo como lema — “Rumo ao Mar”.

De 1922 até nossos dias, muitos alunos têm saído desta escola para prestar serviços à obra Adventista, não só no Brasil, mas em muitos países vizinhos como Argentina, Bolívia, Chile, Equador, Paraguai, Uruguai e outras terras além-mar, como alguns países da África, México, França, Líbano, Estados Unidos, Filipinas, etc.

Indústrias: Além das iniciais: produção e venda de carvão, farinha de milho e outros cereais, e fábrica de tijolos, a instituição instalou uma indústria de produtos alimentícios *Superbom*, em 1939, para prover trabalho aos estudantes carentes de recursos a fim de que pudessem custear seus estudos. Hoje a *Superbom* é uma indústria independente sob a administração da DSA.

Em 1920, mais dois melhoramentos vieram trazer mais conforto ao Seminário: a instalação do telefone — “Santo Amaro 71” e o endereço telegráfico “Sem Adventista”, São Paulo. Em 1930, a *Light* - Companhia Elétrica de São Paulo, trouxe instalações elétricas mais confiáveis e potentes para os prédios e indústrias da escola.

Agricultura e Pecuária: Desde seu início, a escola sempre procurou desenvolver este ramo de atividade produzindo o necessário para prover a cozinha com alimento saudável e dar trabalho aos alunos.

Esse departamento passou por várias dificuldades, mas até hoje, atende à escola e os vizinhos que apreciam vegetais sadios. Na pecuária, o gado Holstein foi ganhador de numerosos prêmios, em várias exposições.

Marcenaria e Carpintaria: Orientada por hábeis marceneiros, o departamento instrui estudantes na elaboração de móveis e equipamentos escolares para clientela interna e externa.

Departamento Gráfico: Os trabalhos precursores da atual Gráfica eram realizados em mimeógrafos e pequenas impressoras. Em 1967, o departamento cresceu com a aquisição de um prelo e em 1969, uma nova impressora trouxe um desenvolvimento ainda maior. Atualmente, o Departamento Gráfico do IAE está em vias de se tornar uma Editora. O parque gráfico possui 200 m^2 e conta com 32 trabalhadores, entre funcionários e alunos bolsistas. O departamento produz rotulagens, embalagens, cartazes, folhetos na área comercial, livros e livretos em geral, bem como seus próprios fotolitos. Está-se implantando também um sistema de composição a laser. A gráfica não somente presta serviços à Organização, mas também ao comércio em geral, cujos proventos contribuem para a ampliação de recursos e benefício de alunos bolsistas.

A demanda do IAE absorve apenas 20 a 25% de sua capacidade produtiva. A tiragem média mensal é de 2 milhões de impressões.

Clubes, Diretórios e Publicações: Em 1930, os formando pela escola organizaram a “Associação dos Diplomados pelo Colégio Adventista” - A.D.C.A., responsável pela publicação da revista *O Adeceano*. Atualmente, o ADCA está desativado.

Os estudantes do *Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT), têm o Diretório Acadêmico Siegfried Kümpel (DASK); os estudantes da *Faculdade Adventista de Enfermagem (FAE), têm o Diretório Acadêmico Maria Kudzielicz e os estudantes da Faculdade Adventista de Educação (FAED) são filiados ao Diretório Acadêmico Walker (DAW).

Os Diretórios das Faculdades de Letras e Ciências ainda estão em fase de organização.

Os alunos de Teologia fazem seus estágios na *Missão Iaense", uma minimissão, fundada em 1974, que abrange cerca de 68 grupos e igrejas das redondezas do IAE.

O órgão oficial de divulgação do IAE é um boletim semanal, publicado pela administração chamado *O IAE Informa*. Durante muitos anos o colégio publicou jornal "*O Colegial*" e o anuário "*Colina*".

Desapropriação. Com o crescimento da cidade de São Paulo, alguns líderes e professores começaram a preocupar-se com os inconvenientes de se manter uma escola do porte do IAE tão próxima a um grande centro urbano e esboçaram-se os primeiros movimentos para uma mudança.

"Nos últimos meses do ano de 1978, o IAE iniciou contatos com autoridades e empresas no sentido de planejar e estudar o melhor retorno de recursos financeiros de venda de parte da área de terra onde Localiza-se." (*Plano Diretor do Novo IAE.* p. 11).

No dia 11 de maio de 1979, o Decreto nº 15.877, do Prefeito Municipal de São Paulo, declarou a área do IAE de utilidade pública. Todos os esforços da *União Central Brasileira e do IAE para revogar o decreto foram infrutíferos. Foram desapropriados 900.000 m^2, mantendo-se como propriedade cerca de 250.000 m^2, onde o IAE mantém suas atividades normais até que esteja em condições de ser transferido para o seu novo *Campus* em Artur Nogueira, Estado de São Paulo (Veja **Instituto Adventista de Ensino IAE/Ct**).

Recursos Tecnológicos: A administração da escola tem-se empenhado ativamente em uma campanha cuja finalidade é ampliação de recursos tecnológicos de que necessita para facilitar a aprendizagem e melhorar a qualidade do ensino. O instituto conta com um serviço audiovisual composto por uma videoteca com 500 fitas gravadas e cerca

de 3.000 títulos, 1 máquina fotográfica, 1 telescópio 400 Lux GE, 7 videocassetes, 2 gravadores, 3 projetores de slides, 2 retroprojetores, um coleção de 17.000 slides, uma antena parabólica com sistema de transmissão por cabo, 1 circuito fechado de TV e um telão 400 Lux GE.

Laboratório de Microinformática: Para alunos que cursam Processamento de Dados em nível de 2º Grau, a Escola oferece um laboratório equipado com 20 microcomputadores, 6 máquinas de datilografia elétricas, 3 impressoras e videotexto.

Bibliotecas: O IAE oferece os seguintes cursos: Pré-escola, 1º Grau; a nível de 2º Grau: Contabilidade, Clássico, Processamento de Dados, Química, Secretariado e Técnico em Enfermagem; a nível de 3º Grau: Enfermagem e Ciências. A *ACARTE, oferece cursos na área de Música e o Departamento de Extensão Cultural promove cursos livres em várias áreas, durante o ano letivo e também no período das férias de janeiro.

Diretores: John Lipke (1915-1918); Thomas Steen (1919-1927); George B. Taylor (1928-1931); Ellis R. Maas (1932-1936); Lloyd E. Downs (1937-1938); Domingos Peixoto da Silva (1939-1947); Dario Garcia (1947-1949); Jerônimo Granero Garcia (1950-1953); Rodolfo Belz (1954-1957); Dario Garcia (1958-1960); Jairo Tavares de Araújo (1961-1966); Nevil Gorski (1966-1975); Orly Ferreira Pinto (1976-1978); Walter Boger (1979-1984); Roberto César Azevedo (1985-1989); Nevil Gorski (1990-1994).

INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO DE MINAS GERAIS (**IAEMG**). Localiza-se próximo a estação ferroviária de Ityrapuan, na cidade de Lavras, MG. Uma escola mista de 1º Grau, que funciona em regime de internato e oferece o curso supletivo de 1º Grau. Localiza-se próxima à estação ferroviária de Ityrapuan na cidade de

Lavras, MG. Possui uma propriedade com uma área de 60 alqueires. Pertence e é administrada pela *Missão Mineira do Sul da IASD.

A escola desenvolve as seguintes atividades agropecuárias: Lavoura de soja, de milho, de arroz e feijão; horta, apicultura e plantel bovino de 100 cabeças de gado Holandês.

A instituição foi fundada em 1980, por iniciativa da mesa Administrativa da Missão Mineira e recebeu, na ocasião o nome de Colégio Adventista.

Sua primeira administração foi composta por: Diretor: Pr. Hermínio Vitorino de Andrade; Secretária: Mata Depintor de Andrade.

Os primeiros professores da escola foram o Pr. José Pires de Araújo e esposa. Eventos importante que marcaram a história instituição e que merecem destaque: instalação de três linhas telefônicas, instalação da pequena indústria de melado e construção do aviário postura com capacidade para 2.400 aves.

No dia 7 de março de 1994, foram pré-inauguradas as primeiras instalações do IAEMG. Foram inaugurados o edifício contendo os escritórios administrativos e salas de aulas; dormitório masculino; refeitório e uma capela.

Nesta ocasião a escola contava com 8 professores e 154 alunos.

Diretores: Pr. Hermínio V. de Andrade (12/80-02/82); Prof. Lourival Batista Preuss (09/84-12/88;) Pr. Dirceu Prates dos Reis (01/89-); Prof. Elias Germanovicz (-).

INSTITUTO ADVENTISTA DE ENSINO DO NORDESTE (IAENE). Localiza-se na estrada de Capoeirucu s/n na BR-101 Km 201, com uma área de 3.720.000m^2, na cidade de Cachoeira-BA. Pertence e é administrado pela *União Este Brasileira da IASD.É um colégio a nível de 1º, 2º e 3º Graus que funciona em regime de internato e externato. Oferece o 1º Grau completo, o 2º Grau com os cursos de Magistério (Habilitação para lecionar as primeiras quatro séries do primário),

Técnico em contabilidade, o 2º Grau preparatório para o vestibular e também, a nível de 3º Grau, Teologia.

Há, na escola, também um Conservatório Musical, dois Corais, Quartetos e Conjuntos.

Na instituição são desenvolvidas as seguintes atividades agropecuárias: Horticultura, Fruticultura, Pecuária Leiteira.

O Instituto foi fundado em 14 de outubro de 1979 nesse mesmo local, que foi comprado no final de 1978 por um membro leigo da Igreja Adventista de Botafogo, RJ, Dr. Milton Afonso Soldane, jurista e diretor administrativo do *Golden Cross Assistência Internacional de Saúde, e doado à Obra Adventista.

Em 1978, as obras de construção do colégio foram dirigidas pelo Pr. Walcy W. de Carvalho Santos juntamente com sua esposa e professor Darcy e o Dr. Witzel, agrônomo, e sua esposa que era enfermeira.

Dia 10 de março de 1980 foi o primeiro dia de aula do ano letivo nessa nova instituição, sendo que o curso oferecido na época era de supletivo do 1º Grau, com um total de 116 alunos, 18 internos e 98 externos e cerca de 11 professores fizeram parte do primeiro corpo docente, e entre eles Walcy W. C. dos Santos e a esposa Darcy, Marilurdes, M. Sarmento, Luiz M. Meira e Thomas Meira.

Os trabalhos de construção foram feitos, também pelos alunos bolsistas.

Fizeram parte da primeira mesa Administrativa:

Diretor Geral: Walcy Walfredo de Carvalho dos Santos;

Vice-Diretor: Luiz Mendes Meira

Tesoureiro: Durval Ferreira Filho

Secretária: Cirene Dutra Silva.

Em 1981, a escola recebeu autorização para a implantação do 2º Grau e o 1º ano básico em outras áreas a partir de 1982.

Em 1987, a Faculdade de Teologia, que antes funcionava no Educandário Rio Nordestino Adventista (ENA), teve início oficial no Instituto Adventista do Nordeste.

Diretores: Walcy Walfredo de Carvalho dos Santos (1979-1982); Gustavo Pires da Silva (1983); Daniel Pereira Baia (1984- 06/1985); Ner Costa Souza (07/1985-02/1988); Waldemar Lawer (1988-).

INSTITUTO ADVENTISTA DE ESTUDOS POR CORRESPONDÊNCIA (IAEC). O Instituto Adventista de Estudos por Correspondência (IAEC), é filiado ao *Home Study Institute* da Associação Geral da IASD.

O IAE é um órgão do *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct), atualmente ligado ao Departamento de Extensão Cultural, criado para atender a demanda de instrução específica sobre alguns assuntos doutrinários e denominacionais.

Os cursos são oferecidos por correspondência na área de religião e doutrinas. Cerca de 500 alunos de todo o Brasil, Canadá e países de fala portuguesa da África solicitaram cursos do IAEC. A maioria constitui-se de oficiais da igreja, professores de escolas adventistas e profissionais liberais sendo a maioria adventistas do 7º Dia.

São as matérias oferecidas: Daniel, Apocalipse, Doutrinas, Vida Ensinos de Jesus e Liderança. Os exames finais são feitos sob supervisão.

Atualmente o curso está sendo reformulado para oferecer mais matérias e dirigido pelo Prof. Haller Elina Stoch Shünemann.

Diretores: Pr. Siegfried Kümpel (1980); Pr. Luís Mello (1983); Carlos Antônio Teixeira (1984); Prof. Haller E. S. Shünemann (1994-).

INSTITUTO ADVENTISTA GRÃO-PARÁ (IAGP). Localiza-se na travessa Barão do Triunfo, 3577, no bairro do Marco, na cidade de Belém, capital do estado do Pará. é o maior externato pertencente à *Divisão Sul-Americana da IASD.

Escola de 1º e 2º Graus, fundada em 21 de fevereiro de 1961, durante a gestão do então presidente da *União Norte-Brasileira da IASD, Pr. Walter J. Streithorst, e teve como primeiro diretor o Prof. Gérson Pires de Araújo.

No ano de sua fundação iniciou com as instalações composta de: 8 salas de aula, 1 biblioteca, 1 laboratório, 1 sala de artes, 1 sala de professores e 3 salas para administração. As aulas tiveram inicio no dia 1º de abril do mesmo ano, contando com 411 alunos matriculados no curso Ginasial e curso Comercial a nível de 2º Grau.

Até o ano de 1969, o Instituto foi administrado diretamente pela Mesa Administrativa da União Norte Brasileira, que então passou a responsabilidade à *Missão Baixo Amazonas da IASD. Seu ano letivo, desde a fundação, tem início no mês de fevereiro e final no mês de dezembro.

Ao longo de todos os anos de funcionamento desta escola, sua área construída foi aumentada, novas salas especiais foram criadas, o corpo docente e discente multiplicou-se bem como o número de funcionários e administradores.

Até 1989, o Instituto Adventista Grão-Pará possuía uma área construída de 5.065.710 m^2, 40 funcionários, 29 professores de 2º Grau, 9 administradores e 2 Pastores.

Diretores: Gérson Pires de Araújo (1961); Claudomiro França Fonseca (1962); Gérson Pires de Araújo (1963-1964); Nicanor Reichemback (1965-1966); Wandir Pires de Araújo (1967-1972); Célio Lopes Feitosa (1973-1977); João Varonil Kuntze (1978-1980); Lilis Nunes (1981-1983); Wilson Schefeld (1984-1985); Sônia Arriete dos Santos Reis(-   ), Nazaré Mota (1989-   ).

INSTITUTO ADVENTISTA DE MANAUS (IAM). Localiza-se na Rua Prof. Marciano Armond, 1805, no Bairro Cachoeirinha, Manaus, AM. Pertence e é administrado pela *União Norte Brasileira da IASD.

Atualmente, (1995), oferece os cursos de: Habilitação para Magistério de 1º Grau e Científico, a nível de 2º Grau; Curso Preparatório para Vestibular (desde 1994); Conservatório Musical (Conservatório Musical Adventista) e um Curso de Idiomas (Instituto Adventista de Idiomas), sendo estes 2 últimos, com administração independente

Esta escola conta com 1.100 alunos, porém tem capacidade para 1.600.

O estabelecimento funciona em regime de externato em dois turnos: matutino e vespertino.

Características Gerais. Área total: 110 x 50 m; área construída: 5.171 m^2 (térrea e aérea); número de salas de aulas: 21; número de professores: 34; número de funcionários: 74; número de matrículas em 1994: 745 (1º Grau); 110 (2º Grau)

Possui uma quadra de esportes polivalente, biblioteca, cantina, prédio com 3 pisos.

A IASD de Cachoeirinha foi fundada em 16 de outubro de 1955. Em 1965, por iniciativa da comissão desta igreja, foi fundada uma pequena escola Adventista. Começou a funcionar em duas salas da igreja, com o nome de Escola Eduardo Ribeiro (homenagem a um dos governadores do Estado do Amazonas). Sua primeira diretora foi Vera Simon e a primeira secretária, Maria Kettle Serrão.

A escola foi oficializada entre os anos de 1969 e 1970. Até 1971 havia as séries iniciais, 1ª a 4ª. Em 1972, sob a direção da Profª. Joquebede Souza Conte, foi implantado o curso de Alfabetização sob a regência da Profª. Neuza Leão Gonzales.

Neste mesmo ano foi mudado o nome da escola para Centro Educacional Adventista de Manaus (CEAM), tempo em que se deu a inauguração do prédio escolar, ao lado da Igreja de Cachoeirinha, AM. A partir daí o CEAM ofereceu o 1º Grau completo.

Em 1973, iniciou-se o Jardim de Infância, regido pela Profª. Nelcy Mendonça. Em 1982, a Entidade Mantenedora, transformou o CEAM no Instituto Adventista de Manaus (I. A. M.).

Em 1989, a escola foi reconhecida com os cursos de Pré-escola, 1º e 2º Graus com habilitação em Saúde.

Primeiros Professores: Honorina Linhares; Joquebede Souza Conte; Cidelina Dias; Hulda Souza Lima; Dilza Costa.

Diretores: Vera Simon; Ruth Paiva; Esther Carvalho (1965-1969); Dilza Costa (1969); Joquebede Souza Conte (1970-1975); Nazaré Mota da Costa (1976); Moisés Carlos de O. Gonzales (1977-1980); Emanuel de Jesus Saraiva (1980-1983); Solange M. Salvatierra (1984-1988); Nazaré Mota da Costa (1989); Valdir Mota dos Santos (1990-1992); Telmo José Nicodemos dos Santos (1993-   ).

INSTITUTO ADVENTISTA PARANAENSE (IAP). Localiza-se na Gleba Paiçandu, no lote 8 - Zona Rural, no município de Ivatuva - PR, pertence à *Associação Norte Paranaense da IASD.

Uma escola mista de 1º e 2º Graus, que funciona em regime de internato e externato, possuindo uma área de 113,5 alqueires. Os edifícios são Prédio Escolar, Prédio Administrativo, Dormitório Masculino e Feminino, Refeitório, Padaria, Templo, Piscina, Conjunto Esportivo, Graneleiro, Marcenaria, Serralharia, Silo, Usina de Beneficiamento de leite, Estábulo, Residência para professores, para Funcionários e Administradores, Cantina.

A escola oferece as seguintes habilitações para os cursos de 2º Grau: Educação Geral (Propedêutico); Magistério, Técnico de Contabilidade, Básico na área de Saúde Básico em Agropecuária.

Há também na escola um Conservatório Musical que oferece os cursos de Piano, Violino, Violão, Flauta Doce, Canto, Canto Coral, Aulas de Iniciação nas classes de 1º e 4º Grau e também os seguintes corais e conjuntos: Coral Beethoven, Coral Jovem, Coral Juvenil e outros Conjuntos Vocais.

Desenvolve as seguintes atividades agrícolas: trigo, arroz, feijão, milho, soja e centeio para uso interno e fins comerciais. Possui também um pomar onde se cultivam para fins internos e comerciais; uva tipo Itália e Niágara, jabuticaba, pêssego, figo, ameixa comum e ameixa do Japão, pêra, maçã, goiaba, limão, banana, caqui, manga, poncã, melão e melancia. Possui horta, onde se cultivam hortaliças variadas, para uso interno e também fins comerciais. Como atividade pecuária há: plantel: 120 cabeças de gado Holandês com premiação nos eventos do gênero a cada ano: pasteurização de leite tipo A para consumo interno e fins comerciais.

Possui também outras atividades nos setores: marcenaria — fabricação de móveis sob encomenda; serralheria - fabricação de aberturas para construções, portões e grades; padaria — fabricação de pães para o consumo interno e fins comerciais e, na época de final de ano, comercialização de *panettone*, numa média anual de 25.000 unidades.

A instituição foi fundada em 1940 por iniciativa do Pr. *José Rodrigues dos Passos, recebendo, na época, o nome de "Educandário Adventista dos Passos", recebendo, na época, o nome de "Educandário Adventista de Butiá", próximo à cidade de Mafra, Santa Catarina, sendo transferido depois, em 1946, para as proximidades de Curitiba. A construção foi iniciada nesses mesmo ano e as aulas começaram em 1948, sob a direção de Romeu Ritter dos Reis.

A autorização do currículo deu-se oficialmente, em 1949. Em 1973, havia 343 alunos matriculados. Entretanto, no início de 1974, a escola foi novamente transferida, e desta vez para o Norte do Estado do

Paraná, porque a terra tinha sido desapropriada pela cidade. Este novo é definitivo lugar fila a 22 quilômetros da cidade de Maringá, no município de Ivatuba, PR.

Os primeiros professores da escola foram: Haydee Lindquist e Dorina de Azevedo.

Desde sua fundação a Instituição recebeu os seguintes nomes: Ginásio Adventista Paranaense (GAPR); Colégio Adventista Paranaense (CAP); Instituto Adventista Paranaense (IAP).

Diretores: Pr. Eugênio Weidle (1939); Pr. Waldemar Ehlers (01/1941-04/1942); Pr. Emílio R. de Azevedo (04/1942-06/1944); Pr. e Prof. Romeu R. dos Reis (07/1944-01/1951); Pr. Enoch de Oliveira (02/1951-12/1951); Pr. e Prof. Jacob G. Steithorst (01/1952-11/1954); Pr. e Prof. Dario Garcia (11/1954-12/1956); Pr. e Prof. Rubens S. Ferreira (01/1957- /07/1959); Pr. Idílio Tschurschenthaler (08/1959-01/1960); Pr. e Prof. Renato E. Oberg (02/1960-02/1962); Prof. Artur Dassow (02/1962-02/1966); Pr. e Prof. Earle P. Linhares (03/1966-/12/1971); Pr. e Prof. Nepomuceno S. de Abreu (12/1971-05/1973); Prof. Nepomuceno S. de Abreu (12/1971-05/1973); Prof. Edmir de Oliveira (06/1973-07/1977); Pr. e Prof. Irineu Rosales (08/1977-12/1983); Pr. Albino Marsk (01/1984-12/1986); Pr. e Prof. Walter A. de Souza (01/1987-1990); Pr. José Carlos Oliveira (1991-1993); Pr. Paulo Martini (1994 -).

INSTITUTO ADVENTISTA SÃO PAULO (IASP). Localiza-se na Rua Hugo Gegembauer, 265, Hortolândia, Município de Sumaré, SP. É uma escola mista, em regime de internato e externato, em nível de 1º completo, com supletivo de 5ª a 8ª séries e 2º Grau com habilitações em Contabilidade, Magistério, Processamento de Dados, Música, Ciências Humanas, Ciências Exatas e Naturais.

As matrículas de 1995, foram de 1.726 alunos. Número de professores: 58 e número e número de funcionários 132.

O Conservatório Musical oferece cursos de piano, violão, violino, órgão, instrumento de sopro, canto e musicalização infantil. Também foi criado o Curso de Inverno, para orientar músicos das igrejas. Foi criado o Museu de Geografia e implantado o Curso de Inglês.

A escola possui uma fazenda totalmente cultivada com horta e pomar que suprem as necessidades da escola e são fonte de lucro. Produz laranja e outros cítricos, figo, caqui, mamão, manga, banana e uvas. Outra plantação produz milho, feijão e hortaliças. Há também uma leiteria. A escola possui um setor esportivo com um ginásio com capacidade para 2 mil pessoas, quatro quadras, duas pistas de atletismo e duas piscinas, sendo uma semi-olímpica. Há também uma sauna. Possui ainda uma fábrica de cerâmica que produz tijolos, concluída em 1978.

O dormitório feminino teve um aumento de 6 quartos e capela. No dormitório masculino também foi construída a capela a qual recebeu o nome de Auditório Dr. Milton Soldani Afonso.

No edifício escolar foi feito uma cobertura no pátio escolar e a construção de 15 salas de aula e outras dependências.

Foi adquirida uma mesa telefônica com capacidade para 10 linhas e 100 ramais.

Foi implantada uma indústria de confecções para a produção de mochilas, bolsas, porta ternos e uniformes escolares.

As terras para o Colégio foram compradas pela *Associação Paulista da IASD em 1947, sob a presidência do Pr. *Germano Ritter. A construção teve início em 1948, sob a direção de *Waldemar Ehlers, o primeiro diretor da escola. As aulas começaram em 1949 e o programa educacional recebeu a aprovação do governo em 1940. Nomes da escola: Educandário Adventista Campineiro, Ginásio Adventista Campineiro, Instituto Adventista Campineiro e o atual Instituto Adventista de São Paulo.

Diretores: Waldemar Ehlers (1949-1950); Arthur Dassow (1951, 1966-1971); Oswaldo Rodrigues de Azevedo (1951-1957); Mário

Roque (1958-1965); Tércio Sarli (1972-1980); José Iran Miguel (1980-1982); Moysés Rocha Prates (1983-1985); Irineu Rosales (1986-).

INSTITUTO ADVENTISTA TRANSAMAZÔNICO AGRO-INDUSTRIAL (IATAI).

INSTITUTO DA HERANÇA JUDAICA (IHJ). Não tem sede própria. Desde 1912 as responsabilidades ficaram assim divididas: Região Sul do País: Prof. Guy José Leite- São Paulo; Região Central do País: Prof. Nélio Cargas - Brasília; Região Nordeste do País: Mário Feller - Recife.

Os objetivos do IHJ são: evangelizar os judeus residentes na América do Sul; ministrar cursos bíblicos; distribuir folhetos, cursos e lições traduzidos e impressos.

O passo decisivo foi a tradução e a impressão de um curso bíblico de 40 lições, que enfoca o Plano de Redenção com base nos escritos no Antigo Testamento.

Dentre outras atividades religiosas e culturais, destacam-se 3 Congressos "Éramos", concentrando mais de 100 pessoas.

Pastores, colportores e a direção de *A Voz da Profecia, tem utilizado os materiais para o público judeu.

Foi fundado no dia 14 de fevereiro de 1978, na antiga *Associação Paulista-Leste da IASD, pelo Presidente da *Divisão Sul-Americana da IASD, o então Pr. *Enoch de Oliveira.

Houve alguns colaboradores de origem judaica: Helmuth Wolff, Mário Feller, Rubens Segre, Issac Levi Lotte, Bruck Daniel Gsddul.

O Pr. Benoni de Oliveira e a esposa Suzy Wilk (de origem judaica) com outros simpatizantes, levaram esse ideal de aproximação à Comunidade no Brasil, por parte dos Adventistas do 7º Dia.

Os serviços do Instituto de Herança Judaica fizeram-se em outras cidades do Brasil, estabelecendo contatos com outros países da América do Sul e outras partes do mundo.

Um capela no centro de São Paulo oferecia serviços religiosos semanais. Esta funcionou até metade de 1981, passando então a reunir-se na *Igreja Adventista do 7º Dia Central Paulistana, no bairro Liberdade.

Aulas de informação e formação de interessados no Programa do I.H.J. eram dadas por equipes em diferentes igrejas e instituições adventistas.

Uma contextualização do Evangelho foi feita para facilitar a comunicação com pessoas de cultura hebraica através da música, liturgia e idioma hebreus.

Algum tempo depois o Prof. Helmut Wolff ficou como responsável pelo Instituto, decidindo então transferir a sede para região do *Instituto Adventista de Ensino, SP, alugando uma mansão na Rua Celavisa. Desenvolveu intenso trabalho com a impressão e remessa de dezenas de milhares de lições do curso bíblico especial para os judeus, aos próprios endereços.

Livros, folhetos e lições do curso bíblicos ficam à disposição no Colégio Alvorada do Saber, do Prof. Guy José Leite, em Campo Limpo, SP.

INSTITUTO DE COLPORTAGEM ADVENTISTA (ICA). Tem sede própria no centro de Niterói, RJ e na Bahia. Criado com o objetivo de promover cursos de *colportagem, hospedar colportores e realizar congressos e reuniões específicas da área.

Conta com o apoio da *União Este-Brasileira da IASD e da *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Em 1972, foi adquirida uma propriedade para o ICA na Bahia. Um terreno de 20 x 40m, podendo acomodar mais de 20 pessoas com 2

apartamentos, 3 quantos para colportores, refeitório e um salão de aulas. Essa construção foi concluída em 1974.

Em 29 de novembro de 1969, houve a formatura da primeira turma de estudantes-colportores do ICA, depois de 3 meses de curso. O curso foi realizado em Niterói/RJ e a formatura foi na *IASD Central do Rio de Janeiro. Foram 22 participantes vindos de todo Brasil.

Em 1º de Abril de 1969, iniciou a 2ª turma com 18 colportores, formados em 21 de julho de 1969.

INSTITUTO PETROPOLITANO ADVENTISTA DE ENSINO (IPAE). Localiza-se na BR 040, Km 68, Rio da Cidade, Petrópolis, RJ. Compreende uma área de 55 hectares. Escola mista, em regime de internato, a nível de 1º e 2º Graus. Pertence e administrada pela Associação Rio de Janeiro e *União Este-Brasileira da IASD.

A Escola conta com 7 prédios, casa para professores e funcionários, 1 piscina, 3 quadras de esportes, 1 panificadora registrada, 1 estábulo que fornece leite para o consumo do colégio, conservatório de música.

Os cursos de 2º Grau, oferecidos em 1995 são:

- Orientação para o trabalho
- Formação de Professores
- Técnico em Contabilidade
- Processamento de Dados

O número de alunos internos é de 337 e externos 186. O número de professores que atendem as diversas disciplinas são 23. A escola conta com 48 funcionários (dados de 1995).

O precursor do IPAE foi o Instituto Educacional e Agrícola de Petrópolis, fundado em 1939, pela Missão Leste-Brasileira. Em 1940 o nome foi mudado para *Instituto Teológico Adventista (ITA), em 1960 mudou para Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE).

Em 1942, a escola foi oficialmente autorizada e, funciona atualmente com 1º e 2º Graus, sendo três os cursos do 2º Grau: Formação de Professores de 1ª a 4ª série, Técnico em Contabilidade e Formação Geral. Todos preparam os alunos para a universidade.

Em 1979, foi aprovado pelo C. E. E. o regimento da escola pelo parecer 555/79. Em 1982 o curso de Formação de professores foi reformulado pela Portaria 2829/82 atendendo ao Parecer 440/80 do C.E.E, do Rio de Janeiro. Em 1986, foi reformulado o regimento pela Portaria 6919/86 atendendo algumas solicitações do C.E.C., no que se refere a Orientação para o Trabalho e foi aprovado o curso Formação Geral. Em 1989 tornou a ser reestruturado o regimento atendendo a Resolução 06/86 do C.F.E.

Em 1991 houve o 1º Encontro dos Ex-alunos desta instituição.

Foram construídos em 1992, 4 departamentos para professores solteiros e no ano seguinte um ginásio coberto.

Em 1994, foi construído o laboratório de Informática e ampliado o setor industrial - Padaria - PETROBOM.

Diretores: J. D. Hardt (1940-1941); W. J. Brown (1942-1943); Siegfried J. Schwantes (1944-1947); João Bork (1948-1949); Tosaku Kanada (1950); Jairo Araújo (1951); D. D. Holtz (1952-1953); E. Roth (1954-1955); Silas F. Lima (1956); N. C. Helder (1957-1961); Cláudio C. Belz (1962-1964); Zizion Fonseca (1964-1973); Antônio Moisés de Almeida (1974); Zeferino Stabenow (1974-1979); Arthur Dassow (1980-1985); Daniel P. Baia (1985-1987); Ner Costa Souza (1988-1989); Enoch Silva (1990-1991); Ednilson Medeiros (1992-).

INTERCESSÃO. Oração de súplica por outros; uma mediação. A expressão aparece sem muita freqüência na Bíblia, embora vários exemplos de oração intercessória possam ser encontrados. No A.T., o termo ocorre na frase “fazer intercessão”, como uma tradução do heb. *paga‘,* “encontrar”, e, em um sentido derivado, para se aproximar de

alguém a fim de pleitear-lhe alguma coisa, portanto, "suplicar" ou "interceder" (Jer. 7:16; 27:18; 36:25; Isa. 53:12). No N.T., esse mesmo conceito é expresso por vários verbos gregos, especialmente *entynchano*, que é intimamente paralelo a *paga'* em seu sentido (Rom. 8:26, 27, 34; 11:2; Heb. 7:25). Em I Tim. 2:1 "intercessões" é a tradução apropriada do substantivo *enteuxeis*.

INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA. Desde o princípio, os ASD têm enfatizado a importância de seguir princípios sadios de exegese ao interpretar as Escrituras. Reconhecem que a interpretação é necessária por causa das diversas formas literárias encontradas na Bíblia por causa das línguas em que foi originalmente escrita, os modos de pensamento e expressão, os costumes e a situação social não são familiares ao leitor moderno; e por ser a linguagem humana um meio imperfeito para a comunicação do pensamento divino.

Quanto às formas literárias, a linguagem das Escrituras pode estar em forma de poesia ou prosa; pode ser literal ou figurada; pode ser histórica, profética ou apocalíptica. Quanto à língua, é freqüentemente difícil, se não impossível, traduzir uma idéia expressa de uma língua para outra sem perda ou mudança de pensamento. Os costumes e modos de pensamento e expressão das pessoas de uma cultura estrangeira, que deixaram de existir há muitos séculos são facilmente susceptíveis à má interpretação hoje. As mensagens das Escrituras eram freqüentemente dadas em relação a uma situação histórica particular, que deve ser conhecida ou entendida antes que sua importância original ou aplicação possam ser determinadas precisamente. O fato de que a linguagem humana é, no máximo, um veículo imperfeito para transmitir o pensamento divino necessita de cuidado e da direção do Espírito Santo.

Os líderes ASD pioneiros, tais como *Tiago White e *José Bates, que não tinham formação em seminário, tinham força intelectual natural e profundo fervor em seu estudo bíblico, bem como diligente esforço. A

despeito de sua falta de estudo teológico formal, descobriram e seguiram seus princípios de exegese. Suas exposições das Escrituras têm, conseqüentemente, em quase todos os pontos, resistido ao teste de anos. Enfatizavam que as Escrituras deviam ser tomadas literalmente a menos que o contexto tornasse óbvio que era usada uma figura de linguagem pelo escritor sagrado. Nisto, seguiam *Guilherme Miller, que

> concluiu de seu estudo da Bíblia que esta deveria ser entendida literalmente a menos que houvesse clara prova de que se tratava de linguagem figurativa usada pelo escritor inspirado. Isto é, as palavras das Escrituras deveriam ser entendidas em seu sentido histórico comum e gramatical. O mesmo ocorre quando se trata de escritos seculares, exceto nos casos em que o escritor tenha usado linguagem figurada. Vendo as Escrituras desta maneira literal, Miller estava simplesmente seguindo a senda dos teólogos conservadores desde o princípio do Protestantismo (F. D. Nichol, *The Midnight Cry*, 1944, p. 32).

Sobre o método literal de interpretação, Ellen White escreveu em 1888:

> As verdades mais claramente reveladas na Escritura Sagrada têm sido envoltas em dúvida e trevas por homens doutos que, com pretensão de grande sabedoria, ensinam que as Escrituras têm um sentido místico, secreto, espiritual que não transparece na linguagem empregada. Estes homens são falsos ensinadores. ... A linguagem da Bíblia deve ser explicada de acordo com seu óbvio sentido, a menos que seja empregado um símbolo ou figura. (*GC*, p. 604 ed. de 1981).

Em geral, os ASD pioneiros seguiam o método de interpretação bíblica característica do Protestantismo conservador, que via as Escrituras como divinamente inspiradas. A fim de encontrar a verdade, os pioneiros ASD criam ser necessário comparar todas as passagens relevantes da Escrituras. Eles apontavam para Is. 28:10, “regra e mais regra: um pouco aqui, um pouco ali”, como autorizando o uso do método de prova. Estavam convencidos de que quando entendida corretamente, a Bíblia é totalmente consistente.

Era dada também ênfase à questão de entender mensagens bíblicas em seu contexto. A Srª. White aconselhou *(Review and Herald*, 9 de outubro de 1883)*:* “Fazei da Bíblia sua própria intérprete, reunindo tudo o que é dito a respeito de um dado assunto em tempos diferentes e sob variadas circunstâncias.” A introdução ao livro *Estudos Bíblicos* (1888) aconselhou um estudo cuidadoso do contexto a fim de determinar o significado de uma declaração das Santas Escrituras.

A antítese do método literal é o método alegórico, um sistema de interpretação que surgiu cedo na Era Cristã, minimizando o sentido literal das Escrituras. Este método de interpretação parece ter-se originado com os gregos, que, no sexto século antes de Cristo, inventaram-no para reinterpretar os deuses antigos e suas ações imorais, como descritas pelo poeta Homero, a fim de salvar Homero para a mais iluminada filosofia ética de uma era mais sofisticada.

O filósofo judeu Philo de Alexandria (*c*.20 a.C.- 40 A.D.), emprestou o método alegórico dos gregos e o aplicou ao A.T.. Ele não negou o significado literal de modo geral, mas o considerou uma sombra. Considerou o significado figurativo ou alegórico como a substância real ou significado do texto. Por esse processo de reinterpretação do A.T., ele harmonizou as Escrituras com sua Filosofia grega eclética. O erudito cristão Orígenes (*c*.185 A.D. ou 254 A.D.), também de Alexandria, introduziu o método alegórico na

hermenêutica cristã, que veio dominar a interpretação por mais de um milênio. Orígenes encontrou três significados nas Escrituras correspondentes ao corpo, *Alma e *Espírito humanos — significados literais e morais para os menos letrados, e mistérios mais profundos para os poucos mais entendidos.

Entretanto, começando no tempo de Teófilo de Antioquia por volta do fim do segundo século depois de Cristo, uma hermenêutica mais conservadora se desenvolveu em oposição à Alexandria, enfatizando uma exegese literal, histórica e gramatical. Somente em Antioquia foram as profecias acerca dos tipos, aplicadas a Cristo e interpretadas com cautela; a alegoria foi desprezada. Grandes nomes na “escola” de Antioquia inclusive Deodoro de Tarso (394 A.D.), a João Crisóstomo (*c*.315-407 A.D.), e sobretudo Teodoro, bispo de Mopsuéstia (392-428). A hermenêutica antioquiana não negava a validade dos significados espirituais mas tentava deduzi-las de significados literais. Os princípios antioquianos não foram totalmente perdidos durante a Idade Média, e receberam nova vida com ênfase de Lutero sobre o sentido gramatical das Escrituras e nos comentários literalísticos de Calvino. A teologia Protestante Conservadora, inclusive a dos ASD, tendeu a seguir esta abordagem.

Veja também **Daniel, Interpretação de; Apocalipse, Interpretação do; Símbolo.**

INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE. As várias interpretações dadas às profecias do livro de Apocalipse estão em três padrões básicos — o preterista, o futurista e o histórico (Veja **Conceito Historicista da Profecia**). Os ASD são historicistas em sua interpretação do Apocalipse.

Interpretação ASD. O livro do Apocalipse pode ser descrito assim:

(1) introdução, cap. 1;
(2) 7 igrejas, caps. 2 e 3;
(3) os 7 selos, caps. 4 a 8:1;
(4) as 7 trombetas, caps. 8:2-11;
(5) o conflito escatológico entre o bem e o mal, caps. 12 até 20,
(6) a *Nova Terra, caps. 21 a 22:5; e
(7) epílogo, cap. 22:6-21.

Os ASD consideram estas profecias como uma “*Revelação de Jesus Cristo” (cap. 1:1) e interpretam-nas historicamente, crendo que *Jesus Cristo tem estado a trabalhar nos eventos da história através da Era Cristã, com o alvo de estabelecer o Seu reino justo sobre a terra. Os ASD aplicam as três linhas da profecia — as igrejas, os selos e as trombetas — historicamente a sete períodos da história, sendo que as igrejas e os selos correspondem aproximadamente um ao outro e abrangendo dos tempos apostólicos até o advento de Cristo e as *Sete Trombetas compreendendo a um período um pouco menor.

A profecia das *Sete Igrejas tem sido reconhecida como aplicável, em primeiro lugar, a congregações cristãs literais na antiga província Romana e da Ásia; além disso, as sete igrejas são entendidas como representativas de sete períodos consecutivos da história da igreja: a mensagem à igreja de Éfeso é aplicada ao período apostólico; a endereçada à Esmirna, ao período da perseguição romana no tempo de Constantino; a mensagem de Pérgamo, à grande *Apostasia que culminou o Papado; a mensagem de Tiatira, ao período de supremacia Papal, do tempo de Justiniano até a Reforma; a mensagem à Sardes, às igrejas da reforma e depois; a mensagem de Filadélfia, ao *Movimento do Advento do século XIX; a mensagem Laodiceana à igreja de hoje. Coerentemente, os ASD consideram a mensagem a Laodicéia do cap. 3:14-22 como sendo de especial importância.

Quanto às profecias dos *Sete Selos e das *Sete Trombetas, os ASD têm em geral aceito a interpretação de pregadores passados como a

melhor explicação atualmente disponível. O quarto capítulo é entendido como provendo a situação para a profecia dos sete selos introduzida no quinto capítulo. O primeiro selo (cap. 6:1, 2) é aplicado à era apostólica; o segundo (vv. 3, 4) ao período de perseguição romana; o terceiro (vv. 5,6), ao período de apostasia que culminou com a formação do Papado; o quarto (vv. 7, 8), à Idade Média, o período de supremacia papal; o quinto (vv. 9-11), à era da Reforma Protestante; o sexto, (vv. 12-17), à era moderna; e o sétimo (cap. 8:1), ao *Segundo Advento. O sétimo capítulo, inserido entre o sexto e o sétimo selo, é entendido como descritivo do *Selamento do povo remanescente de *Deus para que permaneça firme no último conflito entre o bem e o mal.

As quatro primeiras trombetas, (cap. 8:7-13), são interpretadas como os juízos de Deus sobre o Império Romano Ocidental, em particular, à invasão dos Visigodos, os Vândalos, os Hunos e os Hérulos. A quinta trombeta, (cap. 9:1-12), é aplicada à invasão do Império Oriental pelos Sarracenos; e a sexta, (v.13-21), às invasões dos Turcos Otomanos. Comparáveis com a inserção do cap. 7, entre o sexto e o sétimo selo, a passagem consistindo dos caps. 10 e 11:1-14 está inserida entre a sexta e a sétima trombetas. Como no cap. 7 é entendido como aplicável à era moderna. A visão do poderoso *Anjo com o pequeno livro do capítulo 10 é aplicada ao desfecho das profecias de Daniel durante o Grande *Movimento do Advento do século XIX, e os caps. 10:11 até 11:2 à ênfase no *Santuário Celestial dada pelos ASD. As “Duas Testemunhas” do capítulo 11:3-12 são consideradas como o *Antigo Testamento em conjunto com o *Novo Testamento, e as dificuldades pelas quais eles passam representando o futuro das Escrituras nas mãos do Papado, e mais tarde do ateísmo durante a Era da Revolução Francesa. Como o sétimo selo, a sétima trombeta (v. 15-19) é aplicada ao Segundo Advento.

Os capítulos 12-20 são considerados como sendo conectivos da profecia que descreve o curso dos eventos do grande conflito escatológico entre o bem e o mal.

O capítulo 12, entendido como uma introdução a esta extensa narrativa profética, descreve os esforços de Satanás para destruir a Cristo e sua animosidade contra a Igreja Cristã (1-5), a *Perseguição do povo de Deus durante os 1.260 anos (1.260 dias proféticos, ou 3 anos e meio ou 42 meses, veja o vv. 6, 14; caps. 11:2; 13:5) da supremacia papal (vv. 6,12-16), a vitória de Cristo sobre Lúcifer (o dragão) no céu (vv. 7-12), é uma advertência do grande conflito escatológico (v. 17), que é descrito longamente nos caps. 13-20. O capítulo 12 provê a situação histórica para a grande e última batalha no grande conflito entre Cristo e Satanás.

O leopardo do cap. 13:1-10,18 é aplicado ao Papado, particularmente à recente recuperação da ferida mortal que sofreu em 1798 [1929, com o Tratado de Latrão]; e o carneiro (vv. 11-17) (também o *Falso Profeta; cap. 19:20) aos Estados Unidos, com ênfase em um ainda futuro Protestantismo apostatado, simbolizado pela imagem da *Besta. Os *Cento e Quarenta e Quatro Mil descritos no cap. 14:1-5 são identificados como os que ganham a vitória sobre a besta e sua imagem do capítulo 13.

As *Três Mensagens Angélicas do cap. 14:6-12 são entendidas como representando o Grande Reavivamento do *Advento do século XIX, e a mensagem que os ASD têm sido comissionados a levar ao mundo. Os versos 14-20 retratam a vinda de Cristo nas nuvens do céu e a colheita da terra.

Os caps. 15 a 19 focalizam os eventos seguintes ao *Fechamento da Porta da Graça e abrangem até o *Segundo Advento de Cristo para livrar Seu povo dos inimigos prestes a destruí-los. O capítulo 15 é uma introdução às *Sete Últimas Pragas, uma série de visitações divinas sobre o impenitente empedernido, como relatado no cap. 16. Sob a

sétima praga (vv. 17-21) Deus intervém destruindo a *Babilônia simbólica nos vv. 13, 14.

O cap. 17 é visto como sendo uma descrição mais detalhada e posterior da grande conspiração político-religiosa, sendo a prostituta Babilônia a religião apóstata, e a besta de 10 chifres e 7 cabeças sobre a qual a Babilônia está figuradamente sentada, os poderes políticos da terra subservientes a seu desígnio de aniquilar o povo de Deus. Unindo-se à batalha com Cristo, os reis da terra são vencidos, e, em troca, destroem a Babilônia, (vv. 12-17).

O capítulo 18 é uma descrição altamente figurativa dos juízos finais de Deus sobre a grande Babilônia, embora os vv. 1-4 constituem o apelo final de Deus (ligado às três mensagens angélicas do cap. 14:6-11) a Seu povo para que se separe da Babilônia, a fim de evitar cumplicidade em seus pecados e desta forma participar de seus castigos.

O cap. 19:1-6 é um hino de louvor universal a Deus por Sua vitória sobre a Grande Babilônia, e os vv. 7-9 são um convite aos vencedores da terra para o grande banquete escatológico no céu marcando o início do reino eterno e justo de Cristo. Em linguagem altamente figurativa, os vs 11-21 retratam a vitória de Cristo sobre todos os poderes terrestres no tempo de Seu Segundo Advento.

O cap. 20 segue a seqüência dos eventos por mil anos (Veja **Milênio**) durante o qual a terra permanece desolada e os santos estão com Cristo no Céu. No final do Milênio, Cristo, os santos e a *Nova Jerusalém descem à terra e os ímpios mortos (chamados *Gogue e Magogue) são ressuscitados e atacam a cidade. Finalmente, Cristo estabelece o juízo sobre os impenitentes de todas as eras e os aniquila (Veja **Inferno; Morte**). Os cap. 21:1 até 22:5 descrevem o estado da *Nova Terra como a eterna morada dos santos. (Veja **Lar dos Remidos**).

Veja também **Bíblia, Interpretação da; Marca da Besta; Número da Besta; Sete Últimas Pragas.**

INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA, DESENVOLVIMENTO DA. As interpretações ASD da profecia bíblica tem suas raízes extensamente em um entendimento cumulativo dos livros de Daniel e Apocalipse, que se desenvolveu da Igreja Cristã progressivamente durante o curso de quase 2.000 anos. Os ASD crêem que têm recuperado e reafirmado as mais completas interpretações do passado e as têm levado à consumação hoje. Os ASD defendem que ao se cumprirem na história as grandes profecias e períodos de Daniel e Apocalipse, vários estudiosos têm reconhecido os aspectos básicos destes cumprimentos ao cada evento ou desenvolvimento ocorrer através dos séculos. Este artigo abrangerá o início de algumas destas interpretações históricas como têm chegado aos ASD.

Defendendo o método histórico de interpretação, os ASD são herdeiros de 2.000 anos de desenvolvimento da exposição, embora tenham construído sua própria estrutura, usando materiais de outros estudiosos e acrescentando o que é distintivamente seu.

(A mais abrangente e melhor história documentada da interpretação profética produzida pelos ASD, cobrindo os livros de Daniel e Apocalipse são os quatro volumes *Prophetic Faith of Our Fathers*, de LeRoy Edwin Froom, agora aceito como um padrão de referência nesse campo pelas Universidades e Seminários de várias denominações. Veja *SDABC* vol. 4:39-78 e vol. 7:103-132).

Função Vital da Profecia na História Cristã. A exposição da profecia teve uma parte muito importante nos conceitos da Igreja Cristã primitiva. Houve muitos escritores que se dedicaram ao estudo da profecia entre os pais da Igreja, inclusive Justino — o Mártir, Irineus, Tertuliano, Hipólito, Julio Africano e Eusébio; mais tarde Jerônimo e Agostinho. Veja Froom, *op. cit.*, vol. 1 caps. 9-12.

A interpretação profética do mesmo modo suscitou um grito de zombaria contra a Reforma Protestante. Muitos dos reformadores, como

Wycliffe e outros antes deles, identificaram o Papado histórico como o grande anticristo predito em Daniel, Paulo e João, que se assentaria no templo de Deus — a Igreja — e perseguiria o povo de Deus. Na Contra-reforma católica, contra-interpretações foram projetadas por dois jesuítas a fim de contrafazer este violento ataque: Ribera (*c*. 1656) projetou o anticristo para o futuro, como um único indivíduo governando 3½ anos literais no fim — e assim injetou uma lacuna no cumprimento da profecia (*ibid*., vol. 2, caps. 21, 22); Alcazar (m. 1613) projetou o anticristo para o passado como um dos imperadores romanos (*ibid*., cap. 23). Estas interpretações contrárias mais tarde se infiltraram nas fileiras Protestantes: o preterismo de Alcazar foi adotado pelos precursores dos modernistas, e o *futurismo de Ribera, pouco mais tarde, iniciando-se com Samuel Maitland, em 1826, tornou-se dominante no ramo do *Fundamentalismo (*ibid*., vol. 4, p. 420). (O futurismo e o *preterismo são, propriamente, termos usados pela exposição do *Apocalipse, mas muitas das profecias de *Daniel são interpretadas por métodos comparáveis os cumprimentos sendo procurados ou no passado longínquo ou no fim do tempo).

A interpretação padrão Protestante na Reforma e por algum tempo após a Reforma era de que as profecias retratam o curso da história, através dos séculos, até o estabelecimento do eterno reino de Deus.

A. DANIEL

Daniel 2 e 7 é o ABC da Profecia. Desde os primórdios, Roma era identificada como sendo o quarto poder mundial no esboço dos quatro reinos de Daniel 2 e 7 (os quatro metais da imagem no capítulo 2 e os quatro animais simbólicos no capítulo 7) — os primeiros três poderes mundiais como sendo os impérios Babilônico, Medo-Persa e o Grego-Macedônico. Escritos judaicos, inclusive o *Talmude*, os *Targuns* e o *Midrash*, identificaram Roma como sendo quarto reino da profecia e anteciparam a separação decimal do império. Os Pais da Igreja,

começando em 150 A.D. (Epístola de Barnabé) identificaram o quarto animal (cap. 7) como o Império Romano, existente já naquela época, e os dez chifres como os dez reinos que o sucederam. Entre estes estavam Justino — o Mártir, Irineu, Tertuliano, e Hipólito, no segundo e terceiros séculos; Eusébio, Crisóstomo e Jerônimo no quarto século; e Agostinho um pouco mais tarde (ele, porém, considerava o reino eterno de Daniel, o quinto, como a Igreja Romana mundial).

Sem dúvida, os cristãos primitivos esperavam pela divisão de Roma, como Hipólito e Eusébio testificam (Froom, *op. cit*., vol. 1, caps. 12, 16). Sulpicius Severus e Jerônimo (*c*. 420) declararam a divisão já estando a caminho. (*ibid*., cap. 19).

Os Adventistas, juntamente com a maioria dos intérpretes através dos séculos, têm defendido esta seqüência invariável dos reinos, com os pés e dedos da imagem metálica (cap. 2) e os *dez chifres representando o território dividido do Império Romano, com a “pedra”, cortada sem o auxílio de mãos, como o reino vindouro de Cristo, que excederia a todos os reinos terrestres.

Em Daniel 7, que amplifica o capítulo 2, o aspecto proeminente é a “diferente” *Ponta Pequena do v. 25 — indicando o poder político-religioso que se levanta entre os *Dez Reinos — um poder que procuraria intrometer-se na imutável *lei de Deus e violentamente perseguir os dissidentes — sendo seu período *três tempos e meios (correspondentes aos 1.260 dias de Apoc. 11 e 12), interpretados de acordo com o *Princípio Dia-Ano.

Na idade Média, houve reconhecimento dentro e fora da Igreja Romana de que a ponta pequena predita como o anticristo tinha sido já estabelecida como o Papado — declaração feita pelo arcebispo Eberhard da Alemanha em 1240. Esta opinião mais tarde influenciou profundamente os reformadores e foi vastamente defendida por expositores da profecia no Novo Mundo bem como no Velho Mundo.

Períodos de Tempo e o Princípio Dia-Ano. O princípio “dia-ano” — a fórmula que em profecia representa um dia como um ano literal — foi aplicada por Joachim de Floris (*c*. 1130-1202) e outros cristãos aos três tempos e meio (1.260 dias), e 1290 e 1335 dias, e as 2.300 tardes e manhãs.

As 70 semanas e as 2.300 Tardes de Manhãs. Uma obra medieval anônima, *De Semine Scripturarum* (A Respeito da Semente das Escrituras), e Arnold de Villanova, um século mais tarde, interpretaram os 2.300 dias de Dan. 8:14 como 2.300 anos, estendendo-se do tempo da Pérsia até os últimos dias. Numerosos escritores mais tarde ensinaram esta teoria. As 70 semanas (cap. 9:25) levando ao “Messias — o Príncipe” eram entendidas, desde os séculos primitivos como 490 anos que apontavam para o ministério e morte de Cristo, embora a aplicação detalhada tenha variado consideravelmente. No século dezesseis, Hohann Funck, na Alemanha, datou o período de 457 a.C. até 34 A.D. — de Artaxerxes até a crucifixão — e esta data tornou-se popular.

O próximo passo — a combinação das 70 semanas com os 2.300 dias — foi dado por Johann Petri (m. 1792) da Alemanha. No começo dos 2.300 dias juntamente com as 70 semanas — o período mais curto dos 490 sendo retirado dos 2.300 dias — ele computou os 2.300 anos de Artaxerxes até 1847.

Finalmente, após o reconhecimento generalizado do final dos 1.260 anos (discutidos na seção B como os períodos equivalentes mencionados em Apoc. 11 e 12) em 1798, na aurora do século dezenove, um vasto número de estudiosos do Velho e do Novo Mundos fixaram quase o mesmo final para os 2.300 anos — as datas favoritas foram 1843, 1844 ou 1847 (Veja **Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs**). Em décadas mais recentes do século dezenove, em ambos os lados do Atlântico, parece ter havido concentração mundial na aplicação de Daniel 8:14.

Os 2.300 dias e 1844. Nesta principal corrente de interpretação estavam os *Mileritas que, em sua circulação nos anos trintas e quarentas do século passado, chegaram a 1843 para o fim dos 2.300 anos. Basearam-se, para isto, na geralmente aceita crucifixão em 33 A.D., no fim da septuagésima semana. (Veja **Movimento Milerita, II; Santuário**.) Eles se desapontaram em sua expectação porque igualaram erroneamente a purificação do Santuário com a purificação da terra no *Segundo Advento.

Os ASD aceitam as profecias de Daniel como se estendendo até o Primeiro e Segundo Advento de Cristo, os dois pontos focais do incomparável plano da redenção. Eles entendem as setenta semanas como levando até o tempo do Messias que seria cortado no meio da septuagésima semana, em 31 A.D. Aceitam o início sincronizado das 70 semanas e dos 2.300 dias-anos como a chave mestra, e interpretam os 2.300 dias como estendendo-se até a purificação simbólica do Santuário Celestial, cujo ato constitui o início da grande hora do juízo no Céu.

Portanto, os ASD não são, em nenhum sentido, originadores da interpretação básica do esboço e das profecias de Daniel.

B. APOCALIPSE

Quanto aos símbolos do Apocalipse em geral, os ASD têm seguido o padrão historicista, ou histórico, de interpretação dos expositores da Reforma e pós-reforma, com os avanços do despertamento do século dezenove do Novo e do Velho Mundos. Eles desenvolveram posteriormente o entendimento Adventista da mensagem dos três anjos de Apoc. 14 e importantes verdades relatadas nos capítulos 12 a 20, especialmente o Segundo Advento e o *Milênio.

Os ASD defendem que o Apocalipse complementa o livro de Daniel e que, como Daniel, apresenta profecias. Estes cobrem repetidamente o período da Era Cristã sob o simbolismo da *Sete Igrejas, *Sete Selos, e *Sete Trombetas. O principal período profético,

variadamente repetido é identificado como sendo 1.260 dias ou 42 meses ou ainda 3½ tempos, é comum tanto a Daniel como em Apocalipse. Tem sido amplamente interpretado por estudiosos cristãos desde Joachim de Floris como 1.260 anos pela contagem do princípio dia-ano.

Profecias da Era Cristã. *As Sete Igrejas.* O venerável Bede, na Bretanha (m. 735), sugeriu uma seqüência histórica para as sete Igrejas, colocando o sexto selo no tempo do anticristo e o sétimo antes do Segundo Advento. Dois italianos, Bruno de Segni (m. 1123) e Richard de St. Victor (m. 1173), defendiam que o sétimo selo se estende do nascimento da Era Cristã até o fim do tempo. À luz da reforma, intérpretes do século dezessete viam a Igreja de Tiatira como o período das perseguições medievais e a Igreja de Sardes como o período pós-reforma. No despertamento do Advento no século dezenove houve um entendimento geral de que a Igreja de Filadélfia era o período de preparação para a Segunda Vinda de Cristo e a Igreja de Laodicéia como a que imediatamente precede o Advento. Esta série foi aceita pelos Mileritas, mais tarde ASD.

Sete Selos. (Apoc. 6; 8:1). Irineu de Gaul (m. *c*. 202) fez alusão a Cristo como sendo o cavaleiro sob o sétimo selo; Tertuliano (m. c. 240) considerava o quinto selo como estando no futuro, e o sexto como perto do fim. Estas interpretações tornaram-se o padrão no período medieval Os escritores da pré-Reforma e da Reforma viam no quarto cavalo o domínio Papal da Igreja e no quinto, os mártires medievais. O sexto selo era aplicado ao terremoto de Lisboa e, no século dezenove, não muitos defendiam que ele envolvia a revolução Francesa. Os ASD vêem o sexto selo começando aproximadamente no mesmo período e se estendendo até o século dezenove, e até o fim do mundo, que é marcado pela abertura do sétimo selo.

Sete Trombetas. (Apoc. 8; 9). De Vitourinos em diante, vários escritores entendiam as trombetas como durando toda a Era Cristã. Muitos escritores medievais e posteriores trataram de um ou de ambos os períodos de tempo sob a quinta e a sétima trombetas e defendiam que a sexta trombeta simbolizava os Sarracenos como um flagelo sobre a Igreja. Do século dezesseis em diante, os Turcos eram vistos como o poder representado pela sexta trombeta. No Novo Mundo bem como no Velho, expositores geralmente viam nas quatro primeiras trombetas as invasões bárbaras do Império Romano e, na quinta e sexta, os Sarracenos e os Turcos. Assim, quando os Mileritas, especialmente Josias Litch, escreveram sobre as trombetas, tinham atrás de si dezesseis séculos de teorias que representavam muitas denominações eclesiásticas e diferentes nacionalidades. Por sua datação publicada no fim dos 391 anos (a hora, dia mês e ano de Apoc. 9:15) em 1840 Litch atraiu considerável atenção favorável à sua interpretação quando a Turquia tornou destaque nas notícias daquele tempo.

Apocalipse 11 — as Duas Testemunhas. Os primeiros estudantes da profecia identificaram as duas testemunhas de Apoc. 11 como sendo duas pessoas — provavelmente Enoque e Elias — vindo em pessoa (assim fizeram Tertuliano, Hipólito, Vitorino e Ambrósio). Porém, Joachim de Floris pensava que elas poderiam ser duas ordens que se levantariam. Mas Bruno de Segni introduziu um novo conceito — que tratava-se dos testamentos das Escrituras, que eram testemunhas do Senhor. Nos tempos da Reforma, esta teoria foi aceita por Johann Funck, da Alemanha, por Matias Flacius, historiador da Reforma e por Sir John Napier, matemático escocês.

Entre as exposições de Apoc. 11 no período precedente à Revolução Francesa, algumas notáveis interpretações foram estabelecidas. A profecia das duas testemunhas vestidas de saco por 1.260 dias foi igualada aos 42 meses da destruição da cidade santa, e sua morte por 3 anos e meio seguida por um terremoto no qual “um décimo

da cidade" caiu, foi ligada por muitos escritores, à Revolução Francesa. Já no século dezessete, alguns escritores identificaram a décima parte da cidade como um dos dez reinos (de Dan. 7), e consideravam o terremoto como uma revolução. Em 1639, Thomas Goodwin defendeu que a França era a décima parte que deveria cair, e outros seguiram esta identificação. Em 1701, Robert Fleming Jr., um presbiteriano inglês, predisse que a monarquia francesa cairia por volta de 1794.

Após se iniciar a revolução Francesa, outros estudiosos anunciaram o cumprimento do terremoto e da subversão e morte das duas testemunhas — o Novo e o Antigo Testamentos — era uma conclusão natural à luz da tentativa dos revolucionários em Paris de abolir a religião Cristã.

Os 1.260 Dias (Apoc. 11 e 12). Um dos elementos importantes da interpretação acima sobre Apoc. 11 foi o acordo dos vários períodos em Apoc. 11 e 12 — os 1.260 dias e 42 meses no capítulo 11, junto com os 1.260 dias do capítulo 12 — período da fuga da mulher (entendida como sendo a Igreja verdadeira) para o deserto por 1.260 dias — o equivalente a "um tempo, dois tempos, e metade de um tempo" (vv. 6, 14). A equivalência é de 3½ anos = 42 meses = 1.260 dias (tomando-se 30 dias para cada mês). Com isso eles ligavam também os três tempos e meio referidos em Daniel como o período da perseguição dos "santos do altíssimo" pela ponta pequena (Dan. 7:25) e como o tempo da dispersão do povo santo (Dan. 12:7). Foi essa contagem dos tempos que trouxe convicção às exposições da profecia que apontava os cumprimentos finais no fim do século dezoito.

Desde os tempo dos Lolardos e especialmente de Lutero em diante, o período era visto como o tempo de perseguição dos dissidentes pelo anticristo da ponta pequena — um período de 1.260 anos de supremacia Papal, quando a verdadeira Igreja foi escondida no "deserto" da ira do poder perseguidor. A data do fim deste período, em meados da Revolução Francesa, variou — 1794, 1789, 1798 — mas, após a captura

e exílio do Papa em 1798, essa última data tornou-se popular para se datar o fim, com o início do período do tempo de Justiniano, visto em conexão com estes decretos que reconheciam a supremacia Papal sobre toda a Igreja.

Desta forma, no tempo do Movimento Milerita, houve um sentimento generalizado de que a data de 1798, ou seus meados, marcou um cumprimento profético e o início do "tempo do fim" de Daniel 12, quando a ciência se multiplicaria. Os 1.260 e 1.335 dias de Daniel 12 eram relacionados (variadamente por diferentes escritores) com os 1.260 dias sendo estes 1.260 anos. Os Mileritas colocaram o fim dos 1.260 e 1.290 dias em 1798 e o fim dos 1.335 dias como se estendendo até 1843.

As Bestas de Apocalipse 13. Desde os primórdios, as bestas do Apocalipse 13 eram vistas como o Poder Romano e o anticristo, ou como o anticristo e seu "falso profeta", o "número da besta" 666, era interpretado como o valor numérico de vários nomes, tais como *Teitan* ou *Lateinos.* Nos tempos da Reforma, alguns consideravam as duas bestas como a Roma pagã e a Roma Papal; muitos outros designaram a primeira como a Roma Papal. Alguns criam que o número 666 indicava anos; outros que significava um nome. (Andreas Helwig no século dezessete listou nomes, inclusive *Vicarivs Filii Dei*). E alguns defendiam que a "marca" envolvia subserviência, ou obediência à besta Papal.

No século dezessete, Thomas Goodwin, diretor do Colégio de Magdalena, Oxford, sugeriu que, como a primeira besta simbolizava o Papado, então a imagem evidentemente tipificava a imagem protestante do Papado nas Igrejas reformadas. Este conceito iria mais tarde crescer em aceitação. Isaac Backus, historiador americano batista (m. 1806), considerou a segunda besta como sendo as Igrejas Protestantes do estado, os dois chifres representando a censura da Igreja e o castigo temporal, John Bacon, um juiz congregacionalista, em 1799 aplicou a segunda besta aos clérigos protestantes, embora em 1803 ele estivesse

inclinado a determinar os dois chifres da liberdade civil e religiosa a Napoleão. *Guilherme Miller via as bestas como a Roma pagã e Papal; seus colegas mais tarde criam que a primeira besta fosse o Papado, embora tivessem pouco a dizer sobre segunda.

O sinal da besta, tendo sido ligado na Igreja primitiva com o anticristo, naturalmente começou nos tempos da reforma e da pré-Reforma a ser associado à conformidade do poder Papal e aos seus decretos. Na Reforma, o sinal foi relacionado por vários escritores à subserviência, obediência ao Papado. Esta idéia tornou-se generalizada, mas não se fez nenhuma identificação específica da marca. Veja **Marca da Besta.**

Três Anjos e Suas Mensagens. (Apoc. 14). Os três anjos com suas mensagens sucessivas para todas as nações, exortando homens a se prepararem para o juízo e à obediência ao Criador mais do que às falsas religiões, e descrevendo os santos como tendo "os *Mandamentos de Deus a fé em Jesus", eram pouco enfatizadas até o Despertamento pelo Advento do século dezenove. Na Igreja primitiva, estes símbolos eram vagamente referidos pelos pregadores do segundo advento ou pregadores contra o anticristo. Alguns dos escritores pós-Reforma viam-nos como pregadores evangelistas ou movimentos — por exemplo, como Wycliffe, Huss e Lutero ou como Lutero e seus pregadores. Outros consideravam-nos como futuros.

Mas muitos dos estudiosos sentiam os três anjos voando em seus dias, simbolizando as sociedades bíblicas, sociedades missionárias e similares. Os Mileritas unanimemente aplicavam o primeiro anjo ao grande movimento do Segundo Advento no qual eram ativos. Os ASD consideram que, embora a primeira e a segunda mensagens fossem dadas no movimento de Miller, o cumprimento da terceira é uma contribuição especial dos ASD e que as três mensagens devem ser

proclamadas conjuntamente até o fim do tempo. Veja **Três Mensagens Angélicas.**

Sete Flagelos (Apoc. 15,16). Os sete flagelos, ou pragas, eram considerados à princípio como se aplicando aos últimos dias; então em séculos posteriores os flagelos passaram a ser considerados como progressivos. Guilherme Miller colocou-os parcialmente e simbolicamente no passado, mas os ASD os têm entendido como sendo “sete últimas pragas” literais (Apoc. 15:1), que cairiam imediatamente precedendo o Segundo Advento. Veja **Pragas, Sete Últimas.**

Babilônia Mística. (Apoc. 17 e 19). Por muitos séculos, começando com a Igreja primitiva, a mulher, a grande Babilônia, sentada sobre a besta, vestida de escarlata, foi tomada como simbolizando Roma. A princípio aplicada à Roma pagã, este símbolo veio nos últimos séculos a ser aplicado à Roma eclesiástica, uma conexão ilícita com os governantes do mundo e poder político dominante simbolizado pela besta. Desta forma, os ASD não foram de nenhum modo os primeiros a aplicarem o termo Babilônia à organização Cristã apostatada. Nem foram eles os primeiros a incluírem na família de Babilônia a “filha” das Igrejas que tinha retido alguns dos erros da mãe (Veja *SDABC,* vol. 7: 124-127).

O chamado para sair da Babilônia, endereçado ao povo de Deus que ainda está nela, é considerado como sendo parte da segunda das três mensagens angélicas de Apoc. 14 e a partir daí tem início a mensagem ASD. Veja **Babilônia Simbólica**.

Segundo Advento e o Milênio. A Igreja primitiva esperava o retorno de Cristo muito em breve, como o clímax do cumprimento profético e para trazer o final cataclísmico da era presente, para levar os remidos na *Ressurreição e instituir o reino eterno; eles não esperavam que o milênio interviesse antes do Segundo Advento. Agostinho introduziu a idéia da Igreja Católica como o reino milenar, e por volta de

1700, um novo pós-milenismo apareceu (introduzido por Daniel Whitby), substituindo a Segunda Vinda e o reino literal por um reino espiritual da Igreja sobre a terra, ou adiando o Advento pessoal de Cristo até o fim daquele período. Este fascinante aspecto varreu o Protestantismo, particularmente intrigando a crescente ala racionalista.

Então, no início do século dezoito, surgiu um reavivamento de interesse no Segundo Advento, estudiosos — inclusive muitos católicos — passaram a reexaminar a doutrina do Segundo Advento. O grande "Despertamento pelo Advento", como foi chamado, com todas as suas publicações, suas sociedades, conferências, e periódicos, espalhou-se em muitos países, chamando o mundo à preparação para o "breve Advento". A popularidade da data de meados do século para o fim dos 2.300 dias — embora com expectativas variadas pelos eventos vindouros — levou muitos a esperarem o advento de Cristo, ou os eventos que levaram a este acontecimento, num futuro próximo.

Parte deste despertamento generalizado, mas formando um grupo distinto, era o movimento Milerita. Diferente dos outros, os Mileritas defendiam que o Segundo Advento traria o fim da porta da graça humana, a renovação da terra e as transformação dos santos em imortalidade. Assim o reino milenar seria dos santos glorificados — o primeiro estágio do estado eterno que seria interrompido no fim dos mil anos para a ressurreição dos ímpios para receberem a retribuição final.

Os ASD mantém a posição Milerita do Segundo Advento, mas colocam a renovação da terra no fim do milênio, durante o qual os santos estarão no céu. Após o milênio, a *Nova Terra será o *lar dos remidos, cuja capital é *Nova Jerusalém, na qual estará o trono de Deus e do Cordeiro para sempre Veja **Milênio; Segundo Advento**.

Desta forma, os ASD têm sido os herdeiros da mais fiel e verdadeira interpretação profética dos séculos, e as têm ampliado e esclarecido em uma sistemática e consistente exposição.

ISRAEL ESPIRITUAL. Veja **Israel, Profecias Concernentes a.**

ISRAEL, PROFECIAS CONCERNENTES A. Predições do A.T. a respeito da função do antigo Israel sobre a relação de concerto, aqui considerado especialmente com respeito ao testemunho de Israel ao verdadeiro Deus, à vinda do Messias e ao estabelecimento do reino messiânico. Os ASD consideram essas predições como declarações do propósito divino com respeito a Israel como o povo do concerto e como condicionais de sua cooperação com o propósito de Deus para eles como nação.

Origem do Ensino ASD. *Interpretação Milerita***.** *Guilherme Miller e seus associados firmemente rejeitaram a crença milenariana popular da época (do pré-milenismo literalista) de que as profecias da Bíblia prediziam o final "retorno dos judeus, como tais, antes, por ocasião ou depois do Advento de Cristo, à Palestina, para possuírem a terra durante mil anos" (Josiah Litch, em *Advent Shield*, maio de 1844). Todos eles partilhavam da convicção de que o retorno de Cristo a essa terra era iminente e que Sua vinda poria fim ao tempo de graça da humanidade e que Ele purificaria a terra com fogo e estabeleceria Seu reino eterno.

J. V. Himes é citado afirmando em 1850 que os Mileritas sempre lutaram contra as "idéias judaizantes" a respeito da era vindoura, porque "o judaísmo e o adventismo são duas coisas bem diferentes" (Isaac Welcome, *History of the Second Advent Message*, p. 592), Por "judaísmo" e "idéias judaizantes" ele estava se referindo à crença de que a era vindoura veria os judeus restaurados, não somente à Palestina mas também como nação escolhida de Deus, governando sobre todas as nações mortais em um reino milenar sobre a terra, em que o pecado e a morte continuariam.

Que havia oposição a isto era um ponto distintivo da doutrina Adventista desde o início, vê-se da recomendação da Décima-Segunda Conferência Milerita (em 1842) que —

> todas as pessoas que rejeitam a doutrina do milênio temporal e a restauração dos judeus à Palestina, seja antes ou depois do Segundo Advento e que crêem no Segundo Advento de Cristo e na *primeira* ressurreição como sendo os próximos eventos da história profética, sejam convidadas a arrolarem seus nomes como membro[s] desta conferência (*The Signs of The Times*, junho de 1842).

Ele também afirmou:

> Nenhuma porção das Escrituras do Novo Testamento dá a mais indireta intimação da restauração literal dos judeus para a velha Jerusalém; cremos que os argumentos tirados das profecias do Antigo Testamento são baseados em uma concepção errônea dessas profecias (*ibid.*).

Denominando a concepção milenariana de "vã suposição," Guilherme Miller declarou: "Não há um texto, promessa ou profecia, escrito ou dado por Deus apoiando a aplicação das profecias do A.T. concernentes a uma futura restauração dos judeus (*Views of William Miller*, ed. 1842 por *J. V. Himes [Second Advent Library, no. 1], p. 233).

Os escritores ASD diferiam dos Mileritas em esperar a renovação da terra, não no Segundo Advento mas no fim do milênio, mas, como eles, defendiam que o Segundo Advento e a primeira ressurreição encerrarão a porta da graça e serão seguidos pelo reino dos santos glorificados — todos os remidos, judeus e gentios — e que isto não dá lugar para um reino pós-advento de judeus restaurados no estado mortal. Pouco aparece nas publicações ASD sobre o assunto até que a

controvérsia da "Era Vindoura" dos anos de 1850 trouxe o tópico à discussão. Provavelmente, o primeiro maior tratamento do assunto foi parte de uma série de artigos de J. H. Waggoner no ano de 1856 (Veja *RH*, março de 1856).

Razões Dadas em Escritos Adventistas. As razões dadas por Miller e escritores ASD pioneiros para a rejeição da concepção milenariana como não-escriturística podem ser resumidas como se segue:

1. As profecias do A.T. eram uma declaração do *propósito* de Deus para o Israel literal, e seu cumprimento para o Israel era estritamente *condicional* dependendo da cooperação de Israel com o propósito divino.

> Todos os propósitos da graça de Deus ao homem, são condicionais, [e] como as bênçãos determinadas para eles [os judeus] eram condicionais, eles poderiam *reivindicá-las* somente com o cumprimento das condições. ... Consideramos que esta era uma profecia condicional, cujas promessas tinham sido anuladas (J. H. Waggoner, *The Kingdom of God* [1859], pp. 87-109).

> Este [o antigo] concerto foi feito em Horebe e era condicional, como relatado em Êxo. 19. O Senhor disse a eles, "*Se* obedecerdes à minha voz, e guardardes meus mandamentos, *então* ser-me-eis um tesouro peculiar acima de todos os povos" (J. H. Waggoner na *Review and Herald*, jan. de 1857).

> A promessa a Abraão e à sua semente da possessão da terra literal de Canaã, era condicional [Deut. 4:1, 2; 5:32,

33; 6:1-3; 8:1 citados como prova] (A. S. Hutchins, *ibid.*, 23 de abril de 1857).

Sobre o ponto da condicionalidade, Ellen G. White comenta:

> Através da nação Judaica, era propósito de Deus comunicar ricas bênçãos a todos os povos (*PJ*, 286).
>
> [Mas] as gloriosas possibilidades apresentadas a Israel só poderiam ser realizadas pela obediência aos mandamentos de Deus. (*PJ*, 305; *PP*, 383).
>
> Essas promessas estavam condicionadas à obediência. (*PR*, 668).
>
> Ao obedecerem às leis divinas, eles receberiam a bênção divina (em *SDABC*. 2;998).
>
> As promessas e as ameaças de Deus são igualmente condicionais (*Ev*, 695).

2**.** As promessas ao Israel literal eram baseadas no relacionamento do antigo concerto, e devido ao fracasso da nação em cumprir as condições de Deus ligadas a suas promessas, o povo judeu perdeu o direito a essas promessas.

> Ensinam as Escrituras que os descendentes naturais de Jacó são intitulados a qualquer privilégio especial ou bênção sob o novo concerto [seja agora ou no futuro]? Afirmamos que não e apelamos ao testemunho da palavra de Deus (J. H. Waggoner, *The Kingdom of God*, [1859], p. 88). As promessas do reino . . . foram perdidas sob o antigo concerto (*ibid.*, p. 101).

> Eles poderiam *reivindicá-las* somente com o cumprimento das condições. ... Portanto, deve-se admitir que eles não podem receber nada no futuro para qualquer consideração no passado (*ibid.,* p. 87).

No Sinai, Israel "entrou em um concerto solene com Deus, comprometendo-se a aceitá-lo como seu Governador, pelo que se tornaram, em um sentido especial, súditos sob Sua autoridade" (*PP*, 309).

> Deus se separara do mundo, a fim de que lhes pudesse confiar um sagrado depósito. Deles fizera os guardas de Sua lei, e propunha-Se, por meio deles, conservar entre os homens o Seu conhecimento. Assim a luz do Céu resplandeceria a um mundo rodeado de trevas, e ouvir-se-ia uma voz apelando para todos os povos para voltarem de sua idolatria a fim de servirem a Deus vivo. (*ibid.,* pp. 322, 323).

Eles deveriam, portanto, "permanecer sob Sua santa e sábia legislação como um exemplo da superioridade de Sua adoração sobre qualquer forma de idolatria" (*ibid.*).

> Todos os que . . . se volvessem da idolatria ao culto do verdadeiro Deus, deviam unir-se ao povo escolhido. Quando o número de Israel aumentasse, deveriam ampliar os limites até que seu reino abarcasse o mundo (*PJ*, 290).

> Se Jerusalém . . . tivesse dado ouvidos à luz que o Céu lhe enviara, teria permanecido de pé no orgulho de sua prosperidade, rainha de reinos. ... Ela poderia, por meio dEle seria . . . a poderosa metrópole da terra (*DTN*, 577).

> Houvesse Israel, como nação, preservado sua aliança com o Céu, Jerusalém teria permanecido para sempre, a eleita de Deus (*GC*, 17).

> Tivesse Israel permanecido fiel a Deus e este glorioso edifício teria permanecido para sempre, como um perpétuo sinal de especial favor de Deus a Seus povo escolhido (*PR*, 41).

> Cristo teria evitado a condenação da nação judaica se o povo O tivesse recebido. Mas a inveja e o ciúme tornaram-nos implacáveis. ... [Mas] rejeitaram a luz do mundo, e daí em diante suas vidas foram circundados com o negror das trevas da meia-noite. A condenação predita veio sobre a nação judaica. (*PR*, 674).

> O pecado e a ruína de uma nação eram devidos aos guias religiosos (*DTN*, 709).

> Quando Cristo estivesse suspenso na cruz do Calvário, teria terminado o tempo de Israel como nação favorecida e abençoada por Deus. (*GC*, 21).

3. As promessas de restauração foram feitas antes, ou em conexão com o retorno do cativeiro babilônico, e aplicadas ao período de restauração.

> Não há nenhum texto, promessa ou profecia escrita ou dada por Deus antes de seu retorno de Babilônia, e creio que tenha sido cumprida literalmente (William Miller, *loc. cit.*)

> Houvessem os filhos de Israel sido leais ao Senhor, e Ele teria podido cumprir Seu desígnio honrando-os e exaltando-os (*DTN*, 24).

> O cativeiro não teria sido necessário (*PR*, 540)

4. Os judeus não são intitulados à salvação na mesma base que o povo de outra nação, e as promessas do A.T. ainda não cumpridas a eles pertencem agora em princípio a toda igreja, e semente espiritual de Abraão de todas as nações, tanto quanto sejam aplicáveis à nova situação histórica. A Conferência do Segundo Advento em Boston relatou que-

> as profecias do A.T. ... têm sido cumpridas no que o Evangelho já realizou, ou permanecem por se cumprirem na reunião de toda a semente espiritual de Abraão na Nova Jerusalém (*The Signs of the Times*, junho de 1842).

"Há outras profecias [no A.T.] que não se podem aplicar à primeira dispensação, mas a um estado mais glorioso do que o presente, onde a morte e a mortalidade não podem entrar" (F. M. Bragg, *Review and Herald*, novembro de 1856).

O povo de Israel "perdeu suas bênçãos como Seu povo escolhido." Todavia -

> os gloriosos projetos que Ele empreendera realizar por meio de Israel seriam cumpridos. Todos os que, por meio de Cristo, devessem tornar-se filhos da fé, deviam ser contados como semente de Abraão; eram herdeiros das promessas do concerto (*PP*, 502).

> Aquilo que Deus propôs realizar em favor do mundo intermédio de Israel, a nação escolhida, Ele finalmente executará através de Sua Igreja na Terra hoje (*PR*, 674).

As profecias do A.T. a respeito da função messiânica de Israel "estão achando cumprimento hoje nas linhas de estações missionárias que avançam e alcançam as entenebrecidas regiões da terra (*ibid.*, p. 375).

5. Para uma válida aplicação das profecias do A.T. na nova situação do N.T. para a igreja cristã, devemos recorrer os escritores inspirados no N.T. para obtermos orientação. A Conferência do Segundo Advento de Boston em 1842, como notou-se, baseou sua rejeição de uma aplicação literal das profecias do A.T. a um reino futuro dos judeus na Palestina por mil anos no fato "de que nenhuma porção das Escrituras do Novo Testamento" contém nem uma "intimação indireta da restauração literal dos judeus à velha Jerusalém."

O mesmo ponto é citado em um dos primeiros livros ASD: "Todo o *nosso ensino* das promessas e profecias do A.T. devem-se curvar ante as exposições do N.T.." (Waggoner, *op. cit.*, p. 97).

Base Bíblica da Posição ASD. *Promessas a Israel Baseadas no Concerto***.** Todas as relações de Deus com os israelitas nos tempos do A.T. eram baseadas no concerto que tinha originalmente sido ratificado entre Deus e Abraão (Gên. 12:1-3; 15:18; 17:2-7). No Monte Sinai, mais de quatro séculos depois, Israel fez um pacto de obediência a Deus, aceitando-O como seu soberano e tornando-se em um sentido especial, sujeito a Sua autoridade (Êxo. 19:5-8; 24:3-8; Deut. 7:6-14). Este concerto continuou em vigência até que os líderes da nação formalmente rejeitaram Jesus como Messias e declararam perante Pilatos sua obediência a "nenhum rei se não a César" (Mat. 21:43-45, 23:36-38).

Sob a relação do concerto, o povo de Israel pactuaram servir a Deus (Êxo. 19:1-8; 24:3-8), e Ele, de Sua parte, prometeu dar-lhes a terra da Palestina como sua herança (Ge. 15:18; Deut. 1:7, 8) e dota-lhes de bênçãos físicas, intelectuais e materiais únicas designadas a tornar-lhes a maior nação sobre a face da terra. Entre estas bênçãos do concerto estavam, saúde, vigor e imunidade à enfermidade e doença (Êxo. 15:26; Deut. 7:12-15); acuidade mental superior e são juízo (Deut. 4:6); sabedoria no cultivo do solo que gradualmente restauraria sua terra à fertilidade e beleza do Éden e traria prosperidade a seus rebanhos (Deut. 7:13; 28:3-5, 8, 12; Isa. 51:3; Mal. 3:10, 11). Como resultado da obediência, Israel gozaria prosperidade sem paralelos e alcançaria o mais elevado padrão de vida de qualquer nação (Deut. 8:18; 28:11-13), e se tornaria a maior nação sobre a face da terra (Deut. 4:6-8; 7:14; 28:1, 2, 10, 13; Jer. 33:9; Mal. 3:12.) Todas estas bênçãos eram atribuídas à cooperação total de coração com a vontade revelada de Deus, e a seus melhores esforços Ele acrescentaria as mais ricas bênçãos do céu (Deut. 4:9; 28:1, 13, 14; 30:9, 10). Israel deveria assim ser um exemplo vivo e um testemunho ao mundo da infinita superioridade do culto e serviço ao verdadeiro Deus (Deut. 4:6-9; 7:12-15; 28:1-13; Isa. 49:3, 6; 61:9; 62:1, 2), e uma a uma das nações se uniria a Israel em servi-Lo (Isa. 2:2, 3; 11:10; 14:1; 19:18-22; 45:14; 55:5; 56:6, 7; 60:1-12; Jer. 3:17; 16:19; 33:9; Zac. 2:11; 8:20-23).

Mas como resultado da apostasia, Israel perdeu a possessão da terra de Canaã, que era deles em virtude da relação do concerto, e passou 70 anos como cativo em Babilônia (II Crôn. 36:14-17; Isa. 5;1-7; Jer. 25:5-7; 29:18, 19; 32:21-23; Ezeq. 7:2-9; 12:3-28; 20:28, 35-38; 21:25-32; 36:18-23; Miq. 2:10; Os. 9:3, 15), onde deviam aprender em meio à adversidade as lições que falharam em aprender durante os tempos da prosperidade (Jer. 25:5-7; 46:28; Ezeq. 20:35-38).

*Restauração Após o Exílio***.** Após o cativeiro, Deus renovou Seu concerto com Israel, restaurou-o a sua própria terra e prometeu que

todas as promessas do concerto poderiam ainda se cumprir se eles fossem leais a Ele (Jer. 31:3-38; 33: 3-26; Ezeq. 36:8-11, 21-38; 43:10, 11; Miq. 4:8-12; Zac. 1:17; 2:12; 6:15; 10:6). É significativo que todas as promessas do A.T. apontando para um tempo de restauração para os judeus como o povo do concerto *antecipavam seu retorno do cativeiro Babilônico* (Isa. 14:1-7; 27:12, 13; Jer. 6:14-16; 23:3-8; 25:11; 29:10-14; 30:3-12; 32:37-44; Ezeq. 34:11-16; 37; Am. 9; Miq. 2:12-13). Um período de graça de 490 anos foi concedido a Israel em que se afeiçoasse ao propósito de Deus para ele como nação (Dan. 9:24-27; Jer. 12:14-17). Este período de tempo devia culminar com a vinda do Messias e o estabelecimento de Seu reino.

*O Reino Perdido na Rejeição do Messias***.** No tempo aprazado, veio o Messias, mas Seu próprio povo "não o recebeu" (João. 1:11). Três dias antes da crucifixão Cristo pronunciou o veredito do Céu sobre a nação judaica: "Portanto vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos"; "vossa casa vos ficará deserta." (Mat. 21:43; 23:38).

O cativeiro Babilônico não marcou "o fim definitivo" da função de Israel como o povo do concerto (Jer. 4:27; 5:18; 46:28), mas quando os judeus rejeitaram seu Messias, não houve certeza de restabelecimento; esta rejeição foi permanente e irrevogável (cf. Jer. 12:4-17).

O Reino Transferido. Com a irrevogável rejeição de Israel como o povo do concerto na cruz, os direitos, privilégios, promessas e bênçãos do concerto relação passou à Igreja Cristã como o representante escolhido por Deus sobre a terra (Mat. 28:19, 20; II Cor. 5:18-20; At. 10:34, 35; Gál. 3:9, 27-29; I S. Ped. 2:9, 10; Rom. 9:24-26, 30, 31; 10:12, 13). Como cada ser humano, os judeus poderiam ainda achar salvação, mas devem assim fazer como crentes em Cristo e não como descendentes de Abraão (Rom. 9:6; 11:1, 2, 11, 15, 22-26). Os escritores

do N.T. freqüentemente reinterpretavam as profecias do A.T. originalmente se endereçavam ao Israel literal, em termos da nova situação histórica, aplicando-as à igreja (At. 2:17-21; 15:15-17; Rom. 9:25-29; I Cor. 9:9, 10, Gál. 3:11, 16; 4:22-31; Heb. 4:1-10; 8:8-12; I S. Ped. 2:9, 10). Muitas outras profecias do A.T. — tais como as que afirmam a missão mundial de Israel e a reunião dos gentios, e as que apontam ao eterno repouso em Canaã — nunca foram, e nunca poderão ser, cumpridas a Israel como nação.

O conceito de que as promessas do concerto devam ser cumpridas ao Israel literal é baseado em uma concepção errônea da natureza condicional da profecia. Sendo que os judeus perderam sua posição especial como o povo do concerto, não há base escriturística para relacionar o presente retorno dos judeus à Palestina e o moderno Estado de Israel às promessas do concerto do A.T. .

*Cumprimento Sob o Novo Testamento***.** Após a transferência da relação do concerto para a Igreja, muitas profecias do A.T. que ainda não se cumpriram ao Israel literal, nunca se cumpririam porque eram estritamente condicionais à preservação da posição de Israel como povo do concerto. Outras seriam cumpridas para a igreja cristã, como o Israel espiritual, *em princípio* — mas não necessariamente em detalhes, por causa do fato de que muitos detalhes das profecias eram relacionados a Israel como uma nação literal localizada na terra da Palestina, embora a igreja cristã seja uma "nação" espiritual dispersa em todo o mundo. Obviamente, tais detalhes não podem se aplicar à igreja, pelo menos em sentido literal.

Visto que todas as promessas do A.T. originalmente se aplicavam ao Israel literal, é somente quando um escritor inspirado posteriormente as aplica à nova situação histórica, em que a igreja é o instrumento escolhido de Deus, que podemos estar certos da validade desta aplicação. Os detalhes que dependiam da continuação dos judeus a

serem o povo escolhido por Deus na terra da Palestina foram anulados por negligência. Tirar passagens escolhidas de seu contexto histórico e literário no A.T. e aplicá-las arbitrariamente a nossos dias não é uma exegese válida.

Em resumo, as profecias do A.T. concernentes a Israel constituem uma declaração do *propósito* de Deus com respeito aos judeus como povo do concerto; estas profecias eram estritamente *condicionais* por sua cooperação; rejeitando a Jesus como o Messias, a nação judaica esquivou-se da relação do concerto e perdeu seu relacionamento especial com Deus sob o concerto; as promessas e privilégios do concerto foram definitivamente transferidas à igreja cristã como o novo povo do concerto, para serem cumpridas até o ponto de serem aplicáveis à nova situação histórica; detalhes que dependiam da preservação da posição de Israel como o povo do concerto, residente na Palestina, foram anulados por negligência; somos dependentes dos escritores inspirados para uma aplicação válida destas predições do A.T. à Igreja.

ISRAEL, RESTAURAÇÃO DE. Veja **Israel, Profecias Concernentes a.**

— J —

JEJUM. Abstinência voluntária de alimento por propósitos religiosos ou outros, tais como saúde. Embora pareça não haver ordem divina para o jejum, a Bíblia, dá muitos exemplos daqueles que jejuaram por várias razões: Moisés (Êxo. 34:28), Davi (II Sam. 12:21-23), Elias (I Reis 19:8), Daniel (Dan. 9:3), Neemias (Nee. 1:4), Ester (Ester 4:16), Jesus (Mat. 4:2), Pedro (At. 10:30 [KJV]), os líderes em Antioquia (Atos 13:2 e 3), e Paulo e Barnabé (At. 14:23).

O princípio implícito no jejum é que quando judiciosamente conduzido, contribui para boa saúde e aumentando assim a sensibilidade espiritual. O jejum tem sido praticado limitadamente pelos ASD. Dias especiais de jejum e oração têm sido observados na IASD desde cedo em sua história. A seguir estão exemplos de anúncios de dias de jejum na Igreja.

Um chamado geral para tal dia foi escrito por Tiago White e M. E. Cornell:

> Consultamos nossos irmãos com os quais estivemos recentemente, a respeito de um dia de jejum e oração, tendo em vista a necessidade de trabalhadores fiéis no campo mundial; e também estado degradado de saúde de muitos que estão agora dedicados à obra; e a sugestão têm a aprovação de todos. ... Por conselho dos irmãos apontamos o primeiro Sábado de junho como um dia de jejum e oração. ... Recomendamos que todas as igrejas se unam em jejum

oração no dia mencionado, para o objetivo já citado (*RH*, 15/05/1855).

Um dia de jejum foi recomendado pela Igreja de Battle Creek, Michigan:

> Submetemos o assunto de um dia de jejum, humilhação e exame próprio, confissão e oração à Igreja de Battle Creek, que foi unânime em recomendar o sábado, dia 3/08/l861. ...
>
> A Bíblia, especialmente no N.T., não define muito bem o assunto de um jejum, se deveríamos nos abster inteiramente de alimento e por quanto tempo o faríamos. As pessoas fracas são geralmente muito dependentes de pequena quantidade de alimento que comem. Estes podem não ter nenhum dever na questão de abstinência. Recomendaríamos a todos que se abstenham de seu almoço, se for consistente, e terem as outras duas refeições fartas, se forem tomadas (*ibid.*, 23/07/1861).

Em 1877, houve um dia de jejum apontado pela Associação Nova Iorque em Pennsylvania e outro no mesmo ano pela Associação de Vermont, mas geralmente tal dia é estabelecido pela Associação Geral. Em 1866, a *Associação Geral anunciou um jejum de quatro dias, e em 1882 um de três dias. Porém, jejuns de tal duração foram incomuns.

JESUS CRISTO. Veja **Cristologia; Expiação; Nascimento Virginal; Profecias Messiânicas; Santuário .**

JOGOS DE AZAR. Veja **Recreação e Divertimentos**.

JOHNSON, JOHN BERGER (-1947). Pastor e pioneiro da *Casa Publicadora Brasileira. Nasceu na Califórnia, Estados Unidos, e em seu estado natal, educou-se em um dos nossos colégios. Ocupou cargos de responsabilidade na Obra Adventista, vindo em 1922 para o Brasil, onde exerceu o cargo de Diretor de Redação, na *Casa Publicadora Brasileira, função que desempenhou até 1933, quando foi eleito então gerente da mesma. Em 1937, foi convidado para assumir a gerência da Casa Editora Sudamericana, em Buenos Aires, permanecendo ali por 8 anos. Em 1945, retorna para a sua pátria, ocupando cargo de gerente geral de *A Voz da Profecia em Los Angeles, Califórnia.

Durante os 14 anos em que exerceu atividades no Brasil, participou como membro de várias mesas administrativas: na Casa Publicadora Brasileira, na *União Sul-Brasileira e no *Colégio Adventista Brasileiro. Desempenhou cargos como ancião, diretor da Escola Sabatina, regente do coro, entre outros em várias igrejas por onde passou.

Seu falecimento ocorreu em conseqüência da delicada intervenção cirúrgica a que teve que se submeter. A operação de um tumor intestinal foi bem sucedida, mas sobrevieram complicações às quais não resistiu.

Faleceu no dia 17 de janeiro de 1947, no sanatório de Glendale, Califórnia.

JÓIAS. Veja **Vestuário.**

JONES, ALONZO T. (1850-1923). Ministro, editor e autor. Nasceu em Ohio. Com a idade de 20 anos, foi alistado no exército e serviu a seu país por três anos. Enquanto a maioria dos colegas passava

suas horas de folga procurando diversão, ele estava em sua barraca estudando seus livros — vastas obras sobre história, publicações ASD que tinham chegado às suas mãos e uma Bíblia. Estava assim lançando um sólido fundamento de conhecimento para sua obra posterior como pregador e escritor. Após sua saída em 1873, foi batizado e começou a pregar para os ASD da costa Oeste dos EUA. Em maio de 1885, tornou-se o editor-assistente do periódico *The Signs of The Times*, e poucos meses depois ele e Ellet J. Waggoner tornaram-se os editores. Permaneceu nessa posição até 1889.

Em 1888, esses dois homens agitaram a sessão da Conferência Geral de Minneapolis com sua pregação sobre a justificação pela fé, e por muitos anos seguintes, foram enviados pelo Comitê da *AG* para pregarem sobre o assunto em todos os EUA, em reuniões campais e grandes congressos, em encontros de obreiros, em institutos ministeriais e em instituições ASD. Ellen G. White acompanhou-os a muitos desses lugares até que teve que partir para a Austrália em dezembro de 1891. Também por vários anos, os dois foram os principais oradores em sessões bienais da *AG*.

Em 1897, Jones tornou-se um membro do Comitê Executivo da *AG*. De 1897 até 1901, foi editor-chefe da *RH*, juntamente com Urias Smith como editor associado.

Em 1889, Jones e J. O. Corliss falaram perante uma comissão em Washington opondo-se à Bula de Breckinridge, que pretendia obrigar a observância do domingo no Distrito de Colúmbia. A bula foi derrotada e Jones logo foi reconhecido como o mais proeminente orador da denominação sobre assuntos de liberdade religiosa. Na ocasião, ele era editor de *Sentinela Americana*, precursora de *Liberdade.* Ele também escreveu exaustivamente para outros periódicos ASD e foi autor de vários livros.

Sentindo-se em desarmonia com certas políticas administrativas, Jones declinou da posição de membro do Comitê da *AG*, mas na sessão

da *CG* de 1901, aceitou um convite do Dr. *John H. Kellogg, que estava na ocasião procurando separar o Sanatório de Battle Creek do controle denominacional, para fazer parte de sua equipe. Contra o conselho de Ellen G. White, ele aceitou o convite.

Pouco antes da mudança da sede da *AG* de Battle Creek para Washington, D.C., em agosto de 1903, Jones foi convidado a participar da equipe da *AG* a fim de trabalhar na área de liberdade religiosa e em outras áreas para as quais ele estava capacitado. Ele aceitou, mas logo retornou a Battle Creek, aparentemente com o propósito de ajudar o Dr. Kellogg a ver o erro do caminho que estava tomando. Porém, simpatizou-se com o doutor em seu conflito contra a *AG*; o que resultou em sua separação do serviço pela igreja e finalmente, em sua exclusão.

Na sessão da *CG* de 1909, fez-se um grande esforço para trazê-lo de volta. Por três tardes seguidas, ele se encontrou com um grande comitê de líderes. Na última reunião, após um longo apelo pela reconciliação, A. G. Daniells, então presidente da *AG*, estendendo sua mão por cima da mesa, suplicou a Jones com as palavras: “Venha, irmão, venha.” Visivelmente comovido, Jones levantou-se, estendeu sua mão lentamente em direção de Daniells e então, recolhendo-a bruscamente, sentenciou: “Não, nunca,” e sentou-se.

Alonzo Jones permaneceu como observador do sábado e fiel à maioria das doutrinas fundamentais da IASD. Morreu sem um cortejo fúnebre.

JUBILEU. [heb. *yôbel*.] O 50º ano, no final do ciclo do ano sabático (Lev. 25:8, 10), no qual era proibido semear e colher (v. 11), todos os escravos hebreus eram libertos (v. 10) e as terras eram revertidas a seus proprietários originais (vv. 24-28). Esta última providência evitava que homens ricos formassem um grupo de proprietários de terra e uma grande classe ficasse sem ela. A venda da terra implicaria em um arrendamento a longo prazo. Porém, os

habitantes de uma cidade murada (exceto em cidades levíticas) estavam isentos dessa provisão; sua transferência era permanente, a menos que ela fosse remida dentro de um ano após a venda (Lev. 25:29-34).

Há divergência de opinião quanto a se o ano jubileu coincidia com o sétimo ano sabático no ciclo (isto é, o 49º ano), que seria o "qüinquagésimo ano" (Lev. 25:10) pelo cômputo inclusivo, ou se seguia-se os 49 anos. No último caso, haveria 2 anos sem colheita. Não há relato na Bíblia, ou fora dela, de uma real observância do jubileu; portanto, a questão permanece indissolúvel.

JUBILAÇÃO, JUBILADO, JUBILAR-SE. Termos usados pelos ASD para designar a aposentadoria de um obreiro após o tempo de serviço dedicado a IASD.

JUDEUS, RESTAURAÇÃO DOS. Veja **Israel, Profecias Concernentes a.**

JUÍZO. Processo escatológico pelo qual Deus intervém na história humana para recompensar "cada homem segundo as suas obras", para erradicar o pecado e seus resultados do Universo e estabelecer o reino justo, universal e eterno de Cristo. Os ASD entendem que o grande juízo final envolve três passos: (1) um *juízo investigativo, pelo qual os eleitos para a vida eterna são separados daqueles que não estão eleitos numa investigação pré-Advento; (2) um exame dos casos individuais dos ímpios pelos justos durante o *milênio, para garantir aos últimos que justiça está sendo exercida em cada caso e para determinar a sentença a ser distribuída para cada caso; e (3) o juízo executivo, que ocorre no fim do milênio, quando a sentença for executada no fogo do *Inferno.

Na pregação *Milerita, dava-se ênfase à *vinda de Cristo para executar juízo sobre o pecado e pecadores. Uma forte ênfase na mensagem de 1844 era o pronunciamento de que "é chegada a hora do seu juízo" (Apoc. 14:7). Mas já em 1844 a idéia de um julgamento em duas fases começou a ser ensinada. *Josias Litch naquele ano publicou um artigo intitulado: *Aos Clérigos*, no qual ele falou da "cena jurídica do juízo" precedendo a *ressurreição (p. 39) e da execução do juízo seguindo-a (p. 38). No ano seguinte ele explicou amplamente a distinção entre os dois:

> 1. Ele [o verbo *julgar*] é usado na Bíblia no sentido de um julgamento de acordo com a lei e evidência; a idéia é extraída de uma corte civil ou criminal. O termo é usado neste sentido em Lucas 19:22. ...
>
> 2. Significa um julgamento penal; ou a execução do juízo; e assim é usado em At. 7:7. ... Ambos os termos são usados em referência ao julgamento da raça humana. 1. Todos os homens serão trazidos a julgamento, e todas as suas obras e suas características morais serão examinadas e seu estado eterno será determinado pela evidência produzida dos livros de Deus, inclusive o livro da vida. ... Nenhum tribunal humano pensaria em executar juízo sobre um prisioneiro até que seja julgado; muito menos Deus. Ele trará toda obra a juízo, com cada segredo, sejam boas ou más.
>
> Mas a ressurreição é a *retribuição* ou *execução do juízo*; pois os que fizeram o bem sairão para a "ressurreição da vida." ... (Josias Litch, *Prophetic Expositions*, vol. 1, pp. 49, 50).

Deus, “O Ancião de Dias”, presidirá o Julgamento.

1. Daniel 7:9, 10 apresenta o Ancião de Dias vindo em Seu trono flamejante; o juízo é estabelecido e os livros são abertos. Ele é distinto do Filho do Homem, referido no verso 13, quando ele vem ao Ancião de Dias.

O Filho do Homem Executará o Juízo.

Desta maneira o Salvador declara, João 5:27: “E lhe deu autoridade para julgar porque é Filho do homem”. (*ibid.*, p. 52).

Da fase do julgamento que ocorre durante o milênio, Ellen G. White escreveu que Cristo e os santos —

julgam os ímpios, comparando seus atos com o código — a Escritura Sagrada, e decidindo cada caso segundo as ações praticadas no corpo. Então é determinada a parte que os ímpios devem sofrer, segundo suas obras; e registrada em frente ao seu nome, no livro da morte (*GC*, p. 666; Veja I Cor. 6:2-3).

A respeito da fase executiva do juízo, as Escrituras declaram: “desceu, porém, fogo do céu e os consumiu” (Apoc. 20:9). Comentando sobre os efeitos deste fogo, Ellen G. White declara:

> Alguns são destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias.
>
> Todos são punidos segundo suas ações. ... Seu [de Satanás] castigo deve ser muito maior do que o daqueles a quem enganou. Depois que perecerem os que pelos seu enganos caíram, deve ele ainda viver e sofrer. Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos (*GC*, p. 679).
>
> Esta foi a *execução do juízo* (E. G. White Estate, *Present Truth*, 11/1850).

Uma descrição primária da Bíblia sobre o grande e final juízo é a de Joel 3. Aqui, Deus liberta Seu povo e assenta o juízo sobre as nações que os oprimiram e os aniquila (Joel 3:1, 2, 11-17, 19-21). *Daniel desenvolve a idéia posteriormente em sua descrição do "Ancião de Dias" assentando-se em julgamento sobre a ponta pequena. "O juízo se assentou e abriram-se os livros". Como resultado, o "*quarto animal terrível e espantoso, "foi morto, destruído e levado à chama ardente". O Ancião de Dias então passa o domínio desta terra ao "Filho do Homem", para que "todos os povos, nações e línguas o sirvam; seu domínio é um domínio eterno", e "ao povo dos Santos do Altíssimo; e o Seu reino é um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão" (Dan. 7:9-14, 26, 27). João descreve uma cena similar no fim do milênio, com os ímpios mortos de todas as eras ressurretos e chamados a juízo ante a barra da justiça divina para receber a sentença e serem "lançados no lago de fogo" (Apoc. 20:7-15).

O apóstolo Paulo declara que Deus determinou um dia no qual Ele julgará o mundo, e no qual todos os homens, mortos ou vivos, devem comparecer perante o trono do juízo de Cristo, para serem

recompensados pelo que fizeram na carne (At. 17:30-31; Rom. 14:10; II Cor. 5:10; II Tim. 4:1; I S. Ped. 4:6). O juízo está intimamente relacionado, em termo de tempo, com a *Segunda Vinda de Cristo e o estabelecimento de Seu reino (II Tim. 4:1; Dan. 7:9-10, 13-14; Judas 14). No juízo, cada obra será considerada (Ecl. 12:13, 14; Apoc. 20:12). A lei moral de Deus é o padrão de juízo (Tiago 2:10-12). Os livros de registro do céu incluem o livro da vida e os registros da vida individual (Dan. 7:10; 12:1; Mal. 3:16; Apoc. 20:12). Deus o Pai e Cristo o Filho participam na obra de juízo (João 5:26, 27; Rom, 2:16; II Tim. 4:8; Judas 14, 15). A fase pré-milenialista do juízo dos ímpios é descrita em Apoc. 14:14-20 e 19:11-21. Antes do Juízo Investigativo, no final do milênio, os ímpios de todas as eras serão ressuscitados para ouvir a sentença pronunciada (Apoc. 20:12-15). A terra é então purificada do pecado e pecadores e é recriada para ser a morada eterna dos justos (II S. Ped. 3:7-12; Apoc. 20:14, 15; 21:1-5; 22:5).

Cristo representou o juízo nas parábolas da rede (separação dos justos dos injustos), Mat. 13:47-50; dos talentos (recompensas); Mat. 25:14-30; e da ovelha e dos bodes (separação), Mat. 25:31-46; e do homem sem o vestido nupcial (investigação dos convidados, separação dos justos e dos injustos, e a execução da sentença), Mat. 22:2-14.

JUÍZO INVESTIGATIVO. Termo próprio dos ASD que designa a primeira fase do grande julgamento final pelo qual Deus intervém nos negócios humanos a fim de trazer um fim ao reinado do pecado e iniciar o reino eterno de justiça de Cristo (Veja Daniel 7:9, 10, 13, 14). Esta fase inicial é chamada de Juízo Investigativo porque consiste em um exame dos registros da vida de todos os que professaram aceitar a salvação em Cristo e cujos nomes estão escritos no “livro da vida do Cordeiro”. Seu propósito é verificar sua qualificação para a cidadania no eterno reino de Deus. No fim do Juízo Investigativo, os pecados dos que permanecerem até o fim são “apagados” dos livros de registro e os

nomes de todos os outros são tirados do livro da vida. (Êxo. 32:32, 33; Apoc. 3:5; 20:12, 15; 22:19). Os ASD ensinam que em vista do fato de que em Sua *Segunda Vinda, Cristo recompensa "cada homem segundo suas obras" (Apoc. 22:12; Rom. 2:5-11), é evidente que esta investigação do registo da vida ocorre *antes* que Ele retorne a Terra para reunir os eleitos. A proclamação divina, "temei a Deus e dai-Lhe glória pois é chegada a hora do Seu juízo", é especificamente apresentada como *precedendo* o Advento (Apoc. 14: 7).

Seguramente, Deus não precisa investigar os registros para saber como determinar quem terá a salvação. É para o benefício de todos os seres criados que os fatos a respeito do futuro de cada pessoa devem ser conhecidos, como uma segurança de que toda a justiça foi feita e como garantia da eterna estabilidade do governo divino. Os escritores bíblicos falam de "livros" nos quais Ele guarda um registro do caráter das boas e más obras como medidas pelo conhecimento de uma pessoa (e voluntariamente relacionadas com estas) da graça divina e da vontade revelada de Deus (Êxo. 32:32; Mar. 16:16, Fil. 4:3; Tiago 4:17; Apoc. 20:12 e 13; 22:11 e 12).

A doutrina do Juízo Investigativo é parte integral da doutrina do *Santuário, e se relaciona especificamente com o cumprimento em antítipo do *Dia da Expiação no A.T. Em resumo, o Dia da Expiação consistia, em figura, de uma revista dos registros com Deus através da ministração no Santuário. No final do serviço especial do dia, uma transmissão final de todos os pecados que tinham sido confessados, perdoados e transferidos figuradamente ao Santuário durante o ano anterior, era realizada; o Santuário era "purificado" do registro destes pecados removidos (Veja Lev. 16).

Pessoas cujos pecados tenham sido incluídos nesta obra de purificação foram libertas de responsabilidade posterior por seu antigo registro de pecados, e sua posição sob a relação do concerto foi revalidada. Aqueles que não são mais considerados eleitos para

continuar na relação do *concerto, deveriam ser cortados de Israel. O antigo Dia da Expiação era dessa maneira um dia em que a elegibilidade de cada indivíduo israelita para permanecer sob a relação do concerto era revisada, e era portanto um dia de julgamento.

Desenvolvimento do Ensino ASD. *Guilherme Miller baseou sua mensagem de 1843/1844 principalmente no texto de Dan. 8:14: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o Santuário será purificado” defendendo que o período de tempo aqui especificado, terminou naquele ano (Veja **Santuário; Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs**). Ele entendia esta purificação do Santuário como a purificação desta Terra pelo fogo do último dia, na Segunda Vinda de Cristo em poder e glória. Quando, após o desapontamento de 1844, os que mais tarde se tornaram ASD revisaram a interpretação Milerita de Dan. 8:14, convenceram-se da validade da exposição de Miller quanto ao período de tempo, mas concluíram que o Santuário aqui referido é o Santuário Celestial (Heb. 8:2, 5; 9:6-9, 23; Êx. 25:8, 9), ao ser o Santuário terrestre purificado no Dia da Expiação (Lev. 16), e tendo deixado de existir no ano 70 A.D. Os pioneiros Adventistas concluíram que a purificação do Santuário predita em Dan. 8:14 deve se referir a uma purificação semelhante ao antigo Dia da Expiação a ser realizada no Santuário Celestial. O entendimento ASD de uma purificação celestial, de um grande dia antitípico de expiação é baseado nesta analogia tirada do livro de Hebreus entre o Santuário Celestial e o terrestre.

O ensino de que o Santuário a ser purificado em 1844 é o celestial foi primeiramente descrita por Owen R. L. Crosier. Há duas linhas de pensamento entre os eruditos adventistas a respeito de onde tenha este artigo sido publicado primeiramente. Um defende que apareceu primeiramente no *Day-Star* Extra de 1845. Outro afirma que foi no *Day-Star* Extra de 7 de fevereiro de 1846. Crosier enfatizou dois aspectos da purificação antitípica — o ato de apagar nossos pecados e sua

transmissão, figuradamente, para o bode expiatório. Isto é baseado em At. 3:19: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados, a fim de que da presença do Senhor venham tempos de refrigério”.

Crosier fez a ligação deste cancelamento de pecados com a purificação do Santuário dos pecados do povo no antigo Dia de Expiação.

> Um pouco de atenção à lei mostrará que os pecados eram transferidos do povo para o sacerdote e do sacerdote para o bode. 1º, Eram imputados à vítima. 2º, O sacerdote os levava em seu sangue para o Santuário. 3º, Após a purificação dos tais pecados no 10º dia do 7º mês, ele [o sacerdote] os punha sobre o bode. E o 4º, o bode, finalmente os levava para fora do acampamento de Israel até o deserto. Este era o processo legal, e quando realizado, o autor do pecado os terá recebido novamente, (mas o ímpio levará seu próprio pecado), e sua cabeça terá sido esmagada pela semente da mulher.

Mais ou menos no tempo em que Crosier estava escrevendo pela primeira vez sua posição a respeito do Santuário Celestial, Guilherme Miller escreveu uma carta (20/03/1845) na qual ele aplicou a mensagem da hora do julgamento ao ministério final de Cristo no Santuário Celestial:

> Que os números proféticos realmente findaram em 1844, para mim, há pouca dúvida. O que então havia de tão digno de nota que pudesse ser dito para responder à finalização dos períodos descritos por estes números tão

> enfaticamente descrevem o fim? Respondo. A primeira nota é, "É chegada a hora do juízo". Pergunto, há alguma coisa nas Escrituras que mostre que a hora ainda não chegou; ou em nossa atual posição, que mostre que Deus não está agora em seu último caráter judicial decidindo os casos de todos os justos, de modo que Cristo (falando na maneira dos homens) saberá quem levará em Sua vinda ou os anjos saberão a quem ajuntarão quando forem enviados a ajuntar os eleitos, a quem Deus justificou na hora de seu julgamento? Rom. 8:33. ... Parece também, pela descrição que João faz deste evento, Apoc. 19:1, 2, 11, que a cena do julgamento começa no céu, e a primeira coisa que os mortais verão será o mensageiro de Deus, Apoc. 20:1, que é Jesus Cristo, descendo de Deus, para executar o juízo escrito no céu por aquele que se assenta no grande trono branco. ...
>
> Se isso for verdade, quem pode dizer que Deus já não esteja justificando Seu Santuário, e ainda justificará a nós no tempo da pregação? (*Day-Star*, 8 de abril de 1845).

A julgar por seus escritos, os Adventistas que mais tarde formaram a IASD não notaram a sugestão de Guilherme Miller com respeito ao julgamento de Apoc. 14:6, 7 à purificação do Santuário mencionado em Dan. 8:14.

Nesta explicação inicial de outubro de 1844, o *desapontamento, Hiram Edson tinha falado de Cristo tendo uma "obra a realizar" no Santuário Celestial após o fim dos *2.300 dias e antes de Seu retorno, mas não deu explicação posterior. A explicação aumentada de Crosier do Santuário em seu artigo de 1846 não conecta a purificação do Santuário com o juízo. A mais próxima abordagem à idéia foi uma

alusão ao "peitoral do juízo", usado sobre o coração do Sumo Sacerdote quando ele saía para o Santíssimo no Dia da Expiação, "para que possa realizar o juízo" (*Day-Star* Extra, 7/02/1846).

Ele pode ou não ter aprendido isso com Enoch Jacobs, que em novembro de 1844, falou dos nomes dos filhos de Israel no "peitoral do juízo" como tipificando o povo cujos pecados são extirpados no retorno pessoal de Cristo e sugeriu a possibilidade de que no antitípico Dia da Expiação, o 10º dia do 7º mês, Jesus iniciou o juízo e estava planejando executar o juízo em pessoa. (*Western Midnight Cry*, 29/11/1844).

Também não é claro se Jacobs obteve a idéia da final purificação dos pecados de uma carta que recebera de Guilherme Miller (datada de 22/11) na qual Miller, respondendo a uma pergunta, escreveu que Cristo viria como juiz, para tirar nossos pecados; "que nossos pecados não podem ser purificados até que Cristo venha para julgar Seu povo é evidente em Rom. 14:10; II Cor. 5:10; Rom. 2:6" (*ibid.*, 21/12/1844).

Nem é, tampouco, possível achar uma ligação entre o ensino ASD e a referência de Josias Litch (*Prophetic Expositions*, 1842, vol. 1, pp. 49-54) com uma frase preliminar do juízo — o exame, ou execução do juízo na Segunda Vinda. Os vários elementos — a purificação dos pecados, a exterminação dos pecados, o exame dos livros, a purificação do Santuário dos pecados — estavam todos presentes no pensamento Milerita, mas não se pode traçar a síntese exatamente.

Pelo ano de 1849, quando o grupo ASD pioneiro estabeleceu sua identidade, Ellen G. White escreveu: "Vi que Jesus não deixaria o Santíssimo até que cada caso estivesse decidido, ou para a salvação ou destruição" (*Present Truth*, agosto de 1849; *PE*, 36), porém ela não o caracterizou como o juízo.

No mesmo ano, David Arnold (*Present Truth*, dezembro de 1849) e no ano seguinte José Bates (*RH*, dezembro de 1850), fizeram ecoar a frase "peitoral do julgamento," e levaram avante a idéia, para igualar a vinda do noivo para as bodas à entrada do Sumo Sacerdote no Dia da

Expiação, cancelando os pecados daqueles cujos nomes estão no peitoral (no antítipo, o Israel de Deus), mas nenhum dos dois menciona o juízo. Tiago White não mencionou o peitoral do julgamento em seu artigo no *Present Truth* de maio de 1850; e em outra discussão sobre a doutrina do Santuário (*RH*, janeiro de 1851), ele mencionou somente a remoção dos pecados colocando-os na cabeça do bode. Em 1853, John Nevins Andrews escreveu uma série de artigos sobre o Santuário quando chegou à purificação no dia da Expiação, ele mencionou somente o cancelamento de pecados e a transferência dos pecados para o bode expiatório (*RH*, 3 de fevereiro de 1853).

Porém em 1854, J. N. Loughborough assim como Guilherme Miller em 1845, ligou a purificação do Santuário como uma obra de juízo com a mensagem do primeiro anjo de Apoc. 14: “A hora de seu juízo é chegada”. Ele perguntou:

> Qual seria esta obra de purificação? Seria a purificação do santuário propriamente proclamada pela mensagem do primeiro anjo? em outras palavras, seria esta uma obra de julgamento? Para termos mais compreensão sobre o ato do Sumo Sacerdote se preparando para purificar o santuário; quase que a primeira coisa que ele fazia era cingir-se com o peitoral do juízo. Por que ele veste o peitoral? Ele certamente aparece como se estivesse indo realizar uma obra de juízo . . .
>
> Agora, leiamos I S. Ped. 4. O verso 5 declara que Cristo está pronto para julgar os vivos e os mortos. O verso 7 diz: “Ora, o fim de todas as cousas está próximo”. Verso 11. “Se alguém fala, fale de acordo com os oráculos de Deus.” (Oráculos = Dez Mandamentos. Veja At. 7:38). Por que falar como os oráculos de Deus? Porque os oráculos

> são os deveres trazidos pela mensagem do terceiro anjo. Verso 17: “Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem, ao Evangelho de Deus?” Verso 19, Encomendem as suas almas a Deus. I Tim. 5:24: “Os pecados de alguns homens são notórios e levam a juízo, ao passo que de outros só mais tarde se manifestam. “Vemos com isto o que é o juízo do qual o primeiro anjo de Apoc. 14 se refere (*ibid.*, 14/02/1854).

No ano seguinte, Urias Smith desenvolveu formalmente a idéia do juízo também na conexão entre a purificação do Santuário e a mensagem da hora do juízo:

> A obra da purificação do santuário terrestre era uma obra de julgamento. O Sumo Sacerdote entrava no Santíssimo, tendo o peitoral do juízo, e neste peitoral os nomes das doze tribos de Israel, a fim de realizar uma expiação pelo santuário e por todo o povo de Israel. Lev. 16:33. Isto prefigurava um fato solene; isto é, que no grande plano da salvação, viria um tempo de decisão para a raça humana; uma obra de expiação, que ao ser finalizada, o povo de Deus, o verdadeiro Israel, deveria estar justificado e purificado de todo pecado. ... Lemos em Dan. 7:10, que o *juízo* se assentou e os *livros* foram abertos. Novamente em Apoc. 20:12, os livros foram abertos e os mortos foram julgados pelas coisas escritas nos livros, *de acordo com suas obras.* Disto sabemos que, é mantido um registro do atos de todos os homens; e deste registro, é dada sua recompensa de acordo com seu merecimento. Não há

nenhum juízo neste sentido do termo, independente destes livros de registro; mas lemos (I S. Ped. 4:17) que há um tempo em que o juízo deve começar na casa de Deus; quando o pecado de alguns homens já são notórios, indo de antemão a juízo; (I Tim. 5:24); e se, diz Pedro, começa primeiramente conosco, qual será o fim dos que não obedecem ao Evangelho de Deus? Este deve ser um juízo da mesma natureza e pode se referir a nenhuma ou outra obra além do encerramento da ministração no Santuário Celestial. Por isso, a obra deve abranger o exame individual do caráter; e concluímos que a vida dos filhos de Deus, não somente dos vivos, mas de todos os que já viveram, cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro, passará durante este tempo na revista final perante o grande tribunal. Vemos, portanto, porque a este respeito, a obra do tipo é infinitamente sobrepujada pelo antítipo.

O primeiro anjo proclamou: “Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do Seu juízo”. No fim dos 2.300 dias, quando esta mensagem se cumpriu, tem chegado este tempo? Se a cena do juízo, que ocorre no segundo compartimento do Santuário, à qual esta proclamação sem dúvida se refere, não começou naquele tempo, não havia chegado; e o primeiro anjo com sua mensagem, era muito veloz. Mas cremos que aquela obra começou ali; que aquele era o tempo em que o juízo se iniciou na cada de Deus, e o tempo chegou em que Daniel e todos os justos na pessoa de seu advogado deveriam permanecer com sua recompensa (*ibid.*, 2/10/1855).

Finalmente, em 1857, Tiago White completou a doutrina usando o termo "Juízo Investigativo":

> "Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus?" I S. Ped. 4:17,18.
>
> Devemos considerar este texto como profético. Que ele se aplica ao último período da igreja de Cristo, parece evidente dos versos 5-7, 12, 13. No juízo da raça humana, somente duas classes são reconhecidas — os justos e os pecadores, ou ímpios. Cada classe tem seu tempo de juízo; e, de acordo com o texto, o juízo da casa, ou igreja, de Deus vem primeiro lugar na ordem.
>
> Ambas as classes serão julgadas antes de serem ressuscitadas dos mortos. O Juízo Investigativo da casa, ou Igreja de Deus acontecerá antes da ressurreição; assim irá o juízo dos ímpios ocorrer durante os 1.000 anos de Apoc. 20 e serão ressuscitados no fim daquele período
>
> É-nos dito sobre os justos, "Bem aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição", portanto todos os casos são decididos antes que Jesus venha para ressuscitá-los dos mortos. O juízo dos justos é efetuado enquanto Jesus oferece seu sangue para o cancelamento dos pecados. Os santos imortais reinarão com Cristo por 1.000 anos no juízo dos ímpios. Apoc. 20:4; I Cor. 6:2, 3. Os santos não somente participarão no juízo do mundo, mas julgando os anjos caídos. Veja Judas 6.

"Os pecados de alguns dos homens (os justos) são notórios e levam a juízo, ao passo que os de outros, só mais tarde se manifestam." I Tim. 5:24. Isto é, alguns homens confessam seu pecado e vão a juízo enquanto que os pecados não confessados e não arrependidos, seguirão e permanecerão contra o pecador naquele grande dia de juízo dos 1.000 anos.

Que o Juízo Investigativo dos santos, mortos e vivos, ocorre antes da segunda vinda de Cristo parece evidente no testemunho de Pedro. "Os quais hão de prestar contas Àquele que é competente para julgar vivos e mortos." I S. Ped. 4:5-7.

Parece que os santos são julgados enquanto alguns estão vivos e outros estão mortos. Para localizar o Juízo Investigativo dos santos após a ressurreição dos justos, supõe-se a possibilidade de um erro na ressurreição, sendo que a necessidade de uma investigação para ver se todos os que foram ressuscitados eram realmente dignos da primeira ressurreição. Mas o fato de que *todos* os que têm parte na primeira ressurreição são "benditos e santos" mostra que a decisão é passada por todos os santos antes da segunda vinda de Cristo. ...

Quando será o caso dos santos vivos passado em revista no Juízo Investigativo da casa de Deus? Esta é uma questão digna de especial consideração por parte de todos os que têm um caso pendente no tribunal do céu, e esperam vencer. Na ordem do céu, devemos procurar pelo juízo deles que seguirá o dos mortos e ocorrerá perto do fim da

porta da graça (“*The Judgment*”, *ibid.*, 29 de janeiro de 1857).

Resumo do Ensino ASD. A melhor apresentação sobre o Juízo Investigativo na literatura Adventista corrente é o capítulo intitulado “O Juízo Investigativo”, no livro *O Grande Conflito*, de Ellen G. White, do qual são tomadas as seguintes frases:

> A obra do juízo investigativo e extinção dos pecados deve efetuar-se antes do segundo advento do Senhor. (p. 488).
>
> [Ele] dirigiu-se ao Ancião de dias, [no céu] . . . ao terminarem os 2.300 dias em 1844 . . . nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar santíssimo e ali comparasse à presença de Deus a fim de Se entregar aos últimos atos de Seu ministério em prol do homem, a saber: realizar a obra do juízo de investigação e fazer expiação por todos os que se verificarem com direito aos benefícios da mesma. (p. 483, 484).
>
> Jesus aparecerá como seu *Advogado, a fim de pleitear em favor deles perante Deus. (p. 486).
>
> A intercessão de Cristo no Santuário Celestial em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como foi Sua morte sobre a cruz (p. 492).
>
> No grande dia da expiação final e o juízo investigativo considerados são os do professo povo de Deus. (p. 484).

Começando pelos que primeiro viveram na Terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva, finalizando com os vivos. (p. 487).

Os livros de registro no céu, nos quais os nomes e as obras dos homens são registradas, devem determinar a decisão do juízo. (p. 484).

A obra da cada homem passa em revista perante Deus, e é registrada pela sua fidelidade ou infidelidade. (p. 485).

A lei de Deus é a norma pela qual o caráter e a vida dos homens serão aferidos no juízo. (p. 486).

Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé hajam reclamado o sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, tiveram o perdão imputado ao seu nome, nos livros do céu; tornado-se eles participantes da justiça de Cristo, e verificando-se estar o seu caráter em harmonia com a lei de Deus, seus pecados serão riscados e eles próprios havidos por dignos da vida eterna. (p. 487).

Quando alguém tem pecados que permaneçam nos livros de registro, para os quais não houve arrependimento nem perdão, seu nome será omitido do livro da vida, e o relato de suas boas ações apagado do livro memorial de Deus. (p. 486).

> Quando se encerrar a obra do juízo de investigação, o destino de todos terá sido decidido, ou para a vida, ou para a morte. (p. 494).

> Quando se encerrar o juízo de investigação, Cristo virá, e Seu galardão estará com Ele para dar a cada um segundo a sua obra. (p. 489).

JUSTIFICAÇÃO PELA FÉ. Na terminologia ASD, a experiência da conversão mediante fé em Jesus Cristo, freqüentemente referida como "justificação pela fé", e a experiência vitalícia do viver cristão também através de fé em Cristo.

Os ASD crêem que o novo nascimento, importante como é, é somente o início de uma experiência do crescimento em Cristo, de conformar a vida, ponto por ponto, ao perfeito exemplo estabelecido para a vida cristã na vida de Cristo. A ênfase está apenas no fato de que o mesmo Cristo que salva um homem mediante o exercício de sua fé, capacitá-lo-á a desenvolver um caráter cristão, pela fé também; a justificação pela fé em Cristo é um processo contínuo. O ensino ASD claramente reconhece e enfatiza que a capacidade para viver uma vida cristã vem de Deus, não das obras do homem ou da obediência à lei moral de Deus.

A justificação pela fé foi uma doutrina Adventista desde seu início. Em 1842, Tiago White declarou:

> Os que representam os guardadores do sábado como se afastando de Jesus, a única fonte de justiça, rejeitando seu sangue expiador e buscando justificação pela lei, o fazem ignorante e impiedosamente (*Review and Herald*, *10/06/1852).*

Enquanto esta era a idéia aceita pelos pioneiros ASD, um estudo das publicações Adventistas daquele tempo revela pouca discussão sobre o assunto. Isto foi por causa de ênfase sobre umas únicas crenças denominacionais. Este relativo silêncio sobre o assunto da justificação pela fé reflete a firme aceitação de todos os ASD com respeito a esta crença cristã fundamental.

Em 1874, a recém criada revista *Signs of the Times* (Sinais dos Tempos) publicou uma lista dos "Princípios Fundamentais" da Igreja. Esta lista declara que "regeneração ou conversão" é "a obra especial do Espírito Santo," seguindo-se "arrependimento e fé". Um conceito de fé é refletido na seguinte declaração:

> Somos dependentes de Cristo, primeiro para a justificação de nossas ofensas passadas, e, segundo, pela graça pela qual rendemos aceitável obediência à sua Santa lei em tempos por vir *(Signs of the Times*, 04 de junho de 1874*)*.

A *Signs of the Times* reflete um crescente interesse editorial sobre o assunto da justificação pela fé que alcançou seu clímax em meados da década de 1890.

Ellen G. White, que experimentou conversão na Igreja Metodista, apoiou a idéia de uma grande ênfase evangélica como o fez seu esposo. Em 1875, ela escreveu:

> Cristo representou um caráter perfeito aqui sobre a terra, não para Seu próprio mérito, mas para o homem caído. Seu caráter, Ele oferece ao homem se este quiser aceitá-lo. O pecador, mediante arrependimento de seus

> pecados, fé em Cristo e obediência à perfeita lei de Deus, tem a justiça de Cristo imputada para si, torna-se sua a justiça, e seu nome é escrito no livro da vida do Cordeiro *(3T,* 371)

Falando da conversão de John Wesley em seu livro *O Grande Conflito*, ela diz:

> Ele continuou sua vida impoluta e abnegada, não como razão, mas como resultado da fé; não a raiz, e sim o fruto da santidade. ... A vida de Wesley foi dedicada à pregação da grandes verdades que tinha recebido — justificação mediante fé no sangue remidor de Cristo, e o poder renovador do Espírito Santo sobre o coração *(ed. de 1888,* p. 256*)*

Estas passagens refletem ao tema básico do ensino de Ellen G. White em toda a sua vida.

Durante a década de 1880, alguns líderes da igreja, inclusive Ellen G. White, sentiram uma crescente falta na pregação ASD de temas relacionados à justificação pela fé. Contínua ênfase sobre as únicas posições doutrinárias ASD tinha entulhado o que era o básico ensino do Evangelho. Esta questão tornou-se o tópico da Conferência Geral realizada em Minnesota, no outono de 1888. Nesse encontro, E. J. Waggoner, editor de *Signs of the Times*, pregou uma série de sermões sobre a lei e o Evangelho. Paralela a estes foi uma série de sermões de Ellen G. White em que ela discutiu exaustivamente a importância de uma clara compreensão da justificação pela fé. Em um de seus sermões, ela comentou da seguinte maneira sobre o tópico de Waggoner — a relação entre a Lei e o Evangelho:

> Não há poder na Lei para salvar o transgressor. O que ela faz então? Ela traz o pecador penitente a Cristo. ... A Lei aponta o remédio para o pecado — o arrependimento perante Deus e fé em Cristo *(ME, 1888*, p. 2).

Os que estiveram na Conferência Geral de 1888 e que sentiram claramente a necessidade por uma ênfase na justificação pela fé foram Ellen G. White, E. J. Waggoner e seu colega editor, A. T. Jones. Estes foram os que não partilharam sua preocupação. Waggoner e Jones eram homens relativamente jovens e eram considerados como entusiastas por alguns dos irmãos mais velhos. Alguns temiam que esta ênfase sobre a fé poderia enfraquecer a doutrina bíblica da importância da obediência. Mal-entendidos, oposição, e divisão obscurecem o relato daquele encontro. Porém, muitos dos que estavam relutantes em aceitar esta nova ênfase em 1888, mais tarde mudaram seu ponto de vista. Alguns continuaram por um tempo a se opor a ela.

Após encerrar-se o encontro, a Srª. White e o irmão Waggoner e Jones viajaram de Massachusetts à Califórnia, pregando a mensagem da justificação pela fé ao povo, a quem era geralmente bem-vinda. Um exame da literatura ASD publicada em 1890 a 1900 indica um grande volume material sobre justificação pela fé, inclusive os livros *O Desejado de Todas as Nações, Caminho a Cristo, O Maior Discurso de Cristo, Parábolas de Jesus e Patriarcas e Profetas* de Ellen G. White. Nestes livros está uma forte ênfase evangélica bem resumida como segue:

> Nosso único fundamento de fé está na justiça que Cristo imputou a nós, e na obra de Seu Espírito em nós e através de nós (*CC*, 63)

A virada do século encontrou os ASD envolvidos em um grande avanço missionário além-mar que necessitava de organização. Durante as primeiras duas décadas do novo século, a ênfase sobre justificação pela fé foi menor do que tinha sido no século dezenove. Expressou-se preocupação sobre o assunto novamente na década de 1920, por líderes tais como Meabe McGuire, Arthur Daniells, Carlyle B. Haynes, e I. H. Evans. Esta nova ênfase era uma clara reafirmação dos princípios tão fortemente enunciados em 1888 pela Srª. White e seus co-obreiros, e exerceu uma forte influência em todos os níveis.

O teor cristocêntrico desta pregação é ilustrado por uma declaração de W. W. Prescott em 1929:

> A mensagem da cruz são as boas novas, a bendita verdade de que Deus em Cristo tratou com o pecado de tal maneira que este não mais precise ser uma barreira entre nós e Deus, que o obstáculo a uma mais íntima relação com Deus foi removido e que nosso dom de vida eterna está ao nosso alcance. Um Cristo crucificado e ressurreto efetuou libertação da culpa e do poder do pecado para cada alma crente e da agonia do Getsemâni vem a alegria da salvação. Que maravilhoso Evangelho! Que compromisso Salvador! *(The Saviour of the World*, p. 48).

A doutrina da justificação pela fé é estabelecida nos quatro Evangelhos e nas Epístolas de Paulo aos Romanos e aos Gálatas. Os milagres de Jesus provêem lições objetivas de como o homem é salvo pela fé. A parábola do Filho Pródigo, por exemplo, ilustra os passos da redenção. A parábola das vestes nupciais é de igual modo eloqüente neste ponto. A ênfase de João é que a fé traz vida: “Estes, porém, foram

registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo tenhais vida em Seu nome" (João 20:31).

Os ASD crêem que a justificação vêm mediante fé em Cristo. O conceito de que um pecador pode tornar-se justo perante Deus pela fé no sacrifício vicário de Cristo é o próprio coração do Evangelho. Deus aceita como Seus filhos, os que recebem em crêem em Cristo (João 1:12-13; 3:3, 16) "não pelas obras da justiças que tenhamos feito, mas segundo Sua misericórdia, ele nos salvou" (Tito 3:5). Justificação é somente pela fé porque não pode ser obtida pelas obras. "Porque pela graça sois salvos, mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus." (Ef. 2:8-9). Nenhum homem poder ser justificado à vista de Deus pelas obras da lei, mas somente pela fé no poder de Cristo para salvá-lo do pecado e da morte (Rom. 6:23; Gal. 2:16). "O justo viverá pela fé" (Gál. 3:11). "Justificados, pois, pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo." (Rom. 5:1, 10). A fé em Cristo liberta o pecador da condenação e torna possível a ele permanecer justo perante Deus (cap. 7:24, 18:4).

Os ASD crêem também que uma pessoa que experimentou justificação pela fé em Cristo deve continuar a "crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (II S. Ped. 3:18). A justificação põe os pés do cristão no caminho da salvação; santificação é processo do andar pelo longo caminho rumo à perfeição de Jesus Cristo. A pessoa que experimentou a justificação pela fé em Cristo não "será conformado a este mundo," mas "transformada pela renovação" de sua mente, ao descobrir e aplicar à sua vida, "qual seja a boa e perfeita vontade de Deus" (Rom. 12:1, 2).

Paulo falou de sua própria experiência a este respeito como um avanço "ao prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Fil. 3:14). Ele mesmo um cristão renascido por muitos anos, Paulo declarou: "não que eu já o tenha recebido." Ele estava ferventemente "prosseguindo para alcançar aquilo para o que também fui conquistado

por Jesus Cristo" e marchava rumo à "soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (vs. 12-14). À esta experiência, os ASD comumente se referem como santificação, que é a obra de uma vida, em contraste com a justificação, que requer só um momento. Um cristão sofre a disciplina de Deus, processo pelo qual Seus filhos e filhas crescem à maturidade em Cristo (Heb. 12:5, 6, 11). Em um momento do tempo, a fé restaura o crente pecador à paz com Deus, mas uma vida inteira é requerida para que cresça até a plena estatura de Cristo (Ef. 4:12-15, 22, 24). Ao mesmo tempo, a justificação deve ser mantida.

As convicções ASD sobre esse aspecto do Evangelho têm sido apropriadamente resumidas por Carlyle B. Haynes em um folheto intitulado *Justificação Em Cristo:*

> Tornar-se cristão, então, não é a mera aceitação de um corpo de ensinos, nem um consentimento mental a um conjunto de doutrinas, nem a crença nas verdade da Bíblia de maneira meramente intelectual. Não é se unir à Igreja ou participar de seu ritos. É entrar em uma nova e pessoal relação com Cristo. ... Sem Ele, não haveria nenhum Evangelho. Ele veio, não tanto para proclamar a mensagem, e sim para que houvesse uma mensagem a ser proclamada. Ele Próprio era e é a Mensagem. Não Seus ensinos, mas Ele Próprio constituiu a Cristandade (pp. 16, 17).

Veja também **Fé e Obras; Lei; Lei e Graça; Novo Nascimento; Santificação.**

JUVENTUDE ADVENTISTA CURITIBANA (JAC). Localiza-se no bairro de Vista Alegre, Curitiba, PR. Pertence e é administrada pela *Associação Sul-Paranaense da IASD.

A JAC é um centro de recreação social para jovens de Curitiba. Organiza e realiza campeonatos, encontros, acampamentos e programas culturais.

Tem sede própria com duas quadras de vôlei e basquete, duas salas para diretoria, secretaria, cantina, cozinha, sala de jogos, vestuário, sala de leitura, sala de música e sanitários.

Foi fundada em 25 setembro de 1955, por iniciativa das famílias Passos, Siqueira, Menegusso, Neves, Bihaiko, Bondarczuck, Maciel, Toews, Chagas, Lima e outras.

Em 1970 foi incorporada ao patrimônio da *Associação Paranaense. Um secretário executivo nomeado pela Associação é que administra a sede.

No dia 14 de outubro de 1985, a JAC comemorou 30 anos de existência, com a presença de 2.000 jovens. Realizou-se, na ocasião, o 1º Festival de Música Sacra da JAC.

A primeira administração era composta por: Diretor: Paulo Passos; Secretário: Hugo Marquart; Tesoureiro: José de Souza Machado.

JUVENTUDE, REVISTA. A Revista *"Juventude"* é a precursora da Revista Mocidade, publicada pela *Casa Publicadora Brasileira(CPB).

O primeiro número da Revista *"Juventude"* foi distribuído gratuitamente a todos os jovens brasileiros em outubro de 1935. Era bem ilustrada, com 8 páginas e distribuição quinzenal. A publicação definitiva iniciou em primeiro de janeiro de 1936, trazendo assuntos diversos: experiências, poesias, notícias, temas jovens.

— K —

KÄFLER, FRANCISCO (1900-1987). Pioneiro no Espírito Santo. Nasceu em 1900 e conheceu a mensagem Adventista em Santa Maria do Jetibá, através de livros vendidos pelo *Colportor *Alberto Stauffer.

Esteve entre os primeiros adventistas do Espírito Santo, sendo batizado em Serra Pelada no dia 27 de dezembro de 1914.

Faleceu em 1987, aos 87 anos de idade, em Ribeirão, perímetro rural do distrito de São João de Laranja da Terra, ES.

KALTENHÄUSER, KAR (1878-1948). Missionário. Nasceu no dia 4 de março de 1878, em Duderstadt, Alemanha, converteu-se em Berlim numa série de conferências públicas realizada pelo Pr. G. W. Schubert, em 1906. Matriculou-se no Colégio Adventista de Friedensau, onde terminou o curso em 1909. Convidado a campos missionários por ser carpinteiro e construtor, foi enviado à Eritréia, África, onde trabalhou por um ano. Logo foi transferido para a África Oriental Alemã de então, como missionário pioneiro, e ali se casou com Ana Liedke, que infelizmente faleceu de febre maligna quatro meses e meio depois.

Em 1914, chegou ao seu campo de trabalho com a enfermeira missionária Lina Bartho, com quem se casou em 1915. Durante a primeira Guerra Mundial, foi prisioneiro de guerra dos belgas por um ano e meio, regressando à Alemanha em 1917. Em 1921, saiu novamente como missionário para a Abissínia, permanecendo ali até 1932, quando foi enviado para o Brasil. Trabalhou durante 7 anos no

Estado de Santa Catarina, pregando nas igrejas e grupos de Brusque, Blumenau, Harmonia, Itajaí, Benedito Novo, Gaspar Alto, Luís Alves, etc. Depois foi transferido para o Estado do Espírito Santo, onde, por 12 anos ministrou a Palavra de Deus nas igrejas de Serra Pelada, Manteiga, Laranjeiras, São João, Bananal, Ribeirão, Afonso Pena e outras.

Pastoreando as igrejas de Teófilo Otoni, Belo Horizonte e por último a de Juiz de Fora, veio a residir no *Instituto Teológico Adventista de Petrópolis.

Faleceu no dia 05 de julho de 1948, às 17:45 h., aos 70 anos de idade.

KANADA, TOSSAKU (1912-1978). *Pastor, Professor, evangelista entre os colonos japoneses. Nasceu no dia 17 de março de 1912, na Província de Okayamaken, na região Oeste do Japão.

Terminados os estudos no ginásio, por causa da crise econômica mundial da época, decidiu emigrar do Japão e veio para o Brasil em busca de melhores oportunidades. Isto ocorreu no ano de 1931, quando tinha 19 anos. Casou-se com Helen Krüger Kanada.

Com a finalidade de aprender a língua portuguesa, ingressou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). No ano de 1935, concluiu os seus estudos teológicos e ingressou na Obra Adventista. Iniciou sua carreira missionária como auxiliar de escritório, na Associação Paulista. Trabalhou como obreiro bíblico e pastor distrital. Fundou igrejas e construiu templos.

Foi pastor de Vila Matilde, Marília, Presidente Prudente, Juiz de Fora. Foi pastor, diretor e professor do *Instituto Adventista São Paulo (IASP), em Campinas, SP. Seu último trabalho foi o Evangelismo entre os japoneses, da Rua Taguá, em São Paulo.

Faleceu no dia 4 de fevereiro de 1978, aos 65 anos de idade, no Hospital Adventista de São Paulo (HASP).

KANNA, EDWARD

KAPTEINAT, CAROLINA (1875-1961). Professora pioneira em Ramada, RS. Veio com seu esposo da Europa em 1913. O casal radicou-se em Ramada, local onde se estabeleceu o primeiro núcleo Adventista da região.

Carolina não sabia falar português, mas ensinava esta língua a partir do estudo dos livros. Diversas vezes, veio ao *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) para fazer o curso de 3 semanas para professores. Na época, as escolas da região de Ramada eram convidadas a se apresentarem por ocasião das comemorações da Semana da Pátria, e os alunos da Profª. Carolina ganharam o 1º lugar por interpretarem de maneira impecável o Hino Nacional Brasileiro.

De seu casamento, nasceram 5 filhos. A Profª. Kapteinat sempre foi considerada uma fiel cristã. Pregava a mensagem do advento a todos quanto visitavam seu lar. Seu esposo dedicou-se à obra da *Colportagem.

Faleceu no dia 22 de setembro de 1961, aos 86 anos, em Ijuí, RS.

KAPTEINAT, GUILHERME (1879-1943). *Colportor pioneiro. Nasceu em 1870 na Alemanha, onde conheceu e aceitou a mensagem adventista. Casou-se com *Carolina Kapteinat em 1887 em seu país de origem. Da união nasceram cinco filhos. Foi batizado em 1906 em Friedensau.

Em 1913, veio para o Brasil. Em 1915, foi ordenado ancião por ser muito dedicado à obra de Deus. Colportou, também, durante muitos anos pela *Associação Rio Grande do Sul. Seu hino favorito era *A Jesus Seguir Eu Quero*, cântico nº 553 do Hinário *Cantai ao Senhor*. Completou bodas de diamante em 1953 poucas semanas antes da sua morte.

Faleceu no dia 22 de junho de 1953, aos 83 anos de idade.

KARRÚ, JOÃO HENRIQUE (1895-1961). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 10 de julho de 1895 no Rio de Janeiro, RJ. Era filho de Henrique Karrú e Maria Saturnina de Jesus. Tornou-se Adventista aos 21 anos, batizando-se em 9 de maio de 1917.

Ingressou na *Colportagem, onde permaneceu 15 anos. Trabalhou nos Estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

Casou-se com Yolanda Pereira em 3 de janeiro de 1924. Da união, nasceram três filhas e dois filhos.

Faleceu no dia 18 de abril de 1961, aos   anos de idade, acometido pelo mal de Chagas.

KARRÚ, YOLANDA PEREIRA (1903-1986). Professora. Yolanda Pereira Karrú nasceu em Machadinha, MG. Era filha de Sebastião G. Pereira e Maria de Salles Pereira.

Conheceu a Igreja Adventista do 7º Dia através de *João Henrique Karrú com quem se casou em 3 de janeiro de 1924. Da união, nasceram 3 filhas e 2 filhos.

Serviu a Obra Adventista por mais de 45 anos como professora, trabalhando nos campos da *Associação Paulista e *Missão Matogrossense da IASD.

Foi sempre atuante na Igreja desempenhando vários cargos, principalmente entre jovens e crianças.

Faleceu dia 20 de novembro de 1986, aos 83 anos de idade.

KATWINKEL, JOÃO (-1985) *Pastor. Casou-se com Otília Gollub. Desta união nasceram 2 filhos: Otto Air e Waldir.

O Pr. João Katwinkel foi distrital em vários Estados do Brasil e trabalhou como Departamental de *Colportagem.

Faleceu no dia 04 de fevereiro de 1985, aos 74 anos de idade, no Hospital de Taera, no RS. Foi sepultado no cemitério da Igreja Adventista de Não-Me-Toque, RS.

KATWINKEL, OTTO (1881-1967). Pioneiro no Rio Grande do Sul. Nasceu na Alemanha em 1881, vindo para o Brasil em 1892. Foi um dos fundadores de uma das primeiras Igrejas ASD do Rio Grande do Sul, a Igreja de Lagoa dos três Canos. Foi batizado pelo Pr. *Frederico W. Spies.

Faleceu no dia 24 de fevereiro de 1967, aos 85 anos de idade.

KELLOGG, JOHN HARVEY (1852-1943). Cirurgião, inventor de instrumentos cirúrgicos, pioneiro em fisioterapia e nutrição. Nasceu em uma fazenda no povoado de Tyrone, no Condado de Livingstone, Michigan, um entre dezesseis irmãos. Quando era jovem, a família mudou-se para Jackson, Michigan e dois anos depois, para Battle Creek Michigan, onde o pai montou uma fábrica de vassouras. Aos dez anos, John trabalhava na fábrica de vassouras, aos doze, aprendeu a tarefa de impressão, aos quatorze, era leitor de provas e aos dezesseis anos, professor de escola pública. Quando atingiu dezessete anos, freqüentou a escola durante um ano e se formou. Cedo na vida, ele exibia energia sem limites para trabalhar e adquirir conhecimento. Desde sua infância, ele consumiu muitas velas estudando à meia-noite. Em 1873, estimulado pelo casal *Tiago e *Ellen G. White a estudar medicina, ele se matriculou no Hospital e Colégio de Medicina Bellevue, em Nova Iorque. Em sua determinação de adquirir todo o conhecimento possível, ele fez arranjos com os professores para que lhe dessem aulas particulares sobre os assuntos não abordados nos cursos regulares. Diz-se que ele gastava mais dinheiro com professores particulares do que com as taxas escolares. Em acréscimo a seu sobrecarregado programa de

estudos, era editor do *Health Reformer* (mais tarde *Good Health*), uma posição que ele manteve durante toda a sua vida.

Em 1876, pouco depois de ter encerrado seu curso médico de dois anos, ele foi apontado como superintendente do *Western Health Reform Institute* (Instituto Ocidental de Reforma da Saúde) em Battle Creek. Essa instituição tinha sido aberta dez anos antes, como resposta a um chamado de Ellen G. White de que os ASD deveriam prover um "lar para os doentes, onde eles pudessem ser tratados em suas doenças e também poderiam aprender como cuidar de si mesmos para prevenir a doença".

A instituição, embora pequena a princípio, já tinha atraído considerável atenção. Agora sob a sábia administração e abundante entusiasmo de um jovem doutor, ela entrou em uma nova era de prosperidade e expansão. A fim de acomodar a crescente lista de pacientes, logo tornou-se necessário construir um hospital-sanatório maior, mais moderno e bem equipado, que comportaria novas alas e construções adicionais se necessário. Quando a instituição incendiou em 1902, Kellogg imediatamente estabeleceu planos para construir um prédio maior, mais moderno e mais bem equipado. Uma escola de enfermagem foi estabelecida e uma grande equipe de doutores qualificados foi reunida. Mais tarde, Kellogg teve uma parte importante como líder na organização do *American Medical Missionary College*, que começou a funcionar em 1895 e no qual muitos jovens ASD receberam seu treinamento médico. Ele próprio fez várias viagens à Europa para estudar cirurgia sob a tutela dos mais famosos cirurgiões do mundo em Londres, Paris, Berlim e Viena. Não passou muito tempo até que ele se tornasse conhecido na América e em todos os mares como um dos mais hábeis cirurgiões de seu tempo. Pessoas ricas e pobres, de alto ou de baixo nível, inclusive a realeza, vinham de perto e de longe para serem tratadas por ele. Porém, não foi somente a cirurgia que concedeu ao Sanatório de Battle Creek sua reputação universal; era também a

prática dos princípios estabelecidos por Ellen G. White para sua operação — dieta adequada, remédios naturais e tratamentos simples associados a amoroso e terno cuidado. O Dr. Kellogg muito fez no desenvolvimento dos princípios e métodos terapêuticos.

O Dr. Kellogg era um vegetariano convicto e um advogado entusiasta dos princípios de saúde e temperança. Foi ele quem inventou os sucrilhos e outros alimentos secos para o desjejum, agora conhecidos em todo o mundo. Ele inventou também o *Protose* e outros substitutos da carne. Posteriormente, ele foi o inventor da cabine elétrica (possivelmente para tratamentos utilizando a eletricidade), várias outras utilidades elétricas e máquinas para o tratamento de várias doenças. Muitos desses instrumentos estão atualmente em uso em hospitais do mundo inteiro. Ele interessava-se intensamente na medicina preventiva como na arte da cura. Ao ensinar o viver saudável, ele oferecia tributos aos princípios estabelecidos nos escritos de Ellen G. White, princípios esses que estavam sendo confirmados pelas descobertas da pesquisa médica.

Além de ser um bom médico e famoso cirurgião, foi um famoso escritor. Ele escreveu mais de 50 livros, a maioria desses obras científicas e numerosos artigos para jornais médicos, além de trabalhar como editor do *Good Health*. Ele também era um ótimo orador sobre saúde e temperança e um bom pregador. Ele sempre era chamado para campais e outras grandes reuniões.

Pouco antes da virada do século, o Dr. Kellogg entrou em conflito com os líderes da *Associação Geral em relação à sua tentativa de exercer o controle de todas as instituições médicas ASD com as quais ele tinha-se associado. Ele finalmente conseguiu obter o controle do Sanatório de Battle Creek, da Companhia de Alimentos de Battle Creek e da instituição de saúde no México. Ele também começou a ensinar algumas doutrinas estranhas. Seu livro *The Living Temple* estava permeado de princípios do panteísmo.

Fez-se de tudo para ajudá-lo a ver seu erro. Ellen G. White trabalhou com ele pessoalmente e enviou-lhe muitas mensagens, mas tudo em vão. Em 1907, ele foi excluído da Igreja. Somente alguns amigos bem íntimos o seguiram.

Em 1927, alguns anos após o rompimento e contra a instrução que tinha recebido, ele e seus associados construíram uma gigantesca ala adicional ao Sanatório de Battle Creek e, ao assim fazer, envolveu a instituição em dívidas de milhões de dólares. A depressão explodiu sobre os Estados Unidos em 1929 e lançou a instituição num vazio de perplexidade financeira, resultando finalmente em bancarrota. Quando os Estados Unidos se envolveram com a II Guerra Mundial, surgiu uma oportunidade em 1942 de os sócios venderem a instituição ao Governo por uma quantidade suficiente para pagar todas as dívidas e deixar para o Sanatório alguma quantia de dinheiro.

Os negócios do sanatório foram passados para pequenos escritórios do outro lado da rua. Logo surgiram conflitos sobre a verdadeira posse dos fundos que sobraram por ocasião da venda do grande edifício. A controvérsia chegou a um clímax com um litígio, instigado pelo doutor contra a IASD e seus líderes, que foi finalmente resolvida com a divisão de certas propriedade entre a corporação do Sanatório e a Associação Geral. Isso resultou em U$650.000,00 dólares para a Igreja.

O Dr. Kellogg se interessava muito pelo bem-estar de crianças e jovens. Ele e sua esposa não tinham filhos, mas proveram os fundos para a educação de muitos jovens, na realidade 40 meninos e meninas, e adotaram muitos deles.

Dessa primeira ligação com a obra organizada da IASD, o Dr. Kellogg manifestou um profundo interesse em iniciar e desenvolver novas instituições de saúde e casas de tratamento em diferentes partes da América e nos mares. Em pelo menos duas ocasiões ele foi enviado para

a Europa para auxiliar os líderes de lá a estabelecerem instituições médicas em seus campos.

Durante essa relação com a Igreja, o Dr. Kellogg sem dúvida realizou tanto quanto qualquer homem na Igreja, senão mais, para levar o nome e a obra ASD favoravelmente ao mundo. Tivesse ele permanecido leal, poderia ter prosseguido como uma torre de força. Muitos esperavam e oravam para que ele voltasse. Às vezes, ele pareceu amigável. Convidado por ele, o Comitê Executivo da AG realizou os Concílios de Outono no Sanatório de Battle Creek nos anos de 1926, 1932, 1933, 1934, 1937 e 1941.

Faleceu no dia 14 de dezembro de 1943, em seu lar em Battle Creek, sem voltar para a Igreja.

KEPPKE, EMÍLIO (1894-1983) Pioneiro. Nasceu em 1984 em Essen, Alemanha, onde, juntamente com seus pais e irmãos, aceitou a mensagem Adventista. Em 1913, resolveu vir ao Brasil. Foi um dos alunos pioneiros do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Casou-se com Ellen J. H. Keppke e desta união nasceram: Ervin, Nilse e Marlin.

Atuou em vários setores da obra, inclusive na *Casa Publicadora Brasileira (CPB), por muitos anos, enquanto sua esposa dedicou-se à área educacional, sendo professora por 30 anos em diversos campos, e preceptora também.

Faleceu no dia 8 de julho de 1983, aos 89 anos de idade, em Campinas, SP.

KEPPKE, HANNA LINDQUIST (1901-1957). Professora, diretora-auxiliar de *Colportagem. Nasceu no dia 06 de fevereiro de 1901. No Colégio Adventista Brasileiro (CAB), onde se diplomou em 1927, sempre se destacou por um comportamento exemplar. Nas férias, dedicou-se à colportagem com grande zelo missionário, tendo

trabalhado nas localidades mais difíceis. Foi diretora-auxiliar de colportagem na Associação Paulista, cargo que exerceu com muita dedicação, sendo depois convidada a ser instrutora bíblica em Curitiba. Foi também a primeira professora da Escola Primaria Adventista de Campo Grande, MS. Foi obreira na *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Faleceu no dia 24 de fevereiro de 1957, aos 56 anos de idade, na *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), em SP.

KEPPKE, OTO (1898-1970) Nasceu no dia 06 de abril de 1898, na Alemanha, veio para o Brasil em 1913, estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), durante o período de 1920 a 1925. Trabalhou nas Associações Paulista, Sul Rio-Grandense e na Missão Baiana; durante dois anos foi faturista na *Casa Publicadora Brasileira (CPB); atuou 16 anos como tradutor na *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA), em Buenos Aires e Montevidéu; aposentou-se em 1955, por motivo de doença.

Faleceu no dia 6 de abril de 1970 aos 72 anos de idade.

KIEL, ANA. P. (1899-1969). Professora. Nasceu na Lituânia, no dia 8 de maio de 1899. Em 1930 veio para o Brasil. Tornou-se adventista em 1938, em Porto Alegre e foi batizada pelo Pr. *Ricardo Wilfart.

Em 1939 foi chamada para o *Ginásio Adventista de Taquara (GAP), onde exerceu a função de professora até 1947.

Em 1940 foi para o *Instituto Adventista Paranaense (IAP), onde lecionou até 1958 e desde 1959 residia em Londrina onde exerceu o magistério até 1968.

Faleceu no dia 24 de dezembro de 1969, aos 50 anos de idade.

KING, GEORGE ALBERT (1847-1906). *Colportor pioneiro que desenvolveu a idéia da venda por encomenda da literatura ASD. Nativo do Canadá, veio aos Estados Unidos ainda jovem com o objetivo de enriquecer. Tendo aceitado os ensinos ASD, desejou pregar, mas foi desencorajado por *Tiago White, que não o via como um candidato promissor. Eventualmente, um membro da Igreja Adventista do 7º Dia leigo, "Tio Richard" Godsmark aconselhou-o a tentar vender folhetos e revistas ASD. Isso ele fez com muito sucesso nos EUA e Canadá. Em 1878 e 1879, ele estava vendendo livros e assinaturas de *Good Health* (Boa Saúde) e **Signs of the Times* (Sinais dos Tempos) em Ontário. Segundo reminiscências de C. F. Wilcox, outro colportor pioneiro, King e ele vendiam o livro de John H. Kellogg *Home Hand-book of Domestic Hygiene and Rational Medicine*, um livro massivo de mais de 1.600 páginas, em 1880, ganhando assim experiência em vender livros grandes ao público.

Na *Conferência Geral de 1881, King impulsionou os que estavam reunidos a levarem adiante o conselho dado pela Srª. White em 1879 de que os livros ASD deveriam ser vendidos amplamente entre o público, e argumentou poderosamente que os dois livros escritos por *Urias Smith, *Thoughts on Daniel and Thoughts on Revelation*, poderiam ser publicados juntamente de forma atrativa para serem vendidos ao público pelos colportores. Como resultado a esse apelo, os livros foram impressos juntamente, com novas ilustrações, pela **Review and Herald* já em 1882. D. W. Reavis relata que, fazendo uma demonstração do livro, King vendeu-lhe a primeira cópia do *Thoughts on Daniel and the Revelation* na mesma manhã em que o livro saíra do prelo, 3 de abril de 1882. O livro teve ótima venda e foi seguido por outras publicações ASD vendidas por encomenda.

Em 1887, King visitou a Guiana Inglesa na América do Sul, onde não havia obra ASD permanente na época e vendeu aproximadamente

U$ 900,00 dólares em livros. Após isso, ele colportou na cidade de Nova Iorque por aproximadamente 19 anos.

Faleceu em 1906. Através de toda a sua vida, King foi um entusiasta recrutador e instrutor de novos colportores.

Veja **Colportor.**

KLEIN, LIBÓRIO (1884-1973). Obreiro e *Pastor pioneiro em São Paulo. Nasceu no dia 24 de julho de 1884, em Santo Amaro, São Paulo, SP. Era filho de João Klein e Carolina Norgan Klein, brasileiros, filhos de imigrantes alemães que chegaram ao Brasil por volta de 1830, e radicaram-se no Bairro da Colônia, atual região de Parelheiros, São Paulo.

Dia 18 de maio de 1912, casou-se com Eva Machado e da união, nasceram 4 filhos: Neida Klein Stöehr, Nair Klein (falecida), Pastor Naor Klein e Neusa Klein Harder.

O casal conheceu a verdade através da primeiras conferências públicas realizadas em Santo Amaro, em uma tenda, por *John Lipke, *Germano Conrad e a obreira Bíblica *Malvina Preuss. Batizaram-se dia 23 de junho de 1914.

Na ocasião, como resultado das conferências, 19 pessoas decidiram-se pelo batismo e 12 eram ligadas à família de Libório Klein. A partir de seu batismo, Libório destacou-se como grande missionário. Participou da organização da *IASD de Santo Amaro, atuando como primeiro ancião.

Participou também da turma de alunos pioneiros do *Seminário Adventista, em 1915, preparando-se para o Ministério.

De 1919 a 1923 trabalhou como obreiro na região de São Paulo. De 1923 a 1924 trabalhou como pastor distrital em Bauru, Estado de São Paulo. Em 1925 afastou-se da Obra por motivo de saúde, não mais regressando ao ministério.

Em 1928 retornou ao *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) para que seus filhos pudessem estudar. O maior prazer de Libório Klein consistia na pregação do Evangelho.

Em 1972 completou 60 anos de feliz união conjugal com sua companheira Eva.

Faleceu no dia 21 de janeiro de 1973, aos 89 anos de idade, em Niterói, RJ. Foi sepultado em Santo Amaro, São Paulo, SP.

KLEIN, ORESTES (1902-1986). Professor e *Colportor. Nasceu no dia 23 de junho de 1902 em São Paulo. Trabalhou na Obra Adventista como professor primário no Araguaia (Escola Adventista de Fontoura) e no Rio Grande do Sul. Atuou também como obreiro bíblico em Pires do Rio, no Estado de Goiás, e em São Paulo.

De seu casamento com Cândida Azevedo Klein nasceram Wandyr Klein, Onélia Klein e Nilce Klein.

Faleceu no dia 14 de agosto de 1986 aos 83 anos de idade em Rolante, RS.

KLOPPE, FREDERICO H. (1902-1937). Obreiro da *Associação Paulista da IASD. Aceitou a Mensagem Adventista através de um programa de "*A Voz da Profecia". Batizou-se na *IASD Central Paulistana em 1950. Nessa época trabalhou como fiscal de vendas da firma "Montanha S/A - Engenharia e Comércio". No entanto, seu desejo era trabalhar na Obra Adventista.

Em março de 1953, ingressou-se na *Colportagem onde trabalhou até 1955. Em janeiro de 1956, por ocasião das Bienais, foi eleito Diretor de Publicações da Associação Paulista da IASD. Em 1958 passou a ser obreiro distrital dirigindo as igrejas da Lapa e Sorocaba.

Missionário dedicado tinha como objetivo pregar a mensagem do advento. Todavia, foi atacado por uma enfermidade que forçou-o a ausentar-se de seu trabalho.

Faleceu no dia 2 de janeiro de 1960, aos 35 anos de idade, na cidade de São Paulo, SP.

KNÖNER, HENRIQUE (1897-1988). Professor pioneiro. Nasceu em 1897 em Duisbrug, Alemanha. Em 1912 veio para o Brasil acompanhado pelos pais e cinco irmãos.

Em 1921, casou-se com Wanda Krampe, em Ijuí, RS, de cuja união nasceram quatro filhos.

Em 1925 e 1926 estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Trabalhou sempre em prol da educação sendo professor no município de Carazinho e Erechim, RS, até 1953, quando aposentou-se como obreiro adventista.

Faleceu no dia 23 de janeiro de 1988, em Xaxim, SC.

KOEHLER, MATILDE (1855-1955). Pioneira do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Nasceu no dia 1º de agosto de 1885. Por ocasião dos Irmãos Parder darem os primeiros passos para fundar uma escola em Taquara, mudou-se para lá, a fim de trabalhar como cozinheira do colégio.

Matilde fez a primeira refeição para os alunos e funcionários da então Escola Cruzeiro do Sul. Permaneceu ali por 10 anos. Mesmo depois que desligou-se dos trabalhos da escola, continuou a morar nos arredores. Sua casa tornou-se uma lar para muitos alunos externos.

Faleceu a 28 de abril de 1955, aos   anos de idade, em Taquara, RS.

KOINONIAS. Koinonia é um programa da Igreja Adventista do 7º Dia, que tem o objetivo de formar pequenos grupos de jovens ou familiares para estudo da Bíblia, oração e discussão sobre determinado assunto, uma vez por semana.

O termo "koinonia", é emprestado do grego e significa "comunhão". Os grupos de koinonia têm, portanto, a finalidade de promover maior união, apoio e crescimento espiritual, entre os jovens, membros da igreja e famílias.

As koinonias podem também ser realizadas em retiros de jovens de um ou mais distritos pastorais onde são dados orientação e material para o desenvolvimento de atividades missionárias. A koinonia familiar deve ser organizada nos seguintes moldes: escolha de um local apropriado, designação de um líder, visitas à pessoas que não são membros da igreja, um programa de estudos e reuniões.

A primeira koinonia no Brasil foi realizada em 1982, em Castanhal, Pará, entre membros de origem japonesa.

KÜMPEL, FREDERICO ROBERTO (1879-1963). *Pastor, administrador. Nasceu no dia 06 de agosto de 1879 em Wald Bei Salingen, Alemanha. Foi batizado na IASD no dia 07 de agosto de 1897. Casou-se em 04 de maio de 1905, com Emília Dreyer. Em 26 de dezembro de 1908, foi consagrado ao ministério, vindo para o Brasil como obreiro no dia 11 de agosto de 1911.

Depois de vir para o Brasil, nunca mais se ausentou do país, abrindo mão das férias a que tinha direito. Convidado à presidência da obra em Portugal, por amor aos brasileiros e ao Brasil, sua segunda pátria.

Durante o pastorado, foi presidente de associações na Alemanha como no Brasil. Aqui trabalhou especialmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, dedicando seus últimos anos ao *Evangelismo Público. Membro da Mesa Administrativa da *Casa Publicadora Brasileira

(CPB), foi também um dos fundadores do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB).

No dia 06 de novembro de 1921, faleceu sua primeira esposa. Casou-se novamente em 1922. São seus filhos do primeiro matrimônio: Elsa Emília Hoffmann e o Pr. Siegfried Kümpel. Da segunda, que faleceu a 17 de janeiro de 1959, Edna Kümpel.

Faleceu no dia 7 de novembro de 1963, aos 83 anos de idade, em Curitiba, PR.

KÜMPEL, GUILHERME FREDERICO (-). Pioneiro. Liderou o trabalho fundado em 1895, na cidade de Não-Me-Toque, RS, entre os anos de 1895 a 1898. As primeiras reuniões aconteceram em sua casa.

KÜMPEL, ISABEL (1864-1950) Adventista pioneira. Nasceu no dia 5 de abril de 1864, em Taquari, RS. Foi batizada em 1898 pelo Pr. *Huldreich. F. Graf.

Casou-se em 7 de junho de 1898 com o Pr. *Manoel Kümpel.

Faleceu no dia 30 de julho de 1950 aos 86 anos de idade em Ponta Grossa, PR.

KÜMPEL, JOSÉ (1875-1953). Co-fundador da Igreja de Não-Me-Toque, RS. José Kümpel foi também dos primeiros adventistas desse Estado. Batizado em 1898 pelo Pr. *Huldreich F. Graf.

Destacou-se como membro fiel dessa Igreja. Por mais de 20 anos, atuou como ancião e também tesoureiro.

Faleceu no dia 26 de fevereiro de 1953, aos 78 anos de idade.

KÜMPEL, MANOEL

KÜMPEL, SIEGFRIED (1908-1980). *Pastor, Professor e Diretor do *Faculdade Adventista de Teologia (FAT). Nasceu no dia 27 de julho de 1908 em Bartenstein, Alemanha. Filho de Friederich Robert Kümpel e Emielie Dreyer Kümpel. Desde seu nascimento obteve educação cristã.

Em 1911, chegou ao Brasil e, em 10 de dezembro de 1921, foi batizado em Bom Retiro, SC.

Em 1927, iniciou suas atividades na obra Adventista trabalhando no escritório da Missão Santa Catarina-Paraná.

Em 1929, terminou seus estudos no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), em São Paulo, trabalhando na tesouraria do mesmo. Casou-se com Cecília Gianini Kümpel, no dia 23 de setembro de 1930, em Curitiba, PR. Desta união nasceram Friederich e Vítor Francisco Kümpel. Permaneceu em São Paulo, trabalhando no escritório da Associação Paulista.

De 1930 a 1932, retornou a trabalhar na Missão Santa Catarina-Paraná, atuando no departamento de Evangelismo bem como no escritório da Missão.

Entre 1933 a 1944, trabalhou na Associação Rio-Grandense no escritório e no departamento evangelístico. Foi consagrado como Pastor em 31 de maio de 1934, em Porto Alegre, RS, sendo naturalizado brasileiro somente em 1951.

A partir de 1939, tornou-se pastor nessa mesma Associação até 1944, quando foi chamado para ser Professor e Pastor no então Colégio Adventista Brasileiro. Em 1950 torna-se diretor do Curso Teológico. A partir de 1961, exerceu a função de diretor da Faculdade Adventista de Teologia. Exerceu essa função por 18 anos. De 1962 a 1980. Continuou trabalhando no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), como pastor, professor e tradutor.

Dedicou-se, assim, por 54 anos de atividades ininterruptas à Obra Adventista de forma atuante e eficaz.

Faleceu no dia 11 de agosto de 1980, aos anos de idade, em São Paulo.

— L —

LACUNZA, MANUEL DE (1731-1801). Jesuíta do Chile e Itália, escreveu sobre profecias. Nasceu em Santiago, ele foi admitido na Ordem Jesuíta em sua juventude, tornou-se famoso na localidade e fez seus votos em 1766. Mas em 1767 foi excluído do Chile, com todos os outros jesuítas, quando a ordem foi suprimida nos domínios espanhóis. Indo primeiramente para Cádiz, Espanha, estabelecendo depois em Imola, perto de Bologna, no centro da Itália, ele começou a estudar os Pais da Igreja e então as profecias bíblicas, lendo todos os comentários que poderia achar. Em 1779, ele dedicou-se somente ao estudo das Escrituras.

O fruto de vinte anos de estudo foi *La Venida del Mesias en Gloria y Majestad*, escrito em espanhol aproximadamente em 1791 sob o nome de Juan Josafa Ben-Ezra, supostamente um hebreu cristão. O livro enfatizava o Segundo Advento no início do milênio.

Houve outras edições impressas deste tratado antes de sua morte, mas logo tornou-se popular de forma manuscrita e circulou na Espanha e em todos os lugares “de Havana a Cabo Horn.”

O livro foi primeiramente impresso em 1810 ou 1811, perto de Cádiz, sendo impresso secretamente. Foi impresso posteriormente na Espanha em 1812, em Londres em 1816 (a expensas do General Belgrano, Argentina), no México em 1821-1822, em Paris em 1825 e

novamente em Londres em 1826. Alguns preeminentes escritores católicos atacavam o livro, outros defendiam-no. Em 1824, ele foi colocado no índice de livros proibidos porque Lacunza tinha exaltado as Escrituras acima da tradição, ensinava que o *Anticristo não era um indivíduo, não tinha venerado a exposição católica e tinha suscitado o criticismo escrevendo no vernáculo. Em 1827, Edward Irving publicou uma tradução em dois volumes em Londres, resultando em grande conhecimento do livro na Inglaterra.

Lacunza ajudou a voltar a atenção de muitos para o *Segundo Advento de Cristo. Neste sentido ele foi considerado como um precursor de *Guilherme Miller. Porém, suas interpretações da profecia diferiam das de Miller em muitos pontos, e seu futurismo influenciou a tendência do pré-milenismo britânico no dispensacionalismo futurista moderno.

LADEIRA, JOSÉ (1926-1989) *Pastor, professor e preceptor. Casou-se com Neide Ladeira e tiveram 5 filhos. Dedicou-se por 15 anos ao trabalho. Foi professor das escolas de Tupã e Bauru; Preceptor no *Instituto Adventista São Paulo (IASP) e liderou os distritos de Dracena e Jaú, SP.

Faleceu no dia 1º de julho de 1989, em Dois Córregos, SP. A cerimônia fúnebre foi realizada no Templo Adventista de Dois Córregos pelos Prs. Tércio Sarli, Antenor Abreu e Celestino Garcia Gonzales.

LAGO DE FOGO. [gr. *limne tou pyros*. Essa expressão pode ser entendida como significando "o lago que é fogo."] Expressão usada por João para descrever o lugar que viu em visão, no qual foi lançada a *Besta, o *Falso Profeta, o diabo, a "*Morte e o *Inferno", e todos cujos nomes não se acharam no *Livro da Vida (Apoc. 19:20; 20:10, 14, 15; 21:8). O ato de lançar no lago representa a destruição daqueles

indivíduos, poderes e conceitos, muito embora esteja também implícito o tormento (20:10).

João viu a besta e o falso profeta serem lançados no lago no início do *Milênio em conexão com a vinda de Cristo como guerreiro conquistador para “ferir as nações” e “regerá com cetro de ferro” (Apoc. 19:11-21). O diabo, seus seguidores, a Morte e o Inferno, ele viu-os sendo lançados ali no final do milênio (Apoc. 20).

LAMPARELLI, STEPHENS

LANCHAS MISSIONÁRIAS NO BRASIL. As lanchas missionárias são utilizadas para a prestação de serviços aos que moram na beira dos rios e lugares de difícil acesso. Elas são equipadas para atendimento médico e odontológico, contando também com a presença de um pastor Adventista para dar assistência espiritual às famílias.

As duas lanchas mais novas são a Luzeiro XX e Luzeiro XXII penetrando 6 novos municípios do Amazonas. A Luzeiro XX é uma lancha de dois andares e a Luzeiro XXII tem o formato de arca com amplas condições de atendimento médico, dentário, raio X, laboratório, enfermaria e vários leitos.

A *Assistência Social Adventista (ASA) mantém nos principais rios do Território Nacional, 21 lanchas ambulatórios assistenciais, atendendo as populações ribeirinhas, aplicando medicina preventiva, curativa e educativa. Cada barco atende em média 20.000 pessoas por ano em consultas, medicamentos e tratamentos.

As lanchas do *Projeto de Integração e Serviço da Mocidade Adventista (PRISMA), trabalham com uma equipe de estudantes em diversas áreas especializadas. É um serviço voluntário.

Este trabalho teve seu início em 1927 com a chegada de *Hans G. Mayer Brachert. Idealizou construir a primeira lancha missionária do

Brasil a *“Ulm am Donau”* que significa “A Margem do Danúbio”. Hans Mayer era um missionário de sustento próprio. Ele colportava e sua esposa vendia aventais a fim de conseguir recursos para construir a lancha.

A segunda lancha foi chamada de “Mensageira”. *Leo Blair Halliwell foi o primeiro missionário chamado pela Obra Adventista para trabalhar nos rios do Brasil. Iniciou seu ministério no Rio Amazonas em 1931. No dia 4 de julho de 1931, recebeu a lancha Luzeiro I, assim chamada por sua esposa *Jessie Halliwell. A Luzeiro I foi projetada pelo próprio Leo Blair Halliwell. Media 11 metros de comprimento por 3,5 de largura, clínica, consultório e sala pastoral. Em seu primeiro dia de trabalho, medicaram 300 pessoas.

Em 1958, Leo e Jessie Halliwell entregaram o comando da Luzeiro I para Walter e Olga Streithorst. Luzeiro I - 1931 (Rio Amazonas); Luminar- 1946 (Rio São Francisco); Samaritana - 1955 (Rio Ribeira); Luzeiro V 17/03.1961; Luzeiro do Sul - 1963 (Baía de Paranaguá); Luzeiro D'Oeste - 1972 (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); Luzeiro Paulista - 1981; Luminar V- 1983.

Em 1967, a *União Norte-Brasileira da IASD recebeu a doação de um avião anfíbio para as atividades assistenciais realizadas pelas lanchas. Este avião recebeu o nome de “Leo Halliwell”.

LAODICÉIA. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

LAR ADVENTISTA DA VELHICE.

LAR ADVENTISTA DE IDOSOS - PORTO ALEGRE, RS. Localiza-se à rua Catarino Andreata, 47, Vila Nova, Porto Alegre, RS. É mantido pela IASD Central de Porto Alegre. Pertence à *Federação Sul Riograndense da IASD.

A instituição oferece 30 vagas para pessoas idosas. É um lar onde vivem 24 horas por dia. Estas pessoas desempenham artes manuais, bordado, travesseiros.

Trabalham ali 7 funcionários e uma diretoria constituída por membros leigos da IASD Central de Porto Alegre.

Este empreendimento teve início em 1988, sob a liderança do Pr. Eduardo Pereira, na época, pastor da Igreja Central. Sua organização ocorreu em 11 de junho de 1990.

A primeira administração era composta por:

Diretor: Pr. Eduardo Pereira;

Secretária: Herta Neumann;

Tesoureiro: Carlos Borges.

Diretores: Eduardo Pereira (1990-1991); Jonas E. Arrais de Matos (1992-1994).

LAR ADVENTISTA PAUL HARRIS, PR. Um lar para atender crianças carentes, localizado na estrada da fazenda Schmidt, s/n, no bairro Vila Nova, na cidade de Apucarana-PR. Pertence e é administrado pela *Associação Norte Paranaense da IASD.

As atividades desempenhadas pelo lar são: recreação, lavoura, granja, tricô e crochê. O lar foi idealizado e concluído no ano de 1976 pela liderança do Rotari Clube de Apucarana, tendo como participação a Associação de Senhoras Rotarianas. Ao finalizar o trabalho, resolveram reunir os líderes das Igrejas de Apucarana para a Instituição e doar a uma delas. Ao término da reunião, concluíram que a igreja Adventista do Sétimo Dia daria uma melhor continuidade ao trabalho e transferiram toda a documentação para o nome da Igreja Adventista.

O Lar Adventista Paul Harris tem capacidade para atender 34 crianças e sempre manteve esse número, contando com o desempenho de quatro funcionários.

A Mesa Administrativa do lar é composta por 4 pessoas (1990):

Presidente: Ivanaudo Barbosa de Oliveira;
Tesoureiro: Paulo Cândido dos Reis;
Secretário: Melquíades Soares;
Auxiliar Administrativo: Elifaz José Calixto.

LAR DA VELHICE. Veja **Centro Adventista de Convivência para Idosos.**

LAR INFANTIL ADVENTISTA CATARINENSE (LIAC), SC. Localiza-se na cidade de São Francisco do Sul, SC. É um centro que acolhe crianças e adolescentes órfãos e carentes.

O terreno possui 7.200 m^2, dos quais 580 m^2 de área construída, incluindo um parque de diversões e quadras esportivas. O LIAC possui dormitório para 30 crianças, refeitório, cozinha, escritório administrativo, casa para os "papais" João e Cinara Cizeski, além de um local onde funcionará uma pequena indústria, onde as crianças se ocuparão da produção de suco de uva.

Em 1982, a Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul doou uma área para a construção de um acampamento para jovens, que foi desativado pela existência de um outro nas proximidades, o *Centro Adventista de Treinamento e Recreação (CATRE), em Itapema. Surgiu então a idéia de transformá-lo num lar infantil, dando então origem ao Lar Infantil Catarinense, inaugurado em novembro de 1993.

LAR INFANTIL ADVENTISTA DE PALMEIRA DAS MISSÕES, RS. Localiza-se???????????. Acolhe crianças órfãs e carentes. As crianças abrigam-se num edifício de dois pavimentos, sob a responsabilidade e cuidado do Pr. Fernando Moreira e sua esposa, a irmã Graça.

O edifício onde funciona este lar antigamente abrigou um patronato que permaneceu fechado durante 13 anos.

O Lar Infantil foi fundado em novembro de 1993 e no dia 11 novembro de 1994, comemorou seu primeiro aniversário.

LAR INFANTIL NEANDERTHAL - HORTOLÂNDIA, SP. Localiza-se na Rua H, 807, Parque Hortolândia, na cidade de Hortolândia, SP. Pertence a *Associação Paulista Central da IASD.

Esta instituição atende crianças órfãs e carentes. Possui 4 funcionários que prestam serviço de educação e criação às crianças.

Os patronos dessa iniciativa foram os missionários Ernest Roth e sua esposa Erna Roth. Viajando pela Alemanha, o Pr. Roth visitou um lar de idosos da IASD na cidade de Neanderthal. Desejoso de construir um orfanato adventista no Brasil arrecadou donativos no valor de 2.538 marcos alemães. Os doadores pediram que o nome dado ao lar fosse Neanderthal.

Sua 1ª administração era composta por:

Diretor: Edmar Martins

Secretário: Dora Melito Martins.

Quando o lar completou 15 anos em 1989, 4 meninas também completaram 15 anos e houve uma grande festa de comemoração.

Em 1991, foi construída a cozinha e refeitório. Em 1992, construção do barracão para suco e dispensa e em 1993 construção do galinheiro e canil.

Diretores: Edmar Martins (1973-1983); Marcelo Borges (1983-1985); Maria Francisca e Pedro Barbosa Santos (1985-1994).

LAR INFANTIL "VOVÓ JOSEFINA", SP.

LAR DOS MENINOS DO XAXIM, PR. O Lar dos Meninos do Xaxim foi fundado em 1969, como fruto da iniciativa do casal Arlindo e Maria Herter, que se dispôs a atender meninos necessitados, órfãos ou não, oferecendo-lhes moradia, alimentação, educação e afeto.

Começaram o trabalho em uma casa no Bairro Boqueirão, Curitiba, PR, cedida pelo casal Jacob Albrech. Após 7 meses, foi efetuada a transferência para o Bairro do Xaxim, onde tinham uma casa própria. O número de meninos aumentou de 12 para 48.

Atualmente o Lar está construído numa área de 2 mil metros quadrados, no Bairro do Xaxim. Ali instalou-se uma escola para os meninos.

Vendo o bom funcionamento da escola e o desempenho dos Adventistas a administração passou totalmente para a *Federação Sul Paranaense da Igrejas Adventistas do Sétimo Dia, em assembléia realizada na sede da entidade, no dia 11 de abril de 1991.

LAR DOS REMIDOS. Os ASD crêem que os remidos serão transportados para o céu — a "a casa do Pai" — no *Segundo Advento (João 14:1-3; 1 Tess. 4:13-18; Heb. 11:16), onde viverão por mil anos. No final dos mil anos, os remidos voltarão a esta terra, que será renovada após a destruição do pecado e dos pecadores (veja **Inferno; Milênio**) e se tornará na habitação eterna dos remidos.

Os ASD crêem que, em grande parte, as condições na *Nova Terra serão semelhantes às condições existentes no mundo antes dele ser afetado pelo pecado. Portanto, olham para a vida que terão com corpos ressurretos e glorificados à semelhança do corpo de Adão antes de pecar e para as atividades que o homem teria, não tivesse o pecado aqui entrado. Aplicam a esta futura restauração a passagem: "A ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá; sim, virá o primeiro domínio, o reino da filha de Jerusalém" (Miq. 4:8). Também aplicam literalmente a passagem: "Pois eis que crio novos céus e nova terra ... Eles edificarão

casas, e nelas habitarão; plantarão vinhas, e comerão o seu fruto" (Isa. 65:17-21). Para eles, a vida futura não é uma existência espiritual em um céu imaginário.

Além disso, sendo que os ASD não crêem em uma existência entre a *Morte e a *Ressurreição, não crêem que os remidos vão para o céu na morte. Eles defendem que o "*Espírito", que volta a Deus na morte (Ecl. 12:7), não é consciente, mas representa a identidade pessoal que é preservada até a ressurreição, assim que, na ressurreição, todo homem terá seu próprio caráter (veja *SDABC*, 5:1093). Cremos também que os corpos ressurretos terão a semelhança dos corpos anteriores, de tal modo que um reconhecerá o outro.

A capital da nova terra será a *Nova Jerusalém, que, após o milênio, descenderá do céu será estabelecida sobre esta terra (Apoc. 21:1, 2, 10; Heb. 11:10, 14-16). Esta cidade é descrita em detalhes em Apoc. 21 e 22. A presença da cidade significa a presença de Deus, pois depois de João ter visto a Cidade Santa descendo ele declara: "ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles" (Apoc. 21:3).

Entre as condições que não existirão, João menciona o seguinte: "e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram" (Apoc. 21:4).

Como uma advertência contra a espiritualização das declarações escriturísticas a respeito da vida futura, Ellen G. White ressaltou:

> Um receio de fazer com que a herança futura pareça demasiado material tem levado muitos a espiritualizar as mesmas verdades que nos levam a considerá-la nosso lar. (*GC*, 681).

Longe de ser um estado de inatividade, a vida futura será de criativa atividade.

> Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas, as mais novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma, e do corpo. (*GC*, 683).

A despeito do que foi relatado nas Escrituras das glórias da habitação futura, os ASD crêem que nem tudo foi revelado.

> “Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deu tem preparado para aqueles que o amam”. O que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam” (I Cor. 2:9).

Os ASD antecipam que as glórias daquele mundo excederão em muito as mais acariciadas expectativas, e encontram em uma contemplação das glórias futuras uma forte motivação para dedicação cristã.

LAR MONTE SIÃO. O Lar Monte Sião é um orfanato Adventista da cidade de Pirassununga, SP.

Em 1954, Maria das Dores Contini, desejou fazer algo pelas crianças desamparadas. Vendeu suas propriedades na Capital Paulista e comprou um bom sítio, próximo a Pirassununga, dando início à construção do Lar.

Alguns anos depois, o Lar Monte de Sião chegou a abrigar mais de 100 crianças.

Há na propriedade dormitórios, casa para membros da diretoria e voluntários colaboradores, igreja, refeitório amplo, cozinha, área de lazer, terra para agricultura e criação de gado.

O lar recebe ajuda da Prefeitura local, da *Golden Cross Assistência Internacional de Saúde, da Almencar, de amigos e colaboradores da Igreja Adventista do 7º Dia.

LAVA-PÉS. Lavando os pés dos discípulos quando instituiu a ordenança da Santa Ceia, Jesus fez uso de uma prática comum contemporânea e deu-lhe significado espiritual (João 13:1-17). Por este ato de humildade Ele subjugou o espírito de orgulho e o desejo por supremacia que permeava o coração dos discípulos.

O ritual do lava-pés era geralmente observado na Igreja Cristã primitiva (cf. I Tim. 5:10). Mais tarde o lava-pés, era às vezes praticado em conexão com a festa do amor, ou agape, na Igreja apostólica. Visto que o *agape* (reunião dos cristãos para uma refeição) concedia a oportunidade de dar alimento aos pobres, ele também se tornou ocasião para lavar os pés. Mais tarde, como resultado de excessos, vários concílios da Igreja proibiram a celebração do *agape*, e isto pode prover uma evidência do desaparecimento do lava-pés como uma prática geral. O Concílio de Toledo (694 A.D.) recomendou o lava-pés na Terça-feira de Maundy (terça-feira que precede a Páscoa). O lava-pés foi mais tarde usado, em alguns casos em conexão com o batismo ou em substituição a ele, e às vezes até em casamentos.

A mais antiga referência extra-canônica existente ao lava-pés está no Cânon 48 do Concílio de Elvira (A.D. 306), que proíbe padres e clérigos de lavar os pés de recém-batizados quando eles deixam o tanque batismal, prática que foi seguida na Irlanda, no Norte da Itália, certas partes da Espanha, e Gaul, mas, de acordo com o testemunho do Sto. Ambrósio, não em Roma. Esta regra foi mais tarde incorporada na lei canônica.

Comentando sobre João 13:1-17, os Pais da Igreja, tais como Orígenes, geralmente consideravam a prática do lava-pés um símbolo de humildade. Mas havia outras opiniões. Ambrósio, bispo de Milão, explicava que o recém-batizado era ungido sobre a cabeça e seus pés eram lavados, de forma que, como no caso de Pedro, "os pecados hereditários eram retirados, pois nossos pecados são cancelados no batismo" (*Sobre os Mistérios*, vol. 10, p. 321). Na opinião de Ambrósio, o lava-pés era também um "auxílio em direção à humildade." Ele tem também uma experiência espiritual: "Lava os passos de minha mente para que eu não torne a pecar. Lava o calcanhar de minha alma, . . . para que eu não sinta a picada da serpente no pé de minha alma" (*Sobre o Espírito Santo, ibid.*, p. 95). Para Agostinho de Hipona, o lava-pés não somente indicava humildade entre os irmãos, mas devia ser praticada para perdão mútuo. Especialmente sobre a ocasião do lava-pés, ele disse: "Sabemos que fomos admoestados sobre isso . . . que deveríamos confessar nossas faltas uns aos outros, e orar uns pelos outros" (*Sobre o Evangelho de João*, vol. 7, p. 306). Uma razão por que o lava-pés não era literalmente e mutuamente praticado era que muitos interpretavam a ordem espiritualmente; isto é, eles defendiam que o exemplo de Jesus devia ser considerado meramente um padrão do que o cristão deveria fazer e não devia ser necessariamente uma repetição física, mecânica do lava-pés.

Os ASD pioneiros debatiam entre si a questão do lava-pés. Em 1845, alguns referiam-se a isto como "um exemplo para *mostrar* nosso

amor aos irmãos, por um ato de humildade da parte de um superior" (*The Day-Star,* 25 de outubro de 1845), e defendiam que era importante observar "*todos* os mandamentos de Jesus, até mesmo o de lavar os pés uns dos outros" (*ibid.,* 18 de outubro de 1845). A prática era algumas vezes referida como o "último mandamento" de nosso Senhor Jesus (*ibid.,* 18 de agosto de 1845). Os contrários à prática do lava-pés e do "ósculo santo" (Rom. 16:16, etc.) ligaram estes ritos com o fanatismo, sem dúvida porque eram praticados por alguns fanáticos na Nova Inglaterra que demonstraram sua humildade por métodos bizarros.

Em 1854, Ellen G. White advertiu que os membros "nem sempre tinham se portado tão judiciosamente como deveriam," e falou de evitar a aparência do mal" (*Supplement to the Christian Experience and Views of Ellen G. White,* 1854, pp. 37, 38).

Os ASD celebram a cerimônia precedendo a Ceia do Senhor, e por esta razão algumas vezes é chamado de serviço preparatório. Também é chamado *A Ordenança de Humildade*. É proposto que os participantes desfaçam as discórdias e confessem suas faltas uns aos outros durante a cerimônia. Homens e mulheres participam da cerimônia separadamente. Após o término da cerimônia, aqueles que participaram cumprimentam-se fraternalmente.

Quanto ao significado do serviço o trecho a seguir é extraído de *O Desejado de Todas as Nações,* p. 626:

> Esta ordenança é o preparo designado por Cristo, para o serviço sacramental. Enquanto o orgulho, desinteligência e luta por superioridade forem nutridos, o coração não pode entrar em associação com Cristo. Não estamos preparados para receber a comunhão de Seu corpo e de Seu sangue. Por isso Jesus indicou que se observasse primeiramente a comemoração de Sua humilhação.

Em um comentário adicional sobre o significado do serviço no contexto da instituição da ordenança por Jesus Ellen G. White declara:

> O serviço que Pedro recusava, era símbolo de uma purificação mais elevada. Cristo viera para lavar o coração da mancha do pecado. Recusando deixar Cristo lavar-lhe os pés, Pedro estava recusando a purificação superior incluída na mais humilde... Estas palavras [Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo] querem dizer mais que a limpeza do corpo. Cristo está falando ainda da mais alta purificação, ilustrada pela menor. Aquele que viera do banho, estava limpo, mas os pés calçados de sandálias logo se encheram de pó, e necessitavam novamente de ser lavados. Assim Pedro e seus irmãos tinham sido lavados pela grande fonte aberta para o pecado e a impureza. Cristo os reconhecia como Seus. Mas a tentação os levara ao mal, e necessitavam ainda de Sua graça purificadora. Quando Jesus Se cingira com a tolha para lhe lavar o pó dos pés, desejava, por aquele mesmo ato, lavar-lhes do coração a discórdia, o ciúme e o orgulho. Isso era de muito mais importância que a lavagem de seus empoeirados pés. Com o espírito que então os animava, nenhum deles estava preparado para comunhão com Cristo. Enquanto não fossem levados a um estado de humildade e amor, não estavam preparados para participar na ceia pascoal, ou tomar parte no serviço comemorativo que Cristo estava para instituir. Seu coração devia ser limpo. O orgulho e o interesse egoísta criaram dissensão e ódio, mas

tudo isso lavou Cristo ao lavar-lhes os pés. Operou-se uma mudança de sentimentos.

LEGALISMO. Idéia de que a salvação pode ser conseguida ou merecida através da obediência ao código legal. Os escritores do *Novo Testamento., particularmente Paulo firmemente se opõe a tal concepção. Especialmente em suas Epístolas aos Romanos e aos Gálatas, Paulo procura provar que nenhum homem pode ser justificado à vista de Deus pelas obras da lei. Ele vê o legalismo como a grande fraqueza do Judaísmo como ele o conhecia em seu tempo.

> Israel, que buscava a lei da justiça, não chegou a atingir essa lei. Por quê? Porque não decorreu da fé, e, sim, como que das obras (Rom. 9:31,32).

Para Paulo, o legalismo era impossível como meio de salvação. Em contraste com a fé, que requer um relacionamento positivo com Deus, o legalismo representa uma atitude negativa. É neste ponto, finalmente, que a questão de ser o homem legalista ou não deve ser estabelecida. Teologicamente ele pode defender que a justificação é pela fé, mas se seu modo de viver e atitude em relação à lei de Deus são basicamente estruturados em termos de um mero código de *pode* e *não pode*, ele ainda é um legalista — “A letra mata, mas o Espírito vivifica.” A liberdade do cristão não significa que ele não mais observa as exigências de Deus; significa que ele age assim através da fé, em gratidão pela salvação que recebeu. Tendo recebido a salvação, ele obedece como um ato de amor e gratidão, com o desejo de condescender com a vontade de Deus. Este ensino exclui qualquer abordagem básica possível à religião em termos de um código legal.

Veja **Fé e Obras; Lei, Lei e Graça; Justificação Pela Fé, Salvação; Santificação.**

LEI. Os ASD têm sempre distinguido a lei moral ou os *Dez Mandamentos da *Lei cerimonial, ou exigências rituais do sistema religioso judaico. A lei moral é uma linguagem humana do caráter e vontade de Deus e dos princípios pelos quais Suas criaturas devem viver. Por ser a lei proveniente de Deus e expressar Seu caráter, e por ser o caráter de Deus imutável, os princípios desta lei também são eternos.

Tanto o *Antigo Testamento e o *Novo Testamento contém os dez preceitos da lei moral, embora freqüentemente expressa na forma de dois grandes mandamentos — amor a Deus (os quatro primeiros), e o amor ao homem (os seis últimos); (Deut. 6:5; Lev. 19:18; Mat. 22:34-40). No sermão da Montanha, Cristo explicou alguns princípios da lei moral e fez uma explicação prática deles ao quotidiano. Originalmente, Deus implantou estes princípios no próprio ser de Adão e Eva, juntamente com a inclinação natural de viver em harmonia com eles. O Criador também dotou-o com a faculdade do *Livre Arbítrio; ele poderia escolher o senhorio do Criador por obediência voluntária ou poderia desobedecer. A obediência garantiria a *Vida Eterna; a desobediência incorreria em condenação e morte. O homem encontraria a verdadeira liberdade mediante a obediência motivada pelo amor. A lei moral nunca foi contra o homem; é sua garantia de liberdade em Cristo.

A lei moral exige justiça e condena a injustiça. Por Sua vida perfeita entre os homens, Cristo satisfez todas as exigências da lei e demonstrou que ela é justa e boa. Por Sua morte vicária sobre a cruz, Ele satisfez todos os requisitos da lei e demonstrou que ela é justa e boa. Por sua morte vicária sobre a cruz, Ele satisfez as justas exigências da lei para com os transgressores. Por Sua graça, Ele troca Sua própria perfeita justiça pela injustiça do homem, e capacita-o a vencer cada tendência

pecaminosa e a crescer, passo a passo até a plenitude do caráter perfeito de Cristo. Tudo isso é conseguido pela fé, à parte das obras da lei.

No coração do pecador arrependido e perdoado, transformado pela graça divina, haverá um sincero desejo, motivado pelo amor, a viver em harmonia com todas as exigências divinas — não a fim de ser salvo por qualquer suposto mérito de sua parte, mas porque já achou a salvação pela fé na infinita graça de Cristo. “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma, antes confirmamos a lei.” (Rom. 3:31). O perdão pelas transgressões passadas não leva consigo uma indulgência plenária para se manter transgredindo a lei. “De modo nenhum. Como viveremos ainda em pecado, nós os que para ele morremos?” (Rom. 6:2).

Os princípios exarados na lei moral são eternos. Como temos visto, o Criador implantou esses princípios no coração de nossos primeiros pais quando os criou. No Monte Sinai, Ele estabeleceu esses princípios na forma de dez explícitos *Mandamentos, em linguagem adequada ao coração do homem, perdido como estava no pecado. Estes mandamentos Ele expressou com Sua própria voz e os escreveu com Seus próprios dedos sobre duas tábuas de pedra.

Posteriormente, Ele revelou a Moisés o código cerimonial, cujos tipos e símbolos apontam a Cristo e devem ajudar o homem a entender e permanecer firme na redenção mediante o infinito sacrifício de Cristo. Seus ritos e sacrifícios não poderiam nem tirar o pecado nem deixar a consciência livre, mas poderia levar à fé no Redentor vindouro, em quem todos encontravam cumprimento e realidade. Sem fé neste grande sacrifício, divinamente provido e prometido, aqueles seriam sem sentido (Heb. 9:8.15).

A lei moral é espiritual e pode ser guardada somente por homens cujos corações tenham sido renovados pelo Espírito de Deus. Nunca, em nenhuma geração, tem esse Autor buscado do homem mera resposta exterior à letra da lei. A lei moral exerce sua autoridade sobre o homem

interior. Revela o pecado como uma violação consciente da conhecida palavra de Deus, compelindo com isso o pecador a se reconhecer como tal, e prepará-lo para buscar, e receber a misericórdia de Deus em Cristo. Proíbe não somente atos externos de transgressão mas cada pensamento e motivo que levaria a tais atos. Requer submissão de coração bem como de vida a Deus, e aponta Cristo para o pecador para que obtenha dEle o perdão. Todas as tentativas de granjear justiça aderindo-se escrupulosamente a exigências legais, até mesmo os da lei moral, são inúteis.

A vida de Cristo e Seus ensinos estavam juntamente em harmonia com a lei moral. Ele vindicou essa lei, estabeleceu-a, confirmou-a e a honrou mediante perfeita obediência a suas exigências. Os que escolhem seguir a Cristo procurarão tornar-se iguais a Ele. A lei moral de Deus será escrita sobre o coração e mente destes. Todos os que tiveram verdadeiramente se convertido e estiverem salvos pela graça, encontrarão sua suprema felicidade em amorável submissão a sua autoridade divina da lei moral, pois ao reconhecer tal autoridade, reconhecem a autoridade de seu Autor, Jesus Cristo.

A função adequada da lei moral é fazer uma distinção clara entre o certo e o errado, tornar conhecido ao homem o padrão de conduta que Deus aprova, condenar toda a conduta que não se harmonizar com este padrão, convencer os culpados de tal conduta, e convencer o pecador de sua necessidade de salvação pela fé na graça de Cristo. Mas a lei moral não pode justificar o pecador que a transgride, nem pode prover o desejo ou a possibilidade de viver em harmonia com seus preceitos, nem a observância dela pode agradar a Deus. Esses são usos impróprios da lei moral e constituem o que é conhecido como legalismo, que é a crença e tentativa de achar salvação e aceitação da parte de Deus pelos próprios esforços do homem para guardar a lei, em contraste à salvação pela graça somente. Os ASD insistem que não pode haver salvação pelas obras da lei (veja **Legalismo**).

O Evangelho traz uma mudança, mas esta mudança não está na lei moral. É a transformação do crente em virtude de seu novo relacionamento com Cristo. O Evangelho liberta o crente da penalidade da lei mas não de sua obrigação de viver em harmonia com seus preceitos.

Em geral, os protestantes têm afirmado crer na força vigente da lei moral; ou Dez Mandamentos, ensino esse que os ASD reconhecem estar em harmonia com os ensinos das Escrituras. Mas quando os ASD insistiram que o quarto mandamento requer observância do sétimo dia da semana, o *Sábado, como uma conclusão logicamente inevitável, encontraram os vigorosos assaltos de certos grupos que insistiam que tais passagens paulinas como Col. 2:14-17 indicam a abolição de toda a lei do A.T. na Era Cristã, inclusive da lei moral. Os ASD, por sua vez, chamaram a atenção à nítida distinção entre a lei moral e a cerimonial, quanto ao caráter, função e força obrigatória da lei na Era Cristã. Por exemplo, em um livro intitulado *The Law of God* (A Lei de Deus), de 1854, J. H. Waggoner chamou a atenção para o seguinte:

> Sob a dispensação judaica, estavam incorporadas duas espécies de lei. Uma estava fundamentada em obrigações crescentes da natureza do homem e suas relações para com Deus e de uns com os outros; obrigações que vigoravam antes de ser escritas, e que continuarão a vigorar com todos os que as conheçam no fim do tempo. Tais são as leis que foram escritas pelo dedo de Deus sobre tábuas de pedra e são chamadas leis morais.
>
> A outra espécie, chamada lei cerimonial, relacionada às várias observâncias externas, que não são obrigatórias

até terem sido ordenadas e então vigoravam somente sobre os judeus até a morte de Cristo (pp. 120, 121).

Em outro lugar ele diz destas duas leis:

Por comparação, encontramos que duas diferentes leis são referidas no Novo Testamento: uma que não foi anulada pela fé em Cristo, que Ele não veio anular; e outra que Ele apagou e pregou na cruz (*ibid.*, p. 73, cita Mat. 5:17, 18 e Col. 2:14-16 para ilustrar a distinção).

A respeito destas duas leis, John Nevins Andrews escreveu:

A lei de dentro da arca era a que exigia expiação; a lei cerimonial que ordenou o sacerdócio levítico e os sacrifícios pelo pecado, era a que ensinava ao homem como a expiação poderia ser feita (*The Two Laws*, p. 28)

Sem dúvida, essas duas leis não deveriam ser confundidas. Uma foi magnificada, honorável, estabelecida e é santa, justa, espiritual, boa, real; a outra era carnal, sombria, pesada; e foi abolida, quebrada e tirada do caminho, pregada na cruz, mudada, e anulada o relato de fraqueza e inutilidade dela. Os que corretamente dividem a palavra da verdade nunca confundirão estes dois códigos essencialmente diferentes, nem se aplicarão à lei real de Deus a linguagem utilizada a respeito da escrita das ordenanças (i*bid.*, pp. 31, 32).

Veja também **Fé e Obras; Lei e Graça; Legalismo; Justificação pela Fé; Santificação.**

LEI CERIMONIAL. Veja **Lei**.

LEI E GRAÇA. Graça é o favor divino estendido àqueles que estão culpados e condenados a morrer perante a lei divina. A necessidade da graça divina surge da incapacidade do pecador de satisfazer às exigências da lei divina, exceto por sua própria morte. Fosse possível abolir ou mudar a lei divina, não haveria necessidade da graça. O pecador não pode atravessar o abismo cavado pela sua transgressão à lei: ele não pode restaurar-se ao favor divino.

Lei e graça não são contrárias a si mesmas. Não são mutuamente exclusivas. A graça oferece salvação da penalidade da lei, através da justiça de Cristo. Preserva a honra e a majestade da lei e governo divinos e concede vida aos que violaram a lei e se rebelaram contra o governo do céu. A graça não é a emancipação do pecado e da penalidade da lei. A lei condena o transgressor; a graça supre a penalidade e liberta o pecador. A graça honra a lei apresentando a perfeita obediência de Cristo no lugar da desobediência do pecador. A graça não diminui a autoridade da lei, mas leva os que foram perdoados a servirem a Deus em novidade de vida, de acordo com Sua justa vontade. A graça liberta o pecador da condenação da lei a fim de que ele possa obedecer e honrar a lei por sua nova e santa vida. O Cristão deve "crescer" dentro da esfera da graça de Deus.

Sobre a relação entre a lei e graça como determinantes da preparação da pessoa para a vida eterna, M. B. Smith escreveu:

> Nesta vida somos livremente justificados por Sua graça. ... Mas no julgamento, a graça não é regra pela qual o

> homem é justificado, mas serão julgados então “de acordo com suas obras, sejam boas ou más” (*Review and Herald*, 10 de junho de 1862).

A alguns que entenderam mau o conceito ASD da lei e graça, Tiago White respondeu:

> Os que representam os observadores do sábado como estando longe de Cristo, a única fonte de justificação, e rejeitando o seu sangue expiatório e procurando justificação pela lei, estão agindo ignorante e impiamente. ... Alguém pode observar a letra de todos os Dez Mandamentos, e, se não for justificado pela fé em Jesus Cristo, nunca terá direito à árvore da vida. O Evangelho é claro. A lei de Deus convence do pecado e mostra o pecador exposto à ira de Deus e o leva a Cristo, onde a justificação para as ofensas passadas pode ser encontrada somente através da fé em Seu sangue. A lei de Deus não tem poder de perdoar as ofensas passadas, sendo seu atributo a justiça, portanto o transgressor condenado deve ir a Cristo. (*ibid.*, 10 de junho de 1852).

Crendo que o cristão renovado obedecerá a todos os reclamos de Deus, motivados pelo amor, os ASD têm repudiado a idéia de que sua obediência é o meio para a salvação e claramente afirmam que isto só ocorre pela graça: “Seja distintamente entendido que não há salvação na lei. Não há qualidade remissora na lei. A redenção é através do sangue de Cristo” (*Signs of the Times*, 20 de dezembro de 1877).

> Você pode observar todos esses preceitos, no melhor de sua habilidade, conscientemente; mas se não olhar além

da lei para a salvação, nunca poderá ser salvo. A esperança da salvação eterna está em Cristo (*ibid.*, p. 379).

Veja também **Fé e Obras; Lei; Legalismo; Justificação; Santificação.**

LEI MORAL. Veja **Lei.**

LEIS DOMINICAIS. Exigências civis legais para se realizar ou abster-se de certas atividades no domingo, o primeiro dia da semana. Através dos séculos, as leis dominicais têm sido usadas para reafirmar a observância religiosa e o respeito para com o domingo cristão. Portanto, têm sido dadas razões religiosas para estes decretos — primeiro, a autoridade da Igreja; mais tarde, a autoridade do Decálogo, sobre a teoria de que o quarto mandamento, que implica na observância do sétimo dia, pode ser evocada para reforçar a observância do primeiro dia da semana. Ao lado desta base religiosa, que é também reconhecida em muitos países, outra base tem sido procurada sobre a teoria de que as leis dominicais podem ser classificadas, não como legislação religiosa, mas como regulamentos seculares de bem-estar. (Esta base tem sido usada recentemente nos Estados Unidos. A maior parte deste artigo trata dos Estados Unidos, embora os princípios enunciados nele sejam universais.)

Os ASD se preocupam com os problemas das leis dominicais porque tal legislação está envolvida no problema das relações Igreja-Estado e de liberdade religiosa.

A IASD se opõe às leis dominicais, não somente porque causam dificuldades, mas também porque elas se contrapõem ao princípio da separação entre a Igreja e o Estado como enunciadas por Cristo (Mat. 22:21). Todos os tipos de leis dominicais são opostas em princípio

porque estas leis dominicais têm implicações religiosas, pendendo para o reconhecimento do domingo como o dia santo, e portanto entram na área da prescrição do Estado sobre as observâncias religiosas e abrem a porta para a discriminação religiosa.

A lição da história é de que leis dominicais aparentemente inocentes, seculares em propósito e civil na forma, podem se tornar um instrumento de perseguição religiosa. A IASD tomou a posição de que leis de um dia de descanso por semana são menos objetáveis do que as que designam um dia específico, porque a determinação de um dia de descanso por semana reconheceria os direitos constitucionais de todas as pessoas, independentemente de seu dia de adoração, e não dariam preferência a nenhuma crença religiosa.

Desenvolvimento das Leis Dominicais. A primeira lei dominical foi decretada pelo imperador Romano pagão e Cristão Constantino I, e parece não ter tido relação direta com o Cristianismo. Ela diz o seguinte:

> No venerável Dia do Sol, descansem todos os magistrados e o povo que moram nas cidades, e fechem-se todas as oficinas. No campo, porém, as pessoas dedicadas à agricultura podem livremente e legalmente continuar sua ocupação; porque freqüentemente ocorre que outro dia não seja adequado para a semeadura ou para plantar vinhas; para evitar que, negligenciando-se o momento próprio para tais operações, perca-se a benignidade do céu. (Dada em 7 de março, Crispus e Constantino sendo cônsules cada um pela segunda vez [A.D 321]). (*Codex Justinianus*, lib. 3, tit. 12, 3; traduzido em Philip Schaff, *History of the Christian Church*, vol. 3, 5ª ed. p. 380, nota 1).

Esta lei enfatizando o "Dia do Sol" tornou-se a progenitora da legislação dominical subseqüente, que sob os líderes católicos assumiu um caráter cristão e uma crescente severidade, e durante a Idade Média foi reforçada pelas lei civis sob a união da Igreja e do Estado.

Na Inglaterra, a lei dominical mais remota data do reinado de Ina, rei de Wessex, aproximadamente 690 A.D; consistiu em uma parte de decretos de um concílio da Igreja que foram incorporados pelo rei em seu Livro de Leis (Karl J. Hefele, *A History of the Councils of the Church*, vol. 5, pp. 242, 243). As leis dominicais têm sido contínuas na Inglaterra desde aquele tempo.

No século dezesseis, as leis dominicais Inglesas começaram não somente a proibir certas atividades naquele dia, mas também a prescrever atos positivos, tais como assistência à Igreja. Durante o período de ascendência Puritana, a teoria teocrática refletiu-se nas leis religiosas Britânicas e nas Puritanas da Nova Inglaterra. Uma lei dominical do vigésimo ano do rei Charles II, em vigor na Inglaterra por quase 200 anos, tornou-se o modelo de muitas leis dominicais Americanas Coloniais e Estaduais.

A primeira lei dominical na área agora ocupada pelos Estados Unidos foi promulgada na Virgínia em 1619 e exigiu assistência a cultos dominicais, com a penalidade da morte prescrita pela terceira incidência. Era parte de um severo código sobre a colônia pelo governante Britânico, mas nunca foi enfatizada. Porém, a colônia passou uma lei em 1624 impondo multas para a ausência na igreja. Leis dominicais foram decretadas pelas outras colônias Americanas, notavelmente as que mais tarde se tornaram os Estados da Nova Inglaterra. Essas suntuosas leis, popularmente chamadas leis azuis, proibiam atividades como trabalhar, jogar ou recrear-se, gracejos, dormir tarde, beber, ou até mesmo andar ou cavalgar, exceto a assembléias legais. O propósito dessas leis era proteger o domingo como um dia de adoração em cumprimento ao mandamento do sábado no Decálogo, e os que as violassem estariam

sujeitos a penas desde desestabilidade econômica até a morte. Há registros históricos de colonizadores sendo multados, postos em troncos, ou chicoteados publicamente por causa de violações aparentemente insignificantes das leis Dominicais.

Os fundadores da República Americana viram a sabedoria de separar a Igreja do Estado a fim de preservar a liberdade religiosa e prevenir perseguição religiosa. Conseguiram isto declarando na Constituição que o "Congresso não fará nenhuma lei concernente ao estabelecimento da religião, ou proibindo o livre exercício de tal." Mas a maioria dos Estados levaram adiante ou adotaram em suas Constituições Estaduais, leis dominicais que herdaram dos decretos da Colônia. Estas leis, em sua maioria, permaneceram sem ênfase em livros de estatutos mas de tempos em tempos elas têm sido evocadas para perseguir os dissidentes.

Em 1870, vários Estados tinham começados a reforçar suas leis dominicais contra os guardadores do sábado. Vermont, Michigan e Califórnia tinham casos de ASD presos por trabalharem no domingo, mas em cada caso a acusação era retirada ou anulada.

Em julho de 1878, Samuel Mitchel de Quitman, no Condado de Brooks, Geórgia, foi preso e sentenciado a 30 dias na prisão. Por causa de condições insalubres na prisão, sua saúde afetou-se; tornou-se um inválido e morreu 7 meses depois, 4 de fevereiro de 1879.

A perseguição aos guardadores do sábado continuou durante a década de 1880, culminando no julgamento de R. M. Ring, do Condado de Obion, Tennessee. Seu caso foi levado até as cortes do Estado e Federais dos Estados Unidos. Por causa da morte do rei, o caso não foi considerado.

Líderes ASD reconheceram que este movimento representou uma séria ameaça ao princípio de separação da Igreja e do Estado e fortemente se opuseram a ela (veja **Liberdade Religiosa)**. Em 1888, Ellen G. White escreveu:

> Vemos que os esforços estão agora sendo feitos para restringir nossas liberdades religiosas. A questão do domingo está agora assumindo grandes proporções. Uma emenda a nossa Constituição está sendo acelerada, e quando for alcançada, seguir-se-á a opressão (*Review and Herald*, 18 de dezembro de 1888).

Em 1884, os ASD começaram a publicar o *Sabbath Sentinel* e em 1886 o *American Sentinel*. As revistas foram publicadas com o propósito de alertar os cidadãos dos perigos da legislação dominical. Em 1889, pela primeira vez líderes ASD apareceram em seções legislativas da nação como campeões da separação da Igreja e do Estado. No dia 24 de julho 1889, a Igreja organizou a Associação de Liberdade Religiosa para se opôr a legislação dominical e assistir os que eram trazidos à corte por causa da violação das leis dominicais:

O processo quanto a leis dominicais do Estado continuou. Em 1892, três ASD no Condado de Henry, Oeste do Tennessee, foram forçados a trabalhar acorrentados. Em Graysville, Condado de Rhea, três anos mais tarde (1895), 18 membros ASD, inclusive o diretor e professores da escola, foram indiciados, condenados e sentenciados para a corrente. Uma tentativa foi feita para processar cada membro homem da IASD em Springville, Tennessee.

Líderes ASD aconselharam abstinência, sem comprometer princípios, de ofender vizinhos sensíveis que consideram o domingo como santo. Membros eram instados a "obedecer as leis de nosso país, a menos que entrem em conflito com a mais elevada norma proferida por Deus . . . no Sinai." Em 1902, Ellen G. White advertiu, em caso de reforço para a lei dominical, dedicando o domingo a atividades missionárias em vez de a trabalhos ordinários (9*T*, 232).

Após a virada do século, quando a maioria dos Americanos adotou uma atitude crescentemente liberal quanto a atividades dominicais, estritas leis dominicais tornaram-se gradualmente obsoletas, e como conseqüência, não mais foram impostas. Prisões esporádicas de guardadores do sábado, mas em menor escala.

Em 1961, a Suprema Corte dos Estados Unidos transmitiu quatro decisões para leis dominicais em um dia: *McGowan* v. *Maryland*, 366 US 420; *Two Guys from Harrison-Allentown, Inc.* v. *McGinley*, 366 US 582; *Braunfeld* v. *Brown*, 366 US 599; e *Galagher* v. *Crown Kosher Market*, 366 US 617. Naquele tempo, 49 dos Estados e Distrito de Colúmbia tinha leis dominicais, 12 Estados tinham isenções para os que observavam o sábado, e duas diferentes cortes Federais tinham tomado decisões conflitantes sobre a constitucionalidade das leis dominicais.

Nas decisões *Braunfeld* v. *Brown* e *Galagher* v. *Crown Kosher Market*, os juízes Potter Stewart e William J. Brennan também discordaram em divergências concorrentes separadas. O Sr. Juiz Stewart defendia que —

> A Pennsylvania passou uma lei que compele um Judeu Ortodoxo a escolher entre sua fé religiosa e sua sobrevivência econômica. Esta é uma escolha cruel. É uma escolha que, penso eu, o Estado não pode exigir. Para mim isto não é algo que possa ser varrido para debaixo do tapete e esquecido no interesse da totalidade do domingo (*Braunfeld* v. *Brown*, 366 US 599, at. p. 616).

O Juiz Brennan, em sua divergência, disse:

> Em outras palavras, a questão neste caso . . . é se o Estado pode exigir que um indivíduo escolha entre seu

> negócio e sua religião. A Corte hoje defende que pode. Mas eu discordo, crendo que tal lei proíbe o livre exercício da religião . . . A Corte, em minha opinião, exaltou a conveniência administrativa a um nível constitucional alto o suficiente para justificar o tornar uma religião economicamente desvantajosa. A Corte justificaria o resultado no fundamento de que o efeito sobre a religião, embora substancial, é indireto. A Corte esquece, penso eu, uma advertência expressa durante a discussão congressional na Primeira Emenda; ". . . os direitos da consciência são, em sua natureza, de delicadeza peculiar, e pouco suportarão seja o toque mais gentil da mão governamental . . . " (*Braunfeld* v. *Brown*, 366 US 599, nas pp. 611, 616;).

No dia 17 de dezembro de 1962, a Suprema Corte deixou em vigor uma norma Estadual preservando a constitucionalidade da lei dominical de Kentucky, que foram desafiadas porque elas propiciavam isenções para indivíduos que observavam o sábado ou qualquer outro dia como seu sábado (*The Evening Post*, Washington, D. C., 17 de dezembro de 1962 p. A-2). A crise de energia do outono de 1973, engatilhou uma precipitação para assegurar leis dominicais em muitos Estados. Na Legislação do Estado de Indiana, foi proposta uma nota que tornou a violação da lei dominical de fechar o comércio uma ofensa criminal, com a multa máxima pela primeira ofensa sendo U$5.000. Declarações urgentes pelo secretário de liberdade religiosa da Associação de Indiana e por membros da Igreja anularam esta medida. Na Califórnia, a lei dominical de fechar comércio aos domingos foi vencida por uma decisão de secretário de liberdade religiosa do Estado.

Notou-se certo afrouxamento quanto à legislação dominical. Em 1973, a Legislação do Estado de Ohio anulou a lei dominical de fechar durante o domingo. Em 1974, a mesma lei foi emendada para permitir

certa opção local. Várias Igrejas na Virgínia circularam petições para que esta opção fosse votada para a eleição de novembro daquele ano. Atualmente a opinião pública não faz questão da lei dominical naquele país.

LEITÃO, LUIZ

LEITE, ERNESTINA PEREIRA (1911-1978). Nasceu no dia 20 de abril de 1911, em Conceição do Araguaia, PR. Casou-se com Manoel Athaide Leite em 1928. Em 1948 ficou viúva, ano que aceitou a mensagem adventista, sendo batizada pelo Pr. Arnoldo Rutz em 4 de maio de 1948.

Durante vinte e três anos dirigiu o Orfanato de Araguacema, Goiás, às margens do Rio Araguaia. Deste orfanato foram realizado batismos e casamentos.

Faleceu no dia 5 de agosto de 1978, aos 67 anos de idade, em Conceição do Araguaia, PR.

LEITZKE, ARTHUR (1911-1986). Professor e missionário. Nasceu no dia 15 de janeiro de 1911 em São Lourenço do Sul, RS. Filho de Frederico e Joana Leitzke.

Em 1935, formou-se em teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Em 6 de abril casou-se com Frid Muchenburger e desta união nasceram: Avany, Zanira e Elmer.

Seu primeiro trabalho na obra Adventista foi como obreiro-bíblico na cidade de Porto Alegre, RS. De lá foi trabalhar entre os índios Carajás da região do Araguaia, Estado de Goiás onde permaneceu por 3 anos.

Em 1943, transferiu-se para o Nordeste do país, onde tornou-se o primeiro professor do recém criado *Educandário Nordestino Adventista (ENA), em Pernambuco, e aí ficou 18 anos. Do ENA foi chamado, em 1961, para a Associação Espírito-Santense. Trabalhou no Acampamento de Jovens e posteriormente no *Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS), dessa associação durante 10 anos, até aposentar-se.

Faleceu no dia 25 de dezembro de 1986, aos 75 anos, no *Hospital Adventista de Vitória, ES.

LEITZKE, GERALDO (1924-1985). Médico. Nasceu no dia 14 de março de 1924, em Pelotas, RS. Veio para São Paulo em 1937, a fim de estudar. Cursou o ginásio e o científico no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Após, ingressou na Escola Paulista de Medicina onde concluiu seus estudos em 1952.

Em 1940, batizou-se na Igreja Adventista do Sétimo Dia tornando-se participante ativo em muitas atividades missionárias na IASD de Moema.

Foi médico responsável pelo Serviço de Assistência Social da Igrejas, onde prestou serviços em lancha e clínica rodantes, principalmente no vale do Ribeira.

Por três vezes foi chefe do Projeto Rondon.

Sua carreira médica iniciou-se na Casa de Saúde Liberdade, tendo sido diretor ali por oito anos. Depois viajou aos Estados Unidos da América onde estagiou em vários hospitais. Voltando à Escola Paulista de medicinas, assumiu o professorado adjunto da Cadeira de Ginecologia, onde ajudou a estabelecer um dos primeiros postos de prevenção de Câncer Ginecológico. Foi membro da Comissão Organizadora do Congresso Internacional de Cancerologia.

Casou-se com Edith Marta Bergold Leitzke, e desta união nasceram cinco filhos: Lionel, Lilian, Liane, Larson e Lirís.

Faleceu no dia 16 de Setembro de 1985, aos 61 anos idade, em São Paulo, SP.

LEME, LUIZ (1902-1990) *Colportor-evangelista. Casou-se e teve 7 filhos. Em 1930 conheceu a mensagem adventista através da *Colportagem. Tornou-se, depois, colportor durante 20 anos.

Conduziu cerca de 300 pessoas ao batismo.

Iniciou o trabalho Adventista nas regiões do interior paulista: Socorro, Serra Negra, Registro, Canaéia e Iguape.

Faleceu no dia 8 de setembro de 1990 , aos 88 anos de idade, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

LESSA, JOSÉ DA SILVA (1914-1987) *Colportor e Missionário pioneiro. Nasceu no dia 12 de novembro de 1914, na Fazenda Salto, no município de Correntina, BA.

Sua família conheceu a mensagem Adventista através da visita de dois colportores: José Toledo e Alceu Cândido Dama, que deixaram os livros: "*Doze Grandes Sinais da Volta de Cristo*" e "*A Esperança do Mundo*".

Após sua conversão tornou-se colportor em 1939 por convite de Longino Niz, um dos colportores pioneiros em Goiás.

Casou-se com Elvira Porto e da união nasceram cinco filhos: Rubens Lessa (Redator-Chefe da CPB), Wilson, Marianita, Paulo e Juanita.

Em 1961, foi chamado para dirigir a obra de Publicações na Missão Central Amazonas com sede em Manaus.

Em 23 de março de 1963, foi ordenado ao ministério em Manaus. Trabalhou como pastor distrital e também como missionário na lancha Luzeiro VI.

O Pr. José Lessa jubilou-se em 1977; porém, continuou trabalhando até novembro de 1986, ocasião em que sofreu um enfarte quando realizava um batismo no Sul de Minas Gerais.

Seu trabalho predileto era a recolta.

Faleceu no dia 20 de setembro de 1987, aos 73 anos de idade, às 22:50 h, em Campo Grande, MS. A cerimônia fúnebre foi realizada pelo Pr. Otávio Costa, na IASD Central de Campo Grande, MS.

LIBERDADE RELIGIOSA. (princípios e aplicação). A liberdade religiosa pode ser definida como liberdade da coerção em assuntos religiosos, seja por compulsão seja por interferência, no que tange à escolha, profissão ou prática de qualquer religião (ou abstinência de religião); liberdade limitada somente em questão de infração dos direitos de outros. A liberdade religiosa distingue-se da tolerância porque aquela tem a conotação de permissão que é concedida ao não conformista (e por isso pode ser retirada) por um grupo estabelecido ou dominante; conquanto a primeira seja um dos princípios básicos de direitos humanos — o direito de um indivíduo ser responsável somente a seu Deus por suas obrigações para com Ele.

O conceito ASD de liberdade religiosa fundamenta-se nas Escrituras. Ali os ASD encontram uma definição inspirada do dever cristão, não somente a seu Deus e à sua Igreja mas também ao governo sob o qual vive e do qual é cidadão. Básica à posição ASD é a separação da Igreja e do Estado, que é considerada a melhor para ambos. Os versos citados para apoiar a liberdade religiosa incluem João 18:36; Mat. 6:33; Ex. 20:1-3; Rom. 13:1, 2; Atos 5:29; Mat. 22:16-21; Rom; 13:3-8; I Ped. 2:13-17; Rom. 14:12; Dan. 3 e 6; II Cor. 6:14; Mat. 10:28.

As declarações ASD sobre liberdade religiosa remontam aos idos de 1850, quando vários escritores identificaram os "dois chifres, parecendo cordeiro" (Apoc. 13:11) como a liberdade civil e religiosa (por exemplo, *John Nevins Andrews, *"Thoughts on Revelation*", XIII e

XIV, *Review and Herald*, 19 de maio de 1851; e *Hiram Edson, "*The Times of Gentiles*," ibid., 24 de janeiro de 1856). *Roswell F. Cotrell falou do princípio da separação entre igreja e estado e da relação do cristão para com o estado ("*Deveriam os Cristãos Lutar*?" ibid., 9 de maio de 1865). Quando o *Sabbath Sentinel* foi lançado em 1884, tinha o objetivo de "soar o alarme" sobre o "verdadeiro peso e significado da união entre Igreja e o Estado" na agitação pela legislação religiosa (*Review and Herald*, 1º de janeiro de 1884).

História. As concepções adventistas sobre a liberdade religiosa foram estabelecidas em 1889 como uma "Declaração Religiosa", organizada naquele ano em Battle Creek, Michigan. As quatro resoluções diretamente relacionadas à liberdade religiosa foram:

> Cremos no apoio ao governo civil e nos submetemos a sua autoridade.
>
> Negamos o direito de qualquer governo civil de legislar sobre questões religiosas.
>
> Cremos ser o direito, e deveria ser privilégio, de cada homem adorar de acordo com os ditames de sua própria consciência.
>
> Cremos também ser nosso dever usar todo meio legal e louvável para prevenir uma legislação religiosa pelo governo civil; que nós e nossos companheiros cidadãos podemos desfrutar das inestimáveis bênçãos da liberdade religiosa e civil.

Os princípios aparecem nesta e em formas similares em edições anteriores do *American Sentinel*. Como declarados atualmente, os princípios podem ser encontrados no cabeçalho de *Liberty*; *Revista de Liberdade Religiosa, Como Declaração dos Princípios da Associação Internacional de Liberdade Religiosa.*

A declaração oficial dos princípios básicos de Liberdade religiosa defendidos pelos ASD através dos anos aparece em nas praxes da *AG* para a Divisão Norte Americana, 1971, pp. 129-131:

> Em um mundo em mudança, é essencial manter de maneira clara os imutáveis princípios que governam as relações entre o homem e seu Criador, entre a Igreja e o Estado, e, para tornar clara a aplicação desses princípios a situações específicas quando surgirem. Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que esses princípios fundamentais são:
>
> 1. Que Deus como Criador de todas as coisas estabeleceu relações que deveriam permanecer entre Ele e o homem e entre a Igreja e O Estado.
> 2. Que Deus dotou o homem com inteligência, com meios de conhecer o propósito de seu Criador para ele, com percepção moral e consciência, com o poder da livre escolha para determinar seu próprio destino, e com responsabilidade para com seu Criador pelo uso que fizer de suas faculdades; e que o primeiro e supremo dever do homem seja conhecer e cooperar com a vontade revelada de seu Criador.
> 3. Que as relações humanas estão no princípio básico de amor desinteressado como ilustrado nas palavras, "Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei a eles também;" e que a aplicação desse princípio envolve reconhecimento dos princípios igualitários de outros sob Deus e uma responsabilidade direta a Ele por nosso tratamento para com o próximo.

4. Que a Igreja é uma instituição divinamente apontada, cuja função é preservar e proclamar a mensagem de Deus aos homens, ajudá-los a tornar Seu propósito efetivo em seu coração e vida, e unir seus membros na comunhão, adoração e serviço.
5. Que o governo civil é ordenado por Deus; que sua função divinamente apontada é proteger o homem no exercício legítimo de seus direitos, provendo um desenvolvimento adequado no qual ele possa alcançar os objetivos estabelecidos para ele por seu Criador.
6. Que, tendo em vista sua função divinamente apontada, o governo civil está autorizado a ter obediência voluntária e respeitosa do homem em assuntos temporais até onde os requisitos civis não entrem em conflito com os divinos; em outras palavras, o homem está limitado a "dar a César o que é de César" mas reservar "a Deus o que é de Deus", exercitar um interesse e preocupação ativos e pessoais em assuntos que afetam o bem estar públicos, e a ser um cidadão exemplar.
7. Que o duplo dever do homem, a César e a Deus, cada um em sua respectiva esfera, infere uma clara distinção entre suas esferas separadas de autoridade e jurisdição; que Deus delegou ao governo civil autoridade e jurisdição sobre a consciência do homem; que nos melhores interesses da Igreja ou do Estado, o governo civil deve observar estrita neutralidade em assuntos religiosos, nem promovendo a religião nem

restringindo os indivíduos ou a Igreja no legítimo exercício de seus direitos.

8. Que a liberdade religiosa consiste no direito inalienável de crer e adorar a Deus de acordo com a consciência, sem coerção, restrição, ou incompetência civil, e de praticar religião e propagá-la sem interferência ou penalidade; e da obrigação de granjear o mesmo direito a outros.

Tendo em vista tais princípios, defendemos que a liberdade religiosa para todos é melhor obtida, garantida e preservada mediante separação da Igreja e do Estado como estabelecida na Constituição e na Declaração dos Direitos.

Reconhecemos que a Igreja e o Estado podem servir aos cidadãos em certos campos, e que algumas destas funções podem se sobrepôr. A remuneração do estado por serviços propriamente prestados pode ser recebida pelas instituições da Igreja. A Igreja e suas instituições podem também, sem comprometer sua posição, aceitar do Estado alguns favores limitados, tais como isenção de impostos e proteção contra incêndios.

A Igreja reconhece o direito de seus membros individuais de aceitar assistência do Estado em programas tais como serviço de saúde pública, almoços escolares e afins, designados para benefício dos pais e das crianças. Outros programas que exijam a cooperação da Igreja serão revistos como estabelecido abaixo.

No concílio de Outono de 1972, foram estabelecidas linhas diretivas que asseguram que a separação entre a Igreja e o Estado não será enfraquecida. Essas linhas estão resumidas aqui:

Os objetivos primários de cada instituição da Igreja devem ser mantidos. Todos os envolvimentos das instituições da Igreja com o governo, negócios, sociedade e indivíduos que inibiram a aquisição de objetivos religiosos serão evitados.

Nenhuma assistência que torne uma instituição dependente de tal pode ser aceita. Um relatório auditado será submetido anualmente ao Concílio Anual a respeito da natureza e extensão dos envolvimentos por instituições da Igreja (nos Estados Unidos) com concessões e empréstimos.

A declaração da Filosofia Adventista do Sétimo Dia de Educação Superior, ou o abstrato aprovado, será arquivada com governos e agentes privados ou departamentos com cada pedido para empréstimos, concessões ou outros favores financeiros.

A decisão do Concílio de Outono continua:

As limitações acima não serão formuladas para prejudicar a aceitação de funções regulares de departamentos de saúde pública, tais como trabalho de enfermeiras, vacinas, inoculações, ou exames; nem proibirão a aquisição, por consideração de excedentes do cofre do governo; nem proibirão a aceitação de pesquisas governamentais para (ou contratos com) colégios e universidades pelos quais o governo paga por projetos específicos e onde a concessão é limitada ao projeto e não interfere nas praxes declaradas, objetivos e programas da escola.

Qualquer programa de ajuda governamental não especificamente citado nas provisões acima não será aceito

a menos que, seja aprovado pela comissão ativa da instituição, e pelas comissões da Uniões e da Associação Geral.

Nossas instituições são as únicas entre as instituições Adventistas, pois servem a todos os indivíduos, independentes de suas convicções religiosas, não exigem aceitação de instrução religiosa e prestam um serviço reconhecido às necessidades médicas das comunidades em que se acham; portanto, as concessões governamentais para desenvolvimento capital devem ser consideradas. Porém, entender-se-á que uma concessão deverá ser recebida somente após cuidadoso estudo por uma comissão e após aprovação pelas comissões da União e da Associação Geral. A comissão da Associação Geral apontará um comitê representativo contínuo para estudar praxes gerais sobre relações entre Igreja e Estado, e problemas particulares, para prévia consideração e relatório à Associação Geral.

LIÇÕES DA ESCOLA SABATINA. Nas reuniões da *Escola Sabatina, realizadas aos sábados pela manhã, estudam-se mensagens da *Bíblia em classes. Essas lições são trimestrais e com assuntos específicos.

São traduzidas e editadas pela *Casa Publicadora Brasileira (CAB). O primeiro autor de lições foi *Tiago White. No trajeto de uma de se suas viagens, escreveu sobre uma lancheira sobre a qual almoçava, as lições da Escola Sabatina em forma de perguntas e respostas. Eram para crianças, porém os pais as estudavam também.

Após ele, outros prosseguiram na elaboração das lições: E. Cottrell, William Higley, *Urias Smith, Aldeia Poten, G. H. Bell, etc.

G. H. Bell deu forma mais didática e as que escreveu foram usadas durante 25 anos.

1888 - Lições para adultos;
1890 - Lições para Primários;
1911 - Lições dos Juvenis;
1933 - Lições do Rol do Berço;
1957 - Lições do Jardim da Infância

Em 1890 já havia lições em inglês, alemão, francês, sueco e dinamarquês.

No Brasil, temos 7 tipos de lições em circulação:

- Rol do Berço (até 3 anos de idade);
- Jardim da Infância (4 a 6 anos);
- Primários (7 a 10 anos);
- Juvenis (11 a 13 anos);
- Adolescentes (14 a 16 anos);
- Adultos (A partir de anos), com edição para professores e alunos.

A comparação entre as Uniões brasileiras mostra que:

União Norte-Brasileira - uma lição para cada 4,1 membros;
União Este-Brasileira - uma lição para cada 2,8 membros;
União Central-Brasileira - uma lição para cada 1,9 membros;
União Sul-Brasileira - Uma Lição para cada 2,4 membros.

LIMA, ANTÔNIO CLEMENTE DE (-1910). *Colportor pioneiro. Trabalhou por alguns anos como dedicado colportor evangelista no Estado de São Paulo. Em 1908, Emílio Höezle, presidente da então Missão Paulista, relata que Antônio Clemente estava efetuando um bom trabalho em São Manuel, SP. Em 1905 havia apenas treze colportores em todo Estado de São Paulo.

Em virtude de suas boas qualidades, conseguiu estima e consideração de todos com quem manteve contato. De porta em porta levava, com humildade, fé e perseverança, livros que continham a mensagem do amor de Jesus e Sua breve volta.

Em dezembro de 1909 casou-se com Mary Julliet Daniel.

Em julho de 1910, adoeceu e após quatro meses de insidiosa doença faleceu no dia 24 de novembro do mesmo ano, ainda jovem.

O serviço fúnebre foi dirigido por Jacob Kroeker, em São Bernardo.

LIMA, DINÁ APOLINÁRIO DE SOUZA (1916-1971). Professora. Filha de Manuel e Teresa Apolinário, nasceu no dia 21 de junho de 1916, em Taubaté, SP. Fez o Curso Normal no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) e lecionou nas escolas primárias de Vila Matilde, e *IASD Central Paulistana.

Casou-se com o Pr. Dourival de Souza Lima, em março de 1945 e desta união nasceram 2 filhos: Dourival e Irene.

Trabalhou com o seu esposo em vários Estados do Brasil, entre eles: Ceará, Maranhão, Amazonas, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e por último em São Paulo.

Lecionou Doutrinas Bíblicas no *Educandário Nordestino Adventista (ENA), liderou diversas Sociedades de Assistência Social, dirigiu cursos de dietética. Era eloqüente oradora, além de ser conselheira da juventude.

Faleceu no dia aos 55 anos de idade em São Paulo, em 1971.

LIMA, JOAQUIM DUARTE DE (1882-1871). Pioneiro Adventista no Estado do Espírito Santo.

Nasceu no dia 17 de janeiro de 1882, no município de Cachoeira de Itapemirim, ES. Filho de Adoneto de Souza Lima e Henriqueta Alves Duarte.

Joaquim D. de Lima viveu sua juventude em Muniz Freire, ES. Casou-se em 1908 com Mariana Louzada. O casal teve 7 filhos.

Em 1920, sua esposa faleceu de uma complicação pós-parto. Em 18 de dezembro de 1923 contraiu novas núpcias com Mariana Coelho e deste enlace tiveram 9 filhos.

Por volta de 1926 conheceu a mensagem adventista pela influência de dois colportores: Alexandre Nunes e Rafael Pereira, e em 1927 batizou-se no rio Castelo, pelo Sr. W. Schneider.

Joaquim Duarte de Lima dirigiu o grupo da cidade de Castelo durante cerca de 42 anos.

Faleceu no dia 28 de abril de 1971.

LIMA, SILAS FERREIRA (1928-1993) *Pastor. O Pr. Silas Ferreira Lima foi distrital e departamental na Missão Nordeste, no Rio de Janeiro e Diretor do *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE).

Faleceu no dia 12 de agosto de 1993, aos 65 anos, em Hortolândia, SP.

LINHARES, PEDRO CUNHA (1886-1971). *Colportor e *Pastor pioneiro na Região Norte do Brasil. Nasceu no dia 7 de novembro de 1986, em Barra de Picacuruca, PI. Na cidade onde nasceu exercia certa influência entre os moradores. Possuía terras, criação de gado e um comércio de médio porte.

Por razões política foi necessário abandonar sua pequena fortuna. Mudou-se para o Norte do país e fixou residência em Belém, Pará. Ali realizou vários serviços, inclusive vendeu bilhetes de loteria.

Numa determinada quarta-feira à noite, ao passar em frente à Igreja Adventista Central de Belém, ouviu hinos. Parou mais em frente e ficou escutando alguns instantes. Não resistindo à voz da consciência, voltou e entrou no templo. Como todo visitante, sentou-se no último banco.

À porta, o pastor da igreja identificou-o por se tratar de visitante. Após um pequeno contato, convidou-o para a próxima reunião. O interesse pela Bíblia aumentava à medida que assistia às pregações. Pediu estudos e foi instruído pelo obreiro *Manoel Pereira. Após receber as série de estudos bíblicos, foi batizado pelo Pr. Leo Halliwell, na Igreja Central de Belém em 1934. Ao tornar-se adventista do 7º Dia foi convidado a ingressar na *Colportagem. inicialmente colportou na cidade de Belém.

Em 1937, casou-se com Autina Costa. Desta união nasceu um casal de filhos, José Cunha Linhares, médico pediatra em São Paulo, e Ruth Cunha Linhares, esposa do Pr. Adamôr Lopes Pimenta.

Em 1938, Linhares foi convidado a colportar em Rio Branco, Acre. Viajou de Belém a Manaus de Navio. Porém de Manaus a Rio Branco foi de canoa a remo. A viagem durou mais de dois meses.

Foi o pioneiro da Colportagem a canoa, no Amazonas. Durante 19 anos realizou esse tipo de colportagem. As viagens eram penosas e perigosas. Sua canoa possuía um toldo que o protegia da chuva e do sol, oferecendo condições para dormir.

Nas viagens levava uma auxiliar para ajudá-lo a remar. Algumas vezes sua esposa e filhos o acompanhavam. Nas viagens pelos rios estavam sempre expostos às feras e aos jacarés. Muitas vezes precisou dormir à beira dos rios, pois não havia moradores. Quando isto acontecia, era necessário fazer uma grande fogueira para afugentar as onças e outros animais ferozes da região.

Certa ocasião no alto Amazonas, foi vítima de uma forte temporal. Linhares viveu momentos de apuros. Percebendo que sua canoa não resistiria às fortes ondas que impetuosamente a batiam de um lado para o outro, remou para a margem do rio. A situação ficou mais difícil, visto que a embarcação era jogada contra as pedras e a própria terra. Linhares e seu auxiliar lançaram-se ao rio a fim de sustentarem a canoa para evitar que se partisse ao meio. Devido ao grande esforço que fez,

ocorreu a dilatação da veia aorta. Por determinação médica, Linhares foi julgado incapaz de continuar o trabalho da colportagem a canoa.

Em junho de 1853, foi aposentado por invalidez. Os médicos deram-lhe poucos dias de vida; porém, ele fez um pacto com, Deus que se sua vida fosse poupadas, ele continuaria pregando e como Paulo morreria atrás de um púlpito". E assim foi. Colocou-se à disposição do campo local e dirigiu vários distritos no Maranhão, Pará e Amazonas após sua jubilação pela igreja.

Fez tantas viagens pelo rio Amazonas e afluentes que daria par dar três voltas ao mundo. Foi ao Rio Branco, Acre, cinco vezes, destas, três a canoa. A primeira viagem foi em 1932 antes de ser adventista. As próximas ocorreram em 1937, 1945, 1949 e 1971.

Ao longo da Colportagem, teve fascinantes experiências. Pedro Cunha Linhares era um homem de personalidade muito forte. Dificilmente voltava atrás após uma decisão tomada. fez um propósito de deixar um livro ou uma revista em cada casa que visitasse. Quando a pessoa visitada não tinha dinheiro para pagar o livro, ele fazia a permuta por: ovos, galinha, bananas, laranja ou borracha. Mais à frente, vendia o produto a um comerciante e acertava o dinheiro na Missão, ou em outras circunstâncias, ficava com as frutas para sustento próprio.

Jamais viajou no dia de sábado. Certa vez chegou numa casa, sexta-feira ao entardecer. Dirigiu-se ao dono da casa e pediu-lhe permissão para ficar no porto durante o sábado. Ali passou a noite e, no dia seguinte, percebeu que ninguém saiu da casa para fazer qualquer atividade. Linhares foi até a casa e perguntou se eles não trabalhavam aos sábados. A resposta foi não. Linhares perguntou por quê. Disse o homem: "Todas as vezes que a mulher vai lavar roupa no dia de sábado, ele ouve uma voz vindo de dentro d'água, dizendo que o sábado é o dia de descanso. Durante a semana, nada acontece". Linhares não perdeu tempo. Organizou uma escola sabatina e deu um estudo sobre a santidade do sábado. À noite, deu mais uma série de estudo e domingo

de manhã continuou a viagem. Seis meses depois, toda a família foi batizada.

Um dos grandes desafio para Linhares era a evangelização do grande Rio Amazona. Foi ao escritório da *Missão Central Amazonas, comprou mil coleções de folhetos, adquiriu mil garrafas. Colocou um jogo de folheto em cada garrafa, tampou-as com cortiça e vedou-as com cera de abelha. Tomou as mil garrafas, fez uma oração e jogou-as dentro da água, deixando que a correnteza as levassem rio abaixo. Assim sucedeu. Pedro Cunha Linhares era um homem de fé e oração. Ele cria piamente nas promessas da palavra de Deus. Usou essa estratégia inspirado em Eclesiastes 11:1: "Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás". Os anos se passaram.

Certa vez, o Pr. Walter Streithorst, então presidente da *União Norte Brasileira, suba o Rio Amazonas na Luzeiro I com destino a Manaus. Um pano branco acenou à margem do rio. O Pr. Walter encontrou a lancha. Várias pessoas na casa estavam com malária. Como de costume, o pastor deu o devido atendimento. Ali permaneceu dois dias atendendo os casos. Em conversa com os moradores descobriu que muitos guardavam o sábado. O pastor perguntou-lhes como descobriram a verdade do sábado. Eles responderam: "Através da leitura de uns folhetos achados dentro de uma garrafa que descia rio abaixo".

O Pr. Walter deu alguns estudos e prosseguiu viagem até Manaus. Ao retornar para Belém, batizou várias daquelas pessoas.

Certa vez Linhares visitou o governador do Estado do Amazonas. Ofereceu-lhe um livro e conseguiu vender um volume para todas as prefeituras do interior do Estado.

Na verdade, Deus aceitou o pacto com Pedro Cunha Linhares. Depois que os médicos o desenganaram dando-lhe apenas poucos dias de vida, ele viveu mais 18 anos.

Faleceu no dia 2 de novembro de 1971, na cidade de Xapuri, Acre. Era sexta-feira à noite. Estava pregando sobre a Volta de Jesus e ali, atrás do púlpito, caiu, vítima de trombose cerebral.

LIPKE, AUGUSTA GUILHERMINA (1871-1963). Preceptora, professora, pioneira na obra educacional no Brasil. Nasceu a 7 de junho de 1871 em New Haven, Missouri, Estados Unidos da América. Freqüentou o Colégio Battle Creek, Michigan, e depois de algum tempo casou-se com o Dr. *John Lipke. Foram enviados ao Brasil como missionários. Como esposa dedicada, lutava ao lado do esposo, que foi o diretor da primeira escola missionária no Brasil, em Gaspar Alto, Santa Catarina, como também em Taquari, Rio Grande do Sul. Nessas duas escolas atuou como preceptora e professora durante 8 anos.

O casal foi também co-fundador do antigo *Seminário Adventista, atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Apreciava a leitura da *Bíblia e da **Review and Herald*, exprimindo alegria ao ler a respeito do avanço da obra de Deus em todo mundo. Augusta Guilhermina criou dois filhos adotivos, Berta e Daniel.

Faleceu no dia 11 de abril de 1963, aos anos de idade, em São Paulo, SP. Foi sepultada em Santo Amaro, SP, ao lado de seu marido.

LIPKE, JOHN (JOHANNES RODOLF BERTHOLD LIPKE) (1875-1943). Pioneiro da Obra Educacional e Obra Médica. Nasceu no dia 27 de julho de 1875, em Berlim, Alemanha Oriental. Freqüentou o Seminário Teológico em Hamburgo, entrando em seguida na obra da *Colportagem, tendo como chefe o Pr. *Frederico Spies.

Em 1896, partiu para os Estados Unidos, onde se dedicou ao mesmo trabalho. Em 1897, continuou seus estudos em Battle Creek, América do Norte, onde casou-se com Augusta Schuete. Criou dois filhos adotivos: Daniel e Berta.

Em 1897, terminados os seus estudos, recebeu um chamado para o Brasil, onde exerceu a profissão de professor no Rio Grande do Sul, na escola primária localizada em sua casa. Depois de um ano, foi chamado para Gaspar Alto em Santa Catarina, onde fundou o primeiro colégio missionário. No ano seguinte, foi ordenado ao ministério e eleito diretor do campo.

Em 1904, quatro anos depois, veio para São Paulo, a fim de dirigir um instituto de colportagem. Em 1910, foi enviado à Bahia, onde trabalhou três anos, voltando para São Paulo, onde assumiu o cargo da presidência da Missão Paulista, em 1915. Neste período, atuou como primeiro diretor do Colégio Adventista Brasileiro - CAB, apoiado por John Boehm, fundador e primeiro administrador. No colégio, construiu o primeiro prédio da escola, o antigo dormitório dos rapazes, o prédio escolar, cozinha e refeitório no subsolo. Neste tempo também foi construído o antigo tanque com o objetivo de produzir energia elétrica para a nova instituição. Empenhou-se também na fundação da *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Em 1918, recebeu um convite para a presidência da Missão Riograndense e em 1920, retornou aos Estados Unidos da América, prosseguindo seus estudos em medicina, formando-se em 1925.

No ano seguinte, 1926, voltou ao Rio de Janeiro, onde exerceu a profissão de médico até contrair o Mal de Parkinson. Em 1935, veio para São Paulo.

Faleceu no dia 18 de junho de 1943, aos 69 anos de idade, em São Paulo, SP, vítima do Mal de Parkinson.

LITCH, JOSIAS. (1809-1886). Ministro metodista, o primeiro ministro bem conhecido na Nova Inglaterra para tomar sua posição com *Guilherme Miller; mais tarde médico; ele tinha uma mente vigorosa, uma inclinação para a investigação e a coragem para pregar o que ele cria como sendo a verdade. Nos primeiros dias da agitação em torno da

escravidão e temperança, ele estava constantemente na linha de frente. Ele era poderoso no púlpito e igualmente forte ao escrever, como editor (associado no *Signs of the Times*) e como autor sobre profecia.

Tendo aceitado os ensinos de Miller em 1838, ele escreveu um resumo de 48 páginas dos mesmos intitulado *O Clamor da Meia Noite ou uma Revisão dos Sermões de Miller*. No mesmo ano ele escreveu um livro de 200 páginas, *A Probabilidade da Vinda de Cristo Aproximadamente em 1843 A.D.*. Em 1841 sua Associação Metodista investigou os suas idéias e decidiu que ele não estava pregando nada contrário ao Metodismo, embora fosse em alguns pontos além dele, mas permitiram que ele se aposentasse do ministério itinerante. Isso permitiu que ele dedicasse seu tempo à disseminação da doutrina do Segundo Advento.

Logo, porém, Litch tornou-se um "agente geral" em tempo integral do Comitê Milerita de Publicações. Ele também se tornou um dos editores do *Signs of the Times* e de outra publicação Milerita em Philadelphia, *Trumpet of Alarm.* Ele viajava exaustivamente e pregava sobre as profecias com grande efeito. Sua predição em 1838, baseada na interpretação profética, da perda de poder da Turquia em agosto de 1840, suscitou interesse geral e estimulou o estudo da profecia. Seu livro *"Aos . . . Clérigos"* levou muitos ministros a sinceramente investigarem a doutrina Adventista, persuadindo muitos deles.

Litch foi um pioneiro em muitos pontos da interpretação profética que mais tarde foram adotados pelos ASD; que haveria uma "cena de julgamento" (*Aos . . . Clérigos*, 1841, pp. 38, 39) precedendo a ressurreição e separada da execução do juízo (Veja **Juízo Investigativo)**; que as sete pragas ainda estavam no futuro (*Exposições Proféticas*, 1842, vol. 1, p. 175). Suas exposições do cumprimento histórico da profecia tiveram considerável influência sobre as interpretações de Urias Smith.

Embora Litch tivesse anteriormente pensado que “a porta da graça” se fecharia algum tempo antes do Segundo Advento, após o *Desapontamento de 1844 ele rejeitou crer que qualquer porta tinha-se fechado (veja **Porta Aberta e Fechada)**, e em conseqüência, ele abandonou a crença de que os 2.300 dias tinham-se encerrado em 1844. Por algum tempo, ele permaneceu com o grupo de Adventistas que não aceitavam a doutrina da imortalidade condicional, mas em anos posteriores, ele rompeu todas as relações com os Adventistas. Wellcome afirma que Litch tornou-se um futurista, esperando que todas as profecias após o capítulo 5 do Apocalipse se cumprissem no futuro, imediatamente antes da Segunda Vinda (Isaac C. Wellcome, *History of the Second Advent Message*, 1874, p. 678).

LITURGIA. Veja **Ritos.**

LIVRE ARBÍTRIO. Capacidade com a qual o Criador dotou o homem e que o capacita a fazer escolhas para obediência ou desobediência para com Deus, a ser submisso à lei moral ou não. Esta capacidade exclui o uso da força da parte de Deus para conseguir uma mudança no homem. Deus procura atrair o homem para Si, mas deixa todo homem livre para decidir-se em responder. Se os homens escolhem se alienarem de Deus, Sua vontade torna-se onipotente em suas vidas e nada pode impedi-los de seguir o plano de Deus.

O Calvinismo e o Arminianismo propõem duas grandes diferentes concepções a respeito do livre arbítrio do homem. Estas idéias remontam há muito tempo na história eclesiástica. Agostinho falou do que chamava de “irresistível” graça de Deus e absoluta predestinação que excluem o verdadeiro livre arbítrio. Pelágio, monge inglês que vivia em Roma, rejeitou o Agostinianismo, declarando sua própria salvação

em temor e tremor. Desta maneira iniciou-se um conflito interminável sobre a graça divina e livre arbítrio.

Calvino afirmou que Deus, por um decreto irrevogável, tinha destinado certos homens para a salvação e outros para a reprovação, independente de sua escolha pessoal ou decisão. Estes apontados para a salvação seriam inevitavelmente salvos e todos os outros seriam certamente condenados. De acordo com Calvino, *Jesus Cristo não morreu por todos os homens, mas somente por aqueles que foram eleitos por Deus para a salvação. Aqueles destinados para a salvação seriam incapazes de resistir ao Espírito de Deus trabalhando em seu coração, embora nenhum desejo ou esforço da parte dos predestinados para a eterna condenação pudesse possivelmente inverter o destino. Para o calvinista ortodoxo, a eleição residia somente na soberana vontade de Deus, não na fé ou obras dos homens.

O Arminianismo, por outro lado, define a predestinação como um decreto eterno, em Cristo, para tornar a vida eterna disponível a todos os pecadores que, pelo Seu poder e graça, aceitam a Jesus Cristo e perseveram na fé (Ef. 1:3-8). Deus rejeitará somente os que voluntariamente recusam a oferta da graça divina. De acordo com Armínio, Jesus morreu por todos os homens, e em virtude de sua morte, todos os homens são qualificados a aceitar o perdão pelo pecado, a encontrar aceitação em Deus, permanecer firmes até o fim e entrar no eterno reino de Deus. O pecado privou o homem da capacidade de exercer o livre arbítrio: por Sua morte na cruz Cristo restaurou esta capacidade. Separado da graça de Deus, o homem está à mercê da insegurança. Todas as boas obras são o resultado desta graça, que, embora absolutamente necessária, não é irresistível. Mediante a graça divina pode ser vitorioso sobre o pecado, sobre o mundo e sobre o diabo.

Numerosas modificações das teorias de Calvino e Armínio têm aparecido desde seus dias. Os ASD encontraram elementos da verdade

bíblica em Calvino e Armínio. O A.T. e o N.T. enfatizam a liberdade da vontade humana (Deut. 28:1, 2, 13-15; Jos. 24:14-25; Is. 1:19, 20; Jer. 18:7-10; Jer. 29:13, 14; Mat. 7:24-27; 23:37; Rom. 6:12, 13; 14:10-12; II Cor. 5:10; Apoc. 22:17; etc.).

Deus, em graça e misericórdia, deseja que todos os homens sejam salvos mediante fé em Jesus Cristo, mas deixa para o homem a escolha de aceitar ou rejeitar Seu gracioso dom. Todo homem é, portanto, responsável por seu próprio destino. A pessoa que escolhe colocar sua vontade ao lado da vontade de Deus, e que anseia deixá-la ali, é invencível “em Jesus Cristo”. Porém, voluntariamente entregando sua vontade à vontade de Deus, o homem não necessita por isso perder a liberdade de vontade. Ele pode ainda escolher quebrar sua união com Cristo embora nem força, nem tentação, nem coerção ou engano possa tirar a salvação daquele que escolhe servir ao Mestre, mediante um compromisso contínuo e definido da vontade.

LIVRO DA VIDA. O conceito de um livro celeste contendo os nomes dos justos parece ter sido corrente desde os tempos antigos. Moisés evidentemente tinha tal registro em mente quando solicitou que Deus tirasse seu nome de Seu livro (Êx. 32:31-33). Daniel falou de nomes achados escritos em um livro sendo libertos de um tempo de angústia quando Miguel Se levantasse (Dan. 12:1). Jesus disse ao Seus discípulos para se alegrarem, pois seus nomes estavam escritos no céu (Luc. 10:20). Paulo falou dos nomes de seus colaboradores estando no livro da vida, o registro dos cidadãos celestiais (Fil. 4:3).

Em sua visão do juízo, Daniel viu certos livros sendo abertos (Dan. 7:9, 10). O livro de Apocalipse identifica um dos livros usados no juízo final como o livro da vida (20:11, 12), e declara que todos cujos nomes não se acham ali serão lançados no lago de fogo (v. 15). Aquele que persevera até o fim é assegurado de que seu nome será mantido no

livro da vida (3:5), mas os que praticam a impiedade serão excluídos da Nova Jerusalém que desce do céu (21:10, 27).

A besta de Apocalipse 13 será adorada por todos os humanos que não tiverem seus nomes escritos no livro (vs. 1, 8). É o mesmo grupo que ficará maravilhado com a besta que “era e não é”, a besta que “está para emergir do abismo e caminha para a destruição” (cap. 17:8).

LIVRO DE PRAXES DA DSA. Veja **Praxes da DSA, Livro de.**

LIVROS DO CÉU. Veja **Juízo Investigativo.**

LOBO, HAROLDO PEREIRA DE CASTRO (1901-1985) Escritor. Nasceu no dia 18 de outubro de 1901, na cidade de Carangola, MG. Jovem ainda, veio para o Rio de Janeiro, e algum tempo depois, mudou-se para São Paulo, onde conheceu a mensagem Adventista, sendo batizado no dia 17 de novembro de 1928 pelo Pastor *José Amador dos Reis.

Voltou para o Rio de Janeiro e passou a freqüentar a *IASD Adventista Central do Rio de Janeiro, localizada na Rua Lacerda. Em 1933, foi *Ancião da Igreja Adventista do Meier.

No dia 5 de setembro de 1944, casou-se com Maria Júlia Avelino.

Em 1953, mudou-se para Poços de Caldas, MG, onde colaborou como ancião na construção da Igreja local. Em 1956, regressou ao Rio de Janeiro, tornando-se ancião na Igreja Central.

Ele se destacou em muitas atividades. Homem culto, procurou nas letras o meio de divulgar a fé que aceitou em sua juventude. Foi membro de Pen Clube do Brasil e autor de alguns livros, como *A Mulher, essa Desconhecida* e *50.000 Orações Respondidas*, sobre George Müller.

Era membro da Sociedade Bíblica do Brasil. Foi presidente da Comissão executiva da Sociedade Bíblica do Brasil. Foi presidente da

Comissão Executiva da Sociedade Bíblica até a transferência desta para Brasília, tornando-se depois vice-presidente honorário.

Dirigiu dois concursos nacionais da Bíblia e colaborou nos três concursos Internacionais de Israel. Leu a Bíblia 60 vezes no decorrer de seus 58 anos de Adventista.

Faleceu na madrugada do dia 17 de novembro de 1985, aos 84 anos de idade.

LOIOLA, ISMAEL PEREIRA DE. (1914-1978). *Pastor e administrador. Nasceu no dia 5 de dezembro de 1914, em Ponta Grossa, Paraná. Filho de Efigênio Pereira de Loiola e Maria Clibes Pereira de Loiola.

Em 1937, foi batizado no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Em 1939, ingressou na colportagem. Casou-se em 25 de abril de 1944, com Aracy dos Santos Pereira, em Rio Brilhantes, Mato Grosso. Deste casamento nasceram Nacy, Ismael Filho, Ana Maria, Tânia, Dalva e Vera Lúcia.

Foi obreiro em Cachoeira do Itapemirim e em Vitória, no Espírito Santo. Diretor de Publicações em Minas Gerais e diretor e professor no *Educandário Nordestino Adventista (ENA); preceptor e professor no *ITA e *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), administrador no Hospital do Pênfigo, gerente da clínica psiquiátrica, diretor de *Colportagem em Goiás.

Em 21 de julho de 1963, foi ordenado ao ministério em Goiânia e logo após indicado para ser pastor em Anápolis, onde ficou 3 anos. Também foi gerente administrativo do *Hospital e Casa de Saúde Liberdade, em São Paulo.

Em 1971, foi jubilado na Associação Paranaense, onde exerceu o cargo de revisor de Tesouraria. Em 1974, foi pastor na Missão Mato-Grossense, onde exerceu o cargo de pastor da Igreja de Aquidauana e todo o distrito. Por fim, foi revisor na Missão Matogrossense.

Faleceu no dia 29 de outubro de 1978, aos 64 anos de idade, em Campo Grande, MS.

LOPES, FRANCISCO CHAGAS. (1910-1970) Educador emérito, professor. Nasceu no dia 22 de julho de 1910, na cidade de Ibitinga, SP. Era filho de Osvaldo Martins das Chagas e de Maria Thereza Lopes Chagas.

Fez seus estudos primários em escola particular em sua cidade natal. De 1926 a 1928, estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Cursou Norma de Eficiência, pequeno curso teológico, piano, solfejo e agricultura. Obteve o certificado do Curso Secundário, em regime de 5 anos, pelo Liceu Pan-Americano de Artes. Diplomou-se em Educação Física, em 1939, pela Escola Superior de Educação Física de São Paulo.

O Prof. Francisco Lopes Chagas aperfeiçoou sua vida profissional através de numerosos cursos que fez na área educacional e cultural. De 1931 a 1933, formou-se em Ginástica Calistênica pelo "Corpo de Líderes" da A.C.M.; Curso de Desenho em 1937; Curso de Educação (princípios) no Colégio Adventista Brasileiro (1939); Juiz de Futebol, pela Escola de Árbitros da Federação Paulista de Futebol em 1943; Juiz de Voleibol, pela Federação Paulista de Voleibol, em 1944; Ginástica Ortopédica, em 1945; Técnico de Futebol, curso organizado sob os auspícios da Associação de Professores de Educação Física de São Paulo, em 1946; Curso de Fundamentos de Orientação Educacional - I.B.E.S.; Curso de Orientação Sobre o problema do Adolescente - Departamento Cultural da União dos Ex-alunos Salesianos.

Desde menino, durante o período de férias escolares, trabalhou na farmácia de seu pai. Com o conhecimento da ciência-arte farmacêutica tornou-se proprietário de Farmácia em Borborema nos anos de 1936 e 1937, onde estudou regência de coral com o maestro da banda local.

Foi professor de Educação Física do Liceu Pan-Americano de 1931 a 1933. Em 1934 exerceu as funções de Técnico de Bola ao Cesto no A.B.C., de Araraquara, SP, de 1937 a 1938 lecionou Desenho, Geografia e Educação Física no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB).

De 1938 a 1941, lecionou Geografia e Matemática na "Faculdade de Comércio de São Paulo" de 1938 a 1941, lecionou no "Instituto Médico Dante Alighieri" e, durante o ano de 1940, foi também professor no ginásio oriental (Bandeiras).

A partir de março de 1940, exerceu a função de professor no Instituto Mackenzie nas seguintes matérias: Desenho, Geografia e Educação Física. Em 1945, o professor Francisco Lopes Chagas foi também professor de Educação Física no Colegial Stanfford.

De agosto de 1947 a julho de 1948, foi diretor do Departamento de Educação Física do Instituto Mackenzie. De 1952 a 1962, foi Vice-Diretor do Ginásio Mackenzie e em março e abril cooperou na organização de Departamento de Orientação Educacional, como representante do presidente do Instituto.

Na Prefeitura Municipal de São Paulo desempenhou as seguintes funções:

Professor de Educação Física do Departamento de Educação e Recreio da Secretaria de Educação e Cultura desde 1939. Foi ainda dirigente dos Centros de Educação Social e Familiar na Lapa, Vila Romana. D. Pedro II, Barra Funda e Borba Gato.

Pelos seus relevantes trabalhos em favor da educação dos adolescentes, o Prof. Francisco Lopes Chagas foi nomeado pelo Exmo. Sr. Secretário de Cultura e Higiene, em 24 de janeiro de 1947, "Conselheiro de Educação Física para Rapazes", integrando assim o Conselho de Educação Social.

No Instituto Mackenzie foi convidado pelo presidente a ocupar o cargo de Auxiliar da Diretoria da Escola Técnica, sendo responsável pelo Setor de Eletrônica, no período de agosto de 1964 a 1966.

Trabalhou ainda junto à administração do Instituto até abril de 1968, época em que se aposentou.

O Prof. Francisco Lopes Chagas era casado com Dona Maria Guimarães Chagas e possuía quatro filhos: Ulysses Guimarães Lopes Chagas, Circê Chagas Pinto, Lais Helena Chagas e Hebe Guimarães Chagas.

Após uma vida repleta de trabalhos e dedicação à educação e recreação da mocidade paulista.

Faleceu no dia 12 de fevereiro de 1970, em São Paulo.

LOUGHBOROUGH, JOHN NORTON (1832-1924). (Pronuncia-se *Lófbôrou*). Evangelista e administrador pioneiro. Ouviu pela primeira vez a verdade presente pregada por *John Nevins Andrews, em setembro de 1852, em Rochester, Nova Iorque, e foi imediatamente convencido do *Sábado do sétimo dia. Por três anos antes disso ele havia pregado, como pregador leigo, as doutrinas dos Adventistas do Primeiro-dia, mas estava insatisfeito. Tomou posição pública em favor do sábado em outubro de 1852 e imediatamente começou a proclamar sua nova crença. Pregava e se sustentava trabalhando, mas em dezembro de 1852, dedicou-se ao ministério em tempo integral. Foi ordenado em 1854, e, por muitos anos conduziu o trabalho evangelístico na Pennsylvania, Nova Iorque e no Meio-Oeste. Foi o pioneiro na venda de literatura ASD em quantidade quando, em 1854 começou a vendê-la por 35 centavos de dólar o pacote em uma de suas reuniões campais em Michigan. Depois de um pequeno período de desânimo em 1856, por causa de problemas financeiros, voltou ao trabalho com grande zelo, embora por algum tempo ainda tenha trabalhado sob difíceis circunstâncias.

Como resultado de uma séria enfermidade causada por sobrecarga no trabalho (1865), tornou-se profundamente interessado na reforma de saúde, e escreveu um livro chamado *Hand Book of Health; or a Brief*

Treatise on Physiology and Hygiene (Manual de Bolso Sobre Saúde; ou Um Breve Tratado Sobre Fisiologia e Higiene) em 1868.

Em 1868, com D. T. Bordeau, foi pioneiro da obra ASD na Califórnia, e em 1871, ajudou a estabelecer cinco igrejas no Condado de Sonoma, um deles em Santa Rosa, onde o primeiro prédio de igreja a Oeste das Rochosas foi erigido em 1869. Ele batizou três membros da Igreja em Nevada no ano de 1878.

No mesmo ano (1878), foi enviado pela *Associação Geral (AG) a fim de iniciar um trabalho ASD na Inglaterra, embora o campo tenha sido previamente preparado pelo trabalho de William Ings, um *Colportor. Os cinco anos de Loughborough na Inglaterra resultaram no batismo de 37 pessoas e no estabelecimento de uma Igreja em Southampton.

Depois de voltar para a América (1883), viajou como representante da AG na região do Pacífico Norte, visitando reuniões campais e fortalecendo os membros que tinham se confundido por causa de movimentos apóstatas.

Ele foi presidente da Associação de Michigan (1865-1868), tesoureiro da AG (1868-1869), e por seis anos (1890-1896), foi superintendente de muito distritos da AG. Foi também o primeiro presidente da Associação da Califórnia (1873-1878); e novamente de (1887-1890), e da Associação de Nevada (1878), da Associação Colúmbia Norte (1884-1885), e da Associação de Illinois (1891-1895).

Em 1892, publicou *The Rise and Progress of Seventh-Day Adventists* (Surgimento e progresso dos Adventistas do Sétimo Dia, revisado em 1905 como O Grande Movimento do Segundo Advento). Publicou vários outros livros, entre os quais *The Church, Its Organization, Order and Discipline,* (Igreja, Sua Organização Ordem e Disciplina (1907), que por muito anos serviu no lugar do manual da igreja, e escreveu muitos artigos para publicações denominacionais e editou o *Pacific Health Journal* por algum tempo.

Loughborough fez uma turnê mundial em 1908, incluindo a Europa, África, Austrália e Nova Zelândia em seu itinerário, que encerrou suas atividades, com exceção de algumas pregações ocasionais em reuniões campais e assistência a Sessões da Associação Geral.

LÚCIFER. [heb. *hêlel*, "aquele que brilha", "brilhante", derivado de *halal*, "resplandecer luz", "brilhar", "ser brilhante". "Lúcifer" vem do Latim, *Lucifer*, "portador de luz."] Termo que aparece em Is. 14:12 em uma passagem em que o rei Babilônico aparece como um símbolo de Satanás antes de ser expulso do céu. Antigamente, *hêlel* e seu equivalente em línguas afins era geralmente aplicado ao planeta Vênus quando aparecia em inigualável brilho como a estrela da manhã. Em seu brilho máximo, Vênus brilha 7 vezes mais forte do que Sírio, a mais brilhante de todas as estrelas fixas. Em tais ocasiões, é visível a olho nu ao meio dia. A frase "filho da alva", ou "filho da manhã" era uma expressão comum significando "estrela da manhã." A LXX traduz *hêlel* como *heosphoros*, "estrela da manhã", literalmente, "que traz a aurora", uma designação grega comum para Vênus, a estrela da manhã. Uma tradução literal da expressão hebraica traduzida como "Lúcifer, filho da alva". A aplicação do brilhante planeta Vênus, o mais brilhante dos luminares celestes, a Satanás antes de sua queda, quando ele estava próximo de Cristo em poder e autoridade e era o cabeça das hostes angélicas, é mais apropriada como um ilustração do elevado estado do qual Lúcifer caiu.

LUDWIG, AUGUSTA (1901-1985). Obreira Adventista. Natural do Rio Grande do Sul. Em 1935, foi para o Espírito Santo juntamente com o esposo, Pr. Godofredo Ludwig, onde atuou como obreira distrital durante muito tempo.

Ao lado do esposo, dedicou muitos anos à pregação da mensagem Adventista realizando muitas vezes, trabalho de pionerismo, pois os obreiros eram poucos e os distritos exigiam viagens de vários dias no lombo de animais, para que fossem satisfatoriamente visitados. Devido a viagens missionárias de seu esposo, em muitas ocasiões, Augusta Ludwig chegou a ficar meses sozinha com os filhos ainda pequenos, em lugares de bem poucos recursos e, às vezes, visitados por animais selvagens. Augusta dirigiu escolas paroquiais e sempre ajudou a atender as necessidades locais.

Aqueles que conheceram o trabalho de Augusta e Godofredo Ludwig, crêem não ter havido na Missão Rio-Espírito Santo (*Associação Espírito-Santense da IASD) nos últimos 45 anos, casal de obreiros distritais mais dedicados do que eles.

Faleceu no dia 24 de julho de 1985 aos 84 anos de idade, vítima de distúrbio cardíaco.

LUDWIG, GODOFREDO (1901-1993). *Pastor. Nasceu na Bremen, Alemanha. Veio para o Brasil por ocasião da I Guerra Mundial. Tornou-se adventista e concluiu o curso teológico no antigo *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Foi professor na Região Sul do Brasil e exerceu o pastorado por mais de 40 anos em vários campos, incluindo a *Associação Espírito-Santense da IASD.

Faleceu no dia 24 de novembro de 1993, aos 93 anos de idade em Vitória, ES.

MACEDO, PEDRO JOSÉ (-1950). Pioneiro da Região do São Francisco. Antes de se tornar membro da IASD, era católico fervoroso. Todos o conheciam por Pedro Fiscal, pois esta era sua profissão.

Em 1908, aceitou a mensagem adventista sem trabalho pessoal, a não ser o de uma *Bíblia deixada a propósito em sua casa. O estudo do Livro Sagrado mudou-lhe o curso da vida. Em 1912, foi batizado pelo Pr. *Manuel Kümpel.

Foi o primeiro adventista nessa região, dando, portanto, início a propagação da Mensagem do Advento, naquelas paragens. Como resultado desse trabalho, existem atualmente na região do São Francisco muitos grupos e igrejas organizadas.

Faleceu dia 4 de janeiro de 1950, em Porto Novo do Corrente, Bahia.

MACHADO, EGYDIO (-1926). *Colportor pioneiro na região Centro-Oeste de Mato Grosso. Foi um dos primeiros colportores que penetraram no campo do Mato Grosso. Vendeu um grande número de livros disseminando assim, a semente do *Evangelho na região Centro-Oeste desse Estado.

Faleceu no dia 11 de setembro de 1926, vitimado por uma síncope cardíaca.

MACHADO, MANOEL BRUNO (1882-1985). Pioneiro da mensagem *Adventista em Tubarão, Cabeçudas, Bentos e Imbituba, no Estado de Santa Catarina.

Manoel Bruno Machado mais conhecido por Manoel Maximiano, nasceu no dia 6 de outubro de 1882, em Tubarão, SC. Casou-se com Djanira Guedes de Araújo. Tiveram 8 filhos e uma filha adotiva.

O Sr. Maximiano exercia a profissão de barbeiro. Devido à sua profissão, travou conhecimento com dois senhores: Domingos da Silva Costa e *André Gedrath. Estes eram colportores (veja **Colportor**), oriundos do Rio Grande do Sul e estavam visitando a cidade de Tubarão.

Com a freqüência dos colportores à barbearia, surgiu a manifestação do Evangelho contido nas Sagradas Escrituras, proclamado ao mundo pela Igreja Adventista do 7º Dia. A perseverança dos colportores vieram influenciar o interesse pela verdade surtindo efeito no coração obstinado barbeiro que, neste tempo, era um homem dominado pelo vício do jogo, bebida, cigarro e prostituição além de ser temido por sua coragem e valentia. Na época, grassou em Tubarão uma terrível epidemia, chamada Espanhola, sendo fatal a muitas pessoas. O Sr. Manoel foi acometido desta enfermidade chegando a ser desenganado pelo médico que o assistia, Dr. Otto Feurschutte, que disse: “Vamos ficar sem o nosso barbeiro”.

Os colportores prosseguiam em seu perseverante trabalho, visitando-o todos os dias, oravam derramando lágrimas por sua recuperação e, pelo poder de *Deus, o Sr. Maximiano foi recuperado.

Em gratidão a Deus, o barbeiro prometeu não mais trabalhar aos sábados (Veja **Sábado**) fechando as portas da barbearia. Isto tornou notório e o Sr. Maximiano passou a ser conhecido como um novo homem.

Por diversas vezes foi perseguido pelo padre da paróquia, a ponto de o vigário solicitar ao prefeito a expulsão de Maximiano da cidade. No decorrer de sua vida cristã, dois fatos importantes verídicos comprovaram a firmeza de sua fé genuína em *Jesus Cristo.

Na família de Guilherme Longo, seu filho, Antenor, foi declarado morto pelos que cuidavam dele. Com a fervorosa e eloqüente súplica de Maximiano e sua esposa, o menino reviveu. O outro caso deu-se na

família de Prezalino Gonçalves, que recebeu a *Bênção de ter sua filha curada.

Com a finalidade de melhor servir a Deus proclamando a mensagem, o Sr. Manoel Maximiano mudou-se para Cabeçudas, onde foi batizado com um pequeno grupo já evangelizado por ele. Faziam parte do primeiro grupo de batizados em Cabeçudas os seguintes membros: o Líder Manoel Maximiano, Alaíde, sua filha adotiva, João Brum e sua esposa Estefania, Gervásia Brum, Prezalino Gonçalves e Alzira, sua esposa, Custódia Martins Brum. Posteriormente, batizou-se Djanira, esposa de Maximiano e Pedro Martinho e família.

Vários membros de Laguna congregaram-se em Cabeçudas, entre eles destacavam-se: Lucidônio de Oliveira, Francisca Félix, Manoel Constantino e sua esposa, Rosa Constantino, Rita Florinda Barreiro e Izaltina.

Com o passar do tempo, o Sr. Manoel voltou para Tubarão dando inicio à evangelização nas pessoas de João Honório de Souza, Timóteo de Souza Ávila, João Larroyd e suas respectivas famílias.

Convidado para trabalhar na Companhia Costeira, seguiu para Imbituba onde fixou residência. Seu principal objetivo era levar o povo daquela cidade a conhecer o Salvador Jesus Cristo. Conseguiu seu almejado sonho formando novo grupo composto dos seguintes membros: Venina Favassa, Madalena Cirelli e suas filhas Gessy e Geralda, Hugo Cirelli e família. Por intermédio das esposas, anos mais tarde, foram convertidos para a verdade Eugênio Favassa e Antônio Cirelli.

Como pioneiro do Evangelho, Manoel Maximiano formou grupos em Cabeçudas e Bentes, Tubarão e Imbituba, acompanhado sempre de sua esposa. Não poupava esforços para congregar com os irmãos de Laguna, Jaguaruna, Mãe Luzia, Orlães e outros.

Aposentado por contrair diabetes, dedicou o restante da sua vida à proclamação do Evangelho. Voltou a residir em Cabeçudas, sempre

dando um testemunho cristão, amável e hospitaleiro, socorrendo pessoas carentes, enfermos, estreitando seus laços de amizade com todos, principalmente os irmãos em Cristo.

Os anos que se seguiram foram dedicados ao trabalho missionário acompanhado de sua esposa. Viajavam em uma humilde carrocinha, puxada por cavalos.

Durante dezoito anos sofreu de pertinaz enfermidade; porém, sempre testemunhou uma fé inabalável e um leal testemunho cristão.

Faleceu no dia 28 de agosto de 1958. Sua esposa prosseguiu o trabalho deixado por Manoel Maximiano. Faleceu aos 97 anos no dia 06 de novembro de 1985.

MAGIA. A arte secreta do mágico, *Feiticeiros, encantador, bruxo ou bruxa. Na prática da magia, os ritos e fórmulas são geralmente usados como meios através dos quais, acredita-se, tornam-se possíveis ao que realiza a arte mágica forças sobrenaturais, de modo a poder beneficiar ou prejudicar pessoas ou coisas. Tais artes foram amplamente praticadas no mundo antigo e estavam profundamente arraigadas no Egito e na Babilônia (Gên. 41:8; Êx. 7:11; Dan. 1:20; 2:2), os dois mais poderosos países da antigüidade, com os quais Israel tivera íntimas relações durante vários períodos de sua história. Porém, a magia encontrava-se também entre os cananeus e outras nações, como é indicado pelas varas de magia, amuletos, e outros objetos usados na arte mágica, encontrados em escavações na Palestina. Desses povos, entre os quais Israel viveu, foram adotadas muitas práticas, embora a lei Mosaica condenasse isso sob pena de morte (Lev. 20:27; Deut. 18:10,11). Em tempos de crise, os Israelitas freqüentemente se voltavam aos que praticavam todos os tipos de magia (I Sam. 28:7) e eles mesmos praticavam todas as espécies de magia, como várias repreensões dos profetas do A.T. indicam (Is. 8:19; Ez. 13:18, 20).

Nos tempos do N.T., os feiticeiros Judeus, ou mágicos, estavam espalhados por todo o mundo Greco-Romano (Atos 8:9-11; 13:6-8). Muitos dos conversos judeus e gentios de Paulo em Éfeso praticavam a magia e possuíam caros livros sobre ela, os quais queimaram após sua conversão (Atos 19:18, 19). Paulo lista *pharmakeia*, “magia”, “feitiçaria” em Gál. 5:20, entre os principais pecados da carne, mencionando-o imediatamente após a idolatria. Veja **Feiticeiros.**

MAL, ORIGEM DO. Os ASD crêem que o mal moral se originou antes da *Criação do nosso mundo, quando *Lúcifer, o mais exaltado dos anjos, enciumou-se pelo *Filho de Deus e rebelou-se contra a autoridade divina; os ASD crêem que o mal é a oposição a Sua justa autoridade e bondade. Ensinam que, embora a *Bíblia não faça nenhuma declaração proposital ou definitiva a respeito da origem do mal, duas passagens do A.T. aludem ao evento em uma linguagem altamente figurativa. Sob a figura do rei de Tiro, Ez. 28:12-19 descreve Lúcifer, como é conhecido Satanás antes de sua rebelião, como querubim cobridor que, embora “cheio de sabedoria perfeição e formosura”, “corrompeu-se” e foi lançado do monte de Deus. Is. 14:12-14 descreve Lúcifer sob a figura do rei de *Babilônia. Ele estava determinado em estabelecer seu trono “acima das estrelas de Deus,” mas em vez disso, “caiu do céu”. Finalmente, ele “serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo” (v. 15), ou, nas palavras de Ezequiel, “cinzas sobre a terra”.

O N.T. faz uma referência a Satanás como sendo o originador do mal (veja João 8:44; I João 3:8). O N.T. sugere também que em sua rebelião contra Deus, Satanás ganhou a simpatia de um grande número de anjos que participaram em seu destino ao ser lançado do céu, e que serão destruídos com ele no dia do juízo (II Ped. 2:4; Judas 6). Em uma passagem geralmente considerada com descritiva do conflito original no céu bem como do conflito secundário no tempo da crucifixão de Cristo,

João, o revelador, diz “houve batalha no céu” na qual “Miguel e seus anjos” foram vitoriosos. Satanás “foi lançado para a terra, e seus anjos juntamente com ele” (Apoc. 12:7-9).

Os escritos de *Ellen G. White provêem detalhes adicionais sobre a origem do mal que estão em acordo com as concisas declarações das Escrituras. Por exemplo, ela declara que Deus não foi nenhum momento responsável pelo mal, mas que o “pecado começou com Satanás” (*Review and Herald*, 9 de março de 1886). Ela enumera três causas principais para a rebelião de Lúcifer: (1) orgulho de sua própria glória, (2) ciúme da posição e autoridade de Cristo, e (3) ressentimento para com a autoridade de Deus. Em suas várias obras, ela traça a origem do mal desta maneira:

> Pouco a pouco, Lúcifer veio a condescender com o desejo de exaltação própria. ... Em vez de procurar fazer com que Deus fosse supremo nas afeições e lealdades de Suas Criaturas, era o esforço de Lúcifer conquistar para si o seu serviço e homenagem. E, cobiçando a honra que o infinito Pai conferira a Seu Filho, este príncipe dos anjos aspirou ao poder de que era a prerrogativa de Cristo. ... Ele se gloriava em seu resplendor e exaltação, e aspirava a ser igual a Deus (*GC*, 494, 495).

> Quando Deus disse a Seu filho: “Façamos o homem à Nossa Imagem”, Satanás teve ciúmes de Jesus. Ele desejava ser consultado sobre a formação do homem, e porque não o foi, encheu-se de inveja, ciúmes e ódio. (*PE*, 145).

> Satanás tornou-se mais ousado em sua rebelião, e expressou seu desprezo à lei do Criador. ... Declarou que os anjos não precisavam de lei, mas deviam ser livres para

seguir sua própria vontade, a qual os guiaria sempre retamente; que a lei era uma restrição a sua liberdade; e que a abolição da lei era um dos grandes objetivos da sua posição que assumira (*HR*, 18, 19).

Deus, em Sua grande misericórdia, suportou longamente Satanás. Este não foi imediatamente degradado de sua elevada posição, quando a princípio condescendeu com o espírito de descontentamento, nem mesmo quando começou a apresentar suas falsas pretensões diante dos anjos fiéis. Muito tempo foi ele conservado no céu. (*GC*, 498).

Os concílios celestiais instavam com Lúcifer. O Filho de Deus lhe apresentava a grandeza, a bondade e a justiça do Criador, e a natureza sagrada e imutável de sua lei (*ibid.*, 497).

Reiteradas vezes, foi-lhe oferecido perdão, sob a condição de que se arrependesse e submetesse. ... Mas o orgulho o impediu de submeter-se. Persistentemente defendeu seu próprio caminho, sustentando que não havia necessidade de arrependimento e entregou-se por completo ao grande conflito contra seu Criador. (*ibid.*, 498,499).

Quando o espírito de descontentamento e desafeição amadureceu em forma de revolta, “toda a hoste celestial foi convocada para comparecer perante o Pai” (*HR*, 18).

Satanás ousadamente fez saber sua insatisfação por ter sido Cristo preferido a ele. Permaneceu orgulhoso e

> instando que devia ser igual a Deus e ser introduzido a conferenciar com o Pai e entender Seus propósitos secretos, e que requeria de toda a família celestial mesmo Satanás, que Lhe rendessem implícita e inquestionável obediência; mas ele (Satanás) tinha provado ser indigno de ter um lugar no céu. Então, Satanás exultantemente apontou os seus simpatizantes, que compreendiam quase metade de todos os anjos, e exclamou: “Estes estão comigo! Expulsarás também a estes e deixarás vazio o céu?” Declarou então que estava preparado para resistir à autoridade de Cristo e defender seu lugar no Céu pelo poder da força, força contra força. ... Então houve guerra no Céu. O Filho de Deus, o Príncipe do Céu, e seus anjos leais empenharam-se num conflito com o grande rebelde e com aqueles que se uniram a ele. O Filho de Deus e os anjos verdadeiros e leais prevaleceram; e Satanás e seus simpatizantes foram expulsos do Céu. Toda hoste reconheceu e adorou o Deus da justiça. Nenhuma mácula de rebelião foi deixada no Céu. Tudo voltara a ser paz e harmonia como antes. (*ibid.*, 18, 19).

A crença ASD a respeito da origem do mal é essencialmente a mesma defendida pela maioria das outras Igrejas Cristãs. Veja **Queda do Homem; Satanás e Seus Anjos.**

MANDAMENTOS, **DEZ.** Veja **Lei**.

MANSKE, SAMUEL (1928-1956). Professor. Casou-se com Helena Leite em janeiro de 1954.

Dirigiram por três anos a maior escola da *Associação Espírito-Santense da IASD de então, a escola de Baixo Guandu.

Faleceu dia 18 de outubro de1956 aos 28 anos de idade, em Vitória, ES.

MANUAL DA IGREJA

MARCA DA BESTA. Em Apocalipse 13 uma marca de identificação representa submissão à autoridade da primeira besta, ou leopardo mencionados no capítulo, durante o tempo de seu reavivamento escatológico, quando é feita uma tentativa de estender a autoridade sobre todo o mundo. Como a maior parte do *Apocalipse, o capítulo 13 é essencialmente simbólico. Na simbologia do capítulo, a primeira besta representa um sistema religioso aliado aos poderes sobrenaturais do mal, e oposto a Deus na pessoa dos que escolheram ser-Lhe fiéis (vv. 1, 2, 7). A segunda, ou besta com semelhança de cordeiro, é representada como o agente por quem a autoridade da primeira besta torna-se universal (v. 12). A estratégia usada para forçar a anuência é requerer uma “marca” de obediência de todos em sua testa (assentimento mental). A alternativa anunciada para a anuência ou aceitação é a aplicação de sanções econômicas e eventualmente a pena de morte (vv. 15-17). No Apocalipse, a marca da besta está em contradição com o *Selo de Deus (cap. 7:2-4). Veja também **Apocalipse, Interpretação do.**

Geralmente, comentários sobre o Apocalipse anteriores ao décimo-quarto século contentam-se em explicar a marca da besta simplesmente como uma marca da vinda do *Anticristo. Do décimo quarto século em diante, expoentes do período pré-Reforma e Protestantes têm-na identificado como uma marca de submissão ao Papado. Walter Brute, um escritor wiclifiano sobre profecia,

considerava-a como sendo supostamente uma indelével marca feita pelos sacramentos da Igreja Católica Apostólica Romana sobre os que a recebem (L. E. Froom, *Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 2, p. 86). Outros, tais como John Purvey, que na morte de Wycliffe, tomou seu lugar, consideravam a marca recebida na mão como sendo aceitação das obras prescritas pela Igreja, e sobre a fronte, como uma confissão pública dos ensinos papais (*ibid.*, p. 99). Escritores da Reforma identificaram-na como subserviência aos cânones, decretos e tradições de Roma para excomungar (*ibid.*, pp. 300, 306, 367, 461, 462, 616, 617, 678). Expositores do Novo Mundo tomaram posição semelhante sobre ela (*ibid.*, vol. 40, 96, 353; vol. 4, pp. 95, 247).

Desde o início, os ASD têm relacionado a marca da besta à observância futura da contrafação Romana da verdade do *Sábado bíblico, quando este será forçado pela lei e observado como sinal de submissão à autoridade de Roma.

Na segunda edição de seu folheto *The Seventh-Day Sabbath, a Perpetual Sign* (janeiro de 1847), José Bates questionou (p. 59), "Não está claro que o primeiro dia da semana como o sábado ou dia santo (do qual ele fala na p. 57 como um "concerto perpétuo" de obediência ao verdadeiro Deus) é uma marca da besta?" Escrevendo a *José Bates em abril de 1847, *Ellen G. White identificou o recebimento da marca da besta como um ato de abandono do "sábado do Senhor", e de guarda do "sábado do Papa" (*A Word to the Little Flock",* p. 19*)*. Tiago escreveu semelhantemente:

> A observância do primeiro dia como um dia de santo repouso, em vez de o sétimo, é a marca da besta e indubitavelmente a marca mencionada na solene mensagem do terceiro anjo (*Present Truth*, abril de 1868).

Em 1851, Roswell F. Cotrell chamou a marca da besta "a contrafação do sábado por Roma" (*Review and Herald*, 7 de outubro de 1851). *John Nevins Andrews falou da marca da besta como uma "instituição do papado, forçada pelo Protestantismo" (*The Three Messages of Revelation* XIV, 6-12, 1860 ed. p. 99).

Talvez a primeira declaração completa ASD sobre a marca da besta ocorre em um artigo de *John N. Loughborough em 1854:

> O sábado é um sinal entre Deus e Seu povo (Êx. 31:13-18; Êx. 20:19, 20 previamente citados); por isso, sela sua lei como genuína. Como o selo de um monarca terrestre é um sinal entre ele e seus súditos, assim o sábado é um sinal entre o Senhor e seus súditos, para que eles o conheçam de todos os outros. Tirai este quarto mandamento dos dez e o selo do Deus vivo terá fim, e o conhecimento de seu Autor é tirado de nós. Aqui é onde o Papado quer golpear. O Papa tirou o selo do Deus vivo, e os Dez mandamentos como ensinados por ele não contêm. ... (Cita o catecismo sobre a substituição do sábado pelo domingo como sinal de autoridade da igreja.) No lugar do selo de Deus ou marca, temos o *domingo* na lei. Ele não aponta ao Deus vivo, mas clama ser instituído pela autoridade do papa. Sim, ele aponta para o papa. É a "marca da besta". A besta de dois chifres deve fazer com que todos "recebam uma marca em sua mão direita ou em sua fronte." Não supomos que isto seja uma marca visível na fronte; mas como já mostramos, é o *domingo*. A fronte é o sinal de inteligência. Aí é feita a decisão pelo homem em favor ou não desta instituição. Esta marca é também recebida na mão direita. (*Review and Herald*, 28 de março de 1854).

Quanto ao que poderia ser a marca da besta, Loughborough não estava certo, mas sugeria o ato de levantar a mão direita ao fazer o pacto de observar o domingo, a fim de assegurar a isenção de sanções econômicas de Apoc. 13:16, 17. Ele foi claro, porém, em torná-la um evento futuro.

Neste clássico comentário, *Thoughts on Revelation* (Reflexões Sobre o Apocalipse, 1865, 1867), *Urias Smith, o mais eminente pioneiro e expositor da profecia bíblica, escreveu:

> Receber a marca da besta na fronte é, entendemos, dar o consentimento consciente e julgamento a esta autoridade (a primeira besta), na adoção de tal instituição que constitui a marca; recebê-la na mão é admitir obediência por um ato externo. A marca é o sinal, não da besta de dois chifres, nem da imagem da besta, mas da besta papal. ... A marca da besta é entendida como sendo uma confrontação do sábado que foi instituído em oposição de Jeová, que já mostramos no cap. 7:1-3, como sendo o selo do Deus vivo, p. 224.

Os ASD negam enfaticamente que qualquer um tenha agora a marca da besta. Por exemplo, *Tiago White em um editorial em 1852 declarou:

> Não ensinamos que os “que guardam o primeiro dia como o sábado, e que crêem que o sábado foi abolido, têm a marca da besta” (*Review and Herald*, 02 de março de 1852).

Ao ele continuar a explicar, é somente quando a mensagem do sábado tiver sido plenamente proclamada e após a observância do primeiro dia da semana for reforçado pela lei é que esta linha de demarcação entre os fiéis e os infiéis será tirada. Vários anos mais tarde, Urias Smith escreveu em um teor similar.

> Não defendemos que os guardadores do domingo constituirão a marca da besta, ainda que reforçados pelo governo em direta oposição ao sábado do Senhor (*Review and Herald*, 28 de julho de 1874).

Ellen G. White enfatizou este aspecto do assunto de 1888:

> Quando a observância do domingo for reforçada pela lei, e o mundo for iluminado a respeito desta obrigação do verdadeiro sábado, então todo o que transgredir o comando de Deus, de obedecer a um preceito que não tem autoridade superior a não ser a de Roma, honrarão então ao papado mais do que a Deus. ... Irão com isso aceitar o sinal de obediência a Roma — “a marca da besta” (*GC*, pp. 433-451; *Ev*, pp. 233, 234).

Em 1899, ele declarou:

> Ninguém recebeu até agora a marca da besta. Ainda não chegou o tempo de prova. Há cristãos verdadeiros em todas as igrejas, inclusive na igreja católico-romana. Ninguém é condenado sem que haja recebido iluminação

nem se compenetrado da obrigatoriedade do quarto mandamento. (*Ev*, p. 234).

MARCAÇÃO DE DATAS. Predição de um tempo para o *Segundo Advento. Os ASD não estabelecem uma data para o Advento ou para qualquer outro evento futuro. Os fundadores ASD, que vieram do *Movimento Milerita, insistiram depois do *Desapontamento de 22 de outubro de 1844 que o Segundo Advento não era o evento indicado pela profecia das *Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs. Sua recusa em adiar o fim do período profético para uma data posterior, e sua insistência em que nenhum tempo profético se estenderia além de 1844, livrou-os de sucessivas marcações de datas de outros que revisaram seus cálculos.

*Ellen G. White escreveu em 1850 "que o TEMPO não tinha sido um teste desde 1844, e que tempo nunca mais seria um teste" (*Present Truth*, 11/1850).

MARGARIDO, MANUEL (1887-1969). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 10 de novembro de 1887, em Portugal. Veio para o Brasil em 1911, onde aceitou a mensagem do *Advento. Ingressou na *Colportagem em 1915, em São Paulo. No ano seguinte, recebeu a promoção de Diretor de Colportagem, indo exercer as atividades no Rio Grande do Sul.

Em 1917, passou a trabalhar no Estado de Minas Gerais, de onde atendeu o chamado para a *União Este-Brasileira da IASD. Em 1932, recebeu a ordenação ao ministério na Igreja Central de São Paulo, e permaneceu na direção da Colportagem da União Este, até 1934. Voltando nessa data a São Paulo, exerceu o ministério sucessivamente nos distritos de Ribeirão Preto, Taubaté, Campinas e São Paulo, onde ocupou o cargo de diretor do Departamento da *Escola Sabatina e obra

missionária. Por fim, ocupou a presidência da Missão Goiano-Mineira, onde terminou o seu "bom combate", afastando-se como ministro *Jubilado, não pelo tempo de trabalho mas devido às delicadas condições de saúde, por volta do ano de 1946.

Faleceu no dia 25 de julho de 1969, aos 81 anos de idade, na *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP).

MARMON, ILKA MENDES REIS (1906-1989). Primeira secretária de *A Voz da Profecia. Nasceu em Varginha, MG, em 1906. Conheceu a mensagem adventista em 1924, através de uma série de conferências evangelísticas, realizadas em sua cidade natal pelos Prs. *Germano Conrado e *Domingos Peixoto da Silva.

Logo depois, Ilka e seu irmão Benedito foram estudar no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Formou-se na turma de 1935 e recebeu chamado para trabalhar como obreira no Rio Grande do Sul. Depois, em Minas Gerais, São Paulo e outros Estados.

Em 1944, tornou-se a primeira secretária de "A Voz da Profecia". Não possuía nem máquina de escrever, e a escrivaninha era emprestada. Ilka estabeleceu as bases para a Escola Radiopostal do Brasil

Depois de alguns anos, mudou-se para os Estados Unidos e casou-se com o Engenheiro James Marmon. Por alguns anos, ela trabalhou como secretária do Programa Radiofônico do Pr. Vandeman, e, mais tarde, serviu como capelã do Hospital dos Veteranos de Guerra dos Estados Unidos, que é ligado à Universidade de Loma Linda. Também trabalhou muito para o estabelecimento da Igreja Adventista Luso Brasileira de Norco, Califórnia.

Em seu testamento, legou grande parte de seus bens para a igreja e suas instituições.

Faleceu vítima de câncer, em 10 de maio de 989, em Loma Linda, Califórnia, EUA.

MARQUART, LUIZ CARLOS (1897-1979). Pioneiro na Área Educacional. Nasceu no dia 4 de março de 1897. Casou-se com Otília Marquart. Da união, nasceram 7 filhos.

Tornou-se um próspero homem de negócios no setor de agricultura e pecuária no Rio Grande do Sul.

Quando os filhos foram crescendo, abandonou essa atividade e juntou-se a outros pioneiros que iniciaram as atividades da escola, que se tornou o *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), em Taquara, RS. Por muitos anos, trabalhou como administrador da fazenda do Colégio. Até os últimos anos de sua vida permaneceu fiel e atuante na Igreja de Moema, São Paulo.

Faleceu no dia 24 de janeiro de 1979, aos 81 anos de idade.

MARQUART, BERTHA (1863-1953). Adventista pioneira em Serra Pelada, ES. Foi uma das pioneiras da IASD de Serra Pelada, ES. Aceitou a mensagem adventista pelos livros dos primeiros colportores (Veja **Colportor**) que vieram para o Brasil. Foi batizada pelo Pr. Spies em 1895.

Nessa ocasião, o seu primeiro marido, Augusto Ost, já havia falecido, tendo deixado cinco filhos. Casou-se pela segunda vez, com Augusto Marquart e então vieram morar em Serra Pelada, no ano de 1900. Em 1915, Augusto Marquart foi vitimado pela febre amarela, deixando quatro filhos.

Durante 38 anos permaneceu viúva, trabalhando pelo seu próprio sustento e cuidado dos seus filhos.

Faleceu no dia 24 de agosto de 1953, aos 90 anos de idade.

MARQUART, PAULO (1918-1988). *Pastor, professor e administrador. Nasceu no dia 17 de novembro de 1918, na cidade de Santo Antônio da Patrulha, RS, iniciou o seu trabalho para a IASD aos 19 anos de idade, como professor. Em 1940, casou-se com Jacomina Borelli, sua fiel companheira por 48 anos.

Formando em teologia pelo *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), e em bacharelado em Divindade pela Andrews University, Estados Unidos, trabalhou nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Pernambuco e São Paulo, ocupando cargos diversos na obra educacional, administrativa, departamental e ministerial da igreja. Foi pioneiro de várias igrejas, e em especial, da IASD de Caldas Novas, GO.

Pai e esposo amoroso, dedicado, manso, calmo e sobretudo humilde de espírito, compartilhou suas qualidade com tantos que estiveram sob sua influência como pastor, *Preceptor e professor. Apesar de durante dez anos haver sido pai de centenas de rapazes pelos dormitórios de instituições ASD pelo Brasil afora, nunca faltou com o dever paterno para com seus próprios filhos e netos.

Faleceu às 11 horas do dia 20 de outubro de 1988, no seu lar, aos 69 anos de idade no *Instituto Adventista Brasil-Central (IABC).

MÁRTIRES. Veja **Perseguição**.

MAYR, JOHANA LUISA BRÄUER DE (1903-1983) Missionária pioneira no Norte do Brasil. Johana Luisa Bräuer nasceu em 1903. Em 1924, foi para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde encontrou Hans Georg Mayr Brachert, seu futuro esposo.

Após o casamento, chegou em Belém, no final de 1927. Ela e o marido eram missionários de sustento próprio, não recebendo nenhuma

ajuda financeira para se manterem. Construíram a 1ª Lancha Assistencial Adventista, tornando-se precursores da obra de *Leo Blair Halliwell.

Na Região Norte-Brasileira, um campo extremamente desafiador, o casal desenvolveu um trabalho missionário expressivo em companhia de *André Gedrath.

Johana e o marido foram missionários pioneiros no trabalho de *Lanchas Missionárias no Brasil. Hans Mayr construiu a primeira Lancha Adventista no Brasil. Batizou-a com o nome de *"Ulm am Der Donau"* nome de sua cidade natal, cujo significado é "Às margens do Danúbio".

O casal Mayr trabalhou durante sete anos na Região Norte, servindo como missionários e enfermeiros, passando por Maués, Parintins, Mucajá e Centenário.

Em 1934, Luísa acompanhou o marido ao Chile, onde continuaram a atuar como missionários de sustento próprio.

De seu casamento, nasceram quatro filhos: Karl Kurt Konrad, Mercedes Marion Mauis, Werner Walther Waldemar e Ruth Naomi.

Faleceu no dia 21 de agosto de 1983, aos 80 anos de idade, em Romera Chile.

McENTERFER, SARA (1854-1936). Companheira e assistente editorial de *Ellen G. White. Ela se tornou ASD aos 20 anos de idade, freqüentou o Colégio de Battle Creek em 1876 e, mais tarde, trabalhou na Pacific Press. Em 1882, ela se tornou associada de Ellen G. White, viajou com ela para a Europa e Austrália e esteve com ela na Califórnia até sua morte em 1915.

MEDITAÇÃO MATINAL. A Meditação Matinal é um livro devocional publicado no Brasil, pela *Casa Publicadora Brasileira

(CAB) desde de 1953, com o fim de estimular a fé e consagração dos adultos.

De 1953 a 1955, a Meditação Matinal era conhecida e editada em forma de calendário, onde vinha escrito "Próspero Ano Novo", sendo em 1956 editada em forma de livro.

De três em três anos, a Meditação Matinal é de autoria de *Ellen G. White (compilação dos livros do *Espírito de Profecia).

A primeira Meditação (1953) foi reeditada em 1989, com o título "Minha Consagração Hoje" (Ellen G. White).

São 365 tópicos de leitura diária para o culto matutino.

Foram publicados até o presente (1995), os seguintes títulos:

Título *Autor*
Ano

"Minha Consagração Hoje" ....Ellen G. White.............................1953
"Caminhos Que Levam a Deus".....Sem autor..................................1954
"Dia a Dia" ....Burton Phipps.............................1955
"Filhos e Filhas de Deus"..............E. G. White................................1956
"Promessas de Deus" ....H. M. S. Richards.......................1957
"A Vida Eterna é Esta" ....Paulo C. Heubach.......................1958
"A Fé Pela Qual Eu Vivo"..............Ellen G. White............................1959
"Dá-nos Hoje" ....Robert H. Pierson.......................1960
"Luz da Lâmpada Divina" ....W. R. Beach...............................1961
"Nossa Alta Vocação" ....Ellen G. White............................1962
"Maná Matutino" ....Adlai Albert Esteb......................1963
"Reflexões para Modernos" ....Kenneth H. Wood Jr...................1964
"Para Conhecê-Lo" ....Ellen G. White............................1965
"Vitória em Cristo" ....Guilherme G. Murdoch..............1966
"Portais Para Oração" ....Thomas A. Davis........................1967
"Nos Lugares Celestiais" ....Ellen G. White............................1968

“Vinde a Mim” ....E. E. Cleveland...........................1969
“Pensai Nestas Coisas”...................Norval F. Pease..........................1970
“Vidas que Falam” ....Ellen G. White...........................1971
“Preparai o Caminho” ....Joe Engelkemier.........................1972
“Pelo Espírito do Senhor” ....William L. Barclay.....................1973
“A Maravilhosa Graça de Deus”....Ellen G. White...........................1974
“Fé para o Nosso Tempo” ....Robert H. Pierson.......................1975
“Em Contato com Deus” ....Edward Heppenstall...................1976
“Maranata - O Senhor Vem!” ....Ellen G. White...........................1977
“Dando Prioridade ao que é Essencial”.....Robert Spangler................1978 “Alegria Pela Manhã” ....Rayn
“Este Dia com Deus” ....Ellen G. White...........................1980
“Fé que Opera” ....Morris Venden...........................1981
“Renovação Matinal” ....Donaldo E. Mansell....................1982
“Olhando para o Alto” ....Ellen G. White...........................1983
“Os Caminhos de Deus” ....Floyd Rittenhouse.......................1984
“O Momento da Decisão” ....Jan S. Doward...........................1985
“Refletindo a Cristo”......................Ellen G. White...........................1986
“O Amor que Restaura” ....Dick Winn.................................1987
“Esperança e Vitória” ....Walter Scragg............................1988
“Minha Consagração Hoje”............Ellen G. White...........................1989
“Bom Dia, Senhor”.........................Enoch de Oliveira.......................1990
“Mais Perto de Deus” ....Siegfried Júlio Schwantes...........1991
“Exaltai-O!”..................................Ellen G. White...........................1992
“Andando com Deus Todos os Dias”.....Moysés S. Nigri......................1993
“Mais Semelhante a Jesus” ....Alejandro Bullón........................1994
“O Cuidado de Deus” ....Ellen G. White...........................1995

MEDRADO, ENOCH DA ROCHA (1910-1957). *Colportor, *Pastor, secretário departamental. Nasceu no dia 16 de junho de 1910, na cidade de Santa Maria Vitória, BA.

Em 1935, Enoch Medrado já era adventista e nesse tempo residia no Rio de Janeiro. Era jovem e poeta.

Do Rio de Janeiro, ele veio a São Paulo, onde estudou no *Colégio Adventista Brasileiro(CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), do qual saiu aproximadamente em 1948. Aceitou o convite da Missão do Rio São Francisco a fim de trabalhar como obreiro. Foi secretário departamental, viajando pelas difíceis regiões do sertão baiano.

Em 1950, depois de trabalhar alguns anos no São Francisco, ele colportou em Cuiabá, no Mato Grosso, onde encontrou Ilsa, com quem se casou em 1951. Desta união nasceram 3 meninas. Retornou novamente a Pirapora, em São Francisco. Posteriormente, foi chamado para trabalhar no Estado do Amazonas, tendo sido por alguns anos, o pastor da igreja de Manaus; além disso, colaborava em séries de conferências também.

De Manaus foi transferido para Porto Velho a fim de cuidar do território do Acre sendo, provavelmente, o primeiro adventista a fixar residência no território do Acre e na cidade de Porto Velho. Não permaneceu muito tempo nesse local, pois necessitava de tratamentos médicos que o obrigaram a voltar para São Paulo. Ficou internado na *Casa de Saúde Liberdade, onde descobriu-se que possuía um tumor no cérebro. Foram feitos exames e também intervenção cirúrgica, mas ele não resistiu.

Faleceu no dia 7 de novembro de 1957, aos 47 anos de idade, em São Paulo, SP.

MEIER, ALFREDO LUCAS (1905-1981). *Pastor pioneiro. Nasceu no dia 3 de outubro de 1905 na Argentina.

Formou-se em Teologia pelo Colégio Adventista Del Plata em 1929, e nesse mesmo ano casou-se com Evangelina Paulo Meier.

Logo após sua formatura, veio para o Brasil, onde exerceu todo o seu ministério.

Trabalhou como distrital na Capital Paulistana e no interior de São Paulo até 1934, quando foi chamado para o Mato Grosso, tendo iniciado a construção da 1ª Igreja Adventista de Cuiabá, permanecendo nesse Estado até 1942.

Neste mesmo ano, veio para o Rio de Janeiro trabalhando algum tempo no interior do Estado e, a partir de 1950 até 1965, em vários distritos da cidade do Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 18 de junho de 1981, aos 76 anos de idade no *Hospital Adventista Silvestre (HAS), RJ.

MELANDER, JOÃO (1887-1973). *Colportor pioneiro no Estado de São Paulo. Nasceu no dia 10 de maio de 1887 em Hamburgo, Alemanha. Era filho de Hugo e Dorotéia Melander. Era o mais novo e tinha duas irmãs. Ainda pequeno, seu pai faleceu e sua mãe veio para o Brasil na companhia dos filhos.

Estabeleceram-se na cidade de Assis, SP, e algum tempo depois, sua mãe casou-se com Jorge Skau. Da união nasceram 3 filhos.

Especializou-se em marcenaria artesanal e carpintaria. Com a vinda de imigrantes na região da alta Sorocaba, foi contratado pelo governo para receber as famílias européias, servindo como intérprete.

Em junho de 1912, chegou a Núcleo Monções, Avaré, Estado de São Paulo, a família Reichert e dois meses depois, casou-se com Edwiges Reichert, uma das filhas do Sr. Reichert.

O casal teve 8 filhos e adotaram uma menina recém-nascida: Archimedes, Matilde, João, Eduardo (falecido aos dois anos e meio), o próximo filho que nasceu recebeu o mesmo nome: Eduardo, Marta, Clarice (adotiva), Cleide e Clóvis.

João Melander aceitou a mensagem ASD através de seu cunhado, o Dr. *Carlos Heinrich no ano de 1914. Vendeu a marcenaria e começou a colportar por influência do cunhado, que colportava desde 1919.

Melander começou o ministério da colportagem em 1921, quando os colportores carregavam os livros às costas em uma bolsa de couro e levavam mais um pacote de livros em cada mão. Progrediu no trabalho até tornar-se campeão de vendas dos colportores em diversas ocasiões.

Cinco anos após haver começado a colportar, Melander pensou em deixar a Obra ASD porque não via fruto missionário de seu trabalho. Um dia, assistiu a um congresso, e ali um homem aproxima-se dele e lhe diz: “Ó alemão! O senhor é aquele que trouxe salvação à minha casa!” Esse homem havia aceitado a mensagem Adventista através dos livros que Melander lhe vendera.

Outro episódio marcante de sua vida ocorreu na região de Botucatu, SP, quando, ao entardecer de um dia, Melander começou a falar sobre a mensagem da salvação a um homem e assim passaram a noite toda sem perceberem a rápida passagem das horas. Dez anos depois, o mesmo homem, providencialmente, foi morar perto da casa de Melander. Ao vê-lo diz: “Aquela foi a noite de minha salvação!” Toda família composta de 10 pessoas estava batizada.

Certo dia, Melander visitou um fazendeiro e logo que o cumprimentou, o homem pergunta:

— Onde está seu companheiro?

— Vim só — Responde Melander.

— Não é possível! Diga-me onde ficou o companheiro que vinha com o senhor, um homem vestido de branco. Eu o vi.

— Olhe, senhor — explica Melander — sou um missionário. Trago uma mensagem de *Deus para a felicidade e salvação de cada pessoa. Por isso me acompanha um *Anjo do Céu. Esse companheiro que o senhor viu é o anjo de Deus que vai comigo. E Melander citou o Salmo 34:7 deixando o fazendeiro muito impressionado.

Dentre as experiências marcantes de Melander ao longo de seu ministério na colportagem, uma é deveras impressionante. Um dia, pela manhã, ao aprontar-se para sair ao trabalho, tomou um livro, embrulhou-o e saiu com ele. Quando estava no bonde, pergunta a si mesmo: "Por que trouxe este livro comigo? Em que estava pensando?" Depois de descer do bonde, caminhou meia quadra e viu uma menina defronte a uma porta e que gritava para dentro de casa, dizendo: "Mamãe, aí vem o homem de Deus!" Melander vira-se para ver a quem a menina se refere, mas não há pessoa alguma além dele. Nesse momento, a mãe aparece à porta, e dirigindo-se ao colportor, diz a ele: "O senhor é o homem que vi a noite passada em sonhos. O senhor traz um livro que tem a gravura duma escada com anjos que sobem e descem por ela."

Trabalhou em todas as cidades de Sorocaba, da Alta Paulista e Santos. Morou em Santo André, na *Casa Publicadora Brasileira (CPB) e, no ano de 1924, foi morar no Capão Redondo onde comprou uma chácara.

Em 1937, foi transferido para Presidente Prudente, na região da Alta Sorocaba.

Em 1939, foi para Conceição de Monte Alegre, perto de Paraguaçú Paulista. Em 1941, mudou-se para Marília, e trabalhou em várias cidades da Alta Paulista: Pederneiras, Jaú, Barra Mansa, Duartina, Garça, Vera Cruz, Padre Nóbrega, Pompéia, Tupã, Adamantina, Agudos, Bauru e muitas outras cidades.

Aposentou-se por motivos de saúde, porém continuou a trabalhar com moderação. Em junho de 1951, adquiriu uma casa em Jacuba, atualmente, Hortolândia, nas proximidades de Campinas, Estado de São Paulo.

Sempre foi membro ativo nas igrejas que freqüentou atuando como: *Diácono, diretor da *Escola Sabatina, Diretor Missionário, Diretor dos Jovens, *Ancião da Igreja.

Em 1960, mudou-se para Goiânia, capital do Estado de Goiás, permanecendo lá até 1964. Regressou a Hortolândia e em 1970, doou a casa para a Obra, em regime de uso e fruto.

Em 1972, submeteu-se a uma cirurgia no estômago para extrair um tumor maligno. Apesar de os médicos preverem apenas 3 meses de vida, Melander viveu ainda 13 meses. Durante o tempo que ficou internado no *Hospital Adventista São Paulo (HASP) vendeu mais de 100 exemplares do livro "O Grande Conflito". Enquanto no leito, pediu à enfermeira que deixasse a porta do quarto aberta e à hora das visitas chamava os que passavam no corredor e dava *Estudos Bíblicos.

Seu hino predileto era "Precioso é Jesus para Mim", nº 320 do hinário "Cantai ao Senhor".

Faleceu no dia 13 de outubro de 1973 aos 86 anos de idade. Está sepultado no cemitério de Campo Grande, em SP.

MELLO, ARACELY SILVEIRA (1903-1988). *Pastor e escritor. Nasceu no dia 26 de outubro de 1903, em Cachoeira do Sul, RS.

Aos nove anos de idade, através de uma série de conferências realizada na cidade de Rua Alta, RS, conheceu a mensagem adventista. Logo depois, foi batizado pelo Pr. *José Amador dos Reis.

Em 1933, casou-se com Lídia Herman, de cuja união nasceu Humberto, único filho do casal. Preparou-se para o ministério no Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) formando-se em Teologia em 1935. Iniciou seu ministério em Porto Alegre e foi ordenado por volta de 1939.

Realizou muitas séries de conferências, em resultado das quais muitas igrejas de originaram. Entre elas podemos destacar: Pelotas, Alegrete, Passo Fundo, Uruguaiana e Santa Maria.

Trabalhou por algum tempo no *Educandário Nordestino Adventista (ENA). Atuou também em Curitiba, Florianópolis e *A Voz da Profecia, no Rio de Janeiro.

Sempre estudioso, o Pr. Aracely deixou vários livros, sem contudo usufruir-lhes os lucros. Cada obra impressa era dedicada a um empreendimento da Igreja ou da escola. São de sua autoria: *A Verdade sobre as Profecias do Apocalipse*, *Testemunhos Históricos das Profecias de Daniel*, *Os Maravilhosos Milagres de Cristo*, *O Santuário*, *Justificação pela Fé* e *O Pai Nosso*.

Aposentando-se em 1965, o Pr. Mello passou a residir em Taquara, junto ao *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Com eloqüência e autoridade, repartiu seus amplos conhecimentos da *Bíblia e do *Espírito de Profecia.

Faleceu em 1988, os 85 anos de idade, em Taquara, RS.

MELO, JOSÉ PINTO DE (1889-1963). *Colportor, funcionário pioneiro da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Foi um dos primeiros obreiros da CPB, em Santo André, SP, manejando o prelo manual existente naquela época. Durante 56 anos de sua vida, dedicou-se à obra adventista zelosa e fielmente. Trabalhou como colportor durante 8 anos aproximadamente, levando muitas pessoas ao *Batismo, devido ao seu fervor missionário. De seu casamento, nasceram 8 filhos.

Faleceu no dia 16 de abril de 1963, em Piraí do Sul, PR.

MEMBRO DA IGREJA. Veja **Natureza da Igreja.**

MENDES, ALFREDO PEREIRA (1891-1894). Obreiro da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nascido no ano de 1891, a vida de Alfredo Mendes sempre esteve ligada à Obra de Publicações.

Começou a trabalhar na CPB em 1920, como encadernador-chefe, sendo um dos primeiros brasileiros a compor o quadro de funcionários desta editora.

Casou-se no dia 17 de maio de 1922 com Júlia Apolinário, em Santo André, SP, de cuja união nasceram duas filhas: Evanira e Dejanira.

Em 1937, foi promovido a superintendente das oficinas, cargo eletivo que ocupou até o dia 31 de maio de 1965, quando foi jubilado, depois de 45 anos de serviços prestados à Casa Publicadora Brasileira.

Foi membro da IASD Central de Santo André por muitos anos, onde também exerceu os cargos de *Ancião da Igreja, *Diácono e professor da *Escola Sabatina.

Alfredo Mendes, ao longo de seu trabalho na editora, ficou também conhecido pelos trabalhos prestados na área de enfermagem, um *hobby* que exercia por ter estudado enfermagem. Era conhecido como “o médico da Casa”.

Faleceu no dia 26 de agosto de 1984, aos 93 anos de idade, em Brasília, vítima de parada cardíaca.

MENEZES, LIETA MOTA (1896-1964). Primeira adventista em Aracaju, SE. Nasceu em 1896. Foi a primeira pessoa a aceitar a mensagem Adventista em Aracaju, SE e deste então, trabalhou em prol do *Evangelho.

Em 1923, conheceu a Igreja Adventista e foi batizada pelo Pastor *Leo Blair Halliwell. Desde 1951, freqüentou a IASD Central de Guanabara, atual, Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 23 de janeiro de 1964, aos 68 anos de idade.

MEYER, HENRY J. (1877-1972). *Pastor evangelista e administrador. Nasceu no dia 16 de setembro de 1877. Destacou-se

como dedicado missionário. Tão logo que ouviu da necessidade de obreiros no Brasil, comoveu-se tanto que decidiu aceitar esse chamado. Em 20 de novembro de 1911, deixou os Estados Unidos, seu país, juntamente com sua família, em navio, rumo ao Brasil. Desembarcaram no Rio de Janeiro dia 8 de dezembro desse mesmo ano. Foram para a Igreja do Rio de Janeiro, onde se encontraram com os seus 20 membros, sendo Margarida Jahn, a primeira observadora do *Sábado nesse Estado.

De 24 de março a 16 de abril de 1912, participou em Blumenau, Santa Catarina de um congresso bíblico, onde se reuniram 18 obreiros. Era tudo o que o Brasil possuía. Na época, foi convidado a visitar as três igrejas e membros isolados no Estado do Espírito Santo.

No dia 12 de maio de 1912, ele partiu de Vitória, de trem, rumo a Santa Maria, ES. Tendo como objetivo visitar todos os membros adventistas e interessados. No final de junho, realizou-se um batismo de 9 pessoas, no rio desta cidade, entre eles estava Guilherme Denz.

Em 05 de junho de 1912, dirigiram-se à Serra Pelada, ES, a fim de divulgar a mensagem Adventista, e como resultado foi realizado um batismo de 8 pessoas jovens, entre eles, Gustavo Storch. Trabalhou também em Laranjinha e Laranja da Terra, Manteiga e em Santa Joana, onde esteve reunido com Fritz Kunde, um dos primeiros guardadores do sábado no Espírito Santo. Dia 27 de julho, retornou ao Rio de Janeiro, empenhado nesse mesmo trabalho: visitar os membros interessados. Por longo tempo dedicara-se ao estudo e aprendizado da língua pátria e foi nesse Estado que pregou o seu primeiro sermão em português. Realizou-se um batismo de 9 pessoas em Cascadura, Rio de Janeiro, entre eles, Regina Menezes, futura obreira bíblica.

No final do ano, partiu para Teófilo Otoni, MG, onde encontrou um ativo grupo de membros. Seu primeiro ano no Brasil foi dedicado a conhecer as igrejas e grupos Adventistas existentes.

Em 1914, foi eleito presidente do campo Sul Rio-Grandense, onde permaneceu aproximadamente 5 anos. Em dezembro de 1918, foi eleito

o primeiro presidente da *União Este-Brasileira da IASD, recém organizada. Em 1923, por ocasião da Conferência Geral realizada em São Francisco, recebeu um chamado de volta aos Estados Unidos, seu país de origem.

Faleceu no dia 04 de agosto de 1972, aos 95 anos de idade, em Pasadena, Califórnia.

MICHILES, JOSÉ BATISTA (1884-1974) Adventista pioneiro em Maués, AM. Nasceu no dia 19 de junho de 1884, em Maués, AM, numa família de grande poder político na pequena cidade. Seu avô foi o primeiro deputado do Amazonas, capitão da guarda nacional e também governador do Estado. Seu pai José Feliciano Michiles também ocupou cargos de influência política.

Logo após a morte de seu pai, José teve que assumir as responsabilidades familiares ainda muito jovem, interrompendo seus estudos na 2ª série do 1º Grau. Mesmo assim, adquiriu elevados conhecimentos gerais e perfeito domínio da língua, dado o gosto pela leitura.

Aceitou a mensagem Adventista em meados de 1927 através dos Pastores John Brown e Wilcox, que realizavam um trabalho de evangelização naquela região. Batizou-se em março de 1918 juntamente com 3 vizinhos.

Pertenceu e fundou a primeira Igreja Adventista do 7º Maués e da *União Norte-Brasileira da IASD e seu *Batismo foi o primeiro a ser realizado na região.

A Fazenda Centenário lhe pertencia e ele exercia grande influência tanto na comunidade quanto no lar. Isso contribuiu para que logo após sua conversão a família e vários vizinhos formassem a Igreja-Mãe da Amazônia. Outra contribuição de Michiles foi a fundação de uma escola paroquial dirigida pelo missionário-professor João Gnutzmann.

Logo após todos estes fatos, Michiles passou a ser leitor assíduo dos livros do *Espírito de Profecia e através do seu testemunho muitas pessoas se converteram.

Havia época em que a malária acossava impiedosamente àquelas regiões e Michiles, conhecendo o precário atendimento que a cidade poderia proporcionar, saía todas as manhãs atendendo e tratando de todos os enfermos com medicamentos ou a cesta básica. Nos casos mais graves, as pessoas eram levadas para os barracões de sua Fazenda até recobrarem as forças e voltarem para suas casas. Outro fato era a doação de frutas e leite provenientes de aproximadamente mil cabeças de gado.

Michiles também doou grande área de terra de sua fazenda para que fossem construídas as casas dos professores e obreiros de Maués e da região.

Um casal que muito ajudou a família com o seu trabalho pioneiro foram *Leo Blair e *Jessie Halliwell. O auge do trabalho contra as doenças da época foram solucionados graças a este casal.

José uniu-se em matrimônio com Rosa Michiles e, como pais também demonstrava seu exemplo estudando a lição todos os dias antes da refeições matinais.

Nasceram-lhe 6 filhos dos quais 4 foram obreiros da Igreja Adventista. São eles: Érison (pastor), Darcy, Sonila, Rosilda, Josué e Eldina.

Faleceu no dia 24 de julho de 1974, aos 90 anos de idade, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP) , SP, sendo embalsamado e transportado para o sepultamento em Maués, sua cidade natal.

MIGUEL, O ARCANJO. Nome e título de um ser celestial mencionado em Judas 9 como estando a contender com o diabo a respeito do corpo de Moisés. O nome Miguel ocorre também em Daniel 10:13, 21; 12:1 como um dos “primeiros príncipes” dos judeus, que tinha estado a ajudar a Gabriel na corte da Pérsia, quem somente

concedeu a Gabriel o conhecimento do futuro e que livraria o povo de Daniel de seus inimigos no fim do tempo. O contexto requer que Miguel seja considerado como um ser sobrenatural. Em Apoc. 12:7, Miguel ordena as forçar angélicas na grande batalha no céu que resultou na expulsão de Lúcifer e seus anjos. Em cada caso o nome ocorre no contexto do conflito com Satanás. Clemente de Alexandria, Orígenes e Dídimo se referem a Judas 9 como uma citação do pseudepígrafo *Assunção de Moisés*, grandes porções do qual, porém, não contêm tal declaração.

Os *Mileritas e outros definiram Miguel, o Arcanjo, com Cristo. Em uma exposição de Dan. 12:1 *Guilherme Miller escreveu: "Miguel, nesta passagem, deve significar Cristo; Ele é o grande Príncipe, e Príncipe dos príncipes" (*Evidences From Scripture and History of the Second Coming of Christ*, 1840, pp. 108, 209). Outros comentários estabelecem três principais argumentos para defender Miguel como simplesmente outro nome de Cristo: (1) A declaração em Judas 9. (2) A voz de Cristo é a voz do Arcanjo (I Tim. 4:16). (3) Miguel é chamado um príncipe (Dan. 12:1) como Cristo o é (Is. 9:6, 7; Ez. 37:25; Dan. 8:25; 9:25; At. 5:30, 31) (F. H. Berick, *The Lord Soon to Come*, pp. 137-139{1854}).

A maioria dos ASD têm defendido que Miguel é o Cristo. Baseado nessa e outras passagens das *Escrituras, os ASD concluem que Miguel não é outro senão Cristo - "Arcanjo" não no sentido de ser o anjo mais elevado (chefe entre iguais), mas de ser regente das hostes angelicais (infinitamente maior do que eles). De acordo com I Tim 4:16 a voz do arcanjo é ouvida quando Cristo, o Filho de Deus, chama os mortos. Tendo em vista o fato de que Miguel significa, "Quem é igual a Deus?" e que a rebelião de Satanás era essencialmente um desafio da divindade e prerrogativas de Cristo como o Filho de Deus, o nome é particularmente adequado no contexto do conflito com Satanás, no qual ele sempre ocorre. Veja *SDABC*, 7:706.

MIL DIAS DE COLHEITA – CAMPANHA EVANGELÍSTICA DA IASD. Campanha evangelística da IASD no mundo, no período de junho de 1982 a junho de 1985.

O objetivo era pregar a Palavra de *Deus a um milhão de pessoas: mil pessoas em cada dia dos mil dias de colheita. Chegou-se a cerca de um milhão, cento e setenta mil pessoas batizadas.

No final de 1984, os jovens e juvenis que representam cerca de 70% da igreja, chegou ao número de 400 mil.

Foram realizadas pregações em lares, salões, para projetos pioneiros, evangelismo de Semana Santa e metropolitanas. Foram aproveitados os dias especiais para programas de evangelismo com envolvimento da igreja: "Dia das Mães"; "Dia de Finados".

Os batismos, por influência, das instituições educacionais chegaram a 20.467 pessoas. Mais de 100 mil pessoas receberam o certificado do Ano Bíblico e/ou do Clube do Livro.

Mais de 15.000 acampamentos foram realizados com a participação de mais de 60 mil jovens.

Os *Desbravadores reuniam-se semanalmente em 1.168 clubes, num total de 40 mil membros, o 1º Camporee da América do Sul realizou-se em dezembro de 1983, próximo a Foz do Iguaçu, com a participação de 4.500 desbravadores de 8 países da América do Sul.

Cento e trinta mil pessoas participaram de atividades de temperança. Mais de um milhão de literatura especializada foi distribuída. O número de ministros da Página Impressa chegou a 7.506, dando um crescimento de 86 sobre o final de 1979. Teve início a campanha de venda e distribuição de mil livros *O Grande Conflito*, por colportores e membros Adventistas.

Quase 10 mil cursos "*Como Deixar de Fumar em 5 Dias" foram realizados. Quinze diferentes programas de rádio e TV foram elaborados na América do Sul, dirigidos por pastores e membros da igreja. Foram

mais de 600 programas apresentados semanalmente. Os cursos das Escolas Radiopostais ultrapassaram 600 mil alunos inscritos.

Mais de 100 mil pessoas foram batizadas através destes cursos.

MILAGRES. Geralmente, fenômenos que não podem ser explicados pela operação das leis conhecidas do mundo natural; alteração providencial das circunstâncias ou da atitude humana e vontade de maneira a promover o bem e restringir o mal; do Latim *miraculum*, objetivo ou evento que impressiona o observador com admiração e espanto, os quais transcendem seu entendimento, conhecimento e experiência e para os quais, em seu infinito julgamento, as leis da natureza ou mudança não podem dar uma explicação adequada.

Milagres podem ser de origem divina ou satânica (At. 19:11; II Tim. 2:9; etc.). A última pode ser genuína ou uma contrafação. Milagres podem ser classificados de acordo com seu caráter ou de acordo com seu propósito. Milagres divinos podem ser de significado cósmico (por exemplo; *Criação e o *Nascimento Virginal, *Ressurreição e a *Segunda Vinda de Jesus), ou de significado pessoal (por exemplo, curas e livramento de perigos), ou podem ser usados para o avanço do plano de *Deus para a salvação do mundo (por exemplo, ocasiões repetidas de intervenção divina em favor do povo de Israel). Um milagre pode consistir na natureza do evento em si, ou a oportunidade de um evento natural a respeito a outros eventos, ou em seus efeitos.

Quanto ao propósito ou resultado, um milagre pode ser definido em termos das palavras Gregas assim traduzidas no N.T.:

(1) *dynamis*, “um ato de poder”;

(2) *semeion*, “um sinal” (Luc. 23:8; João 2:11; etc.).

A esses termos gregos, estão freqüentemente associadas as palavras *teras*, “maravilha” (Mat. 24:24; At. 2:22; etc.). O mesmo milagre seria uma maravilha em virtude do terror que inspirou naqueles

que o testemunharam, um ato de poder porque foi uma manifestação do poder divino, e um sinal no sentido de ter sido designado a impressionar a mentes humanas com a verdade.

Os milagres de nosso Senhor chamavam à operação um poder totalmente desconhecido ao homem, e produzia resultados que não podiam ser explicados no nível do conhecimento humano. Seus milagres eram sempre práticos e salvíficos, isto é, eram designados a suprir uma necessidade real e levar os homens a encontrarem salvação nEle. Ele nunca exercitou seu poder divino para satisfazer a curiosidade ociosa nem para demonstrar Sua habilidade em realizar milagres, nem para Se beneficiar. Em várias ocasiões, Jesus Se recusou a realizar milagres porque as condições necessárias não tinham sido supridas e porque o efeito produzido não teria servido para um propósito salvífico (Mat. 12:38, 39; cf. Luc. 23:8, 9; João 6:30). Seus milagres também ilustravam verdades espirituais. O homem curado de paralisia foi primeiramente curado da paralisia espiritual (Mar. 2:5-11). O homem cego em Siloé obteve a restauração da visão natural do corpo e da visão espiritual (João 9:5-7, 35-38). Repetidas vezes Ele apontou para Suas grandes obras como evidência de Sua autoridade divina, Messiânica e de Sua mensagem (Mat. 11:20-23; João 5:36; 10:25, 32, 37, 38; 14:10-11). Os homens reconheceram o poder divino em ação nEle e através dEle (Luc. 9:43; 24:19; João 3:2; 6:14; 9:16, 33). Cristo nunca foi descrito como realizando um milagre exceto para suprir uma real necessidade. (Este método foi chamado “a lei da economia do milagre”). Ele não recorreu ao que os homens chamariam de milagre se o resultado desejado pudesse ser razoavelmente assegurado de maneira natural. Deus não realiza milagres para fazer pelo homem o que ele próprio, usando a inteligência e habilidade com a qual os dotou, podem fazer sozinhos, ou dotá-los com coisas para agradar ao desejo egoísta. Deus espera que o recipiente de um milagre sinta um profundo senso de necessidade por algo que compreenda que somente Deus pode prover; creia que Deus

pode e irá suprir sua necessidade, se a mesma estiver em harmonia com Sua vontade; esteja desejoso de aceitar o que sabedoria divina achar ser o melhor; coopere com Deus na realização do objetivo desejado; viva doravante de acordo com os princípios do reino do céu; e dê o testemunho do amor de do poder de Deus.

Milagres, especialmente os relatados nas Escrituras, têm sido razão de considerável debate entre a ciência e a teologia. A ciência natural é possível somente porque as unções naturais de maneira regular e organizada. Como resultado, é possível observar e explicar as obras da natureza. Mas os milagres, sendo eventos únicos, desafiam a análise pelo método científico. Por exemplo, a Criação, o *Dilúvio, a *Encarnação e a ressurreição de Cristo, não são susceptíveis à explicação por teorias científicas comuns ou de seus procedimentos. Conseqüentemente, os que olham o mundo de uma perspectiva exclusivamente naturalista negam todos os milagres.

Em vista do fato de haver milagres falsos, seria tanto um ato de insensatez aceitar todos os pretensos milagres sem investigação crítica quanto seria rejeitar todos os milagres como sendo, *a priori*, impossíveis. O cristão pesará a evidência dos milagres à base de critérios objetivos apropriados, e chegará a suas conclusões conseqüentemente.

Em um pretenso milagre de cura divina, por exemplo, teria que haver testemunho médico competente que uma certa condição física realmente existiu antes do milagre, que não esteja presente posteriormente, que a mudança não poderia ser atribuída a qualquer outra causa conhecida, e que o conhecimento e perspicácia humanos não poderiam ter efetuado a cura. Por causa da ausência de dados na maioria das modernas pretensas curas pela fé e também porque os princípios e métodos na qual os curandeiros da fé popular operam diferem tão notavelmente dos relatados nas Escrituras, os ASD não aceitam as pretensões de tais milagreiros.

Se os ensinos e a vida da instrumentalidade não se conformam com a vontade de Deus como descrita nas Escrituras e especialmente se os métodos são sensacionais, os cristãos podem deduzir que o poder sobrenatural — se estava incontestavelmente presente - não veio de Deus. Por outro lado, há relativamente raros exemplos em que todos os requisitos para um genuíno milagre estão presentes, e os fatos são assegurados por testemunhas competentes.

Ao leitor casual, a *Bíblia poder parecer estar cheia de milagres. Porém, deveria ser relembrado que a Bíblia cobre uma grande extensão de tempo e que, em sua maioria, estes fenômenos ocorreram somente em intervalos raros. Mesmo assim, a Bíblia relata mais milagres do que parecem ocorrer hoje. Isto é indubitavelmente atribuível ao fato de que havia mais necessidade de milagres nos tempos bíblicos. Por exemplo, a ciência médica moderna capacita um médico experiente a efetuar uma cura em casos inúmeros para os quais não havia nenhum remédio no tempo de Cristo; e Deus normalmente não realiza milagres pelo que pode ser conseguido por meios naturais. Poderíamos também esperar mais milagres em terras menos cultas — onde a necessidade deles é maior e onde predisposição para aceitar milagres facilitaria a utilização de tais fenômenos para levar homens ao conhecimento de Deus — do que em terras onde milagres são freqüentemente considerados suspeitos e onde eles poderiam até mesmo, às vezes ser um obstáculo à realização de tal objetivo.

Da credibilidade dos milagres J. P. Henderson escreveu na *Review and Herald* de 5 de julho de 1887:

> Um milagre é simplesmente o uso de um poder maior para a repressão de um menor. ... Um grande poder controla um menor; e Ele que é o Criador da natureza tem poder inquestionável para controlar as coisas criadas. ...

> Questionar poder superior ao nosso é limitar o Deus do Universo por nossas próprias capacidades.

Comparando o extraordinário exercício do poder divino manifesto em milagres, com a manifestação comum do mesmo poder dia a dia no mundo natural, o Dr. David Paulson declarou:

> Às vezes, um milagre é definido como algo que está fora de harmonia com a lei natural; mas esta definição é um resultado mais de ignorância do que do conhecimento. ... Quando vemos algo acontecendo e que não podemos explicar, podemos chamá-lo de milagres, enquanto os milagres que estamos acostumados a ver diariamente, consideramo-los simplesmente como eventos; mas não é um milagre tanto quanto o outro?

Resumindo, os ASD aceitam a realidade de milagres devidamente comprovados. Eles não crêem que o Criador esteja necessariamente limitado pelo que os homens consideram leis naturais, pois isso poria um limite finito em Seu infinito poder como Deus, senão negando Sua existência como um todo. O problema básico com os milagres está no conceito pessoal de Deus. Uma pessoa que crê em um Deus infinito e pessoal que criou e sustém todas as coisas e que é infinitamente sábio, poderoso e bom, não encontrará nenhuma dificuldade em crer também que quando necessário, Ele pode utilizar as forças da natureza de maneira que Lhe aprouverem, para realizar o que em Sua infinita sabedoria, achar melhor.

MILBRATZ, AUGUSTO (1867-1954). Pioneiro adventista. Nasceu no dia 2 de setembro de 1867.

Foi um dos primeiros guardadores do *Sábado no Brasil, desde aproximadamente 1863. Quando a mensagem do Advento chegou ao país, ele prontamente se uniu ao povo Adventista, permanecendo firme por toda a sua vida.

Faleceu no dia 5 de janeiro de 1954, aos 84 anos de idade, em Joinville, SC.

MILÊNIO. Período referido como "os mil anos" em Apoc. 20 - intervalo entre a primeira e a segunda *Ressurreição - durante o qual Satanás está preso e os que ressurgiram na primeira ressurreição reinam com Cristo. Literalmente o termo (latim *mille*, "mil", e *annum*, "ano") significa simplesmente um período de mil anos; por exemplo, o Êxodo ocorreu no segundo milênio antes de Cristo

I. Idéias Mileritas *versus* Outras. Os fundadores ASD, tendo pertencido ao movimento *Adventista Milerita pioneiro, herdou de sua interpretação Adventista distintiva, isto é, que o milênio representa o início do reino eterno dos santos imortais e que vem após o *Fechamento da Porta da Graça. A posição Milerita era um separação distinta do Milenismo popular daquele tempo.

Os outros *Pré-milenistas (pré-milenismo é o conceito de que o *Segundo Advento de Cristo precede o milênio), chamados de literalistas, e os pós-milenistas (pós-milenismo é a concepção de que o Segundo Advento ocorre após o milênio) ambos ensinavam um milênio temporal, isto é, um que existiam mortais não regenerados, em que os nascimentos e mortes ainda ocorrem e no qual ainda havia pecado e arrependimento. Ambos aplicavam ao milênio as profecias do reino concernentes a Israel no A.T.. Os pós-milenistas aplicavam estas profecias em um sentido espiritual e se referiam a elas como uma era de melhoramento social gradual, e o triunfo do Cristianismo no mundo em seu presente estado. Os literalistas pré-milenistas interpretavam essas

profecias literalmente e esperavam o Segundo Advento para inaugurar um reino não só dos santos ressurretos, mas também dos mortais na terra. Este reino terrestre era pintado como “o cetro de ferro de Cristo”, sob o qual os judeus governariam e ensinariam as “nações” da Jerusalém literal, onde o Templo e os sacrifícios seriam restaurados, até a revolta final da destruição das nações rebeldes no fim do milênio. Os Mileritas, rejeitando os ensinos de ambos os grupos, enfaticamente declaravam:

> O único milênio encontrado na Palavra de Deus, são os mil anos que intervém entre a primeira e a segunda ressurreições, como trazido à visão no capítulo 20 de Apocalipse (“*Fundamental Principles*,” como impresso no *The Western Midnight Cry*, 10 de fevereiro de 1844).

A idéia ASD é essencialmente a dos Mileritas, mas com uma diferença significativa. Os ASD ensinam que os remidos estão no céu durante o milênio e que a renovação da terra ocorre no fim desse período, embora os Mileritas ensinassem que os santos devem reinar na terra renovada *durante* aquele tempo.

II. Desenvolvimento do Ensino ASD. A mudança para o ensino ASD começou em 1845. *Tiago White escreveu após isso que já em 1845, ele tinha ensinado que o reino de Deus não seria estabelecido na terra até o fim do milênio e acrescentou que E. R. Pinney (ministro Milerita) ensinava a mesma idéia em 1844 (*Review and Herald*, out. de 1855). Pinney, porém, em 1850 ensinava a velha posição Milerita. Um ex-Milerita escrevendo no **Day-Star*, 22 de novembro de 1845) mencionou “alguns” entre os Adventistas que “concluíram que não teremos um novo céu e uma nova terra até depois da segunda ressurreição, ou no fim dos 1.000 anos.” Esta idéia foi adotada, afirmou ele, para evitar a absurdidade de os corpos dos ímpios ressuscitarem da

nova terra purificada após Cristo e os santos já terem reinado sobre ela por mil anos. Não se sabe como muitos Adventistas ensinavam isto em 1844 — alguns na congregação de Filadélfia, também Storrs e, segundo a opinião geral, Fitch. Mas estes defendiam, em acréscimo, que a porta da graça continuaria após o Segundo Advento. Isso era parte do literalismo, que Storrs abraçou em 1845. Mas Pinney e White, como a maioria dos Adventistas, expressamente rejeitou aquela concepção da profecia.

Enoque Jacobs, em uma nota editorial, diz que todos os escritos Adventistas "até agora têm sido muito obscuros e nebulosos quanto a este período de 1.000 anos" (*ibid.*, p. 29).

Essa obscuridade sobre detalhes do milênio está aparente no artigo de *Owen Russel Loomis Crosier (*The Day-Star* Extra, fev. de 1846) intitulado *A Lei de Moisés*, em que ele explicou a nova doutrina do *Santuário e igualou o *Dia da Expiação a um período incluindo o milênio. Ele descreveu a próxima era como "os tempos da restituição" (p. 42), a união da capital e do Rei do céu, com seus súditos e território sobre a terra, e o milênio como "um degrau" para "a terra redimida e Edenizada novamente"; além disso, ele obviamente esperava que os salvos fossem levados para a cidade por ocasião do Advento.

Os pré-ASD, que adotavam a exposição de Crosier sobre a doutrina do Santuário como uma explicação ao desapontamento Milerita, não tomaram conhecimento de sua abordagem sobre o milênio, pois sua ênfase, como a dele, estava em outro ponto. Porém, em maio de 1846, José Bates expressou uma idéia intermediária entre a doutrina Milerita e o que se tornaria a posição ASD. Ele esperava que a terra seria renovada no Segundo Advento em um lugar somente — o lugar em que a Cidade Santa devia ser estabelecida (*The Opening Heavens*, pp. 22, 32).

No dia 7 de abril de 1847, *Ellen G. White escreveu uma carta a *José Bates, mais tarde publicada por Tiago White em *A Word to the*

"Little Flock", em que ela sugeriu que seguindo-se ao Segundo Advento, a terra estaria desolada (p. 20). Embora não mencionando diretamente o milênio, ela designou o "jubileu" como um tempo "em que a terra deveria descansar," e descreveu (também como em sua mensagem anterior, datando do fim de 1844) o retorno de Cristo levando os ressurretos e os santos vivos para o céu.

Duas semanas mais tarde, ela escreveu para Eli Curtis (*ibid.*, pp. 11, 12), expressando desacordo com certas posições que ele mantinha, concordando, porém, com sua crença de que o *Novo Céu e a *Nova Terra não apareceriam até a destruição dos ímpios no fim dos mil anos. Ela também descreveu a soltura de Satanás como ocorrendo quando os ímpios mortos ressuscitassem, e mostrou que eles seriam queimados, raiz e ramo, enquanto estivessem atacando a *Cidade Santa, após o que viria o novo céu e a nova terra, o lar dos justos.

A primeira menção do milênio no periódico ASD pioneiro, *The Present Truth* (1849-1850) foi a edição de abril de 1850, em que a Sra. White falou dos santos ressurretos no céu durante os mil anos; da Cidade Santa então descendo à terra; dos ímpios ressurretos atacando a cidade e sendo destruídos; então da purificação e renovação da terra, "pois os pés dos ímpios nunca profanarão a terra renovada" (também reimpresso em 1851 em *A Sketch of the Experience and Views of Ellen G. White*, p. 33).

Em setembro de 1850, em um artigo no *The Advent Review* (setembro de 1850), Tiago White referiu-se ao milênio como o jubileu antitípico, um período de repouso para a terra. Ele observou posteriormente que após a comoção ligada ao Segundo Advento, e após o extermínio de todos, exceto dos santos, a terra estaria desolada e desabitada, enquanto os santos estariam julgando o mundo e os anjos caídos durante este dia de julgamento de 1.000 anos. No *Advent Review* Extra de setembro de 1850, Hiram Edson enfatizou os mesmos pontos essenciais que apareceram no artigo de Tiago White.

Na última edição do *Present Truth* (nov. de 1850), um comunicado da Sra. White (também reimpresso em 1851 em *Experience and Views*, pp. 33-35) descreve o milênio em termos semelhantes; ele menciona a participação dos santos ao distribuir a punição aos ímpios no fim dos mil anos como a *execução* do juízo.

No ano de 1850, o milênio se tornou um tópico controverso por causa da teoria da "Era Vindoura", advogada por Joseph Marsh e certos outros Mileritas anteriores, era então ensinada por um pequeno grupo de dissidentes ASD em Wisconsin. Esta doutrina não era, na realidade, nova, mas era a antiga forma de pré-milenismo dos literalistas, já mencionado, do qual a posição Milerita tinha divergido.

A necessidade de combater esta doutrina suscitou considerável discussão sobre o milênio na *Review and Herald*. Dois pontos foram especificamente enfatizados: (1) as promessas do reino aos judeus eram condicionais, e (2) a oportunidade de todos os homens se acaba do Segundo Advento. Um artigo, por J. B. Frisbie (*Review and Herald*, jan. 24 de 1854), proveu evidência escriturística para mostrar que o aprisionamento de Satanás seria uma condição resultante da ausência de nenhum povo para enganar e que a terra caótica e vazia seria "um abismo" em que Satanás e seus anjos deviam ser confinados durante os mil anos. Entre 1855 e 1857, várias séries de artigos foram escritas por Tiago White, José Bates e J. H. Waggoner; o último tratou sobre a remoção dos habitantes da terra, descreveu Satanás, como o bode expiatório, e vaguear em uma "terra desabitada" (*ibid.*, jan. de 1857).

III. Resumo do Ensino ASD. Os ASD geralmente discutem o milêni de três formas:

1. *Eventos No Início do Milênio*. O evento que marca a abertura do milênio é a vinda de Jesus Cristo. Isto é claro no contexto de Apoc. 20. Imediatamente precedendo uma discussão dos eventos do milênio, Jesus é representado descendo do céu sobre um cavalo branco,

acompanhado pelos exércitos do céu, subjugando as nações da terra, deixando os mortos esparramados no campo de batalha (Apoc. 19:11-21).

Nota-se também uma ressurreição, chamada a primeira, e os que ressuscitarem nela são representados como vivendo e reinando com Cristo (cap. 20:4-6). Paulo também relaciona a segunda vinda de Cristo e a ressurreição dos justos mortos, acrescentando que no mesmo tempo, os justos vivos são transformados para a imortalidade, e que ambos os grupos encontram o Senhor nos ares (I Tess. 4: 16, 17; I Cor. 15: 51-54). De acordo com João 14: 1-3, Cristo leva os santos para o lugar que Ele preparou para eles na casa de Seu Pai, o céu (veja **Segundo Advento).**

No início do milênio também ocorre o aprisionamento e confinamento de Satanás, representado na visão pelo dragão sendo acorrentado e atirado no abismo "para que não mais enganasse as nações até que se completassem os mil anos" (Apoc. 20:1-3). Esses símbolos, crêem os ASD, cumprem-se no encarceramento de Satanás à esta terra, que foi desolada pelos juízos de Deus (cap. 16:17-21), e na restrição de suas atividades, causadas pelo despovoamento da terra como um resultado da remoção dos remidos para o céu e a destruição dos ímpios.

2. *Eventos Durante o Milênio.* A terra durante o milênio está sem habitantes humanos e em ruína de desolação causados pela segunda vinda de Cristo. (veja acima). Os remidos vivem e reinam com Cristo mil anos (Apoc. 20: 4), tendo Cristo os levado para estarem onde Ele está, no céu (João 14:3; Heb. 11:16). Eles sentam-se em tronos, e "lhes foi dada a autoridade de julgar" (Apoc. 20:4). Isto, os ASD ensinam ser o juízo ao qual Paulo se referiu quando disse, "Ou não sabeis que os santos hão de julgar o mundo? . . . Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos?" (I Cor. 6:2, 3). Juntamente com Cristo, os remidos consideram os casos dos ímpios e decidem sua punição.

3. *Eventos no Fim do Milênio.* No fim do período do milênio, os ímpios são ressuscitados (Apoc. 20:5). Este evento liberta Satanás de sua prisão, pois novamente tem ele sujeitos sobre os quais empregar sua astúcia (v. 7). Ele engana as nações dos ímpios e os arregimenta para um ataque à Cidade Santa (v. 9), que agora foi transferida para a terra, embora esta descida não seja mencionada senão em 21:2. O movimento em direção da cidade resulta na final destruição dos ímpios no lago de fogo, que é declarado como sendo a segunda morte (veja **Inferno).** Fora dos fogos que destróem os pecadores e a terra, emerge a nova terra (II Ped. 3:12, 13; Apoc. 21:1, 2; veja **Lar dos Remidos).**

MILÊNIO, TEORIAS SOBRE O. Veja **Pré-milenismo.**

MILLER, GUILHERME. (1782-1849). Fazendeiro americano e pregador batista que anunciou a vinda iminente de *Jesus Cristo e fundou o movimento popularmente conhecido como *Milerismo, ou *Movimento Milerita, caracterizado por um tipo distintivo de *Pré-milenismo e que deu origem a um grupo de denominações classificado como grupos Adventistas. Nasceu no dia 15 de novembro de 1752, em Pittsfield, Massachusetts, e criou-se em Low Hampton, Nova Iorque, quase na fronteira de Vermont. Como um ambicioso garoto de fronteira com um inextinguível desejo por conhecimento, era um grande autodidata. Depois de seu casamento com Lucy P. Smith em 1803, mudou-se para Poultney, Vermont. Através de amizades com muitos cidadãos notáveis e deístas, Miller abandonou suas convicções religiosas e tornou-se um céptico.

Na Guerra de 1812, Miller serviu como tenente e capitão. No final da guerra, mudou-se com sua família para Low Hampton, onde esperava viver tranqüilamente como fazendeiro os seus últimos anos. Várias vezes serviu sua comunidade como xerife e juiz de paz. Mas Miller não

estava em paz consigo mesmo, pois era, no fundo de seu coração, um homem religioso. Em 1816, converteu-se. A respeito disso, ele escreveu em 1845:

> Vi que a *Bíblia trazia à vista o exato Salvador de que eu necessitava; e fiquei perplexo em descobrir como um livro inspirado deveria desenvolver princípios tão perfeitamente adaptados às necessidades de um mundo caído. Fui constrangido a admitir que as Escrituras devem ser uma revelação de *Deus; tornaram-se meu deleite e em Jesus encontrei um amigo (*Apology and Defense*, p. 5)

Desafiado por seus amigos cépticos, decidiu estudar a Bíblia:

> Comecei com Gênesis. ... Sempre que achava algo obscuro, meu costume era compará-lo com todas as outras passagens paralelas, e, com a ajuda da Concordância de Cruden, examinei todos os textos das Escrituras. ... Deixando cada palavra ter sua própria conotação no assunto do texto, se minha compreensão dele se harmonizava com cada passagem paralela na Bíblia, deixava de ser uma dificuldade (*ibid.*, p. 6).

Miller concluiu que a Bíblia “é sua própria intérprete”, e que as palavras deveriam ser interpretadas literalmente, isto é, em seu sentido gramatical e histórico, exceto naqueles casos em que o escritor usa linguagem figurada. Nisto, Miller estava simplesmente seguindo a senda dos teólogos conservadores. Em seu estudo das profecias, chegou à conclusão de que os escritores apontavam para os seus dias como sendo o último período da história terrestre. Ele pôs sua primeira e maior

ênfase especialmente na declaração profética, "Até *Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs e o *Santuário será purificado" (Dan. 8:14), da qual tirou suas conclusões em 1818, no final de dois anos de estudo da Bíblia, que "em aproximadamente 25 anos (isto é, por volta de 1843) . . . todos os interesses de nosso estado atual estariam terminados" (*ibid.*, p. 12). Procurando criticar suas próprias conclusões e examinar todas as objeções, esteve "ocupado por cinco anos" (*ibid.*, p. 15) mais examinando e reexaminando os argumentos prós e contra suas crenças.

Convencido do "dever de apresentar a evidência da proximidade do advento a outros" (*ibid.*,) ele tentou se desculpar dizendo que não era um bom orador. "Era muito tímido e temia ir perante o mundo" (*ibid.*, p. 16). Escreveu uma declaração extensa sobre suas crenças a um amigo ministro chamado Andrus, em 1831, mas não poderia libertar sua mente do impelente senso de dever.

Finalmente em agosto de 1831, fez um pacto com Deus dizendo: "se eu for convidado a falar publicamente em qualquer lugar, irei e contarei o que encontro na Bíblia sobre a vinda do Senhor" (*ibid.*, p. 17). O que ele não sabia era que exatamente ao estar fazendo um trato tão seguro com o Senhor, viajava um jovem em direção a sua casa com um convite para que ele pregasse no dia seguinte. O tumulto que esse inesperado convite causou na mente de Miller levou-o a correr para um bosque próximo onde pudesse orar. Naquele bosque entrou um fazendeiro e saiu um pregador. Depois do jantar, Miller foi com o rapaz para a cidade vizinha de Dresden.

Convidado a permanecer durante uma semana, Miller achou-se envolvido em um reavivamento. A pregação da volta iminente de Cristo pareceu natural e inevitavelmente levar as pessoas a se prepararem para o solene evento. Miller estava prestes a se ver numa posição em que teria que recusar mais convites simplesmente pelo fato de que não poderia estar em mais de um lugar ao mesmo tempo ou porque deveria se dedicar a sua fazenda também.

Em 1832, Miller publicou uma série de oito artigos no *Vermont Telegraph,* semanário Batista. Em 1833, ele reuniu estes artigos em um panfleto de 64 páginas intitulado *Evidences From The Scripture & History of the Second Coming of Christ About the Year AD 1843, and of his Personal Reign of 1.000 Years* (Evidências das Escrituras e da História sobre a *Segunda Vinda de Cristo no ano de 1843 AD e de Seu Reino Pessoal por 1.000 Anos). Naquele ano foi-lhe concedida pelos Batistas a licença de pregar, e, no final de 1834, ele estava dedicando todo o seu tempo à pregação. Em 1836, ele publicou suas "palestras" em um livro, que foi mais tarde reeditado várias vezes e aumentado de 16 para 19 "palestras" com o suplemento contendo cronologias e figuras.

De outubro de 1834 até junho de 1839, Miller registrou 800 palestras em seu caderno de anotações. Ele realizou isto sozinho e por conta própria, não tendo nenhum treinamento teológico, inteiramente como resposta a convites diretos.

Miller era um bom pregador, não um bom promotor. Porém, logo veio ajuda neste sentido. Em dezembro de 1839, foi convidado por *Josué Vaughan Himes, da "Conexão Cristã" (agora parte de uma Igreja Cristã Congregacionalista e da Igreja de Cristo Unida), a falar em Boston. Para Himes, esta era uma questão importante. Se esta mensagem era realmente verdadeira, então que passos deveriam ser tomados para espalhá-la por todo o país? Convencido de sua precisão, ele assegurou ao "Pai Miller" que "as portas estariam abertas em cada cidade da União, e a advertência deveria chegar até os confins da terra" (Sylvester Bliss, *Memoirs of William Miller*, p. 141). Himes, um promotor nato, imediatamente deu início à publicação do *The *Signs of The Times.* Desta forma, foram lançadas as extensas atividades de publicação dos Mileritas, que mais tarde incluíram outros periódicos e uma série de folhetos chamados de *Second Advent Library* (Biblioteca do Segundo Advento), composto de escritos de Miller e outros.

Em 1840, Miller começou a realizar palestras em Nova Iorque. No fim do verão, ele, com um grupo de outros ministros, marcaram a primeira “conferência geral sobre a Segunda Vinda de Cristo”, embora não haja participado desta e de outras reuniões por motivo de doença.

De 1840 em diante, o Milerismo deixou de ser a atividade de um único homem, mas tornou-se um movimento com um grande e crescente número de homens. Miller estava intimamente em contato com as atividades do movimento, embora estivesse ausente da tribuna de conferências. Nenhum outro conferencista poderia substituí-lo. Apesar da crescente tensão entre as organizações de igrejas e o Movimento Milerita, havia, ainda em 1843, igrejas querendo que o próprio Miller lhes falasse.

Que tipo de homem era Miller que podia persuadir pregadores de diferentes denominações a aceitar suas convicções? Até mesmo seus amigos pintaram uma gravura modesta de suas habilidades no púlpito. Deve ter havido alguma força e apelo, não somente no fervor deste homem, mas em sua maneira lógica em que expunha seus argumentos. Honestamente, havia um erro patente em sua argumentação, pois Cristo não veio “em 1843”, mas este erro não foi imediatamente discernido. Ele vivia em dias em que era comum aos pregadores fazer apelos às emoções, no entanto ele não apelou primeiramente às emoções, senão para o intelecto através da leitura da Palavra de Deus. Havia freqüentemente algum choro e lágrimas em suas reuniões, e as pessoas se ajoelhavam em contrição, mas ele procurava trazê-los à convicção através de uma pregação honesta das Escrituras, e não por um apelo sentimental às emoções.

Em conexão com uma campal em Newark, em 1842, o Arauto de Nova Iorque retratou a Miller assim:

> Em pessoa, ele tem mais ou menos 1,75m de altura, muito obeso, ombros largos, cabelos castanhos, um pouco

calvo, face benevolente, cheia de rugas, e sua cabeça treme como se estivesse acometido por paralisia. Suas maneiras são em seu favor; ele não é um homem bem educado; tem um senso comum muito forte e é evidentemente sincero em suas crenças (*New York Herald Extra*, composto de artigos dos dias 4 a 15 de novembro de 1842).

Disse a filha de um pregador Milerita:

> Seu poder estava em sua voz adocicada e potente e em suas maneiras honestas, fazendo com que seus ouvintes mais cultos perdoassem sua fraseologia simples e pronúncia provinciana (Jane March Parker, "*A Spiritual Cyclone*" (Um Ciclone Espiritual) *Magazine of Christian Literature*, setembro de 1891, p. 325).

O conselho de Miller a um amigo pregador poderia propriamente ter vindo de um instrutor tarimbado:

> Direcione seus ouvintes em passos lentos e seguros a Jesus Cristo. Digo *lentos* porque se espera que não sejam tão fortes para correr ainda, e *seguros* porque a Bíblia é uma palavra segura. E onde seus ouvintes não estiverem bem doutrinados, você deve pregar a *Bíblia*. Deve provar todas as coisas pela *Bíblia*. ... Se você quiser que creiam como você crê, mostre-lhes por tua constante assiduidade no ensino, que você o quer sinceramente (Carta a Truman Hendryx, 26 de março de 1832).

Embora Miller repetidamente declarasse que suas crenças proféticas não eram novas, ele insistia que chegara as suas conclusões exclusivamente através do estudo da Bíblia e de uma concordância bíblica. De acordo com seu colega, Southard, ele nunca teve um comentário bíblico em sua casa e não se lembra de ter lido algum outro livro sobre profecias além de Newton e Faber.

Miller usou a frase genérica "no ano de 1843" para descrever sua crença no tempo do advento para janeiro de 1843, ele estabeleceu o tempo como sendo "entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844". Ele nunca marcou uma data ou um dia dentro deste período. Escrevendo de Washington pouco antes de 21 de março de 1844, ele disse:

> Se Cristo vier como esperamos, logo cantaremos o hino da vitória; se não, vamos vigiar, orar e pregar até que venha, pois logo nosso tempo e todos os dias proféticos estarão cumpridos (*Advent Herald*, 6 de março de 1844, p. 39).

Depois do dia 22 de outubro de 1844 — data que Miller não marcou, mas aceitou até o último momento — Miller escreveu a Josué Himes:

> Embora eu tenha sido desapontado por duas vezes, não estou derrotado ou desanimado. ... Minha esperança na volta de Cristo está tão forte como nunca. Tenho feito somente o que, após anos de sóbria consideração, senti ser meu dever fazer . . . Tenho fixado minha memória noutro tempo e aí pretendo estar até que Deus me dê nova luz. E este tempo é HOJE, HOJE e HOJE, até que Ele venha, e eu O

veja, por quem minha alma anela (Carta 10 de novembro de 1844, no *Midnight Cry*, 05 de dezembro de 1844, pp. 179, 180).

Ele cria que talvez um pequeno erro na contagem da cronologia possa ter sido cometido e explique a demora do Senhor. Ele estava, a princípio, confiante que a Providência havia predominado em seus ensinos do tempo definido, 22 de outubro, e que Cristo provavelmente viria antes do final do ano judaico. Ele não afirmou que o movimento de 1844 era “um cumprimento da profecia em qualquer sentido”, até a primavera de 1845 e, declarou-se em oposição a “quaisquer novas teorias” que se desenvolveram imediatamente depois num esforço de explicar o *Desapontamento de 22 de outubro de 1844. Ele desaprovou a doutrina (ensinada por alguns dos mais proeminentes Mileritas) que os ímpios serão finalmente aniquilados, e que os mortos estão inconscientes em suas sepulturas até a *Ressurreição.

A *Esperança de Miller e a sua confiante fé até o fim, foram de que alguns poucos erros na cronologia explicavam o desapontamento. Morreu em dezembro de 1849, na expectativa literal da imediata vinda de Cristo. Ellen G. White afirma que anjos guardam seu pó na sepultura até a vinda de Cristo. (*PE*, 258).

MILERISMO. Veja **Movimento Milerita.**

MILERITA. Membro do Movimento Milerita do século XIX Veja **Movimento Milerita**.

MINISTÉRIOS DA MULHER. Os Ministérios da Mulher foram criados pela *Associação Geral da IASD (AG) em 1990. A Sra. Rose

Otis, esposa do Pr. Harol Otis, ex-gerente geral da *Review and Herald*, é a atual coordenadora.

Objetivos: Prover programas que a mulher Adventista em todas as suas específicas áreas de necessidade; dar apoio às senhoras idosas e viúvas que podem ser mais envolvidas, sendo uma inspiração e um exemplo às mais jovens; despertar um maior interesse em participar das atividades da Igreja; firmar a mulher na igreja, treiná-la e encorajá-la a se envolver na comunidade.

Os Ministérios da Mulher focalizam o crescimento pessoal e o serviço a favor de outros membros da igreja.

No Brasil, a Sra. Vasti S. Viana é a diretora dos Ministérios da Mulher na *Divisão Sul Americana da IASD (DSA), acompanhada da Sra. Meibel Mello Guedes, da *União Central-Brasileira da IASD (1994/1995).

O ano de 1995 foi escolhido como o "Ano Internacional da Mulher".

MINISTRO. Pessoa autorizada (por ordenação) a conduzir cultos, pregar, realizar cerimônias de *Batismo e casamento e realizar a *Santa Ceia. Na linguagem ASD, o termo é usado para um ministro ordenado, mas, às vezes também para um ministro licenciado, referido como ministro ordenado. Um ministro ASD ; é chamado de Pastor.

A IASD reconhece que seu ministério é apontado divinamente. Lê-se no *Manual para Ministros* (1942), p. 5:

> É desígnio de *Deus que a mensagem do *Evangelho seja pregada a todo o mundo por Seus mensageiros divinamente escolhidos. A ordem dada pelo Salvador dos homens é: "Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura". Mar. 16:15.

> “Desde Sua *Ascensão, Cristo, a grande Cabeça da Igreja, tem levado avante Sua obra no mundo mediante embaixadores escolhidos, por meio dos quais fala aos filhos dos homens, e ministra-lhes às necessidades.” *OE*, p. 13.
>
> “Deus tem uma igreja, e ela tem um ministério designado por Ele. ... Homens designados por Deus foram escolhidos para vigiar com zeloso cuidado, com vigilante perseverança e a fim de que a Igreja não seja subvertida pelos malignos ardis de Satanás, mas que ela esteja no mundo para promover a glória de Deus ente os homens.” *TM*, pp. 52, 53.

O *Manual Para Ministros* (pp. 7 e 8) enfatiza que o primeiro trabalho do ministro é ganhar almas:

> Ministros para Deus primeira e principalmente dever ser ganhadores de almas. Este é seu trabalho primário. “Buscar e salvar o perdido”, como o fez seu Divino Mestre, é sua tarefa transcendente. Nada deve tomar o lugar disso; nada deve absorver sua atenção deste supremo objetivo.
>
> “Ganhar almas para o reino de Deus precisa ser sua primeira preocupação. Com tristeza pelo pecado e paciente amor, devem trabalhar como Cristo o fazia, desenvolvendo decidido e pertinaz esforço.” *OE*, p. 31.

Mas tal responsabilidade se estende além de ganhar almas:

> A responsabilidade do servo de Deus é dupla. Ele deve não somente "fazer discípulos," mas deve ensinar seus discípulos. Ele deve trazê-los a Cristo e desenvolvê-los em Cristo. Deve ser um evangelista, mas também um pastor do rebanho. Assim, ele será um ministro pleno para Deus; ganhará e ensinará. Ele "proferirá todo o conselho de Deus." Ele construirá os crentes em palavra e doutrina (*Manual Para Ministros,* pp. 8, 9).

Mais especificamente, com referência ao trabalho da Igreja, as responsabilidades do ministro são definidas como se segue:

> Do ministro, com o auxilio dos anciões, espera-se que planeje e conduza atividades espirituais da igreja, tais como o culto de sábado de manhã, reuniões de oração, etc., e deverá oficiar as cerimônias de Santa Ceia, batismo etc. Não deveria cercar-se de um grupo especial de conselheiros de sua própria escolha, mas sempre trabalhar em cooperação com os oficiais devidamente eleitos da Igreja.
>
> Ao o ministro trabalhar em novos campos, descansará sobre ele a responsabilidade de supervisionar e estimular todos os ramos de trabalho. Terá oportunidade de organizar as Escolas Sabatinas e Sociedades de Missionários Voluntários, e estimular o trabalho missionário da Igreja. Deveria se familiarizar com os métodos de organização e continuidade destas atividades da Igreja.
>
> Os esforços de ganhar almas da Igreja, a Escola Sabatina, a escola da Igreja as reuniões de oração, bem como os cultos de sábado, todos estão sob a

> responsabilidade do pastor. O desenvolvimento da escola da Igreja será um aspecto importante de seu trabalho. Isto freqüentemente requererá instrução e ânimo para a igreja.
>
> Designado a uma igreja local como um pastor ou obreiro, o ministro ordenado ocupa um lugar acima dos anciões locais os quais servem como seus assistentes. Em virtude de sua ordenação para o ministério, ele está qualificado a realizar todas as cerimônias e ritos da igreja e deveria estar responsável por estas atividades. Deveria ser o líder espiritual e conselheiro da igreja. Deveria instruir os oficiais da igreja em seu cargos, dar conselhos sobre como desempenhá-los e planejarem para todas a linhas de trabalho da igreja e atividades. (*Manual para Ministros*, p. 30, 31).

Educação para Ministros. Em 1875, o primeiro colégio ASD foi estabelecido para instruir os obreiros denominacionais, mas nem todos os ministros vinham daquele curso teológico. Alguns eram chamados de várias outras experiências — profissionais, comércio, carpintaria e fazenda. Em anos posteriores, os candidatos para o ministério deveriam ter no mínimo formação colegial com a matéria de religião ou algo equivalente.

Em 1929, surgiu o plano de internato, o que trouxe muitos jovens ministros ao campo de trabalho após seu curso teológico preparatório ou seu equivalente, por um período de dois anos de treinamento prático sob a liderança de pastores e evangelistas experientes.

Em 1953, por decisão da Associação Geral, começou a ser requerido mais um ano de treinamento acadêmico antes que o interno estivesse pronto para trabalhar no campo. Em 1964, mais uma decisão foi tomada apoiando o Bacharelado em Divindade como um requisito

para os ministros ASD. Durante os três anos de internato, o ministro em perspectiva seria mantido por fundos de apropriações da AG, da União, das Associações locais; passaria os primeiros dois anos e dois verões no Seminário (*Andrews University*) e o último ano em trabalho intensivo no campo.

MISSÃO AMAZÔNIA-OCIDENTAL DA IASD. Localiza-se na Rua José Vieira Caúla, 4005, Jardim das Oliveiras, na cidade de Porto Velho, RO. Pertence e é administrada pela *União Norte-Brasileira da IASD. Sua jurisdição abrange os Estados de Rondônia e Acre, com 63 igrejas e 22.670 membros batizados para uma população de 1.548.039 habitantes.

Pertence a seu território, o *Instituto Adventista Agro-Industrial da Amazônia Ocidental (IAAMO); um acampamento chamado Maranata, localizado a 15 Km da capital com uma área superior de 50.000 m^2.

A Missão Amazônia Ocidental foi organizada em dezembro de 1979 por iniciativa da União Norte-Brasileira da IASD e da Missão Central-Amazonas da IASD.

Sua primeira sede localizava-se na Rua Afonso Pena, 768.

Sua primeira mesa Administrativa era composta por: Presidente-secretário: Orlando Gonzales Pineda e Tesoureiro: Dimas Cavalar.

No início do trabalho havia pouco mais de 3.900 membros batizados, distribuídos em 8 igrejas, 9 grupos, 6 escolas paroquiais, 3 pastores ordenados e 42 obreiros não-ordenados.

O evento que marcou a história da Instituição foi a Inauguração da nova sede em agosto de 1986, após uma Trienal e contou com a presença do Presidente da Divisão Sul-Americana da IASD, João Wolff.

Presidentes: Aníbal A. Pittau (1979-1983); Job Feliciano dos Santos (1984-1986); Adamor Lopes Pimenta (1987-1988); Orlando Gonzalez Pineda (1989-1991); José Clodoaldo Barbosa (1992-   ).

MISSÃO BAIXO-AMAZONAS DA IASD. Localiza-se na Rua Dr. Enéas Pinheiro, 2478, na cidade de Belém, PA. Pertence e é administrada pela *União Norte-Brasileira da IASD e compreende os Estados do Pará e Amapá.

Em seu território há 100 igrejas, 64.250 membros batizados para uma população de 5.875.395 habitantes (1994).

A Missão Baixo-Amazonas administra também 4 escolas de 1º Grau completo e 22 de 1º Grau incompleto.

No território de MBA há as seguintes instituições:

*Hospital Adventista de Belém (HAB), União Norte-Brasileira da IASD, *Instituto Adventista Transamazônico Agro-Industrial (IATAI), *Instituto Adventista Grão-Pará (IAGP) e AJAC (Centro de Convenções).

Sua organização ocorreu em 1927, e seu primeiro presidente foi *Leo Blair Halliwell, missionário americano. No princípio havia apenas 2 grupos com 15 pessoas batizadas, um pastor ordenado e 4 obreiros. Compreendia os Estados do Pará, Amapá, Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre, Ceará e Piauí.

O trabalho marcante desta Missão são as *Lanchas Luzeiro. Em 11 de setembro de 1993 houve um batismo de 1.115 pessoas em um só dia.

Administradores: J. L. Brown (1927); Leo Blair Halliwell (1928-1955); G. S. Storch (1956-1957); Walter J. Streithorst (1958); A. D. Carvalho (1959-1962); Walter J. Streithorst (1963-1965); O. S. Barreto (1966-1968); W. L. Grady (1969); Altamir Paiva (1970-1973); José O. Correia (1974-1976); Luís L. Fuckner (1977-1978); Adamor Lopes Pimenta (1979-1981); Secret. Oleval Aniceto de Souza; ? (1983); Terso de Oliveira Duarte (1984-1987); Valdomiro Reis (1988); Kleber Pereira Reis (1989-1990); Wilmar Hirle (1992-   ).

MISSÃO CATARINENSE DA IASD.

MISSÃO CENTRAL-AMAZONAS DA IASD. Localiza-se na Rua Prof. Marciano Armond, 446, em Adrinópolis, Manaus, AM. Pertence e é administrada pela *União Norte Brasileira da IASD.

Sua jurisdição abrange o Estado do Amazonas e o território de Roraima, onde atualmente conta mais de 150 grupos com 53.439 membros batizados, para uma população de 3.035.411 habitantes.

Supervisiona outras instituições adventistas, como o *Hospital Adventista de Manaus (HAM), o *Instituto Adventista Agro-Industrial (IAAI), o *Instituto Adventista de Manaus (IAM) e o Centro Educacional Adventista de Manaus.

Foi organizada no dia 30 de novembro de 1939, de acordo com o voto nº 6040 da *Divisão Sul-Americana da IASD e nº 170/39 da União Norte-Brasileira da IASD, recebendo o mesmo nome.

Sua antiga sede localiza-se na Rua Tapajós, próxima à Rua Silva Ramos e seu território abrangia Amazonas, Rondônia, Roraima e Acre. Sua primeira mesa Administrativa foi composta por: *Presidente*: Walter Streithorst; *Secretária-tesoureira*: Olga Streithorst.

Havia no início apenas 1 igreja, 10 grupos, 3 escolas paroquiais, 3 pastores ordenados e 2 obreiros não-ordenados. Foi reorganizada em 1980.

Presidentes: F. C. Pritchard (1940-1942); *Leo Blair Halliwell, Walter J. Streithorst 30/06/1945-30/06/1954); Valkyrio S. Lima (01/07/1954-30/06/1959); Marcos E. Gutierrez (01/01/1960-30/12/1961); Enéas Simon (30/03/1962 - 30/04/1964); Aldo D. Carvalho (10/06/1964-01/06/1967); João Isidío da Costa (01/12/1968-30/03/1972); Luís L. Fuckner (01/04/1972-30/06/1977); Valdomiro Reis (01/07/1977- 30/06/1978); Osmar Reis (01/07/1978-15/07/1982); Adamor Lopes Pimenta 16/07/1982-31/01/1987); Eric P. Monnier

(01/07/1987-1992); Newton Brito de Oliveira (1992-1993); Gilberto Batista de Oliveira (1993-).

MISSÃO DOS ÍNDIOS DO ARAGUAYA. Estabelecida em Piedade, no Estado de Goiás, sendo administrada pela *Associação Brasil-Central da IASD, sob a supervisão do Pr. Dimas Pereira Artioga.

Fica a uma distância de 200 Km do correio, de onde chega notícias somente 2 vezes por mês; 400 Km de farmácia ou médico mais próximo e a 650 Km da estrada de ferro. Distantes da civilização, esforçam-se para dar a mensagem de salvação aos índios.

Seu objetivo é preparar o povo para um desenvolvimento independente e a manutenção própria para o evangelismo. Seu trabalho é exclusivamente com os índios que habitam nesta região do Araguaia.

Em 02 de janeiro de 1928, foi tomada a resolução pela *União Sul-Brasileira da IASD de enviar o Pr. *Alvin N. Allen ao rio Araguaia como superintendente do trabalho junto aos indígenas. Foi denominada na época “*Missão os Índios do Araguaia*”, e foi assim estabelecida. Havia uma igreja com 7 membros.

O primeiro ano da obra entre os índios foi fazendo exploração no Araguaia. Foram feitos 2.400 Km em pequenas canoas, visitando muitas vilas indígenas.

Em 1928, foi transportada a lancha indígena, para o Rio Araguaia a fim de realizar o trabalho de assistência médica e espiritual, numa extensão de mais de 1.000 Km às populações ribeirinhas.

Foi estabelecida uma escola para crianças e adultos entres os índios Carajás. Em setembro de 1929, as aulas eram ministradas por Esther (filha do Pr. Alvin Allen) Carlos Rentfro e Ernesto Bergold.

O edifício da Escola Indígena dos Carajás tinha 6m x 9m. Foi construída uma capela também. Essas construções eram feitas de adobe, coberto por telhas, rebocado por dentro e por fora, o assoalho era a própria terra. Além da casa de moradia com 4 quartos e uma varanda em

cada canto, foram construídas 7 pequenas casas de junco, servindo como dispensa e dormitórios aos trabalhadores e índios estudantes.

*Leopoldo Hartwig vindo do Canadá, trabalhou como mecânico e encarregado dos transportes em 1929. Porém no mesmo ano morreu no rio, tendo sido o primeiro a dar a vida no trabalho pelos índios.

O General Cândido de Rondon e o Coronel Lauro de Alencar Castelo Branco, chefe do Serviço de Proteção aos Índios no Estado de Goiás, chefiaram uma expedição em viagem do Mato Grosso ao Pará, com 3 batelões. Visitaram a Missão Araguaia, no dia 8 de novembro de 1929, a fim de inspecionar as dependências da Missão Indígena. Foram recebidos pelo Pr. Allen. Apreciaram o trabalho de ensino intelectual e moral ministrada pela Missão.

Muito tempo era despendido com transportes e doenças. A Missão dava atendimento médico aos indígenas sendo que as principais doenças eram: Malária, desinteria, gripes, verminose, anemia. As epidemias de gripe causavam grande sofrimento e até a morte.

Esta Missão era o único farol de todo Rio Araguaia.

Em 1929, 4 pessoas foram batizadas.

Em fevereiro e março de 1930 foi feita uma viagem de 6 semanas ao redor da Ilha do Bananal a fim de visitar outra tribo indígena: os javahés.

Os índios caminhavam 12 dias para irem à Missão.

Em 1957, através do trabalho da Lancha Pioneira com sede em Aruanã, sob o comando de Adan e Ester, os quais moravam na própria lancha, eram atendidas cerca de 6.000 pessoas anualmente. Nesta época havia cerca de 10 lanchas nos rios do Brasil.

Foi aberta uma escola em Fontoura, GO, em meio aos Carajás para onde foram chamados os professores Isaque e Joaquina Fonseca com 42 alunos matriculados.

Foi fornecido aos carajás pelos Adventistas do 7º Dia, para melhoria do seu trabalho: arado, debulhador de milho, serra circular, ralador de mandioca com forno para fazerem a farinha.

Junto à aldeia dos índios de Fontoura, funciona uma Escola Sabatina com 30 membros, inclusive o chefe da tribo.

Administradores: A. N. Allen (1929-1933) e E. H. Wilcox (1934-1936).

MISSÃO ESPÍRITO-SANTENSE DA IASD. Veja **Associação Espírito-Santense da IASD.**

MISSÃO GLOBAL. A *Missão Global* é um plano votado pela Assembléia da Associação Geral em julho de 1990, para alcançar os não-alcançados com a mensagem do advento de Cristo e estabelecendo a presença Adventista em toda nação, tribo, língua e povo; Seu objetivo é atingir todos os municípios brasileiros, com a mensagem Adventista, até o ano 2.000, dinamizando toda a igreja à ação missionária.

A Missão Global é o mais envolvente programa de ação evangelística e missionária produzido pela Igreja Adventista do 7º Dia.

O Coordenador Geral da Missão Global na *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) é Pr. Alejandro Bullón, promovendo todos os meses com notícias na *Revista Adventista.

Na Divisão Sul-Americana da IASD, haviam 5.000 municípios sem a presença Adventista, porém agora (1995) diminuiu para 3.700.

Na *União Sul-Brasileira da IASD foram realizados vários projetos: *Reuniões Evangelísticas de Inspiração Vida e Esperança (REVIVE), Projeto SOL, Congressos, *Camporees*, Concílios, Cursos, grandes e pequenas séries de Conferências.

De 1988 a 1992, foram batizadas 53.342 pessoas na União Sul-Brasileira da IASD, chegando em 1992 ao número de 150.809 Adventistas nessa União.

A *União Central-Brasileira da IASD mantém um informativo da Missão Global, sob a coordenação do Pr. Arlindo Guedes.

Como parte da Missão Global, departamentais visitam igrejas, instituições e grupos, levando bons programas de motivação e inspiração.

O sistema Adventista de Comunicação, do qual faz parte *A Voz da Profecia, tem elaborado programas de TV, vídeos educativos e músicas cristãs.

Cada Adventista está engajado nessa campanha, testemunhando e pregando o Evangelho de Cristo. Em 1986 a IASD colocou sua atenção maior no sentido de saber exatamente o que faltava para concluir a Missão e onde deveria atuar para completar a tarefa.

E no dia 14 de outubro uma representação da IASD reuniu-se no Hotel Nacional, no Rio de Janeiro, e tomou o voto histórico de que:

“Necessitamos de uma estratégia, visão mais ampla, para alcançar os não-alcançados”...

“Votado autorizar o presidente da Associação Geral e elaborar uma estratégia global que ajude a igreja Adventista a alcançar os não-alcançados.”

A Associação Geral apontou em 21 de maio de 1987, uma comissão de 21 membros de todo o mundo, que se reuniu pela primeira vez entre os dias 22 a 27 de junho de 1988.

A partir desta reunião do “Global Strategy Committee”, realizada em “Cohuta Springs’ um acampamento de jovens, na Georgia, EUA, os contornos deste plano começaram a se idealizados.

No ano seguinte, entre 6 a 11 de julho de 1989, foi realizada a segunda reunião a nível mundial e o projeto entrou na sua fase final.

Em novembro de 1989 foi publicado em dois tomos, com 714 páginas o Plano de Missão Global da Divisão, que foi a espinha dorsal de todos os projetos de avanço da igreja, a partir de 1990.

Em março de 1991, a Revista Adventista em português publicou um suplemento dos locais que deveriam ser penetrados.

Em cada Divisão do mundo foram feitos os planos para alcançar os não-alcançados, e a igreja, sob a inspiração Divina avançou para concluir a obra.

Não é sem significado que no ano seguinte acelerou-se a desintegração do império ateísta Soviético (26 de dezembro de 91) e a abertura religiosa em todos os satélites do sistema.

Em 19 de novembro de 1992, o conselho evangelístico da DSA tomou o voto, para "fazer um novo estudo estatístico para o planejamento do trabalho no segundo período de Missão Global (1995-2000)".

A terceira reunião mundial da agora "Global Mission Workshop" ocorreu entre 14 a 18 de junho de 1994 também em Cohuta Sprigs. (EUA).

Com os ânimos redobrados cada Divisão deverá selecionar os municípios ainda não alcançados e preparar o Plano de Missão Global até o ano 2000.

Missão. Proclamar o Evangelho a todas as pessoas do mundo. Em nossa Divisão, a Missão é proclamar o Evangelho a cada habitante de nosso território até o ano 2000, e preparar o seu povo para o encontro com o Senhor.

Estratégia. Mover todas as forças da igreja, para estabelecer a sua presença em todos os países, regiões e grupos etno-lingüísticos do mundo. Em nossa Divisão, a estratégia é mover todas as forçar da igreja para estabelecer a sua presença em todos os municípios e grupos etno-lingüísticos em todo o território.

Objetivos. Estabelecer a presença da igreja, em todos os segmentos populacionais do mundo, com 1 milhão de habitantes, e em todos os países do mundo.

"O único propósito da Missão Global é estabelecer a presença da igreja adventista em áreas não penetradas no mundo" (Michel Ryan — coordenador de Missão Global da Associação Geral da IASD).

Métodos - Divisão Sul Americana

1. *Ação Global*. Cooperar com a ação mundial da Igreja atuando direta ou indiretamente junto aos seguintes países, grupo etno-lingüísticos ou religiosos e seus descendentes, radicados na DSA.

2. *Atuar junto aos ibero-americanos. A*tuar de modo permanente junto a todos os habitantes do mundo que falam espanhol e o português.

3. *Ampliar a presença adventista nos municípios iniciados*. Ampliar a presença da igreja nos municípios onde há em média 1 adventista para cada 500 pessoas não-adventistas ou mais, reduzindo a média para menos de 500 até o ano 2000 (Chamamos de Municípios iniciados).

4. *Estabelecer a presença da Igreja nos municípios onde não há nenhum adventista (município zero)*. Estabelecer a presença da igreja em todos os municípios da DSA, onde não há atualmente nenhum adventista.

5. Atuar junto a grupos especiais. Atuar de modo sistemático junto a grupos etno-lingüísticos, culturais, econômicos, e especiais, dentro de nosso território.

OBJETIVOS NA DIVISÃO SUL-AMERICANA

1. *Ação Global*. Cooperar com a ação mundial da igreja, atuando direta ou indiretamente junto aos seguintes países, grupos etno-lingüísticos ou religiosos e seus descendentes radicados na DSA: China,

Países muçulmanos, Índia, Comunidade dos Estados Independentes, Judeus.

Há aproximadamente 200.000 muçulmanos e 850.000 judeus no território da DSA.

2. *Atuar junto aos Ibero-americanos.* Atuar de modo permanente junto a todos os habitantes do mundo que falam o espanhol e o português. Prioridades hispânicas - Espanha, Marrocos, guiné Equatorial, Saara Ocidental, Andorra e Gibraltar.

Prioridades lusitanas: (Portugal, Guiné-Bissau, Timor Oriental, Luxemburgo, Macau).

3. Atuação nas 10 prioridades da DSA.

a. *Fundo de reserva*. A DSA disporá de um fundo de reserva para oportunidades especiais que surgirem numa das 10 prioridades da DSA.

b. *Evangelismo Público*. Realizar os esforços evangelísticos da Divisão numa das 10 prioridades, colocando aí o esforço máximo da DSA, Uniões e Campos.

Definir, a partir de 1995 a seqüência de quando a DSA atuará em cada local.

c. *Departamentos e serviços*. Cada departamento ou serviço preparará planos específicos para cada uma das 10 prioridades da Divisão.

d. *Atuar junto à mídia.* Preparar anualmente, para toda a mídia (TV, rádio, out-door, jornais, revistas), temas de impacto para tornar a igreja mais conhecida.

Elaborar o temário geral para os próximos 5 anos.

Como sugestão, apresentamos as seguintes idéias

1995 - Mãe de Cristo afirmando: Ele virá outra vez;

1996 - Tema missionário de impacto. Com um dia D, em março para toda igreja no continente, atacar os municípios Iniciados e Zero;

1997 - Família, saúde, qualidade de vida;

1998 - Grande promoção do *Conflito dos Séculos*;

1999 - Ataque ao alcoolismo;

2000 - Cristo virá.

Além disto, as datas especiais, o dia das mães, finados, namorados, da criança, da Bíblia, Natal, etc.

e. *Produzir anualmente folhetos, revistas e livros missionários*. Para serem utilizados em primeiro lugar nos municípios Iniciados e Zero.

- *Folheto.* Preparar um plano para produção em massa de folhetos, para a igreja, distribuir em grandes quantidades, na proporção de 1 folheto por família, por ano, nos municípios Iniciados e ou Zero (para tanto, dividir a população por 5).

1996 - Tipo Folhetão - "*Seus irmãos Adventistas*"

Apresentar a igreja adventista mundial e em cada país da DSA destacar a igreja como Cristã, profética, progressista, educada, humanitária, responsável, prestativa, desenvolvimentista e global.

Dar uma síntese doutrinária.

1997 - Família - Saúde, qualidade de vida;

1998 - Temas profético - conexão com *O Grande Conflito*.

2000 - Cristo virá.

Além disto produzir milhões de folhetos de contato, de bolso, para serem levados a qualquer lugar facilmente.

Revistas. A *Revista Decisão entre os diversos números, terá um, anual, que apresentará, de modo mais extenso as doutrinas e temas específicos, tendo em vista a distribuição em grande quantidade.

Sugerimos entre outros temas, os seguintes que seriam definidos para os próximos 5 anos:

- As Doutrinas da Igreja
- Profecias
- Grande Conflitos em quadrinhos
- Saúde
- Crianças
- Família, etc.

Livros. Produzir cada ano um livro missionário, sendo no estilo brochura, de bolso, impressa na rotativa, papel de baixo custo, para distribuição em massa, a baixo custo. O programa deve ser para os próximos 5 anos. Como sugestão, poderíamos ter:

1995 - Caminho a Cristo;
1996 - Edição especial para acompanhar esforço missionário;
1997 - Família, saúde, qualidade de vida (ano da saúde e da cura);
1998 - *O Grande Conflito* - resumido;
1999 - Ataque ao alcoolismo
2000 - Vida de Jesus (brochura)

f. *Apresentar a mensagem às grandes aglomerações humanas.* Utilizar para isto diversas opções como:

- Projeto Revive ou Sol. Além das grandes cidades, inclui as 10 prioridades da Missão Global da DSA, para realizar nestes locais uma destas apresentações.

- Ampliar a utilização da televisão. Além do programa nacional, criar condições para programas infantis, temas atuais, saúde, qualidade vida, programa para mães e senhoras, etc.

- Criar redes nacionais e emissoras adventistas de rádio. Como o despertar da opção de dispormos de nossas próprias emissoras, é preciso

partir para redes nacionais de rádio, cobrindo todo o território com a mensagem, 24 horas por dia.

- Preparar mostruários, grandes quadros de anúncios, bem feitos par o grande público, desmontáveis e permanentes, para ser apresentados em:

- Aeroportos, rodoviárias, metrôs, ferroviárias;
- Supermercados, shopping-centers;
- Feiras e exposições;
- Hotéis, bancos;
- Bancas de jornais.

g. *Classes especiais. Preparar materiais, orientação e sugerir métodos para as seguintes classes especiais:*

- Da ação global. Chineses, árabes (muçulmanos), hindus, russos, judeus ou seus descendentes.

- Estrangeiros e outros grupos etno-lingüísticos. Japoneses, coreanos, alemães, italianos, grupos ibéricos da Europa ou África, e índios dos país, etc.

- *Grupos próximos*. Familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho ou estudo, conhecidos da terra natal, infância ou juventude.

- *Favorecidos*. Autoridade governamentais, funcionários públicos, militares, médicos, dentistas, advogados, juízes, pesquisadores, cientistas, engenheiros, professores, de negócios, ricos, classe média, publicitários, pastores de outras denominações, esportistas (população sã que quer viver melhor).

- *Abandonados*. Órfãos e viúvas, crianças abandonadas (creches e na rua) e idosos, e que sofrem por causa do Evangelho.

- *Desfavorecidos*. Miseráveis, indigentes, pobres, famintos, coxos, aleijados, cegos, doentes e sofredores ignorantes, favelados, desafortunados, aflitos.

- *Viciados*. Fumantes, bêbados, viciados e presos. Iniciar até 1996 o projeto “Missionário Evangélico” enviando gratuitamente o “Ministério Evangélico” (Não adventista) para todos os pastores evangélicos do campo. Estabelecer junto a todas as Instituições de nível superior da DSA, um centro de Estudos de Missão Global, que auxiliará a disseminação da verdade em todo o território da DSA e no exterior. Ao mesmo tempo estudará como atuar com os grupos especiais, e as diferentes religiões e grupos etno-culturais de cada região.

h. *Produtos de companhias de alimentos*.

- Com identificação da igreja em cada embalagem individual;
- Colocar na embalagem coleção de receitas, conselhos úteis na área de saúde, qualidade;
- Colocar na embalagem coleção de receitas, conselhos úteis na área de saúde, qualidade de vida, para crianças - coleção de vegetais, sua utilidade, etc.;
- Oferecer livros úteis, da igreja, com a apresentação de retorno das embalagens.

i. *Coordenar a atuação de grupos de empresários adventistas e instituições “vinculas” pertencentes a membros*.

- Restaurantes vegetarianos - colocando nossa literatura disponível para venda
- Redes hospitalares - cedendo capelães e serviço
- Instituições de ensino - cedendo professores de Educação religiosa
- Professores de escolas públicas - oferecendo material e orientação na área da educação religiosa.

j. *Ampliar e valorizar a colportagem*. Os colportores foram os principais responsáveis pelo estabelecimento da igreja nos países e

regiões da Divisão. Com efeito, comprovadamente é o melhor método de avanço, porque o contato é pessoal.

Além disto, o custo para a organização é praticamente zero. Por isto, não apenas sugerimos, como sublinhamos e insistimos, que se valorize e estimule a colportagem.

Estímulo quer dizer:

1. Dar a cada colportor a lista de todos os municípios Iniciados e Zero do seu país, e motivá-los a atuar nestes locais;

2. Oferecer a eles os seguintes livros e revistas com 75% de desconto, para incluírem em cada coleção vendida:

- *O Grande Conflito* condensado;

- Revista Decisão, com resumo das doutrinas da igrejas;

- Folheto *Ele é a Saída*, ou equivalente, gratuito, que será entregue em cada casa, mesmo sem que a pessoa adquira a literatura.

3. Pagar o aluguel por 1 ano a pelo menos 2 colportores por campo, para morarem em locais a serem penetrados, formando uma Escola Sabatina Filial.

K. *Outros Métodos*. Há flexibilidade para outros métodos, estes são apenas sugestões.

MÉTODOS UNIÕES

1. *Ação Global*. Cooperar com a ação mundial da igreja, definindo o programa em cooperação com os campos, atuando junto aos consulados, representação dos países alvo em seu território e descendentes destas regiões (China, países islâmicos, Comunidade dos Estados Independentes e Israel). Designar uma pessoa que coordenará a atuação junto aos grupos de Ação Global, ibero americanos e grupos especiais.

2. *Ibero-americanos*. Atuas junto aos ibero americanos, definindo em cooperação com os campos o programa de contato com os representantes destes países em seu território.

Atuar para que equipes de evangelistas colportores estudantes missionários sejam enviados para os países

a. Países hispânicos - Espanha, Marrocos, Guiné Equatorial, Saara Ocidental, Andorra e Gibraltar.

b. Países lusitanos - Portugal, Guiné-Bissau, Timor Oriental, Luxemburgo e Macau.

Reservar para os estudantes dos países africanos de língua espanhola ou portuguesa, bolsas de estudos para cursos superiores em nossas instituições de ensino.

3. Atuação nas 10 prioridades da União.

a. *Recursos financeiros*. Os recursos da DSA para projetos pioneiros ou evangelismo, deverão ser concentrados exclusivamente nos municípios iniciados ou zero. Primeiramente nos 10 locais da União, e depois nos 10 de cada campo, e então nos demais.

Estes recursos serão utilizados para adquirir o terreno e construção de novas igrejas nas prioridades (iniciados ou zero).

As Uniões deverão ter um fundo de reserva para investir em boas oportunidades que surjam em um destes 10 locais.

b. *Evangelismo público*. Realizar os esforços evangelísticos da União nos 10 locais prioritários, definindo a seqüência a partir de 1995.

c. *Departamentos e serviços*. Cada departamento e serviço preparará planos específicos para cada uma das 10 prioridades da União.

d. *Produção de impressos para as prioridades*. As Uniões prepararão abundante material impresso para utilizar nas 10 prioridades da União e dos campos, como orientações para a igreja, jornais comunitários, estudos bíblicos, folhetos em massa, etc. Este material é distinto do que for preparado pelas casas editoras. Material impresso e de graça para os leigos. Produzir para os campos, folheto por família, por ano, nos municípios iniciados ou zero (para tanto, divida a população por 5), oferecidos gratuitamente aos membros.

e. *Programar grandes eventos da igreja*. Nas 10 prioridades da União, sendo seguido por atuação evangelística. Entres outros, poderiam ser: Projeto Revive ou Sol; Grandes encontros JA; Seminário na área de saúde; desbravadores; apresentações internacionais (Corais, conjuntos musicais adventistas da Rússia, Polônia, África, EUA, países latino-americanos ou Mercosul, etc.), apresentações musicais de nossas escolas elementares ou instituições educacionais, no principal teatro da cidade, etc.

f. *Criar uma rede de emissoras de rádio para cobrir todo o território da União*. Apoiar os campos neste grande projeto.

g. *Apresentar mostruários e grande quadros de anúncios*. Para o grande público nas 10 prioridades da União nos aeroportos, rodoviárias, metrôs, ferroviárias, supermercados, shopping-centers, feiras e exposições, hotéis, bancos e bancas de jornais.

h. *Classes especiais*. Designar uma pessoa responsável pelos grupos especiais. Orientar e realizar reuniões com os coordenadores dos campos, preparando material para grupos específicos da União, das seguintes classes especiais -

Preparar materiais, orientação e sugerir métodos para as seguintes classes especiais:

- *Da ação Global*. Chineses, árabes (muçulmanos), hindus, russos, judeus ou seus descendentes.

- *Estrangeiros e outros grupos etno-lingüísticos*. Japoneses, coreanos, alemães, italianos, grupos ibéricos da Europa ou África, e índios do país, etc.

- *Grupos próximos*. Familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho ou estudo, conhecidos da terra natal, infância ou juventude.

- *Favorecidos*. Autoridades governamentais, funcionários públicos, militares, médicos, dentistas, advogados, juizes, pesquisadores, cientistas, engenheiros, professores, universitários, profissionais liberais, comerciantes, gerentes de empresas, homens de negócios, ricos, classe média, publicitários, pastores de outras denominações, esportistas (população sã que quer viver melhor).

- *Abandonados*. Órfãos e viúvas, crianças abandonadas (creches e na rua) e idosos, e os que sofrem por causa do Evangelho.

- Desfavorecidos. Miseráveis, indigentes, pobres, famintos, coxos, aleijados, cegos, doentes e sofredores, ignorantes, favelados, desafortunados, aflitos.

- Viciados. Fumantes, bêbados, viciados e presos.

i. *Coordenar a atuação de grupos de empresários adventistas e instituições "vinculadas" pertencentes a membros*.

- Restaurantes vegetarianos - colocando nossa literatura disponível para venda;

- Redes hospitalares - cedendo capelães e serviço;

- Instituições de ensino - cedendo professores de educação religiosa.

J. *Ampliar e valorizar a colportagem*. Os colportores foram os principais responsáveis pelo estabelecimento da igreja nos países e regiões da Divisão. Com efeito, comprovadamente é o melhor método de avanço, porque o contato é pessoal.

Além disto, o custo para a organização é praticamente zero. Por isto, não apenas sugerimos, como sublinhamos e insistimos, que se valorize e estimule a colportagem.

Estímulo quer dizer:

1. Dar a cada colportor a lista de todos os municípios Iniciados e Zero do seu país, e motivá-lo a atuar nestes locais;

2. Oferecer a eles os seguintes livros e revistas com 75% de desconto, para incluírem em cada coleção vendida:

- *O Grande Conflito* condensado
- Revista Decisão, com resumo das doutrinas da Igreja
- Folheto *Ele é a Saída* ou equivalente, gratuito, que será entregue em cada casa, mesmo sem que a pessoa adquira qualquer literatura.

3. Pagar o aluguel por 1 ano de pelo menos 2 colportores por campo para morarem em locais a serem penetrados, formando uma Escola Sabatina Filial.

Outros Métodos. Há flexibilidade para outros métodos, estes são apenas sugestões.

MÉTODOS CAMPOS

1. *Ação Global*. Cooperar com a ação mundial da igreja, atuando junto aos consulados, representações dos países alvo em seu território e os descendentes destas regiões (China países islâmicos, Índia, Comunidade dos Estados Independentes e Israel).

Designar uma pessoa que coordenará a atuação junto aos grupos de Ação Global, ibero-americanos e grupos especiais.

2. *Ibero-americanos* . Atuar junto aos ibero americanos, cujos representantes destes países em seu território. Enviar em combinação com a União, equipes de evangelistas e colportores estudantes missionários para os seguintes países:

- Países hispânicos - Espanha, Marrocos, Guiné Equatorial, Saara Ocidental, Andorra e Gilbratal.

- Países lusitanos - Portugal, Guiné-Bissau, Timor Oriental, Luxemburgo e Macau.

Reservar para os estudantes dos países africanos de língua espanhola ou portuguesa, bolsas de estudos para cursos superiores em nossas instituições de ensino.

3. *Atuação nas 10 prioridades com campo*. É responsabilidade da administração de cada campo, dividir todos os municípios iniciados e zero, entre os distritos pastorais.

Todo o território geográfico - cada município (ou bairros de cidades com mais de um distrito pastoral) estará cuidadosamente dividido.

Dividir o distrito com a presença do pastor entre as igrejas, designando a cada uma delas as prioridades (municípios Iniciados ou Zero).

Após isto, em reunião com os líderes das igrejas, que podem ser feitas regionalmente, distribuir todas as prioridades, para que a igreja saiba exatamente onde deve atuar, permanentemente durante os próximos 5 anos.

Planejar para que cada residência do território receba 1 impresso adventista por ano. Cada campo selecionou 10 prioridades, onde o trabalho começará em 1995. Repartir até o ano 2000 estes locais. No ano designado para um local será feito um grande esforço pelo campo local.

Designar uma pessoa para atuar junto aos grupos de Ação Global, ibero-americanos e grupos especiais.

Cada campo selecionará deste 3 grupos especiais de atuação direta do campo. Cada campo deve ter também um projetor de vídeo, que utilizará nas 10 prioridades no campo, e em outros locais.

a. *Recursos Financeiros*. Os recursos financeiros repassados da DSA ou União, para projetos pioneiros e evangelismo, os recursos do campo, deverão se concentrados nos municípios Iniciados ou Zero.

Primeiramente nas 10 prioridades da União, depois nas 10 do campo e então nas demais, a critério do campo local.

Estes recursos serão principalmente utilizados para adquirir terrenos ou construir templos nas prioridades.

Está sendo incluído aqui os terrenos e construção de escolas nos municípios Iniciados ou Zero, onde uma escola elementar ajudará numa expansão mais rápida da igreja. Cada campo terá um reserva para aproveitar boas oportunidades que surgirem nas prioridades do campo.

b. Cada uma das famílias ou pessoas designadas abaixo, que atuarem nos locais novos, receberão gratuitamente do campo, correspondência permanente do coordenador de Missão Global do campo, boletim e informações do campo, material de apoio missionário e Revista Adventista e 1 vez por ano participará de uma reunião especial com o grupo.

- Pastor distrital morando num município Iniciado ou Zero.

Deslocar pelo menos 3 pastores do campo para morarem em locais iniciados ou zero. Isto ajudará no crescimento deste grupo ou igreja nascente.

- Deslocar 2 colportores no mínimo, com pagamento de 1 ano de aluguel para local iniciado ou zero (Veja item colportagem).

- Deslocar 2 obreiros bíblicos para iniciarem um trabalho novo, especialmente em local zero.

- Designar 2 obreiros jubilados para iniciarem um trabalho novo, especialmente em local zero.

- Abrir uma Pré-Escola em uma das prioridades, através do Departamento de Educação, ou mudança de professora que abrirá uma escola particular.

- Projeto Bandeirante - Selecionar no mínimo 4 família de líderes voluntários, leigos, para projetos pioneiros (realizado na Associação Paulista Oeste da IASD).

Cada Distrito pastoral do campo escolhe 1 líder leigo, que pode participar deste plano, mudando-se para novo loca, onde não presença adventista.

Este grupo de avançada (Bandeirantes), recebe orientação cuidadosa por parte do campo, que dará apoio para o projeto.

Recursos da DSA e uniões, e do campo poderão ser utilizados para pagar o aluguel por 1 ano para estas famílias, além de todo material evangelístico necessário.

A garagem ou cômodo da casa será o embrião do novo grupo.

Atenção. O responsável pela Missão Global do campo percorrerá pelo menos 1 vez por ano todos os locais iniciados ou zero, para dar apoio às famílias isoladas, ou pequenos grupos. Se não há nenhum adventista, ele conseguirá o máximo de informações, com pelo menos 20 endereços para enviar literatura. Uma equipe com próprio campo comunicações) passará a enviar correspondência para as 20 pessoas, ou conseguirá que uma igreja ou Instituição Educacional se responsabilizes.

c. *Evangelismo público*. Realizar os esforços evangelísticos do campo nas 10 prioridades do campo, definindo a seqüência a partir de 1995.

d. *Departamentos e serviços*. Cada departamento e serviço preparará planos específicos para cada uma das 10 prioridades do campo.

e. *Ampliar e valorizar colportagem*. Os colportores foram os principais responsáveis pelo estabelecimento da igreja nos países e regiões da Divisão. Com efeito, comprovadamente é o melhor método de avança, porque o contato é pessoa.

Além disto, o custo para a organização é praticamente zero. Por isto, não apenas sugerimos, como sublinhamos e insistimos, que se valorize e estimule a colportagem.

Estimulo quer dizer:

1. Dar a cada colportor a lista de todos os municípios Iniciados e Zero do seu campo, e motivá-los a atuar nestes locais;

2. Oferecer a eles os seguintes livros e revistas com 75% de desconto, para incluírem em cada coleção vendida:

- O Grande Conflito condensado
- Revista Decisão com resumo das doutrinas da igreja;
- Folheto *Ele é a Saída* ou equivalente, gratuito, que será entregue em cada das, mesmo sem que a pessoa adquira qualquer literatura.

3. Pagar o aluguel por 1 ano de pelo menos 2 colportores por campo para moraram em locais a serem penetrados, formando uma Escola Sabatina Filial.

Além das 10 prioridades do campo, o departamento de colportagem apresentará um plano para a partir de 1995, atingir 20% ao ano, todos os municípios iniciados ou Zero.

Deslocar equipes de colportores estudantes para municípios Iniciados ou Zero dando como estímulo revistas e folhetos gratuitamente, para entregarem junto com os livros.

f. *Recolta dos Obreiros*. Os obreiros do campo realizarão a recolta anual, além dos municípios conquistados, nos municípios

iniciados ou zero, com objetivos missionários, na base de 20% destes locais a cada ano, a partir de 1995.

Deixar na mão dos doadores o folheto da recolta e mais 1 folheto missionário. Para os que não doarem, dar pelo menos um folheto missionário.

Outra opção é ter um obreiro jubilado que recolte o ano inteiro nas prioridades, dando as informações dos interessados para o campo e distrito pastoral responsável pelo município.

g. *Reuniões e concentrações*. Além de grandes eventos realizados em conjunto com as Uniões, programar para que reuniões e concílios pastorais, líderes leigos, campais, eventos JA, área de saúde, apresentações musicais, sendo realizadas pelo menos 2 eventos ao ano nas prioridades do campo.

As reuniões terão objetivos missionários, sendo secundados por esforços evangelísticos e missionários locais.

h. *Adquirir ou conseguir autorização para operar uma emissora de rádio no campo.* Fazer um esforço sem precedentes e adquirir uma emissora de rádio que alcance a principal cidade de seu campo.

i. *Apresentar mostruários e grande quadros de anúncios*. Para o grande público nas 10 prioridades da União nos aeroportos, rodoviárias, metrôs, ferroviárias, supermercados, shopings-centers, feiras e exposições, hotéis, bancos e bancas de jornais.

j. Grupos de Ação. Estes grupos de ação serão criados para abrir o caminho, sentis possibilidades e atuar de modo direto nos municípios Iniciados ou zero.

Deverão estar conectados com o distrito e igreja responsável pelo local que o campo já designou.

- *Projeto Sansão* - forte e arrojado (método usado na Associação Espírito-Santense da IASD). Dois pastores distritais realizam um esforço evangelístico numa das prioridades. Os distritos destes 2 pastores, ou 2 líderes leigos, pagarão 2 obreiros bíblicos por 3 meses e construirão um novo templo no local. O campo ajudará a adquirir o terreno antes de iniciar o projeto.

Os anciões da igrejas destes distritos cuidarão da igreja no período, mantendo as programações regulares, e providenciarão também pedreiros (ou pagarão os mesmos) para construir o novo templo.

Fornecerão também apoio material missionário, como Bíblias, folhetos, literatura, propaganda, brindes, etc.

- *Projeto Jericó*. (realizado na Associação Espírito-Santense). Neste projeto, 4 distritos pastorais próximos se unem, sob a coordenação de um dos pastores destes distritos (designado pelo campo), e fazem um ataque permanente durante 4 meses, sendo cada sábado para 1 distrito pastora. Assim, semanalmente, um dos distritos envia um ônibus repleto de pessoas para visitarem os lares, realizarem reuniões para ver o andamento do projeto. Quinzenalmente os 4 pastores terão uma reunião para ver o andamento do projeto.

- Projeto escola pioneira - pelo menos 1 por campo. Selecionar os municípios iniciados ou zero, onde é possível ter uma escola, designando o mesmo para ser "adotado" por um colégio adventista. O colégio, com apoio do campo e dos professores irá adquirir um amplo terreno para iniciar uma escola e junto com ela um novo grupo, que se transformará em uma igreja.

- *Colportagem missionária*. Qualquer obreiro (pastores, professores, obreiros em geral), poderão durante 15 dias dedicarem-se a colportar nas prioridades com objetivos missionários. Deixarão em cada local o conflito e folheto missionário que os campos darão aos mesmos como estímulo.

- *Projeto PRISMA*. Selecionar dentre as prioridades do campo, locais para atuação de estudantes no período de férias.

Selecionar dente todas as prioridades o campo, locais para atuação de estudantes no período de férias.

k. Grupos especiais. Designar uma pessoa responsável elos grupos especiais. Orientar e realizar reuniões com os coordenadores dos campos, preparando material para grupos específicos da União, das seguintes classes especiais -

Preparar materiais, orientação e sugerir métodos para as seguintes classes especiais

- Da ação global. chineses, árabes (muçulmanos), hindus, russos, judeus ou seus descendentes.

- Estrangeiros e outros grupos etno-lingüísticos. Japoneses, coreanos, alemães, italianos, grupos ibéricos da Europa ou África, e índios dos país, etc.

- Grupos próximos. Familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho ou estudo, conhecidos da terra natal, infância ou juventude.

- Favorecidos. Autoridades governamentais, funcionários públicos, militares, médicos, dentista, advogados, juízes, pesquisadores, cientistas, engenheiros, professores, universitários, profissionais liberais, comerciantes, gerentes de empresas, homens de negócios, ricos, classe média, publicitários, pastores de outras denominações, esportistas (população sã que quer viver melhor).

- Abandonados. Órfãos e viuvas, crianças abandonadas (creches e na rua) e idosos, e os que sofrem por causa do evangelho.

- Desfavorecidos. Miseráveis, indigentes, pobre, famintos, coxos, aleijados, cegos, doentes e sofredores, ignorantes, favelados, desafortunados, aflitos.

- Viciados. Fumantes, bêbados, viciados e presos.

Instituto bíblico para pastores evangélicos (aplicado em Santiago e Lima).Escolher na cidade principal do campo, um colégio adventista

que passará a oferecer à noite e nos fins de semana o Instituto Bíblico, sob a coordenação da faculdade de teologia da respectiva União, que dará cursos, através de pastores com mestrado no SALT, e liderança leiga profissional, em várias áreas como: profecias Bíblias, Daniel e Apocalipse, mordomia cristã, saúde e qualidade de vida, vida de Cristo. Profetas, etc.

O curso será oferecido a todos os pastores evangélicos da região, de forma personalizada.

Outros métodos. Há flexibilidade para outros métodos, estes são apenas sugestões.

Métodos das igrejas.

1. *Ação Global*. Cooperar com ação mundial da igreja, atuando junto aos consulados, representações dos países alvo em seu território e os descendentes destas regiões (China, países islâmicos, Índia, Comunidade dos Estados Independentes e Israel).

Designar uma pessoa que coordenará a atuação junto aos grupos de ação global, Ibero americanos e grupos especiais.

No caso de igrejas próximas à universidades que tenham estudantes estrangeiros, especialmente destes países alvo, atuar junto a eles.

2. *Ibero-americanos*. atuar junto aos ibero americanos, cujos representantes destes países estejam em seu território.

- Países hispânicos - Espanha, Marrocos, Guiné Equatorial, Saara Ocidental, Andorra e Gibraltar.

- Países lusitanos - Portugal, Guiné-Bissau, Timor Oriental, Luxemburgo e Macau.

3. *Atuação nas 10 prioridades da igreja*. Todos os municípios ou regiões geográficas das grandes cidades foram divididas em categorias: Conquistadas (com muitos adventistas), iniciadas (com poucos membros) ou zero (sem nenhum adventista).

O campo designará o território de cada distrito pastoral e cada igreja. Além disto, a Revista Adventista publicará uma lista de todos os municípios do país que são iniciados ou zero.

Designar uma pessoa da igreja para coordenar a atuação nestas prioridades. Os métodos devem ser simples, de baixo custo e sustentados permanentemente pela igreja local.

Reunir o conselho evangelístico da igreja para estudar a melhor maneira de atuar neste município.

a. Recursos Financeiros. Cada igreja deve ter um fundo pioneiro para ser aplicado nas prioridades, como adquirir o terreno e construção do templo, além de prover o material missionário.

b. *Presença permanente*.

c. *Projeto Abraão*. (Utilizado na União Norte). Uma determinada família escolhe uma das propriedades de sua igreja, ou até do campo e se muda para lá com recursos próprios e terão o apoio da igreja de onde partiram com material missionário.

d. Atuar junto à mídia. Preparar anualmente, para toda a mídia (TV, rádio out-door, jornais, revistas), temas. Elaborar o temário geral para os próximos 5 anos.

como sugestão, apresentamos as seguintes idéias.

1995 - Mãe de Cristo afirmando: Ele virá outra vez.

1996 - Tema missionário de impacto. Com um dia D, em março, para toda igreja no continente, atacar os municípios Iniciados e Zero.

1997 - Família, saúde, qualidade de vida

1998 - Grande promoção do Conflito dos Séculos

1999 - Ataque ao alcoolismo

2000 - Cristo Virá.

Além disto, as datas especiais, o dia das mãe, finados, namorados, da criança, da Bíblia, Natal, etc.

e. *Produzir anualmente folhetos, revistas e livros missionários*. Para serem utilizados em primeiro lugar nos municípios Iniciados e Zero. Folhetos - preparara um plano para produção em massa de folhetos, para a igreja, distribuir em grande quantidades, na proporção de 1 folheto por família, por ano, nos municípios Iniciados ou Zero (para tanto, dividir a população por 5).

1996 - Tipo Folhetão - “Seus irmãos Adventistas” Apresentar a igreja adventista mundial e em cada país da DSA. Destacar a igreja como Cristã, profética, progressista, educada, humanitária, responsável prestativa, desenvolvimentista e global.

Dar uma síntese doutrinária.

1997 - Família - saúde, qualidade de vida.

1998 - Tema profético - conexão com O Grande Conflito.

2000 - Cristo Virá.

além disto produzir milhões de folhetos de contato, de bolso, para serem levados a qualquer lugar facilmente.

Revistas. A revista Decisão entre os diversos números, terá um, anual, que apresentará, de modo mais extenso as doutrinas e temas específicos, tendo em vista a distribuição em grande quantidade.

Sugerimos entre outros temas, os seguintes que seriam definidos para os próximos 5 anos:

- As Doutrinas da Igreja
- Profecias
- Grande Conflito em quadrinhos

- Saúde
- Crianças
- Família, etc.

Livros. Produzir cada ano um livro missionário. uma brochura de bolso, impressa na rotativa, papel de baixo custo, para distribuição em massa, a baixo custo. O programa deve ser para os próximos 5 anos. Como sugestão, poderíamos ter:

- *Projeto adote uma cidade*. Uma unidade da Escola Sabatina, sociedade JA, clube dos desbravadores, Instituição ou família adota um município do país ou do estado (Iniciado ou Zero), onde não há adventista, e atuará para conseguir endereços, enviar correspondência e se for possível, visitar pelo menos 1 vez ao ano o local pessoalmente.

- *Patrocínio de obreiro voluntário*. A igreja poderá financiar por 1 ano o aluguel de um obreiro bíblico voluntário, que irá atuar numa das prioridades.

- *Iniciar com estudos bíblicos*. Abrir uma classe bíblica no local, oferecendo um curso bíblico aos interessados, em uma das prioridades da igreja. "A obra deve iniciar discretamente sem ruído ou toque de trombeta, deve começar com estudos bíblicos" *Ev*., 445.

- *Evangelismo Infantil ou Escola Sabatina Filial*. O trabalho pode ser iniciado, com equipes para uma desta opções, em uma das prioridades.

c. *Evangelismo Público, Seminários, Maranatas, Microsséries*. Feito ou pelo pastor distrital ou líder missionário. O ideal é ter já o terreno para quando o trabalho iniciar, não houver descontinuidade.

d. *Distribuição de literatura em massa*. Saturar cada prioridade com literatura. Oferecer nossos impressos de casa em casa, como contato para iniciar estudos bíblicos, ou um jornal comunitário preparado localmente. Cada publicação terá o endereço da igreja como

referência com telefone. Coletar endereços de interessados o máximo possível.

Cada igreja terá um cadastro de interessados, de cada uma das prioridades (município iniciado ou zero).

Para esta distribuição, que deve visitar estes locais, no mínimo 3 vezes por ano, ir de carro ou de ônibus.

Nos locais mais distantes, realizar excursões missionárias alugando ônibus, para distribuição em massa de literatura.

Carro missionário - poderá se especializar na distribuição semanal de literatura em todas as prioridades da igreja, de modo permanente. Percorrerá todas as prioridades e manterá a igreja informada.

e. *Escola Radiopostal de correspondência*. Para os endereços recebidos dos locais que os membros visitaram, contidos, no cadastro de interessados, mandar correspondência missionária periodicamente.

Incluir aí os grupos mundiais e ibero-americanos se conseguirem algum endereço destes países, ou ouvintes do programa de TV, Voz da Profecia, colportores e qualquer outro interessado que more na região.

Foi através deste método simples que a verdade chegou a diversos países Sul-Americanos, e que as grandes empresas utilizam na atualidade! É a “Mala Direta” de cada igreja.

f. *Recolta nas prioridades*. Conseguir que um irmão aposentado, líderes missionários, ou grupos de jovens ou desbravadores, ou alunos da escola, realizem a recolta também nas prioridades como recolta missionária.

A igreja pagará as despesas de 3 dias para a equipe (condução, alimentação e pouso).

g. *Utilizar a emissora de rádio*. Onde há poucos, ou nenhum adventista, ofereça um programa de rádio da Voz da Profecia, ou prepare o seu próprio programa.

Há um ponto, “Encontro com a vida”, produzido pela rádio Novo Tempo. Escreva para a Associação Sul Riograndense - Rádio Novo Tempo.

São 27 programas semi-prontos, com abertura, música, encerramento e cópia de uma palestra que você mesmo fará.

h. *Ônibus congregação*. A idéia vem de Buenos Aires. Nossos irmãos, cada sábado utilizar o microônibus escolar para ir a um local prioritário. Ali, na praça principal convidam interessados, para uma reunião no próprio ônibus, no qual celebram uma escola sabatina filia.

i. *Campos de ação*.

- Atuação nos jornais e TV locais - oferecer o curso do Apocalipse, em um jornal local das prioridades.
- Contatos telefônicos e por FAX
- Desbravadores
- Projetor pregador - atuar junto aos pastores de outras denominações religiosas.
- Visitar escolas das prioridades, oferecendo livros de nossa editora
- Realizar pesquisas de opinião
- Inserir nossa literatura junto às bancas de jornais, num determinado domingo, com carimbo da igreja no verso, indicar um telefone para referência.
- Escola cristã de férias
- Coral e música
- Serviço comunitário adventista
- Curso de alfabetização de adultos

- Produzir um jornal comunitário para entregar em todo o distrito pastoral e especialmente nas prioridades

- Cursos de forno e fogão, Como deixar de fumar ou beber, qualidade de vida, etc.

j. *Grupos especiais*.

Designar uma pessoa responsável pelos grupos especiais. Orientar e realizar reuniões com os coordenadores dos campos, preparando material para grupos específicos da União, das seguintes classes especiais -

Preparar materiais, orientação e sugerir métodos para as seguintes classes especiais

- Da ação global. Chineses, árabes (Muçulmanos), hindus, russo, judeus ou seus descendentes

- Estrangeiros e outros grupos etno-lingüísticos. Japoneses, coreanos, alemães, italianos, grupos ibéricos da Europa ou África, e índios dos país, etc.

- Grupos próximos. Familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho ou estudo, conhecidos da terra natal, infância ou juventude.

- Favorecidos. Autoridades governamentais, funcionários públicos, militares, médicos, dentistas, advogados, juízes, pesquisadores, cientistas, engenheiros, professores, universitários, profissionais liberais, comerciantes, gerentes de empresas, homens de negócios, ricos, classe média, publicitários, pastores de outras denominações, esportista (população sã que quer viver melhor).

- Abandonados. Órfãos e viúvas, crianças abandonadas (creches e na rua) e idosos, e os que sofrem por causa do evangelho.

- Desfavorecidos. Miseráveis, indigentes, pobres, famintos, coxos, aleijados, cegos, doentes e sofredores, ignorantes, favelados, desafortunados, aflitos.

- Viciados. Fumantes, bêbados, viciados e presos.

K. *Outros métodos*. Há flexibilidade para outros métodos, estes são apenas sugestões.

MÉTODOS INDIVIDUAIS OU FAMILIARES.

1. Ação global. Contactar, se possível pessoas, estudantes e imigrantes, ou descendentes dos imigrantes que falam o espanhol ou o português ou manter correspondência com eles, enviando nossa literatura.

2. Ibero-Americanos. Contactar com os países ou imigrantes que falam espanhol ou o português, ou manter correspondência com eles, enviando nossa literatura para os seguintes países

- Países hispânicos - Espanha, Marrocos, Guiné Equatorial, Saara Ocidental, Andorra e Gibraltar.
- Países lusitanos - Portugal, Guiné-Bissau, Timor Oriental, Luxemburgo e Macau.

Atuação nas prioridades.

- Observe as prioridade nacionais. Se uma delas se relaciona com você, por exemplo, sua terra natal, onde você conhece pessoas, ou onde Deus o inspirou a escolher, faça seu próprios planejamento para alcançá-las com a mensagem.
- ao mesmo tempo faça planos para dar sua contribuição numa das prioridades de sua própria igreja.
- Pense no que pode fazer com os recursos e dons que você dispõe localmente. Escolha sua prioridade, visite-a, ore e escolha o seu método.

- Reserve um horário específico para sua atividade missionária. Sábado à tarde, por exemplo, às 2 horas.

Métodos para as prioridades.

3. Recursos financeiros. Faça seu plano financeiro pessoal para que a mensagem se estabeleça em uma das prioridades (municípios iniciados ou zero).

4. Atuação permanente. Participe de uma atividade permanente junto à prioridade que você escolheu.

- Mudança permanente. Somente se você puder fazer isto com segurança, e de sua família.

- Atuar na Escola Sabatina filial, evangelismo infantil ou classe bíblica na prioridade escolhida.

5. Evangelismo leigo. Se você tiver condições seria uma excelente opção.

6. Estudos bíblicos. Se esta for sua habilidade, faça uma programação neste sentidos.

7. Distribuição de literatura. Juntamente com sua igreja faça seu programa pessoal na prioridade escolhida e espalhe a mensagem. Faça seu plano pessoal de distribuição de literatura. Todos os membros podem fazer isto. Tenha um carimbo de identificação pessoal no material que você entregar, inclusive com o seu telefone. Envie uma revista Decisão, ou algum livro de nossas editoras, para 3 interessados na prioridade.

8. Atuação ocasional. Você poderá selecionar uma de uma dezena de sugestões: atuação na área de saúde, comunicação (incluindo o telefone ou FAX), desbravadores, visita a pastores de outras denominações, escolas nas prioridades, pesquisas de opinião, música, colportagem esporádica, escola cristã de férias, assistência social, recolta, alfabetização de adultos, empréstimo de livros adventistas, fitas de vídeo do programa de TV, ou qualquer projeto de sua escolha.

9. Correspondência. Faça seu plano pessoal de enviar nossa literatura pelo correio para a prioridade que você escolheu. Através deste método milhares chegarão ao conhecimento da verdade.

10. Dedique parte de suas férias. Para trabalhar na prioridade que você escolheu.

11. Outros métodos. Há evidentemente outros métodos. Escolha pelo menos 1, ore a Deus, e execute o seu projeto na prioridade escolhida!

MISSÃO MARANHENSE DA IASD. Localiza-se na Av. Daniel de La Touche, 53; Bairro Maranhão Novo, São Luíz, MA. Pertence e é administrada pela *União Norte Brasileira da IASD (UNB). Compreende todo o Estado do Maranhão.

Em seu território há 111 igrejas, totalizando 52.759 membros batizados par uma população de 5.035.370.

Foi estabelecida em 1936 compreendendo os Estados do Ceará, Piauí e Maranhão. Em 31 de julho de 1988 foi organizada a Missão Maranhense, compreendendo somente o Estado do Maranhão, por iniciativa da UNB e da *Missão Costa-Norte da IASD.

Presidentes: (1937); R. A. Wilcox (1938-1946); Secretário: C. Fonseca (1947); *Gustavo S. Storch (1948-1955); Waldemar Ehlers (1956-1959); D. J. Sandstrom (1960); W. S. Lima (1961-1963); Secretário: Waldomiro Fraga (1964-1965); P. S. Seidl (1966-1968); C. J. Griffin (1969-1971); Secretário: A. L. Pimenta (1972-1973); Valdomiro Reis (1974-1976); Luiz S. Melo (1977-1978); Dorvalino R. de Souza (1979-1984); Nelson de Oliveira Duarte (1985-1988); Izéas dos Santos Cardoso (1988-1992); Eric P. Monnier (1993-).

MISSÃO MINEIRA DA IASD. Atualmente, está dividida em *Missão Mineira Sul da IASD e *Missão Mineira-Central da IASD.

Consta em alguns registros a existência da Missão Minas Gerais, estabelecida em 1916, sendo de 1918 a 1919 presidida por C. E. Rentfro e J. E. Brown. Em 1919, foi organizada a Missão Minas Gerais Leste e

Missão Minas Gerais Oeste, assim presididas: *Missão Leste:* R. J. Wilfart (1920); C. F. Rentfro (1921) George Belleau (1922); ? (1923); N. P. Neilsen (1924-1927); *Missão Oeste:* (1920); A. L. Westphal (1921-1922); (1923-1924); J. E. Brown (1924-1927).

Há também registros da *Missão Rio-Minas da IASD, cujo território funcionava no mesmo local que o da *União Este-Brasileira da IASD, até 1927, junto à *IASD Central do Rio de Janeiro.

Em 1922, havia em Minas Gerais 284 membros e no Rio de Janeiro, 322 membros. José Bacarat, Bernardo Schünemann, Benedito Reis e Rodolfo Belz trabalharam nos escritórios da Missão Rio-Minas.

Em 1937, inaugurou-se uma escola num terreno de 16 hectares doado por José Garcia Filho. Em 17 de janeiro de 1951, a Missão Rio-Minas foi organizada e em 1955 criada a Missão Mineira, desmembrando-se assim a Associação Rio Minas.

Em 14 de outubro de 1955, foi organizada a Missão Mineira da IASD por iniciativa da *União Este-Brasileira da IASD. Localizava-se na Rua Pe. Belchior, 254, sala 208, em Belo Horizonte, MG. Compreendia o Estado de Minas Gerais exceto o Triângulo Mineiro, que pertencia à *Missão Brasil-Central da IASD, em Goiânia, GO.

Sua primeira administração era composta por: *Presidente*: Silas Gianini; *Secretário-tesoureiro*: Werner Bleck.

Nesta ocasião havia aproximadamente 12 igrejas, 46 grupos, 13 escolas paroquiais, 5 pastores ordenados e 4 obreiros não-ordenados.

Eventos importantes. Divisão desta Missão em duas partes, em dezembro de 1982 na gestão do Paulo Stabenow (presidente), ficando assim estabelecida: Missão Mineira do Sul, com sede em Juiz de Fora, presidida pelo Pr. Pável de Oliveira Moura e a Missão Mineira Central, com sede em Belo Horizonte, presidida pelo Pr. Paulo Stabenow.

Presidentes: E. M. Davis (1928-1935); *Gustavo S. Storch (1936-1938); *Secretário:* M. Fuhrmann (1939); *John Boehm (1940-1946); R. A. Wilcox (1947); *Secretário:* J. P. Lobo (1948); J. Baerg (1949);

Emanuel Zorub (1950-1955); Silas Gianini (1955-1956); *Secretário:* Werner Bleck (1957); Edson Vasconcellos (1958-1959); Emmanuel Zorub (1960-1961); Manoel Ost (1962); H. E. Bergold (1963); C. C. Belz (1964-1968); Robert L. Heisler (1969-1973); Paulo Stabenow (1974-1982).

MISSÃO MINEIRA-CENTRAL DA IASD. Veja **Associação Mineira-Central da IASD**.

MISSÃO MINEIRA DO SUL DA IASD. Localiza-se na Rua Raulina Magalhães, 212; Grajaú, Juiz de Fora, MG. Pertence e é administrada pela *União Este-Brasileira da IASD. Em seu território há 90 igrejas e mais de 100 grupos, totalizando 12.523 membros batizados para uma população de 4.977.316 habitantes. Pertence a administração desta Missão 2 escolas de 1º Grau completo e 2 de 1º Grau incompleto; Centro Educacional Adventista de Lavras - 1º Grau - Lavras, MG; Escola Adventista de 1º Grau de Poços de Caldas; Centro Educacional Adventista de 1º Grau Dr. Otto Keppke em Governador Valadares; *Instituto Adventista de Ensino Minas Gerais (IAEMG) e uma sede de acampamento JA em Capim Roxo, perto do Pico da Bandeira, ainda em construção.

A Missão Mineira foi dividida em dezembro de 1982 em duas partes: Missão Mineira do Sul, com sede em Juiz de Fora, presidida pelo Pr. Pável de Oliveira Moura e Missão Mineira Central, com sede em Belo Horizonte, presidida pelo Pr. Paulo Stabenow.

Presidentes: Pável de Oliveira Moura (1983-1985); Germano Boell (03/1985-08/1985); Gerson de Souza Fragoso (1985-1988); Nelson de Oliveira Duarte (10/1988-1992); Helmuth Ari Gomes (1993-).

Veja também **Missão Mineira da IASD.**

MISSÃO NORDESTE DA IASD. Localiza-se na Rua Gervásio Pires, 717, Boa Vista, Recife, PE. Pertence e administrada pela *União Este-Brasileira da IASD.

Seu território compreende os seguintes Estados: Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Atualmente (1995), existem 137 igrejas organizadas e 185 grupos com 40.499 membros batizados para uma população de 13.010.330 habitantes.

Trabalham nesta Missão 32 pastores ordenados e 13 licenciados. São 22 escolas de 1º Grau com 3.349 alunos e 171 professores. Existem 3 *Clubes de Desbravadores com um média de 2.000 membros participantes.

A cidade de Recife recebe um atendimento do Ambulatório Médico Odontológico Adventista para toda população.

A instituição que pertence à Missão Nordeste é o *Educandário Nordestino Adventista (ENA), que funciona em regime de internato.

Primeiramente era chamada de Missão Pernambuco quando foi estabelecida em 1916, tendo como seu primeiro presidente, R. J. Wilfart. Pertencia a esta Missão os Estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte.

No início dos anos 30, a depressão econômica mundial, forçou a junção da *Missão Baiana com a Pernambucana, surgindo a Missão Nordeste, presidida pelo Pr. *Gustavo Storch.

Em 1932, foi organizada e reorganizada em janeiro de 1937 quando recebeu este nome.

Em 1980, o Estado de Sergipe foi integrado à Missão Nordeste, passando a fazer parte da *Missão Sergipe-Alagoas em 1988.

Presidentes: R. J. Wilfart (1917-1919); C. E. Rentfro (1920-1922); (1923); E. M. Davis (1924-1926); Schaetller (1927-); E. P. Mansell (1928-1930); Gustavo Storch (1931-1936); Jerônimo Garcia

(1937-1940); Oscar Castellani (1941-1946); Orlando G. Pinho (1947-1949); P. W. Harder (1950); José Bacarat (1951-1955); J. Wagner (1956); A. R. Dourado (1957); Benedito C. Andrade (1958); Manoel Ost; John Baerg; J. C. Bessa Filho (1964-1967); Altino Martins (1968-1971); Arandy Nabuco (1972-1974); Edwin Eisele (1975-1976); Wandyr M. Oliveira (1977-1980); José Freire do Nascimento (1981-1982); Osmar Domingos dos Reis (1983-1987); Helder Roger Cavalcanti Silva (1988-1989); Antônio Ribeiro de Oliveira (1990-1991); Gerson de Souza Fragoso (1992-1993); Gustavo Pires da Silva (1994-).

MISSÃO RIO-MINAS DA IASD. Veja **Associação Rio de Janeiro da IASD.**

MISSÃO SERGIPE-ALAGOAS DA IASD. Localiza-se na Rua Jorge Pereira Porto, 200, Aracaju, SE. Compreende os Estados de Sergipe e Alagoas. Pertence e é administrada pela *União Este Brasileira da IASD. Possui 44 igrejas, com 16.414 membros batizados, para uma população de 4.088.960 habitantes.

Foi organizada em 08 de dezembro de 1988 Em seu território há uma sede de acampamento ainda está em fase de instalação numa área de 12.000 m^2.

A Missão Sergipe-Alagoas foi estabelecida em 1937 sob a administração de G. Streithorst. Em 05 de dezembro de 1988 ocorreu a sua organização.

Presidentes: G. Streithorst (1937-1939); Secretário O. M. Groeschel (1940-); A. C. Harder (1941-); G. F. Ebinger (1942-1947); M. Ost (1948-1952); N. Schwantes (1953); Ary Raffo (1954-1957); M. Marques (1958-); M. M. Oliveira (1959-1960); G. M. Kretschmar (1961-1968); D. F. Porto (1969-1970); José Bellesi (1971-

1973); Robert L. Heisler (1974-1975); J. I. Costa (1976-1977); Alfredo O. Holtz (1978-1979); ? (1980-1988); Gerson de Souza Fragoso (1989-1990);   (1991); José Elias Zanotelli (1992-1993).

MISSÃO SUL-MATOGROSSENSE DA IASD. Veja **Federação Sul Matogrossense da IASD.**

MISSÕES. Os ASD consideram seriamente a comissão de Cristo, "Ide a todo e pregai o Evangelho a toda criatura" (Mar. 16:15). Eles crêem que em um sentido especial eles foram chamados para proclamar ao mundo as *Três Mensagens Angélicas de Apoc.14:6-12 (veja **Igreja Remanescente)**. A primeira das mensagens é declarada como sendo "o Evangelho eterno" para ser proclamado "aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, cada tribo, e língua e povo" (v. 6). Esse conceito de sua missão os levou a dedicar seus recursos físicos, material e espirituais à causa das missões mundiais.

Os ASD não consideram as missões como algo adicional à obra regular da Igreja; elas *são* a obra da igreja. Eles consideram o mundo como seu campo (Mat. 13:38). São motivados em seus esforços pela predição de que quando "este Evangelho do reino será pregado em todo mundo, para testemunho de todas as nações," então virá o fim (Mat. 24:14).

O escopo da missão ASD é demonstrado nas seguintes estatísticas (1993):

Países em que igreja está trabalhando..................... 209
Línguas em que a igreja está trabalhando............713
Línguas em que a igreja publica literatura........................206
Missionários enviados 714
Ofertas para as missões ....U$ 79.661.942,00

Levou alguns anos para a Igreja ASD desenvolver um senso de missã mundial. Isso é evidenciado da seguinte declaração:

> Às vezes, durante os primeiros anos da mensagem, os Adventistas do Sétimo Dia captavam os raios de uma obra sempre crescente que iria eventualmente abranger muitas nacionalidades. Somente na década de 1870, porém, os líderes no movimento do Advento começaram a compreender que a sua era uma missão mundial. Mesmo em 1872, a escritura, “E será pregado este Evangelho do reino será por todo o mundo, para testemunho de todas as nações, então virá o fim,” era considerada simplesmente como um “importante sinal dos últimos dias,” encontrando cumprimento na extensão das missões Protestantes. Seu completo cumprimento não estava de maneira nenhuma associado à expansão do movimento do Advento em todo o mundo. (veja **Review and Herald*, 16 de abril e 16 de julho de 1872). Mas em 1873, uma marcante mudança de sentimento começou a aparecer nas declarações dos líderes entre os Adventistas do Sétimo Dia. No final do ano de 1874, essa transformação de sentimento parece ter tomado lugar quase completamente (*LS*, 203, nota de rodapé dos compiladores).

Na década de 1850 muitos imigrantes que aceitavam a mensagem ASD enviavam publicações a suas terra natais e assim ganhavam conversos (alguns na Irlanda em 1861). Alguns tinham o encargo de voltar e pregar. Um deles foi *Michael Belina Czechowski, um Católico

Polonês que tinha-se convertido ao Protestantismo e que aceitara a mensagem ASD em 1857. Após alguns anos, sentiu o desejo de retornar como um missionário ASD, mas os líderes da Igreja ASD achavam desaconselhável enviá-lo e ele não recebeu nenhum ânimo. Porém, estando determinado, ele aplicado a outra denominação Adventista, que o enviou à Europa em 1864. Chegando em Torre Pellice, no vale Piemonte no Norte da Itália, ele reuniu um grupo a quem ele tinha ensinado as doutrinas ASD. Ele permaneceu na Itália aproximadamente 14 meses e então foi para a Suíça, onde ele estabeleceu grupos guardadores do *Sábado. Dificuldades financeiras e outros problemas forçaram-no a deixar a Suíça, indo então para a Romênia no inverno de 1868-1869, onde ele continuou a propagar os ensinos ASD a despeito das dificuldades com uma nova língua.

Czechowski evitou dar aos seus conversos qualquer indício de quem eram os que o estavam patrocinando, ou de quem ele recebeu o conhecimento do sábado e da *Segunda Vinda de Cristo. A despeito disso, alguns de seus conversos na Suíça souberam por acaso o endereço do escritório de publicações ASD em Battle Creek. Eles se corresponderam com os ASD na América e, através do material que receberam, tornaram-se familiarizados com a obra ASD, ficaram desejosos de se unirem a ela e enviaram apelos por que um ministro ASD viesse da América a fim de ensiná-los.

Em resposta a esses apelos, a Associação Geral convidou as pessoas interessadas na Suíça a enviarem representantes à Conferência Geral de 1869. Tiago H. Erzberger foi escolhido como representante mas chegou muito tarde para a Conferência Geral. Porém, ele permaneceu na América aproximadamente 16 meses, aprendendo a língua inglesa e estudando as doutrinas ASD. Antes de retornar para a Suíça em setembro de 1870, ele foi ordenado ao ministério ASD. Enquanto isso, Adémar Vuilleumier, líder dos guardadores do sábado

suíços, também veio para a América, onde ele permaneceu dois anos, recebendo instruções semelhantes àquelas dadas a Erzberger.

Embora Erzberger não tivesse chegado a tempo para assistir a Conferência Geral de 1869, a Associação Geral votou naquele ano formar “a Sociedade Missionária dos Adventistas do Sétimo Dia” com o propósito de enviar a mensagem ASD “a terras estrangeiras e a partes distantes de nosso país, através de missionários, publicações, livros, folhetos etc.” (*Review and Herald*, 15 de junho de 1869). Porém, foi somente muitos anos antes que os líderes da igreja se uniram atrás de um programa de missões mundiais e enviaram os primeiros missionários ASD.

Em janeiro de 1874, apareceu a primeira publicação do *True Missionary* (Verdadeiro Missionário), uma revista contendo artigos que instavam os ASD a enviarem missionários a outros países. Esse apelos e os dos guardadores do sábado suíços foram eficazes, pois no dia 15 de setembro de 1874, *John Nevins Andrews, o primeiro missionário ASD a ser enviado a um país estrangeiro, navegou para Liverpool com destino à Suíça.

Em julho de 1876, ele publicou o primeiro número de uma publicação Francesa, *Les Signes des Temps* (“Os Sinais dos Tempos”), e um ano depois, Maud Sisley (mais tarde Srª. C. L. Boyd) foi enviada à Suíça para auxiliar na obra de publicação. Em 1883, Andrews morreu de tuberculose e foi substituído por B. L. Whitney. Em 1877, J. G. Matteson saiu dos Estados Unidos para a Dinamarca para estabelecer a obra lá e, em 1878, Guilherme Ings foi para a Grã-Bretanha.

Enquanto missionários ASD foram para a Alemanha (1875), França (1876) e Itália (1877), outros foram para a Noruega em 1878 e para a Suécia, em 1860. Nos anos seguintes, missionários foram enviados para iniciar a obra em outras partes do mundo, como Austrália (1885); América do Sul [Guiana Inglesa] (1885); África do Sul (1887); Ásia [Hong Kong] (1888) e América do Sul [Argentina] (1891).

Em 1886, um livro intitulado *Historical Sketches of S.D.A. Foreign Missions* ("Esboço Histórico das Missões Estrangeiras dos ASD") foi publicado pela editora de Basel, Suíça, que muito fez para promover um espírito missionário entre os ASD. Em 1888, *Stephen N. Haskell foi enviado em um itinerário ao redor do mundo a fim de fazer uma pesquisa sobre as possibilidades de abertura das missões em vários lugares. Em 1889, criou-se um novo periódico, o *Home Missionary* ("Missionário do Lar") que tinha o objetivo de promover vários aspectos da obra missionária.

Ao crescer o espírito missionário da denominação e ao as oportunidades para o estabelecimento das missões aumentou, as instituições foram equipadas para suprir as demandas para missionários treinados. Ao mesmo tempo, obreiros treinados nas editoras Review and Herald e na Pacific Press foram chamados para ajudar a estabelecer a obra de publicação na Europa e Austrália.

Em 1890 o navio *Pitcairn* foi construído, com fundos doados pelos membros da *Escola Sabatina, para levar missionários para as ilhas do Pacífico Sul. O navio fez seis viagens missionárias para o Pacífico Sul entre 1890 e 1899, visitando lugares como as Ilhas Cook, Pitcairn, Samoa, Tonga e Fidji. O navio tornou-se o símbolo de trabalho evangelístico bem sucedido, que inspirou maior apoio financeiro para as missões.

Índia e vários países na África, Europa e América Latina foram alcançadas durante a última parte do século dezenove.

Ao a obra ASD se estabelecer em vários países, muitos países tornaram-se os alicerces dos quais os missionários eram enviados a outros lugares. Por exemplo, a Divisão Australasiana, onde os missionários ASD foram primeiramente em 1885 em 1973 enviados 44 missionários ao campo mundial.

Os ASD usam o termo "missões" em vez de "missões estrangeiras" porque a igreja é mundial. Os ASD — como os anglicanos

ou os Batistas do Sul, por exemplo — não constituem uma Igreja de uma só terra, para a qual o trabalho em outras terras é estrangeiro. Os ASD operam em várias divisões em muitas terras. Qualquer uma delas pode ser base da qual os missionários são enviados, bem como uma base para o "lar missionário", conduzido em áreas locais. Missionários "estrangeiros" vão de Fidji e Filipinas, bem como de outras terras que não as suas e os membros ao redor do globo dão ofertas missionárias para ajudar na manutenção de uma obra mundial da Igreja. (Veja as estatísticas para ver o crescimento.)

O programa educacional da Igreja foi desenvolvido para preparar a juventude da igreja em cada divisão para o serviço em sua terra em além mar. A ênfase dada à educação é demonstrada por vários estudantes matriculados nas escolas ASD.

Os efeitos do trabalho das missões são demonstrados na distribuição dos membros nas Divisões da Igreja em 1993:

África Oceano Índico	1.004.928
África Oriental	1.220.326
Euro-Africana	388.431
Euro-Asiática	95.885
Extremo Oriente	960.125
Inter-Americana	1.457.090
Norte Americana	807.601
Sul Americana	1.249.776
Sul do Pacífico	273.087
Sul da Ásia	202.468
Trans-Européia	71.389
União Missão Oriente Médio	7.789
União da África do Sul	66.154

China	157.161
Divisão Russa	sem dados
Total	7.962.210

Crescimento da IASD Por Décadas

Ano	Uniões e Missões	Ass. Locais	Obreiros	Igrejas	Membros
1863	—	6	30	125	3.500
1870	—	8	72	179	5.440
1880	—	24	260	640	15.570
1890	—	42	411	1.016	29.711
1900	2	87	1.500	1.892	66.547
1910	23	193	5.104	2.769	90.808
1920	46	301	8.228	4.541	185.450
1930	71	430	13.545	6.471	314.253
1940	69	330	17.332	8.924	504.752
1950	80	375	24.067	10.237	756.712
1960	74	356	26.799	12.975	1.245.125
1970	76	372	30.332	16.505	2.051.864
1980	81	376	41.887	21.555	3.480.518
1990	93	445	49.606	31.654	6.694.880
1993	92	447	50.568	36.920	7.962.210

Total de dízimo: 1863 - U$ 8.000,00; 1993 - U$ 1.122.302.148,00.

MISSÕES EM CIDADES. Um termo aplicado na história ASD para os estabelecimentos de dois diferentes tipos.

a. Centros para Evangelismo e distribuições e publicações.

b. Missões de Beneficência de uma outra espécie, ministrando aos desprivilegiados.

Modelo Evangelístico. Começando mais ou menos em 1883, os ASD estabeleceram um número de assim chamadas missões em cidade para o propósito de promover o evangelismo em grandes cidades.

Estas estavam, como J. H. Waggoner disse, completamente em contraste e eram (e são) geralmente conhecidas como missões em cidades, do tipo beneficente; eram mais protótipos, em um sentido, dos modernos centros evangelísticos. *Stephen Nelson Haskell, que promoveu estas missões evangelísticas, descreveu sua função como um centro para a obra pastoral, distribuição de publicações, estudos bíblicos pessoais, e também continuidade de boas relações com a imprensa (*Review and Herald*, 29 de abril de 1884; 24 de junho e 23 de dezembro).

Missões pioneiras em cidades foram abertas em New York, Chicago, e em San Francisco. A missão de Chicago era mantida pela *International Tract and Missionary Society* (Sociedade Missionária Internacional de Impressos) por um ano (1884) em um base experimental e financiada pelas associações de Michigan e Wisconsin, e então foi transferida para a Associação de Illinois. Missões dessa natureza vieram a ser estabelecidas também em cidades chave em outras Associações. Geralmente localizada em uma área residencial, tal missão proveu uma sala de leitura ou pequena sala para palestras, também lugar para que os assistentes morem, que distribuíam impressos, tomava assinaturas para periódicos, vendia livros, e desta maneira interessavam pessoas a quem davam estudos bíblicos nos lares ou na missão, e a quem convidavam para as reuniões públicas na missão. Os convertidos eram organizados em Escolas Sabatinas para formar núcleos de igrejas futuras. (Este era o método de começar o trabalho pela ASD em Washington, D.C., por exemplo.

Quase desde o início, essas missões deram treinamento prático em evangelismo urbano para os obreiros, especialmente àqueles que davam estudos bíblicos, e que logo vieram a ser conhecidos como obreiros bíblicos — agora chamados de instrutores Bíblicos.

Essas missões pretendiam ser mantidas pelo trabalho dos colportores e por doações de suprimentos alimentares ou dinheiro de membros da Igreja de algum outro lugar. Porém, eles provaram ser tal peso financeiro para as Associações que poucas duraram depois dos anos 1880. Em Chicago, a função de treinamento foi levada a cabo da Escola Bíblica Central.

Tipo Beneficente. Após o tipo evangelístico de missões urbanas ser interrompido, o termo era usado na década seguinte para estabelecimentos de ajuda aos necessitados. Começando em 1893, uma extensiva missão em uma favela foi conduzida em Chicago sob o patrocínio da Associação Médico Missionária e Benevolente (mais tarde, Internacional), dirigida pelo Dr. Kellogg do Sanatório de Battle Creek, para a qual os obreiros foram treinados em várias escolas médico-missionárias operadas pelo Sanatório de Battle Creek (veja *Yearbook of The International Medical Missionary and Benevolent Association*, 1896, pp. 116-133; Boletim da Associação Geral, 1901, p. 175). As instituições médico-missionárias de Chicago incluíam um lar de obreiros, onde uma lanchonete, alojamento barato para pernoites e suprimento de alimentos eram providos para pobres e sem-teto; um lar de repouso para mães solteiras e abandonadas; uma missão evangelística entre os pobres; vários dispensários; um centro social e recreativo para mães e crianças nos distritos rurais da cidade; uma agência de empregos para presos libertos; e um sistema de venda por catálogo, cujos lucros ajudaram a cobrir as despesas do trabalho de caridade e ao mesmo tempo prover produtos a baixos preços para fregueses de comunidades isoladas. A missão publicou uma revista mensal de promoções, a *Life*

Boat. Missões de um tipo semelhante foram estabelecidas pelos ASD em muitos outros lugares.

O boletim da Associação Geral do quarto trimestre de 1900, relata missões urbanas em 24 cidades em 17 estados e 3 países fora dos EUA (Austrália, New Zealand e Suécia). Pôs-se ênfase sobre o evangelismo público bem organizado, o que resultou na formação de muitas igrejas nas cidades. Porém, tão grande foi o investimento de dinheiro e esforço nestas missões que Ellen G. White advertiu contra investir em demasia nesta obra às expensas de a igreja proclamar a mensagem ASD. Em 1903, quando a organização médica de Battle Creek começou a sair do controle denominacional, o interesse nas missões em favelas tinha arrefecido.

O trabalho de beneficência foi continuado pelas *Dorcas e em anos recentes têm mantido pelo Departamento de Atividades Legas em Serviços Comunitários dirigidos pelas igrejas locais.

MISTÉRIO. Tradução do (1) aramaico *raz* (Dan. 2:18-47; 4:9), "segredo", "mistério", usado em referência ao sonho de Nabucodonosor, que o rei e todos os seus sábios não puderam entender; (2) o grego *mysterion*. Os gregos pagãos usavam esse termo, geralmente no plural, para ritos secretos, ensinos secretos, religiosos e políticos em sua natureza, para serem conhecidos apenas aos iniciados. No N.T. *mysterion* é usado para planos, propósitos e dispensações de Deus que a limitada mente humana não pode entender. Nos Evangelhos, o termo é usado em um único contexto, isto é, com referência à uma pergunta dos discípulos a respeito de uma certa parábola (Mar. 4:10; Luc. 8:9) ou do uso de parábolas em geral (Mat. 13:10). Em resposta, disse Jesus: "Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido." (Mat. 13:11; cf. Mar. 4:11; Luc. 8:10). *Mysterion* ocorre mais freqüentemente nos escritos paulinos (20 vezes). Ali, o termo geralmente se refere a algo que Deus deseja tornar

conhecido aos que anseiam por Suas revelações, não algo que Ele queira manter em segredo (Rom. 16:25, 26; Ef. 1:9; etc.) “O mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos” (Col. 1:26). No Apocalipse, *mysterion* é usado para as coisas reveladas no livro. Nos caps. 1:20; 17:7; cf. v. 5, o termo parece ser usado no sentido simbólico.

MOCIDADE, REVISTA. Veja **Revista Mocidade.**

MODRO, JOÃO (1890-1946). Pioneiro adventista em Conchal, SP. Nasceu em 1890, na Rússia. Seus pais, Frederico Modro e Joana Modro, vieram ao Brasil e residiram em Santa Catarina. Professavam a fé Luterana.

Casou-se em 1908, com Hednvig Smit, com a idade de 18 e 19 anos respectivamente.

Em 1914, mudou-se para Conchal onde viveu muitos anos, era então um distrito de Mogi Mirim, SP.

Hednvig veio a falecer num incidente no campo da fazenda, quando esperava seu oitavo filho.

Os filhos do casal foram: Cristina (1908); Lídia (1911); Teófilo (1914); Arnaldo (1916); Hulda (1918); Samuel (1920); Amélia (1921).

João Modro casou-se novamente. Benedita Costa nasceu no dia 11 de maio de 1900. Casaram-se em Loreto, próxima a Araras, ela então com a idade de 27 anos.

Benedita Costa aceitou o Evangelho depois de casada e foi batizada em Conchal, no rio da Terra Preta, pelo Pr. *Waldemar Ehlers. Com sua segunda esposa, teve 11 filhos.

João Modro sofrendo de problemas no estômago submeteu-se a uma cirurgia da qual não resistiu, vindo a falecer no dia 13 de julho de

1946, aos 56 anos de idade. Seu sepultamento foi na cidade de Conchal, SP.

MONTGOMERY, OLIVER (1870-1944) Administrador. Nasceu em Cedar Rapids, Iowa. Quando era criança, sua família mudou-se para Michigan, onde ele cresceu. Converteu-se em 1898 e uniu-se a IASD em St. Charles, Michigan.

A princípio, começou a fazer uma obra missionária autônoma entre seus vizinhos. Trabalhou por um ano na **Review and Herald*, lecionou um ano e serviu como encarregado de tendas evangelísitcas. No outono de 1904, obteve uma licença ministerial; em 1906, foi ordenado e tornou-se membro do Comitê da Associação de Michigan.

Em agosto de 1908, foi eleito presidente da Associação de Vermont, em novembro de 1909, da Associação de Maine, e em maio de 1911, da Associação Indiana. Em 1913, aceitou a presidência da União-Associação Sudeste, e no concílio de outono, realizado em Loma Linda, tornou-se presidente da *Divisão Sul-Americana da IASD. Serviu nesta Divisão até 1922, e quando retornou ao seu país de origem, foi eleito presidente da Divisão Norte-Americana. Após 4 anos assumiu o cargo de vice-presidente da *Associação Geral da IASD, permanecendo neste posto até 1936, quando sua saúde declinou. Foi necessário que ele renunciasse e procurasse um trabalho menos árduo. Mesmo aposentado, continuou a levar responsabilidades até o ano que precedeu sua morte. Serviu como professor contratado no Seminário Teológico Adventista do 7º Dia por muitos anos e também como presidente da Comissão de Southern Publishing Association.

Montgomery escreveu muitos artigos valiosos para periódicos Adventista. Seu livro *Principles of Church Organization and Administration* (Princípios de Organização e Administração da Igreja), foi reconhecido como uma valiosa contribuição para a denominação.

Faleceu no dia 23 de novembro de 1944, em seu lar, Orlando, Flórida.

MOORE, ENNIS VALENTINE (1894-1930). *Pastor e missionário. Nasceu no dia 23 de maio de 1894, em Anderson, Indiana. Com apenas 6 anos de idade perdeu a mãe, e mais tarde o pai tornou-se a casar. Seus pais eram Adventistas do 7º Dia, de maneira que desfrutou, desde a infância de um lar cristão. Fez os oito primeiro anos escolares numa escola paroquial. Foi batizado aos 13 anos. Continuou sua educação em 1910, no Emmanuel Missionary College, e mais tarde freqüentou esse instituto por 4 anos (1913-1916), completando o curso comercial.

No dia de seu aniversário, a 23 de maio de 1918, uniu-se em matrimônio com Arabella James. Dessa união nasceram 4 filhos: Roberto (que faleceu com 1 ano e meio de idade), Maurina, Mário e Wandyr.

Começou a trabalhar em 1917, como evangelista na Conferência Indiana, em companhia do pastor Cláudio E. White. Em 1918, foi chamado para a Associação Este-Michigan, como secretário dos departamentos da *Escola Sabatina e Missionários Voluntários, trabalho que desenvolveu por dois anos.

Em 1920, foi chamado pela Conferência Geral a vir para o Brasil como missionário. Aceitando o convite, foi então nomeado secretário do Departamento Missionário e da Escola Sabatina da União Sul-Brasileira da IASD. Desempenhando a função por 5 anos, demonstrou ele possuir um verdadeiro espírito missionário.

Foi ordenado em 1925 ao ministério evangélico, e pouco depois designaram-no como superintendente da Missão Paranaense, onde serviu fielmente por 2 anos.

Depois de suas férias, em 1927, foi eleito presidente da Associação Paulista, lugar que ocupou até 1934, quando foi chamado

para ser superintendente da União Incaica, onde adquiriu uma moléstia perniciosa tropical chamada de "*verruga peruana*" que o levou ao hospital onde foi ungido pelos obreiros do Campo.

Faleceu no dia 27 de setembro de 1935, aos   anos de idade, no Hospital Anglo-Americano em Lima, Peru.

MORDOMIA. Responsabilidade conferida a alguém de cuidar das possessões de outrem. Usada pelos cristãos com um sentido mais amplo, a palavra se refere à responsabilidade do homem pelo uso de tudo que a ele foi confiado por *Deus — vida, ser físico, tempo, talentos e habilidades, possessões materiais, oportunidades para servir a outros e seu conhecimento da verdade. Os ASD concebem a idéia de que esta vida é uma oportunidade divinamente apontada para os homens de aprenderem a serem fiéis mordomos, qualificando-se assim para a mordomia mais elevada das coisas eternas na vida futura.

Deus apontou originalmente, Adão para ser mordomo deste mundo (Gên. 1:28), mas pelo pecado, Adão, foi privado do pleno exercício de seu domínio (Luc. 4:6). Três das parábolas de nosso Senhor ensinam a responsabilidade inerente na mordomia — as Minas (Luc. 19:11-27), os Talentos (Mat. 25:14-30), e o Mordomo infiel (Luc. 16:19-31). Estas parábolas ensinam o uso diligente das oportunidades presentes na preparação para o futuro. Todas as três enfatizam o fato de que o homem é responsável à Deus por sua mordomia, e que um relato estrito será requerido dele. Negligenciar ou usar mal a mordomia significará a exclusão de seu privilégio de uma mordomia maior no mundo por vir.

Em um sentido mais restrito, a palavra "mordomia" significa a responsabilidade por um uso sábio dos recursos materiais que vem ao seu poder, especialmente sua responsabilidade a Deus com respeito aos dízimos e ofertas. Veja **Benevolência Sistemática; Dízimo**.

MORÓZ, MAILENE FERREIRA (1940-1992) Educadora, Líder da *Área Feminina da Associação Ministerial (AFAM) e *Ministérios da Mulher.

Nasceu no dia 6 de maio de 1940, em Itararé, Estado de São Paulo, em 1958, passando a trabalhar como professora na Escola Adventista de Itararé por 4 anos. Em 1962, casou-se com o Pr. David Moróz, com quem teve três filhos.

Posteriormente formou-se em Pedagogia, na Universidade Federal do Paraná, especializando-se em Orientação Pedagógica e Administração Escolar.

Mailene atuou como líder da AFAM na *Associação Brasil-Central da IASD, *Associação Paranaense da IASD, *União Sul-Brasileira da IASD e, finalmente na Associação Sul Riograndense, quando começou a organizar os Ministérios da Mulher. Ela contribuiu expressivamente para o desenvolvimento da área feminina Adventista no Brasil.

Por 12 anos, foi diretora do Centro Educacional Adventista de Curitiba e sob sua liderança, um amplo e moderno prédio de aulas foi construído para servir centenas de alunos.

Antes de sua morte, Mailene dirigia o III Encontro da Mulher Adventista Gaúcha, em Porto Alegre, RS.

Faleceu no dia 16 de agosto de 1992, aos 52 anos de idade, em um acidente automobilístico.

MORTE. Interrupção da vida e estado que a segue. As Escrituras falam de (1) primeira morte, destino comum de todos os homens como resultado natural do pecado de Adão (Rom. 5:12; I Cor 15:22; Heb. 9:27); (2) "a *Segunda Morte", "o salário" ou a penalidade do *Pecado, no fim do *Milênio (Rom. 6:23; Apoc. 2:11; 20:14; 21:8); (3) morte espiritual "em delitos e pecados", condição dos que nunca aceitaram a Cristo, ou que, aceitando-O, abandonaram-nO (Rom. 8:6, Ef. 2:1, 5, 6;

Col 2:13; I Tim. 5:6); e (4) morte para o pecado, que acompanha o novo nascimento (Rom. 6:2-11; Gál. 2:20; Col. 2:13; I Ped. 2:24; 1 João 3:14). Este artigo trata da primeira e segunda morte.

Os ASD entendem o homem como uma unidade integral em que os componentes são interdependentes. Na desintegração desta unidade, na "primeira" morte, a existência consciente não mais é possível — "a condição do homem na morte é de inconsciência" (*Manual da Igreja*, p. 31). A segunda morte reduz "o impenitente ao estado de inexistência" (*Manual da Igreja*, p. 31). Os ASD crêem que o homem é, por natureza, um ser mortal, que a imortalidade é condicional, de acordo com a aceitação de Cristo, e que essa será derramada sobre todos os salvos de todas as eras simultaneamente na *Segunda Vinda de Cristo (I Cor. 15:22, 23, 51-54).

Origem e Desenvolvimento do Ensino ASD. A maioria dos adeptos ao *Movimento Milerita criam que o homem é consciente na morte e que os ímpios sofrerão punição eterna. Porém, mediante a influência de *George Storrs, principalmente, vários acariciavam a doutrina da inconsciência na morte. Storrs adquiriu sua doutrina de Henry Grew, um devoto e crítico estudante da Bíblia, que em 1855, publicou um folheto *The_Intermediate State* (O Estado Intermediário). Esse folheto estabeleceu o conceito de que o "homem completo" está sujeito ao domínio da morte e que deve haver esperança de existência futura na gloriosa doutrina da *Ressurreição da sepultura" (Henry Grew, *The Intermediate State*, 1844 ed. p. 2).

Dois anos mais tarde, (1837) Storrs leu o panfleto de Grew, mas permaneceu cético quanto a seus ensinos. Porém, sendo um sincero e diligente estudante da *Bíblia, Storrs pesquisou as Escrituras sobre o assunto e, depois de três anos, finalmente aceitou o ensino de Grew. Logo após ter aceitado este novo ensino, ele se separou da comunhão Metodista. Escreveu três cartas a um amigo íntimo, um eminente ministro da Igreja, na qual ele anunciou suas novas convicções. Poucos

meses depois, Storrs teve uma entrevista com este ministro, que o aconselhou a publicar as idéias expressas nas três cartas. Aceitando o conselho do amigo, Storrs publicou *Uma Questão São as Almas dos Ímpios Imortais? Em três Cartas* (1841). Após uma investigação posterior sobre o assunto, ele expandiu sua pesquisa, que apareceu em 1842 como um livro: *Uma Questão: São as Almas dos ímpios Imortais? Em seis Sermões*. Esta obra, popularmente conhecida como os "Seis Sermões" de Storrs teve grande circulação pelos Estados Unidos e exerceram uma influência profunda sobre os seguidores de *Guilherme Miller.

Pela influência de *Charles Fitch, um famoso líder Milerita, Storrs aceitou o ensino Milerita concernente à iminência do *Segundo Advento em meados de 1842. Mais tarde, Storrs tornou-se eminente no movimento, levando muitos Mileritas a aceitarem suas idéias a respeito da condição inconsciente do homem na morte e a última exterminação dos impenitentes.

A princípio, Storrs não introduziu suas idéias "peculiares" diretamente ao seu público em suas pregações, aparentemente para não distrair a atenção da mensagem mais importante: o retorno de Cristo em breve.

> Mas, como se sabia que ele defendia essas idéias, ele estava sempre se confrontando com inquiridores, ministros e cristãos leigos, a quem ele francamente declarou sua crença de que "todos os ímpios seriam destruídos por Deus" (*Six Sermons on the Inquiry: Is There Immortality in Sin and Suffering*, p. 1855, p. 13).

Quando, em várias ocasiões, no outono de 1842 o periódico Milerita *The *Signs of the Times* censurou um ministro que sentia ser

seu dever pregar não somente a vinda do Senhor mas também o que seria o fim dos ímpios, Storrs sentiu que deveria não mais se manter em silêncio, e editou 5.000 cópias de uma edição revisada de seus "*Seis Sermões*", e as espalhou pelos Estados Unidos. No ano seguinte (1843), ele iniciou o *Bible Examiner*, um periódico publicado ocasionalmente, cujo assunto era expresso pelo seu lema: "Não há imortalidade, ou vida infinita exceto através de Cristo Jesus somente" (*ibid.*, 17). Nesse jornal, ele respondeu a seus críticos e propagou suas idéias.

Em 25 de janeiro de 1844, Charles Fitch, que tinha convencido Storrs da iminência do Segundo Advento, decidiu-se pelas doutrinas da inconsciência na morte e a destruição dos ímpios. A respeito disso, escreveu, citado por Storrs na última edição de seus *Seis Sermões*:

> Como tendes estado por muito tempo a lutar as batalhas do Senhor sozinho, sobre o assunto dos mortos e sobre a recompensa final dos ímpios, escrevo isto para dizer que estou finalmente, após muito pensar e orar e após uma convicção plena de dever para com Deus, preparado a tomar minha decisão ao vosso lado (*ibid.*, 15).

Os escritos de Storrs convenceram a muitos Mileritas de que sua posição era a correta. Muitos outros ministros de várias partes do país também chegaram à conclusão. Com poucas exceções, porém, os líderes do Movimento Milerita opunham-se fortemente aos ensinos de Storrs. Isso é claramente indicado em uma carta de I. E. Jones, pregador Milerita de Boston, adereçada a Guilherme Miller, datada de 06 de abril de 1844:

> Tive o prazer de ver o irmão Litch e o irmão Whiting na semana passada e novamente nesta semana, e eles

> pensam da mesma forma como nossos irmãos de Boston, Himes, Bliss e Hale: que algo deveria ser feito a fim de separar nossa influência do irmão Storrs sobre o fim dos ímpios; pois, como está agora, ele virtualmente bem utiliza-se de nosso silêncio, tem o domínio sobre toda, ou quase toda, influência Adventista (*Ms* carta, citada em *The Midnight Cry*, de F. D. Nichol, p.192).

É aparente que Storrs teve um séquito substancial entre as fileiras dos Mileritas. Mas, sendo que os líderes como um todo opunham-se as essas idéias, a oposição se manifestou. Guilherme Miller, entre outros, repreendeu Storrs por suas idéias e em uma carta negou “qualquer conexão, companheirismo ou simpatia para com as idéias do irmão Storrs sobre o estado intermediário e sobre o fim dos ímpios” (*The Midnight Cry*, 23 de maio de 1844).

Outro oponente, *Josias Litch, editor, organizador e pregador no Movimento Milerita, ficou tão agitado que publicou um folheto contra as idéias de Storrs, chamado *Anti-aniquilacionista.*

Mas, em vez de oposição, as idéias de Storrs criaram raízes em várias partes. Entre os que aceitavam, estava *Ellen G. Harmon (mais tarde *Ellen G. White), que posteriormente se tornou líder preeminente e escritora prolífica na IASD. No livro *Life Sketches ... Experience and Extensive labors of Elder James White and His Wife, Mrs. Ellen G. White* (1880), a Srª. White relata como ela veio a adotar a doutrina condicionalista a respeito da morte e da destruição dos ímpios. Ela diz:

> Certo dia ouvi uma conversa entre minha mãe e uma irmã a respeito a uma palestra que tinham recentemente ouvido sobre o assunto de que a alma não tem imortalidade. Alguns dos textos dos ministros eram repetidos . . .

> Ouvi essas novas idéias com interesse intenso e doloroso. Quando a sós com minha mãe, perguntei se ela realmente cria que a alma era imortal. Sua resposta foi que ela temia termos estado em erro sobre o assunto bem como em relação a outros.
>
> "Mas, mãe," disse eu, "a senhora realmente crê que a alma repousa na sepultura até a ressurreição? A Srª. pensa que o cristão, quando morre, não vai imediatamente para o céu, nem o pecador para o inferno?"
>
> Ela respondeu: "A Bíblia não nos dá prova de que haja um inferno de fogo eterno…"
>
> Foi alguns meses após essa conversa que eu ouvi algo mais sobre esta doutrina; mas durante este tempo, minha mente demorou-se bastante sobre o assunto. Quando a ouvi em pregação, cri que fosse a verdade (pp. 160, 171).

O impacto das idéia de Storrs sobre os Mileritas pode ser julgado pelo fato que um dos dez princípios fundamentais adotados na Conferência de Albany, New York, em 29 de abril de 1845, declarava que a herança dos Santos mortos não é dada na morte mas no Segundo Advento. Também indicativo da influência das idéias de Storrs sobre os Mileritas é o fato de que em 1961 pelo menos cinco corporações religiosas sobreviventes cujas origens podem ser traçadas do Movimento Milerita ainda defendiam que o homem está inconsciente na morte e pelo menos três dos quais defendiam que os ímpios serão destruídos na segunda morte. A exceção é a "União da Vida e do Advento", que ensinam que os que não foram salvos "permanecerão na sepultura para sempre" (Franck S. Mead, *Handbook of the Denominations in the United States*, 1961, p. 23).

Aproximadamente ao tempo em que Ellen Harmon aceitou as idéias da inconsciência do homem na morte e da destruição dos ímpios, *Tiago White e *José Bates, pregadores Mileritas que mais tarde se tornaram líderes ASD, aceitaram-nas também. Em *A Word to the Little Flock* (Uma Palavra ao Pequeno Rebanho, 1847, pp. 3, 8, 10), uma das primeiras publicações do grupo que mais tarde se desenvolveu na IASD, Ellen G. White repetidamente fala dos santos como estando em seu estado mortal antes do Segundo Advento, e Bates em seu livro *Second Advent Waymarks and High Heaps* (Marcos dos Segundo Advento, 1847, p. 49) fala dos eventos que ocorrerão "depois da imortalidade" (veja **Imortalidade**).

A primeira clara declaração feita por um líder ASD a respeito da condição inconsciente na morte parece ter sido de *Roswell Cotrell, um líder ASD pioneiro, na *Review and Herald* de 22 de novembro de 1853, no qual declara: "Os mortos não sabem nada," e nunca saberão até que sejam levantados dos mortos e isto não ocorrerá até que Cristo seja visto nas nuvens do céu com poder e grande glória."

A primeira extensa exposição da idéia ASD sobre o fim dos ímpios parece ter sido escrita por Tiago White em uma série de artigos intitulados "Destruição dos Ímpios", começando com a *Review and Herald* de 24 de outubro de 1854, na qual ele propôs "descrever os diferentes tipos de infernos em que os homens crêem", "mostrar a natureza do inferno bíblico e provar pela Bíblia qual será o destino final do ímpios. "Um ano e meio mais tarde ele escreveu na *Review and Herald* de 21 de fevereiro de 1856 que pelo termo "*Aniquilação" queria dizer "destruição de seres conscientes". Em 1874, em artigo intitulado "Uma Declaração dos Princípios Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia" declarou que "os ímpios" serão como se não tivessem existido" (*Signs of the Times*, 04 de junho de 1874).

O primeiro livro ASD a respeito da primeira e segunda morte foi escrito por D. P. Hall, um ministro ASD que mais tarde apostatou, e era

intitulado *Man Not Immortal: The Only Shield Against the Seductions of Modern Spiritualism* (O Homem Mortal: A Única Salvaguarda Contra as seduções do Espiritualismo (1854). Apareceu primeiro como uma série de artigos na *Review and Herald* começando em 29 de agosto de 1854. Esses artigos foram seguidos alguns meses mais tarde por outra série de artigos de *John N. Loughborough, um líder pioneiro, intitulado *"É a Alma Imortal? Um Exame do Testemunho Escriturístico a Respeito da Presente Condição do Homem e Sua Futura Recompensa ou Punição*, "que primeiro apareceu em 04 de setembro de 1855. Estes artigos foram publicados em forma de livro em 1856 sob o mesmo título dos artigos. Em meados de 1850, os ensinos ASD a respeito da consciência na morte tornaram-se uma doutrina estabelecida.

Base do Ensino ASD. As Escrituras consistentemente ensinam que todas as coisas criadas subsistem pelo poder de Deus (At. 17:25, 28; Col. 1:16, 17). Continuam a existir em virtude do fato de que Deus quer que existam. Deus criou o homem com uma vontade livre capaz de escolher desobedecer; deste modo, ele colheria a conseqüência — morte (Gên. 2:16,17). Existência tornou-se possível dependendo de obediência contínua.

Quando Adão e Eva escolheram a desobediência, teriam sido aniquilados, não tivesse o Filho de Deus Se oferecido misericordiosamente para prover propiciação vicária (Gál. 1:4; Tito 2:14; Gên. 3:15; João 3:16). Mas a vida que Adão e Eva — e sua posteridade — tinham agora era temporal e experimental. Foi daí em diante "aos homens está ordenado morrem uma só vez" (Heb. 9:27; Rom. 5:12).

Porém, essa morte, que é o destino de todos os homens, não é uma aniquilação, mas um estado inconsciente temporário, até a ressurreição. As Escrituras repetidamente e explicitamente declaram ser este período intermediário um de inconsciência. A seguir estão algumas passagens bíblicas que os ASD têm usado a fim de apoiar sua posição.

> Pois na morte não há recordação de ti; no sepulcro que te dará louvor? (Sal. 6:5)
>
> A sepultura não te pode louvar, nem a morte glorificar-te; não esperam em tua fidelidade os que descem à cova (Is. 38:18; Sal. 88:10-12)
>
> Não confieis em príncipes, nem nos filhos dos homens, em quem não há salvação. Sai-lhes o espírito e eles tornam ao pó; nesse mesmo dia perecem todos os seus desígnios (Sal. 146:2-4).
>
> Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem à região do silêncio. (Sal. 115:17)
>
> [Quando um homem morre] os seus filhos recebem honras e ele o não sabe; são humilhados e ele o não percebe (Jó 14:21).
>
> Os vivos sabem que hão de morrer mas os mortos não sabem cousa nenhuma (Ecl. 9:5)
>
> Porque no além, para onde tu vais, não há obra, nem projetos, nem conhecimento, nem sabedoria alguma. (Ecl. 9:10)

Eles também usaram textos que se referem à morte como um “sono”, figura, crêem, que implica em inconsciência:

> Por que não perdoas a minha transgressão, e não tiras a minha iniqüidade? Pois agora me deitarei no pó; e, se me buscas, já não serei. (Jó 7:21)

> O homem, porém, morre, e fica prostrado; expira o homem, e onde está? Como as águas do lago se evaporam, e o rio se esgota e seca, assim o homem se deita, e não se levanta; enquanto existirem os céus, não acordará, nem será despertado do seu sono. (Jó 14:10-12).

> Lázaro dorme . . . Lázaro está morto (João 11:11, 13)

> E apedrejavam Estevão . . . E . . . adormeceu. (At. 7:59,60)

> Os que dormiram em Cristo (I Cor. 15:18)

Para saber sobre a segunda morte, que representa a interrupção do existir, veja **Inferno**. Veja Também **Imortalidade; Ressurreição.**

MORTE, SEGUNDA. Veja **Inferno**.

MORTOS, ESTADO DOS. Veja **Morte.**

MOVIMENTO ASD DA REFORMA. Veja **Reforma, Movimento ASD da.**

MOVIMENTO ADVENTISTA. Veja **Movimento do Advento.**

MOVIMENTO DE 1844. Veja **Movimento Milerita**.

MOVIMENTO DO ADVENTO. Termo usado variadamente significando (1) em expressões tais como “o grande Movimento do Advento de 1843-44” (**Review and Herald*, 18 de novembro de 1873), o Movimento Milerita, principalmente na América; (2) o movimento ASD (W. A. Spicer, *Certainties of the Advent Movement*), ou (3) o movimento internacional completo, às vezes referido como “despertamento pelo advento”, começando na Europa durante as décadas iniciais do século dezenove (veja **Pré-milenismo**), no qual milhares de pessoas de variadas opiniões e em muitos países esperavam pelo *Segundo Advento e/ou o *Milênio como reais, baseados em certos períodos de tempo das profecias bíblicas.

MOVIMENTO DO SÉTIMO MÊS. Clímax do *Movimento Milerita, ocorrido durante o verão e o outono de 1844, no qual a proclamação do tempo definido (out. 22) para o esperado *Segundo Advento, o décimo dia do Sétimo mês judaico, que provou aumentado entusiasmo.

*Guilherme Miller não tinha marcado um dia específico paro o Advento, mas aguardou-o durante algum tempo no “ano judaico de 1843” isto é, o ano 1843/1844 de primavera a primavera (veja **Movimento Milerita**, **III, 5**). Esta nova data definida, que Miller não pregava e não aceitava até pouco antes de chegar o tempo, foi calculada por muitos de seus colegas.

O ano de 1844, em vez de 1843, foi conclusão de *Apollos Hale, Sylvester Bliss e outros, mediante a correção de um erro de um ano cômputo de datas a.C. e A.D.. O mês e o dia, calculados por *Samuel Snow, foram escolhidos porque o cálculo dos 2.300 dias (contados como

anos) de acordo com a profecia “Até *Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs; e então o *Santuário será purificado” (Dan. 8:14);

(2) o ritual anual de purificação do Santuário hebraico antigo acontecia no décimo dia do sétimo mês, chamado *Dia da Expiação (veja Lev. 16:16-19, 29-34;

(3) esta data do calendário judaico foi computada — não de acordo com o calendário judaico corrente, mas de acordo com a forma mais antiga atribuída aos judeus Caraítas — como o equivalente a 22 de outubro de 1844.

Esta interpretação foi desenvolvida, principalmente por Snow, sem a sugestão de Miller (carta de 03 de maio de 1843) de que assim como os antigos festivais hebraicos da primavera (Páscoa, Pentecostes) eram tipos de morte e ressurreição de Cristo, assim os festivais de Outono (Dia da Expiação, Festa do Tabernáculos) tipificavam o Segundo Advento.

Miller tinha mencionado muitos eventos ocorrido no décimo dia do sétimo mês judaico (Dia da Expiação), tais como a purificação do Santuário, sua mobília, e seus adoradores; o soar da trombeta do jubileu assinalando a libertação de todos os Israelitas do cativeiro, um tipo de redenção final; é a expiação feita naquele dia, seguida pela vinda do Sumo Sacerdote do Santíssimo, tipo do ministério sacerdotal de Cristo terminado em Sua Segunda Vinda. Desta maneira, muitos viam o outono de 1843 “com muito interesse”. Então, como relata Himes:

> Snow aceitou plenamente a opinião de que, de acordo com os tipos, o advento do Senhor, quando ocorrer, deverá ocorrer no décimo dia do sétimo mês; mas não era positivo quanto ao ano. Mais tarde, ele viu que os períodos proféticos não terminam realmente até 1844; então firmou-se na opinião de que sobre o dia 22 de outubro — o décimo

dia do sétimo mês deste presente ano — deve testemunhar o advento (*Advent Herald*, 30 de outubro de 1844).

A expectação de outono estava baseada na idéia de que as 70 semanas de anos (começando sincronicamente com os 2.300 dias), começaram e terminaram no sétimo mês; e na aplicação a Cristo dos tipos dos antigos festivais Mosaicos. A data está baseada no seguinte raciocínio: sendo que Cristo, nossa Páscoa, foi crucificado no 14º dia do primeiro mês judaico, o dia prescrito para o sacrifício do cordeiro pascoal, e sendo que Ele ressuscitou no dia dos molhos (o 16º do mesmo mês), era lógico esperar que Cristo nosso grande Sumo Sacerdote cumpriria o antítipo do Dia da Expiação vindo do Santíssimo, ou céu, no décimo dia do sétimo mês a fim de abençoar Seu povo expectante e anuncia o início do ano jubileu — o milênio.

Foi em fevereiro de 1844 que ambos Hale e Snow publicaram seu cômputo revisado, encerrando-se os 2.300 anos em 1844, e, logo após, Snow fixou a data no décimo dia do sétimo mês, 1844. Mas a aceitação foi lenta. Não foi antes do verão, quando Snow começou a pregar sobre o assunto notavelmente na campal de Exeter, New Hampshire, em agosto, que o movimento começou a esquentar.

Em acréscimo ao típico *Dia da Expiação, Snow usou a parábola da Dez virgens de uma nova maneira, como evidência para sua datação. Os Mileritas esperavam o Segundo Advento no mínimo na primavera de 1844. Entre aquela primeira expectação (na primavera de 1844) e a segunda (no outono), houve seis meses — meio ano, ou meio dia profético. Esta, dizia Snow, era a “noite” de espera, quando o Noivo atrasou sua chegada; e no meio do verão, no meio deste intervalo, correspondente à meia-noite, veio a mensagem do sétimo mês, representando o clamor, “eis o noivo! Saí ao seu encontro”. Os Mileritas chamaram sua mensagem de *Clamor da Meia-Noite, mas esta nova

mensagem foi chamada por seus adeptos de *verdadeiro* clamor a meia-noite, ao qual o outro tinha sido preliminar.

Ao se aproximar a data, o entusiasmo cresceu, embora nem todos os Mileritas tenham se unido ao movimento do Sétimo Mês. Um por um, os líderes Mileritas, que tinham sido os últimos a tomar parte nele, aceitaram a mensagem do sétimo mês. Guilherme Miller e *Joshua Vaughan Himes, seu promotor, chegaram à conclusão em outubro de que o movimento devia ser obra do senhor, e também procuraram o dia do Advento em outubro.

Assim como a grande onda de entusiasmo sobre a data de outubro separou os Mileritas de grande parte do mundo após o Grande *Desapontamento de 22 de outubro de 1844, quando o dia, passou, foi a questão do significado do movimento sétimo mês, o “verdadeiro clamor da meia-noite”, que se tornou a mais áspera divisão entre os próprios Mileritas. Teria sido uma gafe colossal, ou um verdadeiro cumprimento da profecia — embora não tenha sido o cumprimento que esperavam — e teria Deus sem dúvida estado a guiá-los nele, testando sua devoção e sua prontidão para encontrar a Cristo?

Como conseqüência (Veja **Movimento Milerita**, **III, 8**) a maioria, incluindo a maioria dos líderes, chegaram após alguns meses à conclusão de que “não fora um cumprimento da profecia em nenhum sentido”, de que sua cronologia estava errada e que os cumprimentos ainda estavam no futuro. Os que defendiam que o movimento tinha sido guiado por Deus defendiam que a datação estava certa e buscaram outras explicações para seu desapontamento.

Desse último, surgiram pequenos grupos que mais tarde se tornaram os ASD. Este se recusaram a “negar sua experiência passada”, como lhes parecia ter feito a grande maioria. Procuraram outro significado nela e chegaram à conclusão de que a purificação do Santuário não era o retorno de Cristo, mas envolvia outra fase de Seu ministério Sacerdotal antes de Seu retorno à Terra (veja **Santuário**).

MOVIMENTO MILERITA. Movimento interdenominacional florescente nos Estados Unidos, com algumas extensões em outros lugares, de 1840 a 1844, baseado em uma interpretação profética distintiva, dando origem ao grupo de denominações classificadas como Adventistas, sendo a Igreja Adventista do Sétimo Dia a maior.

I. Situação Histórica. 1. *Miller e os Adventistas.* Os "Mileritas" realmente se chamavam de Adventistas, mas eram popularmente conhecidos pelo nome de seu líder, *Guilherme Miller, fazendeiro em Nova Iorque e pregador Batista licenciado. Sendo que o termo "Adventista" é agora freqüentemente usado em um sentido mais amplo ou como forma abreviada de Adventista do Sétimo Dia, o temo mais específico "Milerita" é usado aqui.

Miller publicou pela primeira vez seus ensinos sobre profecia em 1832, mas o ano de 1840 marca o lançamento do movimento em uma base mais ampla. Os colegas de Miller incluíam ministros de várias denominações, alguns dos quais não concordavam com sua expectação de que Cristo voltaria em 1843/1844 mas eram simpáticos para com suas idéias.

A principal doutrina considerada a base do movimento Milerita não era primariamente o "tempo definido" do *Segundo Advento, mas uma interpretação da profecia englobando

(1) Crença "no breve *Advento", e,

(2) Uma posição distintiva da natureza do povo de Deus.

2. *Parte de Um Despertamento Internacional.* Os Mileritas consideravam seu movimento como a continuação e culminação de um despertamento internacional de interesse no Segundo Advento, e uma proclamação do "breve Advento", que tinha-se desenvolvido quase simultaneamente em muitos países nos anos de 1800. Naquele tempo a maioria dos protestantes era indiferente ao Segundo Advento ou

esperavam-no para após 1.000 anos (ou 365.000) anos de reino espiritual, mediante o triunfo da igreja. Foi contra a última posição chamada de *pós*-milenismo, que os *pré*-milenistas contenderam por sua insistência em que Cristo retornaria antes do milênio, e muito em breve (veja **Pré-milenismo**). Entre estes, estavam Petri na Alemanha (antes de 1800), Gussen na Suíça, Irving e outros na Inglaterra, Wolff na Ásia e outros em outros lugares.

3. *Semelhanças e Diferenças.* Os Mileritas circularam as obras de alguns desses escritores e consideraram estes pré-milenistas como precursores e colegas. Iniciaram correspondência com alguns dos "amigos do breve Advento" na Inglaterra, esperando que pudessem se unir a eles, mas acharam suas opiniões divergentes da segunda doutrina principal, a natureza do esperado reino de Deus, uma barreira intransponível.

Um estudo dos escritos sobre as profecias em muitos países mostra que os Mileritas foram precedidos por muitos estudiosos que defendiam a mesma interpretação histórica geral do diagrama das profecias de Daniel e Apocalipse como as defendiam e até viam 1843 e 1844 ou 1847 como o fim dos 2.300 dias de Daniel 8:14 (a profecia chave sobre a qual Miller baseava sua esperança do Advento em 1843 ou próximo de 1843). Muitos esperavam, tão definitivamente e erroneamente como Miller, alguns eventos momentosos ou desenvolvimento da história mundial introduzindo ou levando ao *Milênio ou ao Segundo Advento.

O que distinguia o grupo de Miller dos outros expositores não estava no fato de que os Mileritas marcavam datas, mas o fato de que esperavam a Vinda de Cristo para trazer o catastrófico fim do mundo, a purificação do mundo pelo fogo e o estabelecimento de um reino eterno para os santos. Por formarem os adventistas um grande movimento, suas posições foram amplamente disseminadas e discutidas e conseqüentemente seu desapontamento traçou diretrizes enquanto as

menos espetaculares predições feitas por outros expositores passavam despercebidas ou eram esquecidas. Posteriormente, o movimento Milerita, embora interdenominacional, eventualmente deu origem a muitas corporações eclesiásticas.

II. História do Movimento Milerita. O fundamento do movimento Adventista dos anos de 1840 foi lançado pelas atividades pessoais de Guilherme Miller. Veja **Guilherme Miller**. Em 1836, ele publicou um livro de 16 sermões. Naquele ano, ministros batistas pregavam seus ensinos. Em 1838, Josias Litch, um ministro metodista, um dos primeiros ministros da Nova Inglaterra a se unir ao movimento, publicou um panfleto de 48 páginas e um livro de 200 páginas expondo e expandindo as doutrinas Mileritas.

1. *O Movimento Maduro de 1840*. De 1840 em diante, o movimento de Miller não mais era um projeto de um homem só, mas era dirigido por um crescente número de denominações. Em 1840, *Josué V. Himes de Boston, um ministro da Conexão Cristã (que mais tarde se tornou parte das Igrejas Cristãs Congregacionais e então a Igreja Unida de Cristo), ajudou o "Pai Miller" a administrar e a proclamar o Segundo Advento para o mundo em 1843. Homem de fé e audácia e promotor nato, ele resolveu achar aberturas para Miller pregar em "cada cidade da União (EUA)", e em fevereiro de 1840, ele lançou um folheto em Boston chamado *The *Signs of the Times*. Em outubro, Miller e outros publicaram um chamado para a "primeira Conferência Geral dos cristãos que esperam pelo Segundo Advento" realizada em Boston, à qual vieram ministros de várias igrejas. Essa e mais tarde outras conferências serviram para coordenar o planejamento e pensamento de um movimento um tanto quanto desconexo. Na repercussão desta primeira conferência Milerita, relatou-se o seguinte:

> Embora não tenhamos concordado em algumas opiniões menos importantes desse momentoso assunto, particularmente a respeito de fixar o ano do segundo retorno de Cristo, ainda assim concordamos unanimemente e estabelecemos nesse tão absorvente ponto que a vinda do Senhor para julgar o mundo está agora especialmente "às portas" (*First Report of the General Conference of Christian Expecting the Advent*, p. 15).

A segunda conferência geral, iniciada em 15 de junho de 1841, com 200 presentes, votou circular a série de panfletos chamada Biblioteca do Segundo Advento e estabelecer bibliotecas e salas de leitura em cada cidade. Esta conferência lançou a estratégia de combate em um número de sugestões, incitando:

(1) Consagração pessoal;
(2) Trabalho pessoal com outros;
(3) Classes bíblicas para estudo mútuo da questão;
(4) Reuniões sociais para oração e exortação;
(5) Ministros questionadores;
(6) Circulação de livros.

Em 1841 Litch, como agente geral do Comitê de Publicação, dedicou-se em tempo integral viajando, pregando e promovendo a distribuição das publicações Mileritas. Em suas campanhas para proclamar a Segunda Vinda a cada canto do país, Himes, o editor, publicou uma corrente de folhetos e periódicos e introduziu rótulos levando texto e slogans do Segundo Advento para selar cartas. Em 1842, Himes lançou o folheto, *The Midnight Cry*, em Nova Iorque e publicou 300 cópias de um cartaz litografado ilustrando as profecias, desenhado por Charles Fitch e Apollos Hale e autorizado pela 12º Conferência Geral, realizada em Boston em maio de 1842, presidida por *José Bates.

Por este tempo, a data de 1843 para o Advento foi grandemente enfatizada, embora não fosse exigida crença “em tempo” para ser membro da conferência; todos os que rejeitaram certos falsos ensinos sobre o Segundo Advento e sobre o milênio e criam que o retorno pessoal de Cristo e a primeira *Ressurreição fossem iminentes, poderiam se unir a eles. Alguns dos maiores líderes, tais como Henry Dana Ward (episcopal) e Henry Jones (congregacionalista) — presidente e secretário, respectivamente da primeira conferência geral — nunca aceitaram o “ tempo definido” de Miller para o Advento.

2. *Expansão e Oposição.* Iniciando-se em 1842, as reuniões campais dos Mileritas eram realizadas “a fim de despertar pecadores e purificar os cristãos, proclamando o *Clamor da Meia-Noite, isto é, ressaltar a vinda imediata de Cristo para julgar o mundo” (*Signs of the Times*, 15 de julho de 1843).

Na América, os Mileritas despertaram interesse e oposição crescentes. A data de Miller para “aproximadamente no ano de 1843” tornaram-nos alvo de oposição teológica, ridículo público e de jornalismo irresponsável. Os mais selvagens rumores eram circulados — que os Mileritas estavam enganando o público, que eram desordeiros, fanáticos cujas desilusões causaram insanidade, que haviam preparado vestidos para a ascensão, que Miller havia estabelecido 23 de abril de 1843 como a data do fim do mundo. Por outro lado, um item ocasional na imprensa falava de sua sobriedade, sinceridade e conhecimento da Bíblia. Ocasionalmente, um jornal tirou proveito do Milerismo publicando sermões ou relatos de reuniões contendo refutações de preeminentes teólogos.

Face à crescente hostilidade na igreja, alguns Mileritas questionavam se deveriam entrar ou permanecer em tais igrejas, e outros achavam-se excluídos. No verão de 1843, a idéia da separação foi expressa (principalmente por Charles Fitch) e foi impressa em publicações Mileritas, idéia essa que não teve aceitação

3. *O fim de "1843" Passa.* O "ano do fim do mundo" de Miller passou na primavera de 1844. Sendo que os Mileritas não se haviam apegado a nenhuma data específica e até aceitavam algum pequeno erro no cômputo, não houve nenhum desapontamento repentino. Porém, em maio, tornou-se evidente que 1843 deveria ser rejeitado. Miller reconheceu seu desapontamento mas exortou os crentes a vigiarem, pois a vinda do Senhor estava próxima, às portas. Como Himes e outros, ele passou um verão pregando no "Oeste" (Ohio). O fato de que o Milerismo era mais do que uma crença em um ponto de tempo explica porque o movimento não se desintegrou com este desapontamento no elemento tempo.

A supressão crescente dos crentes Mileritas nas igrejas finalmente levou a sua separação destas igrejas. Miller nunca aceitou a idéia da separação, mas não falou contra ela quando o próprio Himes finalmente admitiu:

> Temos concordado na *imediata* e final separação de todos os que se opõe à doutrina da vinda do reino de Deus que está próxima. ... "Saí do meio deles" (Carta de 19 de agosto de 1844, no *Midnight Cry*, 12 de setembro de 1844).

No verão de 1844, o Milerismo ressurgia claramente no horizonte religioso como um movimento bem definido e mais ou menos separado, tendo ministros, associações Adventistas (Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**) e locais para reuniões.

4. *A Expectativa de outubro de 1844.* Após o desapontamento da primavera, foram anunciadas reuniões campais na Nova Inglaterra "se houver tempo ainda". Foi numa dessas em agosto, em Exeter, New

Hampshire, que uma nova expectação, agora por uma nova data, 22 de outubro, foi proclamada.

José Bates, no púlpito, parou no meio do sermão para ouvir *Samuel Shefield Snow, um homem com uma nova mensagem, soar o chamado para separação para a vinda do Senhor e para a purificação do Santuário no *Dia da Expiação, o "décimo dia do sétimo mês" bíblico, que ele calculou como sendo 22 de outubro. Esta nova data inflamou os Adventistas na Nova Inglaterra, mudando sua indefinida, embora real, convicção da proximidade da vinda do Senhor para uma doutrina tão específica que os levou a sair com zelo para advertir os homens no pouco tempo que restou. Este "movimento do sétimo mês como veio a ser conhecido, daria um novo tempo ao Milerismo e o traria a um dramático e apressado clímax.

O editor do *Advent Herald* (Arauto do Advento, novo nome para *The Signs of the Times)* disse em retrospecto:

> A princípio, o tempo definido teve oposição geral; mas pareceu ser um poder irresistível auxiliando em sua proclamação, que fez todos se prostrarem perante ele. Varreu o país com a velocidade de um furacão, e alcançou os corações em diferentes e distantes lugares quase simultaneamente, e de um modo que pode ser explicado somente aceitando-se que Deus estava nele...
>
> Os sermões entre os Adventistas eram os últimos a abranger as exposições sobre tempo, e os mais preeminentes vieram por último para nós. ...
>
> (Aproximadamente em 1º de outubro) tínhamos tal visão dele que opor-se a ele, ou até mesmo permanecer silente por mais tempo, pareceu-nos opor-se à obra do

> Espírito Santo; e entrando na obra com nossa alma, podíamos exclamar "quem éramos nós para resistir ao Senhor?" Pareceu-nos ser tão independente de agentes humanos, que poderíamos apenas considerá-lo como um cumprimento do "clamor da meia-noite" (*Advent Herald*, 30 de outubro de 1844).

Este movimento do sétimo mês finalmente obteve apoio de Himes e de Miller e de outros preeminentes líderes, aproximadamente duas semanas antes do fatídico dia 22 de outubro. Embora as mensagens de Miller sobre o iminente advento tenha sido chamada de "clamor da meia-noite" — "Eis o noivo; saí ao seu encontro" (Mat. 25:6) — essa nova e específica mensagem do décimo dia do sétimo mês foi considerada como o verdadeiro clamor da meia-noite.

5. *O "Grande Desapontamento" e Depois.* Com exaltação espiritual e esperança os Mileritas se reuniram em igrejas em suas casas no dia 22 de outubro. Eles realmente criam que O encontrariam; que com outros "amados desde então e perdidos na jornada", eles seriam ajuntados em um bendita habitação onde a tristeza, doença e morte não mais entrariam. Mas, ao se por o sol no horizonte, suas esperanças se foram com eles. Alguns esperaram até a meia-noite; aí então seu desapontamento tornou-se uma certeza.

Ao seu desapontamento foram acrescentados o escárnio e ridículo dos escarnecedores e o problemas de cuidar das necessidades dos que haviam se empobrecido pela causa. A maioria dos crentes tinha dedicado espontaneamente seus últimos poucos dias ou semanas assistindo a reuniões ou se engajando no trabalho missionário antes do esperado fim do mundo. Embora pareça não ter havido nenhuma prática geral de venda das possessões, os fazendeiros em alguns casos não realizaram suas colheitas.

Muitos dos que se haviam unido aos Adventistas por medo agora partiram para o escárnio e zombaria. Mas os verdadeiros Mileritas retiveram sua fé. Os líderes, e até mesmo alguns dentre os que não se haviam unido ao movimento do sétimo mês, defendiam que nos misteriosos planos de Deus, esta pregação de uma data exata para o encontro do homem com Deus serviu ao propósito de um teste para descobrir os que realmente amavam ao Senhor e Sua Vinda. Eles arrazoavam que Deus dirigia este desapontamento para que servisse ao seu propósito divino.

Recusando-se marcar uma nova data, Miller esperava por Cristo *"Hoje,* HOJE E HOJE, até que venha"; porém, ele não poderia deixar de expressar confiança que as datas estava justificada e que Cristo seguramente viria antes "deste ano judaico" encerra. Na primavera de 1845, ele concluiu que havia cometido alguns erros no cômputo, embora continuasse a esperar pelo Advento em breve. (Veja **Guilherme Miller**).

A experiência do Milerismo neste tempo tem sido graficamente descrita como segue:

> Por anos, o rio do Milerismo havia corrido em volume sempre crescente. Não era uma corrente cheia de meandros, correndo indiferentemente através de um campo plano, por falta de barrancas definidas. Havia um senso de urgência, de avançar para um destino, que dava velocidade e um curso bem definido ao rio. Embora houvesse rodamoinhos e contracorrentes e até lugares pantanosos ao longo das margens, esses eram meramente incidentais. O curso principal e caráter da corrente eram evidentes a todos.
>
> Agora o rio do Milerismo esperava ser tragado pelo oceano de eternidade no dia 22 de outubro — cartazes Mileritas não marcavam nada além daquele ponto. Em vez disso, a veloz corrente de outrora derrama-se em um ermo

> árido. O causticante sol do desapontamento assolava e os ferventes ventos do ridículo batiam de todos os lados. O rio repentinamente perdeu sua velocidade. Não houve nenhum movimento para cortar um canal definido nesta árida terra. Sol e vento rapidamente começaram a brincar de destruição com este corpo de água e sem direção, agora espalhado superficialmente sobre uma vasta área. Enquanto uma corrente central do que fora outrora um impressivo rio estava mais ou menos definida, havia muitas correntes menores, que freqüentemente terminavam em miniaturas do Mar Morto, onde estagnação e evaporação logo fizeram sua obra. Indubitavelmente, nenhuma parte pequena do que fora um grande rio, quando evaporado sob o escaldante sol do desapontamento, foi finalmente devolvida à fonte de onde veio, os outros rios do mundo religioso (Francis Nichol, *The Midnight Cry*, p. 274).

O movimento Milerita não era constituído para suprir as condições que o confrontaram após 1844, e diminuiu sensivelmente após aquele ano. Vários pequenos grupos surgiram. Em uma conferência em Albany, Nova Iorque, realizada em abril de 1845, o maior grupo, liderado por Miller, Himes e outros, adotou uma série de declarações abandonando 1844 como o fim dos 2.300 dias, esperando por um futuro cumprimento do clamor da meia-noite. Este grupo maior se dividiu, uma década mais tarde, nos Adventistas Evangélicos (agora extintos) e nos Adventistas Cristãos.

III. Escatologia Milerita. 1. *Resumo dos Ensinos de Miller*. No estudo bíblico de Guilherme Miller das profecias da Bíblia e uma de suas maiores conclusões foi a de que “as opiniões populares sobre o

reino espiritual de Cristo" da igreja sobre a terra não "eram apoiadas pela Palavra de Deus". Ele escreveu:

> Encontrei plenamente ensinado nas Escrituras que Jesus Cristo descerá novamente a esta terra nas nuvens do céu em toda a glória de Seu Pai: . . . que em Sua vinda os corpos de todos os justos mortos serão ressuscitados e todos os justos vivos serão transformados de um corpo corruptível para um incorruptível, de um estado mortal para um estado imortal, que serão todos reunidos para encontrarem com seu Senhor no ar, e reinarão com Ele para sempre na terra regenerada: . . . que os corpos dos ímpios serão destruídos e seus espíritos serão retidos na prisão até sua ressurreição e condenação: e que quando a terra for desta forma regenerada, os justos ressuscitados e os ímpios destruídos, o reino de Deus terá vindo quando sua vontade for realizada na terra como é no céu, que os mansos herdarão e o reino de se tornar dos santos. Encontrei que o único milênio ensinado nas Escrituras é o dos mil anos que intervirão entre a primeira ressurreição e a do restante dos mortos como exaradas no capítulo 20 de Apocalipse e que deve necessariamente seguir-se à vinda pessoal de Cristo e a regeneração da terra: que até que Cristo venha e o mundo se finde, os justos e os ímpios devem continuar juntos sobre a terra: . . . para que não haja nenhuma conversão do mundo antes do advento de Cristo: e que a nova terra onde habita a justiça, é . . . a mesma pela qual esperamos, de acordo com a promessa de Is. 65, e é a mesma que João viu em visão após os céus e terra antigos terem passado; deve necessariamente seguir as porções variadas das Escrituras que se referem ao estado de milênio, deve ter seu

> cumprimento após a ressurreição de todos os santos que dormem em Jesus. Encontrei também que as promessas a respeito da restauração de Israel, são aplicadas pelo apóstolo a todos os que são de Cristo, — sendo que o vestir-se de Cristo significa a constituição de semente de Abraão, e herdeiros segundo a promessa ...
>
> Outra espécie de evidência que vitalmente afetou minha mente foi a cronologia das Escrituras. Achei, continuando em meu estudo da Bíblia, vários períodos cronológicos estendendo-se, de acordo com meu entendimento deles, até a vinda do Salvador. ...
>
> Computando todos estes períodos proféticos das minhas datas determinadas pelos melhores cronologistas para os eventos pelos quais deveriam ser computados, todos terminam juntos, mais ou menos em 1843 A.D. (*Apology and Defense*, 1845, pp. 7-11).

2. *Diferenças da Posições Contemporâneas.* Os Mileritas defendiam que o reino milenar introduzido na Segunda Vinda seria o dos justos glorificados no estado imortal, em uma terra purificada e renovada e não, como muitos defendiam, um estado imortal (veja **Pré-milenismo**).

Em oposição a esses conceitos de um "milênio temporal" e de uma conversão mundial seja antes seja depois, do Segundo Advento, a 12ª Conferência Geral dos Adventistas, realizada em Boston, votou:

> *Decidido*, Que consideramos a posição de um Milênio prévio à Vinda de Cristo, quando todo o mundo for convertido, e os pecadores em grandes multidões estiverem salvos, como uma perigosa ilusão, … e que, quanto mais

> próximo tal milênio for apresentado, mais perigosa se torna sua tendência, porque apresenta impenitência, com a esperança de uma futura conversão em Deus.
>
> *Decidido*, Que nenhuma porção das Escrituras do Novo Testamento dá a mais indireta intimação à restauração literal dos judeus à velha Jerusalém; cremos que os argumentos tirados das profecias do Antigo Testamento são baseados em um ensino errôneo de tais profecias; e ainda serem cumpridas no ajuntamento de toda a semente espiritual de Abraão na Nova Jerusalém. . . .
>
> *Decidido*, Que a idéia de um tempo de graça (oportunidade para conversão) após a Vinda de Cristo, é um engano de destruição, inteiramente contraditório à Palavra de Deus, que ensina positivamente que quando Cristo vier a porta está fechada, e os que não estiverem preparados nunca poderão entrar por ela (*The Signs of The Times*, 01 de junho de 1842).

3. *"O Clamor da Meia-Noite"*. A referência é ao clamor ouvido à meia-noite na parábola de Cristo das dez virgens (Mat. 25:1-13), "Eis o noivo; sai ao seu encontro". Os Mileritas consideravam esta Escritura como uma parábola profética e usavam-na como uma das bases de sua mensagem. Quanto a essa aplicação e a especial ênfase posta no verão de 1844, veja **Clamor da Meia-noite; Movimento do Sétimo Mês**.

4. *Várias Profecias*. Muitas publicações Mileritas estabeleceram interpretações desgalhadas sobre várias profecias: a posição já amplamente aceita dos quatro reinos de Daniel 2 e 7 como os impérios Babilônico, Medo-Persa, Grego e Romano; os dez chifres como os impérios bárbaros que sucederam a Roma; o dragão de Apocalipse 12 como a Roma pagã; as duas bestas do capítulo 13 como a Roma papal e

"o governo infiel da França" (Miller originalmente considerava Roma civil e Papal como o número 666 de Apocalipse 13:18 representado 666 anos de paganismo Romano); 1.260 anos como o período do papado desde o tempo de Justiniano de 1798; os "sete tempos" (Lev. 26:18, etc.) interpretados como 2.520 anos, terminando em 1843; as 70 semanas (Dan. 9:25) como 490 anos, estendendo-se até 30 A.D, a crucifixão; os 2.300 dias de Dan. 8:14 como anos que se iniciaram no mesmo tempo finalizando em 1843; e os 1.000 anos de Apoc. 20 como anos literais entre a ressurreição dos justos na Segunda Vinda e ressurreição, final julgamento, dos ímpios. Os Mileritas geralmente criam que os 1.290 anos (Dan. 12:11) terminaram justamente com os 1.260 anos em 1798, e que os 1.335 anos (Dan. 12:12) terminariam 45 anos mais tarde, juntamente com os 2.300 anos em 1843.

5. *Os 2.300 Dias.* A chave do período profético foi a dos 2.300 anos (Dan. 8:14) (veja **Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs**), terminando com a purificação do Santuário que os Mileritas criam envolver a purificação final da terra na Segunda Vinda. Como notado anteriormente, Miller finalizou este período em ou perto de 1843, mas nunca pregou uma data exata. Pressionado para ser mais específico, ele finalmente, em dezembro de 1842, definiu 1843, o que considerou o ano judaico, como provavelmente "algum tempo entre 21 de março de 1843 e 21 de março de 1844" (*Signs of the Times*, 25 de janeiro de 1843) — pois ele sabia que o ano religioso judaico ia de primavera a primavera. (Outros líderes Mileritas, sabendo que o calendário judaico era lunar começaram o ano e o finalizaram com a lua nova em abril).

Quando o ano judaico de 1843 passou (na primavera de 1844) sem o retorno do Senhor, o público esperavam que os Mileritas "desistissem da questão", Litch escreveu:

> A doutrina não consiste em meramente traçar períodos proféticos. ... Mas toda a história profética do mundo . . . oferece inevitável evidência do fato de que nos aproximamos de uma crise. E nenhum desapontamento a respeito de um tempo definido pode movê-los ou tirá-los de sua posição, relativo à breve volta do Senhor (“The Rise and Progress of Adventism”, *The Advent Shield*, maio de 1844).

Então ele citou os “Princípios Fundamentais” dos Mileritas como publicados em seus periódicos em 1843, acrescentado esta nota de rodapé:

> O trecho acima foi escrito no ano judaico de 1843, que agora se acabou. ... Podemos apenas esperar, . . . continuamente esperando, e a todo momento, sua vinda (*ibid.*)

6. *Mudança de 1843 para 1844.* Não foi até o verão de 1844 que a maioria dos Mileritas começou a seriamente considerar alguns que tinham estado a insistir que o cômputo correto dos 2.300 dias e das 70 semanas levaria a uma data final no outono, no dia do mês em que o Santuário era purificado, o décimo dia do sétimo mês em que o Santuário era purificado, o décimo dia do calendário judaico, que eles entendiam como sendo o outono de 1844 no dia 22 de outubro (Veja **Movimento do Sétimo Mês; Duas Mil e Trezentas Tardes Manhãs**). Nesse dia, criam que Cristo encerraria Seu ministério sacerdotal e sairia do Santíssimo, ou céu, para retornar à terra a fim de “abençoar seu povo expectante”.

7. *Tríplice Mensagem Angélica.* Os Mileritas criam também que estavam cumprindo a profecia do anjo de Apoc. 14:6, 7, a primeira das três (veja **Três Mensagens Angélicas**), proclamando, “é chegada a hora de seu juízo”, e muitos deles também deram a segunda mensagem angélica, a sair da Babilônia que caíra (v. 8; 8:14), advogando que separação das igrejas hostis. Deram pouca ou nenhuma atenção à mensagem do terceiro anjo (v. 9).

8. *Resultado — Separação em Três.* Após o grande desapontamento de 22 de outubro de 1844, os Mileritas — pelo menos os que não se separaram do movimento em seu desapontamento — separaram-se em três grupos, diferindo de acordo com suas respectivas posições sobre a causa de seu erro em esperar o retorno de Cristo em 1844.

(1) O grupo maior, inclusive, em abril de 1845, Miller e a maioria dos líderes. Estes defendiam que tinha estado certos em aplicar a profecia dos 2.300 dias e a parábola do Noivo à Segunda Vinda; e que, portanto, sendo que o Senhor não tinha vindo, eles tinham estado em erro quanto a cronologia; que não tinha havido nenhum cumprimento de profecia em 1842-1844 e o movimento do “tempo definido” tinham estado em erro.

(2) Uma minoria conhecida como “espiritualizantes” ou “espiritualistas”. Estes defendiam que tinham estado certos na cronologia e no evento esperado: o Segundo Advento tinha realmente ocorrido no tempo específico, mas, como a vinda espiritual, em Seus Santos (os Espiritualistas), Veja **Espiritualismo [1]**. Muitos desses foram a grupos extremados, e vários desses uniram-se aos Shakers.

(3) Outro grupo minoritário, intermediário entre os outros dois grupos. Defendia que a cronologia profética tinha sido correta,

mas que o erro estava no evento esperado, rejeitaram por outro lado a posição "espiritualista" de um Advento invisível e de um reino espiritual (insistiam em que o Advento era pessoal, literal e ainda futuro); por outro lado, rejeitaram a controvérsia de que os 2.300 dias não tinham ainda finalizado e que o movimento de 1844 tinha sido um completo erro.

A este terceiro grupo (como ao segundo) o maior grupo parecia ter abandonado a mensagem Adventista, negando sua experiência passada no movimento de 1844. O grupo maior, por sua vez, estava inclinado a condenar o terceiro grupo, bem como o segundo por defender que os 2.300 dias tinham acabado e que o "clamor da meia-noite" fora válido.

Entre este terceiro grupo, estavam os líderes da futura Igreja Adventista do Sétimo Dia, que chegavam à conclusão de que a própria interpretação dos símbolos indicava um cumprimento diferente — não o Segundo Advento na fase final do ministério de Cristo (veja **Santuário**).

9. *Conferência de Albany*. O corpo principal, liderado por Miller e, especialmente Himes, na conferência de Albany em abril de 1845, manteve sua posição em uma série de declarações, algumas das quais podem ser assim resumidas:

(1) Eles mantiveram seu princípio de um "pré-milenismo" não judaizante, isto é, oposto à "doutrina judaizante" da restauração literal dos judeus como um cumprimento do concerto de Abraão.

(2) Fizeram o que parece ser vagamente uma concessão em direção da nova posição da imortalidade condicional ensinada por poucos líderes Mileritas.

(3) Abandonaram, necessariamente, a data de 1844 para o Segundo Advento, mas ao fazerem isso, abandonaram também a idéia de que o movimento de 1844 fora um cumprimento da profecia,

ou que esta marca profética tinha sido passada por alto e que iria explicar o desapontamento.

(4) Sendo que enfatizaram o fim da porta da graça (que mantinham ser simbolizado pela porta fechada da parábola das Dez Virgens) como envolvido no fim dos 2.300 dias, e sendo que estavam convictos de que a porta da graça não tinha se fechado, agora insistiam também que os 2.300 anos, e a parábola com sua porta fechada, ainda não se tinha cumprido. (Isso deixou uma abertura para revisões da cronologia e mais datas marcadas para o Advento pelos líderes).

(5) Eles declararam-se opostos aos "novos testes" e com isto barraram as várias formas de fanatismo, mas qualquer avanço na exposição profética baseada na promessa de uma marca profética válida no movimento de 1844. (Para ter uma maior visão dos ensinos Mileritas, veja L. E. Froom, *The Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 4, part 2, cap. 22, 34, 36, 37, 39).

IV. Relação do ASD com o Milerismo. Os líderes do pequeno grupo que formou o núcleo da Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiram do movimento Milerita, e se consideram como os verdadeiros sucessores do movimento, tendo e levando adiante a conclusão os principais princípios da doutrina Milerita e corrigindo e esclarecendo o mal-entendido que havia causado o desapontamento e que resultou no repúdio da mensagem de 1844 pelos líderes.

Conservando os princípios distintivos do pré-milenismo Milerita, os ASD modificaram certos pontos; por exemplo, ensinando que a porta da graça se fecharia no Segundo Advento mas colocando a renovação da terra, e o estabelecimento sobre ele do eterno reino dos santos, no final do milênio. Aceitavam a minoria da imortalidade condicional. Explicavam o Desapontamento mostrando que "purificação do Santuário" representava não o fim do ministério sacerdotal de Cristo no

céu, mas uma nova fase nele (veja **Juízo Investigativo; Juízo**). Mantiveram o ensino de que sua mensagem do novo sábado era simbolizada pela mensagem do terceiro anjo de Apoc. 14:9-12, combinando "os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" e que esta terceira mensagem envolvia a proclamação da primeira e da segunda também (Veja **Três Mensagens Angélicas**). Deste modo, as doutrinas do Milerismo formaram a base de muitos dos ensinos distintivos da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Porém, nem todas estas doutrinas se originaram no Milerismo (Veja **Interpretação Profética**, e foram incorporadas seletivamente na estrutura da Igreja ASD).

MOVIMENTOS APÓSTATAS. Desde o início da Igreja ASD, em 1844, várias dissidências surgiram dela. O Dr. *John Harvey Kellogg, e preeminentes ministros tais como *Alonzo T. Jones, Dudley Marvin Canright e A. F. Ballenger, que deixaram a Igreja ASD, não lideraram movimentos organizados por conta própria, embora discordassem e até se opusessem a alguns ensinos e práticas da denominação. As seguintes organizações, listadas aqui em ordem de data de surgimento, são discutidas em outros verbetes da enciclopédia: o *Grupo do Mensageiro* e a separação de "*Era Vindoura*" (1853-1855); a *Esperança de Israel* e o *Grupo Marion* (1858-1863); o *Movimento Adventista da Reforma* — Alemão (1915); os *ASD Reformados — Rowenitas* (1916); o movimento A Vara do Pastor (veja **Adventistas Davidianos e Vara do Pastor**), ou *Os ASD Davidianos* (1929); os *Adventistas Unidos do Dia de Sábado* (1930); *Adventistas da Promessa* — Brasil (1950).

MURRAY, GOLDA JAMES (1898-1979). Missionária e professora. Nasceu no dia 19 de agosto de 1898, em Oxford, Ohio,

EUA. Seu pai, o Dr. A. W. James era professor na Miami University, na mesma cidade.

Ainda menina, viveu em Chicago onde conheceu a mensagem adventista, batizando-se em 1913.

Logo após foi estudar no Emanuel Missionary College (atualmente Andrews University), graduando-se em 19 de maio de 1919. No mesmo dia casou-se com *Walter E. Murray. Da união nasceram 3 filhos: Milton, Virgínia e Cloey.

Conviveu durante 60 anos com o esposo, 40 dos quais na América Latina, sempre apoiando o trabalho do esposo no Campo missionário.

Faleceu no dia 14 de outubro de 1979, aos 81 anos de idade, em Escondido, Califórnia. Foi sepultada no Cemitério Montecito, Loma Linda, Califórnia, EUA.

MURRAY, WALTER E. (-1983) Missionário, administrador e educador. Nasceu no Estado de Iowa, EUA. Formou-se no Emanuel Missionary College (atual Andrews University) em 19 de maio de 1919.

No mesmo dia da formatura, uniu-se em casamento com *Golda James (Murray). O casal teve 3 filhos: Milton Virgínia e Cloey.

Chegou ao Brasil e companhia da esposa, dia 7 de outubro de 1919 e, temporariamente, residiu no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) para aprender português.

Iniciou seu ministério no Brasil como educador. Dirigiu também o Colégio Adventista de Juliaca, no Peru.

Durante os 39 anos em que trabalhou na América Latina, o Pr. Murray viu o número de membros adventistas da *Divisão Sul-Americana da IASD multiplicar cerca de dez vezes. Quando chegou em 1919 havia 9.000 adventistas. Em 1958, por ocasião de sua partida, o número subira para 90.000. Em 1957, o número de batismos alcançou 9.300 pessoas.

No período de sua liderança na DSA, foram construídas 338 igrejas com capacidade para 52.500 pessoas sentadas. 171 edifícios institucionais foram erguidos cobrindo uma área de 31.000 metros quadrados.

Ao voltar para os EUA, o Pr. Murray assumiu a Vice-Presidência da *Associação Geral da IASD, durante 8 anos.

*Jubilou-se em 1966, mas, ainda trabalhou como presidente interino da Divisão Sul-Européia em 1969.

Faleceu no dia 1º de fevereiro de 1983, em Loma Linda, Califórnia.

MÚSICA. A arte de arranjar os tons de maneira agradável, praticada desde o início da história da humanidade. O primeiro músico de que se tem registro foi Jubal, "o pai de todos os que tocam harpa e flauta" (Gên. 4:21). Há indicações de que a música era altamente desenvolvida no Egito e na Mesopotâmia em 2.000 a.C., e que era apreciada muito antes dessa época.

A arte de tocar instrumentos e cantar, ou os dois juntos, era praticada em várias ocasiões, tais como festas (Gên. 31:27; Is. 24:7, 8; Luc. 15:25), celebrações idólatras (Êx. 32:18, 19), coroações (I Reis 1:39, 40; II Crôn. 23:13), lamentações públicas (Ez. 32:16; Mat. 9:23), e para vários propósitos, tais como, celebrar vitórias (Êx. 15:1-21; I Sam. 18:6, 7), louvar a Deus (Sal. 33:2, 3; 150; etc.) e por mulheres embriagadas com o fim de sedução (veja Is. 23:15; Prov. 7:7-21). Davi separou certas pessoas que deviam "profetizar" acompanhadas de vários instrumentos musicais (I Crôn. 25:1), e o *Profeta Eliseu usou a música em uma ocasião para se inspirar (II Reis 3:14, 15). O efeito terapêutico da música era entendido e aplicado em tempos antigos (I Sam. 16:14-17, 23).

Davi, "mavioso salmista de Israel" (II Sam. 23:1), era um hábil músico (I Sam. 16:18) e compositor (veja cabeçalho dos Salmos 69;

109; etc.). Quando a arca se mudou para Jerusalém, Davi (II Sam. 6:12, 15) apontou músicos para ministrar perante ela (I Crôn. 15:16; 16:1-6, 42). Posteriormente, ele organizou músicos e cantores para o Templo a ser construído por Salomão. Ele designou instrumentistas (cap. 23:5) e líderes da música (25:1-7). Quando o Templo foi dedicado, uma grande orquestra de músicos e cantores louvaram ao Senhor (II Crôn. 5:12, 13). Músicos e cantores acrescentaram à alegria quando foram lançados os alicerces do Templo de Zorobabel (Esd. 3:10, 11) e, mais tarde, quando os muros de Jerusalém foram restaurados e dedicados (Nee. 12:27, 28, 35, 36, 42). Dessa forma, o canto teve uma parte preponderante na adoração dos Israelitas.

Paulo exortou os Efésios e os Colossenses a cantarem “salmos e hinos e cânticos espirituais” (Ef. 5:19; Col. 3:16). Em visão, João, o revelador, viu harpistas e ouviu cânticos (Apoc. 5:8; 9; 14:2, 3); entre os cantores estavam os que “entoavam o cântico de Moisés, servo de *Deus. e o cântico do Cordeiro” (15:2, 3).

N

NACIONAL 89 – CAMPANHA EVANGELÍSTICA. A Nacional 89 foi uma Campanha de Evangelismo em que todos os Adventistas do Brasil participaram.

O Brasil tinha 135 milhões de habitantes em 1989, e o número de Adventistas era 500 mil, isto requeria um plano de evangelismo envolvendo toda a igreja.

Programas de TV e rádio foram transmitido em horário adequados. Folhetos, conferências públicas, foram realizados.

Esta campanha foi comandada pelo Pr. José Cândido Bessa Filho, evangelista da *Divisão Sul-Americana da IASD.

O trabalho de preparação foi iniciado em 1987. Em março de 1988, o Pr. José Bessa e uma equipe iniciaram uma maratona pelo Brasil, realizando festivais da Nacional para o seu lançamento.

A lição da Escola Sabatina, edição do professor, desde o primeiro trimestre de 1988 dedicava uma página para anunciar a Nacional além das propagandas na Revista Adventista. Foi criado o Boletim da Nacional (BN) que era enviado mensalmente aos pastores e administradores.

Cento e cinqüenta mil Bíblias receberam o selo da Nacional e quinze mil membros foram investidos com o broche da campanha.

Objetivos:

- Levar a geração jovem a conhecer os milagres de Deus na Igreja Adventista no Brasil.
- Provocar uma explosão de gratidão nos membros.
- Transformar esta gratidão em ação.
- Fundar uma nova congregação em cada distrito
- Envolver todas as famílias Adventistas do País em projeto de gratidão.

Datas de destaque do Programa:

18 de fevereiro: Dia Nacional do Jejum

25 de fevereiro: Noite Nacional de Vigília e Oração

04 de março: 1ª fase de Proclamação, Seminário do Apocalipse/Final Feliz

12 de agosto: Dia Nacional de Louvor

19 de agosto: 2ª fase da Proclamação

A Casa Publicadora Brasileira imprimiu 3 milhões de convites e 100 mil cartazes para os centros de pregação e 50 mil famílias a afixarem nas suas capas.

Projetos Realizados:

— Projeto LUA: Louvor, União e Amor - Vitória/ES;

— Tema: “Cristo é Tudo Para Mim”;

— Construção de 26 novos templos: Missão Mato-Grossense da IASD;

— Classes de evangelismo, pontos de pregação e preparo de pregadores leigos;

— Colportores engajados nesta campanha, recebendo cursos de evangelização;

— Pastores de escolas organizaram seminários e classes bíblicas para alunos não adventistas e a comunidade.

NÃO-COMBATÊNCIA. A seguinte declaração foi oficialmente aprovada pela Mesa Administrativa da Associação Geral, em Washington, D.C., aos 11 de outubro de 1943, depois de haver sido submetida a cuidadoso estudo por um período de muitos meses.

Antes da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, entrou em vigor uma legislação concedendo completa isenção combate e ao porte de armas a todos os que a isso se opusessem conscientemente. Essa lei favorecia as organização não-combatentes. Portanto, por decisão do Congresso, os Adventistas do Sétimo Dia estão incluídos entre os que têm garantida sua isenção ao combate durante a guerra, com base em crença religiosa.

Os Adventistas do Sétimo Dia têm sido não-combatentes, através de sua história. Declararam sua posição durante a Guerra Civil. Têm-se reafirmado sucessivamente através dos anos subsequentes. O reconhecimento governamental dos Adventistas do Sétimo Dia como

não-combatentes também remonta aos dias da Guerra Civil. Esse "*status*" lhes tem sido concedido nos conflitos armados em que nossa nação tem estado envolvida desde aquele tempo.

Considerando que os Adventistas do Sétimo Dia são freqüentemente solicitados a explicaram as razões de sua crença na não-combatividade, foi publicada esta declaração com a esperança de lhe prestar auxílio ao dar uma resposta inteligente.

Foi adotado o seguinte pronunciamento oficial, pela Mesa Administrativa da Divisão Norte-Americana dos Adventistas do Sétimo Dia, numa reunião celebrada em Huntsville, Alabama, dia 18 de abril de 1917:

"Às autoridades:

> "Em nome dos Adventistas do Sétimo Dia nos Estados Unidos da América, a Mesa Administrativa da Divisão Norte-Americana dos Adventistas do Sétimo Dia respeitosamente apresenta a seguinte declaração:
>
> "Cremos que o governo civil é ordenado por Deus e que, no exercício de suas legítimas funções, deve receber o apoio de seus cidadãos. Cremos no princípio sobre o qual este governo foi fundado. Somos leais à Constituição baseada nos princípios da democracia, garantindo liberdade civil e religiosa a todos os seus cidadãos.
>
> "Deploramos o fato de que nossa nação tenha sido envolvida pelos horrores da guerra, e oraremos continuamente para que o Deus do céu possa muito em breve trazer paz a nosso país.
>
> "Temos sido não-combatentes através de nossa história. Durante a Guerra Civil nosso povo declarou oficialmente:

> “Que reconhecemos o governo civil como ordenado por Deus; que a ordem, justiça e a calma possam ser mantidas em nossa terra: que o povo de Deus possa viver pacífica e sossegada em toda piedade e honestidade.
>
> “De acordo com esse fato, reconhecemos a justiça de prestar tributo, honra e reverência ao poder civil, como prescrito no Novo Testamento. Enquanto nós alegremente, damos a César as coisas que as Escrituras mostram a ele pertencerem, somos compelidos a declinar de toda participação em atos de guerra e derramamento de sangue, como sendo inconsistentes com os deveres a nós ordenados por nosso divino Mestre em relação aos nossos inimigos e para com toda a humanidade.
>
> “Nós, por meio desta, reafirmamos a declaração anterior. Pedimos que nossas convicções religiosas sejam reconhecidas por aqueles em posição de autoridade, e que sejamos solicitados a servir nosso país apenas em atividade que não violem nossa obediência consciente à lei de Deus contida no decálogo interpretada nos ensinos de Cristo e exemplificada em Sua vida”.

*Guerra nos tempos do Antigo Testamento. U*ma das primeiras perguntas feitas aos que requerem isenção dos deveres de combate com base na religião, é: “Se vocês crêem que é errado tirar a vida humana em guerras, como explicam as guerras do Antigo Testamento, nas quais Deus ordenava que Israel se envolvesse?”

Em resposta a isso é necessário observar a forma especial de governo do povo de Israel. Quando Deus conduziu a Israel para fora do Egito, organizou o povo numa nação que devia ser Seu reino exclusivo. Seus dirigentes eram designados por Deus e suas leis foram enviadas do céu. Essas formam de governo é conhecida como uma “teocracia” —

uma nação em que Deus governa diretamente sobre os súditos. Não houve jamais outro semelhante desde então — e não há sobre a terra governo como esse agora.

A Teocracia de Israel. O governo de Israel foi único na história humana, no sentido de que foi uma tentativa de Deus de governar Seu povo sobra a Terra, diretamente. ele seria Seu Governador, Legislador e Juiz Além disso, jamais foi proposto de Jeová que Israel, Seu povo, se transformasse num reino, ou estado ou governo como as nações a seu redor. Esse povo deveria ser separado para Deus "de todos os povos que há sobre a face da terra" (Êxo. 33:16). "Eis que este povo habitará só, e entre as gentes não ser contado" (Núm. 23:9).

Esta era uma nação que também era uma igreja, chamada no Novo Testamento "a Igreja no deserto" (Atos 7:38). Esse aspecto é bem apresentado num trabalho adventista do Sétimo Dia:

> "Israel ia ser agora tomado em uma relação íntima e peculiar para com o Altíssimo — sendo incorporado como uma igreja e nação sob o governo de Deus. A mensagem dada a Moisés, para o povo, foi:
>
> "Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a Mim; agora pois, se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardares o Meu concerto, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos: porque toda a Terra é Minha. E vós Me sereis um reino sacerdotal e povo santo"
>
> "Moisés voltou ao acampamento, e, tendo convocado os anciãos de Israel, repetiu-lhes a mensagem divina. Sua resposta foi: 'Tudo o que o Senhor tem falado, faremos'. Assim entraram em um concerto solene com Deus, comprometendo-se a aceitá-lo como seu Governados, pelo

> que se tornavam, em sentido especial, súditos sob Sua autoridade" (E. G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 309).
>
> "O governo de Israel caracterizou-se pela organização mais completa, maravilhosa tanto pelo seu acabamento como pela sua simplicidade. A ordem, tão admiravelmente ostentada na perfeição e arranjo de todas as obras criadas de Deus, era manifesta na economia hebréia. Deus era o centro da autoridade e do governo, o Soberano de Israel" (*Idem*. p. 389).
>
> "O governo de Israel era administrado em nome e pela autoridade de Deus. O trabalho de Moisés, o dos setenta anciãos, dos príncipes e juízes, era simplesmente pôr em execução as leis que Deus dera; não tinham eles autoridade para legislar para a nação. Esta foi, e continuou a ser a condição da existência de Israel como nação. De tempos em tempos homens inspirados por Deus eram enviados para instruírem o povo, e guiá-lo na execução das leis" (*Idem*, p.645).

Mas o povo de Israel fracassou ao executar o plano de Deus. finalmente, pediram um rei, para que pudessem ser semelhantes às nações a seu redor. E embora esse pedido fosse atendido, os princípios sobre os quais foi fundado o Estado. O rei devia ser representante do Altíssimo. Deus devia ser reconhecido como o chefe da nação e Sua lei executada como a lei suprema do país" (*Ibidem*).

Está claro, portanto, que a teocracia de Israel era um governo cujos poderes deveriam diretamente e imediatamente de Deus.

Por sinais, maravilhas e poderosos milagres, Deus os havia livrado da escravidão do Egito; havia-os livrado da destruição no Mar Vermelho; conduzindo através do deserto; alimentado miraculosamente; protegido da destruição por seus inimigos; havia expulsado as nações

pagãs para fora da Terra Prometida; havia-os estabelecido em sua possessão. Eles eram Seu povo; Ele era seu Deus.

Deve-se dizer aqui, entretanto, que Deus não ordenou nem tampouco sancionou todas as guerras na quais Israel se envolveu. Como já foi indicado, Israel falhou ao desempenhar o glorioso propósito de Deus, como Sua nação escolhida. Mas Deus não mudou imediatamente a forma teocrática de governo por causa desse fracasso, mas Ele foi paciente com suas transgressões até que não houvesse mais remédio. Várias vezes os puniu por sua desobediência. Serviu-se até mesmo de reis pagão como instrumentos de punição para Seu povo. A história da nação hebraica, conforme registro do Antigo Testamento, teria sido muito diferente se o povo tivesse apreciado inteiramente o plano de Deus e vivido em obediência aos princípios de Sua lei.

Jeová, às vezes, instruía a Israel quanto às guerras com seus inimigos, assegurando-lhes o sucesso nesses empreendimentos. Um notável exemplo é registrado no décimo capítulo do livro de Josué. Relata-se que cinco reis se uniram para aniquilar as hostes de Israel.

> "E o Senhor disse a Josué: Não os temas, porque os tenho dado na tua mão: nenhum deles parará diante de ti. ... E o Senhor os conturbou diante de Israel e os feriu de grande ferida em Gibeon. ... O Senhor lançou sobre eles, do céu; grandes pedras até Azeca, e morreram das pedras de saraiva do que os que os filhos de Israel matarem à espada. Então Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor deu os amorreus na mão dos filhos de Israel, e disse aos olhos dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeon, e tu, lua, no vale de Aijalom. O sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos" (Jos. 10:8-13).

Quando a nação saía para a batalha sob a interposição direta de Deus, até mesmo as agências sobrenaturais eram usadas contra os inimigos — pois as batalhas eram batalhas do Senhor.

Por outro lado, houve muitas ocasiões em que Seu povo esqueceu que era apenas instrumento nas mãos de Deus para cumprir Seus propósitos na terra. Nessas ocasiões tomavam o problema em suas próprias mãos e faziam decisões sem direção ou liderança divinas. Um exemplo disso foi a presunção de Israel de lutar contra Amaleque em direta obediência ao conselho de Deus. A mensagem de Deus transmitida por Moisés foi:

> "Não subais, pois o Senhor não estará no meio de vós, para que não sejais feridos diante dos vossos inimigos. ... Contudo, temerariamente, tentaram subir ao cume do monte. ... Então desceram os amalequitas e os cananeus, que habitavam na montanha, e os feririam, derrotando-os até Hormá" (Núm. 14:42-45).

Dessa forma Israel freqüentemente se envolvia em batalhas sem a orientação divina, e sempre com resultados desastrosos.

A teocracia é subvertida. A teocracia, direto de Deus, não mais existe na Terra. Que aconteceu com ela? Deus não nos deixa sem uma resposta. Ao rei Zedequias, o último rei de Judá, o rei que quebrou o concerto, Deus disse:

> "E tu, ó profano e ímpio príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo de extrema maldade, assim diz o Senhor Jeová: Tira o diadema, e levanta a coroa; esta não será a mesma; exalta ao humilde, e humilha ao soberbo. Ao revés, ao revés, ao revés a porei, e ela não será mais, até que venha

aquele a quem pertence de direito e a ele a darei" (Eze. 21:25-27).

Assim o reino de Israel teve de sujeitar-se a Babilônia. Essa foi a remoção do diadema e da coroa.

Depois disso, Israel tornou-se sucessivamente cativo da Medo-Persa, Grécia e Roma, cumprindo acuradamente a profecia.

Durante o reinado de Roma foi quebrado o último vestígio do poderio de Israel e sua nação foi inteiramente destruída.

Por divina predição a teocracia foi limitada em duração ao tempo do primeiro advento de Cristo. Quando Cristo foi a julgamento, o povo declarou dEle: "Não queremos que este reine sobre nós" (Luc. 19:14). Pilatos perguntou aos judeus: "Hei de crucificar o vosso Rei? Responderam os principais dos sacerdotes: Não temos rei, senão César" (João 19:45). Aos escolher um governante pagão, a nação judaica renunciava completamente a teocracia. Havia finalmente rejeitado a Deus como Rei e portanto Deus fora compelido a rejeitá-la como Sua nação peculiar. A teocracia havia chegado ao fim e a ordem divina era de que não mais existiria até que Cristo viesse e estabelecesse o Seu reino literal e visível na Terra. Isso não acontecerá, entretanto, até o Segundo Advento de Cristo. Então Ele sentará no trono de Seu pai Davi e reinará para todo e sempre (Lucas 1:32, 33; Apoc. 11:15).

Este é o reino vindouro de glória, que será estabelecido por Cristo quando ele anular toda autoridade e quando reinar de oriente a ocidente, enchendo terra com a glória do Senhor (Veja Zacarias 9 e 10 Números 14:21). Até àquele tempo, consequentemente, Deus não administra diretamente o governo de qualquer nação como fez nos dias de Israel.

Estabelecido um reino espiritual. Hoje o reino de Cristo neste mundo é um reino espiritual — não temporal. Não há nação hoje em que todos os cidadãos pertençam ao reino espiritual de Deus. De modo semelhante, não há nação hoje, da qual todos os cidadãos sejam

inimigos de Deus. O trigo e o joio crescem juntos até a ceifa, e a ceifa é o fim do mundo (Veja Mateus 13:29, 30, 39).

Verdadeiramente, Deus hoje está juntando de todo o mundo um povo par ao seu reino de glória por vir, mas Ele o está juntando de todos os reinos da terra, e não de uma outra nação. (Veja Apoc. 14:6; Mat. 28:18; Atos 10:34, 35).

O reino de Deus é hoje invisível. Indivíduos tornam-se Seus súditos ao se renderem voluntariamente a Sua direção. E "Deus não faz acepção de pessoas; mas ... lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo" (Atos 10:34, 35).

"Se meu reino fosse deste mundo" declarou Jesus, "pelejariam os meus servos; ... mas agora o meu reino não é daqui" (João 18:36).

Se consequentemente, os verdadeiros súditos do reino espiritual de Deus se envolvessem em combate, estariam lutando um contra o outro. Sendo que se encontram espalhados entre todas as nações, seriam encontrados em todos os exércitos. Portanto, cristãos estaria matando cristãos.

O povo de Deus recebeu a ordem de pregar o Evangelho de Cristo a todos os povos, e batizar os crentes em todas as nações, como estão as salvarão, através da pregação do Evangelho?

Nos dias de Israel Deus usou Seu povo como instrumento de punição e destruição de certas nações, porque tais nações haviam rejeitado por completo a justiça e haviam enchido a taça de sua iniquidade (Gên. 15:16; Deut. 9:4). Quando, por conseguinte, o povo de Deus se lançava a essa destruição faziam-no sob a ordem direta de Deus e agiam inteiramente como Seus agentes escolhidos.

Mas desde a derribada da teocracia e o estabelecimento do reino espiritual de Cristo na terra, Deus não administra diretamente os negócios da nações como fazia e acontecia com Israel e por isso não recebidas ordens dEle — quanto à destruição de certos povos.

Nos dias da teocracia, Israel deveria primeiro consultar a Deus e esperar Sua ordens, antes de sair para a batalha. hoje, porém Deus não comanda os exércitos da terra. Consequentemente, o cristão jamais teria certeza — ao destruir vidas humanas - de que estaria fazendo a vontade de Deus. Seguramente — nunca poderia fazer isso com a convicção de que estava cumprindo uma ordem direta de Deus. Considerando a ausência de uma tal ordem direta, os Adventistas do Sétimo Dia conscienciosamente crêem que não dever portar armas nem tomar parte em missões de destruição, mas sim, crêem que sua missão é a mesma de seu Mestre em Missões conforme Ele mesmo declarou: "O Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, para salvá-las" (Luc. 9:56). E "porque, qual Ele é, somos nós também neste mundo" (I João 4:17).

Ensinos e Exemplo de Cristo. Os ensinos e exemplo de Cristo constituem a orientação do cristão. Isso é tão verdade em relação à guerra, como a tudo o mais.

É por causa disso que os Adventistas do Sétimo dia, na Assembléia da Divisão Norte-Americana, realizada em Huntsville, Alabama, em abril de 1917, adotaram a declaração mencionada no início deste artigo, e a apresentaram ao Governo dos Estados Unidos como a posição histórica de Seu povo. Nessa apresentação é feito um requerimento ao Governo, para "que nossas convicções religiosas sejam reconhecidas por aqueles em posição de autoridade, e que sejamos solicitados a servir nosso país apenas em atividade que não violem nossa obediência consciente à lei de Deus contida no decálogo, interpretada nos ensinos de Cristo exemplificados em Sua vida". Com base nessa declaração, os Adventistas do Sétimo Dia buscam a isenção dos serviços de combate, porque os ensinos e o exemplo de seu Mestre, os quais são os ensinos e interpretação da lei de Deus, foram — tanto em palavras como em ação opostos a tal procedimento.

Cristo veio ao mundo para salvar vidas — não para destruí-las (Lucas 9:56). Quando Pedro desembainhou sua espada para defender o seu Senhor, “Jesus disse-lhe: Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão” (Mat. 26:54).

Ele resumiu Seu ensino em duas declarações estupendas. A primeira delas é conhecida como regra Áurea.

> “Portanto, tudo que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei e os profetas” (Mat. 7:12).

A segunda ensina o amor supremo a Deus e amor inesgotável para com todos os homens.

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mat. 22:37-39).

Esse amor deve ser manifesto por todo seguidor de Cristo, até mesmo para com seus inimigos.

“Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vosso inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus; porque faz que o Seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos” (Mat. 5:43-45).

A busca da paz deve ser o compromisso dos cristãos. O mal não deve ser pago com o mal, mas vencido com o bem.

“A ninguém torneis mal por mal: procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quando estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer: se tiver

sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (Rom. 12:17-21).

Embora os seguidores de Cristo não possam, em sentido algum, tomar parte em Seu trabalho expiatório, poderão ser chamados a ser “obreiros juntamente com Ele” Ao levar as bênçãos de Seu evangelho aos homens perdidos. Isso não pode ser feito da maneira como Seus seguidores foram instruídos, “como ministros de Deus, tornando-nos recomendáveis em tudo: na muita paciência, nas aflições, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias nos jejuns, na pureza, na ciência, na longanimidade, na benignidade, no Espírito Santo, no amor não fingido”. (II Cor. 6:4-6).

Nesta lista nada existe que sugira o uso da força. Jesus é apresentado como um “exemplo, para que sigais as Suas pisada: ...o qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julgas justamente” (I Ped. 2:21-23).

Dupla lealdade. Dessa maneira, a vinda de Cristo ao mundo fe diferença. Não uma diferença em Deus, em Cristo, na moralidade, na ética, n verdade básica. É uma diferença no relacionamento, na atitude, na obrigaçã na responsabilidade, da parte dos seguidores de Deus. Não há diferença em se relacionamento com Deus. Mas há uma evidente diferença em sua relação co o governo.

Quando a teocracia existia, os seguidores de Deus tinham tão somente uma lealdade — aquela ara com Deus. Nesse aspecto não poderia haver conflito entre as exigências de sua religião e as de seu governo, pois ambos tinham um único - Cabeça. Era Deus.

Depois da teocracia, os seguidores de Deus têm dupla lealdade: a primeira, e mais importante, para com Deus, cujo trono está no céu; a segunda, e subordina, ao governo terrestre.

Além de reconhecer a autoridade de Deus, Cristo dirige Seus seguidores ao reconhecimento e respeito dos direitos e poder do estado. Cada verdadeiro filho da igreja, cada leal seguidor de Cristo será um leal servo do estado. O cristão, portanto, deve uma dupla fidelidade; a saber: a Deus e também ao estado.

Sua submissão a Deus está em primeiro lugar — suprema, sem reservas. Sua submissão ao estado é alterada somente por sua submissão a Deus. É, por conseguinte, secundária, mas divinamente requerida.

Nada, no relacionamento de um cristão com Cristo, requer dele que se oponha ao governo, recuse ajuda ao governo, desobedeça ordens, mesmo na guerra, a não ser onde tal obediência o colocaria em conflito com as exigências de Deus.

Em caso de qualquer conflito entre as exigências dos dois, o cristão deve sempre seguir o princípio "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens" (Atos 5:29).

Muitas pessoas pensam que os homens devem obedecer a toda e qualquer ordem que as autoridades constituídas resolvam dar. Há homens que não hesitam em defender o ponto-de-vista de que — se surgir um conflito entre a consciência individual e as exigências do estado — a consciência deve ceder o lugar para que cumpra a ordem do Estado. A esses parece presunção colocar as convicções pessoais contra as convicções das autoridades. Mas o direito é independente das maiorias; a consciência pessoal é mais importe que a aprovação pública; a lealdade ao governo civil; e quando surge um conflito entre os demandas do governo e as de Deus, Deus dever ser o primeiro. Com isso, também concordam as palavras de Hughes, Chefe de Justiça da suprema Corte dos Estados Unidos, pronunciadas a 25 de maio de 1931, a respeito do caso Estados Unidos *versus* Douglas Clyde Mchtosch.

"Muito tem sido falado sobre o supremo dever para com o estado, um dever a ser reconhecido mesmo que esteja em conflito com convicções relacionadas a Deus. Sem dúvida alguma, esse dever para

com o estado existe dentre do domínio do poder pois o governo poder forçar a obediência a leis, desconsiderando escrúpulos. Quando a crença de alguém colide com o poder do estado, este é supremo dentro de sua esfera — seguindo-se a submissão e a punição. Mas, no fórum da consciência, o dever para comum poder moral mais alto que o estado tem sido sempre mantido. A guarda dessa "suprema obrigação", como questão de princípio, seria inquestionavelmente mantida por muitos de nossos cidadãos conscienciosos. A essência da religião é a crença numa *relação com Deus, envolvendo deveres superiores àqueles que surgem de qualquer relação humana."*

Reconhecimento dos Deveres de Consciência. É gratificante saber que, nesse aspecto, alguns governos concedem o devido reconhecimento aos direitos de consciência. Referimo-nos, por exemplo, às medidas de "Se*lective Training and Service Act*" de 1940, nos Estados Unidos da América. A seção 5, subseção "g" desse voto, estabelece que:

> "Nada nestes estatutos, deve ser interpretado como querendo de qualquer pessoa a obrigatoriedade de prestar serviços e treinamento de combate, nas forças terrestres ou navais dos Estados Unidos, se, por razão de crença religiosa, conscientemente se opuser à participação em guerra em qualquer forma. E tal pessoa requerendo isenção de treinamento de combate e serviço por causa de suas objeções de consciência, cujo pedido for sustentado pela comissão local, deverá, no caso de ser alistada nas forças terrestres ou navais, ser designada para serviços de não-combatividade, conforme definição do Presidente."

É este princípio que tem sido reconhecido em relação com os participantes na guerra e em serviço de guerra pelos líderes do Governo

dos Estados unidos, e mui claramente expressos pelo General Lewis B. Hershey, diretor do Sistema Nacional do Serviço de Seleção, em seu primeiro relatório ao Presidente Roosevelt. O General Hershey diz:

"Reconhecemos os direitos que um indivíduo tem, de abraçar crenças em oposição à guerra, e de se recusar a prestar formas de serviço militar em conflito com tais crenças."

Diz ele mais adiante, no mesmo relatório:

> "É parte desses amplos conceitos de liberdade e personalidade humana, em jogo nesta guerra, que o julgamento da consciência individual oposta à vontade nacional receba consideração e lhe seja permitida uma forma de cooperação em acordo com seus julgamentos, se estes resultarem de crença e experiência — religiosa" (*Selective Service in Peacetime*, p. 188 — Agosto de 1942).
>
> "Reconhecemos, na base da objeção de consciência, aquela simples declaração do Novo Testamento: 'Mais importa obedecer a Deus do que aos homens'. Pode ser invencível ignorância, ma compreensão ou emoção — mas se o indivíduo considera os seus atos como sua resposta a um chamado de Deus ou da vontade — de Deus, então a Nação, de acordo com suas tradições, sente-se obrigada a reconhecê-lo" (Idem, p. 256, 3 de abril de 1943).

São esses os princípios sobre os quais os Adventistas do Sétimo Dia têm tomados sua posição. É por causa desses princípios que se colocam a serviço de seu país nas fileiras da não-combatividade, sentindo que, ao assim fazer, estão verdadeiramente servindo a seu Deus.

Nos vários "*fronts*" da batalha nesta terra, encontram-se jovens Adventistas do Sétimo Dia que não participam na luta, que não destroem

vidas, que se esforçam por não causar danos — mas que procuram evitar as linhas de frente. Sua missão é unir, é trazer alívio aos desamparados. Eles vão a lugares de maior perigo, em missão de misericórdia e cura. Em lugar de espada e aço, carregam seu equipamento de alívio e salvação. Não portam armas. Sua primeira preocupação não é sua própria segurança. Arriscam suas vidas, sem qualquer arma de defesa, confiando na armadura celestial. Eles ministram os seres humanos sofredores às necessidades humanas, ao bem-estar humano. Centenas servem como médicos; muitos como enfermeiros treinados; e milhares em outras linhas de serviço médico, tendo recebido treinamento por oficiais de suas igreja, os quais os capacitaram especialmente para essa fase de serviço.

A posição de não-combatividade, tomada pelos Adventistas do Sétimo Dia, e portanto, baseada em profunda convicção religiosa. Nenhum homem que sinceramente mantém, procurará escapara ao dever e à responsabilidade patrióticos que são a obrigação e ao alto privilégio de todo cidadão fisicamente capaz — a cooperação para o bem-estar comum de seu país. Sua posição não é de covardia física ou moral. Ao contrário, ela exige coragem e lealdade. Mantém os homens fiéis ao cumprimento do dever, tanto para com os seus semelhantes e para o governo, é visto como sendo o dever para com Deus. sobre a plataforma dessa dupla lealdade — para com Deus e o país — encorajamos nossos membros em toda parte a manterem firme sua suprema lealdade a Deus, enquanto mantém sua devotada lealdade a seus governos e a seus semelhantes.

NASCIMENTO VIRGINAL. A doutrina de que Jesus foi miraculosamente concebido por uma virgem, mediante o poder do Espírito Santo, realizando desta maneira a encarnação de Divindade na humanidade. Os ASD aceitam o nascimento virginal de Jesus como um

fato literal e histórico. O meio pelo qual a encarnação foi efetuada é um mistério divino (veja I Tim. 3:16).

A doutrina do nascimento virginal já na explícita declaração dos escritores evangélicos. Eles afirmam que Maria concebeu pelo poder do Espírito Santo (Mat. 1:20; Luc. 1:35), não por José (Mat. 1:20), e que Maria era virgem neste tempo (v. 23) e permaneceu assim pelo menos até depois do nascimento de Jesus (v. 25).

As descrições de Jesus como "filho de José" (João 1:45) e "filho do carpinteiro" (Mat. 13:55), e de José e Maria com Seu pai e mãe ou "pais" (Luc. 2:41, 48), são descritivos do relacionamento prático e legal que existiu após Seu nascimento, e não a maneira de sua concepção.

Que a crença cristã no nascimento virginal era vastamente conhecida, é indicado em referências do segundo século por Inácio de Antioquia (*Efésios* 7:2; 18:2; 19:1; *Esmiernenses* 1:1*)*, por Justino, o mártir (*Apologia* 1:31, 46, 63), outros. Os ASD geralmente crêem que "sem o nascimento virginal, não poderia ter havido a verdadeira encarnação" (*SDABC*, 5:285). Os ASD não compartilham com os Católicos Romanos a crença na virgindade perpétua de Maria, primariamente por causa das palavras de Mat. 1:25 (veja *SDABC*, 5:286), mas reconhecem também uma completa falta de evidência de que ela tenha concebido outros filhos.

Publicações ASD têm consistente e enfaticamente permanecido pela realidade histórica do nascimento virginal. Um artigo intitulado "*The Virgin Birth*" (O Nascimento Virginal), na *Review and Herald* de 02 de junho de 1904, criticou a mais alta negação do nascimento virginal e ressaltou que tal negação corrompe inteiramente o poder de Cristo de salvar o homem do pecado. Sobre a união do divino com o humano em Cristo, veja *SDABC* 5:917.

NATAL. A IASD não segue o ano cristão, ou da igreja, para festa e jejuns, e, sendo assim, não celebra o Natal como uma festa

eclesiástica. Porém, é costume em algumas congregações ASD ter um programa especial ou música especial com um tema natalício no sábado em que cai o dia 25 de dezembro ou próximo a ele.

Os ASD têm ignorado o Natal como uma festa da Igreja por causa da ausência de qualquer ordem divina para que se observe esse dia. Além disso, a data do nascimento de Cristo é desconhecida, e o dia 25/12 foi escolhido pelas igrejas romanas no fim do quarto século, para coincidir com o “nascimento do sol”, a festa pagã do solstício. Por outro lado, os ASD têm utilizado o espírito da temporada de Natal para dirigir as pessoas aos ensinos bíblicos concernentes ao nascimento de Cristo e têm estimulado a doação de ofertas liberais para propósitos missionários.

Em publicações ASD, aparentemente a primeira menção do Natal em ligação com a história dos nascimento de Cristo é um poema de Jane Gay, intitulado “Um Lírico de Natal”, que aparece na *Review and Herald*, 15 de dezembro de 1859. Anos mais tarde, no mesmo periódico, foi publicada a seguinte propaganda de J. M. Aldrich, secretário da Associação Publicadora dos ASD:

> Natal e Ano Novo estão chegando! — Os pequeninos, é claro devem se lembrar dessas ocasiões. É óbvio que sim. Eu sugeriria, porém, que, em vez de encher as meias das crianças com balas, pirulitos, cachorros de borracha, e de contar que aquela criatura mitológica — o velho Papai Noel — veio pelo chaminé ou pela fechadura, e colocou tais coisas nas meias penduradas, seria muito melhor que você viesse até nós e procurasse para eles um dos livros realmente interessantes e belos: Belém e suas Crianças; Estrela da Manhã; Doce História de Antigamente;

> O Prometido; José e Seus Irmãos; História de Paulo; Cenas de Jericó (*ibid.*, 5 de dez de 1865).

Na década de 1870, parece que se tornou um costume entre os Adventistas ter um pinheiro de natal na Igreja, na qual se colocam as ofertas.

Em 1879, houve uma discussão considerável na *Review and Herald* a respeito do uso de tais pinheirinhos para arrecada fundos para projetos da Igreja. A seguintes questão, respondida evidentemente por Tiago White, acalorou o diálogo:

> É certo ter árvores de Natal e festas? Há qualquer citação na Bíblia para que assim se faça?
>
> *Resposta.* Não vemos nenhuma ligação necessária entre árvores de Natal e festa. ... Podemos ter árvores de Natal se ... (uma festa). Tais árvores, como arranjadas em Battle Creek e Oakland, e em muitas outras de nossas igrejas no último Natal, a fim de abrigar nossas ofertas para algum empreendimento na obra do Senhor, cremos não apresentarem problemas. Há algo na Bíblia contra assim fazer? (*Review and Herald*, 16 de janeiro de 1879).

Na discussão que seguiu, Urias Smith escreveu que pensava estar tudo certo em celebrar a *ocasião* do nascimento de Cristo no dia 25 de dezembro sem qualquer consideração pelo dia *(ibid.*, 23 de jan. de 1879). S. N. Haskell mantinha a posição de que não há problema em celebrar o *evento* do nascimento de Cristo com um árvore de Natal e um culto religioso (*ibid.*, 20 de fev. de 1879). J. P. Logan, também leigo, sugeriu que poderia ser melhor não ter árvores de Natal, “especialmente

porque seu desuso não ofenderia a ninguém, enquanto que seu uso incomoda os fracos" (*ibid.*, 22 de maio de 1879).

No mês de dezembro seguinte, Ellen G. White recomendou vários livros como presentes de Natal para as crianças no lugar de "balas e brinquedos inúteis". Ela também ressaltou que enquanto muitas pessoas passam o Natal em "frivolidade e extravagância, glutonaria e desperdício . . . é nosso privilégio nos separarmos dos costumes e práticas desta era degenerada" (*Review and Herald*, 11 de dezembro de 1879*)*. A respeito da árvore de Natal, ela não fez comentário específico sobre seu uso em casa, mas declarou que "não há pecado específico em escolher uma árvore fragrante e esverdejante, e colocá-la em nossas igrejas" (*ibid.*). Os presentes para a Igreja eram colocados em seus galhos.

Em 1888, em um anúncio de Semana de Oração, foi feita uma sugestão de que no sábado anterior ao Natal, deveria ser realizada um reunião a fim de traçar planos para a Semana de Oração e também para a "reunião de Natal". "Leituras diárias" para a Semana de Oração e para os "programas de Natal" tinham sido enviadas para as Igrejas.

A semana de Oração de 1890 foi anunciada estando no tempo da temporada de Natal de 20 a 27 de dezembro, e o presidente da Associação Geral lembrou aos ASD que "será um tempo em que o mundo ao nosso redor estará envolvido em muito festejar e em leviandade. ... Neguemos a nós próprios . . . e tragamos grandes contribuições para as missões estrangeiras" (*ibid.*, 26 de nov. 1890).

Sobre a questão de presentes, Ellen G. White disse:

> É agradável receber presentes, embora pequenos, de quem amamos. É uma segurança que temos de que não estamos esquecidos, e parece nos unir um pouco mais a eles.

> Irmãos e irmãs, enquanto repartis presentes mutuamente, eu sugeriria que vos lembrásseis de nosso Amigo celeste, para que não vos esqueçais de seus reclamos.
>
> Embora eu os concite a trazerem suas ofertas a Deus primeiramente, eu não condenaria completamente a prática de dar presentes de Natal e Ano Novo a nossos amigos. É correto conferir uns aos outros sinais de amor e lembrança, se nisso não nos esquecemos de Deus, nosso melhor amigo. Deveríamos dar presentes que realmente provarão ser de real benefício ao que recebe. (*ibid.*, 26 de dez. de 1882).

NATUREZA DA IGREJA. "*Igreja" é a tradução do Grego *Ekklesia*, literalmente, "um chamado para fora". Esta era uma palavra grega comum para qualquer assembléia chamada ou intimada, e reflete o fato de que pessoas eram chamadas para reuniões públicas por arautos. A Septuaginta usa a palavra *ekklesia* para traduzir a hebraica *gahal*, que no *Antigo Testamento designa assembléias hebraicas ou todo o Israel, como uma comunidade.

No N.T. *ekklesia*, é usada para designar: (a) cristãos reunidos para adorar (I Cor. 11:18, 14:3, 28); (b) congregações locais consistindo de todos os cristãos que viviam em um mesmo lugar (Mat. 18:17; Atos 5:11; 8:3); (c) o inteiro corpo de cristãos, a Igreja universal à qual os crentes em todos os lugares pertencem (Mat. 16:18; I Cor. 10:32; 12:28; Heb. 12:23). A natureza da Igreja é esclarecida pelas palavras usadas no N.T. para descrevê-la. Entre essas, estão o *Corpo, templo, casa, família, assembléia e por extensão, irmandade.

*Jesus Cristo é o cabeça da Igreja; a Igreja é o Seu corpo (Ef. 1:22, 23; 5:23). Dessa maneira, Cristo é o Senhor da Igreja e é preeminente sobre ela (Col. 1:18). Se a Igreja é completamente sujeita à

sua Cabeça divina, Ele pode santificá-la e purificá-la para que ela seja santa e sem mancha (Ef. 5:23-27). Como a cabeça da Igreja, a base ou fonte de direção e inteligência, Cristo guiá-la-á em todos os seus planos e atividades, coordenando todas as partes e suprindo sabedoria e força vital a cada membro do corpo para que todos possam trabalhar juntos eficazmente (Ef. 4:15, 16; Col. 2:19).

Jesus Cristo "constrói" Sua Igreja (Mat. 16:18) em um santo templo "bem ajustado", excelente em beleza e simétrico, tendo o Próprio Cristo como a pedra de esquina principal e os apóstolos e profetas como a fundação (Ef. 2:21; I Ped. 2:6:8). A Igreja Cristã foi fundada quando Jesus chamou os apóstolos. Ela cresceu ao o *Espírito Santo, através da pregação dos apóstolos e testemunho dos membros, esculpir outras pedras vivas (I Cor. 3:16, 17; I S. Ped. 2:5), que deviam constituir a habitação de Deus através do Espírito" (Ef. 2:22), uma "casa espiritual" em que homens e mulheres que aceitaram a Cristo como seu Senhor e Salvador oferecem "sacrifícios vivos aceitáveis a Deus" (I S. Ped. 2:5).

Homens e mulheres convertidos — pedras vivas — tornam-se membros da família de Deus" (Ef. 2:19), e não são mais estrangeiros ou forasteiros em um mundo revolto, mas uma parte de "toda a família na Terra e Céu" (Ef. 3:15). "Crentes na terra e seres no céu que nunca caíram constituem uma Igreja" (6*T*, p. 366). Outros nessa casa incluem os anjos, o Espírito Santo, Jesus, o Pai, e, sem dúvida, seres não caídos de outros mundos (Heb. 12:22-24).

Todos os membros da Igreja de Cristo na terra constituem "a universal assembléia e igreja dos primogênitos escritos no céu" (Hab. 12:23) fiéis membros de cada *Igreja Local são uma parte desta grande Igreja Universal, "todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 1:2). Eles desfrutam de comunhão e irmandade com outros que aceitam a Cristo como o cabeça da Igreja (I João 1:3).

Jesus Cristo é o fundador da Igreja universal, no sentido inclusivo de toda a família de Deus de Adão até o fim do mundo, e no sentido particular, da Igreja Cristã estabelecida durante Sua *Encarnação. Ao rejeitar a Cristo, os Israelitas literais, coletivamente como nação, foram cortados como ramos mortos do verdadeiro tronco de Abraão. O Israel verdadeiro foi então o remanescente fiel que aceitou ao Messias, e foram enxertados Cristãos Gentios ao tronco original (Rom. 11:5, 17, 24, 26; 9:6). Desse modo, a árvore agora inclui os filhos espirituais bem como literais de Abraão, que crêem em Jesus Cristo (Gal. 3;16, 26-29).

Cristo proveu direção divina para Sua Igreja na forma de um registro inspirado de Sua própria vida e de Sua vontade revelada através dos profetas e apóstolos (João 16:13; Heb. 1:1, 2, I João 1:1-3). Ele enviou o Espírito Santo como Seu representante e como um auxiliador para a Igreja; Ele mantém a Igreja com dons espirituais, de ensino e outros, manifestados através de vários membros da Igreja (Ef. 4:8-16; I Cor. 12:4-12, 28; Rom. 12:5-8); e Ele deu à Igreja a comissão de ir a todo o mundo proclamando a Cristo, ensinando a todos os homens para que observem tudo o que Ele mandou, fazendo discípulos e então batizando aqueles que O aceitassem e obedecessem a Sua Palavra (Mt. 28:18-20). À Igreja, Ele deu autoridade para ordenar ensinadores (Atos 13:1-3), admitir membros na Igreja, e excluir dela os apóstatas (João 20:22, 23; Mat. 16:19; 18:15-18).

É aparente, portanto, que a Igreja é uma irmandade de crentes, uma comunhão espiritual, uma comunidade amável daqueles que aceitam a Cristo como Senhor, que tomam Sua Cruz e obedecem à Sua Palavra, e que são deste modo aceitos por Deus como Seus filhos e filhas. A Igreja Universal de Deus é mais do que uma associação ou organização de pessoas; é uma comunidade de crentes consistindo de Seus eleitos de todas as terras e eras que estiveram unidos a Ele pela fé, perdoados pela graça, e enobrecidos pela habitação interior do Espírito. Essa união com o corpo de Cristo é significada pelo batismo e expressa

visivelmente pela participação em todas as ordenanças, por reunir-se juntamente para adorar, e pelo serviço em Sua causa. Homens finitos não podem determinar quem é ou não é parte da Igreja Universal, pois a essência da Igreja é Jesus Cristo existindo na mente, ou coração daqueles que O aceitaram como seu Salvador, que O amam e amam-se uns aos outros, e que obedecem à Sua Palavra como a compreendem. A essência da Igreja é uma união vitalícia entre Cristo e Seu povo, criada pela misteriosa operação do Espírito Santo.

De tempos em tempos, a fim de comunicar a todos os homens uma mensagem particular de advertência ou instrução, ou guiá-los a um entendimento mais completo de Sua vontade, Deus levantou movimentos especiais. O Espírito de Deus Se manifestou através de instrumentalidades humanas, guiando-os a que se unissem conjuntamente para avançar Seu propósito pelos homens. Os ASD crêem que Deus suscitou o Movimento do Advento nos últimos dias, imediatamente antes da Segunda Vida de Cristo até o fim. Eles crêem que seu movimento é o cumprimento de uma profecia (Apoc. 14:6-12; 12:17). Eles também mantém as verdades evangelísticas básicas, em comum com os cristãos conservadores em geral, mas crêem que sua função especial no plano de Deus é voltar a atenção do mundo para a iminente *Segunda Vinda de Cristo e para a santa *Lei de Deus, verdades sublimes que são grandemente ignoradas pelo mundo. A negligência para com a lei de Deus também obscureceu o *Sábado do sétimo dia do quarto mandamento do Decálogo, o memorial da *Criação do mundo e da salvação pessoal por Cristo Jesus. A realização desta tarefa exige mais do que a dedicação de um exército de cristãos espalhados entre as muitas denominações. Exige um corpo unido e organizado dedicado à tarefa comum e trabalhando em união para alcançar o objetivo descrito na profecia. Aquela profecia especificava como o povo que a cumpriria poderia ser reconhecido e qual seria sua tarefa (Apoc. 12:17; 14:6-12).

O ASD crêem que a Igreja é visível e invisível visível em um corpo de pessoas que Deus chama para fora e comissiona para realizar Seu propósito em um dado período da história, e invisível na multidão de sinceros e devotos homens e mulheres de todas as Igrejas, ou de nenhuma Igreja, que O adoram em espírito e em verdade até onde seu entendimento da verdade chegue.

Enquanto crêem que as profecias de Apoc. 14:6-12 e 12:17 apontem especificamente para sua história e obra, os ASD não crêem que sozinhos constituem os verdadeiros filhos de Deus hoje. Enquanto ensinam que o movimento ASD seja a organização visível através da qual Deus está proclamando a última mensagem especial para o mundo neste tempo, eles também aceitam sinceramente as palavras de Jesus: "Ainda tenho outras ovelhas não deste aprisco" (João 10:16).

Crêem que Deus opera em e através de todas as organizações de cujos líderes estejam desejando aceitar a direção divina em suas decisões, e até o ponto em que eles assim o façam. Crêem, também, que a mensagem que eles como ASD levam ao mundo — e que, sem dúvida, deu crescimento à Igreja ASD — foi ordenada divinamente para este tempo, e que essa sublime missão constitui a Igreja ASD, em uma maneira única, a Igreja visível de Deus na Terra, hoje. Crêem que, embora os líderes e ministros da Igreja, como outros cristão dedicados, estejam sujeitos às limitações humanas e que podem errar, às vezes, em julgamento, Deus todavia dirige as decisões feitas por eles, e dirige quando um erro de julgamento ou decisão traria conseqüências graves para a Igreja. Além disso, eles crêem que a Associação Geral em sessão, com os representantes da Igreja ao redor do mundo presentes, constitui o agente através do qual Deus guia e dirige Sua causa na Terra hoje.

Finalmente crêem ser o propósito de Deus reaver o remanescente de Seu povo, a multidão de fervorosos, sinceros crentes em cada igreja e que vivem de acordo com a luz que receberam. Todos esses são membros em potencial daquele "remanescente" final descrito em Apoc.

12:17. Com espírito de humildade cristã, os ASD consideram ser sua solene tarefa e privilégio completar a obra iniciada no tempo da Reforma Protestante no século dezesseis chamando a atenção para certas grandes verdades das Escrituras que a Cristandade como um todo perdeu de vista, dando ao mundo a última grande mensagem de Deus, registrada em Apo. 14:6-12, para alcançar todos os homens e mulheres de mente aberta com o anúncio da breve volta de Cristo a Terra com poder e glória, ajudando-os a se preparem para encontrá-Lo em paz.

NATUREZA DE CRISTO. Veja **Cristologia.**

NATUREZA DO HOMEM. Veja **Homem, Doutrina do.**

NAUFAL, MARIA BALOGH (1911-1986). Nasceu no dia 1º de janeiro de 1911, na Romênia.

Em 1923, chegou ao Brasil com sua família. Conheceram a mensagem adventista e batizaram-se na *IASD Central Paulistana.

Casou-se em 1931, com o Pr. Carmo Naufal. O casal teve dois filhos: Abner e Janete.

Estudou e trabalhou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Em 1934, o casal iniciou o trabalho na Igreja Adventista do 7º Dia, no distrito de Marília, SP.

Jubilou-se e em 1974 mudou-se para Hortolândia, SP.

Seus últimos quatro anos de vida, foram dedicados a Igreja do Jardim Londres em Campinas, SP.

Faleceu no dia 1º de novembro de 1986, aos 76 anos de idade, no *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

NEGRÃO, JOSÉ GARCIA (1891-1959). *Colportor. Nasceu no dia 30 de agosto de 1891, em Avaré, SP. Estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) até o penúltimo ano de Teologia, quando decidiu dedicar-se inteiramente à Colportagem, trabalho que escolheu e desempenhou durante 33 anos, evangelizando muitas pessoas, entre elas o Dr. *Galdino Nunes Vieira, que se tornou um dos pioneiros da Obra Médico-Missionária no Brasil.

Faleceu no dia 12 de fevereiro de 1959, aos 67 anos de idade.

NEILSEN, NELSON P. (1871-1947). Presidente da *União Sul-Brasileira da IASD (USB). N. P. Neilsen trabalhou por muitos anos na América do Sul. Primeiramente como presidente da USB, e a seguir como presidente da *Divisão Sul-Americana (DSA), cargo que ocupou até 1941.

Ao regressar à América do Norte, assumiu a responsabilidade de cuidar de um grupo de igrejas na Califórnia, incluindo um grupo de irmãos portugueses.

Apesar da idade, aceitou a responsabilidade de cuidar daquele grupo de igrejas e irmãos, onde trabalhou fielmente até a sua morte.

Faleceu no dia 03 de novembro de 1947, vitimado por um ataque cardíaco.

NELSON,WALTER EDWIN (-1989). Professor. Casou-se com Ruth Nelson, professora no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino, (IAE/SP).

Walter E. Nelson foi professor no CAB, lecionou as matérias de Química e Física no período de 1946 a 1951. Foi diretor interno de 1952 a 1964. Dos 40 anos que trabalhou na área educacional, 17 foram no Brasil.

Faleceu no dia 14 de novembro de 1989, em Thousand Oaks, Califórnia, EUA.

NEUFRÁSIO, JOÃO (1847-1960). Pioneiro no Amazonas. Nasceu aproximadamente em 1847. Em 1930, aceitou a mensagem do advento no Amazonas tornando-se um dos primeiros Adventistas neste Estado, por intermédio de um missionário que lá aportou.

Desde que conheceu a Igreja Adventista do Sétimo Dia, trabalhou incansavelmente para disseminar o Evangelho. Foi um pioneiro anônimo do Advento.

Faleceu no dia 02 de dezembro de 1960, com a idade de 113 anos.

NEUMANN, HULDA MARTHA (1893-1988). Adventista pioneira. Nasceu em 1893, em Benedito Novo, SC. Nasceu em um lar adventista, sendo que seus pais integraram o primeiro grupo de conversos Adventistas no Brasil.

Foi batizada pelo colportor pioneiro A. B. Stauffer e em sua casa, muitos pioneiros encontraram abrigo, como F. H. Westphal, Ellis Maas, Henrique Stohr, Leoni Replogue, Geraldo Marski, Germano Ritter, Moisés Nigri, Rodolfo Belz, Germano Streithorst e outros.

Faleceu no dia 23 de junho de 1988, aos 95 anos de idade, em Mafra, SC.

NEW LIFE. Veja **Produtos Alimentícios New Life.**

“NOSSO AMIGUINHO”, REVISTA. Periódico publicado pela *Casa Publicadora Brasileira (CPB) e adquirido através de assinatura. É considerada a revista de maior tiragem dentre os periódicos mensais editados pela CPB.

Em dezembro de 1952, Edith Teixeira (secretária do redator-chefe e revisora da redação da CPB na época) criou o Número Especial de Propaganda a pedido da administração. A revista foi publicada com 4 páginas em cor vermelha e 8 artigos variados, duas vezes ao mês, e custava Cr$25,00. Os artigos foram traduzidos de originais estrangeiros e não trouxe muitos resultados, pois ficava distante da realidade nacional.

O trabalho foi interrompido e, em julho de 1953, a revista foi lançada definitivamente com o nome traduzido da original revista em castelhano: *"El Amigo de Los Niños"* para *"Nosso Amiguinho"*. A revista foi publicada numa única cor como na primeira edição mas desta vez variando em cada exemplar. O editor foi Miguel Malty e os colaboradores especiais foram D. Christman e R. E. Adams.

O público indicado para a leitura da revista são crianças de 8 a 12 anos de idade e o objetivo principal não é mostrar assuntos doutrinários da Igreja Adventista e sim uma visão cristã através dos principais artigos da revista: história principal com fundo moral, história bíblica em quadrinhos, Jornalzinho, Reportagens, Clube do Cazuza e Recortar e Armar. Através desses artigos, a revista visa transmitir cultura geral, apoio escolas, informação e lazer aos pequenos leitores.

Algumas mudanças foram feitas no periódico desde o seu início tais como: alterações no formato: de 26,5 por 19 cm para 23 por 15,5 cm; as cores foram sendo incluídas até atingirem um colorido vivo e muitos artigos foram acrescentados relacionados à primeira edição.

Em 42 anos de Nosso Amiguinho, a tiragem total de exemplares foi de aproximadamente 37.000.000.

Um grande avanço da revista foi a criação da *"Turma do Noguinho",* em 1972 elaborada pelo editor Ivan Schmidt e desenhada pelo pintor Heber Pintos. Noguinho, Luísa, Quico, Azeitona, Cazuza e Professor Sabino foram transformados em bonecos e se apresentam desde 1988 na programação da *Casa Aberta*.

Editores: Miguel Malty (1953-1962); Luiz Waldvogel (01-03/1963); Helga Bergold (05/1963-12/1964); Otto Joas (01/1965-11/1968); Ivan Schmidt (12/1968-12/1972); Erlo Kohler (01-05/1973); Ivo Santos Cardoso (05/1973-04/1977); Rubens S. Lessa (05/1977-13/1980); Abgail R. Liedke (01-07/1981); Rubem M. Scheffel (01/1982-12/1985); Wilson Ferraz Almeida (1986-).

NOVA JERUSALÉM. Veja **Lar dos Remidos.**

NOVA TERRA. Veja **Lar dos Remidos.**

NOVO CONCERTO. Veja **Concerto.**

NOVO NASCIMENTO. Figura de linguagem pela qual Jesus procurou explicar a conversão a Nicodemos, como relatada em João 3:1-8. É uma inteira transformação da vida e caráter pelo poder "recreativo de Deus através da fé no Senhor Jesus Cristo" (*Manual da Igreja*, p. 31).

Em setembro de 1850, a *Advent Review* publicou um artigo de O. R. Crosier no qual ele mencionou a importância de arrependimento, conversão e batismo em relação à obra de Cristo no *Santuário. Tendo, na maioria das vezes, sido membros de igrejas evangélicas a princípio, os ASD pioneiros consideravam o novo nascimento como algo concedido. Era aceito por todos, e portanto não era uma questão de debate ou discussão, como eram as doutrinas distintivas que os diferenciavam das igrejas que haviam deixado. Não sentiam necessidade de se deterem em pontos comuns a todos. Porém, ao passar o tempo, as doutrinas defendidas em comum pelas igrejas cristãs foram também enfatizadas. Por exemplo, escrevendo em 1895, W. W. Prescott deu ênfase à necessidade de uma completa transformação da atitude de alguém a fim de estar em harmonia com Deus. Ele enfatizou o

importante lugar da mente como fator controlador no ser humano, e notificou que, enquanto ela permanece inalterada, o cristianismo é meramente uma profissão e não uma viva experiência. Resumindo, ele disse:

> (o novo nascimento) significa a espontaneidade para abandonar tudo o que seja da carne e esteja ligado à carne a fim de tornar-se para Deus por causa do que Ele é para nós em Jesus Cristo (*Boletim da AG*, 8 de fevereiro de 1895, p. 111).

Em 1892, Ellen G. White publicou um livro intitulado *Caminho Para Cristo*, no qual são discutidos os vários passos na conversão e no qual o novo nascimento é enfatizado. Milhões de cópias desse livro foram vendidos. É um clássico nessa área.

O presente ensino denominacional sobre a questão do novo nascimento também é tratado no *SDABC*, comentando II Cor. 5:17:

> Para que um homem seja constrangido pelo amor de Cristo a viver não mais para si mesmo mas para Deus, a julgar o homem não mais pela aparência mas pelo espírito, a conhecer a Cristo de acordo com o Espírito e não segundo a carne, ele deve ser criado um novo ser. Transformar um pecador perdido em uma "nova criatura" requer o mesmo poder criador que originou a vida. ... É uma obra sobrenatural, totalmente diversa da experiência normal do ser humano.
>
> Esta nova criatura não é produto de virtude moral que muitos pretendem estar inerente ao homem, e que requeira

apenas crescimento e expressão. Há milhares de homens pretensamente de moral que não fazem qualquer profissão de cristianismo, e que não são novas criaturas. A nova natureza não é meramente produto de um desejo, ou até mesmo um resolução para fazer o que é certo . . ., de concordância de opiniões ou sentimentos por outras, ou até mesmo tristeza pelo pecado. É o resultado da presença sobrenatural de um elemento introduzido no homem, que resulta em sua morte para o pecado e em seu novo nascimento. Deste modo somos feitos novamente a semelhança de Deus e postos em um novo caminho. ... Deste modo, somos feitos participantes da natureza divina, adotados como filhos e filhas de Deus à semelhança de Cristo e recebemos a vida eterna. ... O novo crente não nasce como um cristão maduro; primeiramente tem a inexperiência espiritual e imaturidade da infância. Mas como um filho de Deus ele tem a oportunidade de crescer até a plena estatura de Cristo.

Veja também **Conversão; Justificação Pela Fé.**

NOVO TESTAMENTO. Coleção de 27 breves escritos cristãos que constituem a segunda e mais breve das 2 divisões gerais em que a Bíblia cristã está dividida. O N.T. é $^{1}/_{3}$ menor em tamanho do que o A.T. Consiste em 4 Evangelhos, os Atos do Apóstolos, várias cartas de Paulo, algumas epístolas gerais e o Apocalipse. Os Evangelhos são livros de fé que contêm as boas novas da provisão de Deus para a salvação do homem através de Jesus Cristo. Eles procuram tornar conhecido o Evangelho como o é encarnado na pessoa, obra e ensinos de Jesus Cristo. Os Atos dos Apóstolos apresentam um relato do início da Igreja

cristã. As cartas de Paulo foram originalmente escritas para igrejas e indivíduos específicos a fim de suprir necessidades religiosas, mas sob a inspiração de Deus. Elas têm valor permanente para todos os cristãos de todas as épocas. O mesmo é verdadeiro para as epístolas gerais de Pedro, Tiago, João e Judas. O livro do Apocalipse, com seu simbolismo, apresenta a vitória final de Cristo e Seu reino sobre as forças do mal. Esses livros, embora tenham sido escritos no primeiro século, tiveram uma mensagem para os cristãos em todas as épocas e falam com especial poder ainda hoje.

O nome "testamento" deriva do Latim *testamentum*, que foi erroneamente adotado na versão Latina Antiga como uma tradução para o termo grego *diatheke*, utilizado na LXX como uma versão para a palavra hebraica *berîth*, "concerto". O embrião da idéia de um novo e um velho concerto parece ter sido encontrado na referência de Paulo à expressão "velho concerto", encontrada em I Cor. 3:14. Tanto quanto se saiba, o primeiro escritor cristão a usar essa designação *Novum Testamentum*, "Novo Testamento," foi Tertuliano (A.D. 160-230), mas seu uso tornou-se geral.

A maioria dos eruditos do N.T., através da história cristã concordam que a língua original do N.T. tenha sido o grego. Porém, para muitos dos escritores do N.T., o grego era uma língua secundária, pois poucos estudiosos defendiam que os 4 evangelhos e parte do livro de Atos foram originalmente escritos em aramaico, a língua nativa de Jesus e dos apóstolos. Mas nenhuma cópia dos livros do N.T. sobreviveu, e o sabor semítico desses escritos pode em parte ser explicado pela experiência semítica dos escritores e por uma imitação consciente, particularmente por parte de Lucas, da linguagem da Septuaginta. Foi sem dúvida nenhuma providência divina que vários livros do N.T. tenham sido escritos em grego, a língua internacional da época.

O estilo do grego em que nosso N.T. foi escrito foi assunto de considerável debate no século 17. Alguns eruditos nesses anos

argumentavam que a língua do N.T. fora o grego ático do período clássico. Os hebraistas afirmavam que era o hebraico-grego, uma espécie de jargão hebraico-grego. Outros ainda defendiam que era uma língua especial do Espírito Santo. Atualmente sabemos que todas essas teorias estavam equivocadas e que o N.T. foi escrito no grego *koine* vernacular do primeiro século A.D. Esse grego comum, ou helenista tinha-se tornado a *língua franca* do mundo Greco-Romano e era amplamente usado até mesmo na Palestina. Era uma língua baseada no vernáculo Ático, mas com elementos derivados de outros dialetos gregos. Prova disso foram estudos dos papiros gregos e das inscrições do período do N.T.

Os autógrafos, isto é, os documentos originais com a escrita do próprio autor, desapareceram por completo. Esses foram escritos provavelmente em papiros, uma substância frágil que não resistia muito tempo em climas úmidos. Das cópias desses autógrafos, somente umas poucas do terceiro século sobreviveram. Antes do advento da imprensa, as cópias eram laboriosamente escritas, sendo chamadas manuscritos (Latim *manuscriptum*, "escrito a mão"). Mas, por não haver copistas perfeitos, não há dois manuscritos do N.T. exatamente iguais. Gradualmente, mediante várias cópias, vários erros se introduziram no N.T., porém, nenhum tão sério ao ponto de afetar qualquer importante doutrina. Onde existem leituras variantes, é a tarefa do estudioso moderno determinar se possível a escrita original. Tal é a ciência da *"Crítica Textual"*.

O primeiro N.T. impresso foi o do Poliglota Complutense, do qual foi impressa uma porção do N.T. em 1514, sendo, porém, publicada inteiramente somente em 1522. A obra (*Latim Complutum*) foi feita em Alcalá na Espanha, sob a direção de Francisco Jiménez de Cisneros, cardeal e arcebispo de Toledo, que é mais conhecido como cardeal Ximenes. O primeiro Testamento Grego publicado foi editado por Desidério Erasmo e publicado em 1 de março de 1516. A edição de

Erasmo baseava-se em uns poucos manuscritos provenientes dos tempos medievais e portanto, continha uma forma posterior do texto grego. No entanto, seu texto, como fora revisado por ele mesmo e posteriormente por Roberto Estéfano, Beza e os irmãos Elzevir, tornou-se o *Texto Receptus*, o "Texto Recebido," do N.T. grego até o século 19. Nele baseiam-se as traduções posteriores tais como a de Lutero e a do Rei Tiago (*King James Version*).

Desde aquele tempo, muitas cópias posteriores do texto grego foram descobertas, por meio das quais o texto pode ser restaurado a uma condição muito mais próxima à dos autógrafos originais do que era possível no século 16.

Os *papiros* são os manuscritos gregos mais antigos. Entre eles estão os Papiros de Chester Beatty, que consistiam em porções de 3 códices (P^{45}, P^{46}, P^{47}), contendo partes de 15 livros do N.T. e datado do 3º século [*FIG. 215 DO DICIONÁRIO]*. O manuscrito mais antigo existente é o Papiro 457 de Rylands (P^{52}), um fragmento *[ao revisor: INCLUIR FIGURA 269 DO DICIONÁRIO DO SDABC]* que continha partes de João 18:31-33, 37, 38 e datado da primeira metade do 2º século. Em 1957 e 1958, o Prof. Victor Martin de Genebra publicou um papiro recém descoberto do Evangelho de João datado de aproximadamente 200 A.D. (P^{66}), também conhecido como o Bodmer II. O Bodmer VII e o VIII contêm um manuscrito das 2 epístolas de Pedro e Judas (P^{72}), datado do 3º século.

Os manuscritos unciais eram escritos em letras maiúsculas, sem separação entre as palavras e geralmente sem acentos ou sinais de pausas. Os grandes unciais ainda são nossa fonte básica para a reconstrução do texto do N.T. Somente alguns dos mais importantes podem ser mencionados aqui. O *Códice Vaticano* (B), da primeira metade do 4º século, é considerado pelos estudiosos como provavelmente a cópia completa mais antiga e mais valiosa da Bíblia inteira. Está na Biblioteca de Roma desde de 1481. O *Códice Sinaítico*

(!) é um manuscrito do 4º século, descoberto por Tischendorf no mosteiro de Santa Catarina, no Sinai (1844-1859). Esse manuscrito foi adquirido pelo Governo Britânico da Rússia e foi transferido para o museu Britânico em 1933. Ele contém o N.T. completo (veja *FIGURA 72 DO DICIONÁRIO)*, a epístola de Barnabé, aproximadamente $^1/_3$ do Pastor de Hermas, e metade do A.T. O *Códice Alexandrino* (A), do 5º século foi produzido no Egito. Em 1624, foi oferecido ao rei Tiago I da Inglaterra pelo patriarca de Constantinopla, mas não chegou à Inglaterra até 1627, vindo como um presente ao sucessor de Tiago I, Carlos I. Originalmente, ele continha a Bíblia completa e 2 epístolas de Clemente, mas sofreu várias mutilações, inclusive a perda da maior parte do livro de Mateus e muito de II Coríntios. O *Códice Efraimita* (C), um manuscrito do 5º século que está agora na Biblioteca Nacional de Paris, é um palimpsesto, isto é, um manuscrito reutilizado, do qual o texto bíblico tinha sido apagado e escritos os sermões de Efraim em siríaco. É possível, porém, ler parcialmente o texto Bíblico. O *Códice Bizantino* (D), na Biblioteca da Universidade de Cambridge, é um manuscrito bilingüe (grego e latim) do 5º ou 6º séculos, contendo os Evangelhos e Atos no curioso texto Ocidental. Além desses manuscritos mais importantes, há os manuscritos bilíngües do 6º século das epístolas Paulinas no *Códice Claromontanus* (D_2) com o tipo de texto Ocidental, os Evangelhos Freer em Washington, D.C. (W), e o *Códice Koridetiano* (Θ) dos Evangelhos, provavelmente do 9º século.

Os manuscritos cursivos datam aproximadamente do 9º século ou mais tarde. Desses, o Minúsculo 33 é conhecido como “O Rei das Cursivas”, Família I (1-118-131-209) e Família 13 (13-69-124-346), que compreendem o texto Cesaréio.

Originalmente os livros da Bíblia não estavam divididos em capítulos e versículos. As divisões dos livros do N.T. em seções foram feitas no 4º século. Nossa atual divisão de capítulos foi feita no século 13, por Estevão Langton, na época ligado à Universidade de Paris mas

posteriormente Arcebispo de Canterbury. As divisões em versos não surgiram até a era da imprensa. Nenhum manuscrito grego os contém. Em 1551, Roberto Estéfano, enquanto fazia uma viagem a cavalo de Paris a Lyons, dividiu seu Novo Testamento Latino em 7.959 versículos. Seu objetivo ao fazer a divisão era aparentemente duplo: ele estava preparando uma concordância ao N.T. que seu filho Henrique finalmente publicou em 1594, e por isso desejava versos pequenos para referência rápida, e preparava-se também para publicar um N.T. tendo o grego no centro e a tradução de Erasmo de um lado e a de Jerônimo do outro, cuja divisão em versos proporcionaria uma comparação imediata das palavras exatas. Henrique Estéfano diz que seu pai fez o trabalho *inter equitandam*, "enquanto cavalgava", o que provavelmente explique os intervalos durante a viagem. Se os versos realmente tivessem sido divididos enquanto cavalgava, algumas das infelizes divisões onde ocorrem os erros podem ser reputadas ao galope do cavalo. A 4ª edição de Estéfano do N.T. grego que apareceu em 1551 em 2 pequenos volumes em Genebra foi a primeira a conter as divisões em versículos. O primeiro N.T. em inglês a contê-las foi a tradução de William Whitingham, em 1557, publicada em Genebra.

NÚMERO DA BESTA. O número enigmático 666 ou, em alguns manuscritos antigos, 616 (Apoc. 13:18). É declarado como sendo "o número de um homem" (ou "número humano," *RSV*), o "número da besta," e "o número de seu nome" (Apoc. 13:17, 18; 15:2). O leitor "que tem entendimento" é convidado a "calcular o número da besta" (Apoc. 13:18, ARA) e declara-se em Apoc. 15:2 que os salvos são os "vencedores da besta, e do número do seu nome."

Concepções ASD. Em 1836, Guilherme Miller propôs que a primeira besta de Apoc. 13 fosse interpretada como a Roma pagã, e a segunda besta como a Roma papal. O "número da [primeira] besta", ele

tomou como sendo um período de 666 anos, durante o qual o poder da Roma pagã é exercido sobre o povo de Deus, isto é, os judeus e cristãos, e calculou este período de 158 a.C., quando supunha terem os judeus feito sua trégua com Roma (1 Macabeus 8:23), até 508 A.D., quando, de acordo com seu cálculo (improvável), "O Paganismo cessou" com a conversão dos últimos dez reinos que ocupam os antigos territórios Romanos (William Miller, *Evidence from Scripture and History of the Second Coming of Christ [1836]*, pp. 54-56, 62).

Essa idéia parece não ter tido influência na interpretação profética dos Adventistas Guardadores do Sábado, sendo que eles muito cedo aplicaram o "número da besta" à segunda besta de dois chifres em vez de à primeira. Em 1847, Tiago White fez essa identificação e declarou sobre a segunda besta: "Este último poder que esmaga os santos é revelado em Apoc. 13:11-18. Seu número é 666" (*A Word to the "Little Flock,"* 1847, pp. 8-9).

Uma compreensão semelhante é refletida nessa publicação no mesmo tempo de uma carta escrita por Ellen G. White a José Bates. O manuscrito desta carta, datada de 7 de abril de 1847, não existe mais. Bates publicou-o como um folheto sob o título: "Uma Visão, vol. 1." Contém a seguinte declaração no contexto de uma discussão dos símbolos de Apoc. 13: "Vi que o número (666) da imagem da besta foi inventado; e que foi a besta que mudara o sábado, e a imagem da besta seguiu-se, e preservou o sábado do Papa e não o divino." Em 1868 Urias Smith explicou que o número 666 nessa declaração, como sugerido por seus parênteses, não tinha estado no original da carta escrita pela Srª. White, mas tinha sido inserido por Bates, como refletindo seu entendimento de seu significado (*As Visões da Srª . E. G. White, 1868*, pp. 100-102). Smith posteriormente ressaltou que o termo "imagem da besta," que ela usa, é difícil de aplicar, seja à besta a quem a imagem é feita, seja para a besta que fez a imagem. Ele portanto considera essa "imagem da besta," cujo número a Srª. White declara ser "forjado,"

como uma referência à “imagem da besta” (Apoc. 13:14). Ele sugere que essa imagem também tem um número (não necessariamente 666), que, embora não seja mencionado nas Escrituras, é o número a que Ellen G. White se refere.

Tiago White endossou o livro de Urias Smith como um todo, declarando que tinha lido cuidadosamente o manuscrito (*RH*, 25 de agosto de 1868). Isto pareceria indicar que duas décadas antes, ele concordara com a explicação de Smith da passagem em questão. À luz das declarações de Smith e de White, parece evidente que essa passagem não possa ser tomada como clara indicação do pensamento da Srª. White sobre o número da besta. Porém, lança luz sobre a compreensão de Tiago White sobre o problema em 1847. Pouco antes da publicação que José Bates fez da carta, White o incluiu em sua aventura inicial de publicação de *“A Word to the Little Flock”* (“Uma Palavra ao Pequeno Rebanho”, Brunswick, Maine, 1847), pp. 18-20. Nesta reedição, ele preservou o número entre parênteses, como publicado por Bates, e acrescentou uma nota de rodapé a Apoc. 13:18 (“*A Word to the Little Flock,”* p. 19).

Como Bates, naquele tempo, ele obviamente entendeu a “imagem da besta” como sendo a segunda besta e relacionada ao número 666. Esta identificação do número 666 com a segunda besta estava obviamente em harmonia com esta opinião escrita em uma de suas matérias na publicação citada acima. A mesma conexão foi feita por George W. Holt em 1850, que continuou a identificar essa besta como “protestante e republicana” (*ibid.*, pp. 8, 9. G. W. Holt., *Present Truth*, março de 1850).

Posteriormente no mesmo ano, um passo mais à frente dado por Otis Nichols, que publicou um diagrama profético sobre o qual os dois chifres da segunda besta são considerados como “papistas e protestantes, cujo número do nome é 666” (L. E. Froom, *Prophetic Faith*, vol. 4, p. 1074; veja rodapé 6). Aparentemente antes que o diagrama fosse

difundido, uma correção foi feita sobre os dois chifres: "Republicanismo & Protestantismo." A intenção dessa interpretação parece ter sido esclarecida por John Nevins Andrews, escrevendo no próximo ano na *RH*, onde ele identifica os dois chifres dessa besta como "Poder civil republicano" e "Poder eclesiástico Protestante," e interpreta a própria besta como os Estados Unidos. Aplicando o número 666 a essa besta, sugeriu:

> A Igreja Protestante pode, se tomada com um todo, ser considerada uma unidade; mas, quão próximas podem suas diferentes seitas chegar do número seiscentos e sessenta e seis, é interessante determinar (19 de maio de 1851).

Em 1853, J. M. Stephenson considerou a idéia alternativa de que o número é o da primeira besta, argumentando, baseado em Apoc. 15:2 que número, marca e imagem todos pertencem à mesma besta. Negou que o número deva ser resolvido pelo "antigo método de contar pelas letras," porque é o número de um homem específico, e tal cômputo pode-se aplicar a outros homens. O "homem" portanto, ele considerava como sendo "o homem do pecado," que ele identificou como a "Igreja Anticristã Papal." Ele declarou: "Podemos traçar a linhagem de cada Igreja Protestante até a mãe das meretrizes [Apoc. 17:15]." "Essas divisões [do Protestantismo] têm estado a dividir-se e subdividir-se até que, de acordo com a *Encyclopædia of Religious Knowledge*, agora somam seiscentos e sessenta e seis." (*Review and Herald*, 29 de novembro de 1853). No ano seguinte, John N. Loughborough citou Stephenson na segunda publicação de um artigo em *The Two-Horned Beast* que apareceu na *Review and Herald*, 28 de março de 1854). M. E. Cornell considerou o número 666 como representando os "grupos

sectários Protestantes” (*RH*, 19 de setembro de 1854). Em 1855, Andrews escreveu novamente sobre o assunto, ainda aplicando o número à segunda besta, desenvolvendo seu argumento de que a besta é os Estados Unidos, e identificando a “imagem da besta” (v. 15) como: “grupos religiosos apóstatas”:

> A imagem parece ser forjada pela legalização de várias classes que reconhecerão as declarações blasfemas da besta. ... É dessa forma que entendemos o número da besta (*Review and Herald*, 3 de abril de 1855).

Tal posição foi mantida por Andrews em uma reedição de uma série datada de 1864 (*The Three Angels of Revelation 14*:*6-12*, p. 95).

Porém, em 1866 Urias Smith propôs uma interpretação radicalmente diferente. Como Stephenson fizera, ele relacionou o número 666 à primeira besta, e a via como simbolizando o Papado. O “nome”, de que surge o número, considerava como sendo o Latim VICARIVS FILII DEI, “Vigário Filho de Deus,” a soma das letras nos numerais Romanos é igual a 666. Esta frase, embora não seja parte do título papal oficial, é o equivalente a um termo comum ao papa, e apareceu primeiramente por volta de 760 A.D. na falsa Doação de Constantino (veja *SB*). Andreas Helwig (*c.* 1572-1643) propôs este título como o nome referido enigmaticamente pelo “número da besta.” A respeito deste título, Smith declarou que —

> o nome mais plausível que já sugerimos, como contendo o número de besta, é o título blasfemo que o Papa aplica a si mesmo, e usa em sua mitra em uma tiara pontifícia (*Review and Herald*, 20 de novembro de 1866).

Em uma reedição de 1877 de seu livro *The Three Angels of Revelation 14:6-12,* Andrews também adotou esta posição (*ibid.,* p. 109). Smith continuou esta interpretação através das várias edições de seus altamente influentes *Pensamentos Sobre Daniel e Apocalipse,* e grandemente por intermédio desse livro sua posição veio a ser crida amplamente pelos ASD. Porém, nenhuma prova para sua afirmação de que essas palavras aparecem na tiara papal foi descoberta (veja *SB,* nº 1750; C. D. Vineyard, "The Papal Tiara," 1951). Embora não haja nada a ser encontrado nos escritos publicados de Ellen G. White sobre a interpretação do número 666, ela claramente ensinava que esse número deve ser identificado com a primeira besta de Apoc. 13, que representa o Papado. (*GC,* 445).

*O Novo Testamento e a Igreja Primitiva***.** O esquema de somar os valores numéricos das letras em um nome ou palavra, como demonstrado acima no termo VICARIVS FILII DEI, é uma prática antiga conhecida como gematria. Isto é possível com o Latim, o Grego, e o Hebraico, pois suas letras eram usadas para números. Nas duas últimas línguas, todas as letras de seu alfabeto tinham um valor numérico em ordem alfabética, aumentando de acordo com a sucessão das unidades, dezenas e centenas. Dessa forma, qualquer nome poderia ter um número. Numerosos exemplos disso aparecem na literatura antiga e em inscrições. Em Pompéia (antes de 79 A.D.), dois exemplos foram achados: em um, um homem fala de sua senhorita e declara: "O número de seu honorável nome é 45"; outro escritor declara: "Amo aquela cujo número é 545." Semelhantemente, o epitáfio sobre uma sepultura judaica desde o tempo de Alexandre Severus (A.D. 222-235) lê-se: "Proclamo Gaio como sendo seu número igual a esses dois, santo e bom"; aqui o nome Gaio e as palavras gregas *hagios* ("santo") e *agathos* ("bom") somam 284 cada um. Um uso interpretativo de gematria na literatura rabínica aparece no *Midrash,* em Lev. 16:3: "Há trezentos e sessenta e cinco dias no ano solar. O valor numérico de *hassatan*

(Satanás) é trezentos e quarenta e quatro. Isso alude ao fato de que durante todos esses dias do ano Satanás traz acusações, mas não traz nenhuma acusação no *Dia da Expiação.”

Semelhantemente na exegese cristã, a gematria é encontrada na *Epístola de Barnabé* (primeira metade do segundo século). Comentando sobre a declaração de que Abraão circuncidou 318 homens de sua casa (Gên. 14:14; 17:23-27), *Barnabé* 9:8 declara:

> Note que diz primeiramente “dez e oito” e então, na frase separada, “trezentos.” Quanto ao “dez e oito”; “dez” = I; “oito” = H. Então tem-se JESUS [Gr. ΙΗΣΟΥΣ]. Mas desde que a Cruz, prefigurada pelo T, deveria ser o canal da graça, ela soma “trezentos.” Ela, portanto, aponta para Jesus em duas letras, e a Cruz em um.

Esses exemplos ilustram o largo uso de gematria no mundo antigo.

Desde seu início, os cristãos parecem ter entendido o número da besta como gematria. Nossa mais remota evidência vem de Irineu de Lyon (*c*. A.D. 180), que discute a questão exaustivamente. Ele confessa duvidar quanto ao significado do número, que sugere que nenhuma tradição a respeito disso tinha sido passada através séculos pelas Igrejas da Ásia, das quais Irineus viera, pois em outro lugar, ele possuía várias tradições atribuídas a João, preservada lá. Irineus vê vários significados no número: é a idade de Noé no dilúvio (Gên. 7:6, 600 anos) mais as dimensões da estátua de Nabucodonosor (Dan. 3:1, 6 x 60 côvados); ela também representa para ele a divisão da história mundial em seis períodos de mil anos cada. Profeticamente, porém, ele a considerou como gematria e sugere três palavras como possíveis soluções: *euanthas* (e = 5; u = 400; a = 1; n = 50; th = 9; a = 1; s = 200), um nome

semelhante a um, *euanthes* ("florescendo belamente"), dado ao deus Dionísio, e um nome pessoal comum que pode ter sido adaptado propositadamente ao total 666, mas com nenhum relacionamento determinável à figura retratada em Apocalipse; *lateinos* (l = 30 a = 1; t = 300; e = 5; i = 10; n = 50; o = 70; s = 200), "Latim," — "pois," ressalta ele, "os latinos são os que representam o domínio"; e *teitan* (t = 300; e = 5; i = 10; t = 300; a = 1; n = 50), sua solução preferida, que parece ser uma variante de "Titan," referente aos Titãs mitológicos que se rebelaram contra seu pai, o deus Uranus. Irineus ressalta que o termo era também aplicado ao sol. Embora ele não diga isso, em acréscimo pode haver uma referência implícita no nome ao Imperador Titus (A.D. 79-81), que destruiu o Templo de Jerusalém. Irineu conclui, porém, que o significado do número não pode ser determinado com clareza, embora ele estivesse satisfeito de que ele se aplica ao Anticristo. Comentaristas dos tempos antigos e medievais propuseram esses vários e semelhantes termos e frases sem nenhuma maior semelhança ou probabilidade. Dessa forma, o Venerável Bede (*c*. 672-735), em acréscimo ao *teitan* de Irineus, que ele define como "gigante, . . . como se excedesse tudo em poder," dá dois nomes adicionais que ele emprestara de outros comentários, *antemos* (a = 1; n = 50; t = 300; e = 5; m = 40; o = 70; s = 200), que ele entende com o significar "contrário à honra" e *arnoume* (a = 1; r = 100; n = 50; o = 70; u = 400; m = 40; e = 5), que ele define como o verbo "negar," obviamente tomando-se o verbo grego *arneomai*.

666 ou 616? Já nos dias de Irineus, um século depois da composição do Apocalipse, havia uma questão quanto a se o número seria 666 ou 616. Irineus diz que o número "666" era encontrado "em todas as mais antigas e aprovadas cópias" do Apocalipse e foi testificada pelos que viram a João. Porém, o número "616" sobrevive no Codex Ephraemi (C) desde o quinto século e nas minúsculas 5 e 11, bem como no antigo comentário falsamente atribuído a Agostinho. Ao mesmo tempo, há evidências de que alguns textos antigos provavelmente não

contém o v. 18: enquanto o comentário de Pseudo-Agostinho dá o número 616, o texto sobre o qual ele se baseava, bem como o comentário do monge Espanhol Beatus (798 A.D.), ambos omitem o verso. Como essas obras provavelmente se baseiam em um comentário perdido de Ticônius (390 A.D.) do Norte da África, parece provável que desde o quarto século, no mínimo, havia um A.T. em latim no qual o verso não aparecia. Vários eruditos modernos têm favorecido a originalidade do número 616. Ressalta-se que esse é o *lectio difficilior*, isto é, "a leitura mais difícil": é mais fácil considerar que o número 616 tenha sido "arredondado" para 666 do que vice-versa. É às vezes interpretado como significando *Gaios Kaisar* (3 + 1 + 10 + 70 + 200 + 20 +1 +10 + 200 + 1+ 100), "Gaius César," isto é, Calígula (37- 41 A.D.), o primeiro imperador a ter exigido sacrifícios a si mesmo como um deus. Dessa forma, ele concebivelmente poderia ter sido visto como um protótipo do futuro Anticristo. Deissman e Cullmann sugerem que ele representa a frase *Kaisar theos* (k = 20; a = 1; i = 10; s = 200; a = 1; r = 100; th = 9; e = 5; o = 70; s = 200; "deus César"). Isso poderia refletir as pretensões de Calígula ou talvez de Diocleciano (sob cuja perseguição o Apocalipse foi escrito), que proclamou sua própria divindade e insistiu no culto ao imperador. Outros têm defendido a prioridade de 616 com a tese de que Nero, não Diocleciano, é a figura pretendida, e têm visto a solução em uma escrita hebraica de seu nome, *nrw qrs*, "César Nero," que em numerais hebraicos também chegam a 616 (n = 50; r = 200; w = 6; q = 100; s = 60; r = 200). Nesta conexão, 666 também é freqüentemente interpretado como Nero, sendo seu nome escrito em Grego *(Neron)* mas em letras hebraicas *nrwn qsr* (n = 50; r = 200; w = 6; n = 50; q = 100; s = 60; r = 200), Dessa forma, sugeriu-se que ambos os números são variantes de um criptograma original. Essa é provavelmente a solução mais aceita entre os eruditos atuais. Porém, vários fatores têm sido ressaltados e que parecem militar contra essa interpretação. Primeiro, se for aceito que o Apocalipse pretendia ser

compreendido por seus leitores iniciais em seu contexto, é questionável que os cristãos da província da Ásia tenham entendido uma gematria assim usada baseada no alfabeto hebraico. Embora isto não teria sido impossível (Irineus, morando na Espanha e escrevendo a respeito dos Valentinos, hereges de Roma, argumenta uma questão de gematria sobre o nome de Jesus [*Iesous = 888*] apelando a uma prioridade de escrita hebraica), parece improvável do fato de que duas vezes em Apocalipse o escritor sente a necessidade de explicar a seus leitores de fala grega que certos termos são hebraicos (cap. 9:11; 16:160. Segundo, a escrita hebraica *qrs* para César é defeituosa, sendo a forma mais comum *qysr*, embora poucos exemplos do primeiro tenham sido dados, e essa forma incomum possivelmente tenha sido usada por causa do número 666. Terceiro, é altamente questionável se o número deve ser entendido como o de um imperador específico ou indivíduo, como a besta representa uma instituição mais do que uma pessoa. Em favor da originalidade do número 666, pode-se dizer que os manuscritos mais antigos, e a vasta maioria dos manuscritos de todos os grupos textuais, contém 666.

— O —

OAKES, RACHEL. Veja **Preston, Rachel (Harris) Oakes.**

OBERG, ODETE (1918-1987). Obreira, professora. Nasceu em 1918, em Porto Alegre, RS. Estudou nesta cidade e em Curitiba, PR, onde fez curso superior, formando-se em Geografia e História, em 1941, com a primeira turma da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. Antes de terminar este curso, já lecionava em escolas estaduais da cidade. Tão logo completou sua licenciatura, ingressou no magistério adventista, dando aulas no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) e no *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), em Taquara, RS.

Depois de 18 anos como obreira, mudou-se para o Cruzeiro D'Oeste. no Norte do Paraná, onde já residia seu irmão, o médico Arthur Oberg. Ali foi professora do Ginásio e Diretora da Escola Normal XV de Novembro. Estimada pelas autoridades locais, recebeu da Assembléia Legislativa Municipal, em sessão solene, o título de *Cidadã Honorária* e um diploma de Honra ao Mérito.

Durante muitos anos, foi tesoureira da *Igreja Local, cargo que ainda ocupava quando faleceu. Tinha um carinho todo especial pela juventude adventista.

Faleceu no dia de 3 de dezembro de 1987. Foi sepultada no Cemitério da Paz, em São Paulo, tendo dirigido a cerimônia fúnebre os Prs. Flávio de Araújo Garcia e Voltaire Cavalieri.

OBRA FILANTRÓPICA E DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ADVENTISTA (O.F.A.S.A.). Veja **Assistência Social Adventista.**

OBRA MÉDICA ASD.

OBRA MÉDICO-MISSIONÁRIA DA IASD NO BRASIL. Serviço de assistência médica às pessoas carentes em lugares de difícil acesso. Pessoas capacitadas prestaram serviço à esta obra no Brasil.

O Pr. *Huldreich F. Graf (1855-1946) chegou a Brasil em 1895 como o primeiro missionário, onde permaneceu por 12 anos. Ensinou aos conversos, princípios de saúde, tratamentos naturais e hidroterapia.

Em 1902, veio *Abel Landers Gregory, médico e dentista dos EUA, como missionário de sustento próprio para ajudar no desenvolvimento da Obra Médica no Rio Grande do Sul, em companhia do Pr. Huldreich F. Graf, Gregory trabalhou no Brasil durante 7 anos (1902-1909). Uniram-se a ele a médica Luiza Wurtz e a enfermeira Corina Hoy, dos EUA.

Somente em 1939 sob a liderança de E. H. Wilcox, então presidente da *União Sul-Brasileira da IASD, é que a obra médico-missionária se estabeleceu, vindo a surgir quatro hospitais posteriormente: *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP (1942); Hospital Adventista Silvestre, RJ (1948); *Hospital Adventista de Belém, (HAB) PA (1951) e *Hospital Adventista de Campo Grande, MS (1959).

Além desses quatro hospitais, em foi estabelecido o *Hospital Adventista de Vitória, ES, e atualmente, em fase de construção, o *Hospital Adventista de Engenheiro Coelho, SP, localizado nas imediações do Campus do IAE/Ct.

Em 1928, *Alvin Nathan Allen, missionário dos EUA, iniciou uma obra assistencial entre os *Índios Carajás e estabeleceu a *Missão do Rio Araguaia.

A idéia de realizar uma obra médico-missionária itinerante no Rio Amazonas utilizando lanchas adaptadas para isso, partiu do jovem alemão *Hans Mayer. Embarcou para o Brasil, por conta própria, em companhia de seu irmão. Mais tarde, com a esposa *Joana e colportor *André Gedrath trabalhou como missionário de sustento próprio no Rio Amazonas em um barco construído por ele.

Em 1931, *Leo Blair Halliwell, vindo dos EUA com a esposa *Jessie Halliwell, projetou e construiu a lancha *Luzeiro I*. A primeira de uma série que recebeu esse nome.

As outras lanchas que se seguiram foram: *Luminar* (1946) no Rio São Francisco; *Samaritana* (1955) no Rio Ribeira; *Cruzeiro do Sul* (1963), na Baía de Paranaguá e a *Luzeiro D'Oeste* (1972) em Mato Grosso do Sul.

Deu um grande incentivo ao trabalho das lanchas o Pr. Antônio Nogueira Jr. que ajudou a construir várias delas.

Atualmente há 9 lanchas ativas singrando os rios do Brasil levando assistência médica, odontológica e espiritual à populações carentes.

A obra médico-missionária continua a progredir no Brasil e atualmente (1994) conta com 6 hospitais, 21 clínicas e dispensários, 9 lanchas e 6 clínicas móveis.

OBRAS. Veja **Fé e Obras**.

OBREIRO (A). Termo usado na IASD para designar pessoas que trabalham em todos os departamentos da Obra Adventista, quer no

ministério pastoral e evangelístico, na *Obra Médica ASD ou educacional.

OFERTAS PARA ATIVIDADES LEIGAS DA IGREJA. Oferta recebida no primeiro sábado de cada mês, para ser usada pela Igreja local para seus próprios projetos de atividades leigas (Veja **Calendário da Igreja**).

OFICIAIS DA IGREJA. Veja **Ancião da Igreja; Igreja (Organização Local), II,2; Diácono; Organização, I, 2; II,2.**

OLIMPIO, JOÃO (-1981). *Colportor. Ingressou na Obra Adventis em 1953. Foi colportor efetivo por 9 anos e durante 21 anos trabalhou com diretor-assistente de Publicações.

Trabalhou cerca de 30 anos e serviço da página impressa na Missã Nordeste da IASD, jubilando-se pela obra em 1977.

Faleceu no dia 28 de março de 1981 em Recife, PE.

OLIVEIRA, ANTÔNIO RODRIGUES DE

OLIVEIRA, ENOCH DE (1924-1992). *Pastor, professor, evangelista, escritor, economista, administrador, erudito, eclético. Nasceu no dia 2 de fevereiro de 1924, em Curitiba, PR. Era filho do *Colportor *Saturnino de Oliveira e Jerônima Oliveira.

Casou-se com Lygia de Oliveira e desta união nasceram: Lutero e Vera Lúcia.

Concluiu os cursos de Contabilidade e Teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Graduou-se posteriormente em Ciências Econômicas, Filosofia, Ciências e Letras, pela Universidade do Paraná.

Mais tarde fez o Mestrado em Teologia Sistemática, na Universidade de Potomac, Maryland, EUA; Mestrado em História da Igreja e Divindade, em 1967, na Universidade Andrews, EUA. O livro *"A Mão de Deus ao Leme"* foi a tese de seu mestrado em História da IASD. Escreveu outros dois livros: *"Ano 2000 - Angústia ou Esperança"* (CPB) e a Meditação de 1990, *"Bom dia, Senhor."*

Obteve também o título de "Doutor Honoris Causa", em 1975, pela Universidade Andrews.

Após a conclusão do curso Teológico em 1945, iniciou suas atividades como contador na *Associação Paranaense da IASD, em 1946.

Sua trajetória culminou na Vice-Presidência da Associação Geral, após ter sido Diretor de Educação e de Jovens Adventistas da *Associação Paulista da IASD; Diretor do *Ginásio Adventista Paranaense (GAP) atual *Instituto Adventista Paranaense (IAP); Pastor da *IASD Central de Curitiba, *IASD Central do Rio de Janeiro; Secretário Ministerial e Evangelista da *União Este-Brasileira da IASD Rio e Presidente da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA)

Em 28 de novembro de 1983, lançou a Pedra Fundamental da *Casa Publicadora Brasileira (CPB), de cuja Mesa Administrativa, foi Presidente. Em 4 de janeiro de 1985, participou da inauguração das novas instalações desta editora em Tatuí, SP.

Seu último batismo foi realizado no dia 28 de dezembro de 1991 e seu último sermão pregado foi em 29 de fevereiro de 1992.

Prestou 45 anos de serviço à causa de Deus.

Faleceu no dia 10 de abril de 1992, aos 68 anos de idade, em Curitiba, PR, onde residia desde que foi jubilado em setembro de 1990.

A cerimônia fúnebre foi realizada na IASD Central de Curitiba. Vieram representantes de várias partes do Brasil, contando também com a presença do Pr. Leo Ranzolin, da Associação Geral da IASD.

OLIVEIRA, GENEROSO DE (-1968) *Colportor Pioneiro. Aceitou a mensagem do advento em 1927 pelo Pr. Siríaco Leite, sendo batizado na Bahia pelo Pr. Herler.

Casou-se com Maria Eugênia da Silva Ramos e teve 7 filhos: Halda, Joel, Gérson, Jesner, Generoso Filho, Gideon, Gutenberg e Maria Hulda.

Por 15 anos, colportou no sertão do Nordeste. Foi o primeiro colportor a ter um encontro frente a frente com o cangaceiro Virgulino Ferreira, o famoso "Lampião", a quem vendeu um exemplar do livro *Vida de Jesus*, sendo tratado amistosamente pelo bandido.

Faleceu em fevereiro de 1968 em Belo Horizonte, MG.

OLIVEIRA, JOSÉ JEREMIAS DE (1910-1985). *Colportor, administrador e missionário. Nasceu no dia 18 de novembro de 1910, na Fazenda do Caldeirão, próximo ao município de Araci, no interior da Bahia.

Em 1929, dirigiu-se para o Rio de Janeiro, onde conheceu as mensagens bíblicas pelo amigo Amado Lima.

Em 1934, ingressou na Colportagem, interrompendo seu trabalho apenas para cursar Teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde se formou em 1938.

Casou-se com Vasti Rodrigues de Oliveira e desta união nasceram José Jeremias de Oliveira e Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira.

Dedicou-se inteiramente ao trabalho da página impressa. Trabalhou sucessivamente na *Associação Rio de Janeiro, *Missão Nordeste, *Associação Espírito Santense e *União Este-Brasileira da IASD. Foi também missionário durante 4 anos, na União Austral (Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Bolívia), regressando ao Brasil em 1954, ocasião em que dirigiu o *Hospital Adventista de São Paulo

(HASP) por um curto espaço de tempo. Como diretor de Publicações da Unieste atuou 27 anos, até 1975.

Logo após sua jubilação, empenhou-se na construção da atual Igreja e da Escola Adventista da cidade de Araci. Ocupou-se também na construção de um colégio que atenderia à partir da 5ª série em diante, bem como séries especializantes neste mesmo município. Outra obra que dirigiu foi a construção de apartamentos para teologandos casados no *Instituto Adventista de Ensino no Nordeste (IAENE) e também uma padaria.

Na colportagem, fundou o *Instituto de Colportagem Adventista (ICA), em cada campo da *União Este.

Faleceu no dia 8 de julho de 1985, aos 75 anos de idade, em Salvador, BA, em conseqüência de falência cárdio-respiratória e hipoxemia aguda,. Foi enterrado em Araci, conforme seu pedido.

OLIVEIRA, MÁRIO INÁCIO FLÔRES DE (1898 - 1971) Professor e escritor. Nasceu no dia 27 de março de 1898 numa zona rural em Montenegro, RS.

Casou-se e teve 4 filhos. Começou a lecionar aos 15 anos como professor particular. Foi também professor de escolas Adventistas da *Associação Sul-Rio-Grandense e, mais tarde, professor municipal.

Era poeta e escritor. Transmitiu a mensagem Adventista através da poesia e da prosa.

Faleceu no dia 4 de fevereiro de 1971, aos 72 anos de idade, vítima de um segundo derrame cerebral.

OLIVEIRA, MODESTO MARQUES DE (1924-1989). *Pastor, professor, evangelista e administrador. Filho de Dorcil da Costa Marques e Maria Marques de Oliveira, nasceu em 28 de março de 1924 em Piraúba, Minas Gerais.

Estudou Teologia no ITA atual *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), entre os anos de 1943 a 1949. Nesse mesmo ano, casou-se com Zânooa Bruscagin, de cuja união nasceram quatro filhos: Sônia, Sonila, Silas e Sidney.

Iniciou seu ministério na IASD de Madureira, Rio de Janeiro, logo após ter concluído o curso teológico. Foi diretor do *Educandário Nordestino Adventista (ENA) por vários anos. Depois de algum tempo foi para os EUA, onde foi pós-graduado em Teologia. Regressando ao Brasil, atuou por alguns anos como pastor na IASD Central de Curitiba. Mais tarde foi professor na *Faculdade Adventista de Teologia (FAT), atual Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT).

No ano de 1982, perdeu sua esposa num trágico acidente automobilístico, próximo a Mogi da Cruzes, no interior de São Paulo.

Faleceu no dia 25 de novembro de 1989 aos 64 anos de idade.

OLIVEIRA, ROBERTO MENDES DE (1892-1980). Professor pioneiro. Nasceu no dia 26 de junho de 1892 em Campestre, Santo Antônio da Patrulha, RS.

Fez o curso primário em uma escola pública rural. Converteu-se ao adventismo em 1904. Substituiu o Prof. *Manoel Kümpel na escola particular Adventista, fundada em 1907 por Rodrigo Amador dos Reis em sua própria casa em Rolante, Santo Antônio da Patrulho, RS. Foi a segunda escola particular Adventista de brasileiros.

Em 1913, tornou-se professor paroquial da *Escola Adventista de Rolante, atual *Centro Educacional Ivo Souza. Foi o segundo professor da obra latina. Depois de lecionar muitos anos na Obra, cursou o magistério e dedicou-se ao ensino público estadual.

Faleceu no dia 26 de outubro de 1979, aos 87 anos de idade, em Taquara, RS.

OLIVEIRA, SATURNINO MENDES DE (1890-1977). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 10 de maio de 1890 em Campestre, comarca de Santo Antônio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, sendo seus pais católicos.

Em março de 1904, aos 14 anos de idade, foi batizado na Igreja Adventista de Campestre juntamente com a família pelo Pr. Ernesto Schwantes. Com o aumento de membros da IASD de Campestre, o grupo dividiu-se em dois, surgindo assim a Igreja de Rolante.

Trabalhou como agricultor algum tempo até conseguir recursos para estudar no Colégio que havia sido aberto em Taquari, RS.

Em 1910, a escola foi vendida em 1915 compraram o terreno edificando assim o *Seminário Adventista, no Capão Redondo, SP. Nesse ano, iniciou seu trabalho como colportor em Porto Alegre, com 17 anos.

Em 1916, casou-se com Jerônima C. de Oliveira e desta união nasceram: Gideon, Enoch, Ruth e Rubem.

Dirigiu a colportagem por 34 anos e durante esse período trabalhou em onze Estados do Brasil, visitou 830 cidades, sem contar os primeiros povoados, sítios e fazendas. Além de caminhar, utilizou todas as formas de transporte: cavalo, carroça, trem, automóvel e navio.

Durante quarenta e dois anos trabalhou na Obra Adventista, trinta e quatro dos quais na liderança de Campos da União Sul e União Este-Brasileira. Embora jubilado, continuou sua atividade por dez anos como colportor ocasional em São Paulo.

Faleceu no dia 18 de agosto de 1977, aos 87 anos de idade, em São Paulo.

OLM, AUGUSTO (1847-1929). Pioneiro adventista. Nasceu no dia 14 de outubro de 1847, na Pomerânia, Alemanha. Em 1873, chegou ao Brasil, e em 1884 aceitou o *Evangelho, tornando-se um dos primeiros Adventistas no Brasil.

Faleceu a 15 de setembro de 1929 aos 81 anos de idade, em Taquara, RS, vitimado por um colapso cardíaco.

OLM, MARTA (1878-1969). Pioneira adventista no Brasil. Nasceu em Gaspar Alto, em Santa Catarina e foi batizada em junho de 1885.

Em 1896, organizou-se nesta igreja a primeira Escola Sabatina, da qual foi nomeada secretária.

Em 1924, veio para Taquara, Rio Grande do Sul, em companhia de seus pais, Augusto e Joana Olm. Era solteira, dedicando assim sua vida à Igreja e à Deus.

Faleceu no dia 25 de dezembro de 1969, aos 91 anos de idade Gaspar Alto, SC.

OLM, RICARDO (1880-1952). Professor, obreiro bíblico e missionário. Quando no fim do século passado se fundou em Gaspar Alto, SC, a primeira Igreja Adventista no Brasil, as famílias Belz e Olm faziam parte, e foi em 1895 que o Pastor F. Westphal, entre outros, batizou o então jovem Ricardo Olm, aos 15 anos de idade. Ingressou na obra como professor paroquial e depois como obreiro bíblico e missionário itinerante. Nesta qualidade ele serviu a causa de Deus nos Estados do Sul até o ano de 1913. Foi membro fiel da Igreja por mais de 57 anos. Na Igreja de Taquara foi ancião por muitos anos.

Faleceu no dia 20 de dezembro de 1952, em Taquara, RS como um dos mais antigos Adventistas do Brasil.

ORAÇÃO. Aproximação da Divindade, na qual o homem adora a Deus, reconhece bênçãos recebidas, expressa seus desejos, confessa seus pecados, submete sua vontade a Deus e busca graça para viver em harmonia com a vontade de Deus. Deus, em troca, impressiona sua

mente com certeza, verdade, e dever. A oração reconhece a soberania de Deus e a insuficiência do homem.

A oração não muda a Deus; muda, sim a nós e nos capacita a cooperar mais eficientemente com Ele. Ela não o persuade a fazer, a um pedido nosso, o que Ele relutaria em fazer ou o que Sua infinita sabedoria vê não o ser melhor. Ela nos coloca, porém no canal das bênçãos divinas, e numa maneira de pensar na qual Deus pode operar em nós e por nós. Ela nos traz em parceria com Ele ao desenvolver Seu infinito desígnio em nós e por nosso intermédio.

Oração é o braço "pelo qual o suplicante humano alcança o poder do Infinito Amor", o que traz o homem em harmonia com Deus (*OE*, 259). "A oração não traz Deus até nós, e sim nos leva até Ele" (*CC*, 259). "A oração não traz Deus ate nós, e sim nos leva até Ele" (*CC*, 93). A fim de ser eficiente, a oração deve ser sincera, fervorosa, inteligente e perseverante. Jesus aconselhou Seus discípulos que "deveriam orar sempre sem esmorecer (Luc. 18:1), e admoestou-os, "Vigiai e orai para não entreis em tentação" (Mat. 26:41). Ele mesmo freqüentemente comungava com Seu Pai Celestial em oração.

"A oração é a respiração da alma" (*OE*, 254), e é tão essencial à vida espiritual quanto a respiração o é para a saúde física. A negligência da oração resulta em anemia espiritual. O que vem a Deus deve assim fazer com um coração sincero. Deve sentir sua própria necessidade (Is. 44:3), confessar e abandonar todo pecado consciente (Prov. 1:29), crer que Deus pode e responderá (Mar. 11:24), e estar de bem com seus companheiros (Mat. 6:14, 15). Sobre orar pelos doentes: Veja **Cura Pela Fé**.

Os ASD crêem que as devoções pessoais, inclusive a oração são essenciais para uma vida cristã de sucesso, assim como a oração diária é para o lar cristão. A oração pública traz uma congregação à presença de Deus. Nos tempos bíblicos, várias posturas eram praticadas na oração. Por exemplo, Ana orou em pé (I Sam. 1:26), Davi, assentado, (II Sam.

7:18); Elias se atirou ao chão e pôs a cabeça entre as pernas (I Reis 18:42); Salomão (II Crôn. 16:13) e Daniel (Dan. 6:10), ajoelhou-se. Os ASD seguem a prática de se ajoelhar quando em oração, como um gesto apropriado de submissão e reverência. Ajoelhar-se para orar é fortemente estimulado nos escritos de Ellen G. White. (*MJ*, 251; 2*ME*, 311-316; etc.)

ORDENAÇÃO. Ato pelo qual a Igreja separa um indivíduo para uma função especial nela, com oração e imposição de mãos. Três categorias de obreiros da Igreja são ordenadas: ministros, anciões e diáconos.

Ministros. Os candidatos devem ser membros que não somente vivem vidas cristãs consistentes mas também que sejam experientes no serviço da Igreja e tenham demonstrado confiança na liderança da Igreja. Os candidatos são normalmente casados, embora solteiros sejam às vezes ordenados. Embora a Igreja nunca tenha tomado uma posição contrária à ordenação de mulheres para o ministério, não há registros de que se tenha ordenado uma mulher.

O seguinte procedimento em autorizar a ordenação é estabelecido em *Working Policy* (Praxes):

> 1. Visto que a ordenação ao ministério é a separação do homem para o sagrado chamado, não para um só campo local, mas para toda a Igreja, e portanto, necessita ser realizada com ampla deliberação. O plano seguinte é o procedimento correto, exceto em casos especiais onde resultar-se-ia sério atraso:

a. A questão da ordenação é a primeira a ser considerada cuidadosamente pela comissão da Associação local.

b. Em caso de aprovação, a Associação local submete os nomes dos candidatos com suas descobertas e convicções à comissão da União para observação.

c. As decisões destes dois corpos estão nas mãos da comissão sobre Credenciais e Licenças na reunião da Associação, sobre cujo relatório as Associações tomam sua última decisão no caso.

d. Caso o candidato à ordenação não esteja a serviço da Associação local, a organização que o emprega iniciará o processo, obviamente.

2. Quando as circunstâncias o tornam desejável, um candidato poderá ser ordenado no intervalo das Assembléias regulares da Associação, salvo que as Associações e Uniões o tenham aprovado para a ordenação.

3. Em um campo missionário local autorizado pela praxe da Divisão a criar credenciais ministeriais, o procedimento será o mesmo como seguido no parágrafo 2 para as Associações locais.

4. Nas missões locais não autorizadas pela praxe da Divisão a conceder credenciais ministeriais, a ordenação de obreiros ao ministério por ocasião de suas reuniões da Associação ou no intervalo entre essas será efetuada por

> voto de uma comissão da União em conselho com a comissão da Associação local (1964, pp. 156, 157).

Antes da ordenação, há um sério exame da candidato, abrangendo aspectos tais como a presente experiência religiosa pessoal, sua crença, e conhecimento, das Escrituras, sua familiaridade com e plena aceitação dos ensinos fundamentais da IASD, e sua atitude para com a organização denominacional. Três ministros são geralmente escolhidos antes da cerimônia para dirigi-la: a oração de ordenação, a investidura e as boas-vindas ao candidato. Se outros ministros ordenados estão presentes na cerimônia, eles são convidados para participar na ordenação.

Após um breve sermão sobre o chamado e responsabilidades de um ministro, o presidente apresenta o candidato, referindo-se brevemente a seu serviço passado. Os ministros presentes então se ajoelham ao redor do candidato enquanto um deles oferece a oração de ordenação. Enquanto o pastor ora com mãos impostas, os ministros ajoelhados põem suas mãos sobre a cabeça do candidato. Após sua ordenação, o ministro é —

> autorizado a pregar o Evangelho com toda a autoridade e poder que Jesus conferiu a Seus apóstolos; batizar os que se arrependem e abandonam os seus pecados; realizar as ordenanças da casa do Senhor; com deliberação própria de organizar as Igrejas ASD; de unir os crentes nos laços do santo matrimônio (*Manual Para Ministros*, 20-37).

Anciãos Locais e Diáconos. Os anciãos e diáconos da Igrejas local, eleitos por ela, são geralmente ordenados em uma cerimônia simples durante o culto no sábado. Um ministro ordenado deve estar à

frente. O ministro lê as passagens bíblicas apropriadas (tais como I Tim. 3:1-7, para anciãos; I Tim. 3:8-13 para diáconos). O candidato e o ministro então se ajoelham e o ministro ora, pedindo a Deus que aprove a escolha da Igreja ao eleger o candidato, aceite sua consagração ao ele ser separado para a obra a ele confiada e faça dele um mordomo sábio, um líder fiel e uma bênção e exemplo para a comunidade. Enquanto o ministro fala da consagração e da imposição de mãos, ele coloca suas mãos sobre a cabeça do candidato. Após a oração, o ministro toma a mão do candidato com uma palavra de bênção.

Uma vez ordenado, um ancião local não precisa ser ordenado novamente após uma reeleição, ou se ele for posteriormente escolhido para ser diácono. Da mesma forma, um diácono não precisa ser reordenado se for reeleito; porém, se ele for escolhido para ser ancião, deverá ser ordenado como ancião.

A ordenação qualifica o ancião local para dirigir a Santa Ceia na Igreja em que for ancião. Porém —

> Na ausência de um pastor ordenado, é costume que o ancião faça arranjos com o Presidente da Associação local antes de ministrar o rito do batismo aos que desejam se unir à sua Igreja (*Manual Igreja*, 78, 79).

Desenvolvimento da Prática ASD. Nos primórdios da IASD, parece ter havido pouca necessidade de ordenação de novos ministros, sendo que a maioria das congregações eram pequenas e a maioria dos ministros eram homens que já tinham sido ordenados nas Igrejas às quais tinham pertencido anteriormente. A princípio, houve considerável oposição a qualquer forma de organização da Igreja (veja **Organização**).

Porém, a necessidade de algum tipo de organização, e especialmente para um ministro ordenado pela Igreja, tornou-se crescentemente aparente quando certos pregadores “auto-ordenados” recusaram cooperar com os líderes responsáveis do movimento, reivindicando “ 'liberdade para trabalhar como quisessem,' e 'irem onde e quando desejassem' “ (John N. Loughborough, *The Church, Its Organization, Order and Discipline,* p. 101). Para enfrentar essa situação, Tiago White escreveu um artigo intitulado, “Ordem Evangélica,” que apareceu em uma série de proposições na *Review and Herald* em dezembro de 1853. Este artigo advogava fortemente “que homens que são chamados por Deus para batizar e ensinar, deveriam ser ordenados, ou separados para o serviço de ministro pela imposição de mãos” (*Review and Herald,* 20 de dezembro de 1853), mas parece que mesmo antes de ser publicado, White e alguns dos outros líderes do movimento já estivessem praticando a ordenação, pois em uma reunião realizada em New Haven, Vermont, no outono de 1853) —

> foram consideradas as exigências da obra. E decidiu-se que havia alguns ali que deveriam ser ordenados para o ministério Evangélico. ... À 1:00h da manhã, suspendemos até 8:00h do dia seguinte, quando o assunto da ordenação foi retomado. E foi expressão unânime dos presentes que nossos queridos irmãos John Nevins Andrews, A. S. Hutchin e C. W. Sperry, deveriam ser separados para o ministério (que pudessem sentir-se livres para administrar as ordenanças da Igreja de Deus) com oração e imposição de mãos *(ibid.,* 15 de novembro de 1853.)

Mesmo antes disso, parece, Washington Morse tinha sido ordenado pela Igreja, embora não esteja muito claro nas fontes

existentes se a ordenação ocorreu em 1851 e 1852. De acordo com a *Review and Herald*, de julho de 1851, em uma reunião realizada por G. W. Holt, “O irmão Morse,” possivelmente Washington Morse, “foi separado pela imposição de mãos, para a administração das ordenanças da casa de Deus” (19 de agosto de 1851). Não se sabe se a ordenação o admitiu para o ministério ou permitiu-lhe funcionar somente na ministração da Santa Ceia. De acordo com seu próprio relato, escrito alguns anos depois, ele foi ordenado ao ministério em 1852 (*ibid.*, 16 de outubro de 1888). Mas é possível que ele tenha esquecido a data exata. A primeira cerimônia de ordenação de diáconos entre os ASD ocorreu pouco tempo depois. Frederick Wheeler, outro eminente líder ASD, apresentou o assunto da ordem evangélica aos ASD de Dartmouth e Fairhaven, Massachusetts, e no fim de seu sermão, com oração e imposição de mãos, ele prosseguiu “separando dois irmãos em Fairhaven e um em Dartmouth, para servirem como 'diáconos', como denominados na Bíblia” (*ibid.*, 27 de dezembro de 1853).

No início do ano seguinte, realizaram-se cerimônias de ordenação em Sylvan e Jackson, Michigan e em Metomen, Wisconsin, e cedo, a ordenação de diáconos era uma prática estabelecida em todas as Igrejas ASD. Mas logo tornou-se evidente aos líderes do movimento ASD que alguém teria que cuidar dos interesses espirituais das Igrejas na ausência de um ministro ordenado. Em agosto de 1854, José Bates, um dos mais destacados líderes dos Adventistas guardadores do sábado, sugeriu os anciãos locais como a solução ao problema. Uma proposta em um artigo de J. B. Frisbie na *Review and Herald* de 26 de junho de 1856, intitulado “Ordem da Igreja” esboça o dever de tais anciãos, mostrando que a prática de ordenar anciãos locais era então prática estabelecida entre as congregações ASD.

Razões Bíblicas Para a Prática ASD. A prática de separar indivíduos para uma obra especial pela imposição de mãos tem sua base na Bíblia. Por exemplo:

> O Senhor disse a Moisés: Toma a Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe a mão; apresenta-o perante Eleazar, o sacerdote, e perante toda a congregação; e dá-lhe, à vista deles, as tuas ordens (Num 27:18, 19; veja também Núm. 8:10, 11).

E Lucas relata:

> . . . disse o Espírito Santo: Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram (At. 13:2, 3. Veja também At. 6:6; I Tim. 4:14; 5:22; II Tim. 1:6; Tito 1:5).

Em harmonia com o costume do N.T., os ASD ordenam ministros, que, como os apóstolos e evangelistas da Igreja Primitiva, procuram os interesses da Igreja; e anciãos (também chamados “presbíteros” ou “bispos” no N.T.) e diáconos, que, como seus protótipos do N.T., procuram, perspectivamente, os interesses temporais e espirituais da congregação local a que pertencem.

ORDENANÇAS DA IGREJA. Veja **Batismo; Lava Pés; Santa Ceia.**

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA IASD. Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da.**

OST, CARLOS (1887-1963). Pioneiro no Espírito Santo. Nasceu em 1887 e aceitou a mensagem Adventista com 9 anos de idade. Foi um dos fundadores e pioneiros da Obra no Estado do Espírito Santo e do Brasil. Foi o doador do terreno sobre o qual se construiu a IASD de Serra Pelada, que se tornou a Igreja-Mãe da *Associação Espírito Santense da IASD e anexo à Igreja construiu-se uma escola primária e uma casa pastoral.

Serviu por vários anos a esta como *Ancião da Igreja e *Diácono.

Faleceu no dia 18 de setembro de 1963, aos 76 anos de idade, em Serra Pelada, ES,.

OST, MANOEL (1909-1964). *Pastor e administrador. O Pr. Manoel Ost nasceu a 10 de maio de 1909, na cidade de Afonso Cláudio. Estudou desde a sua infância em escolas Adventistas, formando-se em teologia no ano de 1932, no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Trabalhou como professor durante 7 anos no Estado do Espírito Santo e um ano no Estado do Rio de Janeiro. Ingressou no ministério onde trabalhou proficuamente durante a sua vida como fiel evangelista em vários campos do Brasil.

Casou-se em 1932 com Meta Bleck. Desse matrimônio lhes nasceram 3 filhos. Sua primeira esposa faleceu em 1937, na cidade do Rio de Janeiro. Casou-se, posteriormente, com Clara Ebinger, de cuja união nasceram 4 filhos.

O Pastor Ost trabalhou também durante muito tempo na administração da Igreja Adventista em vários campos. Foi presidente da Missão Bahia-Sergipe durante alguns anos. Tornou-se depois presidente da Associação Espírito-Santense, Departamental da Obra Missionária e Escola Sabatina da União Este-Brasileira. Trabalhou também como Departamental da Associação Rio-Minas e finalmente, em seu último cargo administrativo, liderou a Missão Mineira. Foi transferido para

Lavras e, por 6 meses, trabalhou de modo eficaz até ter que se submeter a uma intervenção cirúrgica, o que ocasionou queda de pressão e embolia pulmonar, resultando em sua morte.

Faleceu no dia 2 de fevereiro de 1964, aos 54 anos de idade, na cidade de Lavras, MG.

OTTO, ANA (1868-1950). Adventista pioneira em Curitiba, PR. Nasceu em 1868. Foi a primeira adventista em Curitiba. Em sua casa realizaram-se os primeiros cultos e Escolas Sabatinas, oficiados pelo Pr. *Huldreich Graf e o Colportor *Stauffer, no final do século passado.

Faleceu no dia 23 de maio de 1950, aos 82 anos de idade, em Curitiba, PR.

— P —

PAGES, AUGUSTO (1866-1946). Primeiro gerente da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu em 27 de agosto de 1866, em Itzehol, Alemanha, passou toda a sua infância em Wandsbeck. Concluiu o Curso Complementar e a seguir o ginásio. Em 1833, foi crismado como membro da Igreja Luterana. Em virtude de sua constituição débil, não conseguia arranjar muitos serviços; porém, no dia 1º de janeiro de 1888, ele aceitou trabalhar no escritório de uma fábrica de álcool e fermento, em sua cidade, onde permaneceu até o fim de fevereiro de 1898.

Em 1890, casou-se com Guilhermina Broecker, filha de seu vizinho e um ano depois, mudou-se para Eilbek.

Em agosto de 1892, quando irrompeu uma epidemia de cólera, ele sentiu tanto temor que resolveu consagrar sua vida a Deus, a fim de O servir, caso Ele guardasse a sua vida. Em 9 de outubro de 1892 iniciaram-se as conferências públicas em Waandsbeck, onde conheceu a mensagem adventista e teve a alegria de ver a sua esposa também decidida por Cristo.

Em dezembro de 1892, já guardavam o *Sábado, mas só foram batizados em abril de 1893. Em 1898, empenhou-se em conseguir outro emprego, pois não queria, como adventista, trabalhar numa fábrica de álcool e aguardente. Tão logo soube disso, o irmão Conradi, ofereceu-lhe trabalho na Casa Publicadora de Hamburgo. Em 1900, retornou, por incidente, a trabalhar na antiga fábrica, onde passou a ser chefe de escritório. Seu grande pedido a Deus era poder arranjar outro serviço. Em 1902, começou a trabalhar com o irmão Kohlhaus, cuidando da expedição e do escritório e logo o irmão Conradi convidou-o para representar a Associação Alemã de Higiene em Friedensau; porém, achava esse trabalho muito penoso. Em 1905, recebeu um chamado para ser missionário no Brasil, porém não parecia prudente mandar para o exterior um homem doente.

Entretanto, no dia 5 de outubro de 1905 deixou Hamburgo, na esperança de uma vida melhor no Brasil. Ao chegar ao Rio de Janeiro e, fez o inventário de depósito de livros, viajando 15 dias depois para Taquari, RS, com 19 caixas de livros. Com a resolução de transferir a tipografia para um Estado mais Central, mudou-se para São Bernardo, São Paulo, já com 75 caixas.

A calma e a tranqüilidade no Brasil fizeram-no restabelecer-se dos nervos, assim pôde durante 8 anos trabalhar sem ficar um dia sequer doente.

Por 10 anos, cuidou da estruturação de todas as Missões do Brasil, juntamente com os trabalhos de gerência da CPB. Em 1920, foi substituído por um novo gerente, vindo dos Estados Unidos, chamado R.S. Gray e, em 1922, assumiu então o cargo de Tesoureiro e guarda-livros da CPB.

Faleceu no dia 3 de abril de 1946, aos 79 anos de idade, em São Paulo, sendo o seu sepultamento no dia 4 de abril, no cemitério Redentor, em São Bernardo, SP.

PAIS. Este termo aparece somente no *Novo Testamento, sendo a idéia indicada no *Antigo Testamento por expressões tais como "pai" e "mãe" (Êx. 20:12; Ef. 6:1). O plural hebraico para "pais" inclui mães e pais, e freqüentemente avós e ancestrais também. Descrevem-se várias exortações a respeito dos deveres dos pais para com os filhos e dos filhos para com os pais: os filhos são admoestados a obedecer aos pais "no Senhor" (Ef. 6:1); os pais, por sua vez, são obrigados a cuidar de seus filhos (II Cor. 12:14), mas os filhos e netos de uma viúva deveriam aprender a cuidar dela (I Tim. 5:4). Jesus profetizou que chegaria o tempo quando os filhos trairiam seus pais (Mat. 10:21; Mar. 13:12) e, conseqüentemente, os pais entregariam seus filhos crentes (Luc. 21:16). Paulo predisse que os filhos dos últimos dias seriam desobedientes aos pais (II Tim. 3:2).

PAIVA, ALTAMIR DE (1921-1973). *Pastor e administrador. Nasceu no dia 23 de maio de 1921, na cidade de Catalão, GO. Até os 28 anos, foi vaqueiro no sertão de Goiás. Trocou a vida do campo para tornar-se Pastor. Fez o ginásio em apenas 1 ano e a seguir, ingressou no Comercial, cursando depois a Faculdade de Teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Nas horas vagas, trabalhavam, ele e sua esposa na *Superbom.

Em 1957, concluiu seu curso e, em 1958 foi chamado para trabalhar em sua terra natal. Trabalhou em várias cidades como: Goiânia, Brasília, Uruaçu, etc. Anos mais tarde, foi transferido para o Paraná. Depois foi chamado para liderar a *Missão Baixo-Amazonas da IASD. Em abril de 1970, chegou a Belém do Pará, indo pouco depois para Macapá, AP. Durante os 3 anos em que a Missão Baixo-Amazonas esteve sob sua responsabilidade, a obra teve um grande avanço, principalmente em Belém e no Amapá.

Faleceu vitimado por um acidente aéreo, quando viajava de Belém para Fortaleza. Entre os destroços do avião sinistrado, encontraram sua Bíblia, envelhecida pelo tempo, no entanto, sem nenhum dano.

PALESTINA. Veja **Israel, Profecias Concernentes a**.

PARÁBOLA. [heb. *mashal,* "símile", "comparação", "ditado proverbial"; gr. geralmente *parabole,* "tipo", "figura", "símbolo", "ilustração", "parábola", literalmente, "(uma coisa) posta ao lado de (outra coisa para comparação)."] A palavra portuguesa "parábola" denota um instrumento literário em que uma narrativa curta, verdadeira ou fictícia, ilustra uma verdade moral ou espiritual. Uma parábola é um símile mais longo, no qual se declara ou pressupõe-se que uma coisa é *igual* a outra. Portanto, uma parábola difere de uma alegoria, que é uma *metáfora extensa,* na qual uma coisa *é* outra. A declaração de que o *Espírito Santo desceu como uma pomba (Mat. 3:16) é um símile, mas a história que compara "o reino dos céus" a um tesouro escondido (cap. 13:44) é uma parábola. Semelhantemente, a declaração, "Vós *sois* o sal da terra" (cap. 5:13), é uma metáfora, mas a referência mais longa de Jesus a Si mesmo como "a videira verdadeira" (João 15:1-8) é uma alegoria. Por contraste, uma fábula é uma narrativa que sai do mundo da realidade, geralmente atribuindo inteligência humana, fala e ação a coisas inanimadas, plantas ou animais. Nos Evangelhos, uma parábola é geralmente uma narrativa "colocada ao lado", uma verdade espiritual com propósitos de comparação. No uso bíblico, porém, uma "parábola" pode também ser simplesmente qualquer declaração curta e piedosa da verdade (Veja Mar. 3:23, 27).

O ensino por parábolas era popular nos dias de Cristo, mas Ele o aperfeiçoou e usou-o tão ampla e eficientemente, que se identificou com o Seu método de ensino. Suas parábolas eram geralmente baseadas nas

experiências comuns da vida, e freqüentemente em incidentes recentes ou cenas que eram presenciadas no momento em que Ele falava. A própria narrativa era geralmente simples e breve e sua conclusão óbvia a fim de evitar ao máximo as dúvidas (Veja Mat. 21:40, 41), embora, às vezes, as parábolas exigissem explicação (Veja cap. 13:18-23). Para Jesus, a parábola era uma ponte pela qual Ele poderia levar seus ouvintes através de um caminho agradável e familiar, de onde estavam para onde Ele queria que eles chegassem, do conhecido para o desconhecido, de fatos concretos para verdades abstratas, do visível ao invisível, do terreno para o celestial. Eram uma janela pela qual Ele convidava Seus ouvintes a vislumbrar visões de verdades celestiais. Por Suas parábolas, Jesus chamava a atenção dos homens, aumentava-lhes o interesse e estimulava a investigação. Freqüentemente, como na parábola dos dois filhos (Mat. 21:28-31), Ele comunicou uma verdade indesejada, fazendo com que os ouvintes levassem consigo uma mensagem importante, à qual ouviram pacientemente e deram o veredicto, apenas para descobrir que estavam condenando-se a si próprios. Ensinando por parábolas, Jesus evitou que os espias, os quais O perseguiam implacavelmente, tivessem algo de que O acusar. Seria quase impossível fazer acusações contra Ele simplesmente porque contava boas histórias. As parábolas têm a qualidade paradoxal de revelar a verdade àqueles que querem recebê-la ao mesmo tempo que ocultam-na dos que a rejeitariam. As parábolas de Jesus também causavam impressões duradouras na mente de Seus ouvintes que seriam renovadas e intensificadas cada vez que as cenas descritas nas parábolas viessem à mente ou fossem novamente vistas.

O mais importante a ser lembrado na interpretação de uma parábola é descobrir a lição que o pregador tinha em mente ao ilustrá-la, e não ler nela nada mais do que o pretendido. Não raras vezes, a explicação acompanha a parábola (e.g. Luc. 7:41-47; 11:11-13), ou está implícita no contexto (cap. 16:19-31 cf. Vs. 13-17). As circunstâncias,

pessoas presentes, ou o problema em discussão freqüentemente provêem a chave da interpretação. Antes que o real significado de uma parábola possa ser conhecido no âmbito espiritual, é necessário entender a narrativa nos termos dos costumes e modos de pensamento e expressão Orientais (Mat. 25:1-13; etc.) Uma parábola é uma palavra viva que deve ser *vista* distintamente antes que sua lição possa ser claramente *entendida*. Em vista do fato de que um parábola ser dada a fim de ilustrar uma verdade, e geralmente *um* aspecto particular da verdade — que está explícito ou implícito no contexto — os detalhes incidentais da narrativa são importantes somente quando contribuem a um esclarecimento daquele ponto da verdade, e freqüentemente servem somente para complementar a história. Esses detalhes não devem ser considerados como um significado enigmático, e nem podem ser a base de pontos de doutrina.

As listas das parábolas de nosso Senhor Jesus diferem porque nem todas concordam com o que se chamariam de “parábolas de Jesus”. O tamanho é uma consideração importante (Mat. 5:14, 15), mas algumas ilustrações sempre consideradas como parábolas são muito curtas (13:44-48). Outro fator é se as ilustrações alegóricas tais como João 10:1-6; 15:1-8 deveriam ser consideradas como parábolas, estritamente falando.

PARAÍSO. [gr. *paradeisos*, palavra emprestada do Persa Antigo *pairidaeza*, “reclusão”, “parque real”]. Expressão que ocorre três vezes no N.T.: Luc. 23:43; II Cor. 12:4; Apoc. 2:7. Paulo cita o lugar do Paraíso como “o terceiro céu” (II Cor. 12:2, 3). João o descreve como o lugar da árvore da vida (Apoc. 2:7), um fato que relaciona o “paraíso” do N.T. ao jardim do Éden é chamado *paradeisos* (Gên. 2:8, 15; Ez. 31:8).

PAROTTI, DUÍLIO (1928-1979). *Pastor e departamental. Nasceu no dia 7 de junho de 1928, em São Paulo, SP. Fez seus estudos no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) e no *Ginásio Adventista Paranaense (GAP). Cursou Teologia no IAE/SP, formando-se em 1951. Seu entusiasmo pelo ministério era tão grande que começou a trabalhar em janeiro de 1952. Em maio de 1954, casou-se com Enid de Souza com quem teve um filho, Duílio Parotti Júnior.

Foi ordenado ao ministério no dia 1º de setembro de 1957. Foi pastor distrital até 1963 e a partir de 1964 liderou o departamento de *Escola Sabatina e Atividades Missionárias; posteriormente foi assistente do Departamento Ministerial e dirigente do setor de Comunicação da *Associação Paulista Sul da IASD.

Seu ministério foi caracterizado por profunda consagração, otimismo e um sorriso constante. Suas mensagens eram carregadas de ânimo e alegria. Sua presença contagiava a todos.

Sábado, dia 9 de junho de 1979, dirigiu-se a Santos, com a família para dar cumprimento ao seu programa de trabalho, quando sentiu-se mal após a Escola Sabatina, pouco antes do culto divino. Faleceu no mesmo dia vitimado por um enfarto.

PÁSCOA. Festival anual de celebração da *Ressurreição de Cristo, que agora cai no primeiro *Domingo após a primeira lua cheia no ou após o equinócio de inverno (21 de março). A palavra Páscoa vem do hebraico *Pesach*. Nas línguas saxônicas, o nome indica uma associação com o *Eostur-monath*, mês de abril, quando se comemorava a morte do inverno e a recuperação da vida, atmosfera simbolicamente ligada à ressurreição. Com a chegada do cristianismo, o nome foi transferido para uma Páscoa cristã, que ocorria na mesma época. O N.T. não dá nenhuma evidência explícita de uma celebração comemorativa da ressurreição (At. 12:4). Porém, os cristãos primitivos parecem ter

continuado a observância da Páscoa (At. 20:6) e podem tê-la considerado a observância da Paixão (cf. I Cor. 5:7, 8). Os apóstolos João e Filipe são referidos como tendo guardado a Páscoa dessa maneira, e tal celebração parece ter sido uma prática definitivamente estabelecida desde o tempo de Xisto I de Roma (*c.* 116 - *c.* 125 A.D.).

Aproximadamente em 150 A.D., levantou-se a controvérsia Quartodécima (“quatorze”) quanto a se a Páscoa deveria comemorar a Paixão e coincidir sempre no *décimo-quarto* dia de Nisan, a Páscoa (como era a prática na Ásia), ou se deveria celebrar a ressurreição e ocorrer em um domingo anualmente estabelecido, sem considerar data, de acordo com outra tradição que então tinha-se tornado uma prática geral. Esses dois pontos de vista podem refletir diferenças entre os calendários judaico e de Qunrâm. A controvérsia foi finalmente resolvida no Concílio de Nicéia (325 A.D.) em favor da última idéia. A respeito do *batismo como comemoração bíblica da ressurreição (Veja Rom. 6:3-5), considerando a origem pagã do dia, os ASD não celebram a Páscoa.

Em 1887, Urias Smith escreveu que a Páscoa “tem um sabor dos costumes da Igreja Protestante ainda não completamente desmamada da Mãe Roma” (*Review and Herald*, 22 de março de 1887). No ano seguinte (*ibid.*, 3 de abril de 1888), L. A. Smith alegou, como razão para a não-observância ASD do dia, o fato de que “não encontramos ali [na Bíblia] nenhuma menção da Páscoa ou da Quaresma ou Sexta-feira Santa ou de várias outras festas e dias de jejum que a Igreja de Roma sempre tem comemorado e que as igrejas protestantes também estão rapidamente começando a tornar tão notáveis.”

PASSOS, JOÃO BATISTA RODRIGUES DOS (1905-1988). *Pastor departamental, professor e administrador. Nasceu no dia 13 de dezembro de 1905.

Desenvolveu diversas atividades dentro da organização adventista. Em 1918 foi batizado na Igreja Adventista do 7º Dia.

No ano de 1928, casou-se com Elza Marquart, de cuja união nasceram duas filhas: Elsy e Anita.

No começo da década de 30, lecionou na *Escola Adventista de Rolante, RS. Depois, em 1930, foi para o "Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), como *Preceptor.

Em 1940, foi transferido para o antigo *Instituto Teológico Adventista (ITA) atual *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), onde também foi preceptor.

Na década de 50, foi diretor do IACS e o único a passar por tal administração de forma efetiva.

Além de distrital em Taquara e Cachoeira do Sul, RS, o Pr. Passos foi departamental no campo gaúcho por três vezes. Após 35 anos de serviços prestados à Igreja Adventista, jubilou-se em 1966.

Faleceu no dia 7 de fevereiro de 1988, aos 83 anos de idade, em Peruíbe, SP.

PASSOS, JOSÉ RODRIGUES DOS (1902-1987). *Pastor, professor e administrador. Nasceu no dia 9 de janeiro de 1902, em Rolante, RS. Era filho de José Rodrigues dos Passos e Maria Emília dos Passos, irmã do primeiro pastor brasileiro a receber ordenação — José Amador dos Reis.

Em 1905, sua família aceitou a mensagem adventista quando ele tinha três anos de idade.

Em 1917, foi batizado pelo Pr. *Henrique Mayer, tornando-se membro da *IASD de Rolante, RS, até 1920, quando veio estudar no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Sendo sua mãe, nessa época, viúva e sem muitos recursos, pôde custear seus estudos através do trabalho da *Colportagem.

Em 29 de dezembro de 1926, casou-se com Adelina Benincassa, sua colega de classe e da união matrimonial nasceram: Paulo, Esther, Daniel, Rute e Helena.

Em março de 1927, concluiu o curso teológico; o casal seguiu para Jacupiranga, no vale do Ribeira, SP, onde atendeu alguns interessados.

Ordenado como pastor no Rio de Janeiro em 9 de janeiro de 1932, trabalhou na *Missão Rio-Minas da IASD como evangelista e assim realizou 28 séries de conferências públicas, ajudando em outras 12 durante seu ministério. Batizou mais de 2.500 pessoas das quais, 800 foram fruto de seu trabalho pessoal.

Atuou também como Departamental de Jovens, e Educação, professor de Educação Religiosa, presidente da *Associação Paranaense, da *Associação Sul Rio-Grandense e da *Missão Mato-Grossense da IASD, *Jubilou-se em 1961.

Faleceu no dia 31 de janeiro de 1987, aos 85 anos de idade e 55 de ordenação em Curitiba, PR.

PASTOR. Ministro ordenado ou licenciado ligado a uma igreja ou distrito pela associação ou comissão da Associação e pago pela Associação. Não é considerado um oficial regular de tal igreja, mas é o líder da igreja e auxilia os oficiais a realizarem suas tarefas. Ele tem responsabilidade pelo púlpito, comumente é o presidente da comissão da igreja, é um membro *ex officio* de qualquer outra comissão, mas dirige sua igreja por influência mais do que por outra autoridade conferida a ele.

Nos dias iniciais da denominação, as igrejas não tinham pastores; os pregadores intinerantes e evangelistas visitavam-nas ocasionalmente, mas as igrejas funcionavam sob seus anciões locais.

Escrevendo na **Review and Herald* em 1883, W. H. Littlejohn, em uma série de artigos "**Manual da Igreja*", notificou que, no

momento, o trabalho do pastor era essencialmente evangelístico. Atenção suficiente era dada a outras igrejas mais antigas a fim de mantê-las em "boa ordem".

PATRONATO ADVENTISTA DO BRASIL "DONA CÉLIA VARGAS DE SOUZA". No dia 27 de fevereiro de 1967, foi inaugurado o Patronato "Dona Célia Vargas de Souza", em Palmeira das Missões, RS. Foi o primeiro Patronato Adventista do Brasil.

Foi fundado por Dona Célia V. de Souza, esposa do ex-Deputado Federal, Dr. Hermes Pereira de Souza e Dona Alaíde Ardenghi, esposa do então Prefeito Municipal daquela cidade. Começou a funcionar com 16 meninos.

A ex-diretora dessa entidade jurídica quis que a *Associação Sul Rio-Grandense da IASD, a dirigisse pelo prazo mínimo de 20 anos.

Funcionou dentro dos princípios e estatutos da Associação Sul Rio-Grandense da IASD.

O prédio do patronato tem 2 pisos e comporta até 70 meninos, contendo 2 apartamentos mobiliados, cozinha e refeitório.

PECADO. O ato, atitude ou condição de rebelião contra, ou separada, de *Deus da parte de uma pessoa moralmente livre. Os termos da *Bíblia para o pecado caracterizam-no como errar o alvo, falha, falta (heb. *chatta'th* e relacionadas com gr. *hamartia)*; rebelião ou infidelidade deliberada (heb. *ra',* Gr. *anomia*, "falta de lei", e *asebeia*, "impiedade"); mal; impiedade ou falta de justiça; culpa e transgressão.

O pecado originou-se no Universo antes da *Criação do homem, quando um ser angélico, *Lúcifer, escolheu deliberadamente tornar-se Satanás, o adversário (Veja Ez. 28:12-17 e Is. 14:12-14). Algum tempo depois da criação do homem, Satanás, no disfarce de uma serpente (Gên. 3:1-6), incitou Adão e Eva a se rebelarem contra um comando divino

específico designado para simbolizar a soberania do Criador. (Veja **Mal, Origem do; Satanás e Seus Anjos**).

A suprema auto-revelação de Deus na vida, morte e *Ressurreição de *Jesus Cristo é a resposta e solução divina para os problemas universais e pessoais do pecado. Aceitando o sacrifício de Cristo na cruz, o pecador reconhece a justiça de Deus em condenar o pecado, e se dedica a uma vida de obediência à vontade divina (Veja **Conversão; Justificação; Novo Nascimento**). O plano da salvação demonstra perante o Universo, de uma vez por todas, a justiça divina em condenar expressamente o pecado e, ao mesmo tempo, a misericórdia divina ao prover que pecadores possam, não obstante, gozar de vida eterna se se arrependerem e aceitarem as provisões divinas.

Na teologia cristã tradicional, "o pecado original" é a culpa moral pessoal pela transgressão de Adão herdada por todo homem. Os ASD não ensinam a idéia de que culpa pessoal e individual tenha passado aos descendentes de Adão por causa de seu pecado. Enfatizam, sim, que seu pecado resultou na condição de alienação de Deus na qual cada ser humano é nascido. Essa alienação envolve uma tendência interior de cometer pecado. Em um estado de pecado, a vida de um homem é centrada em si mesmo; a conversão, porém reorienta a vida e a centraliza em Cristo.

A literatura ASD tem estado preocupada com os problemas do pecado primariamente em nível prático; em nível teológico, a preocupação tem sido principalmente com seu relacionamento para com a lei moral de Deus como a "transgressão da Lei" (I João 3:4). Desse ponto de vista, *John Nevins Andrews escreveu na *Review and Herald*, 23 de fevereiro de 1869): Pecado "é rebelião armada contra o Todo-poderoso. É alta traição contra o governo de Deus. É o princípio de o mal contender contra o bem por um lugar no Universo." Mostrou-se interesse na origem do pecado em um Universo bom em artigos tais como "Deus não é o Autor do Pecado", de John Nevins Andrews e

“Origem do Mal”, de *Roswell F. Cotrell na *Review and Herald* de 1869 e 1875, respectivamente.

O conceito ASD da origem do pecado e da maneira como Deus trata com ele, é melhor exposto no capítulo “Por que foi permitido o Pecado?”, em *Patriarcas e Profetas* e “O Origem do Mal”, em *O Grande Conflito*, ambos de Ellen White. A Srª. White define o pecado como egoísmo: “O pecado se originou na satisfação do eu” (*DTN*, 21). Sobre sua origem, ela escreveu:

> Deus não ordenou que o pecado existisse, mas previu sua existência e fez provisão para suprir a terrível emergência (*DTN*, 22).
>
> O pecado se originou com ele, que depois de Cristo, tinha sido o mais honrado por Deus. ... Pouco a pouco, Lúcifer condescendeu com o desejo de exaltação própria (*PP*, 35).
>
> É impossível explicar a origem do pecado e dar a razão para sua existência. ... Nada é mais plenamente ensinado nas Escrituras do que a verdade de que Deus não é responsável pela entrada do pecado: que não houve retirada arbitrária da graça divina, nenhuma deficiência no divino governo, que tenha dado ocasião para o surgimento de rebelião. O pecado é um intruso, por cuja presença nenhuma razão pode ser dada (*GC*, 495, 496).

A Srª. White relata como segue sobre o propósito de permitir o pecado ter livre curso:

> Foi portanto necessário demonstrar perante os habitantes do céu e de todos os mundos, que o governo de Deus, é justo, sua lei é perfeita. Sua obra (de Satanás) deve condená-lo. ... O Universo inteiro dever ver o enganador

> desmascarado. ... Os habitantes do céu e dos outros mundos, estando despreparados para compreender a natureza e as conseqüências do pecado, não poderiam então, ter visto a justiça de Deus ao destruir Satanás. ... Para o bem de todo o Universo pelas eras sem fim, ele deve mais plenamente desenvolver seus princípios, que suas acusações contra o governo de Deus pudessem ser vistas sob sua verdadeira luz por todos os seres criados, e a justiça e a misericórdia de Deus, bem como a imutabilidade de Sua lei, pudessem para sempre ser postas fora de toda questão. A rebelião de Satanás deveria ser uma lição para o Universo, durante todas as eras vindouras — perpétuo testemunho da natureza do pecado e de seus terríveis resultados. ... Assim, a história desta terrível experiência com a rebelião seria uma salvaguarda perpétua para todos os seres santos, para impedir que fossem enganados quanto à natureza da transgressão, para salvá-los de cometer pecado e de sofrerem sua pena (*PP*, 23, 24).

PECADO IMPERDOÁVEL. Expressão não encontrada na *Bíblia, mas baseada em algumas passagens tais como Mat. 12:31, onde *Jesus Cristo ensina que "a blasfêmia contra o *Espírito Santo não será perdoada" (Mat. 12:31; Luc. 12:10). Essa afirmação foi feita em resposta a uma declaração dos judeus por certos fariseus que, após testemunharem uma cura realizada por Jesus, disseram: "Este expele demônios pelo poder de Belzebu, o maioral dos demônios" (Mat. 12:22-24; Mar. 3:22-30). Os fariseus tinham expressado esse sentimento em outra ocasião (Mat. 9:34). Essa atitude foi tomada face à inegável evidência dada a eles de Seu divino poder: a santidade de Sua vida, que eles poderiam apenas reconhecer, o que firmemente admitiram mais tarde (João 8:46), Sua cura sobrenatural dos doentes (Mat.8:14-17; Mar.

1:29-34; Luc. 4:38-40), as expulsões de demônios (Mat. 9:32, 33; Mar. 1:21-28) e as ressurreições que realizara. Porém, recusando admitir a divindade de Cristo e ao ativamente se oporem a Ele (Mar. 3:2, 6; Luc. 5:21), eles se colocaram em uma posição em que eram forçados a explicar Sua obra em outras bases não-divinas, a assim reputaram a Satanás a obra de Deus, fechando suas mentes à evidência do Espírito Santo (Mat. 12:25-29). O Espírito Santo imprime a verdade na mente e coração (João 14:17; 16:13) e convence do pecado (João16:8). Mas, embora Deus seja "longânimo e grande em misericórdia" (Núm. 14:18), "não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento (II Ped. 3:9), Seu Espírito não trabalhará para sempre no coração empedernido (Gên. 6:3). Se a verdade é persistentemente resistida e recusada, a voz do Espírito Santo cessa de ser ouvida e a alma é deixada em terrível escuridão. Isso é possivelmente a condição à qual Paulo se referiu quando descreveu certas consciências "cauterizadas" (I Tim. 4:2). Para um homem culpado pelo pecado contra o Espírito Santo, a *Porta da Graça já se fechou e "já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo" (Heb. 10:26, 27; Judas 12, 13). Esta foi a terrível condição do Rei Saul (I Sam. 16:14; cf. 28:6), Esaú (Heb. 12:16, 17) e Judas (veja João17:12), como será a condição de todos os impenitentes (Apoc. 22:11). Paulo solenemente advertiu seus leitores a não "apagar" (gr. *sbennumi*, "extinguir", "jogar fora", "abafar", "suprimir") o Espírito Santo (I Tess. 5:19), "no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef. 4:30).

PECADO ORIGINAL. Veja **Pecado**.

PENHA, LEÔNCIO ANTÔNIO DA (1866-1963). *Colportor pioneiro. Em 1908, foi batizado pelo Pr. *Frederico W. Spies em Santo

Antônio de Jesus, aos 42 anos de idade, sendo o primeiro batismo realizado no Estado da Bahia.

Em 1909, assistiu ao primeiro curso de *Colportagem em São Bernardo do Campo, onde localizava-se a *Casa Publicadora Brasileira (CPB), que posteriormente mudou-se para Santo André.

Logo após, dedicou-se inteiramente a essa obra, trabalhando em vários lugares do Brasil, entre eles: São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e Santa Catarina.

Casou-se em Florianópolis, retornando novamente para São Paulo, onde trabalhou por muitos anos, até jubilar-se devido a idade avançada.

Faleceu no dia 5 de março de 1963, aos 97 anos de idade, no Capão Redondo, SP.

PENTECOSTES, FESTA DE. Festival da colheita do trigo, chamado de forma variada a Festa das Semanas (Êx. 34:22), das Primícias (Êx. 34:22; Núm. 28:26), da Colheita (Êx. 23:16), e, nos tempos do *Novo Testamento., Pentecostes (Atos 2:1). Esse era um dos festivais no qual exigia-se que todos os homens hebreus "se apresentasse perante o Senhor" (Êx. 23:17), isto é, deveriam viajar até o *Santuário. Era um festival de um dia, em um dos sábados cerimoniais (Lev. 23:31). Nesse dia, ofereciam-se ao Senhor duas fatias de pão cozido com fermento juntamente com sacrifícios animais (vv. 17-20).

Os termos "Pentecostes" (de uma palavra grega que significa "qüinquagésimo") e "Festa das Semanas" referem-se à data dessas festas no 50º dia, inclusive sete semanas do dia da cerimônia das Ofertas Alçadas, que ocorria no 24º dia da Festa dos Pães Asmos, "no dia imediato após o *Sábado" (Lev. 23:15, 16). Na época de *Jesus Cristo, havia divergências entre certos fariseus e saduceus. Alguns saduceus contendiam que o Pentecostes devia ser sempre no dia após o sábado semanal, porque eles insistiam em que as Ofertas Alçadas, das

quais deviam ser contadas as sete semanas, deviam ser oferecidas no dia após o sábado *semanal*, que caía durante a Festa dos Pães Asmos (Talmude *Menahoth* 65a). Porém, prevalecia a outra posição de que "o dia imediato após o sábado" significava o 16º de Nisã, o dia após o sábado *cerimonial* que iniciava a Festa dos Pães Asmos, seguindo a oferta do cordeiro Pascal no 14º dia de Nisã.

PEREIRA, JOSÉ CLEMENTE (1882-1953). *Colportor-evangelista, pioneiro no Sul de Minas Gerais. Grande batalhador na divulgação da mensagem adventista, conseguiu com seu trabalho pessoal e voluntário converter mais de 100 pessoas.

Por muitos anos foi valoroso colportor, percorrendo a cavalo quase todas as cidades do Sul de Minas levando o *Evangelho pela página impressa e pelas suas pregações.

Faleceu no dia 21 de setembro de 1953, aos 71 anos de idade. Os seus últimos desejos foram de ser sepultado com a sua velha Bíblia, que o acompanhou em toda a sua vida, e que fosse cantado o hino "Olha Para Cima", do Hinário *Cantai ao Senhor*, nº 426".

PEREIRA, SEVERINO (-1969). Obreiro voluntário, pioneiro no Nordeste. Nasceu na Paraíba, tornou-se adventista não muito depois de a mensagem adventista penetrar no Nordeste Brasileiro.

Trabalhou por conta própria, como obreiro voluntário. Foi para Goiás, onde se destacou como fiel pregador da mensagem adventista, formando grupos pelos mais recônditos lugares daquela Missão.

Faleceu no dia 24 de abril de 1969.

PERSEGUIÇÃO. Veja **Leis Dominicais; Liberdade Religiosa.**

PERSEVERANÇA. Na teologia Calvinista, a "perseverança dos santos" denota a continuidade inalterável da nova vida em Cristo como a experiência dos que têm sido eleitos por Deus para a salvação. Este poder especial para perseverar encontrou expressão na afirmação popular, "uma vez na graça, sempre na graça". Esta doutrina foi primeiramente estabelecida por Agostinho, no quarto século, e defendida pelas igrejas na tradição calvinística como uma conseqüência lógica da doutrina da eleição. Veja **Predestinação.**

Os ASD nunca defenderam tal doutrina, pois as Escrituras explicitamente declaram que uma pessoa pode cair após ter aceito a Cristo como Seu salvador, perdendo assim a vida eterna (Heb. 6:4-6; Ez. 3: 20). De fato, os ASD não defendem a teoria de Calvino bem como seu resultado, a perseverança dos santos. Eles crêem, pelo contrário, que Deus desejou que, ou predestinou todos os homens para a salvação em Cristo Jesus (I Tim. 2:4; Ef. 1:3-5), mas que esse propósito se torna efetivo somente quando a pessoa responde em fé ao convite em graça divino por sua própria vontade (João 3:16; 1:12, 13, etc.). Esta nova vida em Cristo é mantida, fortalecida e aprofundada à medida que o cristão vive uma vida de contínua e voluntária submissão à vontade de Cristo em todas as coisas (Rom 6:8-13; II Cor. 5:14; Gál. 2:20; Fil. 2:12, 13; Tiago 4:7; I João 5:18).

*Ellen G. White escreveu em 1889: "A palavra de Deus contém as condições para nossa salvação e depende inteiramente de nós cooperarmos com Ele ou não" (5*T*, 692). Novamente em 1900, ela escreveu:

> "As Escrituras tornam claro que aqueles que uma vez conhecem o caminho da vida e se alegraram na verdade estão no perigo de cair em apostasia e se perderem.

Portanto, há necessidade de uma conversão diária e decisiva” (*SDABC*, vol. 6, 1115).

Que seja possível para um homem uma vez salvo pela graça cair novamente e perder a salvação, é evidente de passagens como Ez. 33:13; I Cor. 9:27; Heb. 6:4-6; 10:26, 27.

Com efeito, o pecador salvo pela graça deve perseverar até o fim para que seja salvo (Mat. 10:22; II Ped. 1:10, 11). Mas tal perseverança resulta da cooperação contínua do cristão com a graça divina em sua vida, não de um poder irresistível, tomando posse dele, como Calvino ensinava.

PESTANA, CÂNDIDO GOMES (1888-1966). Primeiro adventista em Vitória, ES. A mensagem adventista lhe foi transmitida pelo *Colportor Guilherme Valla, em 1918.

Exerceu cargos de *Ancião da Igreja e *Diácono, além de disseminar o *Evangelho para muitas pessoas.

Maria Gomes, sua esposa, trabalhou na *Colportagem por 40 anos.

Faleceu em 1966, aos 78 anos de idade.

PETRI, JOHANN PHILIPP (1718-1792). *Pastor e escritor alemão a respeito das profecias; em alguns aspectos, o precursor das interpretações adventistas relacionadas às 70 semanas e os 2.300 dias.

Enquanto trabalhava como Pr. da Igreja Reformada em Seckbach, agora subúrbio de Frankfurt am Main, de 1746 a 1762, ele escreveu vários tratados sobre as profecias.

Petri encontrou a chave para a cronologia dos 2.300 dias (Dan. 8:14) nas 70 semanas (Dan.9), iniciando 453 anos antes do nascimento de Cristo, situando a morte de Cristo no meio da 70ª semana, encerrando

os 2.300 dias, como anos, 1847 após o nascimento de Cristo (*Aufschluβ der Zahlen Daniels und der Offenbarung Johannis,* [“Exposição do Cômputo de Daniel e o Apocalipse de João”] reeditado pela Advent-Verlag, Hamburg).

Se for calculada como 4 a.C., a data do nascimento de Cristo geralmente aceita nos dias de *Guilherme Miller, o ano “1847 após o nascimento de Cristo” de Petri era equivalente ao 1843/1844 de Miller. Porém, Miller chegou a suas conclusões independentemente.

Petri não iniciou um movimento, mas sua cronologia talvez tenha influenciado escritores posteriores. No amplo movimento do século dezenove, muitos olhavam para 1843, 1844 ou 1847 como sendo o fim dos 2.300 dias proféticos, embora necessariamente não conhecessem a Petri.

PITA, PLÁCIDO DA ROCHA (1911-1982). *Colportor, *Pastor, pioneiro da mensagem adventista no Sertão Baiano. Nasceu no dia 23 de novembro de 1911, na cidade de Batalha, AL. Aceitou a mensagem adventista em 1936, ingressando na *Colportagem. Durante vários anos, disseminou a página impressa e, posteriormente em 1937, penetrou em Juazeiro, Bahia, dando início à obra Adventista no sertão baiano.

Durante os primeiros tempos do seu ministério foi um verdadeiro desbravador, levando a mensagem aos mais distantes pontos do interior, viajando sobre o lombo de seus jumentos, conhecidos como “Superbom” e “Sputinik”. Muitas vezes precisou dormir em plena mata e ficar até dois meses longe de casa. Mas seu trabalho produziu abundantes frutos: 3.200 pessoas batizadas na IASD e 8 igrejas estabelecidas.

Casou-se com Cecília, de cuja união nasceram 9 filhos (três dos quais obreiros). Trabalhou até seus últimos dias. Quando se preparava para iniciar uma *Semana de Oração na igreja de Brotas, em Salvador, Bahia, sofreu um derrame.

Faleceu no dia 24 de julho de 1982, aos 71 anos de idade.

PLANO DE AÇÃO "COLHEITA 90" - "ALCANÇAR OS NÃO-ALCANÇADOS". O Plano de Ação Colheita 90 foi uma campanha evangelística que abrangeu a Igreja Adventista do 7º Dia no mundo todo. Teve seu início no dia 1º de julho de 1985, estendendo-se até julho de 1990.

A *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) coordenou este trabalho no Brasil.

O Objetivo era integrar todas as forças da Igreja Adventista na pregação do Evangelho, batizando novas pessoas e conservando os já batizados.

O alvo da DSA foi batizar 350.000 novos membros, sendo que até 30 de junho de 1987 já havia alcançado 42,59% deste alvo e em setembro de 1989 chegou-se a 35.000 batizados.

O Alvo proposto da *Associação Geral da IASD (AG) foi de 2.000.000 pessoas.

- Idéias em que se fundamentaram o Plano de Ação Colheita 90:
- Fontes de Orientação: Bíblia, Escritos do Espírito de Profecia e Manual da Igreja.
- Somente por Seu Espírito.
- Semear, colher e conservar.
- Ênfase sobre a família.
- Alcançar os não-alcançados.

Organização para a ação: Conselho Distrital, Conselho de Evangelização, Comissão de Educação, Unidades Evangelizadoras, Minifiliais da Escola Radiopostal, Departamento de Capelania em Instituições Médicas e outras.

Em 1988, escolheu-se um dia para comemorar o "Dia de Não Fumar" com o apoio de Missões, Associações e uniões.

Foram elaborados seminários sobre “As Revelações do Apocalipse” para esta Campanha da Colheita 90. Em 1986, Programa Centralizado na Igreja ou Congregação; 1987 - Programa Centralizado na Unidade Evangelizadora; 1988 - Programa Centralizado na Família; 1989 - Programa Centralizado no membro da Igreja; 1990 - Todos com tudo.

Na *Revista Adventista foi dedicada uma seção especial onde havia promoção, instrução e informação sobre este Plano de Ação

No período deste Plano de Ação foi instalada a primeira Emissora de Rádio, localizada na Ilha de Guam. O Projeto contava com a instalação de 4 emissoras que atingissem todos os continentes.

Fatores que mais contribuíram para o crescimento da Igreja na Divisão Sul-Americana neste período:

- A clara visão dos obreiros e membros da missão da Igreja;
- Ênfase da administração sobre o programa de evangelização dos obreiros leigos;
- Participação atuante das instituições educacionais, saúde, editoras, indústrias, no evangelismo;
- Classes bíblicas, e batismos permanentes nas congregações e escolas;
- Programa de batismos regulares e freqüentes em cada igreja;
- Participação dos jovens e juvenis em projetos evangelísticos;
- Trabalho dos colportores e distribuição de literatura pela Igreja;
- Programas de rádio e TV com as escolas radiopostais;
- Seminários “As Revelações do Apocalipse”;
- O Projeto Pioneiro: um grupo de membros da igreja deixando sua Igreja-Mãe e saindo para formar uma nova congregação.

No período da Campanha “Colheita 90”, a DSA passou a ser a segunda Divisão em número de membros.

Em 1989, o último ano do qüinqüênio, alcançou a maior quantidade de batismo ocorrida durante toda sua história: 94.894. No qüinqüênio foram batizados 419.842 novos membros.

Comparação de crescimento na Colheita 90:

ANOS	MEMBROS	IGREJA	GRUPOS	OBREIROS	BATISMOS
1985	657.486	2.137	5.556	11.487	70.247
1989	941.527	3.089	6.387	14.328	94.894

PLANO DA SALVAÇÃO. Veja **Salvação.**

PLANO DE ASSISTÊNCIA E LAR AO MENOR ABANDONADO (PROJETO P.A.L.M.A.). O Plano de Assistência e Lar ao Menor Abandonado é um projeto da *Associação Paulista Central da IASD, sediada em Campinas, SP.

Este projeto começou em setembro de 1984, quando Ester Stockler Benevides entrou em contato com a Igreja Adventista comunicando que havia uma senhora chamada Josefina Carnielle que queria doar algumas terras. Ao doar as terras, ela queria que houvesse um compromisso de iniciarem as construções de uma estância de repouso em um ano.

Em 23 de novembro de 1985 Dona Josefina passou a escritura de três terrenos para a Associação Paulista Central. A construção das casas iniciou-se em 1989.

O Projeto P.A.L.M.A. localiza-se no município de Araçoiaba da Serra, SP, e foi inaugurado no dia 27 de maio de 1990 com a presença de Dona Josefina Carnielle, que desatou a fita inaugural.

PONTA PEQUENA. Veja **Daniel, Interpretação de.**

PORTA ABERTA E FECHADA. Expressão derivada de Apoc. 3:7-8, onde Jesus Cristo é descrito como aquele que "abre, e ninguém fechará; e que fecha e ninguém abre" (alusão a Is. 22:22), e como Aquele que diz à Igreja de Filadélfia, "Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar." Os ASD têm aplicado esses textos ao fechamento da primeira fase e à abertura da segunda e final fase do ministério de Cristo no céu, onde Ele têm sido o Sumo Sacerdote desde Seu sacrifício na cruz (Veja **Santuário**). O ministério duplo de Cristo era prefigurado pelo serviço do antigo sumo sacerdote que servia "de exemplo e sombra das coisas celestiais" (Heb. 8:5). No Santuário terrestre ele servia diariamente no lugar santo, o primeiro compartimento do Santuário, e uma vez por ano no Santíssimo, o compartimento interior, onde estava a arca com os Mandamentos de Deus e sobre a qual aparecia a visível glória do Senhor. Esta entrada no Santíssimo acontecia no *Dia da Expiação na cerimônia da purificação do Santuário (Lev. 16).

Aplicando o tipo de Cristo, *Ellen G. White declarou:

> Então Jesus Se levantou e fechou a porta do lugar santo e abriu a que dá para o lugar santíssimo e passou para dentro do segundo véu, onde permanece agora junto da arca e onde agora chega a fé de Israel.
>
> Vi que Jesus havia fechado a porta do lugar santo e que nenhum homem poderia abri-la; e que Ele havia aberto a porta para o Santíssimo, e que homem algum poderia fechá-la (Apoc. 3:7 e 8); e que uma vez que Jesus abrira a porta para o santíssimo, onde está a arca, os mandamentos têm estado a brilhar para o povo de Deus, e eles estão sendo testados sobre a questão do sábado (*PE*, 42).

Esta aplicação corrigiu, não imediatamente mas eventualmente, um mal entendido da porta fechada da parábola das Dez Virgens — uma concepção errônea que tinha-se derivado do movimento Milerita de 1844.

Os Mileritas tinham baseado sua expectativa do retorno de Cristo principalmente na profecia de Daniel sobre a purificação do Santuário no fim dos 2.300 dias proféticos (Dan. 8:14). No clímax do movimento, em 1844, eles relacionaram esta profecia à cerimônia de purificação do Dia da Expiação como tipificando o fim da mediação de Cristo pelos pecados (embora vissem a purificação do Santuário como a purificação da Terra nas chamas finais). Ao mesmo tempo davam grande e especial ênfase à parábola profética das Dez Virgens (Mat. 25).

Guilherme Miller igualou esta mensagem do esperado *Segundo Advento ao "*Clamor da Meia-noite" da parábola ("Eis no noivo"), e enfatizou o ponto de que as virgens sábias, que estavam prontas para receber o noivo, entraram com ele no casamento, onde a porta foi fechada após elas, deixando as virgens néscias para fora. As virgens ele interpretou como sendo os que foram intimados a se encontrarem com o Senhor; o casamento, o reino eterno, de onde os que não estiverem prontos serão para sempre excluídos. "A porta foi fechada" ele disse, "significa o fechamento do reino mediatório, e o final do período do Evangelho"(Guilherme Miller, *Evidence . . . of the Second Coming of Christ*, 1840 ed., p. 237).

Diferente da maioria que esperava o breve retorno de Cristo (Veja **Pré-milenismo**), os Mileritas davam forte ênfase ao ensino de que na vinda de Cristo, cada ser humano estaria pronto ou não para se encontrar com Ele, e que a oportunidade para a salvação cessaria então. Em linguagem teológica foi chamada de fechamento da porta da graça. Os Mileritas ensinavam —

> que o ensino de um tempo de provação após a vinda de Cristo é uma armadilha para a destruição, inteiramente contrária à Palavra de Deus, que afirmativamente ensina que quando Cristo vier, a porta estará fechada, e os que não estiverem prontos nunca poderão entrar (“Boston Second Advent Conference”, *The Signs of The Times*, 1 de junho de 1842).

Sendo que eles esperavam que Cristo retornasse no fim dos 2.300 dias proféticos, eles tinha enfatizado o fechamento da porta da graça no fim daquele período. Portanto, por um curto período após o desapontamento de outubro de 1844, Miller e muitos outros pensavam que seu trabalho para o mundo estava realizado, que havia somente um pequeno tempo ainda — talvez somente alguns dias ou meses — até que Cristo viesse. Em dezembro de 1844 Miller escreveu:

> Temos realizado nosso trabalho advertindo pecadores e tentando despertá-los de uma igreja formal. Deus em sua providência fechou a porta; só podemos nos animar uns aos outros a sermos *pacientes*; e sermos diligentes para tornar nosso chamado e eleição seguros. Estamos agora vivendo no tempo especificado por Malaquias 3:18, também em Daniel 12:10, e Apocalipse 22:10-12. Nessa passagem, não podemos ver outra coisa a não ser que um pouco antes da volta de Cristo, haveria uma separação entre os justos e ímpios, entre os que amam sua vinda e entre os que a odeiam. E nunca, desde os dias dos apóstolos, houve tal divisão como no 10º ou 23º dia do 7º mês judaico (Guilherme Miller, carta no *Advent Herald*, 11 de dezembro de 1844, p. 142, reimpresso no *Western Midnight Cry*, 2 de Dezembro de 1844).

Outros se expressaram de igual modo a princípio. Mas Josué V. Himes, amigo mais preeminente de Miller, e outros defendiam que sendo que Cristo não tinha vindo, o período profético dos 2.300 dias não devia ter-se encerrado em 1844; que ele devia se estender a outra data futura, e portando que o cumprimento do "clamor da meia-noite" da parábola das dez virgens ainda estava no futuro; e que o movimento de outubro de 1844 (Veja **Movimento do Sétimo Mês**) era um erro e não um cumprimento da profecia. Na primavera de 1845, o principal grupo milerita, inclusive Miller, tinha chegado a essa conclusão. Este grupo, ainda imbuído da mensagem da idéia de que "porta" da parábola das virgens não era senão a "porta da salvação", argumentaram assim: sendo que Cristo ainda não veio, a porta da salvação ainda está aberta; portanto, a parábola das Dez Virgens ainda não encontrou cumprimento. Eles concluíram que qualquer um que ensinasse que esta parábola tinha-se cumprido devia crer que a porta graça tinha-se fechado, e portanto, devia ser *ipso facto* um herege "sem misericórdia". A frase "porta fechada" tornou-se um epíteto.

Mas uma minoria continuou a defender que o tempo tinha estado correto; que o erro tinha sido na natureza do cumprimento profético; que em outubro, 1844, os 2.300 tinham-se cumprido (embora não da maneira que esperavam); e portanto que a porta da parábola — o que quer que significasse — tinha-se fechado em cumprimento da profecia. Para eles, a frase "porta fechada" era equivalente à afirmação da crença de que o "verdadeiro clamor da meia-noite" tinha sido o clímax de uma mensagem dada por Deus e o movimento de 1844 tinha sido dirigido por Deus e permitido por Ele, em Sua providência, como um teste de sua consagração e desejo de estarem prontos para se encontrarem com seu Senhor. Naturalmente, estes consideravam a maioria, que tinha abandonado o "tempo", como voltando as costas para a verdade e negando a direção do Senhor no "clamor da meia-noite".

Alguns continuaram a defender — como Miller tinha ensinado — que a porta era a da salvação, pois eles ainda esperavam o retorno de Cristo para muito em breve. Ao passar-se o tempo, alguns defendiam que era a porta de acesso aos ouvintes — que homens obstinados e fortes tinham fechado seus ouvidos à mensagem de Deus para aqueles dias, em ambos os casos não havia chance de ganhar a aceitação de sua mensagem pelo mundo naquele tempo. O infeliz conflito sobre "porta fechada" magnificou o assunto indevidamente e prolongou o mau entendido. Como poderia ser esperado, disseminaram-se sentimentos neste tempo de confusão e desilusão.

Os extremistas sobre a doutrina da porta fechada declararam que Cristo tinha vindo, não literalmente, mas espiritualmente (Veja **Espiritualismo [1]**). Mas o pequeno grupo que formou o núcleo da futura IASD se opôs à excentricidades dos que declaravam que Cristo tinha vindo espiritualmente e a posição da maioria que negava sua "experiência passada" no movimento de 1844. Ele mantiveram sua confiança no cumprimento de 1844 e concluíram que o erro estava no evento que estiveram esperando.

Eles aceitaram a explicação do Desapontamento que foi primeiramente apresentada por Hiram Edson no dia seguinte ao Desapontamento, isto é, que o ministério de Cristo como nosso Sumo Sacerdote no Santuário Celestial não havia-se encerrado com os 2.300 dias proféticos, mas que Ele tinha entrado em outra fase, como simbolizada (1) pela entrada do Sumo Sacerdote no Santíssimo, o início da purificação simbólica do Santuário, e (2) ao vir o noivo às bodas (não à Terra); e que o fim desta fase, simbolizada pela saída do Santuário e o retorno do noivo das bodas (Luc. 12:36), ainda estava por vir, e seguiria o Segundo Advento.

Sua conservação da crença de 1844 dos 2.300 dias e separação do Segundo Advento daquele período profético livrou-os do erro a que a maioria fora suscetível — o de procurar novas datas para o fim. Mas

isso os deixou com o dilema de aceitar a doutrina da não-misericórdia ou corrigir seu ensino da “porta fechada” do ensino milerita inicial. Eles gradualmente chegaram a ver a abertura da fase final do ministério de Cristo como o fechamento da porta do lugar Santo e a abertura da porta ao Santíssimo — a abertura de uma nova mensagem do sábado e de um ministério expandido ao mundo, precedendo o Segundo Advento. Isso, porém, levou tempo.

É interessante traçar os passos pelos quais os pequenos grupos que posteriormente se tornaram os ASD saíram do dilema da porta fechada e resolveram o problema como se segue: (1) Está a porta fechada? (2) O que é a porta?

Ellen G. Harmon (mais tarde White) foi acusada de pretender revelação divina para a doutrina da não-misericórdia, o que ela negou. Mais tarde, declarou:

> Juntamente com meus irmãos e irmãs, após passar o tempo em 1844, eu cria que mais nenhum pecador se converteria. Mas nunca tive nenhuma visão de que mais nenhum pecador se converteria. ... Foi-me mostrado que havia uma grande obra a ser feita no mundo por aqueles que não tinham a luz por terem-na rejeitado. Nossos irmãos não poderiam entender isso tendo fé no imediato aparecimento de Cristo (Carta 2, 1874, em 1*ME*, 74).

Sua primeira visão (dezembro de 1844), retratou o “povo do Advento” viajando em um caminho rumo à Cidade Santa com a luz do “clamor da meia-noite” atrás deles, e entrando na cidade no Segundo Advento. Essa mensagem, para os que a aceitaram, significou a reafirmação de que a mensagem e o movimento de 1844 não tinham sido uma desilusão; ou, de outra forma, que os 2.300 dias tinham-se encerrado e a parábola, com sua “porta fechada”, tinha-se cumprido e

que brevemente eles veriam seu Senhor, que atrasava Seu aparecimento para testar sua fé.

Sua visão, em fevereiro de 1845, estava de acordo com a explicação de Hiram Edson — Cristo, o Sumo Sacerdote, indo do lugar Santo para o Santíssimo, para dentro do véu, explicado como Sua ida para receber o reino, após o que, Ele "retornaria de suas bodas" para receber Seu povo expectante no Segundo Advento. Em 1847, ela uniu esta entrada no Santíssimo ao fechamento da porta.

Portanto, Hiram Edson e Ellen Harmon ensinavam que a obra de Cristo no Santuário não se tinha encerrado mas continuava em outra fase. Porém, eles pensavam que esta fase representaria apenas um breve período.

Quando, em 1848, ela descreveu uma visão retratando as futuras publicações ASD como "torrentes de luz que iluminavam o mundo," o pequeno grupo não pôde compreender que houvesse ainda tempo e oportunidade para pregarem a mensagem ao mundo inteiro.

Em 1849, a Srª. White teve uma visão do Santuário Celestial que mais tarde apresentou o significado da "porta aberta e fechada", em conexão com a mensagem do sábado e Apoc. 3:7-8 (Veja o início deste artigo). O fechamento da porta significava a abertura de outra.

Em 1850, Tiago White relatou a admissão de um homem que "não fizera nenhuma profissão pública de religião" antes de 1845. No ano seguinte, houve uma notável mudança. Em abril, Tiago White declarou que a porta fora fechada para "aqueles que ouviram a mensagem do Evangelho eterno e a rejeitaram," mas ensinava que as seguintes classes poderiam converter-se (1) "irmãos errantes" na igreja Laodiceana (a maioria ex-milerita); (2) crianças que agora chegavam a uma idade de responsabilidade e (3) "almas escondidas" comparadas com as "sete mil" bíblicas que não tinham se prostrado perante Baal" (1 Reis 19:18), que seriam convertidas no futuro "a seu tempo," quando ouvissem a mensagem; mas no presente, ele dizia, a mensagem era para os que

estavam na Igreja Laodiceana (Nota Editorial na *Review and Herald*, abril de 1851).

Em setembro, ele relatou alguns conversos dessa terceira classe. Em dezembro, G. W. Holt, um ministro de Nova Iorque, escreveu que "em alguns lugares onde há poucos meses não havia aparentemente sinal de algum filho de Deus, estão agora florescendo." No mês seguinte, Tiago White relatou "muitos" e em maio "um grande grupo" de irmãos como os que não tinham tido nenhuma ligação com o movimento de 1844. Essas admissões parecem ter mudado a situação. Tiago White escreveu em fevereiro, estabelecendo um novo ensino da "porta fechada":

> Representa, porém, um importante evento com o qual a Igreja está ligada, que deveria ocorrer antes do retorno de Nosso Senhor *das bodas*. Esse evento não fecha a porta a nenhum filho de Deus, nem para os que impiamente rejeitaram a luz da verdade e a influência do Santo Espírito. Nota Editorial 1 na *RH*, fevereiro de 1852).

Após citar Is. 22:22 e Apoc. 3:7, 8 sobre a porta fechada e a porta aberta, ele continuou:

> Ensinamos essa PORTA ABERTA e convidamos a todos que têm ouvidos para ouvir para que entrem e achem a salvação através de Jesus Cristo. Há uma glória excedente no ensino de que Jesus ABRIU A PORTA para o Santíssimo. ... Se disserem que somos da teoria da PORTA ABERTA e do sábado do sétimo dia, não objetaremos; pois essa é a nossa fé (*ibid.*, p. 95).

PORTO, FLANKLIN M. (1896-1990) Advogado. Trabalhou num período de 34 anos como advogado e jurista da *Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Na época de guerra do Brasil contra a Alemanha, tratou de certas situações delicadas para a IASD, devido ao grande número de Adventistas de origem alemã em algumas áreas. Por isso o currículo em nossas escolas primárias era todo em língua alemã, sendo obrigadas pelo governo a fecharem-se. O Dr. Franklin e outros obreiros pleitearam a reabertura das mesmas.

Faleceu em 1990.

PÓS-MILENISMO. Veja **Milênio; Pré-milenismo.**

POSTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL ADVENTISTA "DR. WANDYR AROUCA". Localiza-se na Rua Dr. Gastão de Sá, 1620; Vila Prado; São Carlos, SP. Pertence à *Federação Paulista Oeste da IASD.

A instituição foi fundada em 1979, por um grupo de membros da IASD Central de São Carlos liderado pelo Pr. Telmo Ribas. Desde a sua fundação, o posto possui sede própria organizada em 27 de maio de 1979.

O objetivo principal da instituição está no seu slogan: "Socorrendo por Amor". Todo o trabalho prestado está na boa vontade para executar a tarefa que é feita apenas pelo amor ao próximo.

As atividades desempenhadas são atendimento médico, odontológico, enfermagem, distribuição de roupas e alimentos e orientações de tratamentos. São também, oferecidos cursos de Higiene e o *Curso Como Deixar de Fumar em 5 Dias. Os primeiros professores foram o Dr. Reinaldo Robalinho e Dr. Humberto Ricci. A sua equipe é constituída por 10 funcionários voluntários.

Na época de sua fundação, a Instituição situava-se na mesma rua porém em outra instalação no nº 1562. Em 1985, houve a oficialização e em outubro de 1989 a re-inauguração para a atual sede sob a coordenação do Pr. Dimas Targas. Este evento significou um fato marcante para a história do Posto de Assistência.

O relatório de atividades do serviço odontológico de 1990 registrou: Cirurgiões-Dentistas em atividade (3); pacientes cadastrados (132); atendimentos (388); restaurações (152); extrações (72); remoções de tártaro (36); capeamentos pulpares (9); emergências (183).

Sua primeira administração era composta por:

Diretor: Dr. Welington Dinelli;

Secretária: Prof. Haydie Lindquist;

Tesoureiro: Joedy Mayor.

Diretores: Dr. Welington Dinelli (1979-   ); Ex. Pr. Telmo Ribas; Pr. Miguel Reis Cabral, Pr. Dimas Targas, Pr. Flávio Ferraz; Tesoureiro: José Carlos Maroldi.

"POVO PECULIAR." Frase bíblica aplicada ao povo de Deus no *Antigo Testamento (Deut. 14:2; 26:18) e no *Novo Testamento (Tito 2:14; I Ped. 2:9). A palavra hebraica traduzida como "peculiar" é *segullah,* "propriedade", e as passagens designam Israel como uma possessão usurpada pertencendo apenas a Deus. Duas palavras gregas são traduzidas como "peculiar" (1) *peripoiésis,* "possessão pessoal" (I Pedro 2:9) (2) *periousios,* "escolhido", "especial" (Tito 2:14). A palavra portuguesa "peculiar" vem do latim *peculiaris,* que vem do Latim *peculim,* significando o que pertence a alguém. No inglês arcaico, "peculiar" designava algo de uma pessoa exclusivamente, e era uma tradução mais precisa dos termos grego e hebraico. Não sugeria excentricidade de aparência ou conduta, como a palavra pode significar hoje.

PRAXES DA DSA, LIVRO DE. Este livro contém as praxes (o procedimento) que foram preparadas para ajudar os administradores das organizações e instituições a familiarizarem-se com os planos gerais da *Associação Geral da IASD (AG) e os regulamentos administrativos da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA).

Há um símbolo de um “S” acrescentado ao número de código de algumas praxes para indicar que as mesmas relacionam-se exclusivamente com a DSA.

Quando há modificações de alguma praxe, consulta-se o conselho e aprovação da Comissão Diretiva da DSA, em reunião plenária.

Essas praxes dirigem a obra da Igreja Adventista em oito países da DSA, sempre que entrem em conflito com a legislação destes países.

O conteúdo deste livro está dividido assim:

I - Constituição e Estatutos
II - Praxes
Praxes Administrativas Gerais
Praxes das Divisões
Servidores - Regras para credenciar, transferir e empregar
Praxes dos Departamentos
Assistência Social
Educação
Saúde
Serviço de produção de alimentos da Divisão
Publicações
Serviços dos Escritos de Ellen G. White
A Voz da Profecia do Brasil
Várias
Ministério e Capacitação Ministerial
Aspirantes

Ordenação
Praxes relacionadas com Serviço Interdivisão e Interunião
Praxe geral
Chamados e nomeações
Servidores no local de trabalho
Períodos de serviço e férias longas
Especiais
Retornos permanentes
Serviço voluntário
Praxes Financeiras
Praxes Gerais
Praxes da Divisão
Praxes das Instituições
Dízimos
Fundos para as Missões
Recoltas
Remuneração de Servidores e Plano de Assistência
Plano de Jubilação
Plano de Jubilação e Assistência da Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil

PRECEPTOR. No uso ASD, equivalente ao deão de um grupo de homens. A deã de mulheres é chamada de preceptora.

PREDESTINAÇÃO. No sentido bíblico, a provisão divina para a redenção do homem, planejada nas era eternas antes da *Criação; o desejo divino de que todos os homens deveriam ser salvos; no sentido popular e Calvinista, um suposto decreto divino predestinando homens à salvação eterna e todos os outros ao castigo eterno. Na teologia Calvinista o primeiro é conhecido como uma eleição e o último como

uma reprovação. Os ASD aceitam a definição bíblica e negam a validade da interpretação Calvinista.

É comumente aceito pelos ASD que Deus tem perfeito conhecimento de todos os eventos — passados, presentes e futuros. Prevendo a expulsão de *Lúcifer de nossos primeiros pais, Ele ideou o plano de salvação que previa que Cristo deveria vir como substituto pelo homem culpado (João 3:16; I Ped. 1:19, 20) e que Sua graça deveria ser oferecida gratuitamente a todos os homens (Tito 2:11; II Tim. 1:9). É a vontade de Deus que todos aceitem o perdão oferecido e o dom da vida eterna (I Tim. 2:3, 4; II Ped. 3:9; Ez. 33:11).

Como resultado de seu pecado, Adão passou para sua posteridade uma natureza pecaminosa inclusive a tendência de pecar e os resultados naturais do pecado. Com o pecado veio a morte (Rom. 5:12), mas Cristo morreu para que o homem pudesse viver (João 3:16; Rom. 5:18). Sobre a cruz Ele proveu salvação para todos os homens como uma dádiva; Ele agora convida a todos que aceitem o dom e o concede a todos os que O aceitam (João 1:12; Ef. 2:8, Apoc. 22:17). Que a própria vontade do homem é um fator determinante em seu destino pessoal é evidente do fato de que Deus continuamente apresenta os resultados da obediência e desobediência e concita o pecador que escolha a obediência e a vida (Deut. 30:19; Jos. 24:15; Is. 1:16, 20; Apoc. 22:17); e do fato de que é possível ao crente, tendo uma vez sido um recipiente da graça, cair e se perder (I Cor. 9:27; Gál. 5:4; Heb. 6:4-6; 10:29). Veja **Mal, Origem do; Homem, Doutrina do; Perseverança.**

Deus pode prever cada escolha individual que será feita, mas Sua presciência não determina qual será tal escolha. A falácia básica do Calvinismo com respeito à predestinação é que ele ignora totalmente as consistentes e repetidas afirmações das Escrituras a respeito da validade e efetividade da escolha humana como fator determinante na salvação de cada homem. A predestinação bíblica consiste no propósito efetivo de

Deus de que todos os que escolhem crer em Cristo serão salvos (João 1:12; Ef. 1:4-10).

Nos séculos primitivos da igreja cristã Tácito (*c.* A.D. 160), Irineu (*c.* 130-200 A.D.) e Tertuliano (*c.* 160-220 A.D.) ensinavam a doutrina do livre arbítrio. Orígenes (*c.* 185-254 A.D.) era um inimigo feroz da doutrina da predestinação incondicional. No 16º século Zwínglio, Lutero e Calvino aceitaram a predestinação como ensinada previamente por Agostinho. Armínio (1560-1609) reagiu contra o Calvinismo e ensinava a predestinação condicional, enfatizando a fé. A respeito da predestinação, os ASD, no sentido geral, são da tradição Arminiana.

O entendimento ASD da predestinação foi habilmente exposto por Urias Smith, que, escrevendo como editor da *Review and Herald*, ressaltou:

> Cremos que Deus realmente decretou desde o princípio que todos os que nEle cressem seriam salvos e que os que assim não escolhessem se perderiam; mas deixou o homem perfeitamente livre para fazer sua própria escolha. . . .
>
> Cada indivíduo deve decidir seu próprio destino, sendo que Deus somente predestinou e decretou que qualquer que fizesse Sua vontade seria salvo e os que não fizessem se perderiam. E em harmonia com esse decreto geral, o homem é exortado a ser de todo diligente para que sua própria eleição se assegure (II Ped. 1:10). Se, portanto, qualquer um se perder, não foi porque foi assim decretado ou desejado por qualquer outro além deles mesmos; pois Deus quer que todo homem se salve (*ibid.*, 27/11/1879).

PRÉ-EXISTÊNCIA DE CRISTO. Veja **Cristologia**.

PRÉ-MILENISMO. A doutrina de que o *Segundo Advento *precede* o *Milênio; isto em contraste ao pós-milenismo, que ensina que o Advento *segue-se* ao milênio, e ao amilenismo, que torna os “mil anos” uma mera expressão figurativa, referindo-se ao reino de Cristo nesta era ou a nenhum período específico. Os ASD são pré-milenistas no sentido literal e original de defender que o Advento precede o milênio, mas não no sentido em que o termo é hoje normalmente entendido, como explicado abaixo.

I. Duas Escolas de Pré-milenismo no Século XIX. Os pré-milenistas britânicos do século dezenove eram chamados de “literalistas” em contraste com os pós-milenistas de então, que “espiritualizavam” o reino milenar de Cristo no triunfo da igreja e do Evangelho (também de melhoramento e justiça social) neste mundo. Na América, os Adventistas (ou Mileritas) consideravam os Literalistas do mundo Antigo como irmãos na “causa do breve Segundo Advento”, e como “realizando um grande e bom trabalho, vindicando a vinda do Senhor que esta à mão” em um protesto como um contra à posição pós-milenialista que pôs o Advento mil, senão 365.000 anos no futuro. Foi a mensagem do “breve Advento” e não pelos ensinos sobre os eventos ligados ao Advento, que esses literalistas — tais como Irving, Wolff e Lacunza — têm sido referidos como pregando a “mensagem” do advento (Veja, por exemplo, *GC*, 359-363).

Mas fora disso, entre os Adventistas e os outros pré-milenistas abria-se um grande abismo não era aparente, a princípio. Os dois grupos diferiam sensivelmente sobre como as profecias relacionadas ao Segundo Advento deveriam se cumprir na história:

1. *Literalistas.* O tipo literalista de pré-milenistas esperavam que Cristo estabelecesse em uma Terra parcialmente renovada um reino literal e milenar, no qual as profecias concernentes a Israel se

cumpririam aos judeus literais como povo escolhido de Deus e como os evangelizadores e juízes das nações. Neste reino, o tempo de oportunidade de todo o mundo continuaria: pecado e morte existiriam, embora permanecessem conservados sob o cetro de ferro de Cristo: e a rebelião finalmente finalizaria no fim do período. (Havia e há diferenças em detalhes, entre os pré-milenistas do tipo literalista, quanto à relação entre judeus e os redimidos e os santos imortalizados e os habitantes do reino terrestre). Essas doutrinas têm desde então se desenvolvido e proliferado nos sistemas futuristas e dispensacionalistas atuais.

2 *Adventistas (Mileritas)*. Guilherme Miller e seus colegas rejeitaram os aspectos "judaizantes" e "temporais" do milênio temporal. O contraste é claramente definido por Josias Litch, um escritor e líder Milerita no seguinte excerto. Após distinguir os adventistas do *pós-milenistas*, que crêem no reino espiritual e universal de Cristo mil anos antes de seu segundo e pessoal advento", ele os separa dos literalistas *pré-milenistas*, a quem chama de Milenistas:

> Os MILENISTAS crêem no advento premilenar de Cristo, e em seu reino pessoal por mil antes da consumação ou do fim do presente mundo, ... enquanto os Adventistas crêem que o fim do mundo ou de nossa era, a destruição da Terra, a renovação da natureza e a descida da Nova Jerusalém serão no início dos mil anos. Os MILENISTAS crêem no retorno dos judeus, como tais, até mesmo antes, no retorno ou após o advento de Cristo, para a Palestina, para possuírem aquela Terra por mil anos, enquanto os Adventistas crêem que ... Abraão, junto com todos os gentios piedosos, levantar-se-ão todos juntos, para gozar de uma herança eterna, em vez de Canaã por mil anos.
>
> Os MILENISTAS crêem que uma parte do mundo pagão será então deixada sobre a Terra, para se multiplicar e

> aumentar, durante os mil anos, e para se converterem e ser governados pelos santos glorificados durante aquele período; enquanto os Adventistas crêem que quando o Filho do Homem vier em sua glória, ... uma parte irá sofrer castigo (eterno), mas os justos viverão vida eterna. Eles (os Adventistas) não vêem nenhum tempo de oportunidade para nenhuma nação, judaica ou gentílica, após o Filho do Homem vir em sua glória, e tomar para Si seus santos de todas as nações. ([Josias Litch], "The Rise Progress of Adventism", *The Advent Shield and Review*, maio de 1844.)

O que diferenciava os Mileritas de todos os seus contemporâneos não era a marcação de datas, pois outros também marcavam datas (alguns até marcaram 1843, 1844, 1847), e sim a expectativa dos Mileritas de que o Segundo Advento traria "o fim do mundo" e deixaria somente os santos glorificados vivos. Os outros pré-milenistas (como os pós-milenistas) esperavam uma continuação do tempo de oportunidade, de pecado, de mortalidade, durante o milênio.

Essa segmentação continuou e até mesmo aumentou na diferença entre os ASD (que são herdeiros dos Mileritas) e os presentes descendentes dos literalistas do século dezenove — os modernos pré-milenistas interdenominacionais, cujos ensinos tornaram-se envolventemente futuristas e dispensacionalistas,

II. Modernas Classes de Pré-milenismo. Os primeiros pré-milenistas em geral, bem como os Mileritas em particular, eram *historicistas;* isto é, defendiam que o cumprimento das profecias Bíblicas, inclusive as do Apocalipse, deviam ser vistas no curso da história. Essa era realmente a posição da igreja iniciante; desta forma, os primeiros cristãos eram historicistas mesmo que, estando no próprio

início da história cristã, eles necessariamente olhassem para o futuro para a maioria dos cumprimentos.

A bem desenvolvida posição futurista declara que os cumprimentos da maioria das profecias, inclusive as do *Anticristo, a *Besta, os três tempos e metade de um tempo da perseguição, etc., ocorrerão no futuro, no final dos tempos e que toda a Era Cristã é um ínterim sem cumprimento profético. Enquanto os adventistas permaneceram historicistas, os pré-milenistas britânicos (literalistas) gradualmente adotaram o futurismo. Pelo início do século XX, a maioria dos pré-milenistas nas várias igrejas, pelo menos na Inglaterra e na América, era futurista. Em décadas recentes o segmento mais ativo, se não a maioria, tem sido futurista, da variedade dispensacionalista e pré-tribulacionalista.

Os pré-milenistas *dispensacionalistas* defendem uma separação extrema entre as “dispensações”, pelas quais eles designam períodos sucessivos da história do mundo. Entre os sete períodos eles tornam a “era da igreja” uma dispensação de graça, na qual a lei de Deus é considerada como inoperante — um ínterim, ou parênteses, “entre uma era judaica com a lei e uma futura dispensação judaica. Eles esperam que os códigos mosaicos, civil e cerimonial seja efetivos em um futuro reino judaico, que será uma regra para o mundo sobre as “nações” durante o milênio.

Os dispensacionalistas também defendem uma posição *pré-tribulacionista* do Segundo Advento, isto é, eles esperam pelo arrebatamento secreto dos santos (a igreja) da Terra precedendo a tribulação sob um ainda futuro anticristo. Esperam o retorno visível de Cristo. Nem todas essas posições são defendidas por todos os futuristas, ainda há uma impressão geral de que essas doutrinas são parte e porção de todo o pré-milenismo. Por isso, elas têm sido erroneamente atribuídas aos ASD.

III. ASD Como Pré-milenistas. Os ASD são pré-milenistas somente no significado literal e cronológico da palavra, aguardam o Segundo Advento antes do milênio. Eles concordam com a primeira posição adventista (Milerita) de que a vinda de Cristo traz o fim do mundo, como sabemos, e que o milênio pertence somente aos redimidos, glorificados e imortais, mas defendem que esse reino dos santos está no céu, não sobre a Terra. Veja **Milênio.**

PRÉ-MILENISTA. Veja **Milênio.**

PRESTON, RACHEL OAKES (1809-1868). Batista do Sétimo Dia que persuadiu um grupo de Adventistas a aceitar o *Sábado, e dessa maneira, a se tornarem os primeiros Adventistas *do Sétimo Dia*. Nascida em Vernon, Vermont, uniu-se à igreja Metodista e depois, à Igreja Batista do Sétimo Dia de Verona, Condado de Oneida, Nova Iorque. Mais tarde, mudou-se para Washington, New Hampshire, a fim de estar mais perto de sua filha, Delight Oakes, que lecionava lá. Quando a Srª. Oakes procurou apresentar o sábado ao grupo de Adventistas na Igreja Cristã do lugar, encontrou-os tão absorvidos na preparação para a vinda do Senhor que prestaram pouca atenção para sua literatura Batista do Sétimo Dia.

Ela conseguiu ganhar Frederick Wheeler, pregador metodista. Certo domingo, ao dirigir a *Santa Ceia para a congregação Cristã, ele enfatizou que todo aquele que professa comunhão com Cristo em culto como aquele "deveria estar pronto para obedecer a Deus e a Seus mandamentos em todas as coisas". Mais tarde a Srª. Oakes lhe disse que quase se levantara no culto para dizer que seria melhor ele cobrisse a mesa da Santa Ceia novamente até guardar todos os Mandamentos de Deus, inclusive o quarto. O episódio levou Wheeler a pensar seriamente e estudar fervorosamente e, não muito depois, em março de 1844, como

ele contou mais tarde, começou a observar o sábado do Sétimo Dia. Depois de “passado o tempo” em 1844, durante um culto de domingo na Igreja de Washington, William Farnsworth declarou publicamente que estava convencido de que o sétimo dia da semana era o sábado e que estava decidido a guardá-lo. Foi imediatamente seguido por seu irmão Cyrus e muitos outros. E a Srª. Oakes por sua vez, logo aceitou os ensinos Adventistas. Deste modo foi que o primeiro grupo de Adventistas Sabatistas veio a existir.

Autoridades discordam da datação destes eventos; por exemplo, se “passado o tempo” se referia ao desapontamento de outono.

Mais tarde, a Srª. Oakes casou-se com Nathan T. Preston e se mudou. Somente no ultimo ano de sua vida achou-se em harmonia com o que realmente veio a se tornar a Igreja ASD.

PRETERISMO. Veja **Profecia, Conceito Historicista da.**

PREUSS, AUGUSTO (1823-1912). Evangelista, secretário e tesoureiro da Conferência do Rio Grande do Sul. Nasceu no Rio Grande do Sul e dedicou sua vida especialmente ao avanço da mensagem adventista, principalmente na sua cidade natal.

Em 1908, participou da Conferência do Rio Grande do Sul, sendo secretário e tesoureiro, cargo que ocupou até 1910.

Empenhado em seu trabalho evangelístico, realizou em 1909 uma viagem por todo o Estado a fim de visitar todas as igrejas e grupos, juntamente com o Pr. *Waldemar Ehlers.

Avançado em idade, continuou a participar em programas da Escola Sabatina e outras atividades, sendo um fiel membro da IASD, até o fim da vida.

Faleceu no dia 28 de julho de 1912, aos 89 anos de idade, em Taquara, RS.

PREUSS, AUGUSTO (1886-1938). Obreiro. Nasceu no dia 03 de maio de 1886, em São Paulo, sendo batizado em Brusque, Santa Catarina.

Por ter sido educado num lar adventista, desde cedo manifestou o desejo de trabalhar na obra adventista. Por isso, em 1903, muito jovem ainda, dedicou-se a esse serviço, permanecendo até o final de sua vida.

Exerceu cargos de responsabilidade no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Faleceu no dia 21 de janeiro de 1938, aos 52 anos de idade.

PREUSS, GUILHERME GUSTAVO (1890-1983). Pioneiro adventista no Rio Grande do Sul. Nasceu em 1890, em Candelária, RS.

Seus pais aceitaram a mensagem adventista através do Pr. *Huldreich. F. Graf, em 1897, tornando-se pioneiros adventistas no Rio Grande do Sul.

Foi batizado em 1904 pelo *Pr. John Lipke. Seu irmão, *Leopoldo Preuss esteve ligado ao surgimento da *Casa Publicadora Brasileira (CPB), onde trabalhou por 58 anos. Casou-se e teve 7 filhos.

Faleceu no dia 12 de maio de 1983 aos 92 anos de idade, em São Paulo, SP.

PREUSS, LEOPOLDO (1887-1980). Pioneiro e obreiro na Obra de publicações. Nasceu no dia 08 de fevereiro de 1887.

Casou-se duas vezes, sendo Ingborg sua primeira esposa, de cuja união nasceram quatro filhos: Leopoldo, Helmuth, Ingrid e Madalena. Com Vitória, a segunda esposa, teve duas filhas: Vilma e Damaris.

Leopoldo Preuss é o único homem — de que se tem notícia — a ter trabalhado por 58 anos numa só instituição da Obra Adventista. Ele

teve apenas um emprego assalariado em toda a sua vida: obreiro da *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Quando jovem, foi também *Colportor, tendo trabalhado nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, viajando em lombo de jumento.

Sua história como obreiro da CPB começa em 1904, em Taquari, RS, quando lá chegaram os primeiros equipamentos tipográficos da *Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, antigo nome da Casa Publicadora Brasileira. Com apenas 17 anos de idade, foi ele quem começou a girar a pesada roda de ferro que movimentava a impressora, um prelo manual.

Em 1907, mudou-se com a CPB para a cidade de Santo André, onde trabalhou até 1909, indo então para Hamburgo, Alemanha, onde fez um estágio na Editora Adventista dessa cidade. Permaneceu lá por três anos, aperfeiçoando-se em artes gráficas, e então retornou à CPB, onde continuou o seu trabalho até aposentar-se, em 1962.

Além de impressor, foi de tudo um pouco: pintor, tipógrafo, pedreiro, tudo o que fosse preciso, pois o dinheiro era muito escasso na ocasião, e a publicação principal — *O Arauto da Verdade* — não ia além de oito páginas, e tinha uma tiragem pequena.

Trabalhou por 58 anos na CPB, sob nove administrações. Durante esse período atravessou os portões da Editora 58 mil vezes, fazendo a pé, de sua residência ao trabalho, um percurso de 43.500 km.

Ficou muito contrariado ao ser aposentado, pois não queria parar de trabalhar. Na verdade continuou trabalhando na editora, mesmo depois de aposentado até que finalmente encerrou suas atividades na Publicadora, mas continuou ativo em casa: limpava o quintal, podava as árvores, etc.

Foi o primeiro apicultor de Santo André. Possuía muitas caixas de abelhas, e ele mesmo extraía o mel, centrifugava-o, engarrafava-o, e

levava à São Paulo, de trem, entregando-o para ser vendido nas mercearias. Fazia isso aos domingos.

Faleceu no dia 12 de outubro de 1980 aos 93 anos de idade. Pouco antes de falecer declarou que, se fosse possível voltar à idade de 17 anos, recomeçaria a mesma vida.

PREUSS, LYDIA AZEVEDO (1918-1994). Pioneira. Irmã dos Prs. Roberto, Oswaldo e Emílio Azevedo. Casou-se com Ennis Preuss, diretor de *Colportagem.

Trabalhou como professora e diretora de escolas durante muitos anos.

Faleceu no dia 08 de julho de 1994, aos 76 anos de idade. Foi sepultada no Cemitério dos Pioneiros Adventistas de Rolante, RS.

PRIMEIRA MENSAGEM ANGÉLICA. Ver **Três Mensagens Angélicas**.

PRINCÍPIO DIA-ANO. A contagem de um dia simbólico como um ano ao interpretar períodos de tempo em profecia simbólica. Os textos bíblicos, geralmente, citados para isso são Núm.14:34 e Esd. 4:6; ambos mencionam “um dia por um ano”. Esse princípio, usado nos tempos medievais para alguns dos períodos nos livros de Daniel e Apocalipse, tornou-se uma parte básica ou historicista das profecias. Os ASD, sendo historicistas, herdaram esse método de interpretação dos comentaristas mais antigos.

De acordo com o princípio dia-ano, na profecia, um dia simbólico representa *um ano* literal, mas um ano simbólico significa o mesmo número de anos reais que há no ano simbólico. Os 1.335 dias proféticos (Dan. 12:12) são, desse modo, interpretados como 1.335 anos reais; os três anos e meio proféticos (que derivam da expressão “um tempo,

tempos e metade de um tempo”, Apoc. 12:14; cf. Dan. 7:25) são 3½ x 360 = 1.260 dias proféticos, ou 1.260 anos literais.

Os 360 dias equivalentes a um ano foram anteriormente explicados por alguns comentários mais antigos como “um ano do calendário judaico”, mas nenhum calendário anual de 360 dias é conhecido de fato. O ano judaico é lunar, com meses variáveis de 29 e 30 dias e com 12 ou 13 meses (ver *SDADic*: “*Year*”). A explicação posterior do ano profético é baseada na equivalência de vários períodos proféticos do Apocalipse: “Um tempo, tempos e metade de um tempo” = 1.260 dias (Apoc. 12:6, 14) = 42 meses (Apoc. 11:2, 3); e 42 meses = 3½ anos e 12 meses; entretanto, esses meses são teóricos de 30 dias cada, e o ano simbólico deve ser contado como 360 dias simbólicos.

PRISÃO, OBRA NA. A psicologia do alcance do ministério ASD na prisão está baseado em Mat. 25:36: “preso e fostes ver-me.” A atividade inclui aconselhamento, ministério pelas famílias dos presos e a realização de cultos.

O objetivo central do ministério ASD nas prisões é trazer conforto e esperança no Evangelho de Cristo aos homens perdidos e plantar a semente para que o Espírito Santo a regue.

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS NEW LIFE. A fábrica é um departamento do Instituto Adventista de Ensino - Campus Central, localizado no município de Engenheiro Coelho, SP, e dista cerca de 180 quilômetros da cidade de São Paulo.

A fábrica foi fundada pelo Pr. Durval Stockler de Lima, no final de 1957. Pouco tempo antes, o Pr. Durval tivera muitos problemas cardíacos e fora se tratar nos EUA. Neste país, ele conheceu alguns produtos integrais e naturais que muito o ajudaram na recuperação da sua saúde. Segundo ele, estes produtos, literalmente lhe deram nova

vida. De volta ao Brasil, decidiu iniciar uma pequena fábrica de produtos integrais e naturais que recebeu o nome de *"New Life"* (Nova Vida).

Inicialmente, a fábrica começou a funcionar na casa do Pastor Durval e os primeiros produtos eram à base de geléia real, lêvedo de cerveja, cereais integrais e soja.

Em 1975, o Pastor Durval estava se aposentando e quis doar a fábrica para a Organização Adventista, mas para tal pediu 5% do lucro para si enquanto vivesse. A proposta não foi aceita e a fábrica foi vendida para um senhor não adventista chamado Gil Medeiros. Porém, em 1985 a Superbom adquiriu a fábrica do Sr. Gil e a administrou até 1988, sendo que nesta ocasião a New Life passou a operar independentemente da Superbom, reportando-se diretamente à Divisão Sul-Americana. Em meados de 1990, a Divisão ofereceu a New Life ao Instituto Adventista de Ensino-Campus Central e o Pr. Walter Boger, diretor geral, aceitou a fábrica e até o presente, funciona como um departamento da instituição onde trabalham alunos e funcionários.

Atualmente, a New Life produz e comercializa 15 produtos, todos à base de cereais integrais, soja, mel de abelhas e lêvedo de cerveja. A produção mensal é de 15 toneladas, as vendas atingem US$40.000,00, mantendo 38 funcionários.

Administradores: Durval Stockler de Lima (1957-1975); Gil Medeiros (1976-1984); Rene Marquete (1985-1987); Gilson Z. Borda (1988-1990) ; Flávio Machado Pasini (1991-   ).

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS SUPERBOM INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA. Localiza-se na Rua Domingos Peixoto da Silva, na Estrada de Itapecerica, Km 22, no município de São Paulo, operando sob o nome legal: Produtos Alimentícios Superbom Indústria e Comércio Ltda., em uma área de 48.000 m^2 sendo mais ou menos 12.000 m^2 de área construída, possuindo duas filiais: uma em Videira (Santa

Catarina), para processamento do suco de uva, em uma área de 8.700 m^2, sendo 3.800 m^2 de área construída, e uma propriedade em Lebon Regis (Santa Catarina) com 24.000 m^2 de área, contendo um frigorífico com 3.000 m^2. Fabrica e comercializa produtos basicamente naturais.

Uma fábrica de alimentos que, atualmente (1994), conta com 442 funcionários e está representada, através dos seus 27 diferentes produtos, em todo o território nacional.

Com relação ao faturamento geral da Superbom, até o mês de agosto de 1994, as linhas contribuíram com:

Matinais 31%
Geléias 04%
Mel............... 07%
Suco de Uva. 25%
Sucos (outros) 14%
Proteínas 02%
Cevada 17%

Em 1994, seu corpo administrativo era assim composto:
Diretor-Gerente Geral: Lauro Manfredo Grellmann;
Diretor-Gerente Financeiro: Itamar de Paula Marques;
Gerente Comercial: José Manuel Afonso;
Gerente Industrial: Gladistone Carvalho dos Santos Filho:
Gerente de Suprimentos: Mauro Augusto de Faria.

A Superbom teve seu início em 1925, com um grupo de homens que decidiram fabricar suco de uva no porão de uma casa situada no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

No início, a própria escola consumia o suco de uva. Em 1935 *Adolpho Bergold e Evaldo Belz, desenvolveram a produção a fim de

adicionar lucros para a escola. Na época chamaram “A Fábrica” de Excelsior.

Em 1940 outros produtos foram industrializados: geléia real, farinha de trigo integral, manteiga de amendoim e mel. Em 1941 surgiu o milho para pipoca.

De 1941 a 1945, sob a direção de Ernesto Bergold, construiu-se um prédio na colina da atual fábrica, mudando-se definitivamente em 1946. Em 05 de novembro de 1943 os produtos Superbom ganharam uma Medalha de Ouro numa exposição na cidade de São Paulo e uma medalha de Prata na Feira Mundial de Bruxelas, Bélgica.

Em 11 de janeiro de 1944, sob a direção de Ernesto Bergold a fábrica tornou-se legalmente incorporada ao Colégio como um Departamento Industrial com 12 funcionários, sendo gerenciada pela própria direção do Colégio.

Em 1953 Dermival Stockler Lima, assumiu a gerência por 12 anos. Novos produtos foram comercializados: Sojinha, Cremel, Geléias de Morango e Maçã, Suco de Maracujá, etc. Neste período trabalhavam cerca de 197 funcionários.

A Superbom, sentindo a necessidade de aumentar a produção de suco de uva, em 1959 implantou uma filial em Videira, Santa Catarina.

Em 05 de julho de 1983 ficou decidido que separariam o IAE/SP da Superbom.

Como o faturamento anual da Superbom era bem superior ao do Instituto Adventista de Ensino, o que poderia criar dificuldades para a continuidade da isenção de impostos, criou-se em 1984 uma Razão Social: Produtos Alimentícios Superbom Indústria e Comércio Ltda., tornando-se uma empresa.

No dia 02 de abril de 1987, foi inaugurado o novo prédio da Superbom com 2.070 m^2 de área construída e um total de 400 funcionários.

Em 1988, a Superbom introduziu no mercado Flocos de Milho (Corn Flakes) e outros cereais. No ano seguinte construiu câmaras frigoríficas para estocagem, em baixa temperatura, de produtos sazonais, tais como: suco de uva, maracujá, tomate, bem como diferentes polpas geléias.

Em 1989 começou o fornecimento de suco de uva, maracujá e caju para o Carrefour. Em 1990 a Superbom, produzia geléias, sucos, proteínas (carne, bife e salsicha vegetal), mel e cevada. A venda de suco de uva em 1990 atingiu a 4.200.000 garrafas.

Diretores: Adopho Bergold (1940-1943); Ernesto Bergold (1944); Arno Schwantes (1945-1951); Germano Ritter (1951-1952); Dermival S. de Lima (1953-1960); Pirajás Dias (1961-1962); Dermival S. de Lima (1963-1967); Siegfried Genske (1968-1970); Ardoval Schevani (1970-1974); Japhet Leme (1974-1976); Geraldo Bökenkamp (1977-1979); Hélio Grellmann (1980); Mário Felhberg (1981-1983); Paulo Stabenow (1984); Lourival C. Cruz (1984-1987); Paulo Stabenow (1987); Lauro Manfredo Grellmann (1987-).

PROFECIA, CONCEITO HISTORICISTA DA. Crença de que o cumprimento das profecias, especificamente do Apocalipse, estende-se através da Era Cristã até o fim do tempo. Nisto, os historicistas divergem dos (1) preteristas, alguns dos quais limitam o cumprimento das predições do livro a um período de tempo relativamente curto no passado, embora outros neguem a validade da profecia e (2) dos futuristas, que transferem a profecia a um período imediatamente anterior ao *Segundo Advento.

Os ASD têm aplicado os termos historicismo, preterismo e futurismo também à *Interpretação de Daniel, onde o futurista vê o cumprimento da septuagésima semana como ainda no futuro, o preterista vê o livro como focalizando a carreira de Antíoco Epifânio, e o historicista vê um contínuo cumprimento das profecias do livro na

história. O historicista interpreta os períodos de tempo da profecia simbólica pelo *Princípio Dia-Ano, embora o preterista e o futurista as considerem como dias literais. Os ASD são historicistas em sua interpretação das profecias de Daniel e Apocalipse.

PROFECIA CONDICIONAL. Veja **Israel, Profecias Concernentes a; Escrituras, Interpretação das.**

PROFECIAS E INTERPRETAÇÃO PROFÉTICA. Crendo que "toda a *Escritura é dada por inspiração de Deus" (II Tim 3:16), os ASD aceitam a validade da profecia bíblica (entendida aqui no sentido em que *Deus predisse eventos futuros a fim de capacitar o homem a cooperar inteligentemente com Seu divino propósito para ele. Porém, quando os ASD falam de "profecias e interpretações proféticas", eles se referem na maioria das vezes às profecias de Daniel e Apocalipse e às passagens escatológicas espalhadas pelo *Antigo Testamento e *Novo Testamento. (Veja **Daniel, Interpretação de** e **Apocalipse, Interpretação do)**. Para saber sobre padrões futuristas, preteristas e históricos de interpretação das profecias, veja **Profecia, Conceito Historicista da; Pré-milenismo**. Para obter uma declaração dos princípios ASD de interpretação bíblica, inclusive do aspecto condicional da profecia, veja **Bíblia, Interpretação da**. Para saber sobre os principais princípios que se aplicam à Igreja Cristã certas profecias do A.T. feitas originalmente ao Israel literal veja Israel, Profecias concernentes a Israel. Para obter um comentário sobre interpretação de símbolos proféticos, veja *SDABC* sobre Ez. 1:10.

PROFECIA, ESPÍRITO DE. Veja **Espírito de Profecia.**

PROFECIAS DO REINO. Veja **Israel, Profecias Concernentes a.**

PROFECIAS MESSIÂNICAS. Predições do *Antigo Testamento que apontam para o Messias vindouro, o ungido prometido a Israel — predições que apontam para *Jesus Cristo, especialmente para Seu *Segundo Advento. No caminho a Emaús, no dia de Sua *Ressurreição, nosso Senhor chamou a atenção de dois discípulos a muitas predições concernentes a Sua vida e Missão que eles não tinham anteriormente entendido no sentido messiânico. Os escritores do A.T., particularmente Mateus, constantemente aplicam passagens do A.T. a Jesus.

Os ASD têm aceito a ênfase histórica protestante sobre o cumprimento das profecias do A.T. por Cristo, inclusive o primeiro advento como cumprindo a profecia das setenta semanas de Dan. 9:24-27. *Tiago White, em um panfleto de 1853, fez uma lista de nove grandes sinais como evidências de que Jesus tenha cumprido as profecias do A.T.:

(1) A estrela referida em Núm. 24:17 cumpriu-se na estrela de Belém;

(2) Cristo nasceu de uma virgem, Is. 7:14;

(3) Ele nasceu em Belém, Miq. 5:2;

(4) as crianças de Belém seriam mortas, Jer. 31:15;

(5) João Batista seria um precursor de Cristo, Is. 40:3,

(6) Cristo pregou o Evangelho, ou as boas novas, Is. 61:1;

(7) A humildade de Cristo em seu julgamento Is. 53:7;

(8) a maneira e circunstâncias da morte de Cristo foram preditas em Sal. 22:13-18;

(9) o tempo do primeiro advento de Cristo como cumprimento das 70 semanas de Dan. 9:24-27 (*Signs of the Times*, pp. 3-5).

As profecias Messiânicas têm sido freqüente e consideravelmente tratadas por muitos autores ASD. Por exemplo, em 1892, H. A. St. John usou 32 profecias Messiânicas do A.T. em um capítulo concernente à vida e ministério de Cristo em seu livro *The Sun of Righteousness* (O Sol da Justiça, pp. 7-21). Ele incluiu algumas das citadas por Tiago White, entrou em muitos detalhes em outros pontos e se referiu a profecias adicionais. Alguns de seus pontos adicionais são: o nome profético de Jesus, Emanuel (Deus conosco), Is. 7:14; Ele seria chamado do Egito, Os. 11:1; Ele deveria ser um luzeiro em Zebulom e Naftali, Is. 9:1-2; Ele deveria curar os surdos, os mudos e os cegos, Is. 29:18; Ele deveria ressuscitar os mortos, Is. 61:1; Sua entrada triunfal foi predita, Zac 9:9; Ele seria traído por seus amigos (Zac. 13:6);o preço de sua traição seria 30 moedas de prata, Zac. 11:12, 1; Ele seria crucificado com ladrões. Is. 53:12; Dan. 9:26; Sua vida seria de pobreza, Is. 53:3; Receberia fel e vinagre sobre a cruz, Sal. 69:21.

*Ellen G. White fez inúmeras referências a profecias messiânicas do A.T. e seu cumprimento por Cristo (por exemplo, *PR*, 681-702; *AA*, 223-228). Em *Fundamentals of Bible Doctrine*, um livro texto de doutrinas bíblicas em uso por muitos anos em muitos colégios ASD, A. J. Wearner lista 50 profecias messiânicas (1945 ed., p. 38). Entre essas ainda não mencionadas, Wearner cita Cristo como a semente da mulher, Gên. 3:15; como a semente de Davi, Jer. 23:5, 6; como um profeta como Moisés. Deut. 18:15-18; e que nenhum de Seus ossos seria quebrado, Sal. 34:20.

Os ASD crêem que algumas dessas passagens do A.T. constituem as predições diretas e intencionais da natureza, vida, ministério, morte vicária ou ressurreição de Cristo no tempo em que foram dadas (por exemplo, Gên. 3:15, Is. 9:5, 6; Miq. 5:2; Mal 4:2). Em outros exemplos, eventos históricos locais, certos aspectos que tinham pontos em comum com a vinda do Messias, tornaram-se tipos históricos do Messias (por exemplo Gên. 12:3; Gál. 3:16; Deut. 18:15, Isa 7:14; Jer. 31:15; Os.

12:1). Ainda em outros exemplos, as experiências pessoais e entendimento dos escritores inspirados mediante a direção do Espírito Santo, foram mais tarde vistas como prefigurando a Cristo (por exemplo, Sal. 22:7-18; 34:20.

Veja também **Israel, Profecias Referentes a Israel; Reino de Deus.**

PROFETA. [heb. *nabî'*, "chamado (por Deus)," ou "alguém que tem uma vocação (de *Deus)," provavelmente do cognato acádio *nabû*, "chamar"; aramaico *nebî'*; gr. *prophetes*.]

I. O Profeta e Sua Obra. O profeta é uma pessoa chamada de modo sobrenatural e qualificada como porta-voz de Deus. Embora nos tempos do A.T., o sacerdote fosse o representante do povo perante Deus — seu porta-voz e mediador — o profeta era em um sentido especial o representante oficial de Deus a Seu povo na terra. Embora o ofício sacerdotal fosse hereditário, a escolha de um profeta vinha apenas por chamado divino. O sacerdote, como mediador do sistema sacrifical, dirigia Israel no culto, embora seu dever secundário fosse dedicar uma porção de seu tempo a instruir o povo na vontade de Deus como já tinha sido revelada aos profetas, especialmente a Moisés. Por outro lado, a instrução religiosa era o dever primário do profeta. O sacerdote estava grandemente responsável pela cerimônia e ritual do santuário, que centralizavam-se na adoração pública, na mediação do perdão dos pecados e na manutenção ritualística das relações entre Deus e Seu povo. O profeta era acima de tudo um instrutor de justiça, espiritualidade e conduta ética, um reformador moral que trazia mensagens de instrução, conselho, exortação, advertência, cuja obra freqüentemente incluía a predição de eventos futuros. No caso de Moisés (Veja Deut. 18:15), a predição dos eventos futuros era uma função comparativamente menor.

Um profeta primeiramente recebia instrução do Senhor e então a transmitia ao povo. Esses dois aspectos da obra do profeta refletiam-se nos nomes pelos quais os profetas eram conhecidos nos tempos do A.T.: vidente (*chozeh* ou *ro'eh*) e profeta (*nabî'*). O título de vidente era mais comum no primeiro período da história hebraica (I Sam. 9:9). O termo usado mais freqüentemente no A.T. era *nabî'*, "profeta", que o designava como porta-voz de Deus. Como "vidente", o profeta discernia a vontade de Deus, e como "profeta", transmitia-a ao povo.

No sentido mais amplo do termo, houve profetas desde os primórdios da humanidade. Abraão foi chamado especialmente como profeta (Gên. 20:7) como o fora Moisés (Deut. 18:15). Durante o período dos juízes, o ofício profético parece ter-se enfraquecido, e "Naqueles dias, a palavra do Senhor era mui rara; as visões não eram freqüentes" (I Sam. 3:1). O surgimento de Samuel como profeta no final desse período marcou uma época. Ele foi o primeiro "profeta" no mais estrito sentido da palavra, e pode ser considerado como o fundador do ofício profético. Ele ia de lugar a lugar como instrutor de Israel (Veja I Sam. 10:10-13; cf. 7:16, 17), e após ele, até o fim dos tempos do A.T., vários homens escolhidos falaram à nação por Deus, interpretando o passado e o presente, exortando o povo à justiça e sempre levando-o a olhar ao glorioso futuro que Deus tinha determinado para ele como nação. Samuel parece ter fundado o que se conhecia como as escolas dos profetas. Jovens que recebiam treinamento nessas escolas (cap. 19:20) eram conhecidos como "os filhos dos profetas" (Veja II Reis 2:3-5). A primeira escola do tipo mencionada em Ramá (I Sam. 19:18, 20), o quartel general de Samuel (cap. 7:17). Os "filhos dos profetas" não eram necessariamente recipientes do dom profético, mas eram divinamente chamados, como o são os ministros do Evangelho hoje, para instruir o povo na vontade e nos caminhos de Deus. As escolas dos profetas eram uma força poderosa para refrear a maré do mal que freqüentemente ameaçavam submergir o povo hebreu em um dilúvio de idolatria,

materialismo, e injustiça e proviam uma barreira contra a crescente onda de corrupção. Essas escolas proviam o treinamento mental e espiritual dos jovens que deveriam se tornar os líderes da nação.

Depois de Samuel, no tempo do reino unido de Israel e Judá, levantaram-se homens como Natã, o profeta Gade, o vidente (I Crôn. 29:29), e Aías (II Crôn. 9:29). Houve, (mais tarde no reino dividido) muitos profetas. Alguns deles (Oséias, Isaías, etc.) tornaram-se autores de livros preservados no cânon sagrado; outros (Natã, Gade, Semaías, Ido, etc) não deixaram nenhum livro. Alguns dos maiores profetas, tais como Elias e Eliseu, não confiaram seus discursos proféticos à escrita e são às vezes referidos como "profetas orais". No cânon hebraico, as quatro obras históricas de Josué, Juízes, Samuel e Reis são chamados de Antigos Profetas, porque os profetas eram considerados como seus autores. Embora grandemente narrativos em natureza, esses livros mostram também o propósito do escritor de preservar as relações de Deus com Israel como lições objetivas para suas próprias gerações e para as futuras. Isaías, Jeremias, Ezequiel, e "Os Doze" — Oséias até Malaquias — são chamados de Profetas Posteriores. Durante o período do reino dividido, os profetas Oséias, Amós e Jonas trabalharam principalmente por Israel, o reino do Norte, e o restante principalmente por Judá, o reino do Sul, embora alguns dos últimos tenham incluído também o Norte em suas mensagens.

Os Profetas Posteriores podem ser cronologicamente divididos em 4 grupos: (1) *Os profetas do 8º século*, inclusive Jonas, Amós, Oséias, Miquéias e Isaías de modo rudimentar nessa ordem. O 8º século testemunhou o surgimento da Assíria, e antes do fim do século, a Assíria tinha levado 10 tribos do reino do Norte para o cativeiro, pondo fim ao reino. Em pelo menos duas ocasiões, evidenciou-se que Judá também estava na mira da Assíria. A função principal dos profetas do 8º século parece ter sido, a princípio, impedir o cativeiro do reino do Norte, relembrando o povo do serviço e adoração ao verdadeiro Deus, mas

também — particularmente no caso de Isaías — manter o reino do Sul seguro durante esse tempo de crise nacional. Com a morte de Isaías, o dom profético parece ter caído no silêncio por meio século ou mais. (2) *Os profetas do 7º século*. Esse século testemunhou a Assíria no apogeu de seu poder. Mas antes de seu final, a Assíria tinha desaparecido do palco da ação e o Império dos Caldeus, ou Neo-Babilônico, tomou seu lugar. Durante os anos de declínio do poder Assírio e o surgimento dos Caldeus, Deus enviou um grupo de profetas para conclamar o povo de Judá a uma completa reforma que evitaria o iminente cativeiro Babilônico. Entre esses profetas estavam Naum, Habacuque, Sofonias, Jeremias e talvez Joel. (3) *Os profetas do período do cativeiro Babilônico*. Esses foram Jeremias, Ezequiel, Daniel e possivelmente Obadias. O principal objetivo das mensagens desse período era auxiliar Judá a entender o propósito de Deus no Cativeiro, inspirar esperança em uma eventual restauração, e levantar os olhos dos judeus para a gloriosa oportunidade que os esperava no retorno, fossem eles fiéis a Deus. Jeremias transmitiu suas mensagens aos habitantes de Jerusalém e Judá antes e durante o início do cativeiro e Ezequiel ministrou aos exilados na Babilônia. Daniel foi enviado para a corte de Nabucodonosor a fim de comunicar a vontade de Deus àquele grande monarca e alistar sua cooperação com o plano de Deus para o Seu povo. (4) *Os profetas pós-exílicos*. Esses foram Ageu, Zacarias e Malaquias. Os dois primeiros foram inspiração para que o povo reconstruísse o Templo. Zacarias também recebeu uma série de visões apocalípticas que descreviam o futuro glorioso que esperava Israel durante a era de restauração, fosse ele fiel a Deus (Zac. 6:15). Aproximadamente um século depois de Zacarias veio Malaquias, e juntamente com ele, o encerramento do cânon profético do A.T. (I Macabeus 4:46; 9:27; 14:41).

Embora o livro de Daniel contenha algumas das maiores mensagens proféticas a serem encontradas em qualquer lugar das Escrituras, o povo hebreu não o incluiu na seção profética do cânon. Em

vista do fato de que eles realmente incluíram livros históricos tais como Josué, Juízes, Samuel e Reis na seção profética, é evidente que o conteúdo não foi o fator determinante em sua classificação como escrito canônico, mas a função do escritor. Assim, Daniel serviu principalmente como um estadista na corte de Nabucodonosor e, embora fosse o recipiente de algumas das maiores visões de todos os tempos, ele não foi considerado como profeta no mesmo sentido em que o foram Jeremias, Ezequiel, Oséias e outros, cujas vidas foram dedicadas exclusivamente ao ofício profético.

Na aurora dos tempos do N.T., o dom de profecia foi reavivado, com as palavras inspiradas de Isabel (Luc. 1:41-45), Simeão e Ana (2:25-38). Alguns anos depois, veio João Batista na função de Elias (Luc. 1:17). Cristo declarou ser João um profeta e “muito mais que um profeta” (Mat. 11:9, 10). Paulo listou o dom profético como um dos dons do espírito (I Cor. 12:10), e declarou ser esse o maior dos dons (14:1, 5). Como nos tempos do A.T., o dom profético não significava necessariamente a predição de eventos futuros, embora esse aspecto da profecia poderia ser incluído, mas consistia principalmente de exortação e edificação (vv. 3, 4).

O chamado ao ofício profético e o derramamento do dom profético que o seguiram foram atos de Deus, como no caso de Isaías (Is. 6:8, 9), Jeremias (Jer. 1:5), Ezequiel (Ez. 2:3-5), e Amós (Am. 7:15). Moisés foi chamado através da sarça ardente (Êx. 3:1 a 4:17). O chamado de Eliseu para o ofício profético foi anunciado por Elias (I Reis 19:19, 20; cf. II Reis 2:13, 14). Acompanhando o chamado profético estava uma outorga especial que qualificava o profeta a falar por Deus. Esse chamado constituía cada profeta como “vigia” sobre a casa de Israel (Veja Ez. 33:7), e tornava o profeta estritamente responsável perante Deus pela fiel transmissão das mensagens com as quais estava incumbido (vv. 3, 6) Tendo aceitado o chamado profético, o profeta não estava livre para abandoná-lo quando quisesse, como

Jeremias uma vez pensou fazer (Veja Jer. 20:7-9; cf. I Reis 19:9; Jon. 1:2-4, 17; 3:2). Às vezes Deus se dirigia ao profeta em voz audível (Núm. 7:89; I Sam. 3:4), embora mais comumente em sonhos e visões (Núm. 12:6; Ez. 1:1; Dan. 8:2; Mat. 1:19). Um verdadeiro profeta ensinava pelo Espírito de Deus (I Reis 22:24; II Crôn. 15:1; 24:20; Nee. 9:30; Eze. 11:5; Joel 2:28; Miq. 3:8; Zac. 7:12; I Ped. 1:10, 11) e falava como se fosse movido pelo Espírito de Deus (II Ped. 1:20, 21). A mensagem que ele transmitia não era de si mesmo, mas de Deus (Veja Ez. 2:7; 3;4, 10, 11; cf. Núm. 22:38; I Reis 22:14). Em certos casos, como com Natã (II Sam. 7:3) e Samuel (I Sam. 16:6, 7), o julgamento humano de um profeta estava subordinada ao divino. Por algum tempo, Ezequiel permaneceu mudo exceto para transmitir uma mensagem do Senhor (Veja Ez. 1:2, 3; 3:26, 27; 33:21, 22). Essa experiência única fora uma sinal aos ouvintes de Ezequiel de que sempre que ele falava, fazia-o sob ordem de Deus. Em princípio, algo semelhante também era verdadeiro quanto a outros profetas, pois nenhuma profecia "foi dada por vontade humana, entretanto homens [santos] falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (II Ped. 1:21). Conseqüentemente, fazemos "bem em atender" às mensagens dos profetas "como uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vossos corações" (II Ped. 1:19).

Em alguns casos os próprios profetas acharam necessário esquadrinhar diligentemente o significado das palavras que tinham falado (Veja I Ped. 1:10, 11). Daniel, por exemplo, menciona especificamente que não entendeu algumas porções das mensagens a ele confiadas (Veja Dan. 8:27; 12:8, 9).

Os profetas estavam distintamente conscientes do fato de que falavam por Deus. Comumente eles introduziam as mensagens com as seguintes expressões: "Assim diz o Senhor" (Is. 66:1), "Palavra que veio a Jeremias, da parte do Senhor dizendo" (Jer. 11:1), "Visão de Isaías, o filho de Amós" (Is. 1:1), "Olhei, e eis que..." (Ez. 10:1), "Olhei, e eis

que...” (Apoc. 4:1). Deus certificava a autoridade dos homens a quem Ele chamava à função profética através da mensagem que eles recebiam (Veja I Sam. 3:19-21), através de sinais sobrenaturais (II Reis 2:13-15), pelo cumprimento de suas predições (Deut. 18:22; Jer. 28:9), e pela conformidade de seus ensinos com a vontade de Deus já revelada (Deut. 13:1-3; Is. 8:20). Embora eles estivessem sujeitos à “paixões” como está qualquer ser humano, suas vidas refletiam os elevados princípios em favor dos quais testemunhavam (cf. Tiago 5:17). Falsos profetas surgiam freqüentemente, como nos dias de Acabe (Veja I Reis 22:6; cf. v. 22), Jeremias (Veja Jer. 27:14, 15; 28:1, 2, 5-9, 15-17), Ezequiel (Ez. 13:17), e Miquéias (Miq. 3:11). Esses falsos profetas poderiam ser detectados por seus motivos mercenários (3:11), por sua disposição em dizer ao povo o que ele gostaria de ouvir (Is. 30:10; Miq. 2:11), pelo insucesso de suas predições (Deut. 18:22), pelas discrepâncias entre suas mensagens e dos já confirmados profetas (Deut. 13:2, 3; Is. 8:20; Jer. 27:12, 16), por satisfazerem aos desejos de pessoas ímpias (I Reis 22:6-8), e por suas próprias vidas (Mat. 7:15-20).

Do mesmo modo como um profeta é um porta-voz, ou mensageiro, de Deus, assim a profecia é qualquer mensagem proferida por Deus, à Sua ordem. É uma revelação especial da mente e vontade divinas, com o objetivo de capacitar o homem a cooperar inteligentemente com os propósitos de Deus, e consiste essencialmente em conselhos, orientação, reprovação e advertência. Sendo que “o Senhor Deus não fará cousa alguma, sem primeiro revelar seu segredo aos seus servos, os profetas” (Am. 3:7), Ele espera que os que lêem o que os profetas escreveram atentem diligentemente para a mensagem. Assim fazendo, certamente “prosperarão” (I Crôn. 20:20). Os que falham em atender às palavras faladas por um profeta de Deus como mensageiro de Deus ou vigia, são pessoalmente responsáveis perante Deus (Veja Ez. 3:17-21; 33:1-9). Na maioria das vezes, Israel rejeitou os comoventes apelos da maioria dos profetas (Veja Luc. 11:47, 48), como

Deus já havia prevenido a Isaías (Is. 6:9-11) e Jeremias (Jer. 1:8, 17, 19). Foi a rejeição das mensagens dos profetas que trouxe ruína sobre Israel; a rejeição levou à recusa em aceitar seu Messias, e sua rejeição como nação.

Muitas das profecias do A.T. são escritas em forma de poesia hebraica. A qualidade e forma literária refletem a personalidade, educação e estado emocional do profeta. A personalidade de Jeremias é descrita vividamente em seu chamado à missão profética, ao ponto de o leitor se tornar bem familiarizado com ele. Algumas obras, tais como a de Isaías, Joel, Habacuque, são de magnífica beleza literária e refletem um desenvolvimento lógico de pensamento. As seguintes passagens são inigualáveis em ilustrações, retórica equilibrada e linguagem pitoresca: Is. 9:1-7; 40:1-8; 52:7 a 53:12; 55; 61:1-3 e Joel 2:1-14. Em alguns livros, tais como Jeremias, eventos históricos formam a moldura em que as mensagens proféticas estão. Outros parecem coleções de sermões. Alguns profetas, tais como Oséias, refletem fortes emoções e como resultado não se prestam imediatamente à análise literária lógica. A profecia de Habacuque também tem um forte apelo emocional, e o profeta retrata sua própria luta para entender a vontade de Deus revelada e sua reconciliação a ela.

Às vezes, os profetas baseiam-se nos relacionamentos de Deus com Israel no passado (Ez. 16:20; etc.), retratando lições de importância para a geração presente. Em outras ocasiões, eles tratavam dos eventos históricos contemporâneos, apontando os propósitos de Deus e a realização de Sua vontade entre as nações (e.g., Is. 36 a 39; a maior parte do livro de Jeremias; muitas passagens em Ezequiel; Daniel 1 a 6; o livro de Ageu; etc.). Freqüentemente, em grande escala, os profetas denunciavam os pecados de Israel (Is. 1:2-15; 3:12-15; 9:13; 10:2; Jer. 2:5-35; Ez. 8:5-16; Os. 5; Am. 8:1-6; Malaquias). Os profetas constantemente enfatizavam a responsabilidade pessoal dos que ouviam sua mensagem para agir de acordo com ela (Ez. 3:17-21; 18:25-32; 33:7-

16). Eles também conclamavam a ação específica (Is. 1:16-20; Jer. 27:1-18; 29:5-13; 38:14-23; 42:1-18; Joel 2:12, 13; Am. 5:4-15; Ageu 1:7, 8; Mal. 3:10-12). Eles fielmente apontavam as recompensas de praticarem o mal (Is. 2:10-21; 7:17-25; 24; Jer. 4; 18:9, 10; 23:9-40; 24; Ez. 4; 5; 9; Dan. 9:3-14; Os. 5; Joel 1: Am. 7-9; Sofonias, etc.) e da prática do bem (Is. 1:18-20; 38; Jer. 7:2-7; 17:20-26; 18:7, 8; Os. 14; Joel 2:12-32; etc.). Não raras vezes, Deus, através dos profetas, levantava os olhos de Seu povo para o glorioso futuro que o esperava como nação se cooperasse plenamente com Seu propósito para ele (Is. 40-66; Jer. 33; Ez. 36-48; Miq. 4; Zacarias; etc.). O clímax das mensagens proféticas era a vinda do Messias e o estabelecimento do reino Messiânico (Is. 9:1-7; 11:1-12; 12; 25; 52-66; Dan. 2:44; 7:18, 27; Joel 3:9-21; Miq. 4:1 a 5:15).

II. Interpretação da Profecia

As profecias do A.T. nem sempre fazem distinção entre o que nos referimos hoje como o primeiro e segundo adventos de Cristo, mas freqüentemente tratam de grandes eventos como um só, ou um imediatamente seguindo o outro. A maioria das mensagens proféticas estão em linguagem literal, mas algumas são figurativas ou simbólicas (Dan. 2; 7; 8; Zac. 1-6; Apoc. 6-19; etc.). O elemento de predição na profecia tinha o desígnio de oferecer uma visão dos elementos do tempo à luz da eternidade, alertar a Igreja para a ação eficiente em tempos oportunos, facilitar a preparação pessoal para a crise final, ressaltar a justiça de Deus e deixar os homens sem desculpas no dia do juízo e atestar a validade da profecia como um todo. Os muitos exemplos de profecias cumpridas — sejam de cumprimento imediato ou posterior, ou registradas na Bíblia ou vistas na história — servem para alicerçar a fé na Palavra inspirada. Deus chama a atenção a Seu poder único de declarar “o fim desde o princípio”(Is. 46:9, 10), e Jesus diz, “Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais” (João 14:29).

Às vezes, devido à linguagem altamente figurada ou simbólica, ou devido dificuldade de relacionar as mensagens ao seu contexto histórico, ou devido ao fator condicional de operação (Jer. 18:7-10), na previsão de eventos futuros, ou a transição histórica do Israel literal para a Igreja cristã, os livros proféticos prestam-se mais facilmente à má-intepretação do que as seções históricas, poéticas ou doutrinárias das Escrituras. Conseqüentemente, o único procedimento seguro na interpretação e aplicação das mensagens proféticas é um estudo sistemático e total familiaridade com a profecia como um todo. Somente com base de tal estudo é possível chegar-se a princípios saudáveis de interpretação. É primeiramente necessário verificar precisamente o que o profeta escreveu, sob a direção Espírito Santo, e o que ele quis significar ao escrever. Um estudo exato das palavras e relações gramaticais de uma passagem também é necessário. Às vezes alguma incerteza quanto ao significado de uma passagem pode ser resolvida somente referindo-se à língua em que foi primeiramente escrita. Cada frase deve ser entendida na relação de seu contexto total. Sob nenhuma circunstância é seguro considerar uma passagem sem se referir ao seu contexto histórico e literário. Cada mensagem profética tinha um significado para as pessoas a quem foi transmitida. Uma das primeiras e mais importantes tarefas de um intérprete é descobrir qual era esse significado. Somente então é possível chegar-se a uma aplicação válida das profecias aos nossos dias. A Bíblia deve ser sua própria intérprete, isto é, as passagens bíblicas devem ser comparadas com outras passagens que tratam do mesmo tópico.

Falando-se genericamente, as promessas e predições enviadas por intermédio dos profetas do A.T. ao Israel literal deviam ser seu cumprimento a eles com a condição de obediência e lealdade. Porém, eles rejeitaram o plano de Deus como nação, e o que Deus planejava realizar através do antigo Israel Ele finalmente realizará através de Seus filhos espirituais. (Muitas das promessas de Deus originalmente feitas ao

antigo Israel se cumprirão em princípios com a igreja cristã). Os planos e propósitos de Deus por fim prevalecerão (Veja Is. 46:10), embora os meios e agentes através dos quais esses objetivos são alcançados possam mudar para cumprir determinadas condições. Quando um indivíduo ou nação recusa cooperar com o propósito expresso por Deus, o indivíduo ou nação se priva de sua parte no plano divino (Veja Jer. 18:6-10; Dan. 5:25-28). Quando, na crucifixão, os judeus rejeitaram a Cristo, Deus tomou o reino deles e o transferiu a uma nação que "produza os respectivos frutos" do reino (Mat. 21:41-44; 23:36-38). Como a "nação" à qual Cristo assim se referiu, a Igreja cristã substituiu Israel no plano de Deus (Veja I Ped. 2:9-10). Os escritos dos profetas do A.T. estão repletos de significado para os crentes cristãos (Veja Luc. 24:25-27, 44; Rom. 15:4; II Tim. 3:16, 17; I Cor. 10:1-12), mas em vista do fato de a Igreja cristã não ser uma entidade nem racial nem política da terra da Canaã literal, cercada por inimigos literais como Assíria, Babilônia e Egito, muitos detalhes das profecias do A.T. são se aplicam literalmente aos tempos cristãos. Além disso, muitas das profecias tratavam exclusivamente com as situações históricas específicas dum passado longínquo. Lendo-se os escritos dos profetas do A.T., o cristão pode deduzir dois benefícios: (1) poderá se beneficiar da instrução que Deus concedeu ao Seu povo no passado aplicando seus princípios a si mesmo e notando os resultados de aceitar ou rejeitar tal instrução; (2) verificará quais predições, não cumpridas para o Israel literal, estão por se cumprir para o povo de Deus hoje. Porém, deve-se tomar muito cuidado a fim de evitar explicações não justificáveis. Deve-se determinar em que medida a profecia dada é condicional em natureza, em que medida cumpriram-se as condições e finalmente se a Inspiração indicou um cumprimento posterior. Em particular, deve-se estudar como a transição do Israel literal para a Igreja cristã pode afetar o cumprimento da predição. Somente quando um escritor inspirado posteriormente reaplicar uma profecia aos tempos cristãos pode-se fazer uma reaplicação positiva.

O relato do tratamento de Deus com Seu povo em tempos passados foi registrado para o benefício de todas as gerações futuras. Sob a direção do Espírito Santo, mensagens originalmente proclamadas por homens santos do passado às pessoas de seus dias tornam-se um meio eficiente de expor a vontade de Deus à Sua igreja hoje. Por intermédio dos antigos profetas, é nosso privilégio Sua voz falando distintamente a nosso em nossos dias. Nas expressões inspiradas dos profetas do passado, o sincero estudante da verdade encontrará mensagens de inspiração conforto e direção.

PROFETISA. [heb. *nebî'ah*, "profetiza"; gr. *prophetis*.] Uma mulher chamada por Deus para cumprir uma função profética. O dom de profecia foi de tempos em tempos concedido a mulheres fervorosas bem como a homens. Miriã é a primeira mulher mencionada na Bíblia como honrada como esse título (Êx. 15:20, 21; Núm. 12:2). Miquéias cita-a juntamente com Moisés e Arão como instrumento de Deus no Êxodo (Miq. 6:4). Os israelitas recorreram à profetisa Débora para ser sua juíza nos dias em que Jabim e Sísera oprimiam a Israel (Juí. 4:4-15). Hulda era confiada como profetisa no reinado de Josias (II Reis 22:12-20). Outras profetisas da Bíblia foram Ana (Luc. 2:36) e as quatro filhas de Filipe (Atos 21:8, 9). O termo "profetisa" como usado em Is. 8:3 pode simplesmente designar a esposa de um *Profeta.

PROIBIÇÃO. A proibição concernente ao uso de bebidas alcoólicas tem sido um alvo para a IASD. *Ellen G. White escreveu em 1881:

> Os advogados da temperança falham em cumprir seu dever a menos que exerçam sua influência por preceito e exemplo — pela voz, pena e voto — em favor da proibição

e total abstinência (*Review and Herald*, 8 de novembro de 1881).

A IASD tem estimulado a proibição como um meio de proteger a sociedade da ruína do álcool. “Sejam decretadas leis e fortemente reforçadas proibindo a venda e o uso de álcool como bebida” (*OE*, 388).

Os ASD tomaram parte ativa e freqüentemente diretiva na campanha nos Estados Unidos, dirigindo o decreto da emenda de proibição em 1919, e têm vigorosamente apoiado medidas similares em outros países.

Ao mesmo tempo, a IASD reconhece que controles legais não apresentam a resposta completa para os problemas do álcool. A causa é mais profunda do que a mera lei está apta a remediar. “Que o apetite pelas bebidas intoxicantes seja removido, e seu uso e venda se encerrem.” (*ibid.*)

Faz-se necessária educação própria do público antes que as determinações legais possam se tornar altamente efetivas. Por essa razão, o programa de temperança da IASD em anos recentes tem sido baseado primariamente em desenvolver e apresentar medidas educacionais em vez de medidas legais. Porém, o programa da Igreja é levado adiante com o objetivo supremo de banir as bebidas alcoólicas. “Exija a voz da nação de seus legisladores que seja posto um ponto final a este tráfico infame”. (*CBV*, 346).

Veja **Temperança.**

“PROJECT OF LIFE” (Antigo Projeto Shalom). Em 1985, foi criado o “Projeto Shalom”, um serviço de aconselhamento por correspondência para atender aos jovens.

O Projeto Shalom passou por grandes mudanças. Através deles, houve um intercâmbio maior entre os jovens adventistas, propiciando mais oportunidades de fazer amizades, obter experiências cristãs e

culturais. Com isso o Projeto também mudou de nome, passando a se chamar *“Project of Life”*.

O trabalho mantém sigilo absoluto das cartas contendo problemas pessoais que são recebidas.

Os jovens que desejam se comunicar com o *“Project of Life”* escrevem para a Caixa Postal 3564 - CEP 01051, São Paulo, SP.

PROJETO DE INTEGRAÇÃO E SERVIÇO DA MOCIDADE ADVENTISTA (PRISMA). Foi criado em 1977, pelo Pr. José Maria Barbosa da Silva, líder da Juventude Adventista no Brasil. É promovido pela *Agência Adventista de Assistência e Desenvolvimento (ADRA), pela *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) e pelas Uniões do Brasil.

Este projeto assemelha-se ao Projeto Rondon ao recrutar universitários de várias áreas para atender a população carente de diversas regiões do país, no período de férias escolares. A diferença está em que além de promover o bem estar físico e social da população, também a instrui espiritualmente.

Considerando o alto custo das passagens e as dificuldades de arranjar um patrocínio, o Prisma foi desativado por algum tempo. Assim sendo, foi votado que o Prisma fosse organizado em nível de União, não havendo mais um intercâmbio entre as Uniões mais distantes. Cada uma promove e organiza o seu Prisma regional.

Em 1991, o Prisma ressurgiu, quando 26 jovens passaram 23 dias trabalhando no Centro-Oeste brasileiro. É liderado pelo Departamento de Jovens Adventistas, com apoio dos Departamentos de Assistência Social, Educação e Comunicação.

As despesas de viagem são custeadas pelos próprios participantes que recebem, no local da prestação de serviço, hospedagem e alimentação.

Os participantes devem ser membros da Igreja Adventista do 7º Dia; ter maioridade; ser universitários que tenham concluído o 1º ano de

Teologia, Enfermagem, Agronomia, Nutrição e Educação ou universitários que tenham concluído o 2º ano de Medicina e Odontologia; ser profissionais liberais; professores ou técnicos.

Os serviços prestados são em escritórios, hospitais, escolas, igrejas, lanchas, postos missionários entre comunidades indígenas e população carente.

Objetivos. Atender às comunidades em suas necessidades físicas, sociais, espirituais e educacionais; dar oportunidade aos jovens estudantes de se envolverem, sob supervisão profissional, em serviço missionário voluntário no período das férias escolares; integrar os vários departamentos e ministérios da Igreja num serviço conjunto; estabelecer maior e melhor integração entre os jovens de diferentes regiões do país; para benefício próprio, pois podem pôr em prática o que aprenderam teoricamente na escola. No final do trabalho, os participantes recebem um certificado.

Dentre os muitos resultados obtidos pela existência do Prisma, temos: cidades não-alcançadas que conheceram a Obra Adventista; grupos iniciados pelos prismáticos, inclusive uma igreja chamada de Igreja do Prisma; jovens dedicando-se a Obra Adventista inspirados pelo Prisma, inclusive trabalhando como missionários no Norte do Brasil.

PROJETO P.A.L.M.A. Veja **Plano de Assistência e Lar ao Menor Abandonado.**

PROPICIAÇÃO. Veja **Expiação**.

PUBLICAÇÕES, OBRA DE. Buscando cumprir a grande comissão de Cristo: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura” (Mar. 16:15), os ASD proclamam o evangelho não somente através da palavra “a loucura da pregação” (I Cor. 1:21) mas também

pelo extenso uso da palavra impressa. A obra de publicações provê um meio pelo qual a velocidade e eficiência com que as nações podem receber as boas novas da salvação possam ser multiplicadas.

Os fundadores da Igreja ASD bem cedo deram forte ímpeto à propagação de seus ensinos pelo uso da imprensa. Eles começaram com a revista *"Present Truth"* ("Verdade Presente") em 1849 e a *"Advent Review"* ("Revista Adventista") em 1850, ambas substituídas em 1850 pela *"Review and Herald"* ("Revista e Arauto") que se tornou o órgão oficial da denominação; seguiu-se em 1852 o *"Youth's Instructor"* ("Instrutor dos Jovens"). Tiago White foi o primeiro editor desses periódicos. Mais tarde, em 1875, surgiu o *"Signs of the Times"* ("Sinais dos Tempos") e em 1885 o *"Pacific Health Journal"* (que se tornou o periódico *"Life and Health"* (Vida e Saúde) em 1904. Também em 1885, iniciou-se o *Sabbath School Worker* ("Obreiro da Escola Sabatina") e em 1886, o *"American Sentinel"* (sucedido em 1906 pelo *"Liberty"*).

Mas o empreendimento ASD de publicações não esteve limitado a periódicos. Desde o início, Tiago White publicou folhetos (muitos dos quais reimpressos de artigos) — um em 1849, cinco em 1850, seis em 1851, e outros mais tarde.

As edições menores foram financiadas por contribuições voluntárias e até 1853, eram distribuídas gratuitamente. Esses primeiros folhetos tratando sobre as doutrinas bíblicas e assuntos afins foram os primeiros de milhões de folhetos ASD publicados durante anos — e, de certa forma, os precursores das lições bíblicas por correspondência usadas em conexão com programas de rádio e televisão.

Em acréscimo aos folhetos, White começou com o tempo a publicar obras mais extensas, classificadas como livros, o primeiro dos quais foi um hinário de 112 páginas (aumentado no ano seguinte por um suplemento). Seus planos, em 1852, para um grande livro doutrinário de 400 páginas foram frustrados por falta de dinheiro. O primeiro livro

doutrinário — se considerarmos obras de 100 páginas ou mais como livros — foi a obra de White *“Signs of the Times”* (“Sinais dos Tempos”, 124 páginas), publicado em 1853.

Em 1864, foram publicados os volumes 3 e 4 do *“Spiritual Gifts”* de Ellen G. White (“Dons Espirituais” e *“How to Live”* (“Como Viver”, 1865), o primeiro livro extenso sobre tópicos de saúde, editado por Tiago White de vários panfletos; e o livro de Urias Smith *“Thoughts on the Book of Revelation”* (“Reflexões sobre o livro do Apocalipse”, em 1867). Na década de 1870, a obra de publicações ramificou-se com a abertura da Pacific Press na Califórnia. Nessa década, Smith produziu *“Reflexões Sobre o Livro de Daniel”* (1873); e a Sra. White completou três dos quatro volumes da série *“The Spirit of Prophecy”* (“O Espírito de Profecia”, 1870-1884)), uma amplificação do anterior *“Spiritual Gifts”*, vols. 1-3. A década dos 80 viu o desenvolvimento da venda de livros para o público em geral por colportores ambulantes (Veja **Colportor**). O primeiro livro doutrinário impresso por esse método de distribuição — uma combinação dos dois livros de Smith sobre Daniel e Apocalipse (1882) — está, com algumas revisões, ainda em publicação. Outro livro popular vendido por esse método na década de 1880 foi o livro, publicado em português como *Estudos Bíblicos* (1885), originalmente formado de arquivos sobressalentes de um periódico, o *“Gazeta de Leituras Bíblicas”* (1884). Outro foi o quarto volume da série *O Espírito de Profecia* de Ellen G. White, revisado e aumentado como *O Grande Conflito* (1888) — o primeiro da série aumentada (Conflito dos Séculos) em cinco volumes, consistindo de *Patriarcas e Profetas*, *Profetas e Reis*, *O Desejado de Todas as Nações*, *Atos dos Apóstolos* e *O Grande Conflito*. (Veja **White, Escritos de Ellen G.**).

Cedo a obra de publicação ASD ramificou-se em outras línguas. Os planos iniciaram-se em maio de 1856 para que se traduzisse um folheto para os leitores estrangeiros na América do Norte. O primeiro folheto traduzido, impresso em alemão em janeiro de 1858, em uma

firma de Cincinnati provaram-se insatisfatórios. Aproximadamente ao mesmo tempo, D. T. Bourdeau veio para Battle Creek para traduzir os folhetos em francês (*RH*, 24/12/1857). Antes de ser publicada a tradução revisada em alemão (junho de 1859), dois folhetos foram publicados em francês e outro em holandês. Os ASD consideram essas aventuras como preparatórias para a propagação de sua mensagem a "toda nação, tribo, língua e povo," através de membros estrangeiros nos Estados Unidos e Canadá, circulando publicações entre seus vizinhos bem como enviando-as para seus países de origem.

Em janeiro de 1872, a Associação Publicadora ASD publicou o primeiro número de uma revista mensal, *Advent Tidende*, que foi editada por John Matteson (*RH*, 16 e 30/01/1872). Foi o primeiro periódico de língua estrangeira publicado pelos ASD.

A primeira publicação ASD em país estrangeiro foi um periódico francês, *"Les Signes des Temps"* ("Sinais dos Tempos") lançado em 1876 em Basel, Suíça, por J. N. Andrews, o primeiro missionário enviado pelos ASD fora da América do Norte. Logo surgiram publicadoras em vários países na Europa e em outras partes do mundo, formando uma cadeia de modernas editoras que "circundam o mundo". (Veja **Editoras**).

A literatura produzida por essas editoras em 190 línguas incluem uma vasta e crescente lista de auxílios devocionais e de estudo para os membros, biografias, livros-texto, hinários e livros para crianças e também volumes únicos e coleções circulados para o público em geral por colportores. Os membros leigos distribuem folhetos aos milhões, milhares de jornais missionários, revistas educacionais, livros evangelísticos e livros infantis.

Os colportores vendem livros de saúde e doutrinários, livros infantis em coleções e volumes únicos e unidades menores para entrega. Muitos dedicam tempo integral para a venda de publicações evangelísticas como uma ocupação (colportores efetivos); a cada ano,

alunos dos colégios trabalham intensivamente durante as férias de junho-julho e de dezembro-fevereiro para conseguirem o estipêndio. Essa atividade é promovida pelos diretores do departamento de publicações de cada Associação.

Aqui no Brasil, a *Casa Publicadora Brasileira (CPB) é a editora oficial dos ASD. Publica atualmente 3 periódicos para o público em geral: *Vida e Saúde*, *Super Amigo e Nosso Amiguinho* e 2 denominacionais: *Revista Adventista e Ministério* além de diversos livros denominacionais e para a colportagem. Situa-se em Tatuí, São Paulo.

O total vendas de todas as editoras em 1993 foi de U$ 85.353.750,00 de dólares.

Veja também **Casa Publicadora Brasileira; Colportor; White, Escritos de Ellen G.; King, George.**

PUNIÇÃO FUTURA. Veja **Inferno.**

QUADROS, NONATO DORNELLES DE (1870-1959). Pioneiro adventista em São Vicente, SP. Nasceu em 1870 e foi o primeiro adventista que se batizou em São Vicente, no litoral de São Paulo, fruto de trabalho do Pr. *José Amador dos Reis.

Desempenhou por longos anos o cargo de diretor do grupo de Palma, e também o de *Ancião da Igreja e Tesoureiro mais tarde.

Faleceu em 1952, aos 82 anos de idade.

QUARENTA E DOIS MESES. Veja **Apocalipse, Interpretação do**.

QUARESMA. Veja **Páscoa.**

QUARTETO "ARAUTOS DO REI". O Quarteto *Arautos do Rei* canta especialmente para "*A Voz da Profecia", representando-a em Congressos, Programas e Encontros. Pregam a mensagem adventista através da música.

Desde maio de 1993, o Quarteto "Arautos Rei" é composto por:

1º Tenor: Dermival dos Reis;

2º Tenor: Josué de Castro;

Barítono: Fernando Iglesias Martins;

Baixo: Juan Roberto Salazar Leal;

Pianista e Arranjador: Jader Dornelles Santos;

Orador: Pr. Ronaldo de Oliveira.

Teve seu início em 1943, quando surgiu na América, o Programa de Rádio A Voz da Profecia. Os primeiros cantores do programa foram o Quarteto *King's Heralds* (Arautos do Rei) e o contralto Del Delker, dos Estados Unidos. Encantaram os brasileiros durante 19 anos com sua harmonia e inspiração. O Pr. Roberto Rabello os ensinava a pronúncia do português no início. Eles gravaram no tempo em que a fita magnética ainda não era muito comum, impossibilitando-os de corrigir algum erro nas gravações. Se errassem, e muitas vezes erraram, tinham que quebrar o disco e gravar o programa todo novamente. Eram dias difíceis.

Pelas excursões do Brasil, junto com o orador da Voz da Profecia, acompanhava-o o *Quarteto Harmonia*, formado por alunos do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). O Quarteto Harmonia atuou entre os anos 1952 a 1962.

O primeiro Quarteto “Arautos do Rei” brasileiro, foi formado em 1963 por:

1º Tenor: Henry Feyerabend;

2º Tenor: Luiz Mota;

Barítono: Joel Sarli;

Baixo: Samuel Campos;

Pianista: Robert Benfield, Leni Azevedo e Enio Monteiro.

Este quarteto atuou de 1963 a 1965, pregando o Evangelho pela música. O segundo quarteto foi composto por (1965):

1º Tenor: Henry Feyerabend;

2º Tenor: Davi Rocha;

Barítono: Walter Boger;

Baixo: Nilo Ramos;

Pianista: Genoveva Botelho.

Houve várias mudanças de componentes durante todos estes anos, porém todos eles tinham sempre os mesmos objetivos: Louvar o nome do Senhor e pregar Sua mensagem através da música.

Durante o período de agosto de 1975 a dezembro de 1978, e agosto de 1990 a junho de 1991, a Voz da Profecia ficou sem Quarteto, mas o Grupo Vocal Misto “Grupo V.P.”, atuou sob a liderança do pianista Alexandre Reichert Francisco e Jader Santos, nos respectivos períodos.

Durante todo seu período de atuação, participação e influência, foi consolidada a imagem de um grupo que trabalha sério com a música. Sendo considerado um dos melhores grupos de música evangélica do Brasil.

O Quarteto “Arautos do Rei” já se apresentou em várias partes do mundo. Em 1980, apresentou-se na Assembléia Mundial da IASD, Texas, excursando pelos EUA.

Também apresentou-se em Singapura, Tóquio, Los Angeles, Indianópolis (Conferência Geral 1990), Washington e várias outras partes do mundo.

Os pianistas e organistas colaboradores de A Voz da Profecia, foram: Roberto Benfield, Leni Azevedo, Enio Monteiro, Genoveva Botelho, Iraci Botelho, Waldemar Wensell, Alexandre Reichert Filho, Eli Prates, Pedro Mendes de Carvalho, Williams Costa Jr. e Jader Dornelles Santos.

Discos Lançados:

1) 1963 - “Hei de Estar na Alvorada”
2) 1964 - “Rapaz Davi”
3) 1965 - “Música Celeste”
4) 1966 - “Caminhando”
5) 1968 - “25 anos” de A Voz da Profecia
6) 1969 - “Pai Nosso”
7 a 12) - 1969 - “Redescobrindo” (Álbum 7 a 12) Vol. 1 e 5 faixas do Vol. 6.
13) 1970 - “Pensando em Ti”
“Redescobrindo (álbum 7 a 12) Vols. 2 a 5 e 7 faixas vol. 6
14) 1973 - Cantata “O Filho Pródigo”
15) 1974 - “Arautos do Rei Cantam para as Crianças”
16) 1974 - “Del Delker e os Arautos do Rei”
17) 1975 - “Aqui chegamos pela Fé”
18) 1975 - “Arautos do Rei Especial”
19) 1979 - “Paz”
20) 1979 - “Não Desistir”
21) 1980 - “Jesus Vem Logo”
22) 1984 - “Deus Quer alguém”
23) 1987 - “Sou um Milagre”
24) 1988 - “Habita em Mim”
25) 1988 - “Quem os criou”

26) 1989 - “Felicidade sem Fim”
27) 1990 - “Arautos do Rei em Singapura”
28) 1991 - “Em Nome de Jesus”
29) 1993 - “Celebração” dos 50 anos de A Voz da Profecia
30) 1994 - “Começando Aqui”

QUARTETO DA VOZ DA PROFECIA. Veja **Quarteto “Arautos do Rei”.**

QUATRO ANIMAIS. Veja **Daniel, Interpretação de.**

QUATRO REINOS DE DANIEL. Veja **Daniel, Interpretação de.**

QUEDA DAS ESTRELAS. Frase usada para descrever estrelas cadentes, ou chuva de meteoros, especialmente dos meteoros Leônidas, vistos na América nos dias 12 e 13 de novembro de 1833, a mais espetacular chuva de meteoros já relatada. (Os Leônidas foram visíveis no Oriente em grandes chuvas de magnitude menor em 1866 e novamente em 1867). Esses meteoros, por causa de sua preeminência e de sua oportunidade, foram considerados por muitos Mileritas e pelos ASD como cumprimento de certas profecias dos sinais no mundo natural, preconizando os últimos dias (Mat. 24:29; Apoc. 6:13; etc.)

QUEDA DO HOMEM. Evento pelo qual o homem, criado à imagem de Deus e ordenado a refletir Seu caráter imaculado, perdeu seu estado de inocência, incorreu na penalidade mortal e introduziu no mundo as desordens resultantes do pecado. Participando do fruto proibido no Jardim do Éden, Adão e Eva, progenitores da raça humana,

rebelaram-se contra a autoridade divina e caíram em um estado de degradação espiritual do qual foram incapazes de se libertarem.

O Relato Bíblico. De acordo com Gênesis 2 e 3, Deus "plantou um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado". Exceto a "árvore do conhecimento do bem e do mal", todas as fontes desse jardim eram para uso e alegria de Adão e Eva. A respeito dessa árvore, Deus disse, "dela não comerás, porque no dia em dela comeres, certamente morrerás." A árvore estava reservada por Deus como um teste de lealdade e obediência do homem.

Mas um dia, estando Eva sozinha nas proximidades da árvore, ela ouviu a serpente dizer: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" Atraída pelo fenômeno de uma serpente estar falando, ela entreteve conversação com a criatura. Por fim, persuadida pelo argumento de que alcançaria um estado mais elevado de conhecimento e experiência comendo do fruto, ela se deixou vencer pela tentação e comeu. Logo após, ofereceu o fruto a Adão e ele também comeu.

Como resultado imediato de sua desobediência, Adão e Eva ficaram com medo, e se esconderam da presença de Deus. Quando Deus os chamou para que contassem sua conduta, Adão confessou sua culpa mas culpou a Eva por tê-lo tentado e Eva por sua vez, culpou a serpente. Deus amaldiçoou a serpente por sua parte na tentação e então disse: "Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar". Essa declaração tem geralmente sido entendida como uma mensagem de esperança ao par desobediente, uma promessa que o pecado seria destruído por intervenção divina. Deus disse a Adão e Eva que seu destino na vida agora seria difícil e que eles morreriam. Então, mandou o par pecador para fora do Éden, para que eles não continuassem a comer da árvore da vida e o pecado fosse imortalizado. A entrada no Éden foi barrada por anjos que possuíam espadas de fogo.

Desobedecendo a Deus, o homem sofreu queda moral com degeneração e desordem como conseqüência, não somente para si e sua posteridade, mas também para o reino vegetal e animal. Veja Rom. 5:12; 8:22.

Concepção ASD. Os ASD entendem a história bíblica da queda do homem como sendo literal e histórica. Essa idéia foi vastamente defendida pelos cristãos que se uniram ao *Movimento Milerita, em meados dos anos 1800 e que mais tarde se uniram para formar a Igreja Adventista do Sétimo Dia, e foi defendida pela denominação desde então. Ellen G. White aumentou o relato da Queda do Homem. Ela explica que Adão e Eva souberam da rebelião de Lúcifer no céu, e de sua determinação de levá-los a seguí-lo em sua transgressão.

> Se se separassem um do outro, estariam em maior perigo do que se ficassem juntos. ... Deus não permitiria que Satanás seguisse o santo par com contínuas tentações. Poderia ter acesso a eles apenas na árvore do conhecimento do bem e do mal. (*HR*, 31).

A Srª. White escreveu mais tarde:

> A fim de levar a cabo sua obra de modo despercebido, Satanás escolher usar a serpente como médium, — um disfarce bem adaptado para seu propósito enganoso.
>
> Eva estivera a passear perto da árvore proibida, e sua curiosidade foi aguçada para saber como a morte poderia estar escondida no fruto desta tão bela árvore. Ela surpreendeu-se ao ouvir suas interrogações tomadas e repetidas por uma estranha voz. "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" Eva não estava consciente de que havia revelado seus pensamentos em voz alta; portanto muito se surpreendeu ao ouvir suas questões

> repetidas por uma serpente (*Review and Herald*, 24/02/1874).

Ele disse a Eva que comendo do fruto, eles se tornariam "como deuses". O ato de comer do fruto proibido envolvia mais do que desobediência: revelava "desconfiança da bondade de Deus, descrença de Sua palavra e rejeição de Sua autoridade" (*Ed.*, 25). Seus efeitos são vistos na natureza bem como no homem:

> Toda a natureza está confusa, pois Deus proibiu a Terra de levar o propósito que Ele originalmente tinha para ela. ... A maldição de Deus está sobre toda a criação. Cada ano, isso se faz sentir mais decididamente (Ellen G. White, no *SDABC* 1:1085).

Sobre as conseqüências da transgressão de Adão sobre ele e sua posteridade, Ellen G. White escreveu:

> Declarou-se-lhes, porém, que sua natureza ficara depravada pelo pecado; haviam diminuído sua força para resistir ao mal, e aberto o caminho para Satanás ganhar mais fácil acesso a eles. (*PP*, 55)
>
> O homem se tornara tão degradado pelo pecado que lhe era impossível, por si mesmo, estar em harmonia com Aquele cuja natureza é pureza e bondade. (*ibid.*, 58)

A respeito das conseqüências do mal procedimento dos pais sobre os filhos, Ellen G. White declarou:

> É inevitável que os filhos sofram as conseqüências das más ações dos pais, mas não são castigados pela culpa

deles, a não ser que participem de seus pecados. Dá-se, entretanto, em geral o caso de os filhos andarem nas pegadas de seus pais. Por herança e exemplos os filhos se tornam participantes do pecado do pai. Más tendências, apetites pervertidos e moral vil, assim como enfermidades físicas e degeneração são transmitidas como um legado de pai para filho até a terceira e quarta geração. (*PP*, 312)

Veja também: **Mal, Origem do; Satanás e seus Anjos.**

R

RABELLO, HEDWIG BRAUN (1911-1970). Secretária de *A Voz da Profecia. Nasceu no dia 26 de janeiro de 1911, em Düsseldorf, Alemanha. Filha do Pr. Luís e Ana Braun. Veio para o Brasil aos dois anos de idade.

Formou-se em Teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Casou-se com Roberto Mendes Rabello em 1932. Acompanhou o esposo aos Estados

Unidos e, enquanto ele estudava no Pacific Union College, ela estudava parte do tempo, completando algumas matérias de Educação.

Desde 1943 até adoecer, trabalhou na Voz da Profecia como secretária.

Faleceu no dia 5 de novembro de 1970, aos 69 anos de idade na *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

RABELLO, JOSÉ MENDES (1898-1962). *Colportor, Instrutor Bíblico e professor. Nasceu em Campestre, Santo Antônio da Patrulha, RS.

Cursou os estudos elementares em uma escola pública rural. Ingressou na Obra como colportor efetivo. Dirigiu o Departamento de *Colportagem em Pernambuco de 1920 a 1921. Formou-se em Teologia no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) em 1926. Trabalhou na Obra Bíblica durante algum tempo e foi chamado como professor para o então Colégio Cruzeiro do Sul. Posteriormente dedicou-se a trabalhos seculares.

Faleceu no dia 10 de julho de 1962, em Taquara, RS.

RABELLO, OLIVEIROS MENDES (1887-1943). Professor pioneiro. Nasceu no dia 17 de novembro de 1887 em Campestre, Santo Antônio da Patrulha, RS.

Cursou os estudos elementares em uma escola pública rural. Conheceu o Adventismo em 1904 e começou a lecionar em 1905 na primeira escola particular Adventista de brasileiros, fundada por Dâmaso Inácio de Souza, em sua própria residência.

Oliveiros tornou-se o primeiro professor adventista brasileiro. Em 1913, passou a dirigir a Escola Paroquial da Igreja de Campestre, primeira escola paroquial de brasileiros, onde lecionou muito tempo.

Com o passar dos anos, fez o Curso Normal (Magistério) e dedicou-se ao magistério público estadual.

Faleceu no dia 7 de setembro de 1943, aos 55 anos de idade, em Santo Antônio da Patrulha, RS.

RÁDIO DIFUSORA GUANDUENSE LTDA. (RÁDIO NOVO TEMPO). Localiza-se em Afonso Cláudio, ES. É a emissora adventista pioneira na América Latina, tendo sido adquirida pela *Associação Espírito-Santense da IASD.

Suas atividades tiveram início no dia 12 de agosto de 1989, tendo como Diretor Geral o Pr. Alcy T. Almeida; como Diretor o Pr. Antônio Annunzziato e como Diretor Interno, Carlos Pimentel.

A sede não é própria, mas funciona das 5 h às 22 h, todos os dias, cobrindo um raio de 250 km, com uma potência de 1,0 kHz.

Como resultado deste trabalho, 60 pessoas já foram batizadas e 300 a 500 cartas são recebidas semanalmente.

A Rádio é mantida por comerciais e doações. Atualmente o Pr. Zaqueu K. Hein é o diretor de produção artística, publicitária e diretor geral da emissora.

RÁDIO LIBERAL.

RÁDIO MUNDIAL ADVENTISTA.

RÁDIO NOVO TEMPO. Rede de rádios em várias cidades do Brasil, divulgando a mensagem adventista e anunciando a *Segunda Vinda de Jesus.

CIDADE ....ESTADO................FREQÜÊNCIA

1. Vitória...............................Espírito Santo..........730 KHZ-AM

2. Vitória...............................Espírito Santo..........95,9 KHZ-FM
3. Afonso Cláudio.................Espírito Santo..........1300 KHZ-AM
4. Nova Venécia ....Espírito Santo..........100,3 KHZ-FM
5. Campos ....Rio de Janeiro..........96,1 KHZ-FM
6. Rio Bonito ....Rio de janeiro..........1340 KHZ-AM
7. Teresópolis ....Rio de Janeiro..........90,7 KHZ-FM
8. Ilhéus ....Bahia.......................1310 KHZ-AM
9. Salvador ....Bahia.......................920 KHZ-AM
10. Maceió ....Alagoas....................710 KHZ-AM
11. Governador Valadares......Minas Gerais...........1230 KHZ-AM
12. Porto Alegre......................Rio Grande do Sul...99,9 KHZ-FM
13. Nova Odessa.....................São Paulo.................830 KHZ-AM
14. São José do Rio Preto.......São Paulo.................1290 KHZ-AM

Muito em breve terá em Rede Nacional, via satélite, com 24 horas de programação.

Nos dias 26 a 29 de abril de 1995, na cidade Vitória, ES, houve o I Encontro de Radialistas e Rádio Difusores Adventistas da *Divisão Sul-Americana da IASD.

RÁDIO NOVO TEMPO AM - AFONSO CLÁUDIO, ES. É a Emissora Adventista pioneira em toda América do Sul. A Razão Social é: Rádio Difusora Guanduense Ltda.

É administrada integralmente pela *Associação Espírito-Santense da IASD.

Os Estados do Espírito Santo, regiões da Bahia, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, recebem 24 horas por dia, a programação da Rádio em 730 kHz AM.

No final de 1989, o então Presidente da República, José Sarney, outorgou à Associação Espírito-Santense a concessão de uma rádio AM,

sendo então inaugurada em 12 de agosto de 1989. Seu idealizador foi o Pr. Alcy Tarcísio de Almeida.

Equipada com transmissoras Harris de 10 KWS, com uma torre de 138 m de altura, a Rádio Novo Tempo é a emissora AM de maior alcance em todo o Estado do Espírito Santo e a única AM estéreo.

Apresenta música seleta, mensagens espirituais, notícias, curiosidades, histórias infantis, diálogos com os ouvintes e serviços de utilidade pública.

Como resultado deste trabalho + de 60 pessoas já foram batizadas e 300 a 500 cartas são recebidas semanalmente.

A rádio é mantida por comerciais e doações.

Diretores:

Diretor Geral: Pr. Alcy Tarcísio de Almeida;

Diretor: Pr. Antônio Annunzziato;

Diretor Interno: Carlos Pimentel.

RÁDIO NOVO TEMPO FM. Localiza-se em Sapiranga, RS. Foi comprada em maio de 1992, pela *Associação Sul-Riograndense da IASD porém, somente no dia 9 de agosto de 1992, iniciou suas transmissões, após passar por algumas melhorias.

A Emissora está sob a Direção Geral de Adão Paulo Lopes, radialista de experiência na área, e a Direção de Programação sob responsabilidade do Pr. Irineu Koch, Departamental de Comunicação da Associação Sul-Riograndense.

É a primeira emissora FM adventista no Brasil, transmitida na freqüência de 90,3 MHZ.

Com uma antena instalada a 270 m de altitude, a Emissora atinge a maior parte da região metropolitana da capital gaúcha, num total de 26 municípios.

O principal objetivo da Rádio é trabalhar para que esse poderoso meio de comunicação alcance significativos resultados na grande *Missão Global.

RAMOS, SENHORINHA OLIVEIRA (1870-1955). Pioneira adventista no Sul da Bahia. Nasceu no dia 26 de setembro de 1870, em Cristina, Sergipe. Casou-se com João Roberto Ramos.

Após a Proclamação da República, o casal veio para o Sul da Bahia, onde ouviram o *Evangelho através dos colportores (Veja **Colportor**) *Manoel Margarido e *Joaquim Torres, em 1912.

Em 1918, foram batizados pelo Pr. *Ricardo Wilfart. A família Ramos e outras famílias também foram os pioneiros adventistas no Sul da Bahia.

Faleceu no dia 10 de outubro de 1955 aos 85 anos de idade.

RASI, MÁRIO FRANCISCO PEDRO (1909-1963) *Pastor departamental da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA). Nasceu no dia 30 de maio de 1909, em Tortona, Itália.

Aos 16 meses de idade foi com a família para a Argentina. Conheceu a mensagem Adventista 20 anos mais tarde.

Recém-batizado, foi estudar no Colégio Adventista del Plata, matriculando-se no Sanatório daquela instituição.

Casou-se no dia 29 de dezembro de 1932, com Frida Heyde. De seu casamento nasceram 2 filhos: Humberto Mário e Rolando Heitor.

Em 1933, trabalhou como Diretor dos Departamentos da *Escola Sabatina e Rádio da DSA.

Faleceu em conseqüência de naufrágio, no dia 11 de julho de 1963, na foz do Rio da Prata, aos 54 anos de idade, estando em viagem para dirigir congressos em Buenos Aires, Santiago do Chile, La Paz, Lima e Quito.

RECOLTA. Apelo denominacional anual em nível mundial para a arrecadação de fundos do público em geral. A campanha serve para um duplo propósito:

(1) provê fundos para auxiliar no programa mundial que inclui projetos médicos, educacionais, assistência social e evangelismo, que trazem alívio à sociedade e soerguem a humanidade e apresentam um *Jesus Cristo vivo ao mundo, e

(2) é um meio de fazer contatos com milhões de lares, cujos ocupantes são presenteados com a edição de uma revista que descreve a obra mundial dos ASD e que oferece a oportunidade de inscrevê-los em um curso bíblico por correspondência. Essa solicitação tem sido realizada a cada ano desde 1903 e tem-se estendido a todos os países onde a obra ASD está presente. Os que realizam essa tarefa são voluntários não remunerados dos membros da Igreja de todas as posições sociais.

O programa humanitário ASD dos projetos, médico, educacional e evangelístico e de assistência social é a tentativa da Igreja de seguir o exemplo de Jesus Cristo, que andava fazendo o bem, curando os doentes, ensinando o povo e pregando o *Evangelho.

Os fundos enviados aos países estrangeiros provêem recursos para muitos projetos, tais como clínicas, dispensários, leprosários, escolas missionárias - freqüentemente as únicas oportunidades disponíveis a grandes populações. Ao mesmo tempo, aproximadamente um terço do total de fundos arrecadados nas campanhas da Recolta é de doadores em países estrangeiros. Em muitos desses países, projetos significativos têm sido realizados com tais recursos.

Origem. A idéia de distribuir revistas e pedir, como retorno, contribuições para o programa das missões originou-se com *Jasper Wayne, um viajante vendedor de materiais de enfermagem, que vivia em

Sac City, Iowa. Como mais tarde relatou a experiência, em 1903 ele encomendou 50 cópias de uma edição especial do **Signs of the Times*.

Recebendo-os no correio, abriu-os e começou a distribuí-los às pessoas que estavam no saguão, dizendo que todo o dinheiro recebido iria para as missões estrangeiras. Para sua surpresa, ele conseguiu mais de quatro dólares para as missões.

Aproximadamente dez dias mais tarde outra encomenda de 50 revistas chegou, enviada por engano. Ele as pegou em sua charrete para distribuir ao surgir alguma ocasião. O primeiro homem de que se aproximou lhe deu 15 centavos de dólar, o próximo 18 centavos de dólar, e então uma mulher lhe deu 25 centavos de dólar. Isso lhe deu coragem de sugerir 25 centavos de dólar posteriormente; alguns davam somas mais altas. Recebendo aproximadamente $26 dólares distribuindo as 50 revistas e compreendendo as possibilidades neste plano de assegurar recursos para as missões, ele certa vez encomendou 400 cópias para levar consigo. Em mais ou menos um ano, ele arrecadou $100 dólares com estes e apreciava explicar a obra que a Igreja realizava.

Em 1904, em uma reunião realizada em Omaha, Nebraska, ele despertou o interesse do presidente da Associação do Nebraska neste plano. Embora relutante de falar perante uma grande audiência, ele reuniu suas forças e explicou seu método em uma de suas reuniões. Também teve uma audiência com *Ellen G. White, que estava presente na reunião campal. Ela manifestou um profundo interesse e deu ao plano seu apoio (*Serviço Cristão*, pp. 167-177).

Em 1908 a Associação Geral recomendou o plano da recolta para todas as Igrejas, aprovando o uso de um número especial da *Review and Herald* para informar o público sobre a obra ASD, e para arrecadar fundos para as missões. Posteriormente a revista da Recolta foi uma edição especial do *Signs of the Times*.

Objetivos e Alvos. O programa da Recolta, promovido pelo Departamento de Atividades Leigas, tem cinco objetivos:

(1) cem por cento da participação dos membros,
(2) cobertura total do território,
(3) achar pessoas interessadas no Evangelho,
(4) aumentar as ofertas,
(5) plena análise posterior de interesses.

Durante os primeiros anos de Recolta, nenhum objetivo financeiro específico foi estabelecido. Em 1915, os membros eram animados a estabelecer alvos individuais quanto à quantidade a ser alcançada. O princípio de um alvo individual foi recomendado a todas as divisões do campo mundial, e em 1934, recomendou-se que as Associações o estabelecessem em cada Igreja.

*Métodos***.** A campanha, oficialmente limitada a um máximo de seis semanas, é realizada através de vários métodos - solicitação nas ruas, visitas a lugares de comércio e aos lares, conjuntos vocais, corais de Natal e correspondência.

*Participação dos Jovens***.** Dias especiais para a Recolta, venda de literatura e até mesmo serenatas são atividades anuais realizadas nas escolas ASD, desde o pré até à Universidade. É estimulada a participação total dos estudantes de todas as escolas, mas é voluntária. No final de um dia de Recolta, os estudantes geralmente retornam mais ricos espiritualmente, em unidade, e em perspectiva após terem trabalhado juntos por um objetivo humanitário.

*Resultados***.** Em 1992, o total mundial da campanha da Recolta foi de U$14.047.552 (quatorze milhões, quarenta e sete mil e quinhentos e cinqüenta e dois) dólares.

RECONCILIAÇÃO. Veja **Expiação.**

RECREAÇÃO E DIVERSÃO. Cedo em sua história, os ASD dedicaram pouco tempo à recreação e divertimento. Três razões para isto podem ser citadas:

(1) a IASD surgiu na Nova Inglaterra, uma área notável por suas origens puritanas;

(2) a igreja surgiu durante a era Vitoriana, notável por seu conservadorismo;

(3) provavelmente, o mais importante, os pioneiros ASD criam que a vinda do Senhor estava tão iminente que o tempo deveria ser ocupado na proclamação do *Segundo Advento e preparação para tão solene evento.

Ao passar o tempo e crescer o número de membros, a necessidade de satisfazer as exigências sociais dos jovens tornou-se aparentemente crescente. Foram feitos esforços para estabelecer princípios diretivos na escolha de formas aceitáveis de recreação e divertimentos. Em 1865, a **Review and Herald* tratou assim do problema:

> Eles (os divertimentos) não são o objetivo da vida, mas interlúdios, recreações, e descanso, trazidos esporadicamente salvam-nos de sermos abatidos pelo incessante trabalho. Enquanto estudamos e trabalhamos, enquanto fazemos nossa parte para trabalhar ou para nos preparar para isso, é certo, ou melhor, é nosso dever e privilégio, nos entregarmos, de tempos em tempos a divertimentos.
>
> Mas quando os divertimentos se tornam o principal, quando tomam o lugar dos sérios deveres que Deus impôs sobre cada homem criado, então eles minam os nossos princípios e enfraquecem nossa fé em tudo o que é mais nobre em virtude, ou mais santo em religião.

Em 1868, L. D. Santee descreveu uma festa de Ano Novo Adventista, que indica o tipo de atividade que era considerada própria para os ASD há cem anos:

> Talvez possa interessar a alguns saber como a igreja neste lugar (Gridley, Illinois) passa o Ano Novo. Foi determinado prover uma cesta de jantar e uma recreação para a Igreja e estudantes da *Escola Sabatina. Alguns queriam saber o que poderia ser feito como divertimento, por não crermos nos divertimentos populares atuais. ... Os pequenos se reuniam de maneira agradável ... Eles se divertiam de várias maneiras até o jantar. Um dos estudantes da Escola Sabatina leu o Salmo 150, após o que as crianças se reuniram ao redor de uma grande mesa repleta de alimentos saudáveis, sendo que os adultos se serviam depois. Encerrado o jantar, outro pequeno Salmo era lido, quando quase todos se dirigiam a um grande espaço e se engajavam em simples jogos atléticos programados para dar tônus e vigor aos músculos. Após jogarem durante o tempo adequado, todos voltaram para casa, onde o Irmão J. M. Santee nos falou por pouco tempo sobre a dívida de gratidão que temos para com o Criador e Preservador e sobre o dever das crianças para com seus pais (*Review and Herald*, 21 de janeiro de 1868).

Alguns anos mais tarde, em 1873, G. I. Butler, então presidente da Associação Geral, estabeleceu na *Review and Herald* certos princípios para direcionar os ASD em termos de recreação:

> Na educação de crianças, este curso deveria ser perseguido a qual dá a melhor segurança de formação de um caráter firme. Queremos que nossas crianças cresçam até a idade adulta com caracteres que ilustrarão os princípios de justiça, verdade, fidelidade, e temor do Senhor; que possam ser meigos e gentis para com os que merecem simpatia; animosos, esperançosos e fervorosos em favor do certo; e que possam manter-se com coragem sob adversidade e sofrimento. Queremos que tenham mentes, capazes de discernir, rápidas para detectar e com coragem para expor e resistir ao erro. Queremos que eles também tenham corpos propriamente desenvolvidos e fortalecidos pelo exercício. ...

Até agora, então, sendo os divertimentos consistentes e auxiliadores para trazer boa formação de tais caracteres como nós nos referimos, deveriam ser estimulados; de outra maneira, deveriam ser desencorajados. Desenvolvimento adequado do físico, da moral e da mente é o grande fim a ser tido em vista na educação de crianças e da mente; a moral, sendo o mais alto e mais importante dos três.

> Perguntamos primeiramente, "Precisam as crianças de divertimentos realmente? Cremos que sim. ...
>
> As crianças devem ser ativas e alegres. Qualquer sistema de educação repressivo em seu caráter, de molde a tornar as crianças como pessoas idosas tolherá o desenvolvimento natural, amargará a disposição e tornará os espíritos sombrios e taciturnos. ... Bom ânimo é melhor do que desânimo; esperança é melhor do que o desalento; a coragem melhor do que a melancolia. Seja tomado tal curso que será mais propenso a produzir tais resultados. ...

> Pensamos em uma certa quantidade de divertimento para conseguir tal objetivo.
>
> Mas enquanto eu desta maneira falo em favor de divertimento inocente, guardaria as crianças contra a impressão de que os divertimentos são o alvo da vida. ... O pai que dá recreação razoável e “entretenimento agradável” a suas crianças, será mais capaz de fazer a adequada distinção aparecer na mente das crianças, do que aquele que o mantém sempre no mesmo nível de trabalho útil. ...
>
> Se for aceito que algum divertimento é próprio, o senso comum parece ensinar a permitir somente os que são inocentes e rejeitar os que são desmoralizantes ou os que porão as crianças sob más influências. ...

Após estabelecer a filosofia básica do que ele considerava divertimento próprio e recreação, Butler aplicou estes princípios a várias atividades:

> A música, em suas várias formas, parece ser um meio de recreação adequado de prazer. Dentro de limites razoáveis, parece ser eminentemente digna de cultivo. Mas quando é feita o grande objetivo da vida respeitosamente aceitamos que excedeu tais limites. ...
>
> Exercícios tais como *skate*, escorregar, nadar, brincar com a bola, jogar disco, correr, etc., são todos próprios e inocentes em si mesmos, quando mantidos dentro dos limites, quando ligados a associações adequadas. ...
>
> Noto agora outra classe, como o dominó, xadrez, damas, bilhar, cartas, etc., muitos do quais envolvendo jogos de azar e jogos que possam levar à jogatina. Há tão grande variedades destes que se torna impossível falar

> definidamente de todos. Alguns são mais objetáveis do que outros. Até que ponto deveriam eles ser permitidos ou estimulados? E até que ponto proibidos?...
>
> Começarei pelos mais simples: bolas de gude. Pode não haver nada objetável em crianças as terem para jogar no chão ou uma superfície macia. Mas parece que a idéia deveria ser mais plenamente instilada em sua mente desde o início, que a jogatina não será permitida em nenhuma circunstância. ... Adquiridas sem pagar o equivalente por elas, não são honestamente adquiridas.
>
> Não se pode negar que o xadrez e damas oferecem disciplina à mente. O homem que pode jogar xadrez ou damas com sucesso tem que pensar e pensar sensivelmente. Nem são elas usadas profundamente na jogatina. Mas se tornam tão fascinantes à mente, que são capazes de tomar mais tempo e atenção do que merecem. ... Eu penso que deveriam ser desestimulados como divertimentos.
>
> Jogar cartas consiste em uma mistura de perícia e azar, e é tão universalmente associado com jogatina e associações aviltantes, que deveriam ser intimidados.

Os ASD hoje enfrentam o problema de avaliar muitos tipos de entretenimento, alguns completamente desconhecidos de seus pais.

Entretenimento Visual. Inclui formas de entretenimento tais como histórias em quadrinhos, televisão, assistência ao teatro ou a esportes comercializados. Em escolhas quanto a esses tipos de entretenimentos, os ASD têm sido orientados por certos princípios gerais que são aplicáveis em vários níveis.

Imagens são conhecidas como o meio mais eficiente de influenciar o comportamento que o homem conhece. Sendo isto verdade, é evidente que há grandes possibilidades para bem ou mal nas

imagens, dependendo do caráter do que elas retratam. Por causa disto, um dos critérios básicos que os ASD têm usado para determinar o que é próprio ou inadequado para um cristão ver é o caráter das coisas que são retratadas.

Histórias em Quadrinhos. Geralmente uma série de desenhos em seqüência narrativa. Elas podem, por exemplo, descrever histórias bíblicas, retratar a vida selvagem, eventos históricos, processos científicos ou retratar cenas de crimes, violência e imoralidade. O caráter da atividade retratada é o que deveria determinar se os desenhos são próprios para que um cristão os veja. Os ASD fazem uso de histórias em quadrinhos para ensinar histórias bíblicas e divulgar informação histórica às crianças; quanto aos "gibis", geralmente são deletérios para a formação de um caráter são.

Desenhos Animados. O desenvolvimento de desenhos animados, especialmente com som, tornou possível produções realísticas e dramáticas de modo extraordinário. Os cristãos conservadores que tinham previamente reconhecido as más influências do teatro, viam os mesmos efeitos nos filmes. É bem sabido que a influência das cenas retratadas, especialmente sobre crianças e jovens, é poderosa, e que o conteúdo da maioria dos *shows* dramáticos não está direcionada a ideais elevados. Estas apresentações freqüentemente representam o banal e esdrúxulo, se não os aspectos violentos e criminosos da vida, e glorificam caracteres e ações indignas.

Os ASD têm sido advertidos (*Manual da Igreja*, 180-181) "contra a sutil e sinistra influência do teatro", que é uma escola de treinamento de falsos valores como os cristãos a consideram — mundanismo, lassidão e amor ao prazer — e, às vezes, expõe os jovens que assistem a associações prejudiciais.

Enquanto condenam o teatro e o cinema, os ASD não se opõe à assistência a filmes animados, se o caráter das atividades retratadas for

saudável e instrutivo e se a temperança for exercida na quantidade de tempo gasto. Instituições patrocinadas por igrejas mostram, para seus grupos filmes escolhidos.

O Departamento de Jovens (1975) publicou um folheto sugerindo um critério de tempo para a seleção de filmes aceitáveis:

I. Apresentações Aceitáveis

a. *Filmes Industriais*. — Filmes mostrando processos de manufatura, utilidades públicas, transporte, comércio e transmissão de novidades e informações.
b. Processos Científicos e Pesquisas Alimentares.
c. Pesquisas Ecológicas, Geográficas etc. — Filmes de outros países, seus hábitos nacionais, costumes e vida (excluindo-se cenas que possam ter influência deletéria).
d. *Natureza e Vida Selvagem*. — Filmes de parques nacionais ou outras partes, cenários naturais, escaladas de montanhas, explorações, vida animal em vários Estados e nações, o desenvolvimento da vida dos insetos, plantas, peixes, pássaros (excluindo os que enfatizam a crueldade).
e. *Arqueologia e Arte*. — Filmes que se conformam com nossos padrões de modéstia cristã.
f. *Jornais e História Corrente*. — (Excluindo-se filmes que sejam contrários aos nossos padrões).
g. *Filmes Educacionais*. — Filmes que divulgam informação e ensinam verdades em qualquer ramo do ensino.
h. *Históricos*. — Filmes de eventos autênticos precisamente retratados, e preenchendo os requisitos estabelecidos neste artigo.
i. *Nossa Obra e Atividades Denominacionai*s.

j. *Biografias*. — Filmes de caráter honroso, dignos de elogios e precisamente ou precedendo os padrões estabelecidos neste artigo.

II. Apresentações Inaceitáveis.

a. Filmes representando a Cristo.
b. Todos os filmes que representam peças fictícias.
c. Filmes de sexo explícito.
d. Filmes que rebaixam a estima pela santidade do casamento retratando separações de famílias ou ridicularizando a vida familiar e seus relacionamentos.
e. Filmes retratando cenas que sejam contrárias aos padrões e ideais adventistas, tais como dança, jogo de cartas, jogatina, bebida, vida noturna, farras, rebeldia e brutalidade.
f. Filmes retratando ou glorificando criminosos.
g. Filmes retratando cenas de violência, crueldade, brutalidade, tais como lutas profissionais.
h. Filmes retratando cenas de uso de cigarro ou bebida como atividades sociais desejáveis.
i. Filmes que por ridículo ou insinuação ou cruéis comédias poderiam rebaixar, na estima do observador o respeito pela lei de Deus, religião, o ministério ou a dignidade da pessoa humana ou de agentes legais.
j. Filmes de caráter científico ou histórico que distorcem os fatos ou pervertem a verdade.
k. Filmes que utilizem linguagem grosseira profana ou vulgar.
l. Desenhos animados que violam os padrões de propriedade deste artigo (Folheto MV, 47 “Desenhos Animados”).

Televisão. Quanto à televisão, a decisão de escolha dos programas que vemos, tem-se tornado um problema diário no lar. A IASD não

condena a TV, mas adverte os membros a aplicarem os mesmos princípios usados para os desenhos e filmes animados, e, além disso, evitar gastar muito tempo vendo até mesmo bons programas. A seguinte é parte de uma declaração preparada sob a direção da Comissão da Conferência Geral ("E a Televisão?" p. 4).

> A menos que os que assistem estejam sempre atentos, a TV consome uma excessiva quantidade de seu tempo. Os cristãos são mordomos do talento do tempo, sendo responsáveis diante de Deus por cada momento para melhorá-lo para a sua glória de Deus. O tempo foi dado à humanidade para auto-melhoramento, para o trabalho e exercício físico, para a comunhão com Deus, para servir a Deus e a humanidade, para recreação e alegria, e deveria sim ser utilizado em um programa equilibrado que traga honra a Deus e cumpra todas as necessidades e deveres da vida.

O *Manual da Igreja* (p. 180) dá o seguinte conselho sobre a televisão:

> Segurança para nós mesmos e para nossos filhos é encontrada em uma determinação, com a ajuda de Deus, de seguir o conselho do apóstolo Paulo: "Quanto ao mais irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável; tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai". (Fil. 4:8)

Assistência ao Teatro e Esportes Comercializados. Diferentes de outras formas de entretenimentos visuais que foram discutidos neste artigo, o palco (inclusive dramas e operas) e esportes comercializados (inclusive entretenimentos comercializados) empregam pessoas, mas

muitos dos princípios que se aplicam para as histórias em quadrinhos, desenhos animados e televisão, também se aplicam a eles. Ellen G. White escreve a respeito do palco:

> Entre os mais perigosos lugares de prazer, acha-se o teatro. Em vez de ser uma escola para a moralidade e virtude, como muitas vezes se pretende, é o próprio foco da imoralidade. Hábitos viciosos e propensões pecaminosas são fortalecidas e confirmadas por esses entretenimentos. Canções baixas, gestos, expressões e atitudes obscenos, depravam a imaginação e rebaixam a moralidade. Todo o jovem que habitualmente assiste a tais exibições será corrompido em seus princípios. Não há influência mais poderosa em nosso país para envenenar a imaginação, destruir as impressões religiosas e tirar o gosto pelos prazeres tranqüilos e pelas realidades sóbrias da vida do que as diversões teatrais.
>
> O amor a essas cenas aumenta a cada condescendência.
>
> O único caminho seguro é evitar ir ao teatro. (*MJ*, 380).

A condescendência com esportes comercializados tais como *baseball*, futebol e basquete são desencorajados pela igreja. Desta maneira, o *Manual da Igreja* (p. 181) concita:

> "Não patrocinemos diversões comercializadas, unido-nos às multidões de mundanos, negligentes e amantes dos prazeres que são "mais amantes dos deleites do que amantes de Deus".

Jogos e Esportes. *Jogos.* Jogos tais como cartas são proibidos por causa de sua associação com a jogatina (Veja abaixo) e vício. Assim o

Manual da Igreja concita a uma completa "separação das práticas mundanas tais como o jogar cartas". Outros jogos tais como as damas, dominó, xadrez, etc., são desestimulados, principalmente porque podem abrir a porta para outros vícios. A respeito deles, Ellen G. White declarou:

> "Há diversões tais como a dança (Veja abaixo), cartas, xadrez, damas, etc., que não podemos aprovar, porquanto o Céu as condena. Estes divertimentos abrem a porta para grande mal". (*MJ*, 392).

Outros tais como jogos sobre natureza, jogos bíblicos, certos jogos de palavras, são reconhecidos como sendo instrutivos e até mesmo de valor, salvo não ser gasto muito tempo com eles.

Geralmente, se o caráter do jogo e o espírito com que ele é jogado são saudáveis, a questão de ser próprio a um adventista participar em tal é determinada grandemente pela quantidade de tempo gasto jogando-o e as associações envolvidas. Qualquer gasto de tempo que tenda a privar de um desenvolvimento equilibrado deveria ser evitado; qualquer associação que provavelmente leve para longe de Deus devem ser evitados.

Esportes. Incluem atividades físicas ao ar livre e em ambientes fechados, freqüentemente competitivas, embora possam ser puramente recreativas. A IASD geralmente estimula os esportes recreativos feitos ao ar livre em detrimento de esportes realizados em ambientes fechados. Os últimos não são condenados quando são as melhores formas de exercício disponíveis, salvo que sejam cuidadosamente avaliados, que não sejam levados a excessos e que um espírito cristão seja mantido. Mas são reconhecidos como sendo uma segunda melhor forma de exercício:

> Os exercícios ginásticos preenchem uma útil lacuna em muitas escolas; mas sem uma supervisão cuidadosa, são freqüentemente levados ao excesso. Muitos jovens, pelas proezas de força que tentam realizar nos salões de ginástica, têm trazido lesões para toda a vida.
>
> O exercício em um salão de ginástica, embora bem conduzido, não pode substituir a recreação ao ar livre (*Ed*., 210)

Jogatina. Em comum com a maioria das Igrejas Cristãs, os ASD objetaram quanto ao jogo em várias bases. Eles crêem que ele viola o princípio da mordomia cristã de propriedade, é antisocial, e é oneroso, pois não acrescenta à riqueza da comunidade e tende a tornar o acaso uma base de conduta. Os que jogam não são abertamente mantidos como membros.

> O jogo de cartas, as apostas, jogo, as corridas de cavalo e as representações teatrais são todas de sua [de Satanás] própria invenção, e ele tem induzido homens a levarem avante esses divertimentos com tanto zelo como se estivessem ganhando para si a própria dádiva da vida eterna (*CM*, 134).

Dança. A dança, de alguma forma, tem sido uma prática mundial através da história. A dança ritual é encontrada entre os povos mais primitivos. Em tempos bíblicos, as danças religiosas eram associadas ao culto, como quando Míriam dirigiu o canto e a dança em gratidão pela libertação no Mar Vermelho (Êx. 15:20, 21), e quando Davi "dançou perante o Senhor" (II Sam. 6:14).

Porém, a dança social como é conhecida hoje não é encontrada nas Escrituras, e desde o início a IASD tem-se objetado a ela. "O

divertimento da dança, como orientado em nosso dias, é uma escola de depravação, uma terrível maldição para a sociedade" (*MJ*, 399). Ensinando-se que a dança tende a diminuir o interesse na vida espiritual, geralmente envolve associações não-cristãs e cria uma excitação que pode levar à imoralidade. Os candidatos ao batismo são aconselhados a se absterem dela.

Possibilidades de Recreação Cristã. Os ASD têm-se esforçado sempre que possível a tomar uma atitude positiva com respeito à recreação. Desta forma as organizações e os departamentos jovens das associações locais estimulam tais tipos de esportes ao ar livre como caminhada, acampar, explorações e canoagem. Sociedades jovens locais podem oferecer oportunidades para companheirismo sadio no serviço e na recreação. Clubes de Desbravadores e outros patrocinam várias recreações externas e internas. Entretenimentos escolares de vários tipos — alguns deles dirigidos por estudantes — atividades manuais, coleções e projetos de JA, *hobbies* em casa, bem como festas de caráter sadio, oferecem oportunidades maiores para recreação cristã agradável para a juventude da igreja.

REFORMA, MOVIMENTO ASD DA (Alemanha, 1915). Movimento dissidente começando na Alemanha em 1915, o qual teve um seguimento nos Estados Bálticos, Rússia, Austrália e nos Estados Unidos, em sua maioria alemães. Embora a questão inicial tenha sido sobre visões e marcação de datas, o cerne da discórdia através dos anos tem sido a posição tomada pela IASD a respeito do dever de seus membros de entrarem no serviço militar.

A questão militar veio à tona quanto o conflito entre a Áustria-Hungria e Sérvia explodiu na Primeira Guerra Mundial em agosto de 1914. Naquele tempo, as atividades da IASD em toda a Europa estavam sob a supervisão da Divisão Européia, com sede em Hamburgo,

Alemanha, embora a maioria dos membros da comissão executiva morassem fora da Alemanha — na Dinamarca, Inglaterra, França, Hungria, Rússia, Suíça e Turquia. A Divisão Européia, como uma organização administrativa foi grandemente dividida pela guerra e pelos obstáculos posterior de viagem e comunicação.

Na mobilização da Alemanha, em agosto de 1914, os ASD daquele país enfrentavam a necessidade de fazer uma decisão imediata a respeito de seu dever para com Deus e para o país quando chamados para as forças armadas. Após tomarem conselho com os poucos líderes disponíveis na ocasião, o presidente da União Leste da Alemanha informou ao Ministério das Forças Armadas Alemãs por escrito com data de 04 de agosto de 1914, que os ASD recrutados iriam combater, inclusive no *Sábado, em defesa de seu país. A maioria dos membros quando recrutados agiram de acordo, embora muitos deles requereram e obtiveram autorização do departamento de não-combatência no departamento de saúde e da Cruz Vermelha. Muitos declararam se oporem conscientemente, e em alguns casos sofreram severos tratamentos por assim fazerem.

Um homem, John Wieck, recrutado para o exército alemão, provou ser um extremista, afirmando ter tido uma visão de que a porta da graça se fecharia na primavera. Muitas outras pessoas também marcaram datas. Estes pretensos profetas acusaram os líderes ASD por não terem dado crédito a suas predições e por recusarem publicá-las.

Como resultado de declarações desfavoráveis contra o Governo Alemão por alguns fanáticos, Igrejas inteiras no Estado da Saxônia foram fechadas pelas autoridades públicas. Somente quando três líderes em Hamburgo, em uma carta ao governo em Berlim no dia 04 de março de 1915 reafirmaram sua posição sobre a combatência, que a bandeira da oposição contra as Igrejas ASD na Saxônia foi erguida.

Mais tarde, um velho ancião em Bremen, que tinha-se unido a causa dos extremistas, fez essa reafirmação para acusar líderes

denominacionais de apostasia e para acusar o extremismo e dissensão entre os crentes.

Seguros, os três líderes ASD na Alemanha tomaram posição a respeito do dever dos ASD no serviço militar a qual era contrária à posição histórica e oficialmente mantida pela denominação desde a Guerra Civil Americana (1861-1865). Decidiram isso baseados em sua própria responsabilidade em um tempo de emergência pensando sinceramente que estavam fazendo o que era melhor sob tais circunstâncias, mas isto nunca foi aprovado ou endossado por quaisquer circunstâncias e nunca foi aprovado ou endossado por qualquer outra comissão ou concílio da IASD.

Em 1919, representantes de várias facções dissidentes reuniram-se na Suíça a fim de realizar uma imagem da unidade e preparar para apresentar suas demandas no concílio ASD a ser realizados na Alemanha em 1920.

Quando a delegação “Reformista” apresentou seu caso à *Associação Geral no Colégio Friedensau, em julho de 1920, a primeira questão levantada foi: “Que posição a Associação Geral toma quanto à decisão dos líderes aqui da Alemanha a respeito de decisão da guarda do sábado na guerra e ao porte de armas? “A. G. Danniells, presidente da Associação Geral, respondeu que ela não aprovava aquela declaração porque “nela encontramos expressões que sentimos profundamente ouvir”. Além do mais, durante a reunião de obreiros mais tarde, os três líderes ASD que tinham feito declaração reconheceram publicamente que haviam cometido um erro e expressaram seu pesar por terem agido assim.

Eles também voltaram com outros quando, em 2 de janeiro de 1923, a comissão da Divisão Européia reorganizada, em concílio em Gland, Suíça, publicou oficialmente uma “Declaração de Princípios”, na qual a comissão unanimemente declarou que estavam plenamente de acordo com a posição mundialmente aceita a respeito do dever dos ASD

quanto a servir nas forças armadas. Além disso, uma declaração especial foi feita no mesmo dia pelos representantes da Uniões Alemãs, afirmando sua aprovação.

A maioria dos reformistas voltaram para a IASD embora alguns não tenham se objetado ao fato de que a IASD nunca havia feito de sua posição quanto ao serviço militar uma prova de fé, mas tinha conferido a cada membro da Igreja a liberdade de servir seu país todas as vezes e em todos os lugares de acordo com os ditames de sua própria consciência.

O Movimento Adventista da Reforma nunca teve muitos seguidores, e em 1937 foi dividido em uns 25 grupos somente na Europa. Nos Estados Unidos da América há uns poucos grupos. Um deles, um remanescente do movimento da “reforma”, tem seu escritório em Denver, Colorado, e um dissidente que originou-se dele em 1948 tem sua sede em Sacramento, Califórnia. Seus seguidores são poucos.

REGENERAÇÃO. Veja **Novo Nascimento.**

REINO DE DEUS. Na *Bíblia, essa frase se refere primariamente ao regimento real, ou soberania de *Deus que, de acordo com o *Novo Testamento, Ele exerce através de *Jesus Cristo como demonstrado nos *Evangelhos Sinóticos; Seu ensino anterior (Mat. 4:17; Luc. 4:43), no Sermão da Montanha, (Mat. 5 a 7), nas primeiras parábolas (Mat. 13), e na última ceia (Luc. 22:29-30) — é o reino de Deus.

A frase atual não ocorre no *Antigo Testamento, embora reino em relação a Deus refira-se quase sempre a Sua autoridade ou regimento real (Sal. 22:28; 45:6., 103:19; 145:11, 13: Dan. 4:34; 6:26; etc). Nos Evangelhos, a frase “reino de Deus” é usada 15 vezes em Marcos, 33 vezes em Lucas, 2 vezes em João e 5 vezes em Mateus. A frase “reino do Céu” ocorre 29 vezes em Mateus e uma vez num dos manuscritos de

João 3:5. As duas frases são usadas como sinônimos. Mateus reflete a prática judaica de substituir um circunlóquio reverente, "céu", por um nome sagrado, para evitar o uso do último desnecessariamente. As duas frases são usadas intercambialmente em Mat. 19:23, 24. A frase "Reino de Deus" é encontrada sete vezes em Atos, 9 nos escritos de Paulo e uma vez no livro de Apocalipse. Em acréscimo, tais expressões equivalentes como, "teu reino", "seu reino", "o reino", "o reino de meu Pai" ocorrem nos Sinóticos. O Reino de Deus é também o reino de Cristo (Mat. 13: 41; 16:28; Luc. 22:30, João 18:36; Col. 1:13; II Ped. 1:11; Apoc. 11:15; 12:10).

O significado básico das palavras gregas e hebraicas para o reino (*malkûth e basileia)* é o de autoridade real ou soberania mais do que no âmbito ou esfera em que esta autoridade é exercida. Este significado primário é refletido, por exemplo, na parábola de Jesus sobre o homem que saiu para um longínquo país para receber um reino; isto é, para receber poder e autoridade reais (Luc. 19:11, 12). O reino de Deus, então, é a realeza de Deus, Sua soberania, Seu regimento, Sua autoridade. Quando alguém busca o reino (Mat. 6:33), ou recebe o reino (Mar. 10:15), este reino refere-se ao regimento soberano de Deus sobre sua vida. O reino de Deus deve ser encontrado onde Ele é reconhecido como Rei.

Há o sentido, logicamente, de que Deus sempre é Rei (Sal. 47:2, 103:19; 145:13; Dan. 4:25). Mas Seu reinado ainda não se tornou uma realidade na história. Nosso mundo está em rebelião contra Deus, e Satanás usurpou seu governo. Porém Deus não renuncia Sua soberania.

Jesus Cristo entrou na história humana para restaurar o governo de Deus sobre esta Terra (Dan. 2:44; 7:14; I Cor. 15:24, 25). Esta nova manifestação de poder e soberania é agora o reino de Deus. Ele tomou a iniciativa de derrotar a Satanás e de restaurar a humanidade à submissão voluntária deste grande reino, que está libertando homens e mulheres da

escravidão de Satanás e fazendo-os cidadãos de uma comunidade (Fil. 3:20, 21).

Este reino tem duas fases — “o reino da graça” e o “reino da glória”. Embora esses termos não sejam usados na Bíblia, as Escrituras falam do “trono da graça” (Heb. 4:16) e do “trono da glória” (Mat. 25:31, 32), e tronos representam reinos. O trono da graça implica a existência de um reino de graça, e o trono da glória representa o futuro reino da glória.

O reino da graça, a fase soteriológica, estava presente nos dias de Jesus (Mar. 1:15; Lucas 16:16; 17:20, 21; Mat. 21:31; Col. 1:13), e foi manifestado nEle como o Messias. O homem pode entrar neste reino de graça hoje aqui, reconhecendo-o como o Senhor de sua vida. Este é o grande reino espiritual da graça de Deus e de sua justiça. Os princípios controladores neste reino não são poder e força, mas justiça, misericórdia e amor. As curas de Jesus foram parte da obra de trazer este reino ao homem (Luc. 11:20). Cristo estabeleceu plenamente esta fase do reino por Sua morte. Onde Satanás estabelecera seu trono, Cristo ergueu Sua cruz. O homem entrou no reino da graça divina mediante arrependimento, crendo e aceitando o novo nascimento (Mat. 18:3; João 3:5), e submetendo-se voluntariamente ao governo de Cristo. Este reino é estabelecido “há de estabelecer-se o reino de Cristo, mas pela implantação de Sua natureza na humanidade, mediante o operar do Espírito Santo” (*DTN*, 489). Os princípios éticos para os cidadãos do reino são estabelecidos no Sermão da Montanha. Eles devem tornar o reino supremo em sua afeições e devoções. (Mat. 6:33).

Mas o reino é também futuro e escatológico. A vontade de Deus e seu reino nunca serão perfeitamente compreendidos nesta geração. Não será plenamente compreendido até que nosso Senhor interfira novamente na história humana, vindique Seu reino universal e ponha um fim na rebelião (Mat. 13:41-43). “Quando o Filho do homem vier em Sua Glória e todos os anjos com ele, então se assentará em seu glorioso

trono" (Mat. 25:31, *RSV*). Como houve dois adventos de Cristo, assim também há duas manifestações de Seu reino. Foi por essa segunda fase do reino que Jesus ensinou seus discípulos a orar (Mat. 6:10). Este reino deve ser estabelecido no Segundo Advento e na ressurreição dos justos. Sendo este um reino glorioso, incorruptível e eterno, o homem, em seu presente estado, não pode adentrá-lo. "Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus; nem a corrupção (I Cor. 15:50). Por isso a natureza dos viventes e dos que foram ressuscitados é mudada da corruptibilidade e mortalidade para a incorruptibilidade e imortalidade. A estes, que experimentam esta mudança, o Rei da glória dirá: "Vinde benditos de meu Pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (Mat. 25:34). Amém!

REIS, ADOLFO AMADOR DOS (1880-1913). Obreiro no Rio Grande do Sul. Nasceu em 1880, em Rolante, RS. Sua família foi uma das primeiras a aceitar a mensagem do advento na região, enriquecendo a Obra Adventista através de seus esforços em disseminar o *Evangelho. Durante longos anos exerceu o cargo de *Ancião da Igreja de Rolante.

Em 1909, representou a IASD de Porto Sanguão nas conferências daquele ano. Após árduo trabalho evangelístico, em meados de 1913, começou a sofrer de uma pertinaz moléstia que o levou à morte 7 meses depois, deixando esposa e filhos.

Faleceu no dia 06 de agosto de 1913, aos 33 anos de idade. O serviço fúnebre foi dirigido pelo Pr. *E. C. Ehlers.

REIS, AMÉLIA RITTER DOS (1894-1991). Pioneira adventista. Nasceu no dia 25 de fevereiro de 1894, em Taquara, RS. Era irmã do Pr. *Germano Ritter.

Casou-se com *José Amador dos Reis, primeiro pastor ordenado no Brasil e responsável pela construção e inauguração da *IASD Central Paulistana.

De seu casamento, nasceu o filho único do casal: *Romeu Ritter dos Reis, que se tornou advogado, professor universitário e atuou como obreiro por 18 anos a serviço de instituições adventistas.

Tendo falecido o Pr. José Amador dos Reis, Amélia Ritter dos Reis casou-se com o Pr. Ruhe Henrique.

Faleceu em 1991, aos 96 anos de idade, em Taquara, RS. Seu corpo foi sepultado no cemitério dos pioneiros em Rolante, RS.

REIS, JOÃO (1870-1953). Missionário, pioneiro adventista. Nasceu 1870, em Santo Ângelo, RS. Tornou-se adventista em 1905, e foi *Ancião da Igreja Adventista em Missiones, Argentina. Depois foi para o Mato Grosso, como primeiro adventista neste Estado.

Percorreu as selvas, campos e serrados da região Sul do Estado, lecionando pelas fazendas e ensinando as mensagens contidas na *Bíblia. Contribuiu para o surgimento de várias igrejas nesta região que subsistem até hoje.

Aos 83 anos de idade ainda possuía espírito missionário, dando estudos bíblicos a um Juiz de Paz em Dourados, MS. Aí seu coração começou a apresentar problemas, causando sua morte.

Faleceu em 1953, aos 83 anos de idade.

REIS, JOÃO DOS (1876-1961). Pioneiro adventista no Mato Grosso. Nasceu em 1876 em Santo Ângelo, RS. Casou-se e teve 2 filhos. Aceitou a mensagem adventista em 1905. Foi o primeiro adventista no Mato Grosso.

Percorreu as selvas, campos e serrados da Região Sul. Lecionando pelas fazendas e pregando a mensagem do Advento. Fundou várias congregações.

Faleceu no dia 21 de agosto de 1961, aos 84 anos de idade.

REIS, JOSÉ AMADOR DOS (1891-1935). Primeiro brasileiro a ser ordenado como ministro adventista (Veja **Ordenação**). Nasceu no dia 15 de novembro de 1891, em lar humilde de campesinos que habitavam os férteis campos de Rolante, em Santo Antônio da Patrulha, RS. Filho de Rodrigo e Luduvina, desde cedo demonstrou muita vocação pelas coisas religiosas. De família católica, aprendeu a rezar e apreciava ouvir a mãe contar histórias de seus antepassados.

Por volta do ano de 1904, quando José tinha apenas 13 anos, a mensagem adventista começou a penetrar em sua cidade natal. Levantou-se ali forte oposição por parte dos habitantes, chegando alguns a impedir a realização do *Batismo. O Pastor oficiante teve que fugir protegido por autoridades. Porém, a despeito das barreiras levantadas, muitas pessoas sinceras aceitaram a mensagem e entre elas, estava a família de José Amador dos Reis.

Desejoso de aprender novas coisas, nessa mesma época, José começou a freqüentar a escola pública. Alguns anos depois, foi organizada uma Escola Adventista em Rolante e José começou a freqüentá-la por algum tempo, indo, posteriormente, para Cantagalo, distante alguns quilômetros.

No início do ano de 1911, José Amador dos Reis, com 19 anos de idade, recebeu um convite para tornar-se *Colportor e, tendo aceitado, seguiu para o trabalho com Henrique Tonjes, diretor de *Colportagem do Rio Grande do Sul.

O campo apresentou muitas dificuldades, desde a falta de condução até intolerância e falta de hospitalidade com que eram tratados os colportores que vendiam literatura cristã. Entretanto, o entusiasta

colportor palmilhou as terras gaúchas, em lombo de animais, atravessando coxilhas, subindo e descendo serras por dois anos. Ao longo de seu trabalho, colheu ricas experiências que lhe seriam úteis sobremaneira em seu futuro ministério.

Em 1913, o Pr. *Emanuel C. Ehlers assumiu a direção do campo gaúcho e juntamente com os demais administradores locais fez um convite a Amador dos Reis para que trabalhasse como obreiro bíblico em Porto Alegre.

Antes de completar dois anos de atividades em Porto Alegre, em 21 de setembro de 1914, José Amador dos Reis casou-se com a Srta. Amélia Ritter, de uma tradicional família taquarense, muito conhecida no meio Adventista. O casamento realizou-se em Taquara, RS. Da união, nasceu Romeu Ritter dos Reis, único filho, que concluiu em 1935 o curso teológico no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), sendo por vários anos conferencista, redator e professor da organização Adventista.

Em 1916, após empreender longas viagens pelo interior do Estado, visitando diversos grupos e igrejas, José recebeu sua credencial de ministro licenciado, ao mesmo tempo em que foi nomeado membro da comissão de planos da Associação Gaúcha. Em 1917, preparou-se para o ministério no Seminário Adventista, fundado em 1915 pelos Pastores: *John Boehm e *John Lipke. Retornando ao Sul, continuou suas andanças pelo campo, dirigindo-se a Cruz Alta. Sem nenhum auxiliar, ali realizou uma série de conferências lançando as bases da Igreja Adventista. Com o passar dos tempos, vieram os frutos do trabalho e o irmão Rockel batizou 14 almas como resultado da obra empreendida.

Dia 10 de abril de 1920, durante a realização da 14ª assembléia do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, deu-se a ordenação do primeiro Pastor Adventista brasileiro — José Amador dos Reis. O sermão foi proferido pelo Pastor W. E. Howell, representante da Associação Geral;

a oração de consagração e imposição das mãos foram partes desempenhadas pelo mesmo Pastor, auxiliado por *J. W. Westphal e *John Lipke. Pela primeira vez em terras brasileiras um obreiro nacional era consagrado para a pregação do Evangelho e para a administração dos ritos da igreja.

Após sua ordenação, o Pastor José Amador dos Reis residiu ainda um ano em Cruz Alta, fundando-se ali uma escola adventista. Sua esposa, Amélia, era a professora. Depois, transferiu-se para Santa Maria, e viajou seguidamente para diversas partes do Estado. Realizou batismos em Botucaraí, Três Vendas, São Vicente, Jaguari, Palmeiras das Missões e São Borja. Uma das preocupações do Pr. Amador dos Reis era erigir igrejas onde quer que passasse.

Em 1926, foi chamado pela *Associação Paulista da IASD. Realizou uma série de conferências auxiliado pelo jovem evangelista *Jerônimo Garcia e pela obreira bíblica *Iracema Zorub, em um pavilhão de lona no bairro do Brás, na capital paulista. Como resultado, ergueu-se no local uma igreja. A mesma tenda evangelística foi erguida em Vila Mariana e futuramente foi construída a igreja de Jabaquara que passou a congregar os irmãos de Vila Mariana.

Na travessa São João, o velho salão alugado tornava-se acanhado para abrigar todos os membros interessados que se reuniam para os cultos. Cogitou-se a idéia da construção de uma igreja no centro de São Paulo a fim de dar melhores condições aos crentes, para adorar a Deus. O Pr. Reis tornou-se ardoroso defensor da idéia e não poupou esforços no sentido de torná-la realidade. Deste sonho nasceu a *IASD Central Paulistana, situada na Rua Taguá 88, no bairro da Liberdade.

Em 29 de dezembro de 1929, José Amador dos Reis começou a sentir os primeiros sintomas da doença que minaria sua saúde. Durante o tempo que trabalhou como colportor obreiro na campanha gaúcha, muitas vezes expôs-se aos rigores do inverno, apanhando chuva, dormindo em ambientes precários e alimentando-se frugalmente.

Por aqueles dias realizava-se uma quadrienal da União Sul-Brasileira do *Seminário Adventista (atual IAE/Ct). No decorrer de uma reunião, o Pr. Reis foi acometido por uma febre muito elevada. Conduzido às pressas para a cidade, recebeu a visita de um especialista que afirmou tratar-se de um caso de tuberculose pulmonar. Tornou-se necessário o afastamento do trabalho que ele tanto amava. Passou algum tempo na estância mineira de Caldas, procurando um clima adequado para seu restabelecimento. Mais tarde, mudou-se para São José dos Campos, cidade situada no Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo, onde recebeu tratamentos no hospital evangélico.

Ao findar o ano de 1929, José retornou ao recanto em que nascera. Tempos depois mudou-se para Gramado e depois fixou residência em Canela, cidades do seu Estado natal. Por essa época obteve acentuada melhora de saúde.

Durante esses anos de reclusão, o Pr. José Amador dos Reis devotava seus momentos ao estudo da Bíblia e dos livros do *Espírito de Profecia bem como a dar estudos bíblicos a todos quantos manifestavam interesse.

Com o passar do tempo, a moléstia se agravava a despeito do tratamento que o Pr. Reis se submeteu. Os primeiros rigores do inverno do ano de 1935 fizeram-no piorar consideravelmente. Na tarde do dia 23 de maio de 1935, ao receber visitas de seus irmãos, pediu-lhes que cantassem alguns hinos, entre eles, aquele que diz: “Espero a manhã radiosa, o bendito alvorecer”, e lessem algumas passagens bíblicas. Emocionados, os irmãos cantaram e leram a Palavra de Deus. Faleceu às 22:40 h daquele mesmo dia e foi sepultado no Cemitério dos Pioneiros, Em Rolante, RS.

REIS, LEOVEGILDO (1917-1990). *Colportor pioneiro. Casou-se e teve 2 filhos

Foi colportor durante 26 anos e Diretor de Publicações nos Estados de Pernambuco e Espírito Santo.

Faleceu no dia 27 de outubro de 1990, aos 73 anos de idade, na cidade de Cascavel, PR.

REIS, MARIA DO CARMO (1836-1913). Pioneira adventista. Aceitou a mensagem adventista em 1898, pertencendo à Igreja de Não-Me-Toque, RS, uma das igrejas mais antigas do Sul do Brasil.

Faleceu no dia 15 de agosto de 1913, aos 77 anos de idade.

REIS, DR. ROMEU RITTER DOS (1915-1993). Advogado, professor e escritor. Nasceu no dia 08 de julho de 1915 em Taquara, RS, filho do casal Pr. *José Amador dos Reis e *Amélia Ritter dos Reis.

Casou-se com Hedy Maria Krüger dos Reis, com quem teve 4 filhos: Nancy, Flávio, Hélvia Lúcia e Eneida.

Formou-se em Teologia e tornou-se, posteriormente, advogado, jornalista e escritor. Serviu a Obra por muitos anos como Professor e Redator da *Casa Publicadora Brasileira (CPB).

Concluiu Cursos de Pós-Graduação na Alemanha e na França, presidiu a Academia Brasileira de Língua Portuguesa e fundou várias escolas e faculdades.

Faleceu no dia 18 de janeiro de 1993, aos 77 anos de idade em Porto Alegre, RS.

RELAÇÕES PÚBLICAS. (Filosofia e Métodos). As atividades de relações públicas na IASD são baseadas em uma base racional derivadas das *Escrituras, de conselhos de *Ellen G. White, e das melhores práticas contemporâneas. A crescente complexidade da sociedade moderna exige um esforço sistemático para manter o público informado sobre os propósitos e atividades da Igreja. “Se a Igreja não dá

passos para ser entendida, *será mal-compreendida.*" (Howard B. Weeks, *Breakthrough*, p. 10).

Mais positivamente, em evangelismo e em outras atividades da igreja relacionadas com o público, boas relações públicas podem estimular atitudes que ajudarão as pessoas a entender mais claramente e aceitar mais prontamente a posição da Igreja.

O programa das relações públicas como conduzidas pelos vários escritórios da organização da Igreja inclui duas partes:

(1) alcançar o público através das várias comunicações médias;

(2) estimular o trabalho de relações públicas nas Igrejas constituintes e instituições.

Atividades. Há um programa de ativas relações comunitárias designadas a familiarizar grupos, bem como o público geral da cidade, com a denominação. Esse programa inclui atividades comunitárias, tais como patrocínio de um banco de sangue ou assistência em um aniversário comunitário, bem como eventos da Igreja tais como recepção ou uma casa aberta para um novo prédio ou instituição, oradores para organizações da comunidade, o patrocínio de exibições em festas e exposições, ou outras formas de participação em atividades comunitárias.

Informação. Básica às relações públicas é a distribuição de informação ASD a jornais, revistas, novas agências, rádio e televisão, publicações religiosas, e outros meios. Esta informação pode incluir encontros, viagens de oficiais, campanhas (tais como a Recolta), atividades de vários departamentos, ou envolvimento da Igreja em questões públicas. Pode também incluir artigos de assuntos como enfermaria móvel, etc.. Ocasionalmente, autores não-adventistas, escrevendo artigos para revistas ou livros a respeito da Igreja recebem auxílio do departamento. Por exemplo: *The Seventh Day*, de Booton Herndon.

*Desenvolvimento de Princípios e Métodos***.** Desde o início, o objetivo das relações públicas Adventistas tem sido “fazer publicidade de nossa mensagem e movimento” (*Review and Herald*, 14 de dezembro de 1911.) Em 1875, Ellen G. White aconselhou que “sábios planos deveriam ser estabelecidos para assegurar o privilégio de introduzir artigos em publicações seculares” (Carta 1, 1875), e fez pedidos freqüentes para “fazermos tudo o que podemos para remover o preconceito que existe na mente de muitos.” (9*T*, 238).

A primeira decisão quanto a essas questões foi tomada pelo próprio *Tiago S. White, com um programa de publicidade cuidadosamente montado em várias campais de 1876. Mary L. Clough, a sobrinha da Srª. White, servindo como “repórter da reunião campal” onde os Whites estivessem, obtiveram “livre acesso ao melhor jornal diário” de Nebraska ao Maine, e “um exército de jornais menores, nos quais conseguiram breves declarações de nossa história, movimentos, e doutrinas,” com o resultado de que as massas “não mais inquirirão — ‘Quem são os Adventistas do Sétimo Dia?’ (*Review and Herald*, 19 de outubro de 1876). Em Ripon, Wisconsin, o jornal local *Free Press* —

> iniciaram um folheto a ser publicado durante a campal, dedicando o espaço em grande parte a um relato da reunião ao progredir, e a uma publicação dos pontos diretivos de nossa fé que melhor dariam ao povo um idéia do que nós somos, como igreja e em que cremos (*ibid*., 13 de julho de 1876).

Em 1911, a Associação Geral formou o *Bureau Press* (Departamento de Imprensa) para dirigir os esforços públicos de toda a Igreja. Com a introdução do Rádio, da televisão e de outros recursos de mídia, o Departamento desenvolveu um vasto sistema de trabalho leigo,

dedicado a manter o mundo informado sobre a mensagem e a missão da IASD.

RENCK, BONI (1911-1993). *Pastor pioneiro. Nasceu em 1911. Filho de Theobaldo C. Renck, e Lydia Josefina. Serviu como Pr. nos Estados de Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul.

Foi *Jubilado no dia 6 de agosto de 1993, aos 82 anos, em Taquara, RS.

RENCK, CARLOS (1838-1920). Pioneiro adventista em Taquara, RS. Nasceu no dia 10 de fevereiro de 1838 em Caçapava do Sul, RS. Casou-se com Carolina Soni.

Batizou-se em março de 1902, no rio Santa Maria, pelo Pr. Huldreich Graf, juntamente com mais 5 membros de sua família: Carlos e Carolina, *Theobaldo C. Renck e sua filha Guilhermina, que veio a se tornar Faiock e Amélia (mais tarde Kraemer) neta de Carlos Renck.

Em 1906, Carolina faleceu. Depois do casamento do seu filho Theobaldo, com Lydia Josefina, Carlos Renck foi morar com seu neto *Boni Renck.

Faleceu no dia 03 de outubro de 1920, aos   anos de idade.

RENCK, THEOBALDO CARLOS (1882-1959). Missionário brasileiro. Nasceu no dia 13 de junho de 1882. Seu avô converteu-se com a leitura do livro *"Patriarcas e Profetas"* em alemão, que um amigo lhe dera de presente. Nesta época, viajava pelo Rio Grande do Sul o Pr. *Huldreich Graf, que hospedou-se casualmente em sua casa. Com essa visita, cinco pessoas se decidiram pelo *Batismo. Foi o primeiro batismo na cidade de Taquara.

Neste batismo uniram-se à Igreja Adventista, Carlos Renck e Carolina Renck (pais), Theobaldo Renck (filho de Renck), Guilhermina

(que mais tarde se tornaria Faiock), e Amélia Scheffel, neta de Renck (mais tarde, sogra do Dr. Hofmann). Em março de 1902, às margens do rio Santa Maria, teve lugar o batismo, ministrado pelo Pr. Huldreich Graf.

Theobaldo partiu para os estudos de dois anos em Taquari, sendo os seus professores o Dr. Sabeff, Paulo Kraemer, Gregori e o Prof. Schenk. Havendo concluído o curso que a escola oferecia naquela época, foi convidado a acompanhar o Pr. Graf em suas viagens pelo Rio Grande do Sul, entre elas, a S. Pedro do Sul, Cantagalo e Santo Antônio. Em uma das reuniões realizadas em Gaspar Alto, Santa Catarina, em 1906, foi convidado para ser missionário, devendo então transferir-se para o Rio de Janeiro. Neste tempo, havia notícias de muitas epidemias ali, e nesse mesmo ano, faleceu sua mãe, Carolina, e assim decidiu não ir mais ao Rio de Janeiro.

Também acompanhou o Pr. *Ernest Schwantes, em 1908.

Casou-se com Lydia Josefina e teve 10 filhos. Viveram em Taquara, até o dia em que faleceu, aos 25 de dezembro de 1959, aos 77 anos de idade. Está sepultado no cemitério de Taquara, RS.

RENTFRO, CLARENCE EMERSON (1877-1951). Missionário e administrador. Nasceu em lar adventista e foi educado no Colégio de Battle Creek onde permaneceu de 1897 a 1898. Em 1990 estudou no Union College e em 1902 no Emmanuel Missionary College, sem receber no entanto uma graduação.

Em 1989, começou a vender publicações adventistas e suas experiências quando no trabalho da *Colportagem levou-o a tornar-se um missionário nos países católicos. Em 1903, recebeu a credencial de *Pastor e nesse mesmo ano casou-se com Mary Loizette Haskell, enfermeira do Sanatório de Iowa. Em 1904, dirigiram-se para a Espanha, mas no caminho, desviaram-se para Portugal, onde fundaram uma Missão Adventista.

Em 1907, Rentfro foi ordenado ao ministério por A. G. Daniells num concílio na Suíça.

Veio para o Brasil em 1917, onde trabalhou como superintendente da Missão Mineira e Missão Pernambucana. Lecionou mais tarde no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) as matérias de *Bíblia e História, retornando, em 1924, ao seu país de origem, Estados Unidos da América, devido a um problema de saúde em sua família.

Posteriormente, continuou seu trabalho evangelístico no Norte de Dakota e em Michigan até aposentar-se em 1938.

Faleceu em 1951, aos 74 anos de idade, nos Estados Unidos da América.

RENTFRO, MARY LOIZETTE HASKELL (1874-1972). Missionária. Nasceu no dia 11 de agosto de 1874, em Tama Country, Iowa, Estados Unidos. Aceitou a mensagem adventista e trabalhou na Obra de *Colportagem durante 5 anos. Graduou-se como enfermeira na escola de Des Moines, Califórnia. Casou-se com *Clarence Emerson Rentfro no dia 11 de junho de 1903.

Em 1904, o casal foi chamado a trabalhar como missionários em Portugal. Devido ao trabalho pioneiro desenvolvido por esse casal, atualmente a Igreja adventista é a maior denominação protestante em Lisboa.

Em 1917, o casal Rentfro foi transferido para a América do Sul, a fim de trabalhar no Brasil. Serviram nos Estados de Minas Gerais, Pernambuco e depois no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB),atual Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde ele lecionou *Bíblia e História; enquanto Mary, sua esposa ensinava noções de enfermagem.

Em 1924, voltaram definitivamente aos Estados Unidos, e em 1938, o Pr. Clarence foi aposentado, passando a viver em Baldwin Park, na Califórnia. Em 1951, o Pr. Clarence Rentfro faleceu.

Faleceu no dia 26 de abril de 1972, aos 97 anos de idade, no Inter Community Hospital, em Corvina, Califórnia.

RESSURREIÇÃO. A ressurreição é apresentada com maior clareza no *Novo Testamento que no *Antigo Testamento. A palavra principal para ressurreição do grego do N.T. é *anastasis*, "pôr-se em pé", "levantar-se". O verbo correspondente, *anistemi*, é usado tanto para "ressuscitar" ou "levantar-se" (João 6:39, 40, 44, 54; At. 2:32; 13: 34; Mar. 9:9 e 10; 12:25; Luc. 16:31: 24:46; João 20:9). Outro verbo, *egeiro*, "despertar", "levantar-se do sono" e, semelhantemente, usado no sentido de "erguer-se do sono da morte" (João 5:21; At. 26:8; II Cor. 1:9; Mar. 5:41: Luc. 7:14, etc.).

A Bíblia considera o homem como um ser mortal por natureza (Veja **Morte**). A imortalidade inerente pertence apenas a Deus (I Tim. 1:17; 6:16). A imortalidade é concedida ao homem como um dom de Cristo, através do Evangelho (Rom. 2:6, 7; 6:23; II Tim. 1:10; João 3:16, 36, I João 5:11 e 12). Portanto, a ressurreição é necessária se há uma vida futura além do túmulo (I Cor. 15:18, 19 e 32). Na ressurreição que o dom da imortalidade será conferido a todos aqueles que estiverem aptos a recebê-la (Luc. 20:36; João 6:39; I Cor. 15:51-55);

A ressurreição dos justos está intimamente relacionada à ressurreição de Cristo (II Cor. 4:14; Rom. 8:11). Jesus predisse Sua ressurreição (Mar. 8:31; 9:31; 10:34; etc.). Ele deu evidência de Seu poder sobre a morte através da ressurreição do

RESTAURANTE VEGETARIANO SUPERBOM

RETORNO DOS JUDEUS. Veja **Israel, Profecias Concernentes a.**

REUNIÕES CAMPAIS. Uma série de reuniões realizadas por certos dias, geralmente em um lugar rural ou semi-rural, adequado para um acampamento; tipo de reunião agora peculiar à Igreja ASD e a outras denominações. As reuniões campais dos ASD são realizadas em várias partes do mundo, geralmente anualmente, e às vezes quando o tempo estiver conveniente para tais ocasiões, costumeiramente, uma reunião campal é dirigida por uma Associação ou outra unidade da organização.

História. As reuniões campais se originaram entre os Presbiterianos em Kentucky, nos primeiros anos do século dezenove e mais tarde, ocorreram especialmente entre os Metodistas. As reuniões campais na IASD começaram em 1868, cinco anos após a *Conferência Geral ser criada em 1863. Os fundamentos para reuniões ASD foram as reuniões campais Mileritas de 1842-1844, nas quais *Tiago White e *José Bates, líderes pioneiros da Igreja ASD, participaram e em reuniões semelhantes realizada pela Igreja Metodista com notável sucesso.

O assunto de realizar tais reuniões surgiu na Conferência Geral ASD realizada em Battle Creek de 12-18 de maio de 1868. As minutas daquela reunião relataram o seguinte:

> *Resolvido*, Que esta Conferência recomenda ao nosso povo que realize uma reunião campal geral anualmente, ao tempo das sessões de nossas Associações de negócios.
>
> *Resolvido*, Que a Comissão da Associação Geral seja autorizada de acordo com seu juízo, a levar este plano à execução (*Review and Herald*, 26 de junho de 1868).

Dois meses mais tarde, em um editorial, Tiago White demonstrou o assunto perante os leitores *(Review and Herald,* 14 de junho de 1868*)*, e fez um forte apelo para as reuniões campais gerais. Ele se referiu à

impropriedade das sessões de negócios da Associação Geral e outras sessões comerciais para uma festa espiritual.

> Este não é um tempo para uma reunião geral de nossos irmãos e irmãs a fim de desfrutarem de uma festa espiritual. Não entendendo isso, muitos têm vindo a nossas conferências anuais, passado o tempo de uma semana, e ido embora desapontados. Não tinham nenhum especial interesse em sessões comerciais, pensaram ter gastado muito tempo e concluíram que seus irmãos estavam se tornando formais e apostatados.

A edição de 25 de agosto levava o anúncio de "Nossa Primeira Reunião Campal", a ser realizada em Wright, Ottawa Co., Mich., de 1-7 de setembro. Essa campal, assistida por mais ou menos dois mil, foi tanto um reavivamento para os membros da igreja quanto uma série evangelística para os visitantes. Havia 22 tendas, cada uma abrigando o grupo de uma igreja local e duas grandes tendas para as reuniões em caso de chuva. Estas foram arrumadas em um círculo ao redor do local aberto para as reuniões, que tinha um púlpito e um banco. Havia também uma mesa rude onde eram vendidos folhetos e livros. Dentro de um mês, outras reuniões campais foram realizada em Clyde, Illinois e Pilot Grove, Iowa (*Review and Herald*, 6 e 20 de outubro de 1868).

Desse pequeno começo, as reuniões campais tornaram-se um aspecto regular da vida da Igreja ASD em muitos países. No ano seguinte, muitas foram realizadas; uma na Nova Inglaterra em setembro de 1869, próximo a South Lancaster, Massachusetts. A primeira reunião campal dos Estados Unidos ocidentais realizou-se em 2 de outubro de 1872 em Windsor, Califórnia. Estavam presentes *John N. Loughborough, M. E. Cornell, Tiago White e Ellen G. White. A reunião

durou seis dias. No Oeste do Canadá, a primeira reunião campal no Quebec foi realizada em Magogue, em 21-26 de agosto de 1879, com mais ou menos 90 pessoas assistindo; uma foi realizada em Ayer's Flat de 1-6 de julho, em 1886. No oeste do Canadá, foi realizada uma reunião campal nas margens do Rio Vermelho, perto de Winnipeg, Manitoba, de 2-11 de julho de 1887. Nessa campal, foram usados o inglês e o alemão, sendo A. T. Jones o principal pregador em inglês. Em 1904, ano anterior à emancipação de Alberta como província, a primeira campal para a Missão de Alberta foi realizada em Wetaskiwin.

Têm sido dirigidas campais por Adventistas em vários países fora da América do Norte. Quando deu-se atenção à iniciação da Igreja na Austrália, decidiu-se realizar a primeira campal na cidade de Brighton, Victoria (perto de Melbourne), em setembro de 1893. Ellen G. White, que estava presente, escreveu que a campal de Brighton reviveu um interesse "maior do que qualquer outra coisa que tivéssemos testemunhado no movimento de 1844".

Acampamentos ao ar livre, freqüentemente grandes, são patrocinado pela IASD em várias partes da África. Em 1939, a Missão Gitwe, então sede da União ASD, registrou uma assistência em sua campal maior do que em qualquer outra campal até então realizada por essa denominação. O número excedeu 18.000.

Padrão Geral Para a Realização de uma Campal. A campal comum segue um programa diário rigoroso das seis da manhã até as dez da noite. Cada dia é repleto de sermões, estudos bíblicos e reuniões de vários departamentos da igreja, tendo algum tempo de lazer determinado para refeições e descanso. Realizam-se reuniões separadas para as crianças e jovens. Desde cedo, os programas incluíam não somente sermões evangelísticos, doutrinários e devocionais, mas também instruções sobre as leis de saúde, dieta e temperança. *Stephen Nelson Haskell escreveu de uma campal em Fresno, Califórnia em 1879:

> Notou-se bom interesse na questão da temperança. Um bom número assinou um compromisso total, abandonando o café, o chá e o fumo (*Review and Herald*, 18/09/1879).

Desde seu início, as reuniões campais têm oferecido não somente ajuda espiritual e instrução aos irmãos leigos, mas também reuniões evangelísticas a visitantes. Em tempos mais remotos, quando as reuniões Campais eram realizadas em um localidade diferente da Associação cada ano, as Assembléias representaram grandes campanhas evangelísticas a fim de alcançar vários lugares.

Diferindo da natureza evangelística básica do século dezenove, os ASD hoje tendem mais e mais a usar essas reuniões anuais como reuniões espirituais para os membros da Igreja, embora não ignorem oportunidades para o evangelismo da vizinhança. Nas últimas décadas, tornou-se geral a prática de manter reuniões campais permanentes, em vez de mudar-se para diferentes lugares a cada ano. Em praticamente todas as Associações ASD da América do Norte, grandes pavilhões permanentes têm substituído as antigas tendas como lugares de assembléias. Um pavilhão em Lynwood, Califórnia, não mais usado para reuniões campais acomodava 10.000 pessoas ou mais em uma só reunião. Alguns acampamentos têm abrigos; a maioria providencia barracas para famílias e acomodações para *trailers*, para tantos acampantes quantos desejarem permanecer no acampamento durante as reuniões.

REUNIÕES EVANGELÍSTICAS DE INSPIRAÇÃO, VIDA E ESPERANÇA (REVIVE). O Projeto Revive, ou SOL teve início na *União Central-Brasileira da IASD, quando o Pr. Alejandro Bullón Paucar era diretor dos Jovens Adventistas dessa União. O primeiro

trabalho deste tipo foi o SOL (Semana de Oração e Louvor), no Ginásio Ibirapuera, realizado de 7 a 14 de agosto de 1989 e reuniu 25 mil pessoas por noite.

Hoje, o Projeto REVIVE é um programa evangelístico da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) tendo sido realizado em grandes cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, Buenos Aires, Santiago, Lima e outras capitais da América do Sul.

O REVIVE é um programa de apoio ao trabalho de evangelismo das igrejas. Consiste de uma série de reuniões gigantescas de reavivamento e evangelismo que tem lugar em ginásios, coliseus e estádios.

Pode também levar a nomenclatura SOL (Semana de Oração e Louvor), usada quando o evento tem a duração de uma semana e REVIVE, quando é menos de uma semana.

Objetivos.

Reavivamento para a igreja;

Resgate dos que estão fora da igreja;

Decisão das pessoas que estão sendo visitadas pela igreja.

As igrejas da cidade onde se realizará o REVIVE devem fazer um trabalho de preparação da população: convites pessoais; evangelismo de grupos (Semana Santa, etc.); evangelismo pastoral (série de conferências, etc.); evangelismo através do rádio e TV; classes batismais.

Este é um programa de decisão pessoal e conservação. Só é realizado em cidades onde a igreja esteja disposta a trabalhar na preparação e evangelização de amigos e interessados. O Campo envia à Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD, um relatório bimestral do trabalho evangelístico.

Todo aspecto técnico do Programa REVIVE é bem planejado e estruturado: sonorização, iluminação, palco, púlpito, área para pessoas que responderão aos apelos feitos pelo orador, vias de acesso para a

plataforma, área de estacionamento para carros e ônibus especiais, recepcionistas, montagem do palco e painel, camarins e banheiros, horário de abertura dos portões, serviços públicos, visitas especiais, o programa, mestre de cerimônias (anúncios e boas-vindas), contra-regra, música e responsável geral.

REVELAÇÃO. A própria manifestação de *Deus pela qual Seu caráter, vontade e presença são reveladas ao homem através dos escritos dos profetas, através da iluminação do intelecto pelo *Espírito Santo, mediante as obras da natureza e por experiências providenciais. A suprema revelação da mente divina, vontade e caráter veio através da encarnação, vida, ministério e ensinos da segunda pessoa da Trindade, o *Filho de Deus e *Filho do Homem.

Deus Se revela a fim de que o homem pecador possa compreendê-lo e ser transformado à Sua imagem pela comunhão divino-humana. Os ASD têm sempre defendido que a Bíblia em sua inteireza é a inspirada, autorizada, confiável e verdadeira Palavra de Deus expressa em linguagem humana imperfeita (Veja **Escrituras, Inspiração das**). Porém, os ASD não defendem que a revelação especial tenha terminado com a finalização do cânon do N.T.. Crêem que o dom profético é o meio pelo qual Deus tem comunicado instrução inspirada ao homem, desde sua expulsão do Éden, mesmo que o dom nem sempre tenha sido operado, e crêem também que ele pertence à Igreja atual.

Em seu estado original, o homem tinha livre e aberta comunicação com Deus. O pecado excluiu o homem da completa manifestação da Presença divina, entorpeceu suas faculdades mentais e frustrou a obra de Deus na Natureza. Porém, ao sincero estudante da verdade, a criação ainda revela a existência e caráter de Deus, embora imperfeitamente. Pela operação do Espírito Santo sobre a mente dos profetas e apóstolos, os atos de Deus na história, especialmente na história do povo hebreu e da igreja apostólica, foram iluminados.

Às vezes, a vontade divina tornou-se conhecida através da visitação angélica e de sinais miraculosos, mas mais freqüentemente por meio de visões e sonhos. Por este método de revelação, o recipiente compreende a verdade que de outra forma nunca teria alcançado. Os ASD crêem que ao relatar, descrever ou interpretar tal informação, o homem é tão dependente de Deus quanto o foi ao recebê-la em primeiro lugar.

A revelação também ocorre quando o Espírito Santo age sobre a consciência do homem. Enquanto a pessoa se esforça para entender o relato da revelação passada ou está nutrindo interesse espiritual, ou está conscientemente buscando união com Deus e é obediente à vontade divina, o Espírito Santo age sobre a mente expandido seus poderes, iluminando seu entendimento e induzindo lampejos de compreensão e certeza. Freqüentemente este tipo de revelação — normalmente chamada de iluminação — não pode ser claramente distinguida dos poderes normais da mente humana e deve, portanto, ser considerada como subjetiva, e aceita com precaução.

Toda revelação de Deus tem sido, e continua a ser, através de Seu Filho, Cristo, por quem são manifestos os verdadeiros atributos e caráter de Deus. Num sentido mais amplo, todo verdadeiro conhecimento é uma revelação de Deus, pois Ele é a fonte de toda a verdade. Porém, o conhecimento comum está preocupado com coisas objetivas ou processos observáveis e resultado da descoberta humana. A revelação relaciona-os aos atos de Deus e relaciona o homem à pessoa de Deus. Para o homem que exercita fé e obediência bem como as faculdades mentais e intelectuais normais com as quais o Criador o dotou, a linha de demarcação entre o natural e o sobrenatural é quase inexistente. Deus é um. Sua verdade — toda verdade — forma uma unidade. Para seres finitos de limitada capacidade compreender a verdade, não é possível a perfeita comunicação da verdade infinita. Mas, a despeito de sua capacidade finita de compreender a verdade, o que foi revelado é

suficiente para capacitá-lo a cooperar com Seu Criador nesta vida e se preparar para a vida eterna.

Veja também **Escrituras, Inspiração das; Espírito de Profecia; Visões; White, Ellen Gould.**

REVIEW AND HERALD

REVISTA “O ARAUTO DA VERDADE”. Primeira *Revista Adventista missionária do Brasil. (Veja **Revista Decisão**).

REVISTA ADVENTISTA. Veja **Adventista**, **Revista**.

REVISTA DECISÃO. Periódico mensal editado pela *Casa Publicadora Brasileira (CPB) desde julho de 1900.

Em 1894, chegou ao Brasil o missionário *Colportor *William Henry Thurston, vindo dos EUA, que aqui ficou até 1901.

Num artigo publicado na **Review and Herald* de fevereiro de 1900, Thurston escreveu de seus planos de editar uma publicação missionária em nossa língua.

No Rio de Janeiro, foi preparada e impressa na Tipografia e Litografia da firma Almeida Marques e Cia. a revista *“O Arauto da Verdade”.* A primeira saiu no mês de julho de 1900, possuía 8 páginas e custava 500 réis cada exemplar. A primeira equipe de trabalho da revista teve como editor Guilherme Stein Filho.

Em 1906 o exemplar passou de 8 para 16 páginas e, após a Primeira Guerra Mundial, 1919, seu nome mudou para *“Sinais dos Tempos”* e, em julho de 1924, passou a chamar-se *“O Atalaia”*, até dezembro de 1981.

No Concílio de Petrópolis, em julho de 1981 a revista ganha um novo impulso com a tiragem de 5 milhões de exemplares para o ano de 1982. E é em 1982 que recebe o nome de *Decisão*.

A revista *"Decisão"*, além de tratar das sutilezas dos modernos movimentos espiritualistas, fundamentou a esperança do leitor nas promessas bíblicas sobre a vida na Nova Terra e na Volta de Cristo.

Desde 1923 até 1993, houve uma tiragem de aproximadamente 2 milhões de exemplares com um recorde no lançamento da revista *"Decisão"* com 5 milhões de exemplares através da colportagem.

A revista saiu de publicação em 1993, devido ao pequeno número de assinaturas.

Editores: Guilherme Stein Filho; Luiz Waldvogel; Romeu Ritter dos Reis; Otto Joas; Carlos Trezza; Azenilto Brito; Ivacy Furtado de Oliveira; Márcio Dias Guarda; Robson Moura Marinho.

REVISTA DIÁLOGO UNIVERSITÁRIO. A revista Diálogo é preparada para jovens de nível superior, estudantes universitários ou profissionais envolvidos na área acadêmica.

O primeiro número foi publicado em 1989. É publicado 3 vezes ao ano, em 4 edições paralelas (inglês, francês, português e espanhol) sob o patrocínio da Comissão de Apoio a Universitários e Profissionais Adventistas (CAUPA), organismo da Associação Geral dos Adventistas do 7º Dia, situado em Eastern Ave. NW, 6840, Washington C.C. 20012, EUA.

O Diálogo Universitário afirma as crenças fundamentais da IASD e apóia sua missão de evangelização. Os pontos de vista publicados na revista, representam o pensamento independente de seus autores.

Tem como objetivo partilhar com os jovens um diálogo cristão, fazendo-os participar também, com perguntas e questionamento. Dá oportunidade para conhecerem, viverem e compartilharem sua fé com outros.

A edição em língua portuguesa é traduzida e preparada pela *CPB (Casa Publicadora Brasileira). Na *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) teve como seu primeiro Coordenador o Pr. Nevil Gorski e Jorge de Souza Matias. Atualmente (1994) o Coordenador é o Prof. Roberto Azevedo, responsável pelo Departamento de Educação da DSA.

Correspondências à revista são enviadas para: Caixa Postal 12-2600, 70279, Brasília, DF.

REVISTA MENSAL. Veja **Revista Adventista**

REVISTA SUPERAMIGO. Veja **Revista Mocidade.**

RIBEIRO, ELIAS (1963-1994). Contador, tesoureiro e gerente. Casou-se com Alciléia e desta união nasceram três filhos, sendo que um deles (Renato) faleceu junto com o pai, aos 2 anos de idade.

Trabalhou como contador do *Instituto Adventista Agro-Industrial do Amazonas; tesoureiro do *Instituto Adventista de Manaus (IAM); gerente do *Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS) da *Missão Baixo-Amazonas da IASD e sua última atividade foi como gerente do SELS da *Associação Paulistana da IASD.

Faleceu no dia 11 de fevereiro de 1994, aos 31 anos de idade, em São Paulo, SP, vítima de acidente automobilístico.

RITOS DA IGREJA. De modo geral, os cultos na IASD sã semelhantes àqueles dirigidos em outras Igrejas Protestantes. Porém, seu cultos semanais são realizados no sábado. Entre seus cultos importantes estão:

1. *Escola Sabatina***.** Em todas as Igrejas ASD, essa parte do culto dirigida nas manhãs de Sábado. Veja **Escola Sabatina**.

2. *O Culto Divino***.** Esse é o culto principal da Igreja para pregação louvor e é geralmente realizado às 11 horas no sábado de manhã, seguindo Escola Sabatina. O *Manual da Igreja* sugere a seguinte ordem de culto:

Prelúdio de órgão
Anúncios
Entrada do coro e dos dirigentes
Doxologia
Invocação
Leitura das Escrituras
Hino de Louvor
Oração
Coro ou Música especial
Ofertas
Hino de Consagração
Sermão
Hino
Oração de despedida
Postlúdio de órgão

3. *Cerimônia de Batismo***.** Os ASD batizam por imersão. Os batismos são comumente dirigidos em conexão com os cultos regulares de sábado de manhã em batistérios, existentes em muitas igrejas. Às vezes, os batismos são realizados longe da Igreja em um lago ou rio (Veja **Batismo**).

4. *Santa Ceia***.** A cerimônia de *Santa Ceia é às vezes chamada de culto trimestral porque é geralmente realizada uma vez a cada três meses. A participação nos símbolos do pão e do vinho na Ceia do Senhor é precedida pelo culto preparatório da cerimônia de lava-pés, para a qual homens e mulheres se separam, e então se reúnem para a Santa Ceia.

Os ASD praticam a Santa Ceia aberta. Cristãos de outras denominações estão livres para participarem da Santa Ceia se assim quiserem.

5. *Cultos Evangelísticos***.** Essas reuniões para o público com o propósito de ganhar conversos são realizadas pelo Pastor com ajuda local, ou por um evangelista itinerante. Podem ser realizadas na Igreja, mas são freqüentemente dirigidas em salões, tendas ou outros lugares de reuniões. Veja **Evangelismo Público**.

6. *Reunião de Oração***.** Este culto é geralmente realizado nas noites de quarta-feira com o propósito de orar e estudar a Bíblia. Após a música, oração e estudo da Bíblia, há oportunidade para orações, feitas pelos membros da congregação. Há, freqüentemente, no lugar das orações ou seguindo-as, uma parte de testemunhos (chamados inicialmente de "encontro social"), no qual membros da congregação levantam-se e falam brevemente a respeito de suas experiências e sentimentos.

7. *Reuniões de Jovens***.** Esta reunião é dirigida pela sociedade JA, freqüentemente nas noites de sexta-feira ou sábados à tarde, especialmente para os jovens. A Associação fornece material para os programas, que variam em conteúdo e forma.

8. *Cultos de Pôr-do-sol***.** Cultos realizados no começo ou fim de sábado em algumas Igrejas. Variam em sua forma, mas normalmente incluem música, leitura da Bíblia, oração e um sermonete ou conversa devocional. Nas escolas ASD, o culto de pôr-do-sol inclui uma parte de testemunhos.

9. *Cerimônia de Dedicação***.** Após todas as dívidas decorrentes da compra ou construção de uma igreja serem liquidadas, realiza-se um culto de dedicação. Pode ser uma parte do culto semanal regular, mas émais comum em uma tarde de sábado. Pode incluir um histórico da

igreja local sermão dedicatório, às vezes um Ato de dedicação lido responsivamente, e uma oração dedicatória (Veja o livro *Manual Para Ministros*).

10. *Culto de Reavivamento.* Estes são cultos realizados, geralmente em série, freqüentemente em conexão com reuniões evangelísticas a fim de reavivar a igreja espiritualmente.

11. *Cultos de Semana de Oração***.** Estes cultos são realizados à noite, por uma semana, inclusive dois sábados, em um período designado durante o ano. As reuniões são mais ou menos informais, semelhantes à típica reunião de oração, exceto que a principal característica seja a leitura — uma série de artigos publicados para esses cultos — da *Review and Herald*. Geralmente a leitura é acompanhada por comentários.

RITTER, ANA CAROLINA (1883-1961). Pioneira adventista no Rio Grande do Sul. Nasceu no dia 13 de janeiro de 1883. Foi uma das pioneiras do Adventismo na cidade de Taquara, batizada pelo Pr. *John Lipke, em 1908.

Faleceu no dia 4 de maio de 1961, aos 78 anos de idade, em Taquara, RS.

RITTER, GERMANO GUILHERME (1898-1968). Administrador e fundador de escolas. Nasceu no dia 16 de março de 1898, na cidade de Taquara, RS. Filho de imigrantes alemães: Henrique Ritter e Carolina Cruze, que vieram para a América do Sul, a fim de servir no Exército Brasileiro. Henrique era luterano e sua esposa católica.

O casal converteu-se ao adventismo em 1908, por uma série de conferências dirigidas por *John Lipke, na então vila de Taquara.

Após sua conversão, seu pai, Henrique Ritter, doou um terreno para ser utilizado na construção da igreja, pois possuía alguns recursos.

Germano Guilherme Ritter passou a infância na cidade natal e desde pequeno ajudou seu pai trabalhando na marcenaria que pertencia à sua família. Fez todos os cursos disponíveis na cidade de Taquara do Novo Mundo, RS, onde graduou-se como Guarda-Livros, o que corresponde hoje a um curso de Administração e Economia.

Depois de formado, trabalhou na firma de seu pai como gerente e guarda-livros (administrador), afastando-se somente para integrar-se na Obra Adventista.

Desde sua conversão, participou dinamicamente das atividades religiosas, dos congressos, campais e bienais. Foi professor da primeira classe da *Escola Sabatina em Língua Portuguesa da igreja de Taquara. Em 1922, numa campal conheceu Irma Nagel de Santa Cruz, com a qual casou-se em 1923. Desta união nasceram: Orlando Rubem Ritter, Germano Raul Ritter, Mário Ritter, Noemi Ritter [Berger] e Iolanda Alice Ritter [Rabello].

Ingressou, no ano de 1923, na Obra Adventista como *Colportor. Em seguida foi chamado para trabalhar como assessor do tesoureiro na Associação Sul-Riograndense, cargo que ocupou até 1926, em Porto Alegre.

Em 1926, transferiu-se para Curitiba, PR., aceitando o chamado para ser secretário-tesoureiro da Missão Paraná-Santa Catarina, cujo presidente era o Pr. *Ennis V. Moore.

Em 1930, veio para a *Associação Paulista da IASD, onde ocupou o mesmo cargo que na *Missão Paraná-Santa Catarina, tendo como chefe o mesmo presidente.

Em 1932, fundou a Escola Primária Adventista de Santo Amaro, da qual era ancião.

Em 1935, retornou a Curitiba, passando a atuar como secretário departamental nas áreas de Educação e Jovens Adventistas (JA).

Envolveu-se também em vários projetos relacionados diretamente a escolas e professores no Paraná e Santa Catarina.

Em 1940, fundou o *Colégio Adventista de Butiá, localizado perto de Rio Negro, que depois foi transferido para Curitiba e atualmente localiza-se em Maringá - o atual *Instituto Adventista Paranaense (IAP).

Germano G. Ritter foi um líder que, quando na presidência da Associação Paraná-Santa Catarina, trabalhou pela educação, fundando assim várias escolas.

Ainda em 1940, recebeu um chamado para assumir a Presidência da Associação Paulista, da qual fora secretário-tesoureiro. Trabalhou em prol da *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), e tão logo esteve o Hospital em funcionamento, dedicou-se ao trabalho evangelístico no interior de São Paulo, onde pôde levar o Evangelho à várias pessoas.

Em 1947, adquiriu um terreno e em 1949 iniciou-se a construção de um colégio de 2º grau para a juventude adventista de São Paulo - o *Ginásio Adventista Campineiro (GAC), atual, *Instituto Adventista São Paulo (IASP).

Preocupava-se também com os idosos, e assim construiu em São Paulo, próximo ao *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), um lar para idosos chamado atualmente *Lar Adventista de Convivência para Idosos (Lar da Velhice). Atuou na Associação Paulista como presidente por oito anos até 1948.

Ao deixar a Associação Paulista, Germano G. Ritter foi chamado para gerenciar a fábrica de produtos alimentícios *Superbom e seu último trabalho foi em *A Voz da Profecia, no Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 18 de dezembro de 1968, aos 70 anos de idade, na Casa de Saúde Liberdade, em São Paulo.

ROCCO, RAUL (1909-1980). *Colportor-evangelista e *Pasto Nasceu no dia 14 de dezembro de 1909, em Monte Azul Paulista, SP.

Aceitou a mensagem adventista em 1935 e foi batizado na *IASD Central Paulistana no dia 15 de junho deste mesmo ano. Em 1936 casou-se com Marta Ferreira e da união nasceram: Ana Matilde e Sílvia Ferreira Rocco.

Em 1937 iniciou sua carreira como colportor-evangelista. Depois de algum tempo, foi estudar no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde cursou Teologia. Ao terminar o curso, associou-se ao Pr. *José Baracat, na cidade do Rio de Janeiro, ajudando-o em campanhas evangelísticas. Logo depois, foi transferido para Niterói como distrital.

Trabalhou em seguida na Associação Rio-Minas, onde cuidou de 27 grupos e igrejas. A seguir, liderou a igreja de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, e por nove anos pastoreou a igreja de Belo Horizonte, até aposentar-se, indo depois residir nos Estados Unidos da América.

Faleceu em 1980, aos 71 anos de idade, na Virgínia, nos Estados Unidos da América.

ROCKEL, AUGUSTO (1877-1940) Missionário, *Colportor, *Pastor itinerante. Nasceu no dia 23 de agosto de 1877, na Alemanha.

Casou-se com Ida Rockel. Estudou na Alemanha, vindo ao Brasil em 1911 como pastor. O Pr. Augusto Rockel chegou a São Paulo capital, acompanhado de *F. Kümpel e em 1911 iniciaram o trabalho a fim de aprender o português. Trabalhou em Porto União em companhia dos irmãos Neumann. Na Conferência da União Brasileira de 09 a 14 de abril de 1912, Rockel foi indicado para trabalhar no Rio Grande do Sul, tendo recebido já sua ordenação. Trabalhou em São João de Montenegro com Pr. *Rodolpho Belz e em Campestre. Realizou conferências em Bom Retiro.

Em 1918, realizou conferências em Jaraguá e Benedito Novo, SC, Estado em que dedicou muitos anos de serviço.

Faleceu em 1940.

ROCKEL, PAULO AUGUSTO (1911-1990). Pioneiro adventista. Nasceu no dia 7 de dezembro de 1911 em São José, SC.

Filho de *Augusto Rockel, um dos pioneiros adventistas no Brasil, e Ida Rockel.

Estudou no *Ginásio Adventista de Taquara (GAP) e ingressou no trabalho da *Colportagem na cidade de Jaraguari, MS, em 1942. Casou-se nesta cidade em 1945 com Sílvia Gadea, nascida no Paraguai e tiveram 5 filhos.

Depois, foi chamado pela *União Sul-Brasileira da IASD, para servir como professor em Campo Grande e, mais tarde, em Corumbá. Depois trabalhou como professor do Destacamento da Base Aérea de Campo Grande.

Faleceu no dia 22 de dezembro de 1990, aos 79 anos de idade, em Campo Grande, MS.

RODRIGUES, EDGAR BENTES (1900-1972). Pioneiro da obra médica adventista entre os atacados pelo fogo-selvagem. Nasceu no dia 23 de maio de 1900, em Belém do Pará. Ali fez seus estudos fundamentais e em 1926, graduou-se na Faculdade de Medicina. Por intermédio de um *Colportor aceitou a verdade e se batizou em 1945. Nessa época era prefeito de Alenquer, Pará, mas deixou o honroso cargo para se dedicar ao ministério da Palavra de Deus.

Veio para São Paulo onde cursou a *Faculdade Adventista de Teologia (FAT) e ao formar-se, foi convidado a lecionar no antigo *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Porém, em vez de se dedicar à proclamação do

*Evangelho, aceitou o chamado para levar um pouco de lenitivo aos doentes de fogo-selvagem. Em 1951, mudou-se com a família para Campo Grande, MS. Hoje, o *Hospital Mato-Grossense do Pênfigo é o cartão de visitas de todas as instituições médicas de Campo Grande, segundo destacadas autoridades no setor, e isto deve-se em grande parte ao trabalho pioneiro do Dr. Edgar Bente Rodrigues.

Faleceu no dia 28 de janeiro de 1972, no *Hospital Adventista de São Paulo, (HASP), SP.

RODRIGUES, LUIZ CALEB (1870-1960). *Colportor-evangelista. Nasceu no dia 26 de julho de 1870, em Olinda, PE. Dedicou-se ao serviço de *Deus. Não possuía muita cultura. Sem lar, pobre, surdo e idoso, trabalhava no sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Luiz Caleb vendia livros, como *Vida de Jesus* e a Revista **O Atalaia*. Por todos os lugares por onde passava, fundava grupos em todo o Nordeste. Ele caminhava quilômetros de estrada, ora a pé, ora montado em seu jegue, levando livros com a mensagem do *Advento e da salvação, que além de encher o seu coração, comovia o de muitas outras pessoas também.

Pregou o Evangelho ao homem mais temível do sertão nordestino: Virgolino Ferreira, o Lampião, que levou em sua bagagem o livro *Vida de Jesus*. Não era bom vendedor, mas trabalhava em prol das verdades que há na Bíblia.

Faleceu no dia 25 de setembro de 1960, aos 90 anos de idade.

RODRIGUES, MARIA AZEVEDO (1905-1971). Enfermeira pioneira no *Hospital Adventista do Pênfigo atual *Hospital Adventista de Campo Grande. Nasceu no dia 21 de dezembro de 1905, em Belém

do Pará. Era filha de Ludgero Bernardo Azevedo e Guilhermina Bastos Azevedo.

Casou-se com o Dr. *Edgar Bentes Rodrigues no dia 17 de setembro de 1927. Da união, nasceram três filhos.

Em 1942, o casal Bentes Rodrigues recebeu a mensagem Adventista através do Pr. *Leo Halliwell e do *Colportor *Manoel Pereira. Batizaram-se em 23 de julho de 1944, na IASD Central de Belém.

Maria Azevedo Rodrigues e o esposo abandonaram a carreira política na qual estavam engajados e dirigiram-se ao *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), a fim de se prepararem para servir a causa adventista: ele como *Pastor e ela como enfermeira e professora. Na época, o Dr. Edgar Bentes Rodrigues renunciou à prefeitura de Alenquer, no Baixo-Amazonas.

Em 1951, o casal foi chamado para a Obra Médico-Pioneira no Hospital Adventista do Pênfigo, em Campo Grande, MS, e na Clínica Adventista. O Dr. Edgar, já formado em Medicina, serviu como médico-missionário e Maria como enfermeira por 20 anos.

Hoje, o Hospital Adventista de Campo Grande é internacionalmente conhecido e respeitado e muito se deve ao empenho e dedicação do casal Bentes Rodrigues.

Maria A. Rodrigues foi também co-fundadora, juntamente com o esposo, da maior Igreja no bairro de Amambaí, Campo Grande, MS.

Faleceu no dia 9 de fevereiro de 1971, aos 66 anos de idade.

RODRIGUES, ZACARIAS MARTINS (1890-1972). Evangelista. Nasceu no dia 5 de novembro de 1890, na cidade de Santo Antônio de Jesus, BA, na fazenda dos pais, Constantino Bento Rodrigues e Maria da Conceição Rodrigues. Ali passou a infância e iniciou os estudos.

Quando tinha idade suficiente, foi enviado para Salvador, onde fez o curso secundário e se converteu à fé Adventista do 7º Dia, contrariando a vontade da família, tradicionalmente Católica.

Foi expulso de casa, passando a viver de vendas e serviços temporários. Quando, mais tarde foi aberto o testamento do pai, renunciou, por escrito à sua parte da herança, deixando-a para seus irmãos, uma vez que longe da fazenda e da família, em nada contribuiu para o desenvolvimento da mesma.

Foi convidado a trabalhar na obra Adventista por volta de 1910. Numa de suas primeiras viagens como obreiro e *Colportor, visitou a cidade de Vitória de Santo Antônio, interior de Pernambuco. Ali conheceu o coronel Antônio Cavalcanti de Melo e esposa, Joana Pessoa Cavalcanti de Melo, proprietários dos engenhos Lameiro e Jundiá.

Convidado a hospedar-se no engenho Lameiro, iniciou ali uma série de estudos bíblicos, que resultou na conversão de toda a família e de alguns moradores locais.

Casou-se em 11 de junho de 1911 com Joana Pessoa Rodrigues, filha mais nova do coronel. De seu casamento nasceram nove filhos, sendo que dois faleceram. São eles: Nataniel, cardiologista no Rio de Janeiro; Vasti, viúva do Pr. Jeremias Oliveira; Lóide, casada com o Pr. Waldecyr Arouca; Cássia, esposa do Dr. Dalmo Lascas; Naara, casada com o Dr. Jetro de Carvalho; Noide, esposa do Dr. José de Souza Brandão; e Thermutis, casada com o Dr. Jader F. Carvalho.

Transferido para a Bahia, ficou responsável pelas IASD da capital, em acréscimo ao seu cargo de Agente Geral da *Colportagem. Em 1914, tornou-se diretor de Colportagem.

Em 1915, é chamado para São Paulo capital, a fim de trabalhar como conferencista. Era conhecido como “Língua de Prata”, dada a facilidade de transmitir a mensagem bíblica. Participou da primeira série de conferências públicas em São Paulo, sob a liderança do Pr. *John

Lipke. Conduziu à mensagem Adventista *Manuel Margarido e Dona Estefânis, sua esposa.

Faleceu em 1972.

ROHDE, MAX (1871-1950). Funcionário pioneiro da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu no dia 24 de janeiro de 1871, em Berlim, Alemanha. Trabalhou a princípio na CPB, e mais tarde como evangelista em todos os Estados do Brasil, junto com o Pr. *Frederico W. Spies.

Aposentado, morava em Campo Grande, MS, e depois veio para o Rio Grande do Sul.

Faleceu no dia 03 de fevereiro de 1950, aos 79 anos de idade, em Porto Alegre, RS.

ROHMANN, MARIA (1901-1984). Aluna pioneira no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Maria Rohmann, mais conhecida como Maria Roma, nasceu no município de São Jerônimo, RS. Era filha de João e Carolina Rohmann, descendentes de alemães. Era filha de uma família numerosa, ao todo 10 irmãos, 5 homens e 5 mulheres, sendo Maria a mais velha das filhas do casal.

Aos 20 anos, partiu para Porto Alegre a fim de trabalhar na casa de uma família. Ali aceitou o *Evangelho, através de uma série de conferências realizada pelos Prs. *John Lipke e *John Brown.

Seus pais tiveram contato com a mensagem Adventista alguns anos mais tarde, através do colportor Ernesto Mendes.

Em, 1921, Maria veio para o CAB, onde cursou Educação Religiosa. Trabalhou em todos os setores do Colégio: agricultura, leiteria, cozinha. Foram 63 anos de dedicação a essa instituição.

Depois de aposentar-se continuou a trabalhar. Sua vida caracterizou-se pelo serviço abnegado e pela humildade. Maria era considerada como “dona” do Colégio.

Faleceu no dia 25 de junho de 1984, em São Paulo.

ROO, MELIDA HELENA HARTWIG VON (1888-1953). Professora pioneira. Nasceu no dia 10 de dezembro de 1888 na Rússia. Veio para o Brasil com a idade de 9 anos.

Aceitou o *Evangelho em Gaspar Alto, Santa Catarina, e participou num dos primeiros batismos celebrados no Brasil em Santa Catarina, em 1902. Foi professora em nossa primeira escola no Brasil, Gaspar Alto, SC. Mudou-se com a família para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), por ocasião da fundação deste colégio.

Faleceu no dia 9 de junho de 1953, aos 64 anos de idade, em sua residência, próximo ao CAB.

ROSSI, JOÃO BATISTA CLAYTON (1930-1993). Pioneiro da *IASD Central de Brasília, DF. Nasceu em 1930. Casou-se com Dejanira Mendes Rossi. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde cursou o Mestrado e Doutorado.

Foi uma das figuras mais expressivas da IASD no Brasil. Foi professor universitário em Brasília; Assessor Jurídico do Ministério da Educação; Membro do Conselho Superior de Censura; Procurador Geral da República; Presidente da Sociedade Bíblica do Brasil.

Aposentou-se como Sub-Procurador Geral da República.

Faleceu no dia 22 de dezembro de 1993, aos 63 anos de idade, em Brasília, DF.

RUELA, PEDRO DE OLIVEIRA (1940-1985). Médico. Nasceu no dia 20 de junho de 1940, em Aimoré, MG. Graduou-se em medicina em 1975 em Vitória, ES.

Casou-se com Elenice Ribeiro, em 26 de dezembro de 1964, jovem que conhecia desde a infância. Desta união nasceram: Renato e Gisela.

Batizou-se em 1980 no Espírito Santo e um ano depois, iniciou seu trabalho na obra médico-missionária, atuando no Hospital Adventista de Belo Horizonte como vice-diretor.

Após freqüentar por dois anos a IASD Central de Belo Horizonte, decidiu formar um grupo adventista em sua casa. Nove meses depois, a freqüência era de 120 pessoas. Os membros construíram o templo que hoje é a Igreja do bairro do Jaraguá na Região de Patrulha.

Faleceu no dia 1º de janeiro de 1985, aos 44 anos de idade, vítima de um acidente automobilístico.

RUHE, HENRIQUE (1891-1971). *Colportor e *Pastor pioneiro. Nasceu no dia 4 de abril de 1891, em Lübecke, Alemanha. Serviu na primeira Guerra Mundial durante os anos de 1914 e 1915, participando de vários combates na Rússia, Romênia, Bélgica e França. Quando voltou ao lar, exerceu a profissão de alfaiate até 1924. Quando veio ao Brasil em companhia da família Bökenkamp, foram para Nova Europa, cidade do interior do Estado de São Paulo, e fixaram residência no sítio da família Hoffmann.

Ingressou na *Colportagem por volta de 1930 ou 1931, na companhia de Willy Baranski, trabalhando nos seguintes lugares: São José do Rio Preto, Araraquara, Ribeirão Preto, Rio Claro, Campinas, Santo André e Santos. Entre os anos de 1932 e 1937, recebeu um chamado para o Rio Grande do Sul a fim de ser Diretor de colportagem deste campo.

Em setembro de 1918, casou-se com Johanna Oberschlep. Em 1942, faleceu sua esposa, deixando-lhe quatro filhos: Kurt Heirich Gustav, casado com Gioconda Marcondes; Hilde; Ruth, casada com o Pr. Manoel Ferreira Porto e Gérson, casado com Elida Gelpi.

Em 1942, Henrique Ruhe assumiu o posto de auxiliar de Pastor em séries de conferências. Viajou também pelo interior do Rio Grande do Sul dando assistência a Igrejas e grupos.

Casou-se em 1950, com *Amélia Ritter dos Reis, viúva do Pr. *José Amador dos Reis. Fixaram residência em várias cidades do interior do Rio Grande do Sul: Pelotas, Ijuí, Rio Grande, Santa Cruz e Taquara. Em 1956, foi ordenado ao ministério. Aposentando-se em 1968.

Faleceu no dia 25 de fevereiro de 1971 aos 79 anos de idade.

S

SÁBADO. Um aspecto distintivo da crença e prática ASD é a observância do sétimo dia da semana como o sábado, do pôr-do-sol de sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado, em contraste com a quase universal observância do domingo. Os ASD baseiam sua crença e prática nas explícitas declarações das *Escrituras que separam um dia da semana como dia de descanso, baseados no fato de que o caráter distintivo com o qual Deus investiu o dia jamais é anulado nas Escrituras, na ausência de qualquer transferência escrita da sacracidade

do sábado para o domingo ou qualquer afirmação sobre a santidade do domingo, e na falta de qualquer exemplo escrito da observância do primeiro dia da semana como o sábado pelos cristãos do N.T..

A base fundamental para a crença e prática ASD com respeito ao sábado do sétimo dia é o quarto mandamento do Decálogo, a lei moral de Deus, que os ASD consideram como vigentes sobre todos os homens de todas as épocas. A inclusão do sábado com os outros nove preceitos cuja natureza moral não é questionada sugere que o Autor do Decálogo considerava o sábado como investido de qualidade moral e como sendo importante e tão universalmente vigente quanto os outros nove. O fato de os rituais, por exemplo, a circuncisão, o sinal universal do concerto, não estarem incluídos no Decálogo, é argumento conclusivo de que o sábado do sétimo dia não era designado a ser de qualidade ritual e sim moral.

Como razão fundamental para a observância do sábado do sétimo dia, o quarto mandamento do Decálogo cita a criação do mundo.

> Em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, ... e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado, e o santificou. (Êx. 20:8-11).

Por essa razão, o homem deve se "lembrar do sábado para o santificar."

Nas Escrituras, o mandamento para observar o sétimo dia como o sábado é, dessa forma, ligado inseparavelmente ao ato da Criação, sendo a instituição do sábado e o mandamento para observá-lo uma conseqüência direta do ato da Criação. Além disso, a família humana inteira deve sua existência ao ato divino da Criação, tornado-o assim um memorial; portanto, a obrigação de submeter-se ao mandamento do

sábado como um memorial do poder criativo de Deus compete a toda a raça humana.

Por sua própria natureza, o sábado é dessa forma universal em tempo e perspectiva. É vigente enquanto as obras das quais ele é memorial existirem, e vigora sobre todos os que foram criados e sobre seus descendentes. O foco do mandamento do sábado está, dessa forma, dentro da órbita do inalterável relacionamento moral do homem com seu Criador e não na mudança das formas rituais pelas quais ele O adora.

O sábado também supre uma necessidade fundamental do homem. Disse nosso Senhor, "O sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado" (Mar. 2:27). De acordo com Gên. 2:1-3, o sábado foi instituído no último dia da semana da Criação, quando Deus "descansou . . . de toda a obra que tinha feito. ... E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera. (Gên. 2:2, 3). Em outras palavras, o sábado foi feito para o homem e separado como um dia santo — como o clímax dos atos da Criação.

Desde a semana da Criação, então, o sétimo dia tem sido o sábado do Senhor. Os cristãos geralmente concordam sobre a conveniência de um dia de sábado. Mas o mesmo Criador, e Autor do Decálogo, que ordenou ao homem que guardasse Seu Santo dia, ao mesmo tempo afirmou que esse dia é o sétimo dia da semana. Desse modo, Deus misturou a qualidade sabática com a qualidade semanal do dia de sábado. Isso é tão verdadeiro quanto ao sábado como o é com a união de Adão e Eva juntos como homem e mulher que "portanto, o que Deus uniu, não o separe o homem" (Mat. 19:6).

Na declaração "O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado," Jesus mesmo declarou ser o homem a suprema preocupação do Criador ao ordenar o sétimo dia da semana como o sábado. O homem necessitava o que o sábado lhe concederia: (1) desligamento periódico do que seria um invariável círculo de trabalho, e

(2) uma oportunidade de cultivar sua mais elevada natureza como um ser moral inteligente.

Cristo ensinou que o homem não devia considerar-se um escravo preso ao sábado, cujas restrições algemavam-no e o impediam de fazer o que de outra forma seria para o seu bem. Ele deveria olhar o sábado como uma graciosa provisão feita por um Criador Onisciente, a fim de prevenir que ele caísse permanentemente na rotina puramente materialista da preocupação com suas necessidades físicas e, dessa forma, realmente se deturpasse ao nível da criação irracional.

Certamente o homem é uma criatura física, mas, em acréscimo — e acima de tudo — ele é um ser inteligente, moral, responsável, criado à imagem de Deus (Veja **Homem, Doutrina do**). A principal função do dia de sábado no plano do Criador era prover ao homem uma oportunidade de desenvolver esse aspecto de seu ser, em comunhão com Aquele a cuja imagem fora criado. Isso não devia ser omitido dos seis dias, mas, para que a invariável rotina do labor diário não abafe o mais elevado de sua natureza, o Criador separou cada sétimo dia como um tempo de pausa dos afazeres comuns, e protegeu-o da intrusão de considerações físicas da vida proibindo nesse dia, as atividades comuns da semana. Isso é o que a palavra *sábado* significa no hebraico — pausa.

O dia devia ser exclusivamente dedicado à nutrição dos aspectos morais e intelectuais do homem, mediante a comunhão com Deus.

De tal ponto de vista, as restrições rabínicas do sábado (Veja *SDABC* sobre Mar. 2:24; Luc. 6:9; João 5:10, 16-17; 9:6, 14) não eram somente inoportunas mas na realidade prejudiciais. De fato, elas efetivamente frustravam o propósito do Criador ao ordenar o dia de sábado, pois em vez de abrir uma avenida de comunicação entre o homem e seu Criador, deturpavam o mandamento do sábado em uma exigência legalista, tornavam sua observância um fardo e assim erguiam uma barreira intransponível que resultava em um conceito distorcido de Deus. O mesmo ocorre hoje quando o mandamento do sábado é

apresentado negativamente, essencialmente como uma proibição de certas atividades.

Somente quando o sábado é entendido positivamente, como uma oportunidade para o desenvolvimento da natureza mais elevada do homem mediante a comunhão com o Criador, seu real propósito é alcançado. As proibições negativas do quarto mandamento, conquanto válidas, não são um fim em si mesmas, e sim um meio necessário para a realização dos valores mais elevados e positivos que um Criador Onisciente conferiu ao sábado. É a esse mais elevado conceito do sábado que Cristo dirige a atenção do cristão na afirmação de que o "sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado." Deus ordenou o sétimo dia da semana como o dia em que o diálogo entre o homem e seu Criador deveria ter lugar.

É presunção do homem negligenciar o dia que Deus separou para esse propósito e substituí-lo por um dia de sua própria escolha — o primeiro dia da semana — pois assim agindo, o homem põe-se acima de Deus. A real questão quanto à observância do sétimo dia da semana *versus* o primeiro dia da semana é o reconhecimento da reivindicação transcendente do Criador *versus* a tendência inata de substituir a vontade do Criador pela sua própria — como Lúcifer decidiu fazer no Céu. O princípio representado pelo sábado é o ponto crucial de um conflito milenar entre o bem o mal, entre Cristo e Satanás e entre a verdadeira observância do sábado, em espírito e em verdade; é uma afirmação perpétua de lealdade ao Criador.

I. Teologia Bíblica do Sábado. *1. Considerações Gerais*. A santidade do sábado deriva de uma bênção divina (Gên. 2:3), e é significativa somente no contexto humano. A natureza não conhece o sábado e nem os animais o observam (Êx. 20:10). Somente o homem é consciente do sábado. O encontro entre Deus e o homem é essencial ao sábado, no contexto de um tempo divinamente abençoado. O sábado não pode ser transferido para qualquer outro dia, pois nenhum outro dia é o

"sétimo dia." Conclui-se assim que três fatores são essenciais ao sábado: Deus, o homem e o tempo.

*2. O Sábado e o Concerto***.** Deus declarou a Israel que o sábado era um "sinal entre mim e vós . . . ; para que saibais que eu o sou o Senhor, que vos santifica" (Êx. 31:13; Ez. 20:12, 20). Era um "concerto perpétuo" (Êx. 31:16). Está claro também no próprio Decálogo que o significado do sábado deve ser achado em conexão com o concerto, como dado em Deuteronômio, que dá como razão para o sábado a libertação de Israel do Egito (cap. 5:15). A libertação da servidão dá significado à provisão da liberdade dos servos e animais do trabalho aos sábados ("Lembra-te que foste escravo"). Porém, mais importante, como memorial da libertação de Israel da escravidão, ele se torna um sinal de salvação prometido no concerto, um lembrete sempre presente da relação de concerto entre Jeová e Israel. Justamente como o concerto é baseado no amor de Deus por Seu povo (Deut. 7: 7, 8), assim o sábado, como sinal daquele concerto, é um sinal de amor divino.

O Decálogo, em Êxodo, relaciona o sábado não somente à libertação do Egito mas à criação (cap. 20:11 cf. 31:17). Isto concorda com o fato de que, na narrativa de Gên. 1:1 a 2:3, o sábado é o alvo e consumação da Criação. Em vista do fato de a história da Criação ser relatada como pressuposição e prelúdio ao concerto da salvação, e de tal maneira que seja plenamente entendido somente à luz do concerto, podemos dizer que o sábado também, como memorial da Criação, encontra cumprimento somente em termos do concerto.

Teologicamente, a relação do sábado com a Criação é particularmente significativa. Em harmonia com o significado básico do heb. *shabath*, "cessar," a decisão de Deus sobre o sétimo dia foi uma pausa de sua obra dos primeiros seis dias, não um descanso para recuperação por cansaço (Is. 40:28). O fato de Deus poder cessar mostra Sua liberdade — que Ele não é uma força cega e ininterrupta da natureza, mas um Deus que em Sua soberana liberdade pode querer criar

e parar de criar. Que Deus *cessou* mostra que Sua obra de criação não estava completa, e Sua satisfação com o que havia feito é mostrada pela declaração “Tudo era muito bom” (Gên. 1:31).

Assim, na Criação, bem como na redenção do Egito, está a implicação de que o sábado é um sinal do amor divino. Sua soberana decisão de cessar a Criação também envolve uma auto-limitação e essa auto-limitação é a essência do concerto. (Gên. 9:11). Portanto, o sábado é tanto o alvo da Criação quanto o ato que torna possível o concerto. Ao mesmo tempo, a ação divina no sétimo dia estabelece o padrão da celebração humana do sábado. É o convite de Deus ao homem para que mantenha comunhão com Ele; o homem não pode participar na obra da Criação original, mas é possível a ele participar do descanso divino.

Por isso, o sábado forma um elo entre a liberdade de Deus e a liberdade que Ele concede ao homem, e, nesse sentido, é um elo entre a história da Criação em Gên. 1:1 a 2:3 e a subseqüente história da redenção. Ao mesmo tempo, é um reconhecimento da parte do homem de que Deus é o Criador e ele é a criatura. Essa distinção constitui a fundação do louvor a Deus.

A ação divina de “santificar” o sétimo dia (Gên. 2:3) significa que o sábado foi separado como um tempo em que esse relacionamento divino-humano pudesse florescer. O ato de “abençoar” o sábado (v. 3) infere que, por sua vez, o sábado torna-se uma bênção para o homem.

3. O Sábado e a Lei. O fato de o sábado estar contido na lei de Deus como o quarto mandamento do Decálogo (Êx. 20:8-11; Deut. 5:12-15) é de especial significado. A lei de Deus é um transcrito de Seu caráter e o mandamento do sábado é o único dos dez que afirma Sua autoridade como Legislador. Isso fala da perpetuidade do sábado. Estando no coração da lei, o sábado é particularmente uma revelação do caráter e amor de Deus. De fato, como já vimos, ele é o único dos Dez Mandamentos que especificamente liga a lei de Deus com o concerto da salvação.

*4. O Sábado no Novo Testamento***.** A centralidade do sábado para o concerto e para a eterna lei de Deus provê a base para sua significância ao cristão. Como é com o concerto, assim é com o sábado: a cruz, sendo o ponto central da história da redenção, confirma a esperança a qual eles apontam, e os impregna do mais completo significado para o cristão (Jer. 31:31-34; Heb. 8:8-12).

O sábado torna-se um símbolo de repouso em que o crente entra pela fé: "Portanto, resta um repouso para o povo de Deus." "Nós, porém, que cremos, entramos no repouso" (Heb. 4: 9, 3). A referência neste contexto a "outro dia" (v. 8) é paralela à idéia de um "novo concerto" (v. 8). Como o "novo concerto" não é uma inovação cristã, mas é o eterno concerto de salvação em sua plenitude, assim "outro dia" aqui é o sábado eterno de interrupção dos próprios esforços para a salvação, entendido e observado na profundeza da perspectiva cristã — o descanso em Jesus Cristo que emana do cumprimento da promessa do concerto nEle. O sábado é agora um memorial não somente da Criação e da recriação em Cristo. Como o sábado pré-cristão, em termos de concerto, entre os pólos da Criação e a cruz, assim o sábado cristão permanece, em termos do mesmo concerto, entre os pólos da Cruz e do *Segundo Advento.

Isso significa também que o sábado na perspectiva cristã está destituído de todo legalismo. Sua observância, como a dos outros Dez Mandamentos, não pode ser com o *propósito* de salvação; além disso, o sábado é um ato de regozijo e de ação de graças pelo dom da fé e vida. Ele pode somente ser guardado verdadeiramente pelo cristão como um *resultado* da salvação. O sábado cristão é, portanto, um deleite e uma celebração de sua entrada no repouso de Cristo Jesus, seu Senhor.

5. O Sábado na Profecia. Em seu entendimento da profecia bíblica, especialmente nos livros de Daniel e Apocalipse, os ASD têm visto a questão da observância do sábado como crucial em nossos dias.

Ao descrever a guerra da ponta pequena contra os santos do Altíssimo, declara-se que esta "pensará em mudar os tempos e a lei" (Dan. 7:25). Identificando a ponta pequena como o Papado, os ASD têm entendido isso como uma sombra da tentativa de substituir a observância do sábado pela observância do domingo.

Semelhantemente, nas profecias de Apoc. 12 e 14, o sábado é entendido como tendo uma parte muito importante. O dragão, representando as forças satânicas arregimentadas contra a Igreja, guerreia contra os "que guardam os mandamentos de Deus" (cap. 12:17). Em tal batalha, a fidelidade ao mandamento do sábado torna-se questão suprema. Esta batalha é refletida novamente nas atividades da besta com aparência de leopardo (cap. 13:1-10) e a besta de dois chifres (vs. 11-17), o primeiro simbolizando o papado e o último os Estados Unidos. O dragão dá "seu poder ao papado, e seu trono e grande autoridade" (v. 2). Por sua vez, a besta de dois chifres, os Estados Unidos, vem a "exercer todo o poder da primeira besta" (v. 12); faz uma "imagem à besta" (v. 14), e é permite-se que ele faça com que todos os que "não adoram a imagem da besta" sejam mortos (v. 15). Ela também "faz com que todos recebam . . . um sinal em sua mão direita ou em suas frontes" com uma "marca, ou número da besta ou o número de seu nome" (vs. 16, 17). Os ASD têm entendido essa passagem como significando que finalmente os Estados Unidos vencerão pela causa do Papado e buscarão reforçar a vontade do Papado. A questão saliente será a observância do domingo no lugar do sábado e todos os que não concordam enfrentarão a penalidade da morte.

Assim, a observância do domingo, *no contexto dessa batalha escatológica*, constituirá no fim, uma marca distintiva, aqui referida como a marca da besta. Satanás exaltou o domingo como o sinal de sua autoridade, enquanto que o sábado será o grande teste de lealdade a Deus. Essa questão dividirá a Cristandade em duas classes e caracterizará o tempo final para o povo de Deus.

O mesmo tema aparece na terceira mensagem angélica de Apoc. 14, que é um chamado para a perseverança dos santos, os que "guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" (v. 12). Aqui, a questão descrita no cap. 13:12-17 é vista no contexto do surgimento do povo ASD, proclamando a cadeia indivisível dos mandamentos de Deus, incluindo o sábado, mas do ponto de vista da fé de Jesus, que é a única estrutura válida de referência para a observância dos mandamentos.

II. História Bíblica do Sábado. 1. *Antigo Testamento.* A instituição do "sétimo Dia" aparece no início da narrativa bíblica — como o clímax da semana da Criação (Gên. 2:1, 2) — mas o termo "sábado" aparece primeiramente na narrativa do maná, pouco depois do Êxodo e antes da chegada de Israel ao Sinai (Êx. 16: 22, 23). O quarto mandamento do Decálogo estabelece a observância do sábado (Êx. 20:8-11, Deut. 5:14, 15). É também mencionado no código do concerto (Êx. 23:12) e no que tem sido chamado de "Decálogo ritual" (Veja 34:21). De fato, de todos os Dez Mandamentos, o mandamento do sábado é mencionado no Pentateuco mais freqüentemente do que qualquer outro (Êx. 16:23; 20:8-11; 23:12; 31:12-17; 34:21; 35:1-3; Lev. 19:3; 23:1-3; 26:2; Deut. 5: 14, 15).

Durante a história dos reinos israelitas, o sábado é mencionado somente poucas vezes, mas trazendo luz sobre vários aspectos de sua observância. Assim, quando o filho da Sunamita adoeceu e ela pediu a seu esposo um servo e um jumento para que fossem visitar Eliseu (II Reis 4:22, 23), ele replicou: "Por que vais a ele hoje? Não é lua nova nem sábado." Esta resposta sugere (1) que era costume visitar os profetas no sábado e (2) que uma viagem até um profeta era possível porque os servos e os animais de carga estavam livres de trabalho naquele dia.

Era também no sábado que a guarda do palácio real em Jerusalém era mudada (II Reis 11:5-7), e o Sumo Sacerdote Joiada tirou vantagem desse fato para engendrar um *coup d'etat* (golpe de estado) contra

Atalia, sendo que, naquele tempo, ele poderia ter duas vezes o número de tropas à sua disposição sem atrair atenção. Durante o reinado de Acaz, parece ter havido um espécie de "passadiço coberto para o sábado" (II Reis 16:18) dentro do Palácio. O que era isso e porque foi removido "por causa do rei da Assíria" não se sabe.

Ao mesmo tempo, os profetas estavam clamando contra uma observância formal e hipócrita do sábado. Isaías declarou: "Não posso suportar a iniqüidade associada ao ajuntamento solene" (Is. 1:13). Oséias profetizou: "Farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas, os seus sábados e todas as suas solenidades" (Ose. 2:11). Amós ferozmente parodiou seus contemporâneos: "Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? e o sábado para abrirmos os celeiros de trigo, diminuindo o efa e aumentando o ciclo, e procedendo dolosamente com balanças enganadoras?" (Amós 8:5). Essas palavras também sugerem que as lojas eram regularmente fechadas aos sábados. Jeremias enfatizou a importância da observância do sábado se Jerusalém quisesse ser salva, e sugeriu que, em gerações anteriores, o sábado não tinha sido respeitado pelos Israelitas (Jer. 17: 21-27).

A publicação por D. J. Wiseman em 1956 de algumas crônicas cuneiformes dos reis caldeus do Império Neo-Babilônico forneceu uma data específica para a captura de Jerusalém e do Rei Jeoaquim por Nabucodonosor — o segundo dia do mês de Adar, que é, com muita probabilidade, o dia 16 de março de 597 a.C.. Alguns anos após a publicação, reconheceu-se que essa data caiu no dia de sábado. Parece também, de um cômputo semelhante, que o fim do cerco de Jerusalém sob Zedequias possivelmente tenha ocorrido em um sábado.

Essas observações levaram à conclusão de que Nabucodonosor, como Antíoco Epifânio, pode ter feito questão especial de atacar os judeus no dia de sábado porque podem não ter resistido naquele dia. Isso não pode ser provado como certeza de evidência primária, mas a conclusão permanece como uma possibilidade distinta.

Com a vinda do Exílio, Ezequiel repetidamente apontou a negligência do sábado como uma indicação da apostasia de Israel (Ez. 22:8, 26; 23:38; 20:12-24). Ao mesmo tempo que ansiava por ver seu ideal, restaurou o Templo a uma perfeita obediência do sábado (Ez. 44:24; 45:17; 46:1-12).

Essa ênfase sobre o sábado como uma chave de indicação da aderência de Israel ao concerto de Jeová, em ambas as denúncias de Jeremias antes do Exílio e de Ezequiel durante ele, é refletida na estrita preocupação pela observância do sábado evidenciada por Neemias após a nação ser restaurada.

Na oração pública de Esdras perante o povo, o sábado é especificamente mencionado: "O teu sábado lhes fizeste conhecer: preceitos, estatutos e lei, por intermédio de Moisés teu servo, lhes mandaste" (Neem. 9:14). O concerto escrito que Neemias e os líderes dos judeus selaram publicamente incluía um penhor de que não deveriam comprar nada do povo da terra no dia de sábado (cap. 10:31). O relato da reforma de Neemias nos conta com detalhes posteriores de como ele reforçou essa fiança: Quando ele observou os homens esmagando a uva, colhendo grãos e frutos e trazendo-os a Jerusalém no sábado, bem como estrangeiros trazendo e vendendo peixes e outras mercadorias, ele proibiu isto com a advertência de que em assim fazendo, eles trariam "ira maior sobre Israel, profanando o sábado" (Neem. 13:18). Conseqüentemente, ele ordenou que os portões de Jerusalém fossem fechados no início do sábado e não deveriam ser abertos até que o dia passasse. Em acréscimo, colocou guardas nos portões para que essa restrição fosse reforçada (vv. 19-22).

O Salmo 92, de autoria e data incertas é intitulado "Um Salmo ou Canção Para o Dia de Sábado." É um Salmo de ação de graças e louvor, enaltecendo o constante amor e fidelidade de Deus. Ele reflete o deleite dos judeus no sábado e mostra que, na melhor das hipóteses, a observância do sábado era uma ocasião de alegria, ação de graças e

exultação. A posição do sábado era também refletida nos serviços do *Santuário, onde era marcado pelas ofertas especiais e pelo ritual. Dois cordeiros extras, acompanhando a comida e ofertas de bebidas, eram acrescentados à oferta queimada regular (Núm. 28:9, 10), e nesse dia, os pães da proposição eram substituídos (Lev. 24:8).

2. *O Período Intertestamentário*. As tendências rumo à estrita observância do sábado, que começaram a se desenvolver durante e após o Exílio (Ezequiel, Esdras e Neemias), tornaram-se particularmente acentuadas durante o período intertestamentário e que mais tarde alcançaram sua formulação clássica no *Mishnah* (terceiro século A.D.). Os desenvolvimentos do período intertestamentário são particularmente significativos para o entendimento do sábado no N.T. e na Igreja primitiva.

(a) *Prática judaica em Elefantina, Egito*. No primeiro século a.C., uma colônia de soldados mercenários judeus que viviam na Ilha de Elefantina no Alto Egito. Cedo no vigésimo século, uma coleção de antigos papiros, e mais tarde mais papiros e também óstracos (cacos de cerâmica) inscritos, foram encontrados ali. Esses foram escritos na língua e escrita aramaica usados pelos judeus daquele período — o tempo de Esdras e Neemias — e muitos foram datados naquele tempo. Esses textos dão uma idéia da vida na colônia de Elefantina e revelam que esses judeus misturavam a idolatria com o louvor ao verdadeiro Deus.

Por isso e por não ser mencionado o sábado em nenhum papiro, muitos eruditos criam que os judeus de Elefantina provavelmente não observavam o sábado como dia de descanso. Porém, quando os óstracos foram estudados, na década de 1940, descobriu-se que quatro deles mencionavam especificamente o sábado como dia de descanso. Por exemplo, um (tendo o número 152 dado pelo escavador) começa com essas palavras: “Saudações a Yislah. Olhe, não enviarei o jarro amanhã.

Prenda o gado amanhã, no sábado, para que eles não fujam. Viva Jeová!" (publicado por A. Dupont-Sommer na França). É possível que alguns desses judeus de Elefantina tenham acolhido as reformas de Esdras e Neemias, que envolviam uma observância mais restrita do sábado (Neem. 10:31; 13:15-22). Por outro lado, judeus idólatras provavelmente tinham pouca ou nenhuma consideração para com o sábado.

(b) *Problema da Defesa do Sábado*. Repetidamente durante esse período, os judeus enfrentaram a mesma questão que aparentemente enfrentaram nos dias de Nabucodonosor: Lutariam no sábado ou não? Agatharcides (2º século a.C.) é citado por Josefo pelo registro de que, por volta do ano 300 a.C., Ptolomeu I escolheu ocupar Jerusalém no sábado porque os judeus não lutariam naquele dia.

Esse problema agravou-se durante a rebelião dos Macabeus (168-142 a.C.). No início dessa guerra, um grupo de judeus revoltosos se refugiaram com suas famílias nas cavernas do Deserto Judeu.

Os sírios perseguiram-nos e os atacaram no sábado; os judeus se recusaram a resistir e foram mortos. À luz de tal experiência, Matatias, o líder da revolta e seus colegas posteriormente lutaram no sábado, mas somente quando atacados.

Esse problema apareceu novamente em 63 a.C., quando o general romano Pompeu marchou sobre Jerusalém. Sabendo da recusa dos judeus de guerrear no sábado exceto em autodefesa, os romanos usaram esse dia para erguer trincheiras contra os muros da cidade, que os judeus nada fariam para os deter. Após um sítio de três meses, Pompeu estava apto a tomar a cidade no sábado. Novamente em 37 a.C., quando os romanos tomaram Jerusalém de Antígono a fim de entronizar Herodes o Grande, foi num sábado que a resistência final foi suprimida.

Desde o tempo de Júlio César em diante, as autoridade romanas repetidamente publicaram editos concedendo aos judeus o direito de

viver em suas próprias terras e isentando-os do serviço militar e de processos legais no sábado.

(c) *Os Essênios*. Provavelmente a mais estrita observância do sábado durante esse período seja encontrada entre os Essênios. Josefo escreve sobre eles:

> Eles são mais estritos do que quaisquer outros judeus em descansar de seus labores no sétimo dia; pois eles não só preparam suas refeições no dia anterior, para que não sejam obrigados a acenderem o fogo naquele dia, como não removerão qualquer vaso ... para evacuar (Josefo, *Guerra* ii. 8, 9).

A proibição de remover “qualquer vaso” no sábado parece indicar uma rejeição da provisão farisaica do *‘erub* — um procedimento casual pelo qual os objetos podiam ser movidos no sábado. Essa tendência dos Essênios de observarem o sábado mais rigorosamente do que quaisquer outros judeus é refletida também no *Documento Zadoquita*, que, se não for Essênio, pelo menos está intimamente ligado àquela espécie de judaísmo sectário.

Ali, proibia-se o seguinte no sábado: conversação frívola, cobrança de dívidas, ações jurídicas, planejamento ou preparação para futuro trabalho, andar mais de 1.000 côvados (cerca de 5 km) fora da cidade, comer comida não preparada anteriormente, a não ser em viagens, usar roupa suja ou realizar um jejum voluntário. Especialmente a respeito de animais, as restrições eram específicas; o gado não deveria ser levado para mais de 2.000 côvados (10 km) fora da cidade para pastar, não deveria ser surrado com a mão nem forçado a sair das portas nem ajudado a parir. Mesmo se o novilho caísse em um buraco, não

devia ser retirado. Aqui o mais extremo caráter das restrições sectárias é evidente como comparado com as dos fariseus refletidas em Mat. 12:11.

Semelhantemente a prática do *'erub* é proibida. Ninguém deveria mover um objeto de sua casa ou trazer algum para dentro. As atividades domésticas em geral eram no mínimo: não abrir um jarro fechado, varrer o chão ou carregar bebês. Os escravos e jornaleiros não deviam ser forçados a trabalhar, e o contrato de gentios para tomar conta do negócio de alguém no sábado era especificamente proibido. Muitas dessas leis são similares àquelas normativas do judaísmo, mas muitas são mais estritas.

(d) *O Seguidores de Hillel e Shamai*. Outra área de diferença na prática do sábado, no tempo de Herodes, o Grande, era aquela entre os seguidores de Hillel e os de Shamai, dois preeminentes mestres fariseus que representavam tendências liberais e conservadoras na interpretação da lei. Assim, por exemplo, os Shamaítas proibiam o montar armadilhas se o caçador não estivesse certo de que sua presa seria caçada antes do início do sábado; os Hillelitas, porém, permitiam qualquer atividade enquanto o sábado não se iniciasse.

(e) *Regulamentos do Sábado no Mishnah*. A expressão clássica dos regulamentos do sábado judeu são encontradas no Mishnah, e particularmente nos tratados *Shabbath* e *'Erubin*. Aqui são encontradas enumerações detalhadas sobre que tipos de tarefas poderiam ou não ser realizadas no sábado, que cargas podiam ou não ser levadas, quão longe alguém poderia viajar e, em um tratado posterior, regras elaboradas tornando possível a transferência de bens de um lugar privado a um público. Muito desse tratado *Shabbath* está preocupado com os *Trinta e Nove Labores Primários* proibidos no sábado, e a derivação dessas regras subsidiárias pelos detalhes da vida.

Embora essas regras não alcancem sua formulação atual até o terceiro século A.D., várias de suas provisões são refletidas em

incidentes descritos no N.T.. Assim, a denúncia contra os discípulos de Jesus de que eles transgrediam o sábado ao colher trigo, tirar a casca e comê-lo (Mat. 12:1-8; Mar. 2:23-28; Luc. 6:1-5), parece estar relacionada a dois dos *Trinta e Nove Labores Primários*, colheita e debulha de grãos.

A resposta de Jesus ao fariseu da sinagoga que O criticou por curar a mulher possessa no sábado foi: "Hipócritas, cada um de vós não desprende da manjedoura no sábado o seu boi ou o seu jumentinho para levá-lo a beber?" (Luc. 13:15). Isto tem um paralelo no tratado de *Shabbath* por uma série de condições sob as quais os animais podiam ser levados para fora no sábado.

A condenação do paralítico curado por carregar sua cama no sábado está relacionada a outro dos *Trinta e Nove Labores Primários:* a da remoção de um objeto de um lugar a outro. A referência de Jesus à permissão da circuncisão (João 7:22) é paralela pela provisão geral de todas as coisas necessárias para a circuncisão ser legal no sábado.

Ao mesmo tempo, em alguns casos, as atitudes dos judeus refletidas nos Evangelhos parecem mais severas do que aquelas encontradas no judaísmo clássico. Portanto, como W. O. E. Oesterly ressaltou, a repetida crítica a Jesus por curar no sábado (Mat. 12:9-13; Luc. 14:1-6; João 5:1-16) parece não estar em harmonia com as provisões feitas no Mishnah, permitindo certos procedimentos de cura, embora essa aparente diferença possa possivelmente ser explicada pelo fato de as curas de Jesus terem sido realizadas em casos crônicos.

Mais impressionante ainda é a abstenção das mulheres de embalsamar o corpo de Jesus no sábado (Luc. 23:54-56), que reflete uma prática mais estrita do que aquela permitida no *Mishnah*. O último declara: "Todas as exigências dos mortos podem ser feitas [no sábado]; ele poderá ser ungido com óleo e lavado" (*Shabbath* 23.5).

3. *Novo Testamento.* (a) *Jesus e o Sábado.* Os Evangelhos contêm quatro declarações de Jesus a respeito do sábado: Mar. 2:27, 28 (Mat.

12:8; Luc. 6:5); Mar. 3:4 (Mat. 12:12; Luc. 6:9); Mat. 12:11, 12; Luc. 14:5. Em Mar. 2:27, 28, a declaração "O sábado foi estabelecido por causa do homem e não o homem por causa do sábado; de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado" é a resposta de Jesus à denúncia dos fariseus de que Seus discípulos transgrediam o sábado colhendo o grão. Nem com essas palavras nem em Seu apelo ao exemplo de Davi ao comer os pães da proposição. Jesus declara que os Seus discípulos não tinham transgredido o sábado, tanto quanto o ponto de vista dos judeus estava em questão. Antes, nas palavras de Mateus, Ele os declara inocentes em vista do propósito subjacente do sábado — o bem-estar do homem. Isso, nenhuma proibição sabática pode anular.

Mais tarde, no segundo século, um dito rabínico reza: "O sábado vos é dado; não sois dados acima do sábado." Este ditado, porém, é dirigido somente às situações em que a vida esteja em perigo, enquanto Jesus toma como critério Seu o esboço completo do bem-estar humano.

Em cada milagre de Jesus, o pensamento básico é o mesmo: "É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? salvar uma vida ou tirá-la" (Mar. 3:4). Isso, no contexto do fato de que as curas sabáticas de Jesus registradas foram consistentemente realizadas em casos crônicos e que não estavam em perigo de morte (Mar. 3:1-5; Luc. 13:10-17; 14:1-6; João 5:1-15; 9:1-17), leva à conclusão de que nessas ações, uma dimensão mais profunda do que meramente uma cura física está envolvida.

O encontro com Jesus era uma questão de vida ou morte. Se, como os judeus reconheciam, o sábado poderia ser "transgredido" com o objetivo de salvar uma vida, então cada encontro com Jesus, cada cura, se em caso crônico ou não, era uma questão de vida que nenhuma proibição sabática poderia transpor. Portanto, quando condenado por curar um homem já enfermo por 38 anos, Ele poderia responder: "Meu pai trabalha até agora, e eu trabalho também." (João 5:17).

Do ponto de vista de seu contexto imediato, as disputas de Jesus com os fariseus quanto ao sábado parecem ter sido tentativas de trazer uma preocupação mais humanitária para vigorar sobre as leis do sábado, e uma perspectiva mais profunda do propósito básico do sábado. O costume de Jesus de ir à sinagoga aos sábados (Mar. 1:21; 6:2; Luc. 4:16, 31; 13:10) e participar em seus serviços demonstra Sua atitude positiva para com essa instituição como um tempo de adoração.

(b) *Paulo e o Sábado*. A única referência direta de Paulo ao sábado está em Colossenses 2:16, 17: "Ninguém, pois, vos julgue por causa da comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das cousas que haviam de vir, porém o corpo é de Cristo."

Alguns comentaristas têm sugerido que Paulo aqui não fala de um sábado "cerimonial" ou festa anual. Eles inferem isso da seqüência "dia de festa ou lua nova" (v. 16) representando os dias anuais, mensais, semanais de observância, uma seqüência de termos (ou inversão) que ocorre freqüentemente no A.T. (II Crôn. 2:4; 8:13; Neem. 10:33; Ez. 45:17; Os. 2:11). Posteriormente, eles ressaltam que os sábados cerimoniais já estão incluídos no termo "dia de festa" (heb. *mô'ed;* gr. *heorte*). É verdade que, como observadas pelos judeus, certas exigências rituais eram prescritas para o sábado semanal (Núm. 28:9, 10; etc.). Em acréscimo, um longa lista de proibições rabínicas foi posteriormente adicionada à sua observância. Portanto, mesmo entendendo-se que Paulo aqui se refere ao sábado semanal, sua preocupação seria com a observância ritual do dia como parte do conceito rabínico de obras de justiça. Mesmo nos tempos do A.T., tal observância do sábado era repugnante a Deus (Is. 1: 11-15).

Mas o sábado antedatava o sistema ritualístico e era basicamente moral em natureza. Sua inclusão posterior dentro da estrutura do sistema ritualístico — de fato não poderia — não o destituiu de sua qualidade moral perpétua, e, quando as observâncias rituais ligadas à observância

do sábado nos tempos do A.T. perderam sua validade na cruz, sua qualidade moral básica e a obrigação moral de observá-lo permaneceram.

Os ASD porém têm geralmente mantido a posição de que, sendo que o contexto trata de questões rituais, os sábados aqui referidos são sábados cerimoniais das festas judaicas anuais “que são sombra,” ou tipo dos cumprimentos que deveriam vir em Cristo; que embora a seqüência dos termos podem parecer classificar o sábado com os dias santos cerimoniais, a forma retórica não pode superar os fatos estabelecidos em outro lugar na Bíblia, que os tipos e símbolos que se estendiam somente até Cristo não incluem o sábado do Decálogo.

Uma passagem intimamente relacionada a Col. 2:16 é Gál. 4:10: “Guardais dias, e meses, e tempos, e anos! Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco”. O contexto dessa passagem, referindo-se à escravidão dos gálatas aos “rudimentos do mundo” (v 3, 9), bem como Col. 2:18, que fala do “culto dos anjos” dos Colossenses, levou muitos eruditos a associarem essas heresias com algum tipo de judaísmo sectário similar ao de Qumrân, em vez de ao judaísmo normativo.

Em certas partes da literatura de Qumrân (*Jubileus*, *I Enoque*), muito é dedicado aos anjos, e particularmente a anjos caídos, que são entendidos como dominando o mundo pagão. Anjos, ambos bons e maus, também eram identificados com as estrelas (ou planetas). Há ampla evidência de que na primeira parte do primeiro século, a veneração dos planetas era bem difundida entre os judeus. W. Rordorf argumentou convincentemente de que do primeiro século a.C. em diante, Saturno, considerado uma estrela infeliz, estava associado em muitas mentes judaicas à celebração do sábado (*Der Sonntag*, p. 24, 28, 32, 34). Tudo isso aponta para a conclusão de que as declarações de Paulo a respeito da observância de dias devem provavelmente ser entendidas no

contexto de um legalismo judaizante revestido com uma veneração sectária e anômala de anjos e dos corpos celestes.

Em suas viagens evangelísticas, Paulo seguiu a prática de freqüentar sinagogas judaicas (At. 13:14; 14:1; 16:13; 17:1, 2, 10, 17, 18:4, 19; 19:8). Onde quer que houvesse uma comunidade judaica ou sinagoga, ali ele ia para pregar Cristo. Somente quando os judeus recusavam tolerá-lo, ele mudava sua atuação para outro lugar (At. 18:6, 7; 19:8, 9). A natureza do serviço da sinagoga, na qual os rabis visitantes eram freqüentemente convidados a participar na leitura das Escrituras e no sermão, representava uma oportunidade ideal para ele (At. 13:14-41), como foi para Jesus (Luc. 4:16). Com essa atitude, ele parece ter seguido o exemplo do próprio Jesus. (A consciência de Lucas sobre isso é provavelmente refletida em sua fraseologia quase idêntica em Luc. 4:16 e At. 17:2). Justamente como a atitude de Jesus inferiu uma aprovação Sua quando à adoração sabática, assim foi com Paulo.

(c) *O Dia do Senhor no Apocalipse*. João, o revelador, declara que sua visão inicial foi dada quando "ele estava em Espírito no dia do Senhor" (Apoc. 1:10). Os ASD têm entendido isso como um referência ao sábado porque: (1) é um expressão única nas Escrituras, onde o único dia identificado com o Senhor é o sábado (Is. 58:13; Mar. 2:28); (2) a referência mais anterior e inequívoca ao "dia do Senhor" como o domingo não aparece antes do fim do segundo século (no *Evangelho Apócrifo Segundo Pedro*, 9, 12).

III. Teorias Sobre a Origem do Sábado. A título de informação, incluímos a seguinte discussão e avaliação das teorias atuais sobre a origem do sábado.

Seguem-se as principais teorias sobre a origem do sábado na história de Israel:

1. *A Teoria Babilônica***.** Tem sido freqüentemente proposto o conceito d que o sábado derivou de práticas babilônicas reveladas em documento cuneiformes e particularmente em ligação à palavra babilônica *sapattu.*

Um século atrás, Henry Rawlinson publicou um texto babilônico alistando sinônimos em colunas paralelas: aqui *sapattu* é definida como *ûm nûh libbi*, um dia de descanso do coração [dos deuses]. A palavra também aparece no épico da Criação, onde se refere ao dia da lua cheia no meio do mês lunar. Seu uso é atestado em uma carta tão antiga quanto a Primeira Dinastia Babilônica (século dezoito a.C.): "A lua [nova], o sétimo dia e a lua cheia [*sa-pa-at-ta-am*] completos como te foi mostrado" (E. G. Kraeling, *American Journal of Semitic Languages and Literatures*, abril de 1933).

Em outro tablete lexicográfico, o termo *sapattu* é aplicado semelhantemente ao décimo-quinto dia do mês. Neste dia, o rei devia observar várias proibições: ele não deveria andar em carruagens, aparecer publicamente, comer carne cozida ou vestir vestidos brancos — para que os deuses não se desagradassem. Portanto, o babilônico *sapattu* era um dia desagradável em que os deuses deviam ser apaziguados.

Outro tablete babilônico lista os dias do mês intermediário de Segundo Elul, nomeando o deus para o qual cada dia do mês era sagrado e as liturgias realizadas naquele dia. Nos dias 7, 14, 15, 21 e 28 do mês, o rei devia observar as mesmas restrições de atividade como no *sapattu*. A muitos pareceu lógico concluir que em vista desses dias repetidos em que o rei descansava de suas atividades comuns em um ciclo de aproximadamente sete dias, o sábado hebraico tinha sua origem na prática religiosa babilônica.

Um engenhosa variação dessa teoria, ideada por Johannes Meinhold (*Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, abril de 1909 e junho de 1930), atraiu considerável atenção. Reconhecendo que *sapattu*, como o dia 15 do mês lunar, era de lua cheia, e que "a lua nova e o sábado" aparecem juntos repetidamente no A.T. (II Reis 4:23; Is.

1:13; Os. 2:11; Amós 8:5), Meinhold propõe o conceito de que o sábado entre os Israelitas era originalmente uma festa mensal no dia de lua cheia mais do que uma festa realizada de sete em sete dias. Em um ponto, antes do Exílio, ele vê os israelitas tendo começado a celebrar um dia de descanso semanal durante o tempo de colheita (Êx. 34:21) e eventualmente estendendo a prática o ano todo. Ele pensa que finalmente, talvez sob Neemias, o nome "sábado" tenha sido transferido do festival mensal para o semanal.

Essa reconstrução é insustentável por várias razões: não há nenhuma evidência convincente de que os israelitas já tivessem chamado sua festa de lua cheia de sábado (a palavra hebraica para isso é *kese',* como em Sal. 81: 3). A transferência de um nome de uma festa lunar a um ciclo semanal é dificilmente provável, e a pesquisa tem levado à conclusão de que o sábado semanal pode ser traçado muito antes para adequar-se à teoria de Meinhold. Posteriormente, a repetição da menção de lua nova e sábado juntos é suficientemente explicada pelo fato de que essas duas festas, diferente das outras, não eram anuais.

Enquanto o babilônico *sapattu* possa estar relacionado de alguma maneira indireta ao sábado hebraico, tem-se ressaltado repetidamente em caráter e prática, as duas instituições são quase diametralmente opostas.

O sábado hebraico era dedicado sempre a Jeová; as restrições postas a toda a população e não somente ao líder; o sábado não era um dia infeliz em que Jeová deveria receber sacrifícios (embora como North ressaltou, pode haver, sem dúvida, alguma conexão entre essas idéias e a da santidade). Não há nada de tabu nas restrições hebraicas do sábado.

O sábado hebraico não era uma festa lunar, computada nos termos do mês lunar como o eram os dias babilônicos da proibição, mas era inteiramente livre da contagem lunar e ocorria com completa independência do mesmo ciclo mensal. Nenhuma prova está disponível de que o termo *'sapattu* aplicava-se ao décimo quinto dia ou tenha sido

usado para os dias infelizes no ciclo semanal babilônico; nem foi estabelecida uma clara relação etimológica entre o hebraico *Shabbath* e o babilônico *sapattu*.

Portanto, é claro que quaisquer interelações históricas que possa ter havido entre essas duas instituições, o sábado hebraico, em sua observância e em seu mais profundo significado, permanece completamente separado de seu paralelo babilônico. Ele deve ser entendido inteiramente do ponto de vista da fé e do concerto com Deus que Israel possuía.

2. *A Explicação do Dia de Negócios***.** Uma explicação sociológica da origem do sábado foi promovida por Max Weber (*Aufsätze zur Religionssoziologie* III [1921], 159 f.), Eduard Meyer (*Geschichte des Altertums* II^2, 2, 318 f.; ambos citados por Kraeling, *op. cit.*, 226-228), e outros. Eles vêem o ciclo de sete dias como uma semana de compras e apontam para Amós 8:5 e Neem. 13:15 como indicativos de tentativas para aumentar a observância religiosa do sábado às expensas de sua função original como dia de negócios. Essa explicação não é plausível, porém, porque não há nenhuma clara evidência de uma semana de negócios na Palestina, e as passagens citadas podem muito bem ser igualmente tomadas como significando que negócios no sábado eram uma inovação em face a uma proibição original contra ele.

3. *A Teoria do Calendário***.** Foi apresentada uma explicação baseada em um calendário por Julius e Hildegard Lewy (*Hebrew Union College Annual*, 17:1-152, 1942-43) e popularizado por Julian Morgenstern (*Vetus Testamentum*, 5:344-76, janeiro de 1955 e especialmente "Sábado," *Interpreter's Dictionary of the Bible* [N.Y., 1962], IV, 135-137). Eles propõem um calendário essencialmente agrícola como tendo sido usado vastamente na Mesopotâmia, Síria, Palestina e Capadócia, particularmente o segundo milênio a.C.. Supostamente, esse calendário dividia o ano em sete *hamustu*, ou

cinqüenta," i. e., períodos de 50 dias cada, que Lewy chamou de "qüinquagésimos." Cada qüinquagésimo consistia, portanto, de sete semanas mais um dia, sendo que esse ficava fora do ciclo semanal e interrompendo regularmente sua continuidade. A fim de coordená-lo com o ano solar, que era essencial aos propósitos agrícolas, na Palestina, dois períodos de sete dias cada devem ter sido intercalados (um imediatamente após o quarto qüinquagésimo, e outro ao sétimo), mais um dia sagrado adicional. Esses são descritos como períodos de festas, consistindo de dias sagrados (sendo o segundo período a Festa dos Pães Asmos). Um qüinquagésimo eles vêem refletidos em Lev. 23:9-21, "no dia imediato ao sábado" (vv. 11, 15) sendo o Ano Novo seguindo os sete últimos dias do ano (dias dos Pães Asmos); o qüinquagésimo dia, "o imediato após o sábado," (v. 16), no qual os primeiros frutos era oferecidos, seria a festa no fim do período qüinqüagesimal do ano novo.

Morgenstern vê esse calendário, baseado no número sete como uma repetição (embora em sete) de um ciclo de sete dias, como a situação em que ambos os sábados, hebraico e o *sapattu* babilônico surgiram, embora independentes um do outro.

A teoria do calendário qüinqüagesimal não obteve grande aceitação. Ela falha em demonstrar como o ciclo semanal supostamente interrompido tornou-se uma ciclo ininterrupto e independente de qualquer cômputo lunar ou solar. Porém, investigação posterior mostrou que os períodos *hamustu*, nos quais a idéia qüinqüagesimal é baseada, não poderiam ter sido tão longos quanto 50 dias.

4. *A Teoria Quenita*. Outros estudiosos têm buscado a origem do sábado em relação aos sete planetas (i. e., os cinco visíveis antepassados mais o sol e a lua), e particularmente em um suposto culto a Saturno. Amós 5:25, 26 é entendido como significando que tão antigamente quanto o período no deserto, os hebreus já adoravam um deus estrela. O contexto de tal culto, eles encontram nos queneus, um ramo do midianitas entre os quais Moisés se estabeleceu em sua fuga do Egito

(Êx. 2:15: Juí. 1:16), e onde — de acordo com essa teoria — ele adorou pela primeira vez a Yahweh (Êx. 3:15; 6:2, 3).

Esses queneus encontraram-se com Israel no deserto (Êx. 18), e viveram com eles até Canaã (Jui. 1:16; 4:170) onde seus descendentes, os recabitas (I Crôn. 2:55), aparecem ambos nos tempos de Jeú (II Reis 10:23) e Jeremias (Jer. 35) como zelosos adoradores de Yahweh e conservadores do estilo primitivo de vida no deserto.

Os que defendem essa segunda teoria identificam o nome queneu com o nome Caim, que, em aramaico e árabe significa “ferreiro” (citando Gên. 4:22, onde um dos descendentes de Caim, Tubal-Caim, diz-se ter sido ferreiro; também Jael, cujo marido era queneu e que estava em possessão de um martelo; Juí. 4:17). Isso, por sua vez, relacionam a Êx. 35:3, onde é particularmente proibido acender fogo no sábado, e a Núm. 15:32, onde um homem é executado por ajuntar gravetos no sábado (para acender fogo). Se os queneus eram ferreiros, conclui-se que a proibição de acender fogo seria equivalente a uma proibição de trabalho. Todas essas evidências são interrelacionadas a fim de sugerir que os queneus eram uma tribo midianita de ferreiros que adoravam a Saturno e como parte dessa adoração, abstinham-se do trabalho no sétimo dia, que, como dia de Saturno, era considerado um dia infeliz.

Essa teoria, até onde ela se relaciona ao culto a Saturno, é dificilmente convincente, porque não oferece nenhuma prova para sua premissa básica, de que os queneus eram adoradores de Saturno, nem que uma semana planetária (mesmo uma semana ligada a somente um planeta) tenha existido tão cedo. Na realidade, não somente não há nenhuma prova segura para a semana planetária antes do primeiro século da Era Cristã, mas a evidência é contra sua existência anterior ao período helenístico.

Intrigante como muitos possam achar o pensamento de que a ligação de Moisés com os midianitas possa ter tido influência

significativa sobre a religião e lei de Israel promulgadas por ele, a explicação de Rowley repousa em teorias de história e literatura para as quais não há evidência.

5. *Avaliação das Teorias***.** Os ASD rejeitam as teorias acima que tentam achar a origem do sábado em um contexto de história social e religiosa do Antigo Oriente Próximo e apontam para a instituição divina do sétimo dia da semana da Criação.

IV. O Sábado na História da Igreja. 1. *Nos Séculos Primitivos***.** Assume-se por quase todos os cristãos modernos que desde os tempos apostólicos, se não desde a ressurreição de Cristo, o domingo substituiu o sábado. Porém, as referências do N.T. ao primeiro dia da semana não têm essa conclusão.

A introdução do domingo como um dia de comemoração da ressurreição de Cristo não impede a continuidade da observância do sábado; de fato, os cristãos primitivos observavam o sábado como questão de costume, e alguns cristãos mais tarde adotaram o domingo também, observando a ambos. A celebração de ambos os dias paralelamente é atestada por séculos após começar a observância do domingo.

Mesmo que o domingo tenha sido um dia preeminente de observância religiosa, pelo menos no fim do segundo século e talvez antes, a princípio ele não era celebrado como um "sábado." As reuniões de domingo eram realizadas em honra à Criação do mundo, a ressurreição de Cristo e o "oitavo dia da circuncisão" do pecado do cristão, mas não em obediência ao quarto mandamento.

As verdades do N.T. foram rapidamente distorcidas na Igreja primitiva. A justificação pelas obras abriu caminho ao legalismo no segundo século, e as doutrinas da natureza do homem, a natureza de Cristo e a autoridade das Escrituras eram seriamente deformadas. O sábado, designado a ser um memorial do poder criador e redentor de

Deus, sofreu também. Paulo escreveu que “o mistério da iniqüidade “ já estava em operação e a evidência dos escritores cristãos primitivos confirma seu relatório. Sendo que a verdade sobre o sábado deve ser encontrada na Bíblia e não na tradição, nem as declarações nem as práticas dos cristãos primitivos fora da Bíblia podem alterar sua autoridade vigente para os homens hoje.

A informação dos documentos daquele período quanto à prática dos cristãos nos séculos primitivos da observância do sábado ou do domingo é extremamente limitada e dispersa, e qualquer interpretação de dados deve permanecer como simples tentativa. Nenhuma rejeita a possibilidade de que no segundo e terceiro séculos, grandes grupos de cristãos não-judeus observavam o sábado de acordo com o mandamento e com o Evangelho; documentos existentes não aprovam nem desaprovam isso.

Os cristãos que não guardavam o sábado, mesmo já no segundo século, escreviam contra ele. Os cristãos hereges que desde 140 a.C. adotaram o gnosticismo, consideravam o sábado como um memorial do Deus do A.T., um Deus a quem alguns gnósticos consideravam ser mau. Outros hereges preeminentes, os Montanistas, que surgiram na Ásia Menor aproximadamente em 175 A.D., parecem ter ignorado o sábado, a despeito de seu entusiasmo pela reforma espiritual.

Na igreja, havia também alguns que desprezavam o sábado. Justino, o Mártir (*c.* 150), de Roma, alegava que ele tinha sido dado somente aos judeus, porque esses eram notoriamente duros de coração. Irineu (*c.* 185) considerava o mandamento do sábado como desnecessário para os cristãos, bem como para Abraão e outros patriarcas anteriores a Moisés.

No Norte da África, no início do terceiro século, Tertuliano ecoou Justino e Irineu. Na Síria, em meados do século, o *Didascalia Apostolorum* ordenou que os judeus conversos ao cristianismo abandonassem o sábado como parte da legislação mosaica e que foi

abolida em Cristo. Em Pettau, no fim do século, Victorinus incitava seus leitores a jejuarem no sábado a fim de evitar qualquer similaridade com a observância dos judeus. Cristo, declarava ele, odiava o sábado e o aboliu.

Uma declaração apócrifa atribuída a Cristo aparece no Papiro Oxyrhynchus 1, publicado na década de 1890: "A menos que guardeis o sábado, não vereis ao Pai." (Veja Bernard P. Grenfell e Arthur S. Hunt, *Papiro Oxyrhynchus 1*, parte 1, pp. 1-3). O mesmo ditado foi encontrado em Chenosboskion, Egito, por volta de 1945, incorporado ao *Evangelho Gnóstico de Tomé* (A. Guilaumont e outros, *O Evangelho Segundo Tomé*, p. 19). Eruditos geralmente defendem que a declaração se originou pelo menos em 140 A.D.. Se, como os indicadores sugerem, a declaração surgiu entre as congregações judaico-cristãs na Síria, mostraria um forte respeito pelo sábado entre os cristãos. Por outro lado, sua ocorrência no *Evangelho de Tomé* é de significado histórico duvidoso, porque os gnósticos tinham uma notável facilidade de alegorizar as mais claras escrituras. O mesmo é verdade sobre a declaração no segundo século, em *O Evangelho da Verdade*, também encontrado em Chenoboskion, aproximadamente em 1945, de que o sábado é o dia "em que a salvação não deveria estar ociosa," por causa da forte possibilidade de que ele tenha surgido entre os gnósticos Valentinos, que também espiritualizavam as Escrituras.

Justino, o Mártir, que foi o primeiro escritor de que se tem notícia a mencionar a adoração semanal no domingo, fala de modo degradante em *Diálogos Com Tripho* (cap. 42) dos cristãos judeus e de seus conversos que observavam o sábado. Tertuliano, no século seguinte, menciona os que insistiam em mostrar o mesmo respeito ao sábado que ao domingo permanecendo em pé (em vez de se ajoelharem) na oração nas igrejas daqueles dias (*Sobre Oração*, cap. 23, *SB* nº 1409g.)

No quarto século, as pretensas *Constituições Apostólicas* ensinavam que o sábado devia ser observado porque é o memorial da

Criação e que os escravos deveriam trabalhar cinco dias por semana, para que no sábado e domingo pudessem ir à igreja. Ao mesmo tempo, Pseudo-Ignatius ensinava a observância de ambos os dias.

2. *Hostilidade Para Com o Repouso no Sábado.* A conversão de Constantino no quarto século e sua legalização do domingo como um dia de descanso (Veja **Leis Dominicais)** deram ao domingo uma vantagem, mas isso não proibiu a observância do sábado. A primeira proibição do descanso no sábado veio da própria igreja.

O Concílio de Laodicéia (data desconhecida, mas aproximadamente entre 343 e 381) ordenou aos cristãos repousarem no "Dia do Senhor" se possível, e proibiu o repouso no sábado. Ao mesmo tempo, este exigiu que os Evangelhos fossem lidos no culto público no sábado. Ele também estipulou que durante a Quaresma, o sábado e o "Dia do Senhor," e somente esses dois dias, deveriam ser considerados dias semanais de festa.

No Egito, na mesma época, monges do novo movimento monástico realizavam serviços religiosos no sábado e no domingo — e somente nesses dias — a cada semana.

No fim do quarto século, dois líderes nascidos na Ásia Menor falaram elevadamente sobre o sábado e sobre o domingo: Asterius de Amasea, bispo de Ponto, falou de dois dias como uma bela dupla, "as mães e as enfermeiras" da igreja; enquanto Gregório de Nissa os chamava "irmãs".

É notável que a igreja da Etiópia, fundada no quarto século, observava o sábado como um dia de completo repouso juntamente com o domingo.

No início do quinto século, Agostinho, no Norte da África, pregava no sábado e no domingo; e Epifânio de Constância observou que em certos lugares, realizavam-se assembléias no sábado e no domingo. Em meados do quinto século, o costume de realizar reuniões no sábado e no domingo era tão difundido que Sócrates de

Constantinopla escreveu que eram feitas em “quase todas as igrejas do mundo” exceto, por causa de algumas “antigas tradições,” em Alexandria e em Roma.

Obviamente, é significativo que Sócrates tivesse que excetuar Roma e Alexandria. A hostilidade da Igreja Romana para com o sábado do sétimo dia era uma das características da igreja dos primeiros séculos, como evidenciada não somente por sua interrupção em realizar reuniões naquele dia, mas também por sua prática de degradar o sábado tornando-o um dia de jejum. Posteriormente, por volta de 600, o Papa Gregório I denunciou como pregadores do Anticristo os que ensinavam em Roma que não se devia trabalhar no sábado.

3. *O Sábado em Séculos Posteriores.* Há um vestígio de guarda do sábado nas Ilhas Britânicas no sexto século, no tempo de Columba (521-597 A.D.), que deixou a Irlanda e fundou uma comunidade religiosa longe da costa Oeste da Escócia, na Ilha de Iona.

Desde o fim do oitavo século ao décimo-segundo, floresceram os Athinganoi, “não toques,” da Frígia, na Ásia Menor, que eram acusados de não serem nem cristãos nem judeus porque observavam o sábado do sétimo dia, mas não praticavam a circuncisão. Os relatos de suas práticas hereges, que sugerem ligações com judeus de Catari, não são claros (Joshua Starr, “An Eastern Christian Sect: The Athinganoi,” *Harvard Theological Review*, abril de 1936).

No décimo-segundo século, numerosas seitas floresciam da Europa Ocidental. Um desses grupos, os Pasaginianos (Passagi, Pasagini), observavam o sétimo dia do sábado. Um documento católico de aproximadamente 1200 os descreve como —

> opondo-se a nós em geral e em particular, quanto à observância do sábado, circuncisão, distinção de comida [os que mencionavam At. 16:28] e certas outras coisas (trad. de

Summa Contra Haereticos, cap. 6 A, sec. 1; p. 92 na edição de J. N. Garvin e J. A. Corbett, vol. 15 de Publicações em Estudos Medievais.)

Os Pasaginianos foram mencionados pela primeira vez na condenação dos hereges pelo Sínodo de Verona sob o Papa Lucius III (1184), mas sem qualquer declaração de suas crenças e eles parecem ter sobrevivido até o décimo-terceiro século, quando Clemente IV (1267) e Gregório X (1274) dirigiram os inquisitores a fim de punir como hereges os cristãos que adotaram ritos judaicos. Alguns acham possível que a seita tenha-se originado dos contatos dos cristãos com os judeus (O. Zöckler, *The New Schaff-Herzog Encyclopædia of Religious Knowledge*, vol. 8, pp. 361, 362).

No século XV, havia guardadores do sábado na Noruega, e no século seguinte, na Suécia e na Finlândia. Os etíopes tinham continuado a prática de observar ambos os dias e foram privados do sábado após os jesuítas chegarem ao país por volta de 1600.

Alguns dos valdenses também observavam o sábado. Não há nenhum registro de guardadores do sábado entre os remanescentes que ainda sobrevivem nos Alpes no Norte da Itália, mas há um relato de alguns em um dos muitos grupos anteriormente bem difundidos na Europa que tinham o nome de valdenses. Entre os irmãos valdenses, formados por valdenses e hussitas, em que está a Tchecoslováquia havia alguns que observavam o sábado.

4. *Observadores do Sábado na Europa*. O sábado era discutido na Reforma — Eck escarnecia de Lutero sobre a mudança do sábado como um exemplo da autoridade da igreja, e Karlstadt, cooperador de Lutero, falou duvidosamente sobre o domingo. Ainda os reformadores mantiveram o domingo como o dia de repouso da igreja.

O Batistas do Sétimo Dia da Inglaterra, que provavelmente surgiram no fim do século dezesseis, foram severamente perseguidos

pelos Protestantes e um de seus líderes, Francis Bampfield, morreu na prisão. A primeira Igreja Batista do Sétimo Dia foi estabelecida na América sob a liderança de Estevão Mumford, em 1671.

De acordo com Schwenkfeld, alguns dos Anabatistas proscritos pelos Reformadores que viviam em sua maioria na Alemanha, nos Países Baixos, Suíça, Morávia e Suécia, consideravam o domingo como invenção do Papa e denominaram a eliminação do sábado como "obra do diabo." Na Hungria e Transilvânia, havia Sabatistas entre os Unitarianos (*c.* 1571). Em 1635, ordenou-se-lhes que se unissem às maiores confissões ou perderiam a vida e as propriedades. Na Escandinávia, alguns conselhos condenaram a observância do sábado como judaica e pagã.

Na Rússia, os *Subotniki* observavam o sábado desde o décimo-quinto século. No século XVIII, contavam-se aos milhares. Muitos sofreram perseguição no século XIX e centenas foram banidos para a Sibéria e Criméia. Alguns uniram-se exteriormente à Igreja Ortodoxa mas, interiormente, continuavam a crer no sábado. Observadores do sábado ainda sobreviviam na Rússia, bem como na Alemanha — Silésia, Württemberg, Hesse — até o século XX, e alguns se tornaram ASD (John Nevins Andrews e L. R. Conradi, *History of the Sabbath*, pp. 751, 752.)

O conde Nicolau de Zinzendorf observava ambos os dias, o sábado para descanso e o domingo para pregar o Evangelho. Spangenberg, sucessor de Zinzendorf, relata a respeito da visita do conde aos Morávios de Belém, Pensilvânia, em 1741: "Ele também resolveu, com a igreja de Belém, observar o sétimo dia como um dia de repouso" (August G. Spangenberg, *The Life of . . . Count Zinzendorf*, trad. Samuel Jackson, p. 302).

Anterior ao tempo de Spangenberg na Pensilvânia, nos condados de Lancaster, Nova Iorque e Bedford. Ele mantinham um comunidade

em Efrata, no Condado de Lancaster, onde praticavam o lava-pés e a imersão trina, e uma ordem monástica.

V. O Sábado Entre os Adventistas. Durante o movimento Adventista da década de 1840, "a obrigação do sétimo dia como o sábado cristão" era discutida, por exemplo, por J. A. Begg, de Glasgow, Escócia, escritor de livros sobre o Segundo Advento, que escrevia cartas para o folheto Milerita *The Signs of the Times*. Mais tarde, ele se tornou batista do Sétimo Dia. Os Batistas do Sétimo dia da América, organizados como uma Associação Geral em 1802, com 1.130 membros, iniciaram a publicação do *Sabbath Recorder*. Quando aquele folheto chamou por um reavivamento do sábado no inverno de 1844-1845, foi lido por muitos Adventistas, e havia indivíduos entre os Mileritas antes "do desapontamento" de 22 de outubro de 1844, que tinham "suas mentes profundamente exercitadas a respeito de uma suposta obrigação de observar o sétimo dia (*The Midnight Cry*, 5 de setembro de 1844).

1. *Observadores do Sábado em Washington, New Hampshire*. A cidade de Washington, New Hampshire, é geralmente considerada como o lugar onde a observância do sábado foi pela primeira vez praticada por crentes adventistas. Em 1843-1844, a maioria dos membros da Igreja dos Irmãos Cristãos em Washington, New Hampshire, foi animada pela mensagem Milerita, e esperavam por "sua redenção." Foi através da influência da Srta. Rachel Oakes (mais tarde Preston), uma Batista do Sétimo Dia, que distribuía publicações Batistas do Sétimo Dia entre eles, que o sábado foi trazido à atenção desse grupo. Frederick Wheeler, um ministro Metodista (e Adventista) que pregava nessa congregação, começou a guardar o sábado, de acordo com seu relato posterior, em março de 1844. Então vários da família Farnsworth e outros poucos aceitaram o sábado, e assim começou o primeiro grupo de Adventistas Sabatistas; isto aconteceu na primavera ou no verão de 1844, de acordo com relatos divergentes. No início, esses primeiros observadores do

sábado adventistas aceitaram o sábado do ponto de vista da Igreja Batista do Sétimo Dia e somente em 1850, eles se tornaram parte de um pequeno grupo que ensinava o sábado como uma doutrina chave da "mensagem do terceiro anjo" (de Apoc. 14), que é o núcleo da IASD. Alguns anos mais tarde, o edifício da Igreja passou para as mãos desse grupo de observadores do sábado, que foi organizado como uma Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1862.

2. *Preble e Bates Escrevem Sobre o Sábado.* T. M. Preble, um destacado ministro Milerita, que freqüentemente escrevia para folhetos adventistas, morava não muito longe de Washington, New Hampshire. É possível, embora não esteja comprovado, que ele tenha aprendido sobre o sábado através de um contato com alguém da Igreja Cristã de Washington. Seja como for, ele começou a guardar o sábado em meados de agosto de 1844. Seu artigo no *Hope of Israel* (Esperança de Israel), mais tarde reimpresso como um folheto, levou o assunto do sábado a muitos Adventistas.

O artigo de Preble convenceu José Bates de que nunca houvera nenhuma mudança no dia (José Bates, *O Sétimo Dia, Um Sinal Perpétuo*, agosto de 1846, p. 40). A declaração de Preble, "Portanto, vemos cumprir-se Dan. 7:25, a ponta pequena mudando os tempos e a lei," impressionou-o singularmente, e o comentário de que "todos os que guardam o primeiro dia da semana pelo "*sábado são guardadores do domingo do Papa!! e transgressores do sábado de Deus*!!" (T. M. Preble, *Folheto Mostrando Que O Sétimo Dia Deveria Ser Observado Como o Sábado*, p. 10).

Tendo ouvido de pessoas em Washington, New Hampshire, que tinham começado a guardar o sábado, Bates viajou aproximadamente 225 km até Frederick Wheeler, e depois aos Farnsworth em Washington, New Hampshire. Então, em 1846, Bates apresentou a observância do sábado como ele a considerava em um folheto de 39 páginas intitulado *Os Céus Abertos* (publicado em maio), em que ele expressou sua

profunda convicção de que a guarda do sábado era uma verdade bíblica (pp. 3, 35, 36). Mas seu mais efetivo testemunho veio em seu folheto de 48 páginas intitulado *O Sétimo Dia, Um Sinal Perpétuo,* que saiu em agosto de 1846 e provou-se poderoso instrumento na propagação da verdade do sábado. Como J. B. Cook, um eminente ministro Adventista comentou, escrevendo sobre o sábado no folheto de O. R. L. Crosier, *The Day Dawn*: "O folheto do Irmão Bates sobre o sábado é bom" (*The Day Dawn,* 16 de dezembro de 1846, citado na *RH*, agosto de 1851). Crosier aprendeu sobre o sábado com Bates, juntamente com Hiram Edson, mas observou-o apenas durante um curto tempo.

3. *Tiago e Ellen G. White Aceitam a Verdade do Sábado***.** Possivelmente o primeiro contato que Ellen Harmon teve com o sábado foi em 1846 quando, juntamente com sua irmã e Tiago White, ela visitou José Bates em New Bedford, Massachusetts (José Bates, "Testemunho," *RH*, 26/03/1861; também em *Life Sketches,* p. 95). Naquele tempo, eles não aceitaram as posições de Bates.

Tiago White e Ellen Harmon casaram-se em 30 de agosto de 1846, no mesmo mês em que o folheto de Bates apareceu. Os Whites receberam uma cópia e a evidência escriturística os levou a tomar a decisão. "No outono de 1846," escreveu Ellen G. White, "começamos a observar o sábado bíblico, e a ensiná-lo e a defendê-lo" (I *T*,75). Havia então cerca de 25 Adventistas no Maine que observavam o sábado, e aproximadamente o mesmo número em outros lugares na Nova Inglaterra (I *T,* 77).

Deveria ser notado que a Sra. White guardou o sábado do sétimo dia *antes* de ter a primeira visão sobre o assunto:

> Cri na verdade sobre a questão do sábado antes de ter qualquer visão a respeito do sábado. Foi somente meses após eu ter começado a guardar o sábado que foi-me

> mostrada sua importância e seu lugar na mensagem do terceiro anjo (Ellen G. White, Carta 2, 1874).

Essa visão sobre a importância do sábado veio à Srª. White no primeiro sábado de abril de 1847 (*PE,* 32-35), uns sete meses após os Whites começarem a guardar e ensinar o sábado. Ela enviou uma descrição das cenas dessa visão a José Bates em New Bedford em uma carta que ele publicou logo depois como um folheto. Portanto, falando genericamente, o sábado do sétimo dia chegou aos pioneiros ASD mediante fervoroso estudo da Bíblia e oração e somente mais tarde a visão corroborou sua crença.

Enquanto os Adventistas guardadores do sábado ainda não estavam organizados, eles começaram em 1848 a realizar uma série de congressos, que mais tarde vieram a ser conhecidos como “Congressos Sabáticos,” porque eram grupos de “amigos do sábado” reunindo-se “pelo interesse na Terceira Mensagem Angélica.” O primeiro foi convocado em Rocky Hill, Connecticut, no dia 20 de abril; outros foram realizados em Nova Iorque e na Nova Inglaterra. Vários pontos da doutrina foram estudados, especialmente o sábado e a terceira mensagem angélica (Apoc. 14:9-12), emergiram como parte básica da mensagem do Advento (Veja **Três Mensagens Angélicas).**

4. *Tempo do Início do Sábado***.** O assunto do tempo do dia de sábado em que a observância deveria começar e encerrar-se ainda não estava definido. José Bates, tão destacado em advogar a observância do sábado, era da opinião de que “o sábado começa às 18:00 no que se chama sexta-feira” (José Bates, *RH*, abril de 1851). A diversidade de opiniões continuou por vários anos. Alguns eram favoráveis ao início do sábado às 6:00, mas Tiago White escreveu em 1855:

> Nunca estivemos satisfeitos com o testemunho apresentado em favor das seis horas. ... O assunto tem-nos

> perturbado, embora não tenhamos achado tempo para investigá-lo completamente (Tiago White, *RH*, dez. de 1855).

Finalmente, John Nevins Andrews foi inquirido a investigar o assunto plenamente. Seu artigo, em que ele demonstrou por textos do N.T. e do A.T. que “tarde” significava pôr-do-sol (*RH*, dez. 1855), foi lido em uma “*Conferência Geral no ano de 1855. Como resultado, quase todos aceitaram sua conclusão sobre o assunto. Porém, José Bates e a Srª. White defenderam a idéia das seis horas. No fim da conferência, a Srª. White teve uma visão onde lhe foi mostrado que o sábado deveria começar ao pôr-do-sol e se encerrar ao pôr-do-sol. Sobre isso, Tiago White escreveu em 1868, “Isto decidiu o assunto para o irmão Bates e para os outros, e prevaleceu harmonia geral entre nós sobre esse ponto” (*RH*, fev. de 1868).

5. *O Sábado e a Profecia***.** Quando os ASD adotaram a doutrina do sábado dos Batistas do Sétimo Dia, eles também adotaram a explicação dos últimos sobre o sábado sendo “mudado” para o domingo. Nos idos do século XVII, os Batistas do Sétimo Dia na Europa, tais como o Dr. Peter Chamberlen e outros, associaram a mudança do sábado à profecia da ponta pequena de Dan. 7 e à Babilônia mística, e à mulher vestida de escarlata e uma das bestas do Apocalipse (L. E. Froom, *Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 4, pp. 919, 908-916). Em 1847, a Sociedade Americana de Folhetos dos Batistas do Sétimo Dia republicou o livro *A Defesa da Verdade*, de George Carlow, uma defesa do sábado parcialmente baseada em fundamentos históricos, que tinham sido impressos originalmente em 1724 (*Seventh-Day Baptists in Europe and America*, 1910, vol. 2, pp. 1339-1341). Em 1852, a sociedade publicou um volume encadernado de 17 folhetos sobre o sábado, a maioria dos quais tinha sido publicada separadamente na década de 1840 ou antes.

O primeiro ASD a escrever sobre a história da mudança do sábado foi José Bates. (T. M. Preble, cujo artigo *Esperança de Israel* saiu antes, não era parte do grupo pré-ASD, e ele guardou o sábado durante pouco tempo.) Em seu livro *O Sábado do Sétimo Dia, Um Sinal Perpétuo* (1846), Bates expressou sua dívida para com Preble por certas informações; isto é, que a controvérsia sobre o sábado e o domingo tinha esquentado até o tempo do Papa Gregório I, e que Daniel 7 tinha previsto esses desenvolvimentos, questões que Preble tinha conhecido pelos Batistas do Sétimo Dia. Tiago White dedicou as 11 edições do *Present Truth*, durante 1849-1850, principalmente quanto à questão do sábado; nelas, ele republicou extensos extratos dos folhetos Batistas do Sétimo Dia números 4, 6, 7, 8 e 12.

A interpretação ASD das profecias relevantes logo avançou além daquela do primeiro editorial de *The Seventh-Day Sabbath* (1846). Bates não somente aplicava Dan. 7:25 à mudança do sábado (pp. 41, 42), bem como mencionava as três mensagens angélicas de Apoc. 14, e, em ligação à terceira, enfatizava a observância dos mandamentos de Deus — especialmente o mandamento do sábado — e a fé em Jesus (p. 24). Na segunda edição (prefácio datado de janeiro de 1847), ele definiu-se claramente ao defender o povo chamado pela terceira mensagem angélica como os que saíram das igrejas da Babilônia e guardam os mandamentos, incluindo o quarto, e que “têm-se unido em grupos pelos últimos dois anos, sobre os mandamentos e Deus e a fé e o testemunho de Jesus,” um remanescente perseguido guardando o verdadeiro sábado em distinção do falso sábado, “uma marca da besta” (pp. 58, 59). Mais tarde, no mesmo ano, ele discutiu Apoc. 14:12 mais extensamente em *Marcas do Segundo Advento*, páginas 68-79. Também em 1847, Tiago White relacionou o sábado à mensagem do terceiro anjo (*A Word to the “Little Flock”*, p. 11).

Bates escreveu em 1849 que durante um dos “congressos sabáticos,” em novembro de 1848, em Dorchester, Massachusetts, o

grupo que estivera estudando alguns pontos da “mensagem do selamento” (Apoc. 7:2), uniu-se, através do testemunho da Srª. White, sobre o selo como representando o sábado (*Um Selo do Deus Vivo,* pp. 24-26).

Posteriormente, Bates acrescentou nova urgência ao estudo da Bíblia aplicando Apoc. 13:16 àquele “poder ímpio do qual o povo de Deus é chamado,” que “ decretará uma lei para o expresso propósito de fazer com que todos se prostrem e guardem o sábado do Papa” ou sejam proibidos de comprar ou vender (*Um Selo,* p. 37).

6. *O Sábado Nas Primeiras Publicações ASD.* Tão logo a obra de publicações iniciou, em julho de 1849, muitos artigos sobre o assunto do sábado apareceram nos periódicos e no fim daquele ano, o primeiro folheto, *The Weekly Sabbath* (*O Sábado Semanal),* foi lançado — uma reedição de 24 páginas dos artigos de Tiago White sobre o sábado, pretendidos como a primeira série de folhetos. Artigos subseqüentes foram semelhantemente publicados em folhetos, por exemplo, *O Sábado do Sétimo Dia Não Abolido*, uma réplica a Joseph Marsh (*Present Truth*, março de 1850).

Os primeiros artigos sobre o sábado, em *Present Truth* (Verdade Presente), o periódico ASD pioneiro (1849), e edições anteriores de seu sucessor, *Review and Herald* (Revista e Arauto, de 1850 em diante), trataram do assunto consideravelmente. Na primeira edição de *Present Truth* (julho de 1849), Tiago White provou que as passagens citadas das Epístolas de Paulo “para sustentar a doutrina anti-sabática” “não significam o que se lhes pretende significar; e não apresentam a última evidência para a abolição do sábado semanal.” Comentando sobre Gál. 5:4, ele pergunta se os oponentes do sábado realmente crêem no que afirmam baseados nesse texto — que uma pessoa está fora da graça quando observa o quarto mandamento do Decálogo — e se estamos fora da graça quando guardamos os outros nove. Na segunda edição, ele se propôs “mostrar que há perfeita harmonia em todo o testemunho das

Escrituras de ambos os Testamentos em relação à observância do Santo Sábado," e citou Luc. 23:54-56 para a observância no N.T.. "Jesus despiu as tradições com as quais os cegos judeus tinham coberto o sábado," ele escreveu, "e as deixou nuas sobre Sua própria e eterna a base, o quarto mandamento" (*ibid.*, ago. 1849).

No terceiro número de *Present Truth*, Tiago discutiu o sábado como ensinado e reforçado no N.T., citando Mat. 24:20 como estabelecendo a validade do mandamento do sábado três décadas depois da crucifixão. Do grande apóstolo aos gentios, ele disse:

> Os advogados anti-sábado fazem de Paulo um dos homens mais inconsistentes que já pregou o Evangelho; pois dizem que ele ensinou a abolição do sábado aos gálatas, romanos e colossenses; e ao mesmo tempo estava pregando aos judeus e gentios, não somente nas sinagogas, mas em qualquer outro lugar em cada sábado! Os judeus nunca acusaram Paulo por desviar-se da letra da lei do sábado. Esta é uma forte evidência de que ele guardou-o estritamente. Todos sabemos que se o apóstolo tivesse ensinado a abolição do sábado, os judeus teriam-no acusado por transgressão do sábado; pois eles buscavam acusações contra ele (*ibid.*, ago. de 1849).

Quanto ao relativo silêncio do N.T. a respeito da observância do sábado, ele salientou:

> Não havia necessidade de reforçar a lei do sábado, pois não havia sido violada no tempo dos apóstolos, como os outros mandamentos o foram. A única razão natural por que os apóstolos não repreenderam o pecado da transgressão do sábado é que esse pecado ainda não existia na Igreja primitiva (*Ibid.*)

Justificando a ênfase ASD sobre o sábado do sétimo dia, Tiago referiu-se a Is. 58:12, 13 como apontando em direção à restauração do sábado no "fim do tempo," e escreveu:

> Vemos que a poderosa obra de reparar a brecha na lei de Deus, ensinando e observando o sábado, que tem sido há tanto pisado a pés, pertence exatamente ao hoje, pouco antes que os quatro anjos soltem os quatro ventos, que o Israel de Deus possa guardar toda a lei e seja selado com o selo do Deus vivo, que os capacitará a "subsistir na batalha do dia do Senhor."
>
> A razão por que temos mais a dizer sobre o mandamento do sábado do que sobre os outros nove é porque esse é aquele que é desprezado (*ibid.*, set. 1849).

Ele respondeu à questão "Você crê que há salvação no sábado?" com a explicação:

> Não cremos que haja salvação no sábado mais do que nos outros mandamentos. A salvação vem através de Jesus Cristo nosso Senhor. Deixe-me perguntar-lhe algo, leitor. Você crê que podemos ter salvação em Jesus enquanto violamos todos ou qualquer um dos mandamentos? Você responde que não. Nem poderá você ter salvação através de Jesus se você rejeitar a clara luz do Santo Sábado (*The Advent Review*, set. 1850).

VI. A Observância do Sábado. ***Prática*****.** Os ASD baseiam suas idéias de observância do sábado nas Escrituras. Deus descansou no sétimo dia (Gên. 2:2, 3) e ordenou semelhante repouso para o povo no quarto mandamento (Êx. 20:8-11). Mais especificamente, a respeito da

maneira de descanso, Isaías exortou para que o povo se abstivesse de fazer sua própria vontade e falar suas próprias palavras no sábado, ele seria um deleite e santo ao Senhor (Is. 58:13, 14). O espírito da verdadeira observância do sábado foi enfatizado por outros profetas. Cristo sempre enfatizou os princípios espirituais envolvidos na verdadeira observância do sábado, declarando que é lícito fazer o bem e curar no sábado (Mat. 12:8-14; Mar. 2:23-28).

A Igreja ASD enfatiza os aspectos positivos da observância do sábado. Enquanto há um claro e definido entendimento do que é apropriado ao sábado, os ASD observam o dia em um espírito de adoração e devoção de coração e não legalisticamente como um meio de favor divino.

Os ASD iniciam o sábado na sexta-feira à tarde, ao pôr-do-sol e encerram-no no pôr-do-sol, na tarde de sábado (Veja sec. V, 4). Eles crêem que cada momento entre esses pontos de tempo é um tempo consagrado, santo, e procuram guardar zelosamente os limites do sábado. Como no N.T. (Mar. 15:42), a sexta-feira é freqüentemente referida como "dia de preparação" por que, como a expressão sugere, nela se faz preparação para o sábado.

O *Manual da Igreja* dá o seguinte conselho a respeito da observância do sábado:

> A sagrada instituição do sábado é um penhor do amor de Deus ao homem. É um monumento comemorativo do poder de Deus manifestado da Criação original e também um sinal de Seu poder de recriar e santificar a vida (Ez. 20:12), e sua observância é uma prova de nossa fidelidade a Ele. A devida observância do sábado é uma prova de nossa fidelidade ao Criador e de nossa comunhão com nosso Redentor. Em sentido especial, o sábado é uma prova de

obediência. A menos que, individualmente, possamos ser nela provados, como podemos, de maneira apropriada, apresentar ao mundo a mensagem do sábado?

As horas do sábado pertencem a Deus, e somente para Ele devem ser usadas. Nosso próprio deleite, nossas próprias palavras, nossos próprios negócios, nossos próprios pensamentos, não devem encontrar lugar na observância do dia do Senhor. (Is. 58:13). Reunamo-nos, ao pôr-do-sol, no seio da família e, com oração e cânticos, demos boas vindas ao santo sábado, e terminemos o dia com oração, ações de graça por Seu maravilhoso amor. O sábado é um dia especial para o culto no lar e na Igreja, um dia de gozo para nós mesmos e para nossos filhos, dia em que aprendemos mais de Deus por meio da Bíblia e do grande compêndio na Natureza. É um tempo oportuno para visitar enfermos e trabalhar pela salvação de almas. Os assuntos comuns dos seis dias úteis devem ser postos de lado. Nenhuma tarefa desnecessária deve realizar-se. As leituras seculares, ou as transmissões de rádio seculares não nos devem ocupar o tempo do santo dia de Deus.

"O sábado não se destina a ser um período de inútil inatividade. A lei proíbe trabalho secular no dia de repouso do Senhor; o labor que constitui o ganha-pão, deve cessar; nenhum trabalho que vise ao prazer ou proveito mundanos é lícito nesse dia; mas como Deus cessou Seu labor de criar e repousou ao sábado, e o abençoou, assim deve o homem deixar as ocupações da vida diária e devotar essas sagradas horas a um saudável repouso, ao culto e às boas obras." (*DTN*, p. 186).

> Um plano de atividades devidamente dirigido em conformidade com o espírito da verdadeira observância do sábado, fará que este dia bendito seja o mais feliz e o melhor de toda a semana, para nós e para nossos filhos, um verdadeiro gozo antecipado de nosso repouso celestial. (*Ed.*, pp. 174, 175)

O sábado, então, é considerado um sinal do amor de Deus ao homem, um memorial de Seu ato criativo, e um sinal de Seu poder de recriar a vida espiritual do homem. A própria observância do sábado é uma evidência da lealdade e obediência a Ele.

O Sábado e a Linha Internacional de Datas. Há um problema real, embora um tanto não freqüente, na observância do sábado (e semelhantemente na observância do domingo) para alguém que cruza a Linha Internacional de Datas no meio do Pacífico. Os que vivem perto da linha, não têm problema; eles guardam o sábado normalmente. Os que cruzam a linha ou consideram que realmente começou um novo dia, em harmonia com a localidade em que chegam, ou fazem seus próprios ajustes. Em navios, é costume do capitão anunciar a mudança de data quando ocorre na meia-noite anterior ou na meia-noite posterior à passagem da linha, independente do exato tempo da passagem, e escolher entre essas alternativas para evitar a perda ou a repetição de um domingo ou feriado. O viajante ASD pode então, sobre o mesmo princípio, fazer seu próprio ajuste pessoal; a Oeste, ele pode completar a observância do sábado como a iniciou preferivelmente a anulá-la, ou iniciar o sábado no pôr-do-sol anterior para completá-la ao mesmo tempo em que os habitantes da área à qual ele está indo. A Leste, ele pode ajustar sua mudança de data inversamente para observar um sábado em vez de dois ou três sucessivos.

*Observância do Sábado no Ártico***.** Outro problema, mais aparente do que real, é a determinação do pôr-do-sol em partes do mundo onde o sol, em certas estações, brilha a noite toda ou não aparece absolutamente. Os povos das latitudes temperadas estão acostumados ao fato de que o pôr-do-sol varia de 15:00h ou 16:00h no inverno a 21:00h ou 22:00h no verão. Em lugares próximos ao Círculo Ártico (ou Antártico), a variação é similar, mas varia de meio-dia no solstício de inverno até meia-noite no solstício de verão.

Perto do solstício de verão, o sol se põe no horizonte setentrional pouco antes da meia-noite e nasce pouco após a meia-noite. Finalmente, quando o sol volta à meia-noite, é somente um mergulho no horizonte para logo depois nascer. Por vários dias (variando de acordo com a latitude), o mais profundo "mergulho" ocorre a cada meia-noite, mas o sol nunca desce abaixo do horizonte. Mais tarde, o mergulho da meia-noite o leva pouco abaixo do horizonte e vê-se novamente o sol inteiro. Assim, no verão, o último pôr-do-sol visível e o primeiro amanhecer visível, várias semanas depois, ocorre à meia-noite. Então o pôr-do-sol ocorre mais cedo a cada noite no outono, e posteriormente em direção ao Sul, até que, próximo ao solstício de inverno, ele se põe logo após o meio dia, e finalmente um dia mostra apenas sua borda sobre o horizonte sul e desaparece — o nascer e o pôr-do-sol ocorrem ao meio-dia. Após isso, por algum tempo, o sol vem a cada meio-dia ao seu zênite, e desce imediatamente — não visível, porque está abaixo do horizonte, mas por algum tempo mostrando um brilho a cada meio-dia. Então, num meio-dia, sua orla aparece e se põe imediatamente — um pôr-do-sol visível novamente. Portanto, no inverno, o último pôr-do-sol visível e o primeiro nascer-do-sol visível ocorrem ao meio-dia. Após isso, o nascer-do-sol ocorre mais cedo a cada dia antes do meio-dia. Assim, o ciclo de pores-de-sol muda, mas o sábado não se perde.

SÁBADOS ANUAIS (Cerimonial). Dias especiais de descanso em ligação com o ciclo anual de festas, não relacionado ao sábado do sétimo dia ou ao ciclo semanal. Cada um destes outros sábados ou sobre um dia diferente da semana de um ano para outro. São propriamente chamados de sábados anuais, em contraste com o sábado semanal. Estes dias, nos quais o trabalho era proibido "além dos sábados do Senhor" (Lev. 23:38), eram:

15º dia, 1º mês.	-	1º Dia dos Pães Asmos (Lev. 23:67).
21º dia, 1º mês.	-	7º Dia dos Pães Asmos (Lev. 23:8).
6º dia, 3º mês.	-	Dia de Pentecostes (Lev. 23:16, 21).
1º dia, 7º mês.	-	Festa das Trombetas (Lev. 23:24, 25).
10º dia, 7º mês.	-	Dia da Expiação (Lev. 16:29-31).
15º dia, 7º mês.	-	1º dia da Festa dos Tabernáculos (Lev. 23:24, 35).
22º dia, 7º mês.	-	7º dia da Festa dos Tabernáculos (Lev. 23:36).

Em seu monumental trabalho *History of The Sabbath*, o erudito ASD, J. N. Andrews estabeleceu várias razões para se fazer distinção entre estes sábados anuais e o Sábado do Sétimo dia do ciclo semanal. Os sábados anuais, salienta, ele, eram parte do sistema cerimonial que apontava para a vida e morte de Cristo, e pararam de ter significado quando Ele expirou na cruz. Além disso, salientou ele, finalmente, o completo ritual de observância destes sábados anuais decaiu com a permanente cessação dos serviços do Templo na destruição de Jerusalém em 70 A.D. (1862, pp. 87-92).

Isto, logicamente, não se originou com Andrews. Ele mesmo citou a passagem de Guilherme Miller (p. 878), e provavelmente Miller emprestou a idéia de algum escritor protestante anterior a ele; pois credos protestantes-padrões declararam que os Dez Mandamentos não

foram abolidos. Na primeira publicação do primeiro periódico ASD, Tiago White respondeu à objeção com o argumento de que o sábado não é uma "sombra" (*Present Truth*, agosto de 1849), também em grande escala, citando os vários sábados cerimoniais (*ibid.*, Ms 1850).

Enquanto o sábado semanal foi ordenado no fim da Criação para toda a humanidade, os sábados anuais eram uma parte integral do sistema judeu de ritos e cerimônias instituídas no Monte Sinai, que pertenciam exclusivamente ao povo hebreu nos tempos do A.T., que apontavam para o Messias vindouro, cuja observância terminou com sua morte de cruz.

SACERDÓCIO DE TODOS OS CRENTES. O conceito de que cada pessoa pode se aproximar de Deus diretamente, sem o serviço de um sacerdócio humano intermediário, é um dos princípios fundamentais da Reforma Protestante. É um resultado lógico da crença na salvação pela fé somente. O sacramento católico da ordenação demarca uma nítida divisão entre os leigos e o clero. A rejeição dos protestantes do sacerdócio exclusivo do clero surgiu, em parte, porque eles rejeitaram a missa, cuja celebração o bispo considera necessária. Geralmente os protestantes se abstêm de aplicar o termo sacerdote a quem ministra a Santa Ceia.

A igreja Católica ensina que o acesso humano à graça divina é, e deve ser, exclusivamente através da Igreja. Os Protestantes, por outro lado, crêem que a graça salvífica vem a um pecador arrependido em virtude de seu próprio, direto e pessoal contato com Deus, e não através da Igreja. Para os Protestantes, a igreja prega a graça de Deus e convida o pecador a aceitá-la. Para os católicos, por outro lado, Deus dispensa graça exclusivamente através do sacerdócio da Igreja.

Os ASD compartilham o conceito do sacerdócio de todos os crentes com os Protestantes. Mas, embora Lutero, por exemplo, tenha

enfatizado a idéia do sacerdócio universal do homem, os ASD enfatizam o sacerdócio de Cristo, a quem o homem vem diretamente.

SACRAMENTOS. Ritos religiosos cujo significado é o derramamento especial da graça divina sobre os que participam neles. Em comum com a maioria dos Protestantes, os ASD reconhecem o *Batismo e a *Santa Ceia como sacramentos. Os ASD crêem que estes ritos sagrados são sinais externos da interna operação da graça salvadora de Deus no coração. Não crêem que estes ritos, em e de si mesmos confiram graça, mas que acompanham o trabalho da graça, e que participando deles o recipiente testifica sua fé e aceitação na graça. Por esta razão, os ASD preferem não usar o termo "sacramento", que na teologia técnica é freqüentemente entendido como se o rito em si conferisse graça.

Em 1215 A.D., o Quarto Concílio Luterano fixou o número de sacramentos em sete, com adição de confirmação, casamento, ordenação, penitência, e extrema unção, e decretou-os como sendo bases escriturísticas, mas preferem reservar o termo 'sacramento' para aqueles ritos que significam a recepção da Graça salvadora de Deus. Os ASD não encontram base no N.T. para nenhuma confirmação (que pressupõe o batismo de crianças) ou penitência (que pressupõe que atos justos que um homem possa realizar granjeiem mérito para ele perante Deus). Em harmonia com o mandamento de nosso Senhor em João 13:14, os ASD praticam, no entanto, a ordenança do *Lava-pés. Na prática ASD, somente um ministro ordenado pode realizar o batismo ou conduzir um casamento ou culto de ordenação. Em uma igreja na qual foi eleito para servir e na ausência de um ministro ordenado, um ancião local ordenado pode conduzir a Santa Ceia ou ungir o doente e, com circunstâncias especiais, batizar. Veja **Batismo**.

SACRIFÍCIOS E OFERTAS. Produtos animais ou agrícolas trazidos ao Senhor como uma expressão de louvor, gratidão ou dedicação, ou para a expiação do pecado. O sistema sacrifical foi inaugurado quando o pecado entrou no mundo (veja Gên. 4:3-4), e serviu em séculos posteriores como uma lembrança de que o salário do pecado é a morte e que a vida eterna pode ser reconquistada somente como um dom divino (Rom. 6:23). Por muitos séculos, a cabeça era o sacerdote, mas no Monte Sinai, fez-se provisão sistemática para os vários tipos de sacrifícios, e possivelmente todos eram oferecidos pelos sacerdotes. De uma maneira ou outra, cada sacrifício prefigurava o grande sacrifício do "Cordeiro de Deus" (João 1:29; Is. 53:7), e as ofertas pelo pecado e faltas representavam em particular o sacrifício vicário de Cristo, que "que foi traspassado pelas nossas transgressões" (Is. 53:4, 5). Em e de si mesmos, os sacrifícios de sangue dos tempos do A.T. nunca poderiam e realmente nunca removeram pecados (Heb. 10:4, 11), e nem poderiam "no tocante à consciência, aperfeiçoar aquele que presta culto" (9:9). O perfeito sacrifício de Cristo somente poderia "purificar" a "consciência das obras mortas" (9:11-15). A verdade fundamental expressa simbolicamente pelos sacrifícios era que "sem derramamento de sangue não há remissão" (9:22), e que esse derramamento de sangue é vicário (Is. 53:4, 6). Os livros de Levítico (especialmente os cap. 1-7; 16; 23), Êxodo e Números dão informações detalhadas sobre os vários sacrifícios.

SACUDIDURA, TEMPO DE. Na terminologia ASD, um período precedente à *Segunda Vinda de Cristo, quando muitos membros deixarão a igreja por causa da indiferença, enganos satânicos, e principalmente pressão das circunstâncias. A expressão é aparentemente derivada de Heb. 12:26, especialmente a frase "para que as coisas que não são abaladas permaneçam" (cf. no sacudir da

oliveira... Is. 17:6: um grande tremor de terra em Israel". Ez. 38:19 "como uma figueira sacudia por vento forte". Apoc. 6:13). Este período é, às vezes, referido como tempo de peneiramento ou tempo de teste.

Ellen G. White fala da sacudidura com um "tempo em que tudo que pode ser sacudido será sacudido" inclusive aqueles que conhecem a verdade mas não obedecem a Deus (6*T*, 332, 7*T*, 219; 9*T*, 15,16). Esta sacudidura será

> determinada pelo testemunho direto contido no conselho da Testemunha verdadeira à igreja de Laodicéia. Isto produzirá efeito no coração daquele que receber, e o levará a empunhar o estandarte e propagar a verdade direta. Alguns não suportarão esse testemunho direto. Levantar-se-ão contra ele, e isto é o que determinará a sacudidura entre o povo de Deus . (*PE*, 270).

Essa "sacudidura" tem estado a ocorrer desde os tempos primordiais da IASD, mas será mais severa ao se aproximar o tempo do fim. Em 1850, Ellen G. White escreveu, "Começou a forte sacudidura e continuará, e todos os que não estiverem dispostos a assumir uma posição ousada e tenaz em prol da verdade, e a sacrificar-se por Deus e por Sua causa serão joeirados (*PE*, 50). Entre estes "joeirados" estarão alguns dos líderes da igreja, bem como leigos: "Muitas estrelas que tínhamos admirado por seu brilho sairão em trevas" (5*T*, 81).

SALVAÇÃO. Provisão graciosa de Deus para livrar os pecadores da penalidade e do poder do pecado, e para restaurá-los ao estado original de perfeição do homem. A libertação do pecado da condenação é chamada justificação; o processo de transformação do caráter é chamado de *Santificação; a restauração da imortalidade é chamada

glorificação. O plano da salvação foi concebido na eternidade passada, e tornou-se operante quando o homem pecou e caiu de seu estado original. As condições da salvação têm sido as mesmas ao longo da história humana. O sistema sacrifical do A.T. apontava para a cruz, o ponto focal e base do plano da salvação, e tornou-se efetivo pela vida perfeita, morte vicária e *Ressurreição gloriosa de nosso Senhor Jesus Cristo.

A salvação vem como um dom gratuito da graça de Deus, e é aceita pela fé em Cristo. É disponível a todos os homens, mas torna-se uma realidade apenas na experiência dos que, por escolha própria, aceitam-na. Não é irresistível, como ensinava Agostinho. O conceito ASD de salvação corresponde de perto ao entendimento histórico Metodista, especialmente como estabelecido por John Wesley.

O supremo objetivo da salvação é a restauração da imagem de Deus na alma do homem, a erradicação do pecado do Universo, a confirmação do infinito amor de Deus e justiça para a eterna satisfação de todas as criaturas criadas, e o estabelecimento de paz e segurança universais e eternas.

Veja também **Fé e Obras; Justificação pela fé; Lei; Lei e Graça; Novo Nascimento; Perseverança; Santificação.**

SANATÓRIO. Termo popularizado pelos ASD para descrever uma instituição médica que provê terapia física e outros tratamentos. Diz-se que John H. Kellogg, do Sanatório de Battle Creek, esteve entre os primeiros a usar o termo e que alguém o lembrou que a palavra não existia no dicionário, ao que Kellogg replicou: "Se não está, logo estará." Porém, de acordo com o *The Oxford English Dictionary* (1933) o termo já estava em uso com o mesmo significado geral na Inglaterra em meados do século dezoito.

Os ASD ensinam que a maneira de curar o enfermo é tratar de todo o ser — corpo, mente e espírito; que, como um procedimento terapêutico, a dieta, quanto à quantidade e qualidade, é importante;

também, que a melhor de todas as terapias é a que estimula as forças naturais. Desde então, a medicina natural, na forma de *hidroterapia* e *eletroterapia* tem sido empregada nos sanatórios. Porém, a cirurgia e outros procedimentos médicos também tiveram sua parte.

Quanto à terapia para mente e espírito, as instituições médicas ASD têm há muito posto em prática o princípio de que a relação de um homem com seu Deus pode afetar a mente e o corpo — o mesmo princípio que recentemente levou a Associação Médica Americana a criar o departamento de Medicina e Religião. Os sanatórios ASD empregam capelães para ministrar às necessidades espirituais de seus pacientes.

Para dar máximo valor a terapias ASD mais distintas, os sanatórios têm sido um tanto uniformemente localizados em áreas rurais, onde o paciente possa desfrutar de serenidade, ar puro, e sons da natureza.

Em muitos casos; os que vinham aos sanatórios eram pessoas que poderiam andar e que estavam à procura de um rejuvenescimento geral, no que se tratava de um cuidado médico melhor.

SANGUE. [heb. *dam*; gr. *haima*]. O fluido vital que circula através do corpo, carregando nutrição e oxigênio a todas as partes do corpo e retirando os elementos a serem eliminados (Lev. 17:11, 14; Deut. 12:23). Os antigos não estavam cônscios dessas funções detalhadas, mas reconheciam que o sangue estava intimamente relacionado à vida. A *Lei declarou: “Pois a vida da carne está no sangue” (Lev. 17:11), e estavam proibidos de comer sangue (Gên. 9:3, 4; Lev. 17:10-14; Atos 15:20, 29). Essa proibição tinha, sem dúvida, uma base higiênica, mas pode ter sido designada para ter um valor instrutivo também. O uso mais significativo do sangue nos tempos do A.T. era nos serviços sacrificais e mais amplamente nos serviços do *Santuário. O derramamento do sangue era uma sombra do sangue de Cristo, a inestimável vida do Filho de Deus que deveria ser sacrificada

como a única esperança de uma raça caída e condenada (I Cor. 10:16; Ef. 2:13; Heb. 9:14; 10:19; I Ped. 1:2, 19; Apoc. 12:11). A salvação através do sangue de Cristo é o tema central do *Evangelho (Rom. 3:25; 5:9; Ef. 1:7; Col. 1:20; Heb. 9:22; Apoc. 1:5).

SANTA CEIA. A ceia simbólica que Jesus instituiu na noite de Sua traição para comemorar Sua morte e para prefigurar Seu reino vindouro; do grego *Kuriakon deipnon* (I Cor. 11:20).

Prática ASD. "A instituição doutrinária para Candidatos ao Batismo que aparece no Manual da Igreja declara:

> A ordenança da Santa Ceia comemora a morte do Salvador: e a participação dos membros do corpo é essencial ao crescimento cristão e comunhão. É precedida pela ordenança do lava-pés como uma preparação para este solene culto (Veja **Lava-pés**).

Em geral, os ASD observam a Santa Ceia uma vez a cada trimestre. A liturgia de uma dessas cerimônias típicas seria assim: um curto sermão precede a ordenança do lava-pés, para a qual os homens e as mulheres se separaram. Então a igreja se reencontra, e o ministro e os anciãos oficiam a mesa da Santa Ceia. O pão é descoberto, lê-se I Cor. 11: 23, 24, e a oração da bênção é feita; então o pão é partido e distribuído pelos diáconos. Segue-se um procedimento semelhante para o suco de uva, após a leitura de I Cor. 11:25, 26. Em cada exemplo, a congregação espera até que todos tenham se servido, e toma parte no emblema simultaneamente. O culto é finalizado pelo cantar de um hino ou por uma oração.

Somente pão asmo e vinho não fermentado podem ser usados, sendo o fermento considerado um símbolo do pecado (I Cor. 5:7, 8), e

vinho fermentado uma representação indigna do sangue de Cristo. A prática ASD da Santa Ceia é aberta:

> O exemplo de Cristo proíbe exclusividade na Santa Ceia. É verdade que o pecado aberto exclui o culpado. Mas além deste, ninguém deve passar por julgamento. Deus não autorizou ao homem julgar quem se apresentará nestas ocasiões. ... Poderão vir à comunhão pessoas que em seu coração, não são servas da verdade e da santidade mas que queiram tomar parte na cerimônia. Elas não deveriam ser proibidas (*DTN*, 656).

As cerimônias de Santa Ceia são dirigidas somente por ministros ordenados e anciãos ordenados que são eleitos para oficiar na igreja em que são membros. Os Pastores que não foram ordenados não dirigem a Santa Ceia a menos que tenham sido eleitos e ordenados como anciãos locais pela congregação em que o culto está sendo celebrado.

Desenvolvimento Histórico na IASD. A Santa Ceia têm sido uma parte dos ritos de adoração ASD desde o início. Por exemplo, está relatado que os que assistiram ao primeiro Congresso Sabático realizado em Volney, Estado de Nova Iorque, começando em 18/08/1848, celebraram-na. Ao se desenvolver a organização, ela se tornou uma parte regular do que foi chamado “encontro trimestral”. Estando os membros freqüentemente espalhados, esta reunião foi uma instituição ampla na vida organizada da igreja. De acordo com as recomendações, foi aberta com a leitura da lista de membros pelo secretário da igreja, dando cada membro o testemunho a respeito de sua experiência cristã ao ser chamado seu nome (isso é, às vezes, realizado em congregações menores). A seguir, o registro da igreja para o trimestre é lido e corrigido. Então, se qualquer ministro ordenado ou ancião estivesse

presente, a Santa Ceia era celebrada. Depois do pôr-do-sol, ou no dia seguinte, uma comissão da igreja se reunia. A ausência da reunião por 9 meses sem aviso era motivo de exclusão da igreja. Enquanto outros aspectos desta reunião desapareceram largamente, e muitas congregações, a Santa Ceia ainda é referida como reunião trimestral.

Através da história ASD, parece ter havido pouca mudança no entendimento do significado da Santa Ceia. O pão e o vinho têm sido símbolos do corpo e do sangue de Cristo como lembranças de Sua paixão e morte. A Santa Ceia é também uma testemunha à aceitação de Cristo da parte do crente como Seu Salvador e de sua fé em sua Segunda Vinda (I Cor. 11:26). Na Santa Ceia, Cristo Se encontra com Seu povo e o Espírito está presente para selá-los como Seus (*DTN*, 149, 659).

A Santa Ceia no N.T. . A instituição da Santa Ceia está registrada em Mat. 26:20-29, Mar. 14:17-25, Luc. 22:14-20, e I Cor. 11: 23-25. Em ambos os Evangelhos e Epístolas de Paulo, as palavras de instituição contêm os mesmos três temas — substituição, concerto e escatologia. Cada uma dessas é encontrada nos fundamentos do N.T.; Jesus repetidamente compara Sua missão com a figura do Servo sofredor do A.T. (Is. 53:12; Mar. 14:24; Luc. 22:37); o “Sangue do concerto” e o “novo concerto” são temas familiares do A.T. (Êx. 24:8; Mar. 14:24; Jer. 31:31), como também o é o do banquete escatológico (Is. 25:6-8, Apoc. 19:9; 21:3, 4, 9-14).

Esta orientação escatológica da Santa Ceia como uma antecipação do banquete messiânico no reino vindouro de Deus encontra um paralelo particularmente relevante nas refeições comunitárias em Qumrân. Depois de descrever a entrada dos membros da comunidade a sua refeição sacramental, “A Regra Messiânica” declara:

> Quando a mesa comum for posta para a refeição e o novo vinho (servido) para beber, nenhum homem deverá

> estender suas mãos sobre as primícias do pão e do vinho antes do Sacerdote; pois (é ele) que irá abençoar as primícias do pão e do vinho e será o primeiro (a estender) sua mão sobre o pão. Depois disto, o Messias de Israel estenderá sua mão sobre o pão, (e) toda a congregação da comunidade (dirá uma) bênção, (cada homem na ordem) de sua dignidade (G. Vermès, *Os manuscritos do Mar Morto em Inglês*, 1962, p. 121).

Este é uma reminescente de Luc. 22:21 (“a mão do traidor está comigo à mesa”), e a informação é interessante do ponto de vista adventista de que o vinho usado em Qumrân era “novo vinho” (heb. *tirôsh).* O significado mais amplo desta refeição é especialmente importante: como na Santa Ceia, a refeição de Qumrân representa de uma vez só a comunidade presente e o futuro banquete dos eleitos. Desta forma o aspecto escatológico da Santa Ceia parecer ter tido um claro fundamento no judaísmo contemporâneo (F. M. Cross, *The Ancient Library of Qumrân*, 1958, p. 64). Isto não significa que o rito tenha sido simplesmente emprestado de Qumrân; vemos em Qumrân e no N.T. desenvolvimentos semelhantes, no ambiente recente do judaísmo, dos temas básicos do A.T..

SANTIDADE. Veja **Santificação**

SANTIFICAÇÃO. Processo vitalício de desenvolvimento do caráter subseqüente à conversão, em contraste com a justificação. O último estabelece uma relação justa com Deus, uma em que o processo de desenvolvimento do caráter, ou santificação se torna possível. Escritores do N.T. falam deste processo variadamente como uma questão consecutiva à justificação e o bom combate da fé (I Tim. 6:11,

12), de andar em novidade de vida (Rom. 6:4), de crescimento em Cristo (Ef. 4:15), de crescimento da graça (II Ped. 3:18), de ser refeito, fortalecido, estabelecido (Col. 2:6-7), transformado (Rom. 12:2), de participar da natureza divina (II Ped. 1:4), de correr pacientemente a corrida cristã (Heb. 12:1). O objetivo deste processo é a suprema perfeição do caráter, restauração à imagem de Deus na mente e caráter do homem. O cristão nascido de novo é perfeito perante Deus como resultado de sua aceitação da justiça de Cristo para remir seus pecados passados (Rom. 5:1), e de seu compromisso pessoal em cooperar com a graça e o poder transformador de Cristo agora em operação em sua mente e vida (Rom. 12:1; Gál. 2:20). Mas esta relativa perfeição — é sua somente em virtude da relação com Cristo pela fé. Perfeição absoluta de caráter — esperança do cristão e alvo supremo — é obtida somente quando a natureza mortal for revestida de imortalidade (Fil. 3:12-15; I João 3:1). Veja também **Fé e Obras; Justificação Pela Fé; Lei; Lei e Graça.**

SANTÍSSIMO. Veja **Santuário.**

SANTO. Pessoa separada ou dedicada ao uso ou serviço santo (heb. *qadôsh*. aram. *qadish*, gr. *haggios*, significando "santo" ou separado." A KJV também traduz o Heb. *chasid*, "piedoso," "santo" 19 vezes.) O aspecto distintivo de "santidade" no AT, em contraste com as religiões semíticas, é que sua raiz está na pessoa de Jeová que tornou Sua santidade conhecida através do Seu nome e de Seus atos poderosos para com Seu povo (Amós 2:6; 4:2; Os. 11:9; Isa 5:16). Conseqüentemente, Seu povo era um "povo santo," escolhido e separado e dessa forma, "santos" (Ex. 19:6; Deut. 7:6; 14:2). Isto é particularmente notável em Daniel, onde o povo de Deus é repetidamente chamado de "santos" (Dan. 7:18, 21, 22, 25, 27). No

N.T., Jesus é o “Santo” (Luc. 4:34; João 6:69; Apoc. 3:7; cf. João 10:36) i.e., “Ele a quem o Pai separou como especial”. Os cristãos como os “eleitos de Deus” (cf. Isa. 65:9) são também “santos” (Col. 3:12; I Ped. 2:9; Rom. 1;7; I Cor. 1:2; II Cor. 1:1, etc.).

A aplicabilidade do termo “santo” aos Cristãos em geral deriva tanto de seu pensamento de ser, como Israel, o povo escolhido, como de seu ato particular de consagração no batismo. Ao mesmo tempo, a palavra *haggios* tem fortes implicações éticas (I Cor. 7:34; Col. 1:22; I Ped. 1:15). Em passagens escatológicas pode-se referir às vezes a anjos (I Tess. 3:13; II Tess. 1:10 cf. Dan. 4:13; Zac. 14:5). No Apocalipse, como em Daniel, o povo de Deus, especialmente quando em perseguição e em luta contra o mal, é conhecido como “santos” (Apoc. 13:7, 10; 14:12; 16:6; 17:6; 18:24; 20:9). As primeiras literaturas ASD freqüentemente usavam o termo “santo” neste contexto apocalíptico como se referindo ao remanescente de Deus (cf. Isa. 4:3) que subsiste fiel no tempo de angústia (Veja **Tempo de Angústia de Jacó**) e permanece assim até o *Segundo Advento de Cristo.

SANTOS, ALFREDO MARCOLINO (1888-1969). Pioneiro adventista em São Paulo. Nasceu no dia 13 de maio de 1888, na cidade de Bragança Paulista, SP. Casou-se em 2 de setembro de 1922 com Laura Oliveira Santos, da qual não teve filhos, mas criou vários sobrinhos.

Em 1927, começou a freqüentar a igreja adventista, na Travessa São João, em São Paulo atual *IASD Central Paulistana. Depois de batizado, começou a vender a Revista *O Atalaia”. Devido a esse trabalho, mudou de casa mais de 40 vezes.

Foi um dos fundadores da Igreja da Lapa e também da Igreja de Bragança Paulista, onde residiu por vários anos.

Em seus últimos 10 anos, freqüentou a Igreja da Lapa, em São Paulo.

Faleceu no dia 15 de fevereiro de 1969, aos 80 anos de idade.

SANTOS, AMARO FERREIRA LIMA DOS (1890-1968). Um dos fundadores da IASD do Meier. Nasceu no dia 16 de janeiro de 1890. Veio para o Rio de Janeiro com a idade de 20 anos. Aceitou o *Evangelho quando ainda era muito jovem, e quando não havia nenhum templo construído, pois os irmãos se reuniam numa tenda em Engenho Novo. Contraiu núpcias com Crispiniana. Com ela fundou várias igrejas e grupos a saber: Nilópolis, Nova Iguaçu, Pavuna, Pedra da Guaratiba, Guadalupe, Madureira, Ricardo de Albuquerque, Campo Grande, Rio da Prata.

Em 1948, casou-se em segundas núpcias com Idalina Ribas.

Militou na Igreja Adventista durante 51 anos, sendo um dos membros mais antigos no Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 14 de fevereiro de 1968 aos 78 anos de idade.

SANTOS, ANTÔNIO GOMES DOS (-1949) Missionário voluntário em Goiás. Durante o período de 15 anos, de 1934 a 1949, Antônio G. dos Santos, trabalhou como professor, evangelizando os índios em Fontoura, Ilha do Bananal, em Goiás.

Devido à falta de recursos e alimentação deficiente neste local, Antônio contraiu uma moléstia fatal, que o levou à morte.

Faleceu em 1949, em Goiás.

SANTOS, PEDRO FAUSTINO DOS (1894-1970). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 20 de janeiro de 1894, em Santos, SP.

Casou-se com Benedita Filomena de Oliveira, em 17 de janeiro de 1919. Tiveram um filho, Joel. Pedro Faustino dos Santos foi batizado em 1915, pelo Pr. R. Süssmann. Ingressou na *Colportagem em 1917.

Exerceu este ministério até 1932, quando, por motivo de saúde, abandonou o trabalho e logo foi jubilado.

Faleceu no dia 26 de setembro de 1970 aos 76 anos de idade.

SANTOS, SEVERINO BEZERRA DOS (1923-1961). Pioneiro da mensagem adventista na cidade de Garanhuns, Pernambuco. Nasceu no dia 16 de setembro de 1923, em Bezerros, Pernambuco. Em Garanhuns, era conhecido por todos como comerciante honesto e fervoroso missionário. Mudou-se para aquela cidade a fim de iniciar a obra adventista e tal foi seu zelo e empenho que, por ocasião da sua morte, em 1962, já havia ali uma Escola Sabatina organizada com 90 membros. O programa **A Voz da Profecia* em Garanhuns era patrocinado por Severino.

Casou-se com Esmeralda Monteiro dos Santos e da união nasceram 4 filhos. Sua morte súbita, em um acidente automobilístico na Estrada Garanhuns-Arcoverde, abalou a *Missão Nordeste da IASD e toda a cidade de Garanhuns. Era um batalhador incansável pela obra de Deus.

Faleceu no dia 24 de setembro de 1961 aos 38 anos de idade.

SANTUÁRIO. Literalmente, “lugar santo” no A.T., centro da adoração pública para a nação hebraica. Primeiramente, este foi o primeiro tabernáculo erigido por Moisés no deserto (Êx. 25:40), e mais tarde, o Templo construído por Salomão no Monte Moriá (I Crôn. 28:10-20), e, segundo o exílio babilônico, o segundo Templo. O Santuário era o lugar da habitação de Deus entre Seu povo. O tabernáculo mosaico e seus sacrifícios animais e o ministério sacerdotal eram “uma figura para o tempo então presente” que apontavam para Cristo, “que foi uma vez oferecido para sempre para tirar os pecados de muitos” e que se tornou” sumo sacerdote dos bens já realizados,

"mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos," (Heb. 9:9, 11, 28). "Jesus Cristo era o fundamento de toda a economia judaica. ... O sistema inteiro de tipos e símbolos era uma profecia condensada do Evangelho, uma apresentação da Cristandade" (Ellen G. White, *Review and Herald*, 21 de março de 1893). O sistema de ritos dado a Israel era uma lição objetiva através da qual Deus tinha o propósito de revelar o plano da salvação a Seu povo no passado.

Os escritores do N.T. descrevem a obra redentora de Cristo pelos pecadores nos termos dos tipos e símbolos. Cristo é o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29). Ele é "Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus" (Heb 3:1). O tabernáculo terrestre era uma "figura e sombra do santuário celestial" (Heb. 8:5), "O verdadeiro em que Cristo entrou para comparecer agora, por nós diante de Deus" (9:24). Ele entra neste santo lugar não com sangue de cordeiros mas com Seu próprio sangue, obtendo para nós eterna redenção (v. 12). Cada sacrifício tipificava o infinito sacrifício de Cristo no Calvário, e o sacerdote que o oferecia representava o sacerdócio de Cristo no Céu. Neles e de si mesmos, os sacrifícios não poderiam remir os pecados (Heb. 10:11). Somente ao os pecadores impenitentes compreenderem pela fé a realidade do sacrifício ainda a ser provido pelo Messias é que encontravam libertação de Seus pecados (Veja cap. 9:15).

O serviço do antigo Santuário consistia de duas fases distintas — os serviços regulares dirigidos todos os dias durante o ano inteiro, pelo qual os pecadores arrependidos eram libertos da culpa de seus pecados (pelos quais o Santuário assumia responsabilidade), e o serviço anual no *Dia da Expiação, quando era feita expiação pelo Santuário por causa dos pecados pelos quais se fizera expiação durante o ano.

Os ASD vêem nesses rituais diários e anuais um tipo das duas fases do ministério sacerdotal de Cristo no Santuário Celestial. Eles consideram que os vários serviços dirigidos dia-a-dia representam o ministério de Cristo por cada indivíduo, do tempo de Sua ascensão até o

antítipo do Dia da Expiação — cujas cerimônias, criam apontar para uma obra especial realizada por Cristo até o fim da Era Cristã — obra de juízo que resulta na eliminação dos pecados confessados dos livros de registro do Céu, e a eliminação do livro da vida dos nomes daqueles que renunciaram a Cristo. Esta fase final crêem estar sendo realizada agora — desde 1844, data derivada do período profético de Dan. 8:14 (Veja **Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs**).

A epístola aos Hebreus apresenta o serviço do antigo Santuário como um tipo de expiação vicária de Cristo sobre o Calvário e Seu ministério sacerdotal após a ascensão. Por essa razão, os ASD consideram como importante que se entenda o antigo Santuário para também se compreender o plano da redenção. De fato, vários ensinos distintivos ASD podem ser entendidos plenamente somente em relação ao serviço do Santuário e ao ministério de Cristo como o Grande Sumo Sacerdote do cristão como demonstrado na Epístola aos Hebreus.

História da Doutrina ASD. *Fundamento Sobre a Visão Milerita do Santuário.* Os ASD surgiram do *Movimento Milerita da década de 1840. Guilherme Miller, fundador e líder do movimento, baseou seus ensinos de que o Segundo Advento ocorreria "mais ou menos em 1843" primariamente sobre a declaração de Daniel 8:14: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado". Miller originalmente definiu o Santuário como a Igreja (Ms. ao Irmão Andrus, 1831, 1831, p. 1; *Evidências . . . do Segundo Advento,* 1838 ed., pp. 36-38), mais tarde como a igreja e a Terra (*Cleansing of the Sanctuary*, 1842, p. 8, pp. 9-14). Ele concluiu que a sua purificação seria realizada pelas chamas do dia final, em conexão com a *Segunda Vinda de Cristo. "De acordo com a opinião de todos os comentaristas Protestantes, "como se expressou, ele aceitou o princípio baseado em Núm. 14:34 e Ez. 4:4-6, que um dia em profecia simbólica significa um dia em tempo literal (*Apology and Defense*, p. 11). Portanto, iniciando-se os 2.300 anos em 457 a.C., ele chegou ao que limitou como "por volta do ano de 1843",

isto é, 1843/1844, de primavera a primavera como o tempo para o Segundo Advento.

Mais tarde, um ajuste na cronologia e no cômputo de Miller levaram à expectação do Segundo Advento no outono de 1844 em 22 de outubro (Veja **Movimento do Sétimo Mês**).

Com este Movimento do Sétimo Mês, veio um amplo entendimento dos tipos e símbolos do Santuário.

Essa mais profunda compreensão é refletida no seguinte resumo do cumprimento dos tipos dos festivais outonais no Segundo Advento:

> Portanto, a grande trombeta no ano do jubileu, no décimo dia do sétimo mês, — um tipo de trombeta de Deus, a última trombeta; a libertação de todos os cativos, o cancelamento de todas as dívidas e restauração de cada homem às suas possessões, no mesmo dia, — típica da grande libertação; e a expiação do Sumo Sacerdote pelos pecados de todos o Israel, sua intercessão portanto no Santíssimo e sua saída dali para bendizer a congregação expectante, — típica da conclusão da intercessão que Cristo está agora realizando, e de sua própria vinda do céu, a fim de aparecer pela segunda vez aos que O esperavam, sem pecado para a salvação, foi discutido e plenamente comprovado que um dia assim separado e escolhido por Deus para a observação de tantas cerimônias, típicas dos grandes eventos, deva ser honrado na conclusão do plano da salvação pelo próprio evento. (S. Bliss, em *Advent Shield*, jan. 1845)

Baseados em Lev. 9:23, que é parte do registro do início do ministério de Arão como Sumo Sacerdote, os Mileritas defendiam que

no final do dia da Expiação, o Sumo Sacerdote saiu e abençoava a congregação expectante. Semelhantemente, diziam, Cristo sairia do Santíssimo em Sua Segunda Vinda para abençoar ao Seu expectante povo. Na ênfase subseqüente (no movimento do sétimo mês), na saída de Cristo do Santíssimo, isto é, o Céu, ninguém explicava o Santíssimo como uma parte do Santuário — poderia ser o próprio Céu, e ainda que o Santuário poderia ser a Terra, a ser purificada por fogo em Seu Segundo Advento.

Litch havia, imediatamente após o desapontamento da primavera, levantado dúvidas quanto a ser a Terra o Santuário, mais isso não foi revelado, e o conceito do Santuário como a Terra persistiu. Somente em 1847, Crosier, no *The Day-Dawn*, achou necessário discutir esse ponto exaustivamente após concluir: "Não há autoridade escriturística para chamar qualquer coisa de Santuário sob a dispensação do Evangelho, além do lugar do ministério de Cristo no Céu. ... Se houver, seja apresentada" (*Day-Dawn*, 19/03/1847).

Este paradoxo insolúvel da *Terra*, ou da Palestina como o Santuário a ser purificado pelas chamas do dia final, bem como o céu sendo o Santíssimo, não necessitando da purificação, ainda aparece no editorial de 1853 (possivelmente de Bliss) no *The Advent Herald*, em conflito com J. N. Andrews na *Review and Herald*.

A Idéia de Hiram Edson e os Artigos de Crosier. O primeiro passo para o entendimento ASD do Santuário veio em um dia após o grande *Desapontamento de 1844. Na manhã de 23/10/1844, Hiram Edson e um amigo Milerita, após fervorosa oração decidiram visitar os outros Adventistas na vizinhança e animá-los. Ao andarem pelo milharal, Edson deteve-se enquanto seu amigo continuou. A convicção lhe veio repentinamente de que —

> em vez de nosso Sumo Sacerdote sair do Santíssimo do Santuário Celestial para vir a esta Terra no décimo dia do sétimo mês, no fim dos 2.300 dias, Ele, pela primeira vez, havia entrado naquele dia no segundo compartimento do Santuário; e que Ele tinha uma obra a realizar no Santíssimo antes de vir a esta Terra (Hiram Edson, Ms, *"Life and Experience"*).

Agora, tornara-se claro para Edson que o Santuário a ser purificado não era a Terra ou alguma porção dela, e sim o Santuário Celestial; que 22 de outubro marcara o início e não o fim do dia antitípico da Expiação.

Edson, Owen R. L. Crosier, e Franklin B. Hahn passaram muitos meses estudando o assunto do Santuário. Crosier escreveu suas descobertas, que publicou de acordo com Edson, em 1845, no *Day-Dawn* (Canandaigua, Nova Iorque), e mais completamente no *Day-Star* Extra (Cincinnati), em 07/02/1846; também do *Day-Dawn*, 1847, como já citado. O *Day-Dawn* de 1845 não é tão extenso e alguns eruditos sentem que a publicação original tenha sido o *Day-Star*. Estes artigos discutem vários usos da palavra *Santuário* nos vários livros do A.T., concluindo que é propriamente aplicada ao tabernáculo construído por Moisés e ao Templo de Salomão. Este era o típico Santuário. Eles então discutem que o Santuário do Novo Testamento como revelado no livro de Hebreus — o verdadeiro Santuário estando no céu, do qual o tabernáculo Mosaico era uma cópia. Sendo assim, como Crosier raciocinou, o Santuário Celestial o único existente no fim dos 2.300 dias proféticos, era o Santuário que deveria ser purificado.

A respeito do artigo de Crosier no *Day-Star* Extra, Ellen White escreveu em uma carta a Eli Curtis, 21/04/1847, (que foi publicada no *A Word to the "Little Flock"*) que "o irmão Crosier tinha a verdadeira luz sobre a purificação do Santuário," e recomendou do *Day-Star* Extra.

Desenvolvido o Ensino ASD. A expansão de Crosier sobre a idéia d Edson quanto ao Santuário Celestial tornou-se, desta maneira, a base do ensin padrão dos ASD pioneiros. Em uma das mais extensas discussões sobre assunto nas publicações ASD, David Arnold escreveu:

> Mas o que entenderemos como a purificação do Santuário antitípico?
>
> O sacerdócio Mosaico, bem como o Santuário e serviços eram todos sombras ou tipos, aqui na Terra, de um sacerdócio, Santuário e serviços celestiais; havendo ainda diferença sobre isso entre eles.
>
> Por causa da morte, o terrestre teve muitos sacerdotes, o Celestial somente um: o terrestre muitas vítimas, o Celestial somente uma; o terrestre era purificado no final de 364 dias, o Celestial no fim dos 2.300 anos. ...
>
> No terrestre, os pecados eram imputados diariamente, ou postos sobre o altar mediante o sangue das vítimas durante os 364 dias, e então a ministração diária cessava, e a purificação começava. No Santuário Celestial, os pecados eram imputados diariamente, ou postos sobre o altar mediante o sangue de Cristo, nossa vítima, durante a dispensação evangélica, ou tempo dos gentios, que se encerrou com os 2.300 anos, e então a purificação começou. No terrestre, quando a ministração diária cessava e o *Dia da Expiação veio, o Sumo Sacerdote se preparava para a Expiação, ou purificação, fechando a porta do compartimento exterior (Veja Lev. 16:17), vestindo as santas vestes, com o peitoral do julgamento, e abrindo a porta do compartimento mais interior, ou o Santíssimo, então prosseguia em purificar o Santuário como registrado

> no capítulo dezesseis de Levítico. Assim, no Celestial, quando a ministração diária pelo mundo cessou e assim 2.300 anos e o tempo dos gentios, e o tempo para a purificação do Santuário chegou, Cristo, nosso Sumo Sacerdote, preparou-se para a Expiação, ou eliminação dos pecados de todo o Israel, e para a purificação do Santuário...
>
> Uma objeção freqüentemente levantada é a de que não pode haver nada no céu que necessite de purificação. Mas ouçamos Paulo neste assunto. Falando do mesmo Santuário, ele diz: "Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias cousas celestiais com sacrifícios a eles superiores." Heb. 9:23. Aqui Paulo nos dá o claro entendimento de que era necessário que o Santuário terrestre, feito nos padrões do Celestial, deveria ser purificado com o sangue dos animais; (pois assim requeria a lei), portanto, era necessário que o Santuário Celestial, do qual os padrões foram tomados, devesse ser purificado com melhores sacrifícios. Então há um Santuário no Céu a ser purificado" com melhores sacrifícios", e o "Maravilhoso Número" coloca a purificação deste Santuário no fim dos 2.300 dias (*The Present Truth*, 3/1850).

Em agosto de 1850, Tiago White começou a publicar um novo periódico chamado *The Advent Review*, do qual publicou cinco números. No número 3 e 4 ele republicou do *Day-Star* quase todo o artigo de Crosier sobre o Santuário.

Em novembro de 1859, Tiago White começou a publicação regular na *Review and Herald*. Este periódico tornou-se a publicação regular da editora *Review and Herald*. Esse periódico tornou-se o órgão

reconhecido dos Adventistas que aceitam o sábado do sétimo dia e a expiação do Santuário do Desapontamento Milerita. Em suas páginas, um contínuo debate foi travado com outros Adventistas que tinham posições divergentes. O primeiro propósito desses artigos era provar que a Terra não é o Santuário pretendido em Dan. 8:14, mas o Santuário Celestial, o Santuário do novo concerto.

Mais tarde, desenvolveu-se a idéia de que a purificação do Santuário envolvia uma obra de julgamento. Veja **Juízo Investigativo.**

SARLI, HERMÍNIO (1903-1977). *Colportor e *Pastor. Nasceu no dia 05 de junho de 1903, na cidade de Bica de Pedra, atual Itapuí, SP. Filho de José Sarli e Adelaide, sendo irmão de Osvaldo, Elisa e Alberto Sarli. Mudaram-se de Bica de Pedra para Piraju.

Aos seis anos de idade, perdeu seu pai e como filho mais velho, teve que ajudar no sustento da casa vendendo jornais e entregando marmitas. Freqüentou a escola até o 3º ano primário, pois sua família não possuía recursos para custear seus estudos. Sua mãe sempre fora presbiteriana, porém seus filhos não eram assíduos na igreja.

Aos 12 anos de idade, aprendeu o ofício de marceneiro, principiando em trabalhos de vime, depois de móveis, chegando a fabricar seus próprios móveis para o casamento.

Além de possuir grande facilidade para desenho, tinha vocação para música. Tocava violino e bandolim com apenas pequenos conhecimentos musicais e um excelente ouvido. Dedicou-se também às artes fotográficas, como *hobby*.

No dia 12 de maio de 1927, casou-se com Eulália Minghili e desta união nasceram: Wilson, Tércio, Paulo, Joel, Esther e Eunice.

Em 1930, conheceu o missionário Carlos A. Ennis que fora colportar em Jaú. Interessou-se pelas palestras realizadas na casa de sua mãe Adelaide, pois já havia entrado em contato com a mensagem Adventista, através dos livros comprados anteriormente do colportor

*André Gedrath. Nesse mesmo ano, mudou-se para Jaú, onde o Pr. *Luís Braun continuou com ele os estudos bíblicos. Nesta época, havia uma Escola Sabatina na casa de sua mãe.

Em 04 de maio de 1931, Hermínio e Eulália foram batizados. Antes do batismo, Hermínio já havia iniciado seu trabalho de *colportagem no interior paulista.

Foi precisamente como colportor que ele se destacou, sendo um dos primeiros em São Paulo. Colportou muitos anos nos sítios e fazendas.

Em 1944, foi chamado para auxiliar estudantes na colportagem e no ano seguinte, 1945, tornou-se diretor-assistente de colportagem na *Associação Paulista. Hermínio Sarli não só ensinou os estudantes e colportores a arte de vender, mas também a arte de dar estudos bíblicos. Mais tarde, tornou-se diretor da colportagem no mesmo campo, e, posteriormente, pastor distrital, tendo sido ordenado em 1956.

Como pastor, trabalhou nos distritos de Taubaté, Lecélia, Bragança Paulista, Lindóia e em todo o ramal de Bragantina.

Foi *Jubilado em janeiro de 1963, sem abandonar, no entanto, o trabalho evangelístico.

Faleceu no dia 22 de fevereiro de 1977, aos 74 anos de idade, vítima de um acidente de trânsito em São Paulo.

SATANÁS E SEUS ANJOS. Os ASD consideram Satanás como sendo um ser pessoal, um anjo caído chamado Lúcifer (Is. 14:12-14), e que ocupava a exaltada posição de Querubim cobridor (Ez. 28:14). O orgulho pela beleza e inteligência com que o Criador o tinha originalmente dotado levou-o à queda (Ez. 28:12, 17). Seduziu um terço da hoste angélica (Apoc. 12:4), com a qual foi lançado para fora do Céu (Ap. 12:8, 9, II Ped. 2:4; Judas 6).

Entrando no Éden sob o disfarce de uma serpente, induziu o homem a pecar (Gen:3:1-6), trazendo desta forma pecado e morte à raça

humana (Rom. 5:12). Sua obra desde então tem sido enganar, seduzir, e iludir a família humana (II Cor. 11:3, 14; II Tim. 2:26; I Ped. 5:8; Apoc. 12:9; etc.).

Ele é também chamado de diabo (Mat. 4:10, 11; Apoc. 12:9); Belzebu (Mat. 12:24), Belial (II Cor. 6:15), o tentador (Mat. 4:3), o adversário (I Ped. 5:8), "o príncipe deste mundo" (João 14:30), etc.

Satanás é o líder de todos os anjos caídos (Apoc. 12:4, 7 cf. Pe. 2:4).

De acordo com Apoc. 20, Satanás será confinado à Terra despovoada por mil anos, após o Segundo Advento de Cristo (Veja **Milênio**). No fim do milênio, Satanás será solto de seu confinamento ao serem os ímpios mortos trazidos à vida. Ele irá imediatamente enganá-los, como anteriormente, e os levará a realizar o último esforço para subverter o governo de Deus atacando a Santa Cidade, que estará descendo do Céu no fim dos mil anos. Cai fogo do céu e destrói Satanás e todos os que estiveram aliados a ele (Veja **Inferno**).

Os anjos que aceitaram a liderança de Satanás e foram expelidos do céu com ele estiveram engajados daquele tempo até o presente em realizar os comandos do grande enganador. Eles se esforçam continuamente em infligir sofrimento e morte sobre a humanidade. Esses anjos maus têm o poder de personificar os mortos e assim fazendo enganam os parentes e amigos vivos para crerem que aqueles que se foram não estão realmente mortos, mas estão em uma forma mais avançada de existência. Tal habilidade de Satanás e seus anjos de personificarem os mortos, em conjunto com a crença não escriturística da imortalidade da alma, deu origem ao *Espiritismo.

A literatura ASD pioneira é, na maioria das vezes, visivelmente silente a respeito de Satanás. Uma nota editorial de Tiago White (*Review and Herald*, 16/10/1855) enfatiza que Satanás é um ser real e pessoal; Urias Smith, 17 de setembro de 1861) escreveu mais longamente sobre

um ser pessoal. Ele também falou de anjos maus como trabalhando para enganar os incautos, e dos anjos de Deus que lhes resistem.

Veja também **Miguel, O Arcanjo; Milagres; Origem do Mal; Queda do Homem; Tempo de Angústia de Jacó.**

SAÚDE, PRINCÍPIOS DE. Os ASD crêem que os cristãos deveriam ter preocupação pela saúde, não por causa de qualquer significado legalista, mas pela razão prática de que somente em um corpo sadio poderão oferecer o mais eficiente serviço a Deus e aos outros. A razão para a ênfase sobre os princípios de saúde é a própria saúde. A saúde está relacionada à religião por que ela capacita o homem a ter uma mente clara com a qual entenda a vontade de Deus e um corpo forte com o qual realize Sua vontade.

Os ASD crêem que na queda do homem, três aspectos da natureza humana foram afetados: o físico, o intelectual e o espiritual; e que Jesus, que disse que viera para restaurar o que se havia perdido (Luc. 19:10), procura salvar o homem por completo. Em Seu ministério, Cristo tocou nestes três aspectos: Ele pregou o Evangelho do Reino (espiritual); curou os que estavam mentalmente perturbados (intelectual), e restaurou os que estavam afligidos pela enfermidade (físico).

Além deste exemplo divino de nosso Senhor, os ASD encontram em outra parte no N.T. um reconhecimento da importância de um corpo sadio. Por exemplo, Paulo declara: "Rogo-vos irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é vosso culto racional" (Rom. 12:1). "Acaso não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." (I Cor. 6:19, 20). Posteriormente ele ensinou que a crença na breve vinda de Cristo exige dedicação do homem completo a Deus: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e

corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo." (I Tess. 5:23).

Responsabilidade pela Saúde. Em tal base bíblica, jaz a crença de que há uma responsabilidade perante Deus pela preservação da saúde, e que uma pessoa que conscientemente viola os simples princípios de saúde, trazendo assim sobre si enfermidade, uma saúde precária ou inaptidão física, está vivendo em transgressão à lei de Deus. O fumante que traz sobre si o câncer dos pulmões; o alcoólatra que desenvolve cirrose no fígado; o comilão irregular, o glutão, ou aquele que se entrega a excessivas quantidades de comida elaborada e desenvolve sérias doenças digestivas; o homem de negócios obeso, que trabalha ininterruptamente, ou o sedentário que está acometido de infartes — todos esses são em pequena ou grande medida responsáveis pelas doenças de que padecem e têm a culpa pela negligência do corpo a eles confiado. Esse fato torna altamente prática nossa relação com a questão da saúde, não legalista nem emocional. Se, como os ASD crêem, os cristãos têm a mesma responsabilidade de preservar a saúde como têm de preservar seu caráter, então a promoção de um entendimento mais amplo dos princípios básicos da saúde assume uma parte importante na religião e na Teologia.

É à luz desses fatos que os ASD se preocupam com o cuidado do doente, ajudando a trazer conforto aos que sofrem. Posteriormente, eles procuraram promover, mediante educação, hábitos agradáveis e práticas de saúde pelos quais a enfermidade é diminuída ou prevenida e o corpo é preservado com saúde.

Reforma da Saúde e os Líderes ASD. A ênfase sobre o viver saudável e o senso de responsabilidade pelo corpo individual como um dever cristão surgiu no Movimento ASD no mesmo ano em que a *Associação Geral foi organizada. Era natural que um povo que se

esforçava por aplicar os preceitos bíblicos à sua vida diária devesse considerar seriamente o aspecto físico da vida.

Porém, muitos anos antes, pelo menos um dos líderes pioneiros, o Capitão José Bates, já praticava o que era conhecida como reforma da saúde. Enfatizando os princípios de saúde como parte de sua mensagem, ele pregava a abstinência de estimulantes e narcóticos, embora não exigisse que os outros seguissem seu estilo de dieta.

Foram Tiago e Ellen White que trouxeram o assunto do viver saudável perante os Adventistas. Em 1848, Ellen G. White falou dos danosos efeitos do fumo, chá, e café. Em 1853 e 1855 Tiago White republicou na *RH*, da qual era editor, artigos contra o fumo (24/07/1855). J. N. Andrews, em 1856, escreveu que o uso do fumo é "um pecado contra Deus." Em 1854, a Srª. White admoestou os ASD a que adotassem uma dieta simples e saudável sem gordura e condimento. Em janeiro de 1863, durante uma epidemia de difteria, Tiago e Ellen G. White aplicaram com sucesso o tratamento caseiro a seus dois filhos doentes, recomendado em um artigo de jornal escrito pelo Dr. James C. Jackson, de Danville, Nova Iorque, que enfatizava a importância da dieta saudável, ar fresco e tratamentos pela água.

Os princípios de saúde como parte da ênfase ASD pode ser datada de junho de 1863, quando a Srª. White lançou muito detalhadamente o cultivo da saúde como parte do dever cristão:

> Não é seguro nem agradável a Deus violarmos as leis de saúde, e então pedir a Ele que cuide de nossa saúde e nos guarde das enfermidades, quando estamos vivendo uma vida diretamente contrária às nossas orações (Ms 1, 1863).
>
> Vi que é um grande dever atentar para nossa saúde, e estimular a outros quanto a seu dever. ... Temos o dever de falar, de nos opormos à intemperança de qualquer tipo, — a intemperança no trabalhar, no comer, no beber, em medicar-se, e então apontai os grandes remédios de Deus,

> água, pura e agradável, para as enfermidades, para a saúde, para limpeza, por luxo. ... Não deveríamos estar silentes sobre o assunto da saúde, mas deveríamos acordar nossa mente para o assunto.

Ao mesmo tempo, ela falou contra as drogas e contra a carne, e instou quanto à importância do ar puro e de uma dieta própria. Ela publicou esses princípios no verão de 1864 em *Spiritual Gifts* (Dons Espirituais), vol. 4 (pp. 120-151), e preparou seis artigos sobre "Doenças e Suas Causas" que formariam a série de folhetos "*How to Live"* (Como Viver) em 1865. Somente depois de ter esboçado esses artigos que ela leu alguns dos escritos de James C. Jackson, Russell T. Trall, Sylvester Graham e outros que protestavam contra os costumes populares na dieta e no vestuário e contra as prevalecentes práticas médicas que agora parecem um tanto bárbaras. Alguns desses "reformadores da saúde" defendiam várias idéias extremas das quais ela fortemente discordava, mas estava surpresa por concordar em muitos pontos. A Srª. White incorporou extratos de alguns desses reformadores em seus próprios artigos, nos seis folhetos *How to Live*, selecionando e rejeitando, baseando-se nos princípios que ela havia estabelecido (*RH*, 8 de outubro de 1867).

Em 1865, quando seu marido sofreu um infarto, ela o internou na clínica de saúde do Dr. Jackson em Danville, mas o tirou dali por ter desaprovado alguns dos tratamentos prescritos por ele que poderiam ter sido fatais em seu caso.

Quanto aos princípios de saúde delineados pela Srª. White durante esse período inicial, e que estavam à frente das técnicas prevalecentes em seu tempo, J. H. Waggoner escreveu:

(*Nota do Tradutor*: No tempo de Ellen G. White, remédios altamente químicos e intoxicantes.)

> Não professamos ser pioneiros nos princípios gerais da reforma da saúde. Os fatos sobre os quais esse movimento está baseado têm sido elaborados, e em grande medida, por reformadores, médicos e escritores de psicologia e higiene, e assim podem ser encontrados em todo o país. Mas afirmamos que pelo método de escolha de Deus, a reforma da saúde foi mais clara e poderosamente descerrada, e está produzindo um efeito que não poderíamos ter achado de outra maneira.
>
> Como verdades meramente fisiológicas e higiênicas, elas poderiam ser estudadas por alguns em seu lazer, e por outros ser consideradas como de pouca conseqüência; mas... ela nos chega como uma parte importante da *verdade presente*, a ser recebida com a bênção de Deus, ou rejeitada para perigo nosso (*RH*, 7/08/1886).

Novamente em 1865, a Srª. White enfatizou a natureza essencial dos princípios de saúde e sua relação a outras verdades da Bíblia. Ela escreveu:

> Nós, como povo, devemos tomar a dianteira nesta grande obra. Ministros e povo deveriam agir em conjunto. ... Há ainda alguns poucos que estão acordados suficientemente para entender o quanto seus hábitos de dieta têm a ver com sua saúde, seu caráter, sua utilidade neste mundo, e seu destino eterno. ... Os que observam o sábado e que esperam pelo breve retorno de seu Salvador deveriam ser, no mínimo, os últimos a manifestar falta de interesse nesta grande obra de reforma. Homens e mulheres devem ser instruídos, e ministros e povo deveriam sentir

> que o fardo de sua obra repousa sobre eles para que suscitem o assunto (1*T*, 486-489).

Posteriormente, ela instou com 4.000 membros da IASD de que o progresso dos princípios de saúde não deveria depender inteiramente do ensino dos princípios por meio das publicações. Deveria ser fundada uma instituição para o tratamento dos enfermos sob princípios racionais, e para ensinar aos pacientes como preservarem sua saúde:

> Deveríamos prover um lar para os aflitos e para os que desejam aprender a cuidar de seus corpos para que previnam a enfermidade. Não deveríamos ficar indiferentes e compelir os que estão doentes e desejosos por viver a verdade a ir às clínicas populares de hidroterapia para a recuperação da saúde, onde não há simpatia por nossa fé (*ibid.*, p. 489).

O resultado foi a fundação do primeiro Sanatório de Battle Creek. A Srª. White ressaltou que tal instituição, se corretamente conduzida, seria um meio de ajudar os pacientes espiritual bem como fisicamente; que enquanto seu corpo estiver sendo tratado, sua mente poderá estar aberta a verdades espirituais e sua vida levada a uma comunhão mais íntima com a vontade do Pai Celestial. Em acréscimo, ela propôs um plano pelo qual tal instituição poderia auxiliar aos pobres:

> Aqueles a quem Deus confiou meios deveriam prover um fundo a ser usado para o benefício dos pobres que estão doentes e incapazes de custear as despesas do tratamento na instituição (*ibid.*, pp. 494, 495).

Assim, o Evangelho da saúde tornou-se uma parte da mensagem da saúde "tão intimamente ligada a ele quanto estão o braço e a mão ao corpo humano." (*ibid.*, 486).

SCHEEL, ADOLFO (1874-1948). Pioneiro da Obra Adventista. Nasceu no dia 29 de outubro de 1874, na cidade de Barmen, Alemanha. Aceitou a mensagem Adventista em 1901, aos 27 anos de idade, em seu país. Somente em 1913, veio ao Brasil a fim de trabalhar pela Obra Adventista. Lutou árdua e entusiasticamente na construção dos primeiros prédios do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Não obstante, o seu trabalho no colégio, ajudou também na construção dos primeiros prédios da *Casa Publicadora Brasileira (CPB), em São Bernardo, SP. Por possuir um espírito dedicado e dinâmico era benquisto por todos.

Faleceu no dia 18 de abril de 1948 aos 74 anos de idade, em Caviúna, Norte do Paraná.

SCHIRMER, ROBERTO MATHIAS (1888-1982)**.** Pioneiro em Santa Catarina Nasceu em 1888, filho do pioneiro Friedrich A. Schirmer. Ex-aluno do Pr. *John Lipke. Foi batizado na segunda cerimônia batismal realizada em nosso país.

Em 1899, aos 12 anos de idade participou da primeira reunião de jovens organizada no Brasil, em Gaspar Alto, SC.

Faleceu no dia 12 de novembro, aos 94 anos de idade, em Camboriú, SC.

SCHNEIDER, CHESTER CLARENCE (1892-1956). Pioneiro da Obra médica. Nasceu no dia 16 de abril de 1892, na cidade de Schaffer, no Estado de Kansas, nos Estados Unidos da América.

Durante a juventude, estudou na academia de Lodi, no Estado da Califórnia. Em 1912, foi batizado na Igreja Adventista, tempo em que era estudante no Seminário de Clinton, onde se formou em 1917. Em 1915, casou-se com a Srta. Katharine Ewart, de cujo enlace nasceram dois filhos: Wilbur e Ellsworth. Em 1922, após terminar o curso especializado de missionário médico, no Colégio em Loma Linda, Califórnia, veio ao Brasil para iniciar a sua longa carreira como pioneiro da obra médica. Nos primeiros 12 anos o Dr. Schneider ocupou cargos de relevância na Igreja Adventista como ministro, e mais tarde como administrador de vários ramos da organização, tanto em campos locais como nas reuniões Este e Sul do Brasil. Durante esses anos, o nosso irmão sentiu-se atraído pela obra médico-missionária, e logo envidou todos os esforços possíveis, ingressando então na Escola de Medicina e Cirurgia no Rio de Janeiro, na qual se formou em 1938. Imediatamente, iniciou seus cursos de especialização em Loma Linda, na Califórnia, e em 1941, foi convidado para assumir a responsabilidade de Diretor da *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo, em São Paulo. De 1942 até o dia de seu falecimento, foi diretor-médico da Clínica e Hospital no Rio de Janeiro, primeiro em Santa Tereza e desde 1948, no *Hospital Silvestre.

No dia de seu falecimento, embora em férias, veio ao Hospital e trabalhou numa comissão até as 10 horas da noite, fazendo, juntamente com os seus colaboradores, novos planos e projetos para ampliação do Hospital.

Faleceu no dia 13 de fevereiro de 1956, às 23:00 h., na residência ao lado do Hospital Silvestre, Rio de Janeiro, RJ.

SCHUBERT, WALTER (1896-1980). Professor, administrador e evangelista da *Divisão Sul-Americana da IASD. Nasceu em Bremen, Alemanha, em 1896. Era o mais velho de 4 filhos. Seu pai, George W. Schubert, Pastor metodista, defrontou-se com a verdade do *sábado ao

ler a Bíblia. Semanas depois ao ler o livro *“Bible Readings for the Home Circle*” (*Estudos Bíblicos*) convenceu-se da verdade bíblica e passou a guardar o sábado. Após ingressar na Igreja Adventista do Sétimo Dia, em 1903, George Schubert ocupou posições administrativas relevantes.

Assumiu a presidência da Associação Adventista de Rhemish e Prússia. Durante a primeira guerra mundial, foi nomeado presidente da União Adventista do Centro da Europa. Em 1926, foi eleito secretário-consultor da *Associação Geral e em 1934 passou a ser presidente da Divisão da Europa Central.

Walter Schubert foi educado por pais cristãos e dedicados à obra de Deus. Sentiu o chamado divino para a missão e nasceu-lhe o desejo de ir para a África; no entanto, por outros motivos, embarcou para a América do Sul como missionário voluntário, a próprias expensas na América do Sul.

Chegou à Argentina em 1914. Em novembro de 1914, embarcou para o Chile e em 7 de março de 1921, casou-se com Amera Balada. Da união nasceu-lhes uma filha, Dorita.

Schubert iniciou seu ministério docente numa escola rural de Segui, Entre Rios, Argentina, em 1916 até 1918. Tudo aconteceu enquanto caminhava pelas ruas empoeiradas de um povoado nortista, sem dinheiro, com fome e sem amigos. Pareceu-lhe ouvir uma voz que dizia: “Vá ao correio, que ali há uma carta para você.” De fato, ali havia uma carta com um cheque no valor de 35 pesos argentinos com uma promessa de trabalho. A carta estava assinada por Ernesto Roscher, agricultor Adventista de Crespo, Entre Rios, Argentina. Sensibilizado pela providência divina, procurou um lugar par orar e agradecer ao Senhor.

Continuou ensinando na escola de Segui até 1918. Daí em diante, serviu a igreja durante 46 anos como auxiliar de escritório, departamental, tesoureiro, presidente de Associação, secretário ministerial de divisão e associado ministerial a nível de Associação

Geral. Sua saúde era débil mas sempre prosseguiu, enquanto enfrentava as alternativas de sua enfermidade.

Walter Schubert sempre sonhou com o trabalho evangelístico; todavia, alguns de seus contemporâneos julgavam-no incapaz de fazer evangelismo público, uma vez que era gago.

Aceitou um chamado para pastorear a igreja de Valparaíso em 1923. Todos pensaram que seria um fracasso mas os resultados mostraram o oposto. Com perseverança, apoiada numa vontade de ferro e contínua oração, a deficiência da fala, em lugar de ser um empecilho, transformou-se em atrativo para os ouvintes. Sua personalidade marcante cativava o auditório, e, em 3 anos de trabalho árduo, o número de membros da igreja de Valparaíso triplicou.

Em certa ocasião, Schubert foi tentado a tirar vantagem de ofertas de trabalho fora da obra Adventista, mas a influência de sua esposa fê-lo renovar seus votos de lealdade a Deus.

De 1946 a 1948, Schubert serviu como evangelista da *Divisão Sul-Americana e revolucionou a metodologia do evangelismo público ao introduzir a estratégia das conferências públicas, por sugestão da Sra. F. Longhi, da igreja de Palermo, Buenos Aires. Logo, os Pastores da Argentina e Uruguai seguiram o exemplo e o número de conversos aumentou consideravelmente.

Faleceu no dia 28 de outubro de 1980, em sua residência, em Loma Linda, Califórnia.

SCHÜNEMANN, BERNARDO (1911-1983). Administrador, ex-gerente da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu em Curitiba, PR, dia 14 de outubro de 1911. Era filho de Guilherme e Olga Schünemann, descendentes de imigrantes alemães. Seus pais eram pobres e passavam dificuldade. Seu pai fabricava caramelos e sua mãe costurava até altas horas da noite para ajudar no sustento da família.

Eram fiéis Adventistas do 7º Dia e antes de Bernardo nascer, dedicaram-no ao Senhor.

Bernardo recebeu educação no Colégio Progresso, de Curitiba — escola alemã tradicional. Em 1918, por influência de *Siegfried Kümpel, então obreiro da Missão Paranaense, vai para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Instituto Adventista de Ensino (IAE). Porém, para dar este passo, renuncia à possibilidade de cursar Arquitetura na Alemanha. Dotado de talento artístico, Bernardo estudou desenho e pintura com o professor Frederico Sange, de Morretes — renomado artista em Curitiba.

No Colégio Adventista, Bernardo cursa o Comercial e em 1932 conclui o Curso de Teologia. Foi o orador de sua turma e o lema dos formandos era "Avante".

Casou-se em 1933 com Adele Masbendern, amiga de infância e sua primeira e única namorada. O casamento ocorreu dia 23 de fevereiro em Curitiba, oficiado pelo Pr.* Henrique Stöhr, na época, presidente da Missão Paranaense. Tiveram 2 filhos: Noelir e Elinar.

Bernardo Schünemann recebeu um chamado para trabalhar nos escritórios da *Missão Nordeste, em Recife, Pernambuco; porém Adele não se adaptou ao clima e adoeceu perdendo, como conseqüência, seu primeiro filho.

O casal voltou a Curitiba e, em 1934, Bernardo é chamado para trabalhar na Missão Paulista como auxiliar de tesoureiro. Em 1936, trabalhou em Porto Alegre como tesoureiro da Associação e em 1951, é chamado para assumir a gerência da Casa Publicadora Brasileira.

Durante sua administração, houve muitas melhorias na Casa Publicadora Brasileira. Foi adquirida uma guilhotina Seybold; em 1953, um gerador próprio foi instalado; 1966 o centro telefônico foi ampliado para 40 e depois para 100 ramais; o departamento de arte também foi incrementado através de H. Kaercher. Houve também o lançamento dos periódicos *Revista Nosso Amiguinho (1953) e *Revista Mocidade

(1956). Durante sua administração, muitos livros do *Espírito de Profecia foram traduzidos em português.

Aos 65 anos, não sendo reeleito, aposentou-se, passando a ter momentos difíceis em sua velhice. Sua saúde começou a declinar até que veio a falecer em 1983. Foi enterrado no cemitério de Água Verde, em Curitiba.

SCHWANTES, ARNALDO PEDRO (1881-1963). Nasceu em Pinhas de Santa Maria, RS, em 1881. Conheceu a mensagem Adventista em Taquari, RS, através do *Pr. Huldreich F. Graf e o Pr.*Westphal, missionário alemão. Foi batizado em 1898 pelo *Pr. Ricardo Wilfarth.

Estudou enfermagem em Friedensau, na Alemanha, nos anos de 1907 a 1908. Voltou ao Brasil em 1908, trabalhando como *Colportor em São Paulo, pois ainda não havia um trabalho médico.

Mais tarde, trabalhou no Instituto Paulista (estabelecimento médico de maior prestígio em São Paulo) durante 2 anos. Foi onde conheceu *Estanislava Laura Goeczna e se casaram em 1º de setembro de 1911.

Mudaram-se para Poços de Caldas, onde viveram 20 anos. Ali nasceram os 5 filhos do casal: Willy Ernesto; Érica Alice, Siegfried Júlio, Carlos Frederico e Arnaldo Pedro.

Faleceu em 29 de janeiro de 1963.

SCHWANTES, ARTHUR JOÃO (1876-1940). *Colportor pioneiro na Região Sul do país. Filho do Pr. *Ernest J. T. Schwantes, nasceu no dia 20 de junho de 1876, em Pinhal de Santa Maria, RS.

Casou-se com Clementina Kaercher de Candelária, RS; e dessa união, nasceram 8 filhos: Edith (esposa do Pr. Theófilo Berger); Nelson (Pastor falecido); Esther (Professora falecida — mãe do Pr. Walter Borger); Nestor; Eracema (mãe da esposa do Pr. Romero Reis); Arno

(obreiro Adventista por muitos anos); Selma (Falecida —casada com o Pr. Dermival Stockler de Lima) e Edgar, o filho menor.

Converteu-se pela leitura dos livros vendidos pelo colportor Stauffer e foi batizado pelo Pr. *Huldreich Graf, no Alto Jacuí, em fins de 1897, juntamente com toda a família Schwantes, perfazendo um total de 19 pessoas.

Com o estabelecimento do Colégio em Taquari, mudou-se para lá junto à escola, onde estudou por algum tempo, sendo logo após chamado para a *colportagem. Foi então designado para ser missionário em Campos do Quevedos, município de São Lourenço do Sul.

Naquele tempo, devido às poucas condições financeiras oferecidas pela Obra, era praticamente impossível sustentar uma família tão numerosa, então o Sr. Arthur deixou a obra Adventista para dedicar-se à Apicultura em Taquari. Sendo flagelado por várias enchentes, resolveu mudar-se para Ijuí, onde tornou-se representante do Laboratório Kraemer. Não obstante esses acontecimentos, sua fé e convicção nas promessas deixadas pelo Senhor e Salvador permanecia inabalável.

Faleceu no dia 26 de maio de 1940, em Ijuí, vitimado por problemas cardíacos.

SCHWANTES, ERNEST JULIUS THEODOR (1854-1922). *Pastor, professor, pioneiro no Sul do Brasil. Nasceu no dia 23 de maio de 1854, em Jerusalém Treptow Rega, Pomerânia, Alemanha. Estudou em seu país de origem e em Londres. Concluiu o curso de “Kaufmann” (comerciante). Ainda jovem, veio ao Brasil e exerceu o ofício de Pastor e professor na Igreja Evangélica Luterana. Casou-se em Pinhal de Santa Maria, RS com Elisabeth Magdalena Adami, em 20 de junho de 1874. Deste matrimônio nasceram 8 filhos. No período de 15 a 23 de abril de 1896, faleceram três filhos do casal vitimados de desidratação: Carlos Frederico, 10 anos; Germano, 5 anos e Ernesto Rodolfo, 2 anos, em Sinimbu, município de Santa Cruz, RS.

Após o falecimento dos três filhos em Sinimbu, mudou-se para o Alto Jacuí, onde requereu terras do governo e pretendia terminar seus dias ali, quando o colportor *Albert B. Stauffer vendeu alguns livros, em alemão, para a família Schwantes.

Quando o Pr. *Huldreich F. Graf veio ao Brasil, empreendeu uma viagem pelo interior do Estado do Rio Grande do Sul em companhia de Stauffer, logo após sua chegada. Quando chegaram à casa de Ernest Schwantes, foram recebidos com muita atenção. Schwantes acompanhou Graf a uma viagem a Taquari. Ali, Ernest encontrou um velho inimigo da revolução, também interessado na mensagem Adventista. Os dois se reconciliaram, foram batizados e tomaram juntos a Santa Ceia. Após 10 dias, Graf e Schwantes voltaram ao Alto Jacuí, e ali foram batizadas 19 pessoas. Ernest foi consagrado ancião pelo Pastor Graf e designado como responsável pela pequena igreja. Tal evento ocorreu em fins do ano de 1897.

Em agosto de 1898, o Pr. Graf voltou à casa de Ernest Schwantes e o convidou para acompanhá-lo em uma viagem de 100 dias pelo interior do Estado. Passaram por São Pedro do Sul, Ijuí, Passo Fundo e Carazinho, onde encontraram a família Kümpel.

O Pr. Graf sentia-se satisfeito porque tinha como companheiro alguém que sabia falar Português e conhecia o interior do Estado do Rio Grande do Sul. Enquanto o Pr. Graf dedicava-se aos alemães, Schwantes era enviado aos falantes de língua portuguesa. Prestou relevantes serviços no município de Santo Antônio da Patrulha. Visitou também Campestre, Rio dos Sinos, Cantagalo e Rolante.

Em Santo Antônio da Patrulha, foi intimado pelas autoridades e pelo padre para defender sua fé em praça pública. Seu verso bíblico predileto era: “Não temais, ó pequeno rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o reino.” Lucas 12:32. Foi escoltado e guiado por outro caminho e assim escapou das mãos que pretendiam matá-lo no Estado de Santa Catarina.

Trabalhou também em Estado de Santa Catarina, Orleães do Sul, onde batizou a família Berger. Foi enviado a Portugal, com sua esposa e filha Lídia. Moraram em Lisboa, Porto e Carcavelhos. Viajou também para a Espanha, Alemanha e Suíça.

Assistiu a uma reunião de uma comissão da Conferência Geral convocado para Gland, Suíça em 1907. Foi pioneiro da mensagem Adventista na cidade de Porto em 1908. Em 1910 e 1911, fez trabalho de pioneiro no Nordeste do Brasil.

Sentindo-se doente, dirigiu-se a São Paulo para tratamento, falecendo no dia 25 de outubro de 1922. Recebeu os últimos cuidados de seu neto, Pr. Nelson Schwantes. Foi sepultado em São Paulo.

SCHWANTES, ESTANISLAVA LAURA GORECZNA (1889-1954). Adventista pioneira. Nasceu no dia 31 de março de 1889, em Lublin, Polônia, tendo emigrado com sua família para o Brasil em 1908. Seus pais residiram em Nova Europa, no centro do Estado de São Paulo e Estanislava ficou na capital.

Trabalhou no Instituto Paulista (estabelecimento médico) como enfermeira, onde conheceu *Arnaldo Schwantes, com quem veio a casar-se em 1º de setembro de 1911.

Mudaram-se para Poços de Caldas, onde viveram por 20 anos. Ali nasceram os 5 filhos do casal: Willy Ernesto, Érica Alice, Siegfried Júlio, Carlos Frederico e Arnaldo Pedro.

Foi batizada pelo *Pr. Ricardo Wilfart, no Rio de Janeiro, em 1927.

Faleceu no dia 18 de abril de 1954, em São Paulo, SP.

SCHWANTES, NEHON (1903-1988). *Pastor e administrador. Nasceu no dia 8 de janeiro de 1903, em Cachoeira do Sul, RS. Era filho de *Arthur e Clementina Schwantes.

Em 1903, casou-se com Anna Becker, de cuja união nasceram os filhos Lulila, Berenice e Paulo. Formou-se em Teologia no ano de 1932, no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Iniciou seu ministério em Araraquara, SP, como auxiliar do Pr. *Jerônimo G. Garcia. Transferido para o Paraná, foi Pastor da *IASD Central de Curitiba, e de volta a São Paulo, pastoreou a *IASD Central Paulistana.

Em 1940, foi nomeado presidente da *Missão Mato-Grossense da IASD, e depois foi Presidente da *Missão Goiana-Mineira da IASD. Transferido para *Associação Rio-Minas pastoreou várias igrejas, entre as quais a Central de Belo Horizonte. Em 1953, atuou como presidente da *Missão Bahia-Sergipe, jubilando-se em 1954.

Faleceu em 1988, aos 85 anos de idade.

SECRETÁRIO DA IGREJA. O oficial da Igreja que é a secretária de todas as reuniões da Igreja, incluindo as reuniões de comissão, e mantém em dia os relatórios da Igreja contendo o registro dessas reuniões e a lista de membros. Ela acrescenta ou tira nomes da lista de membros, mas apenas por voto da Igreja (exceto quando um membro falece, então a secretário registra a data da morte sem participação da Igreja). Ela também envia a correspondência de transferência de membros para alguma outra Igreja. Veja **Igreja Local, I, 2.**

Em acréscimo, a secretária mantém um registro dos cultos especiais, preenche as credenciais para os delegados da sessão da Associação e fornece certos relatórios pedidos pela Associação, entre esses relatórios de membros dos registros da secretaria.

SEDE DE ACAMPAMENTOS ADVENTISTA ITAPEMA, SC. Localiza-se no município de Itapema, SC, a 500 m da Estrada Federal Florianópolis-Curitiba, bem enfrente à praia. É uma das mais

belas praias do sul do país, com serras, matas, formações de pedras à beira-mar.

Esta Sede de Acampamentos tem servido para a realização de cursos de *Colportagem, treinamento de instrutores de obreiros leigos, cursos para professores, administradores e pastores.

Em 14 de maio de 1963 a *Missão Catarinense da IASD comprou uma propriedade para estabelecer uma Sede de Acampamentos Adventista. O presidente da Missão Catarinense da época, era o Pr. João Wolf. Não tendo recursos, a Missão convocou jovens para a construção, juntamente com a ajuda financeira da *Divisão Sul-Americana da IASD, e da *Sociedade M. V

O primeiro acampamento M.V. foi realizado nos dia 29 de dezembro a 4 de janeiro de 1964.

Foi construído um refeitório, cozinha e chalés de alojamento, com capacidade para 90 pessoas.

Realizou-se uma série de conferências no refeitório para os moradores dos arredores, com a freqüência de 150 a 200 pessoas todas as noites. Não havendo nenhum adventista na região, a instalação da sede propiciou a oportunidade de evangelizar a cidade, existindo hoje, uma igreja local.

SEDE DE ACAMPAMENTOS DA JUVENTUDE DE GUARAPARI, ES. A Sede de Acampamentos da Juventude de Guarapari, ES, está localizada no Km 45 da Rodovia ES 60. Pertence e é administrada pela *Associação Espírito-Santense da IASD. A sede está construída em uma área de 100.000 m^2 (cerca de 2 alqueires de frente para o mar), numa extensão de 500 m, próximo à cidade de Guarapari, ES.

O Acampamento possui casas com capacidade para acomodar até 10 pessoas; calçamento; iluminação; área de esportes; área de camping. A estrutura física permite receber até 600 pessoas de uma vez.

O *"Maranatha Flights"*, um grupo de voluntários Adventistas que viaja a várias partes do mundo, custeando suas próprias despesas para prestar serviços a instituições, vieram ao Brasil, convidados pela Associação Espírito-Santense e construíram um refeitório com a capacidade para 600 pessoas, em 1984.

A sede de Acampamentos de Guarapari foi adquirida durante a administração do Pr. Palmer Harder. O primeiro acampamento realizou-se em 1958, durante os dias de carnaval. A partir daí, muitos acampamentos, concílios, encontros e retiros têm sido realizados nesse local, considerado a Sede de Acampamentos Adventista mais bem localizada do Brasil.

SEDE DE ACAMPAMENTOS DA JUVENTUDE DO PARANÁ. Localiza-se na Rodovia das Cataratas, Km 6, a 8 quilômetros da cidade Foz do Iguaçu e das 14 cataratas. Pertence e é administrada pela *Associação Norte-Paranaense da IASD. Ocupara uma área de 4 alqueires. Há uma área gramada para acampamento, dois dormitórios para 80 pessoas e 4 apartamentos; salão com capacidade para 30 pessoas, piscina e quadras esportivas.

A pedra fundamental da Sede foi lançada em 22 de maio de 1977 e inaugurada em1º de julho de 1979, com a presença de 1.000 pessoas vindas do Brasil, Argentina e Paraguai.

O 1º *Camporee* Sul-Americano foi realizado no acampamento de Foz do Iguaçu, no período de 28 de dezembro a 04 de janeiro de 1984, com a presença de 4.000 desbravadores de toda a *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA).

O local da Sede de Acampamentos é privilegiado por estar entre 3 países (Brasil, Argentina e Paraguai) e próximo às Cataratas do Iguaçu, conhecida internacionalmente.

SEDE DE ACAMPAMENTOS DA JUVENTUDE DO RIO DE JANEIRO. Localiza-se na Av. Casa de Pedra, 646, em Penedo, Município de Resende, RJ, próximo ao Parque Nacional de Itatiaia. Pertence e é administrada pela *Associação Rio de Janeiro da IASD. A Instituição possui sede própria.

Concílios, encontros e cursos são realizados neste local. Em anos recentes, o acampamento foi totalmente reformado.

A propriedade foi adquirida por Toivo Assinainen e Liliam, sua esposa, ambos Adventistas, de nacionalidade finlandesa. Sua construção teve início em 1937 e durante 14 anos, Toivo Assilainen construiu artesanalmente uma grande casa de pedras que recebeu o nome de Satulina, que em finlandês significa "Castelo de Fadas". Posteriormente, a propriedade foi comprada pela Organização Adventista. Sua oficialização ocorreu em 1952, com o atual nome e endereço. Foi o primeiro acampamento da *Divisão Sul-Americana da IASD.

O primeiro acampamento cultural ocorreu de 02 a 09 de agosto de 1953, com a participação de 70 jovens. O segundo foi em 25 de julho de 1954.

Seus primeiros professores foram Carlindo e Hugo Lertonne oferecendo todos os cursos dirigidos pela IASD.

Eventos importantes que merecem destaque em sua história foram o batismo de D. Manuela Cristina juntamente com sua mãe D. Luíza Maria de Jesus e, o período que foi administrada por Hugo Lertonne (*in memorian*) durante 27 anos.

Sua primeira administração era composta por:

Diretor: Hugo Lertonne;

Secretária: Gertrude;

Tesoureira: Ana Lertonne.

SEDE DE ACAMPAMENTOS J.A. DA MISSÃO BRASIL - CENTRAL. Localiza-se a 30 Km de Brasília, DF. Pertence e é administrada pela *Associação Brasil Central da IASD.

Em 26 de março de 1970, foi inaugurado o refeitório (14m x 7m) sob a responsabilidade do Pr. Roberto Chase. Nessa ocasião teve início um grande acampamento J.A. com a presença de mais e 70 jovens. Há também chalés para alojamentos.

SEGUNDA CHANCE. Veja **Porta da Graça**.

SEGUNDA MENSAGEM ANGÉLICA. Veja **Babilônia Simbólica; Três Mensagens Angélicas.**

SEGUNDA MORTE. Veja **Inferno.**

SEGUNDA VINDA. Veja **Segundo Advento.**

SEGUNDO ADVENTO. O retorno de Jesus Cristo à terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Embora a frase não apareça na Bíblia, o ensino do retorno de Cristo constitui um tema favorito dos escritores do N.T. que falam por exemplo, do aparecimento de nosso Senhor “uma segunda vez” (Heb. 9:28). O próprio Jesus prometeu: “Virei outra vez.” (João 14:3).

O termo mais freqüente do N.T. para o Segundo Advento é *parousia*, significando “presença” (literalmente, “estando ao lado”), e, por extensão, a “vinda” e “chegada” que resultam na presença”. A palavra ocorre 24 vezes no N.T.. Em Fil. 2:12, Paulo contrasta sua presença (*parousia*) entre os Filipenses com sua ausência (*apousia*) dentre eles (II Cor. 10:10). Mais freqüentemente, porém, o contexto

requer o significado de “chegada” ou “vinda” por *parousia*. Por exemplo, a chegada (*parousia*) de Estéfano, Fortunato e Acaio de Corinto trouxe alegria a Paulo e refrigerou seu espírito (I Cor. 16:17, 18). A chegada (*parousia*) de Tito com as boas novas de Corinto confortou Paulo em suas preocupações pela igreja dali (II Cor. 7:6). Enquanto prisioneiro em Roma, Paulo expressou a esperança de ser liberto e de sua vinda (*parousia*) novamente até os filipenses (Fil. 1:26). Escritores helenistas dos tempos ptolomaicos em diante (e em papiros gregos), usam *parousia* como um termo técnico para a “visita” oficial de um rei ou imperador ou outra pessoa de autoridade. Por isso, essa palavra foi escolhida pelos escritores do N.T. para expressar o Advento Messiânico de Cristo em glória para julgar o mundo no fim da era presente (Mat. 24:3, 27, 37, 39; I Cor. 15:23; I Tess. 2:19; 3:13; 4:15; 5:23; II Tess. 2:1, 8; Tia.5;7, 8; II Ped. 1:16; 3:4, 12; I João 2:28). À luz de seu uso helênico, a palavra reflete a majestade de nosso Senhor em Seu retorno.

Outro termo usado para o Advento é *apokalypsis*, significando “revelação”, “descobrimento”, “abertura” (I Cor. 1:7; II Tess. 1:7; I Ped. 1:7, 13). Em sua primeira vinda, a glória de Cristo foi velada, e Sua divindade foi revestida pela humanidade. Mas em Sua Segunda Vinda, Sua glória e majestade devem ser descobertas para que todos os homens a vejam (Mat. 24:30).

O Advento é também referido como *epiphaneia*, “uma manifestação”, “aparecimento” (I Tim. 4:1, 8; Tito 2:13). No grego helênico, esse era um termo técnico para a visível manifestação de uma divindade. Uma vez no N.T. (II Tim. 1:10), esse refere-se ao primeiro advento como uma manifestação da graça divina. Em outra parte, refere-se à grande e final intervenção na história humana, o Segundo Advento.

Embora *eleusis*, “vinda”, não seja usada para o Segundo Advento (exceto nas leituras variantes do Codex Bizantino em Luc. 21:7 e 23:42), o verbo relatado *erchomai* significando “vir”, é usado (Mat.

16:27, 28; Mar. 13:26; 14:62; Luc. 9:26; João 14:3; Atos 1:11; I Cor. 4:5; 11:26; Apoc. 1:7; 3:11; 22:7, 20). O verbo *phaneroo*, "tornar visível, "ou "manifestar", é aplicado ao Segundo Advento (Col. 3:4; I Ped. 5:4; I João 2:28; 3;2).

Finalmente, há freqüentes referências ao "dia" (Rom. 13:12; Heb. 10:25), ou "aquele dia" (Mat. 7:22; 24:36; Luc. 10:12; 21:34; I Tess. 5:4; II Tess. 1:10; II Tim. 1:12, 18; 4:8); ou mais especificamente ao "dia de Deus" (II Ped. 3:12), "o dia do Senhor" (I Tess. 5:2; II Ped. 3:10), "o dia de Jesus Cristo" (Fil. 1:6), "o dia de Cristo" (Fil. 1:10),"o dia de nosso Senhor Jesus Cristo" (I Cor. 1:8), "o último dia" (João 6:39, 40, 44, 54), "o grande dia" (Judas 6; Apoc. 6:17), "o dia do juízo" (II Ped. 2:9), "o dia da ira" (Rom. 2:5), e "o dia da redenção" (Ef. 4:30).

Como o nome indica, os ASD enfatizam a Segunda Vinda, crendo não somente no retorno de Cristo, mas que Ele voltará logo, embora não marquem nenhuma data para o evento. A origem dos ASD remonta ao tempo do movimento do advento não denominacional do século dezenove, de todas as preeminentes denominações protestantes daquele tempo, o laço de unidade que os manteve unidos era a crença na proximidade do retorno de Cristo (Veja **Pré-milenismo**). Esta profunda convicção resultou num grande reavivamento religioso em várias partes do mundo. Os fundadores ASD tinham pertencido ao grupo originado do chamado *Movimento Milerita na América, que ensinava que o Segundo Advento poria fim ao presente mundo e fixaria o destino de todo ser humano. Como os Mileritas (e outros pré-milenistas), os ASD aceitam o ensino do N.T. de que o Advento deverá ser um aparecimento literal e pessoal (Atos 1:9-11), que é seguido pela primeira *Ressurreição e pelo *Milênio.

A vinda de Cristo pela segunda vez não deve ser confundida coma presença espiritual de Cristo com seus crentes desde Sua ascensão (Mat. 28:20; João 14:18). De acordo com Atos 9:1-11, essa vinda deve também ser distinguida da descida do Espírito Santo como representante

de Cristo no Pentecostes ou em outro tempo. Não deve ser confundida com a morte (João 21:22). Como Tiago White escreveu: Cristo "está vindo como o Doador da Vida, e como o melhor amigo do crente. A morte é quem lhe arrebata a vida e o último inimigo do homem." I Cor. 15:26 ("The Second Advent", *Review and Herald*, dezembro de 1872.). O Advento é uma vinda pessoal e literal, o correlativo da ascensão de Jesus — "esse mesmo Jesus" e "da mesma maneira" (Atos 1:9-11); "o Próprio Senhor" (I Tess. 4:16).

Este clímax da história terrestre será público, visível aos crentes e ímpios de igual modo (Mat. 24:27, 30; 25:31-46; Luc. 17:24; I João 3:2; Apo. 1:7). Será acompanhado por uma audível voz de comando e pelo convite de uma trombeta (Mat. 24:31; I Tess. 4:16; I Cor. 15:51, 52). Não há, portanto, nada de secreto nele.

O N.T. não divide o Advento em eventos separados, um secreto e outro público, um pretenso arrebatamento dos santos e outro uma revelação de Cristo. A passagem principal sobre a transladação dos santos (I Tess. 4:15-17) descreve a vinda de Cristo como acompanhada por "alarido e voz de arcanjo" e com o soar de uma trombeta. Jesus descreveu Seu aparecimento nas nuvens do céu como ocorrendo antes do ajuntamento dos eleitos, não após, e esses eventos como ocorrendo em imediata sucessão e como partes de uma gloriosa aparição (Mat. 24:30, 31; Mar. 13:26, 27). A vinda de Cristo será com as nuvens" (Apo. 1:7), "nas nuvens" (Mat. 24:30; 25:62; Mar. 13:26; 14:62), ou "em uma nuvem" (Luc. 21:27; Atos 1:9; I Tess. 4:17); acompanhada por hostes angelicais (Mat. 24:31; Mar. 8:38; 13:27; Apo. 14:14-16). Sua vinda é referida como gloriosa (Mat. 16:27; 24:30; 25:31; Mar. 10:37; 13:26; Luc. 9:26; 21:27; I Ped. 4:13; 5:1), e é comparada a um forte relâmpago que ilumina todo o céu (Mat. 24:27; Luc. 17:24).

O N.T. apresenta o Advento como acompanhado pela ressurreição dos justos (Luc. 14:14; João 5:28, 29; 6:40, 44; 11:24; Atos 24:14, 15; I Cor. 15:22, 23; I Tess. 4:15-18) e esta ressurreição para a vida e

imortalidade (Luc. 20:35, 36; I Cor. 15:52,53) e o início do milênio (Apo. 19 e 20).

O Segundo Advento marcará o final da presente ordem de coisas e é, portanto, referido como "o fim do mundo" (Mat. 13:39-40, 49; 24:3; 28:20). A frase traduzida "fim do mundo "poderia ser melhor descrita como "o fim dos tempos" ou "consumação dos tempos." O N.T. vê o tempo como uma sucessão de épocas. A eternidade passada é descrita por expressões significando literalmente como "dos séculos eternos" (Ef. 3:9; Col. 1:26; I Cor. 2:7). A eternidade futura é descrita por expressões significando literalmente "pelos séculos dos séculos" (traduzido como "para sempre e sempre," Luc.1:33; Rom. 1:25; II Cor. 11:31; Judas 25; Gál. 1:5; I Ped. 4:11, Apo. 1:18, etc.), ou simplesmente "séculos vindouros" (Ef. 2:7). A existência humana é referida como dividida entre o presente século e século por vir (Mat. 12: 32; Ef. 1:21). O presente século é mau (Gal. 1:4; Luc. 20:34) no qual o homem perece. Este continuará até que a *parousia* e o juízo, quando o século por vir se iniciará. A terra permanecerá, mas será posteriormente renovada para serem removidos todos os indícios de pecado e morte.

Antes do Advento, o destino de todo ser humano será fixado (Apoc. 22:11, 12). (Veja **Juízo Investigativo; Porta da Graça)**. Durante o "dia do Senhor," que se inicia no Segundo Advento e finaliza após o milênio, o juízo será executado sobre todos (Mat. 7:21-23; 13:30, 43; 16:27; 25:31-46; At. 17:31; Rom. 2:5, 16, 14:10; I Cor. 3:12-15; 4:5; II Cor. 5:9-11; II Tim. 4:1; Judas 15; Apoc. 1:7). Os eleitos de Deus serão ajuntados da terra para Se encontrarem com o Senhor nos ares (Mat. 24:31; Mar. 13:27; I Tess. 4:16, 17). Eles se tornarão imortais e glorificados e entrarão no reino da glória, que será então estabelecido (I Cor. 15:51-55); Mat. 25;31). O desejo de Cristo que Seu povo esteja com Ele será então cumprido (João 17:24), e Sua promessa de voltar e os levar para Si será cumprida (cap. 14:3).

Embora ninguém possa determinar o tempo exato do retorno de Cristo, a Bíblia fala de presságios e sinais que atestam sua iminência. Pela convergência em nossos dias das grandes profecias dos livros de Daniel e Apocalipse, por exemplo, vê-se evidência importante para a proximidade do Advento.

Em Seu Sermão no Monte das Oliveiras (Mat. 24; Mar. 13; Luc. 21) O Próprio Senhor deu uma série de sinais pelos quais Seus seguidores poderiam saber quando Sua Vinda estaria próxima, “às portas” (Mat. 24:33). Esse discurso foi dado em resposta às questões de Seus discípulos a respeito do tempo da destruição de Jerusalém, a *parousia* e o sinal do fim dos tempos. Em Sua resposta, Jesus mesclou a descrição dessas duas crises e deu sinais para ambas. Ele também deu um esboço dos eventos desde Seus dias até o fim da história humana. Haveria sinais nos céus e na terra (Mat. 24:29, 30; Luc. 21:25-27), e um sinal seria a pregação do Evangelho em todo o mundo (Mat. 24:14; Apo. 14:6-14).

O apóstolo Paulo predisse o surgimento do *anticristo, o homem da iniqüidade, antes da *parousia* (II Tess. 2:1-9). Ele também descreveu as condições sociais e religiosas que prevaleceriam nos últimos dias (II Tim. 3:1-5). O livro de Tiago preconiza difíceis relações entre o capital e o trabalho (Tia. 5:1-5). Pedro nos fala da atitude céptica em relação à “promessa de Sua vinda” que caracterizaria os últimos dias (II Ped. 3:1-6). O apóstolo refuta a filosofia uniformista desses escarnecedores referindo-se às estupendas mudanças trazidas pela *Criação e pelo *Dilúvio. Ele segue explicando a demora para a vinda do *juízo: (1) Tempo não significa o mesmo ao Deus eterno como significa para nós (v. 8); (2) Deus é longânimo e adia o juízo para dar tempo para arrependimento (v. 9). Mas a vinda daquele dia é certa (v. 10).

O livro do Apocalipse trata extensamente sobre o Advento, e termina com a promessa, “Certamente venho sem demora.” Santos fiéis

em todas as épocas têm respondido com a oração: “Ora vem, Senhor Jesus” (Apoc. 22:20).

SEIDL, ALÍCIA VICTÓRIA WEISS (1917-1986). Pioneira, enfermeira e professora. Nasceu no dia 3 de abril de 1917, em Crespo, a 25 Km do atual Sanatório Adventista Del Prata, na cidade de Entre Rios, Argentina.

Foi professora primária na Escola Paroquial Adventista na Argentina, e fez o curso superior de enfermagem no Hospital Adventista de Puiggari, Argentina.

No dia 2 de fevereiro de 1938, casou-se com o enfermeiro e pastor Paulo Simon Seidl, de cuja união nasceram 3 filhos. Amilton, Haroldo, e Ruth, sendo essa já falecida.

Nesse mesmo ano, após o casamento, veio para o Nordeste do Brasil juntamente com o esposo. Atuou 12 anos na Lancha Luminar I, no Rio São Francisco, atendendo como professora e enfermeira corajosa e dedicada a população ribeirinha.

Sempre alegre e caridosa, não atentava para as dificuldades de trabalho e de região. Estava sempre ao lado do esposo, ajudando-o também na lides pastorais, e mesmo depois da aposentadoria, não diminuiu em nada seu zelo e fervor no trabalho de Deus.

Faleceu no dia 30 de abril de 1986, aos 69 anos de idade, vítima de enfarte.

SEITA. Sistema de crença religiosa e culto, especialmente uma que seja peculiar a um grupo étnico ou nacional. Neste sentido a religião de Israel com suas festas e sacrifícios tem sido referida como uma seita. Outras antigas civilizações tais como a Fenícia e o Egito tinham seu próprio culto. Quando é aplicado a grupos contemporâneos, o termo é geralmente usado de modo depreciativo e sugere que os grupos assim

descritos diferem do que é considerado como uma norma aceitável de crença e prática.

Ocasionalmente, alguns escritores ultraconservadores classificam os ASD como uma seita, geralmente por causa de uma má interpretação dos ensinos ASD ou por causa de uma intenção deliberada de deturpar seus ensinos. Os ASD não consideram que o termo “seita” seja exato para os definir, em vista do fato de que eles aceitam sem reservas os dogmas históricos da fé cristã, tais como a inspiração da Bíblia, a Bíblia como única regra de fé e prática, a Trindade, a divindade e preexistência de Cristo, Sua morte vicária, salvação pela fé em Cristo somente, e a Segunda Vinda de Cristo em poder e glória para aniquilar o mal e estabelecer Seu reino eterno.

SELAMENTO. Veja **Selo de Deus.**

SELO DE DEUS. Forma abreviada de “selo do Deus vivo” de Apoc. 7:2. Em visão, João viu este selo afixado na fronte dos 144.000, os “servos de Deus”, 12.000 de cada “tribo de Israel”. Um anjo “subindo do Leste”, com o selo, chama pelos “quatro anjos nos quatro cantos da Terra, que seguram os quatro ventos da Terra, dizendo: “Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos em suas frontes os servos de Deus”. No cap. 14:1-5, lemos que os 144.000 têm o “nome de seu Pai em suas frontes”, evidentemente o selo de Deus contém o nome de Deus. Os selados são as primícias de Deus e do Cordeiro (3, 4). Os caps. 7:15 e 14:3, 4 ambos determinam o lugar dos 144.000 “ante o trono “de Deus, em sua presença imediata; no primeiro, eles “O servem dia e noite em Seu templo,” e no último, eles “seguem ao Cordeiro por onde quer que vá”. Os 144.000 permaneceram leais a Deus mediante a experiência referida como a grande tribulação, durante a qual, eles lavaram suas vestes, e as alvejaram no sangue do Cordeiro” (7:14); no

cap. 14:3, eles cantam “novo cântico diante do trono”, cântico que só os que tiveram a experiência da grande tribulação podem aprender. Passando por essa experiência com caráter imaculado, eles permanecem “sem mácula perante o trono de Deus” (4:5).

A visão de João do selamento (cap. 7:1-12) está inserida sob o sexto selo, que trata de eventos culminantes na *Segunda Vinda de Cristo (Veja cap. 6:13-16). Isso sugere que o selamento aqui descrito ocorre muito antes da vinda de Cristo e que “a grande tribulação pela qual passam os 144.000 é o impacto dos quatro ventos mencionados no cap. 7:1-3. A menção dos 144.000 do cap. 14:1-5 (seguindo imediatamente a crise descrita no cap. 13:13-17, na qual um decreto de morte é publicado contra os que se recusam a adorar a imagem da besta e receber sua marca em suas frontes) implica em que a soltura dos quatro ventos (cap., 7:1-3), a “grande tribulação” (v. 14), e a crise do cap. 13:13-17 todos se referem à mesma experiência pela qual eles permanecem leais a Deus face à morte. O selo é afixado neles antes da crise, como um certificado da aprovação de Deus. Deus confia neles e eles confiam nEle.

Igualando as palavras “sinal” e “selo” como usadas na Bíblia, os pioneiros ASD notaram também que o sábado é chamado de “sinal” entre Deus e Seu povo. (Êx. 31:13-18; Ez. 20:12, 20) e que o mandamento do sábado contém os três elementos do selo oficial: o nome, o título, e jurisdição a quem o selo representa. Eles descobriram que o 4º mandamento do Decálogo se refere ao “Senhor teu Deus” (nome), a Ele como Criador (título), e ao Céu e Terra (Sua jurisdição). A aceitação da verdade do sábado, concluíram, é o recebimento do selo de Deus e a aceitação de um engano é a “marca” da besta e sua autoridade (Veja **Marca da Besta**).

Ellen G. White identificou o selo de Deus com o sábado em novembro de 1848 e Bates escreveu seu livro sobre o assunto em 1849. Também em 1849, a Srª. White escreveu que a obra de selamento estava

então sendo levada a efeito (*Present Truth*, ago. de 1849). Na próxima edição (set. de 1849), Tiago White citou Ez. 13:5 como a evidência de que o reparo da brecha do sábado (Is. 58:12-13) precede imediatamente a grande batalha do grande dia do Senhor .

> Assim vemos que a poderosa obra de reparar a brecha na lei de Deus, ensinando e observando o sábado, que tem sido por tanto tempo pisado, pertence exatamente a essa ocasião, pouco antes de os quatro anjos soltarem os quatro ventos, para que o Israel de Deus possa guardar toda a lei e seja selado com o selo do Deus vivo que os capacitará a "subsistir da batalha do grande dia do Senhor". (*ibid.,*)

Ele comenta posteriormente que "o reparo na brecha na lei de Deus e o selamento são a mesma obra, pouco antes do dia do Senhor".

Em 1850, Tiago White escreveu:

> Deus tem sempre tido um teste da verdade com a qual selará o Seu povo. ... Mas a última verdade de selamento é a imutável lei de Jeová, da qual o sábado é o testemunho coroador. ... O sábado é o selo, e o Espírito Santo é o selador. (*Advent Review*, 09/1850).

Na *Review and Herald* de 24/06/1852, Benjamin Clark falou do "tempo de selamento" como "agora", e disse que o povo de Deus seria "selado para sempre com o amor da verdade". Em uma série de três extensos artigos, Hiram Edson associou o selo ao 4º mandamento, declarou que a lei é selada no coração do povo de Deus (Is. 8:16), e disse, "O sábado, então, é o SINAL ou *selo* do Deus vivo". Seu argumento jaz no fato de que o quarto mandamento contém os elementos

do selo real. Ele também contrasta ao selo de Deus com a marca da besta e ressalta a mudança da lei de Deus pelo papado como um sinal de Sua autoridade que até mesmo os protestantes reconhecem. Roswell Cotrell: "A última mensagem antes do tempo de angústia é a mensagem do selamento". Urias Smith identificou o anjo do selamento de Apoc. 7 com o terceiro anjo de Apoc. 14 e determinou o "selamento" aos nossos dias. Ele também reconhece o mandamento do sábado como contendo o selo de Deus, porque ele estabelece as características distintivas entre o verdadeiro Deus e os falsos deuses. Ele fala do Santo Espírito como o "selador", e associa o selamento de Apoc. 7 à marca de Ez. 9. Cotrell (*ibid.* jul. de 1849) iguala as palavras "sinal" e "selo" e fala da obra de selamento como a última obra a ser feita para o povo de Deus em seu estado de provação. "O sábado alterado", ele diz, "torna-se a marca da besta". Ellen G. White escreveu extensivamente sobre o selo de Deus e sua importância para a Igreja hoje. Aparecem referências sobre o selo em *Primeiros Escritos*, que contém suas primeiras obras (pp. 38, 43, 50, 57, 58, 71, 89, 279).

Os ASD hoje ainda consideram a obra de selamento como sendo grandemente importante, mas enfatizam também o selo como o reconhecimento divino de que Seu próprio santo caráter é refletido em Seus filhos na Terra.

SELS. Veja **Serviço Educacional Lar e Saúde (SELS).**

SEMANA. Divisão de tempo de sete dias, finalizada pelo sábado (Gên. 2:1-3). Os ASD vêem a evidência para a continuidade da semana no fato histórico do uso da semana através dos séculos (antes e depois do tempo de Cristo) pelos judeus vastamente espalhados, que não poderiam ter simultaneamente perdido a conta dos dias. Houve também uma pausa independente no alinhamento bíblico da semana com a

semana astrológica pagã usada por muitos séculos, começando com os tempos helenísticos. A revisão no calendário não alterou a semana (1852).

SEMANA DE ORAÇÃO. Semana especial de oração (nas noites semanais e em duas manhãs de sábado), quando se realizam cultos todas as noites durante a semana, culminado com uma cerimônia de Santa Ceia na sexta-feira à noite ou no sábado pela manhã. O objetivo é apresentar mensagens contínuas para o fortalecimento da igreja e dedicar tempo especial para oração individual e coletiva.

A **Revista Adventista* publica uma Semana de Oração por semestre para todo o Brasil, geralmente sobre assuntos de família.

SEMINÁRIO ADVENTISTA. Veja **Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia (SALT).**

SEMINÁRIO ADVENTISTA LATINO-AMERICANO DE TEOLOGIA (SALT). Localiza-se no *Instituto Adventista de Ensino, Campus Central (IAE/Ct), Engenheiro Coelho, SP. Esse curso funciona com regime de internato, com Bacharelado em Teologia Pastoral, Línguas Bíblicas ou Teologia Educacional e Instrutor(a) Bíblico(a). Pertence e é administrado pela *União Central Brasileira da IASD.

A fundação do curso deu-se no início da então Escola Missionária. O curso oferecido na época, em 1915, consistia em preparar estudantes, em um curto espaço de tempo, para trabalhar na Obra Adventista, por isso recebeu o nome de Curso Introdutório.

O primeiro ano de funcionamento não foi considerado letivo, pois as aulas iniciaram atrasadas (3 de julho de 1915). Em 1916, iniciou-se o

ano considerado letivo com 35 alunos e dessa turma, formaram-se nove alunos, sendo a 1ª de turma de formandos do colégio, em 1922.

A iniciativa surgiu em conseqüência da formação do colégio. As condições da época eram precárias. As primeiras instalações eram pequenas barracas que serviam como alojamento para os professores e alunos.

Já em agosto de 1915, puderam lançar a pedra fundamental do prédio onde instalaram o dormitório, refeitório, as salas de aula, etc.

Seus pioneiros e também os primeiros professores foram o Dr. *John Lipke, Pr. *John Boehm e Paulo Henning.

Ao longo do tempo, as turmas foram crescendo, o colégio foi criando novos horizontes e à medida que ocorriam essas transformações, o antigo Curso Introdutório também começou a mudar seu aspecto e receber outros nomes com algumas alterações, tanto nos anos de duração como nas matérias e também no idioma pois as primeiras aulas eram ministradas em Inglês, Português e Alemão.

Em 1916, recebeu o nome de Ministerial; em 1921, Secundário; em 1926, Curso Introdutório Ministerial; 1931, Curso Superior; 1942, Curso Teológico 1955, Faculdade Adventista de Teologia (FAT)

Finalmente em 1979, a FAT passou a fazer parte integrante do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia.

Aproximadamente em agosto de 1977, iniciou-se a construção do atual prédio do SALT. O edifício foi construído através das ofertas do 13º Sábado do campo mundial em um dos trimestres de 1974 e doações particulares e adicionais da *Divisão Sul-Americana. Em 31 de janeiro de 1978, realizou-se o ato de inauguração do prédio, construído num tempo recorde de 189 dias, com a presença dos veteranos da 1ª turma de formandos: *Luiz Waldvogel e *Domingos Peixoto da Silva.

O prédio possui 3 pisos com as secretarias do SALT e *Faculdade Adventista de Educação (FAED), Auditório Ellen G. White; Diretórios; Salas de Aulas. É ligado à faculdade Adventista de Enfermagem (FAE)

por um corredor. Atualmente, o SALT possui uma equipe de 11 professores e 317 alunos matriculados no 1º Semestre de 1995.

A cidade de São Paulo logo cercou o IAE, sugerindo a idéia de um novo lugar para a escola. Em junho de 1984, lançou-se a pedra fundamental da Universidade Adventista do Brasil em Engenheiro Coelho, SP e em 1990, iniciou-se o processo de transferência do SALT para o Novo Campus Central, em Engenheiro Coelho, SP. Em 1991, teve início a 1ª turma no Novo Campus que se formou em 1994.

Lemas das Turmas de formandos do Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia

ANO	LEMA
1922	"Rumo ao Mar."
1923	"Vim, Vi e Venci."
1924	"Tudo pelo Mestre."
1925	"Lutar é Vencer."
1926	"Querer é Poder."
1927	"Mãos à Obra."
1928	"Tudo pelo Ideal."
1929	"Em Deus Faremos Proezas."
1930	"À Cruz e à Obra."
1931	"Orar e Avançar."
1932	"Avante."
1933	"Irei e perecendo, pereço."
1934	"Eis-me aqui, Envia-me a Mim."
1935	"Com Cristo Venceremos."
1936	"Por Lutas à Vitória."
1937	"Viver para Servir."
1938	"Amor, Trabalho, Sacrifício."

1939	“Dar é Viver.”
1940	“Fé, Oração, Trabalho.”
1941	“Humildade, Amor e Serviço.”
1942	“Consumir-se Iluminando.”
1943	“À Virtude pela Verdade.”
1944	“À Glória pela Cruz.”
1945	“Cristo à Nossa Geração.”
1946	“A Tua Palavra é a Verdade.”
1947	“À Cruz e ao Trabalho.”
1949	“À Seara com Fé.”
1949	“Integridade e Abnegação na Seara do Mestre.”
1950	“Com Cristo Iluminar o Mundo.”
1951	“À Coroa pela Cruz.”
1952	“Amor, Trabalho, Evangelho.”
1953	“Humildade, Consagração, Serviço.”
1954	“Morrer Se Preciso For. Fugir Nunca.”
1955	“União, Humildade, Consagração.”
1956	“Pela Luz à Cruz.”
1957	“Pro Christus Fiant Eximia.” (Por Cristo Façamos o Melhor)
1958	“Vida por Vidas.”
1959	“Não houve formatura.”
1960	“Apontar Cristo o Caminho da Vida.”
1961	—
1962	“Ide.”
1963	“Sobre a Tua Palavra Lançaremos a Rede.”
1964	“Com Cristo, Por Cristo até o Alvorecer.”
1965	“Nossas Mãos nas Tuas.”
1966	“Receber de Deus para Dar aos Homens.”
1967	“Cristo na Vida e na Mensagem.”
1968	“A Serviço de Deus e da Humanidade.”

1969	—
1970	"Irei para Que o Mundo Saiba."
1971	"Sob Tua Palavra, Irei."
1972	"Cristo em Nós."
1973	"Continuar e Concluir."
1974	"Por Cristo, Com Cristo, Para Cristo."
1975	"Servir como Cristo Serviu."
1976	"Levante e Resplandece."
1977	"O Senhor Nossa Bandeira."
1978	"No Chamado de Deus a Certeza da Vitória."
1979	"Ao Mundo... até que Cristo Volte."
1980	"Desvelar a Deus, Testemunhando de Cristo, Envolvido pelo Espírito."
1981	"Cristo em Nós a Esperança da Glória."
1982	"O Deus do Céu é o que nos fará Prosperar."
1983	"Pastores Segundo o Coração de Deus."
1984	—
1985	"Perseveramos na Oração e no Ministério da Palavra." Atos 6:4.
1986	"Pastores que Apascentem." Jer. 23:4
1987	"Aplica-te à Leitura, à Pregação, ao Ensino." I Tim. 4:13
1988	"Nós em Cristo, e Cristo em Nós." I João 4:13
1989	"Pastoreais o Rebanho de Deus como Modelos do Supremo Pastor." I Ped. 5:2-3
1990	SENHOR... "Eis-me aqui, pois Tu me Chamaste." I Sam. 3:8
1991	"Porque nada me proponho a pegar...senão a Jesus Cristo." I Cor. 2:2
1992	"Eis-me aqui, envia-me a mim." Is. 6:8
1993	"Diante da Honra, a Humildade, Diante da Sabedoria o Temor do Senhor."

1994 “Como Ministros de Deus, Tornando-nos Recomendáveis em Tudo.” II Cor. 6:4.

Diretores: Jerônimo Granero Garcia (1941); Siegfried Kümpel (1956-1969); Nevil Gorski (1970); Jerome Justesen (1971-1973); Robert D. Davis (1974-1975); Orlando R. Ritter (1975-1976); Wilson Endruveit (1977-1979); Joel Sarli (1980-1983); Walter Boger (1984); Wilson Endruveit (1985-1991); Jorge Lucien Burlandy (1992-).

SENHOR. Vários termos hebraicos são assim traduzidos no A.T., sendo em sua maioria títulos de respeito ou de posições de homens, mas alguns deles se referem a Deus. Poucos são usados exclusivamente a Deus. Por exemplo *‘Adon* é usado mais de 300 vezes para senhores terrestres e mestres, mas é usada para Deus mais de 450 vezes (geralmente na forma de *‘Adonay*). O termo mais freqüentemente traduzido como “Senhor” é *YHWH*, o nome divino (veja **Yahweh**). *YHWH* ocorre mais de 6.800 vezes no A.T.. A forma abreviada *Yah* também ocorre várias vezes e é também traduzida por “Senhor”, pois quando *‘Adôn* ou *‘Adonay* e *YHWH* aparecem juntas, *‘Adôn* é traduzido como “Senhor” e *YHWH*, “Deus” (Gên. 15:2).

No N.T., o termo comum para “Senhor” é *Kyrios*. Esse termo é usado para senhores terrestres (Mat. 27:63; João 12:21) e como designação de Deus e Cristo. Freqüentemente, quando *Kyrios* era usado para Cristo, usava-se como título de respeito, sem referência a Sua divindade (Mat. 8:2, 6, 8). Porém, às vezes, o uso do termo claramente consistia de um reconhecimento de Sua divindade (João 20:28; Atos 10:36; Rom. 6:23; 8:39; I Cor. 15:31). *Kyrios* era o termo usado na LXX para *‘Adôn* ou *‘Adonay*, e *YHWH*, portanto, tinha uma conotação natural da divindade aos familiarizados com a LXX.

SERVIÇO BENEFICENTE. Veja **Dorcas, Sociedade Beneficente.**

SERVIÇOS BENEFICENTES SOCIAIS ASD DE CAMPINAS, SP. Localiza-se na Rua Luzitana, 1747, no centro da cidade de Campinas, SP, com sede própria. Pertence e é administrado pela *Associação Paulista Central da IASD.

Atividades desempenhadas pelo Serviço Beneficente Social Adventista de Campinas: Projeto Sócio-educativo de apoio à criança e adolescente; cursos de iniciação profissional (corte e costura, artesanato, instalação elétrica); grupo de gestantes; atendimento assistencial; promoção às famílias carentes.

Existem núcleos instalados em outros 16 bairros da periferia que desenvolvem várias atividades de assistência e promoção social.

O Serviço Beneficente Social Adventista de Campinas teve seu início sob a liderança de Cássia Rodrigues Lasca juntamente com a participação do Pr. Otávio Costa.

Sua organização ocorreu em 1º de julho de 1980, tendo recebido nesta ocasião, o nome de “Federação dos Serviços Beneficentes Sociais Adventista de Campinas. Sua primeira sede localizava-se à Rua Joaquim Novaes, 40, no bairro Cambuí.

Sua primeira administração era composta por:

Diretora: Cássia Rodrigues Lasca;

Secretária: Liane Oberg Arouca;

Tesoureira: Maria Junqueira.

SERVIÇO DE RÁDIO VIBRAÇÃO BRASILEIRA LTDA (SRVB) RÁDIO LIBERAL AM. Localiza-se na Rua Rio Branco, 76, na cidade de Nova Odessa, SP. Não possui sede própria.

Pertence e é administrado pela *Associação Paulista Central. O Serviço Rádio Vibração Brasileira Ltda. desempenha a função de uma Rádio (Difusora), tendo recebido o nome de *Rádio Liberal AM. Essa rádio, com 830 kHz de potência, atua com programas de evangelismo público, atingindo várias regiões do Estado de São Paulo. Conta com o trabalho de 12 funcionários.

Este empreendimento teve início em 1992, sob a liderança do Pr. Tércio Sarli, com a participação do Pr. Irineu Rosales e Prof. Sebastião Claro de Faria. Sua organização oficial aconteceu em 1º de julho de 1993.

Sua primeira administração era composta por:

Diretor administrativo: Pr. Irineu Rosales;

Diretor de produção: Pr. Tércio Sarli;

Assistente de administração: Profª. Vanira D. Sarli.

Atualmente a administração está composta por:

Diretor administrativo: Pr. Irineu Rosales;

Diretor de produção: Pr. Ruimar D. Paiva;

Diretor comercial: Pr. José Borges dos Santos.

SERVIÇO EDUCACIONAL LAR E SAÚDE (SELS). Departamento da IASD localizado junto a cada Missão e Associação. Pertence e é administrado pela Missão e Associação correspondente, embora tenha seu gerente independente.

Presta atendimento a toda população e colportores, com venda de livros, discos e diversos materiais religiosos, bem como alimentos integrais.

Coordena o trabalho de Colportagem de efetivos e estudantes na sua região correspondente, apoiando-os em seu trabalho de evangelismo através das literaturas denominacionais.

SETE IGREJAS. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

SETE SELOS. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

SETE TAÇAS. Veja **Sete Últimas Pragas**

SETE TROMBETAS. Veja **Apocalipse, Interpretação do.**

SETE ÚLTIMAS PRAGAS. Veja **Sete Últimas Pragas.**

SETENTA SEMANAS. Veja **Daniel, Interpretação de; Duas Mil e Trezentas Tardes e Manhãs.**

"SIGNS OF THE TIMES" (Sinais dos Tempos)**.** Periódico *Milerita (1840-1844). Criado como revista semanal em 1874 em Oakland, Califórnia, por Tiago White. Em 1873, durante umas férias nas Montanhas Rochosas, White havia concebido a idéia de publicar algo para Costa do Pacífico similar à *Review and Herald,* publicada em Battle Creek, Michigan, a despeito do pequeno número de ASD (500) na Califórnia naquele tempo. Animado por sua esposa, Ellen, Tiago publicou o primeiro número de oito páginas, no dia 4 de junho de 1874, em Oakland. O propósito da nova revista foi indicado em um editorial na segunda edição, onde Tiago White declarou que *"Signs of the Times"* seria "não somente um expositor das profecias, um relato dos sinais de nosso tempo, mas também um jornal familiar e religioso geral para o lar".

SILVA, CLEMENTINO ALBUQUERQUE (1916-1978). Colportor-evangelista. Nasceu no dia 23 de maio de 1916 em Amambaí,

Mato Grosso. Em 1946, batizou-se em Rio Brilhante, nesse mesmo Estado.

Em 1949, ingressou na *Colportagem. Casou-se em segundas núpcias com Ana Rosa F. Silva, e tiveram 6 filhos. Ao iniciar seu trabalho de colportagem no Mato Grosso, enfrentou muitas dificuldades, pois não havia estradas e eram necessários meios de transporte como; bicicleta, canoas, caminhões, trens de carga e, muitas vezes, caminhava quilômetros levando seus livros. Dedicava-se ao trabalho nas fazendas, enfrentando sol, chuva, frio, pois seu ideal era disseminar a Mensagem do Advento.

Em 1964, aposentou-se. Continuou como ancião da Igreja da Alvorada e de Santo Amaro, ambas no Mato Grosso do Sul.

Faleceu no dia 22 de outubro de 1978, aos 62 anos de idade.

SILVA, DOMINGOS CÉSAR DA (1882-1969). Colportor-evangelista pioneiro. Nasceu no dia 25 de fevereiro de 1882, em Taquari, RS, onde foi *Colportor por muitos anos. Colaborou para a fundação de várias igrejas e grupos. Além de ser colportor, também era evangelista.

Faleceu no dia 1º de fevereiro de 1969, aos 87 anos de idade, em Santo André, SP.

SILVA, DOMINGOS PEIXOTO DA (1898-1980). Professor, *Pastor, administrador. Nasceu no dia 12 de novembro de 1898, na cidade de São Borja, Estado do Rio Grande do Sul. Concluiu o curso de Teologia no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), em 1922, fazendo parte da primeira turma de formandos do IAE. Foram seus colegas de turma: *Guilherme Frederico Denz, *Luiz Waldogel, *Isolina Avelino

Waldvogel, *Rodolpho Belz, Adolfo Bergold, Alma Bergold, Adelina Zorub e Philonila Assunção.

Casou-se com *Maria Luíza Chagas P. da Silva, em 1922, logo após formar-se. Dessa união nasceu Virgínia Peixoto. Em 1936, fez um curso de extensão no Pacific Union College, nos Estados Unidos. Após a morte de Maria Luíza em 1943, casou-se no mesmo ano com a Sra. Alice Wilfart, no Estado do Rio de Janeiro.

O Pr. Domingos Peixoto trabalhou árdua e zelosamente na causa de Deus por 49 anos. Iniciou sua carreira como evangelista em 1922, e encerrou sua participação na obra em 1971, como diretor do *Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da IASD, para todo o Brasil.

Trabalhou como pastor evangelista de 1922 a 1933, na *Missão Oeste-Mineira, *Associação Paulista, *Associação Sul-Rio-Grandense e *Missão Rio-Minas.

De 1934 a 1946, trabalhou no *Colégio Adventista Brasileiro atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Ocupou os cargos de diretor e professor do curso de Teologia e Diretor Geral do Colégio. Durante sua gestão, o então *Seminário Adventista passou a ser chamado Colégio Adventista Brasileiro (CAB).

Foi diretor primeiramente do ginásio, oficializando-o a partir de 1937. Posteriormente, oficializou também o 2º Grau, com exceção do Secretariado. Durante sua administração, foi construído o prédio do atual Salão de Atos e foi reformado o prédio do Dormitório I.

Em 1947, voltou ao Rio Grande do Sul, ali permanecendo até o ano de 1948. Em 1949 e 1950, assumiu a gerência da *Casa Publicadora Brasileira.

De 1951 a 1971, exerceu a função de secretário geral do Departamento de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da IASD para o Brasil. Durante esse período fundou o *Curso de Formação de Enfermeiros Padioleiros.

O Pr. Peixoto escreveu também muitos artigos e três obras de destaque: *Quinhentos Esboços Para Sermões, Quinhentas Ilustrações Escolhidas e Coletânea de Mil Esboços para Sermões*.

Faleceu no dia 11 de setembro de 1980, aos 82 anos de idade, no Estado do Rio de Janeiro.

SILVA, LUIZ ALVES (-1979). Missionário, evangelista e *Colportor. Na *Colportagem e evangelismo leigo, foi um dos campeões em toda a *União Norte Brasileira.

Faleceu dia 30 de junho de 1979.

SILVA, MARIA LUIZA CHAGAS PEIXOTO DA (1896-1943). Pioneira adventista. Nasceu no dia 5 de fevereiro de 1896. Casou-se com o *Pr. Domingos Peixoto da Silva no dia 19 de dezembro de 1922. Desta união, nasceu uma filha chamada Virgínia. Acompanhou seu esposo em todo seu ministério pastoral.

Faleceu no dia 29 de junho de 1943, na *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP. O *Pr. Jerônimo Garcia dirigiu a cerimônia fúnebre.

SILVA, MARIA DA (-1969). Primeira adventista de Manhuaçu, MC Possuidora de um espírito missionário e firme convicção nas verdades d Evangelho.

Faleceu no dia 24 de janeiro de 1969, na cidade de Manhuaçu.

SILVA, MARIA RODRIGUES DA (1902-1985). Professora. Nasceu em São Paulo, em 1902. Estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), formando-se no curso normal em 1929.

Lecionou mesmo antes de formada de 1927 a 1929 na escola primária do IAE e depois de formada, nas seguintes igrejas: *IASD Central Paulistana, Santo Amaro, *Casa Publicadora Brasileira (CPB), Belém e Moema, em São Paulo e Santa Maria e Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Ensinou as primeiras letras para vários obreiros da Causa de Deus como: *Duílio Parotti, Elias Lombardi, Roberto Doehnert, Orlando Rubem Ritter, e outros. Era irmã da Professora *Albertina Rodrigues Simon.

Faleceu no dia 26 de julho de 1985, com 83 anos de idade.

SILVA, PEDRO ALEXANDRE DA (1895-1954). *Colportor e obreiro. Nasceu no dia 26 de dezembro de 1895. Foi um dos primeiros conversos das conferências realizadas em pavilhão pelo Pr. *John Lipke e *Germano Conrad, no município de Santo Amaro, em São Paulo. Logo depois de seu batismo, assistiu ao primeiro curso de *colportagem e ingressou neste trabalho, passando algum tempo depois para o evangelismo.

Estudou no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino, SP para iniciar um trabalho evangelístico em Vitória, onde trabalhou com dedicação ao lado do Pr. *John Boehm. Seu segundo campo foi o do Rio de Janeiro, onde se dedicou inteiramente à causa do Evangelho.

Veio a São Paulo para se casar com a Srta. Otília Fritsch, sua companheira que o auxiliou até o fim de seu trabalho evangelístico.

Passado algum tempo, Pedro Alexandre da Silva fez parte do grupo de Vila Curuçá, SP, onde pregou várias vezes, tomando parte ativa no trabalho, não obstante sua saúde estar debilitada.

Faleceu no dia 04 de abril de 1954, no Hospital Sanatório “Guilherme Álvaro”, na cidade de Santos, SP.

SILVA, OSCAR LEOPOLDO DA (1876-1960). Pioneiro Adventista do Rio de Janeiro. Nasceu em 1876 e foi um dos primeiros Adventistas do Rio de Janeiro.

Ele e sua esposa, Agueda Andrade da Silva, conheceram o Evangelho numa série de conferências públicas, na rua Guimarães, na Estação de Rocha, RJ, dirigidas pelos Pastores Kümpel e *Emanuel C. Ehlers. Em 1917, foram batizados pelo Pr. Emanuel C. Ehlers, na Praia Vermelha.

Desde então, tornou-se membro da Igreja Adventista, sendo o primeiro ancião da *IASD Central do Rio de Janeiro. Mais tarde ocupou esse mesmo cargo na Igreja de Olaria por 16 anos; de Olaria foi para Caxias, sempre trabalhando e organizando grupos.

Faleceu no dia 22 de dezembro de 1960, aos 84 anos de idade.

SÍMBOLO. Objeto, ação, palavra, ou figura de linguagem usada para significar algo totalmente além do conteúdo expresso. É essencial que a qualidade simbólica seja pretendida pela pessoa que usa os símbolos. A característica única de um símbolo está no fato de que ele conota mais do que simplesmente denota; sugere mas não especifica. Símbolos freqüentemente envolvem associações sutis de idéias que provocam análise lógica, e que podem até mesmo parecer ser contraditórias. Por exemplo, a cruz, um símbolo de vergonha, sofrimento e morte, é também um símbolo de triunfo da vida (Fil. 2:8, 9). Geralmente, porém, há uma relação entre o símbolo e seu objeto (conotação).

Os símbolos do serviço do *Santuário estabelecidos em Êxodo e Levítico são interpretados cristologicamente na epístola aos Hebreus. Do ponto de vista cristão, a morte do Cordeiro era um simbolismo da morte de Cristo (Heb. 9:14), e o ministério do sacerdote era o símbolo do ministério de Cristo perante o trono de Deus (caps. 6:19, 20; 9:24).

Símbolos são de particular importância na literatura profética. Nela são encontradas ações simbólicas (I Re. 11:30-32; Jer. 13: 1-11; 27: 1:11; Ez. 4:1-8; 12:3-11; etc.) e figuras simbólicas (Jer. 1:11-15; Ez. 37:1-14; Amós 8:1, 2, etc.). Às vezes, os símbolos são de natureza bizarra. Na primeira visão de Daniel as várias partes da imagem vista pelo Rei Nabucodonosor representam uma sucessão de impérios mundiais, enquanto que a "pedra . . . cortada sem o auxílio de mãos" representa o reino de Deus (Dan. 2:31-45). Semelhantemente, nos capítulos 7 e 8, uma série de animais, alguns deles compostos ou bestas fantásticas, novamente simbolizam as seqüências de impérios mundiais. No Apocalipse, o simbolismo é bem mais elaborado. Aqui números simbólicos são notáveis, havendo uma seqüência de sete representando plenitude, ou perfeição e uma série de doze, especialmente em conexão com a Nova Jerusalém, representando também a mesma idéia (Apoc. 4:4; 7:4-8 ; 21). O número da besta (666) é também um número simbólico (cap. 13:18).

A interpretação simbólica dos eventos históricos difere dos outros simbolismos da Bíblia em que a importância simbólica é inerente aos próprios eventos, mas se origina, *ex post eventum*, na intenção do intérprete (Os. 11:1; Mat. 2:15; Jer. 31:15; Mat. 2: 18; Gên. 12:3; Gál. 3:16; 4:22-31).

Atos ritualísticos instituídos e ordenados por Deus são simbólicos; por exemplo, *Batismo; *Santa Ceia. A participação nestes atos é acompanhada pela bênção divina, pois em virtude de sua natureza simbólica, estes atos falam ao homem em um nível mais profundo do que palavras.

Figuras de linguagem constituem outra classe de símbolos achados nas Escrituras. Elas são freqüentemente tiradas da literatura contemporânea no mundo antigo. Por exemplo, em Heb. 6:19, uma âncora é usada como símbolo de esperança. Símbolos bíblicos eram,

sem dúvida, comuns no ambiente do escritor, na arte ou literatura do tempo e reconhecida como tendo valor simbólico.

Vestígios do significado dos símbolos são freqüentemente achados em seu contexto imediato (Dan. 2: 7: 8). Quando não é este o caso, muito cuidado é necessário ao se lidar com eles. Nenhum símbolo deveria ser interpretado de molde a conflitar com seu próprio contexto.

Veja **Apocalipse, Interpretação do; Escrituras, Interpretação das; Marca da Besta; Número da Besta; Daniel, Interpretação de; Santuário.**

SIMON, ALBERTINA RODRIGUES SILVA (1896-1984). Primeira professora brasileira do antigo *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), redatora da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu no dia 24 de junho de 1896, na capital paulista. Primeira filha do casal de portugueses João e *Maria Rodrigues da Silva. Aos 6 anos, ingressou em uma escola particular e aos 9 matriculou-se no famoso Externato São José dirigido por freiras. recebendo os ensinos religiosos da fé católica, fez a primeira comunhão e ingressou na congregação das “Filhas de Maria”. Sentia-se inclinada a ser freira, pois apreciava o ambiente da escola.

Em 1912, aos 16 anos de idade, inicia o Curso Normal (Antigo Magistério) do Colégio Caetano de Campos, antiga Escola Normal secundária de São Paulo, na Praça da República.

Em 1915, realizou-se uma série de conferências no Bairro da Bela Vista dirigida pelo Pastor *John Lipke, auxiliado pela obreira bíblica Corina Hay. Foi convidada a assistir às reuniões por Dna. Flotilde Thompson, sua ex-professora.

Por intermédio da obreira bíblica, Corina, mesmo sem ser batizada na IASD, Albertina conseguiu emprego na redação da Casa Publicadora Brasileira. Um mês depois batizou-se com Dna. Flotilde na Casa Publicadora Brasileira.

No início de 1918, recebeu um chamado para lecionar no CAB. A primeira guerra mundial havia terminado e o governo decretou que nenhuma escola particular podia funcionar sem ter um professor brasileiro, formado, para ensinar a língua vernácula.

Chegou ao colégio acompanhada por seu pai em maio de 1918. A classe que lhe foi designada era muito heterogênea. Havia alunos de 14 a 36 anos. Todos tinham o ideal de ser obreiros na causa de Deus.

Dia 15 de janeiro de 1920, Albertina Rodrigues da Silva casou-se com seu ex-aluno *Henrique Simon. Desta união nasceram 5 filhos: Eunice (Monteiro de Souza), Noé (falecido), Lóide, Enéas e Tércio.

De 1920 a 1925, Albertina lecionou em escola paroquiais, em Porto Alegre, RS e Santo André, SP.

De 1926 a 1957, lecionou no CAB as seguintes matérias: Língua Portuguesa, Latim, História do Brasil, Bíblia, Geografia do Brasil, Fisiologia, Ginástica e Aritmética.

Após 40 anos de dedicado serviço, pediu sua jubilação; porém, continuou a trabalhar de outras maneiras. De 1963 a 1965, lecionou ainda Latim para o Curso Clássico, no IAE.

Faleceu no dia 06 de setembro de 1984, aos 88 anos de idade, em São Paulo, SP.

SIMON, HENRIQUE (1884-1974). *Colportor e obreiro. Nasceu no dia 20 de agosto de 1884, na Argentina. Converteu-se em 1910 e entrou para a *Colportagem, levando muitas pessoas para Cristo.

Trabalhou em Rio Claro, Santa Gertrudes, Cordeiro, Limeira, Ferraz, Corumbataí, São Paulo, Santa Rosa, Anápolis, Casa Branca. Em 1915, foi para o *Seminário Adventista preparar-se melhor e no fim de 1916, com mais 5 companheiros foi enviado como obreiro bíblico para Santa Rosa, São Simão, Uberaba, Muzambinho.

Em 1920, casou-se com a Professora *Albertina Rodrigues Silva Simon e foi enviado para Porto Alegre, onde trabalhou até 1922, quando

voltou para São Paulo, trabalhando como obreiro itinerante. Em 1926, cuidou da Igreja de Itararé e em 1930, converteu a família Goebel, a primeira da cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Faleceu no dia 20 de abril de 1974, aos 90 anos de idade, em São Paulo.

SINAIS DOS TEMPOS. Expressão de Mat. 16:3, usada em referência aos sinais específicos preditos nas Escrituras como precedentes ao *Segundo Advento. Conquanto dêem ênfase a esses sinais, os ASD insistem em que os sinais indicam meramente a iminência do Advento e não podem ser usados na tentativa de marcar uma data específica para ele, pois "daquele dia e hora ninguém sabe, senão somente o Pai" (Mat. 24:36). Veja **Segundo Advento.**

"SINAIS DOS TEMPOS", REVISTA . (Veja **Decisão, Revista)**

SMITH, ANNIE REBEKAH. (1828-1855). Poetisa e assistente editorial. Com a idade de 10 anos, ela se uniu à Igreja Batista, e se tornou Adventista em 1844. Teve que desistir de lecionar em 1850 por causa de um problema de visão. Em 1851, enquanto assistia a uma reunião dirigida por *José Bates, ela se convenceu da fé ASD. Logo após enviar um poema, "Não Temas Pequeno Rebanho," à **Review and Herald*, *Tiago White lhe deu o emprego. Ela revisava as provas e era responsável pelas publicações, na ausência de White.

A respeito de um deles, "A Bendita Esperança", a tradição ASD diz que a primeira estrofe se refere a *José Bates, a segunda a Tiago White, a terceira tanto a *John Nevins Andrews quanto a seu irmão *Urias Smith. Embora Smith ainda não fosse ASD quando o poema foi publicado (agosto de 1852); e Andrews não pudesse ter "honra, prazeres, riqueza rejeitado" — somente a perspectiva de obtê-los (ele

escolheu a obra ASD em vez de aceitar a oferta de seus parentes para pagar seus estudos). Aproximadamente um século mais tarde a familiaridade com os Smiths provou que a terceira estrofe referia-se à própria Annie Smith. A aplicação pessoal das três estrofes, se há, é incerta; considerável hipérbole poética teria que ser admitida para aplicar os termos a qualquer um daqueles a quem elas foram tradicionalmente aplicadas.

Em novembro de 1854, Annie foi acometida por tuberculose, que ceifou-lhe a vida em julho seguinte. Ela escreveu muitos poemas; dez dos quais aparecem no Hinário Adventista.

SMITH, URIAS. (1832-1903). Editor e autor que dedicou 50 anos de serviço à Obra ASD. Nasceu em West Wilton, New Hampshire e foi impressionado na infância pelo *Movimento do Advento de 1843-1844. Quando tinha 13 anos, por causa de uma infecção, sua perna esquerda foi amputada acima do joelho, sem anestesia .

De 1848 a 1851, freqüentou o Colégio Phillips, em Exeter, então rejeitou um atrativo convite para lecionar no Colégio Mount Vernon, New Hampshire. Na esperança de ganhar dinheiro para pagar a escola, trabalhou brevemente em um comércio que logo faliu. Em 1857, casou-se com Harriet Newall Stevens. Aproximadamente no fim de 1852 ele se tornou um Adventista guardador do Sábado. Sua primeira contribuição para a literatura Adventista foi um poema de 35.000 palavras intitulado “A Exortadora Voz do Tempo e da Profecia.” Estava sendo publicado em série na **Review and Herald* em 1853 quando se uniu a sua irmã Annie, como funcionário no escritório do *The Advent Review and Sabbath Herald* em Rochester, Nova Iorque. Manteve uma ligação quase ininterrupta com a instituição até o tempo de sua morte.

Em 1855, a *Review and Herald* mudou-se para Battle Creek, Michigan, e no mesmo ano, quando Smith tinha 23 anos de idade, seu nome apareceu pela primeira vez como editor. No primeiro número

impresso em Battle Creek, ele escreveu: “Não assumo esta posição por comodidade, conforto ou ganho mundano; pois tenho visto por minha ligação com a *Review* até agora que nenhum desses se encontram aqui.” O equipamento primitivo em uso teria intimidado um espírito mais fraco. Ao ajudar a preparar os primeiros folhetos ele usava um canivete para aparar as bordas. “Enchíamos nossas mãos de bolhas na tarefa e muitas vezes os folhetos, na forma, não eram nem a metade tão retos e exatos quanto as doutrinas que ensinávamos.”

Nos primeiros anos vários problemas financeiros surgiram para o jovem editor, mas ele os dirigiu tão bem que a *Review and Herald* floresceu e cresceu. Sendo que por um tempo Smith era editor, revisor de provas, diretor administrativo e contador, ele se deparou com suas forças físicas no limite. Como resultado, em 1869, foi-lhe concedido um ano para recuperação e John N. Andrews era o editor em sua ausência. No ano seguinte, Tiago White foi eleito editor associado, mas 12 meses mais tarde, Smith era novamente editor. Em 1873, seguindo-se um desacordo administrativo com White, Smith foi substituído em sua função de editor. Deixou Battle Creek e trabalhou por conta como escultor, mas em seis meses foi chamado para reassumir seu cargo e um relacionamento cordial entre os dois homens foi restabelecido e mantido dali em diante.

Smith tinha considerável habilidade mecânica. Por sua perna artificial lhe permitir insuficiente liberdade de movimento, patenteou em 1863 um modelo aperfeiçoado com um joelho flexível e juntas. Em 1874, ele patenteou uma carteira escolar com um banco dobrável. Por isso, recebeu U$ 3.000,00 que lhe permitiram construir uma nova casa. Ele trabalhou como tesoureiro da Associação Geral em 1876-1877.

No ano de 1890, com competente ajuda editorial, ele pode dedicar mais tempo a escrever. Smith viajou extensivamente, falando freqüentemente em reuniões campais. Em 1894, visitou muitos países europeus e o Oriente Próximo. Alonzo T. Jones tornou-se o editor da

Review and Herald em 1897, tendo Smith como associado; mas Smith retornou ao cargo em 1901.

Em acréscimo aos seus deveres editoriais, ele assumiu outras responsabilidades. Foi o primeiro secretário da Associação Geral (organizada em 1863) e manteve a posição em cinco diferentes ocasiões. Foi também instrutor de Bíblia no Battle Creek College por muitos anos.

Smith ensinava a idéia semi-ariana defendida por José Bates, Tiago White e outros, e negava a personalidade do Espírito Santo. Suas posições sobre certos aspectos da lei puseram-no em oposição a Ellet J. Waggoner, Alonzo T. Jones e outros em 1888. Às vezes, suas relações com Ellen G. White eram tensas ao ponto de ele questionar a natureza de suas visões e fazer distinção entre seus "testemunhos" e suas "visões." Após 1888, quando ela endossou a nova ênfase sobre a justificação pel fé, ele até rejeitou aceitar alguns de seus conselhos para ele. Smith opôs-se à nova tendência durante este período, pensando que a santidade da lei de Deus estava sendo ameaçada pelo lugar dado à fé e à graça. Em 1891, admitiu sua atitude equivocada e a harmonia foi novamente restaurada. Ele nunca chegou a pensar em abandonar suas convicções, nem Ellen G. White o considerou como incapacitado para seu cargo. Ela sempre tinha a ele e a seu trabalho em alta conta. É de interesse que, enquanto a discussão estava em progresso, ele publicou imparcialmente as idéias de Waggoner, Jones e Ellen G. White. Alguns de seus editoriais, porém, eram tenazes.

Smith foi um dois escritores mais fluentes que a denominação já teve. Em debates, seus textos poderia ser penetrantes. Seu talento para satirizar freqüentemente encontrava expressão quando ele tratava do fanatismo, críticas, e extremos na reforma da saúde e do vestuário. Em seus últimos anos, seu estilo tornou-se mais suave e meditativo, com um fino senso de forma e palavras. Embora sendo um criativo escritor, ele também emprestou de expositores contemporâneos e anteriores para seus materiais, especialmente em suas interpretações de profecia.

Ele é bem lembrado por seu livro geralmente conhecido pelo título *Daniel and the Revelation* (Daniel e Apocalipse). A Obra recebeu o caloroso endosso de Ellen G. White e teve influência sem rival sobre o ensino profético ASD. *Thoughts, Critical and Practical on the Book of Revelation* foi publicado em 1867 e *Thoughts, Critical and Practical on the Book of Daniel*, em 1873. Estes livros, combinados em um volume, foram vendidos primeiramente por George King, marcando assim o início da venda de livros doutrinários por encomenda no trabalho da *colportagem da IASD. Este trabalho, agora intitulado *The Prophecies of Daniel and Revelation*, foi revisado diversas vezes durante a vida de Smith e posteriormente e ainda tem vasta circulação. Entre outras obras, estão *The United States in Prophecy* (reescrito mais tarde como *Marvel of the Nations*), *Here and Hereafter*, e *Looking Unto Jesus*.

Smith defendia fortemente a separação da Igreja e do Estado, advogava a não-combatência, vigorosamente opunha-se à escravidão, não aprovava um ASD em cargos políticos e incansavelmente fazia campanhas contra as leis dominicais.

Era um homem agradável, de maneiras cativantes, mais poderoso escrevendo do que falando. As últimas palavras que escreveu, dirigidas à AG em 1903, resumem o propósito de toda a sua vida: "Estou convosco no esforço de levar a esta geração o Evangelho do reino, para testemunho de todas as nações. E quando isto estiver completado, será o sinal para a coroação de nosso Rei vindouro."

SNOW, SAMUEL. (1806-1870) Congregacionalista, mais tarde céptico, ministro *Milerita, iniciador do "*Movimento do Sétimo Mês". Iniciando com um artigo escrito em 16/02/1843, enfatizou o décimo dia do sétimo mês judaico, *Tishri*, dia judaico da Expiação, como o verdadeiro encerramento da profecia dos 2.300 anos. Mais tarde, ele determinou o *dia* específico como 22/10/1844, equivalente do nosso calendário ao décimo dia do sétimo mês naquele ano de acordo com o

antigo calendário judaico Caraíta. A princípio, houve pouco interesse ou resposta, mas quando Snow pregou no dia 21 de julho no grande Tabernáculo de Boston sobre o texto: "Eis o noivo, saí ao seu encontro (no décimo dia do sétimo mês)", surgiu algum interesse.

Então logo depois, em uma grande campal realizada em Exeter, New Hampshire, 12 a 17 de agosto, o ensino de Snow foi plenamente aceito. Mas os líderes preeminentes de alguns lugares receberam sua mensagem com um pouco de reserva. No entanto, a mensagem do "sétimo mês" espalhou-se com poder irresistível.

Snow publicou o *True Midnight Cry* (O Verdadeiro Clamor da Meia-noite) com 4 páginas, em Haverhill, Massachusetts, no dia 22 de agosto. Estava repleto de argumentos breves mas convincentes. Sua pregação sobre o "tempo definido" foi logo acatada por milhares de pregadores Mileritas, enquanto o próprio Snow pregava continuamente por todo o Leste. Um por um dos líderes mais eminentes se uniram no coro crescente.

Em comum com todos os adventistas, Snow ficou profundamente desapontado com a falha do Noivo ao não vir no dia 22 de outubro. Por um breve período de tempo, ele se questionou se havia sido cometido um erro no cômputo profético do ano.

Porém, logo começou a pregar doutrinas estranhas e publicou um material *Jubilee Standard* de março a agosto de 1845. Conflitos agudos se desenvolveram entre ele e os Mileritas, ao ele continuar com fanatismo e finalmente se proclamar como sendo Elias, o profeta. Logo se separou definitivamente do adventismo.

SNYDER, ELWIN WINTHROP (1865-1919). Pioneiro, *Colportor-missionário Adventista na Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Cuba. Cresceu em um lar adventista e aos 19 anos tornou-se um pesquisador e instrutor bíblico na Associação da Nova Inglaterra. Quatro anos mais tarde, assumiu a direção do trabalho na *Colportagem

na Pensilvânia. Em 1891, liderou o primeiro grupo na América do Sul e começou a trabalhar primeiro na Argentina, e então, Brasil e Uruguai.

Em 1895, casou-se com Estelle Jane Ketring. Em 1900, quando não havia nenhum ministro ordenado disponível para ir ao Paraguai, assumiu a direção da Missão Buenos Aires. Alguns anos mais tarde, em 1905, ele iniciou a Missão Adventista em Cuba, onde permaneceu até que o clima tropical minou sua saúde.

Foi necessário que ele voltasse aos EUA pelos seus problemas de saúde. Na Califórnia, assumiu o trabalho entre o povo mexicano, na área de Los Angeles. Mais tarde tentou reassumir o trabalho pastoral na Geórgia, mas um ataque de gripe tirou-lhe a vida.

SOARES, MANOEL (1905-1986). *Pastor e diretor de *Colportagem. Nasceu no dia 25 de janeiro de 1905 na Ilha das Bermudas, mudou-se com seus pais para Loma Linda nos EUA., onde viveu até 1927, conhecendo assim pessoalmente a Sra. *Ellen G. White.

Em 1928, veio para o Brasil a fim de estudar num colégio Adventista de língua portuguesa. Tornou-se então estudante do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP).

Em 1930, casou-se com Rute Pereira e desta união nasceram: Eunice, Tércio, Onésio e Rubens.

Iniciou seu trabalho na Obra Adventista como diretor de *colportagem na *Associação Paulista, cargo que ocupou por 8 anos. Exerceu também a direção da *colportagem na *União Sul-Brasileira, naquela época com sede na capital paulista, onde permaneceu por 8 anos também.

Depois foi chamado para atuar como Pastor distrital em Presidente Prudente e Araçatuba em São Paulo, e em Curitiba, Ponta Grossa, Apucarana, Sertãozinho, Maringá, Cruzeiro D'Oeste e Jacarezinho no Paraná.

Em 1970, foi jubilado após 40 anos de trabalho na Obra Adventista. Passou então a residir na cidade de Penápolis, em SP, aos 81 anos de idade, sendo viúvo por 8 anos.

SOCIEDADE ADVENTISTA PARA A DIFUSÃO DA ARQUEOLOGIA BÍBLICA (SADAB). A SADAB promove palestras, seminários e cursos. Seu novo endereço é: Caixa Postal 85, Engenheiro Coelho, SP CEP 13165-000.

Os objetivos delineados na sua organização, foram os seguintes:

- Editar um Informativo de atualidades sobre a pesquisa na área da arqueologia Bíblica.
- Resumir trabalhos de pesquisa arqueológica que possibilitem maior compreensão do relato bíblico.
- Manter contato com Sociedades similares e receber sugestões e apoio.
- Organizar uma Biblioteca específica, principalmente com assinatura de Revista especializada em Arqueologia Bíblica.
- Divulgar o valor auxiliar da Arqueologia Bíblica para a compreensão da Palavra de Deus.

Os membros da Sociedade são classificados por opção pessoal, numa das seguintes classes:

a) Membros Ativos; os que através de estudos e pesquisas se habilitam a participar ativamente de palestras, cursos, etc., em comunidades apropriadas.

b) Membros Simpatizantes; os que participam assistindo a palestras, reuniões, e recebendo material impresso, ampliando desta maneira seu conhecimento no campo da Arqueologia Bíblica, e apoiando os empreendimentos da SADAB.

A Sociedade teve sua fundação em 09 de junho de 1990 no auditório Ellen G. White, no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP),

e seu Conselho Diretor Escolhido por sócios fundadores em 12 de agosto do mesmo ano, e foi denominada de Sociedade Adventistas para a Difusão de Arqueologia Bíblica, com a sigla SADAB.

Seu presidente fundador é o Prof. Ruben Aguilar.

SOCIEDADE ADVENTISTA DE HOMENS DE SÃO PAULO. Atualmente uma sociedade extinta. Agremiação de homens que trabalharam em benefício dos menos favorecidos, apoiando as iniciativas do governo, que visavam ao bem-estar do homem e o erguimento moral e material dos semelhantes em geral e, principalmente, promoção de cursos de alfabetização.

Em 28 de agosto de 1947, foram entregues 35 certificados a adultos alfabetizados. O festival foi no salão nobre do Instituto de Educação Caetano de Campos.

A Sra. Lenira Fracaroli, diretora da Biblioteca Infantil de São Paulo, ofereceu um lote de 50 livros infantis à campanha de alfabetização realizada pela Sociedade de Homens. O Presidente desta Sociedade era o Sr. Werner Roloff.

O Departamento de Arte e Cultura da Sociedade, cujo diretor era o Dr. Gideon de Oliveira (pertencente a Associação Paulista), promoveu um curso ginasial intensivo em Madureira, SP, liderado pelo Prof. Flávio Monteiro, em 1950.

O curso foi realizado na Igreja Adventista, à Rua Taguá, 88, Madureira, SP. Trinta por cento de seus rendimentos foram destinados para o caixa da Assistência Social da Sociedade Adventista de Homens de São Paulo.

No dia 02 de fevereiro de 1950, iniciou-se o curso de alfabetização de adultos, três vezes por semana à noite. As lições eram ministradas pelo Prof. Osvaldo Silva.

O curso de Língua Estrangeira, começou em fevereiro de 1950, finalizando em novembro do mesmo ano. As aulas de inglês foram

ministradas pela Profª. Lilliam Wentz. Até esta data cerca de 250 pessoas foram alfabetizadas nas escolas noturnas.

A Sociedade Adventista de Homens de São Paulo tinha duas espécies de sócios: ativos e contribuintes. O sócio ativo devia ser membro da IASD e além de colaborar financeiramente, dedicava tempo para trabalhar na mesma. O sócio contribuinte podia ser qualquer pessoa e contribuía mensalmente. A idade mínima para ser sócio era 18 anos.

SOCIEDADE BARTIMEU DE APOIO AO CEGOS. Localiza-se na cidade de Campinas, SP. Pertence e é administrada pela *Associação Paulista Central da IASD.

A sociedade surgiu com o objetivo de evangelizar os cegos. Para tanto, estão sendo produzidas fitas cassetes com mensagens, porções da Bíblia, folhetos e livros em Braille. O acervo conta 21 volumes em Braille, 170 fitas cassetes e 12 discos contendo a Bíblia em 2 versões (Linguagem de Hoje e Revista e atualizada); livros de autores adventistas, artigos, cursos de saúde, histórias infantis, cursos bíblicos e música.

No patrimônio da Sociedade Bartimeu, consta uma máquina de escrever em Braille e uma calculadora sonora.

A Sociedade Bartimeu de Apoio ao Cegos trabalha em colaboração com o Christian Record Braille Foudation, localizada em Lincoln, Nebraska, EUA, em favor dos cegos.

A Sociedade Bartimeu de Apoio aos Cegos foi inaugurada no dia 27 de setembro de 1990, em Campinas, SP, por iniciativa da *Associação Paulista Central, através da *Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, ADRA, liderada pelo Pr. Oder F. Melo.

Estavam presentes representantes do Centro Cultural Luiz Braille, da Comissão Municipal de Integração do Deficiente, da Biblioteca

Municipal (setor Braille), do Instituto do Cego Trabalhador de Campinas e do Centro de Assistência Social Adventista de Campinas.

Adilson Pires Lopes, deficiente visual, batizado em 1987 foi o idealizador e é o diretor da Sociedade Bartimeu.

Na América do Sul há cerca de 1 milhão de deficientes visuais.

SOCIEDADE CRIACIONISTA BRASILEIRA. É uma sociedade preocupada primeiramente com a divulgação da literatura criacionista em língua portuguesa, visando proporcionar bibliografia adequada para estudantes de II grau, universitários e estudiosos em geral. Como resultado, estabeleceu-se a "Sociedade Criacionista Brasileira", em 1972, editando já em abril desse mesmo ano, o primeiro periódico que foi denominado "Folha Criacionista".

Em meados de 1971, o Pr. Leondenis Vendramin, então distrital da cidade de São Carlos, SP, teve a iniciativa de promover a realização de uma "Semana da Cultura" na Igreja Adventista daquela cidade. Para esse evento convidou várias personalidades de destaque, abordando temas que despertaram o interesse por parte da assistência, em sua maioria universitários e pessoas de grande cultura, residentes na cidade.

Um dos conferencistas daquela "Semana da Cultura", foi o professor Orlando Ritter, do *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), que abordou o tema "Datação pelo Carbono Radioativo e sua Relação com as Teses Criacionistas". Nesta oportunidade, ele divulgou a existência de várias sociedades criacionistas em outros países, e particularmente a *Creation Research Society*, estabelecida nos Estados Unidos da América do Norte.

Na ocasião esteve presente o Prof. Ruy Carlos Camargo Vieira, então lecionando no campus da Universidade de São Paulo, na cidade de São Carlos, que de longa data vinha se interessando pela temática criacionista e colhendo literatura pertinente, particularmente pelo Dilúvio universal. Tendo então tomado conhecimento da *Creation*

Research Society, imediatamente a ela se dirigiu e solicitou todas as suas publicações, passando em seguida a fazer parte de seu quadro de associados.

A diretoria da Sociedade Brasileira Criacionista ficou restrita aos editores responsáveis pela publicação da Folha Criacionista: Ruy Carlos de Camargo Vieira, Rui Corrêa Vieira, Pedro Henrique Corrêa Vieira.

A Sede da Sociedade permaneceu na cidade de São Carlos até 1986, quando então mudou-se para Brasília.

No primeiro número da Folha Criacionista foram publicados os estatutos da Sociedade, onde ficou claramente expresso que "a finalidade principal desta Sociedade será a divulgação de evidências, resultantes de pesquisas, que apoiem a tese de que o mundo físico, incluindo as plantas, os animais e o homem, são resultado de atos criativos diretos de um Deus pessoal."

Tinha-se a intenção de publicar três números da Folha Criacionista anualmente, o que de todo não se mostrou possível, tendo-se passado a perseguir a meta de, pelo menos, dois números anuais.

Desde o início, colaborou na confecção dos desenhos e ilustrações da Folha Criacionista, o Sr. Francisco Batista de Mello, e na revisão de textos, a Profª. Berta de Camargo Vieira.

A impressão da Folha foi feita desde o seu início no serviço de publicações da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. A partir de 1985, a impressão passou a ser efetuada nos serviços gráficos da Organização Santamarense de Educação e Cultura, com o apoio da *Golden Cross, na pessoa de seu presidente, Dr. Milton Soldani Afonso, e de seus diretores Dr. Filip Aszalos e Dr. Edgard Mário Berger.

Todo o trabalho e correspondência, secretaria e datilografia, expedição e controle, ficaram a cargo de Rui Corrêa Vieira.

Aos poucos, a Sociedade foi aumentando seu âmbito de atuação, passando a formar um significativo acervo de livros, revistas e artigos

que hoje integram o Núcleo de Pesquisas Bíblicas da Organização Santamarense de Educação e Cultura. Da mesma forma, a Sociedade dispõe de importante coleção de dispositivos e fitas “K7” bem como videoteipes e filmes de 16mm, todos versando sobre a controvérsia “Evolução *versus* Criação”.

A Sociedade mantém intercâmbio com outras entidades congêneres estrangeiras. Hoje já existem outras sociedades criacionistas no Brasil, com as quais também a Sociedade Criacionista Brasileira vem mantendo contato e intercâmbio. A volumosa correspondência de associados e interessados em geral tem sido altamente estimulante para a manutenção desse trabalho e divulgação.

A “Folha Criacionista”, órgão divulgador da Sociedade, publicou semestralmente, de 1972 a 1987, um total de 37 números.

SOCIEDADE INTERNACIONAL DE TRATADOS DO BRASIL. Veja **Casa Publicadora Brasileira (CPB).**

SOCIEDADES SECRETAS. A igreja Adventista em seus dias embrionários aconselhou consistentemente seus membros contra pertencerem a sociedades secretas. As razões para isto podem ser resumidas como se segue: (1) as sociedades secretas exigem lealdade que pertence a Deus e à Sua Igreja; (2) eles unem pessoas que são contrárias à Palavra de Deus (II Cor. 6:14); (3) o sigilo imposto aos membros os impede de seguir o exemplo de Cristo de trabalhar abertamente (João 18:20).

Em junho de 1860, J. H. Waggoner discutiu o assunto da participação em sociedades secretas na *Review and Herald* de 19/06/1860. Ele afirmou que “o cristão está ligado a princípios da mais alta ordem, suficientes para a rejeição de tal associação.” Em 1864, John Byington, então presidente da AG, e os membros da Comissão da

Associação Geral deram as seguintes razões pelas quais os ASD não deveriam pertencer a sociedade secretas: (1) “Sua maneira de trabalhar está em desacordo com a Bíblia e seus ensinos, que exige de nós uma atuação aberta e franca, e é explícita em seu testemunho contra o trabalho em sociedades secretas,” (2) os ASD “seriam levados ao contato direto com os ensinos do mundo” (*ibid.*, 09/08/1864).

Em março de 1883, na *Review and Herald*, o editor listou 50 razões pelas quais os cristãos não deveriam pertencer a sociedades secretas. Entre essas razões, estava a de que as sociedades secretas impunham obrigações aos membros que os forçavam a freqüentar e participar de ardis e pretensões e até de falsidades para ocultar os segredos aos quais fizeram juramento e que freqüentemente usavam cerimônias de iniciação que insultavam a dignidade humana. Em 1889, L. A. Smith ressaltou que “onde o objeto está acima de suspeita, é desnecessário mistério (*ibid.*, 4 de junho). Por informação posterior do porquê os ASD não pertencerem a sociedades secretas, veja *SDABC* 6:1106; 7:985; *Ev*, 617-623; 2*ME*, 121-140.

SONHO. [heb. *chalôm*, “um sonho,” de *chalam*, “sonhar”; *shenah*, “sono” (Sal. 90:5). Aramaico, *chelem*, de *en*, “em”, e *hypnos*, “dormir”; *onar*, “um sonho”.] Para os antigos, o sonho freqüentemente tinha um grande significado, que, porém, não era óbvio exceto a alguém dotado ou iniciado na capacidade de interpretar sonhos (Gên. 41:11, 12; Dan. 5:12). A Bíblia registra tais crenças sendo mantidas pelos egípcios (Gên. 41), os midianitas (Juí. 7:13, 15), e os babilônicos (Dan. 2).

Deus Se comunicava com os homens através de sonhos (Núm. 12:6). No entanto, a Bíblia claramente ensina que nem todos os sonhos são de origem divina. Deus deu orientações específicas quanto a detectar falsos sonhos e expor os sonhadores (Deut. 13:1-5). Em Jó 20:8, os sonhos são usados para ilustrar aquilo que é transitório.

Os termos “sonhos” e “visões” são, às vezes, usados como sinônimos. “Sonho” enfatiza algo visto enquanto a pessoa está dormindo, enquanto “visão” enfatiza uma “aparência,” uma “cena”, “algo que foi visto”. A “visão” pode vir durante um sonho durante à noite (Dan. 2:19, At. 12:9), caso em que qualquer termo poderia corretamente descrever a experiência (veja Is. 29:7). Em Joel 2:28, Atos 2:17, os 2 termos aparecem em paralelismo poético e provavelmente sejam sinônimos.

SOUZA, ANTÉRIO LUIZ DE. (1906-1938) *Colportor-evangelista. Dotado e espírito bondoso, sempre com um sorriso cristão e cortês, simples e atencioso para com todos, exercia influência salvadora onde quer que andasse. Principalmente no sertão da Bahia, onde a dedicação à *Colportagem evangelística fez-se presente.

De uma de suas cartas extraíamos o seguinte:

> “Três fracassaram no trabalho, mas eu estou muito contente na vinha do mestre. Ganhei 32 almas para Cristo e tive que enfrentar a luta contra os sacerdotes neste sertão. A colportagem é um trabalho abençoado. O colportor está sempre em união com o Senhor e vê a sua mão poderosa para o trabalho”.

Faleceu aos 32 anos de idade, na capital Baiana vitimado pelo impaludismo

SOUZA, ARTÊMIA BIVAR DE (-1977). Pioneira adventista de Campo Grande, Mato Grosso do sul.

Faleceu em 21 de Agosto de 1977.

SOUZA, JOANA CARVALHO DE (1930-1982). Professora e instrutora bíblica. Nasceu em 1930. Iniciou suas atividades na Obra Adventista em 1952 como professora trabalhando até 1979.

Sua principal atividade foi como instrutora bíblica na *Missão Baixo-Amazonas da IASD. Apesar de seus graves problemas de saúde, ajudou na preparação de 63 pessoas para o batismo, nos seus três últimos anos de vida.

Faleceu no dia 27 de novembro de 1982, aos 52 anos de idade.

SOUZA, JOÃO OLÍMPIO (1918-1981). *Colportor pioneiro no Nordeste. Nasceu no dia 08 de janeiro de 1918 em Recife, Pernambuco. Filho de José Olímpio de Souza e Leopoldina Maria de Souza. Conheceu a mensagem adventista através de uma série de conferências dirigidas por Ozias, membro da igreja de Arruda-Recife. Teve apenas formação escolar primária.

Em 08 de julho de 1947, casou-se com Maria do Carmo de Souza, e desta união nasceram: Abinoan, Abinadabe, Abinancy, Abinael, Edna, Rute, Eliezer, Lucicleide.

Neste mesmo ano, sem setembro de 1947, ingressou na Obra Adventista trabalhando como colportor licenciado até 1953. De julho de 1953 a novembro de 1956, trabalhou como colportor credenciado e de dezembro de 1956 a dezembro de 1979, atuou como diretor assistente de *Colportagem, sempre na *Missão Nordeste.

Após sua jubilação, participou diretamente das atividades da igreja de Cavaleiro no Recife.

Faleceu no dia 28 de março de 1981, aos 63 anos de idade, em Recife, Pernambuco, sendo sepultado no cemitério Parque das Flores,.

SOUZA, LILLY DE (1915-1994). Obreira Bíblica e colportora. Casou-se com o Pr. Sesóstris César Souza e desta união nasceram duas filhas: Rute e Irenilda.

Trabalhou desde o Amazonas até o Rio Grande do Sul. Dedicava tempo à *Colportagem e como Obreira Bíblica, encaminhou 700 pessoas ao *Batismo. Jubilada (Veja **Jubilação, Jubilado, Jubilar-se**), era membro da IASD do *Instituto Adventista São Paulo (IASP).

Faleceu no dia 29 de julho de 1994, aos 79 anos de idade, em Hortolândia, SP.

SPIES, FREDERICO WEBER (1866-1935). Missionário pioneiro, *Pastor e administrador. Nasceu em Filadélfia, no Estado da Pensilvânia, nos EUA, em 29 de junho de 1866. Converteu-se ao Evangelho aos 22 anos de idade. Casou-se com Isadora Read em 1892, e desta união nasceu-lhes uma filha: Mabel.

Logo depois de sua conversão, dedicou-se à obra da *Colportagem, trabalho em que se empenhou durante 4 anos, na qualidade de colportor, sendo chamado à Alemanha para iniciar o mesmo ramo de trabalho: Diretor de Colportagem.

Em 1896, enquanto trabalhava na colportagem, foi convidado pela *Associação Geral dos Adventistas do 7º Dia a trabalhar como missionário no Brasil. Antes de sua partida, foi consagrado para a obra do ministério.

O trabalho dos Adventistas do 7º Dia era pouco conhecido no Brasil antes de sua vinda, sendo o Pr. Spies e sua esposa pioneiros entre os que aqui vieram disseminar a verdade.

Dedicou-se ao ministério e trabalho bíblico nos Estado de Minas Gerais e Espírito Santo, e em 1900 foi chamado para Santa Catarina, onde fixou residência, trabalhando não somente neste Estado, mas também no Paraná e no Rio Grande do Sul.

Em 1903, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, e o Pr. Spies foi convidado a dirigir o trabalho dos Adventistas em todo o país.

Em 1917, o trabalho havia se desenvolvido de tal maneira que tornou-se necessária a divisão do Território Brasileiro em 2 Uniões *União Sul-Brasileira e *União Este-Brasileira. O casal Spies veio para a União Sul, voltando, em 1923, para União Este, no Rio de Janeiro, tendo sido presidente nas duas. Em 1927, fixou residência em São Bernardo, onde geriu a *Casa Publicadora Brasileira (CPB), cargo que ocupou até 1932.

Embora sendo jubilado em princípios de 1933, manteve-se ativo, dedicando-se mais a escrever artigos com mensagens de conforto e animação e cuidando da igreja alemã em São Paulo, onde esteve presente o último sábado de sua vida.

Na segunda-feira de manhã, enquanto lia sentado à mesa, teve uma síncope cardíaca, caindo da cadeira e ficando paralisado.

Faleceu no dia 31 de julho de 1935, aos 69 anos de idade, em Santo André, SP.

SPIES, ISADORA READ (1857-1937). Missionária pioneira no Brasil. Nasceu no dia 14 de dezembro de 1857, em Conneautville, Pensilvânia, Estados Unidos. Era filha de Hollis e Martha Read. Converteu-se ainda jovem, ouvindo as pregações do irmão Saunders, por volta de 1890.

Casou-se em 1892 com Frederick W. Spies, que serviu como presidente da Missão Brasileira e da União Brasileira desde os seus primórdios até sua divisão em 1918, transformando-se na *União Sul-Brasileira e *União Este-Brasileira da IASD. Um dia após o casamento, o casal embarcou para a Alemanha como missionário. Ali seu esposo deu início à obra de *Colportagem na qualidade de diretor desse departamento.

Em 1896, a convite da Associação Geral, Isadora e Frederick Spies vieram ao Brasil e tornaram-se um dos primeiros missionários nesses país. Trabalharam, a princípio nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Posteriormente estiveram em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Em 1903, a Sra. Spies acompanhou seu esposo ao Rio de Janeiro, onde ele deveria assumir a direção da Obra adventista em todo o Brasil. Em 1915, preocupada com a Obra educacional adventista no Brasil, a Sra. Spies fez um veemente apelo em um concílio de Pastores, incentivando a fundação de uma escola missionária. Assim ela se expressou:

> Irmãos, nós precisamos prosseguir na fé. Eu creio que o tempo chegou no qual devemos prosseguir e estabelecer nosso sistema de escolas como em outros campos. Quando o tempo vier para avançar Deus achará seus homens e providenciará o dinheiro necessário para o projeto. Não hesitemos, mas prossigamos na fé. O trabalho é do Senhor.

Após este fervoroso apelo, pela oração de fé e com a cooperação incansável de todos, o *Seminário Adventista foi fundando, iniciando sua primeira aula no dia 3 de julho de 1915, com apenas 12 alunos.

Em 1917, o Brasil foi dividido em duas Uniões; o casal Spies foi para o Sul, voltando em 1923 para ao Rio de Janeiro. Em 1927, o Pr. Spies assumiu a direção da *Casa Publicadora Brasileira (CPB) e ali permaneceram até 1932.

Em 31 de julho de 1935, a Sra. Spies ficou viúva. Apesar da idade avançada, não deixou de assistir aos cultos. Sofreu uma queda que a obrigou ao repouso.

Faleceu no dia 8 de dezembro de 1937, aos 79 anos de idade em Santo André, SP.

STABENOW, CARL HERMAN FRANZ (1895-1980). Pioneiro do Adventismo no Espírito Santo. Filho de Carl Stabenow e Matilde Reblin. Nasceu no dia 22 de janeiro de 1895 e foi batizado na Igreja Luterana Evangélica Alemã em 2 de março de 1895, em Santa Leopoldina, ES.

Em 20 de fevereiro de 1916, casou-se com Wielhermina Krüger na Igreja Luterana. Da união conjugal nasceram onze filhos: Germano, Lydia, Alberto, Floriano, Martinho, Holdina, Elza, Zeferino, Samuel, Paulo e Waldemar.

Após o casamento estabeleceu residência em Alto Caldeirão, município de Santa Teresa, ES.

Em 1920, mudou-se para Serra Pelada, onde seus vizinhos, a família Krüger, fiéis adventistas do 7º Dia, apresentou-lhes o Evangelho.

Após um ano de estudos e debates, o casal Stabenow aceitou a mensagem adventista auxiliado por *Henrique Stoehr e *Emílio Storch e batizaram-se no final do ano de 1920, passando a freqüentar a *IASD de Serra Pelada.

Em 1922, a família Stabenow mudou-se para Ribeirão, no Córrego Castanheira, onde passaram a freqüentar a casa de Henrique Belz, local de reuniões de um pequeno grupo de Adventistas. Algum tempo depois, o grupo de adventistas passou a reunir-se na casa de Carlos Stabenow onde permaneceu até 1930.

Em 1931, Carl Stabenow mudou-se para Laranja da Terra.

Em 26 de dezembro de 1946, o Pr. *Abraham Classen Harder, presidente da *Missão Espírito-Santense da IASD na época, inaugurou a igreja de Laranja da Terra e a família Stabenow assumiu a liderança dessa congregação por muitos anos.

No dia 3 de dezembro de 1974, faleceu Wielhermina Krüger, e seis anos depois, em 15 de novembro de 1980, faleceu Carl Stabenow, aos 85 anos de idade.

STAERKE, OTTO (1881-1962). *Colportor pioneiro e obreiro bíblico em Santa Catarina. Nasceu na Alemanha, chegou ao Brasil órfão de pai e mãe aos 16 anos. Ouviu a mensagem adventista e foi batizado pelo Pr. *Frederico Weber Spies, em 1898, tornando-se colportor e obreiro bíblico. Casou-se em 1899, em Joinville, com Guilhermina Staerke de cuja união nasceram três filhos: Elfrieda, Adolfo e Paulo. Após o casamento rumou para Gaspar Alto, onde uniu-se a outros pioneiros da Mensagem Adventista no Brasil. Sua hospitalidade era notória no Brasil, pois os veteranos da fé sabiam onde encontrar a porta aberta a qualquer hora do dia e isto foi assim até o fim de seus dias de vida.

Faleceu no dia 21 de setembro de 1961, aos 81 anos de idade.

STAHL, ANA CHRISTINA CARLSON (1870-1968). Missionária para a América do Sul. Nasceu na Suécia em 1870 e começou a ser treinada na arte de trabalhos domésticos aos 12 anos. Aos 15 anos, tornou-se governanta em uma casa rica na Suécia. No ano seguinte, emigrou para os EUA. Enquanto trabalhava como garçonete, conheceu *Fernando Stahl e casaram-se em 1892.

Vários anos mais tarde, após sua conversão, os amigos fizeram arranjos para os Stahls irem a Madison, Wisconsin, estudar enfermagem. Após assistirem à sessão da *Conferência Geral, de 1909, foram chamados para a América do Sul, onde se tornou-se conhecida como “La Hermana”(A irmã). Trabalhou como enfermeira entre as mulheres espanholas abastadas e entre os índios pobres da região do Amazonas e Andes. Ajudou a fundar escolas para crianças e adultos entre os índios.

Trabalhando incansavelmente ao lado de seu marido, Ana Stahl conheceu intimamente as duas maravilhas da América do Sul: os imponentes Andes e a poderosa Amazônia.

Em 1939, após 29 anos de serviço no campo missionário escolhido, os Stahls retornaram aos EUA para uma jubilação ativa em Paradise, Califórnia.

STAHL, FERDINAND ANTONY (1874-1950). Missionário na América do Sul. Tornou-se adventista em 1902 e, logo a seguir, ele e sua esposa, *Ana Christina Carlson, cursaram enfermagem no Sanatório de Battle Creek, assumiram o setor de terapia em Cleveland, Ohio e, depois, dirigiram um sanatório em Akron, Ohio.

Na Conferência Geral, em 1909, os Stahls, ofereceram-se para o serviço missionário e pagaram as despesas de sua viagem à Bolívia, onde chegaram em julho de 1909. Logo começaram a trabalhar entre os índios em La Paz e em seus arredores.

Dois anos mais tarde, Stahl foi temporariamente designado para a Missão Plateria no lado peruano do Lago Titicaca, servindo assim os Índios no Peru e Bolívia. Mais tarde, no mesmo ano, sua nomeação temporária prolongou-se e ele trabalhou cerca de 10 anos entre os Índios Aymara e Quechua. Estabeleceu vários postos missionários no Peru, entre eles, a Missão Pedra Quebrada (próxima a Umichi, Peru). Famosa por causa de uma pedra que Stahl sugeriu usá-la como um símbolo dando metade ao cacique e guardando a outra metade para identificar o professor que seria enviado, mais tarde para ensinar os índios. Três anos mais tarde (1917), E. P. Howard e sua esposa foram enviados como professores expandindo o trabalho nessa região.

Quando em 1921, os Stahls foram forçados, por motivos de saúde, a deixarem as alturas dos Andes, foram trabalhar entre os índios, nas cabeceiras do Amazonas. Ali estabeleceram a Missão Metraro. Em 1939, voltaram para América após 29 anos de corajoso pioneirismo.

STAUFFER, ALBERT B. (*c.* 1900). *Colportor pioneiro na Argentina, Uruguai e Brasil. Em 1892, acompanhou *Elwin Winthrop Snyder e C. A. Nowlen à Argentina, onde vendeu publicações aos colonos alemães. Em 1893, foi ao Uruguai onde trabalhou entre os colonos suíços e alemães. Em maio do mesmo ano veio ao Brasil, sendo o primeiro colportor a entrar no país.

Nos primeiros anos do século, ele assumiu posições administrativas no Sul do país.

STEEN, THOMAS WILSON (1887-1978) Administrador, professor e psicólogo. Nasceu no dia 12 de abril de 1887, perto de Washington, Iowa. Filho de Samuel Britton Steen e Emma Cooper Steen, seus pais criam na Igreja Adventista, porém não freqüentavam nenhuma igreja.

Steen fez seus primeiros estudos na Stuart Academy de Iowa, dirigindo-se depois para o Emmanuel Missionary College (futura Andrews University) onde obteve o B.A. (Bachelor of Arts) em 1910. Trabalhando no departamento de engenharia do colégio, conseguiu pagar os estudos. Sua mãe ajudava-o dando-lhe roupas.

Casou-se com Margaret Mallory no ano de sua formatura e de seu casamento nasceram Rebekah (Kuhlman), comerciante e Ramira (Jobe), advogada.

Após o casamento, o casal ligou-se à obra educacional, como professores na Adelphian Academy, Michigan, onde trabalharam até 1918. Logo após, receberam um convite para serem missionários no Brasil. Ele trabalhou como diretor e ela como professora do recente *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Permaneceram no Brasil nove anos, de 1918 a 1927.

Concluiu o Mestrado pela Northwestern University em 1933 e o Doutorado (Ph.D.) pela Universidade de Chicago, em 1939. Especializou-se em Administração Escolar e Psicologia Clínica.

Buscando sempre o aperfeiçoamento profissional, Thomas Steen fez vários cursos pós-doutorado em: Western Reserve University, Duke University, University of Tennessee, George Peabody College for Teachers, Claremont Graduate School.

Na Obra Adventista, Thomas W. Steen ocupou as seguintes posições: Professor da Escola Paroquial de Iron River, Michigan (1906-1907); preceptor, instrutor, tesoureiro e diretor de comércio da Fox River Academy (1910-1913); Diretor da Adelphian Academy (Michigan), (1913-1918); Diretor do Instituto Adventista de Ensino (IAE), (1918-1928); Diretor do Broadview College (1928-1934); Diretor do Emanuel Missionary College (1934-1937); Deão do Washington Missionary College (1939-1940); Diretor do River Plate College (Argentina), (1940-1943); Diretor do Instituto Adventista do Uruguai (1943-1945); Diretor do Colégio União Incaica (Peru), (1945-1946); Presidente do Madison College (1946-1948); Diretor dos Departamentos de Psicologia e Educação do Southern Missionary College (1948-1955); Psicólogo Clínico no Sanatório e Hospital de Washington (1955-1956); Psicólogo Clínico na Clínica Médica Miller (1956-1967).

Recebeu seu certificado de *Ordenação em janeiro de 1929 enquanto servia como diretor do Broadview College.

Em 1934, prosseguindo em sua carreira, foi escolhido para ser o diretor do Emanuel Missionary College, onde diplomara-se. Permaneceu neste colégio até 1937.

Durante os 16 anos em que o Dr. Steen passou na América do Sul, foi diretor de 4 colégios: Instituto Adventista de Ensino (1918 a 1927), Argentina, Uruguai e União Incaica. Neste período, lecionou em português e espanhol.

Os últimos 18 anos de sua vida ativa foram dedicados ao magistério e à psicologia clínica em Washington, D.C. Quando sua visão começou a falhar, o casal Steen mudou-se para Loma Linda, perto da filha Ramira e os últimos 4 anos de Thomas Steen foram vividos em Berrien Springs, Michigan, perto da outra filha Rebekah.

Em 1967, com 57 anos de trabalho foi jubilado.

Dr. Thomas Steen serviu a Obra Adventista por 60 anos.

Faleceu no dia 29 de novembro de 1978, aos 91 anos de idade, no Pawating Hospital em Niles, Michigan, sendo sepultado no Cemitério de Rose Hill.

STEIN [JÚNIOR], GUILHERME (1871-1957). Nasceu no dia 13 de novembro de 1871, em Campinas, SP. Filho de imigrantes suíços e alemães luteranos.

Estudou em Campinas, trabalhou como auxiliar de ferramenteiro em oficinas ligadas à Companhia de Estrada de Ferro.

Mais tarde, foi trabalhar na Fábrica de Troféus Khähenbühl, em Piracicaba, pertencente à família de sua futura esposa.

Casou-se em 1892 com Maria Khähenbühl, nascida em 13 de Dezembro de 1879 em Piracicaba, filha também de imigrantes suíços e alemães também luteranos. Desta união nasceram três filhos: Guilherme, Valdemar e Abel.

Foi batizado em abril de 1895, pelo Pr. Francis F. Westphal no Rio Piracicaba. Começou a guardar o *Sábado, através da leitura da *Bíblia. O mesmo Pastor que o batizou seguiu para Indaiatuba e procedeu ao batismo de seu pai, Guilherme Stein, sua mãe e quatro irmãos.

Em Indaiatuba, foi organizada a primeira *Escola Sabatina no Brasil. Na **Review and Herald* de 6 de julho de 1895, escreveu o Pr. Westphal: “Em Indaiatuba, uma família começou a guardar o sábado através da literatura. Eu batizei setes famílias (incluindo o filho de

Piracicaba) e organizei uma Escola Sabatina (possivelmente a primeira no Brasil).”

No ano seguinte ao seu batismo, Guilherme Stein Júnior ingressou no trabalho Adventista, primeiramente como colportor; porém, não havia literatura em português senão um pequeno livro traduzido nos Estados Unidos em mal português, intitulado: “Passos a Cristo” que posteriormente Guilherme Stein o traduziu novamente chamando-o de “Vereda de Cristo”.

Em 1896, Guilherme Stein Júnior e sua esposa foram para Curitiba, onde trabalhou como professor no *Colégio Internacional, considerado o primeiro Educandário Adventista no Brasil. A escola, que começou com apenas 6 alunos, alcançou no final de seis meses uma matrícula de 120 alunos.

Em 1898, foram para Brusque, em Santa Catarina, para estabelecer a primeira escola paroquial Adventista do Brasil. Foi transferido para Santos em 1899, como evangelista e obreiro bíblico.

Em 1900, mudou-se para o Rio de Janeiro, e iniciou ali a publicação da primeira Revista Adventista missionária no Brasil: **O Arauto da Verdade*, da qual foi seu primeiro redator, mantendo as funções de obreiro bíblico e colportor.

Em 1912, essa revista passou a chamar-se: **Sinais dos Tempos*, Em 1923, *“O Atalaia”*, e, posteriormente *“*Decisão”*,

Do Rio de Janeiro, Guilherme Stein Júnior e sua esposa foram trabalhar na *Casa Publicadora Brasileira (CAB), trabalhando como redator, tradutor e editor, até sua jubilação, em 1918.

Guilherme Stein Júnior também era escritor. Dentre os livros escritos por ele, encontra-se: “O Sábado”, publicado em 1919 pela *Sociedade Internacional de Tratados no Brasil, precursora da CPB, que foi o primeiro livro Adventista de autor brasileiro. O livro “O Tupi — De onde veio sua língua e sua religião”, publicado em 1934 pela

Livraria Liberdade. Ele foi o primeiro a traduzir hinos para a língua portuguesa. *Sucessos Preditos na História Mundial*, *O Sábado*.

Foi também professor de Línguas, pois dominava mais de 40 línguas, entre elas o sumério, o egípcio e numerosas línguas indígenas das Américas. Foi professor de Línguas no Colégio Piracicabano, onde exerceu funções de aconselhamento Pastoral.

Entre suas traduções efetuadas figuram; *“Vereda de Cristo” (Caminho a Cristo)*, *“Vida de Jesus”*, *“O Grande Conflito”*, *“Guia Prático da Saúde”*, e outros; além de muitos hinos para o primeiro hinário Adventista, entre eles os hinos: 121, 146, 158, 180, 197, 261 e 297. É de sua autoria a compilação das histórias que foram publicadas no livro “Pérolas Esparsas”, escrito para crianças e jovens.

Após sua jubilação, dedicou-se ao estudo do monogenismo lingüístico.

Faleceu em 5 de outubro de 1957, sendo sepultado em Indaiatuba.

STEIN, GUILHERME III.

STIME DER WAHREIT. Revista Adventista em alemão. Em 1884, na cidade de Brusque, SC, Hort, pai de *Adolfo Hort, recebeu em seu estabelecimento comercial um pacote contendo os primeiros exemplares desta revista adventista em alemão. Teve assim início o Adventismo nesta localidade.

STOHER, CONRAD (1900-1990). *Pastor e professor. Nasceu em 1900, na Alemanha. O Pr. Stoher, batizado aos 18 anos, ainda em seu país de origem, foi um dos primeiros missionários entre os alemães radicados no Brasil.

Iniciou seu ministério em Teófilo Otoni, MG, como professor, e terminou-o na *IASD Central Paulistana, como Pastor para os alemães.

Atuou muito tempo também como orador do programa “A Voz da Esperança” em língua alemã.

Aposentado desde 1986, dedicou seus últimos anos à visitação de instituições e à realização de Semanas de Oração.

Faleceu no dia 15 de junho de 1990, aos 90 anos de idade, em Fortaleza, CE.

STORCH, AGATINA CUPPERI (1900-1963). Adventista e missionária pioneira. Nasceu na Silícia, Itália em 1900. Sua família pertencia à igreja dos Valdenses na Europa.

Ao virem para o Brasil, assistiram uma série de conferências dirigida pelo Pr. *John Lipke. Agatina e sua mãe foram batizadas.

Sua mãe, desejando ver a filha ser uma missionária, matriculou Agatina no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), no Capão Redondo, em 1916, na época tinha 16 anos. No colégio conheceu *Gustavo S. Storch, que mais tarde seria seu esposo.

Gustavo S. Storch e Agatina Cupperi casaram-se e tiveram 3 filhos. Trabalharam no campo missionário durante 44 anos.

Faleceu no dia 17 de dezembro de 1963, na *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP) SP. Foi sepultada no cemitério de Campo Grande, SP.

STORCH, EMÍLIO (1879-1940). Pioneiro da Igreja Adventista do 7º Dia no Espírito Santo. Nasceu em 1879, em Santa Maria, no Estado do Espírito Santo. Em 1900 foi batizado pelo Pr. *Frederico Weber Spies, tornando-se um dos primeiros membros da Igreja Adventista nesta região.

Casou-se com Maria Storch e da união, nasceram 10 filhos. Mais tarde, o casal mudou-se para Serra Pelada, nesse mesmo Estado, onde Emílio veio a falecer.

Faleceu em 1940, aos 61 anos de idade.

STORCH, GUSTAVO (1896-1993). *Pastor, administrador e evangelista pioneiro. Nasceu em fevereiro de 1896, próximo de Santa Maria no Espírito Santo. batizou-se em 1912, em um batismo conduzido pelos Pastores Spies e Meyer.

Em 1914, ingressou no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde estudou até 1918, sendo formando da primeira turma em 1922. Foi enviado para Minas Gerais onde trabalhou durante um ano e meio.

Casou-se com *Agatina Cupperi e tiveram 2 filhos nascidos na Bahia: Lyndon Ebenezer e uma filha Olga, nascida no Rio de Janeiro.

Em 1925, realizou-se uma Assembléia Geral no *Colégio Adventista Brasileiro (atual *IAE), onde Gustavo Storch foi ordenado. Em 1929, foi transferido de Sergipe para o Rio Grande do Sul, e em 1930, a *União Este-Brasileira da IASD convidou-o para ser o Presidente da *Missão Pernambucana, em Recife, sendo o 1º brasileiro a dirigir uma Missão após 12 anos como distrital.

Em 1936, foi chamado para ser evangelista da *União Norte-Brasileira da IASD, em Belém, PA.

Em 1944, foi enviado pela *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA) ao Seminário Teológico, em Washington D.C., EUA, a fim de estudar assuntos teológicos.

Voltando ao Brasil foi enviado a Manaus, para realizar uma série de conferências. Depois foi presidente da *União Costa-Norte.

Trabalhou 40 anos na causa de Deus, realizando 33 conferências. Aposentado, residiu no Capão Redondo, SP.

Após 43 anos de casados, Agatina Cupperi faleceu. Dois anos depois, Gustavo Storch casou-se com Olinda Werlich.

Durante 60 anos serviu à causa de Deus, como Pastor distrital, departamental, evangelista e presidente de campo.

Faleceu no dia 31 de agosto de 1993, aos 97 anos de idade, em Florianópolis, SC.

STORRS, GEORGE (1796-1879). Pregador *Milerita e escritor, principal expositor da imortalidade condicional. Nascido em New Hampshire, foi primeiramente Congregacionalista e depois metodista. Ele se afastou do ministério metodista em 1840 para realizar palestras sobre a escravidão. Porém, três anos antes, Storrs tinha sido levado, através de um folheto escrito por Henry Grew, de Philadelphia, a pesquisar nas Escrituras cuidadosamente sobre a questão do destino final do homem em seu estado na morte. Após muitos anos de investigação, conversação e correspondência com certos ministros, ele chegou à conclusão de que o homem não possui imortalidade inerente, mas a recebe somente como um dom através de Cristo e que o ímpio que recusa o dom será exterminado pelo fogo na *Segunda Morte. Em 1841, ele publicou *Uma Questão: É a Alma dos Ímpios Imortal? Em Três Cartas*, escrito originalmente a um amigo e publicado anonimamente.

Em 1842, ele se sentiu impelido a falar claramente à sua congregação sobre seus conceitos sobre a natureza do homem. Ele pregou seis sermões, que revisou e publicou como *Uma Questão: É a Alma dos Ímpios Imortal? Em Seis Sermões*, (Albany, N. Y., 1842).

Logo depois, convencido de que os ensinos adventistas estavam corretos, deixou seu ministério em Albany em 1842 para viajar e pregar a mensagem adventista. Ele não introduzia suas idéias pessoais sobre a natureza do homem em seus sermões mas, cercado por interrogações, revisou seus *Seis Sermões*, e os distribuiu às suas próprias expensas. Em 1843, os *Seis Sermões* também foram publicados na Inglaterra. Charles Fitch aceitou a doutrina da imortalidade condicional em janeiro de 1844, tornando-se o primeiro ministro converso de Storrs. Outros ministros

seguiram-no. Mas houve oposição. O próprio Guilherme Miller censurou Storrs; Litch publicou uma pequena revista, *Anti-Aniquilacionista*, contra a posição de Storrs e I. E. Jones protestou em uma carta para Miller.

Em 1843, Storrs iniciou o *Bible Examiner* em Albany, que publicava os ensinos de Miller sobre a Vinda de Cristo em 1843-1844. Ele escreveu um pequeno livro, em forma de perguntas e respostas, também chamado *Bible Examiner*, uma exposição verso por verso dos capítulos principais de Daniel e Apocalipse, juntamente com Is. 55, Zac. 14 e Mat. 24.

Escritor e pregador eficiente, Storrs foi um dos mais vigorosos defensores da expectação do *sétimo mês, mas imediatamente após o grande *Desapontamento de 1844, ele foi um dos primeiros a desacreditar no movimento, atribuindo-o à “influência do mesmerismo”. Em 1845, abraçou ensinos dos milenistas “judaizantes”, isto é, a interpretação literal (Veja **Pré-milenismo)**, de acordo com o qual as profecias do reino deviam se cumprir literalmente aos judeus literais durante o milênio. Os Adventistas continuaram a citar o próprio Storrs contra ele mesmo sobre esse assunto.

Na década seguinte, ele aceitou o conceito, defendido primeiramente por seu editor associado no *Bible Examiner*, de que nenhum ímpio ressuscitaria. Ele tornou-se presidente da “União Vida e Advento”, organizada em 1863 para propagar essa doutrina. Posteriormente, retornou à posição da ressurreição de todos os mortos.

STREITHORST, APOLÔNIA KLEIN (1893-1979) Esposa do Pr. Germano Paulo Streithorst. Nasceu no dia 17 de dezembro de 1893, em Rodentz, Alemanha. Era filha de Jacob Klein e Cristina Rottgen. Conheceu o Evangelho em uma série de conferências públicas.

Casou-se em 1913, aos 18 anos de idade, com *Germano Paulo Streithorst. Desta união nasceram 6 filhos: o Pr. Jacó Germano; Pr. Walter; Harry; Prof. Emannuel; Helen S. Raffo e Helga Esther Liedke.

Foi nutricionista por 2 anos no *Hospital Adventista Silvestre, RJ (HAS).

Viveu com seu esposo durante 66 anos. Tão logo foi informada da morte do esposo, agravou-se seu estado de saúde e dois dias depois faleceu.

Faleceu no dia 28 de janeiro de 1979 aos 85 anos de idade.

STREITHORST, GERMANO PAULO (1889-1979). *Pastor. Nasceu em 6 de junho de 1889 na Prússia (Republica Democrática Alemã). Filho de Hermann e Maria Streithorst.

Casou-se com Apolônia Klein em 1913 e da união nasceram 6 filhos: Pr. Walter; Harry; Prof. Emannuel; Helen S. Raffo e Helga Esther Liedke.

Cursou o Teológico no Seminário de Friedensau na Alemanha.

Iniciou seu trabalho em 1911. Em 1914, veio para o Brasil e durante 25 anos foi presidente dos Campos: Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, Rio Grande do Sul. Também foi professor no curso Teológico no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP)..

Durante seus 54 anos de serviço na causa de Deus, batizou mais de 4.000 pessoas.

Faleceu no dia 26 de janeiro de 1979, sendo sepultado no cemitério de Sumaré, SP.

STREITHORST, JACOB GERMANO (1915-1994). *Pastor e professor. Nasceu no dia 16 de dezembro de 1914, em Getúlio Vargas, RS. Filho de *Germano Streithorst e de *Apolônia Klein Streithorst.

Iniciou seus estudos em Florianópolis, SC, seguindo para o Colégio Americano, em Curitiba, PR.

Aos 6 anos de idade iniciou seus estudos de violino, indo mais tarde até a Europa estudar no Conservatório Dramático e Musical de Darmstadt, na Alemanha.

Voltando ao Brasil, estudo no *Colégio Adventista Brasileiro(CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), formando em Teologia em 1936.

Trabalhou primeiramente na *IASD Central do Rio de Janeiro sob a orientação do Pr. Roberto Rabelo. Participou de séries de conferências públicas na cidade de Petrópolis, RJ. Exerceu atividades ministeriais nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Casou-se no dia 30 de dezembro de 1943, com Mafalda da Silva Streithorst e, desta união nasceram 3 filhos: Mirza, Mariza e Cláudio.

Formado em Letras, em 1946, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, foi professor e diretor do *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS), em Taquara, RS e do *Instituto Adventista Paranaense (IAP), em Curitiba, PR.

Foi aos Estados Unidos especializar-se e aos voltar foi pastor na cidade de Paranaguá, PR, indo depois para Curitiba. Em 1959 retornou aos IACS.

Faleceu no dia 17 de abril de 1994, aos 79 anos de idade, em São Paulo, SP. A cerimônia fúnebre foi realizada em Taquara, no dia 19 de abril, dirigida pelos Prs. Darci Trojan e Floriano Xavier.

STROHSCHEIN, GOTTLIEB (1865-1951). Pioneiro adventista. Nasceu no dia 10 de março de 1865, na Rússia, emigrou para o Brasil, onde foi batizado em 14 de janeiro de 1899, pelo Pr *Ernest J. T. Schwantes. Foi o primeiro Adventista a ser batizado na zona da serra no Rio Grande do Sul.

Por muitos anos, naqueles tempos de início da Igreja Adventista no Rio Grande do Sul, levou os Prs. Sussenbach, Ehlers, Graff Meier, Spies, Schwantes e *John Boehm, em suas viagens missionárias, em sua carroça, em animais e mesmo a pé pelo interior.

Antes de falecer fez um novo concerto com Deus. Tomou a Santa Ceia e aconselhou a seus filhos a não abandonarem a fé em Deus.

Faleceu no dia 19 de fevereiro de 1951, aos 86 anos de idade, em Ijuí, RS.

STUHLMANN, LUISE (1873-1956). Professora e colportora (Veja **Colportor**). Casou-se em 1897, com Frederico Stuhlmann, na Alemanha. Em 1898, assistiram a uma reunião missionária em Hamburgo, onde ouviram a respeito da necessidade de missionários no Brasil. Então resolveram engajar-se neste trabalho e vieram no mesmo ano para a América do Sul. O casal exerceu atividades em vários estados do Brasil, entre eles: Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul. Ambos trabalharam como colportores e professores de escola primária.

Em 1947, o casal completou bodas de ouro em Taquara, RS.

Faleceu no dia 11 de maio de 1956, aos 93 anos de idade, em Taquara, RS.

T

TABACO. Veja **Temperança; Saúde, Princípios de.**

TABERNÁCULO DIME. Antigo e grande templo ASD, o quarto a ser construído na cidade de Battle Creek, Michigan. O alicerce começou a ser posto em 19 de agosto de 1878, e em fevereiro, deu-se o

nome Tabernáculo Dime. Isto devido ao fato de que os membros foram convidados a doar *dimes* (moeda equivalente a dez centavos de dólar; ¹/10) para o projeto. A construção do tabernáculo foi considerada o clímax da carreira de *Tiago White, que naquele ano (1879), aceitou pela última vez a Presidência da *Associação Geral da IASD.

Comportando mais ou menos 4.000 pessoas sentadas, o tabernáculo foi considerado o local mais apropriado para a *Conferência Geral de 1901, onde foram feitos planos de alcance mundial de expansão e organização. O tabernáculo continuou a ser um lugar de encontro para grandes ajuntamentos dos ASD até ser destruído por um incêndio, em 1922.

TAUBE, FREDERICO GERMANO (1863-1927). Pioneiro da Obra Educacional. Nasceu em 29 de junho de 1863, na Alemanha. Vindo ao Brasil, passou a residir em Campo dos Quevedos, município de São Lourenço do Sul, RS, onde aceitou a mensagem adventista e batizou-se, em 03 de novembro de 1906.

Sendo já professor, assumiu a *Escola Adventista de Campos dos Quevedos, em dezembro de 1906, por um período inicial de 15 anos (1906-1921). Afastando-se por algum tempo da escola, passou a residir em Lajeado, RS, e depois no município de Pelotas, RS.

Retornando a Campos dos Quevedos, reassumiu a escola por um período de mais dois anos (1925-1927). Homem enérgico e eficiente, atuou também como ancião e fundou o coral e a orquestra da *Igreja Adventista na Igreja de Campos dos Quevedos. Faleceu em 30 de agosto de 1927, e foi sepultado no cemitério da Igreja de Campos dos Quevedos.

TALVIK, MARIA (1894-1980). *Obreira Adventista. Nascida na cidade de Extremo, MG, no ano de 1894, dedicou 26 anos de sua vida

como chefe de cozinha no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), sendo o zelo ao trabalho, organização e limpeza suas características mais marcantes.

Algumas de suas virtudes marcaram sua vida de serviço nos mais importantes e estratégicos setores de um internato Adventista, que são a cozinha e o refeitório.

Durante os difíceis anos da Segunda Guerra Mundial, quando faltavam muitos víveres, sua capacidade de liderança e criatividade foram postos à prova. Nesse tempo, a boa marcha do internato não foi afetada e os alunos continuaram tão saudáveis como antes.

Faleceu aos 86 anos de idade, no ano de 1980.

TAYLOR, GEORGE B. (1897-1959). Administrador. Nasceu em 1897, e graduou-se no Pacific Union College em 1914. Em 1919, recebeu no Emmanuel Missionary College, o título de Bacharel em Artes.

Em 1920, veio para o Brasil, onde foi por muitos anos, sucessivamente, professor, preceptor, vice-diretor e diretor do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) (1928-1931). Sua esposa ocupou cargos de enfermeira, preceptora e professora.

No ano em que assumiu a direção do colégio, foi feita a primeira arrecadação de ofertas para as missões estrangeiras. Saíram 31 professores e estudantes para distribuírem 242 exemplares da revista **Signs of the Times* (Sinais dos Tempos), mostrando o grande trabalho realizado.

Em 22 de setembro de 1931, foi chamado para dirigir o Colégio Agro-Industrial no Chile. De 1931 a 1935, trabalhou neste país, onde ele exerceu os cargos de diretor e secretário do Departamento de Educação da Associação Chilena entre outros.

Em 1940, regressou aos EUA, seu país de origem, para participar no ano seguinte do corpo docente do Pacific Union College, na

Califórnia. Faleceu em 26 de março de 1959, em Angwin, Califórnia, aos 62 anos de idade.

TEATRO. Veja **Recreação e Divertimentos.**

TELEPAZ. A Telepaz é um serviço da IASD que presta auxílio por telefone a pessoas angustiadas, que necessitam de apoio psicológico, moral e espiritual. A Telepaz conta com pessoal especializado na área de aconselhamento e ajuda psicológica.

O primeiro serviço Telepaz a funcionar no Brasil foi na *IASD Central de Curitiba, inaugurado em 1971, por idéia do Pr. Assad Bechara.

Até 1986, havia 7 linhas telefônicas de secretárias eletrônicas, funcionando 16 horas por dia, das 8h às 24h.

Depois surgiu no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza. Cada Telepaz conta com uma série de secretárias eletrônicas, para atender a uma média de 1.200 telefonemas. As fitas que transmitem as mensagens são substituídas periodicamente.

Cada Telepaz possui pelos menos um pastor conselheiro cristão, também formado em Psicologia. Ele cuida de todos os casos de problemas via telefone ou pessoalmente.

A Telepaz é mantida pela Organização Adventista, empresários ou igreja local. As mensagens são compostas de um texto de confiança e esperança. Logo após, toca-se uma música e por fim enunciado o número do telefone pelo qual se pode conversar com o conselheiro.

TEISEN, PANTALEÃO (1878-1966). Ex-proprietário da fazenda onde Localiza-se o *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Nasceu em 27 de julho de 1878, na Vila das Belezas, São Paulo, SP. Trabalhou como fiscal da Prefeitura. Em 1900, casou-se com Bendita

Mariano, filha de José Antônio Mariano, que havia adquirido de Amaro Vieira uma propriedade. Quando José Antônio Mariano morreu, deixou-a em herança para sua filha e genro.

O Sr. Pantaleão não fazia bom uso da herança. Alugava-a por 15 mil réis por mês, dando direito a usá-la como entendesse o locatário. Além disso, permitia que os vizinhos plantassem mandioca e, em reconhecimento, eles levam-lhe, quando iam a Santo Amaro, uma parte do fruto da terra.

A única morada existente dentro da propriedade era uma casa que ficava à beira da estrada, ao lado de um pinheiro, à esquerda de quem chega da cidade. Em frente morava Amaro Diniz, e onde hoje é o Capão Redondo, morava Salvador Correia, duas famílias tradicionais das redondezas.

Quando o Pr. *John Lipke, juntamente com o Pr. *John Boehm fizeram uma série de conferências em Santo Amaro, o Sr. Pantaleão foi assistir às conferências, embora um tanto relutante, pois era católico e não queria perder a novena que se realizava antes. Mas no tempo da decisão não hesitou. Embora Dna. Bendita não quisesse, ele batizou-se logo a seguir, foi a vez de sua esposa. Isto aconteceu em 1915. Neste mesmo ano, os Pastores que o batizaram, sabendo que ele possuía a referida propriedade, interessaram-se por ela e iniciaram as negociações. O negócio foi fechado e no dia 6 de maio de 1915, foi passada a escritura à *Igreja Adventista do Sétimo dia por vinte contos de réis.

Com o dinheiro da venda ele comprou uma chácara mais próxima de Santo Amaro onde passou a viver.

A propriedade tornou-se um colégio missionário, hoje o Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), localizado à Estrada de Itapecerica, Km 23.

O Sr. Pantaleão foi também um dos fundadores da Igreja Adventista do 7º Dia de Santo Amaro.

Faleceu em 9 de outubro de 1966, aos 88 anos de idade.

TELEPAZ - CURITIBA. Localiza-se na Al. Dr. Carlos de Carvalho, 400; Centro; Curitiba, PR, desde sua fundação.

Pertence à *Associação Sul-Paranaense da IASD e é mantida pela *IASD Central de Curitiba.

Esse trabalho tem como objetivo levar através do telefone uma mensagem de fé, conforto, esperança, paz e amor bem como a certeza do amor de Deus Seu interesse por Seus filhos. Teve seu início em 26 de março de 1971 liderado pelo Pr. Assad Bechara como o nome Telepaz - o telefone da paz.

Possui sede própria e na ocasião da inauguração, participaram o Dr. Paulo Rodrigues de Passos, José Darcy Menegusso, Elon Garcia e Amadeu Santa Eufêmia.

A Telepaz alcança todo o território nacional com 4 sedes do país (SP, PR, MG, SC), com transmissão todos os dias durante 24 horas, sua duração de transmissão é de 1 minuto e 50 segundos. Recebe em média 1.400 a 1.500 chamadas diárias.

Sua primeira transmissão foi feita na data da inauguração por seu fundador e atual Diretor e Produtor Pr. Assad Bechara.

TELEPAZ - FLORIANÓPOLIS. Pertence à IASD Central de Florianópolis- Associação Catarinense. Localiza-se na própria sede da Igreja na Rua Visconde de Ouro Preto, 77 e o endereço para correspondência é Caixa Postal nº 233, Florianópolis, SC.

A Telepaz-Florianópolis é mantida pelos membros da Igreja com a finalidade de transmitir através do telefone, mensagens de fé e esperança. Iniciou-se e organizou-se em maio de 1984 pelo Pr. Walter Mazur (Diretor), e Henrique César de Souza (Produtor). A primeira mensagem ocorreu na mesma data e foi gravada na voz do Pr. Walter Mazur e Débora Archer Silva.

Em 13 de julho de 1985, foi fundado o Grupo Mensagem para auxiliar a Telepaz na área musical. Isto significou um evento marcante na história do programa e uma grande ajuda para as 600 chamadas recebidas 24 horas diariamente com duração de 1 minuto cada mensagem.

Desde seu início, a Telepaz funciona no mesmo local. Todos os anos há um destaque para datas importantes como Dia dos Pais, Dia da Mães e Namorados, Finados e Natal.

Diretores: Walter Mazur (05/1984-08/1984); Henrique César de Souza (08/1984-).

TELEPAZ - MOEMA. Localiza-se na A Telepaz de Moema foi inaugurada em 22 de fevereiro de 1979. A princípio era mantida por alguns membros da Igreja. Os primeiros conselheiros foram Pr. Walkírio de Souza Lima, Dr. Ajax C. Silveira e Dr. *Geraldo Leitzke.

Foi reinaugurada com novas instalações e equipamentos no dia 03 de outubro de 1986, em prédio próprio nos fundos da Igreja da Moema, na capital de São Paulo. O Dr. Heber Maia Matos é o atual Diretor da Telepaz de Moema.

O serviço opera com 09 aparelhos que transmitem mensagens gravadas pelo telefone, atendendo a uma média de 50 mil chamadas mensais.

A Telepaz é um serviço de apoio ao Departamento Missionário da Igreja de Moema. Tem como objetivo conduzir pessoas à verdadeira paz.

Promove o atendimento médico e cursos de aconselhamento matrimonial para casais.

"TEMPO DE ANGÚSTIA". Expressão de Daniel 12:1, onde é descrita a experiência escatológica do povo de *Deus, imediatamente

antes de seu divino livramento e do estabelecimento do reino eterno. Os ASD interpretam o ato de Miguel de levantar-Se, aqui mencionado como sendo uma alusão à suspensão de Seu Sumo sacerdócio no *Santuário Celestial, no *Fechamento da Porta da Graça, e, por isso, determinam esse tempo de angústia a um breve período entre o fechamento da *Porta da Graça e do *Segundo Advento de Cristo. Isso é entendido como coincidindo com o mesmo tempo determinado em Apoc. 15:1 para as *Sete Últimas Pragas. O povo de Deus não sofre diretamente as pragas, que são derramadas sobre os que rejeitaram a misericórdia de Deus, mas experimentam um período de supremo teste do qual Cristo os livra por ocasião de Sua *Segunda Vinda. Este é chamado de o" grande tempo de angústia" em contraste com o que é conhecido como o *"breve tempo de angústia".

Referindo-se à profecia de Daniel, Cristo fala de um tempo de "grande tribulação" (Mat. 24:21), subseqüente à destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 A.D., porém, anterior à Sua vinda. Ele explicou que o sol seria escurecido "naqueles dias, após a referida tribulação" — isto é, dentro do período de tempo determinado, mas após a perseguição ter findado — e que, a menos que fosse encurtada a perseguição, "ninguém se salvaria" (Mar. 13:20, 24). Os ASD equiparam este tempo de "grande tribulação" com o "*Tempo e Tempos e Metade de um Tempo" de Dan. 7:25 (o "tempo, tempos e metade de um tempo de Dan. 12:7), que, pelo *Princípio Dia-Ano de interpretação dos períodos de tempo das profecias simbólicas, seria equivalente a 1.260 anos de Apoc. 12:6 (cf. V.14). Os ASD entendem que esse período profético se cumpre nos 1260 anos de supremacia papal e perseguição, de 538 A.D. até 1798. (Veja **Daniel, Interpretação de**). Um artigo de E. S. Walker na *Review and Herald* de 10 de setembro de 1861, discute os dois tempos, o tempo de angústia de Dan. 12:1 e o tempo de tribulação de Mat. 24:21.

Em detalhes, *Ellen G. White descreve a experiência pela qual o povo de Deus passará durante o grande tempo de angústia escatológico

(*PE*, 282-285; *GC*, 619-639). Eles sofrerão prisão nas mãos de seus inimigos, ou as privações da fuga para montanhas remotas a fim de escaparem da perseguição. Este tempo de angústia alcançará seu clímax no período que é chamado “o *Tempo de Angústia de Jacó”, quando os líderes da Terra publicam um decreto autorizando a execução simultânea do povo de Deus em todos os países do mundo. Mas Deus, de maneira miraculosa, protege Seu povo, e nenhum perece, embora estejam cercados por seus inimigos prestes a destrui-los; e no momento exato da crise, quando o decreto de *Morte deve ser executado, Cristo aparece e os livra. Veja também **Tempo de Angústia de Jacó; Breve Tempo de Angústia.**

TEMPO DE ANGÚSTIA DE JACÓ. Na terminologia ASD, o curto período de tempo de extrema tribulação pelo qual a Igreja deverá passar pouco antes do *Segundo Advento. A expressão é baseada na experiência de Jacó, no Ribeiro de Jaboque, em seu retorno para a Palestina depois de 20 anos de exílio em Harã, como relatado em Gên. 32:22-30, e na aplicação de Jeremias do termo à experiência do antigo Israel no cativeiro Babilônico, antes de sua libertação e restauração à sua própria terra (Jer. 30:3, 7-9, 11).

Quando Jacó voltava com suas esposas, filhos, rebanhos, e gado, soube que seu irmão estava vindo com 400 homens armados para encontrá-lo evidentemente com intenções de matá-lo. Grandemente alarmado, Jacó passou a noite em *Oração no Vale do Jaboque, lutando com um assaltante desconhecido que ele, a princípio, pensava ser um dos homens de Esaú, mas que provou ser um Ser celestial (Gên. 32:6-30). Jacó saiu desta crise com um novo nome e com a segurança da proteção divina. O encontro com Esaú provou ser um reencontro cordial (Gên. 33:1-4).

O uso de Jeremias da expressão “O tempo de angústia de Jacó” ocorre no cap. 30:7, seguindo sua predição do cativeiro que deveria

continuar por 70 anos (29:10), e que no seu fim, o povo seria restaurado à sua terra natal (30:1-3). Porém, na terra do cativeiro, a perspectiva de Israel pela restauração parecia sem esperança (vs. 5-7) — como uma restauração semelhante à que Jacó teve no Jaboque. É nesta situação que Jeremias declara: "Ah! porque aquele dia será tão grande que não há outro semelhante! Será tempo de angústia para Jacó, mas ele será livrado dela" (cap. 30:7).

Com estas experiências do A.T. em mente, os ASD têm aplicado a expressão "Tempo de Angústia de Jacó" à experiência futura da igreja durante o "*Tempo de Angústia" escatológico referido em Daniel 12:1 — depois do *Fechamento da Porta da Graça, enquanto as *Sete Últimas Pragas estão caindo — precedendo imediatamente a libertação dos santos na vinda de Cristo. No pensamento escatológico ASD, tal experiência é descrita como segue:

> Assim como Satanás influenciou a Esaú a marchar contra Jacó, instigará o mundo a destruir o povo de *Deus no tempo de angústia. E assim como acusou a Jacó, acusará o povo de Deus. Conta com as multidões do mundo como seus súditos; mas o pequeno grupo que guarda os mandamentos de Deus, está resistindo à sua supremacia. Se ele os pudesse eliminar da Terra, seu triunfo seria completo. Afligem a alma perante Deus indicando o anterior arrependimento de seus muitos pecados, e reclamando a promessa do Salvador. ... Sua fé não desfalece por não serem suas orações de pronto atendidas. Embora sofrendo a mais profunda ansiedade, terror e angústia, não cessam as suas intercessões. Apoderam-se da força de Deus, como Jacó se apoderara do anjo e a linguagem de sua alma é: "Não Te deixarei ir, se me não abençoares."

Se Jacó não tivesse primeiro se arrependido de seu *Pecado de obter pela fraude o direito de primogenitura, Deus não lhe teria ouvido a oração, preservando-lhe misericordiosamente a vida. Semelhantemente, no tempo de angústia, se o povo de Deus tivesse pecados não confessados que surgissem diante deles enquanto torturados pelo temor e angústia, seriam vencidos; o desespero suprimir-lhes-ia a fé e não poderiam ter confiança para suplicar a Deus o livramento. Mas, ao mesmo tempo em que tem uma profunda intuição de sua indignidade, não possuem falta oculta para revelar. Seus pecados foram exterminados e extinguidos no *Juízo; não os podem trazer à lembrança. (*GC*, 624, 625).

O livramento segue às cenas de aflição e desespero: “Naquele tempo, será salvo o teu povo, todo aquele que for escrito no livro.” Dan. 12:1.

TEMPERANÇA (Princípios). Desde o início do Adventismo, a temperança têm sido uma parte importante de seus ensinos. Embora geralmente o termo “temperança” se refira ao assunto de bebidas alcoólicas, para os Adventistas, ela tem tido um significado mais amplo.

Infelizmente, muitos têm igualado a temperança com a intemperança. Temperança é, de fato, oposto ao álcool, fumo ou qualquer de tais dependências. Temperança, significando domínio próprio, é o fundamento espiritual para a vida, restaurada e mantida pelo Espírito Santo (Veja Gál. 5:22, 23). Temperança afigura-se como uma vida de vitória sobre qualquer prática aviltante. Faz com que o crente tenha uma distinta separação de todos os enganos da idolatria, luxúria e orgulho (Veja II Cor. 6:14-18) tornando o corpo um templo vivo de dedicação a Deus. Portanto, Ellen G White escreveu em 1874 (*Te*, 201)

> "Essa temperança unicamente é o fundamento de todas as graças que vêm de Deus, de todas as vitórias a serem ganhas".

Em contraste, ela escreveu:

> "A intemperança jaz à base de todo o mal em nosso mundo" (*ibid*., 165).

O álcool, com seus devastadores efeitos sobre o indivíduo e sobre a sociedade, foi desde cedo reconhecido pelos ASD como contrário ao desenvolvimento da fé e experiência cristã. José Bates, um dos pioneiros do adventismo moderno, foi o fundador da sociedade de temperança em Fairhaven, Maine, em 1827 e deixou o álcool e o fumo muitos anos antes de sua associação com o desenvolvimento da IASD. Outros pioneiros, *Tiago White e *John Andrews, nunca tiveram o vício do álcool ou do fumo. *John Loughborough, que começou a fumar charutos por recomendação de seu médico como um meio de amainar a dor de uma certa infecção, abandonou o vício na véspera de sua conversão, jogando parte de um charuto que fumava num rio. José Waggoner parou de fumar quando se tornou Adventista do Sétimo Dia.

Escrevendo na *Review and Herald* (8 de novembro de 1870), Tiago White relembrou que "há 22 anos (1848) do outubro corrente, nossa mente foi chamada para os efeitos deletérios do fumo, chá e café, através do testemunho da Sra. White." Três anos mais tarde, no dia 14 de dezembro de 1851, a Sra. White respondeu a questão de ser errado "o uso do fumo" nos seguintes termos:

> Vi em visão que o fumo é uma praga imunda e que deve ser abandonado. Disse meu anjo instrutor. “Se este for um ídolo, é tempo de ser abandonado, e, a menos que assim o seja, o desagrado de Deus estará sobre o que o usar, e este não poderá ser selado com o selo do Deus vivo.” (Carta 5, 1851).

Parece que nenhum esforço especial foi feito através das publicações adventistas para concitar os adventistas guardadores do sábado a que abandonassem o uso do fumo até o final de 1853. Na edição de 13 de dezembro de 1853, Tiago White, o editor, incluiu um artigo “escolhido” que dizia em parte:

> A religião, para seu completo desenvolvimento, exige todas as nossas capacidades mentais. ... Esta droga [o fumo] as danifica. Segue-se conseqüentemente que, em proporção ao seu transtorno será o defeito de sua ação. De modo que, nesse sentido, pode-se dizer com certeza que a pessoa que usa o fumo não pode ser tão boa cristã quanto o seria sem ele.

Ao passar o tempo, a objeção ao fumo foi mais positivamente declarada. Assim escreveu Tiago White:

> Entre os que professam fé na terceira mensagem angélica, estão não menos que 1.000 famílias que deixaram (ou deveriam imediatamente deixar) o uso do fumo e do chá. O gasto para cada família não poderia ser menor que $10, anualmente, somando o tal de $10.000 economizados

> (ou deveriam ser) pelos amigos da verdade presente ao abandonar a venenosa (para não citar os efeitos extremamente danosos do fumo) praga do fumo e do chá (*Nota do tradutor: este tipo de chá continha cafeína*). Esse valor seria suficiente para manter 30 missionários em novos campos de trabalho. Que fato vergonhoso, que há entre nós alguns que, professando zelo pela causa, são tão pobres para pagar pela revista ou para ajudar o pregador que os visita. Ainda assim, fazem planos para comprar fumo e chá! (*ibid.*, 1 de maio de 1856).

No prefácio a um artigo de George Trask tratando do fumo, que apareceu alguns meses mais tarde, o editor observou que "o assunto do uso do fumo está atraindo a atenção de muitos de nossos irmãos em diferentes lugares." (*ibid.*, 16 de out. 1855). No dia 15 de outubro de 1855, uma reunião na qual os delegados votaram:

> Que o uso do fumo (tabaco) por qualquer membro, é uma séria e amarga tristeza grandemente lamentada pela Igreja; e após tais membros terem sido aconselhados e propriamente admoestados, tanto quanto o dever pareça requerer, se eles não se reformarem, a Igreja considerará então seu dever excluí-los da comunhão (*ibid.,* 4 de dezembro de 1855).

Essa atitude é essencialmente a atual posição Adventista do Sétimo Dia sobre o uso do fumo pelos membros. Veja *Manual da Igreja*, 1985 p. 36.

O uso de bebidas alcoólicas pelos membros da Igreja nunca foi uma grande questão entre os Adventistas do Sétimo dia. De fato, quando

a Igreja estava em seus estágios formativos, o movimento anti-álcool tinha permeado a maioria dos grupos religiosos. Mas os Adventistas foram além dos grupos de temperança populares ao tornar claro que a abstinência também incluía vinho e a cidra.

O chá e o café eram quase universalmente usados, mas ao ser citado o dano dessas bebidas, bem como do fumo, eles foram listados como práticas deletérias de intemperança.

Ellen G. White repetiu várias vezes o que ela chamou de “males gêmeos” referindo-se ao álcool e ao fumo. Ela tornou claro que para os membros da Igreja, o único curso a ser seguido é “não tocar, não provar, não manusear,” e que “a total abstinência é a única plataforma na qual o povo de Deus pode conscienciosamente permanecer.” Ela pôs ênfase no álcool como um grande fator para muitos problemas da sociedade inclusive o crime, os acidentes, delinqüência juvenil e pobreza, descrevendo-o até como a maior causa dos juízos divinos caírem sobre a humanidade: “Por causa da impiedade que se segue grandemente como resultado do uso do álcool, os juízos de Deus estão caindo sobre a terra em nossos dias” (*CS*, 432).

Muito antes que os especialistas e pesquisadores da área médica achassem ser o fumo causa de câncer no pulmão e outras doenças fatais, os ASD sabiam que o fumo “é um veneno da mais aviltante e maligna espécie, possuindo uma influência excitante e logo após paralisante sobre os nervos do corpo” (4*SG*, 128). “Seus efeitos são mais dificilmente purificados do sistema do que os efeitos do álcool” (3*T*, 569).

Por causa do impacto desses hábitos destrutivos sobre a sociedade, a Igreja decidiu “dar um testemunho claro e decisivo contra o uso de bebidas intoxicantes e o uso do fumo” (Ellen G. White, Ms 82, 1900).

Positiva instrução com base bíblica mostrou “que a Bíblia está cheia de histórias sobre temperança, e que Cristo estava ligado à obra de

temperança, mesmo desde o início. Foi pela indulgência com o apetite que nossos primeiros pais pecaram e caíram. Cristo remiu o fracasso do homem. No deserto da tentação, Ele resistiu à prova em que o homem falhara" (*Te,* 267). Isto significou aos ASD que a temperança, domínio próprio e restauração dependiam da obra de Cristo. A declaração foi a de que "ainda que forte a paixão do apetite, é-nos possível ganhar a vitória, porque podemos ter o poder divino para unir aos nossos fracos esforços. Aqueles que fogem para Cristo, terão uma fortaleza no dia da tentação." (*Ibid*., 267, 268).

Temperança, então, dependia da escolha certa do homem de trabalhar em cooperação com Deus para o desenvolvimento da vida mental, social e espiritual. Isto incluía uma dieta correta, hábitos de estudo, vestuário, trabalho e conduta social. "Devemos ser temperantes em tudo, porque uma coroa incorruptível, um tesouro eterno está adiante de nós". (*ibid*., p. 213).

A importância da instrução sobre temperança cedo no lar, e o exemplo correto da parte dos pais são enfatizados aqui. De suprema importância a esse respeito é que a igreja e o lar tornem a temperança (domínio próprio) uma alternativa positiva e recompensadora para as falsas dependências da intemperança com todos os seus atrativos. "A palavra de Deus não condena ou reprime a atividade do homem, mas tenta dar-lhe a direção certa," escreveu Ellen G. White (*ibid*., p. 193), que encontrou na temperança um assunto favorito e declarou seu chamado divino: "Eu deveria também falar sobre o assunto da temperança quando o Senhor me chamou para ser mensageira" (*ibid*., 259).

Referindo-se à experiência de Cristo ao Se encontrar com a mulher Samaritana no poço de Jacó e oferecer-lhe a água da vida, ela disse, ''Esta é uma ilustração da maneira em que devemos trabalhar. Devemos oferecer aos homens algo melhor do que eles possuem, até mesmo a paz de Cristo, que ultrapassa todo entendimento" (*ibid*., p.

132). Dessa maneira, a temperança significa contrafazer o mal com o bem, apresentando uma vigorosa advertência contra a intemperança e por preceito e exemplo, mostrar um caminho melhor.

Veja também **Dieta**.

TEMPO, TEMPOS E METADE DE UM TEMPO. (1260 anos). Veja **Apocalipse, Interpretação do; Daniel, Interpretação de.**

TESOUREIRO DA IGREJA. Administrador de todos os fundos da igreja. Isso inclui o dízimo; fundos designados para propósitos locais, institucionais, missionários ou para conferências; todas as coletas e ofertas dadas na Escola Sabatina, JA, Dorcas e outros departamentos da Igreja. Ele emite recibos de todo o dinheiro recebido nos envelopes na Igreja; ele remete para a Associação cada mês o dízimo e as várias ofertas dadas para as missões ou para trabalhos gerais, mas mantém em uma conta de banco no nome da igreja todos os fundos doados para a igreja local ou para seus departamentos e sociedades, e qualquer entrada de aluguéis ou outras fontes. Verbas que ele possa estar mantendo para a escola da igreja ou para a Sociedade Missionária Dorcas e outras organizações são usadas por ele sob ordem da comissão da escola ou do comitê executivo do grupo em questão. Os gastos para o trabalho missionário local podem ser autorizados pelo Concílio Missionário do Lar, se houver um. De outro modo, os fundos são gastos por ordem da comissão da Igreja em uma reunião regular.

Os livros do tesoureiro da Igreja sofrem uma auditoria anual pelo tesoureiro da Associação ou por alguém indicado pela comissão da Associação. Os livros e registros do tesoureiro da igreja podem ser inspecionados somente pelo auditor da Associação, o Pastor, o ancião da igreja ou alguém autorizado a assim fazer pela comissão da igreja.

TESTEMUNHO. Termo usado pelos ASD em dois sentidos: (1) declaração pessoal de fé ou experiência dada em uma reunião de testemunhos — usado antigamente comumente em igrejas de várias denominações; (2) no uso ASD, comunicação de conselho e instrução dados por *Ellen G. White, seja oralmente ou de forma escrita, a um indivíduo, a uma congregação, ou aos ASD em geral (coleção dos quais foi publicada sob o título de *Testimonies for the Church.* (Veja **White, Escritos de Ellen G.**). O termo, neste último caso é evidentemente emprestado da frase "testemunho de Jesus" (Apoc. 12:17) ou "testemunho de Jesus" (Apoc. 19:10). Neste último texto o "testemunho de Jesus" é considerado o "*Espírito de Profecia".

THOMAS, GUIOMAR SCHMITZ. (1912-1984). Nasceu em 1912. Casou-se com Pr. Samuel Thomas de cuja união nasceram cinco filhos. Ao lado de seu marido, trabalhou em vários campos brasileiros, desde o Estado do Rio de Janeiro até o Amazonas.

Em alguns locais, o casal foi pioneiro na pregação da mensagem adventista. Faleceu em Itabuna, em 16 de dezembro de 1984, aos 72 anos de idade.

THOMPSON, FLOTILDE COELHO BRAGA (1875-1921) Adventista pioneira em São Paulo. Casou-se e teve dois filhos.

Professora durante vários anos, até que, por debilidade física retirou-se dessa ocupação. O primeiro contato com a Igreja foi através de uma série de conferências em 1915, em São Paulo. O orador era o Pr. *John Lipke.

Flotilde Thompson recebia estudos bíblicos de Corina Hoy e Luíza e no dia 27 de janeiro de 1917, foi batizada pelo Pr. *John Lewis Brown.

Faleceu no dia 24 de junho de 1921, aos 46 anos de idade.

THURSTON, WILLIAN HENRY (1855-1924). Missionário e administrador. Nasceu em 1855 na América do Norte e converteu-se aos 25 anos de idade. Em 1900, entrou para o ministério, atuou como presidente da Associação da Escola Sabatina de Wisconsin e secretário da Associação de *colportagem.

Casou-se com Florence Thurston e, em 1894, veio para o Brasil como missionário voluntário onde abriu um depósito de literatura denominacional em inglês e alemão na cidade do Rio de Janeiro. Na época, eram poucos que falavam tais línguas.

Providencialmente um jovem colportor de Bíblias emprestou grande quantia de dinheiro sem ao menos pedir-lhe recibo e data prevista para o pagamento. Esse dinheiro era para ser usado em trabalho. Algum tempo depois o jovem colportor disse que Deus o havia impressionado a dar esse dinheiro porque Thurston estava necessitando.

Assim atingiu o equilíbrio financeiro que possibilitou realizar sua obra no Brasil durante sete anos, sendo William Henry Thurston o segundo missionário adventista oriundo dos Estados Unidos da América a chegar ao Brasil.

Em 1901, retornou à sua pátria onde trabalhou como vice presidente da União-Associação Canadense até 1909. De 1909 a 1910, foi presidente da Associação de Kansas e de 1910 a 1915, da Associação de Wisconsin. Em 1915, foi chamado para trabalhar na Associação Colúmbia, seu último cargo.

Faleceu nos Estados Unidos em 1924, aos 74 anos de idade.

TOUZDJIAN, PEDRO PAULO (1910-1972). Pastor e administrador. Nasceu na Armênia, em 1º de janeiro de 1910. Veio para o Brasil com 18 anos de idade. Casou-se com Zenir Krüger, de cujo matrimônio nasceram-lhes 6 filhos.

A família foi batizada em 22 de dezembro de 1956 pelos Pastores *Siegfried Genske e Oscar Lindquist, na IAS do Capão Redondo.

Formado em Teologia pelo *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), trabalhou na Obra Adventista por muito tempo, sendo os 18 últimos anos dedicados à Fábrica de Produtos Alimentícios "Superbom" Ind. e Com Ltda., onde ocupava destacada posição.

Faleceu em 21 de maio de 1972, aos 62 anos de idade, na *Casa de Saúde Liberdade atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP.

TRASLADAÇÃO. Transporte corporal dos seres humanos da Terra para o Céu sem experimentarem a morte. O termo foi usado pela primeira vez com esse sentido na tradução de Wycliffe de Heb. 11:5: "Pela fé Enoque foi transladado para não ver a morte; não foi achado, porque Deus o transladara. Pois, antes de sua transladação, obteve testemunho de haver agradado a Deus." A palavra do N.T. *metatithemi*, "transladar", significa "remover de um lugar para outro", "transferir," "levar para cima". Os únicos dois exemplos específicos de transladação relatados na Bíblia são o de Enoque (Gên. 5:24; Heb. 11:5) e Elias (II Reis 2:11). Na *Segunda Vinda de Cristo, os santos vivos serão transladados para o céu sem ver a morte (I Tess. 4:17; I Cor. 15:51-53).

A transfiguração de Jesus proveu uma representação em miniatura do Segundo Advento (II Ped.1:16-19), enquanto Elias representou os que serão transladados sem experimentarem a morte e Moisés os santos ressurretos. A transladação inclui a transformação do corpo moral em um corpo com a imagem do corpo do Cristo ressurreto (I Cor. 15:51-53; Fil. 3:21; veja **Ressurreição),** e uma remoção desse corpo ao reino celeste para serem unidos a Cristo (I Tess. 4:17).

Veja **Segundo Advento; Lar dos Remidos.**

TRATAMENTO COM ÁGUA. Veja **Fisioterapia**.

TRÊS MENSAGENS ANGÉLICAS. As mensagens proféticas relatadas em Apoc. 14:6-11, aí representadas como sendo proclamadas por três anjos que voam pelo céu. Em seu contexto, estas mensagens constituem o último apelo de *Deus ao mundo para que aceite a *Salvação em Cristo e se prepare para Seu iminente *Advento, que é retratado simbolicamente nos versos que se seguem.

A *Primeira Mensagem Angélica (Apoc. 14:6,7) é basicamente uma proclamação do "Evangelho eterno" da salvação em Jesus Cristo no tempo em que é chegada a hora do *Juízo". É um apelo final ao homem para que tema a Deus e lhe dê glória e que O adore, a fim de evitar a condenação no juízo impendente. Uma razão de causa é dada para a adoração a Deus — Ele "fez o céu e a Terra", inclusive o homem. Deus, portanto, tem uma jurisdição dupla sobre o homem — como seu Criador e em virtude deste fato, seu juiz.

A *Segunda Mensagem Angélica (cap. 14:8) consiste em uma solene advertência de que a mística "*Babilônia caiu". A queda de Babilônia é considerada pelo fato de que ela "tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria de sua prostituição". No cap. 17, a Babilônia mística é posta no papel simbólico de uma prostituta que oprime o povo e o faz beber o vinho de sua prostituição (v. 1, 2). Ela coopera com a "besta escarlate" (v. 3) e com "os reis da Terra" (v. 2) para destruírem os santos. Ela guerreia contra "o Cordeiro", mas "o Cordeiro" vence Babilônia e os "reis da Terra", e Babilônia é julgada e aniquilada.

A advertência da queda da Babilônia é repetida no capítulo 18, onde sua queda é considerada como resultado de seus "pecados" e "iniqüidade" — suas relações ilícitas com os reis da terra e seu dar de beber às nações do "vinho da ira de sua prostituição". Por causa de sua queda, Deus convoca Seu povo para que saia dela a fim de evitar a cumplicidade em seus pecados e a participação nos juízos, ou "pragas",

que serão derramadas a ela (vv. 1-4). O julgamento da grande prostituta por ocasião de sua queda (cap. 17, 18) liga intimamente a queda da Babilônia, anunciada pelo segundo anjo, à chegada da hora do juízo divino, anunciado pelo primeiro anjo: A Babilônia mística caiu, e Deus anuncia que a hora de seu juízo chegou, como uma advertência àqueles dentre Seu povo que ainda estão na Babilônia para que saiam dela e se separarem de seus pecados e deste modo escapem de seu julgamento.

O terceiro anjo (cap. 14:9-11) anuncia o derramamento da ira divina sem mistura — isto é, ira não misturada com misericórdia — sobre os que adoram a besta e a sua imagem e que recebem sua marca. Esta ira é considerada como um tormento “com fogo e enxofre”. Aqueles que atendem às três mensagens e se recusam adorar a besta e a sua imagem e aceitar sua marca são referidos como “santos”; os que rejeitam estas mensagens, adoram a besta e a sua imagem e aceitam a marca, sofrem com as sete pragas (caps. 14:12; 15:2; 16:2); (Veja **Sete Últimas Pragas**) são considerados como embriagados com o vinho da prostituição da Babilônia (cap. 17:2).

Os três anjos são representados como voando no céu e proclamando sua mensagem a toda nação e língua (cap. 14:6). Essas três mensagens constituem o último convite a todo homem para que aceite o Evangelho eterno e Sua advertência final contra o vinho da Babilônia e contra os juízos que logo a visitarão. Imediatamente após a proclamação dessas mensagens, os juízos de Deus caem sobre Babilônia e sobre todos os que identificaram suas riquezas com as dela, e Cristo vem nas nuvens do céu.

Nos tempos pós-Reforma, esses três anjos eram ocasionalmente interpretados como representando certos Reformadores ou pregadores anteriores ou posterior àquele movimento, mas no “*Despertamento do Advento” — a grande onda de interesse no *Segundo Advento no início do século dezenove — houve aplicação contemporânea muito vasta desses símbolos. Muitos dos expositores de profecias Britânicos viam

este primeiro anjo cumprido nos novos movimentos para a expansão mundial do Evangelho (sociedades Bíblicas e missionárias), e especialmente em sua própria proclamação da proximidade do Advento — a hora de seu juízo. “Alguns incluíam a segunda e terceira mensagens, mas outros as consideravam ainda futuras.

Na América, as pessoas que se chamavam de Adventistas, e chamados de Mileritas por outros, consideravam-se como já estando a dar a mensagem do terceiro anjo — “É chegada a hora do juízo” (Veja Milerita).

Alguns declaravam estarem ressoando a segunda mensagem, “Caiu a Babilônia”, em 1844, no tempo em que muitos deles haviam deixado ou tinham sidos expulsos das igrejas que os estavam acusando. Os pioneiros ASD criam que os Mileritas e outros tinham dado as mensagens do primeiro e do segundo anjo, mas que eles próprios estavam dando a terceira.

*Tiago White resumiu os três estágios assim: a mensagem do primeiro anjo era a proclamação, para a igreja e para o mundo, para que reunissem um povo preparado para o breve Segundo Advento. Quando as igrejas em geral fecharem suas portas a esta mensagem, foi preparado o caminho para a segunda — caiu a Babilônia — e para o chamado: “Retirai-vos dela”. (A maioria dos líderes Mileritas não aprovaram isto, mas até mesmo Himes, que se opunha a ela e chegou ao ponto de escrever que qualquer que fosse a discordância sobre o que constituía a Babilônia, os crentes deveriam se separar das igrejas que rejeitaram a mensagem do Advento). White ressaltou que a agitação a respeito do *Sábado veio imediatamente após esta segunda mensagem, que “chamou-nos para sair . . . onde agora estamos livres para pensar e agir por nós mesmos no temor do Senhor” *(Present Truth,* 04/1850, pp. 65/69).

Os pioneiros ASD relacionavam o quarto mandamento, o sábado, à advertência do terceiro anjo contra a adoração da besta e de sua

imagem e a caracterização dos "santos" dos últimos dias como os que guardam os mandamentos de Deus e tem a fé em Jesus" (Apoc. 14:12) opondo-se à marca da besta. *José Bates, na edição de 1847 de seu folheto *The Seventh Day Sabbath*, p. 59, fez essa identificação da mensagem do terceiro anjo, com a mensagem final.

Tiago White frisa que "devemos buscar o perdão gratuito e pleno de nossas transgressões e erros, através do sacrifício de Jesus Cristo enquanto Ele intercede com Seu sangue perante o Pai" *(Present Truth*, 04/1850).

Ao se desenvolver o ensino ASD, a terceira mensagem angélica veio a ser ensinada como não somente sendo o seu clímax mas incluindo as três mensagens. A missão ASD ao mundo é levar o Evangelho eterno a "toda nação, tribo, língua e povo," convocando-os para que adorem a Deus o Criador, pois a hora de Seu juízo *é chegada* (agora, no sentido do juízo investigativo); saiam da Babilônia de confusão e falsos sistemas; e, no teste final, permanecer firme contra a adoração da besta e sobre a plena plataforma Cristã dos "mandamentos de Deus e da fé de Jesus" (Apoc. 14:12).

Veja também **Babilônia Simbólica; Juízo Investigativo; Juízo; Chuva Serôdia; Breve Tempo de Angústia; Alto Clamor; Marca da Besta; Cento e Quarenta e Quatro Mil; Sete Últimas Pragas; Porta da Graça; Selo de Deus, Sacudidura; Leis Dominicais.**

TRÊS TEMPOS E MEIO. Veja **Apocalipse, Interpretação do; Daniel, Interpretação de.**

TRIBULAÇÃO. Veja **Angústia, Breve Tempo de; Tempo de Angústia de Jacó; Sete Últimas Pragas; Pré-milenismo.**

TRINDADE. Veja **Declarações Doutrinárias da IASD.**

U

UMA LUZ NO CAMINHO, PROGRAMA RADIOFÔNICO. Localiza-se na Rua da Matriz, 16, Botafogo na cidade do Rio de Janeiro. Possui sede própria.

É um programa de rádio, dirigido por *A Voz da Profecia. Transmite palestras religiosas, de otimismo e orientação. Atualmente, (1995) conta com 4 pessoas envolvidas neste trabalho.

O programa “Uma Luz no Caminho” teve início em 1973, sob a liderança de Paulo Sarli, Ronaldo de Oliveira e Cléo Oliveira Fortes.

A Escola Radiopostal foi oficializada em 1974, sendo o primeiro curso oferecido “Família Feliz”.

UNÇÃO DE DOENTES. Veja **Cura Pela Fé.**

UNIÃO CENTRAL-BRASILEIRA DA IASD (UCB). Veja **Corporação da União-Central Brasileira da IASD (UCB).**

CORPORAÇÃO DA UNIÃO CENTRAL-BRASILEIRA DA IASD (UCB). Localiza-se na Rua Profª Magdalena Sanseverino Grosso, 850, Jardim Resek II, Artur Nogueira, SP. Pertence e é administrada pela *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA).

A UCB é uma reestruturação da antiga *União Sul-Brasileira da IASD, dividida em 1986, dando origem a duas uniões: a União Sul-Brasileira da IASD com sede em Curitiba, PR e União Central-Brasileira com sede em Artur Nogueira.

Seu território de jurisdição compreende o Estado de São Paulo, Goiás, Tocantins, Distrito Federal e Mato Grosso.

A UCB possui atualmente 670 Igrejas e 717 grupos num total de 168.515 membros batizados para uma população de 44.259.294 habitantes; 87 escolas a nível de 1º Grau completo e 40 escolas de 1º Grau incompleto, totalizando 127; 21 escolas de 2º Grau e 2 instituições de 3º grau. O número total de professores é de 1.970 para 38.663 alunos. Há 162 colportores efetivos e 330 colportores estudantes. (Dados de 31 de dezembro de 94).

Há 314 pastores ordenados que trabalham nesta União.

Organizações e Instituições: *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct); *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP); *Instituto Adventista São Paulo (IASP); *Instituto Adventista Brasil-Central (IABC); *Hospital Adventista de São Paulo (HASP); *Clínica

Adventista de São Roque (CASR); *Clínica Adventista de Campinas (CAR); *Casa Publicadora Brasileira (CPB) e *Produtos Alimentícios Superbom Ind. Com. Ltda. (SUPERBOM); Divisão Sul-Americana da IASD; *Centro Educacional Ilustrado (CEI); *Clínica Adventista de Campinas.

A entidade foi organizada em 1º janeiro de 1986 após a divisão territorial da *União Sul-Brasileira da IASD. Seu território compreendia os mesmos Estados e recebeu na ocasião seu atual nome. Sua primeira sede localizava-se na Av. Açacê, 544, Indianópolis, Moema, SP.

Na época da fundação da nova Sede Administrativa havia 631 igrejas e 1.129 grupos totalizando 189.883 membros batizados em toda a UCB. Havia ainda 157 pastores ordenados e 159 obreiros não ordenados.

Eventos Importantes:

- Inauguração da nova sede administrativa em Artur Nogueira em 24 de julho de 1989;
- Construção do *Hospital Adventista de Engenheiro Coelho, junto ao IAE/Ct;
- I Congresso Brasileiro de Educação Adventista nos dias 25 a 29 de janeiro de 1995 no IAE/SP.

Presidentes: F. W. Spies (1921-1922); (1923); N. P. Nilsen (1924-1930); Secretário G. E. Hartman (1931); E. H. Wilcox (1932-1938); J. L. Brown (1939-1941); Rodolpho Belz (1942-1951); M. S. Nigri (1952-1962); O. R. Azevedo (1963-1974); Emanuel Zorub (1975-1976); João Wolff (1977-1980); Darci Mendes Borba (1981-1994) e Tércio Sarli (1994-).

UNIÃO ESTE-BRASILEIRA DA IASD. Localiza-se na Rua Sete de Setembro, 69, Bairro Icaraí, Niterói, RJ. Pertence e é administrada pela *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA). Seu território de jurisdição compreende os Estados de Alagoas, Bahia,

Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Norte.

A Instituição foi oficializada em 1º de janeiro de 1919 como campo missionário. A iniciativa foi da DSA e recebeu na época o mesmo nome. Funcionava num cômodo da IASD Central no Rio de Janeiro tendo o mesmo território de jurisdição.

Sua primeira administração era composta por:

Presidente: Henry J. Meyer;

Secretário-Tesoureiro: W. H. Ernenputsch.

Havia na época poucos obreiros na União e as escolas foram surgindo com o tempo. Em 1920 havia aproximadamente 1300 membros batizados em todo o território. Atualmente há 853 igrejas e 198.672 membros batizados para uma população de 63.004.000 habitantes.

Eventos importantes. A iniciativa e organização de várias instituições no seu campo, tais como: *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), *Escola Mineira Adventista (EMA), *Hospital Adventista Silvestre, RJ; *Educandário Nordestino Adventista (ENA) e outras.

Há também 6 sedes de acampamento JA. São elas: Alagoinhas, BA; *Guarapari, ES; Divinópolis, MG; Governador Valadares, MG; Satulina, RJ e outra em fase de preparo também no Rio de Janeiro.

Presidentes: Henry J. Meyer (1919-1922); F. W. Spies (1922-1927); Elmer Harry Wilcox (1927-1931); H. B. Westcott (1932-1936); Henrique G. Stoehr (1937-1941); James F. Cunnings (1941); John Lewis Brown (1941-1944); Cecil Eugene Lambeth (1944-1948); Roger Anderson Wilcox (1948-1958); Rodolpho Belz (1958-1968); Walter Jonathan Streithorst (1969-1972); Darci Mendes de Borba (1973-1980); Floriano Xavier dos Santos (1980-1984); Enoch de Oliveira (1984-1987); José Orlando Correia (1987-   ).

UNIÃO NORTE-BRASILEIRA DA IASD (UNB). Localiza-se à travessa Mauriti, 2881, no bairro Marco, Belém, PA. Pertence e administrada pela *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA).

Sua jurisdição abrange os Estados do Piauí, Maranhão, Ceará, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Amapá e Acre, com mais de 199.459 membros batizados para uma população de 24.000.800 habitantes, cerca de 436 igrejas, 1.294 grupos, totalizando 1.730. Possui 117 distritos para 678 municípios. A UNB conta com 860 pessoas a seu serviço, entre ministros, missionários, colportores e funcionários em geral, sendo 118 pastores ordenados.

O ministério jovem contém 962 sociedades JA com 125.300 membros e 193 *Clubes de Desbravadores com 12.354 membros.

Existem cerca de 85 escolas de 1º Grau e 7 de 2º grau; 771 professores para um total de 15.585 alunos (dados de 1994).

As outras organizações e instituições adventistas que estão localizadas em seu território são: A *Missão Amazônia Ocidental,* Instituto Adventista Agro Industrial da Amazônia Ocidental (IAAIMO); *Missão Baixo Amazonas, *Hospital Adventista de Belém (HAB); Instituto Adventista Grão Pará (IAGP); *Instituto Adventista Transamazônico Agro Industrial (IATAI); *Missão Central Amazonas; *Hospital Adventista de Manaus (HAM); *Instituto Agro Industrial (IAAI); *Instituto Adventista de Manaus (IAM); *Centro Educacional Adventista de Manaus (CEAM); *Missão Costa Norte e *Missão Maranhense. Em 1993, foi ultrapassando o alvo de batismos, atingindo 72.742 pessoas batizadas.

A União Norte-Brasileira foi organizada no dia 8 de dezembro de 1936 de acordo com o voto 4851 da DSA, recebendo o mesmo nome. Foi desmembrada da *União Este Brasileira. Sua antiga sede localizava-se na rua Arcipreste Manoel Teodoro, 784 e seu território abrangia os estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará.

O número de colportores efetivos e estudantes em 1993, foi 824 que venderam um total de 87.648 livros.

Até 1993 o número de escolas de I grau: 85; número de escolas de II Grau: 7; número de professores 771 para um total de 15.585 alunos na UNB. Possui 2 hospitais e 6 lanchas.

No dia 27 de maio de 1993 foi inaugurada a nova sede da UNB, às margens da Rodovia do Coqueiro em Belém, PA, numa área de 2.700 m^2, possui 29 salas, auditórios com 80 lugares, sala de reuniões e área de lazer.

Fizeram parte de sua primeira administração: Presidente: *Leo Blair Halliwell; Secretário: e Tesoureiro: U. Wissner.

Em seu território havia, no início, uma igreja, 225 membros batizados, 3 pastores ordenados e 5 obreiros não-ordenados. Existiam somente 2 Missões: Missão Costa-Norte com sede em Fortaleza e a Missão Central Amazonas, com sede em Manaus.

Eventos importantes. Inauguração da primeira Igreja construída pelos adventistas, a Igreja Central Belém, no dia 31 de janeiro de 1936 e o lançamento, nesse mesmo ano, nas águas Amazônicas da primeira lancha, a "*Luzeiro I*", também cognominada "*O Anjo Branco*".

Presidentes: *Leo Blair Halliwell (1936-10/1954); Walter J. Streithorst (11/54- 1968); João Wolff (12/1968-1976); Alberto Ribeiro de Souza (1977-1982); *Carlos Magalhães Borda (1983-1984); Wandyr Mendes de Oliveira (1985-1991); Adamor Lopes Pimenta (1992-).

UNIÃO SUL-BRASILEIRA DA IASD (USB). Veja **Corporação da União Sul-Brasileira da IASD (USB).**

CORPORAÇÃO DA UNIÃO SUL-BRASILEIRA DA IASD (USB). Localiza-se na Rua João Carlos de Souza Castro, 480, bairro Guabirotuba, Caixa Postal 7116, CEP 80021, Curitiba, PR.

A nova União Sul-Brasileira, abrange o território dos quatro Estados do Sul do país, a saber, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul, com sede em Curitiba, conforme votos 84-325 e 84-326.

A extensão territorial da USB é de 928.271 Km^2 e representa 10,9 % do território brasileiro, com uma população de 23.948.282 habitantes, segundo o censo de 1994.

Atualmente (1995) temos na USB 104.023 membros batizados que se reúnem em 1.055 congregações, entre igrejas e grupos. A União possui cerca de 197 pastores ordenados e centenas de obreiros de outras categorias.

Na área Educacional possui uma rede de 112 escolas, sendo 11 de 2º Grau, destacando-se os dois internatos: *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS) em Taquara, RS, e o *Colégio Adventista Paranaense (IAP), no Paraná, com cursos de 1º e 2º Graus.

O total de professores em 1995 foi de 1.292.

Os jovens são servidos por sete redes de acampamentos, nos Estados de Mato Grosso do Sul, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, onde são ministrados cursos de treinamento e onde são realizados retiros para a juventude que compõe cerca de 67% dos membros desta União.

A USB possui 309 *Clubes de Desbravadores com 7.863 membros, (1995). A obra médica conta com o famoso *Hospital Adventista do Pênfigo, em Campo Grande, MS e 2 clínicas além do trabalho ambulatorial prestado pela lancha do Paraná e pelos Centros de Assistência Social nas cidades maiores.

A colportagem é realizada por 422 colportores efetivos e 723 estudantes (1994) cujo trabalho atinge uma soma anual que se aproxima a um milhão de dólares em vendas de literatura.

O Evangelismo é a nata dominante de todo o programa dos campos da USB, com bastante ênfase na participação dos membros.

A população dos Estados do Sul é composta de descendentes de europeus, notadamente, alemães, italianos, espanhóis, portugueses, poloneses, e mais recentemente, japoneses, além da população nativa.

A topografia da região é variada, formada pela Serra do Mar, ao Longo da costa e pelo planalto, no interior com matas exuberantes, campos e extensas plantação de trigo e soja nas regiões agrícolas no norte do Paraná, onde se situam as terras mais férteis do mundo, sul do Mato Grosso do Sul. É também uma região rica em pecuária, especialmente Mato Grosso do Sul e o Rio Grande do Sul.

Entre os pontos de atração turística destacamos no Paraná, as Cataratas do Iguaçu, na fronteira com a Argentina, Vila Velha, formação rochosa peculiar nos campos gerais de Ponta Grossa, cidades de colonização alemã de Santa Catarina, como Joinville, Blumenau, Gaspar Alto, etc. O pantanal Mato-Grossense, Gramado, no Rio Grande do Sul, com suas casa de estilo suíço, Itaimbezinho, lindas praias e muitos outros pontos que atraem turistas nacionais e estrangeiros.

Cidades principais: Curitiba, PR; Porto Alegre, RS; Londrina, PR; Caxias do Sul e Santa Maria, RS; Joinville, SC; Campo Grande, MS; etc. Todas estas, com universidades; Centros Culturais e complexos industriais de grande importância.

A obra Adventista na USB, teve início no final do século passado (1892) e se confunde com o início da Obra no Brasil, quando surgiu o primeiro grupo de fiéis em Gaspar Alto, SC, como resultado de literatura recebida em alemão.

Um cidadão de Gaspar Alto, que era ébrio, recebia literatura adventista em alemão, enviada por um missionário adventista que passou de navio pelo Brasil. O cidadão, não tendo interesse pelas revistas, resolveu trocá-las por bebidas alcoólicas num armazém da pequena cidade. O proprietário do armazém usava as folhas das revistas para embrulhar mercadorias. Estas folhas foram despertando o interesse de alguns cidadãos de origem alemã, entre os quais destacamos a pessoa

de *Guilherme Belz, que foi o primeiro a tomar a decisão em favor da fé adventista.

Em Gaspar Alto formou-se a primeira Igreja Adventista do Brasil, em 1896.

De Santa Catarina a chama da verdade espalhou-se para o Rio Grande do Sul e o Paraná.

A USB iniciou suas atividades em 12 de janeiro de 1986, e é o resultado da divisão territorial da antiga União sul que foi seccionada em dois territórios: União Central, com sua sede em São Paulo, Capital, e União Sul, com sede em Curitiba, Paraná.

Presidentes: F. S. Spies (1920-1921); (1922); N. P. Neilsen (1923-1929); Secretário: G. E. Hartman (1930); E. H. Wilcox (1931-1937); J. L. Brown (1938-1940); Rodolpho Belz (1941-1950); Moisés Sanches Nigri (1951-1961); O. R. Azevedo (1962-1973); Emanuel Zorub (1974-1975); João Wolff (1976-1979); Darci Mendes de Borba (1980-1984); Rodolpho Gorski (1985-).

UNIVERSIDADE ADVENTISTA DO BRASIL. Localiza-se na Rodovia SP 332, Km 160, em Engenheiro Coelho, SP, junto ao *Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct). Pertence e é administrada pela *União Central-Brasileira da IASD.

Integrada à natureza, possui uma área de 350 alqueires. Estão sendo construídos 50.000 m^2 dos quais 30.000 estão em fase de acabamento. O projeto concluído deverá atingir 80.000m^2, abrigando 5.000 alunos, funcionários e professores.

Atualmente (1995) conta 75 professores, sendo 43 em São Paulo, no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) e 32 em Engenheiro Coelho, no Instituto Adventista de Ensino (IAE/Ct).

As matrículas de 1994 foram: IAE/SP - 603; IAE/Ct - 721; total = 1.324.

Na biblioteca conta com 97.000 volumes, sendo 55.000 em IAE/SP e 42.000 em IAE/Ct.

Já existe implantadas as faculdades de:

Teologia

Enfermagem - 1968

Educação - 1973

Ciências - 1988

Letras - 1988

Mestrado em Teologia e Religião jan. 1981

Doutorado em Teologia Pastoral -1994

O sonho de uma Universidade torna-se realidade ao ser adquirida a Fazenda Lagoa Bonita, com 350 alqueires, em Engenheiro Coelho, em setembro de 1983, onde urgiu o IAE/Ct.

Projetos e construções estão sendo realizados a fim de que seja reconhecida como Universidade Adventista do Brasil.

Novos cursos superiores estão sendo solicitados ao CFE ( ) tais como: Administração de Empresas, Informática, Agronomia, Estudos Sociais, Artes, Psicologia, Educação Física, Fisioterapia, Secretária Executiva Bilingüe e outros.

Os serviços complementares oferecem excelentes oportunidades ao aprimoramento do educando, sendo os principais: igreja com serviços religiosos; laboratórios de Física, Química, Biologia, Línguas e informática; Conservatório; Complexo Esportivo; Centro Produtor de Áudio e Vídeo, etc.

Em 1984 a escola primária começou a funcionar com 12 alunos. Crescendo regularmente a escola apresenta no ano letivo de 1995 o seguinte quadro.

1º Grau...706

2º Grau...316

Graduação - Letras 53

Graduação - Pedagogia 264

Graduação - Ciências 125
Graduação - Enfermagem.........................281
Graduação - *SALT (Teologia) 351
Pós Graduação - SALT (Teologia) 70
Doutorado - SALT (Teologia) 11
Cursos de Extensão Cultural – Verão.....395
Escola de Arte 140
Centro de Línguas 39

VALLADO, JOSÉ AUGUSTO (1896-1958). *Colportor pioneiro. Nasceu no dia 3 de agosto de 1896, em Portugal. Veio para o Brasil em 1925 e casou-se em 1926 com Silvina Souza Lobo.

Iniciou-se na *Colportagem em 1927. De 1944 a 1952, foi diretor de colportagem da *Associação Rio-Minas da IASD. Aposentado em 1953, exerceu cargos de ancião, tesoureiro e diácono na *IASD Central do Rio de Janeiro.

Faleceu no dia 17 de fevereiro de 1958, aos 61 anos de idade, no Rio de Janeiro, RJ.

VALLE, ARTHUR DE SOUZA (1927-1983). *Pastor e Departamental de Comunicação. Nasceu no dia 27 de março de 1927. Em 1955, concluiu o curso de Teologia no *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Casou-se com Clair Bruck Fernandes em 1956, nascendo dessa união Sílvia Lúcia e Dalton Fernandes.

Em 1955, iniciou seu ministério na *Associação Paulista da IASD como distrital, onde permaneceu até 1961. Nesse ano assumiu a liderança do distrito de Florianópolis, já como ministro ordenado.

Em 1962, foi nomeado departamental de comunicações da *Associação Paranaense da IASD, cargo que ocupou até 1968. Durante esse período, graduou-se em jornalismo pela Universidade Católica do Paraná.

Entre 1968 e 1974, foi nomeado para a direção do Departamento de Comunicação da *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA), devido ao seu empenho como titular até o dia do seu falecimento.

Faleceu em 25 de janeiro de 1983, aos 56 anos de idade, vítima de acidente automobilístico em Curitiba, Paraná.

VEGETARIANISMO. Veja **Dieta.**

ANTIGO CONCERTO. Veja **Concerto.**

"VERDADE PRESENTE". Expressão extraída de II Ped. 1:12. Aqueles a quem o apóstolo escreveu estavam "estabelecidos na verdade presente", isto é, na verdade na qual tinham sido instruídos, especialmente a verdade sobre Jesus Cristo como o Messias das profecias do Antigo Testamento. Significa também as verdades reveladas para o tempo em que foram dadas. Mas o novo contexto histórico, no qual o Messias tinha cumprido Sua Missão sobre a Terra e ascendera ao Céu, tornou muito importante a condição de estar

estabelecido na verdade presente. A verdade passada não era mais suficiente. A expressão "verdade presente" é bastante apropriada na situação histórica atual.

Em um sentido semelhante, os ASD, às vezes, referem-se às três mensagens angélicas de Apoc. 14: 6-12 como "a verdade presente", caracterizando-as assim como mensagem apontada por Deus para os últimos dias, precedendo imediatamente a *Segunda Vinda de Cristo.

Em 1846, José Bates escreveu:

> O firme advogado da verdade presente, que alimenta e nutre o rebanho em qualquer país ou lugar, é o restaurador de todas as coisas (prefácio de *The Seventh-Day Sabbath, a Perpetual Sign*, ago. 1846.)

Bates definiu "verdade presente" como sendo "a porta fechada" — isto é, a doutrina de que uma das fases do ministério sacerdotal de Cristo no Céu tinha terminado e outra tinha-se iniciado (Veja **Porta Aberta e Fechada; Santuário**) — e o *sábado (*A Seal of the Living God*, 1849, p. 17). De fato, estes dois pontos, a doutrina do santuário e o sábado do sétimo dia, eram as marcas que distinguiam dos outros grupos Adventistas o grupo Bates-White-Edson, que se tornaram os Adventistas do Sétimo Dia.

Tiago White ampliou o significado do termo quando escreveu na primeira edição de seu primeiro periódico, o *Present Truth* (Verdade Presente):

> No tempo de Pedro, havia a verdade presente, ou verdade aplicável para o tempo presente. A igreja tem sempre tido uma verdade presente. A verdade presente agora, é a que mostra o dever presente, e a exata posição

para nós, que estamos prestes a presenciar o tempo de angústia, tal como nunca houve (*Present Truth*, julho de 1849).

Ellen White escreveu:

Não temos dúvida, e nem tivemos por todos esses anos, de que as doutrinas que hoje possuímos são a verdade presente, e que estamos próximos ao juízo (2*T*, 355).

A verdade para este tempo abrange todo o evangelho (6*T*, 291).

VERSÕES DAS ESCRITURAS. Traduções do texto hebraico (e aramaico) do A.T., ou do texto grego do N.T., como um todo ou em parte, para as línguas vernaculares. Os manuscritos das antigas versões da Bíblia são usados por eruditos com uma das fontes para a reconstrução do texto original do A.T. e do N.T. Quatro versões antigas do A.T. hebraico foram preservadas: a *Septuaginta* grega, o *Peshitta* siríaco, os *Targuns* aramaicos (paráfrases) e a *Vulgata Latina*. Esses, juntamente com os manuscritos hebraicos do Pentateuco Samaritano, constituem nossas principais fontes no estudo do texto do A.T. Outras versões, tais como a Latina Antiga, a Copta, a Etíope, a Armena, a Geórgia, a Eslavônica, são traduções da Septuaginta (LXX). Para o N.T., as versões antigas mais importantes são a Latina, a Siríaca e a Copta. O testemunho da Armena, da Geórgia, da Etíope e da Gótica, porém, é de grande valor no estudo do texto do N.T.

I. Antigas Versões do Antigo Testamento.

1. *O Pentateuco Samaritano.* Propriamente dito, o Pentateuco Samaritano não é uma tradução ou versão, mas um texto independente do hebraico, escrito em forma modificada do antigo alfabeto Semítico e transmitido independentemente desde os dias do cisma Samaritano. É, portanto, uma verificação sobre os erros e corrupções que possam ter-se infiltrado no texto hebraico do Pentateuco por meio de suas várias cópias antes do advento da imprensa. Seu valor é diminuído pela obscuridade que circunda a história de seu texto e pelo atraso de seus manuscritos, nenhum dos quais chega a ser anterior ao 10º século A.D. O Pentateuco Samaritano difere do texto hebraico Massorético em aproximadamente 6.000 casos, mas a vasta maioria das diferenças são de importância insignificante, sendo grandemente variações apenas na escrita e na gramática. Algumas das variações importantes, que refletem os ideais de religião e rituais samaritanos, foram indubitavelmente introduzidos pelos samaritanos a fim de propagar suas idéias. Em 1.900 casos, o texto Samaritano concorda com a Septuaginta onde esta concorda com o hebraico Massorético. Em tais casos, seu testemunho é considerado importante.

2. *A Septuaginta.* A tradução mais importante e antiga do A.T. é a Septuaginta (abreviada como LXX). Com exceção dos famosos manuscritos do Mar Morto, os mais antigos manuscritos do A.T. conhecidos são cópias dessa tradução grega. A LXX é, portanto, de grande importância do ponto de vista textual e histórico. A carta apócrifa de Aristeas, tida como escrita por Aristeas a seu irmão Filócrates durante o reinado de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.), traz o relato da tradução do Pentateuco, mas hoje caiu totalmente em descrédito. De acordo com essa história, a versão foi feita por 70, ou mais exatamente, 72 eruditos judeus em Alexandria, sob a direção do bibliotecário Demétrio Falereus, chamados “os setenta” (LXX), daí “Septuaginta”. Na realidade, a LXX foi obra de diferentes mãos, como

evidenciam as variações de estilo e método, e não foi concluída até o ano 150 a.C.

De acordo com a carta de Aristeas, a tradução foi feita porque as Escrituras eram tidas como dignas de um lugar na biblioteca real. Eruditos hoje pensam que esse interesse cultural é razão insuficiente para sua produção, e que o propósito real para ela foi suprir as necessidades religiosas dos judeus de fala grega de Alexandria. Talvez um incentivo em sua produção tenha sido o desejo desses judeus de demonstrar a superioridade de sua religião, fazendo assim um apelo ao mundo grego.

A versão é de grande valor tanto textualmente quanto historicamente. Sendo que ela foi produzida antes da Era Cristã, é um auxílio na recuperação do texto pré-Massorético. A LXX preparou o caminho para a obra missionária cristã e tornou-se a primeira Bíblia cristã. Ela foi o A.T. de Paulo e da Igreja primitiva, e muitas citações do A.T. no N.T. são tiradas da LXX. Ela moldou o vocabulário do N.T. Foi a versão da qual outras importantes versões foram feitas. Eruditos semitas também acharam-na bastante útil no estudo da morfologia e gramática hebraicas.

Os dois manuscritos da LXX mais conhecidos são Bíblias gregas que datam aproximadamente da metade do 4º século A.D., o Códice Vaticanus e o Códice Sinaiticus. Da primeira parte do 5º século vem o Códice Alexandrino. Também deste século é o Códice Efraemi, em forma de palimpsesto (manuscrito reutilizado). Ao todo, existem 30 manuscritos unciais (em letras maiúsculas), alguns bem fragmentados; mais de 1.500 manuscritos em escrita minúscula, que são em geral de uma data posterior aos unciais; e uns 30 leccionários, que contém o texto da LXX. Os papiros são ainda mais antigos. Os Papiros Bíblicos de Chester Beatty incluem partes de 8 manuscritos distintos da LXX, abrangendo em data o 2º e o 4º séculos A.D., representando 8 livros do A.T. Há também as folhas do Papiro John H. Scheide, da primeira

metade do 3º século, os manuscritos Freer dos Profetas Menores da última parte do 3º século, e 2 fragmentos do livro de Deuteronômio (Biblioteca John Rylands, Papiro Grego 458; o Papiro Fouad 266) que datam aproximadamente do 2º século a.C. Alguns fragmentos da LXX foram descobertos na Caverna 4 em Qunram, atribuídos ao 1º século a.C. Uma cópia fragmentária dos Profetas Menores em grego, atribuída ao 1º século A.D., veio à luz na caverna de *Wâdi Mura-ba'at* em 1952. É uma revisão da LXX.

3. *Versões e Revisões Gregas Divergentes.* Após a LXX se tornar a Bíblia da Igreja Cristã, com o tempo, ela veio a ser repudiada pelos judeus. Em disputas teológicas com os judeus, os cristãos às vezes usavam a LXX de maneiras consideradas como inválidas pelos judeus. Além disso, o texto da LXX às vezes variava do padrão hebraico. Após a destruição de Jerusalém, desenvolveu-se entre os eruditos judeus uma assim-chamada exegese atomística, que considerava as Escrituras como a personificação da vontade de Deus em todas as suas partes e palavras, até mesmo em cada letra. A LXX, não concordando exatamente com o texto hebraico, foi completamente repudiada e rotulada como obra de Satanás. No 2º século A.D., foram feitas muitas outras traduções gregas como uma tentativa de suprir as necessidades de uma tradução fiel do texto hebraico e aceitável à comunidade judaica, para uso dos judeus de fala grega.

(a) *Tradução de Áquila.* A primeira dessas traduções foi feita provavelmente em algum momento entre 130 e 150 A.D. por Áquila, um prosélito do judaísmo de Sinope, no Ponto, que, de acordo com Jerônimo, fora aluno do Rabino Akiba entre 95 e 135 A.D. Era uma tradução exageradamente literal e pedante, estilo peculiar ao Rabino Akiba e sua escola de pensamento. A versão tinha o princípio da precisão literal ao ponto de chegar a ser absurda e ininteligível. Ele procurou verter cada palavra e cada partícula fiel e consistentemente.

(b) *Tradução de Teodócio.* A versão de Teodócio, descrita por alguns como um prosélito judeu, e por outros como um cristão ebionita, foi produzida entre 180 e 192 A.D. Seu estilo e caráter são muito semelhantes à LXX. Muitos eruditos a consideram simplesmente uma revisão da LXX, com o fim de trazê-la em harmonia com o texto hebraico. Ela conquistou popularidade entre os cristãos. Sua versão do livro de Daniel foi incorporada às Bíblias LXX no lugar do original. O resultado foi que a verdadeira tradução de Daniel da LXX era conhecida graças a apenas um manuscrito grego e uma versão em siríaco, até que porções dela foram descobertas entre os Papiros de Chester Beatty.

(c) *Tradução de Símaco.* Essa versão, produzida entre *c.* 170 e 200 A.D., tinha o objetivo de ser não somente precisa mas também em ótimo grego literário. De acordo com aproximadamente todas as autoridades antigas, Símaco era um ebionita; por outro lado, Epifânio afirmava ser ele um samaritano convertido ao judaísmo.

(d) *A Hexapla e as Revisões da LXX.* Na primeira metade do 3º século, Orígenes fez uso das versões de Áquila, Símaco e Teodócio em seus esforços para salvar a LXX, trazendo-a em harmonia com o texto hebraico de seus dias. Por volta do ano 245 A.D., ele e seus associados, trabalhando em Cesaréia de Filipe, completaram uma versão sêxtupla do A.T. conhecida como a Hexapla. Foi uma tarefa estupenda que exigiu o trabalho diligente de quase um quarto de século. Em colunas paralelas, Orígenes apresentou: (*a*) o texto hebraico; (*b*) uma transliteração do hebraico em letras gregas; (*c*) a versão de Áquila; (*d*) a versão de Símaco; (*e*) a Septuaginta em seu próprio texto revisado; (*f*) a versão de Teodócio. Quando a LXX variava do texto hebraico, era posta em harmonia com ela pelo uso de outras versões gregas e sinais diacríticos. Se bem que seu trabalho tenha sido feita em boa fé, com o desejo de eliminar as deturpações causadas por sucessivas cópias, o resultado real foi uma crescente confusão no texto da LXX. O tamanho colossal desse

A.T. sêxtuplo impedia sua reprodução como um todo. No início do 4º século, Eusébio de Cesaréia e seu amigo Panfilo copiaram e circularam separadamente a quinta coluna (o texto revisado da LXX) da Hexapla, com as anotações originais de Orígenes. Sendo que as anotações críticas não tinham significado quando separadas do resto da Hexapla, com o tempo, a tendência natural nas cópias repetidas foi escrever o texto sem as anotações. O resultado para a crítica textual da LXX foi desastroso, pois, sem as anotações, os acréscimos de Orígenes aparecem como partes genuínas e originais do texto da LXX. O problema de assegurar o texto pré-Hexaplar tornou-se em grande perplexidade ao erudito textual.

Foram feitas duas outras revisões da LXX no 4º século, conhecidas como: (*a*) a de Hesíquio, usada em Alexandria, no Egito, e (*b*) a de Luciano de Samosata, que era usada em toda a Ásia Menor, desde Antioquia até Constantinopla. Pouco se sabe sobre Hesíquio, e a identificação do texto de sua revisão ainda está envolta em incerteza. Luciano revisou a LXX com a ajuda de manuscritos do texto hebraico e da LXX, que continham freqüentes porções intrinsecamente superiores às que nós possuímos. Essas porções tornam a revisão de Luciano de grande importância para a crítica textual do A.T. Muitas das alterações feitas por Luciano na LXX, porém, não apontam a uma escrita diferente do texto hebraico; elas são mudanças meramente gramaticais e estilísticas na forma literária, feitas sob a influência da reação Aticista.

4. *Os Targuns Aramaicos*. No judaísmo pós-exílico, o aramaico substituiu o hebraico como língua vernacular, e tornou-se necessário acompanhar a leitura do texto hebraico com uma interpretação em aramaico. Tais interpretações ou traduções, que eram originalmente orais, eram chamadas de Targuns, e o tradutor era referido como um *targúmano*. Os Targuns combinavam tradução real com paráfrase livre e algumas explicações. Com o tempo, eles se tornaram um tanto padronizados e já eram confiados à escrita na era pré-cristã, como mostram algumas cópias encontradas entre os rolos do Mar Morto.

Conhecem-se três Targuns do Pentateuco: (1) o Targum de Onkelos, ou o Targum Babilônico, que é a maior parte uma tradução estritamente literal e simples; (2) o Targum Palestino Antigo, freqüentemente referido como o Targum Fragmentário; (3) e o Targum de Jerusalém (pseudo-Jônatas). O Targum oficial dos profetas é atribuído a Jônatas ben Uzziel, um aluno de Hillel, no 1º século A.D. Este parafraseia mais livremente do que o de Onkelos. Os Targuns dos *Hagiografa* (escritos sagrados) são mais recentes ao serem comparados. O valor dos Targuns para a crítica textual do A.T. é altamente reconhecido. Este valor, porém, é medido pela introdução das explicações e alterações. Porém, usados de forma crítica, seu testemunho é de valor considerável. Além disso, eles são um rico tesouro do pensamento e exegese da religião judaica. O Targum Palestino, em particular, tem sido considerado também como uma fonte para a recuperação da língua aramaica, falada por Jesus.

5. *Versões Siríacas*. O siríaco, freqüentemente chamado de Aramaico Oriental, era a língua dos cristãos da Síria e da Mesopotâmia. Há várias traduções do N.T. ao siríaco, mas somente dois do A.T.

(a) *A Peshitta*, isto é, a “simples”. Esta versão tem uma história literária tão complexa que sua origem tem sido por muito tempo uma questão de debate. Até o ponto em que pode ser traçada no passado, era uma versão cristã, pois contém o N.T. e o A.T., e as cópias existentes são provenientes de mãos cristãs. Contudo, o A.T. apresenta uma forte influência judaica que muitos eruditos defendem ter sido, pelo menos em parte, de origem judaica, embora alguns o expliquem como sendo de origem judaico-cristã. Ele pode ter sido produzido em Edessa, embora Kahle declare que ele vem da região de Adiabene, a Leste do Tigre, onde o rei Isates e sua mãe Helena tornaram-se prosélitos judeus do 1º século A.D. Há passagens no A.T. que são pouco mais do que transliterações dos Targuns Aramaicos à escrita siríaca. Embora o texto

concorde de forma geral com o Massorético hebraico, parece ter sido revisado pela LXX. Originalmente, essa versão siríaca não continha Crônicas, Esdras, Neemias e Ester, bem como os Apócrifos, que foram adicionados em uma data posterior. O manuscrito siríaco mais valioso é o Códice Ambrosiano do 6º século, que está agora em Milão. Um manuscrito de Gênesis, Êxodo, Números e Deuteronômio, do mosteiro de Sta. Maria Deipara, no Egito, contém uma data correspondente ao ano 464 A.D., sendo assim a cópia datada mais antiga da Bíblia em qualquer língua.

(b) *Siro-Hexaplar*. Uma versão da 5ª coluna da Hexapla no siríaco fita pelo Bispo Paulo de Tella em 616-617 A.D. Sendo a tradução muito literal e por incluir as anotações críticas de Orígenes, esta é a nossa autoridade máxima para a reconstrução do texto revisado da Septuaginta Hexaplar.

6. *Versões Latinas*. (1) *A Latina Antiga*. A tradução latina da Bíblia, possivelmente originou-se no Norte da África, no ano 150 A.D. É até possível que os cristãos do Norte da África tenham adotado uma tradução do A.T. dos judeus de fala latina. Tertuliano (*c*. 160-230 A.D.) conhecia a Antiga Bíblia Latina pelo menos em parte, e Cipriano (*c*. 200-258), bispo de Cartago, cita freqüentemente ambos os Testamentos desta Bíblia. Restaram apenas fragmentos da Latina Antiga. Muitos livros apócrifos foram incorporados à Vulgata sem serem revisados. Quanto ao restante da Bíblia, os eruditos têm sido capazes de montar os fragmentos dos manuscritos que abrangem uma parte considerável do A.T. Esses, juntamente com citações dos Pais Latinos, são as nossas fontes para a reconstrução do texto Latino Antigo do A.T. Estudiosos distinguem 2 tipos de texto: o Africano e o Europeu. O Latino Antigo do A.T. era formado do texto grego da LXX, e seu principal valor hoje é ser um auxílio na recuperação do texto da LXX ao que ele era antes da revisão de Orígenes.

(2) *A Vulgata*. A versão latina oficial foi produzida por Jerônimo em resposta ao pedido do Papa Damásio (A.D. 382) por uma revisão da Antiga Bíblia Latina. Jerônimo realizou 3 revisões dos Salmos. A primeira delas, baseada na LXX, é conhecida como o Saltério Romano (A.D. 384), porque fora adotada oficialmente pelo Papa Damásio para uso nas Igrejas de Roma e da Itália. Ela ainda está em uso em São Pedro, Roma, bem como em Milão. Uma revisão mais completa seguiu-se em *c.* 387 A.D., com base na Hexapla. Esta revisão, por ser a primeira adotada na Gália, tornou-se conhecida como o Saltério Gaulês. Ela ainda está incorporada à Vulgata. A terceira versão, conhecida como o Saltério Hebraico, por ser uma tradução do original hebraico, nunca conquistou popularidade, embora alguns manuscritos da Vulgata a contenham, geralmente em colunas paralelas com a Gaulesa. Jerônimo passou vários anos preparando uma nova tradução do restante dos livros do A.T. diretamente do hebraico. Essa tradução, que é chamada a Vulgata, ou revisão "comum", tornou-se a Bíblia da Igreja Católica Romana Ocidental. No estudo do texto do A.T., seu valor é conferido pela liberdade na tradução e por sua data recente. Ela foi produzida após o texto hebraico ter sido substancialmente padronizado como é hoje.

Ao todo, há um total de 8.000 manuscritos da Vulgata existentes na Europa. Talvez o manuscrito mais valioso seja o Códice Amiatino, copiado na Inglaterra aproximadamente no início do 8º século, realizada como um presente ao papa, mas que agora se encontra na França. A primeira edição impressa da Vulgata foi a de Gutenberg. A Bíblia oficial da Igreja Católica tem sido uma revisão da Bíblia Sixtina do Papa Sisto V, conhecida como a Bíblia Clementina por ter sido revisada e reeditada na época do Para Clemente VIII. Uma nova edição crítica, porém, está sendo preparada pelos eruditos da ordem Benedita.

7. *Outras Versões Orientais.* (a) *Versão Copta.* O copta, língua do Egito no período da Igreja Cristã primitiva, consiste em vários dialetos. Os mais importantes desses, em se tratando de versões da Bíblia, são o

Saídico (derivado do nome Árabe para o Alto Egito, *es-Sa'îd)* e o Boháirico (do nome Árabe para o Baixo Egito, *Boheireh*). A tradução Saídica foi produzida provavelmente por volta do 3º século, e circulava no Alto Egito (ao Sul). O Boháirico deve ser datado em algum tempo entre o 3º e 5º séculos, provavelmente no 4º, e circulava no Baixo Egito (ao Norte). O Boháirico tornou-se a versão oficial da Igreja Copta. Em ambas as versões, o A.T. foi traduzido da LXX.

(b) *A Versão Etíope.* Essa versão, datada entre o 5º e o 7º séculos, era uma tradução do grego. Os manuscritos mais antigos existentes dessa versão são do 13º século.

(c) *A Versão Gótica.* Essa versão, que representa a primeira literatura escrita dos Godos, foi feita por Ulfilas a partir da revisão de Luciano da LXX, aproximadamente em meados do 4º século. Apenas alguns fragmentos do A.T. existem hoje.

(d) *A Versão Armena.* Tradução da LXX feita para os cristãos da Ásia Menor Oriental, aproximadamente em 400 A.D., após a invenção do alfabeto armeno. A versão mostra uma influência definida do Peshitta Siríaco.

(e) *A versão Geórgia.* Versão produzida no 5º ou 6º século, provavelmente da LXX grega com algumas referências ao siríaco. A Bíblia completa está preservada em um manuscrito de 2 volumes, no Mosteiro Ibérico do monte Athos.

(f) *A Versão Eslavônica.* Versão do 9º século atribuída a dois irmãos, Cirilo e Metódio. Alguns dos livros foram traduzidos do grego, alguns do hebraico e outros da Vulgata.

(g) *A Versão Árabe.* O Pentateuco e o livro de Josué dessa versão foram traduzidos por Saadya, o Gaão (892-942) com base no hebraico. O restante dos livros do A.T. foram aparentemente traduzidos do Peshitta e da Septuaginta.

II. Versões Antigas do Novo Testamento.

1. *Novos Testamentos Latinos.* (a) *A Latina Antiga.* A tradução Latina Antiga do N.T. foi produzida por volta da segunda metade do 2º século A.D., embora não haja certeza, no Norte África, onde florescia uma igreja, centralizada em Cartago. Por essa versão abranger duas gerações passadas em relação à real escrita dos livros do N.T., é indiscutivelmente uma importante testemunha do texto primitivo do N.T. É uma das principais testemunhas da escrita Ocidental. Aproximadamente 50 manuscritos e fragmentos do N.T. da Latina Antiga ainda sobrevivem. Nenhum desses contém todo o N.T. Esses manuscritos, porém, juntamente com citações dos Pais Latinos, contém quase o N.T. completo. Baseando-se nas citações patrísticas, os manuscritos são divididos em 3 tipos: o *Africano*, usado por Cipriano, o *Europeu*, encontrado em uma tradução latina de Irineu do 2º século, e o *Italiano*, encontrado nos escritos de Agostinho. Muitos eruditos, porém, discutem a existência do Italiano. Vários manuscritos da Latina Antiga remontam ao 4º e o 5º séculos e são muito importantes.

(b) *A Vulgata.* A versão Vulgata do N.T. é uma revisão um tanto conservadora da Latina Antiga, baseada em alguns manuscritos gregos antigos. Jerônimo completou a revisão dos Evangelhos em 384 A.D., e o restante posteriormente. Se Jerônimo realizou toda a obra é uma questão indefinida. A nova versão não foi aceita com entusiasmo, mas conquistou-o com o tempo. Não foi até o 7º século que a Vulgata se tornou preeminente. Nesse ínterim, o texto da Latina Antiga e da Vulgata sofreram uma mescla que adicionou complexidade em sua história literária. Muitas tentativas foram feitas durante a Idade Média a fim de preservar o verdadeiro texto da Vulgata: por Cassiodoro (*c.* 583 A.D.), por Alcuin, sob o reinado de Carlos Magno (8º século), e por Teodolfo (9º século A.D.). No Concílio de Trento, em 1546, a Vulgata foi oficialmente reconhecida como o texto padrão da Igreja Católica

Romana. Foi a Bíblia da Europa Ocidental por 1.000 anos, e foi a base das primeiras traduções inglesas.

2. *Novos Testamentos Siríacos.* (a) *O Diatessaron.* A primeira tradução siríaca no N.T. estava na forma de uma fusão dos 4 evangelhos em uma narrativa contínua da vida e ensinos de Jesus. Esse Diatessaron foi produzido em *c.* 170 A.D. por Taciano, personalidade Oriental poderosa e talentosa, que tinha estudado em Roma sob a tutela de Justino, o Mártir. Sua obra foi com o tempo substituída de tal forma pelos "Evangelhos dos Separados" (Veja item *b* abaixo), que sobreviveu somente em traduções tais como os 2 manuscritos arábicos, 1 da Biblioteca do Vaticano, um comentário Armeno feito por Efraem, e um fragmento grego de 14 linhas, encontrado em Dura Europus, em 1933.

(b) *Os Antigos Evangelhos Siríacos.* Embora possa ter havido uma versão Siríaca Antiga de todos, ou da maioria dos livros do N.T., somente os Evangelhos foram recuperados. Esta versão, chamada de Evangelhos dos Separados (isto é, dos 4 Evangelhos separados), foi provavelmente produzida por volta do ano 200 A.D. Existe em duas formas: (*1*) o "Curetoriano", que consiste de 80 folhas de uma manuscritos do 5º século, proveniente do Mosteiro de Sta. Maria Deipara no Deserto Egípcio de Nitriã, e editado pelo Dr. Willaim Cureton em 1842; (*2*) o "Sinaítico", representado por um manuscrito palimpsesto (manuscrito reutilizado) em Roma meio século mais antigo do que o Curetoriano, encontrado no Mosteiro de Sta. Catarina, no Monte Sinai pela Sra. A. S. Lewis e sua irmã, a Sra. A. D. Gibson, em 1892. Esse dois manuscritos são testemunhas altamente significativas do primeiro texto dos Evangelhos.

(c) *O Peshitta.* O N.T. do Peshitta (a versão "simples", ou "comum") é geralmente creditado ao Bispo Rabula de Edessa (411-435 A.D.), que revisou as cópias divergentes do Siríaco Antigo de acordo com o texto grego Bizantino da época. Essa versão, que estava em uso

na Igreja siríaca desde o 5º século em diante, é representada por aproximadamente 250 manuscritos, 15 dos quais datam do 5º e 6º séculos. Estão ausentes nele II Pedro e III João, Judas e o Apocalipse.

(d) *A Versão Filoxeniana e a Heracliana.* Fez-se uma revisão na Peshitta no ano 508, por Filoxeno, Bispo de Mabugue. Esse, por sua vez, foi revisado por Tomé de Heráclea em 616 A.D., com base nos manuscritos gregos de Alexandria. Embora a Filoxeniana seja livre e idiomática, a Harcliana é extremamente literal.

(e) *A Siríaca Palestina.* Há uma versão siríaca conhecida somente de forma fragmentada, em sua maioria graças a lecionários, que estão intimamente ligados linguisticamente ao aramaico judaico ou Ocidental, língua usada por Jesus. A versão foi provavelmente produzida em Antioquia no 6º século ou provavelmente mais cedo.

3. *Novos Testamentos Cópticos.* De 5 versões cópticas, as mais importantes são a Saídica e a Boháirica

(a) *A Saídica.* Essa versão é a versão era usada no Alto Egito (Sul). Ela foi primeiramente designada Tebaíta, após a cidade de Tebas. Existem apenas fragmentos dessa versão, mas esses fragmentos são de quantidade suficiente para reconstruir a maior parte do N.T. Os manuscritos mais antigos se originam do 4º século A.D.

(b) *A Boháirica.* Essa versão circulava no Baixo Egito (Norte) e foi substituída por outros dialetos e contém o N.T.

4. *Outras Versões Orientais do Novo Testamento*. (a) *O Novo Testamento Armeno.* Essa versão, produzida na primeira parte do 5º século, é notável por sua precisão e beleza literária. Eruditos ainda se dividem quanto a ter sido produzida do siríaco ou do grego, e as próprias tradições armenianas antigas se dividem sobre o assunto. Estudos recentes convenceram alguns estudiosos de que, tanto quanto os evangelhos estejam em questão, houve uma tradução anterior à

padronizada, e que essa tradução baseava-se nos Evangelhos Siríacos Antigos. A versão Armena no N.T. é considerada como uma testemunha importante do texto da Cesaréia. O manuscrito mais antigo conhecido dessa versão é datado de 887 A.D. Alguns dos manuscritos conhecidos mais belamente iluminados são conhecidos como os Armnenianos.

(b) *O Antigo Novo Testamento Geórgio.* Essa versão está intimamente relacionada à Armena e, de fato, foi considerada como uma tradução do mesmo. Se assim for, a versão Armena na qual ela está baseada seria uma forma que não possuímos. A versão Geórgia é outra importante testemunha do texto da Cesaréia.

(c) *O Novo Testamento Etíope.* Essa versão foi produzida provavelmente por volta do ano 600 A.D. O texto foi produzido a partir do grego, mas alguns eruditos encontraram traços de uma forma mais anterior baseada no Siríaco Antigo. Os manuscritos são posteriores, sendo o mais antigo do 13º século e a maioria entre o 16º e o 18º séculos. Esses manuscritos posteriores foram influenciados pela versão Arábica.

(d) *O Novo Testamento Gótico.* Essa versão foi produzida por Ulfilas diretamente de um texto grego do tipo Bizantino, por volta do ano 350 A.D. Por essa versão ser exageradamente literal, é útil para a recuperação do original grego. O manuscrito gótico mais famoso é o Códice Argênteo, um manuscrito dos Evangelhos em véu púrpura, do 5º ou 6º séculos e de origem Boêmia, que está agora em Uppsala, Suécia.

III. Versões Portuguesas.

Até o fim do século XVI não havia tradução completa das Escrituras em português.

Dona Leonor, esposa de D. João II, mandou publicar em 1505 os Atos dos Apóstolos e as Epístolas de Tiago, Pedro, João e Judas. Esta

nobre senhora faleceu e, 1525 e por uma reação do cleros, essas partes da Bíblia desapareceram das bibliotecas.

1. *Tradução de João Ferreira de Almeida.* A edição comemorativa do Terceiro Centenário da Tradução da Bíblia em língua portuguesa, apresentou para João Ferreira de Almeida as seguintes informações:

> "Nascido em Torres de Tavares, Conselho de Magualde, Portugal, em 1628, faleceu João Ferreira de Almeida, em 1691. Temos aqui 63 anos que se dignificaram na vida do consagrado servo de Deus. É consagrado no campo da cultura secular, versado na lingüística, incansável na comparação das línguas que aprendeu e usou, valeu-se de sua língua nativa, a portuguesa, para a expressão geral e ampla de suas obras principais, destacando-se, dentre elas, a tradução que fez da Bíblia, dos originais hebraico e grego para a língua portuguesa.
>
> João Ferreira de Almeida foi quem primeiro traduziu a Bíblia para o nosso vernáculo. Português, ele, de três séculos idos, é certo que ainda falando e escrevendo corretamente, com segura inteligência das proposições, das frases e das palavras, teve linguagem que hoje seria distante e até, não raro, diferente para as sucessivas edições da Bíblia, segundo ele a traduziu, porque a evolução semântica da linguagem por vezes impõe mudanças de palavras para que se não mude o sentido das mensagens.
>
> Há 300 anos (1681) João Ferreira de Almeida traduziu o Novo Testamento, em Amsterdã; e daí em diante,

sua publicação (Batávia, 1693), novamente em Amsterdã (1712); em Trangambar, 1760; e outra vez em Batávia em 1773.

Incansável no trabalho, traduziu também o Antigo Testamento, mas até o versículo 12 do capítulo 48 de Ezequiel.

Na apreciação das traduções da Bíblia feitas por João Ferreira de Almeida, não faltou a palavra oportuna à sua digna esposa, filha de pastor holandês, pela expressiva ajuda intelectual nos trabalhos lingüísticos do esposo, traduções e originais, assim como no pastorado lhe foi ajudadora generosamente cristã.

Em 1656, Almeida foi ordenado pastor da Igreja Reformada, mas sempre desejoso de promover a Reforma em Portugal. De 1656 até 1658, foi missionário no Ceilão, depois na Índia, e foi o primeiro ordenado a pregar em português. De volta à Batávia, pastoreou a comunidade portuguesa ali existente.

Faleceu, dissemos, em 1691, todavia João Ferreira de Almeida até hoje influi através das traduções que deixou da Bíblia. A mais antiga versão usual no Brasil, entre os evangélicos, mereceu da Sociedade Bíblica do Brasil certa atualização na linguagem, pois dista três séculos a tradução de Almeida. Na seção de livros raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há um exemplar do Novo Testamento impresso em Amsterdã (1712).

Nossa palavra comemorativa de 300 anos, pondera de início a realidade singular de vitorioso empenho, por fé, cultura, disposição, ideal e constância, aliás, trabalho sagrado com vista ao alcance e proveito da mensagem divina para a humanidade.

Vitorioso empenho dissemos, cujos benefícios, através dos anos, não se contam, porque são inumeráveis; mas é fácil imaginar e dar graças a Deus. Imaginar até onde, e como, e para quem e com que bênçãos vem significando o merecimento da vida de João Ferreira de Almeida, em toda a expressão de suas atividades, outrora sim, mas até hoje, através das gerações, com as verdades da lição divina, no ensino inspirado, por ele posto em nossa linguagem, e que nos vem sendo motivo de profunda gratidão.

E que as nossas mãos se ergam, reverentemente, para dar graças a Deus porque a Sociedade Bíblica do Brasil, ano após ano, supera a generosidade de seus cálculos de publicação e aumenta, e dobra e multiplica o número de exemplares do sagrado volume, portador da revelação divina, inspiradamente.

Dotado de impressionante atividade intelectual, traduz para a nossa língua o Novo Testamento (1644-1645). Valeu-se da versão latina de Beza, da espanhola, da francesa e da Italiana.

O nosso Ferreira de Almeida revelou sempre grande piedade e espírito missionário; na cidade, percorria diariamente os hospitais e casas onde houvesse enfermos,

para confortá-los com orações e palavras de animação e graças."

Há muitas informações contraditórias sobre o preparo intelectual de Almeida. Onde estudou ele hebraico e grego suficientes para se desincumbir de responsabilidade tão grandiosa? Alguns afirmam que ele conhecia as línguas originais e que utilizou também a tradução de Cipriano de Valera para realizar a tarefa. Outros afirmam que o Novo Testamento é tradução direta do grego e o Velho Testamento do hebraico. Não há muita certeza de quanto hebraico e grego Almeida ele conhecia e de que fontes se valeu para sua tradução. Há apenas suposições de que tenha usado o Texto Massorético do texto grego do "Textus Receptus" (*Texto Recebido*), da Vulgata Clementina e tenha usado alguma tradução moderna.

Saindo do terreno das hipóteses e conjecturas, para o da realidade, diga-se, devemos a este dedicado e consagrado servo de Deus a primeira tradução completa da Bíblia em nossa língua.

2. *A Almeida Revisada.* Duas entidades — Comissão Revisora e Comissão Consultiva — foram organizadas entre nós, sob os auspícios das Sociedades Bíblicas Unidas para se desincumbirem da sagrada responsabilidade de rever a tradução de Almeida e atualizar a sua linguagem.

Essas duas comissões em sua reunião inaugural, no dia 14 de abril de 1943, sob a presidência do destacado Pr. César Dacorso Filho, tratavam das "Razões por que necessitamos de uma revisão das atuais versões da Bíblia em português."

Os brasileiros contaram com o apoio irrestrito e sábia experiência dos Secretários Executivos das Sociedades Bíblicas Unidas nesta primeira reunião, mas posteriormente, o Secretário de Tradução da

Sociedade Bíblica Americana, Dr. Eugene A. Nida, visitou o nosso país com a finalidade principal de orientar os trabalhos de tradução e revisão.

Depois de ponderados e minuciosos estudos das três traduções mais divulgadas no Brasil, ou sejam: Almeida, Figueiredo e da Tradução Brasileira de 1917, a comissão pediu pela revisão da tradução Almeida, observando os seguintes tópicos: (*a*) fidelidade ao texto original; (*b*) tradução e não interpretação; (*c*) clareza, correção e elegância de linguagem; (*d*) cunho espiritual da linguagem; (*e*) aproveitamento de outras versões e acesso às línguas originais.

Os membros da Comissão Revisora faziam parte das seguintes igrejas: Batista, Congregacional, Episcopal, Metodista, Presbiteriana Independente, Presbiteriana, Evangélica e Luterana.

De acordo com a Sociedade Bíblica do Brasil, o trabalho feito não foi uma nova tradução, mas uma revisão da tradução e João Ferreira de Almeida. Os textos originais foram o de *Nestle*, para o Novo Testamento e o de *Letteris* para o Velho Testamento.

Nesta revisão, talvez tenha permanecido no máximo de 30% da linguagem de Almeida, não sendo de admirar este corte se levarmos em consideração que a linguagem de Almeida, que estava sendo atualizada, tinha 200 anos.

3. *Tradução de Figueiredo.* Por um decreto de 1757, no tempo do Papa Bento XIV, a Bíblia era reconhecida como útil para robustecer a fé. Esta nova atitude da Igreja Católica Romana deu impulso à tradução da Bíblia tendo a Vulgata como base. Entre esses se encontrava o Padre Antonio Pereira de Figueiredo, nascido perto de Lisboa em 1725.

Por ser exímio latinista, e como ele mesmo confessa:

> Não sendo eu nem ainda medianamente instruído nas línguas originais, hebraica e grega, em que foram escritos,

respectivamente, o Velho Testamento e os Evangelhos, mal poderia sair exata e perfeita esta minha tradução.”

A sua tradução se baseou na Vulgata. Por 18 anos ocupou-se nesse trabalho, que foi submetido a duas cuidadosas revisões antes de ser publicado. A primeira edição do Novo Testamento saiu em 1778 em seis volumes e o Velho Testamento foi publicado em 17 volumes, seguidamente desde 1783 a 1790.

A edição de sete volumes completada em 1819 é considerada o padrão das versões de Figueiredo. A tradução de Figueiredo em um só volume foi publicada pela primeira vez em 1821.

4. *Edição Trinitária de 1883*. Foi produzida pela *Trinitarian Bible Society* de Londres, que ao ser fundada, começou a traduzir a Bíblia para vários idiomas. A crítica textual aponta-lhe sérios deslizes de tradução no Velho Testamento, principalmente nos Salmos. O Novo Testamento baseou-se no *Texto Receptus* de 1624, que foi substituído pelo trabalho de Tischendorf e posteriormente por Westcott e Hort, pelos Papiros de Chester Beatty e mais recentemente pelo atualíssimo texto de Ebberard Nestle. O português dessa versão é de baixa qualidade, muito arcaico e deselegante. Essa versão nunca é referida por eruditos por ser sem valor crítico.

5. *A Versão Brasileira de 1917*. Preparada no Brasil sob a responsabilidade da Sociedade Bíblica Americana e da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. O trabalho foi realizado por uma comissão de estrangeiros e nacionais. Como amostra dessa tradução foram publicados em 1904 os Evangelhos de Mateus e Marcos. Houve uma melhoria na tradução em 1905. Outros livros foram publicados sucessivamente até que em 1917 foi publicada a edição final da Bíblia completa. Por conter várias deficiências, como interpretação em vez de

tradução e erros que deixaram de ser corrigidos, ela foi preterida pela Sociedade Bíblica que não mais a publica.

6. *A Bíblia na Linguagem de Hoje.* Em junho de 1973, a Sociedade Bíblica do Brasil publicou *A Bíblia na Linguagem de Hoje*, baseada nos originais gregos. A versão, como pretende, está na linguagem comum do povo brasileiro. A única objeção a ela seria o ser ela um pouco tendenciosa em questão de interpretar em vez de traduzir.

7. *Versão Contemporânea.* Produzida pela Editora Vida em 1990. É um melhoramento da Almeida Revista e Corrigida, baseando-se nas línguas originais, valendo-se também de sugestões de eruditos em línguas bíblicas.

8. *Traduções "Católicos no Brasil"*. (a) *Matos Soares.* Dentre as traduções brasileiras difundidas do Brasil, encontra-se a de Matos Soares, feita em Portugal em 1933, mas divulgada entre nós desde 1942, quando foi publicada pelas Edições Paulinas. Também foi traduzida da Vulgata. Nota-se nela uma tendência muito forte para apoiar a teologia católica, o que fizeram acrescentando comentários de rodapé ingênuos e absurdos, acrescentando palavras até no próprio texto.

(b) *Bíblia Sagrada*, tradução do Frei João Maredsous, conhecida entre nós por "Bíblia da Ave Maria."

(c) *Santa Bíblia*, produzida por um grupo de professores de exegese e baseada nas línguas originais.

(d) *A Bíblia Artística*, a mais bela do mundo, produzida em 8 volumes e concluída em 1968.

(e) Em 1967, as Edições Paulinas organizaram uma nova tradução do texto sagrado, com base na tradução italiana, em edição artística (3 volumes) e popular (1 volume).

(f) *A Bíblia de Jerusalém* é um dos mais significativos projetos intelectuais em matéria de Bíblia. Traduzida diretamente dos textos originais, seguindo a crítica textual da Escola Bíblica de Jerusalém. Além do texto sagrado, apresenta útil subsídio lingüístico, histórico e arqueológico.

VESTUÁRIO. Os ASD advogam asseio e simplicidade no vestuário em harmonia com bom gosto e abstenção da moda que prejudique a saúde. Estes princípios são resumidos por Ellen White da seguinte maneira:

> Rogo ao nosso povo que ande cuidadosamente e circunspectamente diante de Deus. Segui costumes no vestir até onde eles se conformem com os princípios de saúde. Vistam-se as nossas irmãs com simplicidade, como muitas fazem, tendo vestes de material bom e durável, apropriado para esta época, e não permitam que a questão do vestuário lhes encha a mente. Nossas irmãs devem vestir-se com simplicidade. Devem trajar-se com roupas modestas, com modéstia e sobriedade. Dai ao mundo uma ilustração viva do adorno interior da graça da Deus (*OC*, 414).

Desde cedo em nossa história, os ASD falaram contra o vestuário inadequado. O editor da *Review and Herald* inseriu na edição de 10/06/1855 o pronunciamento de John Wesley sobre os males do vestuário impróprio. Em uma conferência realizada em Battle Creek, Michigan, em 27 de maio de 1856, a Srª. White deu uma mensagem lamentando “a conformidade de alguns professos guardadores do sábado com o mundo”. Estes, disse ela, “têm uma disposição de se vestirem e

agirem como o mundo tanto quanto possível, e ainda desejam a ir para o céu” (1*T*, 131).

Em 1858, John Byington, mais tarde eleito o primeiro presidente da *Associação Geral, escreveu: “São mangas muitos largas e os ornamentos em forma de meia-lua (Is. 3:18) artigos modestos de vestuário? I Tim. 2:29. Se for assim, sejam recomendados à igreja em geral.”

Estas posições foram tomadas em um tempo quando os estilos de vestuário feminino eram insalubres e extravagantes. Eram os dias das saias rodadas que iam até o chão, espartilhos e ancinhas. Muitos outros ASD estavam protestando contra os modismos daqueles dias. Por exemplo, M. Angeline Merrit, escrevendo em 1852, declarou em *Dress and Reform Practically and Physiologically Considered* (Vestuário e Reforma Prática e Fisiologicamente Considerados):

> Cada senhorita que tenha qualquer experiência na vida doméstica, deve entender a grande inconveniência que há em um estilo de vestuário, cujas dimensões de *superfluidades* podem ser exemplificadas em polegadas e quilos. O uso de saias para varrer o chão e as calçadas e para esfregar escadas e passarelas tem se tornado um provérbio. (p. 79, grifo dela).

Em 1862, Ellen Beard Harman, outra reformadora do vestuário no *Dress Reformer Its Physiologic and Moral Bearings* (Vestuário: Suas implicações Físicas e Morais), à página 26, escreveu:

> Visto sob *qualquer* aspecto, o estilo comum de vestimenta para uma mulher é o *maior barbarismo* já conhecido, especialmente considerando a era em que

> vivemos. Só imagine as mulheres do *século dezenove* usando roupas incompatíveis com as leis de seu corpo, saúde, conforto e conveniência, proteção e asseio, os quais não são proporcionais ao corpo sendo desagradáveis e incômodos!

Em um esforço para corrigir tais males, alguns reformadores foram a extremos na invenção de estilos de vestuário tão radicalmente diferentes quanto ofensivos ao bom gosto. Um dos modismos mais populares ficou conhecido como “o traje americano”, inventado por uma Srª. Austin, que foi descrito como sendo composto de calças masculinas cobrindo as pernas com um vestido que ia até os joelhos, e em alguns casos bem acima dos joelhos. Foi contra as extravagâncias do estilo prevalecente de vestuário e os extremos fanáticos de alguns reformadores do vestuário que Ellen G. White escreveu:

> Nunca se deveria permitir aos descrentes reprovar nossa fé. Somos considerados bizarros e singulares, e não deveríamos tomar atitudes de molde a levar os descrentes a pensar que somos mais do que nossa fé requer.
>
> Alguns que crêem na verdade podem pensar que seria mais saudável se nossas irmãs adotassem o traje americano, mesmo se esse costume viesse a enfraquecer nossa influência entre os descrentes de tal modo que não teríamos mais pronto acesso a eles, não poderíamos adotá-los sem muito sofrer em conseqüência. Mas alguns se enganam em pensar que há benefícios nesse costume. Enquanto possa provar-se um grande benefício para alguns, é injúria para outros.

> Vi que a ordem de Deus tinha sido contrariada e suas especiais diretrizes desconsideradas por aqueles que adotam o costume americano. Foi-me citado Deut. 22:5 "A mulher não usará roupa de homem, nem o homem roupa de mulher, pois quem faz tal coisa é abominável ao Senhor teu Deus".
>
> Deus não gostaria que Seu povo adotasse a pretensa reforma do vestuário. A aparência é vaidosa e completamente inadequada aos humildes e modestos seguidores de Cristo (1*T*, 420, 421).

Como os estilos mudaram e se tornaram mais simples e saudáveis, a questão do vestuário se tornou de menos importância entre os ASD, mas eles ainda são estimulados a vestir-se de molde a convir com um cristão.

O seguinte conselho relativo ao vestuário aparece no *Manual da Igreja*:

> Devem os cristãos evitar a afetada ostentação, e o "adorno profuso". Deve o vestuário ser, quando possível, "de boa qualidade, de cores próprias e adequado ao uso. Deve ser escolhido mais com vistas a durabilidade do que à aparência". Nossas vestes devem caracterizar-se pela "beleza", "graça modesta" e a "conveniência da simplicidade natural". (*MJ*, 351, 352). Para que não chame a atenção, deverá seguir os estilos mais conservadores e apropriados da época.
>
> A adoção de novidades e extremismos da moda, no vestuário, de homens e mulheres, indica uma falta de atenção a assuntos sérios. Independente de quão

> sensatamente se vista o povo em geral, há sempre extremos no vestir que violam as normas da modéstia, e assim exercem influência direta na predominância das condições imorais. Muitos dos que seguem cegamente a moda, são pelos menos parcialmente inconscientes desses defeitos, mas não menos desastrosos são os resultados. Deve o povo de Deus situar-se sempre entre os conservadores em matéria de vestuário, e "não lhes preocupe a mente o problema do vestuário". (*Ev.*, 273). Não serão os primeiros a adotar as novas modas de vestidos nem os últimos a abandonar as antigas.

Sobre a questão de adornos, referindo-se a jóias e cosméticos, o *Manual da Igreja* continua (pp. 202, 203) com este resumo:

> "Trajar-se com simplicidade e abster-se da ostentação de jóias e ornamentos de toda espécie, está em harmonia com nossa fé." I*TS*, 350. É ensinado com clareza nas Escrituras que o uso de jóias é contrário à vontade divina. "Não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos", é a admoestação do apóstolo Paulo. (I Tim. 2:9). O uso de ornamentos de jóias é um esforço para atrair a tentação, em desacordo com o esquecimento de si mesmo que o cristão deve manifestar.
>
> Em alguns países, o costume de usar a aliança é considerado como que obrigatório e chegou a ser, na compreensão do povo, um critério de virtude e, portanto, não é considerado ornamento. Em tais circunstâncias não temos a disposição de condenar a prática.

Lembremo-nos de que não é o adorno "exterior" que expressa o verdadeiro caráter cristão, mas "o homem coberto no coração . . . um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus". (I S. Pedro 3:3 e 4).

O uso de cosméticos comuns contrários ao bom gosto e aos princípios de modéstia cristã deve ser evitado. O asseio e o procedimento cristão devem ser observados no cuidado da pessoa que está todo tempo tratando de agradar e representar corretamente a Cristo, nosso Senhor.

VIDA EM CRISTO. Veja **Imortalidade; Vida eterna.**

VIDA ETERNA. A vida sem fim prometida àqueles que crêem em Jesus Cristo e recebem Sua graça salvadora (João 3:15 e 16; Tito 1:2; I João 5:11). A palavra hebraica *'ôlam,* comumente traduzida por "eterna" ou "perpétua" significa basicamente "alguma coisa escondida", e deste modo, designa um longo tempo, cujos limites são desconhecidos ou "escondidos". A duração de *'ôlam* é sempre relativa ou determinada por aquilo a que se aplica. Assim, *'ôlam* pode referir-se ao período de uma vida (Êxo. 21:6) ou a um período cujo início perde-se na antigüidade (Gên. 6:4; Jos. 24:2: Prov. 22:28). Quando usada como representação de sono significa morte (Jer. 51:39). Quando aplicada a Deus, seu significado é ilimitado (Sal. 90:2; Isa. 40:28). A expressão "vida eterna" (*chayyê 'ôlam*) ocorre no A.T. apenas em Dan. 12:2. Compare o v. 7, onde Deus é caracterizado como *chê ha-ôlam,* "aquele que vive eternamente". Portanto, a implicação contextual é que a vida eterna está na vida de Deus. A mente hebraica concebia o Deus vivo em um tempo sem limite, e não abstratamente no sentido de ser além do

tempo. A mesma mente também concebe que aquele a quem Deus ressuscitar, assim viverá.

O termo grego correspondente a *ôlam* é *aión*, também designativo de uma longa mas relativa extensão de tempo sendo, portanto, uma tradução adequada de *ôlam* na LXX. Entretanto, com Platão, *aión* veio também defender o conceito abstrato e qualitativo de "eternidade" em contradistinção a tempo — uma situação atemporal a que as limitações de tempo não se aplicam. Sugeriu-se que o N.T. dá a *aión* ambas as dimensões qualitativa e quantitativa, particularmente, nos escritos de João, onde a expressão "vida eterna" é evocada freqüentemente (João 3:16; 5:24; 17:2; I João 1:2, etc.).

Freqüentemente refere-se à "vida eterna" simplesmente como "vida" (*zoe*), ou "a vida" (grego *he zoe*). A vida eterna é assegurada àqueles que "crêem", ou seja, àqueles que têm fé (João 3:16; 11:25 e 26); o objetivo particular da vinda de Cristo foi torná-la disponível ao homem (cap. 6:51, 57 e 58; 14:6, 19), conhecer a Deus e a Seu Filho, Jesus Cristo, é a vida eterna (cap. 17:3).

Em João, duas dimensões de vida eterna estão especialmente entretecidas: vida eterna como um dom, em princípio, quando um homem crê em Cristo (cap. 5:24, ele tem a vida eterna), e como uma possessão literal a ser concedida, na realidade, na *parousia* (cap. 5:28 e 29). Comentando sobre essas duas dimensões, Ellen G. White declarou:

> E o testemunho de Jesus é este; que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. "Quem tem o filho tem a vida". (I João 5:11 e 12) e Jesus disse: "Eu o ressuscitarei no último dia". Cristo tornou-se uma carne conosco, a fim de podermos nos tornar um em espírito com Ele. É em virtude dessa união que havemos de ressurgir do sepulcro — não somente como manifestação do poder de Cristo, mas porque, mediante a fé, Sua vida Se tornou

> nossa. Os que vêem a Cristo em Seu verdadeiro caráter, e O recebem no coração, têm vida eterna. É por meio do Espírito que Cristo habita em nós; e o Espírito de Deus, recebido no coração pela fé, é o princípio da vida eterna. (*DTN*, 370).

O ponto de vista adventista considera a vida eterna "exclusivamente como propriedade de Deus" (Ellen G. White em *SDABC*, 5:1130). Foi dada a Adão condicionalmente através da árvore da vida (Gên. 2:9; 3:22; *PP*, 60). Ele perdeu a vida eterna por causa de seu pecado, mas ela é restaurada por Cristo sob condição de "perfeita justiça, harmonia com Deus, perfeita conformidade com os princípios de Sua lei" (*MDC*, 76). É nossa agora se estivermos em *Cristo* (I João 5:11 e 12). Nós a possuímos agora mediante condição de nos mantermos ligados a Ele.

Em certo sentido, a vida eterna é uma recompensa aos obedientes mas não é merecida, uma vez que é um "dom gratuito" àqueles que crêem em Cristo como seu Salvador pessoal (I*ME*, 297). Os ASD enfatizam o cumprimento literal da vida eterna outorgada na *Ressurreição. A eternidade é concebida como um tempo ilimitado no qual os salvos terão ampla oportunidade de aprender cada vez mais em relação ao propósito infinito de Deus para eles, apreciar e estudar as maravilhas do Universo e realizar suas mais elevadas ambições. Ver **Imortalidade**.

"VIDA E SAÚDE", REVISTA. Periódico publicado mensalmente pela *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Seu objetivo é dar orientações básicas de um viver sadio e harmônico em seus diversos aspectos.

Em 1914, com uma campanha para a compra de uma máquina de compor, a *“Revista Saúde e Vida”* começou a ser publicada, com 16 páginas sobre higiene. Saíram poucos números.

Em 1938, a CPB votou a publicação de uma revista de saúde e higiene. Foi então publicada na *Revista Adventista de dezembro de 1938, a primeira propaganda sobre a *“Nova Revista Vida e Saúde”*, cujo primeiro número saiu em janeiro de 1939.

Seus primeiros editores foram: *Luiz Waldvogel, Dr. Antônio Miranda, *Otávio do Espírito Santo, Naor Conrado, *Arnaldo B. Christianini, Carlos A. Trezza, Almir A. Fonseca, Rubem Milton Scheffel.

Preocupavam-se com problemas relativos à alimentação, pediatria e cultura física. Possuía de 20 a 23 páginas específicas sobre higiene e saúde.

Era impressa pela CPB, localizada, na época, em Santo André, SP, tendo como seus primeiros redatores: *Luiz Waldvogel e o Dr. Antônio Miranda; e na gerência Emílio Doernert.

Em 1950, a *Revista Vida e Saúde* se inscreveu no rol dos órgãos de imprensa que apóiam todas as medidas para combater os vários tipos de moléstias, especialmente a classe trabalhadora do Brasil.

Em 1955, a *Revista Vida e Saúde* concedeu ao público a oportunidade de comentar sobre os artigos de sua preferência.

Em 1965, amadureceu a idéia do vegetarianismo, difundindo-o periodicamente. Em 1995, com 56 anos de existência, a revista atinge 65.000 lares brasileiros.

VIDA FUTURA. Veja **Lar dos Remidos.**

VIDA, LIVRO DA. O conceito de um livro celeste contendo os nomes dos justos parece ter sido corrente desde os tempos antigos.

Moisés evidentemente tinha tal registro em mente quando solicitou que Deus tirasse o nome dele de Seu livro (Êx. 32:31-33). Daniel falou de nomes achados escritos em um livro sendo libertos de um tempo de angústia quando Miguel Se levantasse (Dan. 12:1). Jesus disse ao Seus discípulos para se alegrarem, pois seus nomes estavam escritos no céu (Luc. 10:20). Paulo falou dos nomes de seus colaboradores estando no livro da vida, o registro dos cidadãos celestiais (Fil. 4:3).

Em sua visão do juízo, Daniel viu certos livros sendo abertos (Dan. 7:9, 10). O livro de Apocalipse identifica um dos livros usados no juízo final como o livro da vida (20:11, 12), e declara que todos cujos nomes não se acham ali serão lançados no *Lago de Fogo (v. 15). Aquele que persevera até o fim é assegurado de que seu nome será mantido no livro da vida (3:5), mas os que praticam a impiedade serão excluídos da Nova Jerusalém que desce do céu (21:10, 27).

A besta de Apocalipse 13 será adorada por todos os humanos que não tiverem seus nomes escritos no livro (vv. 1, 8). É o mesmo grupo que ficará maravilhado com a besta que “era e não é”, a besta que “está para emergir do abismo e caminha para a destruição” (cap. 17:8).

VIDA NO CAMPO. A vida no campo, longe dos grandes centros de população, é geralmente reconhecida como sendo vantajosa para promover e desenvolver a saúde física, mental e espiritual. Por causa dessa vantagem, os ASD têm-se esforçado sempre que possível para estabelecer suas instituições fora das áreas metropolitanas e têm estimulado os membros da Igreja para que se mudem com sua família para o campo. As vantagens da vida no campo, juntamente com as desvantagens da vida na cidade, são repetidas vezes enfatizadas nos escritos de Ellen G. White. A seguinte citação é típica de suas visões:

> Em todo o mundo, as cidades estão se tornando viveiros de vícios. Por toda parte se vê e ouve o que é mau, e encontram-se estimulantes à sensualidade e ao desregramento. Avoluma-se incessantemente a onda da corrupção e do crime. Cada dia oferece um registro de violência: roubos, assassínios, suicídios e crimes inomináveis.
>
> Não era desígnio de Deus que o povo se aglomerasse nas cidades, apinhasse-se em cortiços. Ele pôs, no princípio, nossos primeiros pais entre os belos quadros e sons em que deseja que nos regozijemos ainda hoje. Quanto mais chegarmos a estar em harmonia com o plano original de Deus, mais favorável será nossa posição para assegurar saúde ao corpo, espírito e alma (*CBV*, 363-365).

Em 1890, os líderes ASD ressaltavam as vantagens de viver no campo. Em um artigo intitulado *"Vida Rural versus Vida na Cidade"*, que aparece nas edições de 7 e 14 de janeiro de 1890, G. I. Butler, então presidente da Associação Geral, ressaltou as vantagens de se morar perto da natureza e instou com os ASD para que vivessem no campo. Poucos anos mais tarde, W. W. Prescott, educador e administrador ASD, em um artigo na *Review and Herald* de 16/03/1905, intitulado *"Campo e Cidade"*, advertiu os ASD a resistirem à tendência de mudar-se para as áreas metropolitanas e enfatizou que, "devido às corruptoras influências das cidades, estamos mudando nossas instituições para o campo".

Entre as duas guerras mundiais, a idéia de viver no campo não recebeu ênfase especial. Mas durante e especialmente depois da II Guerra Mundial, sentia-se um movimento para estimular os ASD a deixar as cidades e encontrar casas no campo. Em 1942, F. M. Wilcox, por muitos anos editor da *Review and Herald*, escreveu um editorial

intitulado *"Deixando as Cidades"* no qual ele insistiu para que os ASD "deixem seus lares nas grandes cidades e morem no campo" mas advertiu contra mudanças precipitadas, a esmo, especialmente para os que não tinham nenhum conhecimento de agricultura.

Parece que após as cidades de Hiroshima e Nagasaki terem sido bombardeadas, a *AG* começou a considerar seriamente o estabelecimento de uma organização para promover a vida no campo para os ASD. Em dezembro de 1945, E. A. Sutherland, presidente da Associação de Educação Rural de Madison, Tennessee, foi convidado a se tornar o secretário de uma comissão a ser estabelecida sob o nome de Comissão Norte-Americana de Trabalho Missionário Voluntário, da qual L. K. Dickson, presidente da Divisão Norte-Americana, seria o diretor. A comissão deveria começar a funcionar em 1 de julho de 1946. Entre outros objetivos, essa comissão deveria "permanecer como um corpo de conselheiros para indivíduos que decidissem mudar-se com suas famílias para comunidades mais rurais e entrar em alguma forma de esforço missionário voluntário" (*Minutas da AG*, vol. 16, livro 8, pp. 2214, 2215; 10/12/1945).

Os ASD crêem que em um tempo futuro, quando as *leis dominicais se tornarem opressivas e as sanções aos dissidentes proibirem-nos de "comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta" (Apoc. 13:17), deixar as áreas metropolitanas se tornará imperativo para os que desejam guardar o sábado do sétimo dia. Quanto a essa relação, diz Ellen G. White:

> Não é tempo para o povo de Deus fixar suas afeições ou guardar tesouros no mundo. Não está distante o tempo em que, como os primeiros discípulos, seremos forçados a buscar refúgio em lugares desolados e solitários. Como o cerco de Jerusalém pelos exércitos romanos foi um sinal para a fuga dos cristãos judeus, assim também a tomada do poder por parte de nossa nação

[E.U.A], no decreto que imporá o sábado papal, será uma advertência para nós. Então será tempo de deixar as grandes cidades e depois os lugares menores para buscar os refúgios mais retirados e solitários entre as montanhas (5*T*, 464, 465).

VIEIRA, GALDINO NUNES (1896-1983). Médico, pioneiro da obra médica adventista no Brasil, fundador e primeiro diretor clínico da antiga *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP), SP. Nasceu no dia 22 de março de 1896, em Pontas do Salso, São Gabriel, RS.

Desde a infância mostrou uma disposição infatigável para os estudos. Era o 3º filho de Afonso Nunes Vieira, negociante de terras e gado. Sua mãe era professora antes de casar-se e foi sua primeira mestra.

Prosseguiu seus estudos em São Gabriel e Pelotas. Contraiu glaucoma, uma grave doença ocular, e ficou proibido de estudar por 2 anos. Mesmo assim, preparou-se para os exames de admissão ao ginásio por conta própria. Sempre que estava estudando e percebia a aproximação de seu avô, fechava a escrivaninha e se aproximava da janela para disfarçar.

Ao 15 anos, ingressou no ginásio Gonzaga de Pelotas e destacou-se como o primeiro aluno em todo o curso. Em 1914, estudou em um colégio particular de um professor extraordinário, o velho Meyer. Estudava 18 horas a fim de preparar-se para os exames de admissão à faculdade de Medicina. Tal esforço levou-o a uma estafa e agravou o glaucoma de seus olhos.

Ingressou na Faculdade de Medicina e terminou o curso em 1920, com muita distinção.

Casou-se com Ondina Miranda e dessa união nasceram 3 filhos. A mais velha morreu aos 12 anos de idade, vítima de anemia perniciosa.

Começou sua carreira na cidade de Xavantes, interior de São Paulo e ali teve o seu primeiro contato com a mensagem adventista.

Primeiro através de Dona Dorinha Nóbrega, depois por um cliente, *Haroldo Pereira de Castro Lobo que lhe deu folhetos, o livro *Focalizando Nossa Época* e as lições da *Escola Sabatina que nunca foram lidas e serviam para as crianças brincarem e, por último, através de um colportor que lhe trouxe a mensagem do sábado.

Após tornar-se Adventista do 7º Dia, voltou a Porto Alegre e foi nomeado por Getúlio Vargas para ser médico da Diretoria de Saúde e Higiene.

Em 1935, fez uma viagem à Europa a fim de especializar-se e ao retornar, tornou-se professor da Faculdade de Veterinária e médico de Higiene e Clínico da caixa de Aposentadoria e Pensões.

Em 1940, foi convidado para lecionar no *Ginásio Adventista de Taquara, atual *Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS). Até ali, havia lutado com dificuldades financeiras e quando a situação parecia estar equilibrada, veio-lhe um chamado para ser médico-missionário em São Paulo. Em 1942, fundou a Casa de Saúde Liberdade. Ali introduziu um serviço de hidroterapia para a cura da paralisia infantil, chamado de método Kenny, que dava resultados favoráveis. Criou também uma escola para enfermeiras que funcionava dentro do hospital. Seu trabalho trouxe tanto progresso que foi necessário ampliar as instalações do hospital alguns anos mais tarde.

Naquela época, o hospital mantinha uma enfermaria para internamento de doentes pobres e outros médicos especialistas que trabalhavam no hospital davam consultas gratuitas aos carentes.

Em 1949, foi chamado para ser o primeiro diretor clínico do *Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro. Ali trabalhou por um ano e manifestou-se um câncer em seu estômago, tirando-lhe todas as esperanças de vida; feita a cirurgia, os médicos preveniram a família de que lhe restava pouco tempo. A família uniu-se em fervorosa oração, suplicando pela vida do pioneiro e o milagre aconteceu. Do câncer

restou apenas a cicatriz para comprovar o poder de Deus e o Dr. Galdino viveu ainda por 32 anos uma vida da utilidade à obra de Deus.

O Dr. Galdino fundou também a *Clínica Bom Samaritano em Porto Alegre. Por muitos anos, foi o médico responsável pela *Revista Vida e Saúde, publicada pela *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Deixou também sua autobiografia intitulada *Sonhos Sonhados, Realidades Vividas* e o Livro *Sexo, Amor e Erotismo*, ambos publicados pela CPB.

Morreu perfeitamente lúcido no dia 31 de outubro de 1983, aos 87 anos de idade em Porto Alegre, RS.

VISÕES. Para os ASD, a questão das visões tem um interesse único porque eles afirmam que *Ellen G. White recebeu visões de Deus. Em sua experiência primordial, as visões ocorriam mais freqüentemente durante as horas em que ela estava acordada. Em tais ocasiões, muito lhe era revelado. Ela recebeu sua primeira visão em Portland, Maine, em dezembro de 1844. Sua última visão pública ocorreu em uma reunião em Portland, Oregon, em uma campal, em junho de 1884. Na mesma ocasião, por todo este período e continuando em março de 1915, a Srª. White recebeu visões, ou sonhos proféticos, nas horas da noite.

Várias visões de Ellen G. White durante as horas do dia eram acompanhadas por fenômenos físicos, cujos relatos das testemunhas têm sido publicados. A primeira indicação da visão era geralmente uma viva exclamação de “Glória!” ou “Glória a Deus!” freqüentemente repetidas duas ou três vezes. Neste momento, a Srª. White perdia toda a consciência do que lhe estava acontecendo ao redor. Enquanto o presidente da *Associação Geral da IASD, George I. Butler, em 1874, deu um relato como testemunha ocular de tais visões:

Elas geralmente, mas nem sempre, ocorrem no meio de fervorosos momentos de interesse religioso, enquanto o Espírito Santo está presente. ... O tempo em que a Srª. White está nesta condição tem variado de quinze minutos a três horas. Durante este tempo, o coração e o pulso continuam a bater, os olhos permanecem sempre abertos e parecem olhar fixamente a algum objeto bem distante, e nunca se fixam sobre uma pessoa ou coisa na sala. Sempre estão direcionados para cima. Exibem uma expressão agradável.

Enquanto ela está em visão, sua respiração cessa completamente. Nenhum ar escapa de suas narinas ou lábios quando está nesta condição. Isto tem sido provado por muitas testemunhas entre as quais médicos de experiência, os próprios descrentes nas visões, em algumas ocasiões sendo escolhidos por uma congregação para o propósito. ... Quando ela entra nesta condição não há aparência de desmaio ou fraqueza, sua face retém a cor natural, e o sangue circula normalmente. Freqüentemente, ela perde a força temporariamente e reclina-se ou se assenta; mas por outras vezes, fica em pé. Move seus braços graciosamente e freqüentemente sua face está iluminada com brilho, como se a glória do Céu estivesse sobre ela. Ela se mantém expressamente inconsciente de tudo o que acontece ao seu redor, enquanto em visão, não tendo conhecimento do que quer seja dito e feito em sua presença. ...

Calma, digna e impressiva, sua aparência impressiona o observador com reverência e solenidade. Não há nada de fanatismo em sua aparência. Quando ela sai desta condição, fala e escreve esporadicamente o que viu em visão . . . pois

muitas coisas foram assim relatadas as quais ela não saberia de outra maneira (*Review and Herald*, 9/06/1874).

Em muitas ocasiões, enquanto em visão, Ellen G. White ergueu e segurou uma grande Bíblia de família na mão por um longo período de tempo, pelo menos em duas ocasiões repetindo vários versos dela. Uma pesando cerca de 8 quilos, ela segurou por quase uma hora. Isso foi testificado por muitas testemunhas confiáveis.

Nem Ellen G. White nem os que estavam ao seu redor poderiam induzir, prevenir ou interferir em uma visão. Essas experiências nunca a deixaram exausta ou fatigada; pelo contrário, refrigeravam-na. Houve muitas vezes em que ela experimentou cura física em conexão com a visão. Em 1868, Tiago White relatou entre 1844 e aquele ano que Ellen teve entre 100 e 200 visões.

Os ASD não consideram nenhuma manifestação física como prova irrefutável de que Deus dava visões a Ellen G. White. As manifestações físicas sobrenaturais que acompanhavam as visões parecem ter sido simplesmente um meio de produzir confiança, eram provas secundárias, não primárias. Ocorriam na maioria das vezes em seus primeiros anos, antes que fosse possível julgar sua experiência pelos frutos de sua vida (Mat. 7:15, 16, 20). Os ASD podem agora ver os resultados na riqueza de sua experiência religiosa pessoal, na elevada experiência espiritual de homens e mulheres que aceitam e seguem seus conselhos, e no progresso da Igreja ao seguir seus conselhos.

Na experiência de Ellen G. White, as visões da noite eram mais freqüentes do que as visões acompanhadas por fenômenos físicos e eram geralmente menos abrangentes em conteúdo e esfera. Em toda sua vida, era-lhe comum ter visões enquanto orava (*TM*, 461), ou mesmo enquanto escrevia ou envolvia-se em serviços públicos.

Freqüentemente parecia que a informação compartilhada a ela era recebida através dos órgãos normais dos sentidos, tais como visão e

audição. Em sua introdução ao livro *O Grande Conflito,* ela se refere às "cenas do passado e do futuro" que passaram perante ela, e conta ser-lhe "permitido contemplar a obra, em diferentes eras, do grande conflito" (pp. 8-11).

Nesse ponto, a experiência de Ellen G. White era igual à dos profetas bíblicos.

> No caso de visões, o cenário passava perante a sua mente, algo como uma visão panorâmica de uma planície, gradualmente se descortinando, em imagens simbólicas, formas de glória ou de trevas; acompanhadas por ações de caráter correspondente, e freqüentemente exibindo, como ocorrência real, os eventos distantes e futuros (Enc*yclopaedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, M'Clintock and Strong, vol. 8, art. "Prophet", p. 648).

As impressões sobre sua mente foram profundas e duradouras, capacitando-a a reconhecer, meses ou anos depois, uma voz previamente ouvida em visão ou identificar pessoas na visão.

Ellen G. White escreveu em 1860:

> Ao ser freqüentemente questionada sobre o meu estado em visão, e depois de eu voltar dele, eu diria que quando o Senhor acha por bem dar-me uma visão, sou levada à presença de Jesus e dos anjos, e sou inteiramente desligada das coisas terrestres. Não posso ver além do que os anjos me dirigem. Minha atenção é freqüentemente dirigida a cenas que acontecem na Terra.

Às vezes, sou levada muito além no futuro e mostra-se-me o que acontecerá. E não veja as coisas como ocorreram no passado.

Depois de sair da visão, não me lembro de uma vez tudo o que vi, e o assunto não é claro perante mim até que eu escreva, então a cena surge perante mim como apresentada em visão, e posso escrever com liberdade. Às vezes, as coisas são-me ocultadas após eu ter saído da visão e não posso relembrá-las até que chegue à ocasião a qual ela se aplica, então as coisas que vi vêm à minha mente com força. Sou tão dependente do Espírito do Senhor ao relatar ou escrever uma visão quanto ao ter a visão. É impossível para mim relembrar as coisas que me foram mostradas, a menos que o Senhor as traga perante mim no tempo que a Ele aprouver que eu relate ou as escreva (II*SG*, 292, 293).

Alguns anos mais tarde, Ellen G. White ressaltou:

Embora seja tão dependente do Espírito do Senhor para escrever minhas visões como eu as estou recebendo, as palavras que eu utilizo ao descrever o que vi são minhas (*Review and Herald*, 8/10/1867).

Tenho grande fé em Deus. Conheço a perfeição de Seu governo. Ele opera em minha mão direita e minha mão esquerda. Enquanto escrevo um assunto importante, Ele está ao meu lado me auxiliando. Põe meu trabalho perante mim e quando estou confundida em achar a palavra certa com a qual expressar meu pensamento, Ele a traz distintamente à minha mente. Sinto que cada vez que eu

peço, mesmo quando ainda estou falando, Ele responde, “Aqui estou” (Carta 127, 1902).

VONTADE. Veja **Livre Arbítrio.**

“A VOZ DA PROFECIA”, PROGRAMA DE RÁDIO E TELEVISÃO. Localiza-se na Rua da Matriz, 16, Botafogo, RJ, ou CX. Postal 11890, ZC-00 CEP 20000, RJ. Pertence e é administrada pela *Divisão Sul-Americana da IASD (DSA). Programa de rádio diário originado em Glendale, Los Angeles, Califórnia (operando uma escola de correspondência com o mesmo nome), ouvido em toda América do Norte, tendo ramificações ou programas afiliados em muitos países do mundo. Patrocinado pela *Associação Geral da IASD (AG), é apoiado por muitas contribuições diretas.

Primeiros Programas. A Voz da Profecia originou-se com seu orador, o Pastor H. M. S. Richards, que nasceu em 28 de agosto de 1894, em Iowa, descendente de uma longa lista de pregadores, formado em 1919 no atual Colúmbia Union College, nos subúrbios de Washington, D.C., com um bacharelado em Teologia. Estava já ordenado ao ministério e com vários anos de experiência em Evangelismo quando fez sua primeira apresentação na rádio em 1926, na Califórnia Central, apresentando-se ocasionalmente nas estações locais em Fresno e Bakersfield. Mais tarde, no Sul da Califórnia, foi convidado para um programa devocional de 15 minutos na rádio KNX em Los Angeles. A maior parte deste tempo de rádio foi doado por estações como um gesto de serviço comunitário a Richards e suas reuniões evangelísticas em um tabernáculo, cujo coral era dirigido por Henry de Fluiter.

Em 1930, convencido de que o Evangelho poderia ser pregado a milhões pelo rádio e encorajado por seus amigos Harold e Glenn Luther, Richards decidiu estabelecer um programa regular. Em uma noite, em

uma de suas reuniões evangelísticas, ele sugeriu que alguns na audiência poderiam ter jóias antigas ou outros valores — ou dinheiro — que estivessem desejando contribuir com os fundos para um programa de rádio. Na noite seguinte, e nas noites dos sete anos seguintes, seu "bolso do rádio" foi enchido com doações, cuja venda, juntamente com outros recursos das organizações ASD, financiaram os programas. Assim, foi estabelecido um empreendimento que deveria crescer até que operasse com um fundo anual de 3,7 milhões de dólares somente nos EUA.

No fim da primeira semana de programa, ficou claro que seria necessária a ajuda secretarial. Providencialmente, Betty Canon, uma estenógrafa de Hollywood, foi impressionada a oferecer seus serviços gratuitamente uma vez por semana. Logo ela foi solicitada para trabalhar em período integral e era paga no fim de cada dia com o dinheiro recebido pelas correspondências. Um escritório provisório foi providenciado para ela em um galinheiro nos fundos de uma garagem de Richards. Dentro de dois anos, o *"Tabernáculo do Ar"* estava recebendo anualmente U$10.000 dólares de ouvintes interessados.

Por volta de 1936, o *Tabernáculo do Ar* foi agraciado com a união do quarteto masculino "*The Four Star Lone*," formado por três irmãos, Louis, Waldo e Wesley Crane e Raymond Turner. Em 1937, a Associação do Pacífico assumiu o patrocínio do programa para a estação Don Lee, com emissoras em toda a Costa Oeste. O nome do programa foi mudado para *A Voz da Profecia* e o do quarteto para *The King's Heralds* (Arautos do Rei). Este teve muitas mudanças durante os anos sendo que a mais longa formação foi a de Wayne Hooper (barítono), Bob Edwards (1º tenor), Jerry Dill (baixo) e Bob Seamount (2º tenor), que cantaram durante 13 anos juntos, de 1949 a 1961. Eles cantavam não somente em inglês, mas também em português, navajo, espanhol, francês, alemão, russo, ucraniano, japonês, chinês, coreano, vietnamês, indonésio, pidgin, fijiano, samoano, tagalog, ilocano, cebuano, ilango e swahili. O primeiro quarteto brasileiro foi formado em 1962, tendo

como 1º tenor o Pr. Henry Feyerabend, Luiz Motta como 2º tenor, Joel Sarli como barítono e Samuel Campos como baixo. O quarteto atual (1994) é formado por Dermival Reis (1º tenor) Josué Castro (2º tenor), Fernando Iglesias (barítono) e Juan Salazar (baixo), tendo como diretor e arranjador Jader Dorneles Santos.

Programa No Brasil. Em 1943, o quadro mundial não era dos melhores. Havia um crescente conflito armado. A Associação Geral, acompanhando o grande trabalho realizado pelo Pr. H. M. S. Richards, resolveu estender o programa a "Voz da Profecia" para a América Latina.

Obreiros de língua castelhana e portuguesa foram convocados à sede da "Voz da Profecia" em Glendale, Califórnia. Havia 3 brasileiros que estudavam no Pacific Union College: Roberto M. Rabello, Henrique Stoehr e João Linhares. O Pr. W. F. Bradley, da Associação Geral, incumbiu-se de escrever o programa em português.

No dia 22 de setembro de 1943, através das ondas da Rádio Mayrinck Veiga, do Rio de Janeiro, deu-se a transmissão do 1º Programa de Rádio da Voz da Profecia no Brasil.

O 1º orador da VP foi o Pr. Roberto Rabello, natural de Santo Antônio da Patrulha, RS. Os programas eram traduzidos em português dos realizados pelo Pr. H. M. S. Richards, nos EUA.

Durante quase 20 anos o Pr. Rabello viajava aos EUA, permanecendo um período de 3 a 6 meses, no verão americano, ensinando o Quarteto The King's Heralds (Arautos do Rei) e a cantora Del Delker a cantarem em português e gravando os programas. Naquele tempo, não havia ainda a fita magnética. Os programas tinham que ser gravados de uma só vez, sem erros. Por vezes, o quarteto cometia um erro de português no final de uma gravação e o trabalho tinha de ser totalmente refeito. Seus hinos em português (mais de 200) podem ser encontrados em uma coleção produzida pela VP. Sua harmonia é uma das melhores e mais inspiradoras a que temos acesso hoje.

O Pr. Ruben Figuhr, então presidente da *Divisão Sul-Americana, preocupou-se com uma sede para “A Voz da Profecia” no Brasil. Provisoriamente, foi instalada na casa de um obreiro da *União Este Brasileira em Niterói, RJ.

Em 1952, foi eleito o Pr. *W. E. Murray e a sede oficial foi estabelecida em Niterói, após a aquisição de um terreno. Mas, por ser distante do Rio de janeiro, decidiram vender e comprar outro terreno na praia do Botafogo, RJ. O Pr. *Emanuel Zorub destacou-se por sua persistência e liderança. No dia 27 de julho de 1960, o Pr. Aitken presidiu a cerimônia de lançamento da pedra fundamental.

Em 21 de outubro de 1962 foi inaugurado oficialmente o prédio da sede A Voz da Profecia no Brasil junto um Centro Evangelístico. Em 1963, chegou à sede os equipamentos de gravação totalmente importados que custaram, na época, U$ 50.000 dólares.

A VP brasileira tornou-se assim, totalmente independente. As gravações passaram a se realizar aqui.

O primeiro quarteto brasileiro da “Voz da Profecia” foi formado por:

- 1º Tenor: Henry Feyerabend;
- 2º Tenor: Luiz Mota;
- Barítono: Joel Sarli;
- Baixo: Samuel Campos.

Este quarteto atuou de 1962 a 1965, evangelizando pela música. Houve outras mudanças nos componentes nos anos subseqüentes.

Durante os anos de 1976 a 1978, a “Voz da Profecia” ficou sem o quarteto, mas o conjunto vocal Misto “Grupo VP” atuou sob a liderança do pianista Alexandre Reichert.

Anteriormente, o Quarteto Harmonia do *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), fazia excursões com a “Voz da Profecia”, atuando entre os anos de 1952 a 1962.

Oradores. Em 1942 foi escolhido o Pr. Roberto Mendes Rabello para ser o orador. Embora *Jubilado em 1975, continuou ativo até 1985.

Em 1974, o Pr. Paulo Sarli foi chamado e também passou a produzir o programa “Uma Luz no Caminho”. O Pr. Paulo foi substituído mais tarde. Roberto Conrad Filho atuou como orador oficial de 1975 a 1990.

A “Voz da Profecia” lançou um programa experimental em dezembro de 1982. Sob a direção do Pr. Irajá da Costa e Silva, e produzido por Elon Garcia, foi criado o programa *Encontro com a Vida, de 5 minutos.

Nos dois primeiros anos (1983 e 1984), o programa contou com vários apresentadores, professores, pastores, médicos.

De 1984 a 1990, o Pr. Roberto Conrad Filho foi o apresentador oficial do Programa “Encontro com a Vida”.

O programa foi fundado no Brasil em 1943, em 17 estações mas dentro de alguns anos, o número alcançou mais de 300 estações. O orador emérito é o Pr. Roberto Mendes Rabello. Foi substituído em 1975 por Roberto Conrad Filho, continuando a gravar somente poucos programas. Quase 90% dos programas são financiados pelas igrejas locais, por subsídios do campo local e por amigos do programa. Em 1962, a sede de A Voz da Profecia foi inaugurada no Rio de janeiro, RJ, onde tem um estúdio bem equipado. A sede será mudada para Curitiba tão logo esteja pronto o novo edifício.

Em 1993, A Voz da Profecia completou 50 anos de existência e foi organizada um grande festa comemorativa. O quarteto americano *The King’s Heralds* esteve presente na formação de Wayne Hooper, Bob Edwards, Jerry Dill e John Thurbe e, juntamente com o quarteto brasileiro, cantaram em centenas de lugares, de Norte a Sul do país, em conferências e em congressos, colégios e igrejas. Esteve também presente o contralto Del Delker, que gravou hinos em português no início do programa e é muito apreciada pela IASD no Brasil, juntamente

com toda a equipe da Voz da Profecia americana, o Pr. H. M. S. Richards Jr., filho do fundador da Voz da Profecia e orador emérito nos EUA. O orador atual da Voz da Profecia ali é o Pr. Lonnie Melashenko, que também esteve presente.

Desde 1993, o Pr. Ronaldo de Oliveira é o orador oficial do programa. Estima-se que mais de 200 mil pessoas foram batizadas na Igreja Adventista do 7º Dia, como resultado direto do trabalho do rádio, através do programa A Voz da Profecia.

De cada 100 pessoas que pedem o curso bíblico por correspondência, 60 o fazem através da Voz da Profecia e dessas, 90 pelo rádio.

Hoje, 345 emissoras transmitem os programas de rádio da VP, eqüivalendo a ter durante os 7 dias da semana uma emissora, durante 24 horas, transmitindo os programas.

O Programa recebe correspondências de todos os lugares do país e de alguns países da América Latina.

No dia 8 de setembro de 1993, foi lançada a pedra fundamental da nova sede da Voz da Profecia em Curitiba, PR. O terreno possui 3.350 m^2 e abrigará estúdios, escritórios e residências.

Comemorou-se em setembro de 1993 o 50º aniversário da Voz da Profecia. Dia 22, uma quarta-feira, comemorou-se com um Culto de Ação de Graças em todas as Igrejas e grupos do Brasil.

O programa é transmitido por rádio e televisão com assuntos sobre saúde, família e temas espirituais.

VOZ DA PROFECIA - PROGRAMA EM JAPONÊS. É um Programa da *Voz da Profecia transmitido em língua japonesa para os japoneses e seus descendentes residentes no Brasil.

Kiotaka Shiray concluiu o curso teológico no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), prosseguindo seus estudos nos EUA.

Regressando ao Brasil, partiu para a realização do seu ideal: evangelizar os japoneses e seus descendentes aqui radicados.

Sob sua supervisão, o programa A Voz da Profecia em japonês iniciou suas transmissões em 13 de julho de 1960, através da Rádio Cultura (aos domingos, 8:10h) e da Rádio Cometa (4[as] feiras às 21:00 h), ambas emissoras paulistas.

Mais de 300 pessoas de língua japonesa mantém correspondência com a rádio.

WAGGONER, ELLET J. (1855-1916) Editor, ministro e médico. Nasceu em Baraboo, Wisconsin, auxiliou no Colégio de Battle Creek em seu anos embrionários, e obteve graduação em medicina do Bellevue Medical College na cidade de Nova Iorque. Por alguns anos, serviu no corpo de funcionários no Sanatório de Battle Creek. Porém, como seu coração estava no evangelismo, deixou a prática da medicina e entrou para o ministério. Em 1884, trabalhou na editora Pacific Press como assistente do editor do *Signs of the Times* sob a tutela de seu pai, J. H. Waggoner, editor-chefe. Dois anos mais tarde (1886) ele e Alonzo T. Jones tornaram-se editores da revista. Permaneceu neste cargo até maio de 1891.

Em 1888, ele e Alonzo T. Jones pregaram memoráveis sermões sobre *Justificação Pela Fé na sessão da Conferência Geral em Minneapolis, e se especializaram em pregar sobre o assunto por vários anos seguintes.

Na primavera de 1892, ele chegou na Inglaterra com sua família a fim de se tornar o editor da *Present Truth*. No inverno de 1899-1900, ele e W. W. Prescott dirigiram uma escola de treinamento para obreiros na Associação Sul da Inglaterra (1902). No verão de 1902, ele voltou aos Estados Unidos. Logo depois ficou pouco tempo no Emanuel Missionary College, hoje Universidade Andrews.

Por dificuldades domésticas que o levaram ao divórcio e casar-se novamente, separou-se do trabalho denominacional algum tempo depois de voltar da Inglaterra. Os últimos seis anos de sua vida foram passados lecionando no Colégio de Battle Creek.

Faleceu em 1916

WALDVOGEL, ALICE (1914-1980). Locutora do Programa *Fé para Hoje. Nasceu no dia 26 de janeiro de 1914, em Santa Cruz da Conceição, SP, onde a família Waldvogel se estabeleceu ao vir de Santa Calauna e da Suíça.

Passou a maior parte de sua vida na Emissora Associada, em São Paulo, sendo locutora de vários programas, entre eles o programa Fé para Hoje, na TV Tupi. Dedicou-se a este trabalho por 36 anos.

Faleceu em 10 de setembro de 1980, aos 66 anos de idade, em Hortolândia, SP.

WALDVOGEL, ISOLINA ALVES AVELINO (1892-1980). Poetisa, tradutora, redatora e revisora da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu no dia 16 de maio de 1892, em Natal, RN. Filha de Pedro Avelino, também nascido no Rio Grande do Norte. Aprendeu a ler

sozinha e depois iniciou seus estudos no curso primário em um colégio de freiras, concluindo-o em um colégio evangélico, onde fez o Curso Complementar. Em Recife, estudou línguas com professores particulares. Do Recife, para onde a família havia se mudado, transferiram-se para o Rio de Janeiro. Ali conheceu a mensagem adventista através de conferências realizadas pelos Pastores: *Emanuel C. Ehlers e Frederico Kümpel. Foi batizada no rio, em 1915, pelo Pastor Ehlers.

Decidiu ir para o *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), naquele tempo *Seminário Adventista. Ali diplomou-se no Curso Normal, em 1922, na primeira turma.

Em 03 de abril de 1923, casou-se com *Luiz Waldvogel, *Obreiro da CPB, em Santo André. Lecionou durante um ano na escola adventista e foi, então convidada a trabalhar na CPB. De 1924 a 1929, foi tradutora, revisora e redatora. Nesse ano, com pesar, deixou o trabalho por amor à educação de sua filha Heloísa, sendo porém encarregada do trabalho da tradução de livros, em casa. Exímia poetisa, publicou pela CPB o livro de versos *"Oferenda"*.

Os livros que traduziu são: *O Desejado de Todas as Nações, A Ciência do Bom Viver, Obreiros Evangélicos, Mensagens aos Jovens, O Maior Discurso de Cristo, Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes, Caminho para Cristo, Conselhos sobre o Regime Alimentar* (com a colaboração do esposo); *História da Nossa Igreja, Todo o Caminho com Deus, O Caminho Maravilhoso, Crede em Seus Profetas, O Testemunho de Jesus; Ellen G. White, Mensageira da Igreja Remanescente; A Marcha da Civilização* (com a colaboração do Dr. *Otávio do Espírito Santo); *A Vitória de Maria, Heróis de Todas as Épocas, Os Irmãos do Rei, Influência Transformadora de uma Jovem, Testemunhos Seletos* (volumes I e II); *Testemunhos Seletos* volume 3 (com a colaboração de Rafael Butler); *Ensinar* (em colaboração com o

esposo); *Programa Primário*, volume 2; *Testemunhos de Jesus*, *Contos Vespertinos* (volumes I e II); *Conselhos às Mães, A Voz da Profecia* (livro), *Meditações Matinais* (vários anos); *Mensagens Escolhidas* (volumes I e II), em colaboração com o esposo), *Evangelismo* (em conjunto com Otávio E. Santos e Rafael Butler), *Temperança*. Traduziu também muitas poesias para o antigo missionário trimestral, inúmeros hinos para o *Quarteto da Voz da Profecia, para o *Hinário Adventista*, *Melodias de Vitória* e *Louvores Infantis*.

Colaborou em nossas revistas: *O Atalaia, *Revista Adventista e *Mocidade (atual Super Amigo). Trabalhou por algum tempo para o Departamento de Educação da *Associação Paulista, visitando Igrejas e promovendo o interesse dos pais na educação cristã.

Considerada exímia poetisa, Isolina era também admirada por suas qualidades morais e espirituais.

Faleceu no dia 06 de julho de 1980, aos 88 anos de idade, em São Paulo, SP.

WALDVOGEL, LUIZ. (1897-1990). *Pastor, escritor, tradutor, redator da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Nasceu em 27 de outubro de 1897, em Santa Cruz da Conceição, SP. Era filho de João Conrado Waldvogel (suíço) e Maria Augusta Waldvogel (brasileira descendente de alemães).

Luiz passou toda a infância em sua terra natal. Era calmo e tranqüilo e apesar de viver numa cidade onde os professores apareciam uma vez por mês, ele concluiu o curso primário de forma honrosa na escola pública de Vila Natal.

Aproximadamente aos 7 anos de idade, uma parente da família começou a enviar do Rio Grande do Sul cartas e revistas (*O Arauto da Verdade), publicação da IASD. Nessa mesma época, foi enviado a Santa Cruz o Pr. *Frederico Spies do Rio de Janeiro que iniciou, com a

família, estudos bíblicos suplementares. Sua mãe e irmãs converteram-se; seu pai, porém, não se convenceu da doutrina adventista.

Neste mesmo período, chegou na região o vírus da varíola. Doença não tratável, na época, dada a precariedade na área médica. Catorze pessoas faleceram de varíola e entre elas, três irmãos de Luiz: Leopoldo, Conrado e Helena. A comunidade começou a culpar os sabatistas pela tragédia e com o pai de Luiz não foi diferente.

Aos 12 anos, Luiz ajudava o pai no armazém de secos e molhados da família e mesmo não sendo batizado, recusava-se a vender bebidas alcoólicas e trabalhar aos sábados. Enquanto sua mãe o apoiava, seu pai o repreendia insistindo em que ele o fizesse. Isso causava em Luiz revolta e desejo de fugir de casa para ser livre. Porém, ele continuou fiel ao seu lar até o dia que seu pai faleceu quando estava com 17 anos de idade.

Muito abatido com a morte de seus queridos, ele decidiu aceitar o convite para estudar no *Seminário Adventista, atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). No dia 08 de abril de 1916, Luiz partiu de casa rumo a Santo Amaro. Chegando, *Gustavo Storch o esperava e juntos caminharam até o Colégio. Ele completou o número de 35 alunos e foi levado para o seu quarto, que fora construído para ser um galinheiro. Meses depois, foram transferidos para o sótão do edifício. Em meio às suas atividades, manifestou o desejo de ser batizado e no dia 15 de novembro de 1916, Luiz foi batizado juntamente com Silvestre Toddai e Gertrudes Adam.

Desde sua adolescência, admirava muito o trabalho e a liberdade dos colportores e ao final do 1º ano letivo, resolveu colportar. Um pouco antes do final das férias, foi convidado para trabalhar na *Casa Publicadora Brasileira (CPB) e logo retornou à *Colportagem com o objetivo de voltar para o colégio.

Sua mãe, sempre enviava cartas dando-lhe forças para continuar sua jornada.

No dia 15 de maio de 1921, Luiz começou a namorar *Isolina Avelino: "a linda pérola dos meus doces sonhos", conforme dizia. No dia 08 de dezembro de 1922, ela estava entre as demais que se formaram na primeira turma do IAE e que tinham como lema: "*Rumo ao Mar*". Foram eles: *Rodolfo Belz, *Domingos Peixoto da Silva, Adolfo Bergold, Adelina Zorub, *Guilherme F. Denz, Alma Meyer, Teresa Filonila dos Santos, *Isolina Alves Avelino e *Luiz Waldvogel. Após a formatura, Luiz voltou para a CPB em 31/12/1922, onde completou uma trajetória de 42 anos de trabalho. Por sua conduta, honestidade e respeito, o consideravam-no o "dono" da CPB.

Em 23 de janeiro de 1923, Luiz e Isolina noivaram e no dia 03 de abril do mesmo ano, uniram-se em matrimônio, oficializado pelo Pr. *Ricardo Wilfart. Da união, nasceu-lhes Heloísa no dia 02 de março de 1925, casada com o Pr. Geraldo Bökenkamp.

Isolina converteu-se numa série de conferências e foi uma fiel companheira tanto no lar quanto no trabalho. Durante muitos anos, ela acompanhou seu esposo na CPB compondo poesias, auxiliando nas revistas com conselhos e traduzindo vários hinos do hinário *"Cantai ao Senhor"* bem como aproximadamente 30 livros sendo a maioria do *Espírito de Profecia: "O Desejado de Todas as Nações", "Mensagens aos Jovens" e outros.

Em 1934, Luiz foi eleito redator-chefe da CPB e em 1936, foi patrocinado pelo Advanced Bible School para fazer um curso intensivo de Teologia no Pacific Union College, Califórnia. Em 29 de janeiro de 1938, foi ordenado ao ministério na *Igreja Central Paulistana pelos Pastores *N. P. Nielsen, L. H. Christian e *Domingos Peixoto da Silva. Pastoreou as igrejas de Mauá, São Caetano e Ipiranga. Foi líder MV (Missionários Voluntários) e ancião da igreja de Santo André, Líder JA (Jovens Adventistas) da *União Sul-Brasileira. Concluiu cursos de Português, Noções de Filosofia e Economia Política, sendo ainda sócio correspondente da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo.

Realizou Semanas de Reavivamento e várias palestras sobre seu assunto predileto: Amor, Noivado e Casamento. Foi editor da *Revista Nosso Amiguinho durante 3 meses em 1963 e conselheiro espiritual dos jovens através de sua coluna mensal na *Revista Adventista: "Consultório da Juventude". Através desse trabalho ficou conhecido como "Tio Luiz".

Após sua aposentadoria em 1965, mudou-se juntamente com a esposa para a Rua Betânia, Hortolândia, SP em 1970. Ali permaneceu até 1980, quando sua esposa faleceu em 06 de julho de 1980, deixando-o inconsolável.

Mesmo com esse incidente, Tio Luiz continuou sua vida de trabalho, colaborando com a "Revista Adventista". Posteriormente, mudou-se para Brasília indo morar com a filha.

Escreveu os seguintes livros: *Rastos Luminosos*; *Vencedor em Todas as Batalhas*; *Cântaro Partido* (versos); *Matrimônio Feliz*; *A Fascinante História do Livro*; *Homens que Fizeram o Brasil*; *Serões de Tio Silas*; *O Triunfo Sobre a Dor*; *Sabiá na Gaiola*; *Jesus de Nazaré*; *Memórias de Tio Luiz*; *Oásis no Deserto* (última obra com poesias suas e de sua esposa e cartas e poemas da filha).

Traduções:

O Raiar de um Novo Dia,

Libertos de Temor,

Quanto nos Resta?,

Pastor, Estou Amando;

O Mundo de Deus;

Meditações Matinais;

Livros do Espírito de Profecia;

Hinos do Hinário Cantai ao Senhor.

Por ocasião do 90º aniversário, foi homenageado pela CPB que hoje possui uma Biblioteca com o seu nome e também a Escola Adventista Luiz Waldvogel em Santo André.

Faleceu no dia 11 de agosto de 1990, aos 93 anos de idade. A cerimônia fúnebre ocorreu às 16:00h, na *IASD Central de Brasília e o enterro no Cemitério da Esperança às 18:00h.

WAYNE, JASPER (1850-1920). Membro leigo originador do plano de *Recolta. Tornou-se sócio em um negócio de enfermagem perto de Sac City, Iowa, em 1901, e também vendeu ações em distritos vizinhos. Enquanto viajava, distribuía literatura ASD e testemunhava por sua fé. Em dezembro de 1903, por um erro, sua encomenda de 50 cópias de uma edição especial do **Signs of the Times* foi duplicada. Ao distribuí-los dizia que o dinheiro iria para as missões. Este plano funcionou tão bem que ele concebeu a idéia de que uma campanha bem organizada aumentaria grandemente os fundos das missões. Oficiais da *Associação se interessaram e *Ellen G. White apoiou, e Jasper Wayne foi solicitado a explicar seu plano por todo o estado. Em 1908, a Associação Geral recomendou o plano a todas as IASD.

WEBER, HERBERT KURT (1921-1989). *Pastor e professor. Casou-se com Olga Hartmann Weber, e de cuja união nasceram três filhos: Heroldo, Valderez W. Oliveira e Marli Weber Baía.

Dedicou a maior parte de sua vida ao magistério, como professor de matemática. Trabalhou como professor no antigo *Ginásio Adventista Paranaense (atual IAP), no *Educandário Nordestino Adventista (ENA) e no *Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE).

Foi o primeiro diretor do *Educandário Espírito-Santense Adventista (EDESSA), no Espírito Santo.

Faleceu no dia 20 de julho de 1989, aos 68 anos de idade, vítima de acidente automobilístico, na cidade de Curitiba, PR.

WEBER, WERNER ARNOLD (1914-1987). *Pastor pioneiro e departamental. Nasceu no dia 23 de outubro de 1914. Era o quarto filho de Otto e Maria Weber, imigrantes alemães que chegaram ao Brasil em 1913.

Seus pais tornaram-se Adventistas em 1906, ainda quando moravam na Alemanha.

Werner A. Weber estudou na Escola Alemã de Curitiba e foi membro da então única igreja existente em Curitiba, PR, hoje *IASD Central de Curitiba.

Algum tempo depois, foi convidado a lecionar na Escola Primária de Curitiba e, mais tarde, em Joaçaba, Santa Catarina.

Casou-se com Amália Chagas Lima com quem teve três filhos: Kosar, Ulisses e Josira.

Ingressou no Seminário Teológico no antigo *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP), onde se formou em 1944.

Seu primeiro campo de trabalho, na Obra Adventista, foi o distrito de União da Vitória, PR, abrangendo todo o Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina. Trabalhou depois, em Ponta Grossa (1948), sendo ordenado ao ministério em 1950. Foi Pastor distrital em Londrina e Jacarezinho, Paranaguá, Rio Negro, Blumenau, Itajaí e Joinville, onde se aposentou.

Em 1954 e 1955, foi Departamental dos Missionários Voluntários (MV) e de Educação, da Associação Paraná-Santa Catarina no tempo em que era distrital. Aposentou-se em 1975, em Santa Catarina.

Era pintor e músico. Pintou dezenas de tanques batismais de igrejas no Paraná e em Santa Catarina.

Era um notável evangelista. Durante o período em que exerceu seu ministério, realizou 2.579 batismos (1.322 depois de *Jubilado), criteriosamente catalogados em seu arquivo pessoal.

Faleceu no dia 2 de junho de 1987, aos 73 anos, em Curitiba, PR, onde residia, após quase 50 anos de serviços prestados às Igreja Adventista do 7º Dia.

WEISS, IDA SEELING (1844-1971). Pioneira adventista em São Paulo. Nasceu no dia 27 de janeiro de 1884 e foi batizada em 03 de setembro de 1905, no Rio Barigui, pelo Pr. *Huldreich F. Graf.

Foi uma das primeiras adventistas de São Paulo. Participou da primeira *Escola Sabatina, realizada em Santo André, em São Paulo.

Dedicou-se ao trabalho filantrópico, ajudando sempre os pobres e doentes.

Faleceu no dia 14 de julho de 1971, aos 87 anos de idade, em Curitiba, PR.

WESTPHAL, GUSTAVO R. H. (1873-1926). Adventista pioneiro. Nasceu no dia 14 de abril de 1873, num navio, quando seus pais vinham da Alemanha para o Brasil.

Casou-se com Sophia H. Krume e tiveram 11 filhos. Aceitou a mensagem Adventista no ano de 1898 e foi batizado pelo Pr. *Huldreich Graf.

Sob sua supervisão, foi fundada a primeira *Igreja Adventista do 7º Dia no Brasil, em Gaspar Alto, SC, organizada em fevereiro de 1896.

Faleceu e foi sepultado no dia 24 de fevereiro de 1926, em Vitória, ES.

WESTPHAL, MARIA (1898-1945) Adventista pioneira. Nasceu em 1898. Foi batizada pelo Pr. *C. C. Schneider e tornou-se fiel membro da Igreja Adventista do 7º Dia. Faleceu dia 12 de junho de 1945, aos 47 anos de idade na Santa Casa de Aimorés, MG.

WHEELER, FREDERICK (1811-1910). Ministro ASD pioneiro, considerado como sendo o primeiro ministro ordenado adventista a pregar em favor do sábado do sétimo dia. Pouco se sabe de sua vida ou experiências passadas, exceto que em 1840 ele foi ordenado ministro da Igreja Metodista Episcopal e se tornou seu itinerante na vizinhança de Washington e Hillsboro em New Hampshire. Em 1842, tornou-se familiarizado com a mensagem do *Advento. Como ele relatou mais tarde, convenceu-se de que o *Sábado do sétimo dia era sagrado através de estudo pessoal que havia realizado algum tempo em março de 1844, depois de discutir o assunto com Rachel Oakes (mais tarde Rachel Preston), uma Batista do Sétimo Dia de Washington, New Hampshire. Ele pregou nas redondezas até 1851, quando encontrou Tiago White, que o convidou a ir mais longe com seu ministério. Em 1857, mudou-se para o Estado de Nova Iorque, e em 1861, estabeleceu-se em uma fazenda em West Monroe.

WHITE, ELLEN GOULD (HARMON) (1827-1915). Co-fundadora da Igreja ASD, escritora, oradora e conselheira da igreja, que possuía o que os ASD têm aceito como o *Dom de Profecia descrito na Bíblia (Veja **Espírito de Profecia**). Nasceu no dia 26 de novembro de 1827, em uma fazenda ao Norte da vila de Gorham, Maine, a Oeste de Portland. Seus pais, Robert Harmon e Eunice Gould Harmon possuíam antepassados britânicos da Nova Inglaterra. Ellen e sua irmã gêmea (não idêntica) eram as filhas mais novas. Havia quatro irmãs mais velhas e dois irmãos. Quando Ellen e Elizabeth ainda eram bem novas, os Harmons se mudaram para a cidade de Portland e moraram em sua própria casa no número 44 da Rua Clark, onde Robert Harmon trabalhava fazendo chapéus.

Ellen era uma criança animada, alegre e ativa. Com nove anos enquanto voltava para casa de uma escola pública na Rua Brackett, foi ferida por uma pedra atirada por uma colega da classe. Teve o nariz

quebrado e, na melhor das hipóteses um choque, pois o ferimento foi seguido por três semanas de inconsciência. A experiência deixou-a desfigurada, doente e debilitada. Por dois anos esteve incapaz de manter suas mãos suficientemente firmes para escrever e o esforço a deixava tonta. Fez uma última tentativa com a idade de 12 anos, e novamente sofreu pela saúde precária. Os médicos lhe davam pouca esperança de recuperação. Dessa maneira, sua educação formal, pode-se dizer, terminou quando tinha 9 anos de idade. Porém, seus sábios e modestos pais não lhe permitiram crescer em inútil ignorância. Recebeu de sua mãe treinamento prático e completo, e, quando lhe era possível, ajudava seu pai no feitio dos chapéus. Sua educação posterior veio da leitura e do contato com outros.

Primeira Experiência Cristã. Os Harmons eram membros da igreja metodista da Rua Pine, da qual Robert Harmon era *Diácono. Em março de 1840, Ellen e os outros membros da família ouviram *Guilherme Miller pregar em Portland e aceitaram seus pontos de vista sobre o *Segundo Advento de Cristo no ano de 1843. Na reunião campal metodista realizada em Buxton, Maine, poucos meses mais tarde, ela entregou seu coração a Deus. No dia 26 de junho de 1842, foi batizada na Baía de Casco, por imersão a seu pedido, e no mesmo dia foi recebida na Igreja Metodista. Ellen era uma fervorosa jovem cristã que trabalhava pela conversão de seus amigos. Quando estava bem, trabalhava longas horas fazendo chapéus em sua casa, e freqüentemente negava a si própria para que obtivesse meios com os quais pudesse espalhar a mensagem do Segundo Advento. Em setembro de 1843, por causa de suas crenças adventistas, ela e seus pais e outros membros da família foram expulsos da igreja metodista da Rua Pine.

No tempo do *Desapontamento de 22 de outubro de 1844, ela foi profundamente afetada e, juntamente com outros, buscou a Deus fervorosamente por luz e direção nos dias de perplexidade.

Sua Primeira Visão. Em uma manhã de dezembro, em 1844, em u
tempo em que os mileritas relutavam em sua fé e outros rejeitavam sua recent
experiência, Ellen Harmon uniu-se a quatro outras moças num culto familiar n
casa de uma amiga íntima, a Srª. Haines, ao Sul de Portland. Enquanto o grup
orava, ela experimentou sua primeira *Visão, na qual testemunhou um
representação da viagem do povo do Advento à cidade de Deus (*PE,* 13-17
Ela tinha somente 17 anos de idade na ocasião.

Quando ela relatou esta visão ao grupo de adventistas em Portland, eles a aceitaram como luz vinda de Deus. Em resposta a uma visão posterior, ao surgirem oportunidades de viajar com amigos e parentes, Ellen começou a relatar aos grupos espalhados de adventistas o que ela tinha visto na primeira e nas outras visões que se seguiram.

O Casamento com Tiago White. Em uma viagem a Orrington, Maine, em 1845, Ellen conheceu a Tiago White, um jovem adventista pregador com 23 anos de idade na época. Ele ouvira que ela era uma dedicada e ativa cristã entre os adventistas. As suas atividades os uniram ocasionalmente, desenvolveu-se simpatia mútua que os levou ao casamento em Portland, Maine. Sobre isto escreveu Tiago White:

> Casamos em 30 de agosto de 1846, e, daquele dia até agora ela tem sido minha coroa de felicidade. Conheci-a na cidade de Portland, no Estado do Maine. Era então uma cristã do tipo mais devoto. E, embora tivesse somente 16 anos, era operosa na causa de Cristo em público e de casa-em-casa. Era uma adventista convicta e, também sua experiência era tão rica e seu testemunho tão poderoso que ministros e líderes de diferentes igrejas procuravam seus préstimos como conselheira em suas muitas congregações. Mas naquele tempo era muito tímida, e poucos pensavam que ela seria trazida perante o público para falar a milhares

(Tiago White e Ellen G. White, *Life Sketches . . . of Elder James White and His Wife, Mrs. Ellen G. White*, pp. 125-126).

Aproximadamente neste tempo, Tiago e Ellen White dedicaram fervoroso estudo à questão da observância do sábado do sétimo dia como ensinado por *José Bates, que tinha publicado um folheto de 48 páginas em New Bedford, demonstrando a evidência escriturística da santidade do sétimo dia. Convencendo-se de que os conceitos apresentados eram apoiados biblicamente, os Whites começaram a guardar o sábado no outono de 1846. Alguns meses mais tarde, no sábado 3 de abril de 1847, Ellen White viu em visão a lei de Deus na arca do *Santuário Celestial com um halo de luz circulando o quarto mandamento (*PE,* 32, 33). Esta visão confirmou a confiança dos adventistas guardadores do sábado em sua posição e trouxe uma compreensão mais clara da significação do sábado.

Nos primeiros anos de casamento, Tiago e Ellen White foram assolados pela pobreza e estavam freqüentemente em necessidade. Neste período, antes de ser efetuada a organização da Igreja e antes de ser provida a remuneração regular aos ministros, os que pregavam o sábado e o *Segundo Advento eram dependentes do trabalho de suas próprias mãos para seu sustento financeiro. O tempo de Tiago e Ellen White era dividido entre viagens e pregações, ganhando a vida na floresta, na construção de uma ferrovia ou num campo de feno.

O primeiro filho, Henry Nichols, nasceu em 26 de agosto de 1847. Sua presença trouxe alegria e conforto à jovem mãe, mas Ellen logo descobriu que deveria às vezes deixar a criança com amigos de confiança e continuar seu trabalho de viajar e pregar as mensagens que Deus lhe tinha dado.

> Devíamos sacrificar a companhia de nosso pequeno Henry e sair a fim de nos dedicarmos sem reservas ao serviço. Minha saúde era muito precária, e se eu o levasse comigo, ele ocuparia grande parte de meu tempo. Foi uma severa prova, ainda assim, não deixei que ele se interpusesse no caminho do dever. Creio que o Senhor o poupara para nós quando ele esteve muito doente, e que se eu o deixasse atrapalhar meu trabalho, Deus o tiraria de mim. Somente perante o Senhor, com coração comprimido, entreguei meu único filho para ser cuidado por outros (*LS*, 120).

Viajando e Publicando. O registro dos poucos anos seguintes é de viagens, visitações ao "rebanho espalhado", assistindo a reuniões e escrevendo. A primeira dessas reuniões gerais, ou conferências, realizadas pelos "amigos do sábado" foi realizada na primavera de 1848. Os Whites assistiram a cinco ou seis de tais conferências em 1848 (Veja **Congressos Sabáticos**) e outros subseqüentemente, durante os quais as doutrinas básicas agora defendidas pelos ASD foram reunidas. Às vezes, durante essas reuniões, grupos de líderes se reuniam em estudo bíblico. Quando as opiniões eram divididas, as visões da Srª. White corrigiam os erros e identificavam a verdade. Isto levava à confiança nas posições tomadas pelos pioneiros como resultado do estudo bíblico.

No sexto congresso, realizado em novembro de 1848, Ellen G. White teve uma visão instruindo-a de que seu esposo deveria começar a "imprimir um pequeno jornal". Em julho de 1849, Tiago White, morando na época em Rocky Hill, Connecticut, providenciou na cidade próxima de Middletown a publicação do *The Present Truth*, o primeiro jornal publicado pelos Adventistas guardadores do sábado. A edição de oito páginas aparecia a intervalos irregulares. Havia somente um volume de 11 edições que foi completo em 17 meses.

Os últimos números levavam artigos de sua pena, demonstrando as profecias da experiência futura do povo de Deus e possuíam tom de advertência e conselho.

Em julho de 1849, um segundo filho, Tiago Edson, nasceu em Rocky Hill, Connecticut.

Em julho de 1851, Tiago White publicou o primeiro panfleto da Sra. White, de 64 páginas, intitulado *A Sketch of The Christian Experience and Views of Ellen G. White.* Ele foi seguido, em 1854, por um suplemento de 48 páginas. Esses agora formam uma parte do livro *Primeiros Escritos* (pp. 11-127).

Os dias do início da *Review and Herald* (Revista e Arauto), em 1850, e do *Youth's Instructor* (Instrutor dos Jovens), em 1852, foram de provações. Durante os anos 1852-1855, a publicação de materiais foi levada adiante em Rochester, Nova Iorque. Um prelo manual foi comprado e instalado em 1852.

Um prédio alugado nos subúrbios da cidade, que primeiramente servia como casa publicadora, tornou-se a sede do trabalho. O dinheiro era escasso. A Sra. White descreveu sua privações dessa maneira:

> Acabamos de nos estabelecer em Rochester. Alugamos uma velha casa por 175 dólares anuais. Temos o prelo nesta casa. Não fosse por isso, teríamos que pagar 50 dólares por ano por um escritório. Você riria se pudesse olhar para nós e ver também nossa mobília. Dois estrados por 25 cents cada. Meu esposo trouxe-me 6 velhas cadeiras, a 1 dólar cada, todas diferentes umas das outras, pelas quais pagou 1 dólar e logo me presenteou com mais quatro cadeiras sem assento, pelas quais pagou 62 cents. A madeira é boa e fixei os assentos perfurando-as. A manteiga é tão cara que não a compramos, nem dispomos de batatas.

> Nossas primeiras refeições foram tomadas em uma tábua colocada sobre dois barris de farinha (*LS*, 142).

Os trabalhadores da publicadora, exceto o impressor remunerado, moravam todos com os Whites e trabalhavam por uma ninharia além de cama e comida. Doença, morte por epidemia e privação tiveram sua parte em trazer tristeza e desânimo ao pessoal da *Review and Herald*. Em agosto de 1854, em meio a tempos de tristeza, nasceu o terceiro filho dos Whites: William Clarence.

Mudança para Battle Creek, Michigan. Em agosto de 1855, a *Review and Herald* com um prelo manual e outros equipamentos precários juntamente com o pequeno estoque de livros e folhetos mudou-se de Rochester, Nova Iorque, para um prédio recém-construído na parte ocidental de Battle Creek, Michigan. Esta mudança foi em resposta a um convite de adventistas guardadores do sábado de Michigan que se ofereceram para construir e doar uma pequena publicadora.

Não muito depois da mudança, realizou-se uma conferência para se considerar planos para o avanço da obra. No encerramento do encontro, a Srª. White teve uma visão na qual vários assuntos de importância à Igreja foram-lhe revelados. Ela os escreveu e os leu na noite do sábado seguinte aos membros de Battle Creek em um novo prédio de igreja. Ao ser lida a mensagem, os ouvintes reconheceram que a comunicação beneficiaria a todos os grupos de adventistas guardadores do sábado, e votaram que o que havia sido dito fosse publicado. O folheto resultante contendo 16 páginas, impresso no prelo manual, levava o título *"Testemunho para a Igreja"* (1*T*, 113-126). Este foi o primeiro de uma série de escritos que aumentaram até 5.000 páginas em 55 anos e assumiram a forma dos atuais nove volumes dos

Testemunhos para a Igreja (condensados nos 3 volumes de *Testemunhos Seletos*).

Os Whites se estabeleceram em Battle Creek, mas o relato dos próximos cinco anos mostra-os ocupados em firmemente estabelecer a obra de publicações e desenvolver a organização da Igreja, freqüentemente viajando de trem, de carroça, de trenó, sofrendo frio e calor, e, às vezes, de fome, nas longas viagens através do país. É uma história da proteção de Deus dos perigos quando sob ataque, do desânimo, e também de grande encorajamento ao testemunharem o poder de Deus trazendo vitória espiritual à vida do rebanho de adeptos que crescia, e sucesso aos cansativos labores dos que encabeçavam o levante evangelístico do movimento.

No dia 14 de março de 1858, enquanto estavam em Lovett's Grove, Ohio, perto de Bowling Green, a Srª. White teve uma visão de 2 horas na qual viu eventos do grande conflito entre as forças do mal e as da luz, cobrindo as eras desde a queda de Lúcifer até a Nova Terra. Instruída a escrever o que lhe era apresentado, ela engajou-se na preparação do manuscrito que foi publicado, em setembro, como um livro de 219 páginas, *Spiritual Gifts*, vol. 1. A capa tinha o título completo como *O Grande Conflito Entre Cristo e Seus Anjos e Satanás e Seu Anjos*. O volume, sendo pequeno, poderia tratar apenas de certas áreas do conflito milenar, e enfatizava os pontos altos, especialmente as cenas finais. (Veja *PE*, 133-295).

A preparação de exposições mais exaustivas do tema do "Grande Conflito" a ser publicado em volumes maiores e amplamente circulados era a tarefa à qual a Srª. White se dedicou de tempos em tempos até o fim de sua vida.

O Lar de Ellen G. White em Battle Creek. Após a mudança para Battle Creek, Tiago White, com a ajuda de seus irmãos, adquiriu um lote de 6 km^2 no extremo Oeste da cidade e construiu uma casa de madeira — o primeiro lar do casal itinerante. As cartas e diários de Ellen G.

White nos últimos cinqüenta anos revelam que nem todo seu tempo era dedicado a escrever e ao serviço público. Mencionam que ela fez “um par de calças” e “um casaco para Edson” (seu segundo filho de 9 anos); “um jardim para meus filhos”, pois ela queria que seu lar fosse “o lugar mais agradável de todos para eles”, tendo contatos amistosos com os vizinhos, especialmente aqueles que estavam em necessidade; ela comprava roupas de bebê para alguma família pobre; e, ocasionalmente, ajudava a dobrar e costurar folhetos e panfletos quando havia trabalho de impressão em Battle Creek.

Uma figura familiar em Battle Creek, era baixa em estatura (1,55m) e fraca aparentemente, com uma constituição física um tanto escura, cabelos castanhos e olhos acinzentados, animada em disposição, generosa e saliente. Era conhecida como uma dona-de-casa cuidadosa, compradora sensível, anfitriã hospitaleira, oradora pública poderosa, e mãe zelosa, que sentia saudades de sua família quando em viagem, ainda que não deixasse isso embaraçá-la em seu labores, fosse no lar ou nos campos missionários. De outros tempos e lugares, vieram reminiscências posteriores — a admiração dos pedestres, que a tinham ouvido pregar muitas vezes, ao vê-la trabalhar com seu filho juvenil e ajudando o seu esposo a rastelar e carregar feno e depois subir ao topo do monte de feno e comprimi-lo com os pés; a gratidão de hóspedes que permaneceram por longo tempo em sua casa (jovens que precisavam de um lar, adultos necessitados); a figura de Ellen G. White levando sua vaca em uma estrada de campo até um vizinho cujos filhos precisavam de leite; e, no fim de sua vida, os vinhateiros da Califórnia perto de Elmshaven relembrando “da pequenina idosa senhora de cabelos grisalhos, que sempre falava tão amavelmente de Jesus”.

Com o nascimento de um quarto filho, John Herbert, em 20/09/1860, a família White contava 6 membros, sendo quatro garotos, o mais velho com 13 anos. John, porém, viveu apenas alguns meses. Sua morte, causada por erisipela, foi a primeira ruptura no círculo familiar.

Durante os primeiros anos da década de 1860, anos de estabelecimento da Igreja e da organização de Associações, houve demandas por seus escritos, viagens e trabalho pessoal.

Reforma da Saúde. No primeiro fim-de-semana de junho de 1863, logo após o estabelecimento da *Associação Geral (em maio de 1863), os Whites visitaram Otsego, Michigan. Lá, a Srª. White teve uma ampla visão, muito abrangente em suas implicações. Compreendia o amplo campo da saúde e da medicina preventiva, e tratava dos pontos altos das causas das doenças, cuidado pelos doentes, agentes medicinais, nutrição, estimulantes e narcóticos, cuidado das crianças e vestuário saudável. A visão enfatizava a obrigação de cada pessoa de dar atenção à saúde do corpo e da mente. (Veja **Saúde, Princípios de).**

Antes disso, os ASD tinham dado pouca atenção a assuntos de saúde. Na verdade, havia na época um certo número de pessoas nos Estados Unidos e em outros países que advogavam reformas em assuntos de saúde. Mas, para com este tipo de reforma, os ASD, ocupados com suas mensagens do Sábado e do Segundo Advento, tinham sido negligentes. A Srª. White conta como era, uma comedora de carne inveterada, e a luta que teve consigo mesma para aprender a comer pão integral, comida simples, e ter uma dieta vegetariana e como, conseqüentemente, sua saúde melhorou. Brevemente, iniciou-se um programa de educação na área da saúde nas fileiras ASD. Como passo introdutório, seis panfletos intitulados *Health; or How to Live* foram publicados em 1865, compilados de vários autores por Tiago White. Um artigo da pena de Ellen G. White apareceu em cada um dos panfletos (reimpresso em 2*ME*, 411-479).

Os Whites não somente empregaram métodos simples, racionais e tratamentos caseiros, como também ajudaram seus vizinhos por métodos semelhantes, usando “tratamentos com água”, tais como os que tinham observado na instituição de saúde em Danville, Nova Iorque.

A importância da reforma da saúde foi profundamente gravada nas mentes dos líderes pioneiros por ocasião da morte de Henry White, causada por pneumonia, em 1863, com a idade de 16 anos; pelo enfarte de Tiago White em 1865, que o incapacitou profundamente por 3 anos e pelas doenças de vários ministros.

No dia 25 de dezembro de 1865, veio a mensagem de Ellen G. White de que os ASD deveriam estabelecer uma instituição que cuidasse dos doentes e ensinasse aos pacientes os simples princípios do viver saudável, o *Western Health Reform Institute* (Instituto Ocidental de Reforma de Saúde), mais tarde conhecido como o Sanatório de Battle Creek, foi aberto em setembro de 1866. Os Whites saíram de Battle Creek e tornaram a ele de 1865 a 1868. Durante esse tempo, a precária condição de saúde de Tiago White levou-o a retirar-se durante um período para uma pequena fazenda perto de Greenville, Michigan, onde a Srª. White fez da recuperação de seu esposo sua primeira ocupação. Tal atividade tomou consideravelmente seu tempo e forças. Longe dos prementes deveres da Sede da igreja em crescimento, ela teve a oportunidade de visitar muitas igrejas menores e também escrever. Escreveu muitos dos importantes testemunhos e começou a ampliar a história do "conflito dos séculos", como estivera a ver mais repetidamente em várias revelações. Em 1870, foi publicado o *The Spirit of Prophecy*, vol. 1, contendo a história da queda de Lúcifer e da Criação estendendo o relato até o tempo de Salomão.

Ao Tiago White recobrar as forças físicas gradualmente, teve também a oportunidade de revisar o avanço da obra e estudar planos para sua ampliação.

Expande-se a Obra do Movimento. O sucesso da primeira reunião campal ASD, realizada em Wright, Michigan, no final do verão de 1868, levou a planos mais amplos para outras reuniões campais nos anos futuros. A Srª. White uniu-se ao marido em tomar parte ativa, não somente em estabelecer os planos para essas campais, mas também

assistindo, de verão a verão, tantas quantas campais seu tempo e força permitissem. Ela fez sua parte integralmente pregando e em trabalho pessoal, e, na medida do possível, continuou a escrever.

O inverno de 1872-1873 encontrou os Whites no Norte da Califórnia, interessados no trabalho recém-estabelecido da Igreja na Costa do Pacífico. Esta foi a primeira das muitas visitas ao Oeste feitas durante os sete anos seguintes. Enquanto no Oeste, a Srª. White, no dia 1º de abril de 1874, teve uma ampla visão, retratando o futuro desenvolvimento e expansão da obra ASD, não somente nos Estados do Oeste mas também em terras de além mar. Poucas semanas mais tarde, quando as reuniões campais foram abertas em Oakland, Califórnia, Tiago White começou a publicação de um jornal, *The Signs of The Times*, para o qual a Srª. White escreveu muitos artigos. Uns 2.000 artigos de sua pena apareceram no *Signs* até o tempo de sua morte.

Colégio de Battle Creek. No final do verão e outono de 1874, os Whites estavam de volta a Michigan, assistindo à Conferência Geral, realizando cultos, escrevendo, e ajudando no Instituto Bíblico. A Srª. White teve uma parte importante na dedicação, no dia 5 de janeiro de 1875, no Colégio de Battle Creek, a primeira instituição educacional. Dirigindo-se ao grupo que se havia reunido vindo de vários Estados, ela relatou o que tinha visto em visão na tarde de 3 de janeiro. Na visão, viu um quadro da grande obra que os ASD deviam realizar. Ela falou de ter visto editoras em outros países e uma bem organizada obra desenvolvendo-se vastamente em partes do mundo em que os ASD, até o momento, nunca haviam pensado em entrar. Embora os países a ser alcançados, exceto a Austrália, não tenham sido a princípio identificados, ela declarou que se novamente visse as impressoras apresentadas a ela em visão, poderia reconhecê-las.

Escrevendo e Viajando. Durante os poucos anos seguintes, uma porção do tempo de Ellen G. White foi ocupado em escrever a parte da

história do conflito que trata da vida de Cristo e da obra dos apóstolos, volumes 2 e 3 de *The Spirit of Prophecy* (publicado em 1877 e 1878). Tiago White estava tremendamente engajado não somente em estabelecer a Editora Pacific Press em Oakland, como também em levantar fundos para aumentar o Sanatório de Battle Creek a fim de servir à grande congregação daquele lugar e prover um lugar de encontro para as grandes reuniões gerais da Igreja.

Quando a Srª. White visitou a instituição de saúde recém-fundada perto de Santa Helena, Califórnia, algum tempo após sua inauguração em 1878, contou aos que com ela estavam que vira aqueles edifícios e arredores na visão de 1874 sobre a expansão da obra na costa Oeste.

Durante as campais dos últimos anos da década de 1870, a Srª. White dirigiu-se a muitas e grandes audiências. Sua voz clara podia ser ouvida por milhares. Repórteres da imprensa local estimaram que em Groveland, Massachusetts, no dia 27 de agosto de 1876, a assistência foi de 15.000 e 20.000 pessoas. No mesmo lugar, no ano seguinte, ela falou a uma audiência estimada como sendo ainda maior do que a do ano anterior. Seu tema em ambas as ocasiões foi a temperança cristã em seus aspectos mais amplos. Durante este período, suas viagens a levaram a Leste e Oeste e Noroeste do Pacífico. Ela escrevia continuamente, assistindo a Sessões da Conferência Geral, aparecendo perante grupos de temperança e falando em campais, em igrejas e mesmo na praça e na prisão estadual.

A problemática saúde de seu esposo levou-os a passar o inverno de 1878-1879 no Texas. Houve períodos durante os próximos dois anos em que ele esteve bem apto a continuar seu trabalho, mas houve períodos em que ele não pudesse. Seus longos anos de sobrecarga mental e física tinham diminuído suas forças. Após uma aguda enfermidade de menos de uma semana, diagnosticada como febre de malária, morreu no sanatório de Battle Creek, numa tarde de sábado, 06/08/1881. Tinha 60 anos de idade. Em pé, ao lado do caixão de seu

esposo, Ellen G. White comprometeu-se a levar urgentemente adiante a obra que lhe havia sido incumbida, a despeito da perda de seu marido.

Logo estava a Srª. White na Costa do Pacífico, e, embora sentisse profundamente a perda de seu companheiro, engajou-se ativamente em escrever o quarto e último volume da série *The Spirit of Prophecy*, apresentando a história do conflito desde a destruição de Jerusalém até o fim dos tempos. Quando esse tão esperado volume de 506 páginas saiu do prelo em 1884, foi bem recebido. Uma edição ilustrada para a venda pelos colportores ao público em geral logo foi impressa, levando o nome de *O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás*. Dentro de um curto período de três anos, 50.000 exemplares foram impressos e vendidos.

Dois Anos na Europa. Na segunda sessão do Concílio Missionário Europeu, realizado em meados de 1884, decidiu-se convidar a Srª. White, acompanhada de seu filho W. C. White, para visitar as missões européias. Ao se aproximar o tempo da viagem no verão de 1885, pareceu que sua condição física impediria a viagem. Porém, obediente ao que parecia ser um dever, embarcou na viagem, foi beneficiada fisicamente, e passou de agosto de 1885 até agosto de 1887, nos países europeus.

De Basiléia, Suíça, então sede do trabalho da Igreja na Europa, a Srª. White fez repetidas viagens à Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Dinamarca, Noruega e Suécia. De seu particular interesse foram as três visitas aos vales Valdenses no norte da Itália, onde ela viu pessoalmente os muitos lugares que havia visto em visão relacionados aos incidentes da Idade Média e no tempo da Reforma.

Em Basiléia, Suíça, e em Christiania (agora Oslo), Noruega, a Srª. White reconheceu os prelos que vira na ampla visão de janeiro de 1875, na qual foram-lhe mostrados em atividade em terras de além-mar. Enquanto esteve fora, deu valiosos conselhos que ajudaram a estabelecer procedimentos corretos e planos nos dias formativos da obra naquele lugar.

Enquanto a Srª. White estava na Europa, foram feitos pedidos de traduções em línguas européias do recentemente publicado *Spirit of Prophecy*, volume 4 e *O Grande Conflito.* Sendo que o livro se mostrou vendável ao público em geral, ela sentiu que deveria então escrever mais completamente o que lhe havia sido apresentado, e assim ela assumiu a tarefa de expandir seu conteúdo. O resultado foi o livro ampliado *The Great Controversy Between Christ and Satan During the Christian Dispensation* (O Grande Conflito entre Cristo e Satanás Durante a Dispensação Cristã), publicado primeiramente na primavera de 1888. Ao ela preparar o manuscrito para este livro, o plano evoluiu para que se fizesse dele uma parte dos cinco livros apresentando o conflito em todo o período da história mundial.

De volta aos Estados Unidos, a Srª. White estabeleceu-se em Healdsburg, Califórnia. Ela assistiu à importante Conferência Geral de 1888, em Mineápolis, Minnesota, na qual fez nove importantes contribuições. Após isso, viajou por vários meses pregando nas igrejas sobre o assunto da *Justificação pela Fé. Durante este período, trabalhou na preparação de *Patriarcas e Profetas* (publicado em 1890), volume 1 da série do Conflito dos Séculos. O manuscrito do *Caminho a Cristo* foi preparado em 1891.

Chamado para Austrália. Na Conferência Geral de 1891, realizada em março em Battle Creek, foi apresentado um urgente chamado para que a Srª. White visitasse o recém-penetrado campo da Austrália. Respondendo a este apelo, chegou a Austrália no fim de dezembro de 1891, acompanhada por seu filho William C. White, e muitos outros assistentes literários. Sua presença no campo australiano foi muito apreciada pelos novos membros, e suas mensagens de conselho a respeito do desenvolvimento do trabalho provaram ser altamente benéficas para estabelecer firmemente a denominação neste país. Em sua visita à casa publicadora em Melbourne, ela reconheceu outra das casas editoras que vira na visão de janeiro de 1875.

No inverno de 1892, a Srª. White sofreu por muitos meses de reumatismo inflamatório, mas insistiu em convocar reuniões mesmo que devesse falar assentada, e em escrever mesmo com seu braço em cima de um travesseiro. A maior parte do ano de 1893 ela passou na Nova Zelândia.

Importantes Desenvolvimentos na Austrália. Não muito depois de sua chegada à Austrália, a Srª. White viu claramente a urgente necessidade para a educação dos jovens ASD em uma escola dirigida pela Igreja, onde os obreiros seriam treinados para o serviço em seu país e em ilhas vizinhas. Em resposta a seus muitos apelos, os membros resolveram estabelecer uma escola, a princípio em um local alugado temporariamente em Melbourne e então em um campus permanente na área atual. A fim de dar ânimo aos que se dedicaram a este empreendimento pioneiro, e para estabelecer um exemplo no cultivo da Terra, ela comprou uma área de 66 acres nas proximidades e construiu sua casa ao lado da escola. Essa instituição, declarou ela, deveria ser um modelo do que a obra educacional Adventista deveria ser.

Quando, no início de 1894, um passo avançado na organização foi tomado para que a obra crescente na Austrália fosse mais eficientemente administrada, a Srª. White endossou-o. Foi neste tempo que, em conselho com Ole A. Olsen, presidente da Associação Geral, que então visitava a Austrália, as Associações locais do território uniram-se para formar uma *União, a primeira na denominação.

A despeito de seus muitos interesses no trabalho, neste campo pioneiro, a Srª. White achava tempo para escrever milhares de páginas que cruzavam os mares e traziam conforto oportuno e direção aos líderes da igreja. O livro *Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos* (1923) apresenta uma porção deste conselho. Ela também continuou a fornecer artigos semanalmente para a *Review and Herald*, *Signs of The Times*, e *The Youth's Instructor*. Em 1898, sua abrangente produção da vida de Cristo, *O Desejado de Todas as Nações*, foi publicado (como o

volume 3 da série O Grande Conflito). *O Maior Discurso de Cristo*, um estudo do Sermão da Montanha, precedeu-o em dois anos, e *Parábolas de Jesus* e *Testimonies for The Church* (condensado nos três volumes de Testemunhos Seletos), volume 6, se seguiram em 1900.

Retorno aos Estados Unidos. Em 1900, a Srª. White retornou à América. Estabelecendo-se no Noroeste da Califórnia, ela adquiriu Elmshaven, a uns 110 Km ao Norte de São Francisco. Esta propriedade, que ela achou disponível por uma quantia razoável, consistia de uma casa com sete aposentos, uma casinha, uma grande celeiro e uns sessenta acres de Terra divididos em horta, parrerial, pasto, feno e bosques. Aqui ela passou os quinze anos finais de sua vida no preparo de livros, escrevendo e em trabalho pessoal. Mal se estabelecera a Srª. White em Elmshaven e recebeu um chamado para assistir à Conferência Geral de 1901, em Battle Creek. Nesta reunião, ela insistentemente deu um testemunho concitando à reorganização da Associação Geral a fim de prover adequadamente aos seus interesses de expansão. Uma distribuição mais ampla das crescentes responsabilidades, que tinham até aquele tempo sido levadas adiante por uns poucos homens na sede, foi proposta. Em uma resposta corajosa, bem abrangente em suas ramificações, foi realizada uma devastadora reorganização. Uniões intermediárias entre as Associações e a Associação Geral foram organizadas e os departamentos da Associação Geral começaram a ser estruturados. Estes passos levaram à rápida e sadia expansão no trabalho da denominação.

Dois anos mais tarde, no outono de 1903, a Associação Geral e a *Review and Herald Publishing Association* mudaram-se para Battle Creek, e, em harmonia com o conselho de Ellen White de que eles deveriam estar mais perto da Costa Leste, estabeleceram-se em Takoma Park, Washington, D.C. Em 1904, a Srª. White passou cinco meses em Takoma Park.

Últimos Anos Ativos. Em 1904, a Sra. White ajudou pessoalmente na compra da propriedade para o Sanatório Paradise Valley, de 1905, perto de San Diego, Califórnia. Ela assistiu a Conferência Geral de 1905 em Takoma Park. Poucos meses após seu retorno, publicou *A Ciência do Bom Viver*, um livro que trata da cura do corpo, mente e alma. O livro *Educação* tinha-o precedido em 1903, e os volumes 7 e 8 do *Testimonies for the Church* foram publicados em 1902 e 1904 respectivamente.

Enquanto esteve em Washington, a Srª. White encorajou a compra da propriedade para o Sanatório de Loma Linda, no Sul da Califórnia. Pouco depois ela persuadiu a abertura de nossa obra educacional com linhas médico-missionárias na Costa do Pacífico, declarando que, em Loma Linda, a Igreja conduziria sua grande instituição educacional no Oeste. Seu premente trabalho literário durante alguns anos seguintes era freqüentemente interrompido por viagens a Loma Linda a fim de animar os líderes daquele lugar e ao Sanatório de Paradise Valley.

Suas viagens através do continente entre 1901 e 1909 freqüentemente conduziram-na ao Sul, onde o trabalho da Igreja desenvolvia-se lentamente. Um apelo de sua pena em 1891, seguiu-se em 1895 e 1896 através de artigos publicados na *Review and Herald* estimulando esforços educacionais e evangelísticos pela negligenciada raça negra, entusiasmou uma obra na qual seu próprio filho, Tiago Edson, tomou parte ativa. Ela estava sensivelmente interessada no desenvolvimento de esforços missionários engrenados para os mais eficientes resultados em comunidades brancas e negras e enviou aos obreiros deste campo muitas mensagens de conselho e ânimo. Ela endossou fortemente o estabelecimento do Oakwood College, em Huntsville, Alabama para pessoas de cor, e o Nashville Agricultural and Normal Institute, perto de Madison, Tennessee, um centro de treinamento particularmente operado para jovens brancos. A obra da Igreja no Sul foi uma profunda preocupação para ela em seus últimos anos.

Com 81 anos de idade, voltou a Washington, assistindo à Conferência Geral de 1909. Várias vezes ela se dirigiu à audiência, falando com voz clara e firme. Depois desta reunião, fez a visita que por tanto tempo almejara a seu antigo lar na cidade de Portland, Maine. Lá, ela novamente deu seu testemunho no lugar em que sua obra iniciara 65 anos antes. A viagem de 1909, sua última jornada aos Estados do Leste, permaneceu na memória de muitos ASD que ouviram-na falar enquanto viajava ou que encontraram-na na Conferência Geral. Nesta viagem de 5 meses, ela falou 72 vezes em 27 diferentes lugares.

Ao voltar para casa, compreendendo agora que seriam poucos os seus dias, A Srª. White dedicou-se a concluir, para imediata publicação, vários livros apresentando a mensagem essencial de instrução à Igreja. *Testimonies for The Church*, vol. 9, foi publicado somente em 1909, *Atos dos Apóstolos* em 1911, *Conselhos a Pais Professores e Estudantes* em 1913, e a edição revisada e aumentada de *Obreiros Evangélicos*, em 1915. Os meses ativos e finais de sua vida foram dedicados aos últimos estágios do trabalho de *Patriarcas e Profetas*, que foi publicado após sua morte. (O último citado, *Atos dos Apóstolos*, completou os cinco volumes da série *O Grande Conflito*).

Em 1912, por conta própria, a Sra. White apontou uma comissão de depositários para ter o futuro cuidado para suas obras publicadas e arquivos de manuscritos. De 1912 em diante, seus discursos públicos diminuíram, até cessarem. Mas mesmo em face de enfermidades físicas sua coragem e confiança eram constantes.

Finalmente, na manhã de sábado, 13 de fevereiro de 1915, ao entrar em sua sala de estudo em Elmshaven, tropeçou e caiu, sofrendo uma fratura no fêmur esquerdo. Confinada à cama e cadeira de rodas por cinco meses, sofreu pouca ou nenhuma dor, mas ao chegar os últimos dias, freqüentemente esteve em coma. Suas palavras a amigos e parentes durante suas últimas semanas refletiam carinho, senso de ter fielmente realizado o trabalho com que o Senhor lhe imbuíra, confiança de que a

obra de Deus avançaria até seu triunfo final, mas, por outro lado, ansiedade de que os membros individuais da Igreja devessem sentir o tempo em que viviam e fazer a fervorosa preparação necessária para se encontrarem com o Senhor em Sua vinda. Sua mensagem final, que dizia respeito à literatura lida pelos jovens, foi dada em 3 de março de 1915.

Ellen White morreu no dia 16 de julho de 1915, com a avançada idade de 87 anos. Três simples funerais foram realizados, um em Elmshaven, o segundo em Richmond, Califórnia, durante uma reunião campal, e o último em Battle Creek, Michigan, no Tabernáculo. Foi sepultada em 24 de julho ao lado de seu esposo no cemitério de Oak Hill em Battle Creek. A imprensa pública, em várias partes dos Estados Unidos, dedicou-se bastante espaço e mostrou favorável interesse a respeito de sua morte, em muitos casos incluindo uma resenha de sua vida e obra e a vasta influência de seu ministério. Ela serviu ao Senhor e à Sua Igreja como Seu escolhido instrumento por muitas décadas. Viveu para ver o movimento crescer de um punhado de crentes à uma congregação mundial, com um número de membros de 138.879 em 1915.

Produção Literária. A produção literária total de Ellen G. White foi extraordinariamente grande. Ela realizou toda sua obra literária à mão freqüentemente bem cedo de manhã, enquanto outros dormiam e aproveitando cada momento livre em casa ou em viagem. Ela empregava assistentes literários como auxílio — no início seu esposo, quando podia, e mais tarde uma equipe que copiava o material, fazendo correções na escrita, pontuação, e gramática, como geralmente é o trabalho dos revisores. Ela cuidadosamente delineava regras para salvaguardar a autenticidade dos materiais que eles conferiam, e fazia uma leitura final e cuidadosa, para assegurar-se de que o produto final realmente era a idéia da autora.

No tempo de sua morte, suas produções literárias consistiam de bem mais de 100.000 páginas; 24 livros em circulação; 2 manuscritos de

livros prontos para publicação; 4.600 artigos periódicos nos jornais da Igreja; 200 ou mais folhetos e panfletos; 6.000 manuscritos datilografados, consistindo de cartas e manuscritos gerais, reunindo aproximadamente 40.000 páginas datilografadas; 2.000 cartas manuscritas e documentos, diários, jornais etc., quando copiados compreendendo 20.000 páginas datilografadas.

A Srª. White recebeu os direitos autorais de suas produções literárias, as quais ela usava para cobrir as despesas de seu trabalho, equipe literária, etc., e para pagar as "despesas iniciais" de seus livros tais como composição, esteriotipagem, clichês e ilustrações, e no trabalho missionário da Igreja. Todos os direitos autorais, atualmente, são propriedade da Igreja.

Veja **White, Escritos de Ellen G.**

A Posição de Ellen White na Igreja. Não assumindo o título de profetisa, a Srª. White afirmava ser uma mensageira do Senhor, tendo mensagens para Seu povo. Ao mesmo tempo em que reconheceu que sua obra englobava a obra de uma profetisa (Veja 1*ME*, 31-32). Ela não foi ordenada pela imposição de mãos. Seu nome aparecia, porém, nas listas ministeriais de tais publicações oficiais como o **Yearbook* (*Anuário da IASD).* Ela não tinha cargos em igrejas locais ou em Associações locais, e nem mesmo na Associação Geral. Ela assistia às sessões como delegada. Depois da morte de seu esposo, Tiago White, em 1881, ela recebia um salário equivalente a um oficial remunerado da Associação Geral. Ela não era membro de comissões de Associação ou de comissões de igrejas ou de instituições da Igreja.

A Igreja repetidamente, em decisões oficiais na Conferência Geral e não oficialmente às vezes, reconheceu a Srª. White como tendo sido chamada de uma maneira especial como uma mensageira do Senhor.

Para posteriores informações sobre a Sra. White, especificamente a respeito da maneira pela qual ela recebeu revelações de Deus e as transmitiu à Igreja, e para saber o lugar que os seus escritos ocupam para

os Adventistas hoje, veja **Visões; White, Escritos de Ellen G.; Espírito de Profecia.**

WHITE, ESCRITOS DE ELLEN G. As obras publicadas de *Ellen G. White consistem de artigos, periódicos, panfletos e livros. Foram 4.600 artigos a periódicos da Igreja. Alguns desses foram republicados em seus livros. Somente os panfletos considerados de significado permanente são listados aqui. Pode-se obter informação mais detalhada no *Centro de Pesquisas Ellen G. White (CPEGW). As edições principais são dadas abaixo. Incluí-se mais informação no prefácio ou na introdução de cada obra individual.

O editor e a data de publicação referem-se à primeira publicação. Mediante arranjos mútuos das Publicadoras na América do Norte, uma obra publicada por uma pode ser publicada por outra. Veja a lista de abreviações utilizadas no início da Enciclopédia.

Os livros ou compilações por outros autores, contendo porções escritas por Ellen G. White não são incluídos nesta bibliografia.

Publicações iniciais. Os primeiros escritos de Ellen G. White foram publicados na forma de

(1) Duas cartas no **Day-Star*, 1846;

(2) Três folhas publicadas em um só lado, 1846, 1847, 1849;

(3) Artigos no folheto de Tiago White *A Word to the "Little Flock"*, 1847; e

(4) Artigos no Present Truth, 1849-1850.

Livros e Folhetos. Obras publicadas de 1851 estão listadas alfabeticamente:

A Call to Medical Evangelism and Health Education. SPA, 1950; 47 pp.

A Ciência do Bom Viver. PPPA, 1905; 541 pp. Apresentação geral dos princípios do viver saudável, escrito para ASD e para o público em geral, substituindo o *Christian Temperance* (1890).

A Ciência Médica e o Espírito de Profecia. CPB, 1973.

Adultério, Divórcio e Novo Casamento. Centro de Pesquisas Ellen G. White (IAE), 1984. Compilação de artigos.

Atos dos Apóstolos. PPPA 1911 (CPB, 1957); 633 pp. Ampliação da última parte do *The Spirit of Prophecy*, vol. 3 (1878), e uma adaptação do já há muito fora de publicação *Sketches From the Life of Paul* (1883). O quarto volume dos cinco da série *O Grande Conflito.*

A Batalha Final. CPB, 1989. Compilação de alguns assuntos de *O Grande Conflito* feito para o público em geral.

Beneficência Social. RH, 1952 (CPB, 1964); 349 pp.

Caminho a Cristo. Fleming H. Revell, 1892; 153 pp. Subseqüentemente RH, PPPA. SPA, 126 pp. Os passos da vida cristã vitoriosa. O mais lido dos livros de Ellen G. White, publicado em muitas edições muito numerosas para ser listadas, em muitas línguas, alcançando distribuição de milhões de cópias.

Captivity and Restoration of Israel. Veja *Profetas e Reis* neste verbete.

Cartas a Jovens Namorados. CPB, 1992. Cartas a jovens recém-casados ou prestes a se casar.

Christian Education. International Tract Society, 1893; 325 pp. Compilação em 24 capítulos de fontes publicadas para professores e pais. Substituído por *Educação.*

O Colportor Evangelista. PPPA, 1953; 240 pp. Compilação organizada por tópicos tirados do *Manual for Canvassers* (Manual dos

Colportores) de 1902, que foi substituído por este e outros materiais escritos posteriormente.

Conflict and Courage. RH, 1970; 381 pp. Livro devocional com textos.

Conselhos a Professores, Pais e Estudantes. PPPA, 1913; CPB, 1975; 528 pp. Volume que trata com detalhes dos métodos a ser utilizados pelos pais e professores ASD ao realizarem suas responsabilidades como educadores, compilado em grande parte de volumes tais como *Christian Education* (1897), mas tendo também materiais escritos especialmente para ele.

Conselhos Sobre Escola Sabatina. RH,1938; CPB, 1976;. 192 pp. Apresentação amplificada arranjada em tópicos dos *Testimonies on Sabbath School Work* (1900), que aquele substituiu, aumentado com materiais tirados de todas as fontes.

Conselhos sobre Mordomia. RH, 368. Compilação apresentando a filosofia e princípios da mordomia cristã, extraídos de fontes publicadas e não publicadas.

Conselhos sobre Música. Centro de Pesquisas Ellen G. White, 1989. Compilação de conselhos para músicos e Igreja.

Conselhos sobre o Regime Alimentar. RH, 1938. 508 pp. Um livro de referências abordando a maioria dos conselhos sobre dieta extraídos de todo o material publicado e do não-publicado. Foi chamada a segunda edição porque era uma revisão e uma expansão do ensino de *Testimony Studies on Diet and Food*, editado em 1926 em Loma Linda. Terceira edição (1946).

Conselhos sobre Saúde. PPPA, 1923, 678 pp. Compilação dos artigos, periódicos e folhetos fora de publicação e livros arranjados por tópicos.

Cosmic Conflict. Edição missionária de *O Grande Conflito*. 1982.

Counsels to Editors. Publicado pela Associação Geral em 1939. 118 pp. Incorporado em *Conselhos a Escritores e Editores* (1946).

Counsels for The Church. 1991. 462 pp. O melhor das instruções de Ellen G. White sobre o viver cristão, o lar, saúde, do conflito vindouro, unidas em um volume.

Counsels to Writers and Editors. SPA, 1946, 192 pp. Ampliação dos materiais escolhidos para o editorial do concílio de 1939, provido para todos os que se utilizam da palavra escrita e falada para proclamar a mensagem através da imprensa pública, rádio e televisão.

Cristo em Seu Santuário. CPB, 1979; 120 pp.

Day of the Benediction. Veja *O Maior Discurso de Cristo*.

O Desejado de Todas as Nações. PPPA, 1898, 866 pp. Uma apresentação da vida e ministério de Jesus, uma amplificação do *Spirit of Prophecy*, vol. 2 (1877) e a primeira parte do vol. 3 (1878). O terceiro volume da série *O Grande Conflito*. Apêndice, índice escriturístico e índice remissivo incluídos.

Educação. PPPA, 1903, 323 pp. Substituindo *Christian Education* (1893) com uma apresentação maior e adaptado a ASD bem como ao público em geral.

Ellen G. White 1888 Materials. (4 vols.), 1988. 1.821 pp. Contém todas as referências de Ellen White sobre a conferência de 1888.

Ellen G. White Periodical Resource Collection, vol. 1 (A-B) 1990. 662 pp. Artigos de Ellen G. White presentes em periódicos da igreja de *Advance* até *Bible Echo*.

Ellen G. White Periodical Collection. vol. 2, (B-G) 1990. 642 pp. Artigos de Ellen G. White presentes nos periódicos *Bible Students Library* até *General Conference Bulletins*.

Ellen G. White Present Truth and Review and Herald Articles. 6 vols. RH, 1962. Fac-símiles dos artigos apresentados no *Present Truth* e na *Review and Herald* de 1849-1850 e 1851-1915 e publicados após sua morte.

Ellen G. White Signs of the Times Articles. Vol. 1. 1974. 514 pp.; 1874-1885.

Ellen G. White Signs of the Times Articles. Vol. 2. 527 pp.; 1886-1892.

Ellen G. White Signs of the Times Articles. Vol. 3. 525 pp.; 1893-1898.

Ellen G. White Signs of the Times Articles. Vol. 4. 557 pp.; 1899-1915.

Ellen G. White Review and Herald Articles. Vol. 1, 1962. 576 pp. Artigos de Ellen White publicados na *Review and Herald* de 1849 a 1855.

Ellen G. White Review and Herald Articles. Vol. 2. 624 pp.; 1886-1892.

Ellen G. White Review and Herald Articles. Vol. 3. 636 pp.; 1893-1898.

Ellen G. White Review and Herald Articles. Vol. 4. 590 pp.; 1899-1903.

Ellen G. White Review and Herald Articles. Vol. 5. 572 pp.; 1904-1909.

Ellen G. White Review and Herald Articles. Vol. 6. 576 pp.; 1910-1915.

Ellen G. White Youth's Instructor Articles, 1986. 640 pp.; 1852-1914.

Este Dia com Deus. CPB 1980. Meditação Matinal.

Evangelismo. RH, 1946, 747 pp. Conselhos escolhidos de manuscritos, artigos, periódicos, livros fora de publicação, folhetos e fontes correntes relacionados à promulgação da mensagem do Evangelho.

Eventos Finais. CPB, 1993; 264 pp. Instrução sobre o tempo do fim.

Exaltai-O. CPB, 1992; 370 pp. Devocional diário.

Experience and Views. Veja Esboço de *Experiência Cristã* e *Visões de Ellen G. White*, listados abaixo.

Fé e Obras. CPB; 1981. Dezenove sermões e artigos de Ellen G. White.

A Fé Pela Qual Eu Vivo. RH, 1959, 377 pp. Devocional diário. Excertos de várias doutrinas da Igreja.

Filhas e Filhos de Deus. RH, 1956. 381 pp. Devocional diário.

From Eternity Past. 1983. 551 pp. Versão condensada de *Patriarcas e Profetas.*

From Heaven, With Love, 1984. 556 pp. Versão condensada de *O Desejado de Todas as Nações.*

From Here to Forever. 1983. 420 pp. Versão condensada de *O Grande Conflito.*

From Splendor to Shadow. 1984. 377 pp. Versão condensada de *Profetas e Reis.*

From Trials to Triumph. 1984. 314 pp. Versão Condensada de *Atos dos Apóstolos.*

Fundamentos da Educação Cristã. SPA, 1923. 576 pp. Artigos inteiros tratando de educação, organizados por data, como publicados em jornais ASD e fora de publicação *Temperança Cristã e Higiene Bíblica* (1897).

God Has Promised. 1982. 64 pp. Coleção de citações de Ellen G. White aos solitários, desanimados, doentes, etc.

O Grande Conflito entre Cristo e Satanás. PPPA, RH, 1888, 704 pp. Com Apêndice. Aborda o conflito desde a destruição de Jerusalém e então apresenta os últimos eventos da terra, o *Segundo Advento, o *Milênio e a *Nova Terra. Ampliação do *Spirit of Prophecy*, vol. 4 (1884), que este substitui. O quinto volume da série *O Grande Conflito* (cinco livros tratando da história do Grande Conflito), designado para servir a ASD e ao público em geral. Apareceu em várias edições com diferentes paginações.

Happiness Digest. Edição ilustrada de 64 pp. do *Caminho a Cristo*. Guia de estudo disponível.

The Health Food Ministry. 1970. Conselhos relativos à produção e distribuição de alimentos como parte do trabalho da igreja.

Healthful Living. Medical Missionary Board. Battle Creek, Michigan. 1896. 284 pp. Trabalho compilado pelo Prof. David Paulson, M.D., arranjado por tópicos variando em extensão, tirados de manuscritos impressos.

He Taught Love. Extraído de *Parábolas de Jesus*.

Highways to Heaven. RH, 1952. Veja *Parábolas de Jesus* neste artigo.

História da Redenção. RH, 1947. 445 pp. Extraído de apresentações do grande conflito (*Primeiros Escritos* e *Spirit of Profecy*, vols. 1, 3, 4), este volume apresenta os elementos essenciais em uma larga apresentação.

The Impending Conflict. 127 pp. Capítulos selecionados de *O Grande Conflito*.

Justificação Pela Fé. Centro de Pesquisas Ellen G. White, 1988.

Justified by Faith. PPPA, 1893, 16pp. Reeditado em *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, pp. 389-398.

O Lar Adventista. SPA, 1952. 583 pp. Grande gama de conselhos organizados por tópicos sobre lar, casamento e o cuidado e educação da família.

Lar Sem Sombras. CPB 1971. Edição resumida de *O Lar Adventista.*

Lessons From The Life of Nehemiah. 1989. 61 pp. Dezenove artigos de Ellen G. White no Southern Watchman, março e julho de 1904, com guia de estudo.

Lessons Jesus Taught. 1984. Veja *Parábolas de Jesus.*

Liderança Cristã. Centro de Pesquisas Ellen G. White. 1988.

Life Sketches of Ellen G. White. PPPA, 1915. 480 pp. Uma narrativa da experiência de Ellen G. White escrita por ela mesma.

Life and Teachings of Ellen G. White. PPPA, 1933. 128 pp. Extraído de *Life Sketches.*

Lion on the Loose. Capítulos sobre o espiritualismo de *O Grande Conflito.*

Love Unlimited. PPPA, 1958, 313 pp. Livro combinando *Caminho a Cristo* e *O Maior Discurso de Cristo*, designado para criar um volume de vasta distribuição missionária.

Knowing Him Better. Veja *Caminho a Cristo*.

Maior Discurso de Cristo. International Tract Society, 1896. 205 pp. Uma apresentação com seis capítulos das lições que Jesus ensinou em Seu sermão na montanha. Publicado em inglês com variadas paginações.

Manual For Canvassers. PPPA, 1902, 73 pp. Compilado sob a direção da autora do *Testimonies* e de outra fontes, substituído por *O Colportor Evangelista* (1953).

Manuscripts Releases. Vols. 1-21. Contém materiais previamente não publicados extraídos das cartas e manuscritos de Ellen G. White.

Maranata - O Senhor Vem! 1977. 379 pp. Devocional Diário para 1977.

A Maravilhosa Graça de Deus. RH, 1973, 383 pp. Devocional diário com textos das Escrituras, seleções sobre o assunto da graça.

O Melhor da Vida. Veja *A Ciência do Bom Viver*.

Medicina e Salvação. CPB 1991. Instrução para médicos cristãos e instituições médicas ASD.

Mensagens Escolhidas. CPB Vols. 1 e 2. 1967; vol. 3. 1987. Conselhos gerais sobre muitos tópicos de interesse perene e importância, tirados de artigos periódicos, livros já não mais publicados e manuscritos.

Mensagens aos Jovens. PPPA, 1932, 348 pp. Compilado grandemente de artigos no *Youth's Instructor* com materiais relacionados do *Testimonies for the Church* e outras fontes.

Mente, Caráter e Personalidade. CPB Vol. 1 1989; vol. 2 1989. Compilação. Desenvolvimento da mente, da psicologia cristã, amor e sensualidade, na experiência humana, respeito próprio, etc.

Minha Consagração Hoje. RH, 1952, (1989) 369 pp. Devocional diário com textos bíblicos.

No Deserto da Tentação. CPB 1990. Compilação de artigos escritos sobre a tentação de Jesus.

Nos Lugares Celestiais. RH, 1967. 378 pp. Devocional diário com textos das Escrituras. Compilado de materiais não publicados.

Nossa Alta Vocação. RH, 1962. 376 pp. Devocional diário com textos bíblicos endereçado principalmente a jovens.

A Obra Daquele Outro Anjo CPB. Seleções de *O Colportor Evangelista*.

Obreiros Evangélicos. RH, 1915, 534 pp. Edição revisada, ampliada e reorganizada de *Obreiros Evangélicos* de 1892, enriquecido com os conselhos dos últimos 25 anos do ministério de Ellen G. White.

Olhando Para o Alto. CPB, 1983. Meditação Matinal.

Orientação da Criança. SPA, 1954, 616 pp. Conselhos a respeito do cuidado de crianças e educação.

Our Father Cares. 1991. 350 pp. Devocional para 1992 em inglês.

Parábolas de Jesus. RH, PPPA 1900. 438 pp. Parábolas de Jesus e suas lições, que por razões de espaço não foram incluídas em *O Desejado de Todas as Nações*.

Para Conhecê-Lo. RH, 1964 (1965) 377 pp. Devocional diário com textos das Escrituras, apresentando materiais selecionados de artigos, periódicos e manuscritos.

Patriarcas e Profetas. PPPA, RH, 1890, 846 pp. Intitulado originalmente *"O Grande Conflito Entre o Bem e o Mal Como Ilustrado na Vida de Santos Homens do Passado."* Incluindo Apêndice. Abrange desde a queda de Lúcifer até o Rei Davi. Amplificação do material original da série *O Grande Conflito,* vol. 1 (1870). O primeiro da série, feito para ASD e para o público em geral.

Peter's Counsels to Parents. 1981. 63 pp. Lições extraídas de II Pedro 1, relativas aos desafios dos pais.

Prayer for the Sick. RH, 1937. 63 pp. Compilação sobre oração pelos doentes.

Primeiros Escritos. RH, PPPA, 1882, 316 pp. Editado inicialmente com o título de *Primeiros Escritos da Sra. White:* Experiências e Visões e Dons Espirituais, vol. 1, segunda edição. Neste foram unidas as segundas edições impressas individualmente (1882) de três publicações iniciais: (1) Esboço da *Experiência Cristã e Visões da Sra. White* (71 pp), sendo uma reimpressão de seu livro de 64 pp. de 1851 contendo três itens adicionais. (2) Suplemento ao *Experiências Cristãs e Visões* (40 pp.), publicado primeiramente em 1854. (3) *Spiritual Gifts,* vol. 1, *Esboço da Vida de Cristo* e da Experiência da Igreja Cristã (154 pp.), sendo um reimpressão do *Spiritual Gifts* tendo porém o título alterado para melhor se adaptar ao assunto principal e evitar confusão com outras obras intitulado *O Grande Conflito.*

Principles of True Science. Washington College Press, 1928, 720 pp. Compilação preparada pelo Departamento de Educação da Associação Geral pelo educador veterano M. E. Cady com o apoio dos Depositários White.

Profetas e Reis. Veja *A História dos Profetas e Reis* neste verbete.

The Publishing Ministry. 1983. 430 pp. Títulos incluem "História da Obra de Publicações," Perigos Que Enfrentam Nossos Líderes de

Publicações," Conselhos Sobre Marketing de Livros Denominacionais," etc.

Radiant Religion. RH. 1946. 271 pp. Devocional diário com textos das Escrituras compilado de várias fontes.

Recreation. PPPA, c. 1912. 271 pp. Seleções de artigos apresentando um apelo a estudantes, professores e obreiros de hospitais.

Redemption. RH, 1874-1878. Oito panfletos numerados em série.

Refletindo a Cristo. 1986. Meditação Matinal.

The Remnant Church Not Babylon. Pacific Union Conference Committee, c. 1917. 32 pp.

Review and Herald Articles. Veja *Ellen G. White Present Truth and Review and Herald Articles* neste artigo.

The Sanctified Life. RH, 1937. 69 pp. Artigos publicados na *Review and Herald* em 1881.

Selections From the Testimonies. 3 vols. SPA, 1936. Um terço dos artigos do *Testimonies for the Church,* publicado em forma econômica para suprir as necessidades da depressão Norte Americana. Substituídos pelos *Testemunhos Seletos* de 1949.

Selections From the Testimonies Bearing on Sabbath School Work. PPPA, RH, 1900. 121 pp.

Selections from the Testimonies for the Church for the Study of Those Attending the General Conference in Oakland, California, March 27, 1903. 95 pp. Porção publicada posteriormente no *Testimonies for the Church,* vol. 8.

Sermons and Talks. Vol. 1. 1990. 405 pp. Sermões de E. G. White extraídos de manuscritos não publicados.

Sermons and Talks. Vol. 2. 1992.

Seventh-day Adventist Bible Commentary. Vol. 7-1, 1970. 692 pp. Todas as citações de Ellen G. White incluídas como material adicional nos sete volumes do SDABC, mais suas declarações em *Questions on Doctrine* sobre a natureza de Cristo, a Trindade e a Expiação.

Serviço Cristão. RH, 1925. 381 pp. Livro de bolso para os esforços missionários (evangelistas leigos) tirado de materiais publicados. Organizado por tópicos. Edição inicial em tamanho de bolso. Segunda edição (1947). Paginação idêntica.

The Sin of Licentiousness. Editor e data não indicados.

A Sketch of The Christian Experience and Views of Ellen G. White. Tiago White, Saratoga Springs, New York, Julho de 1851. Abrange autobiografia e visões muitas das quais apareceram anteriormente em folhetos.

Sketches From the Life of Paul. PPPA, RH, 1883, 334 pp. Material com 32 capítulos substituído por *Atos dos Apóstolos*.

The Southern Work. 1898. Publicado por Tiago Edson White no barco missionário Morning Star. 115 pp. 1900. Compilação de conselhos sobre atividade missionária pelos negros do Sul dos EUA.

Special Instruction Relating to the Review and Herald Office and the Work in Battle Creek. RH, 1896. 51 pp.

Special Testimonies on Education. RH 1897. Escrito após *Christian Education*, tudo reimpresso em *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes* (1913) e *Fundamentos da Educação Cristã* (1923).

Special Testimonies to Ministers and Workers. Série A. Conselhos para ministros, preparado pela Associação Geral.

Special Testimonies, Série B.

Special Testimony to Battle Creek Church. RH, 1896. 64 pp. Reimpresso em *Testimonies to Ministers* e *Testimonies for the Church*, vol. 8.

The Spirit of Prophecy. 4 vols. RH, 1870-1884. *Volume 1: O Grande Conflito Entre Cristo e Seus Anjos e Satanás e Seus Anjos*, 1870, 414 pp. História Bíblica até Salomão, com um capítulo sobre o Messias. Em grande parte uma amplificação da história bíblica apresentada em *Spiritual Gifts, vol. 1, 3, 4*. Após isso ampliado como *Patriarcas e Profetas* (1890), que substituiu este volume. Primeiros capítulos reproduzidos em *História da Redenção* (1947). *Volume 2: O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás. Vida e Ensinos e Milagres de Nosso Senhor Jesus Cristo*. 1877, 398 pp. A vida de Cristo até a entrada triunfal em Jerusalém. *Volume 3: O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás. A Morte, Ressurreição e Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo*, 1878. 392 pp. Em uma edição posterior, foram adicionados cinco capítulos da vida de Paulo (1883). Eventualmente ampliado como a última parte de *O Desejado de Todas as Nações* (1898) e *Atos dos Apóstolos* (1911), volumes que substituíram este livro. *Volume 4: O Grande Conflito Entre Cristo e Satanás. Da Destruição de Jerusalém Até o Fim do Conflito*, PPPA, RH, 1884. 506 pp. Logo após a publicação deste volume, foram adicionadas ilustrações para que fosse vendido por colportores, sendo o primeiro livro de Ellen G. White a ser assim usado.

Spiritual Gifts. 4 vols., RH, 1858-1864. Fac-símile disponível. *Volume 1: O Grande Conflito Entre Cristo e Seus Anjos e Satanás e Seus Anjos*, 1858. 219 pp. Primeira edição da história do Grande Conflito, dando ênfase aos eventos dos últimos dias. *Volume 2: Experiência Cristã, Visões e Trabalhos em Conexão com o Surgimento e Progresso da Terceira Mensagem Angélica*, 1860, 304 pp. Relato autobiográfico de 1860. Extraído de *Life Sketches of Ellen G. White*

contendo muitos detalhes não contidos em outra parte. *Volume 3: Fatos importantes da Fé em Ligação Com a História de Santos Homens do Passado*, 1864. 304 pp. História Bíblica da Criação até a Lei no Sinai. Amplificado como a primeira parte do *Spirit of Prophecy*, vol. 1 (1870). *Volume 4: Fatos Importantes da Fé: Leis de Saúde*, e Testemunhos, nº 1-10, 1864. 156. 160 pp. A primeira seção é um relato da História Bíblica do Sinai até Salomão, tendo dois capítulos abrangendo até o Messias e um capítulo intitulado "Saúde" com material relacionado. A história bíblica foi mais tarde amplificada como a última parte do *Spirit of Prophecy*, vol. 1 (1870). As 32 páginas sobre "Saúde" é a primeira apresentação extensa da mensagem de Saúde como contida na visão de 6 de junho de 1863: ampliada em 1865 para se tornar em seis capítulos ocupando seis folhetos intitulados *Saúde, ou Como Viver*, editado por Tiago White. A segunda edição (pp. 1-160) é uma reimpressão condensada de *Testimonies*, nº 1-10.

Steps to Jesus. RH. 1981. Edição do *Caminho a Cristo* para Jovens.

The Story of The Prophets and Kings as Illustrated in the Captivity and Restoration of Israel. PPPA, 1917. 753 pp. O segundo da série *O Grande Conflito*. Extraído de muitos artigos e periódicos amplificados abrangendo a história de Israel do reinado de Davi até a vinda do Messias. Os últimos capítulos foram extraídos de material de seu arquivo de manuscritos.

Sufferings of Christ. RH, c. 1870.

Supplement to the Experience and Views of Ellen G. White. Tiago White, Rochester, New York. 1854. 48 pp. Apresenta uma explicação de algumas frases mal entendidas em *Experiences and Views* e certos conselhos posteriores, alguns dos quais tinham aparecido na Review and Herald.

Temperança. PPPA, 1949 (1969) 303 pp.

Testemunhos Para Ministros e Obreiros Evangélicos. PPPA, 1923. 544 pp. Conselhos inicialmente publicados em folhetos e artigos especialmente *Special Testimonies to Ministers and Workers*. Série A (1892-1897) e *Special Testimonies*, Série B (1903-1913).

Testemunhos Seletos. 3 vols. PPPA, 1949 (CPB, 1954). 1.771 pp. Aproximadamente um terço do conteúdo de *Testimonies*, apresentando os conselhos essenciais para o campo mundial sem repetição de assunto o que foi inevitável no volume 9 dos *Testimonies* cobrindo um período de 55 anos. Os artigos, organizados em sua ordem cronológica normal, apresentam os conselhos de forma facilmente assimilativa e incluem alguns poucos artigos de interesse mundial de outras fontes tais como conselhos sobre assistir a aulas durante o sábado. Designado como o padrão para edições traduzidas do *Testimonies* e para um uso mais extenso, especialmente para novos conversos.

Testimonies for the Church. 9 vols. PPPA 1885-1909. Mensagens de conselhos aos ASD, a indivíduos ou grupos (tais como igrejas e instituições), a respeito de situações específicas ou mensagens de caráter geral, tratando de princípios do viver cristão e da missão da Igreja. Depois de estar completo o conjunto, foram impressos como 9 vols. em 3 mais tarde 9 em 4; também em 9. Uma nova edição (1948) manteve a paginação mas ganhou alguns apêndices etc.

Testimony for the Battle Creek Church. PPPA, 1882. 84 pp. Reimpresso em *Testimonies*, vol. 5.

Testimony for the Church, nos 1-33. 1855-1889. 84 pp. Folhetos numerados variando entre 16 e 288 páginas. Todos impressos pela RH exceto os números 26 e 27 (PPPA); nos 31-33 impressos por ambas. Foram reimpressos em *Testimonies for the Church*, vols. 1-5 (*Testimonies* nos 34-37 são vols. 6-9 do conjunto).

Testimony for the Church at Battle Creek. RH 1872. 116 pp.

Testimony for The Physicians and Helpers of the (Battle Creek) Sanitarium. RH, 1879. 94 pp. Grandemente reimpresso em *Testimonies*, vol. 4.

Vida no Campo. RH, 1946, 47 pp. Descrito pelo subtítulo como um "auxílio à segurança moral e social."

Vida de Jesus. International Tract Society, RH, SPA, PPPA, 1896, 158 pp. Edição inicial grandemente adaptada por Tiago White de materiais preparados para *O Desejado de Todas as Nações*, apresentando certas fases da História de Jesus em vocabulário próprio para crianças. Em 1900 foi ampliado dos materiais de Ellen G. White para chegar a um livro de 182 páginas. Reeditado (1949) pela SPA como *Story of Jesus*, tendo seu texto inalterado mas com formato melhorado e novas ilustrações.

Vidas Que Falam. CPB, 1971. Meditação Matinal.

The Voice in Speech and Song. 1988. 480 pp. Tópicos incluem métodos efetivos do falar em público e do canto como parte do louvor.

Your Home and Health. Veja *A Ciência do Bom Viver* neste verbete.

A Word to the Little Flock. 1847. 30 pp. Contém as primeiras comunicações de Ellen G. White, juntamente com artigos de Tiago White e José Bates.

WHITE, TIAGO SPRINGER (1821-1881). Fundador da IASD. Nasceu no dia 4 de agosto de 1821, em Palmyra, Maine, em uma família de pioneiros ingleses. Ele relatou em seu livro *Life Incidents* (p. 9) que seu pai descendia de um dos Peregrinos que vieram no navio *Mayflower* e desembarcaram em Plymouth Rock, em dezembro de 1620. Registros

genealógicos publicados em 1900 remontam os ancestrais de Tiago White como sendo da família de John White, de Salem, que se sabe ter estado na Nova Inglaterra em 1638. A mãe de Tiago era neta do Dr. Samuel Shepard, um ministro batista da Nova Inglaterra.

Tiago, o quinto de nove filhos, quando menino era débil fisicamente, sofria especialmente de uma enfermidade nos olhos, que o impediu de ir à escola até os 19 anos. Então, entrou no colégio perto de Albany, Maine. Estudando 18 horas por dia, em 12 semanas ele obteve um certificado indicando suas qualidades para ensinar as matérias normais de seu curso. No próximo inverno ele lecionou. Então, assistiu outras 17 semanas de aulas e soube que poderia se preparar para a faculdade em um ano. Essas 29 semanas na escola finalizaram seus estudos. Às vezes, ele se referia a sua experiência como uma demonstração do que um jovem poderia realizar exercitando bastante diligência.

Experiência Religiosa e Ministério Inicial. Aos 15 anos de idade, Tiago foi batizado na denominação chamada Conexão Cristã, à qual seus pais pertenciam. Ao voltar para casa depois de uma classe de inverno, conheceu, por sua mãe, a mensagem adventista (Veja **Movimento Milerita**). Persuadido a assistir as reuniões realizadas pelos “Irmãos Oakes, de Boston”, convenceu-se da importância do que ele tinha ouvido e da exigüidade do tempo. Deixou a escola a fim de se unir à proclamação da mensagem adventista. Em setembro de 1842, em Castine, no Oeste do Maine, ouviu *Guilherme Miller e *Josué V. Himes. Adquirindo um dos novos diagramas proféticos e alguns folhetos, aventurou-se a pregar, viajando com um cavalo emprestado, com sela e freios mal consertados. Sendo consagrado, fervoroso e corajoso e adquirindo conhecimento e perspicácia, obteve sucesso no evangelismo. Relatou-se que, em resposta à sua pregação nos meses do inverno de 1842-1843, mais de 1.000 homens e mulheres foram levados

a Cristo. Ao voltar para Palmyra em abril de 1843, foi ordenado ao ministério na denominação cristã a qual pertencia.

Com seus amigos adventistas, White sofreu sensivelmente a *Desapontamento de 22 de outubro de 1844, mas apegou-se à Palavra de Deus e foi preparado a ir avante à medida que mais luz dessa Palavra brilhasse em seu caminho.

Casamento e Labores Ministeriais Iniciais. Logo em 1845, White tornou-se conhecido de Ellen Harmon quando, por ocasião de sua viagem ao Maine Ocidental trabalharam juntos para combater o fanatismo, trabalhou com ele. Antes do Desapontamento, em uma visita a Portland, no Maine, ele se encontrou com ela e a observou. Um namoro iniciou-se mas amadureceu somente após eles terem se assegurado de que estava dentro da providências de Deus que se casassem. Casaram-se por um juiz de paz na cidade de Portland, Maine, no dia 30 de agosto de 1846.

No primeiro ano de seu casamento, Tiago e Ellen White moraram na casa dos pais de Ellen, primeiramente em Portland, Maine, e então em Gorham, Maine. Embora o sábado tenha sido apresentado a eles por José Bates em 1846, somente após seu casamento começaram a guardá-lo. O folheto de 48 páginas sobre o sábado publicado por Bates, em agosto de 1845, foi um fator para este passo. Em outubro de 1847, Tiago e Ellen White foram convidados a trazer Henry, seu filho de cinco semanas apenas a Topsham, Maine, e a estabelecerem seu lar nas salas do segundo andar do lar dos Howlands. Começaram sua vida com mobília emprestada, mas decidiram ser financeiramente independentes. Tiago cortava madeira e trabalhava na construção de uma ferrovia para seu sustento. Mas não ficaram ali por muito tempo. Com a aceitação de um convite para assistir a uma conferência em Rocky Hill, Connecticut, em abril de 1848, Tiago dedicou-se desde então ao ministério.

A Conferência de Rocky Hill foi a primeira reunião geral dos adventistas guardadores dos sábado. Outras foram realizadas posteriormente (Veja **Congressos Sabáticos**).

Na conferência realizada em Dorchester, Massachusetts, em novembro de 1848, a Srª. White viu, em visão, que seu marido deveria publicar uma revista contendo as verdades que eram pregadas por este grupo espalhado e sem dinheiro de adventistas, mas somente em julho de 1849, Tiago foi capaz de começar a publicar uma revista chamada *"Present Truth"* (A Verdade Presente). Por três anos, ele e sua esposa mudaram-se para lugares onde seu trabalho era mais necessário e onde Tiago, tanto quanto fosse possível, fizesse arranjos para publicar. No inverno de 1849-1850, passaram alguns meses em Otsego, Nova Iorque. De novembro de 1850 até junho de 1851, viveram em Paris, Maine; de agosto de 1851 até abril de 1852, ficaram nas proximidades de Saratoga Springs, Nova Iorque, e então, estabeleceram-se em Rochester, Nova Iorque, onde Tiago White publicou até outubro de 1855. Mesmo enquanto moravam nestes vários lugares por um certo tempo, estavam freqüentemente nos campos, trabalhando entre os grupos de adeptos, compartilhando ânimo e dando as diretrizes quando necessário.

Houve viagens ao Michigan, em 1853, 1854 e em 1855. Em novembro de 1855, em resposta a um convite de certos guardadores do sábado daquele Estado, White mudou o trabalho de publicação para Battle Creek. Os três anos em Rochester, Nova Iorque, foram marcados pela pobreza, desânimo, doença e, às vezes, por desesperança pela própria vida. Com a mudança para Battle Creek, a saúde dos Whites melhorou, a perspectiva financeira iluminou-se e o trabalho de publicação prosperou. Em 1857, um prelo manual foi substituído por uma imprensa a vapor. Em 1861, uma nova estrutura foi erigida para abrigar os interesses de publicação.

No ano de 1850, Tiago começou a dirigir a organização dos Adventistas Guardadores do Sábado. Isso culminou na formação da

Associação Geral em maio de 1863, em meio à Guerra Civil e num tempo em que os líderes da Igreja estavam enfrentando grande problemas (Veja **IASD, Organização e Desenvolvimento da**).

Em Otsego, Michigan, no dia 5 de junho de 1863, ocasião em que Tiago sofria de ansiedade, trabalho excessivo e dieta imprópria, a Srª. White teve uma visão sobre os princípios de saúde. Na visão, advertiu-se-lhe que seu esposo não poderia esperar o cuidado miraculoso de Deus na preservação de sua saúde se ele fosse negligente para com as leis de saúde. Ela recebeu a mensagem de que deveria regrar sua vida em harmonia com essas leis. Em 1865, Tiago e Ellen White publicaram seis panfletos de 64 páginas cada, intitulados *Health, or How to Live* (Saúde ou Como Viver). Tiago escreveu alguns dos artigos; em cada número havia um extenso artigo de Ellen White.

No dia 16 de agosto, Tiago sofreu um severo ataque de paralisia. Enquanto os médicos de seus dias davam-lhe pouca esperança de recuperação, Tiago foi levado pela sua esposa para se tratar em uma instituição hidroterápica de sucesso em Dansville, Nova Iorque, onde, no outono de 1865, passou três meses sob os cuidados do Dr. Jackson. Houve certa resposta ao tratamento, mas a filosofia utilizada pelo Dr. Jackson era tal que a Srª. White sentiu-se compelida a retirar seu esposo desta instituição, o que ela fez em dezembro de 1865.

Ela viu em visão que somente através de exercício mental e físico adequado poderia ele recobrar o uso pleno de sua mente e corpo. Isto era contrário ao conselho médico de que o paciente deveria evitar exercício físico e mental. Após ter passado a maior parte do ano de 1866 em Battle Creek, a Srª. White levou seu marido ao Norte de Michigan, a um lugar onde ela esperava estar apta a animá-lo à atividade física e mental.

Recuperação e Novos Labores. Nos lares de amigos em Whright e Greenville, Michigan, no inverno de 1866-1867, e mais tarde em seu próprio lar em um terreno de 45 acres a Oeste de Greenville, Tiago teve uma lenta mas firme e completa recuperação. Enquanto viviam nesta

fazenda, ele e alguns de seus associados fizeram planos para a primeira campal ASD, que foi realizada em Whright, Michigan, de 1 a 3 de setembro de 1868. Estação após estação, os Whites assistiam a várias reuniões campais tanto quanto o tempo e a força permitiam.

Já em 1871 quando, mediante pobre administração editorial o *Health Reformer*, jornal sobre saúde editado mensalmente pela denominação, estava rapidamente perdendo terreno, Tiago tornou-se seu editor e mediante cuidadoso planejamento e consistente trabalho a revista reviveu. Mais ou menos, por esta época, o trabalho missionário e de folhetos, iniciado na Nova Inglaterra por *Stephen Nelson Haskell, atraiu a atenção de Tiago. Vendo seu grande potencial, ele prosseguiu em fazer deste um trabalho geral por entre as fileiras dos ASD. Eventualmente, em 1874, a Sociedade Missionária de Tratados da Associação Geral foi organizada. Vendo a necessidade de preparação adequada de homens a fim de levar adiante as várias responsabilidades da igreja, ele naturalmente deu forte apoio ao estabelecimento de uma faculdade na qual os princípios apresentados a Ellen White em visão em 1872 pudessem ser aplicados. Isto frutificou no Colégio de Battle Creek em 1874.

Seus últimos anos. Os anos de 1872 e 1873 encontraram Tiago sem a responsabilidade da presidência da Associação Geral. Ele dividiu seu tempo entre interesses do trabalho em Battle Creek, aposentadoria parcial trabalhando nas férias, nas Montanhas Rochosas, e períodos de trabalho na Califórnia. Recebido de braços abertos pelos membros do Oeste, os Whites se uniram de coração no desenvolvimento e organização da Igreja ASD na Califórnia. No verão de 1873, enquanto em férias nas Montanhas Rochosas, ele foi impressionado a escrever um periódico semanal na Costa Oeste e possivelmente estabelecer uma Casa Publicadora lá. Em junho de 1874, em Oakland, Califórnia, iniciou um jornal chamado *Signs of The Times*. Logo após isso, a *Pacific SDA Publishing Association* foi construída e equipada.

As muitas responsabilidades de Tiago exauriram suas forças. Ao aproximarem-se os anos de 1870 e ele já chegar à idade dos 60, estava exausto. Ele ansiava e pedia para que jovens entrassem no trabalho e ajudassem a levar a carga, mas teve dificuldade em repassar as responsabilidades. De novembro de 1878 até abril de 1879, os Whites fizeram seu lar no Texas. Mas estavam viajando para as reuniões campais novamente no verão de 1879. Então, exceto para as reuniões campais de 1880 e 1881, Tiago White passou em Battle Creek. Enquanto estavam ali em 1º de agosto de 1881, tendo assistido a certas reuniões campais e esperando ir a outras, ele ficou repentinamente doente e no dia 06 de agosto, morreu no sanatório de Battle Creek. A doença foi diagnosticada primeiramente como malária, mas antes dela, estavam anos de trabalho excessivo e a pressão de carregar as responsabilidades da grande tarefa de desenvolver a Igreja. O funeral foi realizado no Tabernáculo de Battle Creek na tarde de sábado, de 13 de agosto. Entre os parentes próximos estavam presentes sua esposa, seus dois filhos, Edson e William, e as esposas deles; sua irmã, a Srª. Mary Chase; seu irmão, John White, ministro da Associação Metodista em Ohio; e o genro de John. Duas mil e quinhentas pessoas assistiram ao funeral — amigos de negócios, pessoas da cidade, associados na obra, membros da igreja. A imprensa noticiou através de todos os Estados Unidos e os editoriais que apareceram nos jornais de Battle Creek foram profusos em elogios, admiração e respeito por Tiago White. Foi enterrado no jazigo da família White no cemitério de Oak Hill em Battle Creek, perto de seu pai, sua mãe e seus dois filhos, Henry e John Herbert.

Editor e Autor. Tiago White conhecia muito bem e utilizou eficientemente o poder da página impressa. Sua primeira publicação foi um folheto de 24 páginas publicado em maio de 1847, em Brunswick, Maine, intitulado *A Word to the "Little Flock*" (Uma Palavra ao Pequeno Rebanho, disponível atualmente em uma reedição fac-símile

em inglês). No verão de 1849, animado por sua esposa e utilizando sua Bíblia de 75 centavos e a concordância, já sem capa pelo uso, Tiago White preparou os artigos para o *Present Truth*, que tinha oito páginas. As primeiras quatro publicações foram feitas em Middletown, Connecticut, em julho, agosto e setembro de 1849. Essas consistiram, em grande parte, de artigos escritos por ele mesmo. O folheto formava um laço que mantinha os Adventistas Guardadores do Sábado em comunhão bem íntima. Em dezembro de 1849, publicou o *Hymns for God's Peculiar People That Keep the Commandments of God and the Faith of Jesus* (Hinos para o Povo peculiar de Deus que Guardam os Mandamentos de Deus e têm a Fé de Jesus) um hinário de 48 páginas contendo letras de hinos sem música. Nos anos posteriores, ele editou hinários maiores, alguns com música.

Edições posteriores do *Present Truth* foram publicadas em Oswego, Nova Iorque, e Paris, Maine. Em Auburn, Nova Iorque, em agosto, setembro e novembro, 1850, ele publicou cinco edições da *Advent Review*. Também em novembro de 1850, veio a *Second Advent Review*. A princípio irregular, tornou-se em 1853 um jornal semanal e hoje é o órgão oficial da igreja ASD, a *Adventist Review*, ou *Revista Adventista (em português).

Enquanto viveu, Tiago White era a influência diretiva na *Review and Herald*, e na maior parte do tempo, atuou como editor, redator-correspondente ou um membro do grupo de editores. Através dessa revista, a influência de White era fortemente sentida nas fileiras ASD. Seus artigos e editoriais cobriam muitos assuntos importantes para a Igreja iniciante. Eram claros e poderosos em apresentar as necessidades da obra e os altos padrões que seus membros e instituições deveriam ter. De tempos em tempos, em artigos informativos escritos em seu próprio estilo, Tiago White revelou o progresso da obra ASD e previa uma obra sempre crescente durante dias mais felizes no futuro.

Em agosto de 1852, Tiago White começou a publicação do *Youth's Instructor* (Instrutor dos Jovens), um material mensal editado primariamente com o fim de levar lições da Escola Sabatina para crianças e jovens. Ele mesmo preparou as primeiras lições. Logo repassou os fardos deste jornal a outros associados com ele na obra de publicações.

Como citado anteriormente, em 1874, White iniciou o *Signs of The Times* (Sinais dos Tempos), com o objetivo de ser um jornal religioso semanal. Como o ocorreu com a *Review and Herald,* White foi o primeiro editor e então enquanto viveu, seu nome apareceu como editor.

Escreveu e editou quatro livros, todos publicados pela imprensa a vapor da Associação de Publicações dos ASD, em Battle Creek: *Incidentes Comuns em Relação Com o Grande Movimento do Advento* (373 pp), 1868*; Esboços da Vida Cristã e Labores Públicos de Guilherme Miller* (416 pp.), 1875; e *Vida, Experiências e Labores do Irmão José Bates* (320 pp.), 1878; *Esboços da Vida de Tiago e Ellen G. White* (416 pp), 1880.

Além disso, ele produziu cartazes e um grande número de livros e panfletos de tamanhos variados, tratando dos muitos interesses da Igreja. Em 1863, cansado com as incursões do espiritismo, ele publicou um pequeno livro, *o Signs of The Times* (Sinais dos Tempos). Seu livro *A Segunda Vinda . . . Uma Breve Exposição de Mateus Vinte e Quatro* (conhecido como Mateus Vinte e Quatro) teve muitas edições e está atualmente disponível somente em inglês de forma reeditada como *Seu Glorioso Aparecimento*. Seu livro de 198 páginas, *Adventismo Bíblico ou Sermões Sobre a Vinda do Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo* passou por várias edições. Talvez a maior parte de seus panfletos consistia de apelos de um tipo ou de outro à força motriz da denominação ou aos leigos, alguns dos quais tinham a ver com os interesses comerciais da Igreja.

Administração Financeira. Como editor e publicador, Tiago recebeu pouco auxílio, tendo um salário de U$4,00 dólares por semana na década de 1850, que aumentou para $12 por ocasião de sua morte. Seus livros trouxeram-lhe alguns direitos autorais e sua esposa recebeu os direitos de seus livros, os quais proveram fundos que auxiliaram a suprir algumas contingências que tão freqüentemente caem sobre os ombros dos líderes. Por algum tempo, Tiago White vendia Bíblias e concordâncias para aumentar suas entradas. Ele administrava seus próprios negócios com prudência e de tal modo que tivesse algo com que pudesse ajudar os necessitados e oprimidos. E os fundos que lhe chegavam eram judiciosamente usados a fim de aliviar os desamparados e avançar a obra da Igreja.

O nome de White é encontrado na frente de inumeráveis esforços de arrecadação de fundos, fosse de U$10,00 dólares para ajudar a aliviar um membro da igreja, ou U$50,00 dólares para auxiliar a um ministro a garantir seu lar, ou U$2.000,00 dólares para ajudar a construir o colégio de Battle Creek.

Organizador. Tiago White era um homem de organização. Mas partilhou com seus amigos mileritas o medo do formalismo. As circunstâncias da década de 1850, porém, infundiram nele a necessidade de algum tipo de organização. Antes de qualquer coisa, ele carregava os fardos da obra de publicações e era pessoalmente responsável por todas suas implicações, sendo que todos os negócios eram feitos em seu nome. Segundo, ele testemunhou as incursões feitas por elementos discordantes, tais como homens clamando serem ministros Adventistas Guardadores do Sábado, mas ensinando doutrinas completamente diferentes da maioria, entravam no campo a fim de disseminar suas doutrinas não-escriturísticas. Ele estava atento também para as visões dadas à sua esposa chamando a atenção dos Adventistas Guardadores do Sábado para a importância de ordem em seu trabalho, pois a ordem é a lei do céu.

Com a *Review and Herald* como tribuna, Tiago White incitava algum tipo de organização que pudesse levar adiante as cargas do trabalho de publicação. Em uma conferência, em 1860, o nome "Adventistas do Sétimo Dia" foi escolhido e formada uma associação. Os passos dos próximos anos levaram naturalmente à organização de

(1) Igrejas;
(2) Associações estaduais;
(3) A Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia;

Em maio de 1863, Tiago foi unanimemente escolhido como presidente da recém-formada Associação Geral, mas recusou, para logo ver que alguns poderiam pensar que em seus diligentes labores para organizar a igreja ele havia criado uma profissão para si mesmo. John Byington foi então eleito para preencher o cargo de presidente.

Publicador e Construtor. Foi Tiago White que, em 1846, fez os arranjos para a publicação de várias das primeiras visões de Ellen Harmon em que uma folha grande de papel de 3 colunas que foi enviada a 100 ou mais dos primeiros membros. Era sua convicção que todos os ASD deveriam ter as publicações da Igreja. Os que podiam pagar por si mesmos ou por outros deveriam manter as publicações. Assim, todos os membros poderiam estar bem informados. Eventualmente, os preços das assinaturas eram postos sobre os jornais, mas em nenhum momento ele deixou suas convicções de um amplo apoio e uma vasta distribuição.

Tendo criado alguns jornais, tais como *Present Truth, Review and Herald, Youth's Instructor, e Signs of The Times,* Tiago foi levado naturalmente a estabelecer publicadoras. Com fundos prontamente providenciados, teve sucesso em criar em Michigan uma publicadora que, por muitos anos, foi considerada a maior e melhor editora equipada do Estado. Para tornar isso possível, foram solicitadas impressões comerciais além do trabalho realizado para a Igreja. Isso propiciou o emprego de homens experientes e a utilização de bom equipamento. Exceto no tempo de sua grava enfermidade de 1865 a 1868, Tiago serviu

como presidente da *Seventh-day Adventist Publishing Association* enquanto viveu. Essa experiência se repetiu na costa do Pacífico em conexão com a *Pacific Press Publishing Association*, que desfrutou de boa reputação por ter, por alguns anos, um dos melhores estabelecimentos equipados de publicação do Oeste das Montanhas Rochosas.

Levando avante este conceito de que a literatura cristã deveria ser posta à disposição de todos os que pudessem usá-la de modo pleno, Tiago aconselhou o estabelecimento de um fundo para publicações controlado pelos ASD e usado para igualar a distribuição de livros denominacionais, especialmente para torná-los disponíveis aos que não os pudessem comprar.

Administrador e Líder. Sendo um homem que vencera sozinho, Tiago entendia o valor do dinheiro, tempo e influência. Ele sentia sensivelmente sua responsabilidade como um mordomo de Deus. Era um homem de oração, retirando-se freqüentemente a algum lugar tranqüilo a fim de comungar com Deus. Era sensível aos conselhos diretivos de Deus encontrados em Sua Palavra e as que lhe eram dadas através das mensagens de Ellen G. White. Ela dava muito valor a conselhos e permitia que outros expressassem suas opiniões. Líder capaz e empreendedor, era gentil, respeitoso, compreensivo e tinha a confiança de seu povo. Planejava com idéias claras, levando em consideração a opinião geral. Tendo a *Review and Herald* como meio de comunicação e tribuna, expressou suas opiniões e ganhava a apreciação dos outros.

Houve tempos no desenvolvimento da Igreja quando mão firme e voz clara eram necessárias e Tiago o era em tais ocasiões. Sua experiência nessas linhas remontavam aos dias seguintes ao Desapontamento Milerita de 1844, quando era necessário falar em repreensão de fanáticos e elementos discordantes. Tal perspicácia em enfrentar situações tão difíceis e em tratar com as pessoas, às vezes,

granjeou-lhe a inimigos e abriu feridas. É o risco inevitável que um administrador deve correr.

Observando os perigos da indolência, egoísmo, ou planejamento defeituoso, Tiago via claramente que somente com um avanço firme seguindo procedimentos conservadores e planos cuidadosamente traçados, poderia a obra da Igreja ter sucesso e ele movimentava-se de acordo. De um lado, havia os que impensadamente precipitavam-se e que precisavam ser chamados de volta; de outro lado, os vagarosos, que precisavam sem impelidos à ação. Os editoriais da *Review and Herald* mostram Tiago em seu melhor ao enfrentar tais situações. Como líder reconhecido entre os fundadores da IASD, era tido no mais alto respeito por seus associados, dentro e fora da igreja.

Tiago serviu como presidente da Associação Geral por um total de 10 anos: 17 de maio de 1865 a 14 de maio de 1867; 18 de maio de 1869 a 29 de dezembro de 1871; 13 de agosto de 1874 a 11 de outubro de 1880.

Ele também exerceu muitos cargos nas várias instituições e associações da denominação. Por causa de suas habilidades, era sempre convidado a ser membro da comissão e líder.

Na morte de Tiago White, o elevado tributo que se segue apareceu como editorial no Jornal de Battle Creek, editado e publicado por George Willard, antigo membro do Congresso:

> Ele foi um homem de padrão patriarcal, e seu caráter foi feito em moldes de herói. Se a clareza para formular um credo, se o poder para contagiar a outros com seu próprio zelo, e impressionar-lhes com suas próprias convicções; se a habilidade executiva para estabelecer uma seita e dar-lhe forma e estabilidade; se o gênio de formar e dirigir o futuro de grandes comunidades forem a marca da verdadeira grandeza, o Sr. White é certamente intitulado com tal

qualidade, pois possuía não somente uma dessas qualidades, mas todas elas, em elevado grau.

A característica essencial da obra de sua vida foi construtiva. Ele tinha o raro poder de organização social, e lançou as bases e determinou a forma para a construção de uma estrutura social e religiosa para que outros a desenvolvessem e mais tarde a completassem. Por isso, sua influência estava não somente comandando durante sua vida, mas ainda o fará muito após suas morte. A obra iniciada por ele não terminará com sua partida, enquanto as instituições tão grandemente ideadas por sua sabedoria prática e incansável diligência continuarão a prosperar e mais tarde se desenvolverão no futuro como no passado.

Portanto, como o foi com todos os fundadores de comunidades, sua vida não é um broto quebrado, mas uma coluna duradoura, onde outros devem construir. Viveu para ver a denominação adventista, com todas suas várias instituições com que ele tem sido identificado como fundador e diretor, firmemente estabelecidas sobre uma base estável (citado em Memoriam, *A Sketch of the Last Illness and Death of Elder James White*, pp. 10, 11).

Relação Para Com o Espírito de Profecia. A experiência de Tiago White foi única pelo fato de ele ter não somente se beneficiado das consecuções que vêm naturalmente aos homens de visão e empreendimento, mas também tinha a seu lado sua esposa, Ellen G. White, através de quem Deus, de tempos em tempos, comunicava mensagens de instrução e direção, informação e conselho, isto deu um equilíbrio saudável à sua obra e salvou-o de erros que, de outra forma,

teria cometido. Sua posição quanto à obra da Srª. White ele declarou pondo em evidência três claros pontos:

> [Primeiro:] Sonhos e visões estão entre os sinais que precedem os grandes e notáveis dias do Senhor e como têm sido os sinais daqueles dias, e ainda estão se cumprindo, deveria ser claro a toda mente não preconceituosa, de que o tempo chegou em que os filhos de Deus podem esperar sonhos e visões do Senhor.
>
> [Segundo:] A Bíblia é uma revelação completa e perfeita. É nossa única regra de fé e prática. Mas isto não é razão pela qual Deus não mostraria o passado, presente e o futuro cumprimento de sua palavra nestes *últimos dias* por sonhos e visões do Senhor...
>
> [Terceira:] Visões verdadeiras são-nos dadas para nos levar a Deus, e Sua Palavra escrita; mas os que são dados por uma nova regra de fé e prática, separados da Bíblia, não podem ser de Deus, e deveriam ser rejeitadas (*A Word to The Little Flock*, p. 13, 30/05/1847).

Em nenhuma ocasião viu Tiago White a manifestação do Espírito de profecia como sobrepondo-se à Bíblia; via o dom como provido por Deus em Seus desígnios para a Igreja nos últimos dias da Terra, a fim de chamar a atenção de homens e mulheres para a Palavra de Deus e ajudá-los a ver onde erraram, não seguindo os seus princípios. Ele tornou claro que os ASD obtiveram suas doutrinas da Palavra de Deus e não das manifestações do Espírito de Profecia.

Em sua própria experiência pessoal, houve ocasiões em que Tiago foi reprovado e corrigido pelos conselhos de sua esposa. Ele considerava

muito elevadamente tais mensagens, as quais traziam segurança. Todavia, às vezes, quando reprovado por um curso de ação que a ele parecia correto, a princípio permanecia obstinado. Porém, uma abordagem fervorosa fazia-o aceitar o conselho. Um conhecimento de sua obediência aos conselhos instilaram confiança no coração das pessoas.

WHITE, WILLIAM CLARENCE (1854-1937). Administrador e assistente editorial de sua mãe, *Ellen G. White. O terceiro filho da família, mais conhecido como W. C. (e para os íntimos, Willie). Nasceu no dia 29 de agosto de 1954, em Rochester, Nova Iorque, onde seu pai publicava a **Review and Herald* (Revista e Arauto) e o *Youth's Instructor* (Instrutor dos Jovens), e cresceu em Battle Creek e Greenville, Michigan, indo a escolas públicas e por algum tempo em uma escola dirigida por G. H. Bell em Battle Creek. Educado em um lar que era o centro do crescimento da obra ASD, ele ouvia com crescente interesse e compreensão as conversas a respeito dos planos e métodos de trabalho para o avanço da jovem igreja. Foi batizado em Greenville, Michigan, com a idade de 12 anos.

Sua primeira recomendação para a obra denominacional chegou quando ele tinha apenas 20 anos, em Oakland, onde seu pai, *Tiago White, tinha começado a publicar o **Signs of the Times*. A tarefa de Willie era transportar com um carrinho de mão, o papel, os tipos de impressão, folhas impressas e o produto final, pois a impressão era feita a vários quarteirões de distância do escritório. Seu expediente era preenchido com outras atividades no escritório, todas proporcionando um treinamento completo no campo das publicações.

Ele associou-se com seu pai no estabelecimento da editora ASD Pacific Press Publishing Association. Com a idade de 21 anos, aceitou relutante o convite para ser presidente da comissão responsável pelo projeto e no final de um ano, apresentou um balanço de U$ 2.000,00

dólares de lucro. Casou-se em 11 de fevereiro de 1876 com Mary Kelsey, eficiente obreira da editora.

Os líderes decidiram que William e Mary White deveriam estudar alemão de francês no colégio de Battle Creek a fim de irem para a Europa auxiliar *John N. Andrews no estabelecimento da terceira editora denominacional. Porém, devido à escassez de líderes com habilidade administrativa, William, ainda estudante foi apontado como membro do comitê do colégio e foi chamado para a editora em Battle Creek como vice-diretor e também diretor do Western Health Reform Institute (Instituto Ocidental de Reforma da Saúde). Enquanto isso, a editora da Europa esperava.

William permaneceu em Battle Creek até 1880, dedicando seu tempo a interesses de publicação, educacionais e médicos, tomando parte ativa no desenvolvimento da obra da Escola Sabatina. Posteriormente, até o verão de 1885, ele esteve envolvido em atividades na Costa do Pacífico, principalmente na editora. O estabelecimento do Healdsburg College, a segunda instituição educacional ASD, na primavera de 1882, foi um dos pontos altos de seu trabalho. Durante parte deste tempo, ele também trabalhou como diretor da Associação Geral das Escolas Sabatinas. Foi ordenado ao ministério pela *Conferência Geral de 1883 e foi escolhido membro do Comitê da *Associação Geral, cargo que exerceu a maior parte de sua vida.

Em 1883 foi chamado para a Europa, a fim de estabelecer *editoras na Suíça e Noruega e aconselhar e auxiliar em todos os ramos da obra na Europa. Sua mãe, Ellen G. White, também foi convidada par passar algum tempo visitando os países da Europa, e chegaram na Suíça em setembro de 1885, em tempo para assistir ao Conselho Missionário Europeu, e passaram dois anos cumprindo a missão para a qual foram chamados.

Após a morte de seu pai, Tiago White, em agosto de 1881, certas responsabilidades de auxiliar sua mãe em suas viagens e na publicação de seus livros caíram sobre seus ombros.

Em 1888, quando Ole A. Olsen foi eleito presidente da Associação Geral, William serviu como presidente até a volta de Olsen da Europa, seis meses depois.

Sua esposa, Mary White contraiu tuberculose enquanto exercia suas atividades editoriais na Suíça e faleceu em 1890, com a idade de 33 anos.

William e sua mãe, Ellen G. White foram chamados para a Austrália em 1891. Deixando seus dois filhos em Battle Creek, cruzou o Pacífico com sua mãe no fim daquele ano. Ali, William dividia seu tempo entre auxiliar sua mãe e estabelecer a obra no novo país. Em 1894, foi chamado para dirigir a União Australiana. Exerceu essa responsabilidade até 1897, quando, a fim de fazer justiça à obra literária de sua mãe, ele pediu para ser liberado das responsabilidades executivas e não ser reeleito ao Comitê da Associação Geral.

Nesse ínterim, William liderou a a procura de um terreno rural para um colégio na Austrália. A propriedade em Cooranbong foi escolhida em 1894 e até ele deixar o país, esteve intimamente ligada aos interesses da escola.

Em 1895, William casou-se com Ethel May Lacey, da Tasmânia. Em setembro de 1900, quando Ellen G. White retornou aos Estados Unidos e adquiriu Elmshaven perto do Sanatório de Sta. Helena, ele também retornou e residiu nas proximidades.

Juntamente com sua mãe, White assistiu à Conferência Geral de abril de 1901. Em Battle Creek, Michigan, e foi secretário do comitê de reorganização da Conferência Geral.

William passou a maior parte do tempo e habilidades auxiliando sua mãe em suas viagens e publicações. Ele foi apontado por sua mãe para fazer parte do grupo de cinco depositários de seus escritos após sua

morte (veja **Ellen G. White Estate**). Como secretário do Comitê, ele foi responsável pela publicação de várias obras póstumas compiladas em harmonia com as provisões do testamento da Srª. White, e na preparação de um índice às obras publicadas na época (1926).

Embora William tenha morado e trabalhado na Califórnia até sua morte, ele participou em 1933 no estabelecimento de planos para a transferência dos Escritórios do White Estate para Washington, D.C., o que foi feito pouco depois de sua morte.

Não havia ramo da obra em que William não estivesse interessado. Seu conselho era buscado freqüentemente. Ele trabalhou ativamente até o dia de sua morte, com a idade de 83 anos. Na época, além de ser secretário dos Depositários dos Escritos de Ellen G. White e membro do Comitê da Associação Geral, ele servia nos Comitês do Sanatório de Sta. Helena e do Pacific Union College.

Dos quatro filhos e três filhas de William, três serviram fora dos EUA e um, Artur, foi secretário do White Estate até sua morte. William faleceu no dia 1º de setembro de 1937. O funeral foi feito na Califórnia e no Tabernáculo de Battle Creek. Foi sepultado juntamente com sua família no Cemitério de Oak Hill, Battle Creek, Michigan.

WILFART, RICARDO JOSÉ (1878-1944) *Pastor e evangelista pioneiro. Nasceu no dia 26 de junho de 1878 em Roubaix, França. Seus pais eram belgas.

Em 1888, emigraram para Rosário, em Santa Fé, Argentina, onde ganharam um *Novo Testamento, em francês, de um jovem suíço.

Em 1903, Wilfart entrou para a Igreja Presbiteriana, chegando a ser presbítero.

Em 29 de setembro de 1904, casou-se com Jeredyl Batista de Carvalho e tiveram três filhas: Abigail Wilfart Lopes, viúva de Januário Lopes; Alice Wilfart Peixoto da Silva, viúva do Pr. *Domingos Peixoto da Silva e Ady Wilfart Roloff, esposa de Werner H. R. Roloff.

No mês de junho de 1908, conheceu a Igreja Adventista do 7º Dia e foi batizado em 22 de novembro do mesmo ano, pelo Pr. Emílio N. Hölzle, em Ibitinga, SP.

No ano seguinte, Wilfart fez um curso teológico de 6 meses em São Bernardo, SP. Chegou ao Rio de Janeiro em 1909 e atuou como colportor e obreiro bíblico. De 1911 a 1913, trabalhou como ministro licenciado. Recebeu ordenação ao ministério em 12 de janeiro de 1914. Alguns meses depois, foi chamado para ocupar o cargo de Presidente da Missão Nordeste que, na época, compreendia os Estados da Bahia, Alagoas, Paraíba, Sergipe e Pernambuco, onde permaneceu até 1920. O Pr. Wilfart morou em Jaboatão, Caruaru e Recife, até o início de 1920, sendo transferido para o Rio de Janeiro, onde ocupou vários cargos. Serviu também como pastor da *IASD Central do Rio de Janeiro, organizada em 1925, no bairro Estácio de Sá, na Rua Maria Lacerda. Durante 1927, trabalhou como evangelista no Distrito Federal. Em 1928, foi novamente eleito presidente da Missão Rio-Minas, cargo que ocupou até 1931.

Naturalizou-se brasileiro em 1930. Em fevereiro de 1931, assumiu o pastorado da *IASD Central Paulistana, substituindo o Pr. *Rodolpho Belz, onde permaneceu até 1933.

Serviu também no interior de São Paulo, dirigindo uma série de Conferências em Rio Claro, tendo como auxiliares Siegfried Hoffmann, *Tossaku Kanada e Geraldo de Oliveira. Pastoreou a seguir as igrejas de Araraquara, Ibitinga e cidades vizinhas.

Em 1936, foi chamado ao Rio Grande do Sul como pastor da *IASD Central de Porto Alegre, sendo chamado depois como evangelista e Pastor da União Este-Brasileira até 1940. Em 1941, foi nomeado presidente interino da Missão Rio-Minas Gerais, até 1942. No mesmo ano, foi nomeado evangelista da União Este-Brasileira e como tal ocupou-se durante algum tempo especialmente com o trabalho de evangelismo pela rádio. Em meados de 1943, foi votado que fizessem

uma viagem ao Norte, para auxiliar e aconselhar os jovens evangelistas daquela Missão e ao mesmo tempo realizar uma série de conferências em Pernambuco. Terminando o seu trabalho em Pernambuco, fez o mesmo trabalho na Missão Baiana. Foi também pioneiro na organização do programa **A Voz da Profecia* no Brasil.

Em agosto de 1943, o Pr. Wilfart foi acometido por um edema pulmonar, sendo proibido de prosseguir a série de conferências que liderava em companhia do Pr. *Oscar Castelani e do então obreiro Israel Zorub. Retornou ao Rio de Janeiro em princípios de 1944.

Falecer no dia 17 de fevereiro de 1944, aos de idade. O Dr. *Clarence Schneider dirigiu o serviço fúnebre.

WOLFF, JOSÉ (1795-1862). Missionário itinerante e lingüista. De nascimento judeu (nascido na Alemanha), educação católica e finalmente protestante por persuasão, ele tornou-se conhecido em todo o mundo por causa de suas viagens à Ásia (L. E. Froom, *Prophetic Faith of Our Fathers*, vol. 3, pp. 461-481).

Viajante excêntrico e solitário, passou 18 anos "sem proteção de qualquer autoridade européia" em suas viagens que incluíam a Palestina, Egito, a Península do Sinai, Arábia, Mesopotâmia, Pérsia, Criméia, Geórgia, Turquia, Turquistão, Bokhara, Balkh, Afeganistão, Kashmir, Índia e outros lugares distantes. Ele procurou as dez tribos perdidas e pregou o *Segundo Advento de Cristo, declarando que "Ele virá novamente, de acordo com minha opinião, no ano de 1847 e reinará em Jerusalém por 1.000 anos" (*Researchers*, p. 131).

O ensino de Wolff sobre um reino milenar no qual os judeus em Jerusalém ensinariam os gentios era consideravelmente diferente do ensino ASD e *Milerita sobre o *Segundo Advento (Veja **Pré-milenismo, I, 1**). No entanto, ele foi considerado um participante no grande movimento do século dezenove de proclamação do breve *Advento, pregando as *Três Mensagens Angélicas de Apoc. 14. Ele foi

mencionado como um precursor por *Guilherme Miller (*Evidence . . . of the Second Coming of Christ*, 1840 ed., p. 238) e por *Ellen G. White (*GC*, 357).

YAHWEH. Nome sagrado e pessoal de Deus, substituído geralmente por Senhor. "Jeová" é uma transliteração da forma do nome produzido quando eruditos judeus chamados massoretas, alguns séculos depois de Cristo, adicionaram os sons vocálicos da palavra hebraica *'adônay,* Senhor, à forma original da palavra, que consistia das consoantes hebraicas YHWH, pretensamente pronunciada como *Yahweh.*

Os judeus consideravam o nome YHWH tão sagrado que não o pronunciavam nem mesmo quando liam as Escrituras, para que não

profanassem o nome do Senhor. Em vez de *Yahweh*, liam *'Adônay.* Portanto, a pronúncia verdadeira de YHWH não é conhecida, mas pensa-se que seja uma forma do verbo hebraico *hayah*, "ser", e assim poderia significar "o ser (eternamente) existente". Ou se, como alguns pensam, derivar do verbo *chayah*, "viver", o significado seria, "o ser vivente (auto-existente)". Por outro lado, o Dr. W. E. Albright é favorável à idéia de que YHWH seja uma forma causal e signifique "Ele cria" (W. F. Albright, *From Stone Age to Christianity*, pp. 259, 260).

O nome pelo qual Deus autorizou Moisés a identificá-Lo ao povo hebreu, "Eu Sou (*'eheyeh*) o que SOU", ou simplesmente, "EU SOU". (Êx. 3:14) é comumente considerado como sendo relacionado ao tetragrama YHWH, como forma do verbo "ser". Em João 8:58, Jesus Se apropria do título "EU SOU".

***YEARBOOK* (ANUÁRIO ASD)**. (1883-1894; 1904-); anuário denominacional publicado pela **Review and Herald* para a *Associação Geral da IASD (AG). Diretório mundial das organizações e obreiros, contendo as seguintes seções: estatísticas; crenças fundamentais dos ASD; Constituição e Leis da AG; lista das organizações da Associação Geral e seus departamentos, de todas as unidades da Igreja em todo o mundo (Associações, Uniões e Divisões. Veja **Igreja Adventista do Sétimo Dia, Organização e Desenvolvimento da**) e as instituições; necrologia (lista dos falecidos); lista de obreiros institucionais e obreiros em geral; lista dos presidentes da AG, secretários e tesoureiros.

O primeiro *Yearbook* resultou de uma decisão do Comitê da Associação Geral em sua vigésima primeira sessão, em dezembro de 1882. Um anúncio posterior de sua publicação declarava que "ele contém as estatísticas de nossa denominação, os procedimentos de nossa Associação Geral, Sociedade Missionária e de Folhetos e outras associações, a condição financeira de nossas instituições, as constituições da Associação Geral e das locais, um bom calendário e

várias sociedades em todo o país.” Essa brochura de 72 páginas continha informação postal e um catálogo das publicações da editora ASD.

As edições posteriores tiveram algumas mudanças no conteúdo. A princípio, as atas do Comitê da AG apareciam como minutas; mais tarde, as decisões foram postas em classes. O *Yearbook* de 1884 foi o primeiro a conter a lista dos obreiros. De 1884 a 1886, os *Yearbooks* continham artigos maiores sobre a história de nossa Igreja; edições posteriores enfatizavam as atividades das unidades organizacionais para o ano anterior. A edição de 1887 foi a primeira a usar ilustrações de instituições.

De 1895 a 1903, o *Boletim da AG* substituiu os *Yearbooks* (anuários), contendo estatísticas, lista de obreiros e organizações, lista dos periódicos e declarações financeiras, bem como outros materiais. Em seu reinício com a edição de 1904, o *Yearbook* não mais continha as atas da *AG*, aparecendo essencialmente como o fora em anos anteriores.

A responsabilidade de reunir dados e editar os *Yearbooks* foi primeiramente dada ao Comitê de Publicações da Associação de Publicações. Mais tarde, comitês de três membros tomaram a responsabilidade anual. De 1904 até hoje, a responsabilidade tem sido do diretor da Arquivos e Estatísticas da Associação Geral.

ZAHN, EMÍLIO (-). Foi o primeiro adventista da IASD de Serra Pelada, ES, sendo *Ancião da Igreja por mais de quarenta anos

ZEHETMEYER, ARTHUR GUILHERME (1918-1981). *Colportor. Iniciou seu trabalho junto à obra de Publicações em 1955. Trabalhou como colportor, assistente de colportagem e diretor de

publicações nas missões Mato-Grossense, Catarinense e *Associação Sul-Rio-Grandense da IASD.

Em 1973, foi ordenado ao ministério, sendo jubilado em 1976.

Faleceu no dia 22 de setembro de 1981, aos 63 anos de idade, em Porto Alegre, RS.

ZIPP, HENRIQUE, LUIZ (-1952). Redator da *Casa Publicadora Brasileira (CPB). Foi por muitos anos redator da CPB, transferindo-se depois para outras atividades dentro da Obra. Em seus últimos anos, foi afligido por uma paralisia que o fazia sofrer dores cruciantes.

Faleceu em 08 de junho de 1952, em Santo André, SP.

ZORUB, ALICE (1906-1988). Secretária e tesoureira. Nasceu no dia 22 de outubro de 1906 em Alma El Chab, cidade litorânea da Síria.

Graduou-se no *Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP) em 1930, tendo exercido desde então as funções de secretária e tesoureira auxiliar no próprio colégio a princípio.

Foi transferida para a *União Sul-Brasileira da IASD, atual *União Central-Brasileira da IASD onde dedicou-se por sua eficiência no trabalho e disposição amável. Era apreciadora de poesias e as declamava com muita propriedade.

Faleceu no dia 3 de setembro de 1988, aos 81 anos de idade, em Santo Amaro, SP.

ZORUB, EMMANUEL (1912-1981). *Pastor, conferencista, jornalista e administrador. Filho de Elias e Marta Zorub, libaneses, nasceu no dia 19 de abril de 1912, Porto Feliz, SP. Seu pai foi o primeiro pastor adventista na Síria.

O casal Elias e Marta veio ao Brasil em 1911, com 5 filhos. Aqui nasceram, mais três, dos quais o Pr. Emanuel foi o primeiro.

Terminou o Curso de Teologia em 1934, no então *Colégio Adventista Brasileiro (CAB) atual *Instituto Adventista de Ensino (IAE/SP). Iniciou seu ministério aos 22 anos, trabalhando como obreiro bíblico no Estado do Rio Grande do Sul.

Em São Paulo, fundou a Escola Primária de Mogi das Cruzes, onde foi professor por algum tempo. Em fevereiro de 1937, foi designado pastor da igreja do Brás, na capital paulista. Nesse mesmo ano casou-se com Lina Rizzo, sendo, em seguida, transferido para a Igreja de Santos onde, permaneceu dois anos. Nos dois anos seguintes, foi Pastor da Igreja de Campinas.

Em 1941, foi nomeado departamental da Associação Paulista, onde administrou 5 departamentos. Em 1944, atendeu ao chamado da União Este, onde exerceu as funções de departamental da Escola Sabatina e Ação Missionária atendendo ao campos na realização de conferências.

Em 1949, foi enviado aos Estados Unidos pela União Este para estudar. Ao voltar, pastoreou a *IASD Central do Rio de Janeiro durante um ano. Em seguida, ocupou o cargo de Pastor Geral da Associação Rio-Minas.

Em 1957, foi nomeado diretor de *A Voz da Profecia*, onde deu muito de seu conhecimento e experiência. Nesse mesmo ano fez um curso de Arqueologia na *Andrews University*, EUA, e viajou por todo o Oriente. Sempre foi estudioso da Arqueologia e Antropologia e isto, relacionado com seu profundo conhecimento da Bíblia contribuiu para realizar o grande trabalho que desempenhou como evangelista. Era também jornalista, membro da Associação Brasileira de Imprensa.

A partir de 1960, ocupou os seguintes cargos: presidente da Missão Mineira; presidente da *Associação Sul Riograndense da IASD; conferencista da *União Sul-Brasileira da IASD; departamental de

Mordomia da União Sul, onde foi pioneiro no setor; e, finalmente, presidente da mesma União, onde ficou até adoecer.

Também introduziu no Brasil a cerimônia de dedicação de crianças na Igreja Adventista; em 1960 traduziu para o português o *Curso Como Deixar de Fumar em 5 Dias, e o apresentou primeiro em Porto Alegre, RS. Além disso, participou da compra do terreno onde hoje se encontra o *Hospital Adventista Silvestre (HAS), RJ, e foi administrador da *Casa de Saúde Liberdade, atual *Hospital Adventista de São Paulo (HASP) SP.

É considerado um dos pioneiros da IASD no Brasil. Seu ministério durou 42 anos, e seu último sermão foi pregado, ainda no ano de 1981, em sua terra natal, Porto Feliz. O tema: “É Impossível que Deus Minta”.